This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

LELAND STANFORD JR.
UNIVERSITY
LIBRARY

THE GIFT OF

Dr. J. C. Branner

70848

REVISTA TRIMENSAL

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

TOMO LV

PARTE I

(1°. E 2°. TRIMESTRES)

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO
Companhia Typographica do Brazil
ANTIGA TYPOGRAPHIA LAEMMERT
93 RUA DOS INVALIDOS 93

1892

I.

J. C. Branner
222858

STANFORD LIBRARY

ITINERARIO

DAS

VIZITAS FEITAS NA SUA DIOCEZE

Pelo Bispo de Pernambuco

nos annos de 1833 a 1840.

Itinerario da 1ª vizita principiada a 18 de Dezembro de 1833

Sahi do palacio da Soledade no dia 18 ás 4 horas e meia da manhan, e cheguei a Iguarassú ás 9 e meia da mesma manhan, passando pelos engenhos Fragozo, Paulista, Genipapeiro, Timbó e Desterro, fui bem recebido, e fazendo oração na matriz, me hospedei no convento de S. Francisco. A' noite houve luminarias.

No dia 19 ás 9 horas me dirigi á igreja matriz precedido do reverendo clero, na qual cumpri do modo possivel tudo quanto determina o pontifical romano, vizitando o sacrario, paramentos e baptisterio, cujos objectos estavam decentes. Depois do que passei a informar-me si haviam alguns cazos dignos de nota, em os quaes podesse dar alguma paternal e saudavel providencia, e como couza alguma me fosse communicada a respeito, finalizei o dia recommendando com particular cuidado os assentos

dos cazamentos, etc. A' noite puzeram-se luminarias e houve fogueiras.

Dia 20. Houveram algumas confissões, e á noite luminarias.

Dia 21. Algumas confissões; fui á matriz pelas 9 horas, disse a missa conventual, e no fim do primeiro Evangelho fiz uma pratica, e admitti no recolhimento uma mulher, a quem seu marido dava máo tratamento, e por que na occazião estava auzente. De tarde fui crismar na matriz e depois mandei trez confessores ao recolhimento para no dia seguinte crismar as recolhidas. Achei n'esta villa além do reverendo vigario e padre guardião de S. Francisco, os reverendos padres Caldas em meia idade e de extraordinaria nutrição, o qual pezava 12 arrobas, e Sebastião de tal, ainda moço. Tem esta villa doze capellas filiaes, que mandei vizitar pelo reverendo vigario, algumas das quaes estão mui arruinadas. Concedi duas despensas gratis e despachei algumas petições de esmola mensal.

Dia 22. Disse missa no convento, e confessei algumas pessoas, mandando dois confessores ao recolhimento, onde de tarde crismei mais de 100 pessoas.

Dia 23. Sahi de Iguarassú para Itamaracá pelas 4 horas da manhan, digressando pelo mui aprazivel rio, que vae ter a esta ilha, constando a comitiva de 21 pessoas, as quaes desde que sahi foram lançando foguetes até que cheguei a Itamaracá, em cuja praia encontrei o reverendo vigario e outras muitas pessoas, com as quaes me dirigi á matriz, e fazendo oração, me retirei para caza do Dr. Monteiro, (*) que com outras pessoas me conduzio ao seu engenho no sitio do Amparo, distante da matriz meia legoa, o qual me recebeu com a urbanidade que lhe é propria, homem verdadeiramente catholico. Mandei logo dois confessores á povoação do Pilar, duas leguas distante do dito engenho, para estes prepararem os caminhos do Senhor, até que eu fosse para prégar, crismar e confessar, como aconteceu na matriz.

Dia 24. Fui á matriz pelas 7 horas, onde pratiquei toda a cerimonia recommendada no pontifical romano.

(*) O finado Barão de Itamaracá.

Todo este acto foi cantado pelo reverendo vigario, e outro reverendo sacerdote, professor de grammatica, os quaes são dotados de muito boas vozes. Esta matriz é mui pobre e está indecente, posto que o sacrario e alguns paramentos decentes, bem como a pia baptismal. A's 9 horas da mesma manhan me recolhi ao engenho, em cuja capella ricamente edificada e ornada celebrei as 3 missas, e fiz uma pratica á meia noite. Existe n'esta ilha além do reverendo vigario, cinco reverendos sacerdotes, incluzive o reverendo coadjutor, que rezide no Pilar por ser lugar populozo. Tem esta freguezia algumas capellas, cuja vizita encommendei ao reverendo vigario, a quem muito recommendei os assentos do baptismo, etc.

Dia 26. Fui ao Pilar pelas 6 horas da manhan, e depois de feita a pratica, crismei 200 pessoas pouco mais ou menos, e admitti duas pobres ao numero das favorecidas pela caixa pia. Depois de jantar fui conhecer a mangueira jasmim no sitio do Bom Jezus, e me recolhi ao engenho do Amparo, onde no dia 27 disse missa, fiz uma pratica, e crismei quazi 200 pessoas, e de tarde fui á matriz, na qual tambem, depois de feita a pratica, crismei igual numero, recommendando o reparo da igreja. Acabada esta acção, voltei para o engenho do Amparo ás 8 horas da noite, acompanhado de muitos pretos com luzes, que d'este engenho me vieram procurar, e no caminho encontrei dois arcos com luminarias, preparados pela simplicidade de uns pretos que ali moravam.

Dia 28. A's 4 horas da tarde sahi do engenho do Amparo com grande acompanhamento, e chegando ao rio de Tapecima, mui aprazivel, embarquei acompanhado de algumas pessoas, conduzidas em canôas, entre as quaes uma conduzia instrumentistas, que foram tocando até que cheguei a Tapecima, freguezia do Pasmado, onde, fui recebido, esperando-me na praia grande concurso de habitantes, e logo me dirigi á capella de S. Gonçalo, passando por baixo de arcos ornados e enfeitados pela simplicidade dos moradores, que patentearam satisfação na minha chegada, unindo-se em turmas para receberem a benção do seu pastor, a quem escutaram na pratica que este lhe fez antes de partir para o lugar de sua hospedagem junto da matriz

em caza do reverendo vigario interino, onde fui recebido com muita decencia quanto á meza.

Dia 29. Fui á matriz celebrar pelas 8 horas e ás 10 voltei para a fazenda; houve pratica e crisma, e finalizado este acto, confessei até ao meio dia, e de tarde crismei. N'este mesmo dia promovi a reedificação da igreja matriz por estar mui indecente e arruinada, bem como a factura de um compromisso para a irmandade do Santissimo Sacramento.

Dia 30. Deligenciei o cazamento de um rapaz, que tinha infamado uma mulher, e despensei um preto de Itamaracá para cazar com uma preta sua concubina e de seu pae. As 10 horas fui para a matriz, onde crismei até ás 3 horas, havendo antes quatro confessores em exercicio dos sacramentos da penitencia e eucharistia por desobriga. Escrevi ao reverendo vigario proprietario para que houvesse de regressar para a freguezia, sob a pena da santa obediencia.

Dia 31. Pelas 6 horas da manhan fui a Tapecima e ali disse missa, fiz a pratica e crismei, exhortando os povos a que se despuzessem por meio de um acto de contrição para receberem este sacramento, visto que o da penitencia não podia ter lugar pela falta de confessores.

Dia 1° de Janeiro de 1834. N'este dia fui á matriz pelas 7 horas dizer missa, e ás 10 voltei para assistir á festa do Santissimo Sacramento, que constou de missa e sermão, no fim da qual crismei muita gente até ás 3 horas, e pelas 6 fui crismar na capella do Engenho d'agua, de que é dono Antonio Jozé Vieira.

Dia 2. Sahi do Pasmado ás 6 horas da manhan, e fui jantar em caza do juiz de paz Francisco de Paula Cavalcante Lacerda, proprietario do engenho Tapirema, e ás 4 $^1/_2$ da tarde me dirigi a Goiana, encontrando no caminho muitos habitantes d'esta villa, que me vieram encontrar e me acompanharam até a villa, onde cheguei ás 6 horas cercado de inumeravel povo e alguma tropa militar. E encaminhando-me ao convento do Carmo para ali ser hospedado, passei pela capella de N. S. do Amparo, onde alguns reverendos clerigos, e os irmãos me esperavam, e feita a oração fui recebido no dito convento pelo reverendo

prior com muita decencia e grandeza. Houve illuminação na noite d'este dia.

Dia 3. Fui á matriz pelas 10 horas em procissão solemne debaixo do palio, prezidido do reverendo clero, e irmandade do Santissimo Sacramento e povo, e se praticaram todas as cerimonias proprias á abertura da vizita, cantando-se o *Te-Deum laudamus*, e depois da benção fiz uma pratica, depois da qual vizitei o sacrario, os altares, os paramentos e a pia baptismal, cujos objectos achei mui decentes.

Dia 4. Celebrei missa na igreja do Carmo na capella, onde existe uma imagem do Senhor dos Passos de admiravel perfeição, depois confessei até 1 hora e ás 5 crismei na mesma igreja, e no fim assisti á *Salve-Rainha*, que todos os sabados se costuma cantar.

Dia 5. Fui ao recolhimento dizer missa pelas 8 horas, onde crismei todas as recolhidas e mais mulheres do lugar da Soledade até ás 10 horas, e ás 11 crismei na igreja do convento, no fim de cujo acto despachei alguns requerimentos.

Dia 6. Disse missa na igreja do convento, á qual assistio grande concurso, e ás 9 e meia principiei a crismar atè ás 5 e um quarto sem interrupção, reputando-se o numero dos crismados em mais de 1.000.

Dia 7. Disse missa na mesma igreja, e crismei desde as 10 horas até as 3 quazi 800 pessoas, e de tarde fui á Mizericordia, onde fui recebido debaixo do pálio pelos irmãos, que mandaram cantar o *Te-Deum*, no fim do qual vizitei o sacrario, os paramentos etc, quazi todos achei mui decentes, assim como a capela-mór da igreja. Igualmente vizitei os doentes do hospital, a quem mandei dar de esmola 4$000, e depois fui ao recolhimento, em cuja igreja se cantou o *Te-Deum* pelos padres que me acompanharam, feito o que, entrei na portaria do recolhimento, e ali na companhia do padre capellão saudei a madre regente e as mais recolhidas, ás quaes dei de esmola 20$000, e depois me recolhi pelas 7 horas, acompanhado de muita gente, e os habitantes nas ruas, por onde passei, puzeram luminarias nas janelas, si bem que muitos pobres, davam com tudo a conhecer a attenção e

respeito que consagravam ao seu pastor, tributando-lhe consideração na simplicidade do seu coração, a qual muito apreciei.

Dia 8. Crismei pelas 11 horas na igreja do convento até as 2 quazi 600 pessoas, depois despachei requerimentos, e mandei baptizar dois adultos, que não tinham recebido o sacramento por incuria de sua mãe. De tarde fui baptizar ás igrejas do Senhor dos Martirios, do Rozario, e da Conceição, que achei mais decente que as duas primeiras, tanto a cerca da igreja como dos paramentos, e tem teu calix mui rico. Os irmãos d'esta irmandade vieram encontrar-se comigo no meio da rua, recebendo-me bebaixo do pálio, e quando me retirei para o convento cercado de muitas pessoas e não consentindo que a dita irmandade me acompanhasse, mandou illuminar o caminho com archotes.

Dia 9. Crismei na igreja do Carmo quazi 300 pessoas, e de tarde fui despedir-me de todos aquelles que me obzequiáram da maneira mais satisfactoria, entre as quaes muito se destinguio o reverendo prior do convento.

Dia 10. Sahí de Goiana pelas 7 horas da manhan, e me dirigi ao engenho do Jacáré, mui proximo á villa, em cuja capella crismei quazi 200 pessoas.

Dia 11. Sahi d'este engenho pelas 6 horas da manhan e cheguei á villa de Alhandra pelas 8 e meia, vindo ao meu encontro algumas pessoas de consideração, e alguns Indios formando uma dansa com arcos; e vizitando o Santissimo Sacramento, fui hospedado pelo reverendo vigario interino, e de tarde fui passear pela villa, cujas cazas são de palha.

Dia 12. Disse missa na matriz, e pelas 10 horas abri a vizita, praticando as ceremonias do costume. Fiz a pratica, e examinei o sacrario, que achei pouco decente, os altares, a pia baptismal, e os paramentos, que achei decentes, e depois crismei mais de 100 pessoas, exhortando-as á verdadeira contrição, visto que não era possivel administrar-lhes o sacramento da penitencia; o que sempre pratiquei em todas as occaziões de grande concurso.

Dia 13. Fiz uma admoestação acerca de alguns objectos mais importantes, como a desobriga etc. por estarem

juntas mais de 400 pessoas, que crismei desde as 10 horas até 1.

Dia 14. Sahi d'esta villa ás 6 e meia horas da manhan, e me dirigi á da Jacoca, onde cheguei ás 9 e meia, vindo ao meu encontro o reverendo paroco e algumas pessoas com varios Indios como na Alhandra, e logo que vizitei o Santissimo Sacramento, concorreu á igreja muita gente, que assistio á missa com devoção, e de tarde fiz uma pratica, no fim da qual crismei quazi 100 pessoas, e á noite fizeram os Indios uma dança.

Dia 15. Disse missa na matriz, á qual assistio muita gente, houveram confissões, e depois de determinar alguns cazamentos, abri a vizita, praticadas as cerimonias proprias d'este acto. Achei o sacrario, os altares, a pia baptismal e os paramentos com alguma decencia, notando a perfeição de uma imagem do Menino Jezus. A's 11 horas até ás 3 crismei, reputando o numero dos crismados em quazi 800 pessoas, e de tarde fui passear pela villa, abençoando os habitantes.

Dia 16. Disse missa e depois da audiencia houveram confissões até ao meio dia, em que principiei a crismar até as 5 horas successivamente mais de 1.000 pessoas. A' noite mandei dar (como em todas as freguezias) algumas esmolas.

Dia 17. Sahi da Jacoca ás 5 e meia da manhan, e cheguei á cidade de Parahiba ás 8 e meia da mesma manhan, vindo ao meu encontro quatro pessoas. Entrei na cidade e beijei a cruz á porta da igreja do collegio dos militares, situada no principio da cidade, onde compareceram o prezidente da provincia, o vice-prezidente, o reverendo paroco paramentado, alguma tropa militar, muitos personagens, e muito povo. N'esta igreja tomei a capa magna, e me dirigi á matriz em solemne procissão debaixo do palio, cujas varas foram sustentadas pelo prezidente, vice-prezidente e conselheiros. Chegando á matriz recebi agua benta, e fui insensado pelo reverendo paroco. Cantaram-se os versos e orações proprias d'esta ceremonia, e dei a benção ao povo; e depois fui hospedado no convento de S. Bento, acompanhado pelo prezidente, vice-prezidente e muito povo, que á porfia contendia

beijar-me a mão, recordando-se que, ha 40 annos, não gozavam a prezença do seu pastor. Recebi os cortejos da prezidencia e mais personagens, os quaes fui despedir na portaria do convento, posto que repugnassem esta atenção. Pouco tempo depois me foi offerecida uma guarda d'honra, que não aceitei. A' noite houveram luminarias. N'este dia me achei muito incommodado em consequencia da viagem do dia antecedente, em que desde as 6 horas da manhan até ás 10 da noite descanço algum gozei.

Dia 18. Disse missa na igreja do convento, e pelas 9 horas fui em companhia do reverendo clero abrir a vizita na matriz com as cerimonias do costume. Tanto a igreja como o sacrario estão ricamente ornados; os paramentos, pia baptismal e os altares decentes. Não houve pratica, porque não concorreu povo a esta cerimonia. De tarde fui á igreja de S. Francisco, onde fui recebido pelo padre guardião paramentado, o qual me deu a cruz a beijar, incensou-me, e fez cantar *Te-Deum* por um religiozo e mais padres que me acompanhavam. Depois de cantados os versos e as orações fui vêr o convento, que tem muitos objetos dignos de admiração, principalmente o cruzeiro e entrada que é mui larga e comprida toda lageada de cantaria, forradas as paredes (que são mui altas) de azulejo, com alguns passos da paixão. Vi tambem a capella dos Terceiros, que é mui decente, e depois me dirigi á igreja do Carmo, que está mui decente, e cujos altares e trono são de pedra. Fui á igreja das Mercês, cuja irmàndade me veio receber no cruzeiro, e entrando na igreja tocou a muzica uma sinfonia, e a rogo dos irmãos dei beija-mão a toda a irmandade, que me acompanhou até o cruzeiro, onde lhes fiz uma fala agradecendo tanto obzequio, e corroborando-os na devoção para com Nossa Senhora. Recolhi-me para o convento entre muita gente, que á porfia me queriam beijar a mão, e á noite houveram luminarias.

Dia 19. Fui á matriz dizer missa pelas 9 horas, e depois do Evangelho fiz uma pratica, a que assistio grande concurso, e ás 11 crismei quazi 100 pessoas, e de tarde fui á igreja da Mizericordia, vizitei os doentes, que eram treze, fazendo entregar a cada um a esmola de 640 reis.

Depois fui á igreja da Mãi dos Homens, na qual a irmandade me recebeu sahindo ao meu encontro, e a rogo dos irmãos dei beija-mão. Vizitei igualmente a igreja do Rozario, cuja irmandade tambem veio ao meu encontro, recebendo-me debaixo do palio com agua benta e insenso, e fez cantar o *Te-Deum*, alternado com muzica e canto-chão, paramentado o Sr. capellão, que cantou os versos e orações proprias d'esta acção; feito o que e a rogo dos irmãos dei beija-mão, retirando-me depois para o convento entre muito povo e o reverendo clero. A' noite houve luminarias.

Dia 20. Confessei algumas pessoas, e crismei pelas 10 horas até depois de meio dia quazi 400 pessoas, e depois dei audiencia.

Dia 21. Houve confissões e crisma desde as 10 horas até as 2 horas, quazi 800 pessoas, e de tarde despachei petições.

Dia 22. Pelas 5 horas da manhan embarquei para o Cabedêllo distante da cidade 3 leguas, onde existe a barra, e tem a grande fortaleza. Crismei mais de 400 pessoas, e ás 10 da noite regressei para a cidade pelo mesmo rio, que é de admiravel formozura, posto que hajam ali muitos mosquitos.

Dia 23. Crismei quazi 500 pessoas pelas 10 horas da manhan, e de tarde dei audiencia, e despachei requerimentos.

Dia 24. Confessei pelas 7 horas, e crismei desde as 10 até ás 5 e meia (com interrupção de trez quartos d'ora) 1.200 pessoas pouco mais. ou menos.

Dia 25. Dei audiencia pelas 7 horas, e ás 10 principiei a crismar até as 5 quazi 1.200 pessoas, e depois dei beija-mão debaixo do docél a algumas pessoas, que vieram ter comigo para este fim, e á noite dei audiencia a varias mulheres na portaria do convento.

Dia 26. Confessei algumas pessoas, fui dizer missa na matriz, e no fim do Evangelho fiz uma pratica sobre o sacramento da penitencia, e ao meio dia principiei a crismar até ás 3 horas quazi 500 pessoas, e depois d'esta acção concorreram muitas pessoas a beijar-me a mão como no dia antecedente.

Dia 27. Pelas 5 horas da manhan fui a Santo-André, no engenho do padre Amaro, distante da cidade 3 leguas e meia, e descançando meia hora, crismei particularmente 50 pessoas, e de tarde desde as 5 horas até as 8 crismei quazi 500 pessoas na capella do engenho.

Dia 28. Crismei na mesma capella desde as 9 e meia até as duas e meia mais de 800 pessoas, e de tarde dei audiencia, e despachei. A's 6 horas da mesma tarde voltei para a cidade, onde cheguei ás 9 da noite. Quando fui para Santo-André, passei pelo engenho de Santo-Amaro e pela capella de Tibiri, onde entrei para fazer oração, por que a irmandade me veio procurar na estrada. Esta capella está mui decente e rica, e em cujo côro algumas mulheres cantaram por muzica varios canticos a Nossa Senhora da Conceição. Passei por Santa-Rita, cuja irmandade com a de Nossa Senhora da Conceição me veio esperar no caminho com pálio, e tóxas acezas, concorrendo muito povo e espalhando flôres pelo caminho, construidos e enfeita, dos alguns arcos em testimunho de seu sincero regozijo.

Dia 29. De manhan dei audiencia, despachei, e crismei particularmente algumas pessoas, e de tarde fui á capella do Senhor Bom Jezus dos Martirios, sendo recebido pelos irmãos, que sahiram ao meu encontro, e depois de feita a oração, e dando beija-mão á irmandade, benzi um sino novo ; feito o que, fiz algumas vizitas de despedida e me recolhi ao convento acompanhado de muita gente, e no dia seguinte pelas 4 horas da manhan respondi a um officio do vice-prezidente da provincia.

Dia 30. Sahi da cidade pelas 5 horas da manhan, repicando os sinos de algumas igrejas, e acompanhado de algumas pessoas, me dirigi á Jacoca, onde cheguei pelas 8 horas da mesma manhan, obrigado a parar na estrada, quando varias pessoas sahiam de suas cazas para me beijarem a mão.

Dia 31. Sahi da Jacoca pelas 4 horas da manhan, encontrando muitas cazas d'esta villa abertas, e os seus habitantes de joelhos pedindo a benção. A's 7 horas da mesma manhan cheguei a Alhandra admirado da mansidão e benignidade, com que tinha sido acolhido por todos os povos que tinha vizitado.

Dia 1°. de Fevereiro. Sahi de Alhandra pelas 4 horas da manhan, e cheguei á freguezia da Taquara pelas 7 horas da mesma manhan, vindo ao meu encontro o reverendo paroco e algumas pessoas principaes, e ao meio dia abri a vizita na matriz, praticadas todas as ceremonias do costume. Não fiz pratica, porque não compareceram pessoas que a escutassem, e pelas 5 horas da tarde crismei mais de 100 pessoas.

Dia 2. Celebrei pontificalmente a missa da purificação por ser titular da freguezia sob o titulo de N. S. da Penha. Esta missa foi cantada por muzica, e foi exposto o Santissimo Sacramento, e depois do Evangelho fiz uma pratica por estar prezente muita gente, e pelas 5 horas da tarde principiei a crismar até as 10 menos um quarto quazi 600 pessoas. Achei n'esta matriz tudo decente, mandando dourar os calices, que são de prata, e fazendo algumas advertencias acerca do culto, e do registro dos baptizados, etc.

Dia 3. Confessei e crismei pelas 10 horas até depois de meio dia 300 pessoas pouco mais ou menos, e pelas 6 horas fui vizitar as capellas de N. S. do Rozario e dos Prazeres, cujas irmandades vieram encontrar-se comigo fóra das capellas, uma das quaes está mui arruinada, e cuja reedificação promovi com esforço, supplicando verdadeira piedade e devoção para com a mãe de Deos e offerecendo algumas esmolas, como em outras freguezias; finalizada esta vizita, voltei á matriz, onde crismei mais de 100 pessoas.

Dia 4. Sahi de Taquara ás 5 e meia da manhan acompanhado do reverendo vigario e mais personagens, e me dirigi á freguezia do Tijucupapo, onde cheguei ás 9 da manhan por cauza da passagem da barra de Goiana, cujo rio e praia intitulada Carne de Vaca é mui aprazivel. Veio ao meu encontro o reverendo coadjutor, e n'este dia não abri a vizita em consequencio de ficarem retardadas as conducções até a noite, e teve lugar no dia 5 pelas 10 horas, praticadas todas as ceremonias do costume; e á excepção de alguns utensilios, que achei pouco decentes por incuria, que estranhei; tanto a igreja e sacrario, como os paramentos, etc. estavam decentes. Acabada a

vizita crismei 50 pessoas, que estavam para este fim na igreja, as quaes admoestei, como em todas as freguezias, á digna recepção d'este sacramento. Pelas 5 horas da tarde crismei mais de 100 pessoas.

Dia 6. Fui dizer missa pelas 7 horas, e ás 9 fui vizitar a capella de N. S. do Rozario, que estava decente e com bons paramentos, e ás 10 principiei a crismar até a 1 quazi 300 pessoas, conduzido de uma para outra igreja do campo de palio e sempre acompanhado de muita gente, que de joelhos pediam-me benção. Antes de principiar esta acção fiz a pratica do costume, e de tarde pelas 5 horas crismei mais 200 pessoas, das quaes me despedi, fazendo-lhes vêr o mal que praticavam, diferindo para a idade varonil a recepção dos santos oleos, quando os deviam receber logo depois do baptismo em cazo de necessidade.

A's 8 horas da noite sahi da freguezia e ás 9 cheguei ao arraial intitulado Tijucupapo, acompanhado com mais de 30 cavalleiros, e alguns pretos que com faxos illuminavam o caminho guarnecido de algumas cazas, que achei com luminarias e fogueiras. Logo que entrei n'esta povoação, que estava igualmente illuminada, fiz oração na capella de N. S. do Roazrio, e abençoei, agradecendo o concurso que me cercava, despedindo aquelles que me a acompanharam.

Dia 7. Dei audiencia, e despachei requerimentos e ás 10 horas crismei quazi 200 pessoas, fazendo antes a pratica do costume, e pelas 5 horas fiz uma exhortação sobre o sacramento da penitencia, crismando immediatamente perto de 300 pessoas, e na despedida fui cercado de grande multidão de povo para me beijar a mão.

Dia 8. Sahi de Tijucupapo ás 7 horas da manhan, acompanhado de muitos cavalleiros, que me acompanharam até Goiana, um dos quaes, habitando então além d'aquella freguezia, me veio encontrar na passagem do rio Jacome, e outro pela mesma razão chegou depois de mim a Goiana, onde entrei pelas 10 horas da manhan, repicando os sinos d'esta villa, e fui hospedado em caza de Manoel Gonçalves com muita decencia.

Dia 9. Disse a missa na matriz, crismei algumas pessoas, e baptizei solemnemente um menino, cujo pae

muito se interessou para que eu lhe prestasse este obzequio; depois dei audiencia, algumas esmolas, e despachei requerimentos.

Dia 10. Sahi de Goiana ás 6 horas e meia da manhan, e me dirigi a Goianinha acompanhado do severendo vigario e de algumas pessoas d'aquella e de outras que d'este lugar me vieram esperar, no qual entrei ás 9 da mesma manhan, e vizitando o Santissimo Sacramento na capella de N. S. das Dôres fui hospedado pelo juiz de paz, e pelas 4 e meia da tarde vizitei a dita capella, recebendo-me a irmandade debaixo de palio, e cantado a canto-chão o *Te Deum laudamus*, examinei o sacrario e os paramentos, que achei mui decentes, e depois crismei mais de 100 pessoas.

Dia 11. Vizitei a capella de N. S. da Conceição, onde fui recebido debaixo de palio. O sacrario e os paramentos mui decentes, foi tambem cantado a canto-chão o *Te Deum laudamus*, e acabada esta ceremonia, me dirigi à capella de N. S. das Dôres, onde fiz a pratica do costume, e crism i quazi 600 pessoas.

Dia 12. Pelas 9 horas disse missa na capella de N. S. das Dôres, benzendo antes a cinza, montando o numero dos que a receberam a mais de 200 pessoas, pouco mais ou menos. Depois da missa crismei quazi 600 mulheres até as 3 horas, e ás 6 fui crismar na capella de N. S. da Conceição mais de 500 homens até as 9 horas da noite.

Dia 13. Pelas 7 horas da manhan sahi de Goiana acompanhado d'alguns cavalleiros, e jantei no engenho de Calugí, do qual sahi pelas 4 da tarde para me dirigir a Itapirema, onde cheguei ás 6 e meia, pernoitando em caza do juiz de paz, o major Paula Cavalcante.

Dia 14. Sahi d'esta caza pelas 4 horas da manhan, e cheguei a Iguarassú ás 8 da mesma manhan.

Dia 15. Sahi de Iguarassú ás 10 e meia da manhan, e cheguei á Soledade pelas 9 horas da mesma manhan.

Concluo esta narração um pouco sucinta, elogiando, como me cumpre e apráz, os meus collegas de vizita, os reverendos padres Joaquin Barrete, secretario, e Luiz Jozé Lopes, mestre de ceremonia, igualmente o meu caudatario

Jozé Luiz, os quaes se conduziram com muita probidade, honra, caracter. e zelo no serviço da igreja, e com o maior desinteresse na administração dos sacramentos, coadjuvando-me com a maior prontidão e bôa vontade no ministerio apostolico.

J. B. DIOCEZANO (*)

Itinerario da 2ª. vizita em 1834

Sahi da Soledade no dia 29 de Setembro pelas 4 e 1/2 horas da manhan, e chegei a Iguarassú pelas 9 e 1/2 da mesma manhan, e de tarde crismei 50 pessoas pouco mais ou menos na igreja do convento.

Dia 30. Celebrei a missa na festividade dos Santos Cosme e Damião, orago d'aquella freguezia, para cujo fim ahi me dirigi por ser juiz da festa, e de tarde fui na procissão conduzindo o Santissimo Sacramento, acabada a qual assisti ao sermão, e prezidi ao *Te-Deum*.

Dia 1º de Outubro. Crismei pela manhan mais de 200 pessoas.

Dia 2. Crismei pelas 10 horas mais de 200 pessoas, e de tarde mais de 300 no recolhimento, fazendo uma pequena pratica acerca do sacramento da confirmação, e da exercicio dos deveres christãos e civis.

Dia 3. Sahi de Iguarassú e vizitando o Santissimo Sacramento em Pasmado, fui almoçar no engenho mais proximo e jantando ahi fui pernoitar no de Itapirema, onde crismei algumas pessoas particularmente.

Dia 4. Me dirigi a Goiana, onde cheguei pelas 10 horas da manhan, e passando por um grande lamaçal para escapar á passagem arriscada do Bujari, e de tarde fui á matriz celebrar pontificalmente as vesperas de N. S. do

---

(*) A assignatura é autografa de D. João da Purificação Marques Perdigão, bispo de Olinda.

Rozario, orago d'aquella villa, tendo-me aquartelado no convento do Carmo.

Dia 5. Celebrei a missa da solemnidade da mesma Senhora.

Dia 6. Despachei requerimentos pela manhan, e de tarde fui na procissão conduzindo o Santissimo Sacramento, a qual se effectuou com grande pompa guarnecida d'alguns carros conduzindo imagens, de muitos anjos ricamente ornados, de muitos vigarios e sacerdotes, e da tropa existente na villa, a qual me foi cumprimentar logo que cheguei á dita villa, e me acompanhou, quando fui para a matriz.

Dia 7. Crismei pelas 10 horas até depois de meio dia mais de 200 pessoas, e de tarde despachei requerimentos e despensas.

Dia 8. Crismei pelas 11 horas até 1.300 pessoas, e pelas as 7 da noite fui pernoitar no engenho Jacaré.

Dia 9. Sahi pelas 6 horas da manhan, e fui almoçar no engenho Goiana-Grande, e jantar no de Dois-Rios, donde sahi pelas 5 horas, e cheguei a Pedras de Fogo pelas 8 horas da noite, achando a povoação muito illuminada, acompanhado de 30 cavalleiros, que me foram encontrar duas leguas da dita povoação.

Dia 10. Despachei algumas despensas, e de tarde crismei algumas pessoas na capella de Santo Antonio.

Dia 11. Crismei na dita capella algumas pessoas, e de tarde fui á matriz, que dista uma legua d'essa povoação, acompanhado d'alguns cavalleiros, a qual matriz achei tão indecente que não admitti conservar ahi o Santissimo Sacramento, nem tem paramentos alguns, por cuja razão não fui á dita matriz abrir a vizita na fórma do costume.

Dia 12. Celebrei na capella de Santo Antonio, e fiz a pratica do costume depois do Evangelho, e no fim da missa crismei 400 pessoas pouco mais ou menos, e de tarde mais de outras tantas, tendo antes publicado a pastoral acerca do sacramento da penitencia.

Dia 13. Crismei de manhan 50 pessoas, e de tarde mais de 100.

Dia 14. Sahi de Pedras de Fogo pelas 6 e 1/2 horas da manhan, acompanhado d'alguns cavalleiros, e fui

descançar no sitio Mocós, debaixo de uma coberta de palha pertencente a uma caza, donde sahi, ás 4 horas da tarde, e me dirigi á villa do Pilar, onde cheguei pelas 5 e 1/2 horas da mesma, vindo ao meu encontro muitos cavalleiros, e fui recebido de baixo do palio na entrada até a matriz, e feita a oração recolhi-me ao hospicio junto da matriz.

Dia 15. Abri a vizita, praticando todas as ceremonias prescritas no pontifical romano. A matriz está decente e tem bons paramentos para o uzo quotidiano, e mui rico para as festividades; alguns utensilios igualmente ricos, e outros mui decentes.

Dia 16. Crismei de manhan e de tarde mais de 100 pessoas.

Dia 17. Crismei de manhan e de tarde quazi 400 pessoas, e celebrei missa privada pelas 9 horas da manhan.

Dia 18. Celebrei, e crismei de manhan e de tarde 300 pessoas pouco mais ou menos.

Dia 19. Disse missa ao povo, fazendo a pratica do costume depois do Evangelho, e no fim da missa crismei mais de 100 pessoas, e depois confessei duas pessoas, e de tarde crismei quazi 200 pessoas, exhortando-as á digna recepção d'este sacramento, como sempre tenho praticado antes de conferir o dito sacramento.

Dia 20. Fui á matriz de Taipú acompanhado de alguns cavalleiros, partindo pelas 6 e meia horas, e cheguei pelas 7 e meia, disse missa ao povo pelas 10, fiz a pratica do costume depois do Evangelho, e no fim crismei 200 pessoas, e de tarde mais de 300. Não abri a vizita por não existir ahi o Santissimo Sacramento, nem haverem paramentos, nem incenso, visto que a matriz foi transferida para uma pequena capella, cujo padroeiro é S. Miguel, e depois de alguns despachos voltei para a villa do Pilar, onde cheguei pelas 9 horas da noite acompanhado de alguns cavalleiros.

Dia 21. Li ao povo a pastoral sobre a penitencia, e depois crismei 200 pessoas pouco mais ou menos, e de tarde mais de 200.

Dia 22. Crismei de manhan quazi 300 pessoas, e de tarde quazi 400, tendo despachado alguns requerimentos de dispensas matrimoniaes, e outros objectos. N'este dia

officiei ao vice-prezidente da Parahiba, fazendo-lhe vêr a obrigação que o governo tem de edificar a matriz, e supplicando a sua cooperação a respeito.

Dia 23 Sahi do Pilar pelas 5 horas da manhan, e cheguei a Itabaiana pelas 7 da mesma manhan, vindo ao meu encontro muitos cavalleiros; no mesmo dia de tarde crismei algumas pessoas, e despachei muitos requerimentos.

Dia 24. Despachei mais requerimentos, e crismei pelas 10 horas quazi 300 pessoas, fazendo a pratica do costume, e de tarde 500 pessoas mais ou menos.

Dia 25. Crismei pelas 10 horas quazi 600 pessoas, e de tarde mais de 200.

Dia 23. Ouvi missa pelas 3 horas, e sahi pelas 4 para Mocós, acompanhado de alguns cavalleiros, onde cheguei pelas 8 da mesma manhan acompanhado de muitoso utros cavalleiros, que vieram ao meu encontro mais de uma legua, e de tarde crismei quazi 200 pessoas.

Dia 27. Feita a pratica do costume, crismei quazi 300 pessoas, e de tarde fiz a pratica acerca do sacramento da penitencio, e crismei mais de 200 pessoas.

Dia 28. Sahi de Mocós pelas 5 horas da manhan acompanhado de muitos cavalleiros, e cheguei a Pindoba pelas 8 da mesma manhan, ouvi missa em uma capella, e fui passar o dia em caza do juiz de paz, onde todo o dia crismei mais de 600 pessoas.

Dia 29. Sahi d'este lugar pelas 7 horas da manhan, e cheguei a Canavieira, freguezia das Larangeiras, pelas 11 da mesma manhan, vindo ao meu encontro alguns cavalleiros, e o reverendo paroco.

Dia 30. Crismei na capella de Nossa Senhora da Conceição 800 pessoas pouco mais ou menos.

Dia 31. Crismei mais de 800 pessoas.

Dia 1 de Novembro. Disse missa pelas 8 horas, e confessei algumas mulheres, e de tarde crismei mais de 300 pessoas.

Dia 2. Disse missa com solemnidade pelas 11 horas, estando muito povo prezente, e depois do Evangelho fiz a pratica do costume sobre o sacramento da penitencia, tendo antes de tudo confessado algumas mulheres, e de tarde crismei quazi 1.000 pessoas.

Dia 3. Confessei algumas mulheres e disse as trez missas, e de tarde despachei algumas despensas e crismei mais de 500 pessoas.

Dia 4. Sahi de Canavieira pelas 5 horas da manhan, e fui pelo engenho de Morojó, ao qual cheguei muito molhado em consequencia da grande chuva, que sobreveio, á matriz de Tracunhen, onde cheguei pelas 9 horas da mesma manhan acompanhado de muitos cavalleiros, que em Morojó estavam a esperar-me, e na dita matriz fui recebido debaixo do palio e de tarde crismei quazi 50 pessoas.

Dia 5. Fui abrir a vizita recebido debaixo do palio, e acompanhado de alguns clerigos, e feitas as cerimonias prescritas no pontifical romano e a pratica do costume, crismei quazi 200 pessoas. Os paramentos estão muito decentes, bem como todos os demais utensilios da igreja; de tarde crismei mais de 400 pessoas.

Dia 6. Crismei pelo meio dia quazi 300 pessoas, e pelas 6 da tarde mais de 200.

Dia 7. Fui á villa de Nazareth pelas 6 horas da manhan acompanhado de alguns cavalleiro, e cheguei ás 7 e meia a esta villa, e feita a oração á Senhora da Conceição, crismei pelas 11 horas 200 pessoas, e pelas 5 da tarde até as 10 e meia 1.200 pessoas, e pela meia noite voltei para a matriz.

Dia 8. Despachei alguns requerimentos de manhan, e de tarde crismei 300 pessoas pouco mais ou menos.

Dia 9. Pelas 10 horas celebrei missa conventual, fazendo depois do Evangelho a pratica do costume, e pelas 11 e meia crismei mais de 600 pessoas, e pelas 6 horas da tarde crismei mais de 1.000 pessoas, tendo n'este mesmo dia sido atacado gravemente de molestia dos olhos.

Dia 10. Pretendi sahir pela manhan d'esta freguezia para a de Páo d'Alho, o que não se effectuou por cauza da chuva, sahi porém de tarde pelas 4 horas, conduzido em uma rêde até a freguezia do Páo d'Alho, tendo suportado duas quedas por incuria dos conductores da rêde, acompanhado de alguns cavalleiros e outros que d'esta freguezia vieram ao meu encontro. Cheguei a esta

freguezia depois de anoitecer, e recolhendo-me immediatamente á rezidencia do reverendo paroco, opprimido de dores nos olhos ali rezidi até o dia 15 suportando a molestia de que fui acommettido.

Dia 16. Tendo alguma melhora, fui ouvir missa na matriz pelas 8 horas, e depois das 10 abri a vizita, praticadas as cerimonias do costume, e não podendo por mim fazer a pratica do costume a mandei lêr por outro, e passando a examinar o sacrario, os altares e todos os mais lugares pertencentes á inspecção da vizita, achei todos os paramentos e utensilios da igreja mui decentes e ricos, e crismei no fim quazi 300 pessoas.

Dia 17. Pelas 10 horas crismei mais de 1.000 pessoas, e despachei alguns requerimentos, um dos quaes foi remettido ao vigario interino da Atalaia acompanhado de uma portaria, pela qual, estranhando-lhe as suas informações tendentes ás despensas matrimoniaes, lhe mandei em virtude da santa obediencia e debaixo da pena de suspensão, que me informasse segundo as instrucções, que para este fim lhe tinha mandado.

Dia 18. Pelas 10 horas crismei mais de 1.000 pessoas, e entre outros requerimentos que despachei concedi uma despensa de cunhados por conta dos 30 cazos novameute concedidos, segundo consta da partecipação que recebi do delegado apostolico rezidente no Rio de Janeiro.

Dia 19. Fui celebrar missa na matriz pelas 10 horas, e depois do Evangelho fiz lêr a pastoral sobre o sacramento da penitencia, que por cauza do meu incommodo não pude annunciar, e pelo meio dia crismei quazi 400 pessoas e concedí outra dispensa de cunhados em virtude dos ditos cazos, e de tarde crismei 300 pessoas pouco mais ou menos.

Dia 20. Pelas 4 horas da manhan sahi d'esta freguezia acompanhado de alguns cavalleiros, e cheguei á de S. Lourenço pelas 7 horas da mesma manhan e de tarde crismei algumas pessoas.

Dia 21. Abri a vizita, praticadas todas as cerimonias do costume. A igreja, seus utensilios e ornamentos estão decentes, e depois d'este acto crismei quazi 100 pessoas, e de tarde tambem crismei mais de 100 pessoas.

Dia 22. Pela manhan fiz a pratica do costume e crismei 600 pessoas pouco mais ou menos, e de tarde outras tantas.

Dia 23. Disse missa conventual, fazendo depois do Evangelho uma pratica acerca da penitência, e pelo meio dia crismei 600 pessoas e de tarde 400.

Dia 24. Sahi d'esta freguezia pelas 3 horas da tarde, e passando por Caxangá e Poço da Panella cheguei ao palacio da Soledade pelas 6 horas e meia da mesma tarde.

N'esta 2ª. vizita fui acompanhado das mesmas pessoas, que me acompanharam na 1ª., que fiz na provincia da Parahiba, ás quaes faço os mesmos elogios que lhes tributei no itenerario d'aquella vizita.

J. B. Diocezano.

Itinerario da 3ª. vizita em 1834

No dia 11 de Dezembro sahi da Soledade pelas 5 horas da manhan ,cheguei a Maranguape pelas 8 horas da mesma manhan, e o resto do dia se consumio na preparação para a vizita.

Dia 12. Pelas 10 horas abri a vizita, praticadas as ceremonias prescritas. O sacrario, os paramentos etc. estão mui decentes, e tudo corresponde ao aceio da igreja, que tem bôas alfaias e ornamentos. Crismei algumas pessoas de manhan, e outras de tarde.

Dia 13. Pelas 11 horas crismei algumas pessoas, e de tarde fui á capella do N. S. do O, onde tambem crismei varias pessoas, e por cauza da chuva me retirei para a matriz pelas 9 horas.

Dia 14. Pelas 10 horas disse a missa conventual, e fiz a pratica do costume depois do Evangelho, e no fim crismei quazi 100 pessoas. De tarde pelas 6 horas crismei

quazi 200 pessoas, e pelas 8 da noite sahi d'esta freguezia, e cheguei á Soledade pelas 10 1/2 da mesma noite.

Dia 16. Sahi da Soledade pelas 6 horas da manhan, e dirigindo-me á freguezia de Moribeca, fui jantar na caza dos padres benedictinos no sitio denominado Prazeres por cauza da grande chuva que sobreveio, e pelas 4 da tarde continuei a viagem, e cheguei á dita freguezia pelas 6 e 1/2 da mesma tarde.

Dia 17. Pelas 11 horas abri a vizita, praticadas todas as ceremonias do costume. Todos os paramentos estão mui decentes, bem como o sacrario, pia baptismal, etc. A igreja é mui grande e está mui decente.

Dia 18. Celebrei o santo sacrificio pelas 7 horas na capella do Livramento, onde crismei algumas pessoas de manhan e de tarde.

Dia 19. Celebrei pelas 7 horas na mesma capella, e crismei quazi 200 pessoas, e de tarde 300 pouco mais ou menos.

Dia 20. Celebrei, e crismei mais de 300 pessoas, fazendo a pratica do costume antes do crisma, de tarde crismei mais de 300 pessoas.

Dia 21. Fui á matriz pelas 10 horas, em solemne procissão debaixo do pálio, e celebrei solemnemente a missa conventual, fazendo no fim do Evangelho uma pratica acerca do sacramento da penitencia, e no fim crismei mais de 1.000 pessoas, e depois convoquei a irmandade do Santissimo Sacramento, prezente o reverendo paroco, e lhe fiz vêr, quaes eram os seus deveres para com este, e os d'este para com aquelles, visto que estavam desunidos, e como eram obrigados a dar execução ao compromisso, que estava em abandono. De tarde crismei mais de 400 pesseas. N'este dia mandei absolver pelo reverendo paroco publicamente na porta da capella do Livramento um escomungado vitando, ha 23 annos, e depois de confessado foi recebido em matrimonio com a sua concubina, despensados os banhos por motivos, visto serem ambos naturaes e moradores na mesma freguezia. Tambem diligenciei a reconciliação do reverendo paroco com o reverendo Antonio Pedro, da qual esperei bom rezultado. Exhortei a 3 individuos para que se cazassem com suas amigas, e os

recommendei ao reverendo paroco para os cazar quanto antes, despensados os banhos, por serem naturaes e moradores na mesma freguezia, e todos prometteram annuir ás mesmas exhortações.

Dia 22. Fui á igreja do Loreto pelas 7 horas da manhan acompanhado de muitos cavalleiros, e cheguei ás 9 da mesma manhan, vindo ao meu encontro a irmandade e seu capellão, e n'esta mesma manhan crismei 600 pessoas pouco mais ou menos, e de tarde quazi 400, e logo me retirei para a matriz, onde cheguei pelas 7 da noite, e meia hora depois confessei um homem, que comigo quiz confessar-se.

Dia 23. Sahi de Moribeca pelas 5 e 1/2 horas da manhan acompanhado d'aguns cavalleiros, e me dirigi á freguezia de Jaboatão, onde cheguei pelas 8 horas da mesma manhan, passando pelo engenho do Suassuna, onde entrei para vêr a fabrica, que n'este dia principiou a trabalhar moendo com agua. Na tarde d'este dia crismei algumas pessoas.

Dia 24. Abri a vizita pelas 10 horas, praticadas as ceremonias do costume. Todos os utensilios estão decentes, e recommendei a sua vigilante guarda, visto que n'esta encontrei alguma negligencia. No fim crismei algumas pessoas. Pela meia noite celebrei as trez missas, e no fim do Evangelho da 3ª. fiz uma pratica tendente ao misterio, por terem concorrido mais de 200 pessoas.

Dia 25. De tarde crismei quazi 200 pessoas, e dei audiencia.

Dia 26. Celebrei solemnemente missa pelas 10 horas, fazendo a pratica do costume depois do Evangelho; e no fim crismei mais de 200 pessoas. De tarde crismei pelas 6 horas 300 pessoas pouco mais ou menos, e dei audiencia despachando varios requerimentos.

Dia 27. Sahi para a freguezia do Cabo pelas 4 horas da manhan, e cheguei ao Engenho-Novo de Joaquim Cavalcante d'Albuquerque (onde rezidi) e pelas 8 da manhan, e de tarde fui á matriz para abrir a vizita, praticadas as ceremonias do costume com excepção do sacrario por não ter sacramento em consequencia do roubo sacrilego, que soffreu esta matriz, que tem muito bôa pia baptismal e os

paramentos mui decentes, posto que a igreja esteja mui pobre. Finalizado o acto da vizita, falei a alguns irmãos da irmandade do Santissimo, lhes fiz vêr como era necessario cuidar na decencia da igreja e arranjar a permanencia do Santissimo Sacramento no sacrario, no qual o reverendo paroco immediatamente depozitou dentro de um calix as sagradas fórmas novamente consagradas, até que se diligencie a competente ambula.

Dia 28. Fui á matriz pelas 9 horas, e conferenciei como reverendo paroco acerca do estado em que a igreja se acha, e da dissenção dos parochianos com elle e lhe aconselhei, que quanto antes designasse um sacerdote para fazer as suas vezes, attenta a sua idade e surdez, para d'este modo cessar a má vontade que a irmandade tem mostrado de concorrer para o culto divino, sob o pretesto da má indole e genio do reverendo paroco. Depois do que crismei mais de 400 pessoas, e de tarde mais de 800, fazendo, como sempre, a competente admoestação acerca d'este sacramento, e ultimamente vizitei o reverendo paroco em sua caza, e me retirei para e Engenho-Novo pelas 9 horas da noite.

Dia 29. Crismei na capella d'este engenho pelas 10 horas mais de 600 pessoas, e de tarde pelas 6 até as 10 quazi 1.000 pessoas.

Dia 30. Sahi d'este engenho pelas 6 horas da manhan, e cheguei a Nazareth pelas 8 1/2 da mesma manhan, pouzando no convento do Carmo, onde pelo meio dia crismei quazi 600, e n'este dia dei audiencia, mandando baptizar algumas crianças para se crismarem.

Dia 31. Sahi de Nazareth pelas 5 horas da manhan, e me dirigi á freguezia de Ipojuca, onde cheguei pelas 8 horas da mesma manhan. Fui recebido com applauzo e debaixo do palio conduzido á matriz, onde, cantado o *Te-Deum*, ouvi missa, e me fui hospedar no convento dos franciscanos.

1835. Dia 1 de Janeiro. Celebrei pontificalmente na festa do Sánto Christo pelas 11 horas, e de tarde conduzi o Santissimo Sacramento em solemne procissão, durante a qual pegou fogo na capella do mesmo Santo Christo, por cujo motivo as mulheres choraram, e

descançar no sitio Mocós, debaixo de uma coberta de palha pertencente a uma caza, donde sahi, ás 4 horas da tarde, e me dirigi á villa do Pilar, onde cheguei pelas 5 e 1/2 horas da mesma, vindo ao meu encontro muitos cavalleiros, e fui recebido de baixo do palio na entrada até a matriz, e feita a oração recolhi-me ao hospicio junto da matriz.

Dia 15. Abri a vizita, praticando todas as ceremonias prescritas no pontifical romano. A matriz está decente e tem bons paramentos para o uzo quotidiano, e mui rico para as festividades; alguns utensilios igualmente ricos, e outros mui decentes.

Dia 16. Crismei de manhan e de tarde mais de 100 pessoas.

Dia 17. Crismei de manhan e de tarde quazi 400 pessoas, e celebrei missa privada pelas 9 horas da manhan.

Dia 18. Celebrei, e crismei de manhan e de tarde 300 pessoas pouco mais ou menos.

Dia 19. Disse missa ao povo, fazendo a pratica do costume depois do Evangelho, e no fim da missa crismei mais de 100 pessoas, e depois confessei duas pessoas, e de tarde crismei quazi 200 pessoas, exhortando-as á digna recepção d'este sacramento, como sempre tenho praticado antes de conferir o dito sacramento.

Dia 20. Fui á matriz de Taipú acompanhado de alguns cavalleiros, partindo pelas 6 e meia horas, e cheguei pelas 7 e meia, disse missa ao povo pelas 10, fiz a pratica do costume depois do Evangelho, e no fim crismei 200 pessoas, e de tarde mais de 300. Não abri a vizita por não existir ahi o Santissimo Sacramento, nem haverem paramentos, nem incenso, visto que a matriz foi transferida para uma pequena capella, cujo padroeiro é S. Miguel, e depois de alguns despachos voltei para a villa do Pilar, onde cheguei pelas 9 horas da noite acompanhado de alguns cavalleiros.

Dia 21. Li ao povo a pastoral sobre a penitencia, e depois crismei 200 pessoas pouco mais ou menos, e de tarde mais de 200.

Dia 22. Crismei de manhan quazi 300 pessoas, e de tarde quazi 400, tendo despachado alguns requerimentos de dispensas matrimoniaes, e outros objectos. N'este dia

officiei ao vice-prezidente da Parahiba, fazendo-lhe vêr a obrigação que o governo tem de edificar a matriz, e supplicando a sua cooperação a respeito.

Dia 23 Sahi do Pilar pelas 5 horas da manhan, e cheguei a Itabaiana pelas 7 da mesma manhan, vindo ao meu encontro muitos cavalleiros; no mesmo dia de tarde crismei algumas pessoas, e despachei muitos requerimentos.

Dia 24. Despachei mais requerimentos, e crismei pelas 10 horas quazi 300 pessoas, fazendo a pratica do costume, e de tarde 500 pessoas mais ou menos.

Dia 25. Crismei pelas 10 horas quazi 600 pessoas, e de tarde mais de 200.

Dia 23. Ouvi missa pelas 3 horas, e sahi pelas 4 para Mocós, acompanhado de alguns cavalleiros, onde cheguei pelas 8 da mesma manhan acompanhado de muitoso utros cavalleiros, que vieram ao meu encontro mais de uma legua, e de tarde crismei quazi 200 pessoas.

Dia 27. Feita a pratica do costume, crismei quazi 300 pessoas, e de tarde fiz a pratica acerca do sacramento da penitencio, e crismei mais de 200 pessoas.

Dia 28. Sahi de Mocós pelas 5 horas da manhan acompanhado de muitos cavalleiros, e cheguei a Pindoba pelas 8 da mesma manhan, ouvi missa em uma capella, e fui passar o dia em caza do juiz de paz, onde todo o dia crismei mais de 600 pessoas.

Dia 29. Sahi d'este lugar pelas 7 horas da manhan, e cheguei a Canavieira, freguezia das Larangeiras, pelas 11 da mesma manhan, vindo ao meu encontro alguns cavalleiros, e o reverendo paroco.

Dia 30. Crismei na capella de Nossa Senhora da Conceição 800 pessoas pouco mais ou menos.

Dia 31. Crismei mais de 800 pessoas.

Dia 1 de Novembro. Disse missa pelas 8 horas, e confessei algumas mulheres, e de tarde crismei mais de 300 pessoas.

Dia 2. Disse missa com solemnidade pelas 11 horas, estando muito povo prezente, e depois do Evangelho fiz a pratica do costume sobre o sacramento da penitencia, tendo antes de tudo confessado algumas mulheres, e de tarde crismei quazi 1.000 pessoas.

Dia 19. Sahi d'este engenho pelas 6 horas e meia da manhan, e dirigindo-me a Una cheguei a esta povoação pelas 8 da mesma manhan, onde fui recebido debaixo do pálio e d'este modo conduzido á matriz, tendo sido acompanhado d'alguns cavalleiros desde o dito engenho, e de outros que de Una vieram ao meu encontro. De tarde abri a vizita, praticadas as ceremonias do costume. O sacrario, os sacramentos etc. estão mui decentes, e no fim crismei algumas pessoas. Esta povoação foi illuminada pelas 7 horas.

Dia 20. Crismei pela manhan e de tarde quazi 300 pessoas, e despachei alguns requerimentos.

Dia 21. Crismei pela manhan mais de 200 pessoas depois da pratica pertencente á vizita, e de tarde quazi 200. N'este dia concedi ao reverendo paroco d'esta freguezia a faculdade de despensar banhos no artigo de morte, e os 4 gráos no mesmo artigo e dentro da confissão, dando-me parte logo que a dita despensa verificar.

Dia 22. Crismei de manhan quazi 200 pessoas, a quem li a pastoral do sacramento da penitencia, e de noite crismei mais de 100 pessoas. N'este dia promovi a pacificação do reverendo paroco d'esta freguezia com o das Alagôas, o qual foi encontrar-se comigo em Porto de Pedras para me acompanhar na expectação de ser restituido á sua igreja.

Dia 23. Pelas 6 horas e meia da manhan fui á freguezia de São-Miguel dos Barreiros, onde aportei ás 8 da mesma manhan, atravessando o rio de Una, e depois do despacho crismei mais de 200 pessoas, e de tarde mais de 300, e me recolhi á povoação de Una pelas 9 horas da noite.

Dia 24. Sahi de Una pelas 6 horas da manhan, e me dirigi ao lugar do Abreo na mesma freguezia, onde cheguei pelas 7 e meia da mesma manhan, e de tarde crismei mais de 100 pessoas, a quem li a pastoral relativa á vizita.

Dia 25. Pelas 10 horas celebrei solemnemente, e no fim do 1°. Evangelho li a pastoral acerca do sacramento da penitencia, e no fim da missa crismei mais de 200 pessoas, e de tarde quazi 300.

Dia 26. Sahi d'esta povoação pelas 7 horas da manhan, e me dirigi á de São-Jozé da Corôa-Grande na mesma freguezia, onde cheguei pelas 8 da mesma manhan. Fui acompanhado d'alguns cavalleiros, encontrando varios arcos ornados, quando fui vizitar a capella, que achei mui decente e aceiada. De tarde crismei mais de 200 pessoas.

Dia 27. Dei audiencia pela manhan, e despachei varios requerimentos, e de tarde crismei 600 pessoas pouco mais ou menos

Dia 28. Crismei pela manhan mais de 100 pessoas, a quem exhortei a observancia da lei de Deos, e li a pastoral tendente ao sacramento da penitencia. Sahi d'esta povoação pelas 5 horas e meia da tarde, e me dirigi á Barra-Grande, que pertence a esta freguezia quanto ao espiritual, e quanto ao temporal á provincia das Alagôas, cheguei, acompanhado d'alguns cavalleiros, a este lugar pelas 7 e meia da noite, encontrando pela praia muitas fogueiras e luminarias.

Dia 29. Fiz arranjar um altar decente junto da caza, onde pernoitei, e crismei de manhan algumas pessoas, e de tarde quazi 100.

Dia 30. Sahi d'esta povoação pelas 8 horas da manhan acompanhado d'alguns cavalleiros, cheguei á freguezia de São-Bento pelas 10 da mesma manhan acompanhado d'alguns cavalleiros, e de 10 soldados por cautela contra os cabanos. Não subi a vizitar esta matriz por estar sem sacramento. Fiz levantar um altar na caza, onde me recolhi, e a rogo do dono crismei algumas pessoas, visto que na dita matriz não existiam ornamentos, nem habitantes por cauza da invazão dos cabanos. Depois de jantar me dirigi pelas 5 horas a Porto de Pedras, freguezia de Porto-Calvo, em cuja praia me despedi dos que me acompanhavam, e dos soldados a quem fiz uma pratica, exhortando-os á observancia das leis e á obediencia dos seus chefes, mandando dar a cada um 4 patacas. Chegando a esta praia pelas 8 horas da noite fui recebido pelo reverendo paroco, que com outras pessoas me esperava além do rio.

Dia 31. Crismei de tarde algumas pessoas.

Dia 1°. de Fevereiro. Celebrei missa com solemnidade na capella de Nossa Senhora da Piedade, e no fim do

1°. Evangelho fiz a pratica tendente á vizita, e no fim da missa crismei mais de 100 pessoas. De tarde fui vizitar Nossa Senhora da Gloria, collocada fóra da villa sobre um monte, onde crismei mais de 400 pessoas, lendo a pastoral do sacramento da penitencia, e exhortando-as á observancia dos mandamentos da lei de Deos e da igreja. N'este dia á noite, dando audiencia, promovi dois cazamentos para logo se effectuarem, e mandei revalidar um cazamento celebrado em bôa fé.

Dia 2. Celebrei missa, e dei a sagrada communhão a umas mulheres por desobriga, e no fim crismei mais de 100 pessoas. De tarde fui outra vez a Nossa Senhora da Gloria, por que o povo não quiz vir á villa em consequencia das bexigas que ali grassavam, e crismei mais de 300 pessoas, exhortando-as á pratica das virtudes, á obediencia ao governo e leis existentes, e á fuga dos vicios. Promovi n'este dia alguns cazamentos para fazer cessar os mais graves escandalos, sempre satisfeito pela attenção, que todos prestavam ás minhas praticas e exhortações.

Dia 3. Sahi do Porto de Pedras pelas 5 horas e meia da manhan acompanhado d'alguns cavalleiros, e fui jantar no engenho do Desterro, onde cheguei pelas 8 e meia, e onde crismei, no oratorio da caza, mais de 100 pessoas, e sahindo daqui pelas 4 horas e meia da tarde, me dirigi a Porto-Calvo, onde cheguei pelas 6 da mesma tarde, vindo ao meu encontro o commandante em chefe e alguns officiaes a cavallo. Toda a tropa estacionada n'esta villa foi posta em álas desde o principio da rua até a matriz, por meio das quaes passei acompanhado do dito commandante, e mais officiaes, *capite detecto*, e abençoando a tropa postada ; e entrando na matriz fiz oração, e depois me recolhi á rezidencia do reverendo paroco, prezenciando as trez descargas e a salva de artilharia em meu obzequio. Pouco tempo depois veio vizitar-me o dito commandante e os officiaes, com o qual conferenciei acerca da redução dos cabanos, cujo negocio devia decidir-se no dia seguinte.

Dia 4. Pela manhan fui vizitar o commandante em chefe, e conferenciando segunda vez acerca dos cabanos, resolvi dirigir-lhes uma pastoral, bazeada na proclamação

do governo, pela qual lhes perdoava os seus desvarios, a fim de se converterem para Deos, e se entregarem ás autoridades que os deviam receber, concedendo-lhes licença para voltarem em paz a seus lares. Foi n'este dia que se colheram os frutos d'uma conversação que prezenciei em Una, pela qual pessoas de consideração me asseguraram o termo final da guerra dos cabanos, si eu entre elles comparecesse; annuindo eu a tal designio depois que me entendesse com o commandante em chefe, que estava possuido dos mesmos sentimentos, quando me protestou ser terminada tão prejudicial como vergonhoza contenda, e que não sendo possivel extinguir-se por meio do ferro e do fogo, finalizaria sem duvida com a minha prezença, attento o que, resolvemos a digressão á mata d'Agua-Preta, pelas de Limeiras para dar principio a tão importante empreza.

Dia 5. Celebrei missa na matriz particularmente, consagrando algumas fórmas para existirem no sacrario, visto que até este tempo não existiam em consequencia do temor dos cabanos, e no fim da missa abri a vizita, prezente o commandante em chefe e sua tropa, que escutou a pratica tendente á abertura da vizita. Achei decentes o sacrario, parameutos, etc., praticando-se as ceremonias do costume. N'este dia, a uma hora da tarde, veio á minha rezidencia o commandante em chefe com 16 cabanos, que se tinham aprezentado para eu os exhortar como deviam deixar o seu pessimo comportamento, seguir a religião de Jezus Christo, obedecendo aos preceitos da santa igreja e ao governo legitimo, etc. No fim d'esta pratica entreguei por minha propria mão a cada um dos cabanos uma pataca, e de tarde crismei algumas pessoas.

Dia 6. Dei audiencia pela manhan, e pela tarde crismei quazi 100 pessoas, e concedi ao paroco d'esta freguezia as mesmas faculdades que ao de Una.

Dia 7. De manhan veio ter comigo o commandante em chefe para nos dirigir á freguezia d'Agua-Preta a fim de darmos principio á conversão dos cabanos, e de tarde crismei quazi 300 pessoas, tendo celebrado o santo sacrificio no altar do Senhor dos Passos collocado na matriz.

Dia 8. Celebrei com solemnidade a missa conventual, á qual assistio toda a tropa em numero de 300 praças, a quem, no fim do 1.° Evangelio, li a pastoral tendente ao sacramento da penitencia, e no fim crismei 300 pessoas pouco mais ou menos. De tarde crismei mais de 100 pessoas.

Dia 9. Despachei varios requerimentos, e determinei algums cazamentos de pessoas mal encaminhadas, e de tarde crismei mais de 200 pessoas.

Dia 10. Disse missa privada, e não crismei por não haver concurso de povo em consequencia de muita chuva.

Dia 11. Disse missa privada, e de tarde crismei mais de 50 pessoas.

Dia 12. Foram-me apprezentados dois cabanos por ordem do commandante em chefe, os quaes mui arrependidos ouviram a pratica que lhes dirigi, e de tarde crismei particularmente algumas pessoas. Estes dois cabanos não cessavam de lamentar a desgraça de terem rezidido no mato com outros, que os tinham forçado a suportar tal infelicidade para augmentar o numero de facinorozos.

Dia 13. Nenhuma acção se praticou por cauza de muita chuva.

Dia 14. Sahi de Porto-Calvo para Limeiras pelas 6 horas e meia da manhan na companhia do commandante em chefe, alguns officiaes, e mais 200 soldados. No caminho encontramos uma caveira e alguns ossos de gente em diversos lugares, onde houve um combate. Prezenciamos engenhos e cazas destruidas pelo fogo, e passamos a calma no engenho Japaratuba igualmente destruido de tal maneira que sómente existia parte das paredes e do telhado; e jantando aqui em cima d'uma taboa que por acazo estava no chão, sahimos pelas 3 horas, e chegamos a Limeiras depois de anoitecer, atravessando o rio de Una, a cuja freguezia pertence este engenho. Depois que cheguei, suportando a chuva d'este dia, e os perigos da estrada, fui recebido pela muzica do batalhão, que tocou por varias vezes na mesma noite, e pela manhan ás 5 horas.

Dia 15. Nenhuma acção se praticou.

Dia 16. Crismei de tarde no oratorio da caza de Limeiras, onde fui hospedado, algumas pessoas.

Dia 17. Crismei de tarde mais de 50 pessoas; em todos os dias que me demorei n'este lugar para se deligenciar o negocio dos cabanos, tocou a muzica do batalhão todas as noites, e de manhan antes de nascer o sol

Dia 18. De tarde crismei mais de 100 pessoas.

Dia 19. Fui ao engenho Saué pelas 7 horas da manhan, onde cheguei pelas 8 e meia da mesma manhan. Fui bem recebido, no caminho estavam formados trez arcos de palmeiras infeitados, e na mesma manhan baptizei um filho do commandante em chefe, assistindo a este pompozo acto muitas pessoas de consideração, e depois crismei quazi 200 pessoas.

Dia 20. De manhan crismei mais de 200 pessoas, a quem fiz uma pratica acerca dos deveres religiozos e civis, supplicando a alguns individuos quizessem remetter aos cabanos as pastoraes impressas, que para este fim lhes entreguei. Existio n'este lugar grande concurso de homens e mulheres, e a muzica do batalhão esteve tocando repetidas vezes, e cantando o himno nacional.

Dia 21. Voltei a Limeiras pelas 6 horas da manhan, e de tarde crismei quazi 200 pessoas.

Dia 22. Disse missa o reverendo vigario das Alagoas, que me acompanhou desde Porto de Pedras, a cuja celebração assisti, e o commandante em chefe com a maior parte da tropa, cuja muzica tocou n'este acto.

Dia 23. De tarde crismei algumas pessoas.

Dia 24. Fiz celebrar o santo sacrificio, assistindo a tropa, como no dia 22, e no fim da missa recitei á mesma tropa uma pratica, que mandei imprimir.

Dia 25, 26, 27. Promovi alguns cazamentos de pessoas mal encaminhadas.

Dia 28. Sahi de Limeiras pelas 7 horas da manhan acompanhado do commandante em chefe, e alguns officiaes e paizanos, com mais de 200 praças municiadas, por cauza dos cabanos, e jantando no engenho Pirangi, cheguei a Agua-Preta pelas 6 horas da tarde. A tropa ahi estacionada me recebeu em álas, por entre as

quaes passei a cavallo a passo mui lento com o chapéo na mão, e lançando a benção até que entrei na matriz a fazer oração, e no fim houveram trez descargas, e vivas á nossa santa religião, á nação etc.

Dia 1 de Março. Celebrei missa na matriz pelas 9 horas, assistindo a tropa, a quem recitei a pratica tendente á vizita.

Dia 2. Não abri a vizita, porque na matriz não existe sacrario nem paramentos, e está mui arruinada e indecente.

Dia 3. Celebrei missa, e promovi o cazamento de um soldado, que o requereo, justificando seu estado de solteiro, e da mesma fórma cazaram outros muitos para evitarem os concubinatos.

Dia 4. Celebrei missa na matriz. N'este dia foi o padre Lopes e o vigario das Alagôas, Domingos Jozé da Silva, a Craruatá falar com os cabanos, fazendo-lhes conduzir carnes e farinha, como na vespera d'este dia estava contratado, afim de trazerem em sua companhia um cabano que se certificasse da minha existencia n'este acampamento, como aconteceo vindo o dito cabano com a sua arma carregada, o qual foi recebido benignamente pelo commandante em chefe e por mim, de quem recebeu uma exhortação para cumprir os deveres religiozos e civis, admoestando-o que fôsse noticiar aos outros, como eram perdoados e bem acolhidos, cazo se aprezentassem quanto antes. Este mesmo cabano levou uma carta minha ao padre Jozé Antonio, que existia entre os cabanos, que o arrebataram da freguezia de São-Bento, onde era vigario interino, e que entre elles chegou a ter grande influencia. Esta carta o exhortava a que se aprezentasse, conduzindo os que quizessem aproveitar-se de tão oportuna occazião. Antes porém que aquelle cabano fôsse para seu destino, tocou a muzica do regimento por espaço de meio quarto de hora, e por ordem do commandante em chefe. N'esta occazião lhe dei uma esmola de 320 rs. e o padre Lopes comprou um vestido para elle levar a uma filha, que tinha dentro das matas.

Dia 5 e 6. Celebrei missa por tenção dos cabanos, e com a mesma tenção celebrei no dia 1, 2, 3 e 4

do corrente mez. N'aquelle dia 6 este mesmo cabano trouxe cinco cabanos e seis cabanas, que se aprezentaram por acazo encontrados, quando vinham furtar mandioca, cujo roubo não se realizou, porque o dito cabano lhes disse, que tinha estado comigo, e eu lhe tinha suplicado, que não furtassem d'ora em diante, e logo que chegaram ao acampamento foram bem recebidos, e depois de longa pratica espiritual entreguei a cada um 320 réis e igualmente ás mulheres. Dada a sedula e duas rações a cada um pelo commandante em chefe, foram descançar debaixo de um telheiro, para sahirem no dia seguinte, depois de ouvirem a minha missa, á qual assistiram com muita satisfação.

Dia 7. Celebrei com solemnidade missa aos cabanos pelas 6 horas, fazendo-lhes antes uma pratica, no fim da qual lhes mandei dar trez vestidos e um lenço para trez mulheres.

Dia 8. Celebrei com solemnidade a missa, estando prezente a tropa, pelas 9 horas, recitando a mesma pratica que dirigi á de Limeiras, acrescentando um pequeno discurso proprio do Evangelho d'aquelle dia.

Dia 9. Celebrei missa, e de tarde se aprezentaram trez cabanos, e uma mulher com um filho, aos quaes mandei dar doze patacas, depois de lhes fazer uma pratica.

Dia 10. Os mesmos cabanos ouviram a minha missa, antes e depois da qual lhes fiz vêr os seus deveres para com Deos e os homens.

Dias 11, 12, 13 e 14. Celebrei missa por tenção dos cabanos.

Dia 15. Celebrei com solemnidade pelas 9 horas, assistindo a tropa, á qual depois do primeiro Evangelho li a pastoral tendente ao sacramento da penitencia, e quando me recolhi ao meu quartel recebi a continencia da mesma tropa, depois do que falei a um cabano, que se aprezentou com uma mulher que conduzia uma filha, á qual mandei dar 1$600 réis.

Dia 16 e 17. Celebrei missa pela mesma tenção. N'este ultimo dia se aprezentaram dois cabanos, a quem notei o seu procedimento, e fiz vêr os seus deveres, manifestando

elles arrependimento, e trazendo, assim como outros, o rozario pendente.

Dia 18 e 19. Celebrei missa n'este ultimo dia com solemnidade e assistencia da tropa. N'este dia dei 1$600 a duas mulheres pertencentes a dois cabanos, para baptizarem seus filhos.

Dia 20. Não ocorreu objecto algum digno de especial menção.

Dias 21 e 22. Celebrei missa e n'este ultimo com solemnidade por estar prezente a tropa.

Dias 23 e 24. Celebrei e n'este ultimo falei ao commandante em chefe para se effectuar o meu regresso, visto que não havia esperança de concluir o negocio, que para ali nos tinha chamado, attenta a rusga do Recife, por cujo motivo certamente ha dias, que não havia aprezentação dos cabanos, posto que n'este dia se aprezentasse um, a quem entreguei 1$440 para uma camiza e ceroulas.

Dia 25. Celebrei com solemnidade, assistindo a tropa, e fazendo o reverendo vigario das Alagôas uma pratica acerca do misterio d'este dia, no qual se aprezentou um cabano, a quem mandei dar 320 reis.

Dia 26. Celebrei pela mesma tenção.

Dia 27. Depois que celebrei aprezentaram-se 9 cabanos, quazi nús, a cada um dos quaes mandei dar camizas e ceroulas, e um vestido para mulher, fazendo-lhe vêr o máo caminho que trilhavam, e exhortando-os a cumprirem os preceitos da santa igreja sua mãe, como sempre pratiquei com todos que se aprezentavam excitando-os juntamente á digna recepção dos sacramentos. N'este dia escrevi a Vicente Ferreira de Paula, chefe dos cabanos, e segunda vez ao padre Jozé Antonio, persuadindo-os a que se aprezentassem.

Dia 28 e 29. Celebrei no ultimo com solemnidade, porque a tropa assistio.

Dia 30. Celebrei e se aprezentaram 5 cabanos, a quem, depois da pratica, entreguei 6$720 em fazenda para se vestirem, e mais duas mulheres que estavam no mato, e se não poderam aprezentar por cauza da nudez.

Dia 31. Couza alguma ocorreo.

Dia 1° d'Abril. Celebrei e nada tambem ocorreo.

Dia 2. Celebrei e se aprezentaram 5 cabanos, a cada um dos quaes mandei dar camiza e ceroulas, e um vestido para uma mulher. N'este dia comprei 36 rozarios para dividir pelos cabanos.

Dia 3. Celebrei e se aprezentou um cabano, a quem dei 2 camizas e 2 ceroulas.

Dia 4. Celebrei e se aprezentaram 4 cabanas, e a cada uma dei um vestido para se confessarem. Mais dois vestidos para duas mulheres se confessarem, camiza e ceroulas para um cabano, que n'este dia se aprezentou.

Dia 5. Celebrei com solemnidade, assistindo a tropa, e no fim do 1° Evangelho fiz uma pratica sobre a obrigação de ouvirem a divina palavra, e sobre a paixão de Jezus Christo. Aprezentaram-se n'este dia 2 cabanos, e um ex-cabano, e cada um levou um vestido, e uma camiza para suas mulheres virem confessar-se; mais dois vestidos para 2 mulheres para o mesmo fim.

Dia 6. Celebrei e se aprezentaram sete cabanos, a cada um dos quaes mandei dar camiza e ceroulas.

Dia 7. Celebrei e se aprezentaram 4 cabanos, cada um dos quaes levou camiza e ceroulas. N'este dia houve continencia da tropa, salva de artilharia e vivas, aos quaes assisti, e de tarde passeei pela povoação com o commandante e todos os officiaes. A' noite houve illuminação, em varios arcos e cazas por toda povoação, passeando tambem n'esta occazião com o commandante e officiaes, seguindo-nos a muzica do regimento e muita gente, cantando o himno nacional.

Dia 8. Celebrei e se aprezentou um cabano.

Dia 9. Se aprezentaram 18 cabanos, a cada um dos quaes dei camiza, ceroulas e 12 vestidos para mulheres d'uns, e mais d'outros.

Dia 10. Não ocorreo couza digna de nota.

Dia 11. Celebrei, e se aprezentaram duas cabanas a cada uma dei um vestido.

Dia 12. Benzi as palmas, e as destribui pelo commandante, officiaes e pela tropa. Todos estes assistiram á paixão, cujo testo cantei, fazendo o padre Lopes o bradado, e o vigario d'Agua-Preta os ditos de Christo,

celebrando eu a benção das palmas cantada, e a missa rezada. Tambem assistiram a este acto alguns cabanos e cabanas. Aprezentaram-se n'este dia 2 cabanos, aos quaes dei camizas, ceroulas e dois vestidos para duas crianças se baptizarem.

Dia 13. Celebrei, e se aprezentaram dois cabanos, que foram levar officios do commandante e cartas minhas ao chefe dos cabanos, e ao padre Jozé Antonio, que com elle rezidia nas matas.

Dia 14. Celebrei, e dei alguns vestidos para varias mulheres virem desobrigar-se.

Dia 15. Celebrei, e dei a sagrada communhão a vinte um soldados para desobriga.

Dia 16. Celebrei com solemnidade, e dei a sagrada communhão a mais de 70 pessoas, homens e mulheres, por desobriga, entre as quaes foram os sacerdotes que estavam prezentes, o commandante em chefe e alguns officiaes. N'este dia mandei aprontar um decente e aceiado jantar para 12 cabanos, ministrando-lhes eu a comida, o commandante em chefe e os sacerdotes que estavam em nossa companhia, e de tarde celebrei o lavapedes na matriz, com os mesmos que jantaram, os quaes foram vestidos com tunicas brancas, e lhes dei a competente toalha, e duas patacas em prata, cantando-se o Evangelho e tocando a muzica, e no fim o padre vigario das Alagôas fez uma pratica tendente a este objecto. N'este dia se aprezentaram dois cabanos.

Dia 17. Aprezentou-se um cabano, a quem dei camiza e ceroulas, e o mesmo pratiquei com outro já aprezentado. O padre Lopes fez o testo, o vigario da freguezia os ditos de Christo, e eu o bradado. No fim da paixão dirigi aos circunstantes uma mais extensa pratica, acerca d'este objecto; cantei as orações, e se fez a adoração da cruz, beijando a imagem o commandante e todos os officiaes, muitos cabanos e cabanas.

Dia 18. Celebrou-se a alleluia com a tropa postada, quatro judas enforcados, e um a cavallo, do qual sahia fogo, dando alguns tiros de bombas, e a final sahio a correr pelo mato. Estiveram prezentes a este acto o commandante, eu e os padres convenientemente vestidos, e

muita gente com varios officiaes, tocando a muzica, repicando o sino, e dando uns aos outros bôas festas. N'esta occazião se aprezentaram 2 cabanas, a quem dei camiza, ceroulas e 2 vestidos para duas mulheres se confessarem.

Dia 19. Celebrei missa com vestes pontificaes, assistindo a tropa. N'este dia se aprezentaram 5 cabanos, filhos d'uma cabana que os conduzio, e todos receberam camiza e ceroulas.

Dia 20. Celebrei, e depois celebrou o vigario das Alagôas, estando eu prezente, e toda a tropa. Cinco ex-cabanos receberam a sagrada communhão, depois que se confessaram.

Dia 21. Celebrei, e depois celebrou o vigario da freguezia, assistindo eu e toda a tropa. N'este dia se aprezentaram vinte e quatro cabanos, com suas respectivas mulheres e filhos, aos quaes todos mandei dar camizas, seroulas e vestidos, fazendo-lhes, como sempre que havia aprezentação de cabanos, as competentes exhortações, para virem confessar-se, cazar-se, baptizarem seus filhos, e crismal-os quanto antes, fazendo-lhes vêr a oportunidade da occazião, receozo que depois do meu regresso poucos ou nenhums cumpririam os seus deveres para com Deos.

Dia 23. Celebrei, e dei a sagrada communhão a 20 homens e mulheres.

Dia 24. Celebrei, e dei a sagrada communhão a 32 homens e mulheres. N'este dia se aprezentaram 12 cabanos e levaram roupa para elles, 12 mulheres e seus filhos.

Dia 25. Celebrei, e dei a sagrada communhão a 18 pessoas, exhortando-as a dar graças pelo beneficio recebido, como todo os dias tenho praticado com os que se têm desobrigado.

Dia 26. Celebrei e dei a sagrada communhão a 3 mulheres, e o vigario das Alagôas celebrou e deu a sagrada communhão a um cabano, estando prezente a tropa.

Dia 27. Celebrei, e dei a sagrada communhão a 31 homens e mulheres. N'este dia se aprezentaram 4 cabanos, e levaram vestidos para si, suas mulheres e filhos.

Dia 28. Celebrei, e dei a sagrada communhão a 31 pessoas, aprezentando-se 2 cabanos, que levaram vestidos para si, suas mulheres e 12 filhos.

Dia 29. Confessei 3 homens e uma mulher, e depois celebrei e dei a sagrada communhão a 35 homens e mulheres, confessados n'este dia.

Dia 30. Celebrei, e dei a sagrada communhão a 21 homens e mulheres, a quem dirigi uma pratica extensa sobre a religião e os costumes. N'este dia pela manhan crismei na matriz mais de 20 pessoas, e de tarde 12. N. B. No dia 29 aprezentaram-se 6 cabanos todos cazados, e levaram vestidos para si, suas mulheres e filhos, um dos quaes me entregou uma carta do chefe dos cabanos em resposta á que lhe escrevi, e pela qual me certificou de sua aprezentação, para tratar de ajustes comigo, em quem confiava.

Dia 1° de Maio. Celebrei, e dei a sagrada communhão a 4 pessoas e depois assisti á missa conventual, prezente toda a tropa, e pelas 11 horas crismei 15 pessoas. N'este dia se aprezentaram 2 cabanos, a quem mandei dar camizas e ceroulas.

Dia 2. Celebrei, e dei a sagrada communhão a 15 pessoas, e crismei 11. N'este dia respondi ao chefe dos cabanos, exhortando-o segunda vez a aprezentar-se quanto antes, e certificando-o que o seu perdão era igual ao dos outros, etc. Em outra occazião tambem me escreveo das matas um capitão dos cabanos, para se certificar da verdade do perdão, e aos quaes respondi como convinha, e depois me certificou, em como brevemente se aprezentaria com toda a sua gente.

Dia 3. Celebrei particularmente, e depois assisti á missa conventual, prezente todo a tropa.

Dia 4. Dezobrigaram-se 6, e crismei 28 pessoas.

Dia 5. Dezobrigaram-se 6, e crismei 2 pessoas, e se aprezentaram 10 cabanos, a quem mandei dar roupa para elles, suas mulheres e filhos, que ouviram com muita attenção a pratica que lhes fiz.

Dia 6. Foi o vigario da freguezia d'Agua-Preta, o das Alagôas, o padre Lopes e Jozè Luiz ao lugar da

caxoeira Dantas, para acompaharem o padre Jozé Antonio, que vinha aprezentar-se. levando aquelles roupa para este se vestir, o qual veio em companhia dos ditos padres, e depois da conferencia com o commandante em chefe e comigo voltou no mesmo dia para dispôr os cabanos a me receberem, quando eu fosse procurarl-os no dia 8 de corrente. Com este padre vieram 14 cabanos para se aprezentarem, e todos levaram camiza, ceroulas, e vestidos para suas mulheres e filhos, depois que ouviram a pratica que lhes dirigi.

Dia 7. Celebrei e se aprezentaram 31 cabanos, a quem fiz uma pratica, estando prezentes muitos officiaes, soldados e paizanos, depois da qual tocou a muzica varias peças e himno constitucional, cantado pelo commandante em chefe e alguns officiaes. Houve vivas á religião, e pouco tempo depois se aprezentaram 32 cabanos e cabanas, com as quaes se praticaram os mesmos actos que com os primeiros, e tanto uns como outros levaram vestidos para si e para algumas mulheres.

Dia 8. Fui á caxoeira Dantas, uma legua distante d'Agoa-Preta, na companhia dos vigarios d'esta freguezia e das Alagôas, dos padres Lopes, Jozé Luiz, um official, uma ordenança, e dois criados por ter promettido ao chefe dos cabanos ir n'este dia a aquelle lugar. Como porem ali recebesse uma carta do padre Jozé Antonio, que estava com os cabanos em Japaranduba, distante outra legua, dizendo que o chefe dos cabanos não podia ir onde eu estava no dia aprazado, retirei-me. O padre Lopes com tudo, o vigario d'Agua-Preta e Jozé Luiz foram onde estavam os cabanos, e falaram com o dito padre e com o chefe dos cabanos, persuadindo-os que viessem ter comigo, porem este malvado chefe não se rezolveo, em consequencia de não estarem reunidos todos os capitães, que mandavam sobre as companhias dos cabanos.

Dia 9. Desobrigaram-se 9 pessoas, e depois disse missa particularmente. N'este dia apareceo o padre que estava com os cabanos, dos quaes se retirou para sempre, aprezentaram-se n'este dia 30 cabanos com suas mulheres e filhos, os quaes conduzi á igreja acompanhando-me o commandante em chefe, alguns officiaes, e

povo, e com a mitra e baculo lhes dirigi uma pratica, acerca de sua conversão, e dos deveres religiozos e civis, supplicando a perseverança no caminho da salvação, e fazendo-lhes vêr como não deviam voltar ao caminho, que tinham trilhado; depois do que se pozeram de joelho, emquanto eu dirigi a Deos, a Nossa Senhora, e a S. Jozé uma breve deprecação em favor dos que estavam prezentes, e no fim vieram dois a dois beijar-me a mão, e logo sahimos da igreja para darmos vivas á religião, a Sua Magestade, o commandante a mim, e eu a elle, tocando a muzica por varias vezes, e mostrando-se aos cabanos o retrato de Sua Magestade; depois de tudo mandou o commandante em chefe dar de comer a toda gente, e eu de vestir aos novos aprezentados, a suas mulheres e filhos.

Dia 10. Celebrei missa assistindo muitos cabanos e cabanas, e depois assisti á missa, que o vigario das Alagôas disse á tropa.

Dia 11. O vigario das Alagôas disse missa, e deo a sagrada communhão a 4 pessoas, e depois celebrei particularmente, assistindo algumas pessoas, que crismei, e a quem dirigi uma pratica.

Dia 12. Celebrou o vigario das Alagôas, e deo a sagrada communhão a 4 pessoas, e eu a 3, quando celebrei.

Dia 13. Celebrei e desobriguei 3 pessoas, e se aprezentaram 16 cabanos, e cabanas, em estado tão mizeravel que apenas conservavam figura humana. N'este dia determinei não vestir mais cabanos sem que estivesse restabelecida a paz, por me constar, que muitos dos favorecidos voltavam para os outros que ainda se não queriam aprezentar.

Dia 14. Desobrigaram-se 3 pessoas, e baptizaram-se 4 de 4 a 5 annos. O baptismo e matrimonio tem sido frequentado por varias vezes. N'este dia se aprezentou o capitão Caetano com a sua companhia, a quem dirigi uma pratica para de uma vez se restabelecer a paz, e frequentarem os sacramentos.

Dia 15. Desobrigaram-se 10 pessoas, e crismei 12.

Dia 16. Desobrigaram-se 2 pessoas, e se aprezentaram cabanos em numero consideravel, os quaes conduzi á igreja na companhia do commandante em chefe, onde

lhes falei, sentado junto do altar com mitra e baculo, persuadindo-os que abandonassem o erro, e seguissem a verdade, e que quanto antes recorressem aos sacramentos, e no fim dirigi a Deos, Nossa Senhora e a S. Jozé uma deprecação em seu favor, e conclui esta acção com um acto de contrição.

Dia 17. Desobrigaram-se 3 pessoas, celebrei missa com mitra e baculo, estando prezentes os cabanos e cabanas, hontem aprezentados, aos quaes fiz segunda pratica, e depois assisti á missa conventural, prezente a tropa. De tarde crismei mais de 12 pessoas. N'esta mesma tarde se aprezentaram mais de 40 cabanos, conduzidos pelo seu capitão, a quem fiz uma pratica para os livrar do máo caminho, e se reconciliarem com a igreja.

Dia 18. Celebrou o vigario das Alagôas, e desobrigou 14 pessoas, e depois celebrei, assistindo muita gente, e desobriguei 7 pessoas, confirmando na mesma manhan mais de 12.

Dia 19. Celebrei, e se aprezentaram alguns cabanos e cabanas, a quem dirigi uma pratica, excitando-os á verdadeira penitencia.

Dia 20. Celebrou o vigario das Alagóas, e desobrigou 12 pessoas, e depois celebrei, desobrigando uma.

Dia 21. Celebrei, e desobriguei 22 pessoas, confessando 3 que se quizeram confessar comigo. N'esta mesma manhan crismei mais de 12 pessoas, e de tarde se aprezentaram alguns cabanos e cabanas, a quem fiz a pratica do costume em taes cazos.

Dia 22. Celebrei, e desobriguei 29 pessoas e crismei mais de 20. Tomei tambem muitos depoimentos para cazarem individuos naturaes de varias freguezias, que não podiam obter os banhos, afim de evitar os concubinatos.

Dia 23. Celebrei, e desobriguei 32 pessoas. A esta missa assistio muita gente do mato, principalmente os Indios, que depois da missa partiram para Limeiras, levando o andor destinado para S. Caetano, que d'este engenho devia ser conduzido em procissão para Jacuhipe. O padre Lopes e um official com algumas ordenanças acompanharam a dita procissão. Os ditos Indios sahiram d'Agua-Preta acompanhados pelo commandante em chefe

tocando a muzica do regimento até fóra d'esta povoação, e antes que elles sahissem lhes dirigi uma pratica, excitando-os á devoção de S. Caetano, seu padroeiro, e á perseverança nas bôas obras. N'esta mesma manhan crismei quazi 20 pessoas.

Dia 24. Celebrei, estando prezentes muitas pessoas, depois assisti á missa conventual, celebrada pelo paroco da freguezia, á qual tambem assistio a tropa.

Dia 25. Celebrei, e desobriguei 14 pessoas, assistindo muita gente, e crismei mais de 12 pessoas. Celebraram-se muitos matrimonios e baptismos a parvulas de 4 a 5 annos, e até o dia de hoje se contam 543 pessoas desobrigadas do preceito quaresmal.

Dia 26. Celebrei e desobriguei 3 pessoas. N'este dia, anniversario da minha sagração, chegou de Jacuhipe o padre Lopes para assistir ao jantar, ao qual igualmente assistiram alguns officiaes, durante o qual tocou a muzica do regimento convidados aquelles, e chamada esta pelo commandante em chefe, á qual mandei dar 6 patacões, os quaes não quizeram receber, e 14 patacas a 7 famulos.

Dia 27. Celebrei, por tenção de uma defunta para satisfazer aos rogos de uma preta, e desobriguei uma pessoa. N'esta tarde se aprezentou um capitão conduzindo mais de 100 cabanos, os quaes conduzi á igreja, onde com mitra e baculo lhes fiz uma pratica, no fim da qual dirigi supplicas a Deos, a Nossa Senhora e a S. Jozé, finalizando a acção com um acto de contrição, depois do qual dois a dois me beijaram a mão.

Dia 28. Celebrei de mitra e baculo, por que estavam prezentes todos os que hontem se aprezentaram, a quem fiz segunda exhortação, e depois assisti á missa, que a tropa ouvio.

Dia 29. Celebrei por uma defunta para satisfazer aos rogos de uma preta e desobriguei 35 pessoas, ás quaes bem como a outras que n'este dia se aprezentaram, fiz uma pratica, crismando na mesma manhan quazi 20 pessoas. N'este dia de tarde partio a tropa para a caxoeira Dantas, uma legua distante de Agua-Preta, em numero sufficiente para obrigar o chefe dos cabanos a aprezentar-se

visto que apoiado pelos negros captivos, que sómente o seguiam, estava em Japaranduba (2 leguas distante) demorado á quazi um mez, exigindo mantimentos além dos já remettidos, e promettendo dolozamente por escriptos quazi diarios a sua aprezentação.

Dia 30. Celebrei, e desobriguei 13 pessoas.

Dia 31. Celebrei de mitra e baculo, por que assistiram muitos novamente aprezentados, e por que constava, estavam incredulos alguns a cerca da minha prezença nas matas, parecendo-lhes impossivel que eu me tivesse sugeitado a tantos incommodos, privações, e riscos de vida, por sua cauza, imaginando ser bispo fingido pelo governo, para os ilaquear. Tal é a sua esperteza, posto que dotados de muita rusticidade. Depois do 1°. Evangelho lhes dirigi uma fala extensa sobre o objecto de sua aprezentação, etc., e depois assisti á missa conventual, a qual tambem assistiram outros muitos que chegaram depois d'aquelles, em consequencia de ter fugido o chefe dos cabanos hontem á noite com 70 a 80 captivos, desamparado de todos os indios e ordenanças, quaes, em grande numero, na tarde d'este dia foram por mim conduzidos á matriz, onde lhes dirigi uma pratica acerca de sua aprezentação, concluindo com um acto de contrição, supplicas a Deos, a Nossa Senhora, e a S. Jozé, dando vivas á religião, á paz, e á união.

Dia 1°. de Junho. Celebrei, e desobriguei 4 pessoas, assistindo muitos ex-cabanos ao santo sacrificio.

Dia 2. Celebrei, assistindo tambem muitos ex-cabanos.

Dia 3. Dirigi ao vice-prezidente de Pernambuco uma pastoral para ser impressa, por meio da qual faço vêr como devemos agradecer á Providencia o beneficio da concluzão da guerra, excitando os povos á pratica das virtudes, e á detestação da intriga. N'esta mesma occazião felicitei o governo por um tão plauzivel objecto.

Dia 4. Couza alguma ocorreo.

Dia 5. Desobrigaram-se 15 pessoas.

Dia 6. Celebrei, desobrigando 14 pessoas, e depois crismei 20. N'este dia autorizei o vigario da cidade da Fortaleza para reger as igrejas d'Arronxes e Soure do

mesmo modo que rege a sua, visto que elle me participou não haver quem as regesse.

Dia 7. Celebrei, e conferi a ordem de presbitero a Manoel Thomaz da Silva.

Dia 8. Celebrei, e depois assisti á missa conventual, lendo no fim do 1.° Evangelho pastoral de acção de graças, pelo feliz rezultado da concluzão da guerra. Na celebração d'este sacrificio se desobrigaram 18 pessoas, e depois crismei mais de 20. Foi n'este dia que chegou a tropa, que foi em seguimento dos captivos, conduzindo 29 granadeiras, uma umbela rica, e outros utensilios apprehendidos aos ditos negros e seu chefe, que todos fugiram para salvar as vidas.

Dia 9. Fui acompanhar o Santissimo Sacramento conduzido pelo padre Lopes ao hospital em grande pompa. Acompanharam esta procissão o commandante em chefe, os officiaes, e uma grande guarda com bandeira e muzica. Commungaram n'este hospital 22 infermos, aos quaes dirigi uma breve exhortação, e depois na igreja, continuando a missa, se desobrigaram 8 pessoas. E por que 4 pessoas da mesma familia não tinham assistido á quella missa, celebrei para cumprirem o preceito.

Dia 10. Desobrigaram-se 8 pessoas.

Dia 11. Crismei mais de 12 pessoas.

Dia 12. Couza alguma ocorreo, por cauza de muita chuva.

Dia 13. Celebrei, e depois assisti á missa conventual, estando prezente a tropa, apezar de muita chuva.

Dia 14. Celebrei e depois assisti á missa conventual, para acompanhar a tropa, e no fim fiz uma pratica a dois cabanos, que se aprezentaram.

Dia 15. Celebrei, e desobriguei 8 pessoas, a quem dirigi uma pratica, por occazião de serem conduzidos prezos 7 captivos, dos que tinham fugido para se não aprezentarem em tempo proprio. N'esta manhan crismei 12 pessoas.

Dia 16. Celebrei, e desobriguei 4 pessoas.

Dia 17. Celebrei, e desobriguei 5 pessoas.

Dia 18. Celebrei, e desobriguei uma, e depois assisti á missa conventual para edificação da tropa.

Dia 19. Desobrigaram-se 4 pessoas.

Dia 20. Celebrei.

Dia 21. Celebrei, e desobriguei 4 pessoas, e depois assisti á missa conventual, prezente a tropa.

Dia 22. Sahi de Agua-Preta, e fui pernoitar no engenho do Verde, 6 leguas distante, e caminho mui perigozo

Dia 23. Celebraram-se alguns baptizadas na caza do Dr. Eugenio.

Dia 24. Descancei, e se celebraram dois baptizados.

Dia 25. Não pude sahir d'este engenho, por cauzada chuva.

Dia 26. Me dirigi a Capoeiras, por caminhos mui difficultozos, 6 leguas distante d'este engenho.

Dia 27. Ninguem compareceo n'este lugar

Dia 28. Compareceram algumas pessoas, e de tarde crismei 20 crianças, tendo celebrado na manham d'este dia,e assistido depois á missa, que celebrou o padre Lopes, com assistencia de alguma tropa ali estacionada.

Dia 29. Celebrei, assistindo muitas pessoas que chegaram das matas, e depois assisti á que o padre Lopes celebrou, prezente a já mencionada tropa. Despachei n'este dia muitos requerimentos de licenças para cazamentos, tomando as competentes justificações, e de tarde crismei muitas crianças e alguns adultos, que de manhan se tinham confessado, desobrigando-se 18 pessoas,a quem administrei a sagrada eucharistia.

Dia 30. Desobrigaram-se 83 pessoas, a quem administrei a sagrada eucharistia, celebrando o padre Lopes, e no fim fiz uma pratica tendente aos deveres religiozos e civis, procurando radicar nos corações dos que me escutavam, as virtudes, persuadindo-os á fuga dos vicios, e depois crismei muitas pessoas. Celebraram-se alguns cazamentos e baptizados, e tambem houveram n'este dia muitas justificações para cazamentos.

Dia 1° de julho. Fiz uma pratica sobre os mesmos objectos mencionados no dia de hontem, e depois assisti á missa, na qual administrei a sagrada eucharistia a 115 pessoas confessadas, e crismei quazi 200. N'este dia despachei muitos requerimentos para cazamentos por meio de justificações.

Dia 2. Celebrei, e desobriguei 65 pessoas. A estas e outras dirigi uma extensa pratica acerca dos motivos já mencionados, e depois crismei mais de 100 pessoas, e despaxei muitos requerimentos para cazamentos. N'este dia, como no de hontem e ante-hontem, celebraram-se muitos cazamentos e baptizados.

Dia 3. Celebrei depois do meio dia para desobrigar 131 pessoas, confessadas n'este dia, e depois crismei quazi 200 pessoas. Baptizaram-se n'este dia muitas crianças, e celebraram-se alguns cazamentos.

Dia 4. Não se administrou a sagrada eucharistia por falta de particulas, porém confessaram-se mais de 100 pessoas, e crismei quazi 200. N'este dia tomei justificações, e despachei requerimentos para cazamentos, como em outros dias, até ás 10 horas da noite.

Dia 5. Celebrou o padre vigario das Alagôas, o padre Lopes e eu, para todos ouvirem missa, attenta a pequenhez da capella e a muita chuva. N'estas celebrações depois de meio dia commungaram 172 pessoas, umas que hontem não commugaram pelo motivo apontado, e outras confessadas n'este dia, em que crismei mais de 100 pessoas, e no qual houveram muitos cazamentos e baptizados. As confissões principiavam ao romper a aurora até ás 2 horas da tarde. N'esta povoação se aprezentaram por duas vezes muitos cabanos com seus capitães, aos quaes dirigi as praticas, que os animavam á pratica das virtudes e á fuga dos vicios. Não se celebrou cazamento algum sem que me certificasse por 3 testimunhas do estado de solteiro, viuvez ou parentesco, e todas as respectivas certidões foram remettidas aos proprios parocos.

Dia 6. Celebrei depois do meio dia, e desobriguei 100 pessoas confessadas, a quem fiz uma pratica acerca d'este sacramento, como em todos os dias costumei. N'este dia celebraram-se muitos cazamentos e baptizados, e crismei quazi 100 pessoas.

Dia 7. Celebrei pelas 2 horas da tarde para desobrigar 141 pessoas, a quem fiz uma pratica acerca d'este sacramento, e depois da missa crismei mais de 100 pessoas. N'este dia e por noite celebraram-se muitos cazamentos e

baptizados, e houve despacho até ás duas horas da manhan. N'este mesmo dia benzi, entrando paramentado de mitra e baculo, todos aquelles lugares e terras, estando no campo, fóra da capella, cercado de muita gente, que me supplicou exercesse esta ceremonia, e no fim fiz uma exhortação, dispedindo-me de todos quantos estavam prezentes, a maior parte dos quaes chorou. Desobrigaram-se em Capoeiras 816 pessoas, que unidas ao numero d'Agua-Preta, monta a desobriga a 1.538 pessoas.

Dia 8. Sahi de Capoeiras, e pernoitei no engenho do Verde, passando algumas caxoeiras perigozas e por pinguelas que as enchentes do rio cobriam e em outros lugares com o cavallo quazi a nado, chovendo todo o dia.

Dia 9. Sahi d'este engenho, e pernoitei em Agua-Preta quazi com os mesmos incommodos que no dia antecedente.

Dia 10. Couza alguma occorreo.

Dia 11. O mesmo.

Dia 12. Assisti á missa conventual, prezente a tropa.

Dia 13. Nada ocorreo.

Dia 14. Desobrigaram-se 8 pessoas, e crismei 6.

Dia 15. Desobrigou-se uma.

Dia 16. Celebrei, e dei a sagrada communhão a duas mulheres, uma das quaes confessei.

Dia 17. Nada ocorreo.

Dia 18. Celebrei e desobriguei 4 pessoas.

Dia 19. Celebrei depois que a tropa ouvio missa.

Dia 20. Celebrei, dando a sagrada communhão a um homem, que se confessou depois que por mim foi admoestado de sua publica embriaguez. N'este dia se cantou solemnemente na matriz o *Te Deum* em acção de graças, pelo beneficio de aprezentação dos cabanos. Assistindo a este acto o commandante em chefe, e toda officialidade com velas acezas, cantando a muzica do regimento alternativamente com os padres. A tropa se postou, e deu as trez descargas do costume, e tambem a artilharia, e se deram vivas á religião, etc., praticadas todas as continencias do costume. A' noite fui convidado para assistir a um baile, que deram o commandante em chefe e os officiaes, a cujo convite annúi, por ser dirigido a um tal objecto.

Dia 21. De noite appareceo um navio bem aparelhado conduzido por muitos individuos, que dentro vinham com vestidos proprios para pôr em pratica algumas danças emcima de um tabolado, que para este fim se construio e finalizou este brinquedo pela meia noite. Appareceo tambem, entre os designados para a dança, um individuo vestido de padre, isto é, de samarra, sobreliz e corôa de papel, o qual eu mandei retirar immediatamente, estranhando severamente e em voz alta similhante extravagancia.

Dia 22. Nada ocorreo.

Dia 23. Confessei um homem, e desobrigaram-se 4 pessoas.

Dia 24. Depois que fui á igreja fazer oração, sahi de Agua-Preta pelas 8 horas da manhan, acompanhando-me o commandante em chefe e muitos officiaes até Jacuhipe. A tropa se postou para me cumprimentar, á qual, depois de montar a cavallo, dirigi um pequeno discurso agradecendo todos os obzequios, que me tinham tributado, louvando ao mesmo tempo o seu optimo comportamento a respeito dos cabanos. Esta mesma tropa me acompanhou em marcha grave, e pouco depois a despedi, dirigindo-me ao engenho Pirangi, onde descancei para de tarde seguir viagem e passando o rio de Jacuhipe, com o maior risco, cheguei a esta povoação pelas 6 horas da tarde.

Dia 25. De tarde fui á capella, que está mui desarranjada, e com alguma indecencia (posto que grande) formando alas a tropa ali estacionada, por meio das quaes passei acompanhado do commandante em chefe, que conduzio em suas proprias mãos o retrato de Sua Magestade e o collocou na capella-mór. Logo depois benzi uma bandeira, a qual, sustentada pelo commandante e mais 30 officiaes, conduzimos ao lugar proprio na fortaleza, e a fizemos subir com 3 descargas de fuzilaria; feito o que voltei á capella, onde crismei mais de 30 pessoas, exhortando-as antes á digna recepção dos sacramentos, á pratica das virtudes, e á fuga dos vicios.

Dia 26. Celebraram-se alguns baptizados e cazamentos, para os quaes autorizei o reverendo padre Lopes, precedendo a competente justificação. N'este dia, como no

de hontem, não pôde ter lugar a celebração da missa por falta de calix e hostia. Os Indios d'esta povoação, dispersos pelas matas por cauza das bexigas, que grassavam, e por cuja cauza já tinham morrido mais de 40 pessoas, não compareceram. Fui n'este dia accommettido de uma grande defluxão, que gravemente me incommodou, privando-me do uzo da comida e do somno. Dei audiencia, e acabado o despacho, crismei quazi 40 pessoas, pelas 6 horas da tarde, e exhortei a todos que estavam para se cazarem, aos deveres matrimoniaes, prolongando o discurso acerca d'outros objectos muito importantes.

Dia 27. Sahi de Jacuhipe, e pelo engenho da Pracinha me dirigi ao das Duas-barras, do qual tomando alguma refeição fui para Porto-Calvo, onde cheguei ás 8 horas da noite. Este dia de viagem foi o mais terrivel, que supportei no espaço de 6 mezes, por ser obrigado a passar alguns lagos com agua até a cintura, e alguns atoleiros, em um dos quaes fui carregado por dois soldados; em outro lago cahio o cavallo, e me arrojei em um pouco de junco dentro d'agua, e anoitecendo antes de chegar a Porto-Calvo uma legua, caminhei a pé por trez vezes, calcando lama, e metendo os pés em buracos, denominados caldeirões, com agua até o meio das pernas por cauza da escuridão, e posto que aquella defluxão não se tivesse desvanecido, com tudo não senti augmento na molestia, apezar de caminhar por muitas horas com as botas cheias d'agua.

Dia 28. Descancei.

Dia 29. Fui á matriz dar graças por tantos e tão assignalados beneficios, e de tarde crismei mais de 50 pessoas.

Dia 30. Sahi do Porto-Calvo pelas 7 horas da manhan, embarcando para Porto de Pedras. A tropa n'esta villa estacionada me acompanhou até ao embarque, o commandante em chefe e alguns officiaes, e depois que me despedi, agradecendo tanto obzequio, cheguei a Porto de Pedras pelas 3 horas da tarde, e montando a cavallo pernoitei em São-Miguel dos Milagres, onde cheguei pelas 8 horas da noite.

Dia 31. De tarde crismei na capella d'esta povoação quazi 300 pessoas, ás quaes dirigi uma pratica a cerca da observancia da lei de Deos, e dos preceitos da igreja.

Dia 1 de Agosto. Sahi de São-Miguel pelas 8 horas da manhan, e me dirigi ao Santo-Antonio-grande, onde cheguei pelas 5 horas da tarde, vindo muitas pessoas ao meu encontro. E como caminhasse com grande fraqueza, em razão do diminuto alimento, por falta de vontade, depois que desembarquei na barra de Camaragibe, comi alguns óvos e bananas, que por acazo encontrei na caza de umas mulheres viuvas, que me prestaram todo o agazalho.

Dia 2. Procurei acelerar a mesma chegada á cidade das Alagôas, para celebrar a sagração dos óleos, e sahi de Santo-Antonio pelas 8 horas da manhan, depois de assistir á missa dirigindo-me a Pióca, onde cheguei pelas 6 horas da tarde muito incommodado do sol por ser necessario caminhar em horas de maré baixa N'este caminho vieram ao meu encontro muitos cavalleiros na distancia de duas leguas. N'estas jornadas despachei alguns requerimentos.

Dia 3. Dei audiencia, e despachei varios requerimentos, e pelas 3 horas da tarde, acompanhado d'alguns cavalleiros, sahi de Pioca e me dirigia Maceió, onde cheguei pelas 7 da noite, e feita a oração na matriz, me recolhi na caza da nação, que me foi designada.

Dia 4. Despachei varios requerimentos e fui vizitado pelo prezidente da provincia, que estava n'esta villa.

Dia 5. Celebrei na matriz, e depois abri a vizita, assistindo os padres da freguezia. A matriz, o sacrario e mais utensilios estão mui decentes. Cantou-se *Te-Deum* e todo officio pertencente a esta ceremonia, finalizada a qual, vizitei o prezidente da provincia, e passeei pela villa acompanhado d'alguns padres.

Dia 6. Celebrei na matriz, e depois communiquei com o dito prezidente acerca d'alguns objectos. O 1.°, crear um capellão com urgencia para Jacuhipe, e dependendo este objecto da deliberação d'assembléa provincial, em cuja reunião havia alguma demora, convencionamos em elle officiar á Regencia para esta approvar a despeza, que a provincia houver de fazer com o dito capellão, em quanto a

assembléa provincial não providenciar; 2.°, moderar a ordem que tinha dado, para se não pagarem as congruas aos parocos, sem que estes aprezentassem atestações das autoridades seculares, em como tem cumprido a obrigação de prégar a doutrina evangelica na estação da missa; 3.°, acerca das parochias creadas recentemente para serem providas de pastores, emquanto não vão a concurso; pois que constava, que os actos d'assembléa proxima passada estavam annullados pela assembléa geral, fazendo-lhe vêr que no cazo de serem providas, jámais eu daria providincia alguma, sem que elle me participasse officialmente as deliberações d'assembléa; ao que elle annuio, passando eu a prover as ditas igrejas, na certeza de que os actos d'assembléa proxima não foram desaprovados pela geral; 4.°, á cerca da igreja de Maceió, considerada vaga pela auzencia prolongada do proprio paroco, o padre Caldas, a cujo respeito convencionamos dirigir-se elle á Regencia para deliberar, como deliberou, declarando os motivos da vagatura d'esta igreja; 5.°, a respeito da igreja do Porto da Folha, cujo paroco estava exercendo o emprego de professor publico de grammatica latina na cidade, e tendo este paroco adoptado o ensino publico, assignou termo de desistencia da freguezia por minha determinação. N'este dia persuadi ao padre João Luiz Pereira, que desistisse do emprego de promotor publico, visto que o não podia exercer sem risco de violar os sagrados canones, e elle prometteo desistir. De tarde crismei na matriz quazi 200 pessoas, ás quaes dirigi uma extensa pratica, declamando altamente contra tantos assassinios, perpetrados com escandaloza impunidade. A's 7 horas da noite chamei o padre Baldaia, e o exhortei aos deveres sacerdotaes para que d'ora em diante fôsse exemplar a sua conducta, até então mui irregular.

Dia 7. Celebrei e despachei varios requerimentos, e de tarde crismei 400 mulheres pouco mais ou menos, e depois que estas se retiraram, crismei quazi 200 homens, aos quaes dirigi uma pratica tendente aos mesmos motivos que no dia 6.

Dia 8. Despachei alguns requerimentos e de tarde fui vizitar Nossa Senhora do Rozario, admoestando os irmãos,

para que continuem efficazmente no complemento da igreja, que de pedra e cal estão construindo, e depois me dirigi á matriz, onde crismei mais de 1.000 pessoas desde as 6 horas até as 11.

Dia 9. Ouvi missa parochial, e despachei varios requerimentos, e de tarde fui vizitar Nossa Senhora Mãe do Povo, em Jaraguá, cuja irmandade me recebeo debaixo do palio, e depois crismei mais de 500 pessoas, ás quaes dirigi uma pratica, fazendo-lhes vêr os seus deveres religiozos e civis, e voltei para a villa ás 10 horas da noite.

Dia 10. Ouvi missa conventual, e depois crismei mais de 200 pessoas. Recebi varias vizitas, como em outros dias, e despachei alguns requerimentos. De tarde crismei mais de 600 pessoas.

Dia 11. Crismei de manhan mais de 100 pessoas, e de tarde sahi de Maceió pelas 5 horas na companhia do prezidente da provincia e de alguns padres, dirigindo-me ao trapixe afim de embarcar para a cidade das Alagôas, pernoitando em caza de Felis Moraes.

Dia 12. Sahi pelas 5 horas da manhan, e cheguei á cidade pelo meio dia. A lagoa offerece, por espaço de 7 leguas, recreio e vista deleitavel, e de ambos os lados existem muitos habitantes, que me obzequiaram com foguetes e tiros de espingardas, e quando desembarquei na cidade, estava muita gente na praia, a quem, antes de saltar, abençoei, dizendo o fim que áquella cidade me dirigia. Estavam na praia varias irmandades, e a do Santissimo me conduzio debaixo do palio até á matriz, um pouco distante, cuja procissão teve lugar, depois que comprimentei o prezidente da provincia no palacio do governo. Na matriz cantou-se por muzica o *Te-Deum*, e depois fui obrigado a dar a mão a beijar a muitas pessoas, que estavam prezentes. Finalizado este acto, me conduziram na mesma procissão do convento de S. Francisco, onde fui hospedado com muita decencia, e entrando na igreja se fizeram as mesmas ceremonias que na matriz. Alguma tropa existente n'esta cidade se prestou para me cortejar d'esta praia até o palacio do governo, e depois se postou ao pé da matriz, e depois da competente continencia, deo

trez descargas, e o mesmo fez em S. Francisco, exceptuando as descargas.

Dia 13. Fui vizitado pelo prezidente da provincia e outras pessoas principaes, e de tarde abri a vizita, em cujo acto principiou o reverendo vigario a exercer o seu ministerio, do qual tinha sido privado injustamente. A matriz é espaçoza; o sacrario, os paramentos e todos os mais utensilios estavam decentes, e não tive occazião de notar negligencia. A este acto fui acompanhado de trez religiozos franciscanos e mais padres da cidade, que cantaram o officio da vizita. Nas primeiras noites, depois que cheguei, muitos habitantes illuminaram as janellas.

Dia 14. Celebrei na igreja de S. Francisco, e recebi vizitas.

Dia 15. Celebrei a sagração dos oleos, sendo a missa cantada por muzica, cantando em todo o officio da sagração, exceptuando os exorcismos. Este acto fez-se com muita decencia e aceio, concorrendo todos os padres existentes no circuito da cidade na distancia de 6 leguas como foram avizados. Concorreram tambem muitas pessoas de um e outro sexo em numero mais de 1.000, e o numero dos padres montou a 20, assistindo o prezidente da provincia, e tanto a muzica como os foguetes antes, no meio e depois da missa, foram pagos por mim.

Dia 16. Celebrei e recebi vizitas, despachando varios requerimentos e de tarde crismei quazi 300 pessoas com prévia admoestação, acerca d'este sacramento, como sempre pratiquei, e depois lhe dirigi uma pratica a favor da religião, e dos mandamentos da lei de Deos, e da igreja, notando os excessos que se tem praticado por intriga.

Dia 17. Nomeei para paroco interino de Santa-Luzia do Norte o padre Antonio Gomes de Mello, attenta a demissão que pedio o padre Jozé Jeronimo de Oliveira Navarro, para a nova freguezia d'Assembléa o padre Manoel Joaquim da Costa, para a da Imperatriz o padre Jozé Joaquim da Costa e para a da Atalaia o padre Vicente Ferreira Machado. N'este dia foram os santos oleos destinados para as freguezias d'esta provincia, conduzidos de S. Francisco para a matriz em solemne procissão. Cada sacerdote

paramentado debaixo do pálio levou um vazo, e todas as irmandades concorreram com 12 clerigos, que se achavam na cidade, acompanhando algumaspessoas a dita procissão. N'este dia se enviaram ao vigario de Maceió os santos oleos para os fazer conduzir á cidade de Olinda. De tarde crismei mais de 300 pessoas, com pratica no fim.

Dia 18. Celebrei, fui vizitar o prezidente da provincia e despachei varios requerimentos. De tarde li a pastoral sobre o sacramento da penitencia, e crismei quazi 400 pessoas.

Dia 19. Celebrei, e despachei varios requerimentos; de tarde crismei mais de 300 pessoas, dirigindo-lhes uma pratica acerca dos objectos já mencionados.

Dia 20. Celebrei, recebi vizitas, e dei audiencia; de tarde crismei mais de 600 pessoas.

Dia 21. Recebi vizitas, e dei audiencia, na qual appareceo um homem, que jámais queria viver com sua mulher, pretendendo o desquite; porém pelas razões que lhe expuz por espaço d'uma hora o convenci a que aceitasse sua mulher, que eu lhe mandava entregar por um sacerdote da sua confiança, afim d'ora em diante viver como Deos manda; ao que elle se sugeitou. Como porém fosse homem de má conduta não pude obrigar a mulher a viver com elle e attentas as razões que ella me expoz. De tarde crismei desde as 4 horas até as 9 quazi 1.000 pessoas.

Dia 22. Celebrei, e convoquei a irmandade do Santissimos, expondo-lhe a necessidade de formarem um compromisso, e fazendo-lhes conhecer a obrigação de acompanharem o Santissimo aos infermos, e festejarem o orago. De tarde crismei mais de 800 pessoas, recebi felicitações das irmandades do Amparo, do Rozario e do Senhor do Passos, acerca do que eu tinha praticado entre os cabanos a favor da religião e do estado, concebidas nos termos mais energicos de sincero e cordial reconhecimento, bem como de muitas pessoas particulares.

Dia 23. Celebrei, recebi algumas vizitas, e de tarde crismei mais de 60 pessoas.

Dia 24. Ouvi missa, e assignei a provizão de missionario a frei Domingos de Santa Cruz Costa; de tarde crismei mais de 100 pessoas.

Dia 25. Sahi da cidade pelas 6 horas da manhan, e me dirigi ao lugar doBomfim, meia legua da cidade, onde fui recebido debaixo do pálio, e de tarde crismei mais de 100 pessoas.

Dia 26. De tarde crismei quazi 300 pessoas, ás quaes dirigi a pratica do costume em taes occaziões, notando os continuos assassinios praticados n'aquella provincia, exhortando a todos e supplicando a emenda de de taes excessos, amor ás virtudes e odio aos vicios, como sempre tenho praticado todas as vezes que admnistro o sacramento da confirmação. N'este dia fui vizitado pelo prezidente da provincia, quo para tal fim foi áquella povoação.

Dia 27. Fui á Santa Rita distante 3 leguas na margem da lagoa, e de tarde crismei n'esta capella quazi 200 pessoas.

Dia 28. Crismei de tarde quazi 300 pessoas.

Dia 29. Mais de 300.

Dia 30. Ouvi missa na dita capella.

Dia 31. Fui pescar na barra da lagoa e aprehendendo um pequeno méro, o mandei ao prezidente da provincia, homem de sentimentos religiozos e bom cidadão.

Dia 1 de Setembro, 2, 3 e 4. Me demorei em Santa-Rita para tomar algum descanço.

Dia 5. Voltei para a cidade.

Dia 6. Celebrei, e tratei de alguns objectos eclezias-ticos.

Dia 7. Celebrei, e despachei varios requerimentos, mandando revalidar um matrimonio, como tenho praticada em outras terras. N'este dia deixou a minha companhia Jozé Luiz Pereira de Queiroz.

Dia 8. Celebrei particularmente, e fui assistir de capa magna á festa do Amparo na capella dos pardos, que me receberam de baixo do pálio, exhortando-os eu á verdadeira devoção de Nossa Senhora.

Dia 9. Veio para minha companhia o famulo Antonio.

Dia 10. Despachei muitos requerimentos, e confessei 2 pessoas.

Dia 11. Despachei varios requerimentos, e dizendo-me uma mulher que tinha contrahido matrimonio sem despensa,

depois que teve cópula com o pae de seu suposto marido, e com o irmão d'este, chamei o dito marido, que a acompanhava, e lhe fiz vêr, com sagacidade, como éra necessario prestar novo consenso, ali mesmo na igreja, despensando dos impedimentos, revalidei o matrimonio. De tarde fui a caza do prezidente da provincia para com elle tratar a cerca de varios objectos, e despedir-me.

Dia 12. Confessei algumas pessoas, e mandei celebrar um matrimonio, ha 20 annos celebrado com dois graves impedimentos, sem despensa, e vindo ter comigo a mulher inscia de taes impedimentos, a convenci, que prestasse novo consenso, e vivesse bem com seu marido. N'este dia assignou o vigario do Porto da Folha termo de desistencia da igreja para ser professor publico.

Dia 13. Celebrei, e recebi o prezidente da provincia, que veio despedir-se de mim. Tambem me despedi de algumas pessoas principaes da cidade. N'este dia mandei vir debaixo de prizão, por intermedio do juiz de paz, uma mulher, que, segundo me foi denunciado, não tinha baptizado seus filhos, hoje cazados, cuja mulher nunca foi cazada. Não podendo porém obter a certeza d'este facto, o deixei mui recommendado ao reverendo paroco para que, si necessario fôr, os baptize debaixo de condição. Esta mulher foi por mim exhortada a confessar-se, não tendo cumprido com este preceito, e lhe fiz vêr os seus deveres para com Deos, e como era mister assegurar a salvação de sua alma. N'este dia nomeei paroco encommendado para o Porto da Folha o padre Jozé Francisco Santiago d'Oliveira.

Dia 14. Sahi da cidade pelas 3 horas da tarde, acompanhado de alguns cavalleiros, e me dirigi á barra de São-Miguel dos Campos, donde vieram algumas pessoas ao meu encontro, desparando espingardas em testimunho de alegria, e assim me acompanharam até a dita barra, onde cheguei pelas 6 horas da mesma tarde, e fazendo oração na capella de Sant'Anna, collocada junto do morro, onde foi morto o primeiro prelado do Brazil Dom Pedro Fernandes Sardinha, para ser comido pelos gentios Caietés, vindo da Bahia aos 14 dias de viagem, em 16 de Junho de de 1556, dando á costa na enceada, que chamam dos Francezes, segundo me affirmaram.

Dia 15. Crismei de tarde mais de 300 pessoas, ás quaes dirigi uma extensa pratica.

Dia 16. Crismei de manhan quazi 200 pessoas, com pratica no fim, e de tarde passando o mui largo rio da quella barra, para no dia seguinte seguir para Jequiá, pernoitei em uma caza muito velha e abandonada, construida de barro, e collocada no cume de um morro. N'esta caza, pelas 3 horas da manhan, me appareceo uma mulher com seu marido, supplicando a revalidação do matrimonio, visto que estavam cazados ha 14 annos sem despensa de parentesco, tendo já 10 filhos. Revalidado este matrimonio, sahi d'aquella caza pelas 4 horas da manhan.

Dia 17, Chegando a Jequiá pelas 7 horas da mesma manhan, descancei, entre tanto que os habitantes d'esta povoação festejaram a minha chegada com muitos foguetes, e de tarde crismei quazi 400 pessoas, a quem dirigi um largo discurso, declamando contra os vicios etc.

Dia 18. Fui passar pela lagôa d'esta povoação, que é admiravel por sua grandeza e formozura. Perto d'esta lagôa já houve uma bananeira com 4 cachos, posto que diminutos em fruto. De noite crismei mais de 400 pessoas, com pratica no fim, mais extensa, acerca de varios objectos da maior importancia.

Dia 19. Pelas 6 horas da manhan confessei uma mulher e immediatamente me dirigi á villa do Poxim, onde cheguei pelas 8 horas da mesma manhan, acompanhado de muitos cavalleiros de Jaquiá e do Poxim, donde tinham vindo parame acompanharem. N'esta villa fui obzequiado com muitos tiros de granadeiras, bacamartes e foguetes, e feita a oração na matriz, me recolhi ao apozento designado e de tarde abri a vizita, vindo a irmandade do Santissimo buscar-me debaixo do pálio. Praticaram-se as cerimonias do costume, depois do que se cantou o *Te-Deum*. O sacrario, os paramentos, etc., estavam decentes; a umbella porém estava indecente por não estar dourada, ao menos por dentro, e logo ali exigi a sua douração. A' noite illuminou-se a villa.

Dia 20. Celebrei, com assistencia de algumas pessoas, e de tarde crismei quazi 600, com pratica no fim.

Dia 21. Celebrei publicamente, e depois crismei mais de 500 pessoas, com um longo discurso no fim. De tarde fui vêr a capella de Nossa Senhora do Rozario, feita de pedra e cal, porém não acabada, e para promover o seu acabamento dei uma esmola de 30$000 reis, e logo depois me dirigi á matriz, onde crismei mais de 100 pessoas, com pratica no fim tendente aos bons costumes e detestação dos vicios.

Dia 22. Crismei mais de 50 pessoas.

Dia 23. Sahi do Poxim pelas 6 horas da manhan, acompanhado de alguns cavalleiros, dirigindo-me á grande povoação de Cururipe, onde cheguei pelas 8 horas e meia da mesma manhan, acompanhado de outros cavalleiros que vieram ao meu encontro, havendo tiros de espingarda pelo pelo caminho. Fui recebido com muito enthuziasmo, e depois fazer oração na capella de Nossa Senhora da Conceição, onde existe o Santissimo, me recolhi ao designado apozento, e de tarde crismei mais de 100 pessoas, comparecendo outras muitas, e n'esta occazião lhes dirigi uma pratica igua ás outras, em outros logares.

Dia 24. Dei audiencia e despachei varios requerimentos, depois de celebrar, e pelas 10 horas crismei mais de 50 pessoas. De tarde pelas 6 horas crismei quazi 600 pessoas, com pratica no fim.

Dia 25. Celebrei e despachei requerimentos, decidi varias duvidas acerca de alguns matrimonios, e crismei mais de 100 pessoas. De tarde quazi 300 com pratica no fim, e depois confessei um homem.

Dia 26. Sahi de Cururipe pelas 3 horas da tarde por cauza da muita chuva, que embaraçou a sahida pela manhan. Na minha despedida houve muitos tiros, e até a praia, na distancia de legua meia, fui acompanhado de muitos cavalleiros. Depois de 5 leguas pernoitei em caza do Lessa, que veio ao meu encontro no espaço de 2 leguas. Tive receio de ficar n'este sobrado, por estar inclinao a um lado, porém fui certificado, que não cahia ao menos n'aquella noite.

Dia 27. Sahi d'este lugar chamado Vereda pelas 6 horas da manhan, e caminhando 4 leguas descancei em caza de uma beata, com 100 annos de idade, que me

apareceo com habito franciscano. Sahi d'esta caza pelas 4 horas da tarde e caminhando 3 leguas pernoitei em uma caza de barro no lugar de Perucabinha, com muita satisfação pelo modo com que fui recebido.

Dia 28. Sahi d'esta caza pelas 6 horas da manhan na companhia de algumas pessoas, que da villa do Penedo vieram ao meu encontro, e caminhando 2 leguas cheguei a esta villa, encontrando pelo caminho alguns padres e seculares, que me vieram procurar, e chegando á capella de S. Gonçalo concorreu muito povo, e fazendo oração cantaram por muzica o *Te-Deum* com assistencia do vigario paramentado e cantando os versos e orações, em cuja occazião lançaram alguns foguetes. Depois me dirigi á matriz em solemne procissão do clero e irmandades debaixo do palio, e feita a oração fui hospedado no convento de S. Francisco, em cuja igreja tambem fiz oração, agradecendo posteriormente tantos obzequios prestados, e patenteando os meus sentimentos para com todos.

Dia 29. Celebrei, e recebi algumas vizitas, e de tarde fui passeiar pela villa acompanhado d'alguns sacerdotes e seculares. N'esta noite e na antecedente houveram luminarias.

Dia 30. Abri a vizita pelas nove horas da manhan, e todo o officio respectivo foi cantado por dois religiozos do convento, e oito clerigos rezidentes na villa. Os paramentos e mais utensilios estavam decentes. Notei com tudo algumas faltas que encontrei por desmazelo, determinando que se evitassem. Fui recebido debaixo do pálio, cantando-se o *Te-Deum* em canto-chão.

Dia 1.° de Outubro. Celebrei, assistindo algumas pessoas e depois dei audiencia, crismando de tarde mais de 60 pessoas. Concorreram outras muitas, por cuja cauza fiz uma pratica tendente aos bons costumes.

Dia 2. Examinei os papeis dos sacerdotes, como tenho feito em todas as freguezias, e de tarde crismei mais de 200 pessoas, ás quaes dirigi outra pratica mais extensa, persuadindo a todos como deviam assegurar a salvação das suas almas pela observancia das leis e pela obediencia ás autoridades legitimamente constituidas.

Dia 3. Celebrei, e despachei muitos requerimentos, crismando de tarde quazi 400 pessoas. N'esse dia não fiz pratica, porque não almocei, nem jantei, como em outros tambem aconteceo.

Dia 4. Celebrei solemnemente na matriz, por ser orago d'esta freguezia, concorrendo muito povo, e a missa foi de muzica mui decente, com um optimo sermão que pregou um religiozo franciscano.

Dia 5. Despachei varios requerimentos, e de tarde crismei mais de 60 pessoas. Não fiz pratica pelo mesmo motivo já indicado.

Dia 6. Aceitei a demissão, que me pedio o padre Jozé Joaquim da Costa, por mim nomeado vigario encomendado da villa da Imperatriz, e nomei o padre Joaquim Lopes Ferreira. De tarde crismei mais de 500 pessoas.

Dia 7. Despachei muitos requerimentos, e de tarde crismei quazi 600.

Dia 8. O mesmo que no dia 7, dirigindo ao povo uma extensa pratica.

Dia 9. Dei audiencia, e despachei muitos requerimentos, crismando de tarde mais de 50 pessoas. Na noite d'este dia vieram 11 muzicos tocar varias peças para me obzequiarem.

Dia 10. Sahi da villa do Penedo pelas 11 horas da manhan; embarquei para, pelo rio de São-Francisco, me dirigir á freguezia de Porto-Real, denominada Collegio, e gozando feliz viagem cheguei a esta freguezia pelas 6 horas e meia da tarde, fazendo oração na matriz. De noite todos os da povoação illuminaram suas janellas. Não vizitei esta matriz por estar arruinada, muito indecente, com a parede esquerda cahida no xão.

Dia 11. Ouvi missa na matriz, e de tarde crismei mais de 50 pessoas, com pratica no fim.

Dia 12. Despachei alguns requerimentos, e de tarde crismei mais de 300 pessoas, com pratica mais extensa no fim, acerca d'objectos os mais importantes.

Dia 13. Depois d'alguns despachos embarquei pelas 3 horas da tarde para me dirigir á povoação de São-Braz (pertencente ao Porto de Folha), onde cheguei pelas 5 horas da mesma tarde recebido com grande acatamento,

e aplauzo. Feita a oração na capella d'aquelle santo, me recolhi ao apozento destinado, e como me acompanhassem muitas pessoas, lhes communiquei o fim que me conduzia áquelle lugar.

Dia 14. Despachei varios requerimentos, e de tarde crismei mais de 300 pessoas, com pratica mais extensa no fim.

Dia. 15. Despachei varios requerimentos, e confessei um homem, crismando de tarde mais de 300 pessoas, com pratica no fim.

Dia 16. Sahi d'esta povoação pelas 11 horas da manhan, e embarcando me dirigi á freguezia do Traipú denominada Porto da Folha, onde cheguei pelas 5 horas da tarde, em cuja occazião muitos habitantes dispararam tiros de espingarda, tendo feito o mesmo os de São-Braz na mesma despedida. N'esta viagem me acompanharam algumas pessoas em canôas, em uma das quaes ia tocando a muzica, e nos lugares povoados na margem rio de São-Francisco (sem duvida mui aprazivel e deleitavel pelo formozo terreno que banha, e pela abundancia das aguas, que por elle correm mui saborozas e agradaveis ao paladar, por que não soffrem corrupção) tambem dispararam tiros em testimunho do regozijo que os dominava; reconhecendo eu taes obzequios com a santa benção. N. B. Antes de sahir de São-Braz, cuja capella tem bom patrimonio, recommendei o seu reparo e conservação, e o procurador Marques, homem mui religiozo, me prometteo mandar vir um calix novo para substituir aquelle de chumbo, com que se celebrava, posto que a cupula fosse de prata, e não dourada. Logo que cheguei a Traipú, me dirigi á matriz para fazer oração, e pouco depois se illuminou a povoação, novamente creada villa.

Dia 17. Pelas 10 horas abri a vizita, caminhando para a matriz debaixo do pálio com muzica e foguetes. O officio da vizita foi cantado, e depois da benção fiz a pratica do costume, por haver concurso popular. Notei as faltas que encontrei principalmente na decencia do sacrario que achei collocado dentro da banqueta do altar-mór, e de tal maneira que sómente se póde conhecer procedendo avizo. Os pavimentos e mais utensilios estão

decentes. A matriz sómente tem um altar, é espaçoza, porém está por acabar, por cujo motivo solicitei a obra de que ella necessita para se completar, e de tarde crismei mais de 60 pessoas, a quem fiz uma pratica acerca dos deveres christãos.

Dia 18. Ouvi missa na matriz pelas 7 horas, e falei a um homem que mandei chamar para resolver a cazar, estando amigado aos 14 annos, e depois que prometeo cumprir este dever, o despensei do parentesco espiritual e dos banhos para facilitar o cazamento. De tarde crismei mais de 400 pessoas, com pratica no fim.

Dia 19. Celebrei na matriz, e despachei alguns requerimentos, e de tarde crismei quazi 600 pessoas, com pratica no fim. Cada uma das praticas que costumo fazer consome o tempo de trez quartos a uma hora. O homem que hontem despensei para cazar veio n'este dia escuzar-se de receber-se em matrimonio, aprezentando motivos attendiveis, prometendo não communicar mais com a sua concubina, e soccorrel-a quanto lhe fosse possivel.

Dia 20. Dei audiencia, e despachei alguns requerimentos, e de tarde crismei mais de 200 pessoas, com pratica no fim, despedindo-me d'esta porção de ovelhas, que vizitei. Pelas 11 horas da noite, sahindo d'esta freguezia, ouvi alguns tiros de salva, e acompanhado até o embarque d'alguns habitantes, me dirigi á villa de Propiá, situada n'outra margem do rio, pertencente ao arcebispado, onde cheguei pelas 9 horas da manhan.

Dia 21. No qualme demorei por cauza do vento, que sendo favoravel para subir pelo rio, é desfavoravel para descer. N'esta villa fui recebido pela irmandade do Santissimo debaixo do pálio, cuja distinção recuzei, e depois aceitei por motivos, que me obrigaram a esta condescendencia. Depois que fiz oração na matriz, me recolhi no apozento do reverendo vigario da mesma villa com expectação de seus habitantes, que, segundo me disseram, jámais ali tinham visto prelado. Pelas 8 horas da noite embarquei para a villa do Penedo acompanhado de alguns habitantes até o embarque, seguindo-me tambem a muzica, que acompanhou na entrada, e cheguei ao Penedo pelas 7 horas da manhan.

Dia 22. No qual fui recebido com repiques de sinos, assistindo muitos habitantes ao desembarque, os quaes me acompanharam até o convento de S. Francisco, em cuja igreja tributei graças e louvores pelos beneficios recebidos n'estas viagens, sempre feitas com feliz successo.

Dia 23. Despachei alguns requerimentos, e remetti ao padre Gama 4 reprezentações por elle enviadas ás assembléas das 4 provincias, reservando eu uma para as das Alagôas, e pelas 10 horas da noite embarquei para a ilha do Brejo-Grande, onde cheguei pelas 5 horas da manhan do dia seguinte.

Dia 24. No qual, feita a oração na capella de Nossa Senhora da Conceição, me recolhi ao apozento do reverendo capellão Antonio das Neves, ex-religiozo franciscano, e logo que cheguei recebi um prezente de alguns ovos e uma gallinha, como em outras terras tem acontecido, e de tarde crismei quazi 200 pessoas, com pratica no fim, acabando este acto pelas 9 horas.

Dia 25. Ouvi missa na dita capella, que vizitei, notando as faltas que encontrei, e recommendando a sua decencia e aceio. N'este dia mandei chamar um homem que não queria viver com sua mulher, e depois de uma hora de conferencia, para a qual me levantei no meio do jantar, se resolveu a praticar tudo quanto eu lhe determinava, abraçando sua mulher, e com ella foi viver, protestando confessar-se comigo em Piaçabussú, visto que necessitava de se preparar por alguns dias, visto que ha 6 annos não frequentava este sacramento. Pelas 6 horas da tarde crismei mais de 500 pessoas, com pratica no fim, terminando este acto pelas 10.

Dia 26. Sahi d'este lugar pelas 7 horas da manhan, e embarcando me dirigi a Piaçabussú, onde cheguei pelas 8 e meia da mesma manhan, ouvindo muitos foguetes e tiros na sahida do Brejo-Grande, e na chegada a Piaçabussú, em cuja praia fui recebido por duas irmandades, concorrendo muitas pessoas de um e outro sexo, e feita a oração na capella de S. Francisco, me recolhi ao apozento designado. Pelas 6 horas da tarde crismei quazi 300 pessoas, com pratica no fim, terminando este acto pelas 8, e logo a povoação se illuminou.

Dia 27. Pelas 8 horas confessei 3 mulheres e um homem, e depois celebrei, dando-lhes a sagrada communhão, estando prezentes muitos homens e mulheres, e finalizando o acto pelo meio dia. De tarde pelas 6 horas crismei mais de 800 pessoas na porta da capella, como muitas vezes tenho praticado por cauza dos grandes concursos. Este acto finalizou pelas 10 horas, em que principiei a pratica até as 11 horas, existindo no campo todo aquelle povo com a maior attenção que em todos os lugares me tem prestado, separados os homens das mulheres, e havendo as competentes luzes.

Dia 28. Pelas 7 horas confessei algumas pessoas, e depois celebrei, ministrando a sagrada communhão, estando prezentes quazi 200 pessoas, e depois do meio dia embarquei para a Ilha-Grande, propriedade dos frades bentos, onde cheguei pelas 6 da tarde. Quando sahi de Piaçabussú, fui despedir-me pelas mesmas irmandades, que n'esta povoação me tinham recebido, e muita gente que me acompanhou até o embarque. Ouviram-se muitos tiros n'esta occazião, como tambem quando cheguei a esta ilha, onde fui recebido por muitos habitantes, e depois de feita a oração na capella me recolhi na caza dos ditos frades.

Dia 29. Tratei d'um negocio importantissimo qual o de encontrar cazado um enteado com sua madrastra, segundo se dizia, no sitio do Bonito, 3 a 4 leguas distante de Piaçabussú, freguezia do Penedo, cujos nomes são : Jozé Pedro de Mello e Bernarda Barboza dos Santos. Mandei fazer as indagações necessarias, para se recorrer á Santa Sé, no cazo de existir o dito parentesco, visto já terem alguns filhos, e estarem reputados cazados legitimamente entre o povo, ficando obrigrados a viverem separados, emquanto não obtinham a despensa, sendo possivel. De tarde crismei pelas 6 horas mais de 200 pessoas, com pratica no fim.

Dia 30. Confessei uma mulher, e celebrando lhe dei a sagrada eucharistia, e a outros que tambem se confessaram, e de tarde crismei mais de 300 pessoas, com pratica no fim.

Dia 31. Confessei 2 homens e confessaram-se outros, a quem o reverendo paroco d'esta freguezia, que estava

em minha companhia, ministrou a sagrada communhão, quando celebrou. Promovi o estabelecimento do sacrario n'esta capella, e na de Piaçabussú, visto que as respectivas capellas estão decentes, e tem capellães effectivos. Pelas 6 horas da tarde sahi d'esta ilha, dirigindo me á villa do Penedo, onde cheguei pelas 8 da mesma tarde.

Dia 1° de Novembro. Celebrei, e respondi a varias partecipações, ue recebi, uma das quaes foi ba do reverendo paroco da freguezia da villa da Barra, em São-Francisco das Chagas, e em virtude da qual lhe communiquei o poder de despensar os gráos de parentesco 1.° e 2.° de affinidade illicita lateraes, 2.°, 3.° e 4.° de consanguinidade e affinidade e suas respectivas attingencias, tam sómente no artigo de morte, ou dentro da confissão. De tarde, acompanhado de alguns padres, fui ao hospital vizitar a igreja e os doentes, 8 mulheres e 5 homens, a quem dei por minha mão 640 reis em prata, isto è, a cada um d'elles. A igreja e seus utensilios, como o mesmo hospital, estavam muito decentes. Fui recebido e despedido pela irmandade d'aquella igreja com acompanhamento de alguns habitantes da villa, e depois confessei um homem.

Dia 2. Celebrei as trez missas e despachei muitos requerimentos, e de tarde crismei mais de 200 pessoas, com pratica no fim mais extenssa, despedindo-me d'esta villa depois d'esta pratica, e na prezença de muita gente, ajoelhou um homem junto de mim, pedindo-me o confessasse quanto antes, pois que se tinha disposto pára devidamente exercer este acto, que se effectuou immediatamente.

Dia 3. Officiei á camara d'esta villa para mudar para um dia semanal a feira, que aqui e em Piaçabussú se faz em domingo, expondo as consequencias funestas provenientes d'este procedimento. Falei tambem n'este dia com o juiz de direito, acerca da capella de Piaçabussú, para que se nomêe quanto antes um administrador para cuidar na decencia, decóro e reparo da dita capella, para n'esta se collocar o Santissimo Sacramento, attenta a longitude da matriz e a grandeza da povoação.

Dia 4. Sahi da villa do Penedo pelas 4 horas da manhan acompahado d'alguns habitantes d'aquella villa

até a distancia de uma legua, e cheguei ao lugar da Lagoinha pelas 7 e meia da mesma manhan, e de tarde pelas 5 sahi, dirigindo-me ao lugar do Quaresma, onde cheguei pelas 7 e meia da noite.

Dia 5. Sahi d'este lugar pelos 4 horas da manhan em direção para o de Junqueira, onde cheguei pelas 7 e meia da mesma manhan, vindo d'esta povoação ao meu encontro muitos cavalleiros, que encontrei na estrada uns antes de nascer o sol, e outros depois. Feita a ornamentação na capella da Divina-Pastora, que está decente, me retirei ao apozento designado com grande demonstração de regozigo da parte dos habitantes, e pelas 6 horas da tarde crismei quazi 600 pessoas, com pratica no fim, por espaço d'uma hora, finalizando este acto pelas 10.

Dia 6. Celebrei, assistindo quazi 200 pessoas, e pelas 10 horas da manhan crismei mais de 600 pessoas, com pratica no fim por espaço de uma hora, e acabou este acto a meia hora depois do meio dia. De tarde crismei quazi 800 pessoas, desde as 6 horas até as 10, e depois dirigi ao povo uma pratica por espaço d'uma hora. Quando no dia 4 transitei da Lagoinha para o lugar do Quaresma, e anoitecendo perto d'este lugar pedi agua para beber em uma caza, onde existiam algumas pessoas, entre as quaes uma criança na idade de 4 a 5 annos, e dizendo eu por jacozidade que era bom ali pernoitarmos por não ir mais adiante, respondeo a dita criança: Podem aqui ficar, e de manhan seguir viagem.

Dia 7. Sahi de Junqueira pelas 3 horas e meia da manhan com direção á povoação de Limoeira (pertencente á freguezia d'Anadia), onde cheguei pelas 8 horas da mesma manhan acompanhado d'algums cavalleiros além d'outros muitos que vieram ao meu encontro antes de nascer o sol em 3 leguas de distancia. Fui recebido com enthuziasmo ouvindos muitos tiros e foguetes, e feita a ornamentação na capella de Nossa-Senhora da Conceição, cujos utensilios estão decentes, e em cuja obra se trabalha, para ser a perfeiçoada com grandeza, me hospedei em caza do juiz de paz. De tarde, pelas 6 horas, crismei quazi 600 pessoas com pratica no fim, finalizando o acto pelas 9 e meia.

Dia 8. Celebrei, assistindo quazi 200 pessoas, e dei a sagrada communhão a 2 mulheres, que confessei. N'esta povoação existia um rapaz em idade de 17 a 18 annos, que nunca se tinha confessado, e raptando uma moça a depozitou em caza decente; e como não podesse cazar em minha auzencia por falta de sacerdote, mandei chamar o pae da dita moça na distancia de 7 leguas, para prestar o seu consenso. Como porem não chegasse a tempo, por cauza da minha retirada, e se seguissem inconvenientes funestos, não se effectuando este consorcio, certificado que entre elles não existia outro algum impedimento, corroborada esta assersão pelos juramentos dos contrahentes e outras pessoas fidedignas, mandei-os receber em matrimonio, depois de confessados, promettendo o nubente aprender a doutrina, e afiançada esta promessa por pessoa muito de bem. Uma hora depois de cazados chegou o pae da nubente, e protestou, que antes queria socar sua filha na sepultura, que vêl-a cazada contra sua vontade. Porém afinal, e depois de uma grande conferencia, annuio ao que eu tinha determinado. Este homem era demaziadamente rustico, pois que vendo sua filha já cazada beijar-lhe a mão em minha prezença, recuzou, protestando-lhe que jámais entraria em sua caza. Esta moça na idade de 15 a 16 annos appareceo-me pela primeira vez com o rosto coberto, e ouvindo dizer mal de seu pai, patenteou o seu sentimento, dizendo que não criticassem de seu pae estando ella prezente, e perguntando-lhe eu si era amiga de seu pae, apezar de se dizer que elle lhe queria quitar a vida, por ella ter sahido de sua caza, respondeo, que ella era sempre a mesma, ainda que seu pae lhe fôsse adverso. N'esta povoação existe um homem, pae do juiz de paz, que teve de dois matrimonios 33 filhos, por cuja cauza o intitularam patriarca d'esta povoação, habitada tamsómente por seus filhos, netos e bisnetos, etc. em numero consideravel.

N. B. O mesmo com razão se póde dizer (posto que o numero dos filhos seja menor) acerca do sacristão da capella da Divina-Pastora, na povoação do Junqueiro, para cujas obras destinei os 4$000 réis, que me pertenceram da vizita. N'este mesmo dia despachei muitos

requerimentos, e de noite crismei mais de 500 pessoas, cujo acto (em consequencia da longa conferencia do mui estupido pae d'aquella espozada) principiou pelas 8 meia, e terminou faltando um quarto para as 11, comprehendida n'este periodo a pratica que dirigi ao povo.

Dia 9. Sahi d'esta povoação pelas 5 horas e meia da manhan, e me dirigi ao engenho Carugi, onde cheguei pelas 8 e meia da mesma manhan acompanhado de alguns cavalleiros do Limoeiro, e outros que do dito engenho vieram ao meu encontro. Pelas 4 horas da tarde sahi d'este engenho para a villa da Anadia, acompanhado de muitos cavalleiros, em numero de mais de 30 que d'esta villa vieram encontrar-se comigo no dito engenho. Cheguei á villa pelas .. horas da tarde. Fui recebido com grande enthuziasmo, ouvindo muitos tiros e foguetes, e feita a oração na matriz, me recolhi na rezidencia do reverendo paroco, agradecendo os obzequios prestados, e declarando os meus designios.

Dia 10. Abri a vizita pelas 9 horas da manhan, assistindo a este acto muitos homens e mulheres, alguns padres e irmãos do Santissimo, que me conduziram debaixo do pálio, acompanhando outra irmandade. Achei decentes os utensilios da igreja, posto que deteriorada, e por isso especada. Notei algumas faltas para se evitarem, logo que haja possibilidade. O officio da vizita foi cantado, assim como o *Te-Deum* no principio, em cujo acto esteve exposto o Santissimo Sacramento, no trono decentemente ornado, e feita a pratica, me retirei debaixo do mesmo ceremonial com que fui para a igreja. N'esta procissão houve tambem muitos foguetes, etc.

Dia 11. Celebrei na matriz, assistindo muitos homens e mulheres, e depois dei audiencia De tarde crismei mais de 300 pessoas, com pratica no fim, principiando este acto pelas 6 horas e finalizando pelas 8 e meia.

Dia 12. Celebrei, assistindo algumas pessoas, e depois despachei muitos requerimentos, e pelas 6 horas da tarde crismei quazi 600 pessoas com pratica no fim, terminando o acto pelas 9.

Dia 13. Celebrei, assistindo muitas pessoas, e depois despachei alguns requerimentos. Pelas 6 horas da tarde

crismei 600 pessoas pouco mais ou menos, com pratica no fim, finalizando o acto pelas 9 e meia.

Dia 14. Celebrei, assistindo muita gente, e no fim se cantou a ladainha e *Tota pulchra*, estando o paroco paramentado, como é costume nos sabados de tarde, e pelas 6 horas e meia crismei 1.000 pessoas pouco mais ou menos, com pratica no fim, finalizando o acto pelas 11 e meia.

Dia 15. Ouvi missa e confessei 2 pessoas. De tarde pelas 6 horas crismei 600 pessoas pouco mais ou menos, com pratica no fim, terminando o acto pelas 9 e meia. Nos dias em que me demorei n'esta villa se confessaram muitas pessoas.

Dia 16. Officiei á camara municipal para mudar a feira de domingo para um dia de semana, e determinei a descançar por cauza da assiduidade na administração do sacramento da confirmação, e das extensas praticas que tenho dirigido aos povos com mitra e baculo, satisfeito porém quando escutadas com a maior attenção, por cujo motivo me tem sido mui agradaveis similhantes espetaculos, acreditando serem satisfactorias estas praticas, quando annunciada a doutrina com doçura e suavidade, não perdendo de vista a liberdade inseparavel do ministerio apostolico.

Dia 17. Sahi d'esta villa pelas 5 horas da manhan acompanhado de algumas pessoas, lançando-se ao ar alguns foguetes e chegando ao engenho Furado pelas 8 da mesma manhan, ali passei a calma, crismando pelas 6 da tarde quazi 300 pessoas, e todo o dia lançaram foguetes. Depois da crisma fiz uma pratica, finalizando o acto pelas 8 e meia.

Dia 18. Sahi d'este engenho pelas 6 horas e meia da manhan, repicando o sino da capella, que é espaçoza e decente, lançando-se ao ar alguns foguetes, e acompanhando-me algumas pessoas, e dirigindo-me á villa de São-Miguel, vieram ao meu encontro pouco menos de 20 cavalleiros, e logo que avisteia villa, lançaram ao ar muitos foguetes. Chegando pelas 7 e meia da mesma manhan, fiz oração na matriz, e fui hospedado em um bom apozento. Pelas 5 da tarde abri a vizita conduzido debaixo do palio pelas

irmandades. Expoz-se o Senhor em seu eminente trono, e se cantou por muzica o *Te-Deum*, e depois da benção li a pratica do costume por assistirem muitas pessoas. O officio da vizita foi cantado parte por muzica, parte por canto plano. A matriz é mui espaçoza, seus utensilios em muito bom uzo e decentes desde o sacrario até a pia baptismal, que é bem fabricada e de marmore. Finalizado o acto, me retirei sobre o mesmo ceremonial, lançados ao ar muitos foguetes. Despedi o acompanhamento, agradecendo os obzequios bributados á religião. A noite illuminaram a villa, e lançaram ao ar muitos foguetes.

Dia 19. Celebrei na matriz, no altar do Santissimo por ser quinta-feira, attentos os rogos que me dirigiram, visto que tinham por costume fazer celebrar todas as quinta-feiras missa cantada por muzica. De tarde, pelas 6 horas, crismei mais de 600 pessoas, com pratica no fim, terminando este acto pelas 9 e meia. De noite tambem houve illuminação.

Dia 20. Celebrei, assistind algumas pessoas, e despachei alguns requerimentos. De tarde, pelas 6 horas, crismei 700 pessoas pouco mais ou menos, com pratica no fim, terminando o acto pelas 10. N'esta noite tambem houve illuminação.

Dia 21. Celebrei missa cantada com os muzicos, como no dia 19, em obzequio a Nossa Senhora, e no fim se cantou a ladainha, e depois recebi algumas vizitas, e despachei varios requerimentos. De tarde pelas 6 horas e meia crismei quazi 700 pessoas, e feita a pratica, terminou o acto pelas 10 e meia.

Dia 22. Ouvi missa, e fui vizitar o prezidente da provincia, que veio tratar de abrir o rio para facilitar a navegação, e de tarde crismei quazi 400 pessoas, dirigindo-lhes uma pratica, e despedindo-me para ir á freguezia da Atalaia. Principiei este acto pelas 6 horas e meia da tarde, eterminou pelas 9.

Dia 23. Celebrei, e crismei particularmente 12 pessoas. N'este dia recebi a noticia da morte do Senhor Bispo de Marianna, e da eleição de seu successor o padre Feijó nomeado um dia antes, que foi declarado Regente do Imperio. Foi n'este mesmo dia, que promovi por escrito e de

viva voz a restauração da irmandade de Nossa Senhora do Rozario, actualmente em abandono, entregando a um homem pardo, que trata da capella da mesma Senhora com muito zelo, a quantia de 47000 reis para exemplo d'aquelles que deviam concorrer para as obras da dita capella.

Dia 24. Sahi d'esta villa pelas 6 horas da manhan acompanhado de alguns cavalleiros, e me dirigi ao engenho de Subaúma, do qual vieram ao meu encontro alguns cavalleiros, e onde cheguei pelas 7 e 3 quartos da mesma manhan, e de noite crismei 300 pessoas pouco mais ou menos.

Dia 25. Sahi d'este engenho pelas 6 horas da manhan, e acompanhado de alguns cavalleiros me dirigi ao Engenho-Novo, onde cheguei pelas 9 da mesma manhan, e pelas 6 da tarde me encaminhei ao engenho do Pilar, acompanhado de muitos cavalleiros, que áquelle me foram cumprimentar para me acompanharem para este, onde cheguei pelas 7 da noite, manifestando os habitantes o maior regozijo, quando illuminaram suas cazas, e lançaram ao ar muitas girandolas. Feita a oração na capella de Nossa Senhora do Pillar, que tem 3 altares, e está mui decente, me recolhi na caza do senhor do mesmo engenho.

Dia 26. Recebi algumas vizitas de manhan, e de tarde crismei mais de 100 pessoas.

Dia 27. Celebrei, e tratei de alguns objectos consideraveis, e pelas 6 horas da tarde baptizei o filho do senhor do engenho, que me hospedou, e depois crismei pelas 7 horas mais de 300 pessoas, a quem dirigi a pratica do costume, finalizando este acto depois de meia noite.

Dia 28. Sahi d'este engenho pelas 6 horas e meia da manhan, e acompanhado de alguns cavalleiros, me dirigi á freguezia d'Atalaia, onde cheguei pelas 9 da mesma manhan, vindo ao meu encontro muitos cavalleiros, e depois de feita a oração na matriz, me recolhi na caza do defunto vigario assassinado em um lugar perto d'esta villa. Quando pela estrada passei, me foi demonstrado o lugar, em que se cometteo o assassinio. N'este dia ampliei a provizão de missionario a frei Domingos de Santa Cruz Costa por outros 6 mezes, fazendo-a extensiva ás freguezias de Buique, Aguas-Bellas e Tacaratú.

Dia 29. Celebrei na matriz, assistindo muitos homens e mulheres, e pelas 10 horas abri a vizita, acompanhando-me alguns padres e a irmandade do Santissimo, cujos irmãos conduziram o pálio. Cantou-se o *Te Deum* e o officio da vizita. O sacrario, os paramentos e mais utensilios estão decentes, posto que a matriz esteja um tanto deteriorada. Feitas algumas advertencias, conclui o acto, tendo a pratica do costume, depois crismei 100 pessoas pouco mais ou menos. Pelas 6 horas da tarde crismei mais de 800 pessoas, com pratica no fim, finalizando o acto pelas 9.

Dia 30. Celebrei, assistindo grande concurso, despachei muitos requerimentos e crismei mais de 300 pessoas, fazendo terminar este acto antes do tempo por cauza de um homem que, tendo-me cumprimentado em caza, antes de eu ir para a matriz, de alguma maneira me desatendeo, quando, mandando eu alongar o povo, que me opprimia, me respondeo, que não se afastava, pois que eu não governava na igreja, que era do povo, e que jámais sahiria d'aquelle lugar, e finalmente sahio dando provas evidentes de que estava embriagado. De tarde, para satisfazer aos rogos de muitos, fui crismar na capella de Nossa Senhora da Conceição da Varge, distante meio quarto de legua, acompanhando-me o juiz de direito e muito povo. N'este lugar foi recebido com demonstração de sincera alegria, pelos muitos tiros de espingarda e foguetes, com que me obzequiaram, e achei no lugar mais de 1.000 pessoas para se crismarem, concorrendo depois quazi igual numero. Fazendo separar os homens das mulheres, d'estas crismei mais de 800, e dispondo-me para crismar os homens fui acommettido de uma grande erizipella na perna esquerda, e recolhendo-me na sacristia, fui para caza conduzido em uma rede, acompanhando-me um grande concurso de povo, que á porfia pertendia levar a rede, cujo obzequio muito agradeci, declarando o prazer que me rezultava de o tributarem á nossa religião.

Dia 1.° de Dezembro. De tarde ouvi dizer, que o povo tinha estranhado o procedimento d'aquelle homem, que no dia antecedente me tinha desattendido, e que ninguem queria com elle communicar. Por occazião da molestia recebi muitas vizitas e os maiores e mais sinceros offerecimentos.

Dia 2. Chegou o cirurgião Barrozo, que se mandou chamar, mui intelligente e caritativo, que principiou a tratar-me; e o senhor do engenho das Duas-Bocas me mandou buscar em uma rêde com 80 pretos, logo que soube da minha molestia, cujo obzequio recuzei por querer retirar-me para cidade das Alagôas, afim de occorrer á dita molestia. Continuaram as vizitas patenteando quanto se interessavam na minha melhora, mandando-me algumas gallinhas etc.

Dia 3. Já feitos os avizos para a cidade, e eu disposto a partir, de repente me apparece o reverendo vigario de Santa-Maria do Norte, conduzindo grande multidão de cavalleiros, para me persuadirem a direção de Santa-Luzia, e com effeito taes razões allegaram que me obrigaram e ao professor a seguir os seus sentimentos, e por consequencia effectuou-se a sahida da Atalaia na tarde d'este dia pelas 5 horas, e pelas 8 da mesma tarde cheguei a Santa-Luzia com 7 leguas de caminho, conduzido em uma rede que se arranjou com decencia por quatro pretos, que se revezavam mui frequentemente por me acompanharem voluntariamente grande numero de pessoas para aquelle fim, não querendo aceitar a gratificação que lhes mandei dar. O numero de cavalleiros que me acompanharam foi consideravel e a viagem agradavel, por cauza da optima estrada e lua cheia que desfrutamos. Antes de chegar á villa de Santa-Luzia veio ao meu encontro muita gente, e fui recebido com grande applauzo e satisfação, vendo lançar ao ar muitos foguetes, etc. Fui hospedado em uma bôa caza e com aparato.

Dia 4. Gozei melhora.

Dia 5. Tratei de me restabelecer por meio de alguns medicamentos.

Dia 6. Não pude ouvir missa.

Dia 7. Tomei outro medicamento.

Dia 8. Fui assistir de capa magna a uma missa de Nossa Senhora da Conceição, que se cantou por muzica na matriz, a qual promovi em obzequio á mesma Senhora.

Dia 9. Não pude abrir a vizita por existir em grande debilidade.

Dia 10. Pelas 10 horas abri a vizita, conduzido á matriz debaixo do palio e acompanhado de trez irmandades

e clero d'esta freguezia. Cantaram por muzica o *Te-Deum*, e officio da vizita foi cantado. O sacrario, paramentos e mais utensilios estão mui decentes e ricos, de maneira que não houve lugar de censurar acerca de algum objecto. A matriz é espaçoza e está decentemente ornada. De tarde pelas 5 horas e meia crismei quazi 300 pessoas, a quem dirigi uma pratica por espaço de 3 quartos de hora. N'estedia, mandando pagar oito dias ao cirurgião Barrozo a razão de 4$000 por dia, em consequencia de me assistir, e tratar da erizipella que me acommetteo, tendo sido chamado da cidade das Alagôas á villa da Atalaia, e acompanhando-me para Santa-Luzia, regeitou esta quantia, e não se contentou com menos de 80$000 além dos que paguei na botica, que me forneceo dois purgantes e algum xarope, a somma de 15$750.

Dia 11. Pelas 6 horas da tarde crismei 900 pessoas pouco mais ou menos, e no fim subi ao pulpito, e sentado em uma cadeira, por não poder estar em pé, dirigi ao povo uma pratica, finalizando o acto pelas 10 horas.

Dia 12. Despachei varios requerimentos e pelas 5 horas e meia da tarde crismei mais de 800 mulheres, e não crismei os homens por estar incommodado e para dar lugar a fazer a novena de Santa Luzia.

Dia 13. Celebrei pontificalmente, por ser orago d'esta freguezia, a cujo pontifical concorreram mais de 2.000 pessoas, e se fez com toda a decencia. De tarde pelas 5 horas e meia crismei mais de 800 homens e no fim subi ao pulpito, onde fiz a pratica, finalizando o acto pelas 10 horas.

Dia 14. Descancei.

Dia 15. Pelas 3 horas da manhan sahio o padre Lopes com o João Barqueiro para o Recife, e eu na mesma hora me dirigi ao engenho das Duas-Bocas, 5 lagoas distante d'esta villa, sendo conduzido em uma rêde, e acompanhado de alguns cavalleiros e muitos carregadores de rêde. Chegando ao dito engenho pelas 8 horas da mesma manhan, crismei de tarde quazi 100 pessoas.

Dia 16. Pelas 10 horas da manhan crismei mais de 200 pessoas, com pratica no fim, e de tarde pelas 6 1/2 quazi 700, despachando alguns requerimentos para

cazamentos, depois do que, no fim do crisma, dirigi ao povo uma mais extensa pratica.

Dia 17. Sahi d'este engenho pelas 6 horas da manhan, do mesmo modo que a elle me encaminhei, e tanto na entrada como na sahida houve muitos foguetes, tiros de espingarda, e muzica. Cheguei pois á villa de Santa-Luzia pelas 11 horas da mesma manhan, passando pelo lugar denominado Páo-Amarello para annuir aos rogos dos habitantes, que sómente com a minha vizita, por espaço de um quarto de hora, ficaram satisfeitos. E como eu entrasse na capella, onde compareceo muita gente a beijar-me a mão, e prezenciasse muita indecencia, encarreguei por escrito a um Portuguez de optima conduta Manoel de Campos Silva, para que cuidasse da mencionada capella, e a pozesse em estado de se poder celebrar; ao que se obrigou. N'este dia mandei chamar o reverendo coadjutor da cidade das Alagoas para me falar no lugar denominado Coqueiro-Seco, onde pretendo estar no dia de amanhan, afim de lhe estranhar certo procedimento. N'este dia me appareceo o reverendo vigario encommendado da Atalaia, partecipando-me que tinha sido expulso da freguezia por seis Indios, que em sua propria caza o ameaçaram, si não deixasse a freguezia, por cujo motivo nomeei o padre Bernardo Fagundes do Rozario e não outro padre que elles queriam para vigario, segundo me constou.

Dia 18. Sahi de Santa-Luzia pelas 7 horas da manhan acompanhado de alguns habitantes da villa, e de outros do Coqueiro-Seco, que vieram ao meu encontro, preparando-se um mui decente ajôjo, em que embarquei, dirigindo-me ao dito Coqueiro-Seco, onde cheguei pelas 8 horas da mesma manhan, acompanhando-me tambem 8 canôas cheias de muita gente, e dispararam tiros, e lançavam foguetes por todo caminho, e o mesmo faziam os habitantes das margens da alagôa, que é mui aprazivel. Quando desembarquei compareceo muita gente, que me acompanhou até á igreja da Nossa Senhora Mãe dos Homems, imagem mui decente e rica. Esta igreja é grande, tem muitas e optimas imagens, e as beatas são as que cuidam do aceio da igreja, que tem em roda de si corredores feitos com muita grandeza. Depois de feita a oração,

me retirei, declarando o fim que a este lugar me conduzio, e de tarde crismei quazi 100 pessoas.

Dia 19. Celebrei, assistindo muitas pessoas de ambos os sexos, com paramento mui rico, e o calix todo de ouro, e do melhor gosto, e depois crismei 50 pessoas. De tarde tambem crismei quazi 300; e subi ao pulpito, onde fiz uma pratica mais extensa. N'este dia veio o coadjutor das Alagôas o reverendo Monoel Fernandes dos Santos, e aceitou a minha correcção, promettendo emenda do excesso que tinha praticado.

Dia 20. Pelas 6 horas da manhan sahi do Coqueiro. Seco, do mesmo modo acompanhado, e com o mesmo festejo, com que sahi de Santa-Luzia, e cheguei á Ponta-Grossa pelas 7 1/2 da mesma manhan, onde me esperavam alguns cavalleiros, que vieram de Maceió, distante um quarto de legua, e donde fui conduzido em cadeirinha até á villa, em cuja matriz ouvi missa. N'este dia recebi algumas vizitas.

Dia 21. Celebrei na matriz, e depois recebi varias vizitas, despachando muitos requerimentos. De tarde crismei 600 pessoas pouco mais ou menos.

Dia 22. Sahi d'esta villa pelas 8 horas da manhan, e cheguei á freguezia de Pioca pelas 11 da mesma manhan, acompanhado d'alguns cavalleiros que vieram ao meu encontro, e depois de feita a oração na matriz, me recolhi a descançar.

Dia 23. Pelas 10 horas da manhan fui á matriz conduzido debaixo do pálio, e abri a vizita, cujo officio foi rezado. Os paramentos e mais utensilios estão decentes e por cauza das obras, pelas quaes se está renovando a matriz, por diligencia do revendo paroco, julguei não dever fazer as censuras, que aliás deveria fazer. Concebi porém toda a esperança de grande melhoramento. De tarde crismei 30 a 40 pessoas.

Dia 24. Despachei alguns requerimentos, e pelas supplicas do reverendo paroco concedi, por espaço de 3 semanas, para as obras da matriz, as multas provenientes das despensas matrimoniaes, ficando não comprehendidas as custas. De tarde crismei 30 pessoas, e pela meia

noite celebrei as 3 missas, concorrendo grande concurso popular.

Dia 25. De tarde crismei mais de 50 pessoas, e baptizei solemnemente 2 crianças a rogo de seus pais.

Dia 26. Celebrei, e de tarde crismei 300 pessoas pouco mais ou menos.

Dia 27. Celebrei, despachei varios requerimentos e recebi algumas vizitas, e de tarde pelas 5 horas fui fazer oração na capella de Nossa Senhora do Rozario, tendo a sua irmandade n'este dia festejado a mesma Senhora, e por esta occazião os exhortei á verdadeira devoção para com Nossa Senhora, fazendo-lhes vêr em que esta consiste, e pelas 5 $^1/_2$ fui crismar na matriz mais de 800 pessoas, dirigindo-lhes uma pratica mais extensa, cujo acto finalizou pelas 9 $^1/_2$.

Dia 28. Celebrei, confessando antes 2 mulheres, e depois despachei varios requerimentos. De tarde pelas 5 $^1/_2$ crismei quazi 400 pessoas com uma pratica extensa acerca dos deveres para com Deos e os homens, e no fim exhortei para que todos concorram para se acabarem as obras da matriz, e a mesma exhortação teve lugar no dia antecedente. N'este dia crismando uma menina de 4 annos, logo que esta recebeo em sua face o signal determinado no ceremonial, perguntou: Para que serve isso?

Dia 29. Sahi d'esta freguezia pelas 6 $^1/_2$ da manhan, e cheguei á Barra de Santo-Antonio Grande pelas 9 $^1/_2$ da mesma manhan, e de tarde pelas 6 crismei quazi 300 pessoas, na capella de Nossa Senhora da Conceição.

Dia 30. Despachei varios requerimentos, e de tarde pelas 6 $^1/_2$ crismei quazi 1.000 pessoas, com pratica um pouco extensa, finalizando o acto pelas 11 horas.

Dia 31. Celebrei depois que confessei uma mulher. N'este dia recebi do vigario do Poxim a partecipação de que dois contrahentes com impedimento em litigio se tinham recebido em matrimonio, quando o vigario estava celebrando, sem que este fosse sabedor, e por surpreza assistindo duas testimunhas; e como aquelle paroco os declarasse validamente cazados, estranhando-lhe ao mesmo tempo um tal procedimento, respondi ao paroco

provando-lhe a nullidade de tal cazamento, e que immediatamente fizesse separar estes individuos, absolvendo-os da censura no dia 2 de Fevereiro proximo futuro, si manifestassem sincero arrependimento e reparassem o escandalo perpetrado, visto que o mesmo reverendo paroco os tinha declarado excommungados. N'este dia pelas 2 horas, confessei um rapaz que veio de longe confessar-se comigo, e pelas 6 crismei mais de 400 pessoas, e depois, com alguns padres, cantei o *Te-Deum*, e as demais orações prescritas no ritual em acção de graças pelos beneficios recebidos no prezente anno, illuminada a capella á minha custa.

Dia 1 de Janeiro de 1836. Celebrei, assistindo muitas pessoas, e pelas 11 horas da manhan embarquei para o engenho de Santo-Antonio-Grande acompanhado de 8 canôas, que conduziam muitas pessoas em meu obzequio, soltando muitos foguetes os habitantes d'esta povoação na mesma despedida, cheguei ao porto distante uma legoa do dito engenho, onde montei a cavallo, e todos os cavalleiros que ali me esperavam, e projectando não me demorar n'este engenho, fui rogado para crismar no dia seguinte.

Dia 2. Tratei de alguns objectos importantes, cujo bom rezultado consegui, e ultimei pela uma hora da noite, persuadindo a um individuo de alguma consideração que recebesse a sua espoza, da qual estava separado ha mais de um anno, e prestando asssenso á mesma pratica ali mesmo a recebeo, quando para este fim ali se achava com seu pai e seu marido. A outros que deviam fiz unir no matrimonio. Na tarde d'este dia crismei por 3 vezes em duas grandes salas, onde se erigio o altar, mais de 200 pessoas, finalizando este acto pelas 11 horas.

Dia 3. Sahi d'este engenho pelas 6 e meia horas da manhan acompanhado de muitos cavalleiros, e me dirigi ao engenho Maranhão, onde cheguei pelas 9 e meia da mesma manhan, donde vieram ao meu encontro outros cavalleiros, onde ouvi missa, e tencionando ir á matriz de Camaragibe, no mesmo dia pernoitei n'este engenho para satisfazer aos rogos do proprietario Bernardo de Mendonça.

Dia 4. Sahi d'este engenho pelas 8 horas da manhan, acompanhado de muitos cavalleiros, e muitos homens de pé, que para este fim vieram da matriz de Camaragibe, onde cheguei pelas 9 da mesma manhan, caminhando lentamente, para que as pessoas que vinham a pé me podessem acompanhar, as quaes desparavam muitos tiros de espingardas. Feita a oração na matriz, agradecendo o obzequio prestado, e declarando o fim, que me propunha n'esta vizita, recolhi-me ao apozento destinado. De tarde crismei mais de 100 pessoas.

Dia 5. Confessei 3 pessoas, e pelo meio dia abri a vizita, conduzido debaixo do palio. O officio da vizita foi rezado, e praticadas as ceremonias do costume, passei a censurar o estado de indecencia, em que está a matriz, notando muita immundice nos altares e suas imagens, por falta de cuidado e zelo pelo culto divino, posto que a matriz necessita de uma total reforma. O sacrario com tudo e alguns paramentos estavam decentes. De tarde pelas 9 e meia horas crismei mais de 800 pessoas, com pratica no fim, finalizando o acto pelas 10 e meia.

Dia 6. Confessei 2 pessoas, celebrei, despachei varios requerimentos, e crismei quazi 1.000 pessoas. Foi n'este dia que felizmente consegui a reconciliação do senhor do engenho denominado Maranhão, por nome Bernardo de Mendonça, com a sua filha, a quem seu sobrinho raptou, e com quem cazou. Este pae tinha dado alguns passos para deserdar sua filha, e não só desistio d'este designio, como admittio a beijar-lhe a mão, para cujo fim tudo estava disposto. Este acto foi praticado diante de algumas pessoas, interessadas n'aquella reconciliação, as quaes manifestaram os mais ternos sentimentos. Si o dito pae até então gozava grande estima por sua nobreza e muitas possessões, d'ora em diante ficou gozando maior consideração e louvor, principalmente por ter negado esta reconciliação, quando rogado por grandes personagens. Igualmente lançou a benção a seu sobrinho, concebendo eu lizongeiras esperanças de brevemente ter entrada em caza de seu tio, que me prometteo admittil-o em tempo conveniente.

Dia 7. Sahi da matriz pelas 7 horas da manhan

acompanhado de alguns cavalleiros e passando pelo engenho Maranhão, n'este almocei e fui cumprimentado pela espoza do senhor do engenho, que mui satisfeita se mostrou d'aquella reconciliação, posto que gravemente sentida da offensa irrogada. Esta senhora, reprezentando ter 40 annos, goza bella prezença, tem instrucção e optima educação, e é um digno modelo das mãis de familia. O senhor do engenho não cessou de uzar commigo acções proprias da sua qualidade e não communs, pelo que se faz digno de particular estima. Sahindo pois d'este engenho, me dirigi ao Paço de Camaragibe, onde cheguei pelas 11 e meia da mesma manhan, vindo ao meu encontro outros cavalleiros. De noite compareceram mais de 100 pessoas, que crismei no oratorio da caza, onde fui hospedado.

Dia 8. Aceitei a demissão que me supplicou o vigario interino de Camaragibe e nomeei o reverendo Jozé Tavares Uxôa, para reger esta freguezia. N'este dia mandei dar para as obras da capella da Senhora do Rozario da mesma freguezia 8$000 réis. De tarde, pelas 6 horas e meia principiei a crismar mais de 1.000 pessoas, ás quaes dirigi uma extensa pratica acerca dos deveres para com Deos e com os homens, finalizando o acto pela meia noite.

Dia 9. Confessei 3 mulheres e despachei varios requerimentos, e de tarde crismei quazi 400 pessoas com pratica no fim.

Dia 10. Destinado para o ingresso d'esta povoação, não se effectuou por occorrer inconveniente.

Dia 11. Sahi da povoação pelas 6 horas da manhan, acompanhado de alguns cavalleiros, e cheguei a São-Miguel dos Milagres pelas 8 e meia da mesma manhan d'onde vieram ao meu encontro muitos cavalleiros e muitos homens de pé, e feita a oração na capella, me hospedei em caza do padre Jozé Antonio Duarte. De tarde crismei 1.200 pessoas pouco mais ou menos, principiando pelas 6 horas e acabando pela 1 da manhan.

Dia 12. Sahi de São-Miguel pelas 7 horas da manhan acompanhado de muitos cavalleiros, uns de São Miguel, outros de Porto de Pedras, donde tinham vindo para me acompanharem, onde cheguei pelas 10 e meia da mesma

manhan.Na entrada d'esta villa fizeram uma rua de arcos enfeitados. Fui hospedado em caza do padre Lourenço, a quem n'este dia nomeei vigario encommendado da mesma villa erecta novamente em freguezia.

Dia 13. Tomei algumas justificações de solteiros para tirar do máo caminho os que viviam no erro. Chamei o juiz de paz d'esta villa e o reduzi a que lançasse fóra de si a mulher estranha, e chamasse para sua caza a propria com quem voluntariamente se tinha espozado, ao que assentio,promettendo assim praticar,e pelas 11 horas crismei na capella da Praia mais de 200 pessoas, tendo antes d'este acto dado posse ao novo vigario, visto que esta capella foi servindo de matriz, attenta a impossibilidade de concorrerem os povos á capella de Nossa Senhora da Gloria, collocada em um morro de difficil transito. Por esta occazião dirigi ao povo uma breve exhortação acerca do novo paroco. De tarde crismei mais de 400 pessoas, depois que dei audiencia e despachei alguns requerimentos.

Dia 14. Pelas 7 horas da manhan sahi de Porto de Pedras,e me dirigi á freguezia de São-Bento,onde cheguei pelas 9 da mesma manhan, e como visse o paroco gravemente infermo, e junto da matriz não existissem habitantes, em consequencia da guerra dos cabanos, sahi d'esta freguezia pelas 5 horas da tarde, acompanhando-me o juiz de paz d'esta freguezia e mais duas pessoas álem da minha familia, lamentando a indecencia em que a matriz existia, e fui pernoitar em caza do juiz de paz na Barra-Grande,

Dia 15. Sahi d'este lugar pelas 7 horas da manhan, jantei no Abreo, e prenoitei no engenho denominado Ilhetas.

Dia 16. Sahi d'este engenho pelas 5 horas da manhan. e demorando-me algum tempo no de Mamucaba, cheguei ao engenho de Antonio Marques em Serinhaen pelas 11da mesma manhan.

Dia 17. Celebrando missa na capella d'este engenho, que está mui decente e rica, sahi pelas 9 horas da manhan, acompanhado de alguns padres e seculares, cheguei ao engenho Sibiró pelas 10 e meia da mesma manhan, vindo

ao meu encontro o senhor d'este engenho e seu irmão. Na capella d'este engenho, que está mui rica, crismei 30 pessoas, e pelas 4 horas da tarde sahi com os mesmos cavalleiros, que me acompanharam por espaço de uma legua, e me encaminhei ao engenho das Mercês, onde cheguei pelas 8 da noite.

Dia 18. Crismei na capella d'este engenho, que tambem é muito rica, 20 pessoas, e pelas 4 horas da tarde me dirigi ao engenho Garapú, onde, acompanhado de alguns cavalleiros, cheguei pelas 6 e meia, vindo outros ao meu encontro.

Dia 19. Acompanhado de alguns cavalleiros, sahi d'este engenho pelas 6 horas da manhan, e vizitando o Marquez do Recife, cheguei á Bôa-Viagem pelas 11 da mesma manhan, acompanhando-me os dois filhos do Marquez e o coronel Lamenha até á ponte dos Carvalhos. Jantando na Boa-Viagem, sahi d'este lugar pelas 4 da tarde, e me dirigi para o palacio da Soledade, onde cheguei pelas 6 da mesma tarde, agradecendo a Nossa Senhora da Soledade tantos e tão repetidos beneficios, que se dignou prestar-me durante tão prolongada vizita.

J. B. Diocezano

Itinerario da 4ª vizita em 1836

Dia 19 de Outubro. Sahi da Soledade pelas 5 horas da manhan, e fui almoçar e jantar no Engenho-Velho, em Jaboatão, hospedado com muita grandeza e decencia, e d'este engenho sahi pelas 6 da tarde, vindo ao meu encontro o vigario d'esta freguezia, crismei no engenho Moreno pelas 8 horas da noite, e ali pernoitei.

Dia 20. Sahi pelas 5 e meia horas da manhan, dirigindo-me a Santo-Antão, onde crismei pelas 9 da mesma manhan, e feita a oração na matriz, fui hospedado em caza do vigario, e ali pernoitei, despachando alguns requerimentos. Alguns moradores illuminaram as suas

janellas, e houveram alguns foguetes, tendo n'este dia sido vizitado por algumas pessoas,

Dia 21. Sahi d'esta villa antes das 5 horas da manhan, houveram alguns foguetes e luminarias n'esta occazião, e pelas 8 da mesma manhan cheguei á caza de Feliciana Maria, velha sexagenaria, em cuja caza passei a calma, e pelas 3 horas da tarde me dirigi á povoação de Crauatá, passando a serra das Russas, que tem de comprimento duas leguas, no meio da qual, sem abrigo algum, supportei por espaço de 20 minutos uma grande chuva, e cheguei á dita povoação pelas 6 e meia horas da mesma tarde e ali pernoitei.

Dia 22. Não pude sahir pela manhan em consequencia de estar todo o calçado e vestuario muito molhado, e de tarde pelas 5 horas sahi da povoação, e me encaminhei á matriz de Bezerros, onde cheguei pelas 9 horas da noite, vindo ao meu encontro muitos cavalleiros em distancia de 2 leguas.

Dia 23. Recebi algumas vizitas, e fui á matriz ouvir missa, e pelas 11 abri a vizita, estando a igreja com muita gente de um e outro sexo, por cuja cauza fiz a pratica do costume, depois de observadas as ceremonias prescritas. A matriz está mui decente, tem 5 altares mui aceiados, e ricamente dourados, promovendo eu o aceio das paredes em quanto divizei falta. Não tem pia baptisnal, que já se mandou encommendar, porém o sacrario está mui decente, bem como todos os paramentos. Não achei n'esta freguezia hospedagem, mais que uma indecente caza, sem camas, nem cadeiras, pois que os habitantes, attenta a auzencia do proprio paroco por intrigas, não quizeram preparar-me o apozento, e depois que se arranjou a ceia, determinei mandar fazer a despeza da comida á minha custa. N'este dia pelas 5 horas da tarde crismei 300 pessoas pouco mais ou menos, com pratica no fim por espaço de meia hora, e depois despachei varios requerimentos.

Dia 24. Celebrei na matriz, assistindo algumas pessoas, e sagrei um calix, e pelas 11 horas da manhan crismei mais de 300 pessoas; depois do que tratei de restituir ao vigario á sua freguezia, falando com Luiz Jozé, com

Pedro Lourenço, amigos do vigario, e com os dois irmãos, os quaes, segundo me contava, tentavam contra a vida do vigario, todos trez me prometteram não se oppôrem á entrada do dito vigario, cazo se corrigisse d'alguns excessos até agora praticados, aliás dar-me parte para eu o fazer retirar da freguezia, como lhes prometti e afiancei. De tarde, pelas 6 horas, crismei mais de 700 pessoas, e concedi muitas despensas quazi todas gratuitas.

Dia 25. Sahi d'esta povoação pelas 7 horas da manhan em companhia do juiz de paz e outros cavalleiros, e me dirigi á villa do Bonito, onde cheguei pelo meio dia, vindo ao meu encontro as autoridades, e outros cavalleiros, que já em maior numero tinham vindo esperar-me ao romper da manhan. Fui hospedado em caza do juiz de paz, e de tarde crismei na capella mais de 100 pessoas, com pratica no fim. Este juiz de paz me hospedou com muita decencia e de bôamente e divizei n'elle muita probilidade e religião. N'este dia concedi licença ao padre Francisco Jozé Corrêia, missionario, para crismar na freguezia de Bezerros por espaço de 2 mezes. De tarde, pelas 6 e meia até á meia noite, crismei 900 a 1.000 pessoas, estando acommettido de uma defluxão.

Dia 26. Despachei alguns requerimentos, entre os quaes appareceo o do padre Domingos de Jezus Maria, de Cabaceiras, que pelos motivos expostos foi absolvido da censura, e depois pelas 11 horas crismei 200 pessoas pouco mais ou menos, com pratica no fim.

Dia 27. Sahi d'esta villa acompanhado das autoridades e mais alguns cavalleiros, até a distancia de legua e meia, pelas 8 da manhan, em consequencia de não se aprontarem os cavallos a tempo de sahir pelas 4, como estava determinado, e cheguei ao lugar da Rajada pelas 11 da mesma manhan, onde passei a calma, vindo beijar-me a mão muitos vizinhos de um e outro sexo, e uma mulher me offertou um maço de rôlo de cêra preta, que não aceitei, agradecendo a sinceridade que commigo uzou, dando-lhe a conhecer o meu affectuozo reconhecimento, e pelas 3 e meia me dirigi a Caruarú, onde cheguei pelas 8 da mesma tarde, vindo ao meu encontro, em distancia de 2 leguas, 100 cavalleiros pouco mais ou menos, e

entrando na povoação, foi esta illuminada, e houve tiros em demonstração de alegria. Fui bem hospedado pelo padre Nemezio, não consentindo jámais que eu fizesse a despeza da comida.

Dia 28. Ouvi missa na capella, celebrada pelo padre Jorge Guerra,e vieram á minha rezidencia muitas pessoas beijar-me a mão. Pelas 6 horas e meia da tarde até as 11 e meia crismei quazi 1.000 pessoas, com pratica no fim.

Dia 29. Despachei muitos requerimentos, e pelo meio dia até 3 hora crismei mais de 500 pessoas, com pratica no fim, vizitando antes o sacrario, onde existe o Santissimo Sacramento, que está mui decente internamente, recommendando a mesma decencia externamente. De tarde, pelas 7 horas até a 1, crismei mais de 1.000 pessoas.

Dia 30. Ouvi missa pelas 9 horas, e confessei uma mulher, e de tarde, pelas 5 até 8, crismei quazi 600 pessoas, e despachei varios requerimentos.

Dia 31.Sahi d'esta povoação pelas 9 horas da manhan, acompanhado de muitos cavalleiros por espaço de 2 legoas, e cheguei ao lugar denominado Gado-Brabo, onde passei a calma, muito bem hospedado, e recebido com toque de sinos, de muzica e tiros, em demonstração de regozijo. No oratorio d'esta caza crismei algumas pessoas vizinhas, e depois de jantar me dirigi á povoação do Altinho, onde cheguei pelas 6 da mesma tarde, acompanhado de mais de 100 cavalleiros,que d'esta povoação vieram ao meu encontro.Fui hospedado pelo vigario na mesma caza, onde o Carapéba recebeo os tiros, cauzativos de sua morte, e n'esta noite se illuminaram a povoação.

Dia 1 de Novembro. Amanheci com uma grande indigestão, proveniente de agua que bebi no meio da estrada, e de ter caminhado, logo depois de jantar, pela força do sol.

Dia 2.Amanheci melhor,e depois de despachar varios requerimentos, mandei chamar D. Francisca, administradora da capella de Panellas para com ella tratar acerca da trasladação do patrimonio da dita capella, a qual existe em terras da dita D. Francisca, estando mui vizinho

aquelle patrimonio, inutil porém por estar fóra do terreno em que está situada a capella, não se pôde ultimar este negocio, dependente da vontade de muitos herdeiros, aos quaes com tudo a mesma D. Francisca se obrigou a falar para que de bôa mente cedessem a terra, em que está fundada a capella, aceitando em recompensa o patrimonio, por estar mui proximo e não haver prejuizo. N'este dia chamei João Francisco da Silva, por ter abandonado sua honrada mulher, para ter commercio com duas mulheres vizinhas, de quem tem seis filhos, e depois de uma tocante exhortação, prometteo não as communicar mais, conduzindo seus filhos para sua caza, as quaes a propria mulher está pronta a aceitar, e o vigario ficou encarregado de ultimar este negocio com efficacia.

Dia 3. Celebrei pelas 8 horas, assistindo muitas pessoas de um e de outro sexo, e dei a sagrada communhão a mais de 20 pessoas, que se tinham confessado, e depois dei audiencia, e despachei varios requerimentos. Pelo meio dia chamei o padre Antonio Couto, para lhe estranhar o procedimento de embriagar-se, intrigante, e concubinado com uma prima, posto que me constou, que já estava corrigido da embriaguez, e assegurando-me o dito padre que a dita sua prima existia 3 leguas distante d'elle, determinei tomar mais exactas informações. De tarde, pelas 5 horas, crismei quazi 700 pessoas, com pratica no fim contra os concubinatos, adulterios, etc.

Dia 4. Despachei varios requerimentos, e pelas 9 horas crismei quazi 600 pessoas. Igualmente admoestei a Francisco Paes Sarmento, para que cazasse com a sua concubina; o que elle prometteo fazer quanto antes ou dotal-a para cazar com outro, resolvido a deixar a má vida, attentas as razões que lhe expuz, agradecendo-me ao mesmo tempo a suave e doce correcção para bem de sua alma. N'este dia me certifiquei acerca do padre Couto, e fui certificado, que sua prima não estava com elle, e constando-me que o dito padre por varias vezes a vizitava, immediatamente diligenciei, que fôsse entregue a sua mãe, determinando que o vigario nomeasse para seu estoler, em lugar do dito padre, ao padre Valença por ser mui

digno para exercer este ministerio. O mesmo vigario convencionou comigo confiar a jurisdicção parochial no distrito do Altinho ao dito padre Valença indenpendente d'elle vigario, por distar da matriz 20 legôas; ao que annui para bem geral d'aquelles povos, muito satisfeitos com tal deliberação. Pelas 5 horas crismei quazi 500 pessoas.

Dia 5. Celebrei pelas 9 horas no altar de Nossa Senhora das Dôres, assistindo muitas pessoas, algumas das quaes receberam a sagrada communhão pela minha mão, depois de confessadas. Despachei varios requerimentos, crismei mais de 200 pessoas. N'este dia chamei o adultero João de Deos, e o corrigi acerca dos excessos praticados, promettendo elle emendar-se. Tambem chamei o já mencionado João Francisco da Silva, para lhe estranhar asperamente o procedimento contrario á promessa, que me fez, visto que a suavidade não tinha produzido effeito, attento o que o deixei recommendado ao sub-prefeito Pedro Antonio de Sobral, bem como todos os outros, para uzar dos meios legaes. Veio tambem á minha prezença N. dos Santos, concubinado, e depois que o admoestei, prometteo cazar dentro de um mez. Tambem n'este dia mandei chamar a mãe do padre Couto, para que esta cooperasse, quanto podesse, afim de que seu filho não tivesse mais communicação com sua prima, que devia ser entregue a sua mãe, ainda mesmo pela coacção, visto que ella tinha repellido de si o seu marido. Como porém este designio não era praticavel, convencionamos em que falasse eu aos irmãos d'esta mulher cazada, para um d'elles a receber em sua caza, procurando persuadil-a a praticar este arbitrio, que os mesmos irmãos approvavam, segundo constava.

Dia 6. Celebrei pelas 7 horas, e dei a sagrada communhão a 6 pessoas. Chamei o padre Couto, e novamente o argui, acerca do procedimento com sua prima, protestando mandal-o sumariar, si elle não se corrigisse, certificando-o ao mesmo tempo que eu passava a dar todas as providencias pelo sub-prefeito da povoação. Pelas 10 horas crismei mais de 300 pessoas, e de tarde pelas 5 sahi d'esta povoação acompanhado de muitos

cavalleiros, e me dirigi á caza de João Jozé Martins, no Catolé, onde cheguei pelas 6 e meia da mesma tarde, tendo soffrido uma queda, logo que sahi da dita povoação por cauza de estar o meu cavallo offendido de uma mão.

Dia 7. Sahi d'esta caza com alguns cavalleiros pelas 6 horas da manhan, tendo antes escutado uma mulher cazada e outra solteira, as quaes recommendei ao sub-prefeito, para por meio da lei remediar os males que me foram expostos. Cheguei á caza de João Benevides Moniz Falcão, no Riaxo-Doce pelas 8 e meia da mesma manhan, e arranjando-se um altar, ali se baptizaram 9 crianças e uma preta, tendo esta 18 annos de idade, a qual já sabia rezar a doutrina, posto que não se percebia muito, por cauza da sua grande rudez, e sendo por mim instruida nos principaes misterios, que fielmente acreditava, fiz com ella o acto de contrição, antes do baptismo condicional. Depois d'este acto crismei 150 pessoas, e sahi d'esta caza pelas 6 horas da tarde, acompanhado de muitos cavalleiros, e logo depois soffreo Jozé Antonio uma queda, porque o cavallo se espantou, ficando maltratado da mão direita e parte do corpo. Cheguei á caza de N. Correia, no lugar denominado Volta pelas 8 horas da mesma tarde. Fui mui bem hospedado, e a caza estava illuminada, porque o dono era religiozo e rico, e logo se medicou a mão de Jozé Antonio.

Dia 8. Appareceram n'esta caza muitos cavalleiros de São-Bento, que me foram cumprimentar, e logo que chegaram, sahi pelas 7 horas da manhan acompanhado de outros cavalleiros que já me tinham seguido. Cheguei ao lugar de São-Bento pelas 9 da mesma manhan, e Jozé Antonio foi conduzido em uma rede por 6 pretos, a quem mandei dar 18 patacas, e o Paixão tambem soffreo uma queda, que o deixou um pouco machucado. O meu famulo Antonio tambem soffreo uma queda no caminho de Bezerros para o Bonito, porém sem prejuizo. Depois de ser bem recebido em São-Bento, crismei pelas 5 horas da tarde 300 pessoas pouco mais ou menos, com pratica no fim.

Dia 9. Pelas 10 horas crismei mais de 300 pessoas, e depois falei com os irmãos da prima do padre Antonio Alves de Couto, e convencionamos o melhor modo

de a poder afastar da communicação com seu primo, ainda mesmo falando acerca de tal objecto ao prefeito de Garanhuns. visto que o sub-prefeito do Altinho não podia ingerir-se sem perigo de vida. Quiz n'esta occazião suspender o dito padre; porém julguei necessario fazel-o alguns dias depois. N'este dia concedi licença ao padre Francisco Jozé Corrêia para crismar na freguezia de Cimbres, e pelas 5 horas da tarde crismei 600 pessoas pouco mais ou menos.

Dia 10. Promovi alguns cazamentos de homens mal encaminhados, e mandei baptizar uma moça branca na idade de 16 a 18 annos (condicionalmente) por ter sido achada em bom caminho, e não haver certeza de seu baptismo, sendo porém examinada de doutrina. Pelas 10 horas crismei mais de 300 pessoas, despedindo-me por meio de uma pequena pratica, na qual supliquei quizessem todos concorrer modo do possivel para se acabar a capella, que estava em grande adiantamento. Pelas 5 horas da tarde sahi d'esta povoação, acompanhado d'alguns cavalleiros, e me dirigi ao lugar denominado Riaxo da Baixa, onde cheguei pelas 6 e meia da mesma tarde, e pelas 9 veio ter comigo uma mulher acompanhada d'outra, supplicando-me lhe valesse, concedendo-lhe despensa de banhos para cazar com um viuvo.

Dia 11. Pelas 5 horas e meia da manhan, justificada perante mim aquella viuvez, mandei cazar estes contrahentes(por despacho) pelo vigario de Garanhuns, visto que o contrahente era da freguezia de Una e a contrahente do Bom-Jardim, moradora porém na de Garanhuns. Este matrimonio foi celebrado com urgencia por motivos mui attendiveis no lugar denominado Jupi,onde o vigario veio ao meu encontro, e onde cheguei pelas 9 da mesma manhan. De tarde crismei na capella 150 pessoas, com pequena pratica no fim.

Dia 12. Sahi do Jupe pelas 6 horas da manhan,e cheguei á matriz de Garanhuns pelas 10 e meia acompanhado de 50 a 60 cavalleiros, que vieram ao meu encontro. Fui recebido debaixo do pálio, e feita a oração, me recolhi na caza da camara, recebendo de tarde algumas vizitas.

Dia 13. Celebrei pelas 7 e meia, assistindo muitas pessoas, e depois mandei chamar o padre Jozé Francisco Santiago, assistente no Brejo da Madre de Deos, afim de o encarregar da freguezia d'Aguas-Bellas. Recebi partecipação de Francisco Domingos da Santa Cruz Costa, assegurando-me ter revalidado alguns dos matrimonios, que lhe determinei, e que deixava alguns para serem revalidados pelo vigario da freguezia da Imperatriz, afim de ir quanto antes reger a do Buique, da qual interinamente o encarreguei. Em consequencia do que lhe ordenei, que não fosse sem revalidar todos os matrimonios, e que me mandassem dizer, si eu lhe tinha dado faculdade para despensar os gráos áquelles cujos matrimonios havia revalidado, por que eu tinha duvida a tal respeito. Em consequencia do grave inconveniente, proveniente da sahida do padre Valença da povoação de São-Bento, de commun acordo com o vigario de Garanhuns determinei, que o dito padre existisse algum tempo no Altinho, e por alguns dias em São-Bento, afim de contentar os povos, em quanto não apparece um sacerdote idoneo e até que a assemblea delibere acerca da divizão da freguezia, que muito se faz mister.

Dia 14. Suspendi o padre Couto do uzo de suas ordens e jurisdicção, officiando ao prefeito para o corregir acerca de tal excesso, cuja correção hoje pertence á policia. Pelas 8 horas abri a vizita, cujo officio foi cantado, bem como o *Te-Deum* no princio, sendo recebido debaixo do palio, e assistindo muita gente, li a pratica do costume. O sacrario e os paramentos estão decentes, porém a matriz deteriorada, muito acanhada, e não tem pia baptismal; posteriormente á bertura da vizita despachei muitos requerimentos, e recebi algumas vizitas. Pelas 6 horas da tarde crismei 300 pessoas pouco mais ou menos, com pratica no fim.

Dia 15. Despachei muitos requerimentos, e pelas 11 horas crismei mais de 500 pessoas, com uma exhortação no fim, e pelas 6 da tarde 700 pessoas mais ou menos, com pratica no fim.

Dia 16. Se retirou o padre Valença para São-Bento. De tarde, pelas 6 horas, crismei mais de 700 pessoas,

com pratica no fim. No dia antecedente sahio d'esta villa pelas 5 horas da tarde o prefeito Antonio Borges Leal, dirigindo-se á capital da provincia, em consequencia de se ter aprezentado n'esta villa, uma porção de gente armada para o assassinar no dia 21 do corrente antecedente á minha chegada, constando que não poderam executar aquelle designio na occazião determinada por falta da reunião d'alguns individuos para aquelle pessimo fim; mas que pretendiam executal-o, logo que eu sahisse.

Dia 17. Confessei um rapaz para se cazar, e concedi ao paroco facnldade para crismar n'esta freguezia por espaço de 3 mezes. N'este dia mandei passar procuração ao padre Jozé Francisco Santiago de Oliveira para reger a freguezia das Aguas-Bellas, cuja procuração a elle entreguei pessoalmente, para ter vigor passado o dia do Natal, tempo em que elle podia ir para este destino. N'este dia tambem autorizei o vigario de Gararanhuns para vizitar as capellas e oratorios, e despachei varios requerimentos.

Dia 18. Sahi d'esta villa pelas 8 horas da manhan, e passei a calma no Olho-d'agua, e pernoitei no Mucambo.

Dia 19. Sahi d'este lugar pelas 7 e meia horas da manhan, e passei a calma no Riaxão, fazenda do conego chantre, pernoitando no sitio denominado Liberal.

Dia 20. Sahi d'este sitio pelas 7 e meia horas da manhan, e dirigindo-me á villa da Pesqueira, cheguei pelas 10 horas da mesma manhan, sem que pessoa alguma d'esta villa me esperasse, em consequencia de não serem recebidas as cartas de partecipação; apezar do que fui hospedado em uma grande caza, cujo dono se chama Pantaleão de Siqueira Cavalcanti, o qual me tratou com muita grandeza e decencia. N'este dia á noite houve grande trovoada, depois da qual surgio uma contenda entre alguns individuos, de cujo rezultado ficaram gravemente feridos dois e um morto.

Dia 21. Celebrei na capella, que é mui decente e bem construida, e de tarde baptizei um filho do Pantaleão e chrismei algumas pessoas de sua familia. N'este dia veio ter comigo o reverendo paroco da freguezia, á qual pertence esta villa, a quem mandei chamar visto não

ter recebido a mesma partecipação. Não fui vizitar a matriz, que dista 4 leguas d'esta villa, por estar collocada em lugar dezerto, e sem commodidades alguma para eu ali me demorar. Com informação do paroco concedi licença ao dito Pantaleão para se fazer um novo cemiterio fóra da villa com a decencia necessaria, pois a capella não tem sufficiente espaço. Esta villa está mui bem principiada com algumas cazas bem formadas e em ponto grande de sobrado, com grades de ferro, mui aceiadas, e os habitantes pretendem collocar ahi a matriz.

Dia 22. Sahi d'esta villa pelas 6 horas da manhan, acompanhado de alguns habitantes que me obsequiaram em todo o tempo que ali me demorei, e me dirigi ao engenho Genipapo, onde cheguei pelas 10 horas, e de tarde crismei algumas pessoas na capella d'este engenho, bem construida e decente, posto que não tenha sacerdote que celebre. N'este engenho recebi partecipações do Altinho, como a suspensão imposta ao padre Couto ia produzir funestas consequencias; examinadas as quaes, julguei absolver o dito padre, como com effeito absolvi, concorrendo para este fim a correcção do dito padre, que me foi promettida. Acreditei aquellas funestas consequencias por conhecer a intriga, que actualmente reina no Altinho, e protestei ao dito padre, que eu procederia contra elle, si da sua parte não houvesse perfeita emenda.

Dia 23. Sahi d'este engenho pelas 5 horas da manhan em direcção ao Brejo da Madre de Deos, villa e cabeça de comarca, onde cheguei pelas 9 e meia da mesma manhan, vindo ao meu encontro alguns cavalleiros, e feita a oração na matriz, fui bem hospedado pelo padre Marianno Falcão, que me assegurou ser feita a despeza da minha hospedagem pelo vigario e o tenente-coronel Cordeiro. Recebi varias vizitas das principaes autoridades e outras pessoas.

Dia 24. Abri a vizita pelas 10 horas conduzido á matriz por alguns homens vestidos de opa. Cantou-se o *Te-Deum*, porém o officio da vizita, ao qual assistio o vigario, o padre Falcão e frei João do Lado de Christo, franciscano que n'esta villa encontrei fazendo as vezes de coadjutor, visto que o paroco, já maior de

70 annos e tremulo, não póde curar toda a freguezia. Examinando a igreja, apenas achei decente o sacrario e algum paramento. Quanto aos mais utensilios mui indecentes por falta de cuidado e zelo do paroco, acerca de cujo objecto prudentemente o adverti, e recommendei ao dito Falcão, professor publico, tomasse todo o cuidado em reparar aquella falta, e esforçando-se, por todos os meios ao seu alcance, no concerto da matriz e no decoro do culto. De tarde não crismei, porque não houve a quem administrar este sacramento.

Dia 25. Tomei informações do vigario para me certificar de algum mal encaminhado afim de os admoestar. Chamei o dito frei João do Lado de Christo na persuasão que ali estava com a devida licença, e fiscalisando os seus papeis, fiquei duvidozo sobre a dita licença, determinando certificar-me logo que chegasse ao Recife. De tarde crismei na capella algumas pessoas.

Dia 26. Recebi vizitas das autoridades, e de tarde crismei pelas 6 horas quazi 200 pessoas.

Dia 27. Celebrei particularmente na matriz pelas 8 horas, e depois me appareceo um homem do Páo dos Ferros supplicando a despensa do cunhadio, e como eu justamente lh'a negasse me offereceo por trez vezes dois cartuxos de dinheiro, pretendendo que eu os acceitasse para a concessão da despensa, e como eu o repellisse, notando-lhe esta ouzadia, continuou na demonstração do dezejo que tinha que eu aceitasse os taes cartuxos, ainda que não concedesse a despensa. E conhecendo eu a sua velhacada, o admoestei como convinha sobre tal objecto, para que elle escolhesse outra espoza. De tarde crismei pelas 5 horas e meia quazi 600 pessoas, com pratica no fim, declamando contra os adulterios, furtos, assassinios etc., como em todas as occaziões tenho praticado, instruindo igualmente os povos nos deveres para com Deos e o proximo, e excitando-os á observancia dos preceitos da santa igreja.

Dia 28. Não crismei por cauza da chuva.

Dia 29. Pelas 10 horas crismei quazi 200 pessoas, e de tarde pelas 6 quazi 400, com pratica no fim. N'este dia chamei dois comcubinados, Jozé

Felis com Luzia, e Manoel Gomes com Anna, e attentas as razões perante mim expostas me prometeram cazar quanto antes.

Dia 30. Celebrei na capella de Nossa Senhora da Conceição, onde tenho crismado, porque a matriz fica distante da minha rezidencia, e no fim de uma ladeira. Despachei varios requerimentos, e pelas 10 horas crismei quazi 400 pessoas, e de tarde pelas 5 e meia mais de 800, com pratica no fim, á qual quizeram assistir todas as mulheres, posto que antes de crismar os homens lhes tivesse dado a benção para se retirarem. N'este dia chamei varios concubinados: Antonio Francisco Machado com Cipriana, sendo cazado, que me assegurou já não communicava com esta mulher, posto que estivesse criando um filho seo, para depois de um anno o entregar a sua propria mulher, que o aceitava Jozé Ignacio com Maria, que deve ir ao Recife para provar como cazou contra sua vontade obrigado pelo tenente coronel Martins, afim de ficar livre e desempenhado para contrahir novo matrimonio: João Jozé Velho com Anna, vae morar no Recife, disse, para tirar a occazião e não quer cazar, porque a concubina é parda: Luiz Jozé da Espectação com Felippa, assegurou-me não ter communicação com a concubina, ha 6 mezes: Jozé de Barros Corrêia prometteo enviar a concubina para o Brejo d'Arêia a procurar seo marido, ou, si este fôr morto, mandar vir a certidão para com ella cazar: Antonio Ourives com Maria, ficou persuadido, que devia deixar a má vida, e cazar com a concubina. Alguns d'estes tem filhos já reconhecidos, e todos receberam a minha exhortação com a maior submissão e docilidade, sem que podessem fugir ás razões por mim expostas para os afastar do máo caminho.

Dia 1.° dezembro. Chamei Jozé Corrêia de Araujo, e prometteo remetter quanto antes a concubina para seu marido em Pajahu, no que trabalha ha tempos por não querer viver em peccado. Pelas 9 horas despedi-me das autoridades e mais pessoas principaes da villa, depois crismei algumas pessoas, e despachei varios requerimentos. Pelas 5 horas da tarde sahi d'esta villa, e

acompanhado de todas as autoridades e mais cavalleiros em numero quazi de 50, me dirigi á caza do tio do padre Falcão (Valerio), que me hospedou muito bem, e a quem suppliquei a liberdade para um cazal de pretos, que pretendiam a alforria por 600$000, vencida por mim a difficuldade que havia da parte tam-sómente do senhor.

Dia 2. Sahi d'esta caza pelas 7 horas da manhan, e cheguei ao lugar denominado Santa-Cruz, cuja capella é filial de Taquaritinga, pelas 10 horas da mesma manhan, acompanhado de alguns cavalleiros, que me foram procurar na distancia de 6 leguas. De tarde pelas 5 horas, concorrendo muita gente para a crisma, estando ornado com mitra e baculo, annunciei ao povo, que Sua Magestade Imperial Constitucional fazia annos etc. e dando os vivas proprios d'este dia, o povo respondeo com grande enthuziasmo e houve alguns tiros, e repique de sinos. Depois crismei 800 pessoas pouco mais ou menos, com pratica no fim,

Dia 3. Sahi d'este lugar pelas 6 horas da manhan, e me dirigi á matriz de Taquaritinga, onde cheguei pelas 11 da mesma manhan, acompanhado de alguns cavalleiros, por espaço de 4 leguas. Na matriz não existe o Santissimo Sacramento por estar com o tecto descoberto, e apenas n'ella se póde celebrar, por cuja cauza não abri a vizita.

Dia 4. Ouvi missa na matriz pelo meio dia, e depois de annunciar administração do sacramento da confirmação, expondo como se devia receber, como sempre tenho praticado. De tarde, pelas 6 horas, crismei mais de 200 pessoas, com pratica no fim. N'este dia despachei alguns requerimentos, e persuadi a um homem para cazar com a concubina, não se tendo resolvido a praticar este dever, querendo antes supportar os graves inconvenientes que lhe estavam eminenes da parte dos parentes da dita concubina.

Dia 5. Despachei varios roquerimentos, e dirigi ao paroco de Brejo da Madre de Deus uma portaria para obrigar debaixo de suspensão os padres estoleres e outros a que remettam os assentos dos baptismos, obitos e cazamentos por si proprios, e outra para a vizita das capellas e oratorios. N'este dia pelas 10 horas da manhan, mui

perto da minha rezidencia, um homem recebendo umas cacetadas, matou a facadas aquelle que lh'as tinha dado, que morreo sem confissão apezar da diligencia do padre Lopes, que, por zelo da salvação das almas, partio a correr para o absolver. De tarde pelas 5 horas e meia crismei mais de 400 pessoas, com pratica no fim.

Dia 6. Arrangei varios cazamentos de pessoas mal encaminhadas, e não crismei por cauza da chuva.

Dia 7. Pela manhan crismei 150 pessoas pouco mais ou menos, e ordenei, que o paroco vizitasse as capellas e oratorios. Tambem mandei passar provizão de coadjutor ao padre Francisco Jozé da Silva. De tarde crismei quazi 400 pessoas, com pratica no fim.

Dia 8. Celebrei, e dei a sagrada communhão a um homem e uma mulher, que n'este dia tinham de receber-se em matrimonio, por terem promettido não se juntar, sinão passadas as 24 horas. Arrangei alguns cazamentos para brevemente se effectuarem, e mandei chamar Francisco Antonio, cazado com uma honrada e virtuoza mulher, para o persuadir a que largasse a concubina, de quem já tinha 5 filhos, e elle me prometteo deixal-a, recommendando eu este particular ao prefeito, para o obrigar a cumprir a promessa, cazo faltasse. Tambem chamei a concubina, sua mãe e seus irmãos, para os persuadir que de commun acordo cooperassem para o bom exito d'este negocio, e elles assim o prometteram, fazendo recolher esta mulher á caza de sua mãe para com ella viver, visto ser solteira e não em caza separada. Este adultero resistio ao principio da minha admoestação, porém finalmente prometteo cumprir o seu dever, tendo em consideração a minha exhortação, declarando-me ao mesmo tempo que não temia as autoridades, com que o ameaçava; attento o que lhe fiz a obrigação de lhes obedecer. De tarde crismei mais de 200 pessoas, com pratica no fim.

Dia 9. Sahi de Taquaritinga pelas 8 horas da manhan acompanhado de alguns cavalleiros, e fui passar no sitio denominado Vertente, com muito incommodo por cauza da extensa ladeira que desci a pé, por ser a mais terrivel que tenho encontrado, e pelas 4 horas da tarde sahi d'este sitio, supportando alguma chuva, em consequencia de não

haver ali pasto para os cavallos, e cheguei ao lugar chamado Topada pelas 7 horas da mesma tarde, atérrado pela trovoada e grande escuridão da noite, por espaço de uma legua.

Dia 10. Sahi d'este lugar pelas 8 horas da manhan, me dirigi ao denominado Couro d'Anta, onde cheguei pelas 11 da mesma manhan, acompanhado de alguns cavalleiros, encontrando pelo caminho muitas pessoas de um e outro sexo, que se encaminhavam ao lugar donde sahi, para serem crismadas, persuadindo-se que ali ficava para este fim. De tarde pelas 4 horas sahi de Couro d'Anta, dirigindo-me ao lugar denominado Malhadinha, onde cheguei pelas 6 e meia da mesma tarde, apeando-me trez vezes nos lugares mais escabrozos, e vieram ao meu encontro 2 cavalleiros e o padre capellão, que me hospedou. Esta povoação pertence á freguezia do Limoeiro.

Dia 11. Celebrei particularmente pelas 8 horas, pelas 10 crismei mais de 100 pessoas, e de tarde pelas 6 quazi 300, com pratica no fim.

Dia 12. Sahi d'este lugar pelas 6 horas da manhan, e me dirigi á matriz do Bom-Jardim, vindo ao meu encontro mais de 60 cavalleiros em distancia de 3 leguas no lugar chamado Riaxo-Grande, onde almocei, e vizitei a capella de Nossa Senhora da Conceição, bem construida, recommendando eu a decencia necessaria. Depois que sahi d'este lugar cahio muita chuva, por espaço de hora e meia, a qual toda recebi por não ter abrigo. Apezar da muita chuva vieram os irmãos do Santissimo receberme debaixo do pálio um pouco distante da matriz, lançaram-se alguns foguetes, e deram tiros em signal de regozijo, e feita a oração ao Santissimo Sacramento, me retirei para a hospedagem preparada pelo paroco.

Dia 13. Pelas 10 horas abri a vizita, cujo officio foi cantado. Fui conduzido debaixo do pálio, e praticadas todas as ceremonias, achei a matriz e todos os utensilios decentes. Assistiram 4 padres, com os quaes cantei o *Te-Deum* no principio.

Dia 14. Despachei alguns requerimentos, e de tarde crismei mais de 400 pessoas, com pratica no fim.

Dia 15. Celebrei particularmente na matriz, assistindo algumas pessoas, e depois arrangei um cazamento muito difficil de se realizar. De tarde crismei pelas 6 horas, sem interrupção, quazi 1.200 pessoas, finalizando pela meia noite, dirigindo aos povos uma pequena admoestação acerca dos deveres para com Deos, e com o proximo.

Dia 16. Despachei varios requerimentos, e pelo meio-dia crismei quazi 200 pessoas. Pelas 6 da tarde até as 11 crismei 1.000 pessoas pouco mais ou menos, com pratica no fim.

Dia 17. Pelo meio dia crismei mais de 400 pessoas com uma breve exhortação no fim, e 1.200 pouco mais ou menos pelas 6 da tarde até depois da meia-noite.

Dia 18. Ouvi missa conventual pelas 10 horas, e pelo meio dia crismei quazi 500 pessoas. De tarde pelas 6 e meia crismei mais de 300 pessoas, com pratica no fim, á qual assistiram mais de 500 e n'esta occazião fiz a minha despedida. N'este dia autorizei o paroco para vizitar as capellas e o oratorio, para crismar em sua freguezia por espaço de 2 mezes, e revalidar alguns matrimonios n'ellas por falta de despensas de parentesco, communicando-lhe a faculdade de despensar todos os gráos lateraes, á excepção do 1.° em afinidade licita.

Dia 19. Sahi d'esta freguezia pelas 6 horas da manhan acompanhado de grande numero de cavalleiros até ao lugar Passasunga em caza do padre Christovão, na distancia de 3 leguas, onde encontrei outros muitos ditos, que vieram do Limoeiro ao meu encontro; e depois de um esplendido almoço, durante o qual tocou a muzica dos pretos, e houve tiros e foguetes, me dirigi á matriz do Limoeiro, onde cheguei depois do meio dia, e apeando-me no principio da villa, fui recebido debaixo do pálio conduzido em procissão.

Dia 20. Despachei varios requerimentos, e pelas 10 horas abri a vizita, principiando pelo *Te-Deum* cantado. O sacrario e os mais utensilios estão decentes, bem como os paramentos. De tarde crismei mais de 200 pessoas, com pratica no fim.

Dia 21. Celebrei particularmente, e recebi algumas

vizitas. De tarde, pelas 6 horas e meia, chrismei mais de 800 pessoas, com pratica no fim, finalizando pela meia noite.

Dia 22. Pelas 6 horas e meia da tarde crismei quazi 1.000 pessoas, com pratica no fim, finalizando o acto pelas 10 e meia.

Dia 23. Despachei varios requerimentos, e de tarde, estando n'esta villa o vigario do Bom-Jardim, o mandei chamar para o reconciliar com o vigario do Limoeiro, visto que de muito tempo estavam divorciados. Esta reconciliação se effectuou com o melhor exito, e descendo eu para o crisma o vigario do Limoeiro pôz outra estola nos hombros do do Bom-Jardim, com a qual foi assistir ao crisma. N'esta occazião crismei mais de 600 pessoas, com pratica no fim, excitando o povo a celebrar a nascimento de Jezus Christo, tendo-lhe feito vêr, em os dias antecedentes, qual era a verdadeira piedade, de que deviam estar animados em tal solemnidade.

Dia 24. De tarde fui passeiar pela villa, e na hora de meia noite celebrei pontificalmente as 3 missas, em um altar que se collocou na porta da matriz com decencia, em consequencia do grande concurso de povo que se esperava, e com effeito excedeo a 1.000 pessoas, e no fim dirigi ao povo uma breve admoestação acerca do prezente misterio. Tanto no principio como no fim quizeram os irmãos de Santissimo, que eu fosse conduzido debaixo do pálio, pelo que me resolvi a vestir a capa magna.

Dia 25. Nada occorreo.

Dia 26. Celebrei particularmente na matriz, e de tarde pelas 6 horas e meia crismei mais de 400 pessoas, com pratica no fim.

Dia 27. Celebrei, e pelas 6 horas e meia da tarde até depois das 2 da manhan, crismei, sem interrupção, mais de 2.000 pessoas.

Dia 28. Ouvi a missa do paroco, e falei com o padre Machado, a quem mandei chamar por lhe estranhar certo procedimento, e por não comparecer na minha prezença, como devia, durante os dias da vizita. O mesmo aconteceo com o padre Lima de Páo d'Alho, por ter celebrado em altar portatil, sem licença, e em oratorio

privado, sem se aprezentar ao paroco, e mostrar-lhe os seus titulos. Pelas 6 horas e meia da tarde crismei mais de 800 pessoas, com pratica no fim, que finalizei despedindo-me para me dirigir a Santo-Antão.

Dia 29. Concedi ao paroco d'esta freguezia faculdade para crismar por espaço de 2 mezes e o autorizei para vizitar as capellas e oratorios. De tarde fui despedir-me das autoridades, e de noite veio ter comigo um homem, sua mulher e uma filha cazada, aos quaes mandei chamar para a congrassar com seo marido, que para este fim compareceo, e como esta mulher de modo algum quizesse viver com seu marido, mandei-os retirar, ficando o marido com liberdade de uzar do seu direito.

Dia 30. Sahi d'esta freguezia pelas 6 horas da manhan, acompanhado de muitos cavalleiros, e me dirigi ao lugar de Pepiri, onde cheguei depois do meio dia, na certeza de encontrar ali uma familia, em cuja caza devia jantar e passar a calma, mui forte que estava. Porem por cauza de um inconveniente, não achei a familia, nem onde jantar, contentando-me com o descanço que tomei recostado em uma esteira. Pelas 4 horas da tarde parti para Santo-Antão, sem jantar, por se ter extraviado o comboio, e cheguei a esta villa pelas 5 e meia da mesma tarde, vindo ao meu encontro, junto de Pepiri, muitos cavalleiros e logo depois encontrei muitos outros que fixaram o numero de mais de 100, entre os quaes as autoridades d'esta villa, no principio da qual estavam armados muitos arcos, ornados de varias formas, e logo me apeei, entrando na capella do Livramento, onde fui recebido debaixo do pálio, e depois de feita a oração, fui em procissão á matriz, um pouco distante, seguido de muito povo, e uma companhia de soldados, que ao entrar na dita capella me tinha cortejado. Depois que na matriz fiz oração, agradeci os obzequios prestados, assegurando a todos a satisfação que me cauzavam por serem sinceramente tributados a favor da santa religião, que felizmente professamos. Depois do que me retirei para caza de frei Joaquim dos Prazeres Brayner, que me hospedou com muita decencia, acompanhado de muita gente, e a todos dei a mão a beijar, por

que me não deixavam entrar sem que lhes prestasse esta attenção.

Dia 31. Celebrei na capella de Nossa Senhora do Rozario, e no fim admoestei aos assistentes para irem á matriz pelo meio-dia assistir ao *Te-Deum*, que eu tinha de celebrar, e a mesma partecipação mandei fazer na missa conventual. Recebi depois algumas vizitas, e pelo meio-dia fui á matriz, e depois que me paramentei e expuz o Santissimo na custodia junto do sacrario, e cantou-se o *Te-Deum* por muzica, que foi por mim satisfeita na quantia de 10$000. A este acto assistiram as autoridades para este fim convidadas, e muita gente de um e outro sexo, e encaminhando-me para a minha rezidencia acompanhado de muita gente, fui obrigado a dar a mão a beijar, assim dentro da igreja, como á entrada da minha rezidencia.

1837. Dia 1°. de Janeiro. Celebrei na mesma capella, e como assistisse muita gente, me resolvi dirigir-lhes uma pratica depois do psalmo *Lavabo*, fazendo-lhes vivos os beneficios recebidos da bondade de Deos, e como d'ora em diante deviamos ser mais agradecidos que até agora, etc. Depois despachei varios requerimentos, e concedi faculdade ao padre missionario Francisco Jozé Correia para crismar em São João do Cariri, a rogo do juiz de paz. que para este fim me escreveo, e na Ingazeira, a rogo do vigario interino, em ambas as freguezias por espaço de 2 mezes. Tambem n'este dia recebi algumas vizitas.

Dia 2. Despachei varios requerimentos, confessei uma mulher, e pelas 11 horas abri a vizita, sendo conduzido para a matriz de baixo do palio, cujo officio foi rezado e prezenciando demaziáda negligencia no paroco acerca do sacrario, paramentos e mais utensilios que estão muito indecentes, rotos, sujos e maltratados, estranhei na prezença de todos os circunstantes um tal procedimento, exigindo que immediatamente fossem reformados e arranjados com a devida decencia, propondo no meu animo suspender o paroco até que este publicamente demonstre o zelo, de que deve estar revestido pela honra e gloria de Deos. Logo que me recolhi á minha rezidencia, confessei um preto cazado, que sómente comigo se quiz confessar.

Dia 3. Celebrei particularmente na capella mencionada, despachei varios requerimentos, e de tarde crismei n'esta capella mais de 300 pessoas, com pratica no fim.

Dia 4. Dei audiencia mui demorada acerca d'alguns cazamentos difficultozos de se realizarem, e concebi esperanças de se vencerem as difficuldades, afim de evitar os concubinatos. De tarde crismei mais de 400 pessoas, com pratica no fim.

Dia 5. Confessei uma mulher, e de tarde crismei, quazi 600 pessoas, com pratica no fim, á qual assistio muito maior numero de pessoas.

Dia 6. Celebrei, assistindo muitas pessoas de um e de outro sexo, e pelas 6 horas da tarde crismei quazi 800 pessoas, com pratica no fim, á qual assistiram mais de 1.000 pessoas.

Dia 7. Confessei um homem e sua mulher, e pelas 5 da tarde baptizei solemnemente na matriz o neto do prefeito, e depois principiei a crismar pelas 6 na capella do Rozario, e acabei á meia noite, excedendo o numero dos crismados a 1.800. Acabada a crisma, appareceram varias figuras vestidas á maneira de anjos, conduzindo a bandeira com imagem de Santo Antão, que devia ser collocada defronte da matriz na mesma noite, e foram em procissão correr as ruas da villa com muitos archotes e foguetes acompanhado de um innumeravel concurso de povo, collocando a dita bandeira no lugar já dito, lançaram ao ar muitos foguetes e bombas, tocando a muzica, e finalizando este acto pelas 2 horas da manhan.

Dia 8. Ouvi a missa conventual pelas 10 horas, e falei a um homem, que mandei chamar para não mais dizer a seu filho, que se divorciasse com sua mulher, ou a matasse, assim como chamei a outro a quem admoestei para não perturbar mais seu filho cazado. De tarde crismei mais de 700 pessoas, com exhortação no fim acerca da caridade do proximo e dos adulterios praticados em todos os lugares, por onde tenho transitado, bem como a respeito dos concubinatos, contra os quaes todos os dias me tenho declarado, fazendo vêr as obrigações matrimoniaes, e proferindo razões para convencer os cumplices em taes delictos. Apezar de consumir 3, 4, 5, 6, 7, e 8 horas na

administração da crisma, sem interrupção, rarissimas vezes omitti a pratica de meia até 3 quartos de hora, procurando falar ao coração dos ouvintes na espectação de que Deos os tocasse, afim de frutificarem para a vida eterna. Já mais perdi de vista os preceitos da lei de Deos e da santa igreja, principalmente aquelles que existem em grande desleixo e negligencia. Tenho tambem declamado contra o uzo de rogar pragas, contra a intriga e enrêdo, mui communs entre estes povos, que sempre me escutaram com muita attenção, persuadindo-os eu a prestar obediencia ás leis e ás autoridades d'este imperio, corroborando sempre a minha doutrina com os exemplos de Jezus Christo e dos santos padres, fazendo-lhes vêr finalmente o interesse que tenho tomado na sua temporal e eterna prosperidade.

Dia 9, 10, 11, e 12. Couza alguma occorreo. N'este ultimo dia me appareceo frei Francisco da Porciuncula, participando-me a morte do vigario da Luz, que o deixou regendo a igreja, quando para curar-se desceo para o Recife, por cuja cauza o autorizei para continuar na regencia incluzos, os matrimonios, em quanto por poucos dias não ia um sacerdote por mim designado para exercer o ministerio parochial.

Dia 13. Dei audiencia, e despachei varios requerimentos, e pelas 6 horas da tarde, até depois de meia noite, crismei mais de 1.000 mulheres, e não crismei os homens em numero igual, por ser atacado de uma grande tosse.

Dia 14. Tambem dei audiencia, e despachei alguns requerimentos, e pelas 6 horas da tarde, até depois de meia noite, crismei mais de 1 000 homens, e não os demais pelo mesmo motivo d'ontem.

Dia 15. Confessei 2 mulheres, ouvi missa conventual, e de tarde pelas 5 horas principiei a crismar mais de 2.000 pessoas, finalizando este acto pelas 2 da manhan.

Dia 16. Dei audiencia, despachei varios requerimentos, pelos quaes occorri a muitos males, que aconteceriam, si eu não estivesse prezente. N'este dia nomeei para vigario da Luz ao padre Christovão de Olanda Cavalcanti de Albuquerque.

Dia 17. Celebrei solemnemente na matriz, conduzido em procissão debaixo do palio, por ser dio da orago n'esta villa, cuja festa e novena foi celebrada com innumeravel concurso de povo, e de tarde houve procissão solemne com o Santissimo Sacramento, a cujo acto não assisti, por estar incommodado.

Dia 18. Confessei um homem, despachei varios requerimentos e arrangei o cazamento de um Indio muito mal encaminhado. De tarde despedi-me das autoridades e á noite chamei o vigario d'esta freguezia, e lhe estranhei a grande negligencia e desmazelo acerca da matriz, e tendo tenção de o suspender, annui aos rogos que elle me dirigio para obter licença por espaço de um anno para cuidar de sua saude, confirmando eu a nomeação que elle fez para fazer as suas vezes na pessoa do coadjutor, frei Joaquim Brayner, que prometteo dar ao vigario 400$ annuaes. N'este dia dei 20$ de esmola para as obras da matriz, que vae reparar-se por meio de subscripção.

Dia 19. Pelas 6 horas da manhan sahi de Santo Antão, acompanhado de muitos cavalleiros, e almocei no engenho Genipapo, e depois me dirigi ao de Arandú, onde cheguei pelas 10 horas da mesma manhan, e logo depois de jantar crismei na capella mais de 500 pessoas, e pelas 7 horas da noite parti para o engenho Noruega, onde cheguei pelas 10 e meia da mesma noite, acompanhado do senhor d'este engenho, do vigario da freguezia da Escada, e de muitos outros cavalleiros em numero mais de 100, vindo uns ao meu encontro em Arandú e outros em Caxoeira-Tapada. Feita a oração na capella de Nossa Senhora da Conceição, que está mui decente e rica, me recolhi em caza do senhor do engenho, que me hospedou com muita grandeza, e na acção de me recolher agradeci a todos o obzequio, que de bom grado me tinham prestado.

Dia 20. Crismei de tarde mais de 50 pessoas.

Dia 21. Celebrei particularmente, assistindo o capellão do engenho e o vigario de Buique, que me acompanhou desde Santo-Antão até o Recife, preenchendo o lugar do padre Lopes, que de mim se apartou no dia 18 do corrente, para ir prégar ao Caxangá. Antes de celebrar benzi os mui ricos paramentos pertencentes ao dono d'este

engenho, que chegaram da cidade do Porto, e ficaram sendo proprios d'esta capella, para servirem na festa de Nossa Senhora da Conceição, e de tarde crismei mais de 400 pessoas, com pratica no fim, principiando este acto pelas 6 horas da tarde e finalizando pelas 9. Antes d'este acto baptizei uma criança, que me offereceram, quazi expirando.

Dia 22. Pelas 6 horas da manhan fui vizitar o Santissimo Sacramento existente na capella do engenho Dois-Braços, em consequencia de ter cahido a matriz. A capella e o sacrario estão mui decentes, e logo me retirei por cauza do sol, ouvindo missa na capella do engenho da Noruega, que celebrou o vigario de Buique. De tarde, pelas 6 horas até ás 11 e meia, crismei mais de 800 pessoas, com pratica no fim.

Dia 23. Falei ao padre João Gualberto Luiz de Barros, capellão do engenho Frecheiras, a quem mandei chamar, para lhe estranhar o seu máo procedimento, pelo qual o quiz suspender. Porém as suas promessas deram occazião a que eu não procedesse contra elle. Deixei-o comtudo recommendado ao senhor do engenho Noruega, para, no cazo de não haver correcção, proceder contra elle como lhe assegurei. Tambem foi por mim examinado este padre das ceremonias da missa. N'este mesmo dia falei ao padre Joaquim Jozé de Oliveira Cruz, constituido em idade avançada, capellão do engenho Arandù, a quem mandei chamar para lhe estranhar a embriaguez, que, segundo me constou, tinha abandonado ha pouco tempo, e attentas as suas promessas, não o suspendi. Ficou igualmente por mim recommendado ao senhor do dito engenho, que com elle veio por mim chamado, para me avizar, si elle cumpre a promessa, para no cazo contrario ser suspenso; do que o dito padre ficou sciente. De tarde pelas 6 horas crismei mais de 800 pessoas, com pratica no fim, cujo acto finalizou pouco antes da meia noite. N'este dia dirigi uma pratica a uns noivos, que vieram receber-se na capella d'este engenho, a cujo capellão autorizei para este fim, em consequencia de ter lido e guardado a licença, que obtiveram do vigario interino do Cabo, para serem recebidos pelo padre Chacon, que não é confessor, e a dita licença ser

concedida para este assistir ao contrato nupcial, sem fazer menção do sacramento, por cuja cauza escrevi ao dito vigario estranhando-lhe similhante fraze, mandando-lhe que d'ora em diante, não a uzasse.

Dia 24. Fui á povoação da Escada na distancia de 4 leguas, acompanhado d'alguns cavalleiros e do senhor do engenho da Noruega, que fielmente me tem acompanhado nas digressões que tenho feito. Achei com effeito a matriz em parte arruinada, e em parte cahida, e depois de prezenciar a sua ruina immediatamente me retirei. De tarde, pelas 5 horas e meia até a meia noite, crismei mais de 1.000 pessoas) com pratica no fim.

Dia 25. Celebrei na capella com assistencia de algumas pessoas, e depois fui na sacristia tomar os depoimentos do vigario, que, segundo me constou, eram pessimos. N'este dia, como nos outros, dei audiencia, despachando varios requerimentos, e pelas 6 horas da tarde até as 9 crismei quazi 500 pessoas, com pratica no fim, finalizando com a despedida.

Dia 26. Confessei um homem, e depois continuei a tomar os depoimentos, á vista dos quaes mandei chamar o dito vigario, a quem falei na sacristia pelas 5 horas da tarde, declarando-lhe que pedisse licença para vir para o Recife a titulo de molestia, ou eu passava a suspendêl-o, attenta a urgente necessidade de sua auzencia. E como o dito vigario concordasse mandar, no outro dia pela manhan, o requerimento para aquelle fim, nada mais resolvi.

Dia 27. Continuei a tomar os depoimentos até fixar o numero de 8 testimunhas, e como o vigario não requeresse aquella licença, mandei o meu famulo Jozé Antonio falar com elle pelo meio-dia, e tendo aquelle resolvido não supplicar a mencionada licença, determinei suspendel-o por uma portaria, que lhe dirigi na data de hoje, nomeando na mesma data para paroco interino o padre Joaquim Manoel Rodrigues Campello, determinando que este pague ao vigario proprietario a terça parte dos reditos da igreja, e que nomeasse coadjutor para ser por mim approvado. De tarde crismei 4 mulheres e 2 homens, que para este fim vieram ali na distancia de 5 legoas.

Dia 28. Sahi da Noruega pelas 7 horas e meia da manhan na companhia do capitão-mór e mais alguns cavalleiros, e me dirigi ao engenho Gurjahu de cima, onde cheguei pelas 10 e meia da mesma manhan, tendo vindo d'este engenho ao meu encontro o dono e mais outros cavalleiros, e entrando na capella, que está mui decente, fiz oração ao Santissimo Sacramento ali collocado para commodidade dos povos, e logo examinando o sacrario, prezenciei a sua decencia e aceio, posto que sem pedra d'ara, que se mandou conduzir immediatamente. De tarde crismei algumas pessoas, e nomeei para coadjutor da Escada o padre Manoel Jozé Pereira Pinto de Lemos. Tambem n'este dia mandei chamar o padre Pascoal, vigario interino do Cabo, por cauza de algumas más noticias que vieram ao meu conhecimento.

Dia 29. Celebrei na capella d'este engenhoc om assistencia de muitas pessoas, e de tarde pelas 5 horas e meia até ás 10 crismei quazi 1.000 pessoas, com pratica no fim.

Dia 30. Falei ao padre Pascoal, preenchendo o fim para que o mandei chamar, e nada pude determinar, sem primeiramente falar com o vigario collado, que rezidia no Recife desde que foi lançado fóra da sua igreja por um seu parochiano com grande violencia. Veio n'este dia ter comigo o padre Campello, participando-me que o vigario da Escada não quiz dar á execução a provizão, pela qual nomeei o dito Campello vigario interino, em consequencia da suspensão imposta, e immediatamente mandei chamar o padre Lemos, nomeado para coadjutor, e lhe mandei passar provizão de vigario interino, a qual foi lida na estação da missa, sem contradicção, porque já o vigario collado tinha sahido para o Recife, e o novamente nomeado principiou a reger a igreja com grande louvor dos povos. Tambem respondi a um officio do juiz de paz de Catolé e a um requerimento de alguns d'esta freguezia, em que pediam a conservação do padre Mota, não querendo jámais n'esta freguezia o paroco proximamente collado, e respondi exhortando os povos a que recebam o seu legitimo paroco, visto não ter culpas, e como me era prohibido fazer conservar n'aquella matriz o

sacerdote, que a estava regendo. De tarde pelas 6 horas até á meia noite crismei mais de 1.000 pessoas, com pratica no fim.

Dia 31. Sahi d'este engenho pelas 4 horas da tarde e pernoitei no de Suassuna, onde cheguei pelas 7 da mesma tarde, sendo hospedado com muita decencia.

Dia 1.° Fevereiro. Sahi d'este engenho pelas 6 horas da manhan, e cheguei á minha rezidencia pelas 9 da mesma manhan, vizitando o Santissimo Sacramento nas matrizes de Santo Antonio e da Boa-Vista.

J. B. DIOCEZANO

Itinerario da vizita no anno de 1839

No 1.° de Maio sahi da Soledade pelas 4 horas, e cheguei a Iguarassù depois do meio dia; fui hospedado pelo vigario d'esta freguezia no convento de São Francisco, onde não achei religiozo algum. O caminho d'esta cidade até o engenho Paulista estava com máo transito; pelo que caminhei algumas vezes a pé. Em Iguarassú determinei ao vigario, que remettesse ao padre Gama a lista dos benezes e mais emolumentos que se costumam pagar pelos baptizados, etc., afim de que, no fim d'esta vizita, estabeleça eu uma pauta, pela qual se regulem os parocos d'esta dioceze, passando para este fim a determinar aos outros parocos das freguezias, por onde transitei, cumprissem outro igual dever.

Dia 2. Sahi de Iguarassú pelas 5 horas da manhan, almocei no engenho Cagafôgo, e pernoitei em Goiana, subindo e descendo algumas ladeiras a pé. Cheguei a esta villa pelas 5 horas da tarde, e fui hospedado em caza de meu amigo Manoel Gonçalves de Faria, depois que supportei muitos incommodos na passagem do

Bujari. Em todas as freguezias, por onde tranzitei, houveram repiques de sinos e outras demonstrações de satisfação pela minha prezença.

Dia 3. Celebrei na matriz pelas 8 horas.

Dia 4. Couza alguma occoreo.

Dia 5. Celebrei no recolhimmento da Soledade pelas 8 horas, e despachei varios requerimentos.

Dia 6. Sahi de Goiana pelas 7 horas da manhan, almocei em Dois-Rios, e antes de chegar a este lugar mandei baptizar uma criança em perigo de vida. Pelas 9 horas sahi, e cheguei a Pedras de Fôgo pelo meio dia, e fui hospedado pelo vigario.

Dia 7. Despachei alguns requerimentos e fiquei esperando a liteira, que mandei conduzir de Goiana, onde tinha ficado para se arranjar de maneira que me podesse conduzir, pois que ali a tinha deixado para este fim, encarregando esta diligencia ao padre Francisco Ourique de Vasconcellos. N'este dia determinei por uma pastoral, que nenhum sacerdote administrasse sacramentos sem licença do paroco, determinando igualmente outras providencias ácerca de diversos objectos.

Dia 8. Fiquei detido por não ter chegado a liteira, que veio pelas 8 horas da noite.

Dia 9. Sahi de Pedras de Fôgo pelos 6 1/2 da manhan, e me dirigi a Itabaiana, passando a calma no sitio da Parahibinha, onde rezei nôa de joelhos por ser dia d'Assumpção, e cheguei pelas 6 da tarde á dita Itabaiana, sendo hospedado pelo padre Gabriel. Fui aqui vizitado pelo paroco do Pilar, a cuja freguezia pertence esta povoação, ao qual determinei remetesse ao padre Gama a pauta dos benezes etc.

Dia 10. Sahi de Itabaiana pelas 6 horas da manhan, e passando a calma no Mojeiro de cima, appareceo uma preta viuva com sua mãe, supplicando despensa para cazar com seo cunhado, cujo requerimento ficou em meu poder para ser dirigido ao delegado de Sua Santidade, cheguei á povoação do Ingá pelas 6 horas e meia da tarde, e fui hospedado pelo alferes Dionizio.

Dia 11. Sahi de Ingá pelas 5 1/2 horas da manhan, e passando a calma em caza de João Francisco no

Logrador, cheguei á freguezia da Campina-Grande pelas 7 horas da noite, vindo ao meu encontro o tenente coronel Manoel Pereira de Araujo e o padre coadjutor, que goza muito bom nome, pois que o paroco me acompanhou desde Goiana, e em cuja caza fui hospedado.

Dia 12. Assisti á missa conventual, e no fim admoestei o povo para comparecer nos dias 13, 14 e 15, afim de receber o sacramento do crisma, dirigindo-lhe em tal occazião uma pratica acerca de seos deveres para com Deos.

Dia 13. Abri a vizita pelas 11 horas, cujo officio foi cantado, praticadas as ceremonias prescritas no pontifical. A matriz, com o titulo de Nossa Senhora da Conceição, é mui grande, porém não está acabada, attento o que excitei os povos a concorrerem para o seo acabamento. O sacrario está mui decente, os paramentos etc., com bastante uzo. Assistio a este acto o vigario, o coadjutor e o padre Lourenço, mui digno sacerdote. Faltaram com cauza legitima os padres Herculano e Antonio Manoel Cirilo d'Oliveira. De tarde crismei pelas 6 horas 100 pessoas pouco mais ou menos, e no fim fiz uma pratica por espaço de meia hora. Depois mandei chamar dois amancebados publicos, e os persuadi á união conjugal.

Dia 14. Autorizei o paroco para vizitar as capellas, e remetter-me os respectivos instrumentos, e pelas 5 horas crismei 400 pessoas, com pratica no fim. N'este dia determinei, que os reverendos sacerdotes não administrassem sacramentos sem licença do paroco, a quem deviam remetter as respectivas certidões no prefixo termo de 15 dias, sob pena de suspensão por 3 mezes.

Dia 14. Crismei alguns individuos mal encaminhados, e os reduzi a que cazassem; tambem despachei varios requerimentos de despensa matrimonial e de confessores, e pelas 5 horas até as 11 crismei mais de 800 pessoas, com uma pratica no fim mais extensa, fazendo menção da feira que se costuma fazer no domingo, para persuadir os povos a que a mudassem para o sabado, e encommendando este objecto ao sub-prefeito. Fui vizitar a capella

de Nossa Senhora do Rozario, que achei indecente, e satisfeita a esmola do costume, mandei, que a guardassem para ajuda da despeza, que se deve fazer com a decencia da mesma capella.

Dia 16. Crismei pelas 10 e meia horas mais do 50 pessoas, e de tarde 12. N'este dia vieram ter comigo os vigarios do Brejo de Arêia e da Lagôa-Nova, aos quaes determinei remettessem ao padre Gama a pauta dos benezes etc. A este ultimo paroco estranhei alguns procedimentos provenientes, da falta de experiencia, para cujo fim o tinha mandado chamar, e supplicando-me n'esta occazião a admissão do seu beneficio, pouco depois me pedio, que n'este o mandasse collar; para o que dei as necessarias providencias. Por permissão minha póde este paroco reservar para si 4 patacas de cada capella que vizitar, e por justos motivos o autorizei para crismar até o altimo de Dezembro do corrente anno.

Dia 17. Sahi da Campina-Grande pelas 9 horas da manhan, e fui passar a calma no Lograder em caza do tenente coronel Manoel Pereira, e ali crismei mais de 100 pessoas, e na mesma tarde cheguei a São-Pedro, pernoitando em caza do filho do dito tenente coronel.

Dia 18. Sahi de São-Pedro pelas 6 da manhan, e passeia calma nos Pocinhos em caza de João Ferreira, donde sahi pelas 5 horas, e cheguei á freguezia de Cabaceiras pelas 6 e meia, vindo ao meu encontro mais de 20 cavalleiros com o vigario interino Jacinto..., de idade avançada.

Dia 19. Celebrei na matriz pelas 7 e meia horas, assistindo algumas pessoas. O vigario collado d'esta freguezia não existe actualmente em sua freguezia por cauza de molestia, licenciado por mim para tratar de sua saude na cidade da Parahiba, distante 50 leguas.

Dia 20. Celebrei, como hontem, por ser a primeira oitava de *Pentecostes*, e não abri a vizita em consequencia de não existir sacrario, e a matriz estar em grande pobreza e indecencia. Attento o que passei a fazer uma seria exhortação ao vigario interino, e a outros que estavam prezentes, a fim de concorrerem para o seu melhoramento, principalmente acerca da existencia do

Santissimo no sacrario, da decencia dos paramentos etc. De tarde pelas 6 horas crismei quazi 300 pessoas, com pratica no fim. N'este dia me apareceo aquelle Virginio, que cazou nullamente em Taquaritinga por culpa do paroco d'esta freguezia, e me certificou, que seu matrimonio estava revalidado, em consequencia da minha determinação, assegurando-me que o dito vigario o tinha cazado pela amizade, que lhe tributava, posto que fosse de encontro ao meu primeiro despacho, sem com tudo receber alguma quantia.

Dia 21. Celebrei, como hontem, e depois examinei os paramentos e a pia baptismal, recomendando ao vigario interino e ao major Jozé Victorino de Barros, que mandassem dourar os calices, o relicario, e concertar os paramentos, bem como engomar os corporaes, pois que o dito major é quem conserva em seu poder alguns rendimentos pertencentes á matriz, cujo titulo é o de Nossa Senhora da Conceição. Examinei os livros e corregi os defeitos que n'elles encontrei. Pelas 5 horas da tarde crismei mais de 700 pessoas, com pratica no fim.

Dia 22. Fui prezidir pelas 9 horas na matriz á nova creação da irmandade do Santissimo, cuja promovi para existir d'ora em diante regida por um compromisso. Elegeram-se 12 irmãos e 6 empregados, principiando pela eleição do juiz. De tarde, pelas 6 horas, crismei 300 pessoas, com pratica no fim. N'este dia despachei varios requerimentos, e tratei de remover o paroco I. supplicando elle a sua demissão para se verificar no 1° de Agosto do corrente anno, a fim de não ser demittido com escandalo, posto que assim o merecesse, segundo o que prezenciei, e me foi denunciado. Por cauza d'esta demissão, nomeei o reverendo Gervazio Alves da Silva, morador na freguezia do Bom-Jardim, e na falta d'este o reverendo Herculano Xavier da Rocha, prevenindo tudo quanto podesse acontecer a respeito.

Dia 23. Sahi de Cabaceiras pelas 7 horas da manhan, e passei a calma nos Algodoaes em caza de um tenente-coronel, e pelas 4 da tarde parti para a freguezia de São-João de Cariri, onde cheguei pelas 7, vindo ao meu encontro mais de 20 cavalleiros no espaço de 2 leguas,

e fui hospedado pelo paroco, depois que fiz oração na matriz.

Dia 24. Abri a vizita pelas 10 horas, conduzido em procissão debaixo do palio, sendo cantado o respectivo officio. A igreja, cujo titulo é o de Nossa Senhora dos Milagres, está decente, posto que pobre. Tem alguns ornamentos bons e outros ricos, muito boa custodia, e roupa branca mui aceiada e com abundancia. A umbela e relicario são ricos, e sómente os calices não estão dourados, pelo que recomendei sua breve douração. Pelas 6 horas da tarde crismei algumas pessoas. N'esta freguezia não crismei numero consideravel de pessoas, por que ha pouco tempo n'ella tinha crismado o reverendo Francisco Jozé Correia.

Dia 25. Examinei os livros, cujos assentos achei atrazados, cuja negligencia estranhei. Despachei tambem alguns requerimentos e autorizei o paroco para vizitar as capellas, e deixei escriptas algumas providencias, como já tinha praticado em outras freguezias, acerca dos assentos dos baptizados etc. nas capellas.

Dia 26. Celebrei na matriz pelas 8 horas com assistencia de algumas pessoas, e mandei revalidar um matrimonio celebrado sem despensa do 1°. gráo d'affinidade illicita em linha recta, porque veio ter comigo aquelle que o contrahio, supplicando remedio para seu mal, e dizendo que me estava esperando para este fim desde que teve noticia de minha chegada a este lugar, rezidindo na distancia de 8 legoas. De tarde, pelas 6 horas, crismei mais de 100 pessoas, com pratica no fim.

Dia 27. Sahi de Cariri pelas 7 horas da manhan, acompanhado de alguns cavalleiros, e passei a calma em Jaramataca em caza de Estevão Correia de Queiroz, donde vieram algumas pessoas ao meu encontro, e donde sahi pelas 3 horas da tarde com alguma chuva, que continuou até eu chegar a Santo-André, em caza de Gaspar Alves Bezerra, em cuja caza pernoitei, supportando fome e falta de cama.

Dia 28. Sahi de Santo-André, e passei a calma na Viração, debaixo de um telheiro, donde sahindo ás 2 da tarde pernoitei no Páo dos Ferros, debaixo de um telheiro.

Dia 29. Sahindo do Páo dos Ferros, passei a calma na Passagem, donde sahindo pelas 4 da tarde, pernoitei em Cacimba dos Bois, em um albergue, onde me furtaram uma cruz peitoral de cobre dourada, por ali pernoitaram uns estrangeiros.

Dia 30. Sahi de Cacimba dos Bois pelas 5 da manhan, e cheguei á matriz da freguezia dos Patos pelas 7 e meia, e fazendo oração, me appareceo o vigario, que me hospedou, dizendo que não recebera avizo algum sobre a minha vinda para esta freguezia, de que colligi que o sub-prefeito de Cariri não lhe remeteo o officio, que para este fim lhe mandei entregar no dia 24. Celebrei n'este dia por ser o de *Corpus Christi*.

Dia 31. Abri a vizita pelas 11 horas, sendo conduzido em procissão debaixo do palio á matriz, cujo titulo é o de Nossa Senhora da Guia. O officio foi cantado. A igreja, posto que pobre, o sacrario, os paramentos etc. estão decentes. N'este dia tambem celebrei, e não crismei por não comparecerem pessoas, a quem conferisse este sacramento, e de tarde despachei varios requerimentos de despensa matrimonial.

Dia 1°. de Junho. Celebrei e concedi algumas despensas matrimoniaes, e de tarde crismei mais de 100 pessoas, com pratica no fim. Depois do crisma mandei chamar Jozé Barata, pae de dois amancebados publicos, que não estavam na freguezia, e tratei com elle, prezente o sub-prefeito, para obrigar seus filhos a cazarem com suas concubinas, ou d'ellas se separarem, para evitar o escandalo que ocazionavam, e assim ficou convencionado.

Dia 2. Celebrei pelas 8 horas com assistencia de muitas pessoas, a quem exhortei a irem á missa conventual, na qual eu tinha de fazer uma pratica acerca do sacramento eucharistico. N'este dia chamei Jozé Martins, amancebado, e escutando a minha exhortação, prometeo cazar com outra, visto que aquella com quem existe concubinado pertenceo a outros. De tarde crismei quazi 800 pessoas, com pratica no fim. N'este dia compareceo o padre Dantas e o padre Francisco, natural do arcebispado de Braga, supplicando-me o agregasse á minha familia para diligenciar uma capellania, ao que annui.

Dia 3. Celebrei, e despachei varios requerimentos, crismando pelas 6 horas da tarde mais de 400 pessoas. Foi este o dia, em que chamei dois amancebados publicos, quaes são o escrivão dos orfãos d'esta villa, e outro por sobre-nome Calado, e ambos me prometteram evitar similhante escandalo, protestando que já de muito tempo assim o tem proposto em seu animo, passando eu a exhortal-os para que por todos os meios ao seu alcance evitem taes precipicios, e fazendo-lhes ver a urgencia de assim o praticarem.

Dia 4. Celebrei, e despachei varios requerimentos de despensa matrimonial, entre as quaes uma de Jozé Mendes dos Santos para cazar com Feliciana Antonia da Conceição, sua cunhada, cuja despensa concedi por motivos muito urgentes «gratis». De tarde crismei 50 pessoas, e determinei a vizita das capellas pelo paroco. Dei igualmente outras providencias, como as que deixei em outras freguezias, acerca dos assentos feitos pelos estoleres. N'este dia e no de hontem soffri grande amargura, por cauza do depravado procedimento do vigario, quando publicamente concubinado dentro de sua caza com alguns filhos. Existem motivos pelos quaes apenas pude conseguir, que este vigario depozitasse a mulher e os filhos em outra caza, ainda mesmo dentro da villa, o que n'este dia se effectuou, depois de anoitecer, dadas por mim as providencias para nunca mais entrar aquella mulher em caza do vigario, que prometteo arranjal-a fóra da villa. Deixei este negocio recomendado ao padre Antonio Dantas, e seu irmão, sub-prefeitos da mesma villa, para me avizarem da correcção do vigario, ou em cazo contrario. Depois mandou-me este vigario 4 queijos, farinha, chouriços, duas mantas de carne, e apenas recebi uma pequena parte, regeitando o resto. A este mesmo paroco prohibi despensar banhos, recomendando-lhe as praticas nos domingos e dias santos. Ha pouco tempo aconteceram dois cazos: o 1°. consta da fugida de um pae com sua filha, por não poder praticar livremente com a dita sua filha, e foi morto no caminho por seus cunhados com a maior deshumanidade : o 2°. consta, que o marido achou em flagrante sua mulher com o pae d'esta, que foi morto no mesmo acto.

Dia 5. Sahi da freguezia dos Patos pelas 6 horas da manhan acompanhado de alguns cavalleiros, e passando a calma no Bom-Jezus, pernoitei em Macapá, supportando alguns incomodos por falta de comida e caza com arranjo. N'esta tarde se encontrou comigo o vigario do Pombal, distante da sua matriz 12 legoas, caminhando para a freguezia de Patos a procurar-me.

Dia 6. Sahi de Macapá pelas 5 horas da manhan, e passando a calma em Jatobá, pernoitei em São-Joaquim. Depois que sahi da freguezia dos Patos, encontrei bôa agua de beber.

Dia 7. Sahi de Jatobá pelas 5 horas da manhan, e pelas 7 cheguei á villa do Pombal, donde vieram muitos cavalleiros ao meu encontro, e pouco depois ouvi missa na matriz, e escrevi ao vigario da freguezia dos Patos, admoestando-o ao cumprimento de suas promessas acerca do procedimento acima referido, e exhortando-o ao de seus deveres para o futuro.

Dia 8. Abri a vizita, indo em procissão debaixo do palio, e praticadas as cerimonias prescritas achei a igreja e os paramentos etc. decentes, e sómente fiz retirar o corporal do sacrario por estar indecente. O oficio da vizita foi cantado, ao qual assistiram os vigarios do Assú e Catolé. O da villa de Souza tambem compareceo n'esta villa. N'este dia tratei de remediar os males da freguezia do Catolé, mandando chamar o padre Jozé Ferreira da Mota, para na qualidade de coadjutor reger esta freguezia, retirando-se o paroco collado emquanto subsistir a intriga que contra este dominava. N'esta occazião persuadi ao padre Alvaro, que não annuisse ás pretenções de alguns habitantes do Catolé, que pretendiam se verificasse n'elle a regencia d'esta igreja. O mesmo pratiquei com o vigario do Assú, por conhecer querer este permutar com o vigario do Catolé. De tarde crismei 40 a 50 pessoas.

Dia 9. Ouvi missa, e despachei alguns requerimentos, e de tarde crismei 500 pessoas, com pratica no fim.

Dia 10. Conferenciei com o paroco d'esta freguezia acerca de alguns objectos, e crismei 400 pessoas, com pratica no fim.

Dia 11. Concedi algumas despensas matrimoniaes, e crismei 800 pessoas, com pratica no fim.

Dia 12. Concedi tambem algumas despensas matrimoniaes, entre as quaes a de Jozé Dias de Oliveira para cazar com sua cunhada Maria Florinda, por motivos urgentes, comprovados pelos depoimentos de 3 testimunhas. N'este dia chegou o padre Jozé Ferreira da Mota acima referido, e lhe entreguei a provizão de coadjutor para a igreja do Catolé, a rogo do respectivo paroco, que estava prezente, e depois de uma longa conferencia, sómente no dia seguinte pôde haver decizão sobre alguns objectos. De tarde crismei mais de 800 pessoas, com pratica no fim, interrompida por indicios certos de chuva, depois do que compareceram pelas 9 horas varias pessoas do Catolé, supplicando-me a remoção do proprio paroco. Foi então que os avizei do que se tinha passado na conferencia acima mencionada, fazendo-lhes ver que eu não podia remover o paroco sem crime justificado, promettendo-lhes comtudo a decizão no dia seguinte.

Dia 13. Ouvi missa, e por uma portaria determinei, que o paroco da freguezia do Pombal rezidisse junto da matriz, pois que estava rezidindo em um sitio distante da matriz 6 leguas. Tambem providenciei acerca dos padres, que administram sacramentos sem licença parochial, como pratiquei em outras freguezias. Não providenciei a vizita das capellas, porque uma sómente existe sem exercicio. N'este dia concedi as licenças, que me supplicou o vigario do Catolé por 6 mezes, por mim persuadido para d'este modo evitar as dissenções e intrigas, que o vexavam. Preveni então, que o dito vigario collado se intromettesse na regencia interina do padre Mota, ainda mesmo depois dos 6 mezes, sem que elle inutilizasse a mesma confirmação na coadjutoria, como já em outra occazião tinha praticado com o mesmo padre Mota, que prometteo dar ao proprietario 100$000 reis. De tarde crismei 16 a 20 pessoas por pedido particular de um que tinha vindo de longe. Compareceo pelas 8 horas da noite um homem principal do Catolé, agradecendo a providencia dada acerca d'esta freguezia.

Dia 14. Sahi do Pombal pelas 7 horas e meia da

manhan, e fui passar a calma e o resto do dia em São-Domingos, em caza do pae do vigario do Assú, que tambem me acompanhou.

Dia 15. Sahi de São-Domingos pelas 6 e meia da manhan, e cheguei á Acauan pelas 10 da mesma manhan, donde vieram ao meu encontro mais de 20 cavalleiros, entre os quaes foi Jozé Gomes de Sá Junior, commandante superior dos guardas nacionaes, que me hospedou na caza de seu irmão tenente-coronel, tendo-me antes convidado por cartas que me escreveo. N'esta grande caza existe uma capella mui decente, cujo capellão é o padre Felix, ainda moço e bem comportado, e de tarde crismei 300 pessoas, com pratica no fim.

Dia 16. Ouvi missa, e consegui reconciliação do prefeito da comarca do Pombal, irmão do vigario da villa de Souza, com um seu parente, pois que estavam inimigos. De tarde crismei quazi 100 pessoas, com pratica no fim.

Dia 17. Conferenciei com o já referido Jozé Gomes acerca das fazendas do recolhimento de Nossa Senhora da Gloria, e da reconciliação com o mencionado prefeito seu parente, de se effectuar quanto antes. De tarde crismei 30 pessoas.

Dia 18. Sahi da Acauan, acompanhado de varios cavalleiros, entre os quaes foi o tenente-coronel, e seu irmão o dito commandante superior, os quaes em todo o caminho me conduziram no meio de si atè que chegámos á villa de Souza pelas 10 horas da manhan, donde vieram ao meu encontro quazi 200 cavalleiros, e fazendo oração na matriz, onde concorreo muito povo, fui hospedado pelo paroco em caza de seu tio, onde, despedindo o povo, lhe fiz ver qual o designio, que me conduzia a esta villa, na qual achei postada uma guarda de honra, que me cumprimentou.

Dia 19. Abri a vizita pelas 10 horas, conduzido á matriz de baixo do palio pela irmandade do Santissimo e da Senhora do Rozario. O officio foi cantado, assistindo 8 padres. Na entrada cantou-se o *Te-Deum*, e praticadas as ceremonias do costume, achei o sacrario mui decente e muitos paramentos, e em bom uzo, bem como 4 calices, a custodia, a pia baptismal etc. A matriz, cujo orago é o

de Nossa Senhora dos Remedios, está decente. A este acto tambem assistiram muitas pessoas, que convidei. Despachei varios requerimentos de despensas matrimoniaes; e de tarde crismei quazi 500 pessoas, e estando na administração do crisma, me partecipou o vigario, que vindo uns noivos para se receberem em matrimonio, o nubente declarou, que cazava obrigado; attento o que me levantei e fui á sacristia examinar particularmente este negocio, e falando com o nubente e a nubente separadamente em segredo, disse elle, que não tinha offendido a nubente, affirmando esta ao contrario; attento o que, decidi, que o nubente não fosse constrangido, provando que não era possivel este constrangimento sem que a nubente demonstrasse judicialmente que o nubente a tinha offendido, comprehendendo eu que tinham levantado esta calumnia ao nubente para o cazar com a dita nubente, sua prima, já por mim despensada.

Dia 20. Concedi algumas despensas matrimoniaes, e passei a reconciliar o ajudante Nobrega com o vigario d'esta freguezia, seu parente, pois que estavam inimigos, querendo aquelle separar-se da jurisdicção d'este. De tarde crismei 600 pessoas, com pratica no fim, que foi interrompida quazi no fim pela chuva, obrigado eu a crismar na porta da matriz, porque esta não comprehendia os crismandos.

Dia 21. Concedi varias despensas matrimoniaes, e tratei de reconciliar varias pessoas, que não se communicavam, esperando effectuar esta reconciliação no dia 23 do corrente. De tarde crismei 600 pessoas, com pratica no fim, que tambem foi interrompida pela chuva.

Dia 22. Concedi algumas despensas matrimoniaes, despachei alguns requerimentos de addidas á matriz d'esta freguezia. Examinei o diacono Moita para presbitero, assistindo os vigarios d'esta freguezia e da do Buique. N'esta occazião foi tambem examinado para confessor o padre Jozé Gregorio dos Santos (pardo), e ficou esperado por 6 mezes para no fim dos quaes ser examinado pelo vigario do Pombal. De tarde crismei mais de 800 pessoas, com pratica no fim, por espaço de uma hora (tempo regular de quazi todas as minhes praticas) e

finalizou pelas 10 e meia. N'este dia mandei examinar os livros da matriz, corrigidos alguns defeitos que n'elles se encontraram.

Dia 23. Ouvi missa, tonsurei 11 estudantes, precedendo informação do paroco e exame de doutrina, baptizei a sobrinha do padre Jozé Manoel Teixeira, e crismei 12 a 15 pessoas.

Dia 24. Celebrei solemnemente na matriz pelas 10 horas, e conferi a ordem de presbitero ao diacono Jozé Malheiros Moita, concorrendo inumeravel concurso de povo, tendo antes conferido a tonsura a 3 estudantes. Junto da noite compareceram o paroco d'esta freguezia, seu tio o coronel Sarmento, o prefeito, irmão d'aquelle, o commandante superior, Jozé Gomes e seu cunhado o Dr. Benevides, e com todos estes ultimei a reconciliação que projectei. Todos estes individuos se conduziram com a maior circunspecção e minha satisfação, concluindo-se este acto com reciprocos abraços e perdões, depois do que fui á matriz crismar 30 pessoas. N'este dia me veio cumprimentar a irmandade de Nossa Senhora do Rozario, a quem concedi a publica recitação do terço pelas ruas nos primeiros domingos dos mezes, precedendo informação do paroco.

Dia 25. Concedi, que as multas provenientes das despensas matrimoniaes fossem por 3 annos applicadas para as obras da grande matriz principiada ha 25 annos, e paralizada esta obra pela revolução de 1817, em consequencia da prizão de seu autor na Bahia. Esta obra está construida de pedra e cal, com a maior segurança, sendo as paredes mais largas que uma braça. N'este dia prohibi por uma portaria as novenas, que se costumam fazer em cazas particulares, sem licença do vigario. Igualmente determinei a vizita das capellas pelo paroco, exceptuando a da Acauan, e que os estoleres remettessem os assentos de baptismo, etc. De noite crismei 6 pessoas que vieram de 10 leguas.

Dia 26. Sahi da villa de Souza acompanhado de muitos cavalleiros pelas 7 horas da manhan, e cheguei a São-João pelas 11, e de tarde crismei mais de 100 pessoas, com pratica no fim. Antes de chegar a este lugar vieram ao

meu encontro quazi 200 cavalleiros, terminado este cortejo pelo já dito commandante superior, que me acompanhou por espaço de 15 leguas, obzequiando-me excessivamente.

Dia 27. Pelas 10 horas da manhan crismei quazi 1.000 pessoas, sem pratica por cauza do sol, e de tarde mais de 400, com pratica no fim. N'este dia compareceo Jozé Estrella (Ilhéo) mostrando documentos, e queixando-se que o coadjutor da villa de Souza, padre Luiz, irmão do vigario d'esta freguezia, tinha d'elle extorquido 30 patacões para o cazar em sua caza, e que finalmente se ajustou por 20, e que depois exigira da mãe de sua espoza 40$000 pelo trabalho de o ir cazar na distancia de 14 leguas. E como fosse exhorbitante esta quantia, facilmente se contentou com a de 20$000, convencendo eu o dito coadjutor da obrigação de restituir aquelles 20 patacões, e deixando recommendado este negocio ao dito Estrella para me avizar, cazo haja falta na promessa que o dito padre fez. N'esta occazião extranhei ao dito coadjutor tão pessimo procedimento, fazendo-lhe vêr, e ao vigario, seu irmão, os deveres por que tem de responder, e como gozavam máo credito acerca d'administração do sacramento do matrimonio, que administravam com a maior indignidade por cauza do vil interesse, que n'elles dominava. N'este dia concedi algumas despensas matrimoniaes, e licença para confessar por 3 annos, ao padre Jozé Dantas, filho do cégo Dantas, em caza de quem fui hospedado. Por muitos lugares por onde tenho transsitado supportei muitas e grandes faltâs de cama e de comidas. As afflições d'espirito me tem atenuado de maneira que não é possivel gozar satisfação, principalmente pelo máo comportamento dos parocos.

Dia 28. Sahi de São-João pelas 8 horas da manhan, acompanhado de muitos cavalleiros, e pelas 11 da mesma manhan cheguei ao Taboleiro-Grande, onde passei a calma em uma caza de barro (como todas com alguma excepções) pertencente ao recolhimento de Nossa Senhora da Gloria, transitando pelas fazendas que lhe pertencem, e que são as melhores que existem n'estes sertões. Pelas 5 horas sahi d'esta caza, onde me foi cumprimentar o coronel Agostinho Jozé Thomaz de Aquino, conduzindo em

sua companhia seus irmãos, o padre Antonio Jozé Ribeiro e outros que me acompanharam até a sua caza no Logrador, na qual me hospedaram, e onde cheguei pelas 7 horas, prezenciando meia legua antes a divizão da provincia da Parahiba com a do Ceará.

Dia 29. Ouvi missa, á qual concorreram muitas pessoas, que não se retiraram sem beijarem-me a mão, soffrendo eu grande vexação até no quarto de minha rezidencia. De tarde crismei mais de 400 pessoas, sem pratica por cauza da chuva.

Dia 30. Ouvi missa e acouteceo a mesma vexação, que no dia antecedente. N'este dia convencionei com o coronel Agostinho já mencionado, um dos procuradores do recolhimento, estando prezente o já referido Jozé Gomes, remunerar este com 100$000 por cada data de terras que elle medir, sendo por mim autorizado para a medição das ditas terras, cuja commissão tem exercido até agora gratuitamente, tendo medido sómente uma data, faltando trez. Cada data contem 4 leguas quadradas, constando as fazendas das recolhidas da longitude de 16 leguas. Para este fim dirigi ao dito Jozé Gomes uma carta de ordens em data de hoje, e outra aos procuradores para satisfazerem dita remuneração na data de 1 de Julho. Os nomes dos trez procuradores são os já referidos coronel Agostinho, e seus irmãos Francisco Manoel de Borges e Bernardino Jozé Thomaz de Aquino. N'este dia falei ao coronel Agostinho para concorrer ao acabamento da capella de Sãò-João, de que é capellão opadre Dantas, e elle prometteo dar 400$000 para este fim em attenção á promessa de seu pai, e isto mesmo mandei dizer ao cégo pae do padre Dantas, que me pedio para eu falar ao coronel Agostinho, avizando-o eu do modo porque deviam ser suspendidos os 400$000 destinados para mão de obra. Tambem ajustei com o dito coronel mandar para a Soledade em Pernambuco 4 parelhas de cavallos para a carruagem, e por esta cauza lhe entreguei 500$000, de que passou recibo. N'este dia concedi cartas de alforria do escravo do recolhimento da Gloria (Pedro), entregando este 100$000 que possue, para o recolhimento, em attenção aos bons serviços que tem prestado, á molestia

chronica que padece,e outras considerações que o fizeram credor d'esta graça. Tambem determinei aos procuradores, que providenciassem acerca do vaqueiro do Taboleiro-Grande, que tinha dentro de caza 50 pessoas, cauzando deterioramento ao recolhimento, já com o seu sustento, já com o máo arranjo, quando protegido pelo procurador em Pernambuco Ignacio dos Santos, cujo deterioramento consideravel me foi partecipado pela recolhida do convento de Nossa Senhora da Gloria (Elena) então rezidente no Logrador com licença minha, a qual, dezejando recolher-se no dito convento, foi por mim aconselhado para se demorar por mais algum tempo, emquanto durar a minha auzencia de Pernambuco, por justo motivo.

Dia 1° de Julho. Sahi do Logrador pelas 8 horas e meia da manhan, acompanhado do coronel Agostinho e de seus irmãos, com mais alguns cavalleiros, e fui descançar na povoação do Umari, na distancia de uma legua em caza de um parente do padre Teixeira, meu collega de viagem, sendo o dito parente amigo acerrimo do padre Feijó, posto que nunca o visse, nem d'elle dependa, e apezar de eu procurar saber qual o motivo em que fundamentava tal amizade, nada mais pude colligir que uma cega paixão para obzequiar o senador Alencar, de quem é intimo amigo. N'esta povoação existe uma pequena capella designada para matriz, cazo se devida a freguezia das Lavras, á qual esta capella pertence, e eu disse, que em tal cazo nomearia para vigario encommendado o padre Antonio Jozé Ribeiro, irmão do coronel Agostinho. Sahi d'esta povoação pelas 5 horas e meia da tarde, depois de crismar 3 pessoas, e fui dormir na Varge da Serra, em caza de um vaqueiro.

Dia 2. Sahi d'esta caza pelas 7 horas da manhan e passei a calma em Abrahan, onde crismei 4 pessoas, e sahi pelas 4 da tarde para pernoitar em Santo-Antonio.

Dia 3. Sahi d'este sitio pelas 7 da manhan,e cheguei á villa do Icó pelas 9 da mesma, tendo occorrido ao meu encontro muitos cavalleiros, e fazendo a oração na matriz, onde concorreo muito povo, que me beijou a mão, fui hospedado pelo coronel Agostinho em sua caza. De noite

illuminou-se a villa, que é grande, mui bem situada e agradavel.

Dia 4. Pelas 10 horas fui á matriz em solemne procissão debaixo do palio, acompanhado das irmandades e clero, e praticadas as cerimonias prescritas, se cantou o *Te-Deum* com o Santissimo exposto no tronete, e depois fiz uma pratica, attenta a grande concorrencia de povo de ambos os sexos. Assistiram as autoridades da villa, e o vigario me dirigio um pequeno discurso antes do *Te-Deum*. A matriz é uma boa igreja e está decente. Não vizitei o sacrario etc., porque o vizitador tinha vizitado esta igreja no mez de Março do corrente anno. N'este dia me appareceo o vigario das Lavras, a quem mandei chamar na distancia de 10 leguas para elle nomear coadjutor, e lhe estranhei alguns procedimentos, de que tive noticia no Logrador. A este vigario dirigi a portaria, que em outras freguezias tenho dirigido a seus respectivos parocos para prevenir as faltas de assentos nos competentes livros. De tarde fui passeiar pela villa, e fui vizitar a capella de Nossa Senhora da Conceição do Monte, collocada fóra da villa. e a do Senhor Bom Jezus, e ambas estão decentes, principalmente a da Conceição, que existe com o maior aceio, e collocada em um lugar mui aprazivel e recreativo. De noite houve luminarias, posto que por pouco tempo por cauza da chuva. Despachei alguns requerimentos de despensas matrimoniaes, e concedi varias esmolas.

Dia 5. De manhan recebi algumas vizitas, e fui á matriz em consequencia do grande concurso que ali se reunio para ouvir a pratica, admirando-me que para este fim se congregasse tão consideravel numero de povo, indicio certo de sua religiozidade, como me tinham informado. De noite se illuminou a villa, e antes da pratica crismei algumas pessoas.

Dia 6. Fui vizitado pelo vigario da Telha, distante 12 leguas, e recebi as vizitas dos empregados n'esta villa.

Dia 7. Fui assistir á missa na matriz, onde concorreo muito povo d'ambos sexos, e depois fui consultar o padre Manoel Filippe (paralitico da cintura para baixo) acerca do vigario d'esta freguezia para se retirar quanto antes, em consequencia da grande intriga que contra elle reina.

O dito padre Manoel Filippe goza optima reputação nos costumes e em sciencia. Attentas as razões allegadas por algumas pessoas, que me mereceram conceito, e segundo o sentimento d'este padre, persuadi ao paroco, que se retirasse a titulo d'uma licença, que outr'ora lhe concedi, encomendando elle, com a provação minha, a freguezia ao padre Joaquim Verissimo, cuja confirmação lhe foi por mim outorgada em portaria de 10 de Julho, convencionando eu com o paroco a escolha d'este padre por motivos; até agora porém não me consta que este paroco se retirasse da freguezia. De tarde crismei mais de 400 pessoas,com pratica no fim,acerca da enormidade do peccado, á qual assistiram mais de 1.000pessoas, constando todas as minhas praticas d'este objecto, sobre os adulterios, acerca dos concubinatos, das obrigações para com Deos e o proximo, falta de execução nos preceitos da desobriga, e audiencia da missa, enredos e intrigas, assassinios, juizo universal, etc., tem sido admiravel o concurso de povo n'esta villa, e por onde transitei, fui seriamente vexado, quando todos á porfia pretenderam beijar-me a mão.

Dia 8, Concedi algumas despensas matrimoniaes, e de noite fui crismar a familia de Jozé de Souza de Assis em sua caza por motivos que occorreram. Este homem tem em sua caza um magnifico oratorio, e é o que tem a seu cuidado a guarda, aceio e decencia da capella do Monte já mencionada. N'esta mesma noite fui á matriz falar com uma mulher acerca do cazamento de Roberto de Barros e Francisca Maria nullamente cazados, da freguezia do Páo dos Ferros,por falta da despensa de 2°. gráo, occulto, de consaguinidade, tendo sido sómente despensadas ao 3° dia por ser publico. Pelo rezultado d'esta conferencia officiei a este paroco para revalidar tal matrimonio com as cautelas necessarias, e não rezultando d'esta revalidação os gravesinconvenientes que podiam acontecer, para cujo fim os despensei no dito 2°. gráo, determinando que no cazo affirmativo aquelle paroco deixasse estes contrahentes em sua boa fé, participando-me de tudo que podesse acontecer a respeito. Este é aquelle mesmo cazo, de que outr'ora tratou o vigario do Icó, Miguel Joaquim

Barboza, e que foi consultado com o padre Manoel do Monte, padre Gama, e conego Palmeira no palacio da Soledade.

Dia 9. Pela manhan fui despedir-me dos padres e seculares, que me tinham vizitado, despachei varios requerimentos, e de tarde, pelas 6 horas, crismei quazi 200 pessoas, com pratica no fim, acerca da fé devida aos misterios da religião, principalmente ao da resurreição e vida futura, concluindo com a minha despedida. A esta pratica assistiram mais de 1.000 pessoas, d'entre as quaes não me pude retirar sem que todas me beijassem a mão, e ao sahir da matriz um certo homem recitou quatro sonetos, que continham muitos despropozitos expressivos aquem da gratidão que o povo me tributava, felicitando-me pela minha viagem, e sentindo a minha auzencia. Por esta occazião constou-me, que muitas senhoras mandaram dizer missas por minha tenção, e em parte alguma recebi demonstração affectuoza do povo como n'esta villa, procurando-me ainda mesmo quando eu passava para tomar banho no rio. N'esta villa despensei dois 1.os gráos lateraes d'affinidade licita por motivos urgentissimos, precedendo os testimunhos necessarios para os despensar, interpretando a mente de Sua Santidade. De noite fui na matriz crismar algumas pessoas, que tinham chegado de fóra em grande distancia. O já mencionado padre Verissimo cedeo ao vigario os 100$000 réis de sua congrua e mais outros 100$000 provenientes da freguezia, quando se verificasse n'elle a regencia. N'esta villa existe o vigario da freguezia do Aquiraz, paralitico da cintura para baixo.

Dia 10. Nada occorreo.

Dia 11. Não sahi d'esta villa por cauza da chuva, e crismei em caza 3 crianças que vieram da distancia de 7 leguas, e conferi a tonsura a 3 estudantes, depois de approvados na doutrina, crismando algumas pessoas que tinham vindo de longe.

Dia 12. Sahi do Icó pelas 7 horas da manhan, acompanhado das autoridades e outros cavalleiros, e passei a calma em Campo-Verde, onde conferi a tonsura a 5 estudantes, precedendo os requizitos necessarios, e crismei

umas 30 pessoas, e depois sahi para o Cabo, onde pernoitei, vindo ao meu encontro varios cavalleiros. A este sitio concorreo muita gente de ambos os sexos, e pelas estradas tambem se aprezentaram muitas pessoas para me beijarem a mão com a maior satisfação, confessando que nunca tinham visto tal acontecimento, nem os seus antepassados o tinham prezenciado.

Dia 13. Logo ao romper do dia prezenciei, que muitas pessoas tinham concorrido para se crismarem em numero de 50, que crismei antes de sahir para o riaxo do Brum, onde fui obrigado a pernoitar, para no dia seguinte ouvir missa e para ceder aos rogos da mulher do capitão-mór, senhora de grande probidade e respeito pelas suas virtudes e maior idade. A este sitio tambem concorreram muitas pessoas de ambos os sexos satisfeitas sobre maneira de verem o seu pastor. Os caminhos n'esta provincia são bons e apraziveis pela grande planicie. Falo da ribeira de Jaguaribe desde o Icó até o Aracati, formoza e mui habitada. No riaxo do Brum recebi uma carta do vizitidor datada do Aracati, onde me esperava, e respondendo a varios objectos, que elle mencionava, lhe determinei, que cessasse de crismar, emquanto eu me demorava na provincia, e que tendo elle de ir para capital da provincia, para ali exercer o emprego de deputado, ali nos encontrariamos, significando-lhe que não aceitava uma parelha de cavallos, que elle me offerecia, qual depois aceitei por instancias suas, e por ser de preço ordinario. N'este dia despensei uns cunhados, constituidos em grande perigo de vida, precedendo os testimunhos em outra occazião mencionados; despensei tambem outras em iguaes circunstancias, e remetti ao vizitador uma carta para o prezidente da provincia partecipando a minha entrada na provincia, como me dirigia á capital. De noite crismei 100 pessoas, com pratica no fim, á qual assistiram mais de 300, que tinham vindo para a ouvirem, e concedi algumas despensas matrimoniaes.

Dia 14. Ouvi missa pelas 6 horas, e crismando 12 pessoas, fui passar a calma nos Torrões, e ali crismei algumas pessoas, pernoitando no sitio Caranguejo, onde

crismei algumas pessoas, com pratica no fim, em consequencia de terem concorrido mais de 200 de ambos os sexos para a ouvirem.

Dia 15. Passei a calma nos Veados, e crismando algumas pessoas, fui pernoitar no sitio Defuntos. Todas estas cazas são indecentes, e não offerecem a maior commodidade. A mesma comida foi sempre insupportavel, por não haverem panellas de cozinha e louça. Ora apparecia bule sem aza, ora manteiga a mais rançoza, e a carne seca ao sol é a que reinava de maneira que em poucas partes encontrei carne fresca. Tambem supportei graves incommodos por cauza das grandes calmas. N'este lugar pertencente á freguezia do Riaxo do Sangue, ou villa de Frade fui convidado pelo vigario e mais parochianos para passar pela matriz, não tendo eu tal tenção, porque o vizitador tinha vizitado esta igreja no proximo preterito mez de Junho. Attento este convite, deliberei passar pela matriz.

Dia 16. Depois de crismar algumas pessoas sahi do sitio Defuntos pelas 6 horas e meia da manhan, e passei a calma no riaxo dos Cavallos, vindo ao meu encontro algumas pessoas. Chegando ao dito riaxo partio o vigario para a matriz, e da distancia de 2 leguas mandou o jantar feito, apezar da minha repugnancia. Sahi d'este lugar pelas 5 horas e cheguei á matriz pelas 6 e meia, vindo ao encontro muitos cavalleiros, e fazendo oração, fui hospedado pelo mesmo vigario com a maior decencia.

Dia 17. Concedi algumas despensas matrimoniaes, e recebi algumas vizitas.

Dia 18. Chamei Jozé dos Santos, e o exhortei gravemente a que deixasse o trato illicito com uma escrava, sendo cazado com uma mulher exemplar, e conduzindo-se com a maior docilidade, prometteo emendar-se, admoestando-o eu a que vendesse a preta no cazo de se não corrigir. Pelas 5 horas fui conduzido á matriz debaixo do palio, concorrendo mais de 600 pessoas, e depois de cantado o *Te-Deum* com o Senhor exposto no tronete, crismei algumas pessoas, com pratica no fim, e todo este povo veio acompanhar-me para me beijar a mão na entrada da minha rezidencia.

Dia 19. Sahi do Riaxo do Sangue pelas 8 horas da manhan acompanhado de muitos cavalleiros, e descancei no Páo dos Ferros, pernoitando na Passagem.

Dia 20. Sahi d'este logar, e passando a calma no Letrado, em caza de Jozé da Cunha Pereira, pernoitei no Boqueirão de Baixo, em caza do tenente-coronel Jozé Leão, que me convidou para sua caza.

Dia 21. Ouvi missa n'esta caza, e ahi passei o dia, crismando algumas pessoas.

Dia 22. Sahi d'esta caza, passei a calma, e pernoitei em caza do padre Jozé Freire, sacerdote de 73 annos, digno de toda a consideração, que muito instou para eu ficar em sua caza até a proxima quinta-feira; ao que assenti por ser quarta-feira dia de jejum e quinta dia santo.

Dia 23 e 24. Couza alguma occorreo.

Dia 25. Fui á capella da S. João Baptista um pouco distante d'esta caza, e ali ouvi missa, e dando a mão a beijar aos habitantes da povoação, me retirei. De tarde crismei algumas pessoas, com pratica no fim, por concorrerem a esta mais de 200, depois da qual, segundo me constou, se reconciliaram varios individuos até então inimigos.

Dia 26. Sahi da caza d'este padre pelas 6 horas e meia da manhan, acompanhado de alguns cavalleiros, e fui passar a calma em caza de Manoel Monteiro, na Barrinha, o qual veio ao meu encontro com alguns seus amigos, e de tarde sahi pelas 5 horas, dirigindo-me á capella de Nossa Senhora das Brotas, para ver si estava em termos de n'esta se collocar o Santissimo Sacramento, como me tinham supplicado, e prezenciando a decencia da dita capella e quão util será aos povos circumvisinhos em grande numero a fruição d'esta graça, fiz ver aos que estavam prezentes, excedentes ao numero de 300, como deviam guardar e defender a sagrada eucharistia, que ali seria collocada, não havendo inconveniente, e existindo todos os requizitos necessarios para sua decencia. Depois me retirei para caza do padre Vicente no Limoeiro, cujo padre veio ao meu encontro na distancia de 3 legoas antes de eu chegar á dita capella, conduzindo comsigo

mais de 200 cavalleiros. Cheguei á caza do dito padre pelas 8 horas da noite coberto de poeira, onde me estavam esperando mais de 400 pessoas de ambos os sexos, ás quaes fui obrigado a dar a mão a beijar, promettendo-lhes a demora de dois dias para crismar e prégar, como me tinham supplicado, retirando-se cheios de satisfação. N'este dia concedi duas despensas a um homem, uma publica de consanguinidade e outra do 1°. gráo de affinidade illicita em linha lateral mui occulta, proveniente do commercio do nubente com uma mulher cazada, irman da nubente, mandando que esta 2ª. despensa ficasse na mão do nubente para evitar para o futuro algum inconveniente acerca da validade de seu matrimonio.

Dia 27. Despachei alguns requerimentos, e tratei de fazer cazar a varios individuos mal encaminhados.

Dia 28. Occorri do melhor modo a alguns cazos de maior importancia, e de tarde conferi prima tonsura a dois estudantes, crismando depois quazi 100 pessoas, com pratica no fim, á qual assistiram mais de 800, que não quizeram retirar-se sem me beijar a mão; ao que annui. O padre Vicente ficou encarregado de no dia seguinte falar com Manoel Ferreira da Silva, doente em sua caza, e nullamente cazado, por não supplicar despensa do primeiro gráo em linha recta proveniente de copula com a mãe de sua supposta mulher, depois que esta nasceo, para examinar si existe algum outro impedimento, e requerer a despensa, sendo por mim autorizado para revalidar este matrimonio, obtida a despensa. N'este dia autorizei o padre João Francisco Fereira Barros para assistir ao cazamento de André Rodrigues da Silva com Maria da Luz, despensados os banhos por motivos e o impedimento de primeiro gráos duplicado de affinidade illicita, proveniente da copula do nubente com a irman do nubente e d'esta com o irmão do nubente. Existiram motivos para esta despensa ser concedida pela penitenciaria, e sómente na licença signifiquei ao dito padre, como os nubentes ficavam despensados dos banhos, e do impedimento já mencionado, afim de que para o futuro não possa ser considerado nullo este sacramento, descobrindo-se o impedimento que ora não convem

manifestar. O nubente é livre e a nubente captiva, ha muitos annos amancebados, contando 4 filhos.

Dia 29. Sahi de caza do padre Vicente pelas 6 horas da manhan, acompanhado d'alguns cavalleiros, e passei a calma em Miguel Pereira, donde vieram ao meu encontro muitos cavalleiros, e donde sahi pelas 5 horas da tarde, depois de crismar algumas pessoas. Dirigindo-me à matriz das Russas, sahi acompanhado d'alguns cavalleiros, e veio ao meu encontro consideravel numero d'outras na distancia de 2 legoas, com as quaes entrei n'esta villa pelas 7 horas da noite, recebido pelas irmandades, a cuja recepção assistiram mais de 400 pessoas, e fazendo oração ao Santissimo Sacramento, fui hospedado pelo paroco em caza do padre Galvão, vigario do Aracati, estando a villa illuminada.

Dia 30. Ouvi de confissão um homem cazado, que muito dezejou confessar-se comigo, e depois tive uma larga conferencia com o paroco d'esta freguezia acerca d'uma mulher que mora com seos paes junto da rezidencia parochial, e com communicação por dentro, constando por esta cauza existir ajuntamento illicito d'esta mulher com o paroco, e para evitar o escandalo occazionado prometeo o paroco fazer mudar para outra caza aquella familia, posto que me assegurasse não communicar illicitamente com a dita mulher, e sómente se utilizasse dos serviços da familia, em razão das molestias que padece. Este paroco se conduzio mui bem na dita conferencia, e notando-lhe eu ter elle conduzido dita familia do Canindé, onde foi paroco, me respondeo, que ella veio depois que elle rege esta freguezia, donde é oriunda.

Dia 31. Logo pela manhan me constou, que o padre João Francisco Ferreira Barros, por mim autorizado, por motivos, para assistir ao matrimonio de André Rodrigues da Silva, que mencionei no dia 28 do corrente, não tinha provizão de confessor, (que lhe foi negada pelo vigario, em consequencia de exigir dinheiro pelos sacramentos, sendo inutil a indagação por mim feita quando o autorizei e por meio da qual foi sciente, que elle gozava da dita provizão; providenciei a tal respeito no dia 1.° de Agosto. N'este dia ouvi de confissão 2 homens, e chamei o

coadjutor d'esta freguezia por me constar que tinha em sua companhia uma mulher, e elle assegurou-me, que já lhe tinha dado destino, conhecendo que este procedimento era contrario ao seu estado, e d'esta resolução effectiva fui informado, conduzindo-se o dito coadjutor mui dignamente no acto da correcção. Pelas 5 horas fui á matriz conduzido de baixo do palio e acompanhado das irmandades, cantou-se o *Te-Deum*, conferi prima tonsura a 4 estudantes, e crismei mais de 300 pessoas, com pratica no fim, á qual assistiram mais de 100, não sendo possivel retirar-me sem que todos me beijassem a mão. Tambem n'este dia conferenciei com o vigario acerca de varios objectos da maior importancia, não podendo eu haver o dezejado rezultado por ser mister saber do vigario da freguezia do Aracatí, si com effeito revalidou o matrimonio de Jozé Leite, cégo, com Maria Jozé; para o que teve ordem do padre Gama em Setembro de 1837. Tambem devo saber d'este paroco, si prorogou a provizão de confessor ao padre João Francisco Ferreira Barros já mencionado, para certa desobriga em sua freguezia. Igualmente devo entender-me com o mesmo paroco, quando passar pelo Aracatí sobre os matrimonios celebrados na freguezia das Russas, quando por elle regida, depois que lhe foi aprezentado pelo padre Vicente do Limoeiro a carta de collação do actual vigario da freguezia das Russas, pela qual o dito padre Vicente devia tomar posse emquanto não comparecia o proprio paroco, e não tomou por lhe ser interdicta, attenta a oppozição popular, até que o proprio paroco a tomou. Os nomes dos cazados são Luciano Gomes e Eulalia Maria, em 22 de Outubro de 1833, Sebastião Nogueira de Queiroz com Antonia Maria, em 21 de Novembro dito, João Jozé da Costa com Maria Francisca de Jezus, em 23 dito dito, Joaquim Xavier Ribeiro com Maria de S. Jozé, em 28 dito dito, Francisco Pereira, viuvo, com Anna Maria de Jezus, em 30 dito dito.

Dia 1.° de Agosto. Visto que o padre Vicente não me escreveo sobre o matrimonio de Manoel Ferreira da Silva, mencionado no dia 28 proximo passado, e eu deva sahir d'esta freguezia no dia de amanhan, escrevi ao dito padre para que cassasse a licença, que concedi ao padre Barros,

já referido, para assistir ao matrimonio do já citado André Rodrigues da Silva pelo motivo apontado no dia de hontem, e lhe remetti outra licença para o reverendo Antonio Elias Saraiva Leão assistir ao dito matrimonio, instando com o dito padre Vicente que ultime a revalidação do matrimonio de Manoel Ferreira da Silva na fórma que lhe determinei. N'este dia mandei avizar aquelle reverendo Barros para que se abstenha do ministerio de confessor, attento o motivo já apontado, e que este padre comparecesse na capella de Nossa Senhora das Brotas, quando eu regressar do Aracatí no principio de Setembro proximo. De tarde fui á matriz, e crismei 25 a 30 pessoas, e depois conferi a prima tonsura aos meus famulos Jozé Antonio dos Santos Lessa e Luiz de Almeida Coelho. N'este dia concedi ao vigario da freguezia das Russas o poder de ampliar as provizões aos confessores no tempo da desobriga por espaço de 2 mezes cada anno, não tendo sido cassadas as preteritas, ou negadas as futuras provizões ; erigir um cemiterio, e benzel-o, podendo admittir justificações de menor idade, precedendo o depoimento de 3 testimunhas, verificando-se esta dentro dos limites de sua parochia ; poder adir algum solteiro á sua matriz e mandar-lhe abrir corôa, emquanto elle servir á igreja no habito talar ; despensar o 1.° e 2.° gráos occultos da affinidade illicita lateraes e sua attingencia, e no artigo de morte os já mencionados gráos, e o 2.°, 3.° e 4.° de consanguinidade e affinidade licita lateral, e suas attingencias.

Dia 2. Sahi das Russas pelas 7 horas e meia da manhan acompanhado de muitos cavalleiros, e passei a calma em Bento-Pereira, donde vieram ao meu encontro alguns cavalleiros, e onde compareceram muitas pessoas para me beijarem a mão, bem como tem acontecido pelas estradas. Sahi d'este lugar pelas 5 horas da tarde, e pernoitei nas Latadas, donde vieram ao meu encontro alguns cavalleiros. Ao sahir de Bento-Pereira recebi os santos oleos, remettidos pelo vigario do Aracatí, a quem foram enviados de Pernambuco pelo meu mordomo Teixeira. Igualmente recebi algumas cartas do Rio de Janeiro e de Pernambuco.

Dia 3. Sahi das Latadas pelas 5 horas e meia da manhan, tendo antes crismado algumas pessoas, que ahi appareceram ao romper do dia para este fim, e fui passar a calma nas Pombas, pernoitando no sitio da Cruz, onde tambem compareceram algumas pessoas para me beijarem a mão.

Dia 4. Sahi do sitio da Cruz pelas 6 e meia da manhan, e passei a calma nas Imburanas, onde concorreram algumas pessoas a ouvirem missa. Sahi d'este lugar, e fui pernoitar na lagoa do Umari, onde concorreram muitas pessoas para me beijarem a mão.

Dia 5. Sahi do Umarì pelas 6 horas da manhan, e pelas 10 cheguei ao Corrego da Izabel, onde tambem concorreram muitas pessoas para me beijarem a mão, e pelas 5 sahi d'este sitio, e cheguei á villa do Cascavel pelas 6 e meia, vindo ao meu encontro varios cavalleiros, entre os quaes o cunhado do paroco d'esta freguezia, dando-me satisfação de não comparecer o dito paroco por estar exercendo o cargo de deputado provincial. Entrando na matriz, fiz oração, durante a qual compareceram muitas pessoas d'um e outro sexo, a quem fiz ver qual o designio que ali me conduzia. O Santissimo Sacramento não estava no sacrario, em consequencia de não existir na villa sacerdote algum, como me assegurou o dito cunhado, que me hospedou na propria caza nova do vigario, estranhando eu d'alguma maneira a auzencia do paroco, não havendo outro sacerdote que fizesse suas vezes ; ao que me foi respondido, que este paroco tinha ido para a capital por ordem pozitiva do governo por não existir numero sufficiente de deputados para principiar a sessão, principiada a qual ficou de voltar o dito paroco para me receber, confiando que eu passava pelo Aracatí antes de ir para a capital, não sendo entregue o avizo que lhe dirigi para a minha recepção. Logo que entrei na caza compareceram muitas pessoas para me beijarem a mão.

Dia 6. Couza alguma occorreo, e pelas 4 horas da manhan chegou o vigario, vindo da capital, donde sahio pelas 6 da tarde antecedente, deixando a assembléa para vir ter comigo na distancia de 13 legoas.

Dia 7. Concedi algumas despensas matrimoniaes, e pelas 5 horas da tarde fui conduzido á matriz debaixo do pálio, e abri a vizita com as ceremonias do costume, cujo officio foi cantado. A matriz, cujo titulo é o de Nossa Senhora da Conceição, està decente, posto que pobre e arruinada em alguns lugares. O sacrario tambem está decente, e existem alguns paramentos, não havendo porém o de côr encarnada, solicitei que se mandasse fazer, e outros mais, quanto antes, bem como dourar 2 calices de prata. Existe n'esta matriz uma optima custodia e lampada, que se conservam em guarda por temor de serem furtadas, depois do que crismei mais de 200 pessoas na porta da matriz, em consequencia de comparecerem mais de 600 pessoas para ouvirem a pratica depois do crisma, não sendo possivel retirar-me da matriz, sem que todos me beijassem a mão.

Dia 8. Compareceram muitas pessoas para me beijarem a mão na minha rezidencia, algumas das quaes pediram confissão, que se effectuou para com todos pelo vigario de Buique, por outro sacerdote do arcebispado de Braga, ainda moço, e de optima conducta, e por mim. N'este dia concedi algumas despensas matrimoniaes, todas gratuitas, como aconteceo em algumas freguezías, e pelas 6 horas da tarde crismei quazi 500 pessoas, com pratica no fim, á qual assistiram mais de 1.000, d'entre as quaes não me pude afastar, sem que me beijassem a mão. Em consequencia da partecipação do padre Vicente do Limoeiro já mencionado, passei a officiar ao vigario das Russas, para chamar á sua prezença o já referido Manoel Ferreira da Silva, cazado com Paula de Tul (ignorando ser esta mulher filha d'outra, com quem teve copula depois do nascimento da dita filha) para que revalidasse este matrimonio, visto que até então não se praticou; o que determinei no dia 28 do mez proximo passado.

Dia 9. Concedi varias despensas matrimoniaes, as honras e prerogativas inherentes ao mestre de ceremonias do solio episcopal ao paroco d'esta freguezia. De tarde pelas 4 horas e meia sahi d'esta freguezia, acompanhado d'alguns cavalleiros e pernoitei no

Cajueiro, vindo ao meo encontro o vizitador da provincia, e mais alguns cavalleiros.

Dia 10. Sahi do Cajueiro pelas 6 horas da manhan, e cheguei á matriz do Aquiraz pelas 8 e meia, vindo ao meo encontro muitos cavalleiros, e fui hospedado pelo vizitador com decencia, em cuja caza ouvi missa, depois de fazer oração na matriz, onde fui recebido debaixo do pálio com assistencia de muitas pessoas. De noite se illuminou a villa, e n'este mesmo dia tive algumas conferencias com o vizitador, que goza grande opinião em toda a provincia.

Dia 11. Depois de ouvir missa, e ser conduzido á matriz debaixo do pálio, abri a vizita, não tendo sido esta igreja vizitada em consequencia de ser o vizitador o seu paroco interino. O sacrario estava decente, porém achei as sagradas fórmas deterioradas na circunferencia, e com signaes meio claros de corrupção, principalmente contendo algumas varias faltas no meio ; attento o que passei a indagar o tempo de sua consagração, e o vigario do Jardim, em Cariri-Novo (que não podendo exercer o seu ministerio na propria freguezia estava exercendo o de paroco interino no Aquiraz, na auzencia do vizitador), me respondeo, que aquellas fórmas tinham sido consagradas ha 30 dias ; porém eu lhe fiz ver, que em um mez não podiam ser reduzidas a tal corrupção e estranhando-lhe severamente este procedimento, sem passar a mais por cauza de sua idade avançada, molestia, que padecia, e o que lhe tinha acontecido no tempo de Pinto Madeira e posteriormente, lhe determinei, que no dia seguinte provesse de novas fórmas o sagrado vazo, e fizesse a penitencia, que convinha a um tal attentado. Igualmente determinei ao vizitador, que immediatamente o fizesse substituir por outrem. O mesmo vizitador julgou, que as mencionadas fórmas corrompidas tinham sido consagradas á 6 mezes. Como este padre esteja quazi cégo, a ponto de não divizar os objectos que se lhe aprezentavam, pretendi d'elle saber, si rezava o officio etc., e que missa dizia ; ao que me respendeo, que recitava missa votiva, e rezava as contas, conhecendo eu que isto praticava por propria autoridade, pelo que passei a persuadil-o a que

supplicasse comutação do officio etc., e licença para a missa votiva de Nossa Senhora, censurando-lhe ter até agora exercido tal arbitrariedade. A igreja do Aquiraz, cujo titulo é o de São Jozé, está mui pobre, os ornamentos do uzo pouco decentes, os calices mui sujos, em consequencia do que recomendei o necessario aceio e decencia, reprehendendo toda incuria acerca de taes objectos. O officio da vizita foi cantado pelo vizitador e mais alguns padres, e por um secular instruido pelo mesmo vizitador, e seu collega na vizita para o ajudar no ministerio do canto nas funcções eccleziasticas. Cantou-se o *Te-Deum* com as orações *pro gratiarum actione*. Pelas 6 horas da tarde crismei na porta da matriz, por cauza do grande concurso, que appareceo para ouvir a pratica, mais de 100 pessoas, sendo mais de 1.000, as que a ella assistiram, e não se retirando para suas cazas, sem que todos me beijassem a mão. N'este dia determinei, que o vizitador removesse das freguezias qualquer vigario interino, que se conduzisse irregularmente, ainda mesmo provizionado por mim, participando-me sua deliberação. N'esta noite tambem a villa se illuminou.

Dia 12. Officiei ao vizitador para conhecer dos factos mencionados em uma reprezentação, que lhe foi dirigida pela camara municipal de Villa Viçoza (que confina com a Granja) contra o vigario da dita villa, e para me remetter quanto antes os depoimentos juramentados na conformidade do Codigo Criminal do Imperio, incluida a resposta do mesmo vigario para tudo ser remettido ao vigario geral e este proceder na fórma das leis. Igualmente o encarreguei de exigir esclarecimento da assembléa provincial sobre a rezidencia do vigario na nova freguezia de Santa Anna de Sobral, creada no anno proximo passado no tempo em que o dito vigario foi collado em Acaracú. Existe procedente duvida a respeito pela falta de explicação no decreto da nova freguezia, ora mencionada. A freguezia d'Almofala tomou o titulo de Acaracú, porque aquella matriz foi trasladada para a Barra do Acaracú por haver ali grande povoação. O decreto da nova creação, restituindo ao seu antigo estado a freguezia d'Almofala, annexa a Barra do Acaracú á nova

capital me encaminhei á capella do Rozario, que serve de matriz, e fazendo orações ao Santisaimo Sacramento, entrei na caza, onde o prezidente despacha, visto que o palacio do governo se está reedificando, e ahi cumprimentando o prezidente e acompanhando-me este seguido de grande concurso de povo, fui rezidir em caza do coronel Jozé Antonio Machado, natural da villa de Chaves, em Portugal, homem da maior probidade, que me hospedou com a maior decencia em sua grande caza e mui bem mobiliada. Fui rezidir n'esta caza por vontade do prezidente, pois que outra era a que me estava designada pelo vigario interino, religiozo franciscano, visto que o vigario collado estava exercendo o encargo de deputado geral. Fui vizitado por muitas pessoas, e de noite pelo prezidente da provincia, que me communicou alguns acontecimentos dignos da maior censura e lagrimas de verdadeiro christão. A fortaleza, os consules portuguez e espanhol levantaram suas bandeiras.

Dia 15. Pelas 8 horas fui celebrar na igreja, que serve de matriz, com assistencia de algumas pessoas, e pelas 10 e meia fui assistir á festa de Nossa Senhora na capella dos militares, sendo convidado pelo prezidente da provincia, que veio á minha rezidencia com a officialidade para me acompanhar, seguindo-me muitas pessoas principaes da cidade. No fim da missa cantada pelo vizitador, dirigi ao povo uma fala ácerca do misterio d'este dia, e como eu pretendia administrar o sacramento da confirmação no domingo proximo futuro pelas 4 horas, fazendo-lhes ver as dispozições narradas, e depois me dirigi á minha rezidencia, acompanhado do prezidente etc. De tarde pelas 5 horas fui passear pela cidade, acompanhado do prezidente e mais algumas pessoas, e entrando na fortaleza que existe em grande abandono, deram uma salva com 2 peças sómente, e no fim do passeio deixei o prezidente em sua caza.

Dia 16. Recebi algumas vizitas, e pelo meio dia (hora por mim indicada) recebi a deputação de 5 membros que a assembléa provincial me dirigio, cuja fala (recitada pelo vigario da Serra dos Côcos) mandaram imprimir com a minha resposta. De noite conferenciei com o vizitador

acerca de varios objectos, e concedi algumas despensas matrimoniaes. Igualmente concedi ao paroco do Jardim, rezidente no Aquiraz,licença para dizer missa a Nossa Senhora,commutando-lhe o officio divino em outra recitação.

Dia 17. Recebi a deputação de 3 membros, que a camara d'esta cidade me enviou. Attenta a avançada idade do padre João Rufo da Costa Freitas, lhe concedi licença para confessar, emquanto não mandar o contrario. De tarde fui ver a nova matriz, que se está edificando, que, apezar de ser grande, contém alguns defeitos essenciaes, como são, o arco cruzeiro nimiamente alto e apertado, a capella-mór mui estreita e o corpo da igreja mui apertado relativamente á altura. Depois fui ver a caza, onde a assembléa provincial faz suas sessões, e finalmente consultei o prezidente da provincia acerca de varios objectos eccleziasticos. N'este dia sahio descrito pela imprensa o meu ingresso n'esta capital de modo que muito me honrou.

Dia 18. Me certificaram da pessima conduta de Jozé Nicoláo, morador n'esta cidade, porque pretendia ordenar-se de sacerdote. Pelas 7 horas fui celebrar na capella, que serve de matriz, assistindo o prezidente e muitas pessoas de ambos os sexos, e pelas 10 fui á mesma igreja em solemne procissão debaixo do palio, acompanhado do clero,das irmandades do Santissimo e de Nossa Senhora do Rozario, para abrir a vizita, a cujo acto concorreram mais de 1.000 pessoas, e cujo officio foi cantado pelo vizitador e outros padres. Cantou-se o *Te-Deum*, e procedi a examinar o sacrario, os altares, a pia e os paramentos, achando decentes todos estes utensilios, bem como a custodia etc., e sómente recommendei se fizesse uma cortina, que não existia, para o sacrario e outra para a boca do trono, que estava ornado com papeis pintados á maneira de theatro, que depois se tiraram por ordem minha. Por esta occazião dirigi ao povo uma pratica, e não me pude retirar sem que todos os circunstantes em numero acima mencionado me beijassem a mão. Pelas 5 horas da tarde crismei na capella quazi 300 pessoas, e no fim assistiram á pratica mais de 1.000,dirigida por esta cauza fóra da capella.

Dia 19. Mandei convidar 87 individuos constantes de uma lista, que o prezidente me entregou para no dia 24 do corrente pelas 9 horas ouvirem missa na capella, e depois nos dirigirmos á caza da camara municipal, e ali se crear a nova meza da Santa Caza da Mizericordia, prezente eu e o prezidente, que de boamente promoveo este acto de caridade por meu intermedio, sendo bem acolhido aquelle convite. N'este dia chamei Francisco da Rocha Paz, e o persuadi a que lançasse abenção a sua filha cazada contra sua vontade. Tambem chamei frei Jacinto de Santa Anna, religiozo, vigario interino d'esta freguezia, concubinado publicamente e com filhos, para o privar da administração d'esta igreja, e fazel-o remetter ao seu prelado. Como porém este frade já fizesse retirar sua concubina, antes de eu chegar a esta capital, entregando-a a sua mãe em Mecejana, e me promettesse nunca mais a intrometter em sua caza, em attenção á caridade com que o tratei, e ás razões que lhe expuz, consenti, que elle continuasse na dita administração, até que chegue do Rio de Janeiro o vigario proprietario, encommendando eu vigilancia sobre tal objecto ao coronel, em cuja caza rezidi, para me partecipar acerca do bom ou máo rezultado, e ao prezidente da provincia que remettesse este frade ao seu prelado no Recife, si elle faltasse no que prometteo, em cujo cazo devia recorrer ao vizitador para prover esta igreja, participando-me este acontecimento.

Dia 20. Escrevi ao padre Gama sobre varios objectos, e despachei alguns requerimentos.

Dia 21. Chamei o padre Jozé da Costa Barros, para immediatamente lançar fóra de caza uma mulher, que conservava em sua companhia ha muitos annos, irman do vigario de Quixeramobim, e da qual tem um filho, e conduzindo-se este padre com a maior submissão e humildade, com que executou a mesma admoestação caritativa, me prometteo entregal-a na noite do mesmo dia a sua mãe, rezidente na mesma cidade, aquem enviei o meu famulo Jozé Antonio para que em meu nome lhe significasse meu dolorozo sentimento e recebesse sua filha, jámais consentindo em similhante procedimento, e assim o prometteo, não só para cumprir o seu dever, como para me obedecer.

N'esta data escrevi ao vigario proprietario d'esta freguezia. De noite tive outra conferencia com o vizitador acerca das reprezentações contra os vigarios de Granja e de Santo Antonio da Barbalha, e do requerimento do padre Verdeixa, queixando-se este da suspensão imposta pelo vigario de Baturité, conhecendo eu que estes trez objectos foram promovidos pela grande intriga que reina n'esta provincia, apezar do que mandei, que o vigario de Missão-Velha informasse sobre o de Santo Antonio da Barbalha, o de Sobral sobre o da Granja e o vizitador sobre o padre Verdeixa, parecendo-me suspeito o vizitador a respeito das outras duas reprezentações, por motivo particulares.

Dia 22. Pelas 6 e meia da manhan fui á povoação, de Arronxes, acompanhado do prezidente e mais alguns cavalleiros, e logo que cheguei todos os Indios estavam formados no largo, e as mulheres junto da igreja, ás quaes dei a mão a beijar, depois de fazer a oração, sendo o numero total excedente de 200 pessoas. Esta digressão se effectuou, em consequencia do convite que os Indios me enviaram no dia 18 do corrente, comparecendo á porta da mesma rezidencia na cidade mais de 50 de um e outro sexo pelas 7 horas da manhan com permissão do prezidente da provincia, que em Arronxes me hospedou em uma caza da nação. Depois que cheguei a esta povoação vieram alguns Indios de Soure convidar-me para ir a esta povoação, porem não me foi possivel annuir á sua pretenção. Pelas 6 horas da tarde crismei mais de 300 pessoas, com pratica no fim, e finalizando o acto pelas 9 horas, retirei-me para a cidade acompanhado das mesmas pessoas, que para ali me conduziram. N'este mesmo dia de tarde me appareceo o padre Verdeixa, e se retirou para a cidade.

Dia 23. Compareceo o vigario de Baturité, 30 legoas distante da capital, pedindo coadjutor para servir na igreja em suas faltas, visto que sua idade e molestias não permittem, que elle preste maior attenção aos seus deveres; pelo que determinei, que o vizitador lhe nomeasse coadjutor. Igualmente determinei por uma portaria dirigida ao vigario de Baturité para ser publicada

na estação da missa, que o padre Verdeixa não fosse admittido na administração dos sacramentos, á celebração da missa, e ministerio da predica sem licença minha por escrito, em consequencia das más informações que tive d'este padre, constando-me ter celebrado matrimonios nullos, e praticado acções as mais indecorozas nas Lavras, quando ali vigario encommendado, por cuja cauza determinei ao vigario d'esta freguezia, que informasse, em carta fechada, si este padre tinha ali praticado os factos ora mencionados, e outros indecorozos ao estado sacerdotal e quaes foram. N'este dia chamei o vigario da freguezia do Cascavel, e lhe estranhei a communicação illicita e publica, que tinha com uma mulher, e depois de uma larga exhortação, me prometteo fazel-a rezidir na distancia de 5 leguas, protestando-lhe eu proceder contra elle, si de ora em diante praticar o contrario do que prometteo.

Dia 24. Pelas 9 horas ouvi missa na capella, assistindo o prezidente da provincia, e com elle me dirigi á caza da camara municipal, para ali se verificar a reunião d'aquellas pessoas, que convidei, tendo prezente a lista dos que tinham assignado seu nome no dia 7 de Abril do corrente anno por insinuação do dito prezidente, afim de se installar a nova irmandade da Santa Caza da Mizericordia. Felismente esta irmandade se installou sob a melhor ordem e harmonia, comparecendo mais de 40 dos assignados. Em primeiro lugar se procedeo á aceitação provizoria dos estatutos da Santa Caza da Mizericordia da cidade de Angra dos Reis na provincia do Rio de Janeiro, os quaes o prezidente aprezentou confirmados por Sua Magestade Imperial e pelo ordinario, e em virtude do que elles determinam, procedemos á eleição do provedor, que recahio no prezidente, e mais empregados, deliberando todos que no dia seguinte, em conformidade dos mesmos estatutos, fossem á igreja prestar em minhas mãos o juramento, que os ditos estatutos determinam. N'este acto designei 50$ reis de esmola para a nova Santa Caza e uma libra de cêra que cada um devia entregar no acto do juramento, e que me pertencia; depois do que me offereci para fazer as vezes de capellão, de que tratam os mesmos estatutos. Depois convidei os mesmos que estavam prezentes

a que se assignassem para irmãos da irmandado de S. Jozé, padroeiro da cidade, cuja irmandade a muitos annos está extincta; 31 individuos foram os que se assignaram, contando o prezidente e eu, que unidos aos outros, nomeamos uma commissão de 3 membros para comporem o novo compromisso, rcomendando-lhes eu todo o cuidado e religiozidade, etc. Hoje veio o padre Jozé da Costa Barros participar-me, que tinha cumprido sua palavra, entregando a amiga a sua mãe. Pelas 5 horas da tarde crismei na capella quazi 600 pessoas, e fui fazer a pratica na porta da dita capella, sendo o numero dos ouvintes excedente ao de 1.500. Esta pratica constou em censurar sómente o grande enredo e intriga, que reina n'esta provincia, dirigida aos desordeiros, para que todos sejam uma só familia sob o governo do Sr. D. Pedro II.

Dia 25. Remetti ao prezidente da provincia o requerimento do vigario do Aquiraz, para que lhe mande pagar 5 quarteis vencidos de sua congrua, supplicando ao mesmo tempo haja execução na satisfação das congruas, e depois chamei o vigario de Baturité, e lhe fiz ver as partecipações, que me foram dirigidas contra elle, e sendo pela maior parte acerca de objectos civis, promovidos pela intriga, o exhortei a que cuidasse tam sómente no cumprimento dos deveres parochiaes, e jámais seguisse as opiniões precursoras de futuras desordens. Tambem lhe estranhei a amizade illicita com uma mulher, de quem tem filhos, segundo me foi denunciado, e recebendo elle com humildade minha caridoza admoestação, me certificou não ter tido commercio illicito com a dita mulher por espaço de 5 annos. Pelas 10 horas fui á igreja ouvir missa, e lá achei o prezidente da provincia e os novos irmãos da Santa Caza da Mizericordia para prestarem o juramento mencionado no dia de hontem, pondo suas mãos no missal. Passei depois a paramentar-me para se cantar o *Te-Deum* com o Santissimo exposto na boca do sacrario. De tarde crismei mais de 600 pessoas, com pratica no fim, recopilando toda a doutrina e exhortações que por vezes lhes tinha dirigido, e concluindo este acto com a solemne despedida, obrigado a supportar o beija-mão de todas as pessoas ali prezentes, cujo numero montou a mais de 1.000.

Dia 26. Approvei na parte religioza os estatutos da Santa Caza, declarando que os capellães nomeados pela meza fossem confessores approvados n'este bispado. N'este dia determinei ao vigario, que falasse a uns que cazaram com falsa allegação dos bens que possuiam, de maneira que devendo pagar para a caixa pia 400$, pagaram sómente 100$, segundo o que constou do requerimento, e o mesmo vizitador foi quem isto me participou e concedeo a despensa, assignando-lhe eu não ser da minha instrucção conceder ou consentir que se concedam taes despensas, com manifesta lezão da caixa pia. Despachei varios requerimentos de despensas matrimoniaes e outros. Conferenciei com o padre Alexandre Francisco Cerbelon Verdeixa, e o exhortei a que se corrija de seus excessos politicos, suspendendo-o de todo e qualquer uzo de suas ordens, emquanto não recebo as informações, que exigi, sobre sua conduta eccleziastica para mandar proceder contra elle na fórma das leis, e esta suspensão lhe foi imposta por mim em um despacho na data d'este dia, intelligenciando a respeito o vigario de Baturité, a cuja camara municipal, juiz de paz e commandante da legião respondi, logo que me escreveram contra seu proprio paroco. Com a data d'este dia fiz publicar pela folha publica, que defende o governo, a minha despedida e diligenciei, que n'esta se imprimisse a resposta, que dei á deputação que me felicitou por parte da assembléa provincial, visto que na folha contraria ao governo imprimiram uma resposta, que não dei.

Dia 27. Exigi do paroco de Canindé informações acerca dos factos praticados pelo padre Verdeixa, quando fazendo ali as vezes de paroco no tempo da desobriga. Recebi muitas vizitas de despedida, e despachei varios requerimentos. Escrevi ao padre Vicente Ferreira Muniz, rezidente em Soure, 3 legoas da capital, para que se abstenha do uzo de bebidas espirituozas e do de uma mulher com quem existe em amizade illicita, exhortando-o caridozamente a que deixe de praticar taes excessos, fulminando-lhe as penas proprias de taes crimes, não se corrigindo. Chamei o padre Castro, que goza honras de conego de Olinda, e lhe expuz o escandalo occazionado pelo commercio illicito de uma mulher, de quem tem filhos

já cazados, e conduzindo-se este padre com toda a submissão e humildade, me certificou, que ha mais de um anno tinha abandonado similhante procedimento.

Dia 28 Por motivos de equidade permitti, que o padre Verdeixa celebrasse missa tam-sómente, e que esta permissão não tivesse vigor sem que seja aprezentada ao paroco de sua freguezia, ao qual mandei partecipar esta resolução, depois que corrigi o dito padre de alguns defeitos, que commettia na celebração da missa, á qual n'este dia assistio por ordem minha o vigario da freguezia de Buique. Na data d'este dia dirigi ao vigario interino da cidade uma portaria, pela qual suspendi qualquer sacerdote, que no espaço de 15 dias não lhe remettesse os assentos dos cazamentos, etc. A este mesmo paroco recomendei a entrega de uma carta, que escrevi ao vigario collado da cidade, ao qual fiz vêr os excessos, que tinha praticado com uma mulher, com quem sahio da cidade para a côrte d'este imperio para exercer o emprego de deputado geral, exhortando-o ao cumprimento de seus deveres, e protestando-lhe mandar conhecer de seus excessos, cazo não ouça a voz pastoral. N'este dia concedi, que o padre Verdeixa podesse exercer o ministerio eccleziastico nas funcções das igrejas, onde fosse convidado sómente.

Dia 29. Sahi d'esta cidade pelas 4 horas e meia da manhan, acompanhado do prezidente da provincia e mais outros cavalleiros até Mecejana, e cheguei ao Aquiraz pelas 8 horas da mesma manhan, e fazendo oração ao Santissimo, fui hospedado pelo vizitador, vindo ao meu encontro alguns cavalleiros. De tarde crismei na matriz mais de 100 pessoas, com pratica no fim, áqual assistiram mais de 600, que me beijaram a mão.

Dia 30. Proroguei a provizão do vizitador até o dia 31 de Dezembro de 1840. N'esta manhan muitas pessoas me procuraram para me beijarem a mão, e despachei varios requerimentos. Pelas 5 da tarde sahi do Aquiraz, acompanhado do vizitador e outros cavalleiros, e pernoitei no Cajueiro do Ministro, onde compareceram muitas pessoas para me beijarem a mão.

Dia 31. Sahi do Cajueiro pelas 5 e meia horas da manhan, e cheguei á freguezia do Cascavel pelas 8 da

mesma manhan, donde vieram ao meu encontro muitos cavalleiros, tendo comparecido muitas pessoos na estrada para me beijarem a mão. Depois de feita a oração ao Santissimo, fui hospedado pelo cunhado do vigario d'esta freguezia, exercendo o lugar de deputado. N'esta manhan compareceram tambem muitas pessoas para me beijarem a mão, e de tarde sahi d'esta villa pelas 5 horas, acompanhado de muitos cavalleiros, e cheguei ao Corrego da Izabel, onde pernoitei.

Dia 1° de Setembro. Ouvi missa pelas 4 horas da manhan, e pelas 5 sahi, passando a calma no Umari, e pornoitando nas Imburanas.

Dia 2. Sahi pelas 5 horas da manhan, e pelas 9 da mesma cheguei ao Aracati, donde vieram ao meu encontro muitos cavalleiros. Fui comprimentado pelo vigario d'esta villa antes da passagem do rio Jaguaribe junto da mesma villa, passado o qual fui conduzido á matriz, onde me receberam debaixo do palio as irmandades. Cantando-se o *Te-Deum* por muzica com o Santissimo exposto no trono, e no fim d'este acto fiz ver ao povo qual o designio que me conduzia a esta villa, e sahindo da matriz fui obrigado a consentir que todos me beijassem a mão, e dirigindo-me á caza destinada para minha rezidencia, a melhor do Aracati e bem ornada, cujo dono é Domingos Jozé Pereira Pacheco, então rezidente em Pernambuco, despedi a gente, que me acompanhava, sendo mais de 11 horas.

Dia 3. Recebi varias vizitas.

Dia 4. Mandei suspender de todo e qualquer uzo de suas ordens o padre João Filippe Pereira, em quanto este não comparecer a fazer exame sinodal para confessor, como tinha promettido. Tomei similhante resolução em consequencia da partecipação, que o mesmo padre me dirigio a esta villa, dizendo-me que tinha sido provizionado pelo vizitador para o ministerio de confessor, administrando os sacramentos na povoação do Caxaçó, na freguezia dos Santos Cosme e Damião. Esta pena foi imposta por intermedio do vizitador, a quem para este fim dirigi um officio, para que estranhasse severamente a este padre similhante procedimento, recomendando-lhe por

esta occazião não provizionasse d'ora em diante sacerdotes recentemente ordenados sem mostrarem ter feito exame sinodal.

Dia 5. Conferenciei com o paroco d'esta freguezia acerca do padre João Francisco Ferreira Barros, mencionado no dia 31 de Julho, que compareceo n'esta villa, por cujo paroco foi examinado, e approvado para celebrar e confessar, por cuja cauza ficou celebrando e confessando, estando eu informado de que já se tinha corrigido do vicio de exigir estipendio *pro labore* das confissões para que era chamado *ex charitate*. Tambem concedi a este padre licença para celebrar no oratorio privado de sua rezidencia, certificado que elle arranja todos os utensilios necessarios, além dos que já tem. Acerca dos matrimonios mencionados em 31 de Julho, respondeo-me o vigario d'esta freguezia, que estavam validos, quando celebrados antes de dar posse ao seu successor na freguezia das Russas em 26 de Dezembro de 1833, ficando eu de examinar o dia da posse, quando passar pela matriz d'esta freguezia. Este mesmo paroco tambem me certificou, que concedeo licença ao já referido padre João Francisco para a desobriga mencionada no dia 31 de Julho, persuadido que elle tinha passe de confessor, e jámais teve de lhe prorogar, pois que não era seu estoler, a quem podesse conceder a prorogação por 30 dias, segundo a permissão. Pelo que respeita ao matrimonio de Jozé Leite, já referido no dia 31 de Julho, foi com effeito revalidado, certificando-me o mesmo paroco que o cazara depois de ter despensado certo impedimento *intra confessionem*, para o que estava competentemente autorizado, não adverntindo porém que este impedimento estava publico na freguezia das Russas, como devia conhecer, quando veio mencionado na certidão dos banhos d'aquella freguezia antes da celebração d'este matrimonio. N'este dia me certificou aquelle padre João Francisco ter assistido ao matrimonio de André Rodrigues da Silva, em virtude da minha primeira licença mencionada no dia 28 de Julho, não podendo ter effeito a segunda que enviei ao padre Antonio Elias por ser recebida posteriormente á celebração d'este matrimonio. De tarde pelas 5 horas

concorreram á matriz quazi 1.000 pessoas, das quaes sómente crismei 150, com pratica no fim, não me podendo subtrahir sem que todos me beijassem a mão.

Dia 6. Compareceram na matriz 35 a 40 pessoas, pedindo confissão que lhes foi administrada pelo paroco. Pelo meio-dia recebi uma deputação da camara municipal e outra da sociedade da União Recreativa. Despachei varios requerimentos e de tarde crismei mais de 150 pessoas, assistindo á pratica mais de 1.000, as quaes me cercaram, quando desci do pulpito, cuja escada está por fóra da igreja, para me beijarem a mão; ao que annui.

Dia 7. Confessei 3 homens, recebi uma justificação de solteiro, e despachei varios requerimentos. N'este dia concorreram na matriz mais de 50 pessoas para se confessarem e 18 crianças para se baptizarem, sendo estes sacramentos administrados pelo paroco o padre Antonio, professor de grammatica latina. De tarde crismei perto de 400 pessoas, assistindo á pratica no fim mais de 1.000, que me beijaram a mão, qnando desci do pulpito.

Dia 8. Fui passar o dia em caza do Monteiro, primo do padre Ignacio do Rozario, onde ouvi missa.

Dia 9. Fui passar o dia na Barra em caza do patrão-mór, homem probo e honrado, na distancia de 3 leguas.

Dia 10. Me retirei para a villa.

Dia 11. Despachei alguns requerimentos.

Dia 12. De tarde baptizei duas filhas gemeas do irmão de João Maria Seve, do Recife, e um de Domingos Theophilo Alves Ribeiro, cunhado do dono da caza em que rezidi. N'este dia conferi prima tonsura a 2 estudantes, e chrismei mais 50 pessoas, com pratica no fim.

Dias 13, 14, 15, 16 e 17. Couza alguma occorreo, e sómente despensei 2 homens cunhados, por motivos urgentes e com as formalidades em taes cazos exigidas.

Dias 18 e 19. Passei no sitio de Domingos Theophilo.

Dia 20. Concedi algumas despensas matrimoniaes.

Dia 21. Confessei 2 homens, e na matriz concorreram algumas pessoas para se confessarem, depois que ouvi missa, e de tarde conferi prima tonsura a um estudante do Crato, irmão do padre Marrocos, e crismei quazi 200 pessoas, com pratica no fim, á qual assistiram mais de

2.000, não querendo retirar-se sem me beijarem a mão na acção de descer do pulpito.

Dia 22. Ouvi missa na matriz, onde concorreo grande numero de parvulos para serem baptizados.

Dia 23. Concedi algumas despensas matrimoniaes, e pelas 5 horas da tarde sahi do Aracati, acompanhado de muitos cavalleiros, e fui pernoitar nas Barreiras em caza de Domingos Jozé Barboza.

Dia 24. Sahi das Barreiras pelas 6 horas da manhan, acompanhado de muitos cavalleiros, e passei a calma no Giqui, onde cheguei pelas 7 horas e meia, vindo ao meu encontro muitos cavalleiros. N'esta povoação me esperava consideravel numero de pessoas de ambos os sexos, que me beijaram a mão, depois que fiz oração na capella. Fui hospedado por Joaquim Jozé da Costa Nogueira, onde concedi algumas despensas matrimoniaes, e uma de cunhados do modo já declarado em taes cazos. De tarde, pelas 6 horas, crismei mais de 300 pessoas, com pratica no fim, á qual assistio maior numero, beijando-me todos a mão, sem que me podesse subtrahir a esta demonstração de consideração.

Dia 25. Crismei pela mesma hora de hontem quazi 300 pessoas, com pratica no fim, á qual assistio muito maior numero. No fim d'esta pratica me despedi, beijando-me todos a mão. N'este dia me foi denunciado um cazamento nullo, segundo diziam, porque, tendo uns contrahentes obtido do delegado da Santa Sé, no anno de 1832, despensa do primeiro grão de affinidade licita em linha lateral, dependendo comtudo do beneplacito episcopal, o padre Manoel, então vigario interino do Aracati e ora de Papari, os cazou absolutamente, sem solicitar o dito beneplacito. E como n'este logar do Giqui tinha rezidido, ha muitos annos, o padre Miguel, sacerdote de toda a honra e probidade, era cégo e paralitico, que me informou existir a dita despensa (por que a leo), affirmando-me ser absoluta a dita despensa posto que com a clauzula já mencionada, mandei chamar o cazado em boa fé, e convencendo-o da falta d'aquella formalidade, determinei, que no dia seguinte se validasse este matrimonio pelo vigario do Aracati, que estava prezente, ao que dito cazado annuio,

julgando ser desnecessaria a despensa minha, em consequencia do testimunho do padre Miguel.

Dia 26. Sahi do Giqui pelas 6 horas da manhan, acompanhado d'alguns cavalleiros, e passei a calma no Poço do Capim em caza de Antonio Pereira de Souza, que, em companhia d'outros, veio ao meu encontro. De tarde crismei algumas pessoas, e sahi pelas 5 horas para pernoitar na villa das Russas, onde cheguei pelas 7 horas, estando a villa illuminada, e onde recebi uma reprezentação dos povos do Cascavel contra o seu paroco. Passei a examinar a posse do vigario d'esta freguezia, de que faço menção no dia 5 do corrente, e achei estar conforme com o que o vigario do Aracati me tinha asseverado, e por consequencia validos os matrimonios já mencionados.

Dia 27. Sahi das Russas pelas 6 horas e meia da manhan, acompanhado d'alguns cavalleiros, e passei a calma em Miguel-Pereira, em caza de um velho que dizia: Oh! minha neta trazei cá os vossos netos.» Sahi d'esta caza pelas 4 horas e meia da tarde para pernoitar no Limoeiro, em caza do padre Vicente, onde cheguei pelas 7 horas.

Dia 28. Sahi de Limoeiro pelas 5 horas da tarde, depois de crismar algumas pessoas, acompanhado d'alguns cavalleiros, e cheguei ao Taboleiro d'Arêia, onde existe a capella de Nossa Senhora das Brotas, pelas 7, e depois de fazer oração, fui hospedado pelo padre Manoel, capellão da dita capella.

Dia 29. Ouvi missa, e de tarde crismei mais de 100 pessoas, com pratica no fim, á qual assistiram mais de 300, e ás quaes dei a mão a beijar, porque assim o exigiram. Antes d'este acto, conferi prima tonsura a 4 estudantes.

Dia 30. Concedi ao capellão d'esta capella as honras de mestre de ceremonias do solio, e crismei algumas pessoas. N'este dia me appareceo Manoel Ferreira da Silva, mencionado em 1.° de Agosto, supplicando-me a revalidação do seu matrimonio, para cujo fim o despensei, e por motivos concedi licença ao padre capellão para assistir a esta revalidação, bem como a outra que se

effectuou pela despensa, que concedi no 1.° grão em linha recta. Pela minha chegada a este sitio se resolveo a cazar um moço concubinado por alguns annos. Tambem concedi outras despensas matrimoniaes. N'este dia veio ter comigo o padre Freire.

Dia 1°, de Outubro. Sahi do Taboleiro d'Areia pelas 5 horas da tarde acompanhado de alguns cavalleiros, e pernoitei debaixo das arvores da mata de João da Silva, por onde transitam onças e cobras, a cujo respeito se tomaram as convenientes medidas. Este successo pela primeira vez acontecido, me foi mui sensivel, por que esperava achar caza, e repentinamente ouço dizer, que ali era o lugar de pernoitar.

Dia 2. Sahi d'esta mata pelas 5 horas e meia da manhan com os mesmos cavalleiros, e passei a calma no Olho d'Agua, em caza de João Baptista, que com seus filhos fielmente me acompanhou até a villa de Apodi, conduzindo-me pela serra de 9 legoas, onde existem cobras e onças. Esta serra não tem habitante algum, e cujo terreno é o melhor que se póde considerar, sem uma só subida ou descida, chão duro, e alheio de pedras. Por esta picada, quazi toda fechada, encontrei rastos de onças e de cobras, que por felicidade não avistei, mas fui açoitado pelas ramas, que procediam de arvores secas.

Dia 3. Sahi do Olho d'Agua pelas 6 horas da manhan, e passei a calma debaixo de uma arvore, junto da Lagoa-Grande, donde sahi pelas 4, pernoitando debaixo das arvores da mata queimada. Pelas 5 e meia passei a divizão da provincia do Ceará para a do Rio-Grande.

Dia 4. Sahi d'esta mata pelas 6 e meia horas da manhan, não sendo possivel mais cedo pela falta de 2 cavallos, que se extraviaram, e cheguei á villa de Apodi pelas 9 e meia da mesma manhan, acompanhado de alguns cavalleiros que vieram ao meu encontro na distancia de 3 leguas, e fazendo oração na igreja matriz, fui hospedado pelo paroco. Não abri a vizita, porque a matriz estáse renovando, de maneira que não póde existir ali o Santissimo Sacramento.

Dia 5. De tarde crismei quazi 100 pessoas, assistindo á pratica 300 pouco mais ou menos.

Dia 6. Ouvi missa, concedi algumas despensas matrimoniaes; de tarde crismei mais de 100 pessoas, assistindo á pratica mais de 300. O orago d'esta freguezia é Nossa Senhora da Conceição e S. João Baptista, e o padre Silverio Ribeiro de Menezes, ordenado por mim, é o coadjutor.

Dia 7. Se aprezentou o padre João Chrisostomo, vigario encommendado de Porto-Alegre, assegurando-me poder continuar na regencia da freguezia. Concedi varias despensas matrimoniaes, e de tarde crismei mais de 100 pessoas, com pratica no fim, á qual assistiram mais de 300.

Dia 8. Concedi algumas despensas matrimoniaes, e ouvi de confissão um homem de 22 annos, sendo esta a primeira vez que se confessou. N'este dia concedi aos vigarios d'esta freguezia e de Porto-Alegre a faculdade de despensarem o 1.° e 2.° gráos de afinidade illicita *intra confessionem*, sendo occultos e em linha transversal, e a despensar os proclamas em cazos urgentes, sendo os contrahentes nacionaes e moradores em suas mesmas freguezias, e não constando algum impedimento canonico ou civil.

Dia 9. Sahi do Apodi pelas 6 horas da manhan, acompanhado de alguns cavalleiros, e passei a calma em caza de um parente do padre Guerra, vizitador d'esta provincia e da da Parahiba, no sitio denominado Sabe-Muito, e depois que crismei algumas pessoas, sahi d'esta caza pelas 5 horas, pernoitando em Caraúba, em caza de um parente do padre Christovão dos Afogados, onde fui sciente da morte do vigario do Poço da Panella.

Dia 10. Sahi d'esta caza pelas 6 horas da manhan, e passei a calma nas Corôas, em caza de uma cunhada do padre Guerra, onde appareceo uma irman do mesmo padre, e de tarde, pelas 5 e meia, sahi d'esta caza, onde compareceram muitos cavalleiros da freguezia de Campo-Grande, que me acompanharam até a matriz, onde cheguei pelas 7 horas, sendo hospedado pelo paroco encommendado, ordenado por mim, e a quem encommendei esta freguezia, tendo recebido boas noticias pelo que respeita ao seu comportamento.

Dia 11. Crismei de tarde algumas pessoas, e depois se me aprezentou um anão, que contrahio este defeito

alguns annos depois do seu nascimento. Este homem cazou depois que ficou infectado de uma tal molestia. Dois filhos e uma filha, que vieram em sua companhia, a quem mandei entregar 4$ réis por esmola, nascendo livres de similhante infecção, contrahiram a molestia do pae depois de 3 annos de idade. Outros filhos tem este homem, que existem perfeitos,e se julga, que escaparão a este contagio, porque a mãe existe perfeita. N'este dia falei com 2 concubinados publicos, a cada um dos quaes fiz ver quaes eram os seus deveres, e apezar das mais serias reflexões, não pude resolvel-os a cazarem, posto que os convencesse da futilidade de suas razões, tendo elles a tal respeito um claro conhecimento. Admirei a sua dureza, e apenas pude conseguir dar-me resposta no dia seguinte, para meditarem acerca de tão importantes razões por mim expostas.

Dia 12. Mandei o vigario de Buique ser padrinho de um filho de Sebastião Justino Gondim, que me convidou para ser seu compadre. N'este dia concedi ao vigario encommendado d'esta freguezia o poder de despensar o 1°. e 2°, gráos de affinidade illicita, o 2°., 3.° e 4.° de consanguinidade, e affinidade licita aos moradores do lugar denominado Praias, distante d'esta matriz 28 a 36 legoas. Tambem despensei os banhos, verificadas as condições em que restringi esta graça, visto que aquelles moradores existem concubinados, e o paroco não póde ali demorar-se, e sómente por este meio se póde occorrer a similhante relaxação. Tambem chamei um homem cazado, amigado com mulher estranha, e o persuadi a que deixasse similhante amizade, e como elle por necessidade estivesse auzente de sua familia prometteo-me unir-se a esta, para cujo fim já tinha diligenciado mandal-a conduzir para o lugar de sua rezidencia, visto que não pódia comparecer n'aquelle, onde existia a dita familia. De tarde chrismei quazi 60 pessoas, e mais de 300 foram as que assistiram á pratica. Não abri a vizita, porque a matriz, cujo orago é Santa Anna, não tem sacrario, e está inteiramente destituida dos ornamentos e utensilios necessarios, conservando apenas o necessario para celebrar, por ser recentemente creada e desmembrada do Assú.

Dia 13. Ouvi missa na matriz, onde se confessaram quazi 30 pessoas. Um dos dois que no dia 11 prometteram dar-me resposta veio n'este dia certificar-me, que na seguinte semana effectuava seu cazamento, supplicando-me despensa de alguns impedimentos e dos banhos, que lhe concedi, feitas as averiguações necessarias. Não voltando o outro, ficou por mim recommendado ao paroco. De tarde crismei quazi 100 pessoas, assistindo á pratica mais de 300; depois do que compareceram na minha rezidencia mais de 12 homens por mim convocados, e os induzi a que quanto antes concorressem para se crear a nova irmandade do Santissimo, estando todos dispostos a cooperar para que a matriz goze aquella decencia que lhe é propria, para n'estas e collocar o sacrario, o qual eu prometti arranjar em Pernambuco e offerecel-o por esmola. Todos convieram, que a irmandade se erigisse pelo tempo da proxima festa do Natal, tempo mais proprio para o ajuntamento das principaes pessoas.

Dia 14. Sahi do Campo-Grande pelas 6 horas da manhan, e passei a calma no sitio Maxixe, em caza de Bernardino de Sena, homem verdadeiramente religiozo, e que foi ao meu encontro uma legua distante de sua caza. Pelas 5 horas da tarde sahi d'esta caza, e pernoitei em Beldroégas.

Dia 15. Sahi d'esta caza pelas 6 horas da manhan, e pouco depois veio ao meu encontro o padre Manoel Januario, seu pae, e um honrado homem João da Fonseca Silva, pae de um seminarista, e junto da caza do dito padre me convidou seu pae para ali passar o dia, instando e dizendo-me, que tinha feito sua despeza para me receber, constando-me depois que a mulher d'este, com suas escravas, trabalhou toda a noite para aprontar um bom almoço e jantar. Eu porém recuzei este convite por motivos que occorreram. Passando a calma debaixo de umas arvores nas Barrocas, ali compareceram os ditos padre Manoel, seu pae e o Fonseca, conduzindo melancias, melões, e carne assada, etc. Todos jantamos, unindo as nossas ás suas viandas, e daqui sahindo pelas 5 horas, chegámos á villa do Assú pelas 7, vindo ao meu encontro alguns cavalleiros, precedidos do paroco, que já pela manhan

tinha vindo ao meu encontro, e de quem recebi mui boas noticias acerca de seu comportamento, gozando eu complacencia a tal respeito por ter sido por mim ordenado de presbitero. Desde o principio da villa fui conduzido á matriz debaixo do palio, acompanhando-me consideravel numero de povo. Entrando na matriz cantou-se o *Te-Deum* por dois seculares, e posteriormente á oração diante do Santissimo Sacramento, fui hospedado pelo paroco com decencia, passando a despedir os que me acompanhavam, depois de lhes dar a mão a beijar, e lhes significar o fim de minha vizita. Tambem foi ao meu encontro o padre Baylon, professor de grammatica latina e por mim ordenado de presbitero, que se tem conduzido dignamente, ouvindo eu dizer que desde a mais tenra idade jamais experimentou os effeitos proveniente de irregular conduta.

Dia 16. Despachei alguns requerimentos.

Dia 17. Pelas 10 horas fui á matriz conduzido de baixo do palio, e abri a vizita, praticadas as ceremonias do costume, cujo officio foi cantado. O sacrario, a custodia, a pia baptismal, os paramentos e mais utensilios estão decentes. A igreja está muito suja por cauza da grande inundação de morcêgos, que no tempo de inverno se acoutam dentro. Mas por que a capella mór está decente, consenti, que ali existisse o Santissimo Sacramento, concebendo esperança de se reparar a igreja, de maneira que não seja mais occupada pelos morcêgos.

Dia 18. Examinei sinodalmente o padre Manoel Januario com os vigarios de Buique e o d'esta freguezia, concedendo-lhe licença para confessar um e outro sexo por espaço de 6 mezes, no fim dos quaes deve examinar-se com o vizitador d'esta provincia, antes que parta para o Rio de Janeiro na qualidade de senador, e cujo exame deve ser-me aprezentado para lhe deferir para o futuro. De tarde crismei mais de 100 pessoas, assistindo á pratica mais 300. Este acto foi celebrado fóra da porta da matriz por cauza do máo cheiro dos morcêgos, ficando as mulheres dentro da igreja, por que o campo existia mui quente, por cauza da ardencia do sol. N'esta freguezia, como em outras, tem recorrido a mim muitos paes de familia para que eu

obrigue a cazar com suas filhas os moços, que d'ellas tem abuzado com promessa de cazamento, fazendo-lhes vêr por esta occazião quaes deviam ter sido os seus deveres, e como se deviam conduzir segundo as leis existentes. N'este dia compareceo o vigario encommendado dos Angicos para me vizitar, e n'esta occazião fui sciente de que elle é Brazileiro adoptivo, quando natural de Lisboa.

Dia 19. Foram por mim convocadas as principaes pessoas d'esta villa para lhes fazer vêr a urgente necessidade de repararem as ruinas da matriz, e prestando-se todos a concorrer, e assignando cada um sua esmola, montaram as quantias á somma de 700$ réis, incluza a minha esmola de 50$ réis que logo entreguei. No mesmo acto compareceo o novo thezoureiro dos bens da matriz nomeado pelo juiz de direito, e foram nomeados para administradores da obra o coronel Wanderley e o juiz de direito Bezerra, homens pobres e honrados. O vigario da freguezia deo 100$ réis, e mandei supplicar a outras pessoas as suas assignaturas, acreditando que depois d'este acto se principiará a dita obra, outr'ora malograda. De tarde crismei quazi 300 pessoas, assistindo á pratica mais de 400.

Dia 20. Ouvi missa na matriz, cujo padroeiro é S. João Baptista, e depois compareceram algumas pessoas, prestando asssignatura para a obra em projecto. N'este dia me vizitou o vigario de Sant'Anna do Matos, 10 leguas distante d'esta villa. De tarde crismei quazi 500 pessoas, assistindo á pratica maior numero. Por motivos attendiveis tenho principiado a crismar pelas 6 horas da tarde, finalizando taes actos, quando havia maior concurrencia de povo, pela meia noite, e uma hora com a melhor ordem e attenção, que prestavam ás praticas ordinariamente pelo tempo de uma hora. N'este dia concedi uma despensa de cunhados por motivos urgentes.

Dia 21. Fui passar o dia em caza do tenente coronel Fonseca, já mencionado, 2 legoas distante d'esta villa, onde crismei quazi 100 pessoas, pelas 6 horas da tarde, antes de regressar para a villa.

Dia 22. Crismei particularmente algumas pessoas que vieram da distancia de 8 legoas, e depois conferenciou

comigo o vigario de Sant'Anna do Matos acerca de varios objectos, respectivos á sua freguezia. Este paroco goza bom nome, e me pareceo existir n'elle intelligencia sob os seus deveres parochiaes. Veio ter commigo um militar, supplicando-me nova nomeação de paroco para a freguezia dos Touros, visto que o proprietario existe prezentemente em Pernambuco por cauza de molestia. Como porém o padre, que ficou fazendo as vezes de vigario, não me tenha supplicado demissão, nem d'elle exista queixa, não deferi a tal supplica. Concedi uma despensa de cunhados a um quazi moribundo, amigado com uma cunhada, de quem tem alguns filhos, attentos os motivos que me foram expostos por 3 pessoas de probidade, sendo uma d'estas o vigario d'esta freguezia, á qual os agraciados pertencem. N'esta freguezia como em outras tenho feito ver em minhas praticas, que não existe faculdade para despensar este 1°. gráo, para que os cunhados se abstenham de supplicar taes despensas, bem como não poderem os filhos menores cazar, sem licença de seus paes ou do competente ministro, e sem serem proclamados, pois que os parocos me tem asseverado como são vexados para pôr em pratica os maos designios de seus parochianos a respeito. Concedi outra despensa de cunhados, concubinados e constituidos em imminente perigo de vida, ambos nascidos e moradores d'esta freguezia, precedidos os depoimentos do costume em taes cazos.

Dia 23. Sahi do Assú pelas 6 horas da manhan, acompanhado de alguns cavalleiros, pernoitando em Santa-Quiteria.

Dia 24. Sahi de Santa-Quiteria pelas 5 horas e meia da manhan, e descansei em Pata-xóca, donde sahi pelas 5 da tarde, e cheguei á villa dos Angicos pelas 6 e meia, vindo muitos cavalleiros ao meu encontro. No caminho estavam 4 arcos enfeitados, e a villa estava illuminada. Fui recebido á entrada da villa pelo paroco encommendado e paramentado, que me aprezentou a cruz para beijar, thurificando-me depois, e acompanhado do povo entrei na matriz, orando e fazendo ver qual o meu designio, e posteriormente fui hospedado em uma caza ainda não acabada. Esta é aquella villa que eu reputava digna

de pouca consideração, porém é maior do que a do Apodi, e seus habitantes dignos de estimação, por sua benignidade e religião. Todos os que foram ao meu encontro, e me tem aqui vizitado, têm comparecido mui decentemente vestidos, tributando-me a maior consideração.

Dia 25. Fui á matriz pelas 5 horas examinar os paramentos, que estão decentes. Não abri a vizita, porque não existia o Santissimo no sacrario. A igreja, cujo titulo é S. Joze, está mui decente, posto que pobre, em consequencia de ser freguezia novamente creada e desmembrada da do Assú; tinha porém os utensilios necessarios para se collocar o Santissimo no sacrario, razão por que passei a tratar de o collocar no dito sacrario. Tomei esta resolução mandando chamar o padre Manoel Januario para o nomear paroco encommendado d'esta freguezia, obedecendo elle immediatamente na distancia de 12 a 14 legoas, porquanto o paroco, que regia esta freguezia, existia muitas vezes embriagado, em cuja embriaguez me recebeo, não tendo eu esperança alguma de sua correcção, visto que nem ao menos se absteve d'este vicio em minha publica recepção, depois da qual lhe fiz ver a fealdade de sua culpa e quanto n'elle era mais reprehensivel, e por ser natural de Lisboa, depois do que me prometteo corrigir-se, sendo aliás dotado das melhores qualidades, pelas quaes era geralmente estimado ainda mesmo exercendo o ministerio parochial. N'esta mesma tarde crismei quazi 200 pessoas, assistindo á pratica quazi 300. Este paroco não possue couza alguma, uma meia samarra, que veste, lhe foi dada por esmola, estando os habitantes d'esta villa prontos a soccorrel-o, ainda mesmo quando deixasse de reger esta freguezia.

Dia 26. Fui á matriz arranjar o sacrario, mandando fazer as cortinas internas e externas, para as quaes me aprezentaram galão e franja de ouro fino, bem como o sagrado vazo, fabricado em Lisboa na importancia de 150$000 réis E porque os habitantes muito se interessavam em collocar em sua matriz o Santissimo, motivo porque determinei não me retirar, sem que se verificasse seu pio designio. De tarde crismei mais de 300 pessoas, assistindo á pratica maior numero.

Dia 27. Ouvi missa, á qual assistio consideravel numero de pessoas de ambos os sexos. Querendo èu n'esta villa sustentar-me á minha custa, attenta a summa indigencia do paroco, qual já mencionei, aconteceo, que alguns parochianos deliberassem sustentar-me á sua custa. Entre estes se tem distinguido particularmente o já referido tenente coronel Fonseca, o qual acampanhando-me da freguezia do Assú até esta, n'ella permaneceo para providenciar no que fosse necessario ainda mesmo para a futura viagem, na qual eu devia supportar falta d'agua etc., na distancia de 38 legoas até a freguezia de Extremoz. N'este dia concedi algumas despensas matrimoniaes, e de tarde crismei 200 pessoas, assistindo á pratica mais de 300.

Dia 28. Ouvi missa, e crismei dois meninos, cujos paes não podiam demorar-se na villa, e depois chamei o paroco para lhe declarar como eu estava esperando o padre Manoel Januario para lhe entregar a regencia d'esta igreja, não convindo que elle continuasse, attenta a inclinação, que elle conservava á bebida espirituoza, e pelo receio que eu tinha da reincidencia n'este vicio, não lhe devendo confiar a guarda do Santissimo Sacramento. Tambem lhe signifiquei como elle ficava entregue á vigilancia do Lisboeta Manoel Jozé Fernandes, seu amigo, homem probo e religiozo, que goza grande consideração na serra do Bomfim, onde rezide com sua numeroza familia no distancia de 18 legoas, para o afastar d'aquelle nefando vicio, cazo n'elle recaia. Propuz suspender este padre para mais facilmente o corrigir, como porém elle tivesse manifestado indicios de correcção e havia necessidade que elle celebrasse e confessasse na caza do dito Lisboeta, em cujo sitio e sua circunferencia existe consideravel numero de povos, disisti d'aquelle designio, nomeando coadjutor d'esta freguezia sob as vistas do novo paroco, para em meu nome o suspender, partecipando-me este acontecimento no cazo de reincidencia. N'este dia concedi ao dito Fernandes licença para erigir uma capella, que elle propoz edificar.

Dia 29. Exhortei o padre Manoel Januario a conduzir-se no ministerio parochial como convinha etc. e

determinei, que o novo coadjutor exercesse o seu ministerio na serra do Bomfim, tendo em vista que esta igreja não fique destituida de pastor em alguns cazos, que podem occorrer. No fim da tarde crismei mais de 40 pessoas, e estando prezentes quazi 100, e a estas dirigi uma breve pratica, no fim da qual as admoestei a que partecipassem a seus parentes, amigos e vizinhos, como deviam concorrer na matriz em o 1° do proximo mez de Novembro pelas 9 horas para assistirem á collocação do Santissimo pela primeira vez exposto á veneração n'aquelle lugar.

Dia 30. Enviei, gratis, ao padre Manoel Januario a portaria de sua nomeação para a regencia d'esta freguezia, e da mesma fórma a do coadjutor, propondo em meu animo cohonestar em prezença do povo o ingresso d'este padre. N'esta manhan crismei uma criança depois que foi baptizada. Pela portaria enviada ao padre Manoel Januario por tempo de um anno, o julgo izento de prestar o exame, que lhe determinei perante o vizitador já mencionado.

Dia 31. Fui á matriz sagrar a nova ambula, benzer o sacrario, e determinar o que se deve praticar na funcção d'amanhan com a possivel solemnidade. Convidei tambem os moradores da villa para que na noite d'este dia illuminassem suas cazas, fizessem fogueiras e déssem tiros de alegria.

Dia 1° de Novembro. Pelas 9 horas fui á matriz conduzido debaixo do palio, e concorrendo consideravel numero de povo, sentei-me junto do altar-mór, mandando ler a portaria da nomeação do novo paroco, e depois de lhe dar a posse, dirigi ao povo uma breve pratica acerca de minha deliberação e da obediencia que lhe devia prestar etc., fazendo ler depois a portaria do coadjutor. Passei a paramentar-me pontificalmente e principiei a missa. No principio do canon ascendeo-se o trono, e logo depois da consagração fiz n'elle collocar a custodia, que veio da matriz do Assú, cantando-se o *Tantum ergo*. No fim da missa cantou-se o *Te-Deum* com as 3 orações de acção de graças. Conduzido áo trono o Santissimo houve procissão por fora da matriz, cantando os padres o himno *Sacris solemnis*. Depois da procissão abençoei

o povo com o Santissimo, e fiz publicar 40 dias de indulgencias, exhortando o povo á veneração e respeito devidos a tão augusto sacramento, recommendando particularmente ás mulheres para que não façam assuada na igreja, como costumam, tendo em vista a real prezença de Jezus Christo, e o exemplo d'este Senhor no templo de Jeruzalém, concluindo a minha pratica com uma exhortação acerca das dispozições, com as quaes é mister receber o corpo de Jezus Christo, e que de outra maneira manchariam a memoria d'este dia, entre elles digna de eterna recordação.

Dia 2. Celebrei as 3 missas, assistindo consideravel numero de povo, e pelas 9 horas e meia tornei á matriz para crismar umas 200 pessoas, assistindo á pratica de despedida maior numero. Depois d'este acto, achavam-se congregados 38 homens, por mim convocados para se instituir a irmandade do Santissimo, a cujo respeito eu exhortei, estando todos conformes; e procedendo-se a eleição do juiz, escrivão, thezoureiro, procurador e 12 irmãos de meza, fui eleito juiz por unanimidade de votos, estando eu mui longe de tal acontecimento. O vigario do Assú, que estava prezente, foi eleito escrivão, tendo-se antes offerecido para irmão. Ficou determinado, que a nova meza organizasse quanto antes o compromisso. Todos de bom-grado prestaram suas assignaturas, cuja continuação me asseguraram.

Dia 3. Ouvi missa na matriz, e depois crismei particularmente algumas pessoas. Como o ex-vigario hontem e hoje lançasse máo cheiro, dando a conhecer ter recahido na embriaguez, estranhei-lhe caridozamente esta reincidencia, protestando-lhe que não se corrigindo era immediatamente suspenso pelo novo vigario, a quem communiquei este poder, determinando que me partecipasse, para eu mandar proceder na fórma das leis. Este padre quiz despedir-se do povo no tempo da missa conventual (pois que devia acompanhar-me, indo para o seu destino) por um discurso escrito; porém eu o prohibi por motivos, e receiando que indispozesse o povo contra o novo paroco, por mim prevenido para evitar, si necessario fosse, este designio, visto que me constou, que alguns

parochianos intentavam oppor-se á posse do novo paroco. N'este dia concedi algumas despensas matrimoniaes. Sahi d'esta freguezia pelas 5 horas da tarde, acompanhado de alguns cavalleiros, e pernoitei em São-Romão, em caza de um homem que me recebeo com muita amizade e respeito.

Dia 4. Sahi de São-Romão pelas 5 horas e meia da manhan, e passando a calma em Santa-Cruz, na caza de um vaqueiro, sahi pelas 5 e meia da tarde, tendo antes crismado algumas pessoas, e fui pernoitar debaixo de umas arvores no Riaxo-Fechado.

Dia 5. Sahi d'este sitio pelas 5 horas da manhan, e passei a calma em Varge dos Bois, na caza de um vaqueiro, onde me appareceo o Lisboeta já mencionado, que mandou matar uma vaca por meu respeito, manifestando d'esta maneira o prazer que tinha em me obzequiar. De noite crismei mais de 200 pessoas, assistindo á pratica maior numero. N'esta noite abandonou escandalozamente minha companhia o vigario da freguezia do Buiçuo, tendo-me acompanhado desde Pernambuco, não havendo outro motivo mais que o de eu não consentir, que elle fosse padrinho de uma mulher, manifestando eu publicamente a razão de minha repugnancia, qual foi a de elle em auzencia não poder cumprir os deveres de padrinho, tendo eu já condescendido por algumas vezes, que elle exercesse este ministerio, tendo eu em vista algumas palavras, que elle n'esta occazião proferio, pouco decentes.

Dia 6. Sahi da Varge dos Bois pelas 6 horas da manhan e almocei em Umari da Sombra, onde crismei algumas pessoas antes de sahir d'este lugar pelas 4 e meia da tarde para pernoitar em Boa-Agua, onde tambem crismei algumas pessoas.

Dia 7. Sahi da Boa-Agua pelas 5 horas da manhan, passando a calma na Ladeira-Grande, em caza de um homem mui probo e religiozo, a rogo do qual resolvi ali pernoitar para crismar quazi 100 pessoas, assistindo á pratica maior numero.

Dia 8. Sahi da Ladeira-Grande pelas 5 horas da manhan, e cheguei a Taipú do Meio, onde fui hospedado e rogado para ali permanecer até domingo, certificado de

que n'este lugar deve concorrer consideravel numero de povo para receber o sacramento da confirmação, e satisfeito de encontrar nas pessoas, que me receberam, muita probidade e religião. De noite crismei quazi 100 pessoas, assistindo á pratica maior numero de concurrentes. Tenho crismado de noite, porque não só se tem praticado decentemente estes actos, como porque era mister annuir aos rogos de muitas pessoas, que por sua pobreza não podiam comparecer de dia, constando-me que muitas pessoas do sexo feminino de maior e menor idade recebiam este sacramento, comportando vestidos emprestados, tendo eu igualmente em vista a distancia de 10 e 12 leguas, donde concorriam muitos crismandos. Tenho sido um pouco extenso nas minhas praticas, fazendo ver aos povos, como não gozarei mais a ventura de lhes falar em nome e por amor de Jezus Christo, em cumprimento do meu primeiro dever.

Dia 9. Despachei 2 requerimentos do padre Gama, recebidos no mesmo dia, e attendendo á longitude de muitas pessoas, que estavam chegando, e como era mister que todos os crismandos recebessem a impozição de mãos, fui obrigado a principiar a acção do santo crisma pelas 8 horas da noite, administrando este sacramento a mais de 1.000 pessoas, terminando depois de meia noite, antes da qual suppliquei a comida de uns ovos fritos, por não poder fazer a pratica sem alguma refeição em consequencia de ter jantado com muita parcimonia. Esta pratica finalizou pela uma hora, assistindo muito maior numero que os crismados. N'esta noite veio ter comigo o reverendo Fidelis para me cumprimentar, tendo de idade 70 annos.

Dia 10. Celebrei pelas 8 horas, assistindo consideravel numero de povo, e depois crismei quazi 30 pessoas. Dizendo missa o padre Jozé, algum tempo depois, tambem concorreram muitas pessoas, no fim da qual cazou uns noivos com licença minha, e despensados os banhos por mui attendiveis motivos. Finalmente tornei a crismar 30 a 40 pessoas, que moram em grande distancia. De noite principiei a crismar particularmente pelas 8 horas algumas pessoas, que vieram de longe, persuadindo-me

que não compareceriam outras pessoas. Como porém até ás 9 chegassem por vezes varias familias, crismei mais de 200 pessoas, impondo-lhes 4 vezes as mãos.

Dia 11. Sahi do Taipú pelas 6 horas da manhan acompanhado d'alguns cavalleiros, e descancei no sitio denominado Capella, em caza de Teixeira, homem cégo, de muita probidade e religião, que me foi convidar na distancia de 3 leguas, para administrar o sacramento da confirmação aos que concorressem para este fim. Com effeito concorreram mais de 2.000 pessoas, que ouviram a pratica depois que foram crismadas mais de 1.000. Este acto principiou pelas 8 horas da noite e finalizou pela 1, descançando eu pelas 2 até ás 4 para seguir viagem pelas 5. N'esta caza consegui com muita difficuldade, porém felizmente, a reconciliação de dois individuos que mutuamente se odiavam a ponto de quererem assassinar um ao outro, quando se encontravam, como aconteceo por 2 vezes, disparando um para o outro armas de fogo, e acomettendo com facas de ponta. A esta reconciliação assistiram muitas pessoas unanimemente possuidas do maior regozijo, como parentes ou amigos. Para esta reconciliação muito concorreo o vigario encommendado da freguezia d'Extremoz, que se distinguio admiravelmente sobre este objecto, o mais delicado, visto que aquelles individuos gozavam consideração, e tambem por outras vias tinham maquinado a morte um ao outro, não se effectuando esta porque os agentes não annuiram. Como eu conseguisse esta reconciliação, depois de uma pratica de meia hora acerca do preceito da caridade do proximo, fazendo-lhes ver como se deviam comportar d'ora em diante, obter não pude com tudo que se abraçassem, porque um d'elles recuzou esta publica demonstração de fraternidade, e tomando o dito vigario a resolução de suprir esta falta, passou a braçar a ambos, cujo exemplo segui, fazendo ver como aquelles abraços eram significativos da paz e tranquilidade, em que deviam viver para o futuro, esquecendo-se do procedimento preterito, fundamentado em vehemente paixão. Tendo elles promettido cumprir exactamente os deveres religiozos, todos os circunstantes passsaram a dirigir

decentes saúdes a tão feliz rezultado. A minha saúde foi dirigida áquelles que tinham patenteado maior satisfação no prazer que os odiados cauzaram ao céo, e desesperação e raiva ao inferno. N'esta occazião fiquei persuadido, que o odio e rancor até agora em pratica ficaram extinctos, posto que não promettessem mutua amizade, por quanto aquelle que recuzou abraçar o seu rival, tinha-me supplicado particularmente, que não o obrigasse á abraçal-o, dizendo-me as razões que tinha para não ser seu amigo, tendo-o perseguido gratuitamente; ao que prestando eu attenção, o convenci, satisfazendo elle ao prescrito da caridade, não era obrigado a tributar amizade, iste é, a communicar-se, si não com aquellas pessoas dignas de sua communicação, antes era mister afastar-se de qualquer individuo que lhe fosse motivo de escandalo, ou lhe occazionasse sua temporal ou eterna ruina. Finalmente consegui, que um perdoasse ao outro.

Dia 12. Sahi do sitio Capella, acompanhado de alguns cavalleiros pelas 6 horas e meia da manhan, e cheguei á villa de Extremoz pelas 9 da mesma manhan, vindo ao meu encontro outros cavalleiros. As estradas n'esta provincia são apraziveis por contarem muitas mangabeiras e cajueiros. Entrando na matriz fiz oração ao Santissimo Sacramento, e depois fui hospedado pelo paroco encommendado, no pequeno convento junto da matriz, edificado, segundo me disseram, pelos jezuitas, e onde rezide o paroco. De noite se illuminou a villa, junto da qual existe uma mui grande lagôa, que se communica com o mar na distancia de 3 legoas.

Dia 13. Fui vizitado por muitas pessoas, sendo a maior parte Indios habitantes dentro e fóra da villa. Pelas 6 horas da tarde crismei na matriz quazi 300 pessoas, assistindo á pratica mais de 400. N'este dia concorreram 80 pessoas para se confessar.

Dia 14. Veio ter comigo um homem de 40 annos, e me partecipou, que, projectando seus paes em o fazer baptizar no templo competente, aconteceo, que a sua existencia estivesse em perigo, attento o qual chamaram um homem para o baptizar, ficando todos na bôa fé de que

elle fôra baptizado, mandando-o á matriz para receber os santos oleos. Passados muitos annos, e depois d'elle ter cazado e possuir alguns filhos, cazualmente se encontrou em Pirangi com o homem, a quem seus paes chamaram para o baptizar. Este homem conheceo perfeitamente aquelle individuo, cujo baptismo foi acreditado em razão de conhecer seus pais, e por certos signaes que n'elle divizou, e certo de que o não tinha baptizado lhe diz, que cuidasse em se baptizar, pois que elle não o tinha baptizado, quando para este fim foi chamado, por cauza de ignorar a forma d'este sacramento. Perguntando-lhe eu si existia este homem, e o padre que lhe pôz os santos oleos, respondeo,que não sabia, e era de suppôr, que não existissem por serem pessoas idozas n'aquelle tempo, e apenas se recordava ter recebido os santos oleos em Mipibú. Resolvi em tal cazo, que o vigario da freguezia de Extremoz, assistindo a esta conferencia, baptizasse *sub conditione* este homem, precedendo as formalidades em taes cazos exigidas pela igreja, e com o maior segredo, devendo ser padrinho um homem de probidade, que o conduzio á minha prezença; depois do que passaria o mesmo paroco a revalidar o seu matrimonio com previa confissão de suas culpas, demonstrando eu facilidade na consecução do meu designio, visto que a mulher d'este homem estava sciente do prezente cazo, e pronta á dita revalidação. Declarei por esta occazião, que este homem tinha peccado com sua mulher todas as vezes que com ella se juntou carnalmente, depois que foi justificado, que não estava baptizado; o que devia acreditar, não suppondo que aquelle homem,que,por motivos de consciencia o certificou da nullidade de seu baptismo, praticasse similhante attentado, do qual sómente lhe podia rezultar ruina para a sua alma. E' para notar, que eu duvidasse do baptismo d'este homem, lembrando-se elle ter recebido os santos oleos, devendo acreditar que o ministro, que lhe os administrou, necessariamente devia informar-se sobre a validade d'este sacramento. Como porém eu esteja plenamente convencido da reclamação de muitos sacerdotes e da maior parte dos parocos, acerca de seus ministerios, este o motivo do meu procedimento a respeito

de um sacramento, sem o qual já mais se pode conseguir a salvação. Recommendei finalmente ao paroco, que quanto antes, e de modo possivel, passasse a fazer previamente as indagações necessarias sobre tão delicado e melindrozo objecto. N'este dia tambem compareceram muitas pessoas para se confessar, e outras vieram ao meu apozento para me beijarem a mão, entrando e sahindo indiscretamente, como em muitas partes aconteceo. Foi n'esta povoação, que eu apreciei muita religiozidade, probidade e a maior docilidade nos povos, e particularmente os da freguezia d'Extremoz. Pelas 10 horas fui á matriz, cujo orago é Nossa Senhora dos Prazeres e S. Miguel, e conduzido debaixo do palio, abri a vizita, cujo officio foi cantado pelo vigario, seu pae e o padre Texeira. O sacrario estava mui decente, e um só altar collateral é o que existe n'esta matriz. Sómente os paramentos estão mui indecentes. A pia baptismal, a custodia etc. estão decentes. A matriz, cujo pavimento ainda existe de terra, é com effeito um pouco grande, porém esta e o trono estão em grande deterioramento, razão porque no fim da vizita dirigi ao povo, que em grande numero estava prezente, uma fala, excitando-o e exhortando-o com razões as mais convincentes, para que mutuamente concorressem para o melhoramento de sua matriz, promovendo por todos os meios ao seu alcance a honra e gloria de Deos, o aceio e decencia de sua caza, prestando algumas esmolas para a decente administração dos sacramentos. De tarde pelas 6 horas crismei quazi 1.000 pessoas, com pratica no fim, dirigida do pulpito, á qual assistiram mais de 2.000, prestando-me a maior attenção.

Dia 15. Fui procurado por muitas pessoas de ambos os sexos, beijando-me umas a mão e expondo-me varios acontecimentos dignos da maior attenção e solicitude pastoral, occorrendo eu a todos os males e prestando-lhes a congruente medicina, á excepção d'aquelles cujo reparo não estava ao meu alcance, como são os frequentes cazos que occorrem na violação das mulheres solteiras com promessa de cazamento, soffrendo estas repetidos e manifestos enganos dos solteiros, e exigindo de mim que os obrigassem com ellas cazar. Todas estas pretendentes

remetti para o juiz de paz, a quem na prezente época pertencia providenciar a respeito, extranhando-lhes ao mesmo tempo terem-se deixado seduzir. Tambem n'este dia tem concorrido maior numero de pessoas para se desobrigarem do preceito quaresmal, de maneira que n'esta terceira manhan se contaram mais de 300 pessoas de ambos os sexos, reparando a falta de exacção n'este preceito, algumas das quaes ouvi de confissão no apozento da minha rezidencia. Existe n'esta freguezia um homem com 67 annos de idade e de tão ternos sentimentos que ainda suspira por sua mulher que ha um mez lhe foi arrebatada de caza, (no sitio denominada Capella, já mencionado), por um sobrinho de sanguinidade da dita mulher, e á força de armas, morando na mesma caza, em cujo acto o prevaricador mandou matar este marido, de cujo assassinio escapou a rogos de sua mulher. E' de notar, que esta mulher conta mais de 40 annos de idade, e viveo com seu marido por muitos annos na melhor harmonia, manifestando sempre perfeita intelligencia acerca de seus deveres. Este homem pretendeo ir pessoalmente conduzir sua mulher, ora existente na cidade da Parahiba com o dito sobrinho, por lhe constar do arrependimento de sua espoza. Eu porém o persuadi, que a mandasse conduzir por pessoa idonea para evitar algum funesto acontecimento. Junto da noite crismei maior numero que o de 1.000 pessoas, assistindo á pratica, depois de meia noite, mais de 2.000. Existe n'esta freguezia Joaquim Meirelles da Silva constituido de quarenta e tantos annos, que veio ter comigo, partecipando-me ter sido recebido em matrimonio contra sua vontade pelo padre Patricio, quando vigario n'esta freguezia, que, sem confessar estes contrahentes nem exigir a declaração de suas vontades, pôz a mão da mulher por cima da do homem, repugnando este, e dizendo ao mesmo tempo as palavras significativas da união conjugal. Daqui rezultou, que este homem se retirasse da mulher, que immediatamente, sahindo da igreja, foi para caza de seu pae, onde existio por espaço de um anno, e por algumas persuasões a recebeo este homem em sua caza, e com ella tem vivido ha annos como cazados. Além do que aconteceo, que o dito paroco assistisse a este acto, sem

que os contrahentes conseguissem despensa de segundo grão d'affinidade illicita por copula com uma prima legitima de sua suposta mulher. Occorri a este mal, mandando-os separar mui occultamente, visto que o publico os considerava cazados. Passei então a despensar o segundo grão para occultamente se revalidar este matrimonio, tendo em consideração a harmonia que tem reinado entre estes mal contrahidos. Convenci este homem como devia fazer uma confissão geral, para me certificar que desde a idade de 12 annos tinha até agora calado certos peccados por mêdo e terror dos confessores, quando o primeiro praticou com elle taes excessos de imprudencia que o obrigou a este procedimento, em consequencia de sua grande rusticidade. Estes excessos constaram (segundo a declaração do mesmo homem) de figas, murros na cabeça, bofetadas, etc.

Dia 16. Ouvi de confissão alguns homens e se desobrigaram do preceito quaresmal mais de 50 pessoas, de um e outro sexo. Pelas 6 horas da tarde crismei quazi 400 pessoas, e mais de 600 assistiram á pratica. N'este dia concedi algumas despensas matrimoniaes.

Dia 17. Ouvi missa, e ouvi de confissão alguns homens, desobrigando-se do preceito quaresmal consideravel numero de pessoas de ambos os sexos. N'esta manhan se congregaram na sacristia, por convite meu, as principaes pessoas em numero de 39, além de outras que compareceram, e lhes fiz vêr como era necessario installar a irmandade do Santissimo para se dedicar ao aceio e decencia da matriz, no que todos convieram, passando a nomear juiz, etc., e a lavrar o competente termo. De noite crismei particularmente algumas pessoas.

Dia 18. Sahi de Extremoz pelas 7 horas da manhan, acompanhado de muitos cavalleiros, e cheguei á capital d'esta provincia pelas 9 da mesma manhan, e antes de entrar na cidade achei um escaler para passar o rio, sendo cumprimentado pelo ajudante d'ordens do prezidente, que é o filho do Marquez de São-João da Palma, existindo no porto algumas balsas para o que fosse necessario. Logo que saltei em terra, me cortejou o batalhão da guarda nacional, e salvou o parque de artilheria, concorrendo

grande numero das principaes pessoas e povo para me beijarem a mão. Immediatamente me dirigi á matriz um pouco distante d'este porto, e passando pelo palacio do governo, encontrei na porta o prezidente, a quem cumprimentei, seguindo para a matriz com todos os que me acompanharam. Depois da oração ao Santissimo, agradeci o obzequio tributado á religião, que felizmente professamos, fazendo vêr qual o designio que me conduzia áquella cidade, e depois voltei para o palacio do governo para ser hospedado pelo prezidente, a cujo convite não me pude subtrahir, por ser do meu conhecimento, e ter prestado amizade a seu pae no Rio de Janeiro, por cuja cauza não fui rezidir junto da matriz em uma caza que o paroco encommendado me tinha preparado para com suavidade exercer minhas funcções, quando com muita difficuldade as exerci,sahindo do palacio do governo para a matriz um pouco distante, e cujo caminho é mui arenozo e não plano. Depois que a guarda de honra veio ao palacio fazer a continencia do costume, fui vizitado pelos officiaes.

Dia 19. Fui vizitado pelas mais principaes pessoas da cidade.

Dia 20. Fui conduzido á matriz em solemne procissão composta de 2 irmandades e do clero, conduzindo as varas do palio as pessoas para este fim nomeadas. Abri a vizita, a cujo acto assistio grande concurso de pessoas de um outro sexo, e cujo officio foi cantado. A matriz, cujo titulo é o de Aprezentação de Nossa Senhora, é espaçoza, e posto que pobre estava decente. Tem a capella do Santissimo a um lado. O sacrario estava decente, porém achei a pedra d'ara sem corporal e o sagrado vazo sem estar dourado por dentro; o que muito extranhei, determinando que d'ora em diante servisse outro dourado que me aprezentaram. A pia baptismal, a custodia e os paramentos estavam decentes ; não pude relevar porém o uzo que o paroco tinha feito dos santos oleos do anno passado, cuja negligencia reprehendi, certificando-me o paroco como já os mandara conduzir.

Dia 21. Pelas 10 horas fui á matriz, acompanhado do prezidente da provincia e das pessoas principaes para celebrar pontificalmente a missa da santissima padroêira,

assistindo sete sacerdotes, paramentados sómente 5, por falta de paramentos e um ingente concurso de pessoas de ambos os sexos. Prégou muito bem o vigario de Extremoz, e a muzicà tambem desempenhou o seu ministerio. De tarde, pelas 5 horas, voltéi á matriz do mesmo modo que pela manhan, e conduzi o Santissimo na procissão, composta de varios andores.

Dia 22. Concedi varias despensas matrimoniaes e examinei para confessor o reverendo João Leite de Pinho, assistindo ao exame sinodal o paroco encommendado da cidade e o padre mestre de philosophia Garcia. Em virtude d'este exame lhe concedi licença para confessar geralmente por tempo de um anno, attenta a sua boa conduta. De tarde pelas 6 horas crismei na matriz 300 pessoas, assistindo á pratica dirigida do pulpito maior numero de concurrentes.

Dia 23. Concedi ao vigario encommendado de Extremôz a faculdade de omittir a publicação dos banhos nos cazos de urgente necessidade, e sendo ambos os contrahentes nascidos e moradores na mesma freguezía, sem impedimento algum. Tambem o autorizei para passar para os competentes livros varios assentos de cazamentos, e baptizados, escriptos e assignados em papeis avulsos pelo seu falecido antecessor. Institui vigario geral franeo na provincia do Rio-Grande o reverendo Antonio Xavier Garcia de Almeida, e lhe concedi por provizão a faculdade para nomear paroco para qualquer freguezia d'esta provincia quando vagar, em quanto não é provida por mim, ou pelo vizitador, e para confessar sem tempo determinado, concedendo igual graça ao padre Pinto. Tambem concedi ao vigario de Extremoz provizão de vigario da vara. Chamei o padre Caldas, e o exhortei ao cumprimento de seus deveres, nos quaes, segnndo me constou, não era exacto. De tarde crismei na igreja de Santo Antonio, tão espaçoza como a matriz. e decente, mais de 300 pessoas, assistindo maior numero á pratica dirigida do pulpito, no principio da qual ouvi um grande sussurro entre as mulheres, cujo procedimento lhes estranhei.

Dia 24. Ouvi missa na igreja do Rozario, acompanhando-me o prezidente da provincia. e de tarde crismei em

Santo Antonio 200 pessoas, assistindo á pratica mais de 300. Quando ia sahindo da igreja, me cercou o povo de tal maneira que não pude deixar de dar a mão a beijar a todos, de quem me tinha despedido.

Dia 25. Escrevi ao vizitador da provincia do Ceará para que novamente suspendesse de todo e qualquer uzo das ordens ao padre João Filippe Pereira, por me constar ter sido ordenado de presbitero na idade de 21 annos com certidão falsa de seu baptismo, mandando que o mesmo vizitador o chamasse á sua provincia, e o reprehendesse de um tal attentado, qual me participou o vigario encommendado d'esta capital. Confirmei a nomeação de coadjutor para a villa de Extremoz ao padre João Leite de Pinho. Suspendi o padre João Pereira da Ponte para não celebrar em consequencia de sua decrepita idade, em attenção á reprezentação que vocalmente me dirigiu o parocho da capital, assegurando-me da irreverencia que o dito padre comettia, quando todo tremulo se expunha a profanar a sagrada hostia, e a derramar o preciozo sangue. Determinei, que o padre Alexandre, coadjutor da freguezia da capital, fosse rezidir em São-Gonçalo, em quanto esta nova freguezia não fôr provida de paroco, segundo o officio que ora recebi do governador, visto que o vigario da freguezia da capital não póde opportunamente administrar os sacramentos áquelles povos seus parochianos, por cauza do rio, que os divide da capital.

Dia 26. Sahi da capital pelas 6 horas da manhan, acompanhado do prezidente da provincia, e de muitas pessoas por elle convidadas, e embarcados todos em um escaler, e uma grande barcaça nos dirigimos a um porto distante da capital 2 legoas, onde encontrei muitos cavalleiros que tinham vindo da villa de São-Gonçalo na distancia de uma legoa. Quando desembarquei lançaram-se ao ar alguns foguetes. Pouco depois despedindo-me do prezidente da provincia, e das pessoas que me tinham acompanhado, parti para São-Gonçalo, e entrando na igreja fiz oração, concorrendo muito povo, ouvindo-se alguns foguetes, e postando-se a guarda nacional, que me comprimentou. Fui hospedado pelo major João Ferreira de Albuquerque, e vizitado por muitas pessoas de fóra da villa.

Dia 27. Concedi algumas despensas matrimoniaes e aprezentando-se o padre João Soares, com este tive uma larga conferencia acerca de alguns objectos, sobre os quaes me tinham falado, e dizendo-me o dito padre a razão por que assim havia praticado, lhe estranhei, o que mereceo censura; depois do que o exhortei a que se oppozesse ao futuro concurso para alguma igreja parochial, de cujo ministerio já tinha pratica. A tal respeito me aprezentou algumas difficuldades, sendo a principal sua grande pobreza, attenta a qual lhe prometti concorrer com algum subsidio pecuniario, para que elle aperfeiçoe este designio. A este padre concedi gratis o poder de celebrar em altar portatil. N'este dia tambem fui vizitado por pessoas, que vieram de varios lugares. De tarde, pelas 5 horas, crismei na igreja mais de 1.000 pessoas, assistindo maior numero á pratica, que finalizou depois de meia noite. N'este grande numero de pessoas, uma só foi a que lançou na salva 80 reis, e em todas as freguezias foram mui diminutas as esmolas do crisma, e quando alguma pessoa lançava na salva um patacão, era falso a toda a evidencia.

Dia 28. Concedi algumas despensas matrimoniaes, e despachei outros requerimentos, entre os quaes foram 2 de Bernardo de Taipú do Meio, para este fazer celebrar missa no oratorio que pretende edificar, depois que fôr vizitado e approvado pelo reverendo paroco. Tambem lhe concedi licença para erigir uma capella publica com a clauzula de aprezentar o respectivo patrimonio, antes de obter nova permissão para administração dos sacramentos. N'este dia mandei benzer pelo coadjutor Alexandre a capella-mór d'esta igreja para ali se celebrar missa nos proximos dias sabado e domingo. Esta igreja, sendo mais larga que comprida, contém outro maior defeito na capella-mor, quando inclinada para o lado direito, e não em linha recta com o corpo, e posto que estejam edificadas as paredes e o tecto tam-sómente, julguei conveniente a celebração do santo sacrificio n'aquelles 2 dias para excitar os povos a concorrerem para se acabar o templo, promettendo principiar a forrar a capella-mór na 1ª. segunda feira, que apezar d'esta falta podia admittir a celebração. N'este dia mandei revalidar 5 matrimonios nullos, quando

despensados os gráos de parentesco pelo falecido vigario de Extremoz Gregorio Luiz das Virgens, sem que para isto fosse autorizado, recommendando ao paroco d'esta freguezia que examine si existem outros cazados constituidos na mesma desgraça, para se revalidarem seus matrimonios, prendendo as respectivas despensas. Pelas 6 horas da tarde crismei quazi 400 pessoas, assistindo á pratica mais de 800, das quaes não me pude retirar sem que me beijassem a mão, finalizando este acto pela meia noite, como em outras muitas partes aconteceo.

Dia 29. Sahi d'esta villa pelas 5 horas da manhan, e passando a calma em Japicanga, sahi pelas 4 acompanhado de alguns cavalleiros, vindo muitos outros de Mipibú ao meu encontro. Cheguei a esta villa pelas 6 na mesma tarde, e fui recebido pelo paroco encommendado debaixo do palio na porta da matriz, e fazendo oração ao Santissimo, exhortei o povo, que me acompanhava, significando qual era o designio que me conduzio a esta villa, e depois que agradeci o obzequio prestado á religião, que felizmente professamos, segundo sempre pratiquei, fui hospedado com decencia pelo paroco.

Dia 30. Ouvi missa na matriz, despachei alguns requerimentos, crismei de tarde 100 pessoas, e recebi algumas vizitas.

Dia 1° de Dezembro. Com a data de 29 do mez proximo passado concedi absolutamente um despacho de cunhados, tendo-me o vigario da freguezia do Brejo d'Areia assegurado em carta particular, que a nubente tinha sido offendida por seu cunhado occultamente, estando em boa reputação para com o publico, e que tendo concebido protestava o aborto para occultar sua falta, não cazando immediatamente, alem do abandono de seus parentes. Este meu procedimento teve lugar, attento o grande credito que me merece o dito paroco. Pelas 10 horas abri a vizita, sendo conduzido á matriz debaixo do palio, a cuja abertura assistiu grande concurrencia de povo. Sómente achei decente o sacrario, posto que sem cortinas exteriores, as quaes determinei, que fossem postas quanto antes. A igreja, a pia baptismal e os paramentos estão

indecentes, razão porque no fim da vizita, cujo officio foi cantado, dirigi ao povo uma pratica, exhortando-o a que concorressem para o aceio e decencia do templo, apezar de prezenciar pouca vontade no cumprimento d'este dever, ainda mesmo no vigario encommendado, a exemplo de outros. De tarde crismei mais de 400 pessoas, assistindo á pratica mais de 800, algumas das quaes não guardaram o devido respeito.

Dia 2. Concedi algumas despensas matrimoniaes e despachei um requerimento do padre Jozé Filippe da Cunha, pelo qual suplicava nova provizão de coadjutor da freguezia de Villa-Flor, admirando-me que o conego Palmeiro lhe concedesse aquella que o dito padre me aprezentou, por que bem o conhece. Foi n'esta occazião, que lhe prohibi a continuação do ministerio de confessor, sem que compareça em minha prezença junto da matriz de Villa-Flor. N'este dia me vizitou o vigario de Papari, o de Arêz e o de Goianinha novamente provido pelo padre Gama na regencia d'esta freguezia, e por mim ordenado de presbitero, visto que o vigario proprietario não póde exercer seu ministerio pela infermidade, que supporta. O padre Zumba tambem acompanhou os 3 padres mencionados. De tarde crismei mais de 300 pessoas, e como não podesse conseguir o devido silencio, estando prezentes mais de 1.000 pessoas, retirei-me sem fazer pratica, sendo esta a primeira vez que tal aconteceo, notando eu e censurando a grosseria d'aquelle povo e a falta de respeito, quando recuzavam ouvir a palavra de Deos. N'esta occazião protestei, que eu iria annuncial-a aos povos e que lhe prestassem a devida consideração. Geralmente falando, é tal a rusticidade e estupidez dos povos, por onde tenho transitado, que não sabem dizer os seus nomes, quando se crismam, e ajoelham mui distantes. Os padrinhos não tocam os afilhados, e sendo avizados para que estes requizitos se preencham, sómente á terceira vez executam o que se lhes manda. Quando ajoelham e se levantam, muitos gostam de se firmar no joelho do prelado, apezar de repetidas advertencias. A imprudencia dos povos apura-me a paciencia de tal maneira, que me obrigou a confessar não haver maior sacrificio que a administração do santo

crisma. N'esta noite veio ter comigo Vicente Vieira de Souza, a quem mandei chamar por estar ha 4 annos em amizade illicita com uma sobrinha de sua mulher, a cuja sobrinha enganou, promettendo-lhe cazamento, antes que ella contasse 12 annos de idade. Esta mesma moça veio ter comigo, supplicando-me reduzisse seu tio a com ella cazar, e desviar-se do caminho da perdição. Depois que reduzi este homem a cazar, tendo faltado a outras pessoas interessadas n'este cazamento, mandei fazer o requerimento, e despensei do gráo já mencionado, do 1° gráo de affinidade illicita lateral, e dos banhos para facilitar este cazamento, certo de não existir algum outro impedimento. Este homem aprezentou-me alguns motivos os mais frivolos para não cazar; finalmente porém na prezença do paroco prometteo vir á matriz confessar-se, e receber-se em matrimonio no dia 6 do corrente. Ao paroco encommendado d'esta freguezia concedi dar as bençãos no tempo prohibido.

Dia 3. Sahi de Mipibú pelas 7 horas da manhan, acompanhado de alguns cavalleiros, e cheguei a Papari, donde vieram ao meu encontro mais de 60 cavalleiros, antes das 8. No caminho encontrei 2 arcos ornados, e junto do segundo fui recebido debaixo de palio. Aprezentaramse perto de Mipibú mais de 30 pretos com uma rede para n'ella me conduzirem; não me utilizei comtudo d'este obzequio. Entrando na matriz e feita a oração, admoestei o povo sobre o designio, que ali me conduzia, e fui hospedado pelo paroco, ouvindo muitos tiros de granadeira na mesma estrada. De tarde crismei mais de 400 pessoas, e subindo ao pulpito lhes dirigi a pratica á qual assistiram mais de 600 almas, e sahindo da matriz, prezenciei a illuminação das cazas, sendo conduzido pela irmandade debaixo do palio. N'este dia concedi algumas despensas matrimoniaes. O paroco d'esta freguezia não está collado, apezar das minhas instancias por tempo de 2 annos, cominando pena de suspensão, e tomando conta d'este procedimento ao mesmo paroco, me respondeo, que a sua freguezia não tinha sido lotada, posto que a sua lotação ora estivesse ultimada, além de que elle projectava falar-me para eu consentir na oppozição que elle

pretendia fazer a outra igreja por motivos, que me expoz.

Dia 4. Concedi algumas despensas matrimoniaes, e pelas 10 horas fui á matriz, conduzido debaixo do palio, e abri a vizita, cujo officio foi cantado, preenchidas as cerimonias prescritas e praticadas em todas as aberturas das vizitas. A matriz, cujo orago é Nossa Senhora do O', está mui pobre, principiando pelo sacrario, paramentos e pia baptismal. Notando o que devia notar, exhortei a irmandade do Santissimo e mais povo,que estava prezente, parà que de sua parte cooperassem para o aceio e decencia da caza de Deos, apezar de não conceber esperança de conseguir este designio pela muita pobreza dos habitantes. Asseguraram-me porém já terem madeira para um novo sacrario e outros preparos, e utensilios para a decencia do culto e obras da matriz. De tarde fui conduzido á matriz debaixo de palio, apezar de minha repugnancia, qual em taes cazos sempre manifestei, e crismei quazi 400 pessoas, com pratica no fim, dirigida do pulpito, á qual assistiram mais de 800 pessoas, das quaes não me pude retirar sem que me beijassem a mão,acompanhandome a maior parte até a minha rezidencia, sendo conduzido debaixo do palio, e prezenciando a illuminação das cazas. Foi n'esta povoação, que assassinaram o paroco antecessor do actual pela 1 hora da tarde, cuja morte mui sensivel foi á maior parte dos habitantes. Este assassino, morrendo na freguezia do Assú, poucos dias antes de eu vizitar aquella freguezia, foi sepultado na igreja, depois que aquelle paroco encommendou seu corpo, ignorando ser o assassino do dito padre. Logo porém, depois que este corpo foi entregue á sepultura, foi d'esta tirado e enterrado em lugar não sagrado, em consequencia da certeza que o paroco teve de ser este homem o assassino d'aquelle paroco.

Dia 5. Sahi de Papari depois das 6 horas da manhan, acompanhado de muitos cavalleiros, e pouco depois na passagem d'uma ponte vieram ao meu encontro mais de 100 pessoas de ambos os sexos para me beijarem a mão. Alguns homens tambem me seguiram a pé, dando alguns tiros até á villa de Arêz, donde vieram ao meu encontro

mais de 60 cavalleiros na distancia de 2 leguas. Junto d'esta villa me appareceram muitos Indios, formando a dansa, que elles costumam, concorreo muito povo, entre o qual me dirigi á matriz em cuja porta fui recebido debaixo do pálio, e depois da oração fiz vêr o meu designio; depois do que fui mui decentemente hospedado pelo paroco. De noite illuminaram os habitantes suas janellas.

Dia 6. Pelas 10 horas fui á matriz debaixo do pálio, e abri a vizita, cujo officio foi cantado. Notei a indecencia da cortina exterior do sacrario, e determinei se fizesse outra. Igualmente mandei,que se renovassem os paramentos, attenta a indecencia dos actuaes, e para este fim dirigi aos circunstantes uma exhortação, para que concorressem com a possivel esmola, apezar da grande pobreza que os opprime, posto que tambem n'esta occazião não esperasse conseguir o meu intento. O paroco, conduzindo se dignamente, goza geral estimação, e tem reparado as ruinas da matriz em grande parte. S. João Baptista é o orago d'esta matriz; o corpo da matriz é o melhor que eu tenho visto por sua grandeza, e architectura. O tecto da capella-mór vae ser coberto de novo, para o que já existe a competente madeira, e eu exigi, que se rebocassem as paredes pela parte de fóra, antes que o futuro inverno as deteriorasse. De tarde crismei quazi 400 pessoas, com pratica no fim dirigida do pulpita, e escutado com a maior attenção. De noite houve illuminação.

Dia 7. Recebi a justificação de menoridade de João Duarte, na qual veio da Villa-Real, arcebispado de Braga, sua patria, e ao qual despensei os banhos de Pernambuco e Parahiba por motivos, mandando que se denunciasse em Mamanguape, Villa-Flôr e Arêz. De tarde crismei quazi 400 pessoas, com pratica no pulpito, e houve tambem illuminação.

Dia 8. Celebrei na matriz, assistindo mais de 200 pessoas, e de tarde crismei mais de 300, assistindo maior numero á pratica.

Dia 9. Sahi de Arêz pelas 6 horas da manhan, acompanhado de muitos cavalleiros, e me dirigi á freguezia de Goianinha, donde vieram ao meu encontro muitos cavalleiros. Entrando na matriz, fiz oração, e patentiei qual o

fim que me propunha. Fui hospedado decentemente pelo paroco interino, por quanto o proprietario existe impossibilitado de reger a freguezia por cauza de molestia na cabeça. Este paroco me vizitou estando eu a jantar, entrando e sahindo com o barrete na cabeça, ententendo eu ser por demencia pelo que couza alguma eu lhe dîsse. De tarde crismei mais de 300 pessoas com, pratica no fim, dirigida do pulpito, á qual assistiram com a maior attenção mais de 400 almas. De noite appareceram algumas cazas illuminadas, e quando entrei n'esta villa compareceo grande concurso de povo, estando todas as portas e janellas guarnecidas de muitas pessoas, algumas das quaes lançaram ao ar muitos foguetes.

Dia 10. Fui á matriz, cujo orago é Nossa Senhora dos Prazeres, conduzido debaixo do palio, e abri a vizita sob as formalidades prescritas, cujo officio foi cantado. Esta matriz está indecente, posto que o altar-mór, o sacrario e todas as imagens estejam decentes. Algumas obras principiadas brevemente serão acabadas pela piedade dos fieis, como me affirmaram. Estranhei o uzo dos santos oleos do anno transacto, ordenando sejam conduzidos quanto antes os sagrados n'este anno, posto que no mez de Dezembro, e recommendei, que com urgencia mandassem comprar pelo menos uma planêta branca e encarnada. De tarde crismei mais de 400 pessoas, assistindo á pratica maior numero.

Dia 11. Concedi algumas despensas matrimoniaes, e de tarde crismei mais de 200 pessoas, assistindo á pratica mais de 400, que me beijaram a mão. N'este dia me appareceo um homem certificando-me ter sido recebido em matrimonio contra sua vontade, por paroco extranho aos 2 contrahentes, com alguns impedimentos derimentes, affirmando que nem uma hora esteve na companhia de sua mulher, ha 30 annos, que isto aconteceo, e eu o remetti ao vigario geral. Esse homem protestou não cazar mais com esta mulher, posto que os paes d'ella o perseguem para com ella fazer vida marital. Tem a contecido outros cazos de similhante natureza, que tenho decididoda mesma maneira.

Dia 12. Sahi de Goianinha pelas 6 horas da manhan, acompanhado de muitos cavalleiros e pelas 9 da mesma

cheguei a Villa-Flôr, vindo ao meu encontro alguns cavalleiros e alguns Indios, formando a dansa commun entre elles, e concorrendo grande concurso de povo entrei na matriz, (cujo orago é Nossa Senhora do Desterro) conduzido debaixo do palio, e fazendo oração ao Santissimo, manifestei qual o meu designio n'esta villa. Fui hospedado decentemente pelo reverendo paroco na caza da camara municipal, sob cujo sobrado existe a cadeia, não contendo prezo algum. De tarde crismei na matriz mais de 200 pessoas, com pratica no fim, attentamente escutada por mais de 300.

Dia 13. Fui á matriz debaixo do palio, e abri a vizita, cujo officio foi cantado. Estranhei não estar dourado por dentro o sagrado vazo dentro do sacrario, e o modo por que estava collocada a cruz no altar-mór introduzida em um buraco, de maneira que pendia consideravelmente para o lado esquerdo, conservado o calvario respectivo e depozitado fóra do altar, e fazendo eu collocar a cruz em seu calvario, ficou esta decentemente erecta. Esta matriz é das mais pobres que tenho visto, por cuja cauza exhortei os circunstantes, para que de commun acordo com o paroco se esforcem a promover do melhor modo possivel a sua decencia e aceio. Ultimamente estranhei ao paroco o uzo dos santos oleos do anno transacto, providenciando a respeito como em taes cazos tenho praticado. Os paramentos estão decentes, á excepção do uma planeta branca e um unico missal, que mandei se reformassem. N'este dia concedi algumas despensas matrimoniaes. De tarde crismei mais de 400 pessoas, com pratica no fim. Hontem e hoje houve illuminação. Houve tambem alguns arcos enfeitados, por baixo dos quaes passei para satisfazer áquelles que os armaram.

Dia 14. Sahi de Villa-Flôr pelas 6 horas da manhan, acompanhado de alguns cavalleiros, e me dirigi ao engenho de Tamatanduba, cujo dono é o tenente-coronel Antonio de Albuquerque Maranhão Cavalcante, que com muitos cavalleiros foi ao meu encontro na distancia de 2 leguas, e no caminho enfeitaram alguns arcos, e deram muitos tiros, demonstrando grande satisfação na minha passagem. Chegando á capella d'este engenho, achei

muita gente de ambos os sexos, que me esperavam para me beijarem a mão, e feita a oração fui hospedado com decencia. O senhor d'este engenho é filho do capitão-mór de Arêz, André de Albuquerque Maranhão, tambem senhor de engenho e um dos mais ricos da provincia do Rio-Grande, homem honrado e probo cidadão, conservando-se viuvo ha mais de 30 annos por ter promettido a seus filhos não lhes dar madrasta. O capellão d'este engenho é o padre Zumba, coadjutor da freguezia de Villa-Flor, na qual está situado o dito engenho, e tanto n'esta freguezia como na de Goianinha goza de bons creditos. De tarde crismei na capella quazi 800 pessoas com pratica no fim.

Dia 15. Ouvi missa, e dirigi ao paroco d'esta freguezia uma portaria, providenciando acerca da administração dos sacramentos sem sua licença, como em outras freguezias tenho praticado. De tarde crismei mais de 1.000 pessoas, sem pratica pelo motivo que occorreo.

Dia 16. Concedi varias despensas matrimoniaes, e por despacho suspendi do ministerio de confessor o padre Jozé Filippe da Costa, até que se examine em minha prezença, na qual não tem comparecido, como lhe determinei, por molestia. De noite crismei 300 pessoas, e depois de sahir da capella occultamente e com alguma rapidez por incommodo, entre esta e a caza da rezidencia, fui cercado pelo povo, de maneira que não me pude subtrahir ao beija-mão, e chegando junto da porta da rezidencia, ali fiz collocar uma cadeira, subindo á qual fiz a pratica. N'este dia foi crismada uma mulher, que o coadjutor baptizou, tendo quazi 30 annos de idade, certo de que não estava baptizada. Esta mulher deo bem a conhecer, que o dezejo de ser crismada era maior do que o de ser baptizada. Tal é a estupidez da maior parte da gente do sertão! E não foi sómente este cazo o que aconteceo, porquanto outros similhantes occorreram. N'este dia compareceo o vigario da Bahia da Traição, tendo eu recebido pouco antes uma reprezentação da camara municipal d'aquella villa contra elle, á qual respondi promettendo dar em Pernambuco as providencias necessarias. A este vigario fiz ver como elle era a cauza de tal reprezentação em grande parte.

Dia 17. Sahi de Tamatanduba pelas 5 horas da manhan, acompanhado de muitos cavalleiros, entre os quaes foram o senhor d'este engenho, e seu pae capitão-mór em Arêz já mencionado, e me dirigi a Camaratuba em caza do padre Lumachi, que foi ao meu encontro na distancia de 4 leguas, conduzindo muitos cavalleiros, e no caminho ouvi muitos tiros significativos de regozijo. Este padre, a quem concedi licença para confessar sem tempo, ordenou-se, sendo viuvo, para não dar madrasta a seus filhos, conta 67 annos de idade, goza grande opinião publica, e tem prestado muitos serviços á igreja no espaço de 29 annos. Vieram tambem ao meu encontro o sub-prefeito e o prezidente da camara municipal da villa da Traição, ambos inimigos declarados do paroco d'esta villa. Estando hospedado em caza do dito padre, não pude falar com aquelle sub-prefeito acerca do dito paroco, porque adoeceo; chamei porém aquelle prezidente da camara apezar de tambem não gozar opinião publica, e com elle me entendi acerca das violencias, que tinha praticado contra o seu paroco, fazendo-lhe vêr que estando este pronunciado civilmente, nada mais tinham a praticar contra elle, sinão pelo caminho das leis, e quanto á jurisdicção espiritual fizesse elle vêr n'aquella villa como deviam esperar a minha providencia, confiando em que ella concorreria para haver moderação nos povos, e não perderem o respeito ao caracter sacerdotal, posto que o paroco tenha occazionado o contrario procedimento. Annuindo o dito prezidente ás minhas reflexões, ficamos de bôa intelligencia, posto que eu desconfiasse de sua sinceridade. Eu lhe dei a conhecer como o paroco não deve ficar n'aquella freguezia, e que este é o primeiro que quer permutar com o paroco da freguezia de Cabaceiras, afim de fazer cessar uma tal intriga já de muitos annos. De tarde, não tendo tenção de crismar, compareceram n'este lugar mais de 1.000 pessoas, que ouviram a pratica, depois que crismei mais de 900, e como finalizasse o acto depois de meia noite, não pude seguir para Mamanguape no seguinte dia, como estava determinado. N'este dia concedi algumas despensas matrimoniaes.

Dia 18. Tambem concedi varias despensas matrimoniaes, e uma de cunhados na freguezia de São-Matheos em favor de Raimundo Guedes do Espirito-Santo e Antonia Maria da Silva, sendo o orador da freguezia das Lavras, e precedendo os depoimentos do costume nos cazos mais urgentes. Tambem permetti, que o vigario da villa da Traição possa dar as bençãos nupciaes no tempo prohibido. De noite crismei mais de 100 pessoas, com pratica no fim.

Dia 19. Sahi de Camaratuba pelas 5 ½ horas da manhan, acompanhado de alguns cavalleiros, e me encaminhei para Mamanguape, donde vieram ao meu encontro muitos cavalleiros, a maior parte officiaes militares, e fui recebido na porta da matriz debaixo do palio pelo paroco, que é senador do imperio. Concorrendo numerozo concurso, e feita a oração ao Santissimo, agradeci os obzequios prestados á religião, fazendo vêr o designio que me conduzia a esta freguezia. Fui hospedado decentemente pelo paroco interino. Ornaram alguns arcos, sob os quaes passei, e lançaram ao ar alguns foguetes.

Dia 20. Concedi algumas despensas matrimoniaes, e ao vigario de Guarabira, que me vizitou n'esta villa, a faculdade de dar as bençãos nupciaes no tempo prohibido e de despensar *intra confessionem* em cazos occultos *et omnibus paratis et in articulo mortis* todos os gráos em linha lateral, para os quaes lhe podia conceder tal faculdade, e a mesma concedi ao vigario interino d'esta freguezia, bem como provisão de vigario da vara pela primeira vez. O vigario collado não pode reger a freguezia no tempo em que n'ella rezide, em consequencia da molestia de asma que padece, como me fez vêr, quando o persuadi ao cumprimento de seus deveres, estando prezente na freguezia. Certificou-me igualmente como aquella molestia o acommetteo antes de ser nomeado para senador. Finalmente considerando eu ser de direito divino a rezidencia dos parocos, lhe manifestei como esta não é compativel com aquelle emprego, e que não me oppunha a esta incompa- tibilidade por não me ser possivel, tendo em vista que elle paroco não é do numero daquelles que o direito canonico escuza da rezidencia para prestarem

serviços á religião ou ao trono. O paroco interino Jozé Paulo Monteiro de Lima, ordenado com demissoras minhas, tem-se conduzido dignamente, sendo certo que os parocos ordenados por mim, bem como outros sacerdotes tem tido melhor comportamento que os mais antigos. Pelas 9 horas abri a vizita, conduzido á matriz debaixo do palio e acompanhado por duas irmandades. O respectivo officio foi cantado, e preenchidas as ceremonias prescritas, passei a mandar limpar o vazo que contém as sagradas fórmas, cuja baze estava tão denegrida que parecia ser construida de chumbo. O mesmo pratiquei com o vazo dos santos oleos. A matriz, cujo orago são os santos apostolos Pedro e Paulo, é mui espaçoza, porém mui pobre, e na sacristia dirigi uma exhortação aos que estavam prezentes para concorrerem para a decencia do culto e acabamento das obras da igreja, cuja sacristia será grande e elegante, si ultimar o que se principiou. A custodia é muito bôa. Os paramentos e mais utensilios estão decentes. De tarde crismei mais de 600 pessoas, com pratica no fim, á qual assistiram mais de 1.000.

Dia 21. Ouvi missa na matriz e compareceo perante mim João da Cruz, nacional e morador na freguezia de Bananeiras, dizendo que tinha sido baptizado em perigo por um secular, que já não existia, não tendo recebido os santos oleos, e que queria ser crismado, e disse depois, que, tendo nascido imperfeito, fôra baptizado por uma mulher com o nome de Joanna por não apparecerem signaes de homem, desdizendo-se finalmente e affirmando que fôra baptizado por homem com o nome de João. Em attenção ao que mandei, que o respectivo paroco o baptizasse *sub conditione*, depois de feitas as indagações necessarias, e existir prudente duvida acerca da validade d'este sacramento. Quanto ao outro artigo, determinei que o mesmo paroco passasse a fazer examinar este homem para á vista do exame prestar minha decizão sobre tal objecto, posto que o rosto e o vestido indiquem ser homem. Concedi algumas despensas matrimoniaes, e que o padre Ignacio de Guarabira exercesse sem tempo determinado o ministerio de confessor. Tenho concedido a alguns parocos licença para rubricarem os livros de suas

matrizes. De tarde crismei mais de 1.000 pessoas, com pratica no fim.

Dia 22. Ouvi missa e depois me denunciaram a mancebia de dois irmãos, Bento Jozé da Gama e Antonia Maria, sendo elle soldado do batalhão do tenente-coronel Antonio Jozé da Silva Lisboa, e como não fosse possivel tratar este objecto pessoalmente pela auzencia dos ditos soldados e tenente-coronel, o entreguei ao vigario interino d'esta freguezia para que, procedendo ao conveniente exame, providenciasse a respeito. A este paroco autorizei para reger as ovelhas da freguezia de Monte-mór, ora extincta e adjudicada á de Mamanguape por lei da assembléa provincial, visto que o paroco interino me asseverou, que o governo da provincia, pouco depois que sahi de Pernambuco, me officiou para eu providenciar. N'este dia compareceo em minha prezença Luiz Jozé Gomes, irmão de Virginia Maria da Conceição nullamente cazada n'esta freguezia pelo padre Paulo Jozé Rodrigues da Rocha com João Jorge, natural da Allemanha, sem licença do proprio paroco, e sem as formalidades em direito prescritas acerca dos vagabundos. O pae d'esta mulher, já falecido, foi o mais culpado, entregando sua filha a um homem inteiramente desconhecido em 1832, quando exigio e não conseguio do paroco collado d'esta freguezia a necessaria licença para similhante cazamento. Por esta cauza recorreo ao dito padre Paulo, persuadindo-o cazasse sua filha, obrigando-se a aprezentar-lhe depois a competente licença, ao que este padre annuio, quando na distancia de 10 a 12 leguas foi assistir a este matrimonio em caza dos mesmos contrahentes, exigindo *pro labore* 16$ reis, que recebeo e vae restituir por ordem minha. Poucos dias depois que se effectuou esta nullidade, veio ao conhecimento do proprio paroco a perpetração do mencionado attentado, pelo que passou este paroco a admoestar o pae da contrahente, scientificando da tal temeridade. Em consequencia d'este avizo abandonou o dito Allemão sua supposta mulher, vexado pelo irmão d'esta, e consta, que actualmente existe cazado em Pernambuco, morando na rua Nova em uma fabrica de chapéos, ou em Maceió. Sendo eu informado a respeito pelo vigario collado d'esta

freguezia, e pelo mesmo padre Paulo, passei a dar as providencias ao meu alcance, instruindo o dito Luiz Jozé Gomes como quanto antes devia dirigir-se ao vigario geral acerca de tão delicado objecto, ao que elle annuio para haver a competente decizão, á vista da qual sómente se poderia considerar livre, ou impedida sua irman. Depois que este homem se retirou passei a exhortar o padre Paulo, fazendo-lhe vêr como elle estava responsavel por todos os peccados perpetrados pelos nullamente contrahidos por espaço de alguns mezes, que viveram juntos, e pelos commettidos em segundas nupcias, si nullamente celebradas, e por todos os incommodos cauzados ao irmão da illudida. Igualmente lhe fiz vêr como eu devia dar publica demonstração de não ser conivente com o crime, para o que o suspendia de todo e qualquer uzo de suas ordens por espaço de 3 mezes, findos os quaes podia considerar-se livre d'esta pena independente de absolvição. Não passei a impor-lhe maiores penas que a da suspensão e restituição já referida, attenta a docilidade e sentimento do mesmo padre, reconhecendo eu que sómente sua nimia facilidade o induzio a similhante desvario. Ultimamente passei a officiar ao paroco interino d'esta freguezia, participando-lhe a pena imposta para sua intelligencia. De tarde pelas 5 horas sahi de Mamanguape, acompanhado de alguns cavalleiros, e fui pernoitar em caza de um irmão do capitão-mór d'Arêz, que com outros foi ao meu encontro, e em cuja caza crismei quazi 100 pessoas, com pratica no fim.

Dia 23. Sahi d'este engenho pelas 7 horas da manhan por cauza da chuva, e acompanhado do dono do dito engenho me dirigi ao Engenho do Meio, cujo dono é Joaquim Gomes da Silveira, onde cheguei depois de 11 horas da mesma manhan, tendo chovido em grande parte do caminho. Este senhor do engenho me hospedou com decencia; tem uma capella mui decente e possue 3 engenhos.

Dia 24. Sahi d'este engenho pelas 7 horas da manhan, e entrei na cidade da Parahiba pelas 9 horas da mesma manhan, vindo ao meu encontro alguns officiaes militares enviados pelo vice-prezidente d'esta provincia, irmão do padre Chacon, vigario da freguezia do Brejo de Areia,

o qual, sahindo a pé do palacio do governo com alguns outros officiaes militares pela rua Direita, comigo se encontrou, apeando-me eu para o cumprimentar. Feito o que, instei com o dito vice-prezidente para que subissemos ao palacio do governo para eu alli prestar minha obediencia a Sua Magestade, como sempre pratiquei nas capitaes das cinco provincias, de que se compõe este bispado. Posteriormente entramos na igreja do collegio, onde me esperou o paroco d'esta cidade, o clero, alguns religiozos franciscanos e grande parte do povo, que me acompanhou desde os arrabaldes da cidade, onde se postou alguma tropa, que me acompanhou até ao palacio do governo, d'este á matriz e d'esta ao mosteiro de S. Bento, onde fui hospedado pelo paroco com toda a decencia. Da igreja do collegio fui conduzido em solemne procissão debaixo do pálio, e feita a oração, me recolhi ao dito mosteiro, acompanhado do vice-prezidente e mais pessoas principaes, que na despedida acompanhei até a portaria, onde muitos do povo me estavam esperando para me beijarem a mão, posto que já na matriz fui gravemente vexado por tal motivo.

Dia 25. Celebrei pela meia noite as 3 missas, assistindo mais de 500 pessoas, ás quaes dirigi uma pratica, acerca da prezente solemnidade, no fim do Evangelho da segunda missa.

Dia 26. Celebrei na igreja do convento, e de tarde crismei na mesma igreja algumas pessoas, tendo de manhan recebido algumas vizitas.

Dia 27. Celebrei, despachei alguns requerimentos, e fui vêr o extraordinario cruzeiro e formoza entrada do convento de S. Francisco. A igreja d'este convento está mui decente, possue muitos paramentos, ricos uns e outros em bom uzo, bem como roupa branca em abundancia, optimas imagens e pinturas, monumentos da antiga piedade christan. A mesma capella dos terceiros e tudo que lhe pertence está em bom uzo. Na grande caza de oração tem um crucifixo de admiravel magnitude, a mais perfeita imagem que tenho visto. De tarde crismei quazi 300 pessoas, com pratica no fim. Tambem n'este dia recebi algumas vizitas.

Dia 28. Celebrei, e despachei varios requerimentos pela maior parte de despensas matrimoniaes, entre os quaes appareceo um do padre Cabral, presbitero ordenado por mim, e vigario interino da freguezia do Livramento, a quem concedi licença para tratar do restabelecimento de sua saude por 3 mezes, autorizando o padre Amaro para reger a dita freguezia durante aquelle periodo de tempo. N'este dia mandei chamar João Carneiro (pardo), assistente n'esta cidade para o exhortar á separação de sua enteada, com quem está amancebado, ha muitos annos, com publico escandalo, e da qual tem alguns filhos. Comparecendo este homem immediatamente em minha prezença, se conduzia com grande humildade e docilidade, attendendo ás razões por mim expostas e promettendo collocar em um sitio fóra da cidade a dita enteada para mais não communicar, mantendo e educando seus filhos, e ultimamente o persuadi a fazer a devida penitencia, etc. Este homem pretende obter e já supplicou do delegado da Santa Sé no Rio de Janeiro despensa para cazar com a dita enteada; porém, segundo me constou, lhe foi denegada, persuadindo eu como elle não podia obter uma tal despensa, e ainda mesmo de Sua Santidade, pois que não está nas circunstancias de conseguir uma graça, que sómente póde ter lugar em algum cazo mui extraordinario. Finalmente entreguei á vigilancia do paroco o cumprimento das promessas d'este, ao qual fiz vêr, que, não obedecendo á voz de Deos, eu uzaria do poder inherente á minha dignidade e que me é proprio, comportando-me como S. Paulo com o incestuozo de Corinto. De tarde crismei mais de 700 pessoas, supportando as maiores imprudencias do povo, como sempre, apezar de lhe estranhar, e como finalizasse este acto perto de meia noite e o povo se quizesse retirar, não fiz pratica.

Dia 29. Ouvi missa, despachei varios requerimentos, e mandei ordem ao padre Gama para não providenciar acerca da nova freguezia de Santa-Rita, sem que eu chegasse a Pernambuco. Compareceo na minha prezença Vicente Jozé de Bulhões concubinado com sua cunhada publicamente, a quem mandei chamar para lhe fazer vêr o

estado de condemnação eterna, em que existia, e conduzindo-se com docilidade durante minha admoestação, prometteo mandar a dita cunhada para sua caza, emquanto não obtinha a despensa do delegado da Santa Sé. Eu o deixei recommendado ao parocho para este me avizar, cazo elle não cumprisse o que prometteo, afim de serem impostas as penas eccleziasticas, a cujo respeito ficou sciente o dito Bulhões. N'este dia me vizitou o vice-prezidente da provincia, a quem recommendei o vigario da Bahia da Traição, para obstar a qualquer violencia que possa soffrer de seus inimigos, recommendando-lhe igualmente os concubinados publicos para que ordene ao prefeito o cumprimento de seus deveres a respeito etc. De tarde crismei mais de 100 pessoas, com pratica no fim, á qual assistiram mais de 200. O vice-prezidente e o deputado geral Cunha me preveniram contra o padre Francisco Ourique, ex-religiozo carmelista, para que lhe não entregasse a regencia da freguezia de Santa-Rita novamente creada, expondo-me razões pelas quaes, apezar da amizade que lhe tributam, não convém similhante nomeação. N'esta cidade me disse um homem, que bebera jurema duas vezes para sua mulher sarar da molestia da gota.

Dia 30. Ouvi de confissão um homem, e sahi da cidade pelas 10 horas da manhan, por cauza da chuva, e me encaminhei á villa da Jacoca, donde vieram ao meu encontro alguns cavalleiros na distancia de 2 leguas, formando os Indios fóra da villa a dansa, que costumam. Entrando na matriz, e feita a oração ao Santissimo, fui hospedado pelo paroco, cuja idade é de 80 annos, tendo todo o cabello da cabeça, e ainda preto. Este paroco é exemplar, rege esta freguezia, ha 40 annos, sem coadjutor, suportando todo o pezo da freguezia com a maior satisfação. Rezide em uma caza mui pobre, tendo sómente por companhia grande parte de morcegos. Esta caza tem communicação para a matriz, uma das mais pobres que tenho visto.

Dia 31. Celebrei e concedi ao paroco d'esta freguezia o poder de exercer ministerio de vigario da vara, sem tempo determinado. De tarde crismei 100 pessoas, com pratica no fim.

1840. Dia 1 de Janeiro de 1840. Celebrei e concedi algumas despensas matrimoniaes, e de tarde crismei quazi 500 pessoas, sem pratica no fim, por motivo que occorreo.

Dia 2. Sahi da Jacoca pelas 7 horas e meia da manhan, e entrei na villa de Alhandra pelas 11, e feita a oração ao Santissimo Sacramento, fui hospedado pelo paroco. Mandei immediatamente chamar Manoel Lopes, homem trabalhador, cazado, e concubinado com uma enteada, morando todos na mesma caza, e lhe fiz vêr a enormidade do seu crime, o qual elle confessou, declarando ter um filho da dita enteada, actualmente prenhe de outrem, disse, em consequencia de já ter deixado tal commercio a instancias do prefeito. Desconfiando eu porém da sua falta de sinceridade, posto que se conduzisse docil e humildemente, mandei chamar a propria mulher e sua filha, a dita enteada, as quaes me vieram falar com presteza, prezente o marido. Pelo testimunho d'esta mulher e enteada acreditei, que a segunda prenhez fôra occazionada pelo padrasto, e que este tinha espancado a propria mulher por cauza de sua enteada, com a qual sae de caza para varias partes. Este homem tem dito, que, si o perseguirem, fugirá com a enteada, quer esta queira, quer não. Finalmente é este monstro de iniquidade quem tem persuadido sua enteade para que não caze. Certo de todo o acontecido, passei a exthortar estes dois cumplices com toda a força do meu espirito, e ordenei ao paroco, que se entendesse a respeito com o prefeito, ora auzente d'esta villa, e me partecipasse do futuro procedimento d'este malvado para proceder contra elle, persuadindo-me que o mesmo prefeito o temia.

Dia 3. Sahi de Alhandra pelas 7 horas da manhan, e cheguei a Goianna pelas 10 horas da mesma manhan, e indo ao meu encontro alguns cavalleiros, fui hospedado com toda a decencia em caza do meu amigo e patricio Manoel Gonçalves de Faria, homem de toda a honra e probidade. Na minha entrada repicaram os sinos, e de noite esteve illuminado o frontespicio da matriz.

Dia 4. Despachei varios requerimentos, e recebi muitas vizitas.

Dia 5. Ouvi missa na matriz, concedi algumas despensas matrimoniaes, recebi algumas vizitas, e de tarde crismei mais de 100 pessoas, e depois d'este acto crismei o já mencionado padre Francisco Ourique, e lhe signifiquei como não podia ir reger a nova freguezia de Santa-Rita, em consequencia da reprezentação vocal que contra elle me tinham dirigido na cidade da Parahiba.

Dia 6. Ouvi missa na matriz, e de tarde crismei mais de 400 pessoas, com pratica no fim, e depois conferi prima tonsura a dois estudantes.

Dia 7. Sahi de Goianna pelas 7 horas, acompanhado de alguns cavalleiros, passei a calma no engenho Cagafogo, donde sahi pelas 5 horas, pernoitando no convento de S. Francisco em Iguarassú, hospedado pelo paroco.

Dia 8. Sahi de Iguarassú pelas 6 horas da manhan, e cheguei no palacio da Soledade pelas 10 horas, em cuja capella agradeci á Providencia ter feito minha digressão com perfeita saude e felicidade.

J. B. Diocezano.

CIDADE PETRIFICADA NO PIAUHI *

Paço da camara municipal de Piracuruca, em sessão ordinaria de 14 de Julho de 1887. Illm. e Exm. Sr. Esta camara tem a honra de accuzar a recepção do officio d'essa prezidencia n. 700, datado em 3 de Maio d'este anno, ordenando que preste esta camara os mais minuciozos esclarecimentos a respeito da memoria, que juntou por cópia, remettida pelo Instituto Historico e Geographico Brazileiro, relativa ás ruinas de uma cidade antiga, que se diz existir n'este municipio, no lugar conhecido por Sete-Cidades, afim de que se evidencie, si trata-se de um facto verdadeiro ou de uma ficção. Afim de poder esta camara dar a V. Ex. os minuciozos esclarecimentos exigidos, nomeou, na sessão de 7 do corrente, uma commissão composta de trez vereadores para ir ao lugar Sete-Cidades, verificar o que ha, e dar parecer sobre o que vir. Depois de examinado o lugar deo hontem a referida commissão o seu parecer, em vista do qual se conclue o seguinte:

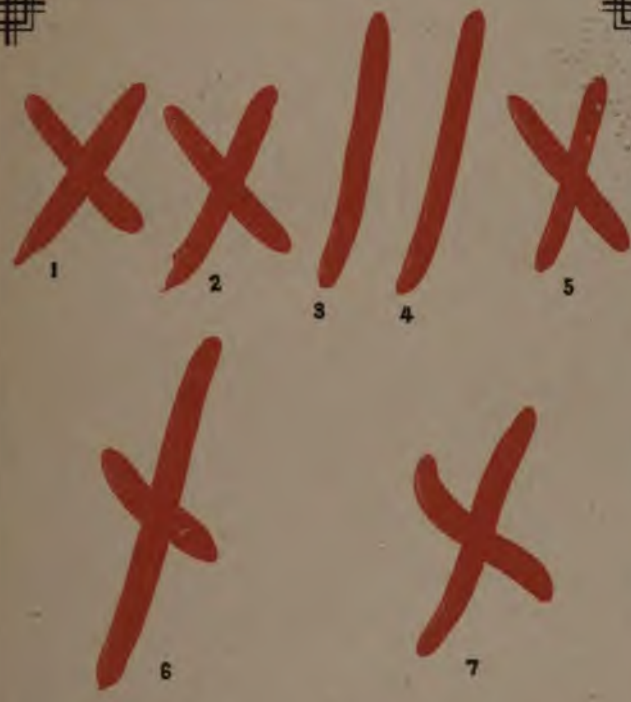
Em distancia de 4 leguas ao sul d'esta villa, e entre as fazendas e sitios Bom-Successo, Bananeiras, Bom-Gosto e Gameleira existe, em uma área de mais de 4 leguas quadradas, uma extensa aglomeração de grandes rochedos alcantilados de diversas côres e tamanhos, medindo alguns mais de 50 metros de altura, dispostos profuzamente fingindo torres, fachadas de edificio, muralhas, fortalezas etc., cuja variedade offerece a contemplação do vizitante um quadro pitoresco e da mais linda

* Veja-se a *Revista Trimensal* de 1887 pag. 226.

prespectiva. Compridas pedras ôcas, postas sobre os rochedos da entrada, fingem peças de artilharia, mais estas já estão quazi todas quebradas, umas pela acção do tempo, outras pela mão do homem. E' innegavel, que tudo aquillo constitue um verdadeiro arremedo de construcção, mas é pura obra da natureza, composta de pedras brutas, onde a arte ou a sciencia humana nenhuma parte tem. E' o que cumpre esta camara informar a V. Ex. em obediencia a ordem, que lhe foi transmittida.

Deus guarde a V. Ex.

Illm. e Exm. Sr. Dr. Prezidente da Provincia. *Gervazio de Brito Passos*, Prezidente. *Leonardo Machado de Carvalho, Jozé Antonio de Carvalho. Joaquim Jozé Pereira. Fernando Pereira Bacellar.*



Inscripção achada na gruta

CAZA DE PEDRA

No serrote da Rôla, a 4 kilom. da cidade de Santa Anna na provincia do Ceará.

As figuras 1, 2, 3, 4, 5 estão grupadas do mesmo modo que na cópia, e as outras duas estão em pontos differentes.

Representação com as mesmas côres de 1/4 da grandeza natural.

(Anno de 1888.)

LIBRARY

INSCRIPÇÕES LAPIDARES NO SERTÃO DA PARAHIBA *

Viena 23 de Setembro de 1874. Illm. Sr. Acho-me já de posse de uma cópia da excellente obra, escripta em 1618, e attribuida ao Pernambucano Bento Teixeira, intitulada *Dialogos das grandezas do Brazil*. Por fortuna não era unico o codice da Bibliotheca Publica de Lisboa, hoje talvez extraviado.

A respeito do que, acerca da pessoa do autor e da sua naturalidade, se deduz do proprio livro, lido com toda a attenção, tratarei em outra occazião. Hoje tenho unicamente o intento de communicar ao Instituto, que este autor parece vir a confirmar as asserções do illustrado Hollandez Elias Herckman, quando publicou haver, em 1641, encontrado para as bandas da serra da Capaóba, hoje denominada da *Raiz*, na provincia da Parahiba, certas pedras lavradas pela industria humana. Com effeito assevera o proprio autor dos *Dialogos*, que varias pessoas, incluindo um seu amigo de credito, lhe haviam contado, que, andando o capitão-mór Feliciano Coelho em perseguição dos Indios Petiguares para essas bandas, alguns dos seus soldados, descendo pelo leito do Arasoagipe (sem duvida o actual Araçagí, afluente do Mamanguape), que então nem corria, e mostrava apenas algumas pôças d'agua, toparam, á beira occidental do seu leito, em 29 de Dezembro de 1598, com uma especie de caverna ou itaóca formada de trez grandes pedras, dentro da qual se podiam abrigar umas quinze pessoas. Da banda do poente tinha

* Veja-se a *Revista Trimensal* de 1887 pag. 213.

a caverna de alto uns 13 a 14 palmos, e da do nascente uns 7 para 8. Na face mais alta (do lado do poente) se via, de alto a baixo, uma fieira de 50 móssas iguaes (que entendo seriam como amolgadellas), tendo em cima uma rozeta, das que mais abaixo descreverei. A' direita, em um cotovello da pedra, notaram mais 36 de taes móssas, 9 prependiculares e as demais de travéz sobre a esquerda, com mais 2 identicas rozetas, uma por cima e outra por baixo, notando-se, ao lado d'esta, um signal como em figura de caveira. Seguiam-se mais 12 móssas identicas ás outras, tendo por cima outras como caveiras e depois uma especie de cruz; e em 6 grupos mais outras 50 móssas, com 6 rozetas em derredor, seguindo-se mais outro grupo de 9 móssas e mais outro de 12, com outra rozeta mais.

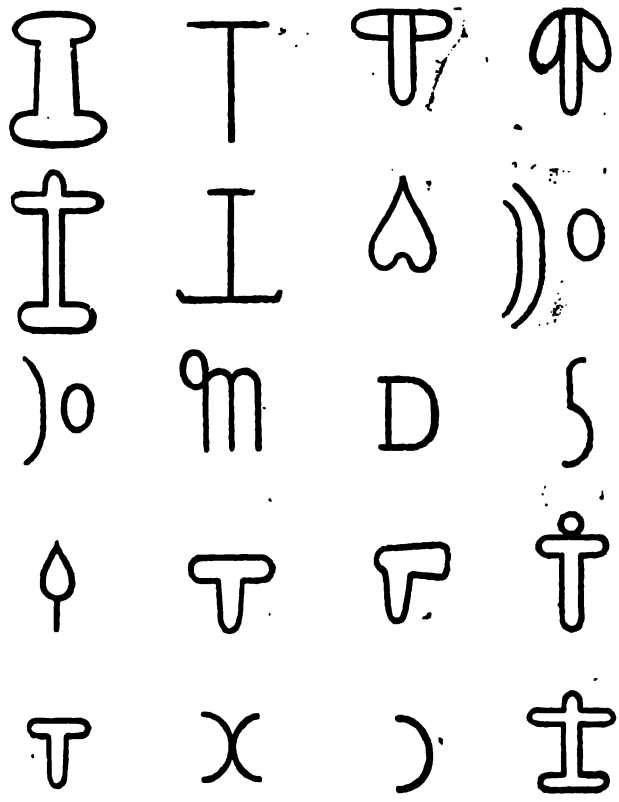
Na pedra que assentava sobre as 2 lateraes, foram notadas, em 3 grupos, 25 signaes ou caracteres, como os que vão approximadamente copiados no papel adjunto e mais 3 das taes rozetas. Contavam estas ultimas em um circulo, a cuja circunferencia se viam exteriormente adaptados 7 pequenos semi-circulos, como figurando de folhas; havendo uma só de taes rozetas com 12 de taes folhas em vez de 7.

Não sou vizionario, nem dos mais propensos a crêr em pataratas; mas apresso-me a transmittir a noticia a esse Instituto por crêr que vale a pena de a fazer verificar; pois si taes grandes pedras existiram, ainda lá se devem encontrar, e pódem ser melhor examinadas, dezenhadas e até photographadas.

E nada mais facil do que proceder esse Instituto á verificação, fazendo imprimir esta noticia, e pedindo acerca da verdade informações ao Dr. juiz municipal da Independencia, na comarca de Mamanguape. Deos guarde a V. Ex. Illm. Sr. conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro. *Visconde de Porto Seguro.*

Signaes ou Caracteres

Encontrados em uma das trez pedras na margem occidental do Araçagí (Mamanguape) em 29 de Dez. de 1598, segundo o autor dos *Dialogos das Grandezas do Brazil*.



Diversos bandos dos tempos coloniaes

I

Escrupulos de um governador

Duarte Teixeira Chaves, do conselho de Sua Magestade, governador da capitania do Rio de Janeiro. Toda a pessoa de qualquer qualidade e condição que seja, que achar, que eu por algum caminho lhe esteja a dever o valor de um tostão, venha perante mim para lhe mandar satisfazer, e quando tenha algum pejo de o fazer, recorra ao padre Filippe Coelho, da companhia de Jezus, que pontualmente lhe satisfará quanto lhe deva, e da mesma sorte se haverão aquelles a quem algum criado meu, ou pessoa da minha caza deva a menor quantia ; e para que em nenhum tempo se possa dizer o contrario, se manda lançar este bando ao son de caixas pelas partes mais publicas d'esta praça, o qual se fixará n'ella, e se registrará na fórma do estilo. Rio de Janeiro em 19 de Fevereiro de 1680. *Duarte Teixeira Chaves.*

(Do Archivo Publico).

II

Vexames praticados por officiaes publicos

Duarte Teixeira Chaves, do conselho de Sua Magestade, governador do Rio de Janeiro. Toda a pessoa de qualquer qualidade e condição que seja, que tiver queixa de algum official de justiça, guerra ou fazenda, que por qualquer caminho a queiram avexar, ou molestar, ou levar a

sua fazenda contra sua vontade, se recorra a mim, dando-me parte d'isso, para lhe fazer justiça, que Sua Alteza, que Deos guarde, me manda faça a seus vassallos; e para que venha a noticia de todos, mandei passar este ao son de caixas, que se fixará na parte mais publica da cidade, e se registrará onde pertencer. Rio de Janeiro 1.° de Dezembro de 1682. *Duarte Teixeira Chaves.*

(Do Archivo Publico).

III

Contagio da bexiga

Duarte Teixeira Chaves, do conselho de Sua Magestade, governador da capitania do Rio de Janeiro etc. Toda a pessoa de qualquer qualidade e condição que seja que veio n'este navio de Angola, e se achar fóra d'elle, ou do sitio que se lhe tem sinalado pera sua assistencia, incorrerá em pena de morte e confiscação de bens, pelo grande risco que póde haver do contagio das bexigas, e os marinheiros que assistem no navio serão obrigados a ter mui particular cuidado, aceio na sua limpeza, como tambem em tratar da gente que está em terra, sob pena de serem castigados com toda a demonstração; e para que venha á noticia de todos se manda lançar este bando ao son de caixas, o qual se registrará na forma do estilo, e fixará no mastro do dito navio. Rio de Janeiro 31 de Outubro de 1685. *Duarte Teixeira Chaves.*

(Do Archivo Publico).

IV

Providencia sobre mascarados

Duarte Teixeira Chaves, do conselho de Sua Magestade, governador d'esta capitania do Rio de Janeiro etc. Toda a pessoa de qualquer qualidade e condição que seja, que se achar enmascarado, incorrerá na pena de ir servir a Sua Magestade, que Deos guarde, á nova colonia do Sacramento do Rio da Prata, e sendo negro ou mulato será açoutado publicamente, e todo o official de guerra que

encontrar os taes enmascarados, os prenderá logo sob pena de um mez de prizão para uma das fortalezas d'esta barra; e para que venha á noticia de todos se mandou lançar este bando ao son de caixas, o qual se registrará na forma do estilo. Rio de Janeiro 15 de Outubro de 1685. *Duarte Teixeira Chaves.*

(Do Archivo Publico)

V

Luminarias pela victoria alcançada contra os Francezes.

Francisco de Castro Moraes etc. Por quanto terça feira que se contam 21 do corrente se dá principio ao festejo, que se faz em acção de graças a Deos, Nosso Senhor, pela victoria que foi servido dar-nos contra nossos inimigos; e porque é justo se faça toda a demonstração de alegria e festejo: Mando, que toda a pessoa de qualquer qualidade e condição que seja morador n'esta cidade ponha luminarias nas janellas segunda-feira á noite, que se conta 20 corrente, e as mais noites continuadas até a terça-feira, que se conta 28 do mesmo, o qual uns e outros farão sob pena de pagarem 4 dias e um mez de prizão nas fortalezas; e outrosim mando, que nenhuma pessoa possa andar mascarado de dia nem de noite, excepto as pessoas que andarem occupadas nas dansas, ou com instrumentos necessarios para ellas, debaixo das mesmas penas acima declaradas; e para que chegue a noticia de todos mandei lançar este bando etc. Rio de Janeiro 19 de Outubro de 1710. O secretario João de Oliveira o fez. *Francisco de Castro Moraes.*

VI

Prohibição de escrever sobre o sucesso da batalha contra os Francezes sem prévia censura.

Francisco de Castro Moraes etc. Porquanto me chegou a noticia, que algumas curiozas pessoas faziam relações da victoria, que tivemos contra os nossos inimigos, e que, com menos consideração escreviam n'ellas o numero

de artilharia das fortalezas e seus calibres, sendo couza esta em que se não devem metter, nem necessaria para narração dos successos: Mando, que nenhuma pessoa se intrometta nas ditas relações a dar conta das forças das nossas fortalezas, nem do nosso poder, por ser couza que lhe não pertence ; e assim mais que ninguem possa mandar relação sem me fazer prezente para a mandar vêr, si n'ella se relatam as couzas acima prohibidas, e uma e outra couza farão, sob pena de pagarem cem mil réis da cadeia para a fazenda real e dois annos de degredo para uma das villas do sul ; e dos cem mil réis se dará a terça parte a quem os denunciar ; e porque nenhuma pessoa possa allegar ignorancia e chegue a noticia a todos, mandei lançar este bando ao son de caixas pelas ruas mais publicas d'esta cidade, fixando-se no lugar costume. Dado n'esta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro aos 19 dias do mez de Outubro de 1710. O secretario João de Oliveira o fez. *Francisco de Castro Moraes.*

VII

Embarque dos prizioneiros francezes

Francisco de Castro Moraes, etc. Em os navios da prezente frota (*) se hão de embarcar os prizioneiros francezes, para cujo effeito mando, que todos os sobreditos Francezes estejam juntos amanhan, que se contarão 28 do prezente mez, pelas 3 horas da tarde, no largo fronteiro ás cazas do palacio, para se lhes nomearem as embarcações em que devem passar, e todo o que faltar, não apparecendo ás horas do dito dia, será retido e não embarcará nem se lhe dará licença para sahir da prizão ; todo o morador que em sua caza tiver Francez algum e fôr consentidor ou

(*) A frota de Gaspar da Costa Ataide (frota annual do commercio) devia voltar para a Europa no dia 3 de Setembro, e n'ella deviam seguir os prizioneiros da expedição Duclerc, como se vê d'este bando. Os nossos historiadores, repetindo o que disse Duguay-Trouin, enganaram-se, suppondo que essa frota foi mandada de Portugal para defender o Rio de Janeiro. Com o annuncio da primeira invazão a frota foi retida no Rio. (Nota do Barão de Rio-Branco).

concorrer para que haja falta em se aprezentar será castigado severamente e prezo pelo tempo que me parecer. E para que chegue a noticia a todos, e não possam allegar ignorancia mandei lançar este bando ao son de caixas pelas ruas mais publicas d'esta cidade, fixando-se no lugar costumado, e se registrará nos livros da secretaria d'este governo e nos mais a que tocar.

Dado n'esta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro aos 27 dias do mez de Agosto de 1711. O secretario João de Oliveira o fez. *Francisco de Castro Moraes.*

PATENTE DE CAPITÃO

DA

FORTALEZA DA PRAIA DA CARIOCA

D. Alvaro da Silveira de Albuquerque etc. Faço saber aos que esta minha carta patente virem, que por ser conveniente e precizamente necessario o haver-se de tratar da maior defensa d'esta cidade e capitania do Rio de Janeiro, assim para o estado prezente em que ha presumpção poderá haver guerras na Europa, por cuja cauza quererão as nações inimigas infestar as praças do reino de Portugal, em que se comprehendem tambem as das conquistas do Brazil, como para o futuro em que é justo se ache bem fortificada a mesma capitania, de que rezulta a bôa direcção do serviço de Sua Magestade, motivo que me moveo a que haja alguns fortes, entre os quaes se reedifique o de Nossa Senhora da Gloria sito na praia da Carioca, antigo erecto de barro, e de prezente arruinado pelo tempo, no qual deve rezidir pessoa por capitão, para que com o seu respeito e cuidado dê calor a que o dito forte se ponha em sua ultima perfeição e com brevidade se capacitar a defender-se; e na de Claudio Gurgel concorrem estes requizitos, e o de ser uma das principaes d'esta cidade e n'ella actualmente morador, o qual me consta pela fé de officios e papeis que offereceo haver servido a Sua Magestade, que Deos guarde, e em praça de soldado na companhia do capitão D. Gabriel Grasés Gralha uma da guarnição do prezidio d'esta praça desde o 1° de Março de 682 até o 1° de Agosto de 83, donde passou á companhia do capitão Francisco Munhoz Corrêia, em que continuou até 30 de Setembro de 686, e servio trez annos e sete mezes effectivamente, sendo provido pelos governadores Pedro

Gomes, Duarte Teixeira Chaves e João Furtado de Mendonça, que o foram d'esta mesma praça nos annos de 682 e 686, nos cargos de provedor da corôa e fazenda real, e depois por Sebastião de Castro Caldas nos de provedor da fazenda real, juiz da alfandega e contador d'ella, proceder com grande zelo e desinteresse do serviço de Sua Magestade, havendo de antes occupado por suas letras e merecimento os honrados cargos da Republica de juiz vereador, e escrivão da camara, se portar como da sua pessoa se esperava; no anno de 695 vindo cinco navios de guerra da nação franceza, e entrando trez d'elles no porto d'esta cidade, prevenindo-se o dito Sebastião de Castro para a defensa pela estar governando, e mandando agregar as principaes pessoas ás companhias de guarnição e ordenanças ser o dito Claudio Gurgel uma d'ellas, e assistia por decurso de um mez á toma dos mantimentos para os ditos navios com todo o cuidado e desvelo, do mesmo modo quando o nomearam por cabo de uma patrulha para defensa da praia de Santa-Luzia, lugar dos mais arriscados e perigozos, observando o que se lhe encarregava com conhecida rezolução e pontualidade, dando por este modo exemplo aos que o seguiam, e pedindo o dito governador uma contribuição para as fortificações e quarteis, acudir com madeiras e liberal donativo de dinheiro na occazião em que vindo um dos capitães das náos francezas com lanxas e gente a tirar duas pessoas da dita nação da cadeia d'esta cidade entre os moradores que acudiram ao assalto, ser o dito Claudio Gurgel um dos primeiros que com grande valor e destimido animo se poz em defeza contra os inimigos; ultimamente obrar como bom soldado no meter das guardas, fazer ronda e sentinellas com sua pessoa e seus escravos, por cujos serviços e tendo consideração a que o dito Claudio Gurgel por sua nobreza, autoridade e prudencia obrará em tudo com grande acerto, havendo-se com valor na occazião que se offerecer do real serviço, dando inteira satisfação no de que fôr encarregado, e esperando de sua pessoa que assim o execute, e no que tocar ao adiante do dito forte : Hei por bem fazer mercê ao dito Claudio Gurgel de o nomear e prover em nome de Sua Magestade (como por esta minha carta

patente nomeio e prôvo) do posto de capitão do forte de Nossa Senhora da Gloria da praia da Carioca d'esta cidade, com declaração que o mandará reedificar de pedra e cal á sua custa pela circunferencia do que antes era de barro, antes de sua ruina, para toda a defeza que se occazionar pelos inimigos da nação portugueza; o qual posto de capitão exercitará emquanto o dito Senhor o houver por bem, ou eu não mandar o contrario, e com elle logrará todas as honras, privilegios, liberdades e izenções, que direitamente lhe pertencerem, e lhe são concedidas em razão do dito posto. Pelo que ordeno ao sargento-mor do prezidio d'esta praça dê posse e juramento ao dito Claudio Gurgel do dito posto de capitão do forte de Nossa Senhora da Gloria como dito é. E mando aos cabos, officiaes de guerra, e justiça e aos soldados do dito forte ,o conheçam por capitão d'elle, estimem e honrem como devem e são obrigados, cumpram e guardem suas ordens por escrito e de palavra, obedecendo a tudo o que por elle lhe for mandado, e dando cumprimento a esta minha carta patente, que por firmeza do referido lhe mandei passar por mim assignada e sellada com o sello de minhas armas. Dada n'esta cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro aos 12 de Março anno do nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de 1703. O secretario Faustino Aires de Carvalho a fez escrever. *Dom Alvaro da Silveira de Albuquerque.*

ENTRADA DOS NAVIOS FRANCEZES

No porto do Rio de Janeiro em 1711.

Carta do governador e capitão-general

ANTONIO DE ALBUQUERQUE COELHO DE CARVALHO

Em 21 de Setembro me chegou noticia ás Minas de que havia entrado no porto d'esta cidade a armada franceza, e constava de 18 embarcações de guerra, e sem mais certeza nem avizo do governador Francisco de Castro me resolvi a vir soccorrel-a; o que logo puz em execução, partindo a 28 do mesmo mez com perto de seis mil homens da melhor e mais luzida gente, que tem as ditas Minas, assim forasteiros como Paulistas, formados em dez terços, trez auxiliares, e seis de ordenança, e o pago novamente levantado pela occazião, de soldados escolhidos e officiaes capazes de serviço alguns e com cabedaes para despeza de similhantes marchas, assim mais um regimento de bôa cavallaria; e em 17 dias cheguei ás avizinhanças d'esta cidade, e parecendome a acharia ainda defendendo-se, tive avizo do dito governador de que a havia perdido, pedindo-me a viesse restaurar. Prosegui a minha marcha, despedindo ordens ás Minas para vir mais gente, mantimentos e gados, pois suppunha o paiz justamente occupado pelo inimigo, e ao

descer da serra me chegou outro avizo do dito governador, noticiando-me se tinha determinado a capitular com o inimigo, e logo sem demora me fez terceiro avizo com a certeza de haver ajustado a compra da cidade e fortalezas por 610.000 cruzados, 100 caixas de assucar e 200 vacas e em refens do mestre de campo João de Paiva, dois capitães de infantaria, um d'elles seu irmão; e como me parecesse desacerto grande o tal ajuste, pois se poderia esperar este meu soccorro, ainda tendo-se-me pedido, quanto mais sabendo-se já que vinha em marcha, a continuei até onde suppunha estariam as munições, que por muitas vezes tinha pedido, e havendo polvora bastante, achei só quatro cunhetes de bala, sem esperança de se poder alcançar mais alguma, em cujos termos, e com a certeza de que tambem se haviam perdido as fortalezas da barra, e estavam pelo inimigo bem guarnecidas, quando com facilidade se poderam ter conservado, principalmente a de Santa-Cruz, me resolvi a fazer alto com as minhas tropas distante d'esta cidade quatro legoas, e mandando saber do dito governador os termos, em que estava o tal ajuste, mostrando-lhe tenção de o querer remover, me respondeo o que constava da sua carta, que com esta será prezente a Vossa Magestade, e tambem outra que me escreveo o bispo; e porque este negocio e ajuste estava já tão adiantado com refens passados, não os havendo da sua parte e os moradores communicando-se com muita familiaridade com os inimigos e commerciando com elles, me pareceo suspender a qualquer operação pela contingencia do successo, falta de munições, e a que poderiam haver da parte dos moradores e soldados dos terços, pois todos se consideravam já socegados, tratando das largas conveniencias, que acharam em contratos de sociedades, de cem e duzentos mil cruzados, que logo se satisfaziam em ouro, porém na consideração de que estes motivos obrigariam o inimigo a demorar-se para reduzirem todos os generos do seu saque a moeda e a ouro, e que poderiam contrahir pernicioza amizade com os povos pelo carinho com que os tratavam, e que não seria facil o impedir-se-lhes por falta de poder da parte do governador, me-

resolvi avizinhar-me mais a esta cidade para fazer entender ao dito inimigo, que os não deixaria dilatar assim que tivessem cobrado o que se lhe havia promettido, o que executei, aquartelando-me em parte pouco distante, mandando logo tomar os postos e estradas, por onde os nossos podiam entrar ao dito commercio, prohibindo-lhes por bandos e graves penas e confiscando-se o que lhes era achado, com cuja novidade se começaram os Francezes a acautelar, dobrando as guardas e guarnição da fortaleza de Santa-Cruz, embarcando logo o que tinham em terra, como tambem o seu general apressando a ultima satisfação do que se lhes devia, e recebendo-a partiram entregando a fortaleza de Santa-Cruz depois de sahir a ultima embarcação, mostrando irem bem satisfeitos do importante saque, que tiveram e ouro que acharam, não sendo menos do que se lhes deo o que grangearam na venda das fazendas e de muitos navios, que sem serem os donos se lhes compraram, tudo a troco de ouro, não se lhes impedindo e aos que por companhia trataram esta conveniencia, e achando-a tambem o dito inimigo em deixar alguma polvora pela falta em que ficavamos d'ella, pareceo comprar-se-lhes dois mil e oitenta barris, como deve dar conta a Vossa Magestade o provedor da fazenda, que o satisfez com commodo. Este, Senhor, foi o successo, que experimentou a minha delegacia e zelo, com que vim soccorrer esta cidade, atropelando mil difficuldades e excessivos trabalhos por serras e caminhos tão fragozos que a todos admirou a facilidade, com que venceram os que me acompanharam, que o sentiram menos, si lograram a fortuna de mostrar a sua obrigação, assim como o fizeram na promptidão e obediencia, com que os achei n'esta occazião, deixando suas lavras e roças, trazendo os mesmos escravos com mantimentos e armas, e me pareceo conveniente, que Vossa Magestade sendo servido lhes mandasse agradecer por carta ás camaras d'aquellas villas, que tambem no que lhes tocou de dar mantimentos e carruagens, se houveram com toda a pontualidade, e me fica o sentimento de que se mallograsse o desvelo, com que procurei livrar a esta cidade da ruina, que experimentou pelos motivos, que o governador d'ella deve dar conta a Vossa Magestade,

como tambem eu o faço por outra carta a Vossa Magestade, e dos que tive para entrar n'esta cidade e no governo d'ella.

A real pessoa de Vossa Magestade guarde Deos por muitos annos.

Rio de Janeiro 26 de Novembro de 1711.

Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.

(Do Archivo Publico)

Artilharia das náos francezas queimadas no Rio de Janeiro

Offerece-me fazer prezente a V. Magestade,que logo que houve lugar tratei de mandar tirar a artilharia das náos de guerra, que se haviam queimado na occazião da entrada dos Francezes, que com algumas que já estavam em terra fazem o numero de 58, entre as quaes se acham 13 de bronze, das quaes queria levar algumas o sargento mor de batalha Gaspar da Costa para a Bahia; o provedor da fazenda lhe o encontrou e a mim me pareceo, que ficassem até segunda ordem de V. Magestade por serem tambem cá necessarias;do que deve dar conta a V. Magestade o dito provedor, e do mais que se salvou e fica em arrecadação das ditas náos e do cavilhame d'ellas e muita ferragem nos velames para os novos reparos da artilharia, que se tem montado, e de algumas d'estas de ferro tenho disposto para Santos e para o signal dos navios de Cabo-Frio; do que por outra carta dou conta a V. Magestade, que n'este particular mandará resolver o que fôr servido. A real pessoa de V. Magestade guarde Deos muitos annos. Rio de Janeiro 26 de Abril de 1712. *Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho.* *

* Por este documento vê-se, que os navios de guerra portuguezes queimados por occazião da entrada de Duguay-Trouin montavam apenas 58 peças. Documento importante, porque os nossos historiadores até hoje tem repetido as exaggeradas noticias de Duguay-Trouin.

(Nota do Barão do Rio Branco).

CONTA SOBRE A FORTIFICAÇÃO E ARTILHARIA

E MAIS

Fortalezas da praça e armazens do Rio de Janeiro

Senhor. A informação do estado, em que achei as fortificações d'esta praça, a sua artilharia e armazens d'ella, dou a Vossa Magestade como me ordena e da sorte que ellas se acham. A barra d'esta cidade é defendida de trez fortalezas, Santa-Cruz, que lhe fica na terra de léste, e São João na de oeste, e entre ambas a fortaleza da Lage mais dentro da barra, que a divide em dois canaes; o que fica para a parte de Santa-Cruz terá 600 braças de largo, e todo o fundo com capacidade para os maiores navios; o outro canal, para a parte de São-João, poderá ter 300 braças de largura e fundo só para embarcações pequenas.

A fortaleza de Santa-Cruz, que está situada sobre uma ponta da rocha da terra de léste, tendo accrescentatado a fortificação antiga, a muralha nova da parte da cidade, que está quazi toda feita, mas faltam-lhe os terraplenos todos e algumas obras interiores, que necessitam de bastante concerto, como se vê na fig. 2ª.*

A fortaleza de São-João não tem outra capacidade; o terreno, que para formar as duas baterias que se vê na planta fig. 2.ª, tem mais uma defensa para a parte do Pão de Assucar, que ha de mister reedificados para defender uma praia, em que tem a porta; e a capella do santo necessita tambem de concerto.

* As figuras, a que se refere esta informação não foram encontradas annexas ao original, como deviam estar.

A fortaleza da Lage acha-se hoje com uma differente planta da que desenhou o brigadeiro Massê, porque esta era uma figura oval, cujo maior diametro tinha 180 palmos e a menor 100, e a planta que remetto, é a que se segue, e n'ella se vê a obra, que está feita, que ainda para chegar á primeira bateria lhe faltam, nos quatro lados, seis fiadas de enchellaria, como fiz prezente a Vossa Magestade em outra carta, e na fig. 3.ª se vê, que forma um exagono.

Fóra da barra se acham duas baterias, uma por detraz de Santa-Cruz, na praia a que chamam da Varge ou do Saco, e outra por detraz de São-João na praia a que chamam Vermelha.

A bateria da praia da Varge fica entre dois outeiros altissimos, como se vê na fig. 4.ª; é composta de terra e fachina e por esta cauza se acha arruinada, não é para se desprezar, porque não defende só algumas roças vizinhas, como diz o brigadeiro Massê, mas a serra, em cuja ponta está a fortaleza de Santa-Cruz, e lhe fica servindo de padastro.

A bateria da Praia-Vermelha fica tambem entre duas serras, mas é feita de pedra e cal, formando uma cortina, com dois meios baluartes, como se vê da fig. 5.ª; necessita de terraplenos e de se lhe fazerem parapeitos e fechar-se pela parte de terra, por onde póde ser atacada, e se acha sem defeza alguma, porque impede um desembarque de tropas e munições ao inimigo com mais facilidade e conveniencia que si tivesse os navios dentro do porto.

Da barra para dentro ficam dois fortes da mesma parte da fortaleza de Santa-Cruz ; inuteis ambas por estarem em grande distancia do canal, por onde passam os navios.

O primeiro, a que chamam de Nossa Senhora da Boa-Viagem, é uma bateria situada em uma montanha, que o mar a faz peninsula, da outra parte da cidade; a sua fórma se vê na fig. 6ª.

O segundo, chamado Caraguatá, tem o mesmo defeito da distancia que o primeiro, e é uma bateria situada ao pé de um monte, que fica ao lume da agua, e a sua forma se vê na fig. 7ª.

Da parte da fortaleza de São-João até o fim da cidade, ha quatro redutos, o primeiro junto a Nossa Senhora da Gloria, que é inutil pelo sitio e pela incapacidade; o segundo e terceiro, a que chamam Santa-Luzia e São-Januario, estão em duas montanhas, e os faz inuteis a fortificação da cidade, porque se estende junto a uma e comprehende o outro.

O ultimo, a que chamam o da Prainha, que fica por detraz da serra de São-Bento, é uma bateria, que está arruinada, e é mui necessario reparal-a com toda a bôa forma, porque defende n'aquella paragem o desembarque dos inimigos e o porto em que dão fundo as maiores náos; a fórma da construcção de todos quatro se vê nas figs. seguintes 8.ª, 9.ª, 10.ª, 11ª.

No ponto d'esta cidade ficam de uma parte contra duas ilhas, a das Cobras, defronte do mosteiro de São-Bento, e a de Villagalhon, detraz do forte de Santiago; ambos defendem admiravelmente o porto, e a das Cobras domina toda a cidade; para esta se tem já determinado nova fortificação; a com que se acha, se vê na fig. 12; a do Villagalhon necessita arrazar um oiteiro, que tem dentro, e fazer n'ella boas plataformas com bons parapeitos; a que tem prezentemente se vê na fig. 13, e tudo mostra a planta 1.ª das obras destacadas da cidade.

A fortificação da cidade consta de duas fortalezas, que occupam dois oteiros proximos e eminentes d'ella, a que chamam de São-Sebastião e da Conceição; entre elles corre uma distancia de 300 braças, em que está o muro, que forma nove angulos avançados, e quazi no meio a porta principal com um revelim, que o defende; da fortaleza de São-Sebastião corre pela ladeira a muralha do mar junto do forte de Santiago, e da fortaleza da Conceição continua o muro pela ladeira até o mar junto do trapixe dos terceiros; pela parte do porto fórma um cáes com algumas defensas como se vê na planta 2.ª da cidade, e n'esta fórma se acha fechada de fortificação. D'esta obra o que se acha feito é o seguinte, e não falo no monte de Santo-Antonio, porque fica fóra d'ella, e não se tem bolido no forte octogonal, que se desenhou.

A fortaleza de São-Sebastião, que está em um monte,

que fica ao sul da cidade, tem a sua fórma de uma tenalha fechada com dois baluartes pequenos, e uma cortina com a porta no meio coberta de um revelim, acha-se quazi feita, e só lhe falta aperfeiçoar os parapeitos e póços e o armazem para a polvora, e concertar a cisterna, que se acha esvahida.

A fortaleza da Conceição, que occupa o mais alto do monte, que fica ao norte da cidade, se acha tambem quazi acabada, com seu armazem de polvora, corpo da guarda e cisterna; necessita de acabar o fôsso, parapeitos e alguns quarteis. N'esta obra as paredes interiores, que formam o parapeito, estão pouco seguras, e a cisterna esvahida.

O muro do recinto da cidade, que corre d'esta fortaleza á de São-Sebastião, se acha em todo este comprimento da ultima de 8 palmos, e em poucas partes de 10, tem-se observado na sua largura os 14 que lhe desenhou o brigadeiro Monte, e tam bem na distancia dos contrafortes de 25 palmos de uns a outros. Este é o estado da fortificação, que se acha feita n'esta praça, e nos mais as obras destacadas d'ella.

Artilharia e balas, que se acham n'estas fortalezas e armazens com 279 peças de differentes calibres, 27 de bronze e 254 de ferro, 287 de balas.

A fortaleza de Santa-Cruz tem 53 peças de diversos calibres, 38 de ferro e 15 de bronze, balas para ellas 2.620, encadeados 44, e palanquetas 78.

A fortaleza de São-João tem 4 peças de differentes calibres, 34 de ferro, e 8 de bronze, acha-se com 2.162 balas para ellas.

A fortaleza da Lage não tem artilharia nenhuma, por se não achar com bateria.

A praia da Varge tem na sua bateria 6 peças de ferro com 369 balas de diversos calibres.

A Praia-Vermelha tem 12 peçoas de ferro de differentes calibres com 211 balas.

A bateria de Nossa Senhora da Bôa-Viagem tem 10 peças de ferro com 287 balas de differentes calibres.

O forte do Caraguatá tem tambem 10 peças de ferro de differentes calibres com 426 balas.

O forte de Nossa Senhora da Gloria não tem artilharia alguma; o de Santa-Luzia tem 5 peças de ferro e 28 balas; o de São-Januario tem 11 peças de ferro de differentes calibres com 120 balas; o forte da Prainha tem 4 peças de ferro e 150 balas de differentes calibres.

Na ilha das Cobras, nas baterias que tem feitas, se acham 26 peças de ferro com 716 balas de diversos calibres.

A ilha de Villagalhon tem na sua bateria 20 peças de diversos calibres e 1.080 ballas.

Nas fortalezas incluidas na fortificação da cidade, São-Sebastião tem 24 peças, 4 de bronze e as mais de ferro com 853 balas de calibres.

A fortaleza da Conceição tem 36 peças de ferro com 1.000 balas de differentes calibres.

O forte de Santiago, que tambem o inclue a fortitificação da cidade, tem 8 peças de diversos calibres e 27 balas. Fóra esta artilharia e balas que se acham postados nos fortes referidos, estão 11 peças nos armazens, e 2 que foram para Nova-Colonia, que se acharam enterradas depois da invazão dos Francezes e até agora lhe não appareceo dono e 18.656 balas como se vê no mappa.

Fortes	Peças	Balas
Forte de Santa-Cruz	53	2.620
» de São-João	43	2.162
» da Vargem	6	369
» da Praia-Vermelha	12	211
» da Boa-Viagem	10	287
» do Caraguatá	10	426
» de Santa-Luzia	5	28
» de São-Januario	11	120
» da Prainha	4	130
» da Ilha das Cobras	26	716
» do Villagalhon	20	1.080
» de São-Sebastião	24	853
» da Conceição	36	1.000
» de Santiago	8	27
Nos armazens	11	18.656
	279	28.705

Nos armazens de Vossa Magestade as munições, materiaes e mais petrexos, que se acham, se podem vêr na relação junta, e tambem os que faltam para Vossa Magestade mandar vir, e esta relação que remetto, e da sorte que me informaram os officiaes da fortificação, artilharia e armazens ; porque a queixa, que me durou quatro para cinco mezes, me não deo lugar a fazer pessoalmente este exame, pois ainda me não deixa restituido á antiga saude, e ao depois me continuou o impedimento com a expedição da Colonia e agora com a da frota. A real pessoa de Vossa Magestade guarde Deos muitos annos. Rio de Janeiro a 2 de Março de 1718. *Antonio do Brito de Menezes.*

RELAÇÃO DAS MUNIÇÕES, MATERIAES E MAIS PETREXOS, QUE ESTÃO NOS ARMAZENS DA FAZENDA REAL D'ESTA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. O SEGUINTE :

2.999 espingardas velhas, 10 espingardas velhas sem fechos, 60 canos velhos de mosquetes e espingardas, 1.020 bandoleiras, 1.059 frasquinhos de couro com bocaes, 1.026 patronas, 60 pares de pistolas, 200 clavinas com seus corriões, 100 pares de botas com suas esporas, 6 carlequins, 80 archotes de cera, 4.400 archotes de esparto, 1 garrafa de espirito de vinho, 1 barrilinho de oleo de linhaça, 1 barrilinho de terebentina, 4 trados, 4 verrumas, 30 serras pequenas, 12 peneiras com suas camizas, 5.000 taxas de bombas, 10 rascadores de ferro, 6 limas sorteadas, 10 libras de fio de arame, 16 libras de linho de cozer, 10 funis de folha, 1 almofariz, 12 mãos de ferro para o dito, 120 espadas velhas, 8 quintaes de morrão de corda, 50 pés de cabra, 5 peças de cabo de linho com 4 quintaes e 3 arrobas, 33 peças de linhagem, 3.100 baionetas novas, 220 baionetas velhas, 3 bandeiras de tafetá uzadas, 30 chuços com seus recontros, 16.000 canudos de granadas, 2 barrilinhos pequenos de folha de Flandres, 11 peças de artilharia, 4 cuxarros de cobre, 43.000

pederneiras, 6 arrobas de enxofre em um barril, 85 sellas apparelhadas, 1 caldeira de cobre, 120 quintaes de ferro de varias castas, 100 cunhetes de bala miuda, de chumbo miudo com 295 arrobas, 6.000 arrobas de polvora em 2,000 barris, 14.547 balas de artilharia de varios calibres, 13.000 granadas de ferro, 4.189 balas de artilharia mais.

Antonio Gonçalves de Azevedo a fez.

EXPEDIÇÃO

DO NATURALISTA

Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira ao Brazil

N'esta occazião embarca para o Pará o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, naturalista, levando debaixo de sua inspecção a Jozé Joaquim Freire, riscador, Joaquim Jozé Codina, tambem riscador, e Agostinho Joaquim do Cabo, jardineiro botanico, os ques vão vencendo annualmente ao serviço de Sua Magestade os ordenados seguintes, a saber : o primeiro 400$000 e os outros trez a 300$000 cada um ; e d'estes ordenados se ha de descontar no Pará o que elles deixam n'esta côrte as suas familias, que vem a ser o primeiro 150$000 e a cada um dos outros 100$000. Os ditos naturalistas e riscadores devem empregar-se debaixo das ordens de V. S. em examinar e descrever tudo o que houver n'esse estado relativo á historia natural, e em recolher e preparar o que se deve remetter a esta côrte, na conformidade das instrucções que leva o dito Alexandre Rodrigues, debaixo de cuja inspecção devem trabalhar os outros trez, que vão na sua companhia, fazendo V. S. que estes lhe obedeçam em tudo o que fizer a bem do real serviço. Aos mesmos se ordena sigam em tudo as ordens de V. S., a quem devem dar conta do que fizerem, remettendo as producções que recolherem para V. S. as enviar para esta côrte com as observações, que elles tiverem feito :

E n'esta intelligencia lhes determinará V. S. os sitios, onde hão de ir, na fórma que lhe parecer mais acertado, mandando-os auxiliar nas jornadas ou viagens, que

fizerem, com embarcações, gente e o mais que se fizer precizo, assim para o seu transporte como para suas comedorias, devendo esta despeza ser paga pela junta da fazenda real d'essa capitania; do que se lhes passarão as clarezas necessarias para se levarem em conta no erario regio. Logo que a V. S. parecer conveniente, fará partir os referidos sugeitos para o Rio-Negro, dirigidos a João Pereira Caldas, a quem V. S. escreverá, remettendo-lhe uma cópia d'esta carta para que lhe sirva de governo; recommendando-lhe particularmente de os empregar no exame do Rio-Negro e dos outros, que n'elle desaguam, e fazendo-lhes as mesmas assistencias por conta da fazenda real na fórma acima referida. E V. S. terá cuidado de mandar do Pará as canôas necessarias para conduzirem as producções, que elles recolherem, afim que se venham, remettendo successivamente para esta côrte pelos navios, que se offerecerem. Deos guarde a V. S. Mafra em 19 de Agosto de 1783. P. S. O sobre dito Dr. Alexandre Rodrigues leva uma porção de semente de linho canhamo, que deve semear em differentes lugares e em differentes tempos, e sendo da maior importancia a introducção d'esta cultura n'essa capitania, deve V. S. tomar um particular cuidado em a promover e animar por todos os modos possiveis. Incluza achará V. S. uma relação de alguns animaes, que deve remetter para esta côrte com as mais producções naturaes que recolher o referido naturalista. *Martinho de Mello Castro.* Sr. Martinho de Souza Albuquerque.

Sua Magestade é servido, que logo que V. S. chegar ao Pará faça partir para o Rio-Negro ao tenente-coronel João Baptista Mardel e ao coronel Manoel da Gama Lobo, soccorrendo estes officiaes da mesma fórma que foi soccorrido o tenente-coronel Theodozio Constantino de Chermont, quando foi mandado para o Rio-Negro, e fazendo-se a despeza do transporte á custa da real fazenda, da mesma fórma que se fez ao dito Chermont, indo na companhia do governador e capitão general João Pereira Caldas.

Deos guarde a V.S.Mafra em 29 de Agosto de 1783. *Martinho de Mello Castro.* Sr. Martinho de Souza Albuquerque.

Sua Magestade é servido, que logo que V. S. chegar ao Pará, faça partir para o Rio-Negro ao dezenhador De Lande, dirigido ao governador e capitão general João Pereira Caldas, para ficar ás suas ordens em quanto ali se fizer precizo.

Deos guarde a V. S. Mafra em 31 de Agosto de 1783. *Martinho de Mello Castro*. Sr. Martinho de Souza Albuquerque.

RELAÇÃO DE ALGUNS ANIMAES QUE PARTICULARMENTE SE RECOMMENDA AO SR. MARTINHO DE SOUZA ALBUQUERQUE QUE FAÇA REMETTER PARA ESTA CORTE.

Dois jacarés, dos maiores, bem preparados e com as suas cabeças, metidos em caixas de páo por conta da sua conservação na passagem.

Duas giboias, tambem das maiores, com suas cabeças.

Duas tartarugas, tambem das maiores.

Toda a casta de passaros vivos, grandes ou pequenos, assim de terra como aquaticos, metidos em gaiolas ou viveiros, muito racommendados aos capitães para que não morram no mar.

Os mesmos passaros mortos, preparados para o Muzeo.

Macacos ou saguins amarellos, côr de perola ou de outras côres, que não sejam dos ordinarios.

Os ditos jacarés, giboias e passaros mortos se devem entregar ao Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira para que elle os faça preparar como entender, e que possam vir juntamente com todas as mais producções naturaes de que o mesmo Dr. Alexandre vae incumbido.

MEMORIA

SOBRE OS

Trabalhos de observação e exploração

EFFECTUADA PELA

Segunda Secção da Commissão Militar

ENCARREGADA DA

Linha telegraphica de Uberaba á Cuiabá, de Fevereiro á Junho de 1889

A 15 de Janeiro foi dividida a commissão militar encarregada da construcção da linha telegraphica de Uberaba á Cuiabá, então dirigida pelo distincto coronel do estado maior de artilharia Ernesto Augusto da Cunha Matos, em duas secções, ficando a primeira com o encargo de construir a linha supramencionada, e a segunda, cuja chefia me foi confiada, incumbida de auxiliar os engenheiros da Companhia Sorocabana na exploração e construcção de uma linha telegraphica de Botucatù até a foz do Tibagi no rio Paranapanema, devendo ao mesmo tempo procurar determinar com todo cuidado as posizões geographicas e as condições climatericas dos pontos mais importantes de sua marcha, estudar a constituição geologica e mineralogica d'essa zona, sua flora e fauna, o genero de cultura a que mais se apropria, os uzos, costumes e filiações das tribus indigenas d'esses sertões. Terminada essa primeira parte do seu encargo, devia a

secção descer o Paranapanema até sua embocadura, buscar no Paraná a foz do Ivinheima, subir por este rio e pelo Brilhante até o porto de Santa-Rozalina, no territorio de Mato-Grosso, estudando os melhoramentos a fazer-se para estabelecer-se em todas as épocas do anno, uma navegação franca para barcos a vapor de 40 centimetros de calado e explorar o terreno para a construcção de uma linha telegraphica da foz do Tibagi ao dito porto de Santa-Rozalina.

Foram-me dados como auxiliares para esses trabalhos o 2°. tenente de artilharia Jeronimo Villela Tavares, como ajudante, o medico da commissão, 2°. cirurgião contratado Dr. Manoel da Mata Leite de Araujo, e um destacamento do batalhão de engenheiros de trinta e cinco praças, sob o commando do capitão de infantaria Francisco Felix de Araujo, tendo como subalternos o então alferes de cavallaria Henrique Maria de Oliveira Bezerra e 2°. tenente de artilharia Jozé da Silva Braga.

Partindo da capital de São-Paulo depois de alguns dias de demora na fabrica de ferro de Ipanema, em consequencia de desarranjos sobrevindos na ferro-via Sorocabana, achamo-nos a 29 de Janeiro reunidos em Botucatú.

No alto da serra de seu nome, donde partem ramificações diversas, a uma altura de 785 metros sobre o nivel do mar, na latitude meridional de 22° 51' 15'' e longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro de 5° 20'' 27,"3, lançou o Paulista Simão Franco, em 1766, os alicerces da povoação, que em 1876 passou a chamar-se a cidade de Botucatú. Sua temperatura média annual é, segundo a formula do Sr. Emilio Liais, de 19°,6 centigrados, e a média das pressões médias barometricas, que ahi obtivemos, foi de 691 millimetros.

O municipio, de que ella é a cabeça, aprezenta a oeste e sul vastos campos de criação, e mostra-se montuozo e coberto de mato pelos outros lados.

Dois rios importantes lhe fertilizam o solo : o Tieté pelos lados oriental e septentrional, o qual está fóra dos limites do nosso estudo, e o Rio-Pardo, que, nascendo cerca de 8 kilometros a sudoeste de Botucatú, corre

Para oeste, banha as villas de Santa-Barbara e Santa-Cruz do Rio-Pardo, e entra na margem direita do Paranapanema, cerca de 6 kilometros acima do Salto-Grande, depois de um curso de 240 kilometros. A 182 kilometros de sua foz recebe elle o Santa-Clara, a 151 o Turvinho, a 115 o Capivara e a 38 o Turvo, cujos cursos são de quarenta e cinco, sessenta, cincoenta e trez e cento e trez kilometros. Apezar porém da sua extensão e da agua que lhe dão seus tributarios, o Rio-Pardo é innavegavel na estação das sêcas, em que suas muitas corredeiras ficam a descoberto.

N'essas terras fertilissimas cultivam a canna de assucar, os cereaes e principalmente o café, cuja exportação é importante. E' tal a uberdade d'esse solo que mil pés de café dão ahi um rendimento annual de 300 arrobas, quando em Minas-Geraes e Rio de Janeiro só chegam de 40 a 50.

A criação do gado n'esse municipio é tambem digna de menção.

O commercio de Botucatú é activo e importante.

A população do municipio sóbe a 16.000 habitantes, a cidade attinge a 2.000.

Suas ruas são bem alinhadas e largas, mas não são calçadas nem niveladas, elevando-se d'ellas um pó avermelhado que penetra por toda a parte e estraga tudo. Suas cazas são construidas de tijolo, muito distanciadas umas das outras, sem gosto nem belleza, e separadas, no geral, por cercas de páo a pique.

De entre os seus edificios salientam-se apenas a estação da via-ferrea Sorocabana, duas pequenas igrejas e a caza da camara. Ha tambem um pequeno theatro em construcção.

De Botucatú partem varias estradas para diversos pontos da provincia, no geral, más e de difficil transito. D'essas estradas trez vão ter á Santa-Cruz do Rio-Pardo, uma passando pelo Rio Novo e Santa-Barbara; outra por São-Manoel do Paraizo, Apparecida e Espirito-Santo do Turvo, e a terceira por São-Manoel do Paraizo, Lençóes, São-Domingos e São Pedro do Turvo. Tendo-me declarado em Botucatú o engenheiro encarregado da exploração e

estudo do prolongamento da via-ferrea Sorocabana, que só nas matas, que separam a povoação de São-Jozé dos Campos Novos do Paranapanema d'esse rio, precizaria do nosso auxilio, resolvi seguir para a villa de Santa-Cruz do Rio-Pardo, que me approximava d'esse ponto, e dava-me o ensejo de fazer os estudos, de que me achava incumbido.

O rigorozo verão de 1888 produzio em todo o sertão de São-Paulo lastimavel carestia de generos alimenticios; o que obrigou-me a mandal-os vir da capital e de Santos, onerando-me com as despezas da compra de 17 animaes de carga e do aluguel de carretas para a conducção do material da secção e dos generos comprados. Felizmente as praças receberam sempre a tempo e a contento generos de excellente qualidade.

Foi muito lenta essa marcha de Botucatú á Santa-Cruz, não só porque eu tinha de ir fazendo observações, como porque o calor era insuportavel, prostrando os homens e os animaes depois de poucas horas de caminho. A média das maximas temperaturas á sombra foi de 32°,1 centigrados, e ao sol 54°,9, marcando por duas vezes o thermometro ao sol 60° centigrados. As noites eram frescas; o que tornava mais sensivel a alta temperatura do dia.

Seguindo-se a estrada do meio, das trez acima citadas, a 23 kilometros e sete decimos de Botucatú chega-se a São-Manoel, depois de se ter transposto o rio Paraizo, affluente do Lençóes.

A villa de São-Manoel do Paraizo, fundada pelo alferes Manoel Gomes de Faria em 1872, e elevada á sua actual categoria a 10 de Março de 1885, descansa no declive de uma colina, á margem esquerda do ribeirão do Paraizo, a uma altura de 717 metros sobre o nivel do mar, na latitude meridional de 22°40'3'',7 e longitude occidental do Rio de Janeiro de 5°25'38'',18. Sua temperatura média annual é de 20°,06 centigrados e a média das pressões médias barometricas que ahi obtivemos foi de 697 millimetros.

O solo d'esse municipio é montuozo ao norte e sul, e aprezenta extensos campos a leste e oeste. Seu clima é muito saudavel e suas terras uberrimas encerram grandes

promessas de futuro prospero. Sua população eleva-se a 5.400 habitantes.

Suas plantações de café são dignas de nota, e a exportação de grão, como a de fumo, é avultada. O commercio da villa é muito animado e cresce diariamente. Infelizmente para nós, tivemos de atravessar esses lugares em tempo de até ahi desconhecida carestia.

Na villa se acha a estação terminal da via-ferrea Ituana. De entre os seus edificios notam-se a caza da camara e a cadeia, construida de tijolos com alicerces de alvenaria de pedra, e um pequeno theatro de muito bom gosto.

A 4 kilometros e nove decimos de São-Manoel, seguindo-se para oeste, encontra-se a capella da Apparecida, pequeno e bello ajuntamento de cazinhas, parochia do municipio de Botucatú, elevada a 638 metros sobre o nivel do mar, na latitude meridional de 22°42'23'',7 e longitude occidental do Rio de Janeiro de 5°25'50''.

Sua temperatura média annual é de 20°,4 centigrados e a média das médias pressões barometricas que ahi obtivemos foi de 704 millimetros.

Até esse ponto os caminhos são marginados de mato cerrado, mas de fracos proporções, si os quizermos comparar aos das florestas do norte e centro do Brazil. Seguem-se extensas campinas cobertas de relva e capim, apenas interrompidas nas estreitas linhas de mato que margêam os rios e ribeirões. em raros capões isolados e algumas aroeiras ordinarias, erguidas como sentinellas perdidas n'essas solidões.

A 36 kilometros da Apparecida transpõe-se o primeiro, e a um kilometro depois o segundo ramo do Pulador, pequeno affluente do Turvinho.

A 21 kilometros e sete decimos passa-se o rio Turvinho e a 8 kilometros depois o rio Capivara, affluentes do Rio-Pardo, ficando aquelle passo a 589 metros sobre o nivel do mar, e este quazi á mesma altura.

A 42 kilometros se encontra a villa do Espirito-Santo do Turvo, elevada a essa categoria em 1885, a uma altura de 573 metros sobre o nivel do mar, na latitude meridional de 22°32'30'' e longitude occidental

do meridiano do Rio de Janeiro de 6°28'38",18, gozando um clima ameno, no qual a média da temperatura annual é de 21°,37 centigrados.

O solo do municipio é accidentado e coberto de abundante vegetação, que substitue á região das campinas desde uma extensão de 12 kilometros antes de chegar-se á villa.

A villa, ainda muito nova, já conta uma igreja matriz e uma caza da camara recentemente construida.

Desde a Apparecida as plantações, em grande, do café vão desapparecendo, porque as geadas as inutilizam. No mez de Junho d'este anno ellas se estenderam até as vizinhanças de Botucatú, cauzando consideraveis estragos nas plantações.

Do Espirito-Santo partem estradas para Lençóes, São-Pedro do Turvo e Santa-Cruz do Rio-Pardo. Tomando-se a ultima e seguindo-se no rumo de sudoeste, chega-se á Santa-Cruz do Rio-Pardo, depois de um curso de 45 kilometros e sete decimos. A villa está situada á margem direita do Rio-Pardo, a 88 kilometros de sua foz, a uma altura de 444 metros sobre o nivel do mar, na latitude meridional de 22° 45'53",87 e longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro de 6° 38' 10,"9. Sua temperatura média annual é de 21°,17 centigrados. A declinação da agulha magnetica é ahi de um gráo noroeste.

Em Março do corrente anno a média das maximas temperaturas á sombra foi de 27°,61, a das minimas 17°,41, a das maximas pressões barometricas a zero 724,9 millimetros, e a das médias a zero 720,7 millimetros.

A mais alta temperatura no verão foi de 33° á sombra e 58° ao sol, e a mais baixa á sombra de 18° centigrados.

A maxima temperatura n'essas regiões tem sempre lugar entre as 3 e 4 horas da tarde, e a minima entre as 6 e as 7 da manhan.

Junto á villa, no verão de 1888 a 1889, aprezentava o Rio-Pardo uma largura de 57 metros, uma profundidade variavel de 3 a 12 decimetros, uma velocidade maxima de 133 centimetros e uma média, segundo a formula de

Prony, de 11 decimetros, e uma despeza de 54.494 litros por segundo. Depois de dois dias de chuva sua largura era de 73 metros, sua profundidade variavel de 75 a 140 centimetros, sua velocidade maxima de um metro e a média de 812 millimetros, e sua despeza de 64.749 litros por segundo.

O ribeirão de São-Domingos vem desembocàr no Rio-Pardo proximo á villa.

Apezar de serem salsadas as aguas do rio, são menos nocivas ao homem que as dos mananciaes, em que se supprem os moradores do lugar, as quaes affectam sensivelmente o apparelho digestivo pelos saes, que têm em dissolução.

A igreja matriz, ainda em construcção, vae se tornar o melhor edificio da villa, onde se contam poucas cazas construidas de alvenaria de tijolo, sendo as outras todas de supapo e algumas de taboa.

Essa comarca, ultimamente creada, promette muito no ramo industrial da criação do gado bovino, suino e lanigero; produz a canna de assucar, o milho, o feijão e o arroz, mas não póde n'esse ramo de industria concorrer com outros pontos da provincia.

A freguezia de São-Pedro dos Campos-Novos do Turvo, á qual pertence o riquissimo bairro do Salto-Grande do Paranapanema, faz parte da comarca de Santa-Cruz, e acha-se a noroeste, a uma distancia de 22 kilometros dessa villa.

A povoação está situada a 446 metros sobre o nivel do mar, na latitude meridional de 22° 39' 30'',32 e longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro de 6° 50' 27'',2, em uma eminencia limitada a sul e leste pelo ribeirão de São-João. Seu aspecto é pitoresco, seu clima muito saudavel, sua temperatura média annual de 21°,52 centigrados. Sua população é de 400 almas, subindo a da freguezia a 4.000.

Ahi predomina a industria pastoril, e sua exportação consiste em gado bovino, toucinho e fumo.

Em principios de Abril a média das maximas temperaturas foi em São-Pedro de 34° centigrados á sombra,

a média das minimas de 17,°3, a média das maximas pressões barometricas a zero de 724,1 millimetros.

A declinação da agulha é ahi de 50 noroeste.

Toda a entrada que vae de Santa-Cruz a São-Pedro, é marginada de mato, mais ou menos cerrado, além do qual se descobre nas elevações fazendas de criação e alguma couza da pequena lavoura.

Os ribeirões de São-João e de São-Pedro nascem acerca de 19 kilometros ao norte da povoação, havendo quazi a mesma distancia entre as suas cabeceiras.

A 4 kilometros ao sul da mesma elles se reunem, e correndo para sudoeste, depois de 10 kilometros de curso, entram no rio Turvo, 20 kilometros acima da foz d'este no Rio-Pardo.

Caminhando-se para oeste, transpõe-se o ribeirão de São-Pedro depois de uma marcha de 2 kilometros ; a 20 depois o arroio Capim, e a 7 além o Jacutinga, ambos affluentes do Rio-Novo.

Nasce esse rio na serra dos Agudos, que, desde o 21° a oeste até 18°30' à leste do meridiano da villa de São-Jozé dos Campos-Novos do Paranapanema, a uma distancia de 18 kilometros, sobe a uma altura de 620 metros sobre o nivel do mar, e tem um curso de 80 kilometros, banhando o povoado pelo lado septentrional, a uma distancia de 56 kilometros acima de sua foz no Paranapanema, e cerca de 3 abaixo do Salto Grande, pelos lados de leste e noroeste é avilla banhada pelo ribeirão da Barraca, affluente do Rio-Novo. Junto à povoação tem este uma largura de 953 centimetros, uma profundidade variavel de zero a 107 centimetros, uma velocidade média de 503 millimetros, e uma despeza de 3.773 litros por segundo.

A estrada de São-Pedro até o arroio Capim é marginada de mato fraco, no qual domina o feto macho, do Capim a São-Jozé, distancia de 14 kilometros, mudam, não só o solo, em que domina o elemento quartsozo sobre os argillozo e ferruginozo, como tambem a vegetação, aprezentando, ora cerrados onde abundam as madeiras de lei, as palmeiras e os bambús, ora campos vestidos

de capim rasteiro e arbustos das familias das malvaceas e bromeliaceas.

A villa de São-Jozé, cabeça do municipio de Campos-Novos de Paranapanema, foi elevada a esse cathegoria em Março de 1885. Com incalculaveis riscos e sacrificios, seus campos se vão povoando, á medida que os selvagens os abandonam em demanda das florestas.

Ella se acha situada a uma altura de 456,5 metros sobre o nivel do mar, na latitude meridional de 22° 27'35'',84 e longitude occidental do meridiano do Rio de Janeiro de 7°5'27'',2. Sua temperatura média annual é de 21°4 centigrados. A declinação da agulha é ahi de um gráo nordeste. Seu clima é muito saudavel.

Conta hoje a villa 42 cazas separadas por cerca de páo a pique, formando quarteirões bem regulares, cruzando-se as ruas em angulo recto. Está em construcção a cadeia, e vae construir-se uma igreja em melhores condições que a actual.

Em médias, a maxima temperatura á sombra foi, de 9 a 30 de Abril ultimo, de 28°,12, a minima de 17°,9, subindo duas vezes o thermometro a 33°, e descendo uma outra a 7°,5; a das maximas pressões barometricas a zero de 721,8 millimetros, e a das médias tambem a zero de 720,2 milimetros.

No mez de Maio a média das maximas temperaturas foi de 23°, a das minimas de 16°,4, subindo uma vez o thermometro a 28,5, e descendo uma outra a 11°; a das maximas pressões a zero de 722,9 e a das médias tambem a zero de 722,5 millimetros.

As médias das temperaturas foram em Julho de 20° para as maximas de 11,2 para as minimas, subindo uma vez o thermometro a 26°,e descendo a 5°, a 3°, a 2°,5 e a 1°.

O municipio produz muita canna de assucar, fumo, milho, arroz, feijão, algum café e muita mandioca, e fabrica para exportação aguardente e assucar. A criação do gado vacum e suino promette.

Pertencem a este municipio as afamadas terras do Rio do Peixe ou Aguapehi, ainda frequentadas pelos selvicolas; o que enche de desespero os especuladores que d'ellas esperam extrahir grandes riquezas.

A pedido dos engenheiros da companhia Sorocabana, a quem faltavam trabalhadores, fiz seguir uma turma de praças do destacamento, sob o commando do capitão Francisco Felix de Araujo e tenente Henrique Maria de Oliveira Bezerra, em Março, para effectuar a abertura da picada para a construcção da linha telegraphica, que tem de ligar a povoação do Rio-Novo á villa de Santa-Cruz do Rio-Pardo. Em 29 dias ficou prompto esse trabalho, abrindo-se em média 770 metros diarios de picada.

Em São-Jozé dos Campos-Novos de Paranapanema fiz levantar pelos tenentes Jozé da Silva Braga e Jeronimo Villela Tavares as plantas do territorio do patrimonio de São Jozé e da villa do mesmo nome, trabalhos esses que foram offerecidos á Illma. Camara Municipal de São-José.

Da villa de São-Jozé ao rio Pirapitinga medeia uma extensão de campos de 50 kilometros, e d'este á foz do Tibagi prolonga-se o mato em uma extensão de 87 .

A 19 de Junho chegaram os engenheiros da Sorocabana para começarem os trabalhos da matá, e a 23 tive ordem de me aprezentar ao coronel chefe da commissão, visto ter sido extincta a segunda secção da mesma commissão.

O SOLO

Toda a zona que percorremos é formada de um gres argillozo ferrifero, composto de grãos de quartzo associados ao peroxydo de ferro, um pouco hydratado, tudo ligado por um cimento argillozo, e atravessado por dikes de diorito, hoje em decomposição; o que tudo produz uma terra de côr vermelha, mais ou menos rôxeada, de pó amarello avermelhado, de aspecto terrozo, que mancha tudo, com que se acha em contacto. Em varios pontos, pouco abaixo da surperficie pulverulenta, se encontram lages de uma côr amarella suja, que empregam nas construcções.

A presença de oxydos de ferro n'esse terreno é demonstrada, não só pelo gosto especial das aguas dos pequenos corregos que o cortam, como por se haver encontrado em escavações feitas em Santa-Cruz ricos fra-

gmentos de mineraes d'esse metal envoltos apenas em ligeira camada de oxydo amarello.

Creio ser esse terreno uma continuação do que tem sido observado no centro da provincia do Paraná, modificado aqui pela acção corroziva dos agentes atmosphericos. Nas vizinhanças das correntes d'agua cobrem-no camadas mais ou menos espessas de alluvião formadas de grãos de quartzo acarretados dos pontos altos pelas aguas do rezultado da decompozição dos vegetaes.

OS MINERAES

Além do ferro, que entra abundantemente como elemento componente d'esse sólo, póde-se citar o ouro, que está sendo explorado nas margens do Turvinho e do ribeirão de São-Domingos, e o carvão de pedra, do qual uma jazida foi explorada no municipio de Botucatú, desconfiando-se da existencia de outras em outros pontos.

A 13 kilometros da cidade de Botucatú e a 12 da de Santa-Cruz do Rio-Pardo, encontram-se importantes fontes de aguas mineraes.

OS VEGETAES

E' riquissima a flora da zona, que percorremos, da provincia de São Paulo; e si n'ella os individuos não aprezentam a exhuberancia de vida, a corpulencia admiravel de seus congeneres do centro e norte do Brazil, os generos ahi se mostram igualmento dignos da attenção do naturalista pela variedade de suas especies.

Dividimos as plantas, de que nos occupamos, em duas classes: a das que o homem cultiva para alimentação, e a das silvestres; das primeiras elle colhe; das *auranciaceas*, as laranjas, as limas de umbigo e da Persia, os limões doce, azedo e gallego, e as tangerinas; das *malvaceas*, o quiabo; das *cruciferas*, a couve, o nabo e o rabano; das *curcubitaceas*, as aboboras e as melancias; das *leguminozas*, o feijão mourinho e o carioca, a ervilha e o amendoim; das *rubiaceas*, o café; das *synanthereas*,

a chicoria; das *solanaceas*, o tomate; das *convolvulaceas*, as batatas doces; das *euphorbiaceas*, o aipim e a mandioca; das *urticaceas*, o figo; das *amomaceas*, o gengibre, das *musaceas*, as bananas, caiana, de S. Thomé e maçan; das *bromeliaceas*, o abacaxi e o ananaz; das *liliaceas*, a cebola e o alho; das *gramineas*, o arroz, o milho e a canna de assucar; das *araceas*, o inhame.

A segunda classe comprehende: das *sapindaceas*, o guaratan, *meliaceas*, o cedro; das *terebinthaceas*, a aroeira do campo; das *leguminozas*, o páo-brazil, a cabreúva, a baraúna, o araribá amarello, os oleos, o tamburil, o angico e a cabiúna; das *rozaceas*, a amoreira da silva; das *synanthereas*, o coração de Jezus; das *bignoniaceas*, a caviúna e os ipês; das *apocynaceas*, a peroba. Todas madeiras de lei, e as seguintes, arvores, arbustos e hervas, empregadas em diversos usos: das *guttiferas*, o ceboleiro bravo; das *malvaceas*, a azedinha do brejo, o carrapixo, a vassoura e o tabaco do diabo; das *bittneriaceas*, a paineira do campo e a malva do campo, das *tiliaceas*, a jangada brava; das *meliaceas*, o marinheiro; das *rutaceas* a cuassia; das *dilleniaceas* o cipó vermelho ou caboclo; das *anonaceas*, a embira e o araticum; das *nympheaceas*, o golfo; das *cruciferas*, o mastruço; das *caparidaceas*, o páo d'alho; das *portulaceas*, a beldroega, das *papayaceas*, o jaracatiazeiro; das *curcubitaceas*, o cabacinho, a buxa e a espelina ou tomba; das *cactaceas*, o ora-pro-nobis; das *terebinthaceas*, a aroeira ordinaria, a pimenteira e a almecegueira; das *leguminosas*, o fedegozo, o ingazeiro, o alcaçuz, a mungieleira e o barbatimão; das *rozaceas*, o pecegueiro; das *myrtaceas*, o araçazeiro, o araçazeiro do campo, a goiabeira, a jaboticabeira, a guabirobeira, a pitangueira, a murteira e o cambuim; das *elicinaceas*, a congonha (especie de mate); das *umbelliferas*, a cicuta; das *rubiaceas*, a poaia, a ruivinha, o manacá, o cipó-cruz, e o cipó sumá; das *synanthereas*, a solidonia, a bardana, a arnica e a candeia do campo (arvore rezinoza que se inflamma facilmente); das *labiadas*, a salva, a alfavaca, a herva cidreira, o rubim, o cordão de frade e a herva de São João; das *verbenaceas*, o camará, e a lixa; das *bignoniaceas* a caroba a mandioquinha do campo; das

escrophulariaceas, a vassourinha; das *solanaceas*, a quina de São-Paulo, o arrebenta-cavallo, os joás, a trombeteira, o estramonio, e o pepino do mato; das *apocynaceas*, a mangabeira e o cipó-cururú; das *borraginaceas*, o matapasto; das *convolvulaceas*, a ipoméa purpurina, a batata de purga e a jalapa; das *nyctaginaceas*, a maravilha; das *cuscutaceas*, o cipó chumbo; das *amaranthaceas*, o paratudo e o carurú; das *aristolochiaceas*, o cipó-loge ou mil homens e a jarrinha ou buta do campo; das *chenopodiaceas*, a herva de Santa Maria; das *phitolaceas*, o cipó d'alho; das *polygonaceas*, a herva de bixo; das *lauraceas*, a canelilha; das *euphorbiaceas*, o carrapateiro ou mamona, o velame do campo, o pinhão e o sangue de dragão; das *urticaceas*, a figueira branca ou gamelleira, o assapeixe, as urtigas, os jaborandis, a umbaúba e o caiapuá; das *iridaceas*, o rhuibarbo e a batatinha do campo; das *bromeliaceas*, o gravatá; das *asparaginaceas*, a japecanga; das *smilaceas*, a salsaparilha; das *palmeiras*, a potioba, a guaguassú, a tocum, a baba de boi e a palmito branco; das *gramineas*, a gramma, o capim d'Angola, o capim meládo, o capim-puba e os bambús; das *cyperaceas*, o capim catinga e o santo; das *aroidaceas*, o cipó-imbê; das *cryptogamas feliceas*, o feto macho; dos *lichens*, os crustaceos; das *hepaticas*, a jungermania; dos *cogumelos*, o urupê ou orelha de páo.

Ha ainda muitas especies que deixo de mencionar por não tel-as visto, apezar de me informarem de sua existencia ahi; entre outras o cipó de agua, que encerra muita agua, limpida e de bom gosto, podendo cada 60 centimetros fornecer meio litro.

Das plantas supracitadas o páo d'alho, a gamelleira, o jaracatiazeiro, o ceboleiro bravo, a jangada branca e os jaborandis são pelos praticos considerados como tipos caracteristico de terreno proprio para a cultura do café.

OS ANIMAES

Não são menos que os vegetaes, dignos de estudo os animaes d'essa zona da provincia de São-Paulo. Ahi na classe dos mamiferos se encontram entre os domesticos o

boi, o carneiro, a cabra, o cavallo, o burro, o mulo, o porco, os cães e o gato, e entre os silvestres: dos *simianos*, o mono, o bugio, o macaco e os saguis, entre outros o estrella, que tem na testa uma estrella branca; dos *cheiropteros*, o vampiro (raro) e um pequeno representante dos vespertilios; dos *felinos*, o tigre negro (rarissimo), a onça pintada canguçú, a de malhas grandes, a sussuarana (vermelha, de cara rajada), a parda e a jaguatirica, os gatos do mato preto e pintado ou mourisco. O numero dos individuos das especies possantes cresce, á medida que se avança no sertão; dos *caninos*, os lobos ou cachorros do mato, dos quaes ha trez variedades: um negro, grande e de pés pellados, outro de côr azulado e que traz sempre a cauda erguida, e outro pequeno felpudo; o jaguara-cambéva, o irára, o zorrillo, a lontra e a ariranha ou lobo do rio; dos *ursinos*, os quatis mundé e mirim; dos *marsupiás*, a gambá e a cuica; dos *roedores* o serelepe ou caxinguelê, o rato do mato ou cuiára e os domesticos (ratões e camondongos), a preá, a capivára, a paca, a cotia e o coelho; dos *desdentados*, os preguiçozos amarello, sujo e pintado, os tatús de rabo molle, papa-milho e mirim, os tamanduás bandeira e mirim; dos *ruminantes*, o veado galheiro (raro), o mateiro, comprehendendo o pardo e o guaitapará, que tem o pescoço negro, o campeiro, comprehendendo o branco, o virá e o cambucica e o catingueiro vermelho de lombo negro; dos *pachidermes*, o porco do mato, o caitetú, as antas negra e cinzenta e o porco-espinho ou ouriço-caxeiro.

Na classe das aves, entre as domesticas estão a gallinha, a gallinhola, o pato e perú, e entre as silvestres: das *rapaces*, o corvo de peito branco, o de cabeça vermelha e o urubú, os gaviões negro, de pennacho, carijó e pombo; o cancan, o ximango, o carácará, o carapinhê, o tapema, que se alimenta de rans e formigas; o mocho chorão, o pequeno do campo e o caburé; das *trepadoras*, as aráras amarella e vermelha, a maracanan; o araguari, o teriea, os papagaios curraleiro, inglez e papa-milho, o sabiassú ou sabiás, o periquito, a maitaca e o tuim que é o menor da tribu; o tucanoassú, o preto e o assari; os pica-páo de trunfa, commun, joão-velho, e trez variedades

do mirim, e os annúns preto e branco; dos *insensores*, — os cuitellos ou beija-flôr (trez variedades), o curiangô ou bacurão, o martim-pescador, as arapongas (branca com a cabeça e as azas negras e bronzeada de peito branco), os sabiás negro e vermelho, a calhandra, os merlos pardo e de colleira, o sanhaço, a curruira, o tangará amarello e o de peito azulado e cabeça vermelha, o bentevi, o japuguassú, o japuira, o xupim (vira-bosta), o canario da terra, o tico-tico, a andorinha, a vinvinha, o tié-sangue, o xanxan, o gallo da serra, o birro ou guirne, a patativa, o pintasilgo, o sarari, o propixe e o japí; das *gyradoras* as pombas, legitima, capassoroba, juriti, pararú, rola e cascavel, a saracura e a tovaca; das *gallinaceas*, os jacús tinga, guassú, caca e pema, o macuco, o inhambú, o inhambú-xororó, o urú, a perdiz, a codorna e o pavão; das *corredoras*, a ema; das *pernaltas*, a seriema, o socó, a garça-branca, o biguá, o tapicurú, o querquer, a anhuma, a piassoca e frango d'agua, interessante tipo de transição das gallinaceas para as nadadoras; das *nadadoras*, o pato bravo, a marreca e o mergulhão.

Na classe dos amphibios, reptis e batracios contam-se: das *tartarugas*, duas especies do genero emidia e uma de casco amarellado e de 44 centimetros de comprimento, a outra negra e menor; dos *saurios*, o jacaré-aruá e o commun, o teihú ou lagarto de côr azulada e peito amarello, o vermelho (grande de 60 centimetros e feroz), a lagartixa, a vibla ou vibora (muito venenoza) e a pequena dos muros ou papa-vento; dos *ophidios*, a giboia, a cobra-coral, a verde, a chamada de duas cabeças, a d'agua, a caninana (de malhas negras e amarellas e peito amarello), a jararacussú, a guaipéva ou jararaquinha (de côr cinzenta, muito venenoza e que, quando quer investir, achata-se como uma taboa), a cascavel, o urutú cuatiáva ou cruzeiro (de cabeça chata e larga, labio superior erguido, pontudo e carneo, pescoço fino e com uma cruz negra na testa) e o urutú dourado (similhante na fórma aos precedentes, mas de uma côr amarella com listras longitudinaes douradas) é o terror do sertão; dos *batracios*, muitos sapos e rans, distinguindo se o sapo pintado ou papa-milho, e a ran untanha, que berra.

Na classe dos peixes contam-se o dourado, o peapára, a piabussú, a piaba, a trahira, a piranha, a saicanga, a parapetinga, o lambari, a tuvira, as paracajuvas, o curimbatá, os pacusguassù e peba, o xemburé, o campineiro, a tobarana, o tambui, o pequira, o garuguassú, o piracamburù, os jahusguassú e peba, o jurupoca, o surubi, os bagres, os jundiás vermelho, cipó e sapo, e os mandis juva, tinga e chorão, o cascudo guacari, o espada, o ainhan, o tapiára e o pito.

Na classe dos invertebrados se contam: no grupo dos *crustaceos*, o caranguejo e o camarão do rio; no grupo dos *arachenides*, a aranha caranguejeira do mato, que cobre uma areia de 22 centimetros de diametro e é muito feroz, a caranguejeira domestica, o escorpião, e outras innofensivas, a papa-moscas; os carrapatos estrella commun e micuim, dos quaes o primeiro tem a fórma de uma estrella e mede 4 millimetros, e o ultimo só com instrumento ampliativo póde ser visto; no grupo dos *myriapodes*, a centopeia; no grupo dos insectos: dos *coleopteros*, os bezouros, dos quaes o maior é verde com os hombros e partes lateraes do ventre dourados, o immediato negro; e dos menores um é negro com os hombros vermelhos, outro vermelho com pintas verdes, outro negro e emittindo luz como o vagalume, o louvadeos e a broca; dos *lepidopteros*, numerozas variedades de borboletas diurnas e nocturnas, tornando-se aquellas notaveis pelo brilho e immensa diversidade de suas côres (de entre ellas chama a attenção uma que aprezenta em cada aza, em caracteres grandes, o numero 80); dos *hymenopteros*, as abelhas tubuna, mandasaia, jatahi e manduvi; os maribondos comprehendendo o feroz e o caçador, que dão caça ás cobras e aranhas venenozas, o tatú, o dourado e o cassununga; as vespas cinzenta, preta, annellada de amarello e negro, irapuá ou cabeçudo; as formigas gambá (catingoza e armada de um ferrão na extremidade do abdomen), saúva, tanajúra ou içá, sará, quemquem, saracutinga e tracuira (miuda); dos *dipteros*, a mosca commun e a varegeira, as motucas grande (tamanho de um bezouro) e pequena (tamanho de uma mosca) o vagalume, os mosquitos pernilongo, borraxudo, de cabeça vermelha

e polvora, a ephemera, a pulga, o cupim e o bixo de pé; dos *orthopteros*, o grilo, os gafanhotos (abundando os pequenos, verdes), a gitiranaboia, as cigarras grande e cinzenta escura e pequena esverdeada, as baratas grande e miúda muito damninha, e a verde ou do mato; no grupo dos *annellados*, as minhocas, das quaes uma emitte da cabeça uma luz vermelha, e outra de todo o corpo luzes de varias côres; no grupo dos *molluscos*, o caramujo, a lesma combé e a pequena.

O HOMEM

O viajante, que penetra sem prevenções nos sertões da provincia de São-Paulo, si fôr animado do dezejo de observar e instruir-se, avança sequiozo de encontrar em sua simplicidade rustica esse tipo paulista, tão emprehendedor, tão amante da liberdade e tão sedento de progresso, nos pontos mais em contacto com o centro de civilização da provincia. Illude-se completamente quem afagar essa esperança n'essa immensa zona, que vae de Botucatú ás margens do Paranapanema; o sertanejo paulista, o afamado caipira mostra-se rarissimamente e quazi sempre entregue ao mister de conductor de carros de bois; elle busca de preferencia as zonas cafeeiras da provincia.

Foi aos filhos da provincia de Minas-Geraes, que coube a gloria de devassar os segredos d'essas regiões, disputando palmo a palmo aos indigenas o terreno, que, vencidos, estes aos poucos lhes vão cedendo.

A esses pioneiros do progresso segue de perto o elemento italiano, que muito vae concorrendo para o adiantamento industrial dos povoados, que ahi se vão formando. E'de Mineiros e Italianos a massa da população das villas, freguezias e campos que atravessámos.

Falemos agora dos primeiros possuidores d'esse solo, isto é, dos selvagens.

Os selvagens dos sertões de São-Paulo filiam-se em trez grupos distinctos, tanto por seus caracteres physicos, como por suas linguas, uzos e costumes, e são conhecidos com os nomes de Caiuás, Coroados e Xavantes.

Os Caiuás são menos reforçados e valentes do que os Coroados, dos quaes elles se temem muito; são menos trabalhadores, e não primam pela lealdade. Sua côr é a do cobre amarellado, seus cabellos negros, grossos e lizos; seus olhos bridados como os dos mongoloides e muito pretos, seu rosto achatado, seus beiços grossos, suas orelhas grandes, seu queixo saliente, sua fronte abombada, seus membros reforçados, seus pés pequenos e suas unhas chatas.

Suas armas são as mesmas que as dos Coroados, porem de mais fracas dimensões. Os homens andam nús; as mulheres porém uzam de uma estreita fita de embira trançada preza ao redor da cintura, com uma mais larga ligada a essa lhes passando por entre-pernas. Todos elles furam o labio inferior, conservando sempre n'essa abertura um pequeno prisma de rezina.

Os homens cortam os cabellos ao redor da cabeça, mas as mulheres conservam os seus. Ellas fabricam louças de barro, em que cozinham e guardam seus alimentos.

O Caiuá sepulta os cadaveres dos seus na pozição horizontal, e devora os dos seus inimigos por elle mortos.

Sua lingua é a guarani com muito pouca alteração.

E' esta uma tribu sahida d'essa grande familia, que levou outr'ora seus passos triumphantes do sul do actual territorio do Brazil até ás Antilhas, mas que hoje decadente se vê expulsa de seus dominios pelos bellicozos Coroados.

Domesticados, elles se transformam em cidadãos prestantes, como se vê nas colonias de Jatahi, e no serviço que prestam aos navegadores do Paranapanema. Seu respeito á velhice se nos manifesta no fazerem elles uzo da mesma palavra *Ru*, quando falam de seu pai ou de um velho qualquer. Seu sistema de numeração é septenal; elles têm sómente sete signaes para exprimir os numeros simples de um a sete: Peten, Mochoén, Boapê, Irundi, Tinheruin, Temová e Boaperá

Elles empregam trez pronomes pessoaes: Che (eu), Dé (tu) e Upeá (elle), os quaes antepostos e ligados aos

substantivos exprimem tambem relação de possessão; assim si aos substantivos Aó (roupa), Juá (braço) e Jaguá (cão) juntarmos os pronomes Ché, Dé e Upeá, teremos Cheaó ou Chiaó (a minha roupa), Dejuá (o teu braço) e Upeájaguá (o cão seu ou d'elle).

Entre os adverbios de tempo contam os seguintes: Cuêê (hontem), Anguê (hoje), Coeramo (amanhan) e Angrave (logo); e os de lugar Coépe (aqui) e Upépe (ali).

Na conjugação dos verbos formam todos os tempos do infinito seguido da terminação aguê ou aguá para o passado, avan ou aguave para o futuro, e precedido do pronome pessoal ligado pela letra *a* na primeira pessoa e pela letra *o* nas outras. O participio prezente se fórma do infinito com a terminação *oina* ou *ina*. Ex.

Cheamonhá	Eu corro	Cheamonhâaguê...	Eu corria ou corri
Déomonhá	Tu corres	Déomnhâaguêo....	Tu corrias
Upeomonhã....	Elle corre	Upeomonhâaau ...	Elle corria
Cheamonhâavan	Eu correrei	Monhá.....	Correr
Deomonhâavan.	Tu correrás	Monhâoina.....	Correndo
Cheamondó	Eu mando	Cheamondóaguá ..	Eu mandava
Deomondó	Tu mandas	Cheamondóangâve	Eu mandarei
Upeomondó.....	Elle manda	Mondó	Mandar
		Mondoina	Mandando

O *r* no começo das palavras tem na linguagem dos Caiuás, como na dos Coroados, a mesma pronuncia do nosso, quando collocado entre duas vogaes.

Os Coroados, como os Puris, os Araris e os Botocudos, pertencem ao grupo, que Martius chama Crens ou Guerens. Os Guaranis os chamam de Tupis. São corpulentos, melhor conformados que os outros, e mesmo bonitos, quando crescem no seio da nossa civilização.

Sua pelle é mais clara que a dos Caiuás, encontrando-se nas matas alguns quazi brancos, seus cabellos negros e lizos, seus olhos geralmente horizontaes; apparecendo porém alguns com elles ligeiramente bridados; seu nariz pequeno e um tanto achatado, seus labios menos grossos que os dos Caiuás, suas maçans pouco salientes, suas orelhas pequenas e sua fronte abombada.

O Coroado é laboriozo e ambiciozo, trabalhando sempre para melhorar o seu estado.

Suas armas são o arco, a flecha, a lança e o cacete.

O arco é feito do lenho da guaiuvira, bem trabalhado e lizo, medindo 17 a 26 decimetros de comprimento, e 25 a 35 millimetros de maximo diametro de grossura, prezo por uma corda de embira de urtiga; as flechas são de canna de um centimetro de diametro e 18 decimetros de comprimento com ponta de osso ou de ferro. No arco e na flecha se vêm anneis, mais ou menos largos, de casca de embira untada de rezina, os quaes reprezentam gráos de commando. Suas lanças são compridas, hastes pontudas de madeira rija.

Os homens andam completamente nús, mas as mulheres se servem de uma tanga, que lhes desce até os joelhos, ou de uma faixa de embira trançada de imbê, de um palmo de largura, preza ao redor da cintura pelo baixo-ventre e entre pernas. Ellas fabricam louças de barro, panellas de fórma tronconica, com as bordas salientes, para poderem ser conduzidas suspensas, balaios e esteiras de embira. As mulheres extraem a embira da urtiga branca e outros vegetaes, tecem-n'a em finos fios, e em grosseiros teares preparam um panno de admiravel perfeição e fresco como linho.

O Coroado planta o milho, e come a carne da caça assada ou cozida, sempre sem sal. Sua bebida predilecta, que elles chamam café, é preparada assim: pizam em parte o milho e collocam-n'o ao fogo em uma panella de barro com agua; quando a agua se acha um tanto aquecida, duas mulheres novas e de bons dentes, sentam-se junto, e vão tirando aos punhados o milho, que, depois de mastigado por ellas, volta á panella. E' a bebida fermentada, que os Caiuás chamam *cauim*.

Suas cabanas têm a forma de toldos de carreta, com 20 palmos de comprimento e 10 de altura.

O Coroado, como o Caiuá, crê na existencia de forças superiores á natureza humana, e que as almas dos seus mortos vão viver em outras regiões da terra.

Nem uns nem outros adoram idolos.

E' costume entre os Coroados, em certos tempos, os chefes e os guerreiros valentes chamarem a combate os jovens da tribu, a fim de que estes se fortaleçam n'essas

lutas, onde se trocam golpes violentos, que muitas vezes conduzem á morte.

A poligamia é admittida em sua sociedade, na qual a constituição da familia obedece a leis rigorozas: quando um Coroado da sua irman para mulher de outro, contrae o compromisso de despozar as filhas, que provenham d'esse matrimonio, e passa desde o nascimento de uma d'ellas a trabalhar para os seus futuros sogros. Não ha ceremonia alguma no cazamento ; logo que a mulher attingio a idade, vae para companhia d'aquelle que desde o berço lhe foi destinado.

Não são ahi permittidos os enlaces entre irmãos nem entre primos, que tambem são considerados irmãos, como os tios são tambem considerados paes.

O Coroado não come a carne humana em condição alguma.

Esse povo, segundo conta um de sua raça, já muito velho e morador do Jatahi, habitava outr'ora o territorio das Missões, quando, ha cerca de 160 annos, rebenton em seu seio formidavel luta civil, cuja consequencia foi a emigração de muitas familias para este lado do Paranapanema. Com o fim de se distinguirem dos que ficaram na sua primeira morada, os emigrantes abandonaram o uzo de rasparem a cabeça em fórma de corôa, costume que aquelles conservaram ainda por muito tempo.

Estes foram por muitos annos o flagello dos moradores de Guarapuava e Palmas, que afinal se levantaram e n'elles fizeram grande morticinio em 1859. Foragidos e dizimados, muitos dos vencidos vieram-se aprezentar em Jatahi, onde havia um aldeamento de Caiuás.

Ahi vivem elles em sua aldeia, negociando, sem nunca fazerem allianças com os seus predecessores no lugar.

Foi ahi, que elles abandonaram tambem o costume de rasparem a cabeça em fórma de corôa.

A crueldade selvagem dos exploradores das brenhas dos sertões de São-Paulo foi a cauza unica de não terem ainda esses pobres se lançado nos braços de nossa civilização.

Os Coroados só empregam cinco signaes para reprezentar os numeros simples do sistema quinquenal, que

adoptam, são de um a cinco : Pirê, Rengrê, Tecton, Veicangrá e Pentecára. Em todo o seu vocabulario só ha duas palavras identicas ás que os Guaranis e Caiuás empregam para reprezentar os mesmos objectos: Pirá (peixe) e Bocá (espingarda).

A lingua dos Coroados conta quatro pronomes pessoaes: In (eu), An (tu), Ti (elle) e Ein (nós), os quaes, como na dos Caiuás, antepostos aos substantivos exprimem a idéa de posse; assim si aos substantivos Aiefi (anzol), Fa (canella), Ong (pae) e Dô (flecha), antepozermos ligados os pronomes pessoaes, teremos: Inaiefi (o meu anzol), Anfá (a tua canella), Tiong (o pae d'elle) e Eindô (a nossa flecha).

Seus adverbios de tempo são Ranqueta (hontem), Hum (hoje), Uaica (amanhan) e Car (logo); e os de lugar Taqui (aqui) e Enqui (ali).

Na conjuncção dos verbos todos os tempos se formam do infinito, precedido do pronome pessoal, com a terminação *ia* para o passado, e a collocação do adverbio *car* entre o pronome e o infinito para o futuro. O participio prezente se fórma do infinito com a terminação *nhê*. Ex:

Invenvó.....	Eu corro	Infan.....	Eu choro
Anvenvó.....	Eu corres	Anfan.....	Tu choras
Tivenvó.	Elle corre	Tifan.....	Elle chora
Einvenvó.....	Nós corremos	Einfan	Nós choramos
Invoia.....	Eu corria	Infania....	Eu chorava
Incarvenvó....	Tu correrei	Incarfan...	Eu chorarei
Venvó..... .	Correr	Fan.....	Chorar
Venvón hé.....	Correndo	Fanhê.....	Chorando

As mais das vezes porém o pronome é separado pela letra *a* em todas as pessoas, como Inaman (eu tomo), Einaman (nós tomamos), Tiamania (elle tomava), Man (tomar) etc.

Os Xavantes formam o terceiro grande centro de selvagens de São-Paulo. Os Coroados os chamam de Curuton (os sem roupa, os nús) e os Guaranis de Oto.

Martius colloca-os com os Caiapós e Mongoios no grupo dos Ges ou Crans. São os mais escuros e ignorantes d'esses selvicolas; vivem nos campos morrendo á fome e se alimentando de insectos e larvas e com

os productos de suas rapinas. Os Caiuás os desprezam, os Coroados os expellem das matas, e o sertanejo combate-os, muitas vezes desapiedadamente, para evitar os prejuizos que elles lhes cauzam, roubando-lhes o fructo do seu trabalho. São timidos, doceis e muito fieis, quando domesticados. Têm os pés pequenos, as pernas finas, o ventre crescido, as mandibulas salientes, os olhos pequenos e horizontaes.

Seus arcos são feitos da madeira da palmeira, e as pontas de suas flechas do cerne do alecrim com muitas farpas de um só dos lados, e suas lanças do cerne da arocira, com 25 decimetros de comprimento para os homens, e 15 para as mulheres.

Todos elles, homens, mulheres e crianças, uzam de um cordão de embira ao redor da cintura, tendo os das mulheres um apendice que passa por entre-pernas. Todos elles cortam os cabellos ao redor da cabeça, e fazem no pavilhão das orelhas córtes longitudinaes. Uzam collares de dentes de animaes, e não frabicam e nem se servem de louça. Suas xoupanas, feitas de folhas de palmeira, são muito baixas e acanhadas, não se podendo alojar n'ellas mais de um cazal em cada uma.

Os Xavantes repellem a poligamia, e não empregam suas armas contra o homem.

Quando quazi todas as palavras do vocabulario dos Caiuás e dos Coroados terminam por silabas agudas, as dos xavantes têm quazi todas o acento agudo na penultima.

Resta-me aprezentar um rezumido vocabulario comparado d'essas trez linguas, com os termos correspondentes do guarani e do portuguez. Antes d'isso porém não posso perder a occazião de manifestar os meus agradecimentos aos Srs. capitão Francisco Felix de Araujo, tenentes Henrique Maria de Oliveira Bezerra, Jozé da Silva Braga e Dr. Manoel da Mata Leite de Araujo e 2° tenente Jeronimo Villela Tavares a coadjuvação efficaz, que me prestaram, no desempenho da tarefa de que estive incumbido.

Uberaba....de.....de 1889.

FRANCISCO RAIMUNDO EWERTON QUADROS
Tenente-coronel.

VOCABULARIO COMPARADO

PORTUGUEZ	GUARANI	CAIUÁ	COROADO	XAVANTE
Deos	Tupan	Are	Topém	—
Demonio	Anhá	Anguéra	—	—
Homem	Cuymbaé, Indio ou Abá	Avá ou Doicorimé	Gré	Inuáde.
Mulher	Cunham	Rembirecó	Fagum	Donduéde.
Espirito	—	Jaterê	Vaicopri	—
Céo	Arahy ou Ibag	Alú	Caicá	Atáve.
Sol	Paim ou Quarahê	Coraé	Ará	Esquentable.
Lua	Jacê ou Merjacé	Jacê-tatá	Qcham	Guiáde.
Estrella	Araindú ou Jacê-tatá	Jacê-tatá-nurim	Crim	Tuásia.
Tempo mau	Aravahy	Aruahy	Aracoreg	—
Chuva	Ocú ou Aman	Iquê	Ta	—
Trovão	Sumúm ou Tupan-pororoca	Eapô	Tarerú	Catiága.
Raio	Arapochy ou Tupanberaba	Overahy	Tarerú	Jatúme.
Chuva de pedra	Mandao ou Amandao	Amandão	Nafue	—
Vento	Vitú ou Ibitú	Henetú	Cuenca	—
Fogo	Tatá	Tatá	Pim	Achô.
Agua	Huê ou I	Héé	Goio	Ocochia.
Rio	Iguaçú, Ituichá ou I	Iguaçú ou Ituichá	Gonimbam	—
Montanha	Leroguaçu	Seroguaçú	Cricrim	—
Campo	Nhume ou Nú	Nhume	Re	Folhábe.
Roça	Coga	Cor	Nhapam	—
Rancho	Oga	Hervê	In	—
Milho	Abaty	Avaty ou Anvaty	Nhére	—
Mel	Iracaguê	Iracaguê	Man	Concéde.

PORTUGUEZ	GUARANI	CAIUÁ	COROADO	XAVANTE
Bom	Porám	Iponam ou Bonam	Hé	—
Mão ou feio	Iaiguê ou Bai	Ipochi	Coreim	—
Bello	Iporameté	Iporamivahy	Chitaguê	—
Brabo	Pochi ou Abu etè	Pochê	Inhom	—
Grande	Tubichá ou Guaçú	Tuichá	Bâg	—
Pequeno	Michim	Baireby	Chim	—
Ligeiro	Bareté, Curi ou Cunrein	Iguapô ou Curimé	Taromani	—
Forte	Catuperê	Ivaruieté	Taromani	—
Fraco	Pitoá, Cangú ou Pirú	—	Croi	—
Pae	Ru	Ru	Ong	Ascâbe.
Mãe	Seahy	Cô ou Ahy	Han	Idúa.
Irmão	Pe que (o mais velho) Rebû (o mais novo)	Keley	Rengrê	Váca.
Irman	Rendê	Umbeli	Vê	Forte.
Filho	Rahu ou Raê	Raê	Cochim	—
Marido	Mena ou Men	Mê	Béne	—
Cunhado	Rovajá ou Tuque	Rovajá	Caçará	—
Avô	Rusu ou Ramoi	Ramoi	Onion	—
Padre	Ramorim ou Pai-abaré	Chinamoim	Pandére	—
Capitão	Gurubichá	Nhandisoichá ou Cerobichá	Pae	—
Velho	—	Ru	—	Equéri.
Menino	Mitang	Culumi	Nhére	Estouduéde.
Escravo	Cambá	Cambá	Caporon	—
Indio do mato	Avatupi	Avatupi	Caingang	Culi.
Cabeça	Inhocá ou Acang	Chacam	Crim	Ufúbi.
Cabello	Abá	Abe	Nhaim	Eteche.

PORTUGUEZ	GUARANI	CAIUÁ	COROADO	XAVANTE
Testa	Civá ou Apûta	Çuá	Caquê	Cúa.
Sobrancelhas	Tevetá	Recupnâm	Cachequè	Inóne.
Olho	Ereçá ou Reçá	Riçá	Caném	—
Orelha	Namby	Namby	Ningrém	Acóll.
Nariz	Pinguá ou Ti	Tim	Niém	Sonduái.
Boca	Jurú	Jurú	Hatecú	Afot.
Dentes	Ram ou Ray	Rem	Ha	Vê.
Lingua	Cum	Pinium	Nenê	—
Peito	Putiú ou Piteá	Potiá	Fé	Instúa.
Braço	Jivá ou Jubi	Juá	Pen	Aquejuè.
Mão	Po	Po	Ninguè	—
Dedo	Cuam	Cuam	Ninguèfeiá	Iquéce.
Barriga	Rôè	Ruè	Du	Eliu.
Bunda	Revi	Reiró	Dére	Fube.
Perna	Retumán ou Petiman	Temán	Jaçá ou Crè	Etáge.
Joelho	Penarám	Penaram	Jacrim	Eulque.
Pé	Puch ou Pè	Pè ou Pui	Péne	—
Couro	Pirè ou Mbaçapè	Vapirè	Fuira	—
Sangue	Tugué	Tugué	Quevenhe	Astaete.
Osso	Canguè	Caiacaguay	Cucá	—
Cão	Jaguá	Jaguá	Ohoh	—
Ouça	Jaguaretè	Jaguaretè	Mim	Quatá.
Anta	Borevi ou Tapii	Borebi	Oioro	Apíla.
Queixada	Tancaty	Tayassú	Crim	Inchéla.
Caitetú	Catetú	Tayamirim	Ochon	Quícua.
Veado	Guaçú	Guaçú	Cambé	Jagóde.

PORTUGUEZ	GUARANI	CAIUÁ	COROADO	XAVANTE
Tatú	Tatú	—	Tefán	Eféga.
Ave	Guirá	Guirá	Inachim	—
Perdiz	Nhambuguaçú	Ocho	Cunhampepe	Foguedái.
Cobra	Boi ou Boia	Boié	Pam	Palaião.
Peixe	Pirá	Pirá	Pirá	—
Roupa	Aó	Aó	Curú	—
Páo	Enerá ou Iberá	Enerá	Ca	—
Flecha	Cuhy	Rohè	Dô	—
Arco	Guirapá	Rapá	Uhy	—
Espingarda	Bocá ou Mbocá	Bocá	Bocá	—
Faca	Quicé	Quecè	Quifé	—
Ponta	Cuá ou Ipèra	Acuá	Joraura	—
Machado	Hache ou Hachá	Achaioio	Beim	—
Anzol	Pindá	Pindá	Aiefl	—
Agulha	Ju	Jim	Préia	—
Panella	Japepó	Japepó	Cocron	—
Dansar	Gerocú ou Geroquê	Agiroquê	Vengreden	—
Cantar	Purahú ou Oyecatú	Aporahey	Jan	—
Brincar	Bojarú	Enhimangatú	Cangir	—
Cortar	Quety ou Cuty	Jacá	Crê	—
Chorar	Jaió ou Acè	Jachó	Fan	—
Nascer	Mendbruirá	—	Pruicacutê	—
Morrer	Teó ou Manon	Manon	Tére	—

VOCABULARIO COMPARADO

PORTUGUEZ	GUARANI	CAIUÁ	COROADO	XAVANTE
Deos	Tupan	Are	Topém	—
Demonio	Anhá	Anguéra	—	—
Homem	Cuymbaé, Indio ou Abá	Avá ou Doicorimé	Gré	Inuáde.
Mulher	Cunham	Rembirecó	Fagum	Donduéde.
Espirito	—	Jatcrê	Vaicopri	—
Céo	Arahy ou Ibag	Alú	Caicá	Atáve.
Sol	Paim ou Quarahê	Coraé	Ará	Esquentable.
Lua	Jacê ou Merjacé	Jacê-tatá	Qcham	Guiáde.
Estrella	Araindú ou Jacê-tatá	Jacê-tatá-nurim	Crim	Tuásia.
Tempo mau	Aravahy	Aruahy	Aracoreg	—
Chuva	Ocú ou Aman	Iquê	Ta	—
Trovão	Sumúm ou Tupan-pororoca	Eapô	Tarerú	Catiága.
Raio	Arapochy ou Tupanberaba	Overahy	Tarerú	Jatúme.
Chuva de pedra	Mandao ou Amandao	Amandão	Nafue	—
Vento	Vitú ou Ibitú	Henetú	Cuenca	—
Fogo	Tatá	Tatá	Pim	Achô.
Agua	Huê ou I	Héé	Goio	Ocochia.
Rio	Iguaçú, Ituichá ou I	Iguaçú ou Ituichá	Gonimbam	—
Montanha	Leroguaçu	Seroguaçú	Cricrim	—
Campo	Nhume ou Nú	Nhume	Re	Folháhe.
Roça	Coga	Cor	Nhapam	—
Rancho	Oga	Hervê	In	—
Milho	Abaty	Avaty ou Anvaty	Nhére	—
Mel	Iracaguê	Iracaguê	Man	Concéde.

Portuguez	Guarani	Caiuá	Coroado	Xavante
Bom	Porâm	Iponam ou Bonam	Hê	—
Mão ou feio	Iaiguê ou Bai	Ipochi	Coreim	—
Bello	Iporameté	Iporamivahy	Chitaguê	—
Brabo	Pochi ou Abu etê	Pochê	Inhoim	—
Grande	Tubichá ou Guaçú	Tuichá	Bâg	—
Pequeno	Michim	Baireby	Chim	—
Ligeiro	Bareté, Curi ou Cunrein	Iguapô ou Curimé	Taromani	—
Forte	Catuperê	Ivaruieté	Taromani	—
Fraco	Pitoá, Cangù ou Pirú	—	Croi	—
Pae	Ru	Ru	Ong	Ascábe.
Mãe	Seahy	Cê ou Ahy	Han	Idúa.
Irmão	Pe que (o mais velho) Rebû (o mais novo)	Kelev	Rengrê	Váca.
Irman	Rendê	Umbeli	Vê	Forte.
Filho	Rahu ou Raê	Raê	Cochim	—
Marido	Mena ou Men	Mê	Béne	—
Cunhado	Rovajá ou Tuque	Rovajá	Caçará	—
Avô	Rusu ou Ramoi	Ramoi	Onion	—
Padre	Ramorim ou Pai-abaré	Chinamoim	Pandêre	—
Capitão	Gurubichá	Nhandisoichá ou Cerobichá	Pae	—
Velho	—	Ru	—	Equéri.
Menino	Mitang	Culumi	Nhére	Estouduéde.
Escravo	Cambá	Cambá	Caporon	—
Indio do mato	Avatupi	Avatupi	Caingang	Culi.
Cabeça	Inhocá ou Acang	Chacam	Crim	Ufúbi.
Cabello	Abá	Abe	Nhaim	Eteche.

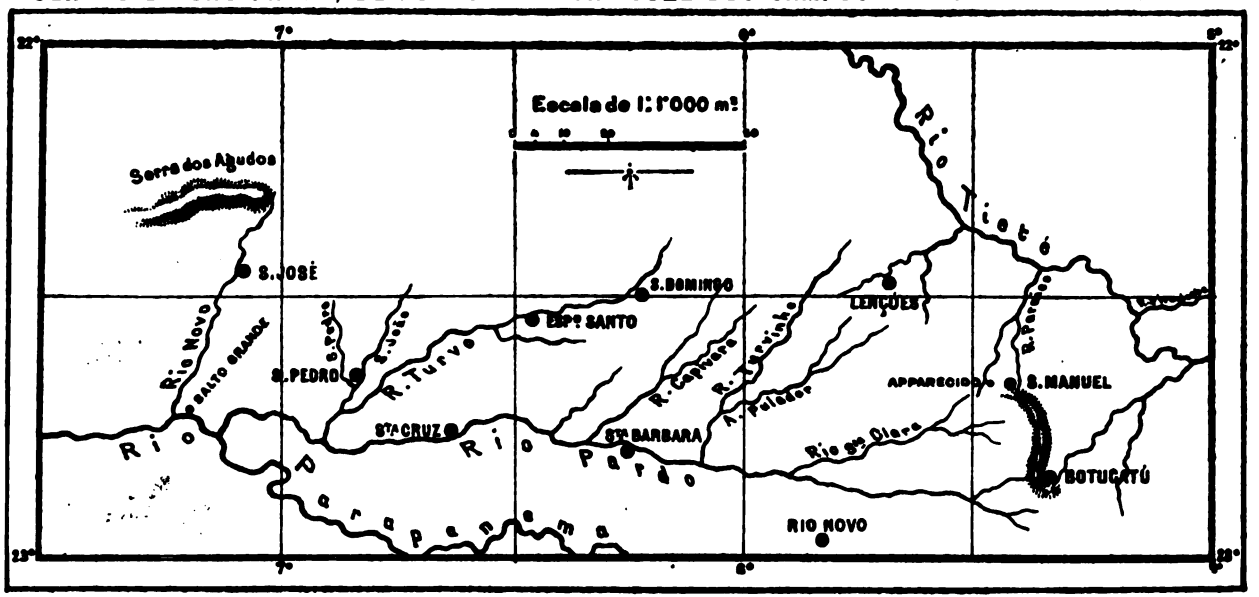
PORTUGUEZ	GUARANI	CAIUÁ	COROADO	XAVANTE
Testa	Civá ou Apûta	Çuá	Caquê	Cúa.
Sobrancelhas	Tevetá	Recupnám	Cachequê	Inóne.
Olho	Ereçá ou Reçá	Riçá	Caném	—
Orelha	Namby	Namby	Ningrém	Acóll.
Nariz	Pinguá ou Ti	Tim	Niém	Sonduái.
Boca	Jurú	Jurú	Hatecú	Afot.
Dentes	Ram ou Ray	Rem	Ha	Vê.
Lingua	Cum	Pinium	Nenê	—
Peito	Putiú ou Piteá	Potiá	Fé	Instúa.
Braço	Jivá ou Jubá	Juá	Pen	Aquejuê.
Mão	Po	Po	Ninguê	—
Dedo	Cuam	Cuam	Ninguêfeiá	Iquéce.
Barriga	Rôê	Ruê	Du	Eliu.
Bunda	Revi	Reiró	Dére	Fube.
Perna	Retumán ou Petiman	Temán	Jaçá ou Crê	Etáge.
Joelho	Penarám	Penaram	Jacrim	Eulque.
Pé	Puch ou Pê	Pê ou Puí	Péne	—
Couro	Pirê ou Mbaçapê	Vapirê	Fuira	—
Sangue	Tugué	Tugué	Quevenhe	Astaete.
Osso	Canguê	Caiacaguay	Cuá	—
Cão	Jaguá	Jaguá	Ohoh	—
Ouça	Jaguaretê	Jaguaretê	Mim	Quatá.
Anta	Borevi ou Tapii	Borebi	Oioro	Apíla.
Queixada	Tancaty	Tayassú	Crim	Inchéla.
Caitetú	Caletú	Tayamirim	Ochon	Quícua.
Veado	Guaçú	Guaçú	Cambé	Jagóde.

PORTUGUEZ	GUARANI	CAIUÁ	COROADO	XAVANTE
Tatú	Tatú	—	Tefán	Efega.
Ave	Guirá	Guirá	Inachim	—
Perdiz	Nhambuguaçú	Ocho	Cunhampepe	Foguedái.
Cobra	Boi ou Boia	Boié	Pam	Palaião.
Peixe	Pirá	Pirá	Pirá	—
Roupa	Aó	Aó	Curú	—
Páo	Enerá ou Iberá	Enerá	Ca	—
Flecha	Cuhy	Rohè	Dô	—
Arco	Guirapá	Rapá	Uhy	—
Espingarda	Bocá ou Mbocá	Bocá	Bocá	—
Faca	Quicé	Quecè	Quifé	—
Ponta	Cuá ou Ipèra	Acuá	Joraura	—
Machado	Hache ou Hachá	Achaioio	Beim	—
Anzol	Pindá	Pindá	Aiefi	—
Agulha	Ju	Jim	Préia	—
Panella	Japepó	Japepó	Cocron	—
Dansar	Gerocú ou Geroquè	Agiroquè	Vengreden	—
Cantar	Purahú ou Oyecatú	Aporahey	Jan	—
Brincar	Bojarú	Enhimangatu	Cangir	—
Cortar	Quety ou Cuty	Jacá	Crê	—
Chorar	Jaió ou Acè	Jachó	Fan	—
Nascer	Mendbruirá	—	Pruicacutê	—
Morrer	Teó ou Manon	Manon	Tére	—

PLANTA

DO

SERTÃO DE SÃO PAULO, DE BOTUCATU A SÃO JOZÉ DOS CAMPOS NOVOS DO PARANAPANEMA



INFORMAÇÃO

SOBRE A

PROVINCIA DE SERGIPE EM 1821

O meo naufragio na barra de Sergipe d'El-rei, quando d'aquella cidade me dirigia para esta côrte, me fez perder todos os documentos que eu tinha, e com os quaes precizamente poderia satisfazer ás ordens recebidas, informando miudamente das faculdades, estado, circunstancias da capitania de Sergipe d'El-rei, cujo governo é independente. Foi Sua Magestade servido a rezolver independente, confiando dos cuidados, conhecimentos e zelo do real serviço, que tão conhecidamente tem a pessoa de V. Ex.; a creação e melhoramento dos diversos ramos da administração publica, de que é susceptivel a mesma capitania, e podem fazer os interesses do estado e fortuna d'aquelles povos.

Informarei pois com os conhecimentos que conservo em lembrança, adquiridos pelo espaço de cinco annos que ali tive a honra de ser empregado no real serviço, na qualidade de secretario do governo, cujo lugar nova e imediatamente acaba de me ser confiado por Sua Magestade.

1.° A capitania de Sergipe d'El-rei começa os seos limites na costa do mar pela parte do sul na barra da Estancia, foz do Rio-Real na margem esquerda, e acaba pelo norte na barra do rio São-Francisco, na margem direita, confinando com a capitania das Alagôas, e segue pelo rio

acima, na mesma direcção, até a missão determinada no sertão, e segue o distrito pelo mesmo sertão, até as villas de Propiá e Villa-Nova Real d'El-rei, onde findam os limites da capitania no interior d'Ella, e seguem, procurando novamente o sul, para o termo da villa de Geromoabo, confinando assim por esta parte com a capitania da Bahia.

2.° E' a sua população, segundo os ultimos mappas e calculo aproximado á verdade, 114.916 almas, incluzive 6 missões de Indios, mais ou menos povoadas.

3.° Ha na capitania 6 villas com as competentes justiças ordinarias e camaras, além da cidade de Sergipe, que é a sua capital, e são aquellas annualmente corrigidas pelo ouvidor da comarca, unico ministro de vara branca, que ali ha, e comprehende esse distrito toda a capitania. Todas estas camaras são pela maior parte mui pobres, pela falta de patrimonios, e em alguns annos lhes não chegam seos rendimentos para as despezas ordinarias do conselho.

4.° As finanças estão imediatamente debaixo da administração e fiscalização da junta da real fazenda da capitania da Bahia, e o ouvidor da comarca, que tambem é o juiz dos feitos em Sergipe, tem a seo cargo a pequena administração da fazenda e despezas extremamente precizas, que se fazem por mandatos seos, e é o rendimento annual das rendas reaes, segundo tambem a estimativa que julgo mais verosimil pelas informações que ali adquiri e de que tenho lembrança, ali arrecadadas.

E as maiores consistem em dizimos reaes, que são pagos e arrematados na capitania da Bahia, além da decima, donativo voluntario, e subsidio literario, os quaes se arrecadam na mesma cidade de Sergipe d'El-rei, e depois de feitas as despezas para ali decretadas se remettem as sobras aos cofres da referida junta da fazenda da Bahia, sendo aquellas annualmente da importancia de 16 a 17 contos de réis, não se incluindo o rendimento do sello e sizas, que são remettidos pelas respectivas camaras dos distritos por ordem do ouvidor da comarca.

5.° E' a produção da capitania, a qual fórma a sua maior riqueza e exportação, assucar, mel, algodão em rama, farinha de mandioca, milho, feijão, tucum em rama e

fiado, grande porção de moios de sal das muitas salinas que ali ha, além de muita quantidade de courama e sola e rolos de algodão, que descem dos sertões da mesma capitania e limitrofes pelo interior, que tudo concorre a embarcar nos portos des rios de São-Francisco, Cotinguiba, Sergipe e Rio-Real, e por isso é o numero de sumacas e outras embarcações costeiras, que saem d'aquelles portos em cada maré, vinte a trinta, duas vezes no mez, havendo com tudo o desconto das muitas marés, que se não aproveitam, por não darem sahida; as quaes embarcações formam um commercio de cabotagem da capitania com as mais do norte e sul do Brazil.

6.° Ha na capitania algumas fazendas de gado vacum e cavallar, as quaes não só fornecem de carne os açougues da capitania, mas fazem transitar boiadas para a capitania da Bahia, e fornecem pela maior parte, não só os cavallos para o serviço dos moradores, mas até para o remonte da legião da Bahia e para o trafico da maior parte dos engenhos de fazer assucar, que se servem com animaes cavalares.

7.° E' a sua força militar, além dos officiaes e officiaes inferiores das ordenanças nos distritos da cidade e cada uma das villas. 2 regimentos de cavallaria e 2 de infantaria de milicias, e 2 corpos, a que dão o nome de legiões, tambem de milicias, mas que só se compõem das armas de cavallaria e infantaria; isto além das ordenanças dos Indios, que fazem o serviço que lhes é proprio.

8.° Não ha na capitania algum corpo de tropa da 1ª. linha, quando tão necessario se faz, e para a guarnição, serviço da praça, e guardas na cidade destaca semestralmente da capitania da Bahia um pequeno destacamento, que não tem numero fixo, e poucas vezes excede de 20 homens, commandados por um subalterno, que se aquartela em um quartel bastantemente commodo, para se aquartelarem duas companhias, e com cavallarice sufficiente, feito ha trez annos a esta parte em bellissimo terreno que foi doado a Sua Magestade por um morador da cidade, e comprehende esse terreno bastante grandeza para se levantarem quaesquer edificios, terminando os seos

fundos em uma fonte de bôa agua; e foi feita aquella obra á custa dos milicianos voluntariamente.

9.° Ha em toda a extensão da capitania 11 freguezias, e todas com vigarios colados, sendo o da cidade o vigario geral foraneo; e algumas d'estas freguezias, apezar de terem capellas filiaes, são mal curadas, pelas grandes distancias de seos distritos. As missões porém são inteiramente fóra da jurisdicção d'estes parocos, por haver em cada uma capellães, ou cura d'almas, nomeados pelo ordinario, mas com sugeição ao vigario geral foraneo, como prelado maior.

10.° Não ha na capitania caza propria, e pertencente á real fazenda, para rezidencia dos governadores, e por isso rezidem em alguma caza que mais lhes praz, quando o ouvidor da comarca tem apozentadoria em todas as villas, e havendo falta de tal caza na cidade a camara lhe dá quarenta mil réis annualmente para pagar aluguel da que habita; o que tendo sido representado pelo actual governador de Sergipe á Bahia, se lhe mandou dar igual quantia do cofre da defeza da dita cidade da Bahia, para aquella applicação.

11.° São frequentes as perdas de embarcações nas barras d'aquella capitania de Sergipe pelá falta de providencias de marinha e arsenal, do que resulta gravissimo perjuizo não só ao commercio em geral, como á real fazenda, que utiliza direitos dos generos de exportação que se recebem nas capitanias para onde se transportam, assim como tambem se não animam os negociantes das capitanias mais distantes em mandarem ali embarcações suas.

12.° Igualmente como sejam cobrados na Bahia os dizimos e mais direitos de assucar, mel, algodão e outros generos, não tendo estes ali chegado, tem a fazenda real grande perda; o que não acontecerá sendo cobrados aquelles direitos na propria capitania, e os arrematantes dos contratos mais se animam em lançar n'elles, por isso mesmo estou convencido da mais boa razão, que a independencia, ora resolvida (1821) por Sua Magestade, muito aproveita a sua real fazenda.

Os motivos, que levo expendidos no principio d'esta minha expozição, em cumprimento de ordem, acredito de sobejo, para conseguir generoza desculpa a falta de previzão, com que tenho falado a respeito do estado e circunstancias da capitania de Sergipe d'El-rei nos diversos ramos da sua administração publica, e por isso espero, que, por principio de me fazer mercé, haja de desculpar-me as faltas, que terei tido, e que com informações mais claras possam ser publicadas. Deos guarde por muitos annos, como havemos mistér.

Tenho a honra de ser com maior respeito, subdito muito reverente *Jozé Antonio Fernandes.*

Illm. Sr. Carlos Cezar Burlamaqui.

Relação veridica e sucinta

DOS

UZOS E COSTUMES DOS TUPINAMBÁS

POR

HANS STADEN

Traduzida em linguagem vernacula

POR

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

E

Oferecida ao Instituto Istorico e Geografico Brazileiro

RELAÇÃO

CAPITULO I

Eu, Hans Staden, de Homberg na Esse, rezolvendo, com o favor de Deos, vizitar as Indias, me dirigi para a Olanda, onde me embarquei em Campen em navios, que iam buscar sal em Portugal.

Depois de um mez de navegação, a 29 de Abril de 1547, xegamos ao porto de Setubal ; d'ahi passei para Lisboa, que fica distante 5 milhas. O dono da ospedaria, onde me alogei, era Alemão, e xamava-se Leuhr Junior.

Ficando por algum tempo em caza do estalajadeiro, contei-lhe, que tinha deixado minha patria com o dezejo de ir ás Indias ; mas ele respondeo-me, que eu xegava tarde, pois os navios do rei já tinham partido.

ADVERTENCIA. Na Revista Trimensal de 1889 inculquei a conveniencia da tradução e publicação das memorias concernentes á primitiva istoria brazilica encorporadas na coleção dos nossos documentos istoricos. Esta relação de Hans Staden é uma d'essas memorias; por isso a traduzi e agora aprezento para imprimir-se.

A impressão vae com a ortografia sonica, de que uzo, servindo-me da faculdade permitida por deliberação do Instituto para na Revista imprimirem-se quaesquer trabalhos com a ortografia dos autores, feita a competente declaração, como ora se faz. *Tristão de Alencar Araripe.*

Supliquei-lhe então, prometendo-lhe o meo reconhecimento, que me obtivesse outra passagem, ele que conhecia a lingua do paiz. Ele conseguio a minha admissão como soldado arcabuzeiro a bordo do navio de certo capitão xamado Penteado, que ia comerciar no Brazil. Este capitão estava autorizado a atacar os navios, que traficavam com os Mouros da Barbaria, e tôdas as embarcações francezas, que encontrasse negociando com os selvagens do Brazil. Tambem o tinham encarregado de conduzir para ali os condenados, a quem se concedera a vida para povoar esse paiz novo.

Nosso navio estava bem provido de todo o necessario para a navegação. Estavamos a bordo 3 Alemães, Hans de Bruckhausen, Enrique Brant de Bremen, e eu.

CAPITULO II

Minha primeira partida de Lisboa em Portugal

Deixamos Lisboa em companhia de um pequeno navio tambem pertencente ao nosso capitão. Xegamos primeiramente á ilha da Madeira, sugeita ao rei de Portugal, a qual é abitada por Portuguezes; abunda em vinho e arroz. Vê-se ali uma cidade xamada Funxal, onde fizemos provizão de viveres.

Dali fomos a um porto da Barbaria denominado Cape de Gel (Arzila), que pertence a um rei mouro denominado xerife. Esta cidade fora outr'ora sugeita ao rei de Portugal, mas o xerife lhe a tomára. N'este lugar esperavamos capturar um navio, que comerciava com os infieis.

Aproximando-nos da costa, encontramos muitos pescadores espanhoes, que nos asseguraram, que perto da cidade estavam alguns navios, e logo vimos sair do porto uma embarcação ricamente carregada, a qual apreendemos depois de lhe dar caça; mas a tripolação evadio-se nos escaleres.

Vendo nós na praia uma xalupa, que os podia substituir, fomos apoderar-nos d'ela. Os Mouros xegaram a cavalo para rezistir-nos; mas a nossa artilharia os repelio,

e voltamos para a Madeira com a nossa preza, que vinha carregada de assucar, amendoas, támaras, peles de cabra, e goma arabica.

Espedimos outro navio para Lisboa para perguntar ao rei o que deviamos fazer das mercadorias, de que nos aviamos apoderado, e que pertenciam a negociantes de Castela e de Valença. Ordenou-nos, que continuassemos a nossa derrota para o Brazil, e deixassemos a preza na Madeira para dar tempo a colher informações. Dirigimos-nos de novo para o cabo Ger no intuito de fazer nova preza; tendo-nos porem ventos contrarios impedido de aproximar-nos de terra, decidimos-nos, dia de todos os santos, a partir para o Brazil. Quando distavamos 400 milhas * da costa da Barbaria, vimos ao redor do navio uma multidão de peixes, alguns dos quaes pegamos com anzol.

Avía alguns grandes, que os marinheiros xamam *albatores*, outros menores xamados bonitos e dourados. Avía alguns tambem do tamanho de arenques, que tinham azas de ambos os lados como as dos morcegos; os grandes os perseguem. Quando são perseguidos de perto, levantam-se acima d'agua á altura de quazi 2 braças, voam assim a perder de vista, e depois tornam a mergulhar n'agua. Muitas vezes axavamos alguns, que de noite cahiam no tombadilho. Os Portuguezes os xamam peixe bolador (peixes voadores).

Xegamos em breve á altura da linha equinocial, onde sofremos grandes calores, pois o sol dardejava a prumo sobre nossas cabeças. A tempestade e os ventos contrarios duraram tanto, que começamos a temer falta de viveres. Uma noite, em que a tempestade era mais violenta, vi sobre o navio xamas azues, como nunca vira, principalmente na prôa, onde as vagas batiam. Diziam os Portuguezes ser sinal de bom tempo, que Deos enviava para confortar-nos no perigo. Eis porque apressamos-nos a dar graças aos ceos; mas elas dezapareceram logo. A essas luzes xamam santelmo ou *corpus-santon*.

---

* Hans Staden conta por milhas d'Alemanha de 15 ao gráo

Ao romper do dia a violencia do vento aplacou, e este tornou-se favoravel ; o que assás provou serem essas luzes um milagre do céo.

Impelidos por bom vento xegamos no dia 28 de Janeiro a uma ponta de terra xamada cabo de Santo-Agostinho, e entramos logo no porto de Pernambuco, (1) distante d'ali 8 milhas, depois de termos passado 88 dias sem ver terra.

Os Portuguezes aqui têem uma aldêia xamada Marim, cujo comandante xamava-se Duarte Coelho (2). Ahi dezembarcamos os nossos prizioneiros, assim como parte das mercadorias, e preparamos-nos para continuar a nossa viagem em busca de carregamento.

CAPITULO III

Como os selvagens de Pernambuco se rebelaram e quizeram destruir o estabelecimento dos Portuguezes

Tendo-se os naturaes do paiz levantado n'esta epoca contra os Portuguezes, pedio-nos o governador, em nome dos céos, que fossemos a Igarassu, (3) aldêia situada a 5 milhas de Marim ; os selvagens ameaçavam sitial-a, e ele a não podia socorrer, receando tambem ser atacado. Quarenta omens da nossa equipagem embarcáram em uma xalupa para ir em socorrer Igarassú. Esta aldeia está edificada em um braço de mar, que penetra 2 milhas pelas terras.

Eramos ao todo 90 cristãos, e uns 30 negros escravos, e Brazileiros, ao passo que os abitantes elevavam-se ao numero de quazi 8.000. Igarassú era apenas defendida por uma estacada.

CAPITULO IV

Descrição da nossa fortaleza ; como n'ela fomos atacados

Os Indios, que nos sitiavam, tinham levantado uma muralha em roda da aldeia, e construido com troncos de arvores duas especies de fortalezas, para onde se retiravam

(1) O autor escreve: *Prannembucke.*
(2) O autor escreve: *Artokoelio.*
(3) O autor escreve: *Garessu.*

de noite; tinham tambem cavado buracos, onde de dia se conservavam, e donde sahiam para atacar-nos.

Quando atiravamos sobre eles, deitavam-se todos por terra, pensando assim abrigar-se dos nossos golpes. Atacavam-nos tão de perto, que ninguem podia entrar n'aldeia nem sair; aproximavam-se o mais possivel, e atiravam por elevação, crendo que as suas frexas cahiriam sobre nós. Lançavam tambem algumas envoltas em cêra e algodão inflamado, esperando pôr fogo no tecto das cazas e apoderar-se de nós para devorar-nos.

Tinhamos poucos viveres, que foram logo consumidos, pois é uzo do paiz ir todos os dias ou de 2 em 2 dias apanhar raizes frescas para fazer pão ou bôlos, nós o não podiamos fazer. Vendo pois que ia faltar-nos alimentos, partimos com 2 embarcações para ir buscal-os em uma aldeia xamada Itamaracá. *

Os selvagens aviam lançado troncos de arvores através do rio, e tinham-se colocado nas 2 margens do rio para disputar-nos a passagem. Rompemos esses diques; como porem xegava o momento da maré baixa, ficamos logo em sêco.

Os selvagens, vendo que nenhum mal faziam, reuniram grande porção de madeira sêca entre as suas fortificações e a praia com intenção de acender, e lançar no fogo pimenta do paiz, afim de que a fumaça nos expelisse das embarcações; este projéto porém não lhes sahio bem, por que, crecendo a maré, xegamos a Itamaracá.

Quando quizemos voltar á aldeia assediada os indios de novo nos embargaram a passagem. Não só tinham posto arvores através do rio, e se aviam postado nas 2 margens, mas tinham tambem cortado 2 arvores pela baze, de modo que estivessem dispostas a cair, tendo eles amarrado na parte superior do arvoredo cipós, que crecem como o lupulo, mas que são muito mais fortes; a outra extremidade d'esses cipós estavam na sua fortaleza, e a intenção dos Indios era puxar por eles, quando nós passassemos, e derribar as arvores sobre as nossas embarcações.

---

* O autor escreve: *Tamaraca*

Forçamos a passagem; uma das 2 arvores cahio sobre as fortificações, a outra por detraz do nosso barco. Quando quizemos romper os diques, xamamos os nossos camaradas para virem ajudar-nos; mas os selvagens começaram também a gritar para os impedir de nos ouvirem. Um pequeno bosque nos encobria; o que não permitia aos nossos vêr a nossa xegada; entretanto estavamos assás perto d'eles, e poderiam ouvir-nos, si os selvagens o não obstassem com seos gritos.

Os naturaes vendo que tinhamos entrado no forte com viveres, e que nada podiam fazer contra nós, pediram paz e retiraram-se. O assedio durou perto de um mez, e muitos dos seos foram mortos, mas nenhum cristão pereceo.

Feita a paz com os selvagens, regressamos ao nosso navio, que estava em Marim. Tomamos agua assim como provizão de raizes de mandioca, e o comandante agradeceo-nos o socorro prestado a Igarassú.

CAPITULO V

Como fomos de Pernambuco ao paiz dos Butugaris, onde axamos um navio francez, com o qual combatemos

Depois de deixarmos este porto, fomos a outro a 40 milhas dali, xamado dos Butugaris, onde esperavamos fazer carregamento de páo-brazil, e comprar viveres aos selvagens. Axamos ahi um navio francez, que carregava páo-brazil. Atacamol-o logo, na esperança de tomal-o facilmente, mas ele com um tiro de canhão quebrou-nos o mastro e estragou muito as nossas velas, tendo nós varios omens mortos e feridos.

Rezolvemos dirigir-nos para Portugal, pois não podiamos voltar ao porto, donde vinhamos, e onde poderiamos receber viveres; como os ventos eram contrarios, começamos a sentir falta de mantimentos. A fome foi tamanha, que alguns dos nossos devoraram peles de cabra, que avia a bordo. Tinhamos por dia apenas pequena ração d'agua, e

alguma farinha de mandioca; emfim depois de 108 dias de navegação xegamos ás ilhas dos Açôres, pertencentes ao rei de Portugal. Ahi ancoramos para descançar e pescar.

Vendo um navio em alto mar, dirigimos-nos para ele sem o reconhecer; depois vimos ser um pirata. Tentou defender-se; mas nós apoderamos d'ele, conseguindo a equipagem alcançar a praia nos seos escaleres. Axamos a bordo grande quantidade de vinho e pão; o que muito nos servio.

Encontramos depois 5 navios pertencentes ao rei de Portugal; tinham ordem de esperar junto ás ilhas pelos navios que regressavam da India para os acompanhar para Portugal. Ficamos com eles, e os ajudamos a escoltar um navio, que xegava da India, até uma ilha xamada Terceira.

Grande numero de navios, vindo todos do novo mundo, tinham-se reunido n'esta ilha; uns iam para a Espanha, outros para Portugal. Deixamos pois a ilha Terceira em companhia de quazi 100 navios, e xeguei á Lisbôa a 8 de Outubro de 1548, depois de 16 mezes de auzencia. Descansando algum tempo em Lisbôa, decidi-me a partir com Espanhóes para a parte do novo mundo, que eles possuem.

Deixei este porto a bordo de um navio inglez para ir a uma cidade de Espanha xamada Porto de Santa-Maria, onde ele ia tomar carregamento de vinho, e dali fui a Sevilha, onde estavam se armando 3 navios para o Rio da Prata, paiz da America, o qual, com a rica provincia do Perú, recentemente descoberta, fórma um só continente com o Brazil.

Alguns annos antes, tinham mandado varios navios para conquistar este paiz. Um d'eles viéra para pedir socorro, e referia, que ali avía muito ouro. O comandante dos 3 navios xamava-se Don Diogo de Sanabria; era governador da nova colonia.

Embarquei-me em um d'estes navios, e terminados os preparativos, fomos para San-Lucar, onde lança-se no mar o rio de Sevilha, e ahi ficamos ancorados esperando monção.

CAPITULO VI

Minha segunda partida de Sevilha na Espanha para a America.

No anno de Nosso Senhor de 1549, aos 4 dias depois da pascoa, demos vela de San-Lucar, e tornando-se contrario o vento, entramos no porto de Lisbôa.

Apenas rodou o vento, dirigimos-nos para as Canarias, e ancoramos no porto de uma cidade xamada Palma, onde embarcamos vinho para a viagem. Convieram os pilotos, que, si durante o trajecto se separassem em razão do temporal, se reuniriam na costa aos 28 gráos ao sul da linha equinocial.

De Palma nos dirigimos para Cabo-verde, que está situado no paiz dos Mouros, onde estivemos em risco de naufragar. Quizemos em vão continuar nossa derrota; o vento contrario impelio-nos muitas vezes para Guiné, que tambem é abitada por Mouros. Fomos dahi ao São-Tomé, ilha que pertence ao rei de Portugal, e que produs muito assucar. E' abitada por Portuguezes, que possuem muitos escravos negros.

Depois de tomarmos agua, continuamos a nossa viagem; mas, assaltados durante a noite por uma tempestade, perdemos de vista os 2 navios, que navegavam de conserva comnosco.

O tempo era-nos sempre contrario; pois quando o sol está ao norte da linha equinocial, o vento quazi sempre sopra do meio-dia, e isto durante 5 mezes; de sorte que estivemos 4 sem poder proseguir nosso caminho. Mas em Setembro o vento começou a rodar para o norte, e podemos dirigir-nos ao sudoeste para a costa da America.

CAPITULO VII

Como, xegados aos 28 gráos perto da costa da America, não podemos axar o porto marcado para ponto de reunião, e como fomos perto de terra assaltados por violenta tempestade.

Um dia, a 18 de Novembro, o piloto tomou altura do sol, e axou, que estavamos a 28 gráos. Dirigimos-nos então para o oéste, afim de buscar terra, que descobrimos

a 24. Tinhamos estado 6 mezes no mar, e aviamos corrido grandes perigos.

Quando nos aproximamos de terra, não descobrimos porto, nem sinaes de reconhecimento, que o piloto-mór nos indicára. Não ouzando entrar em porto desconhecido, pozemos-nos a bordejar diante da costa, e temiamos a cada momento vêr nosso navio quebrar-se contra os roxedos.

Tomamos pipas vazias, que ligamos, depois de meter polvora dentro d'elas e calafetal-as cuidadozamente, e pormos nossas armas em cima, afim de que, no cazo de naufragio, si alguns d'entre nós xegassem á terra, não se vissem sem armas ; pois as ondas levariam essas pipas á costa.

Tentamos em vão governar para afastar-nos da praia; mas o vento impelia-nos com força para os escolhos, que apenas ficavam a 4 braças abaixo d'agua. Viamos-nos todos a ponto de perecer, e aproximavamos-nos já das róxas, quando a Providencia permitio, que um de nós descobrisse uma calheta, onde nos apressamos de entrar. Ahi avistamos uma pequena embarcação, que fugio diante de nós, e ocultou-se por detraz de uma ilha.

Não soubemos a quem ela pertencia ; mas sem nos entretermos em perseguil-a, ancoramos ; e depois de agradecermos a Deos, que nos tirára de tamanho perigo, repouzamos e enxugamos nossas roupas.

Eram 2 óras depois de meia noite, quando fundeamos ; e ao anoitecer vimos xegar uma grande canôa xeia de selvagens, que nos quizeram falar ; mas nenhum de nós entendeo sua linguagem. Demos-lhes facas, e anzóes, com os quaes regressaram.

Veio durante a noite outra canôa de selvagens, acompanhados de 2 Portuguezes, que nos perguntaram donde vinhamos, e quando lhes respondemos, que vinhamos de Espanha, diceram-nos, que o nosso piloto bem conhecia a costa para assim entrar no porto, acrecentando que eles não poderiam ali penetrar com similhante tempestade, eles que o conheciam perfeitamente.

Nos porém contamos-lhes os perigos porque passámos no meio das ondas, e como, no momento em que iamos perecer nos escolhos, Deos nos permitira descobrir este

porto, e entrar n'ele, sem saber onde estavamos. Ficaram maravilhados da narração, e agradeceram aos céos por nossa salvação.

Este porto (como diceram-nos depois) xamava-se *Superagui*,* estavamos a quazi 23 milhas de uma ilha xamada São-Vicente; o paiz por eles abitado pertencia ao rei de Portugal, e os que tripolavam a pequena embarcação, que viramos, aviam fugido por nos terem tomado por Francezes.

Perguntando nós onde ficava a ilha de Santa-Catarina, para onde queriamos ir, responderam, que ficava a 30 milhas mais ao sul. Uma nação selvagem xamada Carijós, dos quaes deviamos desconfiar, a abitava (diziam eles), e os naturaes do porto, onde nos axavamos, xamavam-se Tupinikins; eram amigos dos Portuguezes, por isso podiamos ali estar sem temor.

A latitude d'este paiz era, conforme pensavam, de 28 gráos, como com efeito é; deram-nos ao mesmo tempo sinaes de reconhecimento.

CAPITULO VIII

Como deixamos o porto para buscar o paiz, para onde queriamos ir

Apenas acalmou o vento oés-sudoeste, e o tempo abonançou, pozemos-nos á véla com vento de noroéste para xegar a esse paiz; andamos porém por 2 dias sem axar porto. Pensamos entretanto pela observação da costa, que o deviamos ter passado; mas não podemos nos assegurar d'isso, tomando altura, porque o tempo não era assás claro, além de estar o vento tão rijo que nos inhibia de voltar atraz.

Mas nas necessidades acode Deos: fazendo a nossa prece vespertina, suplicamos-lhe, que nos socorresse, e antes de anoitecer vimos amontoarem-se nuvens no sul, e antes de finda a nossa oração cessou inteiramente o vento de noroéste. Logo o vento do sul, que quazi nunca sopra n'esta quadra do anno, começou a levantar-se com tamanha violencia, que ficamos todos assustados. O mar tornou-se

---

O actor escreve: *Supraiaay*

pessimo, pois rebatia as ondas levantadas pelo vento de noroéste.

Reinava completa escuridão, o trovão e os relampagos espalhavam entre nós tal pavor, que ninguem sabia o que fizesse, nem como devia manobrar. Julgavamos todos, que de noite nos afogariamos, quando a Providencia, que não cessára de velar sobre nós, permitio aplacar a tempestade. Podemos então regressar, e de novo procurar o porto; mas o não encontramos por cauza das muitas ilhas situadas ao longo da costa.

Tendo novamente xegado aos 28 gráos, o capitão mandou o piloto passar por entre as ilhas, e ancorar para vermos onde nos axavamos. Entramos pois entre 2 costas, que formavam um formozo porto, e ahi fundeamos; depois do que nos metemos n'uma xalupa para melhormente examinar esta bahia.

CAPITULO IX

Como tendo alguns dos nossos partido para examinar a bahia axaram uma cruz sobre um roxedo.

Foi no dia de Santa Catarina do anno de 1549, que lançamos ancora n'este lugar. No mesmo dia alguns dos nossos, bem armados, embarcaram na xalupa para explorar a bahia. Pensavamos axar-nos em um rio xamado São-Francisco, que está tambem n'esta provincia.

Subindo o rio olhavamos para a direita e para a esquerda para vermos si divulgavamos alguma fumaça; mas nada vimos. Descobrimos emfim algumas cabanas; examinando-as, vimos, que eram velhas e abandonadas. Continuamos pois em nosso caminho, e á tarde xegamos perto de uma pequena ilha, onde tomamos a rezolução de passar a noite; era porem mui tarde, quando aportamos, e por isso não nos arriscamos a deixar a nossa embarcação para dormir em terra.

Alguns dos nossos rodearam a ilha e viram, que ela era dezerta; o que os determinou a acender fogo, e cortar uma palmeira para comerem o palmito. Pela manhan continuamos em nossas pesquizas, pois estavamos rezolvidos

a saber si o paiz era abitado ; o que parecia provavel, pois tinhamos descoberto cabanas velhas.

Avançando ficamos admiradissimos de avistar sobre um roxedo um pedaço de páo similhante a uma cruz, sem podermos atinar quem o colocaria ali. Quando lá xegamos, vimos, que efetivamente era uma cruz plantada nas pedras, e á qual estava amarrado um pedaço de aduéla de pipa, no qual estava gravada uma inscrição quazi ilegivel. Buscamos adivinhar, que navio o teria deixado, e si estavamos no lugar dezignado como ponto de nossa reunião.

Continuamos sempre a subir o rio, levando a inscrição ; emfim um de nós conseguio decifrar as seguintes palavras em lingua espanhola : « Si vehu por ventura, ecki la armada de su maiestet tiren uhn tire ai averan recado *(si viniesse por ventura aqui la armada de su magesta tiren um tiro y habran recado)*. O que quer dizer : Si por acazo aqui vier a frota de Sua Magestade, dê um tiro, que terá resposta.

Voltamos prontamente para onde estava a cruz para dar um tiro de canhão, e novamente começamos a subir o rio. Tendo logo avistado 5 canôas carregadas de selvagens, que avançavam para nós, apontamos nossas armas ; quando porem ficamos mais perto, distinguimos entre eles um omem vestido e com xapéo. Estava em pé na prôa da canôa ; e logo o reconhecemos por cristão. Bradamos-lhe então, que fizesse parar as outras embarcações, e viesse só com uma canôa para falar-nos.

Quando xegou perto de nós, e lhe perguntamos onde estavamos, respondeo-nos : Estaes no porto, que os Indios xamam Xerimirin, e para que compreendaes melhor acrecentarei, que os seos primeiros descobridores deram-lhe o nome de bahia de Santa-Catarina. Esta noticia alegrou-me muito, pois, sem o sabermos, tinhamos entrado no porto, que buscavamos, e isto no mesmo dia de Santa-Catarina. E' assim, que Deos sabe tirar dos maiores perigos aqueles que com sinceridade de coração imploram o seo socorro.

Ele por sua vez informou-se donde xegavamos : nós lhe respondemos, que vinhamos de Espanha em um navio de Sua Magestade, e que iamos para o Rio da

Prata ; que esperavamos outros navios, com os quaes partiramos, e que esperavamos, que eles brevemente xegariam para reunir-se comnosco.

Mostrou-se muito satisfeito d'esta noticia e contou-nos, que 3 annos antes tinha sido ele mandado de uma cidade d'esta provincia, xamada Lasoncion (Assunção), que pertence aos Espanhoes, e que dista perto de 300 milhas do lugar, onde estavamos. Tinham-no encarregado de fazer os Indios Carijós, aliados dos Espanhoes, cultivar a mandioca, afim de poderem suprir os navios, que necessitassem de victualhas. O que já nos tinha sido anunciado pelo capitão João de Salazar* que tinha ido para a Espanha com o primeiro navio, e regressava com a nossa expedição.

Fomos com os selvagens para as suas cabanas ; eles trataram-nos ao seo modo e da melhor maneira.

CAPITULO X

Como fui mandado ao navio com uma canôa xeia de selvagens

O nosso capitão pedio então ao omem, que acabavamos de encontrar, que mandasse uma canôa dos selvagens ao navio para ordenar a este, que viesse reunir-se-lhe. Ele fez-me partir com 2 indigenas; pois avia 3 dias que estavamos auzentes, e a equipagem não sabia do nosso destino.

Quando xeguei ao alcance de mosquete do navio, os que ahi se axavam, deram grandes gritos, e pozeram-se em defeza, sem querer permitir que me aproximasse mais, perguntando como sucedia, que eu assim viesse em uma canôa de selvagens, e onde estavam os outros. Fiquei parado sem responder couza alguma ; pois o capitão tinha-me recomendado que fingisse tristeza para vêr como se comportavam os companheiros do navio.

Vendo que eu não respondia começaram a dizer : Alguma couza ha ; parece, que os outros estam mortos ; estes selvagens trazem um comsigo para armar-nos alguma

* O autor escreve: *Salaser*.

cilada, e apossar-se do navio. Preparavam-se pois para atirar sobre nós, quando puz-me a rir, e lhes bradei: Bôa nova! Tranquilizae-vos; deixae aproximar-me, e vos contarei tudo.

Ficaram com efeito muito alegres, quando lhes referi o sucedido, e os selvagens voltaram á sua canôa. Subimos com o navio até a sua aldeia, e ahi ancoramos para esperar a xegada dos outros navios, de que a tempestade nos separára. A aldeia d'estes Indios xama-se Acutá; e o cristão, que ahi axaramos, xamava-se João Fernandes; era Biscainho, e natural de Bilbáo. Estes Indios xamavam-se Carijós. Trouxeram-nos muita caça e peixe, e em retribuição demos-lhes azóes.

CAPITULO XI

Da xegada de um navio, que se separára de nós durante a viagem, e a bordo do qual estava o primeiro piloto

Quazi 3 semanas depois vimos xegar um dos 2 navios, no qual estava o piloto-mór; mas o terceiro perecera no mar, e nunca mais ouvimos falar d'ele.

Preparamos-nos para dar á vela, e embarcamos viveres para 6 mezes, pois tinhamos ainda de percorrer 300 milhas; mas quando tudo estava pronto, o navio grande afundou no porto; o que impedio a nossa partida.

Passamos assim 2 annos no dezerto no meio de perigos, sofrendo tanta fome que comiamos ratos, lagartos, os animaes ainda os mais repugnantes que axavamos, os mariscos, que colhiamos nos roxedos, e as couzas mais extraordinarias; pois os selvagens, que a principio nos ministravam viveres, não quizeram mais procural-os, quando não tivemos mais mercadorias para dar-lhes em troca; e nós não nos podiamos fiar d'eles.

Vendo pois que, si ficassemos por mais tempo n'este lugar, pereceriamos afinal, rezolvemos dividir-nos em 2 grupos. O mais numerozo devia ir por terra á cidade da Assunção, distante quazi 300 milhas, e os outros diligenciariam xegar ali com o navio, que nos restava.

O capitão conservou-se com alguns outros para acompanhal-o por mar.

Aqueles que tomaram a via terrestre levaram víveres, conduziram alguns selvagens para servir-lhes de guia, e finalmente xegaram á Assunção depois de ter a fome matado a muitos d'eles. Quanto aos que deviam ir por mar, reconheceo-se, que era mui pequeno o navio para admitil os.

CAPITULO XII

Resolvemos ir para a ilha de São-Vicente, abitada por Portuguezes, esperando poder ahi fretar um navio para seguirmos ao nosso destino. Naufragio que sofremos.

Os Portuguezes estabeleceram-se em uma ilha mui proxima do continente, á qual xamam São-Vicente, Urbioneme na linguagem dos Indios ; ela dista quazi 70 milhas do lugar onde estavamos.

Deliberamos ir ali para vêr, si poderiamos fretar um navio portuguez afim de alcançar o Rio da Prata, pois o que nos restava era mui pequeno para nos caber. Alguns dos nossos partiram com o capitão Salazar em busca do rio, mas nenhum tinha jámais estado ali excéto um tal Roman, que prometeo axar o ancoradôro.

Deixamos pois o porto xamado Imbiassape, situado aos 28 gráos ao sul da linha equinocial, e com quazi 2 dias de viagem xegamos a uma ilha com a denominação de Alcatrazes, * situada a 11 milhas dali ; fomos forçados a ancorar ahí por cauza dos ventos contrarios. Esta ilha tira o nome de uma especie de aves marinhas, xamadas alcatrazes, que ahi são numerozissimas, e faceis de apanhar n'essa época, que é o tempo em que criam os filhos.

Fomos á terra em busca d'agua ; vimos cabanas abandonadas, e fragmentos de louça deixados pelos selvagens, que outr'ora a abitaram ; tambem axamos uma

* O autor escreve insula de Alkatrases.

pequena fonte junto a um roxedo. Matamos muitos alcatrazes, e apanhamos os óvos, que trouxemos para bordo do navio, onde cozinhamos tudo, ovos e aves. Apenas acabavamos de comer, fomos assaltados por tão violento tufão que dificilmente nos mantivemos sobre as nossas ancoras, e temiamos ir a cada instante arrebentar-nos contra os caxôpos.

Esperavamos entrar á tarde em um porto xamado Cananéa; mas já era noite, quando ahi entramos, e fomos obrigados a afastar-nos de terra apezar do perigo de ver-nos a cada instante submergidos pelas ondas; pois são muito mais fortes perto de terra que no mar alto e longe da costa. Afastamos-nos por tal fórma de terra durante a noite que pela manhan a tinhamos perdido de vista. Entretanto aproximamos-nos de novo apezar da tempestade; e aquele que pretendia conhecer o paiz assegurou estarmos em frente de São-Vicente.

Quando alcançamos a costa, estava por tal fórma coberta de nevoeiros, que nada se podia distinguir. Eram tão fortes as vagas, que fomos obrigados a alijar tudo quanto era pezado para aliviar o navio; e apezar da nossa inquietação continuamos no caminho, pensando entrar no porto dos Portuguezes; mas enganavamos-nos. Apenas dissipou-se o nevoeiro, Roman dice-nos, que estavamos mui perto do porto, e que o veriamos apenas dobrado um roxedo, que mostrou-nos.

Entretanto quando o passamos, só vimos bem diante de nós a morte; pois não era porto, e as vagas nos impeliam dirétamente para a costa, onde elas quebravam-se com fragor medonho. Então incomendamos nossas almas a Deos, e preparamos-nos para morrer, como devem marinheiros em risco de naufragio. As vagas levantavam-se tão alto, que viamos-nos suspensos no ar como si estivessemos em cima de uma muralha.

Apenas o navio tocou na costa, despedaçou-se; alguns saltaram n'agua, e ganharam terra nadando; outros a ela xegaram levados nos destroços da embarcação. Emfim por graças de Deos escapamos todos; mas o vento e a xuva nos tinham quazi gelados.

CAPITULO XIII

Como soubemos em que paiz selvagem tinhamos naufragado

Logo que pozemos-nos em terra, demos graças a Deos por nos salvar as vidas; mas por outro lado estavamos aflitissimos, pois ignoravamos onde estavamos.

Roman não conhecia o paiz, nem sabia, si estavamos longe ou perto de São-Vicente; e si avía selvagens de que temessemos, quando de repente um dos nossos companheiros por nome Claudio, Francez de nação, que corria na costa para se aquecer, vio uma aldeia por detraz dos bosques, e cujas cazas eram construidas ao modo europêo.

Dirigio-se logo para ali, e verificou, que era abitada por Portuguezes. Xamam-na Itanhaen,* e está a 2 milhas de São-Vicente. Claudio contou o nosso naufragio, e dice, que estavamos enregelados, e não sabiamos para onde ir. Imediatamente os abitantes acudiram para levar-nos para suas cazas, deram-nos roupa, e nós com eles passamos alguns dias para descansar. Dali fomos por terra a São-Vicente. Fomos mui bem recebidos; alimentaram-nos por algum tempo; depois cada um procurou ganhar a vida como pôde.

O comandante portuguez, vendo perdido o nosso navio, fez outro partir para o porto de Biasape afim de trazer o resto da nossa gente.

CAPITULO XIV

Descrição de São-Vicente

São-Vicente é uma ilha mui proxima do continente, a qual tem 2 aldeias; uma é pelos Portuguezes xamada São-Vicente, e pelos Indios Orbioneme, a outra dali distante 1 milha, xama-se Ivavasupe. Na ilha existem tambem algumas cazas izoladas, xamadas *ingenios*, onde fabricam assucar.

Os Portuguezes, que abitam n'esta terra, são aliados de uma nação de Brazileiros denominada Tupinambás. Os

* O autor escreve: *Itinge-ehen.*

Tupinikins os xamam Tabajara ; * o que quer dizer inimigo. Fizeram muito mal aos Portuguezes, que ainda oje os temem.

CAPITULO XV

Do paiz onde rezidem os mais perigozos inimigos dos Portuguezes.

A 5 milhas de São-Vicente está um lugar xamado Birikióca, onde primeiro xegam os inimigos; depois penetram entre a terra firme e uma ilha, a que xamam San-Maro.

Para impedir esta passagem aos Indios, mandaram varios mamelucos, * que eram irmãos, e procediam de um Portuguez e de uma India. Eles xamavam-se João de Praga, Diogo de Praga, Domingos de Praga, Francisco de Praga, e André de Praga; seo pae era Diogo de Praga. Quazi 2 annos antes da minha xegada os 5 irmãos tinham rezolvido construir n'esse lugar, com auxilio dos Indios seos aliados, uma fortaleza para defensa do paiz ; o que executaram.

Outros Portuguezes juntaram-se a eles, mas xegando a noticia ao paiz dos Tupinambás, que dista dali quazi 25 milhas, prepararam-se para distruir este nacente estabelecimento. Xegaram pois uma noite em 70 canôas, e o atacaram uma óra antes de romper o dia, como é seo costume.

Os mamelucos e os Portuguezes refugiaram-se em uma caza construida de barro, e ahi defenderam-se bravamente. Os Indios encerraram-se em sua cabana, e rezistiram do melhor modo, de sorte que muitos inimigos foram mortos. Estes finalmente levaram vantagem, e queimaram a aldeia de Birikioca.

Todos os nossos Indios foram aprizionados ; mas os selvagens não poderam conseguir apoderar-se da caza, onde os cristãos, em numero talvez de 8, e os mamelucos tinham-se refugiado. Quanto aos indigenas os espostejaram, dividiram entre si, e regressaram ao seo paiz.

---

* O autor escreve : *Tawaijar*.

* Assim denominam nas possessões Portuguezas os filhos nacidos de Portuguez e de India.

CAPITULO XVI

Como os Portuguezes repararam Birikioca, e construiram fortificações na ilha de San-Maro.

Os xefes portuguezes decidiram entretanto, que não deviam abandonar este ponto, mas pelo contrario reconstruil-o o melhor possivel, pois servia para defeza do resto do paiz; o que era verdade.

Mas tarde os inimigos, vendo que Birikióca era assás forte para eles, vinham de noite em canôas a este lugar, e apoderavam-se de tudo quanto cahia em suas mãos junto a São-Vicente, pois os abitantes do interior andavam sem desconfiança, e julgavam-se suficientemente protegidos por esta nova fortaleza. Os Portuguezes, percebendo isto, rezolveram construir tambem um forte á beira d'agua na ilha de San-Maro, exatamente fronteiro de Birikióca, e pôr ali artilharia com uma guarnição, afim de impedir inteiramente a passagem aos Indios. Tinham pois começado fortificações sem terminal-as; porque, diziam eles, nenhum soldado arcabuzeiro portuguez queria arriscar-se ali.

Fui vizitar esse lugar; os abitantes, sabendo que eu era Alemão, e que entendia alguma couza de artilharia, prometeram-me, que, si eu quizesse estabelecer-me na fortaleza da ilha, me dariam companheiros e bôa paga, acrecentando que o rei me recompensaria; pois costumava obrar como generozo senhor para com aqueles que prestavam serviços nos paizes novos. Convim eu em ficar ali 4 mezes, com a condição de vir um oficial do rei com a gente necessaria para construir um edificio de pedras; o que foi executado.

A maior parte do tempo não estavamos mais de 3 n'esta caza, com alguns arcabuzes, e corriamos grande risco por parte dos selvagens, não sendo bem forte a caza. Eramos tambem obrigados a fazer guarda durante a noite para não sermos surprendidos pelos selvagens; o que algumas vezes tentaram; mas, Deos louvado, sempre nos axaram vigilantes.

No fim de alguns mezes xegou um comandante por parte do rei ; pois os abitantes tinham-se queixado a Sua Magestade dos frequentes ataques dos selvagens, reprezentando-lhe a formozura do paiz, e quão grave erro seria abandonal-o. Eis porque este oficial, xamado Tomé de Souza, (1) veio examinar o lugar, onde os abitantes dezejavam levantar fortificações.

Estes lhe reprezentaram quão util lhes tinha eu sido vindo estabelecer-me n'esta caza ; o que nenhum Portuguez ouzára fazer. Mostrou-se mui satisfeito, e prometeo fazer valer meos serviços junto ao rei e recompensar-me, si Deos lhe permitisse voltar a Portugal.

Como o prazo, que eu prometera ficar, isto é, 4 mezes, estava findo, pedi despensa ; mas o governador e os abitantes rogaram-me para ficar por mais algum tempo. Por fim prometi servir ainda 2 annos, sob condição de me permitirem, no termo aprazado, embarcar no primeiro navio, que partisse para Portugal, e de me recompensarem em minha xegada ali.

O comandante entregou-me a patente, como é costume dar aos arcabuzeiros do rei, que a pedem. Reconstruiram-se com pedra as baterias, colocaram-se n'elas peças de canhão, e foi-me ordenado, que guardasse bem a praça e a artilharia.

CAPITULO XVII

Como deveriamos temer os ataques do inimigo antes em certas épocas do anno do que em outras.

Em 2 estações principalmente deviamos recear os ataques dos selvagens : uma é no mez de Dezembro, porque é então, que amadurecem certos frutos, a que xamam *abati*, (2) e que lhes servem para compôr uma bebida xamada *cauim*, (3) na qual misturam a raiz da mandioca.

(1) Tomé de Souza, gentil-omem portuguez, que já se distinguira na Africa e na India, foi o primeiro governador geral do Brazil, onde xegou em 1549. O autor escreve: *Tome de Susse.*

(2) Diz João de Leri ser *abati* o nome brazilico do milho.

(3) O autor escreve *kauwy.*

Preferem fazer a guerra n'esta época, porque em seo regresso axam os abatis maduros, e podem preparar a potagem, que bebem devorando os prizioneiros que fazem; apreciam tanto o abati que todo o anno suspiram pelo momento, em que estejam maduros esses frutos.

Tambem os devemos temer no mez d'Agosto; pois então pescam uma especie de peixe, que deixa o mar para subir pelos rios, onde os peixes penetram, e depõem as óvas n'agua doce. Os selvagens os xamam na sua linguagem *brati*, e os Espanhoes *lizas*.

Os selvagens escolhem estas épocas para as suas expedições belicozas, porque lhes é facil procurar viveres. Apanham muitos d'esses peixes em pequenas rêdes; os matam tambem a frexadas, e assam grande quantidade, que trazem para o seo paiz; tambem preparam uma especie da farinha, a que xamam *pirakui*.

CAPITULO XVIII

Como fui aprizionado pelos selvagens

Eu tinha um escravo da nação xamada Carijós; caçava para mim, e eu tambem ia algumas vezes com ele aos bosques.

Recebi n'esse tempo vizita de um Espanhol, o qual veio ver-me de São-Vicente, que apenas dista 5 milhas de San-Maro, onde eu estava. Vinha acompanhado de um Alemão xamado Eliodoro Essus, filho de Eobanus Essus, o qual morava em São-Vicente, em um engenho (estabelecimento onde se faz assucar), que pertencia a um Genovez xamado Jozé Ornio. Este Eliodoro Essus era escrivão e intendente da plantação; e eu outr'ora tivera intimas relações com ele, porque depois do meo naufragio junto a São-Vicente, a bordo do navio espanhol, o axára n'esta colonia, e ele me tratára com amizade. Vinha para saber como eu passava, pois ouvira dizer, que eu estava doente.

Tinha eu na vespera mandado o meo escravo á floresta buscar caça, prometendo ir encontral-o pela

manhan seguinte, afim de termos o que comer, pois no paiz quazi não temos outra couza sinão o que vem do dezerto.

Quando eu atravessava a floresta, presenti perto de mim selvagens, que davam grandes gritos, conforme o seo costume. Bem depressa vi-me cercado e exposto ás suas fréxas. Apenas tive tempo de clamar : Senhor, tende piedade de minha alma ! » Eles derribaram-me, e espancaram-me com as suas armas. Felizmente, graças a Deos, só me feriram na perna, e arrancaram-me as roupas.

Um apoderou-se de minha gravata, outro do xapéo, outro da camiza, e assim por diante. Empuxaram-me de todos os lados, pretendendo cada um ter sido o primeiro a apoderar-se de mim, e bateram-me com seos arcos. Dois d'entre eles emfim levantaram-me do xão, nu como me tinham posto : um segurou-me por um braço, e outro por outro ; alguns pegaram-me pela cabeça, outros pelas pernas, e começaram assim a correr para o mar, onde tinham a sua canôa.

Quando nos aproximamos da praia, vi, na distancia de 2 ou 3 tiros de pedra, a canôa, que tinham puxado para terra, por detraz de uma mouta, e grande numero de companheiros, que os esperavam. Apenas viram-me xegar, correram ao meo encontro. Estavam armados com penas ao seo modo ; mordiam os proprios braços, e me ameaçavam, como si me quizessem devorar.

O rei d'eles marxava diante de mim, trazendo na mão uma clava, com que matam os prizioneiros. Ele fez-lhes um discurso, e contou como tinham apanhado o *Perot* (é assim que xamam os Portuguezes), e como vingavam em mim os seos amigos. Quando me pozeram perto das canôas, começaram de novo a dar-me sôcos. Apressadamente pozeram as suas embarcações no mar, pois temiam, que se désse alarma em Birikóica ; o que efetivamente sucedeo. Antes de meterem-me na canôa, amarraram-me as mãos.

Como não eram todos da mesma aldeia, cada tribu ficou descontente de voltar com as mãos vazias, e começou a buscar contenda com aqueles que se tinham apoderado

de minha pessoa ; alguns dizendo que tinham estado tão perto de mim como eles, queriam matar-me imediatamente para ter logo ahi o seo quinhão.

Eu orava, esperando o golpe da morte ; mas o rei, que me aprizionára, tomou a palavra, e dice, que queria trazer-me vivo para poder celebrar sua festa comigo, matar-me, e *kawewi pepicke*, isto é, fazer bebida, celebrar uma festa, e comerem-me juntos.

Ataram-me 4 cordas no pescoço, meteram-me n'uma canôa antes de estar a nado, e a impeliram depois para o mar afim de regressarem comigo.

CAPITULO XIX

Os nossos xegam no momento, em que os Indios me carregavam, tentam tomar-me; os Indios voltam-se contra eles e dão combate

Perto da ilha, onde os Indios me tinham apreendido, está uma ilhota, onde as aves marinhas põem os seos ovos. Esta especie xama-se *guará* ; * tem as penas escarlates. Os selvagens perguntaram-me, si os Tupinikins já tinham ahi estado este anno, e si tinham colhido os óvos durante a postura. Respondi, que sim ; mas eles quizeram certificar-se, pois apreciam muito as penas d'esses passaros. Quando os guarás são novos, as primeiras penas são alvadias ; as que vêem depois são escuras, e emfim ao cabo de um anno tornam-se vermelhas como escarlate.

Os Indios dirigiram-se pois para essa ilhota na esperança de apanhar aves ; mas apenas estavam afastados na distancia de 2 tiros de mosquete, olhando para traz, viram a praia coberta de selvagens Tupinikins acompanhados por alguns Portuguezes ; pois no momento em que eu fora aprizionado, estava acompanhado por um escravo, que conseguio escapar-se, e foi dar alarma, e annunciar o meo aprizionamento.

Acudiram na esperança de me livrarem, e provocavam com seos gritos os que me conduziam ; estes voltaram a prôa de suas canôas para terra. Embora caisse sobre eles uma xuva de fréxas e balas, responderam bravamente :

* O autor escreve : *Uwara*.

dezataram-me as mãos, porém apertaram mais as cordas que tinha no pescoço. O xefe da canôa, em que eu estava, tinha uma espingarda e alguma polvora, que um Francez lhe déra em trôco de páo-brazil; obrigou-me a atirar sobre os que estavam na praia.

Depois de combaterem por algum tempo, temeram, que os que axavam-se em terra procurassem canôas para os perseguir, e pozeram-se a caminho. D'entre eles 3 sahiram feridos do combate.

Passaram quazi ao alcance de tiro de canhão do porto de Birikioca, onde eu ordinariamente assistia, e obrigaram-me a levantar-me para meos companheiros verem-me; até deram 2 tiros de peça sobre os selvagens sem alcançar-nos.

Durante este tempo alguns abitantes de Birikioca tinham embarcado para perseguir-nos; mas os Indios remavam tão bem que. nossos amigos, vendo que nada conseguiam, foram forçados a retroceder.

CAPITULO XX

Do que se passou durante a nossa viagem para o paiz dos Tupinambás

Pelas 4 óras da tarde do dia, em que eu fora prezo, estavamos já distantes de Birikioca 7 milhas. Os Indios aportaram a uma pequena ilha, e puxaram as suas canôas para a praia na intenção de ahi passar a noite. Dezembarcaram-me para terra; mas tinham-me dado tanta pancada no rosto, que nada enxergava; minhas feridas tiravam-me as forças para andar, e fui obrigado a deitar-me na areia.

Os Indios cercavam-me e ameaçavam-me a cada instante de devorar-me. Vendo-me exposto a tamanho perigo, fiz reflexões, que dantes nunca fizéra, e considerando o vale de lagrimas, em que vivemos, puz-me a cantar um salmo com toda a contrição e com lagrimas nos olhos; os selvagens exclamavam: Vede como xóra, vede como geme!

Não axando na ilha lugar conveniente para passar a noite, de novo embarcaram e dirigiram-se para terra firme, onde possuiam cabanas, que outr'ora tinham construido. Era já meia noite, quando ahi xegamos ; pozeram a canôa em terra, e acenderam fogo, para perto do qual me conduziram. Fizeram deitar-me em uma rede, a que, na sua linguagem, xamam *ini*, e que lhes serve de cama. A amarram suspensa em 2 postes ou 2 arvores, quando estão nas florestas.

Ataram em uma arvore as cordas, que eu tinha ao pescoço, deitaram-se ao redor de mim, e zombaram de mim, dizendo na sua linguagem: *Xe rinbau ende*: Tu és meo animal domestico.

Antes de surgir o sol partiram, e remaram todo o dia, de sorte que a oras vespertinas apenas distavam 2 milhas do lugar, onde deviam passar a noite. Então avistamos por detraz de nós uma nuvem preta, que avançava com extraordinaria rapidez. Apressaram-se pois em alcançar terra com temor da tempestade; mas vendo que não podiam escapar, diceram-me : « *Ne mungita dee*, *Tupan do´quabe*, *amanasu e andee imme rannime sisse*; isto é: Pede ao teo Deos para que o vento e a tempestade não nos façam mal.

Fiz a Deos a minha prece, como eles pediam, e dice: «Deos onipotente, soberano senhor do Céo e da Terra, tu que em todos os tempos escutas e socorres aos que te imploram auxilio, mostra-me a tua mizericordia no meio dos infieis, afim de que eu reconheça, que ainda estás comigo, e os pagãos vejam, que o meo Deos escutou a minha oração. »

Estava deitado e amarrado no fundo da canôa, de sorte que não podia vêr por detraz de mim ; mas eles olhavam para traz e diziam: *Oqua moa amanasú*; isto é: a tempestade se dissipa. Levantei-me e vi, que a nuvem negra se afastava; então dei agradecimentos a Deos.

Quando xegamos em terra, trataram-me como na noite precedente, amarraram-me em uma arvore, e deitaram-se em roda de mim, dizendo que estavamos mui perto do seo paiz, e que lá xegariamos no seguinte dia á tarde; o que me não alegrou muito.

CAPITULO XXI

Como fui tratado pelos selvagens no dia em que xegaram á sua aldeia

No dia seguinte pela tarde xegamos á sua aldeia quázi a óras de Trindade, pois este lugar está situado a 30 milhas de Birikióca, onde eu fôra aprizionado. Esta aldeia que xamava-se Ubatuba, compunha-se apenas de 7 cabanas. (*) Aportamos em uma ponta de terra, perto da qual as mulheres estavam ocupadas em trabalhar em campos plantados de raizes tuberozas, a que xamam mandioca, e as arrancavam; fui obrigado a clamar: *A junesche been ermi pramme*: Eis aqui vossa alimentação, que vos xega.

Quando saltamos em terra, todos, moços e velhos, deixaram as cabanas, que estão situadas em uma colina para virem vêr-me. Depois os omens se foram embora para suas abitações com arcos e fréxas, deixando-me sob a guarda das mulheres, que me colocaram no meio d'elas. Algumas andavam para diante, outras para traz, dansando e entoando a cansão, que costumam cantar aos prizioneiros, quando os querem comer.

Quando xeguei ao *ivara*, especie de entrinxeiramento, que fazem ao redor das cabanas, o qual consiste em fortes peças de madeira, e assimilha-se a uma paliçada, estas mulheres cahiram sobre mim, deram-me muita bordoada, arrancaram-me as barbas, dizendo-me na sua linguagem: *Xe innamme pepike ac*: Eu te espanco em nome do meo amigo, que os teos mataram.

Conduziram-me depois para uma cabana, e deitaram-me em um *ini*, onde as mulheres de novo começaram a bater-me e maltratar-me, dizendo que brevemente me comeriam. Durante este tempo os omens estavam sentados em outra cabana, e bebiam a potagem

* Cumpre observar, que trata-se de grandes cabanas, cada uma das quaes continha muitas familias, de sorte que uma aldeia de 7 cabanas era assás populoza.

xamada *cauim* em prezença dos seos idolos, a que xamam Tameraka, * e cantavam em ação de graças por me averem feito prizioneiro, como estes idolos lhes tinham prometido.

CAPITULO XXII

Como meos dois senhores vieram annunciar-me, que me aviam dado a um seo amigo, que devia guardar-me e matar-me, quando fosse tempo de comerem-me.

Então eu não conhecia os uzos dos Indios, como depois os conheci, e pensava, que iam matar-me, quando vi xegar os meos dois senhores, um dos quaes xamava-se Jepipo Uassu, e o outro, que era seo irmão, Alkindar Miri.

Anunciaram-me, que me aviam dado como sinal de amizade ao irmão de seo pae, Iperu Uassu para que me guardasse e me matasse, quando eu tivesse de ser comido; o que ilustraria o seo nome; pois no precedente anno Iperu Uassu tinha tambem feito um prizioneiro, e por amizade o oferecera a Alkindar Miri, que o trucidára, e por este meio adquirira celebridade.

Eis por que prometera dar-lhe a seo turno o primeiro prizioneiro, que fizesse; e o prizioneiro fui eu. Acrecentaram depois: As mulheres vão conduzir-te *cuprasse.*» Não comprehendi então esta expressão; mas queria dizer dansar. Conduziram-me pois da cabana para a praça, puxando-me pela corda do pescoço.

Todas as mulheres existentes nas 7 cabanas vieram apoderar-se de mim, e os omens deixaram-nos. As mulheres arrastaram-me, pegando umas pelos braços, e outras pela corda, que apertaram por forma tal que mal podia eu respirar. Não sabia o que queriam fazer de mim; mas eu consolava-me, pensando nos sofrimentos de Nosso Senhor Jezus Cristo, e no modo por que fôra ele tratado pelos Judeos.

Eles conduziram-me assim para a frente da cabana do rei, que xamava-se Uratinga Uassu, isto é, Grande

* Hans Staden tambem escreve: *Tammerka, Tammeraka e Maraka.*

Passaro Branco ; deitaram-me em um montão de terra, que estava diante da porta. Crendo xegada a minha ultima óra, olhava para todos os lados para vêr si já traziam o *iverapemme:* assim é que xamam a especie de clava, com que matam os prizioneiros.

Aproximou-se então uma mulher com um pedaço de cristal amarrado entre 2 varinhas, e raspou-me as sobrancelhas ; quiz tambem cortar-me a barba ; mas eu a impedi, dizendo que dezejava morrer com as minhas barbas. Responderam-me, que ainda não pretendiam matar-me, e consentiram em deixal-as intactas. Entretanto, passados alguns dias, me as cortaram com tezouras, que os Francezes lhes aviam dado.

CAPITULO XXIII

Como os Indios me fizeram dansar em frente da cabana, que encerra os seos idolos Tamerka

Elas me conduziram do lugar, onde me haviam cortado as sobrancelhas, para a frente da cabana, onde estão os seos idolos. Formaram depois um circulo, no meio do qual fui eu posto.

Duas mulheres aproximaram-se de mim e ataram-me na perna um cordão guarnecido de guizos, que faziam bulha batendo uns nos outros, e no pescoço uma especie de leque, feito de penas da cauda de aves, o qual subia acima da minha cabeça, e tem na sua linguagem o nome de *arasoia*.

As mulheres começaram a cantar, e obrigaram-me a bater compasso com a perna, em que tinham atado essa especie de guizos ; o que formava uma especie de acompanhamento. Entretanto esta perna, que estava ferida, doia-me tanto que mal podia eu ter-me em pé; pois ainda não tinha sido curado.

CAPITULO XXIV

Como depois da dansa levaram-me para a caza de Iperu Uassu, que devia matar-me

Quando acabou a dansa, entregaram-me a Iperu Uassu. Este guardava-me com cuidado, e annunciou-me, que eu ainda tinha algum tempo para viver. Trouxeram

depois todos os seos idolos, e os pozeram em roda de mim, dizendo que eles lhes prediceram, que apanhariam um Portuguez. Então dice-lhes eu: Vossos idolos não têem póder, nem podem falar; mentiram, pois não sou Portuguez, sou amigo dos Francezes, e natural de um paiz chamado Alemanha.

Responderam-me, que eu os iludia, e que, si eu fosse amigo dos Francezes, não estaria com os Portuguezes, pois bem sabiam, que os Francezes tambem eram seos inimigos; acrecentando que estes vinham todos os annos a este lugar, e lhes davam facas, maxados, espelhos, pentes e tezouras em troca de páo-brazil, algodão, penas, pimenta, etc.; e por isso eram seos bons amigos. Mas que os Portuguezes não obravam assim; pois quando chegaram ao paiz, estabeleceram-se entre os seos inimigos e fizeram aliança com estes.

Que depois tinham vindo por sua parte e tambem tinham querido comerciar. Depois de os terem recebido com toda a confiança, e de terem ido a bordo de seos navios, como ainda fazem com os Francezes, quando os Portuguezes chegaram a ser numerozos, os tinham apreendido e amarrado, entregando-os aos seos inimigos, que os mataram e comeram.

Que os Portuguezes tinham morto outros a tiro de espingarda, tinham-lhes feito todo o mal possivel, e emfim reuniam-se muitas vezes aos seos inimigos para os atacar.

CAPITULO XXV

Como os meos apreensores me declararam com ira, que os Portuguezes tinham morto seo pae; do que pretendiam vingar-se em mim.

Contaram-me tambem, que os Portuguezes tinham morto a tiro de espingarda o pae dos 2 irmãos, que me aviam aprizionado, e que estes estavam deliberados a vingar a sua morte em minha pessoa. Respondi-lhes, que não tinham razão de vingar-se em mim, que não era

Portuguez; que eu xegára ultimamente com os Espanhóes, e que tinhamos naufragado; o que me forçára a ficar no paiz.

Entre eles avia um mancebo, antigo escravo dos Portuguezes; pois os Tupinambas, entre os quaes estes moram, e de quem são aliados, tinham em uma das suas expedições surpreendido uma aldeia e devorado todos os abitantes com exceção de alguns mancebos, que aviam sido entregues aos Portuguezes. Entre estes axava-se o rapaz, que em Birikioca fôra escravo de um Galego xamado Antonio Agudin, e que fora recobrado pelos seos, quazi 3 mezes depois do meo cativeiro. Fòra poupado por ser da sua propria tribu.

Conhecia-me ele mui bem; e tendo-lhe os outros perguntado quem eu era, respondeo-lhes, que pouco antes um navio naufragára n'esta costa; que os naufragos diziam-se Espanhóes e eram amigos dos Portuguezes; que eu xegára com eles: eis tudo quanto de mim sabia.

Sabendo eu que existiam Francezes no paiz, e que muitas vezes vinham navios d'esta nação, persisti sempre em dizer, que eu era amigo d'eles, e pedi para me conservarem até eles xegarem e me reconhecerem. Guardaram-me pois com cuidado até a xegada de varios Francezes deixados por alguns navios entre os selvagens para colher pimenta.

CAPITULO XXVI

Como um Francez deixado pelos navios entre os Indios veio ver-me e lhes dice, que podiam comer-me, pois eu era Portuguez

Na distancia de 4 milhas dali estava um Francez, que, ao saber d'esta noticia, apressou-se em vir, e apareceo na cabana fronteira d'aquela em que eu me axava. Correram os selvagens gritando: Eis um Francez, que acaba de xegar; vamos saber si és ou não seo compatriota.» Esta noticia alegrou-me muito, pois dizia comigo: E' um cristão; vae livrar-me d'esta dificuldade.

Conduziram-me á prezença d'ele, nu como eu estava. Era um mancebo; os selvagens o xamavam na sua linguagem *Karuataguara*: * falou-me em francez, que eu apenas comprehendia; e os selvagens, que nos rodeavam, escutavam com suma atenção. Vendo que eu o não comprehendia, dice-lhes na linguagem d'eles: Matae-o, comei-o, pois este selerato é verdadeiro Portuguez, vosso inimigo e meo.

Comprehendi bem isto, supliquei-lhe, em nome de Deos, para dizer-lhes, que me não comessem; mas ele respondia: Querem-te comer.» Isto recordou-me esta passagem de Jeremias, capitulo 17, onde se diz: Maldito seja o omem, que confia nos outros omens.» Esta resposta abateo-me o animo.

Não tinha eu para cobrir-me sinão um pedaço de pano dado pelos Indios; sabe Deos onde o tinham apanhado. Arranquei-o de mim, e o atirei aos pés d'esse Francez, dizendo: Como vou morrer, porque ocultarei por mais tempo minhas carnes aos olhos dos omens?

Reconduziram-me á cabana, que servia-me de prizão, e atirei-me na minha rêde, onde comecei a cantar um salmo, vertendo copiozas lagrimas; e os Indios diziam: E' na verdade Portuguez. Vede como tem medo da morte!

O Francez, de quem falei, permaneceo 2 dias na aldeia, e no terceiro regressou. Quanto aos Indios, começaram a fazer preparativos, rezolutos a matar-me, apenas os terminassem. Guardavam-me pois cuidadozamente; e todos moços e velhos cobriam-me de insultos.

CAPITULO XXVII

Como sofri uma grande dor de dentes

Como um infortunio nunca vem só, no meio das minhas mizerias fui atacado por uma violenta dôr de dentes; e perguntando-me meo senhor, porque comia tão

* O autor escreve: *Karwatuware*.

pouco, e dizendo-lhe eu a cauza, aproximou-se com um instrumento de madeira para arrancar-me o dente, que me doia.

Tive imensa dificuldade em impedir, que executasse tal projéto. Entretanto renunciou a ele, declarando-me que si eu deixasse de comer, e si começasse a emagrecer, me matariam antes da época determinada.

Sabe Deos quantas vezes lhe roguei do fundo do coração, que me tirasse a vida, si fosse esta a sua divina vontade, antes dos selvagens matarem-me cruelmente.

CAPITULO XXVIII

Como me levaram ao seo principal rei xamado Konian Bebe e do modo porque ahi fui tratado

No fim de alguns dias os selvagens conduziram-me para outra aldeia xamada Aribab, aprezentando-me a um rei por nome Konian Bebe, * que era o principal soberano de todo o paiz. Reunira ele grande multidão de outros xefes para dar-lhes uma festa ao seo modo; queria ver-me, e levaram-me para ali para passar o dia.

Quando xeguei perto da sua cabana, ouvi grande barulho de cantos e trombetas. Via na frente uma quinzena de cabeças colocadas em postes; eram as dos prizioneiros inimigos, que tinham comido, e a que xamam maracajás. Tiveram o cuidado ao passar de me fazerem notar, dizendo: Eis as cabeças dos maracajás.» Comecei então a tremer, pensando que seria tratado do mesmo modo.

Quando xegamos á cabana, um dos que me acompanhavam adiantou-se, e dice em voz alta de modo que

* E' o Cunhambebe dos nossos cronistas.

todos ouvissem: Eu vos trago o escravo, o Portuguez», e acrecentou, que era excelente couza ter o inimigo em seo poder.

Fez um longo discurso, como uzam, e levou-me ao rei, o qual estava sentado e bebia com os outros. Axavam-se já todos embriagados com a bebida, que fabricam, e xamam *cauim*. Olharam-me com ar enraivecido, dizendo: Vieste, nosso inimigo?» Eu respondi: Vim, mas não sou vosso inimigo.» Então deram-me a beber.

Tinha eu ouvido falar muito no rei Konian Bebe; diziam, que era um grande omem, mas um grande tirano, e que gostava muito de carne umana. Encarei para um dos que estavam sentados, e julgando ser o rei, dice-lhe, como é costume na sua linguagem: E's o rei Konian Bebe? Vives ainda?» Sim, respondeo elle. Bem (acrescentei eu) tenho ouvido falar muito de ti. Dizem, que és grande guerreiro.» Ele levantou-se então, e põe-se a passear diante de mim com altivez. Tinha uma volumoza pedra verde, de forma redonda, metida no beiço, como é costume.

Tambem fazem especies de rozarios brancos de conxas, que lhes servem de ornato, e o rei tinha seguramente 6 braças d'esses rozarios ao redor do pescoço; o que me indicou logo dever ser ele um dos principaes.

Tornou ele a sentar-se, e quiz saber o que faziam os seos inimigos Tupinikins e os Portuguezes, perguntando-me porque eu quiz atirar sobre eles em Birikióca, pois sabia que eu era arcabuzeiro. Respondi-lhe, que os Portuguezes me tinham posto n'essa caza, e eu era obrigado a fazel-o. Ele dice-me: Tu tambem és Portuguez, pois não podeste falar com ele». Referia-se ao Francez, que me vira, e a quem ele xama filho.

Busquei desculpar-me, assegurando que, estando auzente por muito tempo, tinha-me esquecido da lingua. Mas ele exclamou: Já peguei e comi 5 Portuguezes, e todos queriam ser Francezes; entretanto mentiam». Vendo eu isto, renunciei a esperança de viver, e encomendei-me a Deos; pois bem via, que só me restava morrer.

Perguntou-me depois o que d'ele diziam os Portuguezes, e si tinham muito mêdo. Dice eu: Sim, falam muito

em ti, e da guerra, que lhes tens feito ; mas agora fortificáram Birikióca. Entretanto replicou, que saberia apanhar uns depois de outros na floresta, como me apreendera. Eu acrecentei : Teos inimigos, os Tupinikins preparam 30 canôas, e vão fazer uma incursão nas tuas terras». O que efetivamente sucedeo.

Emquanto ele me fazia todas estas perguntas, os outros tinham-se levantado e nos escutavam. Fez uma multidão de perguntas, a que respondi como pude. Gabou-se de ter morto muitos Portuguezes, e ainda maior numero de selvagens, seos inimigos. Durante este tempo tinha-se bebido tudo quanto avía n'esta cabana ; pelo que foram para outra cabana para continuar a beber; o que pôs termo á nossa conversação.

N'esta outra cabana recomeçaram a enxer-me de improperios ; o filho do rei divertia-se em amarrar-me as pernas, e obrigar-me a saltar de pés juntos na cabana. Começaram a rir, e me diceram : Vem comer comnosco, saltador.» Perguntei ao meo senhor si iam matar-me. Respondeo-me, que não, mas que era costume tratar assim aos escravos.

Emfim dezamarraram-me, e pozeram-se a apalpar-me por todos os lados ; dizia um, que queria a cabeça, outro o braço, outro a perna. Depois fizeram-me cantar, e eu comecei a entoar um salmo ; depois mandaram-me traduzir o que eu cantára. Dice, que tinha louvado o meo Deos ; mas eles responderam-me : Teo Deos é um *tavire*, isto é, uma imumdice. Estas palavras fizeram-me muito mal, e eu pensava: Oh ! Deos, como és bom em sofrer tudo isto !

Depois de me terem todos os assistentes da aldeia examinado e insultado á vontade, o rei Konian Bebe recomendou aos encarregados de mim, me guardassem com cuidado. No dia seguinte, quando me fizeram sair da cabana, onde tinhamos dormido, para levar-me para Ubatuba, onde devia eu ser comido, clamavam ironicamente, que viriam brevemente á caza do meo senhor para embebedarem-se e comerem-me ; mas este consolava-me, dizendo que ainda não me matariam tão cedo.

CAPITULO XXIX

Os Tupinikins xegam com 25 canôas, como eu anunciára ao rei, e atacam a aldeia, onde me axava.

N'este entrementes os Indios, aliados dos Portuguzes, xegaram com 25 canôas, como eu anunciára, e em uma manhan assaltaram a aldeia, onde eu estava. Apenas os Tupinikins começaram o ataque, e a lançar fréxas, a dezordem levantou-se na aldeia, e as mulheres buscavam fugir.

Dice eu então aos Indios: Vós me tomaes por Portuguez, vosso inimigo, pois bem; tirae-me estas cadeias, e dae-me um arco e fréxas, e vou ajudar-vos a defender a vossa aldeia.» Convieram n'isso, e juntei-me a eles, gritando e atirando fréxas como eles, excitando-os a ter coragem, e não ter medo.

Minha intenção era atravessar as paliçadas e juntar-me aos assaltantes, pois conheciam-me bem, e sabiam que eu estava na aldeia; mas vigiavam-me bem, e os Tupinikins, vendo falhar-lhes o golpe, retrocederam ás suas canôas e embarcaram. Apenas eles partiram, repozeram-me as prizões.

CAPITULO XXX

Como os xefes reuniram-se de noite ao clarão da lua

Na noite d'esse mesmo dia os xefes reuniram-se em claro luar na praça da aldeia, e começaram a discutir para rezolver quando me matariam. Trouxeram-me para cobrir-me de injurias e ameaças; eu estava triste e olhava para o céo, dizendo: Senhor, concedei-me ao menos uma bôa morte.

Os Indios perguntaram-me, porque eu olhava assim para a lua, e eu respondi: Vejo, que ela está irritada contra vós.» Pois na minha dôr parecia-me, que a lua lançava-me olhares de colera, e eu cria-me abominado por Deos e pelos

omens. Então Jepipo Uassu, um dos xefes, que queriam matar-me, perguntou-me contra quem a lua estava irritada. E' para a tua cabana, que ela olha, dice-lhe eu.

Vendo porém que estas palavras o enfureciam, dice: Não é contra ti que ela se irrita, mas contra os Carijós.» E' este o nome de outra tribu selvagem. E ele dice: E' bem que todo o mal recaia sobre eles». Emquanto a mim, não pensei mais n'este acontecimento.

CAPITULO XXXI

Como os Tupinikins incendiaram outra aldeia xamada Mambucaba

No seguinte dia recebemos noticia de que os Tupinikins, que se tinham embarcado, como já dice, aviam atacado outra aldeia xamada Mambucaba, * e queimado as cabanas. Todos os abitantes tinham fugido, á exceção de um rapaz, a quem aprizionaram.

Jepipo Uassu, que dispunha de mim, e me fazia todo o mal possivel, apressou em dirigir-se para ali. Os Indios d'essa aldeia eram seos parentes e amigos, e ele queria socorrel-os e reconstruir as cazas queimadas. Trouxe comsigo todos os parentes e amigos para o ajudarem; intentava tambem trazer comsigo barro de louça, e farinha de páo para celebrar a festa, em que eu devia ser comido.

Partindo não se esqueceo de recomendar a Iperu Uassu, a quem ele me entregára, para que me vigiasse bem; pois preparava-se para estar auzente por mais de 15 dias.

CAPITULO XXXII

Vem de Birikioca um navio para saber o que era feito de mim, e os selvagens recuzam dizel-o

N'esse interim veio de Birikioca um navio dar fundo perto do lugar, onde eu estava, e deo um tiro de peça para xamar os Indios a tratar com ele.

* O autor escreve: *Mambukabe.*

Estes, ouvindo o tiro, diceram-me : Eis ahi teos amigos Portuguezes, que vêem saber si ainda és vivo, e querem talvez resgatar-te. » E' sem duvida, meo irmão ; respondi eu, pois bem pensava, que os Portuguezes procurariam noticias minhas; e afim de que com isso não se capacitassem, que eu era Portuguez, tinha-lhes eu dito, que tinha um irmão tambem Francez, o qual estava com eles.

Eis porque, quando vi este navio xegar, dice-lhes, que era meo irmão ; mas afirmavam sempre, que eu era Portuguez. Aproximaram-se do navio ; entretanto tendo a equipagem solicitado informações a meo respeito, responderam os selvagens, que não fizessem mais perguntas sobre este objéto. Os Portuguezes pozeram-se de novo á vela, julgando-me falecido.

Quando os vi partir, sabe Deos o que senti; e os selvagens diziam entre si: Fizemos bôa preza, pois mandam navios procural-o.

CAPITULO XXXIII

O irmão do rei Jepipo Uassu xega de Mambucaba, conta-me, que este, sua mãe, e todos os seos tinham cahido doentes; pede-me que envie o meo Deos para restituir-lhes a saude.

Esperava a cada instante o regresso d'aqueles que tinham partido para fazer os preparativos da minha morte. Em certo dia ouvi gritos na cabana do xefe, que andava auzente ; o que assustou-me, pois os julguei de volta. Com efeito quando alguem se auzenta, ainda que seja por 4 dias é costume entre os Indios os amigos receberem o recem-vindo com grandes gritos de alegria.

Alguns instantes depois, entrou um Indio na minha cabana, e dice-me: O irmão de teo senhor xegou, e anuncia, que todos os seos estão doentes. » Alegrei-me então, pensando que Deos queria talvez fazer alguma couza em meo favor.

O irmão de meo senhor apareceo logo, sentou-se perto de mim, e começou a lamentar-se dizendo que seo irmão, sua mãe, e seos sobrinhos estavam todos cahidos doentes, e que seo irmão o mandára falar-me para obter do meo Deos, que lhes restituisse a saude. E dice ele: Pois meo irmão crê, que o teo Deos está encolerizado contra ele.

Eu respondi: Sim, o meo Deos está irritado, porque ele quer devorar-me, e porque foi para isso para Mambucaba, e diz, que sou Portuguez, quando não sou. Vae dizer a teo irmão, que venha aqui, e eu procurarei alcançar do meo Deos, que lhe restitua a saude.

Replicou-me, que ele estava tão infermo que não tinha forças para vir; mas bem sabia, que eu, si quizesse, podia dar-lhe a saude. Prometi, que ele bem depressa teria forças para voltar á sua aldeia, e que a sua saude se restabeleceria completamente.

Regressou com esta resposta para Mambucabe, que dista 4 milhas de Ubatuba, onde estavamos.

CAPITULO XXXIV

Como o rei Jepipo Uassu voltou doente á sua aldeia.

No fim de alguns dias todos os doentes regressaram á nossa aldeia. Jepipo Uassu mandou buscar-me para a sua cabana, e dice-me, que eu bem soubera do que lhes aconteceria, pois bem se lembrava, que eu lhe avia dito, que a lua olhava com colera para a sua aldeia.

Ouvindo isto pensei, que Deos me inspirára n'aquela noite ter falado da lua, e a esperança voltou ao meo coração, vendo o céo proteger-me. Dice-lhe logo: E' verdade, a lua está irritada por quererdes comer-me, não obstante não ser eu vosso inimigo.

Prometeo-me então, que me protegeria, si recobrasse a saude; mas eu não sabia o que pedisse a Deos; pois pensava assim: si cobrar a saude, se esquecerá das

promessas e me matará; e si sucumbir os outros dirão: Matemos este escravo, antes que possa fazer-nos mal. »

Entreguei-me pois á vontade de Deos, e puz a mão na cabeça de todos, como exigiam de mim. Deos porém não quiz poupal-os, e morreram uns depois dos outros. Um menino sucumbio primeiro, depois a mãe, mulher velha, que devia fabricar o vinho para beberem por ocazião de me comerem; depois seo irmão, tambem menino, e emfim seo segundo irmão, o mesmo que me trouxera a noticia da doença d'eles.

Quando ele vio assim finar-se toda a familia, temeo tambem morrer ele e suas mulheres; mas eu o consolei, dizendo-lhe que pediria ao meo Deos para conservar-lhe a existencia, si me prometesse pensar em mim, quando lhe voltasse a saude, e me conservase a vida. Conveio, n'isto, e severamente prohibió, que me maltratassem ou me ameaçassem.

A sua molestia durou ainda por algum tempo; emfim sarou, assim como uma das suas mulheres, que cahira doente; mas 8 pessoas da sua familia morreram, e entre outras uma das que mais me tinham maltratado.

Existiam ainda na aldeia 2 xefes, que possuiam cada um uma cabana; um xamava-se Uratinga Uassu, e outro Kenrimakui. O primeiro sonhára, que aproximava-me d'ele, e lhe anunciava a morte; veio pela manhan queixar-se a mim. Assegurei-lhe, que tal não sucederia, si ele não procurasse matar-me, e ele prometeo-me, que, si aqueles que me tinham aprizionado não persistissem na intenção de matar-me, ele os não instigaria.

Kenrimakui, tendo um sonho de igual natureza, mandou-me vir á sua cabana. Depois de dar-me comida, contou-me, que outr'ora fizera um Portuguez prizioneiro, ao qual matára, e tanto comera d'ele, que seo estomago desde então jamais ficara bom. Seo sonho o ameaçava de morte. Eu prometi, que nada lhe aconteceria, si ele renunciasse a comer carne umana.

As mulheres velhas da aldeia, que mais me aviam maltratado, espancado e injuriado, começaram tambem a aplacar-se e dizer-me: *Xe raeire*, isto é, meo filho, conserva-me a vida. Quando te maltratamos, é porque te

tomavamos por um d'esses Portuguezes, a quem abominamos. Temos já apreendido a muitos, e comido ; mas então o seo Deos não se irritou contra nós como o teo por cauza de ti ; o que bem nos prova, que não és dos seos.

Ficaram assim por algum tempo, sem saberem com certeza, si eu era Portuguez ou Francez ; pois (diziam eles) eu tinha barba ruiva, como os Francezes, e todos os Portuguezes tinham barba preta. Apenas meo senhor sarou, pareceram renunciar a ideia de comerem-me ; mas vigiavam-me com cautela, e não me deixavam sair só.

CAPITULO XXXV

Como o Francez que os tinha aconselhado para me comerem, veio á aldeia, e como eu pedi para levar-me comsigo ; mas meo senhor não o quiz consentir.

Deixando-me Karuataguara, o Francez, de quem falei, partira com Indios, amigos dos seos compatriotas, para reunir as mercadorias, com que traficam os selvagens, a saber : pimenta e certas especies de plumas.

Quando ele quiz voltar ao lugar, onde os navios francezes costumam aportar, e ao qual xamam Mungu Uape e Iterroenne, foi obrigado a passar novamente pela aldeia onde eu estava. Ele reputava-me já morto, pois, ao partir, pensava ser intenção dos selvagens comerem-me ; ele assim o tinha aconselhado, como acima fica dito. Sabendo que eu ainda vivia, veio ver-me, e falou-me na linguagem dos selvagens.

Eu o conduzi a um lugar, aonde estes não podessem ouvir-nos, e lhe dice, que ele bem via, que era vontade de Deos conservar-me a vida ; que eu não era Portuguez, mas sim Alemão, e que eu estava com os Portuguezes somente por força do naufragio, que sofrera no navio espanhol. Supliquei-lhe, que confirmasse a minha assersão perante os selvagens, e assegurasse, que eu era amigo dos Francezes, e que estes me levariam em seos navios,

quando viessem. Si me recuzares este serviço, acrecentei eu, os selvagens me reputarão sempre como mentirozo, e me matarão mais tarde ou mais cedo.

Dizia-lhe tudo isto no idioma dos selvagens, perguntando-lhe si não tinha no peito coração de cristão, e si não acreditava na existencia de outra vida depois d'esta, para aconselhar os selvagens para matarem-me.

Começou então a arrepender-se do que fizera, e asseverou-me ter-me considerado Portuguez, e que todos os individuos d'esta nação eram tão seleratos, que apenas os Francezes podessem apanhar um no Brazil, o enforcariam imediatamente ; acrecentando serem obrigados a conformar-se com os costumes dos Indios, e sofrer que estes tratassem os seos prizioneiros como bem queriam, pois eram, como eles, inimigos dos Portuguezes.

Por meo pedido dice aos selvagens, que da primeira vez se enganára ; que eu era Alemão e inimigo dos Portuguezes ; e que ele queria levar-me para onde os navios costumavam ancorar ; mas o meo senhor respondeo, que não consentia em ceder-me a ninguem, salvo si meo pae, ou meo irmão trouxesse um navio xeio de maxados, espelhos, facas, pentes e tezouras para o meo resgate, pois tinha-me aprizionado no territorio dos inimigos, e assim eu era boa preza.

Quando o Francez o ouvio, dice-me : Vede, que eles vos não querem largar. » Entretanto supliquei-lhe em nome do ceo, que me mandasse procurar, e me fizesse embarcar para a França, quando xegasse algum navio. Antes de partir recomendou muito aos selvagens, que me não matassem, prometendo que nossos amigos trariam resgate.

Apenas este Francez partio, Alkindar Miri, um dos meos senhores, dice-me : O que te deo o Francez, teo compatriota ? Por que não te fez prezente de uma faca para me dares ? » Enfadou-se muito contra mim ; pois desde que lhe voltára a saude, tinham começado a maltratar-me, e a dizer que na essencia os Francezes não valiam mais do que os Portuguezes ; o que renovou os meos temores.

CAPITULO XXXVI

Os Indios comeram um prizioneiro, e levam-me a essa festa

No fim de poucos dias, rezolvendo os Indios comer um prizioneiro em Ticquaripe, aldeia situada a 6 milhas dali, tiraram-me da cabana, em que eu estava detido, e conduziram-me em uma canôa com o escravo destinado a ser comido, o qual era de uma nação xamada Maracajá.

Estes Indios costumam, quando se preparam para comer um prizioneiro, fabricar com raizes as bebidas, a que xamam *cauim*, e embriagar-se antes de o matarem. Xegado o momento de embriagarem-se em onra da morte da vitima, perguntei-lhe, si estava pronto para morrer, e respondeo-me, rindo-se, que sim, mas que a *mussurana* * (assim xamam uma córda de algodão da grossura de um dedo, com a qual amarram os prizioneiros) não era bastante comprida, e que faltavam 6 braças, acrecentando que eu ministraria melhor manjar, gracejando como si tivesse de ir para uma festa.

Este infeliz afligia-me ; eu buscava entreter-me, lendo em um livro portuguez, axado pelos Indios a bordo de um navio, de que tinham-se apoderado com auxilio dos Francezes. Dirigi-lhe novamente a palavra ; pois os Maracajás são aliados dos Portuguezes, e dice-lhe : Sou prizioneiro como tu, e não vim aqui para ajudar os selvagens a comer-te, mas porque meo senhor para aqui me trouxe.» Respondeo-me, que bem sabia, que os brancos não comiam carne umana.

Procurei consolal-o, dizendo-lhe que só o seo corpo seria devorado, mas que a sua alma iria para um sitio de delicias, onde axaria as almas dos outros omens. Perguntou-me ele, si isto era verdade, acrecentando que nunca vira Deos. Prometi-lhe, que o veria na outra vida.

Durante a noite levantou-se tão violento furacão, que deteriorou o tecto das cabanas. Os selvagens diceram-me

---

* O autor escreve: *Marckaia*.
* Em outros lugares do tèsto lê-se : *Massarana*.

então encolerizados : *Apo meiren geupauy uitu uasu immon* : E' este máo omem a cauza d'isto, pois todo o dia olhou para o trovão de couro.

Queriam falar do livro, em que eu lera, arguindo-me de ter produzido esta tempestade para embaraçar a sua festa, e salvar este escravo, por ser aliado dos Portuguezes. Pedi ao céo, que tantas vezes me avia prezervado, que ainda por agora me desviasse da colera dos selvagens. Mas serenando o tempo ao romper do dia, acalmaram-se, e começaram a beber.

Eu dice ao escravo : E' Deos quem excita esta grande tempestade, e quer salvar-te.» No dia seguinte o prizioneiro foi devorado. Ver-se-á no fim d'esta obra as ceremonias observadas n'esta ocazião.

CAPITULO XXXVII

O que sucedeo durante o nosso regresso, depois ter sido este escravo devorado.

Quando terminou a festa, embarcamos para regressar á nossa aldeia, e meos senhores trouxeram comsigo parte da carne assada d'esse escravo. Gastamos 3 dias em fazer o caminho, que percorreriamos em um só, por cauza do vento e da xuva.

Na primeira tarde, em quanto construiamos uma xoupana para passarmos a noite, ordenaram-me, que impedisse o máo tempo. Dice então a um rapaz, que roia um osso d'esse escravo, no qual ainda avia alguma carne, que o atirasse fóra. Os selvagens porem opozeram-se a isso, dizendo que era para ele a melhor alimentação.

Quando xegamos a 1 quarto de milha da aldeia, tornou-se impossivel avançar, tão impetuozas eram as vagas ! Puxamos a canôa para terra na esperança de aplacar-se a tempestade, e podermos proseguir na viagem pela manhan seguinte ; entretanto vendo que o mar não amainava, rezolveram ir por terra.

Antes de partir comeram a carne, que tinham trazido, e o rapaz acabou de roer o ôsso, e então o lançou fóra. Alguns instantes depois começou o céo a clarear. Então dice eu: Vede; não querieis crer, que Deos estava irritado por ver este menino comendo carne umana!» Todavia afirmaram ser culpa minha, pois o tempo teria estado bom, si ele comesse, sem que eu désse fé.

Quando xegamos de regresso á aldeia, Alkindar Miri, um dos meos senhores, me dice: Ora bem! vistes cómo tratamos os nossos?» Eu respondi: Não é matal-os, mas comel-os, que eu axo orrivel.» Ele dice então: E' costume nosso; e tratamos os Portuguezes do mesmo modo.

Este Alkindar Miri me detestava, e teria visto com prazer decidir-se a matar-me aquele a quem ele me entregára. Como acima vímos Iperu Uassu lhe déra outr'ora um escravo para matar para poder adquirir nome; e prometera em tróca ceder-lhe o primeiro prizioneiro, que fizesse; o que cumprira entregando-me a ele. Vendo-me poupado, ter-me-ia ele de boa mente matado; mas o irmão o impedia, porque receava cair doente novamente.

Antes de minha partida, Alkindar Miri tinha-me de novo ameaçado matar-me. No regresso foi ele atacado de doença dos olhos, e ficara quazi cégo. Pedio-me então, que rogasse a Deos para restituir-lhe a vista. Prometi com a condição d'ele não maltratar-me mais. Conveio, e felizmente para mim curou-se no fim de poucos dias.

CAPITULO XXXVIII

Como os Portuguezes mandaram segundo navio em minha procura.

Passados já eram 5 mezes, que eu vivia entre os barbaros, quando xegou outro navio da ilha de São-Vicente; pois os Portuguezes tambem comerciam com as tribus inimigas, mas andando aprecatados. Dão-lhes facas e maxados por farinha de mandioca, que esses selvagens têm

com abundancia, e os Portuguezes precizam para alimentar numerozos escravos, que possuem nos engenhos de assucar.

Um ou dois Indios adiantam-se em uma canoa para perto do navio, e aprezentam a veniaga de mais longe possivel; pedem depois as couzas, que querem em troca, e os Portuguezes lhes as entregam. Em quanto isto se passa outros estão em suas canoas a certa distancia; e muitas vezes, quando o mercado está concluido, aproximam-se para atacar os Portuguezes, e atirar-lhes frexas.

O navio, de que acabo de falar, deo um tiro de peça, ao xegar, para advertir os selvagens. Informando-se os Portuguezes, si eu ainda era vivo, responderam que sim. Então pediram para ver-me, dizendo que meo irmão, que tambem era Francez, lhes trazia uma caixa de mercadorias.

A bordo do navio estava um Francez xamado Claudio Miranda; pensei com efeito, que ele ali devia estar, pois estivera a bordo do navio que precedentemente viera, e preveni aos selvagens, dizendo que era meo irmão. Com efeito quando saitaram em terra, anunciaram, que meo irmão ainda viera procurar-me, trazia-me uma caixa de mercadorias, e dezejava vêr-me.

Eu então lhes dice: Levae-me ao navio afim de que eu fale a meo irmão, os Portuguezes não nos compreenderáõ, e eu pedirei para dizer a meo pae, que venha buscar-me, e vos traga um navio com mercadorias. Consentiram; mas receiaram, que os Portuguezes nos compreendessem, pois preparavam-se para uma grande expedição projetada para ter começo no mez de Agosto, atacando o forte de Birikioca, onde eu fôra aprizionado.

Sabiam, que eu conhecia todos os seos planos, e temiam, que eu falasse d'isso. Assegurei-lhes que os Portuguezes não compreenderiam a lingua em que falasse com meo irmão. Conduziram-me pois até a distancia de um tiro de pedra do navio, e bradei para os que ali estavam: Deos seja comvosco, meos irmãos; um só de vós fale comigo, e fazei os Indios crer, que sou Francez.

Então um tal João Sanxes, Biscainho, bem meo conhecido, dice-me: Meo caro irmão, por vossa cauza viemos com este navio. Ignoravamos, si eras morto ou vivo, pois o primeiro navio não pôde obter noticias vossas; e o capitão Braz Cubas, * de Santos, mandou-nos informar-nos, si ainda vivieis, e resgatar-vos, si os Indios consentirem; no cazo contrario apreender alguns d'eles para permutar comvoscò.

Respondi: Deos vos recompense na eternidade; pois grandissimo é o perigo, e ignoro ainda o que os Indios farão de mim. Eles já me teriam matado, si a Providencia me não preservára. Não procureis resgatar-me, porque os selvagens não consentirão, e fazei-os crer, que sou Francez; mas dae-me pelo amor de Deos algumas facas e anzóes.» Eles assim o fizeram, e uma canoa avançou para receber os objétos.

Vendo que os selvagens não deixariam durar muito a conversação, dice logo aos Portuguezes: Acautelae-vos pois querem atacar Birikioca.» Eles responderam-me, que por seo lado os Indios, seos aliados, preparavam-se tambem para a guerra e contavam surpreender a aldeia onde eu estava. Exortaram-me a ter coragem e esperar em Deos, pois nada podiam fazer por mim. Repliquei: Querendo Deos punir os meos pecados, melhor é que seja n'esta vida do que na outra, e rogo-lhe para terminar as minhas mizerias.

Dezejára falar por mais tempo com eles; porém os selvagens não consentiram, e me reconduziram para a aldeia. Distribui então por eles as facas e os anzóes, dizendo-lhes: Eis o que meo irmão, o Francez, me deo.

Quizeram então saber o que meo irmão e eu tinhamos dito. Respondi, que tinha-o exortado a deixar os Portuguezes, para ir ao nosso paiz, voltar com um barco de mercadorias e recompensal-os, porque eram bons, e tratavam-me bem; o que pareceo assás agradar-lhes. Começaram a dizer entre si: Certamente é Francez; tratemol-o melhor para o futuro.

---

* O autor escreve: *Brascupas.*

Tinha eu o cuidado de repetir muitas vezes, que brevemente viria um navio para me resgatar. Desde então levaram-me comsigo para os bosques para os ajudar em seos trabalhos.

CAPITULO XXXIX

Como um escravo d'estes Indios caluniava-me sempre, e dezejaria ver me comerem, e como foi morto e comido em minha prezença.

Entre os escravos avia um da nação Carijós, que tambem é inimiga dos Tupinambas, e aliada dos Portuguezes; fôra escravo d'estes ultimos e fugira. Ora os selvagens não costumam matar os que assim escapam, salvo si cometem algum crime; os tratam como escravos e servem-se d'eles.

Avia 3 annos que este Indio Carijó estava com os Tupinambas, e contou-lhes, que me vira acompanhar os Portuguezes na guerra, e atirar sobre os Tupinambas. Acrecentou ter sido eu quem matára um dos seos regulos, que perecera em um combate alguns annos antes, e incitou-os instantemente a matarem-me, afirmando ser eu o seo maior inimigo; e entretanto tudo era mentira, pois ele estava n'essa aldeia avia mais de 3 annos, e apenas fazia um anno, que eu xegára a São-Vicente, quando me salvára do naufragio. Orei incessantemente ao céo para proteger-me contra as suas calunias.

Em 1554, quazi 6 mezes depois de ter eu sido aprizionado, este Carijó cahio doente, e seo senhor veio pedir-me para restituir-lhe a saude, afim de o poder mandar á caça para trazer-nos viveres, prometendo dar-me parte d'eles; e acrecentou, que si eu pensasse, que ele não sararia, o daria a um dos seos amigos para o matar e por este meio adquirir fama.

Faziam uns 12 dias, que ele estava infermo, quando, pensando alivial-o, tentei sangral-o com o

CAPITULO XL

Xegada de um navio francez, que comprou aos selvagens algodão e páo-brazil, e a bordo do qual de boa vontade me embarcaria, si a ocazião o permitisse.

Oito dias, antes da epoca por eles fixada para a sua expedição, um navio francez entrou na bahia, que os Portuguezes xamam Rio de Janeiro, e os Indios Iterrone. * E' lá que os Francezes costumam carregar páo-brazil. Vieram com uma embarcação á aldeia, onde eu estava, e compraram aos Indios pimenta, macacos, e papagaios.

Um d'eles xamado Tiago, o qual falava a linguagem dos indigenas, vindo á terra, vio-me e pedio permissão para levar-me. O meo senhor recuzou, dizendo que queria muita mercadoria por meo resgate. Busquei persuadil-os a levarem-me para o navio, prometendo que se lhes daria a mercadoria preciza; mas responderam-me: Não, não são teos amigos verdadeiros, pois do contrario os que estavam no batel te dariam uma camiza para não andares nú; e tu vês, que não se importam comtigo (o que aliás era verdade). E' precizo, que primeiramente vamos á guerra; o navio não partirá tão cedo; no regresso te levaremos a bordo.

Vendo que a xalupa preparava-se para partir, dizia comigo: Grande Deos! si este navio partir sem levar-me, estes selvagens por fim me matarão, pois n'eles ninguem pode fiar-se. » Sahi da aldeia, e me dirigi para o lado do mar; eles o perceberam logo, e perseguiram-me; mas eu derribei o primeiro, que de mim se aproximou.

Tinha eu toda a aldeia no meo encalço; todavia consegui alcançar o mar e xegar até o batel. Quando quiz entrar n'ele, os marinheiros me repeliram, dizendo que, si me levassem contra a vontade dos selvagens, estes se levantariam contra eles, e se tornariam seos inimigos. Fui pois obrigado a voltar para terra, e vi, que Deos ainda não queria findar meos males.

---

* Nicteroi. O autor no cap. 35 escreveo: *Iterroenne.*

Entretanto si eu não tivesse tentado evadir-me, pensaria mais tarde, que sofria por minha cauza. Quando os Indios viram-me dirigir-me de novo para terra, clamaram com ares de alegria : Eil-o que volta.» Eu então dice-lhes irritado: Julgaveis pois, que eu queria fugir ? Não. Fui procurar os meos compatriotas para prepararem muita mercadoria afim de me levardes a eles, quando a guerra estiver acabada.» Isto os satisfez e aplacou.

CAPITULO XLI

Os Indios saem á campanha, e levam-me comsigo ; o que aconteceo durante a marxa

depois de 4 dias as canôas, que deviam compor a expedição, começaram a reunir-se na aldeia, onde eu estava. O principal rei, Konian Bebe, xegou tambem com as suas. O meo senhor annunciou-me, que pretendia levar-me. Pedi-lhe, que me deixasse na aldeia ; no que ele consentia, mas Konian Bebe ordenou-lhe, que me levasse.

Mostrei partir com pezar, pois do contrario receariam, que eu procurasse evadir-me logo que estivessemos em territorio inimigo, e eles ter-me-iam guardado com mais cuidado ; si eles me tivessem deixado na aldeia, eu teria ido a bordo do navio francez. Partimos pois com 38 canôas, contendo cada uma 28 pessoas. As profecias dos seos deozes, seos sonhos, e outras parvoices, em que acreditam, lhes prometiam optimo rezultado.

O plano era dezembarcar perto de Birikioca, do lado em que me aviam feito prizioneiro, ocultar-se nos bosques, e apoderar-se de todos quantos caissem em suas mãos. Foi a 14 de Agosto de 1554, que partimos. N'esta epoca do anno, como acima já dice, certa especie de peixe, que os Portuguezes xamam *doinges*, os Espanhoes *lizas*, e os selvagens *brati*, * deixa a agua salgada para ir dezovar

* Este peixe deve ser o cabóz (*chabot*).

n'agua dôce. Os selvagens xamam esta epoca do anno *pirakaen*, e a escolhem ordinariamente para as suas expedições, por que então esses peixes lhes servem de alimento.

Indo, avançam lentamente ; mas no regresso andam com a maxima rapidez. Esperava eu, que os Indios, aliados dos Portuguezes, estariam tambem em marxa ; pois, como tinha-me dito a equipagem do navio, intentavam fazer uma excursão na mesma epoca.

Perguntavam-me muitas vezes durante o caminho, si eu pensava, que eles fariam prizioneiros ; e para os não irritar, dizia-lhes, que sim. Predice-lhes tambem, que encontrariamos o inimigo. Em uma noite, quando estavamos acampados no lugar xamado Ubatuba, apanhamos muitos d'esses peixes *brati*, os quaes são do tamanho dos salmões.

O vento era fortissimo ; e conversando com os selvagens sucedeo-me dizer, que este vento soprava sobre muitos defuntos. Imaginaram logo, que uma alcatéa da sua nação, que subira um rio xamado Parahiba, jà tinha atacado o inimigo, e avia perdido alguns dos seos ; o que depois vio-se ser verdade.

Quando xegaram a um dia de distancia do sitio, onde contavam dezembarcar, ocultaram-se nos bosques perto de uma ilha, a que xamam Meienbipe, e os Portuguezes dão o nome de São-Sebastião. Apenas cahio a noite, seo xefe Konian Bebe percorreo o acampamento e arengou, dizendo : Queagora, que axavam-se perto do paiz inimigo, cumpria, que cada um tivesse cuidado de recordar os sonhos, que tivesse.

Para mostrar que tinham boas esperanças, dansaram em roda de um idolo até óra muito avançada. Meo senhor, deitando-se, recommendou-me tambem, que prestasse atenção aos meos sonhos. Respondi-lhe, que não acreditava n'isso, e que os sonhos eram mentiras. Então dice-me ele : Procura ao menos obter do teo Deos, que façamos prizioneiros.

Ao romper do dia reuniram-se os xefes em torno de um grande prato de peixe cozido, e comendo, cada um contava os seos sonhos. Dansaram com os seos idolos ; emfim decidiram dar n'aquele mesmo dia um dezembarque

no territorio inimigo em um lugar xamado Boiassu,* onde queriam esperar a noite.

Partindo do lugar onde passáramos a noite, perguntaram-me de novo o que iria suceder. Dice por acazo: Quando nos aproximarmos de Boiuassú, encontraremos o inimigo. A minha intenção porém era evadir-me, logo que dezembarcassemos, pois esse lugar distava apenas 6 milhas do lugar, onde me aviam aprizionado.

Com efeito quando nos aproximamos de terra, vimos canôas, que vinham ao nosso encontro. Então bradaram: Eis os nossos inimigos, os Tupinikins. » E procuraram esconder-se por detraz de um roxedo para os surpreender na passagem; mas estes os avistaram e forçaram remos para tornar a ganhar o seo paiz. Os nossos apressaram-se em dar caça, e os alcançaram no fim de 4 óras.

As canoas eram em numero de 5; eu conhecia quazi todos os que as tripolavam. Entre eles estavam 6 mamelucos cristãos, dois dos quaes, xamados Diogo de Praga e Domingos de Praga, eram irmãos. Defenderam-se valentemente, um com uma espingarda, outro com arco; e com uma só embarcação rezistiram a 34 canoas, que os atacaram; entretanto quando se esgotaram as suas munições, os Tupinikins cahiram sobre eles e mataram alguns.

Os 2 irmãos escaparam sãos e salvos; mas 2 mamelucos ficaram gravemente feridos, assim como grande numero de Tupinikins e uma mulher.

CAPITULO XLII

Como os prizioneiros foram tratados durante a viagem

Estavamos a quazi 2 milhas da praia, quando esta refrega sucedeo; os nossos apressadamente voltaram para o sitio, onde tinham passado a noite. O sol estava posto, quando ali xegamos; cada um conduzio os seos

* O autor escreve: *Boywassu.*

prizioneiros para as suas cabanas. Quanto aos feridos, os mataram em terra com pancadas, os esquartejaram, e assaram a carne.

Entre os que foram comidos n'essa noite axavam-se 2 mamelucos, que eram cristãos; um era filho de um capitão portuguez xamado Jorge Ferreira, e de uma mulher selvagem; o segundo xamava-se Jeronimo. Fôra aprizionado por um selvagem, que morava na mesma cabana que eu, e xamava-se Paraguá; passou a noite assando-o, bem junto a mim. Este Jeronimo (Deos tenha sua alma), era parente de Diogo de Praga.

N'essa mesma noite apressei-me em ir á xoupana, onde estavam os 2 irmãos, pois tinham sido meos amigos em Birikioca, antes do meo aprizionamento. Perguntaram-me, si seriam comidos; nada lhes pude responder, sinão que isso dependia da vontade Deos e de Nosso Senhor Jezus Cristo; e que, como eles me aviam protegido até aqui, tambem eles podiam esperar obter igual favor por suas preces.

Perguntaram-me o que era feito de seo primo Jeronimo. Respondi, que os Indios preparavam-se para assal-o, e que eu já tinha visto comerem o joven Jorge Ferreira. Pozeram-se então a xorar; e eu procurei consolal-os, mostrando que avia já 8 mezes, como eles bem sabiam, que eu fôra aprizionado, e entretanto ainda vivia; que Deos faria a mesma couza com eles; e que eles deviam assustar-se muito menos do que eu, que, nacido em paiz longinquo, não estava abituado aos costumes barbaros, ao passo que eles eram nacidos n'este paiz e ahi tinham passado a vida. Eles porém responderam-me, que eu já não atendia ao sofrimento, por que já com padecimentos me abituára.

Emquanto eu buscava consolal-os, aproximou-se de mim um selvagem, e mandou-me entrar para a minha cabana, perguntando o que tanto tinha eu a dizer a esses infelizes. Deixando-os, os exortei ainda a submeterem-se á divina vontade; responderam-me, que como cumpria uma vez morrer, de boamente a isso se submeteriam, e o que os consolava era terem-me comsigo.

Sahi então, e comecei a percorrer o acampamento

para ver os prizioneiros ; ninguem punha atenção em mim. Ser-me-ia facil a evazão, pois apenas distavamos 10 milhas de Birikióca ; mas o não fiz por cauza dos prizioneiros, quatro dos quaes ainda estavam vivos : eu pensava com efeito, que encolerizados os selvagens os matariam.

Tomei pois a rezolução de repouzar na Providencia, ficar com eles para os consolar. Os selvagens tratavam-me muito bem, por que eu lhes predicera por acazo, que encontrariam o inimigo ; e diziam, que eu era melhor profeta do que o seo Tamaraka.

CAPITULO XLIII

Como os selvagens dansaram ao redor dos inimigos no sitio, onde acampamos no dia seguinte

No seguinte dia os selvagens xegaram a uma grande montanha xamada Ocarussu, a qual não fica mui distante da sua aldeia ; rezolveram passar a noite ahi.

Fui á cabana de Konian Bebe, xefe principal, perguntar o que pretendia fazer dos mamelucos. Respondeo-me, que seriam comidos, e prohibio falar-lhes, acrecentando que eles deviam ficar no seo paiz e não reunir-se aos inimigos para fazer-lhe guerra. Supliquei, que lhes concedesse a vida, mediante resgate ; mas ele persistio no seo dezignio.

Tinha ele diante de si um grande paneiro xeio de carne umana, e ocupava-se em roer um osso. Xegou-me o ôsso á bôca, perguntando-me si queria comer d'ele. Então dice-lhe : Somente um animal selvagem devora outro ; como pois eu comeria carne umana ? « Depois ele mordeo o ôsso, dizendo : *Jauare xe* : Sou um tigre, e axo bom. » Então eu o deixei.

Pela tarde mandou cada um trazer os seos prizioneiros para um espaço vazio entre o mar e a floresta. Ahi reuniram-se os selvagens, formando um grande circulo, no

meio do qual os colocaram, e os obrigaram a cantar, e fazer barulho em onra dos Tamarakas. Quando os prizioneiros cantaram, começaram a dizer com suma coragem: Sim, nós nos pozemos em marxa como bravos para tomar os nossos inimigos e comel-os. Vós nos vencestes e aprizionastes ; mas que importa ? Os omens valentes devem morrer em paiz inimigo. Nosso paiz é grande, e nossos amigos saberão vingar-nos.» Os outros responderam : Sim, matastes muitos dos nossos, e vamos vingal-os.» Acabados estes discursos, cada um levou os seos prizioneiros para as suas cabanas.

No fim do terceiro dia xegamos ao seo paiz ; cada povoação conduzio os seos prizioneiros para a sua aldeia. Os de Uvatibi, onde eu estava, tinham por sua parte 8 Indios e 3 mamelucos, que eram cristãos, a saber : Diogo, seo irmão, e um terceiro xamado Antonio, o qual fora aprizionado pelo filho do meo senhor ; traziam alem d'isso os membros dos outros dois mamelucos para os comer. Estivemos auzentes por tudo 11 dias.

CAPITULO XLIV

Como o navio francez, á bordo do qual tinham prometido levar-me no regresso da guerra, estava ainda em Ubatuba

Quando regressamos, pedi, que me levassem para bordo do navio francez, como me aviam prometido ; pois tinha eu estado na guerra com eles, e os ajudára a capturar seos inimigos, os quaes convinham, que eu não era Portuguez.

Prometeram fazel-o ; mas quizeram primeiramente descansar, e comer o *moken*, * isto é, a carne assada dos cristãos.

* Ver-se-á adiante, que esta palavra significa carne curada ao fumo. O autor escreve *mokaen* e tambem *mackaein*.

CAPITULO XLV

Como os selvagens comeram o corpo de Jorge Ferreira, um dos cristãos, e filho do governador.

O xefe da cabana fronteira á minha, xamado Tatamiri, estava de posse do corpo, e mandou preparar a bebida costumada. Reuniram-se em caza d'ele para beber, cantar e folgar, e no dia seguinte, depois de beberem, assaram essa carne e a comeram.

Mas os membros de Jeronimo ficaram em paneiro suspenso no fumeiro por perto de 3 semanas, de sorte que estavam secos como madeira, pois o selvagem, a quem eles pertenciam, xamado Paraguá, tinha ido a outra aldeia buscar raizes, que lhes servem para preparar a bebida, que devia servir na comezaina.

Bem lamentava eu esta perda de tempo, pois não queriam os selvagens levar-me a bordo sinão depois d'essa festa, e o navio francez fez-se de véla antes, sem que eu fosse prevenido, pois estava perto de 8 milhas dali. Esta noticia acabrunhou-me de aflição; mas os selvagens consolaram-me dizendo que vinham navios quazi todos os annos.

CAPITULO XLVI

Como Deos fez um milagre

Tinha eu feito uma cruz de madeira, e levantando-a em frente da minha cabana, ia ali orar frequentemente. Tinha prevenido os selvagens para não derribal-a, sob pena de lhes acontecer algum dezastre; desprezaram minhas advertencias.

Um dia, em que estava com eles na pesca, uma mulher a arrancou, e a deo ao marido para polir conxas, das quaes os selvagens fazem colares; o que cauzou-me grande

magoa. Começou logo depois a xover, durando isto por muitos dias.

Vieram então os selvagens pedir-me para obter do meo Deos, que cessasse a xuva, dizendo que sem isso se perderiam as colheitas, pois era epoca da sementeira. Respondi-lhes, que eles tinham irritado ao meo Deos, arrancando a cruz, junto á qual eu costumava fazer minhas orações. Crendo pois ser isso a causa da xuva , o filho do meo senhor apressou-se em ajudar-me a fabricar outra. Era então quazi meio dia.

Apenas foi colocada a cruz, clareou o tempo, embora tivesse antes soprado violenta tempestade ; o que muito os admirou ; e eles clamaram, que o meo Deos fazia tudo quanto eu queria.

CAPITULO XLVII

Como em um dia, em que eu estava na pesca com os selvagens, Deos por minha intercessão fez um grande milagre por ocazião de uma tempestade.

Em uma tarde, em que eu estava na pesca com a Praguá, um dos magnatas da aldeia, o mesmo que assára o pobre Jeronimo, e com mais outro Indio, formou-se não longe de nós uma tempestade e aproximou-se com rapidez.

Diceram-me ambos então, que eu pedisse ao meo Deos para afastar a xuva, a qual impediria a nossa pescaria, pois eu bem sabia, que na cabana não avía mantimentos. Estas palavras comoveram-me, e comecei a orar a Deos, que por tantas vezes me tinha acumulado de favores, para que lhes concedesse o que pediam, afim de verem que ele me protegia ; o que com efeito sucedeo, pois embora a xuva caisse a 6 passos dali, não xegou até nós. Paraguá dice-me então : Bem se vê, que tu falaste com o teo Deos.

Apanhamos ainda alguns peixes, e voltamos para a aldeia, onde os 2 Indios contaram aos outros o sucesso ; isto os enxeo d'admiração.

CAPITULO XLVIII

Como os Indios comeram o segundo cristão que tinham morto.

Apenas Paraguá reunio quanto precizava, mandou preparar a bebida que devia servir para comer-se o corpo de Jeronimo, e congregou os selvagens. Quando estes ficaram embriagados, mandaram vir os 2 irmãos, de que falei, assim como um tal Antonio, que fôra prezo pelo filho do meo senhor, e obrigaram-nos a beber com eles.

Antes porém de beber tivemos o cuidado de dirigir nossa prece a Deos, suplicando-lhe piedade para a alma do finado, assim como para a nossa, quando xegasse a nossa vez. Os selvagens riam-se e folgavam; mas nós sofriamos muito. A festa recomeçou no dia seguinte até que tudo foi devorado.

No mesmo dia conduziram-me para darem-me em oferenda. Quando me despedi dos 2 irmãos, pediram-me, que rogasse a Deos por eles. Ensinei-lhes o caminho, que deviam seguir para atravessar as montanhas, sem deixarem pégadas, si conseguissem escapar. Sube depois, que axaram meio de aproveitar o conselho e fugir; mas ainda oje ignoro, si foram capturados.

CAPITULO XLIX

Do sitio para onde os selvagens me levaram para fazerem oferta de mim.

Pozemos-nos pois a caminho para Taquarasutiba, lugar onde queriam entregar-me. Depois de andar por algum tempo, voltei-me para traz, e vi uma nuvem negra, que estendia-se sobre a aldeia. Mostrei-a dizendo que o meo Deos estava irritado contra eles, porque tinham comido cristãos.

Quando xegamos a essa aldeia, ofereceram-me como dadiva a um xefe xamado Abati Bonange, dizendo-lhe

que me não fizesse mal, nem consentisse que me fizessem, dano algum porque o meo Deos punia cruelmente aqueles que me maltratavam ; o que tinham tido ocazião de experimentar no tempo, que eu passára entre eles.

Dice-lhe por minha parte, que meo irmão e meos amigos deviam vir com o navio xeio de mercadorias, que eu daria aos que me tratassem bem, e que o meo Deos me prometera, que brevemente xegaria o navio. Isto agradou-lhes muito. O rei xamou-me seo filho, e mandou-me para a caça com os seos caçadores.

CAPITULO L

Como os Indios d'essa aldeia me contaram, que o navio, de que acima falei, partira para a França

Contaram-me os selvagens, que o navio francez, de que acima falei, e que xamava-se Maria Bellete, de Diépe, partira depois de ter completado o seo carregamento de páo brazil, pimenta, algodão, plumas, macacos, papagaios, etc.; que no porto do Rio de Janeiro os Francezes tomáram um navio aos Portuguezes ; que o capitão entregára um dos tripolantes a um xefe por nome Itauna, que o devorára ; e que o Francez, que, como ja contei, dicera aos selvagens, que podiam comer-me, embarcára para regressar ao seo paiz.

Este navio pereceo na viagem ; e quando eu xeguei á França, ninguem sabia o que era feito d'ele, como mais abaixo se verá.

CAPITULO LI

Como algum tempo depois de eu estar n'uma aldeia, veio outro navio francez denominado Catarina de Vateville, o qual me resgatou ; e como isto aconteceo

Quazi 15 dias avia, que eu estava n'esta aldeia de Taquarasutiba, em poder do rei Abati Bossange, quando alguns selvagens vieram annunciar-me, que tinham

ouvido tiros de peça, e que certamente estaria algum navio em Iterrone, que tambem xama-se Rio de Janeiro. Pedi para levarem-me ali, e dice, que talvez ali estivesse meo irmão. Consentiram n'isso; todavia guardaram-me ainda por alguns dias.

Entretanto sabendo o capitão francez que eu estava na aldeia, mandou 2 dos seos marujos acompanhados por alguns xefes, com quem desde muito tinha-se aliado. Entraram na cabana de um xefe xamado Sovarasu, junto ao qual eu me axava. Os selvagens vieram logo anunciar-me a xegada d'essas pessoas. Alegre corri ao encontro d'elas e as saudei no idioma dos selvagens. Quando viram-me em tal desgraça, tiveram compaixão de mim, e cobriram-me com os seos vestidos.

Perguntei-lhes, por que tinham vindo; responderam, que por minha cauza, e que traziam recomendação, de empregarem todos os meios possiveis para conduzir-me para bordo.

Esta noticia enxeo de alegria o meo coração; e eu dice a um d'eles, que xamava-se Perot, e falava o idioma dos selvagens, que se inculcasse como meo irmão, e dicesse a estes, que trazia caixas de mercadorias, que se lhes daria, si me levassem para bordo; mas ele buscou persuadir-me a ficar ainda entre os selvagens para ajuntar pimenta e outras mercadorias até o regresso do navio, que voltaria no anno seguinte.

Consentiram os selvagens em irem deixar me a bordo; o meo senhor para ali me acompanhou pessoalmente. A gente do navio manifestou-me muita compaixão, e cumulou-me de obzequios. Depois de estar um ou dois dias a bordo, Abati Bossange perguntou-me onde estavam as caixas de mercadorias, afim d'ele voltar.

Comuniquei esta pergunta ao capitão do navio, o qual dice-me, que o entretivesse a bordo até aprontar-se o carregamento do mesmo navio, pois receava irrital-o, conservando-me a bordo, e que machinasse alguma traição; com efeito é uma nação, na qual ninguem se póde fiar.

O meo senhor estava firmemente decidido a levar-me comsigo. Consegui detel-o, dizendo-lhe que não tinhamos pressa, e ele bem sabia, que, quando bons amigos

estavam juntos, não podiam separar-se tão apressados, e que, quando estivesse prestes a partir, voltariamos juntos para a sua aldeia.

Estando o navio a ponto de dar á vela, reuniram-se todos os Francezes a bordo, onde eu estava com o meo senhor. O capitão por via de interprete dice-lhe, que muito o louvava por ter-me poupado, embora me tivesse tomado entre os seos inimigos, e acrecentou, para ter pretesto de me não deixar partir, que pretendia dar-me algumas mercadorias para ficar ainda por um anno entre os selvagens, ajuntando pimenta e outros generos, por que eu os conhecia.

Então um ou dois marinheiros, que deviam reprezentar de meos irmãos, escolhidos para isso por se parecerem comigo, começaram a opôr-se e a dizer, que queriam, que eu partisse com eles. O capitão fingio querer persuadil-os; mas eles persistiram em querer levar-me, dizendo que nosso velho pae dezejava ver-me antes de morrer.

O capitão, por intermedio do interprete, dice então ao regulo, que ele era na verdade xefe do navio, e queria mandar-me para terra; porém como meos irmãos se opunham, ele não podia forçar-me, pois era um só contra todos. Toda esta sena passava-se, porque dezejavam separar-se amigavelmente dos selvagens. Dice eu tambem ao meo senhor, que o meo maior dezejo era voltar com ele, mas que ele bem via, que meos irmãos não queriam deixar-me partir.

Começou ele então a xorar, dizendo que como eu não queria partir, lhe prometesse voltar no primeiro navio; pois ele guardára-me como seo filho, e muito se irritara contra os de Ubatuba, que quizeram comer-me. Uma das mulheres, que ele trouxera comsigo a bordo, veio xorar sobre mim, conforme o seo costume, e eu xorei tambem a ao seo modo. O capitão deo-lhe depois talvez 5 ducados de mercadorias em facas, maxados, espelhos, e pentes com os quaes voltou á sua aldeia.

Foi assim, que o Senhor onipotente, o Deos d'Abrão, d'Izaac, e de Jacob, tirou-me das mãos d'estes barbaros. Seja ele louvado e bemdito, assim como Jezus Cristo seo filho, nosso salvador. Amen.

CAPITULO LII

Como xamava-se o capitão do navio ; donde vinha ; o que nos aconteceo ainda antes de deixar o porto ; nosso regresso á França

O capitão d'este navio xamava-se Guilherme de Moner, o piloto francez Francisco de Schantz, e o navio Catarina de Vateville.

Preparavamos-nos para partir, quando em uma manhan, em que estavamos n'este porto xamado Rio de Janeiro, vimos xegar um navio tripolado por Portuguezes, que vinham comerciar com os Maracajás, seos amigos, cujo territorio entesta com o dos Tupinikins, que são aliados dos Francezes. Estas 2 nações são inimigas.

Era o mesmo barco, que, como acima já dice, veio para resgatar-me dos selvagens. Pertencia a um negociante xamado Pedro Rosel. Os Francezes armaram uma embarcação, e dirigiram-se por seo lado para apoderar-se do navio. Levaram-me para servir de interprete ; mas repeliram-nos bravamente. Tivemos varios omens mortos ou feridos, e eu fui do numero d'estes.

Invoquei o Senhor, pois considerava-me morto. Supliquei-lhe, que me conservasse a vida, e me deixasse voltar a um paiz de cristãos, ele que já me tinha preservado de tantos perigos ; mas felizmente curei-me d'essa ferida. Deos seja louvado por toda a eternidade !

No anno de 1554, no ultimo dia de Outubro, demos á véla do porto do Rio de Janeiro para regressar á França ; e tivemos tão bom vento que os marinheiros afirmavam, que o céo vizivelmente protegia a nossa viagem. Deos porém ainda fez outro milagre em nosso favor.

Na vespera de Natal vimos em torno do navio nadar uma especie de peixe, a que xamam golfinhos ; e apanhamos tamanha quantidade d'eles, que os tivemos em abundancia por muitos dias. Deos fez-nos igual mercê no dia de Reis, pois quazi nada tinhamos para comer sinão o que ele assim nos concedia.

Em fim a 22 de Fevereiro de 1555 xegamos ao reino de França em uma pequena cidade xamada Onfleur, na Normandia, depois de estarmos 4 mezes sem ver o mar. Ajudei-os a descarregar o navio; e quando acabamos, agradeci todo o bem que me aviam feito.

O capitão dezejava, que eu fizesse ainda uma viagem com ele; mas vendo que eu a isso não anuia, obteve-me passaporte do senhor almirante, governador da Normandia. Este, que já tinha ouvido falar de mim, xamou-me, e expedio-me o passaporte. O comandante deo-me algum dinheiro para o caminho. Fui de Onfleur para Abelnoef (Havre Neuf), e dali a Depen (Diépe.)

CAPITULO LIII

Como me conduziram em Diépe á caza do capitão da Bellete, que tinha deixado o Brazil antes de nós, e ainda não era xegado

Ao porto de Diépe pertencia o navio Maria Bellete, a bordo do qual se embarcára, para voltar á França, o interprete, que dicera aos selvagens, que me comessem. A equipagem recuzára receber-me na xalupa, quando eu me evadira, e o capitão déra aos Indios um Portuguez para ser comido, depois de ter capturado um navio d'essa nação.

Este navio não tinha ainda xegado, embora devesse, conforme os calculos do capitão da Catarina de Vateville, preceder-nos 3 mezes. As mulheres e parentes da gente da equipagem vieram perguntar-me, si eu não ouvira falar dos passageiros do navio. Sim, eu os vi, e são uns mizeraveis.

Contei então como aquele que me vira no paiz dos selvagens lhes dicera, que me comessem; que tinham vindo com sua embarcação para comprar aos naturaes macacos e pimenta; e que me tinham repelido, quando eu a nado xegára ao barco. Emfim (acrecentei) entregaram um infeliz Portuguez para ser comido; mas bem vejo, que Deos não quizera sinão o meo livramento, pois que xeguei antes d'eles.

Pouco me inquieto com a sorte d'eles; mas vos prometo, que Deos lhes não perdoará a crueza e barbaridade,

com que a meo respeito se portaram, e os punirá oje ou amanhan ; pois reconheço, que o Senhor teve piedade das minhas lagrimas, e recompensou aqueles que me resgataram das mãos dos selvagens.

E isto é certo, pois dera-nos bom tempo, bom vento, e peixes do mar. Ficaram então muito aflitos, perguntando-me si julgava ainda vivos seos parentes. Não quiz desconsolal-os, e dice-lhes, que talvez ainda aparecessem, embora estivesse eu persuadido, como todo o mundo, que o navio tinha perecido. Deixei-os, recommendando que lhes dicessem, si por ventura aparecessem, que Deos viera em meo socorro, e que eu passára por Diépe.

Dali fui a Londres, na Inglaterra, onde passei alguns dias, depois a Zelandia ; da Zelandia a Antorf (Antuerpia). Foi assim que Deos, através de mil perigos, trouxe-me ao meo paiz. Amen.

Minha suplica a Deos onipotente

Emquanto estive em poder dos selvagens, que me queriam comer

Deos onipotente, que creaste o Céo e a Terra, Deos d'Abrão, de Izaac, e de Jacob, que tiraste o povo de Israel das mãos dos seos inimigos, fazendo-o atravessar o Mar-Vermelho, e que preservaste Daniel no meio dos leões, eu te suplico, Senhor, em nome de Jezus Cristo, teo filho, que nos libertou do cativeiro eterno, que me tires das mãos d'estes selvagens, que não te conhecem. Mas si é tua vontade, que eu pereça nas mãos d'estes barbaros, que zombam de ti, e dizem, que não tens poder de livrar-me, dá-me, quando eles executarem a sua vontade, forças para não duvidar, na minha óra derradeira, da tua mizericordia. Si tanto devo sofrer n'este mundo, concede-me descanso no outro, e salva-me do inferno, que meos paes tanto temeram. Mas, Senhor, tu pódes livrar-me ; e eu te o suplico, livra-me. Quando assim o tenhas feito, não o atribuirei ao acazo; reconhecerei ser tua mão, que veio em meo auxilio, quando o poder dos omens é insuficiente ; e eu repetirei os teos louvores e os teos beneficios entre todas as nações. Amen.

FIM

Relação veridica e sucinta

DOS

UZOS E COSTUMES DOS TUPINAMBÁS

entre os quaes estive prizioneiro

E CUJO PAIZ ESTÁ SITUADO A 24 GRÁOS DA LINHA EQUINOCIAL, PERTO DE UM RIO DENOMINADO RIO DE JANEIRO

CAPITULO I

Da navegação desde Lisboa até o Rio de Janeiro, situado aos 24 gráos além do equador, e quazi debaixo do tropico de Capricornio.

Lisboa é uma cidade de Portugal, situada a quazi 39 gráos ao norte da linha equinocial.

Quando alguem quer ir d'esta cidade para a provincia do Rio de Janeiro, na terra do Brazil, dirige-se primeiro para as Canarias, ilhas pertencentes ao rei d'Espanha, em numero de 6, cujos nomes são: Gran-Canaria, Lancerote, Forteventura, Ilha do Ferro, Palma e Tenerife.

Dali se vae ás ilhas de Cabo-Verde; este cabo está situado no paiz dos Mouros, a que xamam tambem Gene (Guiné). Estas ilhas estão situadas debaixo do tropico de Cancer, e pertencem ao rei de Portugal.

Navega-se dahi ao susudoeste para alcançar o Brazil, atravessando tão extenso mar, que algumas vezes passam-se 3 mezes e mais sem se vêr terra; passa-se primeiro o tropico de Cancer, e depois a linha equinocial. Então perde-se de vista a estrêla do norte, tambem xamada do pólo artico; depois xega-se a altura do tropico de Capricornio; navega-se sob o sol; e quando se atravessa este segundo tropico, o sol aparece ao norte; o calor é intenso.

Parte do Brazil está situada entre os tropicos.

CAPITULO II

Do paiz d'America ou do Brazil, cuja parte visitei

A America é um grande paiz abitado por muitas nações selvagens, cujos idiomas não têem entre si similhança alguma. Tem muitos animaes raros e curiosissimos. As arvores são sempre verdes, e nenhuma se assimilha ás d'este paiz de cá.

Os abitantes andam nus; pois na parte do paiz jacente entre os tropicos nunca faz tanto frio como cá por São Miguel; entretanto a que se extende além do tropico de Capricornio é um pouco mais fria.

Esta região é abitada por uma nação xamada Carijós, que cobre-se de peles de animaes silvestres, que os Indios sabem optimamente preparar. As mulheres fabricam com fio de algodão especies de sacos abertos pelas 2 extremidades, os quaes lhes servem de vestimenta e na sua linguagem os denominam *tipoia*.

A terra produz muitas frutas e legumes para alimento dos omens e dos animaes. O calor do sol dá aos abitantes côr morena. E' povo astuciozo e máo, que maltrata os seos inimigos e os come.

A terra d'America tem muitas centenas de milhas do norte ao sul. Eu a costeei por mais de 500 milhas, e dezembarquei em varios lugares.

CAPITULO III

Das grandes montanhas d'este paiz

Existe n'este paiz uma grande serrania, que levanta-se a quazi 3 milhas do mar, e até mais perto em alguns lugares. Começa perto de uma aldeia, que os Portuguezes edificaram e que denominam Bahia de Todos os Santos e extende-se costeando o mar por 209 milhas ou até ao 29°. ao sul da linha equinocial.

Relação veridica e sucinta

DOS

UZOS E COSTUMES DOS TUPINAMBÁS

entre os quaes estive prizioneiro

E CUJO PAIZ ESTÁ SITUADO A 24 GRÁOS DA LINHA EQUINOCIAL, PERTO DE UM RIO DENOMINADO RIO DE JANEIRO

CAPITULO I

Da navegação desde Lisboa até o Rio de Janeiro, situado aos 24 gráos além do equador, e quazi debaixo do tropico de Capricornio.

Lisboa é uma cidade de Portugal, situada a quazi 39 gráos ao norte da linha equinocial.

Quando alguem quer ir d'esta cidade para a provincia do Rio de Janeiro, na terra do Brazil, dirige-se primeiro para as Canarias, ilhas pertencentes ao rei d'Espanha, em numero de 6, cujos nomes são: Gran-Canaria, Lancerote, Forteventura, Ilha do Ferro, Palma e Tenerife.

Dali se vae ás ilhas de Cabo-Verde; este cabo está situado no paiz dos Mouros, a que xamam tambem Gene (Guiné). Estas ilhas estão situadas debaixo do tropico de Cancer, e pertencem ao rei de Portugal.

Navega-se dahi ao susudoeste para alcançar o Brazil, atravessando tão extenso mar, que algumas vezes passam-se 3 mezes e mais sem se vêr terra; passa-se primeiro o tropico de Cancer, e depois a linha equinocial. Então perde-se de vista a estrêla do norte, tambem xamada do pólo artico; depois xega-se a altura do tropico de Capricornio; navega-se sob o sol; e quando se atravessa este segundo tropico, o sol aparece ao norte; o calor é intenso.

Parte do Brazil está situada entre os tropicos.

CAPITULO IV

Das abitações dos Tupinambás, de quem fui prizioneiro

Os Tupinambás moram entre o mar e as serranías, de que falei. O seo territorio tem 60 milhas de extensão; é atravessado por um rio, a que xamam Parahiba; este dece das montanhas, e lança-se no mar depois de um curso de quazi 28 milhas.

Os Tupinambás abitam as 2 margens, e estão cercados de inimigos por todos os lados. O seo territorio contesta, pelo lado do norte, com o de uma tribu xamada Goitacás; pelo sul com o dos Tupinikins, e pela parte do interior com o dos Vaigana, e dos Karajás. São inimigos jurados de todas estas tribus, sobretudo de outra xamada Maracajá, que vive nas montanhas. Estes povos devoram todos os prizioneiros, que entre si fazem.

Construem contentes as aldeias nos sitios, onde podem facilmente axar agua e lenha, e n'aqueles onde o peixe e a caça encontram-se com abundancia. Quando tudo consumiram, transportam a abitação para outro lugar, sob a direcção de um xefe, o qual ordinariamente tem debaixo das suas ordens 30 ou 40 familias, geralmente compostas de parentes e amigos.

As cabanas, que construem, têem quazi 14 pés de largura e 150 de comprimento; têem perto de 2 toezas de altura, o tecto é redondo como a abobada de uma adega, e é feito de folhas de palmeira. Não existe no interior da cabana especie alguma de separação; mas cada cazal ocupa um lugar de quazi 12 pés quadrados, e possue fogão particular. O xefe abita o centro da cabana. Cada cabana tem 3 portas, uma em cada extremidade, e uma no meio; são ordinariamente tão baixas, que é precizo abaixar-se para entrar.

Poucas aldeias compõem-se de mais de 7 cabanas; no meio está um adro, e é ahi que immolam os prizioneiros. Cada aldeia é cercada de uma especie de estacada feita de troncos de palmeira; tem quazi toeza e meia de

altura, e é tão cerrada que as fréxas não a pódem transpor; n'ela fazem uma especie de seteiras. Ao redor d'essa estacada existe outra de grossos troncos de arvores com maior espaço.

Algumas tribus costumam pôr as cabeças d'aqueles a quem comeram em estacas da paliçada na entrada da aldeia.

CAPITULO V

Do modo de fazer fogo

Para fazer fogo os Indios servem-se de uma especie de madeira xamada *urakuiba*, a qual secam, e depois tomam 2 pedaços da grossura de um dêdo, e esfregam um no outro; o pó escapa-se e inflama-se pelo calor produzido pela fricção, e assim acendem fogo.

CAPITULO VI

Do modo de deitar-se

Dormem em uma especie de redes feitas de fio de algodão xamadas *ini* na sua linguagem, as quaes atam em 2 postes, em certa distancia do xão.

Teem sempre fogo de noite, e não gostam então de sair das cabanas sem luz; tanto medo têem do diabo, a quem xamam *ingange*, o qual frequentemente lhes aparece.

CAPITULO VII

Da sua destreza em matar os animaes selvagens e peixes com fréxas

Ou estes selvagens andem nos bosques ou junto aos rios, trazem constantemente comsigo arcos e fréxas. Quando andam nos bosques, têem os olhos sempre levantados para o ar no intuito de descobrir aves grandes, algum macaco, ou outros animaes trepados nas arvores.

Si descobrem algum, atiram frexas, e perseguem até o derribarem ; e mui raro é vêr um Indio voltar da caça com as mãos vazias.

Passeam tambem á bórda do mar, e apenas qualquer peixe se levanta na superficie das aguas o traspassam com a frexa ; têem a vista tão aguda, que raramente falham ao alvo. Logo que o peixe é ferido,saltam n'agua para procural-o, e embora algumas vezes sejam obrigados a mergulhar até a profundidade de 6 braças, nunca deixam de o trazer.

Tambem têem pequenas redes, que fabricam com uma especie de fio tirado de folhas compridas e ponteagudas, a que xamam *tucum*. * Quando querem servir-se de taes redes, reunem-se em um lugar, onde a agua não seja profunda, e começam a batel-a ; o peixe espantado, embaraça-se então nas redes, e aquele que mais peixe apanha, divide com os outros. Os moradores longe do mar aproximam-se algumas vezes para pescar. Quando têem apanhado muito peixe, o assam, reduzem a pó, e secam tão perfeitamente este pó que conserva-se por muito tempo ; depois o misturam com farinha de mandioca.

Sem esta precaução, os peixes se não conservariam, pois os não sabem salgar ; além d'isso esse pó ocupa menos lugar do que o fariam os peixes inteiros.

CAPITULO VIII

Da conformação d'esses povos

Os omens e as mulheres d'esse paiz são tão bem feitos como os do nosso, apenas o sol deo-lhes côr mais escura.

Andam absolutamente nús, e nem as partes pudendas ocultam ; pintam o corpo, e não têem barba, porque cuidadozamente a arrancam. Furam os beiços e as orelhas, e nos buracos metem pedras como ornatos ; enfeitam-se com penas.

* O autor escreve *Tockaun*.

CAPITULO IX

Como os Indios procediam para cortar, antes de poderem comprar aos cristãos maxados, facas, e tezouras.

Eis o modo porque eles faziam os seos maxados antes de virem os navios europeos comerciar com eles, como ainda fazem em certas partes do paiz não frequentadas pelos cristãos.

Tomam certa especie de pedra de côr azulada, á qual dão a fórma de cunha, e depois aguçam o lado mais largo. Estas pedras ordinariamente têem 6 polegadas de comprimento e 3 de largura ; são maiores e menores. Depois atam esta pedra em um páo por meio de uma corda.

Os cristãos lhes vendem tambem cunhas de ferro para fabricar maxados ; mas preferem que a cunha seja furada, e metem então no buraco um páo para fazer o maxado.

Tomam dentes de javali, que afiam, e metem entre 2 páos ; depois raspam com isso seos arcos e fréxas até ficarem tão roliços como si fossem torneados. Empregam tambem dentes de um animal xamado *paca* ; afiam as pontas, e quando estão doentes, servem d'eles para sangrias.

CAPITULO X

Do pão, das colhetas, e do modo porque preparam a alimentação

Quando os Indios querem rotear um lugar, começam por derrubar as arvores e deixar secar por 2 ou 3 mezes, depois lançam fogo, deixam arder o mato, e depois plantam n'esse campo a tubera, que lhes serve de alimentação.

A planta denominada mandioca tem ordinariamente uma braça de altura. Quando querem utilizal-a, a

cortam, e arrancam as raizes ; basta meter um só ramo na terra para que rebente, e no fim de 6 mezes póde colher-se de novo.

Emprega-se a raiz por 3 diferentes modos. Algumas vezes a cortam em pequenos pedaços, que trituram em uma pedra. Depois espremem essa massa em uma especie de saco feito de casca de palmeira, xamado tipiti. Quando está sêca, passa-se a farinha na peneira, e com essa massa fazem uma especie de bôlo mui delgado.

Sécam a farinha, e a preparam em grandes pratos de barro. Algumas vezes põem essas raizes n'agua, e ahi as deixam até que se macerem, e depois as secam ao fumo; d'este modo conservam-se por muito tempo. Quando querem servir-se d'elas, as pulverizam em uma especie de grál. A farinha, que se obtem por via d'este processo é alva e xama-se *bejú*, e a massa assim preparada *cariman*. *

Algumas vezes misturam a farinha fresca de mandioca com a antiga. Esta especie xama-se *vitan*; conserva-se perto de um anno, e é mui bôa de comer.

Têm uma especie de farinha de carne ou de peixe. Para preparal-a, secam a carne ou peixe no fogo ou no fumo, quebram em pequenos pedaços, e os tornam a pôr no fogo em panelas destinadas para esse uzo, e xamadas *inepaun* ; depois reduzem a pó em um gral de madeira, e passam este pó em uma peneira.

Conservam assim por muito tempo o peixe e a carne, pois não sabem salgar ; misturam esse pó com farinha de mandioca, e isto não tem máo gosto.

CAPITULO XI

Como cozinham os alimentos

Varias d'essas tribus indigenas não conheciam o uzo do sal ; porem muitos d'aqueles de quem fui escravo o comiam, porque tinham visto os Francezes uzar d'ele.

---

* O autor escreve : *Keinrima*.

Contaram-me, que uma nação vizinha xamada Karajá, que móra no interior do paiz, sabia preparar sal de palmeiras ; mas os que comiam muito d'ele não viviam por tempo longo.

Eis como os fabricantes procedem. Derribam uma palmeira grande, a cortam em pequenos pedaços, fazem depois um monte de lenha, sobre o qual põem esses pedaços, reduzem tudo a cinza, com a qual fazem uma especie de lixivia ; e fervida esta, separa-se o sal. A principio acreditava ser salitre ; todavia provando, reconheci ser sal ; não queima ao fogo, é de côr parda ; mas a maior parte d'essas tribus não comem sal.

Quando cozinham carne ou peixe, põem n'agua algumas pimentas ; apenas está cozida a carne, deitam o caldo em cabaças para beber, e dão-lhe o nome de *mingau*.

Costumam supender por certo tempo acima do fogo tudo quanto lhes serve de alimentação, carne ou peixe, e deixam assim curar ao fumo e secar ; quando querem comer, o vão cozinhar. A carne assim preparada xamam *moken*.

CAPITULO XII

Do modo porque se governam

Estes Indios não têem, propriamente falando, governo ; mas cada cabana obedece a um xefe. Os xefes são da mesma raça, que os outros naturaes, e não têem poder pozitivo.

Estes selvagens somente obedecem de bôa vontade aos que se distinguem na guerra ; o que acontecia com Konian Bebe, de quem falei na minha Relação. Não têem lei alguma, mas é costume entre eles os moços obedecerem aos velhos. Quando um Indio é morto por outro, o que raramente sucede, os parentes do morto se apressão em vingal-o.

Executam as ordens do xefe da cabana, e isto fazem de bôa vontade, sem necessidade de violencia.

CAPITULO XIII

Do modo porque fabricam seos pratos e vazos

As mulheres fabricam os vazos do modo seguinte. Formam com barro uma especie de massa, a que dão a forma dezejada; sabem mui bem colorir.

Deixam estes vazos secar por algum tempo, os põem depois em cima de pedras, cobrem com lenha, e assim os deixam no fogo até ficarem rubros; então axam-se suficientemente cozidos.

CAPITULO XIV

Do modo de fabricar as bebidas inebriantes e de bebel-as

Para fabricar essas bebidas, as mulheres tomam raizes de mandioca, e as fervem em panélas. Quando estão bem cozidas, despejam a agua em outro vazo, e as deixam esfriar. As raparigas vêem depois, e começam a mastigar essas raizes, tendo o cuidado de deitar em outro vazo o que vão mastigando. Quando as raizes estão trituradas por este modo, enxem o vazo d'agua, mexem tudo, e de novo o fazem esquentar.

Derramam depois tudo isso em vazos excluzivamente destinados para esse uzo, como no nosso paiz os tonéis, os quaes são meio soterrados. O licor começa então a fermentar, e fica em estado de beber-se no fim de 2 dias; é espesso, mui inebriante, e assás alimentativo.

Cada cabana fabrica a sua porção de bebidas, mas quando uma aldeia quer folgar, o que ordinariamente acontece todos os mezes, reunem-se os moradores em uma abana, bebem a potagem ahi preparada, vão depois a outra, e assim dão volta por toda a aldeia até consumirem tudo.

Para beber sentam-se ao redor do tonél, uns em cepos de madeira, outros no xão, e as mulheres os servem

respeitozamente, emquanto outras dansam, cantando em torno dos tonéis.

No mesmo lugar onde bebem, satisfazem as suas necessidades naturaes. Assim passam a noite a beber, dansam nos intervalos, gritam, e tangem trombeta. Quando ficam bebados, fazem espantozo barulho, mas raramente brigam.

Vivem geralmente mui bem entre si; e quando um tem viveres, que aos outros faltam, está sempre pronto para os repartir com os vizinhos.

CAPITULO XV

Dos ornamentos, do modo de pintar o corpo, e dos seos nomes

Raspam a parte superior da cabeça, e apenas conservam uma corôa de cabelos como os frades. Muitas vezes perguntei-lhes donde vinha este uzo. Responderam-me, que os seos antepassados o tinham erdado de um omem xamado Meire Umane, o qual praticara muitos milagres. Afirma-se ser um dos apostolos ou um profeta.

Perguntei-lhes tambem como obravam antes dos navios lhes trazerem tezouras. Responderam-me, que então cortavam o cabelo pondo-o sobre um corpo rijo, e batendo em cima com uma cunha de pedra; e que raspavam a parte superior da cabeça com uma pedra transparente, da qual ainda oje muito se servem para cortar.

Têem tambem o ábito de pôr na cabeça um cocar de penas encarnadas, a que xamam kanitar. Costumam furar o beiço inferior, o que fazem na tenra infancia com um espinho. Na abertura metem então uma pedra ou um pequeno pedaço de madeira, curam a ferida com unguento e o buraco fica aberto. Quando crecem, e xegam ao estado de tomar armas, aumentam o buraco, e introduzem uma pedra verde, ficando para baixo a ponta menos grossa;

e esta pedra é ordinariamente tão pezada, que torna pendente o labio inferior.

Tambem abrem buracos nas faces, e metem pedras do mesmo modo; arredondam essas pedras esfregando-as. Alguns trazem pedaços de cristal, os quaes são mais delgados, porem tambem mais compridos. Fazem especies de colar de grandes conxas marinhas, a que xamam *matapu*. Estes colares têem a fórma de um crecente e xamam-se *bogessi*. Tambem fazem colares brancos de fragmentos de conxas da grossura de uma palha. Estes colares são de mui custozo fabrico.

Atam nos braços ramalhetes de flôres, pintam-se de preto, branco e vermelho; colam penas ao corpo com certa rezina de arvores, com que untam as partes do corpo, onde querem colocar esses ornatos; as penas prendem-se ahi. Pintam as vezes um braço de encarnado, e outro de preto, e da mesma maneira mosqueam o corpo.

Fazem de penas de avestruz uma especie de ornato de forma redonda, que atam nos quadris, quando vão á guerra, ou a alguma festa solene; a este enfeite xamam *enduape*.

Os Indios tomam ordinariamente o nome de algum animal silvestre; mas ordinariamente têem varios apelidos. Dão-lhe um na época do nacimento, o qual conservam até a idade de trazer armas; então acrecentam tantos quantos inimigos matam.

CAPITULO XVI

Dos ornatos das mulheres

As mulheres pintam o rosto e o corpo, como acabo de dizer, que os omens fazem; mas deixam o cabelo crecer.

Não têem outro ornato sinão certa especie de arrecadas, que põem nas orelhas, e que ordinariamente têem um palmo de comprimento, e uma polegada de espessura.

Estas arrecadas xamam-se na sua lingungem *nambibeia*. As fabricam muitas vezes de certa especie de conxa denominada *matapú*.

Tomam ordinariamente nome das aves, de peixes, e de frutas. Só dão um nome por ocazião do nacimento; mas cada vez que os omens matam um prizioneiro, as mulheres tomam mais um nome.

Catam os parazitas uns nos outros, e os comem. Perguntei-lhes muitas vezes, porque assim praticavam, e sempre respondiam: São nossos inimigos, e os tratamos como aos outros.

Entre os selvagens não existem parteiras. Quando uma India está para ter a criança, quem primeiro aparece, omem ou mulher, a socorre; e muitas vezes as vi levantarem-se no quarto dia do parto.

CAPITULO XVII

Como os selvagens dão o primeiro nome ás crianças

Tendo a mulher de um dos selvagens, que me tinham aprizionado, dado á luz um filho, no fim de alguns dias o pae convocou os vizinhos á sua cabana para determinar que nome se lhe daria. Queria um, que a denominação exprimisse valentia, e o tornasse temivel.

Os vizinhos propuzeram varios nomes; mas o pae os quiz aceitar. Emfim declarou, que lhe daria o nome de um dos seos 4 antepassados, os quaes são: Krunen, Ermitan, Coen, e não me recordo do outro.

Pensei a principio, que Coen era o mesmo que Cam; mas esta palavra quer dizer, na sua linguagem, motim; e eu aconselhei para o escolher, pois seria com efeito o de um dos seos antepassados.

Deo ao menino um d'estes 4 nomes; e assim procedem os selvagens sem mais ceremonias.

CAPITULO XVIII

Do numero das mulheres e do modo de as tratar

A mór parte d'estes Indios têem uma só mulher; alguns porém têem muitas. Vi xefes com 13 ou 14. Abati Bossange, meo ultimo senhor, de cujo poder os Francezes me resgataram, tinha mui crecido numero d'elas.

Entretanto aquela a quem primeiro espozára, era superior ás outras; cada uma tinha o seo lugar na cabana, seo fogão, e suas roças; e aquela, com quem convivia na ocazião, preparava-lhe a comida.

Os rapazes vão á caça desde mui tenra idade; cada qual traz á mãe o que matou. Ela cozinha, e divide com as outras; pois todas as mulheres vivem mui bem entre si.

Costumam dar uns aos outros as mulheres, que já não querem mais. O mesmo praticam a respeito das filhas e irmans.

CAPITULO XIX

Dos esponsaes.

Contratam as filhas em cazamento desde a infancia. Apenas elas são nubeis, cortam-lhes os cabelos, abrem-lhes lanhos nas costas, e pôem-lhes ao pescoço dentes de animaes silvestres. Lançam uma cor preta nas feridas, de sorte que o sinal das cicatrizes perdura sempre. Isto eles reputam como onroza distinção.

Quando as feridas fexam-se, e os cabêlos crecem, entregam a mulher ao noivo sem mais ceremonias. Os espozos observam certo pudor, e só em segredo consumam o matrimonio.

Vi um xefe ir pela manhan em todas as cabanas, e fazer em todos os rapazes uma incizão na perna com um dente de peixe afiadissimo, afim de ensinar-lhes a sofrer sem queixumes.

CAPITULO XX

Das suas propriedades.

Não repartem as terras entre si, nem conhecem o dinheiro; os tezouros são penas de aves. Aquele que as tem em grande quantidade é rico; e aquele que possue uma bonita pedra para pôr nos labios passa por um dos mais ricos da tribu.

Cada cazal possue tambem como propriedade a roça de raizes tuberozas, que lhe servem de alimento.

CAPITULO XXI

Do que reputam como suprema gloria.

A maior gloria entre esses Indios é ter aprizionado e morto um inimigo; e costumam uzar tantos nomes quantos inimigos mataram.

Aqueles que têem muitos nomes são reputados principes da nação.

CAPITULO XXII

Da sua religião.

O seo idolo é uma especie de cabaça, quazi do tamanho de uma medida de meia canada: é ôca, adaptam-lhe um cabo, abrem-lhe uma fenda a similhança de boca, e depois põem-lhe dentro pedras miudas; com o que produzem certo ruido, quando cantam ou dansam. A este instrumento denominam *tamaracá*, e cada omem tem o seo.

Entre os selvagens existe certa especie de profetas, a que xamam *pagé*. * Estes percorrem o paiz uma vez por anno, entram nas cabanas e afirmam, que um espirito, vindo de remota região, os dotou da faculdade de falar com todos os tamaracás. Permitio-lhes, dizem eles, dar a esses idolos o poder de conceder tudo quanto pedirem.

Dezejando cada qual conseguir esta vantagem para o seo tamaracá, faz-lhes uma festa ; então bebem, cantam e praticam toda a sorte de momices. Estes profetas fazem evacuar completamente uma cabana, e todas as mulheres e meninos são obrigados a sair.

Ordenam então a todos, que lhes tragam o seo tamaracá, depois de pintado de vermelho e ornado de penas, afim de lhes outorgar o poder de falar. Reunem-se depois n'essa cabana. Os pagés colocam-se na extremidade superior e plantam o seo tamaracá no sólo diante de si. Cada um faz o mesmo com o seo, e oferece aos profetas um mimo de fréxas, e de penas, e de pedras proprias de pôr nas orelhas, afim de não ser esquecido o seo idolo. Quando estão reunidos, tomam o tamaracá na mão, e o defumam com uma erva, a que xamam *petun*.

O pagé o coloca depois diante da boca, agita-o, e lhe diz na sua linguagem : *Nee kora* ; Fala, e faze-te ouvir, si estás ahi dentro.» Depois fala-lhe tão baixo, que nunca pude perceber si é o tamaracá ou Indio quem fala ; os Indios porem crêem, que é o idolo. O pagé pega depois em todos os tamaracás, uns depois dos outros, e faz a mesma couza.

Depois todos os profetas excitam os espectadores a ir á guerra, e a fazer prizioneiros, assegurando que o espirito, abitador do tamaracá tem vontade de comer carne umana. Então principiam a campanha. Quando o pagé de todos esses guizos fez outras tantas divindades, cada um leva o seo, construe um ediculo, xama-o meo caro filho, oferece-lhe manjares, e o invoca todas as vezes que dezeja alguma couza, como nós invocamos o Senhor. Eis toda a sua religião!

Não conhecem o verdadeiro Deos, e crêem, que o Céo e a Terra sempre existiram ; nada sabem da creação do

* O autor escreve: *Paigi*.

mundo. Dizem, que outr'ora apareceo uma grande inundação; que todos os seos antepassados afogaram-se, excéto alguns que reuniram-se para escapar embarcando em canôas, ou subindo a grandes arvores. Pensamos que pretendem falar do diluvio.

Quando xeguei entre eles, e me falaram de tudo isto, julguei ao principio, que esse espirito devia ser o demonio; mas quando entrei na cabana, e vi todos sentados ao redor do profeta, que devia fazer o tamaracá falar, conheci logo a velhacaria, e sahi da cabana acreditando quão facil é enganar o povo.

CAPITULO XXIII

Como as mulheres tambem constituem-se profetas

Reunem-se os pagés em uma cabana, e defumam todas as mulheres umas depois das outras. Estas xoram e começam a saltar e correr até que, forçadas pela fadiga, caiam por terra desfallecidas. O profeta diz então: Vede; elas estão mortas, mas vão já voltar a si.» E quando elas levantam-se, prenunciam o futuro. Praticam esta ceremonia todas as vezes que devem partir para a guerra.

Em certa noite a mulher do senhor, a quem me aviam entregado para me matar, começou a profetizar e a dizer a seo marido que um espirito viera de longes terras para saber si eu seria morto. Ela perguntou-lhe ao mesmo tempo onde jazia a clava destinada á matança dos prizioneiros, mas o espirito respondeo, que ainda faltava muita couza para estar tudo pronto para esse acto; pois começava a crer, que eu era Francez e não Portuguez.

Quando esta mulher finalizou a sua profecia, perguntei-lhe porque dezejava o termo dos meos dias, pois eu não era seo inimigo, e si não temia, que o meo Deos lhe enviase alguma doença. Ela porem respondeo, que não désse atenção a isso; que eram apenas espiritos de paiz estranho, que dezejava saber o que seria de mim.

Têem muitas superstições d'este genero.

CAPITULO XXIV

Do seo modo de navegar

No paiz existe uma especie de arvore a que xamam *iga-isvero*; entalham a casca de cima a baixo, e para tiral-a inteiriça lenvantam andaime junto da arvore. Arrancada a casca, a levam para a borda do mar, a esquentam fortemente, encurvam as 2 extremidades, depois de lhe pôrem travessas de maneira, e assim fazem canôas, que podem carregar até 30 pessoas.

Esta casca tem uma polegada de espessura, e as canôas têem quazi 4 pés de largura sobre 40 de comprimento; fazem maiores e menores. Andam mui rapidas, e os selvagens as vezes fazem dilatadissimas viagens n'essas embarcações.

Quando o mar torna-se máo, puxam as canôas para terra e de novo embarcam apenas aplaca-se a tempestade. Não avançam além de 2 milhas ao mar; porem algumas vezes vão muito longe margeando as costas.

CAPITULO XXV

Porque comem os inimigos

Não é por falta de viveres, mas por odio, que devoram o corpo dos seos inimigos.

Durante o combate cada qual brada para o seo adversario: *Dete immeraia xermiuramme beiuave*: Caiam as desgraças sobre ti, a quem vou comer. *De canga juca eipota kurine*: Oje quebrar-te-ei a cabeça. *Xe innamme pepicke reseagu:* Venho víngar em ti a morte dos meos. *Jande soo xe mocken sera quora ossorime rire:* Oje assarei a tua carne antes do sol posto.

E' por inimizade, que dizem tudo isso.

CAPITULO XXVI

Dos preparativos que fazem quando querem empreender uma incursão em paiz inimigo.

Quando os Indios querem fazer uma expedição em paiz inimigo, os xefes reunem-se e deliberam sobre o modo porque a pretendem dirigir; depois anunciam em todas as cabanas, que preparem-se para marxar. Para fixar a época da partida, dizem: E' quando estiver madura tal especie de fruta. Pois não têem outro modo de dezignar os annos e os dias.

Escolhem ordinariamente para a partida a época da dezovação de certo peixe, a que xamam *prati*; a essa estação na ocazião da dezova tambem xamam *piracema*. Então preparam canôas e fréxas e provêem-se de farinha de mandioca, a que xamam *vitan*; depois consultam os pagés, seos profetas, para saber si alcançarão a victoria.

Estes ordinariamente a prometem; mas ao mesmo tempo recomendam, que atendam aos sonhos relativos aos inimigos. Quando sucede muitos d'eles sonharem, que assavam carne dos seos adversarios, isso presagia vitoria; mas si vêem assar a propria carne, não é bom annuncio e repudiam a empreza.

Si crêem, que seos sonhos, prometem bom rezultado, preparam bebida em todas as cabanas, embriagam-se, dansam com seos tamaracás, e cada um pede ao seo, que lhe dê algum prizioneiro. Poem-se a caminho, e quando estão perto da terra inimiga, ou pensam ali xegar no dia seguinte, ordena o xefe, que observem as vizões que tiverem durante o sono.

Na ocazião da expedição que fiz com eles, durante a noite que passamos antes de penetrar no territorio inimigo, o xefe percorreo o acampamento, e recomendou a cada um, que prestasse atenção aos sonhos.

Ordenou tambem, que, ao romper do dia, os rapazes fossem á caça e á pesca. As ordens foram executadas.

O xefe principal mandou cozinhar o que lhe trouxeram, e convidou os outros para virem á sua cabana. Sentaram-se todos em circulo, serviram-lhes a comida, e terminado o banquete, contou cada um os sonhos que tivera de noite; todos ficaram satisfeitos e pozeram-se a dansar com os seos tamaracás.

Ordinariamente vão reconhecer os inimigos de noite, e atacam na seguinte manhan bem cedo. Si os prizioneiros são feridos gravemente, os acabam de matar e carregam a carne depois de assada. Quanto aos prizioneiros incolumes os levam vivos, e depois os matam nas aldeias. Dão grandes gritos no ato de atacar e batem com os pés no xão, e fazem reboar os ares com certa especie de trombetas feitas de cabaças.

Trazem enrolada no corpo uma corda para amarrar os prizioneiros, e põem em si penas vermelhas para se distinguirem do inimigo. Atiram fréxas com suma destreza, e as lançam inflamadas sobre as cabanas dos inimigos para as incendiar. Conhecem algumas plantas, com as quaes curam as suas feridas.

CAPITULO XXVII

Das suas armas

O arco é a sua arma principal. Suas fréxas são guarnecidas de pontas de osso, que sabem fazer agudissimas; as fazem tambem de dentes de um peixe xamado tubarão. A's vezes juntam-lhes algodão com cêra, e acendem para incendiar as cabanas inimigas. Fabricam escudos de cascas de páo e péles de animaes. A's vezes põem no sólo espinhos pontudos em fórma de estrepes.

Tambem ouvi dizer, que, quando querem repelir o inimigo de suas aldeias, empregam o seguinte meio: acendem grande fogeira do lado do vento contrario ao inimigo, lançam-lhe grande quantidade de pimenta, cujo fumo é tão forte que obriga a fugir.

Eu facilmente o creio; pois tendo feito uma expedição com os Portuguezes nas terras de Pernambuco, a maré, baixando, deixou o nosso navio em sêco em um pequeno rio; então vindo uma multidão de selvagens atacar-nos sem rezultado, lançaram grande quantidade de abrolhos entre o rio e a costa, crendo assim forçar-nos á fuga pela fumaça da pimenta; mas não conseguiram acendel-os.

CAPITULO XXVIII

Das ceremonias com que os selvagens matam e comem os prizioneiros.

Quando os prizioneiros xegam á aldeia, mulheras e meninos os acabrunham de golpes; depois os cobrem de penas pardas, raspam-lhes as sobrancelhas, e dansam todos ao redor d'eles. Depois os selvagens os amarram fortemente afim de evitar a fuga; depois entregam os prizioneiros á guarda de uma mulher, que com eles vive. Si esta mulher torna-se gravida, criam o filho; e quando bem lhes apraz, o matam e comem.

Alimentam bem os prizioneiros. No fim de certo tempo, fazem os costumados preparativos, e fabricam bebida, e uma especie de pucaro especialmente destinado para conter a tinta, com que os pintam. Fazem frocos de pena, que prendem ao cabo da clava, que serve para matar os cativos, e uma comprida corda, xamada mussurana, com a qual os amarram, quando devem ser mortos.

Quando está tudo pronto, fixam o dia da morte, convidam os abitantes das demais aldeias para assistir á festa, e enxem todos os pucaros destinados para conter a bebida. Um ou dois dias antes levam os prizioneiros para o adro da aldeia, e dansam ao redor d'eles. Quando os óspedes convidados xegam das outras aldeias, o xefe os saúda, dizendo: Vinde ajudar-nos a comer o nosso inimigo.

Na vespera do dia, em que começam a beber, amarram no pescoço do prizioneiro a corda xamada mussurana, e pintam a clava xamada iverapeme, com a qual deve ser morto. Esfregam esta clava com certa materia glutinoza; tomam depois cascas de ovos de uma ave xamada macuco, * os quaes são pardacentos, os reduzem a pó, e com este pó salpicam a clava. Vem depois uma mulher raspar o pó, e emquanto entrega-se a essa ocupação, as companheiras cantam em redor da oficiante.

Quando a iverapeme está preparada e enfeitada com frócos de pena, a dependuram em uma cabana dezabitada, e cantam nas proximidades durante toda a noite. Depois pintam o rosto do prizioneiro; e emquânto uma mulher emprega-se n'essa operação, todas as outras cantam ao redor da destinada victima.

Apenas principiam a beber, trazem o prizioneiro, que tambem bebe, e conversa com os sacrificadores. Depois de beberem durante um dia, construem no centro do adro uma pequena cabana, onde o prizioneiro deve dormir. Pela manhan, muito antes da aurora, põem-se a dansar ao redor da clava, que deve servir para o suplicio.

Apenas desponta o sol, vão buscar o prizioneiro, demolem a cabana, e desobstruem o adro. Tiram a mussurana do pescoço do prizioneiro, a cingem em torno do corpo, e seguram nas 2 extremidades durante certo espaço, e depois de terem tido o cuidado de pôr junto da vitima um montão de pedras, para que as possa atirar sobre as mulheres, que correm ao redor do prezo, e ameaçam devoral-o.

Estas são pintadas, e esperam o momento em que a vitima deve ser retalhada em pedaços para os apanhar, e correr, levando-os por todas as cabanas; o que diverte as outras. Quando tudo termina, acendem grande fogueira a 2 passos do cativo, e têem o cuidado de lhe a mostrar.

Nega então uma mulher com a clava (iverapeme) guarnecida de frocos de penas atados na parte superior; ela dirige-se para o prizioneiro e lhe a mostra. Depois um omem toma essa clava, vae á frente do prizioneiro, e lhe a mostra tambem. Durante esse tempo 14 ou 15 Indios rodeiam o encarregado da execução e pintam-lhe o corpo

* O autor escreve: *Mackukwa*.

de pardo com cinza. Este aprezenta-se com os seos companheiros no lugar onde está o prizioneiro; o Indio, que segura a clava, lhe a entrega.

Então o xefe principal avança, toma a clava e a passa uma vez por entre as pernas do executor; o que consideram como onroza distinção. Este a toma, aproxima-se do prizioneiro, e diz-lhe: Eis-me aqui! venho para matar-te, pois os teos mataram e comeram grande numero dos meos.» O prizioneiro responde: Quando eu morrer, os meos amigos me vingarão.» N'este momento o executor desfexa-lhe sobre a cabeça tal golpe, que lhe faz saltar os miolos.

As mulheres apoderam-se então do corpo, o arrastam para junto da fogueira, raspam-lhe a pele para a branquear, e põem-lhe uma rolha na trazeira para impedir o corrimento de fezes. Bem esfregada a pele, um omem corta os braços e as pernas acima dos joelhos. Quatro mulheres apossam-se d'esses membros, começam a correr ao redor das cabanas, soltando gritos de alegria. Abrem depois o corpo pelas costas e repartem em pedaços. As mulheres levam as entranhas, as cozinham e preparam uma especie de caldo xamado *mingáu*, que dividem com os meninos, comem tambem as entranhas, a carne da cabeça, os miolos e a lingua; os meninos comem o resto.

Terminado tudo, cada um toma o seo pedaço para levar para caza; o executor acrecenta um nome ao seo, e o xefe traça-lhe uma linha no braço com o dente de algum animal selvagem. Quando sara a ferida, a marca permanece sempre, e reputam esta cicatriz como sinal de onra. Fica o mesmo executor em uma rede até findar o dia, e dão-lhe um pequeno arco com fréxas para entreter o tempo. Fazem isto afim de que a força do golpe, que descarregou, não lhe torne vacilante a mão.

Vi todas estas ceremonias e assisti a elas.

Estes selvagens só sabem contar até 5. Quando querem exprimir numero mais alto, mostram os dedos dos pés e das mãos, e si o numero é muito grande, mostram 4 ou 5 pessoas, querendo dizer que cumpriria contar os dedos de todas elas.

CAPITULO XXIX

Descrição de alguns animaes do paiz

Os capreolos são tão abundantes n'este paiz como os javalis o são no nosso. Existem 2 especies; uns assimilham-se aos da Europa, outros são do tamanho de leitões. Esta especie xama-se *teigassu datu*; só dificilmente apanham-se nas armadilhas, que os Indios costumam fazer aos animaes.

Aparecem 3 especies de macacos. A denominada *kei* é a que ordinariamente trazem para cá. Os xamados *ackatri* andam em bandos nos bosques e saltam de umas para outras arvores, dando altos gritos. Os xamados *pricki* são vermelhos, e têem barbas como as cabras, e são do tamanho de um cão.

Vê-se n'esse paiz outra especie de animal, que xamam *tatú*; tem quazi 6 polegadas de altura e 9 de comprimento; é coberto por uma especie de casco, excéto por baixo do ventre. Este casco é de materia córnea e as placas estão superpostas como as da armadura. Este animal tem focinho mui pontudo, a cauda mui comprida, e ordinariamente axa-se nos roxedos; nutre-se de formigas. A carne é gorda e muitas vezes comi d'essa carne.

Encontra-se certa especie de animal a que xamam *sarvé*; (1) tem o tamanho e cauda de um gato; é de côr parda e algumas vezes de côr parda escura. A femea pare 5 ou 6 filhos. Este animal tem no ventre uma especie de bolsa, na qual ordinariamente traz os filhos. Muitas vezes me aconteceo ajudar a apanhar algumas, e tirar os filhos da tal bolsa.

No paiz vivem muitos tigres, que cauzam grandes estragos, e algumas vezes matam os abitantes.

Tambem axa-se uma especie de animal xamado *capicava*, (2) que vive em terra e n'agua, e alimenta-se dos caniços que crecem á margem dos rios. Quando alguma

1 O autor escreve: *Servcoy*.
2 O autor escreve: *Catinare*.

couza os assustam, escondem-se no fundo d'agua. Estes animaes são maiores do que o carneiro, e a cabeça parece-se com a da lebre, embora mais volumoza; as orelhas e cauda são curtissimas. Teem as pernas bastante altas, e correm com velocidade, quando por terra vão de um rio para outro; são pardos escuros, teem 3 dedos em cada pé, e a carne assimilha-se á do porco.

Existe uma especie de lagartos anfibios optimos no paladar.

CAPITULO XXX

De uma especie de insectos do tamanho de uma pulga pequena xamados atun pelos selvagens

Os selvagens dão o nome *atun* a uma especie de insecto mais pequeno do que a pulga, criado nas cabanas pela imundicia. Estes insectos entram nos pés, produzem leve coceira, e acomodam-se na carne quazi sem o sentirmos. Si não prestarmos atenção, e o não extirparmos, produzem um saco de óvos do tamanho de uma ervilha. Extirpado, deixa um vacuo do mesmo tamanho.

Pela primeira vez em que eu fui a esse paiz com os Espanhóes, vi alguns dos meos companheiros perder o uzo dos pés por falta de atenção a esse mal.

CAPITULO XXXI

De uma especie de morcegos d'esse paiz os quaes mordem a gente nos dedos dos pés e na testa durante o sono

Os morcegos d'esse paiz são do tamanho dos da Alemanha. Voam de noite nas cabanas ao redor das redes, mordem nos dedos dos pés e na testa das pessoas adormecidas, e sugam o sangue.

Emquanto estive entre os selvagens os morcegos muitas vezes me morderam nos dedos dos pés, que amanheciam ensanguentados; mas é ordinariamente na testa, que eles mordem os naturaes d'essas terras.

CAPITULO XXXII

Das abelhas do paiz

No Brazil existem 3 especies de abelhas; a primeira parece com as d'este paiz; a segunda é preta, e do tamanho de moscas; a terceira do tamanho de mosquitos.

Estas 3 especies fazem mel na cavidade das arvores, e muitas vezes o axei, andando com os selvagens; mas observei, que o mel da especie menor é melhor do que o das outras duas.

A picada não é tão doloroza como a das abelhas do nosso paiz; pois varias vezes vi os selvagens cobertos de abelhas ao tirarem o mel, e eu mesmo o tirei, embora estivesse nú. Convenho entretanto, que na primeira ocazião a dor obrigou-me a refugiar-me em um regato para dezembaraçar-me de taes perseguidores.

CAPITULO XXXIII

Das aves do paiz

As aves d'essas regiões não são menos extraordinarias.

Existe uma especie xamada *guarápiranga*, a qual nidifica em um roxedo perto do mar, onde axa alimento; é do tamanho de uma galinha; o bico é mui comprido, e as pernas são como as da garça, embora menos longas.

As primeiras penas d'esta ave são esbranquiçadas; cahidas estas, nacem pardas, e finalmente no termo de um anno a ave torna-se vermelha escarlate. As suas penas são mui estimadas pelos selvagens.

* O autor escreve: *Uwara purange.*

CAPITULO XXXIV

De algumas arvores do paiz.

Nas florestas vê-se uma arvore, a que os selvagens xamam *genipapo*, * cujo fruto assimilha-se ás nossas maçans.

Os naturaes expremem o suco em vazos, e d'ele servem-se para pintarem-se. Quando o põem no corpo, parece claro como agua; mas no fim de alguns momentos torna-se negro como tinta de escrever. Esta côr dura por 9 dias, e por mais diligencia que tenham em laval-a, é impossivel suprimil-a jâmais.

CAPITULO XXXV

Do algodão, da pimenta, e de algumas raizes que servem de alimentação aos selvagens

O algodão crece em um arbusto de quazi uma braça de altura. Esta planta tem muitos ramos, a flôr assimilha-se a um botão, que se abre quando está maduro. O algodão axa-se n'esta flôr com grande numero de caroços pretos, que contêm a semente da planta. O arbusto cobre-se d'esses botões.

Distinguem-se 2 especies de pimenta, a amarela e a vermelha; mas crecem do mesmo modo. E' uma pequena planta de quazi 2 pés de altura. Quando o fruto amadurece, é do tamanho das bagas, que axamos nas sebes; as folhas são diminutas. O fruto tem gosto acre; colhe-se quando está maduro e seca-se ao sol.

Outra especie de pimenta existe similhante a esta, embora menor; secam-na da mesma maneira.

---

* E' o genipapeiro. O autor escreve: *Junipapuiwa*.

Os selvagens tambem cultivam uma raiz bulboza xamada *jêtiki*, que tem muito bom sabor. Cortam a planta em pedaços, infincam na terra, e cada pedaço produz muitas raizes. Esta planta extende-se pelo xão como o lupulo.

CONCLUZÃO

Hans Staden dezeja ao leitor paz e a graça de Deos

Leitor benevolo.

Relatei brevemente a istoria da minha navegação, pois apenas queria dar-te a saber como me aconteceo cair em poder dos selvagens, para mostrar-te por que meio Deos, nosso senhor, salvou-me d'este grande perigo contra toda a esperança, afim de que todo o mundo possa vêr, que ele protege os cristãos, ainda no meio dos barbaros e dos pagãos, como o faz em todos os tempos, e para que cada um lhe seja roconhecido e espere n'ele no momento do perigo; pois ele dice: Clama por mim na óra do perigo, eu virei em teo auxilio e tu cantarás os meos louvores.

Dir-me-ão talvez, que eu devia mandar imprimir tudo quanto vi e experimentei em minha vida. Faria isso um livro mui volumozo; mas eu expressei em varios lugares o que me determinou a escrever este pequeno volume; pois é dever de todos louvar e agradecer ao Senhor, que nos preservou desde o instante do nosso nacimento até agora.

Bem presinto, que a muitos será estranho o conteúdo d'este livro; entretanto o que fazer? Não sou o primeiro e não serei o ultimo, que conheça esta navegação, esses povos e esses paizes. E' o que devem vêr, e o que verão aqueles que estão dispostos a motejar de mim.

Bem natural é, que aqueles que passaram da morte á vida não experimentem os mesmos sentimentos que dominam aos que apenas são espectadores dos perigos, ou tamsómente ouvem falar d'eles. Aliás, si todos quantos vão a America caissem, como eu, em mãos dos Indios, ninguem quereria ir ali.

Axar-se-á porem mais de um omem onrado em Castéla, Portugal, França, e mesmo em Anvers no Brabante, que estiveram na America, e darão testimunho da verdade de tudo quanto afirmei. Quanto aos que não conhecem o paiz, apélo para essas testimunhas, e antes de tudo para Deos.

Fiz minha viagem á America a bordo de um navio portuguez, cujo capitão xamava-se Penteado. Estavam 3 Alemães a bordo, Enrique Brant, de Bremen, Hans de Bruckhausen e eu.

Na minha segunda viagem parti de Sevilha para ir ao Rio da Prata; é uma provincia da America assim xamada. O capitão xamava-se Diogo de Sanabria. Mas depois de sofrermos toda a sorte de padecimentos e perigos, por 2 annos que durou a viagem, naufragamos em uma ilha denominada São-Vicente, mui proxima do continente do Brazil, a qual é abitada por Portuguezes.

Ahi encontrei um compatriota filho do finado Eobanus Essus, que recebeo-me muito bem; negociantes de Anvers de nome Schetz tinham ahi um feitor xamado Pedro Rosel. Estas 2 pessoas poderão atestar como xegnei n'esse paiz, e como cahi em mãos dos selvagens.

Os marinheiros que me resgataram eram de Normandia na França; o capitão do navio era de Vateville, xamava-se Guilherme de Moner, o piloto, de Onfleur, xamava-se Francisco de Schantz; o interpete era do mesmo lugar e tinha o nome de Perot.

Foram esses generozos individuos (Deos os recompense na eternidade), que abaixo de Deos, me trouxeram á França. Deram-me passaporte, vestidos e dinheiro para fazer minha viagem, e darão testimunho do lugar onde me axaram.

Embarquei em Diépe, em França, para ir a Londres na Inglaterra. Os negociantes da bolsa olandeza, informados pelo capitão,que me trouxera, dos infortunios que me tinham sucedido, convidaram-me para jantar e deram-me com que continuar o meo caminho. Dali parti para a Alemanha.

Em Anvers fui a caza de um negociante xamado Gaspar Schetz, o mesmo que tinha por feitor a Pedro Rosel, que eu conhecera em São-Vicente; contei-lhe como

os Francezes tinham atacado o navio do seo feitor no Rio de Janeiro, e foram repelidos com perda. Este negociante deo-me 2 ducados; Deos lhe os restitua.

Emfim si algum mancebo inconsiderado não quizer crer nem na minha palavra, nem na das minhas testimunas, embarque para esse paiz, depois de invocado o nome de Deos, e va ali.

Indiquei-lhe o caminho; basta seguir-me as pégadas; pois o mundo està aberto para quem Deos quer ajudar.

Louvores a Deos na eternidade.

Amen.

NOTA. A Relação de Hans Staden escrita em alemão foi publicada pela primeira vez em Marburgo no anno de 1557.

Teodoro Verry a publicou depois traduzida em latim, com muitas gravuras de madeira.

João de Leri fala d'esta Relação na sua obra.

Hans Staden nasceo na pequena cidade de Weter, e ainda vivia em 1557, quando a sua relação foi impressa.

Fiz esta tradução em linguagem vernacula (Vide a *Revista Trimensal* de 1889, parte 2ª, pag. 111) pela tradução franceza constante da obra de Enrique Ternaux Campans sob o titulo: *Viagens, relações e memorias originaes, para servir para a istoria do descobrimento da America*, publicada em Pariz em 1837.

Esta relação foi primitivamente publicada sob o seguinte titulo:

VERDADEIRA ISTORIA E DESCRIÇÃO
DE UM PAIZ ABITADO
POR OMENS SELVAGENS NUS, FEROZES, E ANTROPOFAGOS,
SITUADO NO NOVO MUNDO XAMADO AMERICA
DESCONHECIDO
NO PAIZ DA ESSE, ANTES E DEPOIS DO NACIMENTO
DE JEZUS CRISTO ATÉ O ANNO ULTIMO.
HANS STADEN DE HOMBERG, NA ESSE,
O CONHECEO POR SUA PROPRIA EXPERIENCIA, E O FAZ CONHECER
ATUALMENTE POR VIA DA IMPRESSÃO.

*
* *

MARBURGO EM CAZA DE ANDRÉ ROLBEN. 1557.
« AO ESTANDARTE DA FOLHA DE TREVO ».

Rio 26 Outubro 1881. *T. de Alencar Araripe.*

DEPOIMENTOS

PARA O

Cazamento de Thomaz Antonio Gonzaga (Dirceo)

Anno do Nascimento do Nosso Senhor Jezus Christo de 1793, aos 9 dias do mez de Maio, n'esta capital de Mossambique, na egreja da Sé matriz, sendo prezente o muito reverendo provisor vigario geral e juiz dos cazamentos Francisco Ferreira de Souza, comigo o padre Lino Francisco Rodrigues, escrivão do juizo e auditorio ecclezias tico, foram inquiridos os contrahentes Thomaz Antonio Gonzaga e D. Juliana de Souza Masquerenhas perante o mesmo juiz: em fé do que fiz este termo eu dito escrivão, que o escrevi.

DEPOIMENTO DO CONTRAHENTE

No dito dia, mez e era supra apareceo o dito contrahente Thomaz Antonio Gonzaga, a quem o dito reverendo juiz fez prestar o juramento dos Santos Evangelhos, em que fez pôr a sua mão direita para de baixo d'elle dizer a verdade do que soubesse e fosse perguntado.

E sendo perguntado pelo seo nome, de quem era filho, terra, lugares e freguezias aonde tem residido, e por quanto tempo, idade, estado e officio que tem; si tem feito algum voto de religião ou castidade, ou si tem algum impedimento para contrahir o matrimonio que pretende; respondeo, que se chamava Thomaz Antonio Gonzaga, filho legitimo do dezembargador Jozé Bernardo Gonzaga e de sua mulher D. Thomazia Chargue Gonzaga,

já falecida, natural da cidade do Porto, bautizado na freguezia de S. Pedro do Reino de Portugal; que tinha de idade 38 annos, que era solteiro e nunca fora cazado; que residira na mesma cidade do Porto, na cidade de Beja, na de Lisboa, Coimbra, Villa Rica, e actualmente em Mossambique, passando a existencia nas ditas cidades de mais de seis mezes; que nunca dera palavra de cazamento a pessoa alguma, nem fizera voto de castidade ou de religião, nem tinha impedimento algum para contrahir o matrimonio que pertendia com D. Juliana de Souza Masquerenhas, a quem conhecia pela ter visto de prezente, com quem queria ser cazado de sua livre e espontanea vontade, sem constrangimento de pessoa alguma: e mais não disse, e se assignou com o dito reverendo juiz; eu dito escrivão, que o escrevi. *Souza. Dr. Thomaz Antonio Gonzaga.*

DEPOIMENTO DA CONTRAHENTE

No dito dia, era, e mez retro, apareceo a contrahente D. Juliana de Souza Masquerenhas, que jurou aos Santos Evangelhos, em que poz a sua mão direita para dizer a verdade do que soubesse. E sendo perguntada pelos interrogatorios atraz feitos ao contrahente, respondeo que se chamava D. Juliana Souza Masquerenhas, filha legitima de Alexandre Roberto Masquerenhas e de sua mulher D. Anna Maria, natural da freguezia da Cabaceira-grande e n'ella bautizada; que tinha de idade 19 annos, que era solteira e nunca dera palavra de cazamento a pessoa alguma, nem fizera voto de castidade ou de religião, nem tinha outro impedimento algum para contrahir o matrimonio, que pertendia com Thomaz Antonio Gonzaga, a quem conhecia pelo ter visto de prezente, e com quem queria ser cazada de sua livre e espontanea vontade, sem constrangimento de pessoa alguma, e mais não disse, e se assignou com o dito reverendo juiz; eu dito escrivão, que o escrevi. *Souza.* Sinal + de D. Juliana de Souza

Masquerenhas. Certifico eu escrivão abaixo assignado estarem os depoimentos dos contrahentes o doutor Thomaz Antonio Gonzaga e Dona Juliana de Souza Masquerenhas, conforme ao que elles depozerão, do que porto minha fé.

Moçambique 9 de Maio de 1793. *Dr. Lirio Francisco Rodrigues.*

Reconheço a assignatura retro ser propria e verdadeira e do proprio punho de Thomaz Antonio Gonzaga, por ser conhecida de mim tabellião e constar no meo cartorio igual assignatura, do que dou fé. Moçambique 18 de Abril de 1850. *Cezario Jozé Maltez.*

(C. J. M.)

Em test. e fé de verdade.

O advogado Joaquim de Santa Anna Gracias Miranda, cavaleiro da ordem de Christo e de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, juiz de direito substituto com alçada n'esta cidade de Moçambique e seo termo por Sua Magestade Fidelissima, que Deos guarde, etc:

Faço saber pela fé do escrivão que subscreve, que a assignatura razo e publica, sinaes ao pé do reconhecimento retro são de Cesario Jozé Maltez, tabellião publico de notas na mencionada cidade de Moçambique; o que assim os ei por reconhecido e justificados. Dada em Mossambique aos 18 de Abril de 1850. Eu Vicente Anes Carneiro Pinto. escrivão o subscrevi. *Joaquim de Santa Anna Gracias Miranda.*

Povoação de Cazalvasco

Termo da fundação do novo Estabelecimento — Povoação regular de Cazalvasco na margem oriental do Rio dos Barbados, oito legoas com pouca diferença para o sul da Villa Bella, capital da Capitania de Matto Grosso.

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de 1783, aos 20 dias do mez de Septembro nesta Margem Oriental do Rio dos Barbados oito legoas com pouca differença, ao sul de Villa Bella, capital desta Capitania de Matto Grosso aonde com huma fazenda e curral de gado vacum, criações de outros animaes domesticos, terras lucradias de huma e outra margem em que cultivam e colhem todos os generos de lavoura junto do logar em que se acham estabelecidos com cazas de vivenda Custodio José da Silva e Bartholomeu Paes da Cruz, e em que pessoalmente se acha tambem prezente o Illmo e Exmo Sr. Governador e Capitão General desta mesma Capitania Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres acompanhado do Tenente Coronel de Infantaria com exercicio de seo ajudante de ordens Antonio Felipe da Cunha Poula e dos Capitaens Engenheiros Ricardo Franco de Almeida Serra e Joaquim Jozé Ferreira, do Dr. Astronomo Antonio Pires da Silva Pontes, do Capitão de Cavallaria Auxiliar Manoel Velozo Rabelo de Vasconcellos, do Tenente de Infantaria Auxiliar Alexandre Barboza Ribeiro, do Padre Alvaro Loureiro da Fonseca Zuzarte, de toda a sua Guarda Militar de Dragões, e de outras muitas mais pessoas; tendo neste e já em outros muitos mais annos precedentes em que tambem pessoalmente reconheceu e muito miudamente, e examinou todos os estabelecimentos, agricultura,

pastos e situaçoens deste dito Rio inteirando-se de que todos elles eram de maior vantagem e necessidade a precisa conservação, augmento e ainda administração do governo da mesma referida capital e consequentemente de grande utilidade ao Real Serviço, e além destas athé por muitas outras razões politicas de egual e a maior consideração pelo que se deviam promover e consolidar com o zelo mais efficaz.

O que para esse fim convinha nisto, que se unissem e congregassem os seos antigos e numerosos moradores que dispersamente o povoam e cultivam desde mais de vinte annos antes, por ambas as sobreditas margens em grande extensão athé as suas primeiras fontes, com fazenda de gado vacum e criação de outros animaes domesticos, engenhos de assucar e agoardente e todas as outras qualidades de lavoura, para que com todos os mais que de novo viessem correndo, para o que se dariam providencias, se encorporassem em povoação regular e paragem que além de reunir as outras vantagens e circunstancias attendiveis, fosse a todos comoda, e observando que a maior parte dessas se verificassem melhor do que em nenhum outro neste intermedio que referido fica, da margem oriental ou direita deste dito Rio, e tendo pelos sobreditos Capitaens Engenheiros, na fórma do projecto que lhes determinou mandala levantar o plano da referida povoação, explainar, e dispôr todo o espaço que deve ser ocupado, ordenou o fizessem alinhar e demarcar para o que se achavam pronptos marcos de Pao de Lei e tudo o mais necessario, determinando outro sim que a dita povoação se denominasse Cazalvasco e que desde logo consistisse alem de um competente numero de cazas expecialmente na sua frente paralelamente ao Rio, e a Rumo do Oriente fizessem os mesmos officiaes juntamente demarcar e alinhar uma Igreja ou Capella descente e proporcionada para a celebração dos officios divinos e administração do culto espiritual dos mesmos moradores, como tambem uma caza e alguns quarteis que logo mandaria construir por conta da Real Fazenda para que Sua Ex.ª e os mais Snrs. Generaes que lhe sucedessem com os officiaes e guardas, que deveriam acompanhalos,

tivessem aonde recolherse e a quartelar não sómente quando passassem a vizitar estes ditos logares, mas que no Real Serviço da importantissima diligencia das demarcações sobre os terrenos adjacentes das fronteiras desta dita Capitania, que lhe estava encarregada pelas Soberanas Ordens de S. Magestade em execução do tratado preliminar de limites de 1.° de Outubro de 1777, tivessem por conveniente vir residir nesta dita povoação.

E tendose logo executado todas referidas medições, alinhamentos na sua mesma presença e de todos os sobreditos officiaes e mais pessoas, mandou o mesmo Snr. lavrar este termo para que indo por elle asignado e por todos os referidos officiaes e mais pessoas, por elle conste a todo o tempo da importante fundação deste novo estabelecimento e lugar de Cazalvasco sendo delle primeiro moradores os que já de tempo mais antigo povoam este Rio dos Barbados com o que teve seo principio: o Tenente Coronel Antonio Felipe da Cunha Ponte, que tambem serve de secretario do Governo por impedimento do actual o fez escrever. *Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres. Antonio Felipe da Cunha Ponte. Ricardo Franco de Almeida Serra. Joaquim Jozé Ferreira. Antonio Pires da Silva Pontes. Manoel Veloso Rabelo de Vasconcellos. Alvaro de Loureiro da Fonseca Zuzarte. Victoriano Lopes de Macedo. Manoel Ribeiro Leite. Alexandre Barbosa Faleira. Joaquim Jozé Cavalcanti de Albuquerque Lins.*

Está conforme o original.

Dr. *João Severiano da Fonseca.*

Real Forte do Principe da Beira

Auto da Fundação e declaração do dia em que se dá principio e lança a primeira pedra na nova Fortaleza que o Illm. e Exm. Sr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres, Governador e Capitão General desta Capitania de Matto-Grosso, manda levantar na margem oriental ou direita do Rio Guaporé, denominado *Real Forte do Principe da Beira.*

Anno do Nascimento do Nosso Senhor Jesus-Christo de 1776 annos, aos 20 dias do corrente mez de Junho, vindo o Illm. e Exm. Sr. Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Cáceres a este logar, situado a margem oriental ou direita do Rio Guaporé, desta Capitania, em distancia de mil braças pouco mais ou menos da antiga Fortaleza Conceição, o qual logar tinha sido escolhido e aprovado pelo mesmo Sr. depois de circunspectamente o reconhecer ouvindo a varios engenheiros com particularidade ao ajudante de infantaria com o dito exercicio Domingos Samboceti, a quem pela sua intelligencia foi cometida a direcção principal das obras para nelle se fundar outra nova Fortaleza, que Sua Magestade ordenou assim porque está livre das maiores escressencias do dito rio, como porque o terreno é naturalmente o mais solido e o mais acomodado em todos os sentidos que podia desejar-se, ahi por S. Ex.

foi pessoalmente lançada a primeira pedra nos alicerces, depois de se lhe gravar a inscripção seguinte :

JOSEPHO 1°

Lusitaniæ et Brasiliæ Rege Fidelissimo
Ludovicus Albuquerquius a Mello Pererius et Caceres
Regiæ Magistatis (1) *a Consiliis Amplissimæ hujus Mato-Grosso*
Provinciæ Gubernator ac Dux Supremus Ipsius Fidelissimi
Regis natu (2) *Sub Augustissimo Beirensis Principis nomine*
Solidum hujus arcis fundamentum jaciendun curavit
Et primum Lapidem posuit Anno Christi MDCCLXXVI
Die XX Mensis Junii

Cuja pedra foi com effeito posta no alicerce do angulo flanqueado do baluarte em que de presente se trabalha, cujo Angulo com pequena diferença olha para o Poente, e determinou o dito Snr. que a mesma nova Fortaleza de hoje em diante se denominasse Real Forte do Principe de Beira, consagrando-se os quatro baluartes em que ha de consistir, a saber: a Nossa Senhora da Conceição, o referido em que se trabalha com direcção geral ao Poente; a Santa Barbara o outro que visa para o Sul, ambos adjacentes ao rio; a Santo Antonio de Padua e Santo André Avelino, os outros dous, que devem corresponderlhes: o que tudo se fez sendo presentes o Capitão de Dragões da Capitania de Goyaz, Jozé de Mello Castro de Villena, o referido Engenheiro Domingos Samboceti, o Tenente de Dragões Jozé Manoel Cardoso da Cunha o Tenente em segundo da Artilharia Thomé Jozé de Azevedo, o Alferes de Dragões Joaquim Pereira de Albuquerque, e o Capitão Joaquim Lopes Poupino, Intendente das obras ; do que se fez este Auto, com mais quatro cópias, em que o dito Snr. Governador e Capitão General assignou, e da

(1) Sic por *magestatis*.
(2) Sic por *nutu*.

mesma sorte os sobreditos, com as mais pessoas que abaixo constam, e eu Antonío Ferreira Coelho, escrívão da Fazenda Real, que o escrevi.

Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres. Jozé de Mello e Castro de Vilhena e Silva. Domingo Samboceti. Jozé Manoel Cardozo da Cunha. Thomé José de Azevedo. Joaquim Pereira de Albuquerque. Joaquim Lopes Ponpino. Ignacio Pedro Jacome de Souza Magalhães. Belchior Alves Pereira. João de Magalhães Coutinho. Joze da Cunha Moraes. Joaquim de Mattos. Manoel Cardozo da Cunha.

Está conforme o original.

Dr. João Severiano da Fonseca.

ABREVIADA

DEMONSTRAÇÃO DOS TRABALHOS DA POLICIA

EM TODO O TEMPO QUE A SERVIO O

Dezembargador do Paço Paulo Fernandes Viana

Creou-se a Intendencia Geral da Policia em 5 de Abril de 1808, e desde então até 1821, em que pela instalação da constituição deixei de servir em 26 de Fevereiro de 1821, decorreram 12 annos menos 2 mezes.

Os meos serviços foram o de creador da intendencia, arranjo de livros, matricula de estrangeiros, estabelecimento de rendas, e correspondencia com as provincias. Entrei desde logo a fazer quarteis para a guarda real da policia que se creou, levantando ao mesmo tempo 4 bons quarteis, que de repente se pozeram em termos de servir, procurando pelo meo credito dinheiros para elles, quando era muito diminuta a renda, e todos se fizeram ao mesmo tempo.

Grangeei os terrenos para elles, negociando o do Campo de Santa Anna, o de Mataporcos, e o da Ajuda gratuitamente, e mettendo no erario os titulos com que seos proprietarios voluntariamente os dimitiram de si para a corôa, sem dispendio algum do erario; o que foi serviço muito importante.

Fiz barreiras, e corpos de guarda, onde os pedia o commandante militar da guarda real da policia para segurança e tranquilidade publica sem nada dispender com os terrenos, que para isso foram precizos.

Sustentei por meo credito e dos meos amigos a dita guarda de soldos e fardamentos, sempre com esplendor, com dinheiros gratuitos, até que me desonerei d'ella, e emquanto a renda era insignificante até poder passar a divida para o Banco (*),onde os premios eram moderados, e o que se fez antes d'isso foi por muitos annos sem premio, e sempre ventajozo á cauza publica.

Aterrei immensos pantanos da cidade, com que se tornou mais sadia, e no que se consumio muito dinheiro. e depois de aterradas fiz as calçadas das ruas do Sabão, e de São-Pedro, na cidade nova, na rua dos Invalidos, desde os Arcos por todo o local de Matacavalos, parte do Catete, rua do Conde, Catumbi até Mataporcos, no estado em que se acham, com utilidade do transito e da saude publica.

Fiz o caes do Valongo no fim da rua d'este nome com rampas e escadas para embarque, que foi de suma utilidade por não haver em certas estações local mais commodo para embarques, e dezembarques, e iluminei com lampiões o mesmo caes.

A' roda do Campo de Santa-Anna fiz calçada para communicação dos moradores com o resto da cidade.

Por não haver na cidade abundancia d'aguas para o uzo publico consegui, por via de mineiros que grangeei em Minas e em Cantagalo, conduzir agua até para beber em uma legua de distancia, e a levei por um bicame de madeiras desde o Barro-Vermelho até o Campo de Santa-Anna em 6 ou 7 mezes, e ali se beneficiou o publico com uma fonte de 10 bicas, que foi considerada como obra muito util, até que se principiou o encanamento das aguas do Maracanan, que foi toda debaixo da minha direcção e cuidado até o ponto de se erigir no mesmo campo um chafariz de 22 bicas, que afiança a abundancia d'aguas da cidade, obra que se continúa ainda, mas que no estado em que a deixei já supre bem a cidade e a põe a salvo do susto d'ella faltar.

(*) Refere-se ao *Banco do Brazil* creado por alvará de 12 de Outubro de 1808, cuja liquidação foi proposta pelo governo imperial em 1829 em consequencia do máo estado de suas operações.

Fiz immensas pontes de madeira na cidade nova, campo de São-Christovão, estrada do mesmo nome, rio do Faria, rua das Flores, travessa do Intendente, na estrada de Santa-Cruz 3, Piraquara, Bangú, e Caboçú, e mesmo dentro d'esta fazenda, em uma estrada de mais de trez quartos de legua até o rio Itaguahi; nos Manguinhos 2, que dão passagem para a ilha do Governador, as quaes se fizeram depois de pedra com toda a segurança, a do rio do Faria, do campo de São-Christovão, a fronteira ao portão da quinta da Boavista, a do Engomadeiro, e de D. Francisco Innocencio, na estrada de São-Christovão; a da rua da Cadeia-nova, e da travessa do Intendente por detraz de Santo-Antonio-Pobre, que enobelecem a cidade, e facilitam o transito em toda ella.

Mudei a cadeia da vizinhança do paço para o aljube, e n'esta pequena prizão, que era só de clerigos, emprehendi e consegui concluir a obra de ampliar e fazer uma cadeia capaz de conservar os prezos de uma capital, e dos que vêem a ella das provincias, com mais commodidade do que tinham na outra.

Apezar d'isso trabalhei na compra de um novo terreno para se fazer outra; fui eu quem ajustou o preço, e fui lançar a primeira pedra do novo edificio, e agenciei e persuadi ao coronel Fernando Jozé de Almeida para se offerecer a acabal-a, como se offereceo, e um quarto d'ella está em termos de receber o vigamento.

Criei e fui sempre augmentando a illuminação da cidade, não só nas ruas d'ella, mas e principalmente com todo o esplendor no paço da cidade, no da quinta da Boa vista, e na praça e caza das Larangeiras, onde a Rainha, Nossa Senhora, fixava por tempos a sua rezidencia.

Aterrei por vezes, e salvei dos córtes das marés a estrada da cidade nova, onde principiei a melhoral-a, como ja se via, e desfrutava, quando acabei o dito emprego, bordando-a de postes por um e outro lado de pedra e cal, e por toda a estrada de São-Christovão, de que pendiam fartos candieiros para a illuminarem.

Dezentulhei os lados do edificio da sé nova, que serviam de monturo, edificando por ambos elles cazas que servem de renda á policia, alem dos predios que servem

para as officinas de guardar e concertar os mesmos lampeões, e os utensilios d'este trafico.

Por fóra da cidade melhorei todas as estradas tanto da banda daquem como dalem d'ella com aterrados e pontes novas e concertos para facilitar a conducção dos viveres, e promover a abundancia na côrte. Tive o gosto de ver Sua Magestade por este meio viajar de carruagem por Maricá, Nuan, São-Gonçalo, Engenho-Novo, Tambi, e depois de fazer a picada com que de Iguassu podesse Sua Magestade mesmo ir em sege até o Rio-Preto a entrar na comarca de São-João de Elrei, provincia de Minas Geraes, ajustei esta estrada com todas as pontes precizas e cobertas por 48 contos de reis, a pagamentos de 8 contos de 6 em 6 mezes, para facilitar d'este modo em carros a conducção dos frutos d'aquella provincia para esta, e do interior de todas as fazendas, estabelecendo assim um manancial de riquezas para esta côrte, como precizamente ha de haver, quando esta obra se acabar, aproveitando-se já d'ella muita gente que segue pela picada já aberta, e pelos melhoramentos que de muito antes se tem ali promovido.

Mesmo junto a esta côrte emprehendi rebaixar e fazer mais tratavel a estrada da Tijuca, que antes nem de cavallo dava commodo transito, e deixei-a de modo que de sege se vae até o alto, e para a parte do mar alguma estensão mais. Esta estrada envia abundancia de frutas e ortalices á côrte, muito carvão, e augmenta os intereses de todos os cultivadores, que estão aborda d'ella. Fazendo-se isto, alem de alguns serviços dos moradores que d'ella tiravam partido, com os prezos de correção, deveo-se a esta medida muito beneficio a segurança publica, por temerem os vadios este destino.

Fiz um chafariz de 4 bicas d'agua no sitio de Matacavalos, conduzindo as aguas desde a sua nascença em canos cobertos, obra forte, e bem acabada, que p esta muita commodidade aos moradores d'aquelle bairro. E por que o do Catete entrou a crescer em bons edificios, e a ser com preferencia povoado por estrangeiros, e principalmente pelos ministros diplomaticos, não tendo uma só fonte publica, dispuz uma bica d'agua no portão da xacara em

que esteve a fabrica das xitas, donde o povo commodamente se provesse, e fui procurar conduzir desde a serra agua em abundancia e de muito boa qualidade, para pôr um chafariz no largo das Larangeiras, tendo chegado o encanamento já muito perto do local onde se ha de erigir o chafariz, tudo bem feito, e com desvios e escoamentos das enxentes; e n'este ponto estava, quando larguei o emprego, e a obra absolutamente deve continuar para se não perder o que está feito e com tanto custo conseguir-se perfeitamente o beneficio publico, que se procurava fazer.

Todos sabem, que para a creação do Banco, e rapida edificação do teatro de São-João, quaes foram os trabalhos que empreguei. Muitos fundos, que procurei para o primeiro, falando ao corpo do commercio da côrte e das provincias, por onde a instancias minhas grangeei grande numero de acções, e mettendo em scena para o segundo todos os meos mais bem estabelecidos amigos para por meio de acções o erigir em o curto espaço de 2 annos com a magnificencia e decoração com que se acha, que não cede aos mais brilhantes da civilizada e culta Europa; achando-se hoje todos os accionistas ja pagos.

Omitto outras mais pequenas obras, como a do sitio da Penha, e continuos reparos de estradas e ruas a que acudi, sendo objectos principalmente a que o senado devia providenciar, e de que a intendencia se podia dispensar a não se inflamar sempre pelo melhoramento de couzas que interessavam o bem publico, e o que é mais, entretinham a classe de artifices e de jornaleiros, que, seguros da sua subsistencia, melhoravam de costumes, e não tinham ociozidade para se darem, como costuma succeder, aos vicios que sempre acarretam grandes males á sociedade.

Nos campos dos Goitacazes fui eu quem emprehendeo alimpar as valas, e conseguindo o enxugamento de 30 leguas de terreno coberto d'aguas, que hoje são campos de criaação de gado, fiz por meio d'elle uma estrada aterrada que poupa aos viandantes mais de um dia de jornada e dos perigos da barra do Furado, onde muitos se têem perdido, alem do incommodo de passagens de carros, que

se poupa, e soube, que pela primeira vez tinha dali já vindo em sege alguem para vir a côrte ; o que se devia a este melhoramento.

No mesmo territorio dos campos me déi todo a procurar melhoramentos de estradas por entre as fazendas á margem do rio Parahiba, creando dois inspectores, que desempenhavam todos estes serviços, cortando questões entre vizinhos a arbitrio de bom varão, sem estrepitos forenses, em que todos lucravam, e os povos a mim recorriam, bemdizendo estes trabalhos que redundavam só em beneficio d'elles, que melhoraram muito de circunstancias.

Por minhas instancias projectei e consegui, que das ilhas dos Açôres se transportassem cazaes de ilhéos, que viessem augmentar a povoação branca d'este paiz ; e vieram com effeito muitos á custa das rendas da intendencia, pagaram de frete de 50$ a 70$ por cada cabeça, excepto das crianças de peito, arranjaram-se com mezadas por dois annos n'esta provincia, na de São-Paulo, Porto-Seguro e capitania do Espirito-Santo; a todos se deram cazas, terrenos, ferramentas, carros e bois, ou cavalgaduras, e ainda que em nenhuma parte prosperassem tanto como na capitania do Espirito-Santo pela inconstancia de seos genios e pouco amor ao trabalho, na capitania, pelos cuidados do governador, que ali estava, o capitão de mar e guerra Francisco Alberto Rubim, se erigio com estes cazaes a linda povoação de Viana com cazas de telhas para cada um, igreja e capellão curado, que hoje está já com freguezia separada da Victoria, com congrua e cirurgião de ordenado pago pela mesma intendencia, que estão com seos titulos correntes de sesmaria, que já chegam a 54, e tem-se ali promovido entre si e com familias do paiz 18 cazamentos, e com estes e com os mais espalhados pelos outros lugares indicados, e mesmo nas vizinhanças d'esta côrte, se tem conseguido prosperarem em frutos e em população branca com muita vantagem d'este paiz, antes mesmo, graças aos paternaes cuidados d'el-rei, que a tudo se provesse magnanimamente, acolhendo sempre bem os meos cuidados e incitando-os com a mais generoza aprovação das despezas, que n'isto se empregaram, e que

todas lhe pareciam sempre pequenas para tamanho bem, que se conhecerá com o andar dos tempos, e que o Brazil terá ainda algum dia de reconhecer.

Passarei em silencio a magnificencia dos festejos, que a policia fez na occazião do cazamento da senhora Princeza D. Maria Thereza, da acclamação de Sua Magestade e do recebimento da senhora Princeza Real; por que as narrações impressas que d'isto sahiram e principalmente os testimunhos prezenciaes, que ainda estão no Brazil, e das pessoas que estiveram então, e hoje se acham na Europa, abonarão a verdade de tudo, e reconhecerão, que era um dever da policia entrar n'estes objectos, não só pela utilidade que se tira em trazer o povo alegre e entretido, como promovendo ao mesmo tempo o amor e respeito dos vassallos para com o soberano e sua real dinastia.

Sempre modesto e acanhado em falar de mim, em todo o tempo que occupei o cargo de intendente geral de policia em um paiz em que o criei, fui demaziada e estudadamente mesquinho em falar de couzas que fazia ou projectava fazer, entendendo que ellas por si falavam, e que não era de homem ingenuo entrar na tarefa de os publicar. Agora porém que deixei o dito emprego, pareceo-me conveniente em rezumo dar conta de tudo para se conhecer que não tive descuido nem omissões, antes incansavel desvelo em manter ao mesmo tempo com o que fica referido a policia superior de entreter por este modo a classe necessitada em continuos trabalhos uteis, com que seguravam sua subsistencia; o que tambem faz objecto de bôa policia.

Não toquei em toda esta relação de objectos secretos, e que tocam só ao soberano.

Chegado a este paiz em criticas circunstancias, em que a França aterrava todas as potencias da Europa e mesmo mandava por via da America do Norte emissarios a perturbar a tranquilidade do Brazil e a fomentar a desordem das Americas espanholas, que despezas e que fina vigilancia não foi necessario empregar para baldar todos estes esforços, segurando assim a tranquilla rezidencia de Sua Magestade n'este paiz?

Os mesmos balanços, em que se tem visto as vizinhas

provincias do Rio da Prata, deram occazião a muitos trabalhos e custas, e a adotar-se pela policia do Rio de Janeiro e de todo reino do Brazil uma policia particular, mas mui custoza de desempenhar em harmonia, e que, sendo toda patente ao Soberano, porque se fazia debaixo de suas vistas sómente, e com sua aprovação especial, occupou muito trabalho e desvelo, e foi um serviço muito relevante, que só Sua Magestade, que estava sciente de tudo, é quem o póde avaliar.

Conhecendo o publico agora tudo isto, e que assim mesmo não se póde explicar mais amplamente, avaliará o merito de tudo isto e os sacrificios custozos, porque esta repartição passou para o desempenho de operações tão onerozas,que a sobrecarregavam,e a posteridade fará justiça á prudencia e sabedoria do Senhor D. João VI, que na pozição em que se vio no Brazil fazia admirar a todos os estrangeiros que a elle vinham e merecer os gabos das grandes potencias da Europa, como muitos papeis e jornaes publicos dali repetidas vezes o confessaram.

Nota. A esta demonstração redigida pelo exponente, como se vê por estar em parte escripta por letra do seo punho,acompanhavam 36 documentos originaes, que se conservam no archivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Entre estes documentos está um bilhete do punho do rei D. João VI, concebido nos seguintes termos : Intendente, no que me falou sobre o projecto da praia do Flamengo, sem me falar, não execute. *J.*

Da Redacção

INSTRUCÇÕES DADAS

PELA

Rainha ao Governador da capitania de Mato-Grosso D. Antonio Rolin de Moura

EM 19 DE JANEIRO DE 1749

D. Antonio Rolin de Moura. Amigo, Governador-capitão-general da capitania de Mato-Grosso. Considerando a demaziada extensão da capitania geral, que se chamava de São-Paulo, e a difficuldade que se experimentava para que um governador acudisse a tempo com as providencias necessarias a paizes tão dilatados, tive por conveniente dividir a dita capitania geral em trez partes; das quaes a mais proxima ao mar e dahi até o Rio-Grande ou Paraná formasse um governo subalterno ao do Rio de Janeiro, como são os mais d'aquella costa; e desde o dito Paraná até o rio Guaporé, que desagua no do Amazonas, fui servido crear uma capitania geral com o nome de Mato-Grosso, e nas terras que medeiam entre este governo e o das Minas Geraes outra capitania geral chamada de Goiaz. E como o governo de Mato-Grosso pela grande distancia em que fica pela sua situação confinante com as provincias do Perú, e por muitas outras circunstancias requeria ser administrada por pessoa de grande zelo e prudencia, houve por bem escolher-vos para a irdes estabelecer, esperando que em tudo sabe reis completamente desempenhar a minha expectação.

§ 1. Suposto entre os districtos de que se compõe aquella capitania geral, seja a de Cuiabá a que presentemente se ache mais povoado, comtudo attendendo a que no Mato-Grosso se requer a maior vigilancia por cauza da vizinhança que tem, houve por bem determinar, que a cabeça do governo se pozesse no mesmo districto de

Mato-Grosso; no qual fareis a vossa mais costumada rezidencia. Mas será conveniente que tambem algumas vezes vades ao Cuiabá, e a outras minas do mesmo governo, quando o pedir o bem de meo serviço e a utilidade dos moradores.

§ 2. Por se ter entendido que Mato-Grosso é a chave e o propugnaculo do sertão do Brazil pela parte do Perú, e quanto é importante por esta cauza que n'aquelle districto se faça população numeroza, e haja forças bastantes a conservar os confinantes em respeito, ordenei se fundasse n'aquella paragem uma villa, e concedi diversos privilegios e izenções para convidar a gente que ali quizesse ir estabelecer-se, e que para decencia do governo e pronta execução das ordens se levantasse uma companhia de dragões, e ultimamente determinei se erigisse juiz de fora no mesmo districto. Encommendo-vos, que depois que a elle chegardes, considereis, e me façaes presente quaes outras providencias serão proprias para o fim proposto de augmentar e fortalecer a povoação d'aquelle territorio.

§ 3. Pelo que toca á fundação da villa è factivel, que, sem mais attenção que ao lugar frequentemente mais frequentado, a tenham posto no arraial de São-Francisco Xavier, o qual consta ser muito doentio. E como de nenhuma sorte convém, que a rezidencia principal do governo tenha um defeito tão essencial, vos recommendo, que, examinando os sitios d'aquelle districto, onde bem possa collocar-se a villa, escolhaes o mais proprio para a sua estabilidade, e o mais commodo pelas suas circunstancias, attendendo a que o lugar seja defensavel, e quanto for possivel vizinho ao rio Guaporé, ou a algum outro navegavel que n'elle desague para lograr as commodidades da navegação e da pesca.

E ainda que a villa se ache já fundada no dito arraial, ou em outra parte menos commoda, deixo á vossa eleição mudal-a para o sitio que fôr mais a proposito. Tereis tambem cuidado de mandar traçar as ruas direitas e largos, o mais que vos parecer conveniente, para que a mesma villa desde o seo principio se estabeleça com boa direcção.

§ 4. Quanto aos privilegios e izenções que tenho concedido, considereis si poderão sem inconveniente acrescentar a alguns outros que contribuam, a convidar moradores e mineiros para irem povoar aquelle territorio.

§ 5. No que pertence aos soldados dragões, como até o prezente são raros, e mui custozos os cavallos no districto do vosso governo, fareis por ora servir os ditos dragões a pé. Mas encommendo-vos, que promovaes com actividade as criações de cavallos e gado, animando os criadores pelos meios que vos parecerem convenientes. E quando se pozerem os cavallos em preços moderados m'o fareis prezente pelo Conselho Ultramarino para determinar-se de se montar a tropa, e apontareis a providencia que convirá dar-se para o sustento dos cavallos.

§ 6. Quanto ao juiz de fóra me informareis com o vosso parecer, si é mais conveniente, que se ponha no Cuiabá, e que a ouvidoria passe para Mato-Grosso, ou que em ambas as partes haja ouvidoria.

§ 7. Na sobredita villa cabeça do governo é precizo se faça a caza para morada dos governadores, e pelo muito que fio do vosso zelo e prudencia hei por bem, que a mandeis levantar com aquella decencia e commodidade que vos parecer necessaria e bastante, attendendo ao remoto sertão em que fica situada a vossa rezidencia. Para esté effeito se vos entregará ordem minha directa ao provedor da fazenda para que assista com o dinheiro necessario a essa despeza.

§ 8. A proximidade em que está Mato-Grosso das missões espanholas dos Xiquitos e dos Moxos, e do governo de Santa-Cruz de La Sierra, que é dependencia do Perú, se faz precizo, que em vós e em vossos successores haja a maior circunspecção para evitar toda a queixa e castigar toda a desordem que os subitos do vosso governo cometterem contra os Espanhóes, e juntamente a maior vigilancia para não consentir que os mesmos Espanhóes se adiantem para a nossa parte, ou comettam violencia alguma contra os meos vassallos.

§ 9°. Os missionarios de Espanha, no anno de 1743, por emulação de que os mineiros de Mato-Grosso

descessem com canôas pelo rio Guaporé, passaram da missão de São-Miguel, que é uma dos Moxos sita na margem occidental do dito rio, a fundar outra aldeia na margem opposta com a invocação de Santa-Roza, intentando por esta fórma empossar-se da navegação d'aquelle rio e impedil-a aos meos vassallos, entre os quaes e os Espanhóes tem havido por esta cauza alguns dissabores e altercações.

A situação d'esta aldeia de Santa-Roza é tão sugeita a produzir contendas, consequencia gravissima, que em quanto não se faz amigavelmente a respeito d'ella alguma transação que as evite para o futuro, ficando os limites das duas monarchias pelo rio Guaporé, deveis pôr todo o cuidado para que ao menos não cresça o mal que dali pode resultar. Por detraz d'aquella aldeia se descobriram ultimamente as minas dos Arinos, e em um ribeirão que está antes de chegar a ella, na mesma margem oriental, se tinha já ha alguns annos feito outro descobrimento, e é provavel que n'aquellas vizinhanças se vão achando minas diversas.

Si os Indios d'aquella aldeia se alargarem a buscar ouro pelos contornos, é muito factivel que se descubram, e que com isso se faça mais difficultoza a transação amigavel, e se vão originando maiores discordias entre os vassallos de uma e outra monarchia.

Emquanto esta dependencia se não ajusta com a côrte de Madrid, o remedio que por ora deveis applicar é persuadir moradores que vão situar-se no circulo d'aquella aldeia, e não muitas leguas de distancia, dando-lhes sesmarias para assim evitar que os Indios da mesma aldeia se alarguem nos seos contornos; e deveis defender efficamzente os sesmeiros de qualquer insulto e molestia dos mesmos Indios.

Para este fim, e para o mais que poder ser necessario fareis alistar em ordenanças todos os moradores do vosso governo, procurando que andem quanto fór possivel exercitados e disciplinados. Nomeareis pela primeira vez os capitães e mais officiaes das companhias e os capitães mores dos districtos, de que dareis conta pelo Conselho Ultramarino para serem confirmados por mim,

fazendo nas patentes menção d'esta ordem, e do numero de agentes de que se compozerem os corpos, que deve ser ao menos de 60 soldados em cada companhia, e os capitães mores hão de ter ao menos seis companhias á sua ordem. Pelo que toca aos provimentos que occorrerem depois dos primeiros, vos regulareis conforme as ordens emanadas pelo Conselho Ultramarino.

Fareis frequentar quanto fôr possivel a navegação e pesca do rio Guaporé, para que não tome vigor com a negligencia da nossa parte a pretenção em que tem entrado os Espanhóes de senhorear-se d'ellas. A respeito da communicação do Mato-Grosso com o Pará, pelo rio, que será o meio mais efficaz para destruir aquella pretenção e para fortalecer as terras do vosso governo, vereis pelas cópias que ordeno se vos entreguem, o que mandei avizar aos governadores Gomes Freire de Andrade e Francisco Pedro de Mendonça Prejon.

Pelo que se ordenou aos sobreditos ficareis entendendo o que sou servida se observe n'essa materia, e a vista das informações que enviares para melhor conhecimento d'ella, resolverei o que tiver for mais conveniente ao meo serviço.

Mas no cazo que eu ao diante determine, que se franqueei a communicação do Mato-Grosso com o Pará, deveis ter cuidado em que não se abandone por isso o transito de cauzas, que ao prezente se pratica do Cuiabá para São-Paulo; pois por muitas e importantes razões convém conservar-se frequentado pelos meos vassallos aquelle sertão. O governo da Espanha tem grande ciume de que da nossa parte se vendam fazendas de contrabando aos seos subditos americanos, e assim a razão da boa vizinhança entre mim e Elrei Catholico pede, que n'este particular tenhaes toda a vigilancia para impedir aos moradores do vosso governo todo o commercio de generos com os Espanhóes.

O gentio Paiaguá apezar de um ataque que já mandei fazer ás suas ilhas, se tem depois tornado a restabelecer, de sorte que continúa a infestar a navegação dos comboieiros pelo rio Paraguay. Aos governadores de São-Paulo se tinha ordenado mandassem fazer alguns

bergantins armados com gente de ordenanças para castigar os insultos d'aquelles barbaros, e segurar a navegação dos ditos comboios.

Confio do vosso zelo attendaes a preservar os navegantes e vizinhos do dito rio do susto d'aquelle gentio, e quando exaustos todos os meios de persuação e de brandura, não possaes conseguir que desista das suas hostilidades, procurareis eficazmente reduzil-os com castigo a viverem racionalmente. E si para isto necessitardes de alguma couza que faltem n'aquelle sertão, o avizareis pelo dito conselho, para se darem as providencias convenientes.

Em todo o vasto paiz que medeia entre o Paraguay e o Paraná ou Rio-Grande se acha vivendo o gentio Caiapó, que è o mais barbaro e alheio de toda a cultura e civilidade, que até agora se descobrio no Brazil.

As continuas hostilidade com que infesta os caminhos de São-Paulo para Goiaz e para o Cuiabá e até as mesmas povoações dos Goiazes me obrigaram a mandar ultimamente se deliberasse em uma junta de missões no Rio de Janeiro, si devia fazer-se-lhe guerra, conforme os meios, com que se haveria de executar no cazo que se julgasse indispensavel.

O governador Gomes Freire de Andrade vos communicará o ultimo estado d'esta dependencia, para que por vossa parte coopereis com elle, e com o governador de Goiaz no que se tiver assentado na dita junta. E como um meio eficaz para afugentar e atemorizar estes barbaros, é o de penetrarem os sertanejos pelas terras em que vive aquella nação, será conveniente que favoreçam todo o descobrimento de ouro que se intentar na serrania, que corre de Camapuan para o norte. Nas terras que medeiam entre o Cuiabá e o Mato-Grosso se encontrou a alguns annos a nação dos Indios Parecis, mui proprios para domesticar-se, com muitos principios de civilidade e outras nações de que se poderiam ter formado aldeias numerozas e uteis, e com sumo desprazer soube, que os sertanejos do Cuiabá não só lhes destruiram as povoações, mas que totalmente têem dissipado os meos Indios com tratamentos indignos de se praticarem por homens christãos. Por serviço de Deos e meo e por obrigação da

humanidade deveis pôr o maior cuidado em que não se tornem a commetter similhantes desordens castigando severamente aos autores d'ellas, e encarregando aos ministros que pela sua parte emendem e reprimam rigorozamente tudo o que n'este particular se houver feito ou ao diante se fizer contra as repetidas ordens que têem emanado n'esta materia.

Pelo que toca aos Indios das nações mansas, que se acham dispersos servindo aos moradores a titulo de administração, escolhereis sitios nas mesmas terras donde foram tirados, nas quaes se possam conservar aldeiados e os fareis recolher todos ás aldeias, tirando-os aos chamados administradores, e pedireis ao provincial da Companhia de Jezus do Brazil vos mande missionarios para lhes administrarem a doutrina do sacramento. Igualmente lhe os pedireis para a administração de qualquer aldeia ou nação que novamente se descubra, não consentindo que se dissipem os Indios ou se tirem das suas naturalidades, ou se lhes faça dano ou violencia alguma, antes se appliquem todos os meios de suavidade e industria para os civilizar, doutrinar em tudo como pede a caridade christã.

A's aldeias destribuireis de sesmarias as terras que vos parecerem necessarias para as suas culturas, conforme o povo que contiverem. Não consentireis, que os Indios sejam administrados por pessoas particulares e muito menos que sejam reduzidos a sugeição alguma, que tenha a minima apparencia de captiveiro, nem que na administração economica das aldeias se ingira pessoa alguma fóra os missionarios, nem que vão seculares a demorar-se n'ellas mais de trez dias.

E assim a estes respeitos, como aos mais que pertencem aos governos de minas fareis exactissimamente observar o regimen e ordens que têem emanado tocante a ellas. E deveis estar na intelligencia que tenho ordenado se deem de congrua da minha fazenda a cada missionario das aldeias quarenta mil réis por anno. E pelo que pertence a erecção e guizamente das igrejas das mesmas aldeias dareis interinamente as providencias mais necessarias, e quanto ao mais informareis pelo Conselho Ultramarino da ajuda, com que será conveniente que eu mande assistir.

Por falta de conhecimento bastante dos sertões não tenho determinado até agora os limites do governo de Mato-Grosso mas que pela banda do Rio-Grande. A respeito das outras partes portanto, confinantes com os governos de Goiaz e do Pará, procurareis todas as informações que vos fôr possivel alcançar e me asfareis prezentes, enviando juntamente mappas do terreno para que se resolva por onde devem ficar os confins, assim do governo secular como das prelazias e das judicaturas.

Pelo que toca aos confins do vosso governo pela parte do Perú, actualmente estão entaboladas algumas negociações para as regular amigavelmente. Emquanto porém tratado definitivo sobre esta materia não chega a concluir-se é bem, que vades prevenido a respeito das queixas que talvez vos fará o governador de Santa-Cruz de La Sierra, ou o prezidente de Chuquisaca, e deveis estar na intelligencia que na materia d'estes confins não ha razão que deva fazer escrupulo do excesso da nossa parte ; antes ao contrario. Porque supposto entre esta corôa e a de Castella se fizesse no anno de 1494 uma convenção em Tordessilhas, em que se assentou, que imaginado uma linha merediana a 370 leguas ao poente das ilhas do Cabo-Verde todas as conquistas d'estas linhas para o oriente pertencessem a Portugal e as que ficassem para o occidente da mesma linha tocassem a Espanha, não posso com tudo considerar-me obrigado a conter o limite da minha conquista no da dita linha.

Primeiramente porque devendo em consequencia da dita convenção pertencer a cada uma das corôas 180 gráos meridianos, se acha pelo contrario que do termo da dita linha contando para o poente até a estremidade e dominio espanhol no mar da Azia e ilhas Filipinas, occuparia aquella corôa mais de 13 gráos além de 180, que pela dita convenção lhe tocam. E como o espaço que importam os 13 gráos é muito maior do que os meos vassallos tem talvez occupado além da dita linha no sertão do Rio das Amazonas e no Mato-Grosso, segue-se, que ainda falta muito para ficar compensada a minha conquista do que os Espanhóes têem excedido no seo emisferio.

Em segundo lugar porque tendo o Imperador Carlos V

pela convenção feita em Saragoça em 1523 vendido a esta corôa tudo o que a Espanha podesse pretender desde as Ilhas das Velas para o poente, promettendo que seos vassallos não navegariam mais além d'aquellas ilhas, e si por acazo passassem ao occidente d'ellas, e ahi descobrissem algumas terras, as entregaria logo a Portugal, sem embargo d'este contrato, foram os Espanhóes depois estabelecer-se nas Filipinas, donde resulta um novo titulo para eu pretender a compensação d'estas ilhas.

Suppostos estes fundamentos da justiça da minha corôa, deveis não só defender as terras que os meos vassallos tiverem descoberto e occupado e impedir que os Espanhóes se não adiantem para a nossa parte; mas promover os descobrimentos e apossar-vos do que poderdes e não estiver já occupado pelos Espanhóes, evitando porem quanto fôr possivel não só toda a violencia, mas ainda a occazião de dissabor pelo que toca ás novas occupações. E no cazo que algum dos governadores espanhóes vos faça instancias ou protestos a este respeito, respondereis, que sobre similhantes questões se não pode tomar acordo entre vós, mas entre as duas côrtes, por onde cada qual de vós deve mandar as suas representações.

Perto da villa do Cuiabá ha uma campanha alta chamada do Jassê, em que se affirma haver uma extraordinaria abundancia de ouro, que não póde aproveitar-se por falta de agua para as lavagens. O povo do Cuiabá emprendeo a sua custa trazer para este effeito de grande distancia um ribeirão, e gastando n'esta empreza um grosso cabebal teve a infelicidade de tomar tão mal as medidas que no fim do trabalho se reconheceo, que faltava muita altura para chegar a agua onde era necessario. E como sou informado, que da conducção d'esta agua podem resultar avultadas conveniencias, assim á minha fazenda como á dos meos vassallos: Hei por bem, que averiguado com a certeza possivel, si a agua pode chegar a altura competente, e fazendo examinar os defeitos do canal precedente, quando vos pareça factivel a obra por meio da contribuição do povo, o animareis a isso, sem porém uzar de constrangimento algum; e si entenderdes, que não bastarão as faculdades dos moradores para o fim dezejado, me

avizareis logo, apontando a assistencia com que será conveniente contribua a minha fazenda e o mais favor que vos parecer será eficaz para conseguir-se o intento.

Tem procedido grandes inconvenientes e embaraços da frequentação que apezar de todas as prohibições se foi praticando furtivamente das minas de diamantes que existem no Goiaz. E supposto ultimamente dei providencia que pareceo mais propria para se atalhar, resta o receio de que o mesmo dano se renove no Cuiabá, por haver noticia e terem aparecido amostras de diamantes, que se acham no rio Coxipó nos contornos d'aquella villa. Pelo que vos recommendo a maior vigilancia possivel em prohibir toda a busca de diamantes n'aquella e em qualquer outra paragem do vosso governo, e castigareis severamente toda pessoa que vos constar se ocupa em buscal-os, ordenando debaixo das penas que vos parecer, que si alguma pessoa trabalhando em outro ministerio descobrir por acazo algum diamante o traga ou mande á vossa prezença para o remetter a esta côrte, onde mandarei dar ao dono d'elle o que for justo, para que não faça commercio d'este genero fóra da caixa do contrato.

Muitas outras couzas se offecerão á vista do paiz, que não é possivel occorrerem de longe para se lhes dar providencia n'estas instrucções, mas fio da vossa prudencia e zelo que em todas sabereis tomar acordo tão conveniente ao meo serviço que tenha muito que louvar-vos. E pelo que respeita ás faculdades e outras dependencias do governo, vos regulareis pelo regimento dos governos geraes do Estado do Brazil, em tudo o que não fôr aqui diversamente disposto.

Escripta em Lisboa a 19 de Janeiro de 1769.

RAINHA.

Marco Antonio de Azeredo Coutinho.

Instrucção que V. M. é servida mandar a D. Antonio Rolin de Moura, momeado Governador e Capitão-General de Mato-Grosso, cujo governo vae crear na fórma que acima se declara. Para Vossa Magestade vêr. *Manoel Ignacio de Lemos* a fez.

INSTRUCÇÕES

PARA O

Capitão-General D. Antonio Rolin de Moura

D. Antonio Rolin de Moura, governador e capitão general das capitanias de Cuiabá e Mato-Grosso. Amigo. Eu El-Rei vos envio muito saudar. Porquanto vos tenho confiado o estabelecimento e o augmento d'essas importantes capitanias; sendo indispensavel no governo politico principalmente nas colonias novamente fundadas, que os dous polos, do premio e do castigo, se conservem firmes e inalteraveis, porque persistindo assim sempre no seo justo equilibrio a balança da Justiça, cresçam em virtude os bons e se apartem os máos de seos perversos costumes; confiando das vossas boas qualidades, e instrucção, prudencia e zelo do serviço de Deos e Meo, que tendes feito vêr em tudo do que vos encarreguei até agora, e pela satisfação que de vós tenho esperado, que cada dia vos empregareis com mais acerto em tão meritorias e necessarias obras: sou servido commetter-vos a ambos os ditos respeitos, sem exemplo, a jurisdição seguinte.

Pelo que respeita ao premio, sendo certo que os meos vassallos são sempre e hão de ser os mesmos que foram na primitiva India Oriental, onde tão poucos bons Portuguezes fizeram tantos e tão façanhozos progressos e dominaram tantas e tão numerozas nações. E considerando que mediante a vossa boa direcção não deixará de haver entre os habitantes d'essas ditas capitanias alguns que hoje são menos conhecidos, os quaes chegando a ser empregados venham a

distinguir-se tanto, que se façam benemeritos da justa satisfação: Hei por bem, que nos cazos em que assim succeder possaes honrar a similhantes homens, declarando-lhes no meo real nome a nobreza que achardes competente ao serviço em que se houverem distinguido, e ainda as mercês dos habitos das Ordens Militares com as tenças necessarias para gozarem dos privilegios d'elles; passando-lhes despachos das ditas mercês nos papeis originaes dos serviços que vos tiverem aprezentado, para que, sendo remettidos á Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, lhes possam ser por Mim confirmados, ao fim de se lhe expedirem por ella as suas portarias para gozarem da nobreza, que lhes houverdes concedido, e se lhes lançarem os habitos, sem duvida ou embargo algum.

E pelo que toca ao castigo sou servido conceder-vos toda a cumprida jurisdicção que necessaria vos fôr, para que nos cazos de desobediencia formal dos soldados e officiaes aos seos superiores, na materia e Meo Real serviço, ou sejam pagos ou de auxiliares e ordenanças, de dezerção dos mesmos soldados e officiaes, de sedição, de rebellião e de todos os crimes de leza-magestade divina e humana, e d'aquelles que são contra o direito natural e das gentes, como homicidios voluntarios, rapinas de salteadores, que grassam nos caminhos e lugares ermos, infestando-os para impedirem o commercio humano, e rezistencias ás justiças estabelecidas para conservarem a paz publica; possaes fazer apprehender, proceder e sentencear os réos de tão abominaveis crimes (ou sejam Europeos ou Americanos, ou ainda Africanos livres ou escravos) em processos simplesmente verbaes ou summarissimos, pelos quaes conste de mero facto da verdade da culpa, observando sómente os termos do direito natural, que consistem no auto de corpo de delicto, na inquirição e escripta das testimunhas que provarem a culpa, na vista que de tudo se deve dar ao réo em o termo competente, para allegar e provar sua defeza, reduzido a maior brevidade que couber no possivel, e na sentença proferida sobre o dito processo verbal e summarissimo, pelos competentes juizes, que serão por vós nomeados na maneira seguinte: Sendo os réos militares,

será o juiz relator d'elles o ministro mais graduado que houver no vosso territorio ou na falta d'elle o bacharel de melhor opinião por letras e costumes, o qual proporá e sentenceará como auditor geral na vossa prezença os referidos autos, sendo juizes d'elles o mestre de campo commandante do vosso regimento, o tenente coronel, o sargento mór, o capitão mandante e o ajudante d'elles; e tendo vós sempre voto de qualidade para o desempate. No cazo de faltarem alguns dos ditos officiaes, convocareis no lugar d'elles os capitães que forem mais antigos. E sendo os réos paizanos será sempre juiz o mesmo auditor geral, pela graduação do seo lugar, trez ministros de letras, si os houver, que tenham jurisdição ordinaria, e trez vereadores da Camara, dos que serviram no anno em que se proferir a sentença, ou no proximo precedente a elle, com os quaes e com os outros vereadores, tirados tambem pelas suas antiguidades, se supprirá a falta de bacharéis formados, quando os não houver no referido numero, tendo vós sempre similhantemente n'estas resoluções o mesmo voto de qualidade.

Para o que tudo sou servido outrosim dispensar todas as formalidades civis, que requeressem determinado tempo e determinado numero de testimunhas para as devassas se concluirem e todos os mais termos que as leis prescrevem para os processos criminaes, as quaes, para estes effeitos sómente, Hei por derogados, para que esta se cumpra tão inteiramente como n'ella se contém, como tambem para que as sentenças proferidas na sobredita fórma se dêem á sua devida execução sem appellação, aggravos ou duvida alguma, no breve termo que fôr pelos juizes arbitrado, conforme a gravidade das culpas e a qualidade dos réos.

Escripta em Belém aos 26 de Agosto de 1758.

Rei.

Para D. Antonio Rolin de Moura.

PATENTE

DE

D. Antonio Rolin de Moura

DE

Governador e Capitão-General de Mato-Grosso

Dom João por Graça de Deos Rei de Portugal e dos Algarves, daquem e dalém mar em Africa, Senhor de Guiné e da Conquista, Navegação e Commercio da Etiopia, Arabia, Persia e da India. Faço saber aos que esta minha carta patente virem, que tendo consideração ás qualidades, merecimentos e serviços que concorrem na pessoa de D. Antonio Rolin de Moura, e a que dará inteira satisfação a tudo o que lhe fôr encarregado do meo serviço, conforme a confiança que d'elle faço: Hei por bem de o nomear como pela prezente nomeio no cargo de Governador e Cappitão General da Cappitania de Mato-Grosso, por tempo de trez annos, e o mais em quanto lhe não mandar successor, com o qual haverá o soldo de doze mil cruzados cada anno pago na fórma das minhas ordens, e com o mesmo cargo gozará de todas as honras, poderes, mando, jurisdicção e alçada que tem e de que uzão os Governadores do Rio de Janeiro e do mais que por minhas ordens e instrucções lhe fôr concedido, com subordinação sómente ao Vice-Rei e Capitão General de mar e terra do Estado do Brazil, como o têem os mais governadores d'elle.

Pelo que mando ao general, ou pessoa que estiver governando a dita Capitania de Mato-Grosso, dê ao dito

D. Antonio Rolin de Moura posse do mesmo governo, e a todos os officiaes de guerra, justiça e fazenda de toda aquella Capitania ordeno tambem, que em tudo obedeçam, cumpram suas ordens e mandados, como a seo governador e capitão general; e o thezoureiro ou recebedor de minha fazenda da dita Capitania, a quem o recebimento d'ella tocar, lhe fará pagamento do dito soldo aos quarteis por esta carta sómente, sem para isso ser necessario outra provizão minha; a qual se registrará para o dito assento em os livros da sua despeza para lhe levar em conta o que assim lhe pagar, e o dito D. Antonio Rolin de Moura jurará em minha chancellaria na forma costumada, do que se fará assento nas costas d'esta minha carta patente, e antes de partir d'esta côrte fará em minhas Reaes Mãos preito e homenagens, pelo dito governo, segundo o uzo e costumes d'estes reinos, de que aprezentará certidão do meo Secretario de Estado, e por firmeza de tudo, lhe mandei passar esta carta patente por mim assignada e sellada com o sello grande das minhas armas; e pagou de novo direito seis centos mil réis, que se carregarão ao thezoureiro Manoel de Faria Souza a fls. 31 do livro 4°. da sua receita, e deo fiança a outra tanta quantia no livro 2°. d'ellas, a fls. 122, e deo mais outra fiança no dito livro e fls. 123 a pagar das propinas e emolumento que tiver com este cargo, e deo mais outra fiança no referido livro a fls. 123 a pagar do mais tempo que servir além dos trez annos, em que vae provido, como constou de seo conhecimento em forma, registrado no livro 3°. do regulamento geral a fls. 294.

Dada na Cidade deLisboa aos 25 dias do mez de Setembro do anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de 1748.

A Rainha.

Patente porque V. M. ha por bem nomear a D. Antonio Rolin de Moura no cargo de Governador e Capitão General da Capitania de Mato-Grosso por tempo de trez annos, e mais emquanto lhe não mandar successor, como n'ella se declara. Para V. M. ver.

Por decreto de S. M. de 26 de Julho de 1748. *Alexandre Metello de Souza Menezes. Thomé Gomes Moreira.*

O Secretario *Joaquim Miguel Lopes* a fez escrever. Fica assentada esta carta patente do livro das mercês, e pagou dois mil reis. *Paulo Nogueira de Andrade.*

Registrada a fls. 45 do Livro 30 de officios da Secretaria do Conselho Ultramarino. Lisboa 5 de Novembro de 1748. *Joaquim Miguel Lopes* a lavrou. *Jozé Vaz de Carvalho.*

Registrada na chancellaria mor da côrte e reinos no livro de officios e mercês a fls. 268. Lisboa 19 de Novembrode 1748. *Antonio Jozé de Moura.*

Pagou vinte e dois mil e quatro centos reis e aos officiaes dois mil e quatro centos e cincoenta e seis reis. Lisboa 19 de Novembro de 1748. *D. Sebastião Maldonado.*

Faça-lhe a passagem não sendo devedor de couza alguma á fazenda real. Lisboa 27 de Novembro de 1748. *João Luiz d'Azevedo.*

Recebedoria geral do exercito e fortificações da côrte e provincia da Extramadura. A fls. 8 da lista 4° da companhia do capitão D. Antonio Rolin de Moura, uma das do segundo batalhão do regimento de infantaria da guarnição d'esta dita côrte, do coronel o Conde de Coculim, fica feita passagem ao Sr. capitão conteúdo na patente retro por não ser devedor de couza alguma á fazenda real. Lisboa 27 de Novembro de 1748. *Raimundo dos Santos Oliveira.*

Aos 18 dias do mez de Janeiro do anno prezente de 1749, n'esta cidade de Lisboa, em os Paços da Ribeira, onde ora assiste o Muito Alto e Muito Poderozo Rei D. João o 5°, N. Sr., fez preito e homenagem em suas Reaes Mãos, segundo a ordenança, D. Antonio Rolin de Moura pelo governo da Capitania de Mato-Grosso, em que é provido pela patente atraz escripta, de que se fez assento no livro das homenagens que assignou com Francisco Furtado de Mendonça e D. Rodrigo Antonio de Noronha Menezes, que se achavam prezentes a este acto, e de como fez o dito preito e homenagem se lhe passou esta certidão. Lisboa dito dia *Marco Antonio d'Azevedo*

Coutinho. Pedro Alexandrino d'Abreo Bernardes a fez. E eu lhe dei juramento. Lisboa 20 de Novembro de 1749. *Jozé Vaz de Carvalho.*

Registrada a fls. 5 da livro 1.° do regulamento que serve n'esta Secretaria do Governo de patentes reaes. Cuiabá 26 de Janeiro de 1751. *Bartolomeo Descalça e Barros.*

Registrada no livro 1°. das patentes dos governadores d'esta Capitania n'este senado a fls. 2. Villa Real do Cuiabá de Janeiro 17 de 1751 *Francisco Xavier Moreira Julio Leite.*

Registrado no livro primeiro das patentes reaes d'esta provedoria a fls. 7. Villa Real do Cuiabá 29 de Janeiro de 1751. *Francisco Ferreira de Azevedo.*

BREVE REFLEXÃO

SOBRE

O MEIO EFFICAZ DE SE REMEDIAR A DECADENCIA

DA

CAPITANIA DE GOIAZ

A decadencia, a que tem chegado a capitania de Goiaz, se mostra com evidencia pelos balanços actualmente remettidos da respectiva junta da fazenda ao real erario, dos quaes se manifesta a progressiva diminuição dos direitos reaes, e com especialidade do quinto senhorial.

Ella se manifesta em todos os ramos de administração publica e patrimonio dos particulares, e só este argumento convence não proceder de defeito no governo politico, como pensam alguns.

Menos póde nascer do clima e natureza do terreno, sendo aquelle tão temperado, e este tão benigno, que nas plantações e semeaduras de milho e mandioca correspondem as colheitas á duzentos por um, e assim proporcionalmente nos outros generos de cultura.

Os jornaes das suas lavras excedem o dobro dos que offerecem as minas geraes, segundo o calculo, que se tem verificado, comparando o numero de escravos empregados n'este genero de agencia, e importancia de ouro, que annualmente entra nas fundições.

Abunda em frutos proprios do paiz, sem laboriozos fabricos, produz trigo, dá uvas duas vezes no anno, tem salinas, ferteis campinas para creação de gado vacum, e

cavallar, e os multiplicados rios, que cortam o seo extenso terreno, offerecem facil navegação para o Pará, si bem que esta pelo seo regresso dilatadissimo tarde poderá ser util.

Quarenta e seis mil almas de todas idades, sexos, e condições é pouco mais ou menos toda a população da capitania; do que se prova, que, descontadas as pessoas inuteis pela idade e molestias, restam poucas, que possam prestar trabalhos lucrozos, muito principalmente entregando-se grande parte d'estas ao ocio inevitavel no estado actual pelo azilo que lhes offerecem os despovoados sertões, que dividem as capitanias confinantes, illudindo-se assim as mais activas providencias das autoridades publicas, e vindo por consequencia a ser esta a principal e immediata cauza da decadencia observada.

Por uma ordem natural acabaram as antigas fabricas, não se substituindo novos escravos aos falecidos.

Da falta de cultura na religião e insubsistencia dos estabelecimentos procedeo o abandono dos matrimonios, e d'estas a extinção das familias, a corrupção dos costumes, a impune desobediencia ás leis e aos seos executores, e consequentemente a falta de união de forças a beneficio dos interesses sociaes.

A cultura de generos de lucroza exportação pela navegação dos rios seria o meio solido e permanente de remediar o mal (si bem que attendida a difficuldade do regresso acima apontada, e a falta de soccorro de mantimentos pela despovoação das margens respectivas quazi impossibilita este mesmo remedio), mas como tanto para a navegação, como para a extração do ouro se depende necessariamente de braços, parece indispensavel o meio provizional da frequencia de cazamentos, e augmento de escravos, o qual sendo incompativel com as possibilidades dos habitantes no estado actual, só póde ser facil e vantajozo, mandando-se vir os escravos por conta da real fazenda.

Porque sendo comprados os escravos nos dominios da Africa, e conduzidos por conta da dita real fazenda, ficam postos em Goiaz por preço tão commodo, quanto era excessivo o lucro, com que os negociantes d'este genero

tinham acumulado grossos cabedaes em dano dos mineiros, como se mostra dos exemplos abaixo apontados.

A venda verificada pela importancia do capital, e a credito por seis annos, e ainda por menos, facilita aos compradores a solução do preço, recebendo a real fazenda no tempo convencionado os fundos empregados no lucro do quinto do ouro extrahido, e augmentado pelos mesmos escravos, e dos impostos nos generos de importação, augmentando-se tambem o consumo d'estes e o giro do commercio na proporção do activo fabrico das minas.

Melhorados assim os estabelecimentos, concedidos alguns privilegios a favor dos chefes das familias em observancia das leis, que os prefere nas serventias dos cargos e officios publicos, será facilitada a frequencia dos matrimonios, que é o meio tambem de se povoarem os sertões confinantes a beneficio da navegação, civilizando ao mesmo tempo pouco a pouco sem dispendio, e com vantagem notoria da corôa e religião as barbaras nações, que os occupam.

A experiencia confirma o que dita a razão.

Vemos a capitania de São-Paulo, prezentemente augmentada nas rendas publicas e na opulencia dos particulares, depois que alguns se deliberaram a importar muitos comboios de escravos, que, vendidos a credito e a troco de generos da cultura, enriqueceram os vendedores e compradores, transformando-se em breve tempo as fazendas despovoadas e sitios deixados em numerozas fabricas de assucar, de farinha, e plantações de algodão, e outros generos.

Com tão justos motivos, e conhecimentos é que muitos dos governadores da capitania de Goiaz, a exemplo do zelozo e providente Barão de Mossamedes, têem proposto e supplicado ao real throno a lembrada providencia, a qual si se não der faltará de todo o mesmo quinto, que já é tão pouco que a 5 para 6 annos não vem remessa de lá, e augmentando-se a decadencia ficará por pagar tudo que entra em folha militar, civil, e eccleziastica, como ja se experimenta, sendo constante que ao actual intendente se devem quinze mil cruzados, ao ouvidor os ordenados de dois annos, a toda a tropa, a todos os deputados, e

officiaes da junta da fazenda,e da fundição quantias avultadissimas, pagando-se apenas ao Exm. governador D. João Manoel de Menezes, (*) porque o thezoureiro geral, que o quer obzequiar e é rico, lhe adianta os pagamentos do seo dinheiro.

Insta agora mais a sobredita providencia para se poder aproveitar a riqueza, que segundo se me informa, offerece a campanha de Pilões, cujos jornaes são em algumas partes de meia oitava ou quatorze vintens de ouro por dia de cada escravo, e em partes de duas oitavas, e mais.

EXEMPLO DO PREJUIZO, QUE RECEBERAM OS MINEIROS COMPRANDO OS ESCRAVOS AOS NEGOCIANTES

1.°

Recebeo o capitão Jozé Alves dos Santos do reverendo falecido Francisco da Cruz Alves por conta de 8 escravos, que lhe vendeo, 1$860/8, tirou por seo falecimento 9 escravos, e dizem ainda se lhe resta 400/8 ou 400$ réis.

2.°

Francisco Pinheiro Caldas vendeo a João Villela dos Santos 16 escravos a 330$ réis cada um, cobrou 9.000 cruzados, e 20$000, e tirou-lhe a final 21 escravos.

(*) Governou de 1800 a 1803.

CONJURAÇÃO MINEIRA

Premio de uma traição

Em certa occazião, quando eu folheava as paginas da *Gazeta de Lisboa* dos fins do XVIII seculo, em busca de noticias das primeiras edições da *Marilia de Dirceo*, deparei com emendas de certos documentos de alto valor, que não dizendo respeito á obra de Gonzaga, têm todavia correlação intima com a desgraça do poeta.

São de decretos do anno de 1794 e de um acto publico realizado em 1795, que se referem á chamada conjuração de Minas-Geraes, ainda que todos elles excluzivamente consagrados ao coronel Joaquim Silveirio dos Reis, o denunciante da referida conjuração.

Em seguida vão reproduzidos os referidos testimunhos que occorrem na *Gazeta de Lisboa*.

Pelo meiado de 1794 seguio o delator para a côrte de Lisboa para receber pessoalmente a paga da sua traição. E' o que se deprehende da carta que abaixo se publica, dirigida pelo vice-rei Conde de Rezende ao ministro Martinho de Mello Castro.

Parece, que as noticias da *Gazeta de Lisboa* não foram conhecidas dos que se têem occupado da chamada conjuração mineira.

VALLE CABRAL.

Illm. e Exm. Sr. O coronel Joaquim Silverio dos Reis, primeiro denunciante da conjuração de Minas-Geraes, conduzindo-se n'aquella gravissima e arriscada conjunctura com uma fidelidade propria de vassallo de S. M. Fidelissima, quando apezar do imminente risco da sua vida, dos prejuizos da sua caza, e até da separação da sua familia, foi communicar ao Visconde de Barbacena, general da capitania de Minas, os seos puros e zelozos sentimentos na esperança de acautelar com elles a conservação da vida do mesmo general e tambem para que dilatando as suas vidas facilmente formasse o plano das providencias necessarias e capazes de destruirem pela raiz as perversas e abominaveis maximas dos conjurados, que com o seo illimitado desacôrdo não só difundiam as suas erradissimas idéas n'aquella capitania, mas até pretenderam infeccionar esta, quando Joaquim Jozé Tiradentes com infinita liberdade falava na cidade até o tempo que foi prezo; justamente capacitado de ser relevante o serviço que fez a Sua Magestade se considerou digno de ir á sua real prezença ainda mais para conseguir tão grande honra, do que para supplicar a mesma Senhora o premio, que por esta acção elle podesse merecer da sua real e inimitavel grandeza.

Elle dependia da minha condescendencia para se transportar d'este porto para o de Lisboa, cuja viagem lhe não embaraço, ainda na qualidade de contractador, vendo uma certidão passada a requerimento seo pelo escripturario contador da junta da real fazenda de Villa-Rica, reconhecida e authenticada n'esta cidade, e junta a ella uma demonstração dos differentes pagamentos feitos pelo mesmo coronel á real fazenda, não só pela sua propria pessoa, como tambem por sequestros que se lhe fizeram n'aquella e n'esta capitania, juntando a este cabedal tambem immensos creditos, que se tem entregado na junta da real fazenda de Villa-Rica, como se conhece da mesma certidão que egualmente me persuade da grande omissão que da parte d'aquella junta tem havido na liquidação d'esta conta; me pareceo, que tendo elle bens sufficientes para a completa satisfação da sua avultada divida, só nos creditos e mais papeis em que se lhe fez

aprehensão, e juntando a estas sommas os seos bens patrimoniaes satisfará completamente a divida, ficando prezentemente seguro qualquer alcance que se possa conhecer no exame da mesma conta, com os abonadores e fiadores, que foram acceitas pela mesma junta de Villa-Rica por serem abundantes de bens solidos e de honra conhecida. Devo esperar que V. Exc^a^. bem persuadido do acêrto com que dezejo obrar n'esta materia, até porque não desprezo o reparo geral de se conservar n'esta cidade como prezo um homem que pelas suas attendiveis e louvaveis qualidades se tem feito digno das maiores distincções.

Espero que V. Exc^a^. ponha na real prezença de Sua Magestade esta minha deliberação, a qual foi movida do grande dezejo de concorrer para a felicidade de um vassallo tão util ao Estado.

Deos guarde a V. Exc^a^. Rio 2 de Maio de 1794. Sr. Martinho de Mello Castro. *Conde de Rezende.*

Manuscripto original da Bibliotheca Nacional.

Por decreto de 4 de Outubro de 1794 foi Sua Magestade servida, em attenção aos distinctos serviços feitos com exemplar lealdade pelo coronel Joaquim Silveirio dos Reis na capitania de Minas Geraes e Rio de Janeiro, fazer-lhe mercê, por principio de remuneração, do habito da ordem de Christo, com 200$reis de tença, pagos effectivamente; e no dia 20 do corrente houve o Principe Nosso Senhor por bem lançar-lhe o dito habito pela sua real mão.

Gazeta de Lisboa 2^a^. Supl., de 25 de Outubro de 1794, ao n. 42.

Por decreto de 14 de Outubro de 1794 foi Sua Magestade servida, em attenção aos relevantes serviços praticados com exemplar fidelidade de catholico e leal vassallo pelo coronel Joaquim Silverio dos Reis nas capitanias de Minas-Geraes e Rio de Janeiro, de lhe levantar o sequestro feito aos seos fiadores e entregar-lhe todos os seos bens, que se achavam apprehendidos pela real fazenda pelo

alcance de 167.553$770 reis, como testimunho da real aprovação pelo fiel e louvavel comportamento com que tem honrado o nome Portuguez.

Gazeta de Lisboa, no Supl. de 28 de Novembro de 1794, ao n. 47.

Por decreto de 20 de Dezembro de 1794 foi Sua Magestade servida, em attenção aos relevantes e distinctos serviços, com que se tem distinguido nos Estados do Brazil com exemplar fé o coronel Joaquim Silverio dos Reis Montenegro, que fundados todos no seu grande zelo e fidelidade, o fazem digno da real estimação, honral-o com o titulo de fidalgo da sua real casa em fôro e moradia; e pelos mesmos lhes fez mercê da thesouraria mor da bulla de Minas, de Goiazes e do Rio de Janeiro; tudo por testimunho de remuneração da honra e fidelidade com que tem desempenhado o nome de fiel e leal vassallo de Sua Magestade.

(*Gazeta de Lisboa*, Supl. de 23 de Janeiro de 1795, ao n. 3.)

Os Exms. marquez mordomo-mor e conde de Rezende, prezidente do Conselho Ultramarino, no dia 24 do mez passado armaram cavalleiro da ordem de Christo o coronel Joaquim Silveirio dos Reis Montenegro, na real capella de Nossa Senhora da Conceição, sendo igualmente seos padrinhos, para darem um publico testemunho do quanto estimam um leal vassallo, que com louvavel zelo, fidelidade se tem destinguido nos Estados do Brazil.

(*Gazeta de Lisboa*, 2ª. Supl. de 7 de Março de 1795, ao n. 9.

Da Gazeta Literaria do Rio de Janeiro.

Catalogo dos primeiros religiosos da Companhia da vice-provincia do Maranhão

COM

NOTICIAS HISTORICAS

PELO JEZUITA

Bento da Fonceca

1615. Padre Manoel Gomes, natural de Câno, arcebispado de Evora, nascêo cm 1571, entrou na companhia em 1586, em Evora, estudou filozofia 4 annos, theologia 3 annos, ensinou gramatica 1 anno, foi procurador do collegio de Pernambuco, superior da caza dos Ilhéos 4 annos, foi superior e fundador da missão do Maranhão desde 1615 até 1619; professou de 4 vótos no anno de 1609, é eloquente na lingua brazilica, e pregador.

1619. Padre Diogo Nunes, natural de....., foi missionario na aldêia de Itambé do collegio de Pernambuco em 1614, donde se suppõe, que foi com o padre Manoel Gomes fundar a missão do Maranhão. Era bom lingua e pregador, e conseguintemente professo de 4 votos; morreo, como acho escrito, nas Indias de Espanha em 1620, pouco mais ou menos. Advirto, que em 1614 era provincial do Brazil o padre Henrique Gomes, e em 1616 era provincial o padre Pedro de Tolêdo. Advirto mais, que o catalogo do Brazil de 1619, ainda conta os ditos dois padres na missão do Maranhão, e no anno de 1621 não refere nada do Maranhão.

1622. Padre Luiz Figueira, natural de Almodovar, arcebispado de Evora, nascêo em 1574, entrou na companhia em 1591 em Evora, professo de 4 vótos, ensinou

gramatica 2 annos, foi ministro no collegio da Bahia um anno, reitor do collegio de Pernambuco 4 annos, intentou a missão do Maranhão no anno de 1607 com o padre Francisco Pinto, e morto este na serra de Ibiapaba, tornou para Pernambuco, donde tornou para o Maranhão no anno de 1622, professou de 4 vótos em 1611; excellente na lingua brazilica, e na prédica, morrêo ás mãos dos indios Aroans, na ilha de Joanes, no anno de 1643 aos 3 de Julho.

Padre Benedito Amodei, Italiano, natural de Bivona, no reino e ilha de Sicilia, nascêo no anno de 1581, entrou na companhia em Palermo em o anno de 1599, estudou filozofia 3 annos, e theologia 4, ensinou gramatica 4 annos, foi ministro 2 annos; é coadjutor espiritual formado.

1624. Padre Lopo do Couto, natural do lugar de Ervedal, arcebispado de Evora, nascêo no anno de 1588, entrou na companhia em Evora no anno de 1606, professou de 4 vótos no anno de 1624, no qual foi para o Maranhão; foi ministro do collegio da Bahia, e companheiro do mestre dos noviços.

1625. Irmão noviço João Soares de Avellar, recebido pelo padre Luiz Figueira, e pouco depois despedido. Irmão Antonio da Costa, natural da ilha do Pico, bispado de Angra, nascêo no anno de 1589, entrou na companhia na Bahia no anno de 1619; é official de carpinteiro. Este irmão vem no catalogo do Brazil no anno de 1631, e no catalogo de 1641 já era morto, por que não vem n'elle.

1642. Advirto, que n'este anno morrêo no Maranhão o padre Lopo do Couto, e o irmão Antonio da Costa, digo n'este anno de 1642.

1643. Padre Francisco Pires; este padre foi o unico que chegou ao Maranhão dos companheiros do padre Luiz Figueira, e chegou nos principios do anno de 1644.

1647. No anno de 1647 foi o feliz tranzito do veneravel padre Benedito Amodei.

1647. Padre Manoel Moniz, que foi de Lisbôa para o Maranhão no anno de 1647.

Irmão Gaspar Fernandes, que foi para o Maranhão com o padre Manoel Moniz.

1649. N'este anno mataram os Tapuias no Itapicurú a estes trez religiozos; a saber: padre Manoel Moniz, padre Francisco Pires, e irmão Gaspar Fernandes.

1652. Padre Francisco Vellozo, natural de Villa Nova de Famalicão, arcebispado de Braga, nasceo no anno de 1619, entrou na companhia no Rio de Janeiro no anno de 1640, ensinou 2 annos gramatica. Foi companheiro do mestre dos noviços e professo de 4 votos em 15 de Agosto de 1668.

Padre Antonio Vieira, natural de Lisbôa, nascêo no anno de 1608 a 6 de Fevereiro, entrou na companhia na Bahia em 5 de Maio do anno de 1623, ensinou gramatica 3 annos, ensinou filozofia, foi pregador de El-Rei D. João o 4°, professo de 4 vótos a 26 de Maio no anno de 1644; foi n'este anno de 1652 por superior da missão, por parte do padre geral Gosvino Nichel, e governou como tal por 3 annos, foi vizitador geral da missão em Roma em 1658, e depois continuou no governo da missão até a sua expulsão, ou com a patente de vizitador, como entendo, ou com patente de superior da missão, como diz o catalogo do Brazil de 1660: morrêo na Bahia a 18 de Julho de 1697.

Padre Thomé Ribeiro, natural de Lisbôa, nascêo no anno de 1623, entrou na companhia na Bahia no anno de 1644; estudou filozofia e theologia na companhia, e a lingua brazilica.

Padre Matheos Delgado, natural do lugar de Gorda, bispado de Leiria, nascêo no anno de 1624, entrou na companhia na Bahia no anno de 1641, estudou filozofia e theologia, e lingua; foi companheiro do mestre dos noviços 2 annos.

Estes foram de Portugal, vindos do Brazil para irem para o Maranhão, e com elles foram de Portugal os seguintes: Padre Manoel de Lima. Padre João de Souto Maior. Padre Manoel de Souza. Padre Gaspar Fragozo. Padre Jozé Soares, noviço. Irmão Antonio Soares, noviço. Irmão Simão Luiz, coadjutor temporal, noviço,

gram ...es, coadjutor temporal,
um ...s, foi logo despedido.
in ...s, natural de Lisboa,
p ... na companhia na Bahia
...matica 2 annos, ensinou
...ral 3 annos no collegio da
... de Faro, vindo de Portugal.
... de 1649. Este padre e os
...no de 1653 do Brazil para o

... natural de São Paulo, bispado
...o no anno de 1...., entrou
... anno de 1637, estudou fi-
...panhia, foi superior da caza
...anheiro do mestre dos noviços,
...zilica, e pregador.
..., natural de Lisboa, nascêo
... Rio de Janeiro no anno de
... estuda actualmente theologia
...eu gramatica 1 anno: sabe a

...es, natural da cidade do Porto,
..., entrou na companhia na Bahia
...eu gramatica 1 anno, é mo-

...les, natural de Ponte de Lima,
..., entrou na Bahia no anno de
...ro, coadjutor temporal: formado
... duas vezes ministro.
...rancisco Gonçalves, natural da Ilha
...do de Angra, nascêo no anno de
...nhia na Bahia no anno de 1613.
... noviciado, foi mestre dos noviços,
...ral 3 annos, foi superior da caza
..., foi vice reitor do collegio do Rio
..., foi secretario da provincia do Bra-
... geral em Portugal da dita pro-
...dor geral a Roma pela dita pro-
... vez mestre dos noviços 1 anno,
... este anno de 1657 vizitador do missão

do Maranhão, e n'este anno acabou o padre Antonio Vieira de ser superior por lhe suceder com patente de vizitador este padre. Professou de 4 vótos no anno de 1636, faleceo no Camutá aos 23 de Julho de 1660 de uma etica, foi sepultado junto á capella mór da igreja de S. João de Camutá.

1657. Com o padre vizitador e Francisco Gonçalves foram os seguintes :

Irmão Ignacio de Azevedo, noviço, nascêo no anno de 1629, entrou na companhia na Bahia no anno de 1655; foi recebido para coadjutor espiritual.

Irmão João de Almeida, Francêz, natural de Ave de Graz, nascêo no anno de 1635, entrou na companhia na Bahia no anno de 1656 ; coadjutor temporal.

1655. N'este anno voltou o padre Antonio Vieira para o Maranhão, e já lá achou o padre Francisco Gonçalves, vizitador. Entendo, que o padre Antonio Vieira n'este anno levou patente de vizitador geral da missão em Roma, por duas razões : primeira, porque o catalogo de 1660 do Brazil diz, que fôra vizitador geral da missão ; segunda, porque o padre João Filippe Bettendorf diz, que o padre Antonio Vieira depois de chegar d'esta vêz ao Maranhão diz, que dispozera dos sugeitos no Maranhão, e que indo para o Pará se encontrara no Gurupi com o padre vizitador Francisco Gonçalves, e que este ahi acabara de ser vizitador.

Com o padre Antonio Vieira foram este anno para o Maranhão os religiozos seguintes : Padre Salvador do Valle, natural da Bahia ; nascêo no anno de 1628, entrou na companhia na Bahia no anno de 1645, é pregador e lingua. Padre Pedro Pedroza, theologico. Padre Francisco da Veiga, theologico. Padre Bento Alvares, moralista. Padre Manoel Pires, moralista, noviço. Irmão Sebastião Teixeira, coadjutor temporal, noviço.

1658. Foram para o Maranhão, de Pernambuco, os dois seguintes : Padre Ricardo Carece, Irlandez. Irmão Marcos da Costa.

D'este anno por diante siga-se o catalogo dos sugeitos.

1670. No catalogo do Brazil do anno de 1670 no Maranhão se põem os sugeitos seguintes :

Padre João Filippe Bettendorf, natural de Luxemburgo, professo de 4 vôtos em 2 de Fevereiro de 1669, superior da missão em Roma.

Padre Francisco Vellozo, superior ou reitor do collegio do Maranhão, professo de 4 vôtos em 15 de Agosto de 1668. Padre Manoel Nunes, superior ou reitor do collegio do Pará. Padre Gaspar Mischi, natural de Luxemburgo, professo em 2 de Fevereiro de 1669. Padre Pedro Francisco, Italiano, coadjutor espiritual, formado. Padre Antonio Soares, coadjutor espiritual, formado no anno de 1669 em 2 de Fevereiro. Padre Salvador do Valle, de *quo supra*, professo em 2 de Fevereiro de 1669. Padre Gonçalo Deveras. Padre Pedro Pedroza. Padre Pedro Monteiro. Padre Bento Alvares, de *quo supra*, formado no anno de 1671.

1670. Padre Manoel Pires, coadjutor espiritual, formado em 2 de Fevereiro de 1669. Padre Luiz Pedro Gonçalves, Italiano, professo em 2 de Fevereiro de 1669. Padre João Maria Gorsoni, Italiano, professo em 2 de Fevereiro de 1669. Irmão João Fernandes, de *quo supra*, coadjutor temporal, formado. Irmão João de Almeida, de *quo supra*, coadjutor temporal. Irmão Sebastião Teixeira, de *quo supra*, coadjutor temporal, formado em 15 de Agosto de 1668. Irmão Domingos da Costa, coadjutor temporal. Irmão João Ribeiro, coadjutor temporal. Irmão Baltazar de Campos, Belga, coadjutor temporal, formado.

Estavam 20 religiozos n'este catalogo de 1670 no Maranhão.

1671. No catalogo do anno de 1671 estavam os mesmos acima, menos o irmão João Ribeiro, e de mais os seguintes seis. Padre Pedro da Silva. Irmão Antonio Ribeiro, coadjutor temporal. Irmão Manoel Rodrigues, coadjutor temporal, formado em 2 de Fevereiro de 1669. Irmão Manoel Lopes, coadjutor temporal, formado em 2 de Fevereiro de 1669. Irmão Manoel da Silva, coadjutor temporal. Irmão Marcos Vieira, coadjutor temporal, formado em 2 de Fevereiro de 1669. Antonio da Silva, para entrar na companhia; sobrinho do padre Bento Alvares.

Estão d'estes 7 no collegio do Maranhão, 2 em São-Jozé, 2 em o Gurupi, 5 no collegio do Pará, 2 em Murtigurá, 2 na Ilha do Sol na aldêia do Espirito-Santo, 2 no Camutá, 2 no Gurupá na aldêia do Desterro, e 2 nos Solimões.

1679. O catalogo de 1679, assignado pelo padre superior Petro Luiz Gonçalves, diz assim :

Tem a missão do Maranhão em Outubro de 1679 trinta e quatro religiozos, a saber :

No collegio primario do Maranhão 16 ; no Pinaré, aldêia de Nossa Senhora da Conceição, 2 ; em São Jozé 2 ; no collegio do Pará 8; na Ilha do Sol, aldêia do Espirito-Santo, 2; em Murtigurá e Camutá, 2 ; no Xingu, 2. Póde o collegio do Maranhão sustentar 20 sugeitos, o Pinaré 4, São-Jozé é pobrissimo só dois mal, o Caete 4, o collegio do Pará bastantes, Murtigurá e Camutá dobrados pede, o Xingú tem annexas as aldêias do Gurupá,Guajarú,Coanuiá,Nheengahibas, Jacuacoará,Tapajós,e Tupinambaranas,e outras que pedem e podem sustentar muitos sugeitos. Portanto mande Vossa Paternidade muitos, e muitos missionarios. Maranhão 3 de Outubro de 1679. Petro Luiz.

1684. O catalogo d'este anno de 1684 refere,que no Maranhão antes da expulsão estavam 54 religiozos; a saber, 21 sacerdotes, 16 estudantes, 13 irmãos coadjutores, e 4 noviços. D'estes foram expulsos 10 sacerdotes, e 5 estudantes, 8 coadjutores, e 4 noviços ; ficaram no Maranhão 13 sacerdotes, 6 estudantes, 5 coadjutores e 1 noviço, a saber :

Sacerdotes: Padre Jadoco Peres,superior da missão. Padre Antonio Pereira, superior da missão. Padre Francisco Ribeiro, vice-reitor do collegio do Pará. Padre Antonio da Cunha. Padre Antonio da Silva. Padre Aloisio Conrado Pfheil. Padre Manoel Moutinho. Padre Gaspar Mischi. Padre João Maria Gorsoni. Padre João Carlos Orlandini. Padre João Ribeira. Padre Pedro Francisco. Padre Sebastião Pires.

Estudantes: Irmão Antonio Gomes, Antonio Vaz, Bernardo Gomes, Domingos de Macedo, Manoel da Silva, Jozé Barreiros.

Coadjutores: Irmão Antonio Pinto. Irmão Antonio

Rodrigues. Irmão Baltazar de Campos. Irmão Manoel Zuzarte, Irmão Manoel Lopes, noviço. Irmão Manoel Antunes.

Nomes dos que foram expulsos para o Brazil, no navio maior, que chegaram ao Brazil.

Sacerdotes: Padre Barnabé Soares, vizitador da missão. Padre Antonio Gonçalves. Padre Diogo da Costa. Padre João Filippe Betendorf. Padre Pedro Pedroza. Irmão Geraldo Ribeiro. Irmão João Fernandes. Irmão Marcos Vieira.

Noviços: Irmão Francisco Soares. Irmão Ignacio Barboza.

Estudantes: Irmão Manoel Fernandes. Irmão Marcelino Gomes.

Coadjutores: Irmão [illegible]mingos Coelho. Irmão Domingos da Costa. Irmão M[illegible] da Silva.

Nomes dos que fora[illegible] navio menor, e na altura do Ceará foram captivos [illegible] piratas e tornaram por esta cauza para o Mar[illegible] Jadoco Peres, superior da missão. Padre Al[illegible] Pfeil.

Noviços: Irmão A[illegible]o da Cunha. Irmão Manoel Antunes.

Estudantes: Irmão Antonio Gomes. Irmão Manoel da Costa.

Nomes dos que foram no mesmo navio pequeno, e ficaram no Ceará, pela incapacidade do navio, e por esta cauza não foram tomados dos piratas: Padre Estevão Gandolfi, vice-reitor do collegio do Maranhão. Padre Manoel Nunes. Padre Gonçalo Deveras. Irmão Bento Xavier, estudante. Irmão Antonio Ribeiro, coadjutor temporal. Irmão Manoel Rodrigues, coadjutor temporal.

Nomes dos que foram com o padre superior da missão Jadoco Peres do Pará para o reino, este a queixar-se da expulsão, e aquelles estudantes a estudar: Padre Jadoco Peres. Irmão Baltazar Ribeiro. Manoel da Costa. Ignacio Ferreira. João Gonçalves. João da Silva. Francisco Ribeiro, despedido no navio.

Catalogo dos religiozos da companhia de Jezus que estão na missão do Maranhão, escrito em 11 de Dezembro de 1688.

Collegio do Maranhão: O reverendo padre João Filippe Bettendorf, Allemão da provincia Gallo-Belgica, professo do 4.° vóto, de idade de 60 annos, e reitor do collegio. O padre Antonio Gonçalves, Portuguez, estudante. O padre Sebastião Pires, Portuguez, natural do lugar de Nazareth, em Estramadura, professo do 4.° vóto. O padre Pedro Francisco Cassola, Italiano, natural de Genova, coadjutor espiritual, formado. O padre Jozé Ferreira, Portuguez, lente de theologia, idade de 43 annos, professo do 4.° voto. O padre Manoel Nunes, Portuguez, idade de 38 annos, fica proximo a fazer a profissão de 4 vótos. O padre Diogo da Costa, Portuguez, nascido na America, no Maranhão, coadjutor espiritual, formado. O padre Antonio Coelho, Portuguez, natural do lugar de São-Giam, bispado de Lamego, idade de 39 annos, é professo do 4.° voto. O padre Miguel Antunes, Portuguez, idade de 27 annos, fica proximo a se examinar *ad gradum*. O padre Ignacio Ferreira, Portuguez, idade de 27 annos. O padre João da Silva, Portuguez, natural do Maranhão. O padre Baltazar Ribeiro, natural do Maranhão, estuda theologia. O padre João de Villar, Portuguez, e theologico. O padre Manoel da Costa, Portuguez, e theologico. O padre Francisco Pedroza, Portuguez, e theologico. O padre João Ribeiro, Portuguez, que se hade formar. O irmão João Valadão, Portuguez, e theologico. O irmão Miguel Pereira, estudante, natural do Rio de Janeiro. O irmão Thomaz de Couto, natural do Rio de Janeiro.

Coadjutores temporaes formados: O irmão Marcos Vieira, Portuguez O irmão Manoel Lopes, Portuguez. O irmão Manoel da Silva, Portuguez. O irmão Manoel Rodrigues, Portuguez. O irmão Geraldo Ribeiro, Portuguez O irmão Ignacio Luiz, Portuguez.

Noviço: Pedro de Oliveira, Portuguez, estudante, que se hade aprovar e formar.

Collegio do Pará: O reverendo padre superior da missão, o padre Jadoco Peres, natural de Friburgo na Helvecia, vindo da provincia de Germania a Alta, idade de 56 annos. E' professo de 4 vótos, e continúa no governo, porque o successor que vinha nomeado por nosso

muito reverendo padre geral o reverendo padre Antonio Pereira, natural do Maranhão, foi morto pelos barbaros. O reverendo padre reitor João Carlos Orlandini, Italiano, natural de Sena, da provincia Romana, professo de 4 vótos, idade de 41 annos. O padre João Maria Garnosio, Italiano, natural de Mantua, vindo da provincia de Venêza, professo de 4 vótos, idade de 62 annos, e missionario de Xingú. O padre Gaspar Misch, Allemão, natural de Luxemburgo, da provincia do Rheno inferior, idade de 60 annos, professo de 4 vótos, e missionario do Camutá. O padre Aloisio Conrádo Pfeil, Acroniano, natural de Constança, vindo da provincia de Germania a Alta, idade de 51 annos, da companhia 34, professo de 4 vótos, e missionario de Araguari. O padre Francisco Ribeiro, Portuguez, natural de Lisboa, idade de 47 annos, professo de 3 votos, e missionario de Caete. O padre Antonio da Cunha, Portuguez, professo de 3 vótos, e missionario de Mamaijacú. O padre Antonio da Silva, Portuguez, proximo a se formar, e missionario de Varicú. O padre Antonio da Fonseca, Portuguez, estudante, e missionario em Murtigurá. O padre Manoel Borba, Portuguez, nascido na America, em Tapuitapera, filozofo e theologico, missionario de Gurupatuba. O padre Antonio Vaz, Portuguez, estudante, e missionario de Maracanan. O padre Jozé de Barros, natural do Maranhão, estudante, e missionario do rio da Madeira. O padre João Angelo Bonhomio, natural de Roma, fica proximo a ser promovido a profissão de 4 vótos, idade de 32 annos, e missionario da Madeira. O padre Francisco Soares, Portuguez, natural de Lisboa, estudante.

Estudantes: O irmão Manoel dos Santos. O irmão Claudio Gomes, nascido no Maranhão em Araguari, idade 19 annos. O irmão Antonio Gomes, Portuguez, em Murtigurá. O irmão Domingos de Macedo, em Mamajacu Portuguez. O irmão Manoel Antunes, Portuguez, em Jaguararica. O irmão Jozé Carvalho, em Caete. O irmão Thomaz Carneiro, natural de Pernambuco, idade de 20 annos. Irmão Jozé da Fonseca, natural do Rio de Janeiro, idade de 20 annos.

Coadjutores temporaes: O irmão Antonio Rodrigues,

Portuguez. O irmão Manoel Zuzarte, formado. O irmão Antonio Pinto, tambem Portuguez.

Noviços: O irmão Manoel Lopes, coadjutor e Portuguez, idade 29 annos. O irmão Vicente da Costa, Portuguez, e coadjutor, idade 29 annos.

Alem dos grandissimos favores do serenissimo rei para com esta missão, tambem o eminente senhor D. Verissimo d'Alencastre, cardeal da santa igreja romana, inquizidor geral de Portugal, arcebispo que foi de Braga, nos mandou por uma provizão sua, impressa e em publica forma, que os reitores d'estes dois collegios fossem sempre commissarios do Santo Officio da Inquizição, em todo este estado do Maranhão.

Portanto ouvidos os insignes augmentos da nossa missão e ficando ella gozando de inteira paz, esperamos, que das provincias da Europa virão voando para esta vinha do Senhor operarios em bom numero.

Nosso muito reverendo padre geral João Paulo Oliva, de santa memoria, estimou na verdade esta missão em tal gráo, ainda quando mais vexada de perseguições da terra, que se lhe ouvio dizer, que antepunha a todas as missões da mais companhia a missão do Maranhão, rica agora de perseguições e trabalhos e de nenhum modo ao parecer agradavel, mas que ao diante havia de ser glorioza, e que na verdade, si não estivesse impedido com o cargo de generalato que a companhia lhe encarregára, navegaria para esta missão; porem que mandaria para a mesma aquelles que elle mais amasse, e na verdade a mim unicamente entre os Allemães me quiz honrar com esta missão, que era todo o seo mimo e objecto da sua afeição. Tambem ouvi com grande gosto os augmentos da missão de Caiana. Uma e outra missão como vinha sua prospere o Senhor, plante e regue, assim com os nossos suores, como principalmente com o seo preciozo sangue, do qual manou a salvação do mundo todo.

Catalogo da missão do Maranhão do anno de 1697

Padre Jozé Ferreira, superior da missão. Padre Antonio Coelho, reitor do collegio do Maranhão, natural de

Lamego, nascêo no anno de 1651, entrou na companhia a 2 de abril de 1678, ensinou humanidades 3 annos, professo. Padre Bento de Oliveira, reitor do collegio do Pará, filho da provincia de Portugal, natural de Coimbra, professo. Padre João Maria Gorsoni, Italiano, Sarmedense, bispado de Mantua, nascêo em 1626, ensinou humanidades 3 annos, entrou na companhia em 1645, professo. Padre João Filippe Bettendorf, Allemão, natural de Luxemburgo, arcebispado de Treveris, nascêo em 1626, entrou na companhia em 1645, ensinou humanidades 6 annos, foi reitor 14 annos, superior 9 annos, foi procurador em corte 5 annos, professo. Padre Jodoco Peres, Helvetico, Friburgense, do bispado Lauzinense, nascêo a 20 de Fevereiro de 1633, entrou na companhia a 15 de Outubro de 1653, ensinou gramatica 3 annos, rethorica 2, filozofia 4, foi superior da missão 6 annos, professo. Padre Luiz Conrado Pfeil, Allemão, natural de Constança do mesmo arcebispado, nascêo aos 2 de Janeiro de 1638, entrou na companhia a 18 de Setembro de 1674, ensinou humanidades 7 annos, foi mathematico, professo. Padre João Justo de Luca, Piemontez, Savilianense, do bispado Taurinense, nascêo em 1646, entrou na companhia em 1662, professo. Padre João Carlos Orlandini, Italiano, natural de Sena, do mesmo bispado, nascêo em 1646, entrou na companhia em 1668, ensinou humanidades 3 annos, foi reitor 4 annos, professo. Padre Fructuozo Corrêia, da provincia de Portugal, natural de Braga, nascêo em Abril de 1655, ensinou humanidades 6 annos, filozofia 4, ensina theologia, entrou na companhia em 16 de Outubro de 1671, professo. Padre Manoel de Amaral, Torrivisense, bispado de Vizeo, nascêo em 1660, entrou na companhia em 1675, ensinou mathematica 3 annos, professo. Padre João Angelo Bononi, Italiano, nascêo em 1655, entrou na companhia em 1672, professo. Padre Antonio da Cunha, da Ponte da Barca, arcebispado de Braga, nascêo em 1653, entrou na companhia a 19 de Fevereiro de 1676, professo de 3 vótos. Padre Antonio da Fonseca, de Alvaiazares, bispado de Coimbra, nascêo em 1654, entrou na companhia em 1680, professo de 3 vótos. Padre Pedro Francisco Cazali,

Italiano, natural de Genova, nascêo em 1612, entrou na companhia em 1642, coadjutor espiritual, formado. Padre Antonio da Silva, natural do Porto, nascêo em 1652, entrou na companhia em 14 de Agosto de 1676, formado. Padre Diogo da Costa, natural de villa de Tapuitapera, bispado do Maranhão, nascêo em 1651, entrou na companhia a 14 de Novembro de 1674, foi vice-reitor do collegio do Maranhão 5 annos, formado. Padre João Ribeiro, natural de Pederne, arcebispado de Braga, nasceo em 1654, entrou na companhia em 2 de Abril de 1679, formado. Padre Jozé Barreiros, natural do Maranhão, nascêo em 1662, entrou na companhia a 22 de Junho de 1680, formado. Padre Antonio Gonçalves, natural de Monção, arcebispado de Braga, nascêo em 1653, entrou na companhia em 28 de Agosto de 1677, sem gráo. Padre João da Silva, natural do Maranhão, nascêo em 1660, entrou em 2 de Fevereiro de 1678, foi ministro do collegio do Maranhão e vice-reitor do collegio do Pará. Padre Manoel da Costa, natural de Coimbra, nascêo a 23 de Abril de 1656, entrou na companhia a 2 de Fevereiro de 1679, ensina gramatica. Padre Miguel Antunes, natural de Lisboa, nascêo a 24 de Setembro de 1664, entrou em 24 de Setembro de 1679. Padre Ignacio Ferreira, natural de Lisboa, nasceo a 12 de Fevereiro de 1664, entrou em 24 de Março de 1680, ensinou gramatica, filozofia 3 annos, ensina theologia. Padre Antonio Vaz, natural de Setubal, arcebispado de Lisboa, nascêo a 21 de Outubro de 1662, entrou em 15 de Abril de 1681, coadjutor espiritual, depois foi formado. Padre João Valladão, natural de Grandola, arcebispado de Evora, nascêo a 16 de Junho de 1666, entrou em 11 de Abril de 1682, ensinou humanidades 3 annos. Padre João de Villar, natural de Tancos, arcebispado de Lisboa, nascêo a 13 de Março de 1663, entrou em 1682, foi excellente pregador, foi homem de muita oração, foi morto pelos indios Guanarés em Agosto de 1719, é tido por martir, professo. Padre Silvestre de Matos, natural de Castello de Vide, ou de Cabeço de Vide, bispado de Portalegre, nascêo em 15 de Fevereiro de 1668, entrou em 20 de Maio de 1683, ensinou humanidades 4 annos, theologico. Padre Duarte Galvão,

Ferreirense, arcebispado de Evora, nascêo em 1670, entrou em 7 de Dezembro de 1684, ensinou gramatica 3 annos, theologico. Padre Manoel dos Santos, natural de Pereira, bispado de Coimbra, nascêo no 1° de Novembro de 1664, entrou a 1 de Setembro de 1686, theologico. Padre Manoel Rebello, natural de Villa-Nova, bispado de Coimbra, entrou em 15 de Agosto de 1688.

Irmão Domingos de Macedo, natural de Ponte de Lima, nasceo em 1661, entrou em 29 de Setembro de 1681. Irmão Antonio Gomes, natural de Villa-Nova de Famalicão, bispado de Braga, nasceo em 1660, entrou em 18 de Junho de 1682. Irmão Thomaz do Couto, natural do Rio de Janeiro, nasceo em 29 de Janeiro de 1668, entrou em 18 de Junho de 1683, ensinou gramatica 3 annos, theologico. Irmão Thomaz Carneiro, natural de Pernambuco, nasceo em 7 de Março de 1669, entrou em 6 de Outubro de 1683, theologico. Irmão Manoel Antunes, Pontecaldense, arcebispado de Braga, nasceo em 1662, entrou em 18 de Outubro de 1683, estudou filozofia, é mestre de gramatica. Irmão Claudio Gomes, natural do Rio de Janeiro, nasceo em 1670, entrou a 11 de Julho de 1685, theologico. Irmão Sebastião Pereira, natural de Lisboa, nasceo em 6 de Outubro de 1670, entrou em 10 de Abril de 1689, theologico. Irmão Domingos da Cruz, natural de Valbom, bispado de Vizeo, nasceo em 1670, entrou em 1690, theologico, morreo sendo reitor do Pará em 1721, professo. Irmão Miguel da Silva, Avelense, bispado de Coimbra, nasceo em 1674, entrou em 3 de Março de 1689, theologico. Irmão Lourenço Homem Folgueira ou Folguense, bispado de Coimbra, nasceo em 10 de Agosto de 1673, entrou em 23 de Agosto de 1690, filozofo. Irmão Antonio Baptista, natural de Lisboa, nasceo em 13 de Junho de 1675, entrou em 7 de Setembro de 1691, filozofo. Irmão João Morcot, natural do Porto, nasceo em 12 de Julho de 1677, entrou em 15 de Setembro de 1691, theologico, foi despedido da companhia, e morto na Parnahiba em 1721. Irmão Antonio de Brito, natural de Mogadouro, arcebispado de Braga, nasceo em 17 de Janeiro de 1676, entrou em 7 de Novembro de 1691, morreo no collegio do Pará. Irmão

Jacinto de Carvalho, natural de Pereira, bispado de Coimbra, nasceo em 29 de Maio de 1677, entrou em 24 de Novembro de 1691, theologico. Irmão Jozé Vidigal, natural de Torrão, arcebispado de Evora, nasceo em 22 de Abril de 1673, entrou em 31 de Maio de 1692, theologico, professo de 4 vótos, foi 3 vezes superior de toda a missão, e vizitador, foi reitor do collegio do Maranhão, morreo no collegio do Pará no anno de 1748. Irmão Manoel Brandão, natural de Arouca, bispado de Lamego, nasceo em 31 de Janeiro de 1678, entrou em 6 de Junho de 1692, theologico. Irmão Marcos Vieira, natural do Porto, nasceo em 1629, entrou em 15 de Novembro de 1649, coadjutor temporal, formado. Irmão Manoel da Silva, natural de Ferreira, bispado de Braga, nasceo em 17 de Fevereiro de 1628, entrou em 1655, formado. Irmão Manoel Rodrigues, natural da ilha de São-Miguel, nasceo em 1631, formado. Irmão Giraldo Ribeiro, natural de Sella, ou Sellacense, bispado de Coimbra, entrou em 1671, formado. Irmão Manoel Zuzarte, natural do Monte, ou Montense, bispado de Lisboa, nasceo em 1653, entrou em 1676, formado. Irmão Ignacio Luiz, natural de Poiares, nasceo em 1655, entrou em 24 de Janeiro de 1676, formado, bispado de Coimbra. Irmão Antonio Rodrigues, natural de Valença, bispado de Braga, nasceo em 21 de Outubro de 1663, entrou em 31 de Julho de 1682, foi formado, morreo no collegio do Maranhão, pelos annos de 1726. Irmão Manoel Lopez, nasceo em 1658, natural Avellariense, bispado de Coimbra, entrou em 12 de Janeiro de 1687, coadjutor temporal. Irmão Antonio Affonso, natural de Braga provincia de Portugal, foi companheiro do padre Bento d'Oliveira, superior, entrou em 12 de Janeiro de 1688, nasceo em 1658, coadjutor temporal. Irmão Vicente da Costa, natural de Azeitão, ou Azetonense, bispado d'Evora, nasceu em 1 de Maio de 1660, entrou em 15 de Agosto de 1688, coadjutor temporal. Irmão Domingos Francisco, Peuchatense, bispado de Braga, nasceo em 1669 entrou em 19 de Agosto de 1693, coadjutor temporal. Irmão Jozé de Moura, natural de Oliveira de Conde, bispado de Coimbra, nasceo em 1672, entrou em 23 de Março de 1695, coadjutor temporal. Irmão

Bartolomeo Roiz, natural da Cupeira, bispado de Coimbra, nasceo em 1674, entrou em 28 de Junho de 1696, theologico. Irmão Domingos Gonçalves, natural da Granja, bispado de Braga, entrou em 28 de Junho de 1696, coadjutor temporal, nasceo em 1677. Irmão Manoel Simões, natural de Leiria, entrou em 30 de Março de 1697, nasceo em...., coadjutor espiritual.

Catalogo dos sugeitos que foram para o Maranhão desde 1615

1615. 31 d'Outubro. Padre Diogo Nunes. Padre Manoel Gomes.

1622. Março. Padre Luiz Figueira, natural de Almodovar, arcebispado de Evora. Padre Benedito Amodei, natural da ilha de Sicilia.

1624. Não se sabe o mez. Padre Lopo do Couto, natural de Ervedal, termo de Aviz, nasceo em 1587. Irmão Antonio da Costa, coadjutor temporal, carpinteiro.

1643. 29 de Junho. Padre Luiz Figueira. Padre Simão Florin. Padre Pedro de Figueredo. Padre Pedro Figueira. Padre Francisco do Rego. Padre Bernabé Dias. Padre João Leite. Padre Francisco Pires, que escapou do naufragio. Irmão Manoel de Lima. Manoel Vicente. Manoel da Rocha. Domingos de Brito. Pedro Pereira. Antonio de Carvalho, que escapou do naufragio. Nicoláo Teixeira, que escapou do dito.

1649. Fevereiro 17. Padre Manoel Moniz, e irmão Gaspar Fernandes.

1652. 16 de Novembro. Padres Francisco Vellozo, Thomé Ribeiro, João de Souto Maior, Gaspar Fragozo. Jozé Soares, noviço. Antonio Soares, irmão noviço. Agostinho Gomes, noviço, irmão. Francisco Lopes, irmão coadjutor temporal, noviço. Simão Luiz, irmão coadjutor temporal, noviço, carpinteiro.

1653. 17 de Janeiro. Padre Antonio Vieira, superior da missão. Padre Manoel de Lima. Padre Matheos Delgado. Padre Manoel de Souza.

Foram do Brazil:

1653. Abril. Padre Manoel Nunes, professo. Padre Antonio Ribeiro. Irmão Rafael Cardozo, theologico. Irmão Bento Alvares, estudante. Irmão João Fernandes, coadjutor temporal.

1655. Abril 16. Padre Antonio Vieira, professo. Padre Salvador do Valle, natural da Bahia. Padre Pedro Pedroza, theologico. Padre Francisco da Veiga, theologico. Padre Bento Alvares, moralista. Padre Manoel Pires, moralista, noviço. Irmão Sebastião Teixeira, coadjutor temporal, noviço.

Foram do Brazil.

1657. Padre Francisco Gonçalves, vizitador. Irmão Ignacio de Azevedo, noviço, coadjutor espiritual. Irmão João de Almeida, coadjutor temporal.

Do Brazil.

Padre Ricardo Carece. Irmão Marcos.

1659. Padre Gonçalo Deveras. Padre Pedro Monteiro. Padre João Maria Gorsoni, Italiano lombardo. Padre Paulo Luiz. Padre Bernardo de Almeida. Irmão Domingos da Costa, coadjutor temporal.

1661. Janeiro 20. Padre João Filippe Bettendorf. Padre Gaspar Vish. Irmão Manoel Rodrigues. Manoel da Silva, secular pretendente. Agosto. Padre Pedro Luiz Gonçalves, Italiano, professo. Irmão Baltazar de Campos, coadjutor, temporal, Allemão.

1662. Depois de Julho. Padre Salvador do Valle. Padre João Maria Gorsoni.

1663. Dezembro 8. Padre Francisco Vellozo. Padre Bento Alvares. Padre Antonio Soares. Padre Pedro da Silva, coadjutor espiritual, noviço. Irmão João Fernandes. Irmão Sebastião Teixeira. Irmão Domingos da Costa. Irmão Manoel Rodrigues, coadjutor temporal.

1663. Irmão João do Almeida. Irmão Antonio Ribeiro. Irmão Domingos da Costa. Irmão Manoel Lopes. Todos coadjutores temporaes.

Foram do Brazil.

1669. Padre Manoel Zuzarte, vizitador. Padre Pedro Francisco, Milanez. Junho 27. Padre Antonio Pereira, natural do Maranhão.

1674. Padre Francisco Ribeiro, coadjutor espiritual, noviço. Irmão Simão Luiz.

Entra superior, padre Pedro Luiz Gonçalves, primeiro de patente; primeiro reitor do Maranhão, padre João Filippe Bettendorf; primeiro reitor do Pará, padre Francisco Vellozo.

Entraram no Maranhão.

1676. Irmão Manoel Borba. Irmão Diogo da Costa.

Entraram no Maranhão a 2 de Fevereiro.

1677. Irmão João da Silva. Irmão Baltazar Ribeiro.

Do Brazil.

1678. Padre Jadoco Peres, professo. Padre Alvarenga. Padre N. Tavares. Irmão Bento Roiz. Irmão Diogo de Souza. Todos foram despedidos. Bettendorf. fl. 140.

Do Reino.

1679. Padre Estevão Gandolfi, professo, Siciliano. Padre Sebastião Pires. Padre João Carlos Orlandini, de Sena, Italiano. Padre Aloisio Conrado Pfeil, de Constança. Irmão Manoel da Costa, estudante. Irmão João Gonçalves, estudante. Irmão Manoel Duarte, estudante. Irmão Manoel Zuzarte. Irmão Geraldo Ribeiro. Irmão Domingos Coelho. Coadjutores temporaes.

Do Brazil.

168. Padre Pedro Pedrozo, vizitador pelo Brazil. Irmão Simão de N..., noviço. Padre Antonio da Silva. Irmão Antonio Gonçalves. Irmão Bernardo Gomes. Irmão Manoel de Noia. Irmão Francisco Ribeiro. Irmão N.... de N.... que morrêo noviço no collegio.

1680. Maio 21. Padre Manoel Nunes, mestre dos noviços. Padre Hieronimo Pereira, natural das Ilhas. Padre Diogo da Costa. Irmão Antonio da Cunha. Padre Antonio Gonçalves. Padre Manoel Coutinho. Padre Jozé Thomaz. Padre João Ribeiro. Padre Ignacio Ferreira. Noviços estudantes.

Do Brazil. Padre Barnabé Soares, vizitador do padre provincial do Brazil Antonio de Oliveira.

1683. Padre Antonio Vaz, coadjutor espiritual. Irmão Ignacio Barboza. Irmão Manoel Fernandes. Irmão Marcellino Gomes. Irmão Manoel Antunes. Irmão Francisco Soares. Irmão Bento Xavier. Todos estudantes.

Expulsão dos padres : 26 de Março de 1684.

Do Reino.

1687. Padre Jadoco Peres, superior de toda a missão. Padre Antonio Coelho. Padre Manoel Borba, do Maranhão.

Do Reino.

1688. Maio 17 —Padre João Filippe, superior da missão. Padre Jozé Ferreira, prefeito dos estudos de patente de Coimbra. Padre Miguel Antunes. Padre Francisco Pedroza. Padre João de Villar. Padre João da Silva. Irmão João Valladão, theologico. Irmão Manoel dos Santos, estudante. Irmão Pedro de Oliveira, idem. Padre Ignacio Ferreira, idem. Padre João da Silva, idem. Padre Manoel da Costa, idem. Padre Baltazar Ribeiro, idem. Irmão Marcos Vieira, coadjutor temporal. Irmão Ignacio Luiz, idem. Irmão Manoel Lopes, idem.

Do Brazil.

Outubro 21. Padre Manoel Nunes. Padre Antonio Gonçalves. Padre Diogo da Costa. Irmão Manoel Rodriguez. Coadjutores temporaes. Irmão Manoel da Silva idem. Irmão Geraldo Ribeiro, idem. Todos estes expulsos do Maranhão. Padre Angelo Romano.

Os seguintes mandou o padre vizitador, Antonio Vieira, irmão Thomaz Carneiro, irmão Thomaz de Couto, irmão José da Fonseca ; depois despedido, irmão Claudio Gomes, estudante, irmão Miguel Pereira, idem, irmão José Carvalho, idem, padre Francisco Soares, idem.

Ficaram varios no Brazil dos expulsos Bettendorf 1870.

Do Reino.

1690. Abril. Padre Manoel Galvão. Padre João Justo, de Luca, Italiano. Padre Manoel de Amaral. Padre Manoel Rebello. Irmão Domingos da Cruz, estudante.

Do Reino.

1693. Padre Bento de Oliveira, superior de toda a missão. Irmão Antonio Affonso, coadjutor temporal, seo companheiro.

Do Reino.

1695. Março 21. Padre Jozé Ferreira, reitor do Maranhão. Padre Manoel Galvão. Padre Silvestre de Mattos. Padre Duarte Galvão. Padre Manoel dos Santos.

Irmão Jozé Vidigal, natural do Torrão, arcebispado de Evora. Irmão Antonio de Brito. Irmão João Merchot. Irmão Antonio Baptista. Irmão Jacinto de Carvalho. Irmão Manoel Brandão. Irmão Lourenço Homem. Todos estudantes. Irmão Domingos Francisco, coadjutor temporal. Irmão Jozé de Moura, coadjutor temporal, pintor.

1696. Maio 19. Padre Fructuozo Corrêia, professo. Padre Miguel da Silva. Irmão Bartolomeo Rodrigues; estudante. Irmão Domingos Gonçalves, coadjutor temporal.

1698. Padre Francisco de Andrade. Padre João Valladão.

1699. Padre Jozé Ferreira.

1703. Padre Manoel Saraiva. Padre Francisco Xavier Boem. Padre Manoel de Brito. Irmão Thomaz Pereira. Irmão Francisco de Gaia. Irmão João Xavier Boem. Irmão João de Sampaio. Irmão João Teixeira. Irmão Antonio Seco. Irmão Antonio das Neves. Irmão André Gonçalves. Irmão Miguel Lopes.

1703. Entrou no Maranhão. Padre Jozé de Castilho.

1704. Padre Gonçalo Pereira.

1705. Padre Miguel da Costa. Padre Frederico Ingram. Irmão João Gruber. Irmão Francisco Xavier. Irmão Filippe de Santiago. Irmão Manoel Vieira. Irmão N. N... coadjutor temporal.

1707. Entrou no Maranhão. Padre Francisco Xavier.

1708. Padre Carlos Pereira.

1709. Padre Thomaz Linch. Irmão Manoel da Silva.

1712. Padre Filippe Luiz. Padre Jeronimo da Gama. Padre Jozé de Souza. Padre Francisco Soares. Padre Jozé Lopes. Padre Antonio de Sampaio. Padre Manoel da Mota. Padre João de Sampaio. Padre Miguel Lopes. Irmão Alexandre Camello. Irmão Domingos Corrêia, Irmão Manoel Rodrigues.

Do Brazil, por estes annos, não se sabe o anno certo.

Padre Domingos de Araujo, natural dos Arcos, e arcebispado de Braga. Padre João Tavares, natural do Rio de Janeiro. Padre Manoel de Abreo, do Recife de

Pernambuco. Padre Luiz de Mendonça, do Recife. Padre Jozé de Mendonça, do Recife. Irmão Francisco Cabral, coadjutor temporal, do Faial. Padre Manoel da Camara, coadjutor espiritual, da ilha de São-Miguel.

1715. Padre Manoel Pimentel. Padre Manoel Carvalho. Forte foi com estes o padre Jozé da Gama, e padre Manoel dos Reis.

1717. Padre Manoel de Seixas. Irmão Manoel Bernardes. Irmão Manoel da Silva. Irmão Antonio Simões. Irmão Manoel Coelho. Irmão Jozé Lopes. Irmão Francisco Thomez. Irmão Antonio Gonçalves. Irmão Lourenço Duarte. Irmão Caetano Ferreira.

1718. Padre Anibal Mazolone, Italiano, professo. Padre Luiz Maria Bucarelli, dito. Padre Marco Antonio, Arnolfine, dito. Irmão Manoel Esteves, coadjutor temporal.

Do Reino. Junho 24.

1718. Irmão Bento de Paiva.

No Maranhão.

1718. Irmão João Pereira, coadjutor temporal. Maio 10.

1720. Padre Rodrigo Homem. Padre Sebastião Fusco, Napolitano. Irmão Bento da Fonceca. Irmão Manoel Ferreira. Irmão Luiz Alvares. Irmão Bento da Cruz. Irmão Domingos Pinto. Irmão Antonio de Macedo. Irmão Manoel Gonçalves. Irmão Luiz Pinheiro. Irmão Francisco Freire, coadjutor temporal.

1721. Padre Antonio Maria Scoti, natural da cidade de Napoles. Padre Gabriel Malagrida, natural de Como. Irmão Jozé Ribeiro, coadjutor espiritual. Irmão Francisco Ribeiro, coadjutor espiritual.

Do Reino.

1722. Padre Jacinto de Carvalho. Padre Simão Henriques.

No Maranhão.

1723. Irmão Antonio Vieira, coadjutor temporal.

Do Reino.

1724. Padre Jozé da Cunha. Irmão Manoel Bernardes, coadjutor temporal. Irmão Francisco Machado, estudante. E os seguintes: Irmão Antonio Fernandes.

Irmão Jozé Martins. Irmão Francisco da Silva, *postea*, Francisco Xavier. Irmão Manoel Fernandes. Irmão Lourenço Fernandes. Irmão João da Costa, despedido. Irmão Jozé Tavares. Irmão Manoel Morato. Irmão Manoel Gomes. Irmão João Alvares, coadjutor temporal. Irmão Antonio Roldão, coadjutor temporal.

No Maranhão.

1724. Irmão Miguel Pereira.

Do Reino.

1726. Padre Manoel Lopes. Padre Achilles Maria Avogadri, Romano. Padre João Ferreira, ainda irmão. Irmão Theotonio Barboza. Irmão Joaquim Coimbra. Irmão Caetano Xavier. Irmão Aleixo Antonio. Irmão Bernardo da Assumpção.

Depois. Bernardo Rodriguez. Irmão Francisco da Veiga. Irmão Manoel Alvares. Irmão Christovão de Carvalho. Irmão Manoel Taborda. Irmão Jozé Rodrigues. Irmão Manoel Nunes. Irmão Jozé Antonio. Irmão Manoel Jozé. Irmão Antonio Dias. Irmão João Baptista, coadjutor temporal. Irmão Domingos Cardozo, coadjutor temporal. Irmão Manoel Simões, despedido.

1728. Abril 18. Padre Caetano Ignacio. Irmão Bento Caeiro, coadjutor temporal. Irmão Manoel Affonso. Irmão Bernardo Guardado.

Depois. Irmão Luiz Gonzaga, morrêo nos campos indo a ordenar-se. Irmão Jozé Ferreira. Irmão João Rodrigues. Irmão Mathias da Fonceca. Irmão Jozé de Moraes. Irmão Antonio Moreira. Irmão Bernardo d'Aguiar. Irmão Manoel Baptista. Irmão Manoel Gomes, coadjutor temporal. Irmão Ignacio Estanisláo. Irmão Dionizio dos Reis.

Entrou no Maranhão.

1728. Irmão Jacinto de Moraes.

1729. Dito irmão Jozé da Rocha.

1731. Maio 25. Padre João Teixeira. Padre Simão Henriques. Padre Manoel de Andrada. Irmão Dionizio Regis. Irmão Manoel Ribeiro. Irmão Geraldo Ribeiro. Irmão Antonio Baptista, *olim*, Antonio Lourenço. Irmão

Domingos Antonio. Irmão Manoel Ignacio, coadjutor temporal. Irmão Theodoro da Cruz. Irmão Francisco Dias, *olim*, Rodrigues. Irmão Euzebio da Costa, *olim*, Heitor Jozé. Irmão Joaquim de Carvalho. Irmão Jozé da Cruz, despedido. Irmão Lazaro Duarte. Irmão Antonio Machado. Irmão Luiz Corrêia, coadjutor temporal. Irmão Manoel Alvares, coadjutor temporal.

1732. Junho 4. Irmão Ignacio da Veiga. Irmão Manoel de Quadros. Irmão Jozé Pereira, coadjutor temporal. Irmão Luiz João, coadjutor temporal. Irmão Manoel Pereira.

1734. Padre Manoel de Albuquerque. Padre Baptista Nogueira. Irmão Jozé Cardozo, coadjutor espiritual. Irmão Clemente Ferreira, coadjutor temporal. Irmão Manoel Fernandes, coadjutor temporal. Irmão Antonio Marques.

No Maranhão.

1734. Irmão Antonio da Silva.

1735. Irmão Bernardo Henriques, coadjutor temporal.

1737. Padre Luiz Beaci, Allemão. Padre Antonio Itequel. Padre Manoel de Miranda. Irmão Antonio Jozé. Irmão Silvestre de Oliveira. Irmão Manoel dos Santos. Irmão Agostinho Rodrigues, coadjutor temporal. Irmão Francisco Rebello, coadjutor temporal. João Carneiro, coadjutor temporal. Irmão Bernardo da Silva, coadjutor temporal. Irmão João da Mata, despedido. Irmão Nicoláo Ferreira. Irmão Luiz Barreto. Irmão Alberto de Souza.

No Maranhão.

1737. Irmão Manoel de Oliveira.

Do Reino.

1738. Padre Francisco Wolff, Allemão. Padre Jozé Alvares, noviço. Irmão Francisco de Miranda. Irmão Dionizio Alvares. Irmão Jozé Fernandes.

Do Reino.

1739. Padre Roque Hunderfunt, Allemão. Irmão Manoel de Andrade, coadjutor temporal.

No Maranhão.

1740. Irmão Domingos Pereira. Irmão Manoel Gonzaga.

Do Reino.

1741. Junho. Padre Alexandre da Cruz. Irmão João Daniel. Irmão Roberto Pereira. Irmão Theotonio Figueira. Irmão Domingos Tavares. Irmão Jozé Ronconi, Genovêz. Irmão Jozé Madeira. Irmão Simão Borges. Irmão Manoel dos Reis. Irmão Luiz Gomes. Irmão Manoel das Neves. Irmão Silvestre Rodrigues. Irmão Leornardo Jozé. Irmão João de Almeida, coadjutor temporal.

Do Reino.

1742. Irmão Domingos da Ponte. Irmão Euzebio Henriques. Irmão Joaquim de Barros.

No Maranhão.

1742. Irmão João de Figueiredo, coadjutor temporal.

1743. Junho 27. Padre Caetano de Almeida. Irmão Manoel Monteiro. Irmão João do Couto. Irmão Antonio dos Santos. Irmão Antonio da Silva. Irmão Antonio Fernandes. Irmão Jozé dos Santos, estudantes. Irmão Manoel Rodrigues, coadjutor temporal. Irmão Manoel Pereira, *postea*, da Fonseca. Irmão Caetano de Oliveira, coadjutor temporal.

No Maranhão.

1743. Irmão Antonio Pinto. Irmão Verissimo de Sá.

1744. Irmão Antonio de Sá, de Bragança. Irmão Joaquim Soares, de Lisbôa.

1745. Irmão Gregorio Gomes, de Bragança. Irmão Jacinto Tavares, da Trafaria.

No Maranhão.

1745. Irmão Manoel de Mello. Irmão Francisco de Salles. Irmão Antonio de Bastos, coadjutor temporal.

1747. Maio 14. Irmão Domingos Affonso, de Bragança. Irmão Aleixo Botelho, de Lisbôa.

Setembro 19. Padre João de Mendonça, superior. Irmão Manoel Girão, coadjutor temporal. Irmão Bernardo

Teixeira. Irmão Simão de Almeida. Irmão Antonio Cordeiro. Irmão Mathias Rodrigues. Irmão João Alvares. Irmão Antonio da Costa. Irmão Miguel Ferraz. Irmão Francisco de Abrantes. Irmão Damazo Jozé. Irmão Jozé das Neves. Irmão Jozé de Oliveira. Irmão Antonio Gonzaga.

B. P. E.* Cod. 115—2—14—n. 7.

C.

A. Gonçalves Dias.

* Bibliotheca Publica Eborense.

INDICE

DAS

MATERIAS CONTIDAS NO TOMO LV

PARTE PRIMEIRA

PAGS.

Itinerario das vizitas feitas na sua dioceze pelo bispo de Pernanbuco nos annos de 1833 a 1840 5
Cidade petrificada no Piauhi 197
Inscripções lapidares no sertão da Parahiba 201
Diversos bandos dos tempos coloniaes 205
Patente do capitão da fortaleza da praia da Carioca 211
Entrada dos navios francezes no porto do Rio de Janeiro em 1781 : carta do governador e capitão-general Antonio de Albuquerque Coelho de Carvalho 215
Artilharia das náos francezes queimadas no Rio de Janeiro,... 219
Conta sobre a fortificação e artilharia e mais fortalezas da praça e armazens do Rio de Janeiro 221
Expedição do naturalista doutor Alexandre Rodrigues Ferreira ao Brazil 229
Memoria sobre os trabalhos de observação e exploração effectuada pela segunda secção da commissão militar encarregada da linha telegraphica de Uberaba a Cuiabá, de Feveveiro a Junho de 1881 233
Informação sobre a provincia de Sergipe em 1820 261
Relação veridica e sucinta dos uzos e costumes dos Tupinambás por Hans Staden, traduzida em linguagem vernacula 267
Depoimento para o cazamento de Thomaz Antonio Gonzaga (Dirceo) 361

PAGS.

Povoação de Cazalvasco..... 365
Real Forte do Princepe da Beira..... 369
Abreviada demonstração dos trabalhos da policia em todo o tempo que a servio o dezembargador Paulo Fernandes Viana. 373
Intrucções dadas pela rainha ao governador da capitania de Mato-Grosso D. Antonio Rolin de Moura em 19 de Janeiro de 1749..... 381
Instrucções para o capitão general D. Antonio Rolin de Moura 391
Patente de Antonio Rolin de Moura de governador e capitão-general de Mato-Grosso..... 395
Breve reflexão sobre o meio efficaz de se remediar a decadencia da capitania de Goiaz..... 399
Conjuração mineira. Premio de uma traição..... 403
Catalogo dos primeiros religiozos da Companhia da vice-prezidencia do Maranhão com noticias historicas pelo jezuita Bento da Fonseca..... 407

MEMORIA*

APRESENTADA AO

Instituto Historico e Geographico Brasileiro

Em 10 de Outubro de 1890

PARA SER LIDA

DEPOIS DA MORTE DO IMPERADOR O SR. D. PEDRO II

O Imperador falleceo em 5 de Dezembro de 1891

Aberta, na sessão de 8 de Abril de 1892, a Arca do Sigillo, na qual a *Memoria* fôra conservada, o autor procedeo leitura.

Foi publicada nas gazetilhas do *Jornal do Commercio* em 10, 11 e 12 do mesmo mez de Abril.

Eis a *Memoria*:

« Em 6 de Maio de 1884, Sua Magestade o Imperador D. Pedro II fez-me a graça, que ainda agora agradeço com o maior reconhecimento, do livro de E. de Pressensé, 2ª edição, *Les Origines*, no qual escreveo a lapis muitas notas, cuja divulgação não me parece sem utilidade.

Conservo esse livro ainda com maior cuidado depois que Sua Magestade foi privado do throno pelo movimento insurreccional de 15 de Novembro de 1889.

---

* Esta *Memoria* foi vertida em francez pelo lente cathedratico da Escola Polytechnica Dr. Joaquim Galdino Pimentel, que destinou a traducção ao Instituto de França, do qual o Imperador era associado estrangeiro.

Na ultima pagina do livro, 532, lê-se:

«L'histoire n'est pas le jeu cruel d'un Dieu stupide ou pervers; elle tend au relèvement universel. Voilá ce que la science permet de croire, ce que la conscience commande de croire, ce que le cœur a besoin de croire, et ce qu'il sait, en réalité, par une antecipation sublime, qui est d'autant mieux fondée qu'elle se passe davantage des garanties illusoires de l'autorité extérieure.»

O Imperador escreveo em seguida:

«Sim. Creio tambem, e por isso mesmo sou *evolucionista* com as reservas que faço.

O Creador tudo creou para um desenvolvimento progressivo e harmonico.

Hei de pensar sobre o que li antes de reler este livro talvez mais de uma vez.

Não altero o que escrevi á margem. Penso que se comprehende bem a minha opinião.

Sou religioso; porque a moral, condição da intelligencia, é a base da idéa religiosa.

Creio firmemente no dogma, mesmo pelo que diz Santo Agostinho *Credo quod absurdum*; porquanto o estudo dos factos convence-me cada dia mais da estreiteza dos limites da razão; mas tambem respeitando esta, que Deus concedeo ao homem, sustento sómente como verdades psychologicas ou physicas o que ella reconhece como factos, e apenas admitto, como verdades quasi com certeza futuras, o que é conjectura mais ou menos fundada.

O que do sentimento religioso não se prende ao dogma ou não é *propriamente* do dominio da razão, eu o respeito, e tenho mesmo a felicidade de sentil-o, mas sem exageração, graças á educação, de que sempre serei grato áquelles a quem a devo. A *fé* religiosa não a separo nem da *esperança*, pois espero da infinita misericordia de Deus que serão por fim premiados todos os homens, que houverem cumprido os seos deveres conforme o permitte a imperfeição humana; nem da *caridade*, a que repugna a *intolerancia*.»

As palavras do livro vem precedidas destas, ás quaes o imperador fez duas observações, que vão em nota:

« Dieu est le père des êtres, la cause intelligente et libre de ce *Cosmos* où ses perfections se voient comme à l'œil; ou, s'il en est autrement, il nous faut nier, avec le principe de causalité, la raison elle même, et admettre que le plus sort du moins. Dieu est le bien suprême, la perfection morale dont l'empreinte est gravée dans l'intimité de notre être ; ou, s'il en est autrement, il faut anéantir l'obligation morale et, avec elle, la conscience, et nous aboutissons á ce paralogisme, que l'effet vaut mieux que sa cause, puis que la notion du bien est en nous et que le bien réel ne serait nulle part. L'homme est le fils de ce Dieu dont l'image brille dans sa pensée, dans son cœur, dans sa raison; ou bien il est la proie de la plus vaine et de la plus cruelle des illusions. Enfin cette image, il la sent ternie en lui, mais il aspire à retrouver sa vraie nature. (1) L'ardeur même de cette aspiration suffit à justifier son espoir ; car l'Être infini serait infiniment pervers s'il allumait cette soif inextinguible pour la tromper. L'effort douloureux et incessament renouvelé de l'humanité pour le retrouver doit aboutir, selon ce mot sublime et profond que Pascal prèt a Dieu : *Tu ne me chercherais pas si tu ne m'avais trouvé.* Cette noble souffrance, qui consume l'humanité, est le sceau d'une divine promesse dans son cœur » (2)

—

« CAPITULO II DA OBRA. *Le problème de la connaissance et la nouvelle psychologie en Angleterre, en France et en Allemagne.*

PARTE 1.ª—*La Psychologie Anglaise. La thèorie de la connaissance de Stuart Mill et d'Herbert Spencer.*

Apreciando a theoria de Stuart Mill, assim conclue Pressensé :

« Malheureusement, Stuart Mill s'est contenté de faire de la mémoire le seul facteur et le facteur bien insuffisant du moi. Sa thèorie de la morale, ne s'élevant pas

(1) Tudo isto está muito bem dito.

(2) Não sei porque não se lêm mais as cartas de Pascal *Les provinciales.*

audessus de l'utilitarisme, ne lui permettait pas de donner à la personnalité sa base la plus indestructible dans l'absolu moral. »

O Imperador notou : *Muito bem concluido.*

—

Tratando da theoria de Herbert Spencer, expõe Pressensé :

« Hebert Spencer, après Stuart Mill, essaye de montrer que la notion d'espace et de temps procède d'une experience des sens. Le temps est la généralisation de toutes les expériences où nous percevons des successions, comme l'espace est l'abstrait de toutes celles où nous percevons des coexistences. »

O Imperador notou : « *Non causa pro causa.* Mas quem é que liga os *momentos* e as successões das coexistencias? Quem faz estas integrações de tempo e de espaço? »

—

Na parte 3.ª—*La Nouvelle Psychologie Allemande*, diz Pressensé :

« Lotze donne une très grande importance à ce qu'il appelle *les signes locaux*, que les impressions tactiles et visuelles laissent après elles sur les points où elles se produisent ; comme elles sont distantes les unes des autres, nous obtenons ainsi la notion empirique de l'espace. »

O Imperador notou, com referencia á palavra *signes*: « Si tem dimensões, já ha espaço, e, se não, que podem formar? »

Ainda nesta parte escreveu Pressensé :

« M. Ribot, malgré l'admiration qu'il éprouve pour cette nouvelle psychologie allemande qu'il a si bien élucidée, déclare en toute sincérité que, si la vie psychique consiste en une série d'états de conscience liés à des états physiques, deux choses demeurent, néanmoins, tout á fait inexplicables, même après la tentative des promoteurs de la psychologie sans âme, c'est d'abord le

passage de l'inorganique au vivant, et ensuite le passage de la vie à la conscience. »

O Imperador notou, com referencia á palavra *élucidée* : « Nem por isso apparece menos contradictoria. »

—

No capitulo 3.° continuando a tratar da materia—*Le problème de la connaissance*, Pressensè diz :

« Certes, on ne peut exagérer les services que Maine de Biran a rendu à la philosophie par sa théorie de l'effort resumée par lui-même en ces mots: « Je veux, j'agis, donc je suis... »

O Imperador notou : Responde bem á obra de Ribot —*Maladies de la volonté.* »

—

No capitulo 4.°—*La vraie solution du problème de la connaissance*, declara Pressensé :

« Nous réservons á la partie de ce livre consacrée á l'antropologie la réfutation complète des théories naturalistes, qui affirment que la sensation se transforme en pensée par le simple travail cérébral. »

O Imperador notou : « Não é difficil. »

—

No livro 2.°, capitulo 1.°—*Le principe de causalité dans le monde*, Pressensé faz referencia á obra de A. Daubrée, *E'tudes synthétiques de geologie expérimentale.*

O Imperador notou: « Um dos livros mais interessantes que se possam estudar. »

—

Pressensé escreveu : «... l'éther dont la nature est d'ailleurs entièrement inconnue. »

O Imperador notou : « Cuja existencia é difficil de explicar pelas leis da mecanica », e cita a obra *Mécanique de la chimie*, de Berthelot.

—

Pressensé diz: « On comprend que, devant cette régularité majestueuse du monde sidéral, le viel Orient ait éprouvé un sentiment de vénération et qu'il ait pris ces étoiles pour un chœur sublime glorifiant l'être mystérieux et puissant dont la pensée maîtresse brillait dans l'immensité azurée. Cette géometrie vivante, ces mathématiques de l'empyrée parurent divines à Pythagore. Le nombre, que nous semble aride et abstrait, fut pour lui le symbole le plus auguste, par ce qu'il y vit éclater la pensée ordonatrice de l'univers. Aussi le mouvement des sphères lui apportait-il l'écho d'une sympphonie celeste, d'un hymne triomphal à la gloire de la sagesse souveraine qui a fondu la diversité des choses et des éléments multiples dans un accord immense que rien ne peut troubler. »

O Imperador notou: « Kepler dizia que não o ouviamos, porque nunca cessou desde a creação do Universo. »

—

Pressensé escreveu: « La théorie ou l'hypothèse des atomes chimiques, dont Dalton a été l'inventeur et que M. Würtz a dévéloppée et confirmée par des travaux vastes et concluants, nous réprésente les corps composés comme formés par des groupements d'atomes em nombre déterminé et possédant des poids relatifs différents, mais fixes pour chacun d'eux. »

O Imperador notou: «O Barão Stal, celebre chimico analysta, escreveo me ha já 2 ou 3 annos que depois de muitas analyses acuradas ia publicar uma obra refutando o principio de Dalton. »

—

Pressensé observa: « Placés dans des conditions favorables, les corps bruts durent indéfiniment sans rien *emprunter*, sans rien abandonner au monde ambiant. »

O Imperador notou: « Não é exacto, pelo menos quanto á expressão. »

—

No capitulo 2.º, tratando do *Atomisme*, Pressensé assim se expressa: « M. Büchner confond tout à fait l'idée de force et l'idèe de loi. »

O Imperador notou : « O livro de Büchner agradou bastante pela novidade *apparente* de suas idéas para quem não reflectira sobre o assumpto. Em geral é trabalho mediocre. »

—

No capitulo 3.º—*Les objections fondées sur la permanence et la transformation de la force*. Pressensé enuncia-se deste modo: « Ne voyons nous pas d'ailleurs dans notre petite planète des germes de vie qui s'atrophient, des existences arrêtées en leur plein développement? N'y a-t-il pas là une certaine déperdition ? »

O Imperador notou : « Não é argumento. »

—

No capitulo 4.º—*La doctrine de l'évolution*: *Le transformisme*, Pressensé observa : « Avant de rechercher si elle (la théorie darwinienne) suffit vraiment à expliquer toutes les transformations des êtres vivants, ou s'il ne faut pas en restreindre l'application, nous affirmons que, bien loin d'être contraire à la finalité, elle l'implique »

O Imperador notou · « Sem duvida. »

Adiante, fazendo outra consideração no mesmo sentido, o Imperador notou ainda : «Basta esta consideração para provar que o darwinismo não é contrario á idéa de um creador. »

Pressensé diz : « Le darwinisme n'a donc pas expliqué la modification des organes. Il ne s'était pas contenté d'admettre telle ou telle modification partielle, mais encore une modification gènérale, grâce à la loi de la coordénation des organes empruntée á Cuvier. Parler de coordénation, c'est parler de finalité; car jamais la pensée directrice de la vie ne pourrait apparaitre avec plus d'éclat et de puissance que dans ce raccordement délicat des organes entre eux, surtout s'il resulte de leur constitution intime. »

O Imperador notou: « Tem sido a lei de Cuvier o que permittio verificar nos fosseis as transformações de muitas especies. »

—

Pressensé pondera: « L'instinct a dû être parfait dês l'origine, sinon l'animal n'eût pas pu subsister. Donc il implique une causalité supérieure à son expérience et à lui-même. »

O Imperador notou, com referencia á expressão *parfait*: « Em relação ao organismo. »

—

Pressensé cita, pag. 195, uma opinião de Agassiz; o Imperador notou: « Nas conversas que tive com elle, e jamais esquecerei, já elle hesitava, como aliás o mostrou em ultimas publicações, sobre a doutrina das *creações successivas.* »

O trecho de Agassiz, transcripto por Pressensé, termina assim: « Si toutes ces rélations depassent la portée de la puissance intellectuelle de l'homme, si l'homme lui-même n'est qu'une partie, un fragment du système total, comment ce système aurait-il été appelé á l'être, s'il n'y a pas une intelligence suprême, auteur de toutes choses ? »

O Imperador notou: « Que bella pagina ! »

Ao terminar esta parte, observa Pressensé: « Darwin a rendu un grand service á la science... »

O Imperador notou: « Foi um grande naturalista, e as leis que elle descobrio engrandecem o Creador, que as estabeleceo, e de que elle não deixou de fallar, como uma verdade, nos seus escriptos. »

—

Algumas paginas adiante, quando Pressensé se occupa com as theorias de Hœckel, o Imperador accrescenta: « A idéa de uma causa intelligente é verdade que a razão não póde deixar de reconhecer, embora não possa demonstral-a. »

—

Referindo-se, pag. 221, á doutrina de Hegel reflexiona criteriosamente Pressensé : « En resumé le monde, d'aprês Hegel, déroule une conception immense et grandiose, où tout est rationnellement lié, et pourtant, à s'en tenir à son systême, cette conception n'a été conçue par personne, car elle ne précède pas les choses, mais elle en resulte. Cela est tout à fait inexplicable »

O Imperador notou : « Com effeito, é inexplicavel. »

—

No livro 3.°, capitulo 3.° da obra, *L'homme et l'animal—Position de la question*, o Imperador escreveu: « A distincção entre o animal *intelligente* e *moral*, o homem, e os outros animaes dotados unicamente de instincto mais ou menos aperfeiçoado, é o argumento capital contra a doutrina da *completa* evolução animal, mas esta não repugna á minha razão desde que ella considera todas as leis moraes e physicas como estabelecidas pelo Creador; uma dellas seria a da evolução completa no reino animal com a distincção psychologica do homem em relação aos outros animaes. Comtudo, por ora só adopto as opiniões de Gaudry. »

—

No capitulo 5.° n. 2.—*Réfutation de la sociologie du positivisme et de la nouvelle psychologie allemande et anglaise* (Auguste Comte, Littré, Buckle, Bagehot, Jœger, Herbert Spencer) ha, na pag. 340, esta nota do Imperador : « Todos estes positivistas são mais ou menos contradictorios. »

Na pag. 359, Pressensé refere-se ao Padre Nosso, que qualifica — « la plus belle oraison de l'humanitè. »

O Imperador notou: «Com que fervor o repeti quando me detive nos dous lugares onde Jesus Christo ensinou-o a seus discipulos ! »

—

Na pag. 361. Pressensé refere-se ao matrimonio nestes termos:

« La société humaine n'abandonne pas à lui-même cet amour capable de prendre un si haut essor ; elle en

fait un engagement sacré devant la loi. Grâce au contrat, au consentement libre, l'union sexuelle devient le mariage ; la famille est fondée avec ses garanties, ses devoirs et ses droits... Il ne suffit pas á l'homme de protéger qualques jours une progéniture faible, quitte à l'abandonner quand l'instinct ne parlera plus. Il s'agit de développer non seulement un corps, mais un être moral... »

O Imperador notou : « E comtudo apparece ás vezes um Naquet que occupa parlamento, litteratos distinctos, emfim, cansa-nos de leitura por causa da lei do divorcio ! »

—

Occupando-se com a *moral do interesse*, Pressensé escreveu, pag. 386 :

« Le présent qui nous fournit les expériences les plus immediates, celles qui agissent le plus sur notre sens intime, n'a jamais concilié parfaitement l'utilité et la justice ; souvent même devant l'insolence de tant de triomphes et de succès immérités, nous éprouvons des perplexités qui ont arraché presque des blasphèmes au juste frémissant, sans parler de cette résignation misérable qui est de mode aujourd'hui á ce qu'on appelle l'ironie des choses et la duperie de l'existence. »

O Imperador sublinhou a palavra *misérable* e escreveu : « Sim, miseravel. »

—

Pressensé escreveu, pag. 401 : « Il s'ensuit que l'ordre moral statuè par la conscience peut l'etre aussi par la science... »

O Imperador notou : « Por negarem isto, conforme um systema, é que excluem a metaphysica do numero das sciencias, *quando ella o é*. »

—

Pressensé escreveu, pag. 420 : « Les motifs de nos actions n'en différent pas moins du tout au tout selon que nous agissons par devoir ou par intérêt. Dans le

premier cas nous obéissons à une loi, nous nous sentons obligés. Dans le seconde cas, nous calculons. »

O Imperador notou : « Nunca cessarei de sustentar e proclamar esta differença. »

—

Pressensé escreveu, pag. 437 : « Nous sommes ainsi reportés à l'Idée mère de toutes les idées particulières, qui de la matière inerte où sommeillaient tous les possibles, touts les virtualités, a tiré les étres rèels, determinés, formés. »

O Imperador notou, com referencia ás pelavras *qui de la matière inerte où sommeillaient tous les possibles, toutes les virtualités, a tiré les êtres rèels, determinés, formés*: « Não me parece perfeita a fórma do pensamento. Eu diria *que creou com todas as virtualidades.* »

—

Na parte em que Pressensé se occupa *Des diverses explications de l'origine de la religion*, o Imperador escreveu, pag. 473, esta nota, a ultima que transcrevo: « Eu admitto a evolução moral do animal-homem, que *só nesta condição* teve pela lei do Creador intelligencia e portanto consciencia de seos actos, liberdade e moralidade, e que se desenvolveo conforme o estabelecido desde a origem pelo Creador. »

—

Não contém esta *Memoria* todas as notas escriptas pelo Imperador no livro de Pressensé. Para apreciação de algumas, haveria necessidade de longas transcripções do livro. Assim, a *Memoria* se tornaria muito extensa. A omissão, porém, não prejudica na essencia o fim a que a *Memoria* se propõe.

—

Ninguem, por certo, me faz a injustiça de suppor que, reservando eu este trabalho para ser lido depois da morte do Imperador, tinha outra cousa em mira senão o que reputasse honroso á sua memoria.

Com effeito vê-se quanto Sua Magestade, sem

descuidar-se aliás dos negocios do Estado, sem os prejudicar, entregava-se a estudos serios.

Não ha quem não esteja convencido da util applicação que o Imperador dava ao seo tempo.

Os sentimentos pessoaes que Sua Magestade revela tambem lhe fazem honra.

Temente a Deus, como se confessa, havia de ser, e foi, justo, benevolo, humano.

Se, como politico, lhe pódem ser imputados erros, e ninguem delles escapa, como homem e chefe de familia não ha sinão que lhe tributar louvores.

Nos aziagos dias de 15, 16 e 17 de Novembro de 1889, o Imperador esteve sempre na altura da dignidade de seu eminente cargo.

Publicou-se então que o senador Manoel Pinto de Souza Dantas e eu, na noite de 15, depois das 8 horas, deixamos o paço da cidade para nos inteirarmos dos successos mais recentes. Tudo fizemos, porém, sem sciencia do Imperador. Só em nosso regresso o senador Dantas informou a Sua Magestade do que occorria quanto á fundação da Republica. Parece-me necessaria esta declaração da minha parte, porque pouco antes das 7 da tarde de 15 o Imperador dignou-se de manifestar o desejo de ouvir-me a sós, em seo gabinete particular, acerca dos memoraveis factos desse dia. Poder-se-hia suppor que elle ahi insinuou por qualquer modo o procedimento que tive logo depois. Absolutamente não.

A conferencia versou sobre a natureza e alcance dos acontecimentos, não perdendo o Imperador um só instante a serenidade que o caracterisava quando, depois de expor-lhe o que sabia por haver presenciado, tive de entrar com a costumada lealdade no delicado ponto relativo á sua illustre pessoa e á sua augusta familia.

Facil será de imaginar a amargura com que, em presença sómente de varão tão respeitavel, vi-me obrigado a referir com verdade a situação.

Paguei um doloroso tributo de obediencia, que a solemnidade do momento ainda mais me impunha.

Não notei no semblante do Imperador o mais leve signal de despeito ou de colera.

As suas palavras, graves como de costume, foram no fim quaes no principio.

Em occasião de tanta angustia o Imperador soube guardar comsigo o seo pensamento intimo. Interrogou, ouvio, reflectio e conservou-se inalteravel.

Guardo ainda bem viva a impressão dessa conferencia, que, para mim, poz á prova a rija tempera do caracter do Imperador.

Presto-lhe mais uma vez homenagem de admiração.

Rio de Janeiro, 10 de Outubro de 1890. *Manoel Francisco Correia.* »

—

O Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia offereceo ao Instituto a obra de E. de Pressensè, em que se encontram as notas a que se referio.

Na fórma dos estatutos que regem os trabalhos do Instituto, a *Memoria* foi a uma commissão especial composta dos Srs. Visconde de Beaurepaire-Rohan, Conselheiro Tristão de Alencar Araripe e Dr. Cezar Augusto Marques.

Na sessão do Instituto Historico de 22 de Abril foi unanimemente approvado o seguinte parecer:

« A' commissão de estatutos e redacção da *Revista Trimensal* foi presente a *Memoria*, a cuja leitura procedeo o illustre socio honorario, o Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia, na sessão especial do nosso Instituto Historico e Geographico de 8 do corrente mez.

O que constitue o singular merecimento d'esta *Memoria* são as notas feitas pelo falecido Imperador o Sr. D. Pedro II a diversos trechos do livro de E. Pressensé, *Les Origines.*

Este documento é mais uma prova do elevado criterio e sabedoria do nosso augusto protector, de saudosa recordação, e como tal deve honrar as paginas da nossa *Revista.*

Rio de Janeiro, em 20 de Abril de 1892. *Visconde de Beaurepaire-Rohan*, relator. *Tristão de Alencar Araripe. Dr. Cezar Augusto Marques.* »

PATER-FAMILIAS NO BRAZIL NOS TEMPOS COLONIAES

Memoria lida em sessão do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro de 4 de Setembro de 1880 (*)

POR

TRISTÃO DE ALENCAR ARARIPE

---

§ 1. Bem conhecido é quanto ensinam os romanistas acerca do patrio poder nos priscos tempos de Roma, sendo ele tão extenso que o pae tinha o direito de vida e de morte sobre o filho e o escravo.

Era o *jus vitæ et necis* (Fr. 19, 11; D. 28, 2, de liberis heredib. inst.), de que falam os Pandectas, e de que nos dão noticia os antigos escritores, como Dionizio de Alicarnasso, Tito Livio e outros.

Este direito, que regulou nos primeiros dias do povo romano, não existio sómente n'essa sociedade, que Romulo fundou, e que, começando por um acanhado municipio, dominou quazi todo o mundo conhecido da antiguidade.

§ 2. A regra era, como diz o autor da *Explicação das Institutas*, que o xefe da familia, *pater-familias*, tinha sobre os seos escravos, sua mulher e seos filhos, não um poder ordinario, mas um direito de propriedade plena e inteira; direito de condenação sobre sua mulher e seos filhos; direito de vender estes ultimos, de expol-os, sobretudo quando eram disformes.

A verdade istorica é, que esta propriedade e esta expozição dos filhos estavam então nos costumes de quazi todos os povos, si não com toda a energia que adquiriram entre os Romanos ao menos como principio.

Papiniano, falando da lei regia de Romulo, diz: *Quum patri lex regia dederit in filium vitæ necisque potestatem.* Os xefes de familia eram magistrados domesticos

---

(*) Vae com a ortografia fonica do original.

de uma pequena republica, *dominantes atque imperantes in domo, familiaque sua quasi pusilla republica.*

Cabe aqui ponderar, que os povos civilizados restringem o patrio poder; os povos porém que apenas surgem da barbaria o conservam pleno e inteiro. Assim emquanto Roma barbara autorizava o pae a matar o filho, o Egipto já civilizado punia o facto como crime atroz, obrigando o pae matador a passar trez dias unido ao cadaver do filho morto.

§ 3. Os legisladores primevos consideravam como necessidade dar valor politico á familia em bem da ordem social.

Si oje buscamos fazer do municipio baze da organização dos estados como melhor método de dezenvolver e sustentar a liberdade social, os estadistas d'esses tempos idos axaram na familia o fundamento das suas instituições conservadoras da liberdade umana.

Nos nossos dias os municipios constituem a baze politica elementar do estado; nas eras da primitiva formação social as familias eram os elementos, que o compunham.

§ 4. Si pois o pater-familias devia responder ante a sociedade, ou ante o estado pela familia, cumpria dar-lhe meios adequados a sua responsabilidade. Daqui o amplissimo direito do pater-familias sobre filhos e escravos, e demais aderentes da familia antiga.

O estado não tinha então encargos tão complexos como oje; deixava pois o individuo sem essa tutéla imediata e incessante da autoridade publica, que é um flagelo das sociedades modernas.

Por isso eles deram á familia certa entidade politica, e constituiram o pae responsavel para com a sociedade relativamente aos movimentos economicos da associação familiar.

A familia não era então uma simples agregação civil como oje considerámos, era tambem uma entidade politica, e tinha por essa razão o seo governo interno.

§ 5. Assim o pater-familias entendia com as questões privativas do seo lar; e sobre todos os membros d'essa associação domestica tinha ele o poder supremo, que

envolve a faculdade de decidir as contendas e castigar as culpas.

Esta instituição nace da fraqueza das sociedades primitivas, que ainda não têem o poder publico suficientemente organizado, de sorte que possam acudir a todas as necessidades da comunhão em seo mais amplo dezenvolvimento.

Desde que os xefes de familia governam as pequenas associações, a grande sociedade mais facilmente se dirige, não necessitando de meios tão eficazes como o exige a sociedade, que incumbe-se da solução das questões sociaes em todas as relações individuaes e em toda a sua extensão.

Isto cria constantes embaraços ao governo geral, que consome a sua atividade e forças em assuntos de minima importancia, que mais convenientemente são rezolvidos pelas pessoas particulares mais imediatamente interessadas nos seos negocios e melhor apreciadoras das suas peculiares circunstancias.

§ 6. O pater-familias tinha n'esses tempos maior soma de direitos do que o pater-familias de oje; mas tambem ao pater-familias d'então cabiam encargos, com que o pater-familias actual se não onera.

Assim o pater-familias antigo respondia pela ordem, subordinação dos seos familiares; ele satisfazia as contribuições pecuniarias exigidas pela comunidade; ele era obrigado a o contingente pessoal em cazo de guerra com os vizinhos.

Esta organização da familia é ingenita ás sociedades nacentes, por tal fórma que ela revela-se nas novas formações sociaes a despeito de uma legislação existente, escrita e praticada.

§ 7. Foi o que sucedeo no Brazil nos primitivos tempos coloniaes. A antiga sociedade européa, já esquecida do seo berço, veio na America axar recordações e a imagem dos seos primordios.

Os Portuguezes, descobrindo e colonizando terras novas, transplantaram para o paiz, que vinham povoar e organizar, as suas leis, mas estas nem sempre tinham aplicação por uma execução exacta; pois a autoridade

não podia dar-lhes vigor nas longinquas regiões, por onde se ia a população extendendo.

Ahi, fóra da ação imediata do poder autoritario, surgia a instituição forçoza do pater-familias dos antigos tempos.

O arremedo d'essas eras primitivas realizou-se em nossa terra; si a instituição não estava na lei, transparecia no facto.

A lei portugueza autorizava o pae de familia a castigar e prender os seos familiares. Ela dizia formalmente: A pena não averá lugar em quem castigar o criado, ou discipulo, ou sua mulher, ou seo filho, ou seo escravo (Ord. liv. 5 tit. 36 § 1). Ela dizia mais: A pena não averá lugar no que encarcerar seo filho-familias, ou escravo pelo castigar e emendar de más manhas, porque em tal cazo os poderá prender (Ord. liv. 5 tit. 95 § 4).

Eis a lei coercitiva da familia portugueza, a que os colonos primitivos deram extensão, transformando-a no direito lato das sociedades primordiaes em relação ao pater-familias.

§ 8 Um colono fundava com mulher e escravos o seo estabelecimento rural; vinham os filhos, os filhos cazavam e seguiam o exemplo do progenitor, ao redor do qual formava-se um nucleo, de que constituia-se xefe por força das couzas: filhos, genros, noras, netos, escravos, todos reconheciam a autoridade d'esse xefe, isto é, o poder parental. Esse omem, rezidente em lugares distantes da séde da autoridade, governava por si a familia assim formada. Ele fazia com que toda a gente da sua sequela cumprisse para com a autoridade publica os deveres de membros da sociedade civil. Eram pequenos barões feudaes, que erguiam-se no paiz ainda em selvas.

Dahi naceram essas lutas intestinas, com que celebrizou-se o interior da terra brazilica nos dias dos nossos avós, e de que ainda vemos vestigios nas contendas, que xegamos a prezencear nos sertões da Bahia entre Militões e Guerreiros, e nos do Ceará entre Montes e Feitozas, Mélos e Mourões.

O poder parental, que, não obstante as leis, existio de facto no Brazil, nas condições expostas, transparece

em muitos factos, que repetiam-se nas fazendas creadoras dos nossos sertões, e nas fazendas agricolas das nossas provincias fabricadoras de assucar.

§ 9 Um fazendeiro que se opulentava, regía a sua gente sem prestar obediencia á autoridade publica, sinão quando a notoriedade escandaloza do acontecimento invocava a ação social, que nem sempre dava exito, não passando de um protesto da lei contra o facto.

Os senhores de engenho flagelavam os seos escravos, e os matavam em rigorozos açoutes, e até por outros modos barbaros; os factos eram conhecidos, mas a autoridade receiava processar e punir os autores d'esses omicidios, porque julgava assim prejudicar a instituição servil, considerada indispensavel baze economica da sociedade, que a realeza encaminhava e dirigia no paiz, que buscava civilizar. Castigar um senhor de escravos por matar um d'estes entes mizeraveis, seria estimulo incitador da insubordinação dos oprimidos, e cauza da decadencia da servidão: tal era o pensamento dominante.

A autoridade pois desculpava o crime como si a lei o permitisse: o silencio do juiz convertia o facto em direito pela obliteração da pena.

§ 10. Estes individuos tinham fresca a tradição do poder dos seos antepassados; julgavam-se pois capazes de derimir por si os seos pleitos e contendas.

De taes principios ou idéas procediam essas familias numerozas agrupadas em torno de um xefe, obedecendo-o e dirigindo-se por seos preceitos.

O colono fundador de uma familia, si era omem de energia e perspicacia, só por morte perdia o poderio sobre a sua decendencia, formando em torno de si crecida parentéla, a quem dirigia com a sua autoridade moral, e muitas vezes com os meios coercitivos, dispensada a intervenção publica.

Pequenos delitos eram punidos e obrigações civis eram solvidas, mediante essa autoridade privada ou parental.

De similhante condição nos dá exemplo André de Negreiros, o qual no Ceará vivia no seculo passado com extensa prole na então vila da Fortaleza, sob o seo

imediato regimen, governando-a e mantendo-a em paz, como noticia-nos um dos governadores de Pernambuco em carta escrita ao rei de Portugal.

§ 11. O facto do omicidio, que era comum em relação ao escravo, não raras vezes praticava-se em relação ao filho.

Nos nossos sertões deram-se acontecimentos notorios de paes, que por motivos de onra feminil assassinavam filhas, ficando o delito sem punição por parte da autoridade social, nem grande reparo do vulgo.

Si a moça infeliz deixava-se seduzir por pessoa considerada de infima condição tinha morte infalivel para vindicar a onra da familia, e si a execução se não fazia em praça publica, efetuava-se de modo que todos o sabiam. Suprimia-se o objéto da dezonra para restabelecer a fama da familia. Isto constituia direito consuetudinario; porque a opinião comum o não reprovava.

Julgavam todos, que quando a ação das leis era insuficiente para assegurar o pudor da donzela e o brio da parentela, devia cada pater-familias axar-se revestido da faculdade de os garantir pela repulsa do vituperio, castigando o ofensor.

§ 12. Si em relação ás filhas não foram poucos os cazos do emprego do *jus vitæ et necis* em nossos sertões, por motivos de pundonor, não deixaram de aparecer cazos relativos aos filhos por motivos diversos.

Citaremos um dos mais notaveis, que conhecemos, e que faz o objéto d'esta pequena memoria.

Ele é tanto mais digno de atenção quanto foi a publicidade do acto, e a aproximidade da nossa epoca. O facto é do prezente seculo, e ocorrido na provincia de Pernambuco.

Tendo eu noticia d'esse acontecimento, escrevi em 1861 a uma testimunha prezencial do lamentozo drama, e eis como ela respondeo-me:

§ 13. O cazo orrorozo, cuja narração me pede é o seguinte:

« No anno de 1829, si me não engano, Pedro Vieira, Ilhéo, senhor do engenho Canavieira, na freguezia de Larangeiras, desmembrada da de Goiana, d'essa provincia

de Pernambuco, mandou publicamente assassinar a um seo filho, cujo nome me esquece agora, por um outro seo filho, á frente de uma escolta de escravos, pelas 9 óras da manhan.

O irmão assassino cercou dentro de caza ao irmão assassinando; este pedio comizeração, e protestou, que n'aquele mesmo dia deixaria aquele logar, e desapareceria para onde seo pae nunca mais tivesse d'ele noticia, uma vez que o não matasse. Consultado o velho sobre a propozição de paz, respondeo inexoravelmente, que se cumprisse a sua ordem.

Assim sucedeo; foi assassinado o infeliz com uma descarga cerrada, e já pouco antes d'ele avia sido tambem assassinado um seu morador, que vendo a escolta, corria para lhe dar avizo.

Consumado o monstruozo assassinato, mandou o pae desnaturado convidar os sacerdotes de todas as capélas vizinhas para o enterro, que foi solene, na propria capéla do engenho, onde foram sepultadas as duas vitimas.

Eu servia de coadjutor da freguezia, e me axava na distancia de legua e meia. Já não tenho o bilhete de convite para o enterro, que me dirigio o velho pae assassino; mas lembro-me das suas primeiras expressões, que são as seguintes: Reverendissimo Senhor Padre Coadjutor. Como Deos foi sempre servido, que eu mandasse matar a meo filho F..., rogo-lhe o favor de xegar oje até esta sua caza para assistir ao enterro, etc.

Dizia mais alguma couza, de que não me posso recordar, depois de 32 annos, que têem decorrido d'essa época para cá. Fui e prezenciei a sena mais doloroza, que se póde conceber.

Na sala da caza do velho estava o caixão, que encerrava o cadaver da pobre vitima, e sobre ele se axavam em amargo pranto a viuva joven ainda, e 2 ou 3 filhinhas de 10 annos de idade para baixo, tão lindas e encantadoras quanto era extrema a sua dôr e desgraça.

A velha mãe da vitima, no interior da caza, apenas dava sinaes de vida; emfim sogro e sogra, parentes e amigos das duas familias, e até os que eram indiferentes,

derramavam copiozas lagrimas, á vista d'aquele orrivel espectaculo, e só não xorava o autor do atentado, que impavido passeava com cara de tigre de uma a outra extremidade da sala!!!

Concluido o enterro das 7 para as 8 óras da noite, quiz ele pagar logo aos sacerdotes; meos companheiros não tiveram duvida em receber o que lhes pertencia, mas eu, que tive repugnancia de receber dinheiro por ocazião de desgraças e lagrimas, e vindo-me tambem á lembrança, de que o tigre podia entender, que Deos era tambem servido, que ele me mandasse matar, nada quiz receber. Ele não me compreendeo, e agradecêo-me com expressões d'amizade.

Dahi a um mez, pouco mais ou menos, veio o juiz de fóra, um tal Xavier, instaurar o processo; aboletou-se em um engenho vizinho na distancia de 1 legua, e Pedro Vieira, de publico no seo, não teve uma *Ave-Maria* de penitencia! Deve existir ainda por esses lugares, que citei, muita gente, que prezenceou comigo este orrorozo facto.

Dizia a voz publica, que a cauza d'esta desgraça foi uma amazia, que tinha o velho, e que desconfiando que o filho a pretendia, mandou-o por isso matar, a pretesto de dizer que o filho pretendia fazer-lhe o mesmo; mas nunca se conheceo da parte d'ele taes dispozições.

Ceará 6 de Outubro de 1861.

Padre Carlos Augusto Peixoto d'Alencar.

§ 14. A narração, que ahi fica exposta, por mais incrivel que pareça, considerado o facto relativamente ao nosso prezente estado social, é veridica, pois o seo autor foi omem criteriozo e sacerdote sizudo. Exercendo notaveis cargos publicos, especialmente na reprezentação provincial e nacional, não arriscaria o seo caracter, exagerando o sucesso, si reaes não fossem as circunstancias d'essa tragedia.

O facto é verdadeiro, e só vem demonstrar quanto nos omens predominam idéas inoculadas no berço e radicadas nas necessidades sociaes da epoca, em que eles vivem.

Pedro Vieira, o senhor de engenho, o fazendeiro potentado, xefe de familia numeroza, julgava ter o direito

de governar essa familia, e concluia, que o não deveriam embargar preceitos esquecidos nos codigos, apenas para apreciação dos legistas. Ele acreditava nos exemplos, dezatendia as leis escritas, e restabelecia um direito, que lia na sua condição social.

Tal o imperio dos costumes ! Tal a fraqueza das leis dissonantes da opinião dominante !

HISTORIA DO MARANHÃO

DOM FRANCISCO DE MELLO MANOEL DA CAMARA

Governador e Capitão-General do Maranhão

ALGUNS TRAÇOS DE SUA VIDA, SUAS EXCENTRICIDADES E VIOLENCIAS, E SEUS DESPACHOS

pelo

Dr. Cezar Augusto Marques

O *Jornal do Commercio* publicou á mezes uns despachos do general Andréas, quando prezidente da provincia do Rio Grande do Sul.

A leitura d'esses despachos trouxe-me a idéa associada de outros, proferidos em diversos requerimentos, nos tempos coloniaes, por D. Francisco de Mello Manuel da Camara (por alcunha o *Cabrinha*, por ser muito moreno), tenente-coronel de cavallaria, commendador da ordem de Christo, governador e capitão general do Estado do Maranhão e Grão-Pará, em 1806 até 1809. Dahi nasceo a resolução de escrever esta pequena *Memoria*.

Para se conhecer o seo caracter vou narrar, ainda que ligeiramente, alguns actos de sua administração.

Apenas tomou posse do seo encargo começou a criticar dos feitos do seo antecessor D. Antonio Saldanha da Gama.

Formou um partido dos adversarios de D. Antonio, e como entre elles era mais exaltado o escrivão da fazenda real Elias Aniceto Martins Vidigal, foi esse o seo mais intimo amigo, e a quem tributava maior predileção, que pouco durou, pois em breve tempo estavam brigados, e D. Francisco em toda parte o chamava *Roubador da Fazenda Real*.

Foi sorpreendido com a noticia da invazão franceza em Portugal, e com grande falta de criterio não se mostrava hostil aos inimigos da patria, e dizia, que nada havia de soffrer dos invazores, porque seo sogro, o general João Forbes, era amigo de Junot, e portanto este, longe de perseguil-o, talvez o fizesse muito feliz, engrossando mais os seos bens.

Recebeo ordem para se preparar afim de resistir á invazão estrangeira, o que fez n'este sentido foi mandar desarmar o *Forte de S. Francisco*, que defendia a barra da capital, e transferir toda a artilheria para o logar de S. José de Riba-mar, onde só por discuido ou ignorancia poderia entrar um navio, e isso mesmo sem pratico.

Pouco depois arrependeo-se, mandou parar a remoção das peças, porem deixou umas fóra das carretas, outras já na rampa e algumas no Baluarte.

Mandou tirar varias peças da fortaleza da Ponta da Areia afim de guarnecer a fortaleza de S. Francisco, porém, apenas desmontadas, mudou logo de proposito.

Não sabia portanto o que pensava e nem o que queria; hoje approvava o que amanhã rejeitava e vice-versa. Infelizmente ainda hoje acontece o mesmo ás vezes.

Mandou todo o regimento de linha guarnecer a vasta costa d'Alcantara, e para o interior os homens ricos e officiaes de milicia deixando a cidade sem a menor força.

Só parece, que, ou muita inepcia ou mesmo adherencia ás idéas francezas, o levaram a praticar taes dezatinos.

Levou elle por seo secretario o honrado e illustrado Dr. Joaquim Jozé Sabino, depois dezembargador da Relação do Maranhão, onde criou familia e teve filhos, dos quaes existe um só, o major Ricardo Leão Sabino, que, depois de ter sido um dos mais valentes e mais destimidos officiaes da tropa legal contra os revoltosos *Balaios*, depois de ter derramado seo sangue, exposto sua vida, e obrado prodigios de valor, foi só por ter muito merito preterido em varias promoções, e cheio de desgostos, creio que reformado, vive hoje no Rio de Janeiro.

O velho Sabino muito soffreo como secretario.

Tirou-lhe as chaves da secretaria, e entregou-as a dois criados.

Poz de parte o seo secretario, e só se entendia com dois amanuenses.

Tirou-lhe todos os emolumentos, e quando esse emprego só rendia 200$000 por anno.

Rompeo suas relações com o ouvidor Jozé Patricio Diniz da Silva Seixas, e mandou arrancal-o do convento do Carmo, onde rezidia, e fel-o seguir desterrado para S. Bernardo do Parnahiba, verdadeiro exterminio para terra doentia despovoada, e no fim do sertão da capitania.

Jozé Patricio foi substituido pelo Dr. Jozé Francisco da Silva Costa Furtado não só no cargo, como nos soffrimentos, pois que, sob pretexto de serviço publico, o mandou para Alcantara a toda a pressa.

Abrio luta com o juiz de fóra Dr. Luiz de Almeida Oliveira Figueiredo, magistrado intelligente, honesto e energico, que com a lei na mão sempre resistio aos desvarios de D. Francisco de Mello, magoando-o muito com taes actos de hombridade.

Quando mais activa estava a luta entre o governador e o juiz de fóra, quando toda a cidade de São Luiz estava em verdadeiro desespero, porque D. Francisco tinha por systema politico enredar e inimizar a todos, e assanha-los reciprocamente para poder aproveitar-se de uns, quando queria perseguir os outros, eis que fundeia no porto do Maranhão em 10 de Março de 1809, a sumaca *Mendengue*, vinda de Pernambuco, trazendo a noticia da demissão de D. Francisco de Mello e a proxima vinda de seo successor.

Fóra completamente de si, ordenou a prisão de Luiz de Oliveira, sendo d'ella incumbidos o procurador da camara Sebastião Gomes da Silva Belfort e o capitão Manoel do Nascimento de Almeida Silva, por alcunha o *Café*.

Belfort intimou a suspensão dos seos cargos a Luiz de Oliveira, que não a aceitou « por não haver ordem expressa de Sua Alteza. »

O capitão Café em seguida o prendeo á ordem do governador, a qual não obedeceo, dizendo que, si D.

Francisco não tinha jurisdição para suspendel-o, quanto mais para prendel-o?

Café gritou por soldados e cercaram a casa de Luiz de Oliveira por tropa armada de baionetas e cacetes.

Luiz de Oliveira prendeo Café á ordem do Principe Regente.

N'esse interim o ouvidor vestio sua capa e volta, empunhou a vara de juiz, porém vio-se desrespeitado por grande numero de praças do regimento de linha.

Luiz de Oliveira officiou ao governador dizendo, «que só violentado seria despido das insignias do fôro, de que estava ornado, e que só por violencia seria conduzido á prisão», e D. Francisco de Mello, o soberbo, o insolente, e o extravagante que pretendeo sempre figurar na capitania como um ente singular, e que dizia em publico desprezar todas as autoridades, e que só os fidalgos de sua gerarchia mereciam respeito e consideração, não se envergonhou, não teve o menor vislumbre de pudor, ordenando, em resposta ao officio de Luiz de Oliveira, que se cumprisse sua ordem «*ainda que fôsse necessario arrastar, enforcar e despedaçar Luiz de Oliveira!*»

Cedeo o juiz de fóra ao poder do arbitrio, e n'uma sége foi conduzido ao quartel militar, onde esteve sempre incommunicavel, até que por falta de viagem directa foi enviado a Londres, e de lá para o Rio de Janeiro, onde se apresentou ao Principe Regente, que julgou D. Francisco incurso na pena da carta régia de 14 de Março de 1798, «que o mandava responder pelos seos bens a todas as perdas e damnos que causou, juntando a tudo isto a crueldade e o excesso de mandar o preso para um reino estrangeiro, commetendo assim culpa de severo castigo.»

Apenas me resta dizer, que D. Francisco era tão vaidoso a ponto de determinar que pessoa alguma, qualquer que fôsse a sua posição, passasse pelo palacio da sua rezidencia sinão com o chapéo na mão, e para cumprir esta ordem «andava um soldado de ronda volante, armado de um vergalho, que entregava a quem lhe succedia na mesma ronda!»

Corre a tradição de que fôra derrubado por um soldado d'essa ronda o chapéo de um respeitavel ancião, um

Dos avós da Exma. esposa do Sr. senador Nunes Gonçalves, e que o velho nunca mais se cobrio andando sempre com a cabeça descoberta, e o chapéo debaixo do braço, provocando assim com este notavel procedimento justas censuras contra tal governador.

Agora estão os meos illustrados consocios habilitados a julgar os seguintes despachos lançados em diversos requerimentos a elle dirigidos.

— Escusado (no sentido de indeferido)

— Escusadissimo (no mesmo sentido)

— Pela sua immensa pobreza convém ao suplicante conservar-se no serviço militar.

Este despacho foi lançado no requerimento em que uma senhora pedia baixa do seo filho por ser muito pobre.

— Requeira em letra que se possa lêr.

— Dos servidores do sertão está a cadeia cheia, e portanto é escusada a suplica.

(A um sujeito que requeria ser empregado no sertão)

— Requeira por letra e termos, que se possa entender.

— Faça outro requerimento, e no peditorio exponha o que pretende.

— Use de tinta preta.

— Não entendo reformas em milicias, e por isso escusada a suplica.

— Não aceito a denuncia que de si mesma dá o suplicante, e por isso cale-se emquanto me acommodo.

— Como se acommoda com dinheiro, ajuste-se com o suplicando.

— E' escusado o juiz dos orphãos da vila de Alcantara passar ferias na sua fazenda, em detrimento das partes, que certamente o não terão logo que eu lhe der ferias n'esta capital, onde talvez as tenha em figura assás triste.

— A questão do suplicante por ser muito indecente, não deve occupar as attenções do governo.

— Use o suplicante do direito que tem sobre o seo escravo, sem com tudo deixar de parte o que tem adquirido a respeito de sua amasia, receptadora de furtos.

— O suplicante acommode-se com as deliberações do governo, que só lhe serão perigosas emquanto pretender, com falsas e supostas suspeições, evitar que eu tome as mais sérias informações para decidir como devo.

— Mude o suplicante de formulario, e assigne o requerimento que me dirigir, si bem que por este fica indeferido, visto eu não governar pela devoção á Nossa Senhora dos Remedios, mas sim pelos deveres da justiça.

— Escusado, e não me importune mais com semelhantes requerimentos.

— Escusado por agora e para sempre.

— Simplifique e reduza o quanto puder a materia do seo requerimento, fazendo-o por quem saiba escrever.

— Si estiver doente vá para o hospital, pois eu não solto criminosos.

— Requeira em forma de suplicante, e não de apologista, para se lhe deferir.

— Escreva-me como deve, pondo no alto da escrita o distinctivo que me compete, visto que um ajudante de tropas de linha não deve ignorar estes requisitos.

— Requeira em termos que se entenda.

— Requeira, deixando margem superior para lançar meo despacho.

— Mande pelos seos agentes procurar nos cartorios os papeis que deseja escrever para com o producto alimentar-se.

— E' impossivel entender o que o suplicante requer, pelo que procure quem exponha claramente o que pretende.

— O juiz informante use de amanuense, e unicamente se assigne para que se possa lêr e entender a prezente informação.

— Reduza e simplifique o suplicante a sua resposta a termos breves e precizos á prezente questão, onde não é necessario saber-se da sua nobreza e conhecimentos scientificos, visto só importarem á sociedade os máos costumes de que o argue o suplicante.

— Seja solto, e cuidado para o futuro.

— Só a vaidade do suplicante, ou a sua má educação poderia sugerir-lhe a triste idéa de que ha pessoas que se ocupam em ter-lhe inimisade.

— Visto o suplicante, na prezente queixa, misturar a falta da religião do suplicado, a não cumprir o preceito quaresmal da confissão, requeira em juizo competente a essas materias, e depois do suplicado ser absolvido ou penitenciado, volte para deferir-lhe.

— Não tenha a demencia de introduzir-se a meo conselheiro em interesses da real fazenda.

— Simplifique os sucessos de modo que se percebam e provem a justiça, que allega, sem comtudo misturar fastidiosos dialogos com sua defunta irmã, a quem já não posso ouvir, por pertencer unicamente a interrogação feita a ella ao conhecimento infalivel do immortal Juiz da Eternidade.

— Console-se o suplicante em lhe virem as algemas ás mãos, e não aos pulsos, onde bem as merecia, por intrometer-se nas funcções de capitão do mato.

— Quando morrer será deferido.

— Ajunte o aviso que tivera do governador do Piauhy para requerer á mesma senhoria ou excellencia a patente de alferes.

— Declare onde existe esse Dezembargo do Brazil.

— Use o suplicante da ação competente, e quando a maldita chicana queira estorvar o seo progresso, requeira as necessarias providencias.

— Requeira em melhor papel.

— Quando o suplicante fôr enganado pelo alfaiate, a quem confiar sua roupa, então lhe darei as necessarias providencias; porém, como a confiou a um tambor, que não deve usar de outro officio que o de seo emprego, com elle se avenha o suplicante na fórma que puder.

— Quanto o suplicante allega é falso, pois que a ninguem esquece os titulos de sua subsistencia.

— Deixe-se dos enredos que me aponta em sua carta datada de hontem, cuide em espiar sua falta e erro militar, porém, ainda que o suplicante não incorresse n'ella, bastaria, para sua punição, a fraqueza com que

intentou justificar-se pela atestação passada por um sargento.

— A sua pouca idade o desculpa, e por isso indeferido.

— Sendo o Principe Regente, nosso Senhor, soberano d'este Estado, não deve permitir que o suplicante seja deferido emquanto não riscar o titulo de soberano, com que escandalosa e sacrilegamente presume exaltar-me, e mudando a phrase de requerer pedindo-me protecção, quando só farei administrar justiça requerida em termos.

— Acha-se o suplicante preso injustamente, porque já deveria ter acabado n'um patibulo.

— Requeira á meza da santa caza da Mizericordia, visto ser pobre, pois este não é o titulo por onde o suplicante deva ser escrivão.

— Limite-se o suplicante á justiça da suplica, e deixe-se de ajuntar-lhe as suas fastidiosas reflexões.

— Por muito ocupado, não posso deferir o suplicante.

— Não ha tempo para lêr um requerimento d'este tamanho.

— Acuse o suplicante o crime do suplicado querer e usar de mais de uma mulher perante o juizo competente.

— Acomode-se por ora.

— Só o suplicante e o seo procurador poderiam animar-se a fabricar este requerimento. Gabo a abundancia do primeiro e a negligencia do segundo.

— Simplifique seo requerimento, e deixe-se de fazer comparações de filho prodigo e outras cousas similhantes.

— Antes de requerer aconselhe-se com quem tiver juizo para saber o que pede.

— Deixe-se ds mais suplicas d'esta natureza, e peça a Nossa Senhora e ás Almas, de quem tanto fala, que favoreçam ao suplicado n'esta sua pretenção.

— O direito não socorre sinão aos que se conservam vigilantes e não dormem.

— Eu não defiro as partes pela devoção á Nossa Senhora dos Remedios, mas sim pelos officios de justiça,

temperada com a piedade, que não promova a incorrigibilidade dos delinquentes.

— Póde-se retirar para onde bem quizer.

— Por não me saborear bem a panelinha temperada pelo Revd. paroco, pelo juiz e seo escrivão, concedo a licença.

— Faça outro requerimento por este não me agradar, sempre que me chama juiz das forças, e outros titulos etc., etc.

— Deixe-se o suplicante de falar em sólios, clemencias, chagas de Christo, etc., etc.

— Visto o suplicante ser tão doente, é caridade conserval-o no serviço.

—E' escusado a suplica por não ser compativel com a dignidade do Imperador o pedir esmolas.

(A um requerimento do juiz ao Imperador da festa do Divino Espirito-Santo)

— Não se decide da propriedade d'um filho á respeito de seos paes, com a mesma brevidade, com que estes o geram.

Foram por mim copiados do *Livro da porta*, assim chamado o *livro* onde se lançavam os despachos da secretaria do governo do Maranhão.

Não accuso, ou para melhor dizer, não avivo esses factos para responsabilisar o passado, e encarecer ou exaltar o prezente.

Infelismente em nossos dias outros iguaes ou identicos tem escandalisado o bom senso publico.

Não ha muitos annos vio-se um ministro, e de pasta importante, hoje expedia um aviso, e amanhã outro derogando este, e depois d'amanhã subscrevia outro dando explicações, que sómente sirviam para fazer bem salientes as suas inhabilitações para cargo tão importante.

Nas provincias então alguns d'esses novos proconsules, ou capitãeszinhos-móres tem atirado mais longe o carro do seo despotismo.

Em Maranhão um prezidente, que já tinha sido Ministro, e ainda era Conselheiro de S. M. o Imperador, teve a ouzadia de dizer-me, que um Doutor em Medicina

era materia recrutavel, porém não se atreveo, felizmente, a realisar essa ameaça.

Outro prezidente na capital das Alagoas mandou prender um cavalheiro, porque passou pela frente de palacio com seo cavallo a esquipar.

Na Parahiba outro prezidente prende um Bacharel formado em direito, assenta-lhe praça, e obriga-o a ir para o exercicio sob a xibata d'um sargento-instructor de recrutas.

No Piauhy outro prezidente insiste com um administrador do correio, e suspende-o de suas funcções só porque não lhe deo conta da capa, note-se bem, d'um officio, que á 8 dias lhe remetera !

Longe... muito longe iria si quizesse descrever todos esses factos d'arbitrariedades, de violencias, e até de insolencias que sofrem as provincias, entregues as vezes á moços, cujo merito consiste em terem tido bons nascimentos, isto é, de serem filhos de paes influentes na politica, ou nos negocios do paiz.

Felismente esta serie de desatinos tem interrupção, e muito longa, e se fosse necessario algum exemplo não precizava, que eu fosse muito longe pois entre nós estão consocios, que nos encheram de honra e satisfação no desempenho dos cargos de prezidente de diversas provincias.

Ao registrar estes e outros factos d'eras já remotas, tenho por fim prestar culto a historia, que no eloquente e incisivo dizer de um venerando jesuita Padre Antonio Vieira, é a Mãe da verdade, emula do tempo, depozito das ações, testimunha do passado, exemplo e avizo do prezente, e finalmente advertencia do futuro, para que nunca mais para honra e gloria da actual geração se reproduzam factos tão censuraveis, e dos quaes se aproveitam os genios máos para lançar o odioso sobre a nossa Patria.

Historia das mais importantes minas de ouro

DO

ESTADO DO ESPIRITO-SANTO

PELO

Major Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto

Socio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

A próvida natureza deixou patente na superficie o que é util e necessario ao genero humano, e póde ser aproveitado pela industria e pelas artes para o commercio dos povos, e o bem-estar dos individuos; e encerrou o ouro, como couza escusada, na profundeza entre as dobras das entranhas terrestres sob camadas sedimentarias, que a sciencia geologica classifica em terrenos de transição, secundarios, terciarios, etc.

A sociedade porém applaudindo o luxo dos vestidos, dos ornatos, das habitações, da mesa, e dos carros inventados somente para o transporte das pessoas doentes, ou das que não podem andar e caminhar á pé nas emergencias dos passeios hygienicos, das visitações, ou das jornadas, collocou á cima de tudo este metal, que passou a ser chamado—precioso, isto é, *valiosissimo*. De maneira que é geralmente cobiçado pelos homens captivos da materia, os quaes adoram-no como um deus liberalisador de mercês, das dignidades, dos prazeres, facilitando tudo quanto o ambicioso, o vaidoso e o epicurista póde appetecer nos generos grandeza, concupiscencia e viciosidade.

O pregão da abundancia do ouro e das pedras, tambem tidas por—preciosas nas minas das Americas fez palpitar mais violentamente o coração de diversos povos da Europa, de onde os individuos mais sequiosos

d'este metal correram para as terras tão gabadas, e principalmente para as do continente meridional por terem a fama de mais ricas.

Pelo que muitos procuraram o Brazil, superior ao antigo Perú egualado ao Potosi da India.

Quasi todos estes immigrantes tinham a esperança de sem trabalho haver o ouro das mãos dos indigenas por troca de cousas sem valor, como os hespanhóes no principio o haviam feito com os habitantes de certas ilhas do archipelago americano por occasião das descobertas de Christovam Colombo nas primeiras viagens em 1492 e 1493.

Contam os historiadores que os insulares de Cuba, Jamaica e Haiti tiravam ouro em bloco, palhetas e grãos grossos perto das serras, que o continham, e batendo entre pedras apropriadas os fragmentos d'este metal conseguiam dar-lhes a fôrma plana ou cylindrica para enfeites do corpo, como brincos, collares, bracelotes, cingidouros das pernas, cintas e até bandeiras e coroas para os caciques; objectos estes, perolas, especiarias e algodão em fio, que elles permutavam com os primeiros europeos, que lá appareceram, por pequenas campainhas, cascaveis, chocalhos, espelhinhos ordinarios, missangas, vidrilhos e outras ninharias, e mesmo por pedaços de panellas vidradas, cacos de pratos e de copos; agradaveis e muito apreciados pelos selvagens tanto americanos como africanos para adórnos de ambos os sexos.

Assim não succedeo no Brazil; porque os unicos selvicolas que, no principio appareceram com pequenas pranchas de ouro pendentes da cartilagem (exterior) divisoria das ventas e nas orelhas foram os do Amazonas.

Os *Manajus*, caçadores, commerciavam com os *Yumanguaris* aldeados nas margens do Iquiçós, chamado pelos portuguezes *rio do ouro*, onde os naturaes o faiscavam no leito d'este rio, ou o tiravam nos veeiros mais superficiaes e contundindo-o, como aquelles insulares, extendiam-no em laminas para pendurar nos narizes e nas orelhas; e assim, ou bruto trocavam-no pela caça que os *Manajus* lhes levavam.

Não eram por falta d'esta materia nas de mais capitanias do sul, que os naturaes deixavam de exhibil-a em

enfeites: pelo contrario o ouro é profuso em todas as partes do Brazil. Assim está verificado, e consta das *Chorographias* de Ayres do Casal e do Dr. J. M. de Macedo, de memorias, e de outras obras descriptivas, principalmente o importantissimo livro do Dr. F. I. Ferreira—*Diccionario-Geographico das minas do Brazil.* Mas pelo simples facto, que, exceptuados os do Amazonas, Pará e Maranhão, todos os selvagens do littoral e do interior não são industriosos e habilidosos como os que habitam as regiões situadas sob o Equador.

Os Pelle-vermelha nas outras capitanias dedicam-se ás caçadas, que os obrigam a andar sempre em guerras com os vizinhos tambem caçadores; por isso não têm tempo de tirar ouro, que elles nem mesmo conhecem. Alem d'isto são descuriosos, do que são provas o arco, as frechas e as redes do seu uso (os que as fazem para dormir) Tambem não se enfeitam, excepto si póde se chamar assim os toscos desenhos de formas caprichosas praticados na cara, ou no corpo todo por meio do processo pelos francezes chamado—tatouage, a qual consiste em picar a epiderme com espinho, e nos pontos feridos injectar o succo da fructa—genipapo, ou da casca do côco da palmeira conhecida por—palmito, que deixa uma côr estavel azul.

Esta ponctura não é praticada geralmente nos individuos da mesma tribu; nem observa-se em todas as raças selvaticas; mas apenas em uma ou outra. Por exemplo os *Mondurucus* que pelo modo acima dicto riscam o corpo todo do pescoço para baixo, e algumas partes do rosto, imitando as malhas grandes da rede de pescar. Os *Puris* têm somente uns pequenos circulos nas faces. Em outras tribus os individuos pintam-se totalmente com encarnado das sementes de *urucu.* Alem d'isto os Botocudos furam o labio inferior e os lobulos das orelhas e nos buracos ajustam rodellas de páo, augmentando no tamanho estes batoques até romper a carne. Então unidas as pontas pendentes, dão nós que nunca mais se desatam. As vezes trazem no pescoço enfiadas dos dentes dos inimigos mortos nos recontros ou por effeitos de vinganças.

Insensivelmente ia eu cahindo na ethnographia pela

necessidade, que tive, de desviar-me um pouco do caminho do ouro nas minas para ver o trilho d'elle desde os narizes e orelhas dos naturaes até as mãos dos ambiciosos.

Agora prosigo.

Aquelles aventureiros desenganados de possuirem este metal havido por meio da troca com os selvagens contractaram gente ociosa para em bandos, antigamente denominados—bandeiras, capitaneados por elles percorrerem os sertões em busca dos naturaes com o fim de combatel-os, captival-os e vendel-os aos colonos necessitados de braços para o amanho da terra e cultura dos cereaes, ou empregal-os na mineração nas jazidas que descobrissem. Então não se havia ainda introduzido no Brazil o deshumano e nefando trafego da escravatura.

Estes ousados emprehendedores, homens semibarbaros, quasi desmembrados da sociedade, conhecidos pelo appelido de-sertanistas-internavam-se nas matas virgens ermas e soturnas abrindo picadas, ora por valles escuros e insalubres, ora por serras escabrosas cortadas por cachoeiras perigosas, ou por abysmos insondaveis, infestadas de inimigos traiçoeiros-o gentio e a onça-ás vezes emboscados atraz dos troncos, ou sobre os ramos de folhagem espessa das arvores, expostos a serem inesperadamente acommettidos por estes e pelos reptis venenosos occultos nos sarçaes e serapilheira. Na falta dos viveres communs sustentavam-se com fructos silvestres e raizes, quando não encentravam caça e não matavam, para comer, lagartos, jacarés, cobras e outros quaesquer animaes immundos, ratos, sapos etc.

Não achando sempre agua corrente bebiam a dos charcos, ou mitigavam a sêde com o sangue da caça, ou a paralysavam comendo fructas acidas. Sem abrigo nas florestas improvisavam ranchos, em que dormiam quasi ao relento sobre o chão coberto de folhas, supportando as intemperies e as estações rigorosas.

Por quantos soffrimentos, penas, vigilias, privações, perigos, e sacrificios da saude e da vida passavão estes exploradores embrenhados não por dias mas por mezes e annos inteiros no meio das hordas antropophagas, de

animaes carniceiros, e de serpentes atrevidas e peçonhentas até attingirem o alvo da sua cobiça!

Todavia houve pessoas bastante destemidas e pacientes que não hesitavam na empreza da descoberta, e da exploração do ouro!

Os principaes capitães foram: Dias Martins Cão, Marcos d'Azeredo Coutinho, Augusto Barbalho Bezerra, Bartholomeu Bueno da Silva, Antonio Prado, Fernando Dias Paes, Antonio Rodrigues Arzão, Domingos Prado, Leonardo Nordez, Thomé Portes, Miguel de Almeida, Antonio Dias Adorno, Sebastião Fernandes Tourinho, Manoel Borba Gato, Carlos Pedrozo d'Oliveira, os Cardozos Januario, Matheus e Salvador, Manoel Garcia Velho, Manoel Velho Paes, Salvador Francisco Furtado, João Saraiva de Moraes, e outros que seria fastidioso nomear; uns circumscrevendo a area das suas excursões nas capitanias de Minas-Geraes, São Paulo, Bahia e Espirito-Santo, outros nas de Goiaz e Mato-Grosso. Até mesmo dous padres Antonio d'Oliveira Gago e João Faria Fialho desprezarão o presbyterio pela mina da materia, de que a sociedade fizera o idolo, segundo a opinião de muitos catholicos, acatholicos, theosophos e deistas mais poderoso do que o verdadeiro Deus!

Alguns chefes d'estes bandos aventurosos mais tarde foram nomeados capitães-móres.

Francisco Bueno, filho de Bartholomeu Bueno que por fim se estabelecera na serra do Ouro-Preto, e creara o arraial do mesmo nome, depois cidade e capital de Minas-Geraes, em remuneração dos serviços prestados por seu pai foi condecorado com o habito de Christo, que em outro tempo era muito custoso de obter-se.

Borba Gato chegou a ser tenente-general além de alcançar o perdão do crime que lhe imputavam! Receioso de ser preso como compromettido no assassinato de D. Rodrigo Castello Branco, fidalgo hespanhol, intendente das minas, fôra refugiar-se nas mattas do Rio-Doce, entre os botocudos, com quem viveu por muito annos em paz e sempre amado e respeitado. Elle fôra descobridor de ricas minas em Sabará; o que sabido pelo governador do Rio de Janeiro, Arthur de Sá e Menezes, quando andou pela

capitania de Minas, foi causa de ser chamado em 1698, e de lhe ser promettido o perdão em nome do rei, si elle revelasse o sitio das ditas minas, promessa e condições que foram cumpridas.

Tambem aquelles sertanistas Tourinho e Adorno foram encarregados pelo governador D. Francisco de procurar esmeraldas nos desertos de Minas e do Espirito-Santo, e effectivamente as descobriram n'esta capitania. Em busca de ouro e d'estas pedras egualmente andou no matto aquelle intendente D. Rodrigo com camaradas assalariados por elle ; mas foi infeliz no seu projecto ; porquanto encontrando-se com Borba Gato no Rio-das-Velhas exigiu d'este o roteiro e parte das esmeraldas herdadas de Fernando Paes, que era sogro do mesmo. A teima de um em querer apropriar-se do alheio, e do outro em não obedecer á injusta intimação fomentou a calorosa contenda, no meio da qual cahiu morto o intendente ferido pelo tiro da espingarda de um familiar de Borba.

Muitos dos mencionados deixaram a vida errante pela fixação nas terras adquiridas por posse, em que com a sua gente fundaram arraiaes, e applicaram-se á mineração.

De certo tempo em diante outros cobiçosos europeus e brazileiros, mórmente mineiros e paulistas, procurando ouro em differentes pontos de algumas capitanias do norte, do centro e do sul descobrirão minas ricas, não só d'este metal, como tambem de diversos mineraes ; mas não merecem o nome de — sertanistas, entrando no numero d'estes exploradores os diligentes padres da companhia de Jesus, que mineiraram por longo tempo.

D'aquelle e d'este modo foram descobertas muitas jazidas auriferas: poucas as exploradas, algumas abandonadas por causa das hostilidades do gentio, e uma grande parte das primeiras jaz em ser por terem-se extraviados os mappas, ou por ter-se preferido a culturas da canna de assucar e do café, que enriqueceu a muitos dos primitivos habitantes das capitanias mais ricas de ouro nativo.

Ai ! Quantos descommodos innumeraveis, quantas fadigas prolongadas, trabalhos insanos, suores copiosos ; quantas faltas de cousas necessarias ; quantos

accidentes desastrosos até a morte violenta, desde a busca do ouro nos terrenos de alluvião e a extracção nas minas até poder ser fundido em barras, e dahi ligado com o cobre em proporções legitimas (ou illicitas) e em joias, e obras de luxo, ou amoedado correr o mundo civilisado! Tudo isto é representado pelo ouro bruto, ou lavrado; ou representando valores.

Entretanto o insensato detentor d'esta materia, uma das substancias elementares constitutivas do esqueleto do nosso planeta reveladas pela analyse spectral; o presumpçoso, ufano, ocioso sem pensar nas difficuldades, nas vexações e nos perigos que o mineiro teve de vencer, imprevidente e levianamente esperdiça o ouro em superfluidades ostentadoras da fatuidade, da vaidade, no jogo, na orgia, em tudo finalmente que offende á moral, á dignidade humana e arruina a saude acarretando achaques para a velhice prematura e angustias até á morte vergonhosa!

A riqueza é dada por Deus para servir de auxilio ás cousas uteis, e ás obras meritorias: não para ser esbanjada na ostentação da ociosidade, da petulancia, das paixões inconfessaveis, e dos vicios. Ella proporciona tudo menos a sabedoria; mas em compensação d'este bem, que falta, facilita os meios de adquirir-se a virtude pela pratica da charidade, da abnegação da generosidade, em summa das acções piedosas; constituindo com o saber os unicos bens duraveis, inapreciaveis, que asseguram a felicidade relativa n'este mundo, e a absoluta e eterna depois da morte.

As enxurradas interiores arrancam dos repositorios naturaes o minerio em blocos de differentes tamanhos e em folhetas, e os depõem nos veeiros terminantes nos mananciaes mais proximos das jazidas, em certa direcção. Dalli pelas innundações são conduzidos para os riachos, e d'estes pela correnteza para maiores cursos d'agua de envolta com a arêa, os seixos, e a terra desagregada dos barrancos pela enchente. Sendo o ouro o metal mais pesado depois da platina, precipita-se no fundo dos rios, e pelo movimento rotatorio sobre as pedras e as lages do alvéo, em que corre, torna-se em grãos tanto mais tenues

quanto mais longe das fontes; assim é o apurado pelos faiscadores.

Para contentar o gosto fastoso e luxurioso dos mais exigentes dos vaidosos não é sufficiente o producto do trabalho d'aquelles? Para que roubal-o das rochas, assim enfraquecendo a terra nas suas bases?

Não estão ahi a agricultura, as industrias, o commercio, as artes, e as emprezas para felicitarem materialmente o homem guiado pelo criterio, regrado na ordem e na economia, ajudado pela actividade, e pela perseverança? Foi d'estas fontes que proveio a fortuna dos antigos habitantes das capitanias, transmittidas até a terceira geração emquanto os homens não foram corrompidos pelo luxo, e pelos vicios apparatosos...

A parte do Brazil constituida em capitania de Vasco Fernandes Coutinho em 23 de Maio de 1535, depois provincia do Espirito-Santo, e ultimamente estado do mesmo nome, até certo tempo feudal de certos negociantes ricos da praça do Rio de Janeiro, e de alguns deputados, e ex-presidentes, agora..., foi a primeira, em que a cobiça dos habitantes, em 1693, vio luzir nas mãos de Antonio Rodrigues Arzão, sertanista, natural de Taubaté, o ouro nativo em grãos de 21 quilates, pezando tres oitavas. Sendo apresentado ao capitão-mór João Velasco Molina, este mandou fundil-o e convertel-o em duas medalhas, das quaes um foi entregue ao descobridor, e outra á camara de São Matheus, ou da Victoria. Ignora-se porém, si foi tirado aqui ou na capitania de Minas-Geraes, cujos sertões Arzão veiu varando.

A historia faz datar de 1592 a descoberta das mais antigas jazidas de ouro existentes nas terras do continente brazileiro; mas não diz si as do Castello entram no numero d'estas.

Um roteiro dado antigamente por certo paulista a um ancião habitante em Ponte-Nova assignalava como as mais ricas e vantajosas as da Serra do Castello, as do Caparohó na serra do Campo, ou do Pico, ou da Chibata (nomes estes que designam uma só localidade)e as de uma serra (innominada), cuja entrada é pelo Rio da Casca, legua e meia á cima do Jequiri, pertencente a primeira ao estado

do Espirito Santo; bem como á metade da segunda ao mesmo estado, e outra ao de Minas-Geraes.

De uma noticia escripta (sem data dos tempos coloniaes, dando informações sobre as melhores minas de ouro e de prata descobertas, assignaladas e reservadas para a corôa, existentes em ser no Brazil, consta vagamente ser estancia de grande quantidade do primeiro metal as minas do Castello e dos Lençóes (Caparohó) nas serras do mar.

Egualmente em carta de 4 de Dezembro de 1816 dirigida pelo rei D. João VI ao governador da capitania Francisco Alberto Rubim, tracta-se das minas do Castello, exploradas e depois abandonadas com as suas quatro povoações (arraiaes) por terem sido os antigos trabalhadores acommettidos pelos Botocudos; ordenando o rei ao governador a mineração, e a distribuição dos terrenos auriferos em datas. De maneira que fica-se sem saber o tempo da sua descoberta, os nomes dos descobridores, e a situação d'estas jazidas. Consta achar-se verificada a do Rio da Casca e do Caparahó: portanto resta descobrir-se a do Castello, cujo nome, e fama de sua riqueza mineral vêm atravessando um periodo secular anterior ao anno de 1638; pois pouco mais ou menos a este tempo já estacionava no Castello uma população christã distribuida pelos seos quatro arraiaes denominados: o 1° Barra do Castello (*Duas Barras*) com uma egrejinha consagrada á Senhora da Conceição das minas do Castello erecta em matriz, de cujo titulo foi despojada em 1771: 2° Caxixe (*Povoação*): 3° Ribeirão do Meio ou simplesmente—Ribeirão (*Prata*): e o 4° finalmente—Batatal (*Arraial Velho*): os quaes de 1845 para cá foram transformados em fazendas de culturas (café e cannas) excepto o ultimo que a boa ou má informação diz ter sido dividido em lotes para colonos.

Em todos estes extinctos arraiaes ainda apparecem vestigios de obras do homem policiado, activo e industrioso. Ora são trilhos de estradas, sem duvida para a communicação das povoações entre si e o centro da mineração, e as outras dependentes das aldêas do littoral, onde havia a fazenda da Muribeca, que depois do sequestro

dos bens dos expulsos jesuitas foi arrematada em praça por Manoel Pereira Vianna, e por fim passou aos herdeiros d'este. Ora são fragmentos de telhas e tijolos.

Na fazenda da *Prata* appareciam os restos de um muro de pedra e cal formando um quadrado, que parece ter servido de cemiterio.

Não é para exhumar do esquecimento estas minas, que dei-me ao trabalho de escrever esta historia, mas unicamente com o fim de indicar o verdadeiro Castello, e os seos primitivos exploradores, cujos trabalhos devem ter sido começados pouco posteriormente ao estabelecimento dos jesuitas n'esta capitania, em 1551, e appioximando-se do anno de 1565, em que elles fundaram a prisca aldêia de Reritigba, depois villa de Benevente, e recentemente cidade de Anchieta, a qual era o povoado o mais vizinho do Castello, tirando-se pelo sertão uma recta para o littoral, em que demora esta cidade.

Pelo habito que tinham estes padres de afoitamente lançarem-se com pujança nas emprezas arriscadas, mas lucrativas, inspirados pela latente ambição de dominar na terra, paixão que, com a habilidade, de que sempre deram provas em todos os casos, sabiam dissimular debaixo do pretexto das missões evangelicas, internavam-se nos sertões em busca de metaes preciosos sem temor das hordas de indios erraticos, possuidores do territorio desde o norte d'esta capitania até á de São Thomé.

D'isto ainda elles tiravam a vantagem de empregal-os como escravos, depois de mansos, nas suas fazendas, no córte de madeiras para a exportação (páo brazil, tatagiba, cedro, sebastião d'arruda, cabiúna, e outras) na olaria, na mineração, e finalmente em outros misteres rendosos.

Ao ouvir-se estes missionarios, os abundosos veeiros de ouro eram uns mesquinhos recursos, fraquissimo auxilio para a catechese, e de baixo quilate o ouro que elles extrahiam com insano trabalho para distracção, e sómente no interesse d'estas desgraçadas creaturas expostas a perderem as almas fóra da egreja catholica.

Si porém, sem que elles vos vissem, podesseis observar estes *desinteressados* padres, admirar-vos-hia o afan,

a ambição, a avidez, com que apuravam o copioso ouro nativo para convertel-o em barras, que elles remettiam para Portugal, onde tinham a segunda conversão em moedas para correr o orbe, espalhando a reputação da opulencia da companhia de Jesus.

Foram estes *louros neophytos*, que deram-lhe mais nomeada, do que a sabedoria e a sciencia theologica de alguns membros.

Por outro modo captavam dos reis largas possessões, de tal sorte que na capitania do Espirito Santo possuiam estabelecimentos importantissimos desde o Campo do Riacho até Itabapoana (40 leguas) e no interior quasi a totalidade dos terrenos mais uberrimos, mais ricos de madeiras de marceneria e colorantes, vastissimos campos nativos da Muribeca, do Monte-Urubú, e do Poteri, e outros menores em Caçaroca, Camboapina, e Carapina, nos quaes além da creação do gado vaccum e cavallar, tinham engenhos de assucar, etc. Emfim excepto o Rio Doce, e São Matheus (antigo Cricaré), em que desde ás barras até aos sertões nunca pés jesuiticos deixaram pégadas, elles foram senhores de tudo que havia de melhor no littoral e no centro.

Como *bons religiosos* mesmo nas brenhas atarefados com as *missões das minas de ouro* não se descuidavam das suas *obrigações;* por isso levavam para o mato o rebanho das ovelhas mais novas as *cunhatains*, que alojavam nos redis perto de si estabelecidos em algum canto das fazendas de mantimentos para supprimento dos mineiros, chamando para mastins a gente mais devotada, submissa e laboriosa das aldêias da sua jurisdicção; para o que fundaram aquelles arraiaes, que egualmente serviam para impedir que pessoas extranhas fossem ter ás minas.

Eis a origem das pristinas povoações da Barra-do-Castello, Caxixe, Ribeirão, e Arraial-velho, em que houve egrejinhas sob o patrocinio da Sanctissima Mãe de Christo com algumas das suas invocações —Senhora da Conceição, Senhora do Amparo, Senhora do Bom Successo, etc. Dos santos os jesuitas nunca admittiraram senão o do nome do inssituidor da ordem —Santo Ignacio de Loyola.

Em quanto os *dignos missionarios* occultamente occupavam-se na extracção do ouro nas minas do Castello, vigiadas pelas suas sentinellas avançadas—os araiaes, cujo accesso era vedado aos de fóra como o das aldêias dos indios, com os quaes nenhum extranho podia communicar se mper-missão do superior do convento conforme o privilegio concedido por D. Pedro II de Portugal, alguns dos moradores d'estas pequenas colonias com licença dos jesuitas empregavam-se em faiscar para si nas arêas auriferas do Caxixe, e do Ribeirão-do-Meio.

D'este sobejo tambem os *generosos* padres auferiam vantagens comprando este metal aos aggregados faiscadores pelo preço que impunham, visto ser prohibido leval-o para fóra, e dentro não haver concurrentes.

Depois da proscripção dos padres em 1759 estas povoações, livres do despotismo jesuitico, entraram no caminho do progresso pela affluencia de muitos mineiros mais praticos e indinheirados, que emprehenderam a lavagem do ouro, e a mineração em ponto grande. Para este fim em certas localidades mais ricas tiveram de mudar o leito do ribeirão para rochas, quebrando-as profundamente a ferro e fogo: trabalho titanico executado para deixar em secco as lages das cachoeiras em que aguas tinham cavado sepulturas, em fórma de panellas, em que jazia o ouro em grãos mais grossos. Póde-se ver isto no ribeirão do Caxixe corrente na fazenda do *Centro*. Nas vertentes para São Christovão apparecem ainda nas matas, de espaço a espaço, vallos e banquetas para regos. Na *Povoação* ha montões de cascalhos evidenciando grandes trabalhos mineralogicos. No *Batatal*, paragem mais proxima da Serra-do-Castello, fica-se intrigado observando a aguada, como de um ribeirão, sem que exista curso d'agua d'este lado; o que faz conjecturar-se uma canalisação terminando em uma lage talhada verticalmente na parte inferior, como de proposito para a lavagem ou apuração do ouro em canôa, como ainda se pratica em muitos logares de Minas. Além d'estes vestigios da mineração no Caxixe e no Ribeirão-do-Meio, do dominio do Castello, extensos capoeirões nos extinctos arraiaes attestam trabalho da desmatação para culturas e pomares, de que

descobriram-se os signaes por algumas larangeiras, limoeiros e bananeiras, que resistiram á acção detruidora de tempo bisecular.

Na Serra do Castello, e nos arraiaes os habitantes velhos e novos viveram em paz por muito tempo; e sem a imprudencia dos empregados na mineração a sua descendencia ainda alli permaneceria.

Conta-se que os Aymorés frequentavam as minas passando sobre um madeiro atravessado em cima da montanha no logar em que o Caxixe menos impetuoso corre encachoeirado em uma fisga da serra... Para não serem importunados a todo o instante por estes selvagens os mineiros cortaram esta ponte, duvidando que a gente bravia traduzisse este acto como grave offensa á sua susceptibilidade. Infelismente os Botocudos tomaram o proposito por cartel de desafio, e, não podendo luctar, demais perto sitiaram os mineiros, do outro lado da quebrada, e todos os dias, arremessavam um chuveiro de frechas, interrompido sómente pelas trevas da noite. A consequencia foi que os sitiados aproveitando-se do descanço nocturno dos sitiantes fugiram para salvar as vidas. D'esta vez acolheram-se nos arraiaes do Caxixe (*Povoação*) e do Ribeirão, tendo abandonado tudo que lhes pertencia. Alli viveram em paz até 1810, em que novas indiscripções dos moradores provocaram a furia dos selvagens, que assim atacaram estas povoações até á da Barra do Castello e quasi a aldêa de Itapêmirim. A ousadia do gentio chegou ao ponto de passar do *Barro-Branco*, vizinhos d'esta povoação para as *Barreiras*, tambem na vizinhança do Itapemirim, e emboscados, de cima matou muita gente que caminhava pela costa, pelo que este logar teve o nome (ainda conservado) de *Barreiras-Criminosas*.

Quando elle retrocedia, os habitantes, que o perseguiam, alcançaram no perto da ultima cancella da fazenda do Poço-Grande (a duas leguas da então villa de Itapêmirim) onde foram morto smais de cincoenta Bugres.

D'aquelles antigos habitantes, uns abrindo picadas fugiram para Minas-Geraes, onde fundaram o arraial de *Cuieté*; outros estabeleceram em terrenos das Duas-Barras

Fructeira, Salgado, e Cachoeiras de Itapemirim; a maior parte procurou a aldêia de Itapemirim, trazendo comsigo unicamente as imagens da Senhora do Amparo, e de S. Benedicto, que tinha a sua irmandade com compromisso approvado pelo bispo em 1807 ou 1809, documento este que existia em poder do tabellião João Corrêa Pimentel dos Reis, que elle mesmo, ou outro curioso offerecera, segundo consta, a este Instituto.

Em 1819 os Botocudos não se animaram mais a atacar os moradores do Itapemirim, mas dispersaram os da Fructeira, Duas-Barras, Salgado e Salgadinho, e destruiram tudo quanto acharam de lavoura e criação, os quaes foram assim obrigados a procurar a villa de Itapemirim.

Fundada no principio do seculo XVI esta aldêa chamada *Caçanga* na margem Sul do rio primitivamente baptizado com o nome de Santa-Catharina, substituido pelo indigena *Itapemirim* foi elevada á categoria de parochia em 1771 tendo por padroeira a Senhora do Patrocinio. Os primeiros que em 1754 se estabeleceram n'esta então aldêia, foram Pedro Bueno e Balthazar Carneiro, fazendo uma engenhoca de assucar no lugar denominado *Fazendinha*, onde em uma collina perto do rio edificaram uma pequena egreja, que mais tarde servio de parochial até 1815, em que tendo crescido a população pela reunião dos mineiros, lavradores, e mulherio afugentados do Castello e seos arraiaes, foi elevada a ordem de villa por alvará de 27 de Junho d'aquelle anno. Francisco Dias Carneiro, descendente de Balthazar, edificou uma egreja sob o orago da Senhora do Amparo, imagem por elle conduzida do arraial do Castello. Fôra construida no fundo da rua que vem do porto atravessando a antiga praça. Ao mesmo tempo os moradores levantaram na dita praça duas casas terreas, sendo uma para a camara e outra para cadêia. Gemêas nasceram, e junctas acabaram! Para lembrança d'ellas só restam os chãos; porque de outro modo não podia ser; mas um vassoural inextinguivel encobre o assento da ex-cadêia sem duvida para fazer esquecer a torpeza do assassinato de um preso (cirurgião Joachim Rodrigues) por uma bala de espingarda

apontada de fóra para dentro da prisão na vespera de ser elle julgado pelo jury!..

Certamente alguem, que tiver lido esta historia até aqui, perguntará a si mesmo antes de passar adiante: Como na escuridão de éras tão remotas sem a luz da chronologia, ou da informação dos priscos habitantes das minas do Castello, pôde o autor vêr os padres da Companhia de Jesus lavrando estas minas, semêando povoação etc? Como com as mesmas faltas, sem roteiro, e sem a inspecção dos logares poderá indicar o sitio da jazida do ouro do Castello?

A estas e a outras questões relativas respondo: Para o homem, que tem desejos de saber as cousas, e suas causas para relatar fielmente, uma vontade ardente, paciente, determinada pela curiosidade, atira ás difficuldades a luva do desafio; para aquelle que sabe e póde exercer as faculdades da analyse, que acaba por solver todas as duvidas, nada é mais facil do que por umas épocas determinar outras, por um successo explicar outros, seguindo a marcha natural do espirito humano na escala ascendente do conhecido ao desconhecido.

Deve-se ver um analysta n'aquelle dos dous estudantes de Salamanca que ficou atraz para examinar a pedra, sobre a qual fôra gravada a inscripção: «Aqui jaz encerrada a alma do licenciado Pedro Garcia», como conta Lesage no seo romance de costumes Gil-Braz de Santilhana. Outro no abbade Faria do Conde de Monte-Christo, romance de A. Dumas.

Quantos homens ignoram as cousas por que não querem applicar-se e reflectir, temendo a fadiga? Estes nada resolvem, achando mais commodo dizer a si mesmos: Não se póde saber! meio muito facil e commum da ignorancia; argumento da nullidade de certos criticos, que nem mesmo sabem si ha as faculdades dictas-analyticas!..

Assim como os homens de força muscular inculcados-*hercules*, querendo ostentar a sua aptidão physica desafiam a todos para as luctas do corpo, comprazendo-se n'estes exercicios, que mais e mais robustecem os membros incitando os musculos á acção; do mesmo modo o analysta provoca o espirito a luctar com o espirito

tentando-lhe a actividade, cujo resultado, como o da intuição, é para elle a causa do mais glorioso prazer. Em que consistia a força intellectual de Mr. C. A. Dupin tão elogiada por Edgar Poé nas suas *historias extraordinarias Double assassinat dans la rue Morgue-La lettre volée* e outras ? No alto poder da reflexão, e da attenção, faculdades da analyse ajudada por uma extraordinaria perspicacia.

Foi assim que Archimedes em um banho resolveo o famoso problema de que um corpo mergulhado em um liquido perde do seo peso uma quantidade egual ao peso do liquido deslocado : Que Copernico na solidão do seo gabinete ideou o seu systema planetario universalmente admittido desde 1473 : Que Herschell descobrio a duração da revolução de Saturno : Que Bouvard teve a feliz idéa de attribuir ás perturbações de Uranus á acção de um planeta desconhecido, que mais tarde foi descoberto por M. Galle, de Berlin : Que M. Leverrier indicou a posição d'este planeta então ignorado, predizendo que elle devia occupar um logar entre as constellações, depois de Uranus. Este planeta tem o nome de Neptuno.

Foi ainda assim que os geologos sem penetrar nos abysmos do planeta que habitamos, estudando os phenomenos da superficie do globo terrestre, por analogia, conheceram que a terra tinha sido submettida em uma serie de periodos geologicos ás acções volcanicas, de que resultou a accumulação de ordens sedimentarias ; e comparando as sobreposições das camadas e depositos, as quaes Mr. Humbolt chamava *horizontes geognosticos*, estabeleceram afinal a sua theoria das divisões dos terrenos, comprehendidos os de alluvião, que são os ultimos. Foram mais adiante: chegaram a reconhecer a situação das jazidas de cada substancia mineral de maneira a poderem indicar, sem previo exame, os logares em que se encontraram taes e taes mineraes, sua quantidade, etc.

Logo não é preciso mais do que a aptidão analytica para do apanhamento de algumas datas conhecidas, e de factos averiguados construir-se o pequeno edificio da historia das minas do Castello desde a sua origem até ao abandono.

Não pretendo que ninguem receba sob palavra as minhas deducções; mas exporei as razões, que me servirão de mappa do caminho conducente ao mineral, e da guia na descoberta dos exploradores: do que segue-se julgar-se-ha, si tenho tocado á meta.

Lendo-se a historia do descobrimento e povoamento da capitania do Espirito-Sancto até á proscripção dos jesuitas do dominio portuguez, vê-se que o donatario Vasco Fernandes Coutinho era tão desprovido de dinheiro que para obtel-o foi-lhe preciso vender a unica quinta que possuia em Portugal, ceder ao Estado a tença em troca de uma caravella, e tomar emprestada a particulares uma quantia afim de transportar cinco duzias de colonos, e as provisões de bocca para si e para a sua gente. Si o fidalgo donatario era assim pobre, o que seriam os colonos? Sem duvida mendigos.

Já elles alli achavam-se estabelecidos havia dezeseis annos, quando chegaram a esta parte da America meridional os primeiros padres da companhia, não existindo sinão algumas casinhas na villa do Espirito-Sancto, capital da donataria (hoje Villa-velha); o que prova que os povoadores não tinham feito fortuna. Portanto póde-se bem dividir a população d'aquelle tempo em duas classes, uma pobre, a que pertenciam o donatario e os colonos; outra opulenta, em que entravam só estes padres: a prova d'esta verdade é que estes para a sua residencia provisoria, e oratorio, immediatamente edificaram uma boa casa á beira do mar na Ilha de Duarte de Lemos (Santo-Antonio) depois villa da Victoria, capital da colonia em consequencia da tratantada do donatario. No mesmo tempo que em cima, na chapada, construiam os alicerces da magnifica egreja e casa conventual, que teve o titulo de Collegio do Espirito-Santo: obra tão solida, que tem varado 340 annos sem notavel deterioração. Aquelle edificio depois da promptificação d'este passou a servir de armazem e trapiche da fazenda *d'Araçotyba*, que elles abriram no sertão, e lhes foi sequestrada com os outros bens em 10 de Dezembro de 1759.

Para effectuarem estas e outras obras custosas era necessario que elles fossem ricos, como se sabe; nem

podiam deixar de sel-o ajuntando em suas mãos todos os ramos do commercio, da industria, e da agricultura. Defronte da ilha tinham olaria e matadouro, d'onde, reservada a carne das rezes para o seo consumo, vinha o resto para ser vendido diariamente aos habitantes. O que junto aos outros meios de especulação era a fonte da riqueza particular do Collegio. Além d'isto a sua ordem era riquissima. Era seo banqueiro em França o opulento jesuita padre Lavallete, afamado pela sua actividade especuladora, o qual monopolisára o commercio todo das Antilhas, principalmente da Martinica, de cujas missões era superior desde 1747, e da Dominica, em que tinha sociedade com um judeu alli estabelecido. Não obstante isto, depoz o seo balanço, e fez bancarrota, quebrando com uma somma á cima de tres milhões de francos; acto que contribuio para a ruina da Ordem, e foi o prenuncio da queda da mesma.

Depois da primeira emigração não veio para esta colonia gente em melhores condições: foram fidalgos degradados, o enxame de aventureiros, e os foragidos, de maneira que continuaram as divisões das classes, sem modificação, ou alteração alguma até á expulsão dos jesuitas.

Pela historia sabe-se que o apparecimento do primeiro ouro nativo n'esta capitania foi em 1693, sendo o apresentante Antonio Rodriguez Arzão, cento e quarenta e dous annos posteriores ao estabelecimento dos primeiros padres, e sessenta e seis anteriores á expulsão de todos. Ora na costa já os padres jesuitas tinham a aldêia de Reritigba fundada em 1565 além de outras, cuja menção só serviria para provar a actividade ambiciosa dos fundadores servindo para amansadura dos indios, que elles tiravam do mato para fazer seus escravos.

Verificado que os quatro arraiaes do Castello foram fundados pelos missionarios apostolicos da Companhia de Jesus, que ahi mineraram até pouco tempo antes da sua proscripção: admittido que as obras da remoção do leito do rio Caxixe, das cavas, etc. foram feitas pelos ulteriores moradores estabelecidos alli, no Ribeirão-do-Meio, e no Arraial-velho, importa agora que com o mesmo methodo,

que deo esse resultado, eu conduza o leitor ao local até hoje desconhecido pelos novos habitantes da provincia ou estado.

No caminho das observações a primeira parada é diante do vocabulo—Castello, designando a estancia da mina mais afamada do Brazil na Serra dos Aymorés ou do mar, a qual extende-se desde a Bahia até aos campos da Vaccaria, onde acaba.

Os jesuitas sendo inegavelmente homens imaginosos não denominariam a serra onde jaz o ouro, si ella não tivesse alguma apparencia, no exterior, no todo ou em parte, a perspectiva das habitações senhoreaes da edade media,—edificio colossal sobre uma collina, ou rocha, ou montanha, com uma muralha ao redor guarnecida de setteiras, flanqueada de torres ou bastiões, cercada de um fosso, janellas raras, communicação para fóra por meio de uma ponte levadiça etc. Tal é o desenho, que o curioso deve imaginar para lá chegar. Para não escapar cousa alguma á observação tome-se o ponto mais distante, que tivesse servido de arraial.

O rio Itapemirim bifurca-se na fazenda das Duas-Barras, tomando a arteria direita e menor o nome de Rio-Castello. N'este vem desaguar na margem norte os ribeirões da Fructeira, do Meio (arraial antigo) do Caxixe (em cuja barra existio a maior povoação), de São João, e finalmente de Viçosa, seguindo sempre o braço maior com o seu nome de Castello até a séde do extincto Aldêamento-Imperial-Affonsino, onde divide-se em dous ramos quasi eguaes chamados, Castello-grande, e Castello-pequeno. Nas margens d'estes e dos affluentes do rio grande desde o dicto Aldêamento para baixo até ás Duas-Barras fizeram-se experiencias por varias vezes, e sómente appareceu ouro na barra do Caxixe. E' pois por este que se deve subir até á serra, onde nasce. Deixe-se de parte o Ribeirão do Meio, em que tambem pintou ouro, por descer de um serrote dependente d'aquella.

Sabe-se que os fragmentos d'este metal arrancados da jazida pelas aguas torrenciaes vem rodando no fundo do rio, e pelo attricto dos seixos tornarão-se em gráos, e estes em pó tanto mais fino, quanto mais

distantes dos veeiros. Muito abaixo das cachoeiras é que notam-se nas fazendas do *Centro* e da *Povoação* o cascalho, as excavações, e finalmente a transmutação do leito do Caxixe. N'estas paragens as serras que estão sobranceiras, e as que a vista póde alcançar, não apresentam o aspecto de muralhas,ou outras fórmas exteriores dos monumentos do feudalismo ; por isso é preciso sahir d'estes terrenos conhecidos.

Na fazenda do *Centro* (a ultima) as serras são unidas como em cordilheira. O Caxixe desce tão comprimido entre dois barrancos escarpados, que parece não haver passagem para a outra vertente ; nem se acerta com a entrada sinão muito perto, e quasi abaixo das serras, observando-se attentamente. Então apparece um estreito entre a fileira de diante é a outra emposta. E' por alli que se penetra nas matas d'além e sobe-se á origem do Caxixe.

Antes que alli tivessem fazendas de café o major Vieira e alguns dos seos parentes, o mateiro Joseph Lopes Diniz, mineiro que tinha ganho algum dinheiro pela venda de posses, pretendia subir o Caxixe até á sua fonte ; mas tendo chegado a este ponto, como carecesse de viveres para mais longa jornada, teve de retroceder e adiar a entrada para quando estes logares fossem habitados. Depois desistio d'este projecto para occupar-se em tirar jacarandá nas matas da posse, que comprara em Itabapoana.

Informou-me pessoa fidedigna : « Que com o intuito de resguardar um logar comprado na vizinhança do Batatal (Arraial-velho), seguio pelo picadão mandado abrir por aquelle major Vieira em busca do porto de Guarapary ficando-lhe á esquerda uma serra, como destacada da serrania adjacente, á qual sobrepuja em altitude, nascendo d'alli o rio Jucú que quazi a rodêa, do qual vem a canalisação de que já se fallou; depois o Caxixe, que precipita-se em catadupas por entre penedías e finalmente o rio de Benevente, cujas aguas ficam separadas d'aquelle por um serrote, como rampa da outra serra, e tão cheio e emaranhado de taquaraes nas abas, que só com grande difficuldade pratica-se a travessia até ao Batatal. Disse mais

que ficando do lado opposto, da parte de cima o dito Batatal, elle retrocedera, passara o Jucú, e com muita fadiga chegara á posse procurada: que d'alli podera elle bem contemplar aquella serra, a qual é muito elevada, em um flanco cortada a prumo com uma especie de parapeito entre dois pontões ou picos perto um do outro, sendo um mais alteroso e mais grosso na base: finalmente que parecera-lhe haver um campo no cume da mesma serra.» Do mesmo sitio avistou elle na frente, mas á direita do raio visual, as serras de Guarapary e á esquerda os montes de Benevente.

Esta informação occular do Sr. Caiado produzio o effeito da luz solar depois de uma noite tenebrosa. O córte vertical da serra é a muralha com as suas ameias; os dois pontões são as torres ou bastiões: — está justificada a denominação. Não póde haver mais incerteza sobre o local d'esta mina! Alli está a Serra do Castello, colosso de riqueza mineral! Dizem os Puris que alli, no Batatal, e nas arêas do rio de Benevente o ouro é grosso como o punho. E' preciso dar-se quarentena ás exagerações do dicto; porque os indicios são como os somnanbulos artificiaes—vêem tudo em ponto grande.

Geralmente nas paragens mais ricas de ouro ha os dous picos, que são como atalaias da mãe do ouro, como os mineiros supersticiosos chamam á fonte á este metal. O que é verdade é que aquella bizarria observa-se em muitos districtos mais auriferos, como o Serro, Diamantina, Caparahó, etc.

Agora vem por si mesma a explicação dos povoados vizinhos, em que senhoreavam os jesuitas tão execrados por uns, bem-ditos por outros e conhecidos por bem poucos.

Partindo do seu convento de Reritigba (Benevente) que não fica muito distante da Serra do Castello, internavam-se pelo sertão d'esta aldêa em busca de ouro e de selvagens; e assim descobriram a mina, a cuja serra chamaram—Castello: o essencial estava achado; agora era preciso resguardal-a, evitando o accesso aos farejadores que viessem de Minas. No logar mais vizinho da jazida fundaram o seu primeiro arraial—Batatal, composto

indios christianisados, com os quaes era impossivel a correspondencia externa, não sabendo elles sinão a sua lingua indigena, e a que os padres inventaram tirando os vocabulos da geral — *Guarany*. Por esta parte estavam tranquillos: ninguem poderia approximar-se do Castello. Agora o mais difficil era impedir a vinda pelo lado de Itapemirim. Para este fim margeando o Caxixe desceram até ao rio principal, e em todas as barras dos affluentes do rio Castello situaram individuos os mais fanaticos da aldêa. Para mais aguçar a vigilancia contra os que quizessem introduzir-se nos povoados, deram licença aos seos familiares moradores dos arraiaes do Caxixe e do Ribeirão do Meio para faiscarem nas arêas d'estes rios; o que fazia que não deixassem pessoa de fóra participar dos lucros. Como ainda algum curioso pelo Salgado poderia penetrar o interior, atravessando estes ribeirões fóra das barras, n'este logar collocaram como s[illegible]inellas uns pequenos lavradores escolhidos entre os i[illegible]s mais ladinos de Reritigba e de Itapemirim com [illegible]n[illegible]a de não se communicarem com os *caraivas* [illegible] que elles fielmente cumpririam com medo do [illegible]mno, em que eram castigados os infractores d'este [illegible]to. Ainda hoje, que não se vê mais nem uma d'essas columnas tão communs nas aldêias, arraiaes e fazendas, que foram dos jesuitas, os indios civilizados têm tanto receio de trocar palavras com os brancos, que escondem-se d'elles, si os avistam de longe e não os conhecem.

D'esta maneira foram resguardadas todas as entradas possiveis.

Receiavam elles, mais do que de outro qualquer, de um certo sertanista paulista de nome Antonio Prado, que á frente de um bando de aventureiros bem armados, por picadas vinha rompendo as matas das capitanias de São Paulo e de Minas-Geraes em busca de ouro, e principalmente de indigenas, de que fazia o seo commercio então permittido. Não eram em vão os cuidados e as providencias tomadas no sentido de esconderem a mina do Castello, e de poderem pacifica e secretamente explor-al-a; porquanto não se passou muito tempo, que não viesse aquelle audaz e temido farejador, o qual atravez

de immensos sertões desde Taubaté até 22 leguas além dos limites da provincia de Minas-Geraes com a do Espirito-Santo, caminhando por veredas abertas com o facão, veio sahir no logar, em que mais tarde (1845) creou o então presidente Pedreira o Aldêamento Imperial Affonsino, que deixou de existir em consequencia da ausencia total dos Puris ahi aldêados pelo engenheiro civil Dr. Frederico Willner seo director até 1850.

O mencionado sertanista descendo o Rio-Castello já achou tomados todos os pontos accessiveis da serra ; pelo que pela margem norte do rio Itapemirim foi ter ao antigo arraial do mesmo nome, onde com a sua gente tomou parte na expedição dos moradores contra os Bugres, que depois das suas correrias nas povoações do Castello tinham vindo acommetter o povo no Barro-Branco e nas Barreiras. Foi n'este logar da costa que aquelle intrepido Paulista perdeo a vida, tirada por algumas flechas do gentio.

O esforço analytico tambem mostra o itinerario dos padres. Sahiam elles secretamente do seo convento de Reritigba para a mina do Castello, e do mesmo modo regressavam, embarcando, e desembarcando no seo porto na sombra dos muros. Uma canôa com bons remadores indios (que outros escravos não tinham elles) transportava-os pelo rio do Benevente até além do Quatinga. N'este ponto deserto ficava amarrada a canôa, e á pé entranhavam-se todos no sertão intermedio, que não dista muito do Castello. Na volta vinha a carga nas costas d'estas pobres bestas, os timoratos indios, até a canôa, que no mesmo dia aportava.

Pelo Itapemirim não se communicavam, nem mesmo com a Muribeca ; porquanto além de ser mais longa a jornada, o caminho era descoberto, tendo de passar pelo meio dos arraiaes, e dos demais povoados, e de atravessar os ribeirões, o rio Itapemirim em cima e na foz ; caminharem pela costa 5 leguas até ao rio Piuma, transpol-o em canôa, e tornarem a viajar uma legua por terra para chegarem ao convento.

Estes religiosos tinham a ambição, a cobiça, e a avareza escriptas em caracteres mysteriosos entrelaçados nas

rugas sinuozas de sua testa. Tiveram entre os seos alguns homens virtuozos, como Francisco Xavier (santo) Francisco de Borgia, Nobrega, Anchieta, e Luiz Gonzaga (santo) : outros sabios e talentozos, como La Rue, Antonio Vieira, Briet, Marianna, e Strada, mas na maioria da Ordem sobrepujavam os crimes, e os vicios. Foram mais poderozos do que os reis absolutos ; mas não tiveram forças para deter o braço armado do destino.

As más paixões geraram-lhes a morte moral, de que foi o prognostico o anathema da sociedade. O anjo cégo da punição apoderou-se d'elles, e com o látego da proscripção afugentou do sólo americano estes lobos de roupeta. *Jesuite, jamais plus* : é o que aos que suspiram pela restauração d'elles piaria o corvo fóra do poema de E. Poé.

D. BEATRIZ DE ASSIS

MAIS ALGUMAS PAGINAS PARA AS BRAZILEIRAS CELEBRES

Lidas na sessão de 23 de Outubro de 1868
na augusta prezença de S. M. I.
pelo socio effectivo Joaquim Norberto de Souza Silva
hoje* socio honorario, prezidente do Instituto.

Ligada pelos laços consanguineos a celebre dona Maria Joaquina Dorothéa de Seixas, mais conhecida pelo seo poetico nome de *Marilia de Dirceo*, prezenciou dona Beatriz Francisca de Assis Brandão as peripecias d'esse lugubre drama, que em 1789 teve por theatro Villa-Rica.

Contava apenas a formozissima menina dez annos de idade, pois ahi nascera aos 29 de Julho de 1779, e na sua imaginação, ungida pelo archanjo da poezia, se gravaram tão indelevelmente essas scenas de desolação e de lagrimas, de masmorras e desterros, de execuções e carnificina que de continuo se lhe afigurava ter sempre ante os olhos esses vultos historicos, que o martirio politico engrandecendo converteo em heróes.

Essa impressão duradoura passou da infancia á mocidade sem nada perder de seo terrivel colorido. Recebeo-a em parte mesmo no seio da familia, e a leitura dos versos dos poetas de Villa-Rica, ornamentando a sua memoria acordou-lhe o estro que dormia ainda em sua alma. O Brazil contou mais uma poetiza entre suas mulheres

---

* Este trabalho foi entregue á commissão de redacção em Abril de 1891 pelo autor, que veio a falecer em 15 de Maio seguinte.

celebres. A proverbial fatalidade do genio unida aos r[illegible] centes exemplos que tanto impressionaram o velho sa[illegible] gento-mór Francisco Sanches Brandão e sua espoza do[illegible] Izabel Feliciana Narciza de Seixas actuaram de tal mo[illegible] sobre seos animos que elles procuraram por todos os mei[illegible] a seo alcance contrariar a natural vocação de sua filha [illegible] impedir os vôos de sua imaginação. Limitaram pois [illegible] seos conhecimentos literarios o mais possivel ao ensin[illegible] rudimentar. Mais tarde a muzica, esse complemento [illegible] educação mineira, adoçou-lhe a mesquinha aridez de seos estudos.

A leitura dos poucos livros, que lhe cahiam nas mãos, mal lhe saciava a sêde ardente dos conhecimentos, que devorava, e assim conseguio aprender com um dos velhos amigos de seo pae as linguas franceza e italiana.

O horizonte ampliou-se-lhe e a vocação fatal se patenteou em toda a sua força!

Os labios que até ali só repetiam de cór as endeixas do malfadado cantor da belleza de sua prima, colhidos da propria bôca da desventurada noiva, e os versos de seo compatriota Claudio Manoel da Costa, o ingrato que mal se inspirava das scenas de seo patrio ribeirão, pois não eram as praias da Arcadia, ornaram-se como por encanto com as proprias poezias que lhe inspirava o seo genio. Os paes, que nas suas orações supplicavam de mãos postas a Deos, que lhes não désse uma filha dotada do fatal talento, redobraram de esforços, buscaram desvial-a de seo intento, e procuraram crear obstaculos de toda a sorte.

Era tudo inutil!

Não se contrariam vocações, que são dotes naturaes, como se não pode estorvar caudalozas torrentes. Vinha-lhe a inspiração do céo, o estro lhe abrazava o cerebro e o cultivo da poezia era o doce engano de sua alma. Via-se maravilhada de si mesma, como o verso harmoniozo lhe brotava espontaneo da mente, e a diliciava divinizando-lhe o espirito.

O passo estava dado, a estrada franca, e a joven Beatriz estava irremediavelmente fadada para a poezia. A digna irman das poetizas cegas, Angela do Amaral e Delfina da Cunha, tinha sido recebida no meio do côro das

muzas, e um dia o seo nome seria trahido pela voz da fama.

Estas quadras, tão simples e ao mesmo tempo tão interessantes, revelam algumas particularidades de sua infancia poetica.

Fulgente estrella influio
No instante de meo ser.
Apollo e o coro aonio
Prezidiram o meo nascer.

Na mais tenra puericia
Com as muzas me entretinha;
Muitas vezes de meos brincos
Erato apartar-me vinha

Em pequena eburnea lira
Debeis dedos ensaiando,
Paixões que não conhecia
Innocente ia cantando.

Minha propensão foi crime
Aos olhos que me observavam.
E para d'ella apartar-me
Ser poetas me vedavam.

Novo e Velho Testamento
Me faziam estudar,
E o tremendo *Flos Sanctorum*
Cheguei mesmo a decorar.

Eu soube os milagres todos
Dos heroes da santidade,
Revelações, penitencias,
Martirios d'antiguidade.

Em tanto *Camões, Bernardes,*
Que com cautella guardava,
Nas horas do meo repouzo
Ancioza meditava.

Adoçou-se o cativeiro,
Obtive mais liberdade,
Estendeo meo genio as azas
Nos annos da puberdade.

Chegou a vez de apparecer. Batêra a hora de ser admirada e festejada pelos corações bem nascidos, izenta da inveja, que tudo amesquinha. Não tinha ainda dezoito annos quando compoz o seguinte soneto, offerecendo ás suas patricias as suas compozições, convidando-as a cultivar a poezia e a enriquecer a literatura nacional com brilhantes producções.

Estas que o meo amor vos offerece,
Não tardas producções de fraco ingenho,
Amadas nacionaes, sirvam de empenho
A talentos que o vulgo desconhece.

Um exemplo talvez nos apparece,
Em que brilheis nos traços que dezenho
De excessivo louvor gloria não tenho,
E si algum merecer de vós comece.

Raros dotes talvez vivem occultos,
Que o receio de expôr faz ignorados,
Sirvam de guia meos humildes cultos.

Mandae ao Pindo os vôos elevados,
E tanto sejam vossos versos cultos
Que os meos nas trevas fiquem sepultados.

Assim as suas inspirações patrioticas, propagando para logo os dotes de sua intelligencia, formou-se a sua reputação divulgada pela voz da fama e publicada pelas folhas da imprensa.

Não foi sem grande admiração, que o conego Januario da Cunha Barboza, redactor a esse tempo do *Parnazo Brazileiro*, vio, leo e admirou-lhe as poezias.

Havia n'ellas um não sei que de naturalidade infantil, unida a uma tal ou qual coragem bem estranha ás pessoas de seo sexo, pois expunha-se ás setas da critica, aos botes da calumnia, aos escarneos da inveja.

E' que cada um vem já a este mundo com o seo destino fadado.

« A Senhora Dona Beatriz Francisca de Assis Brandão, escrevia o conego Januario da Cunha Barboza, annuindo aos dezejos que lhe haviamos manifestado de publicar algumas das suas excellentes producções, faz ver por isso mesmo quanto anhela concorrer para a gloria da patria, chamando pelo seo exemplo as nossas patricias á celebridade da carreira literaria, que lhes não é vedada, e em que muitas se teriam feito honrozamente conhecidas, si uma modestia mal entendida as não acanhasse na publicação de seos escriptos.

« Si nos fosse dado offerecer á luz publica algumas cartas, em que esta erudita Brazileira nos descobre o patriotico ardor com que dezeja ver florentes as bellas artes, que tanto se cazam com o nosso genio e especialmente n'esta época em que a independencia e a liberdade desencolhem as suas azas (1), á vista de objectos que devem ser cantados por vates, que já respiram um ar mais saudavel que os dos annos antecedentes, veriam os nossos leitores quanto póde o amor das letras, unido a um talento como o da Sra. D. Beatriz, de quem podemos dizer que aprendeo por si mesma, no silencio de seo gabinete, as regras de poetiza e de escrever com gosto e depurada critica sobre materias, que pareciam vedadas á delicadeza de seo sexo. (2)

(1) Depois da revolução de 7 de Abril de 1831.
(2) *Parnazo Brazileiro*, cad. V, pag. 25.

Vencidos os obstaculos que tanto lhe difficultaram a carreira, deo mais largas expansões aos vôos de sua imaginação. Dedicou-se de dia e noite e de alma e coração ao ensino da infancia feminina, e abrio na sua cidade natal um collegio de meninas, que, além das lições de virtudes domesticas que colhiam de seos exemplos, assás se avantajaram em conhecimentos proprios para lhes formarem um conjunto de virtudes dignas de seo sexo.

O seo ardor pelo estudo nada tinha de egoismo; não aprendia só para si, pendia antes em excesso para o lado contrario. Repartindo com enthuziasmo o pão quotidiano da intelligencia pelas suas discipulas, almejava que todas as suas compatriotas honrassem as letras patrias e se ornassem com as graças da imaginação e do talento, que não dera Deos sòmente aos seos videntes.

Os sonetos, cuja existencia revelou o conego Januario da Cunha Barboza, rasgando o véo da modestia que occultava mais uma muza, são de um primor de poezia que muito os approxima dos sonetos de Claudio Manoel da Costa, e é grato ver como ella pantentea tão delicadamente misterios do coração, externando os sentimentos amorozos. Não se havendo reimprimido o *Parnazo Brazileiro*, são elles ao prezente quazi desconhecidos de nossos literatos, e não será sem razão transcrevel-os para aqui :

Voa, suspiro meo, vae diligente,
Busca os lares ditozos onde mora
O terno objecto que minha alma adora,
Por quem minha afflicção seo peito sente.

Ao meo bem te avizinha docemente,
Não perturbes seo somno; n'esta hora,
Em que a amante fiel saudoza chora,
Durma talvez pacifico e contente.

Co'os ares que respira te mistura;
Seo coração penetra; n'elle inspira
Sonhos de amor, imagens de ternura.

Aprezenta-lhe a amante que delira;
Em seo candido peito amor procura:
Vê si tambem por mim terno suspira.

Que tens, meo coração? Porque anciozo
Te sinto palpitar continuamente?
Ora te abrazas em dezejo ardente,
Outr'ora gélas triste e duvidozo?
Uma vez te abalanças valerozo
A' supportar da auzencia o mal vehemente;
Mas logo esmorecido, descontente,
Abandonas o passo perigozo?
Meo terno coração, eia, reziste,
Não desmaies, não tremas; póde um dia
Inda o fado mudar o tempo triste.
Supporta da saudade a tirannia,
Qu'inda verás feliz,como já viste,
Raiar a linda face da alegria.

De longo suspirar atenuados
Os meos fracos sentidos vacilavam;
Meos olhos brandamente se cerravam
De lizongeiros somnos afagados
Em refulgente nuvem collocados.
Vi fortuna e amor, que me buscavam,
E entre os raios de luz, que dardejavam,
Ella mostra a riqueza, elle os agrados.
No aureo cofre seo a deoza errante
Os mais raros thezouros me offerecia
Por que anhela a gente delirante:
Amor entre as mãos ambas suspendia
Um terno coração, puro, e constante
Esta joia aceitei, que amor trazia.

De violentos contrastes embatido
Meo terno coração já mal reziste:
Triste o dia amanhece, e a noite triste,
Inda mais negra faz meo mal crescido.
Trago á memoria o tempo decorrido,
Memoria, que em minha alma sempre existe
Doce, terna lembrança, que persiste
Para maior pezar em meo sentido.
Recórdo, caro bem, os claros dias,
Em que amantes, unidos, e contentes,
Eu os teos, tu meos votos recebias,
Tudo o tempo mudou: tristes e auzentes,
Sugeitos á violentas leis impias,
Zombam de nós os fados inclementes.

Sólta embora, ó fortuna, aurea madeixa:
Não me enlevam teos dotes singulares;
Trovejem contra mim nuvens de azares,
Não alcanças de mim gloria nem queixa.
Benigna abre o teo cofre, avara o fecha,
Não me inspiras prazeres nem pezares;
Prodigue incensos sobre teos altares
Baixa caterva, que ambição enfeixa.

Inabalavel é minha alma amante,
Não te adóra, nem teme: um nobre instincto
Desprezar sabe teo favor volante.
Meo peito sente affecto mais distincto;
Um instante de amor, um doce instante,
Vale mais que os thezouros de Corinto.

Meo coração palpita accelerado.
Exulta de prazer, de amor delira;
Novo alento meo peito já respira,
E' mil vezes feliz o meo cuidado.

O meo Tirce de mim vive lembrado.
Saudozo como eu por mim suspira;
Que selecto prazer á esta alma inspira
A amoroza expressão do bem amado!

Doce prenda de meos ternos amores,
Amada, suavissima escriptura,
Que em meo peito desterras vãos temores,

Em igneos caracteres n'alma pura
Grava amor co'os farpões abrazadores
Estes doces penhores de ternura.

A melancolia que reina nas suas poezias não é só propria de sua indole como tambem consequencia de uma paixão malograda, que lhe deixou para sempre sangrando o coração. Trahio-a a infidelidade de uma amiga. Mas como se explica esse fatal acontecimento, que transparece como um misterio em mais de uma poezia sua? E para que encobrindo a verdadeira cauza da traição patenteia com tudo a toda á luz o nome d'aquella que lhe roubou o ente, que deveria dourar a felicidade de seo lar, o paraizo do amor, e completar-lhe a existencia enfeixando-a entre rizos e flores, entre as endeixas de seos labios e as harmonias de sua lira (*)

Na epistola que dirigio a sua amiga D. Carlota Joaquina Ferraz ouve-se mais do que em outras poezias sobre o mesmo assumpto, o gemido longo e dolorozo, que se desprende de seo despedaçado coração todas as vezes que a

(*) Desde pequenina que andava com uma violinha, a qual chamava a sua lira. Corria logo pela manhan para o campo e lá se punha a cantar improvizos ao son do querido instrumento.

lembrança de seo martirio lhe vem avivar as chagas incuraveis. Existe ainda inedita a sua composição, e transcripta aqui dará a conhecer melhor de que as minhas palavras o soffrimento, que a acompanhou sempre desde a sua malfadada juventude até os seos derradeiros momentos da vida.

São estes os seos versos:

Vem, doce lira minha tão querida,
Vem, unir teos accordes a meo canto,
Vibrar canoros sons ali cadentes,
Exprimir sentimentos que arrebatam
Meo coração repleto de ventura!
Os extasis de uma alma embriagada
Em suspiros exhala maviozos,
Não já d'esses que outr'óra borbotavas
De amargura e pezar envenenados.
Da amizade fiel, numen benefico,
Um ósculo me dá; toca meos labios
Com aquelle doce bálsamo suave,
Com que de Oreste e Pilades regavas
As almas bem nascidas. Vem, derrama
N'este peito ulcerado de mil golpes,
O dictame potente e peregrino.
Com que pungentes dores curar sabes,
D'essa infausta paixão que nos transporta,
Que a par nos rouba, que em mortaes angustias
Consome nossos bellos primos annos.

Teo influxo feliz já sinto, ó deuza;
Tu me enlevas, tu enches a minha alma
De santo enthuziasmo, e puro e casto
Sinto a doce influição de teo bafejo.

Assim como o terreno, a flor, a planta
De longe quente estio resequidos
Sorvem da aurora o placido rocio:
Ou como o caminhante que afanozo
No abrazado areal da Palestina
Depara entre palmeiras verdejantes
A' sede ardente a precioza gota,
Que vale muito mais que um diamante,
Assim a minha alma na soidão esteril
De cinzas inda quente que deixara
Essa de amor tumultuoza chamma,
Recebe a emanação branda, calmante,
Os benignos effluvios da amizade,
De ventura e prazer fonte perenne.

Mais que d'attica abelha o loiro favo,
Mais que o suco no gomo sacharino,
Mais que os prezentes do doirado outono
Preciozos e doces são seos fructos.
Qual limpido regato serpentando
Por florejantes odorozas margens;
Assim nas almas puras se insinua
O magico poder de seo influxo,
Mas não devem seos laços apartar-se
Sem precederem provas de lealdade:
O seo primeiro arroubo é perigozo.
Um joven coração se entrega ás vezes,
A fingida effuzão de um peito falso;
Prodiga sentimentos verdadeiros,
E é victima da inveja e do egoismo,
Minha alma inda innocente foi colhida
Nos laços de uma perfida falsaria;
Trahio-me a confiança e meo segredo,
Entregando-me aos mais acerbos males.

Quanto tempo gemi! Por quanto tempo
Cerrei meo coração ás simpathias,
A's confidencias intimas tão doces
Entre amigas fieis, que mutuamente
Compartem suas dores, seos prazeres
Que juntas choram, juntas participam
Os males e os bens, que ambas commovem.

De fatal prevenção preoccupada,
Lembrando-me incessante a fé trahida,
Enredar-me temia em novos laços.
Mas ah! quanto era injusto o meo receio!
Existem, sim, existem almas nobres,
Capazes de amizade e sacrificios,
Que interessam-se ao bem da sua amiga.
Quão amplamente fui indemnizada
D'aquella que perdi, vil, aleivoza!
Tirceas que primeiro abriste esta alma
A tão suave e doce sentimento
E déste-me a gostar tantas delicias!
Nossos prazeres, nossas mesmas dores,
Roubou-te o céo, que só te merecia;
Inda lagrimas dou a tua memoria.
Lizia, divina Lizia, tu podeste
Cicatrizar a chaga de meo peito,
Que inda sangrava, quando tive a dita,
De ver-te e destinguir os dotes raros.
De tua alma sublime um laço estreito
Ligou nossas vontades, nossos gostos;
Combinamos em tudo, mas não ouzo
Comparar-me comtigo em qualidades:
Fôra necedade mais que orgulho!
E's mais terna, mais meiga, mais ingenua;
Julgas de todos bem, não eu, que a escola
Dos trabalhos me deo longa exp'riencia;
Soffreste um mal somente, eu soffri muitos;

Tem em meo coração menos imperio
A dor; minhas idéas são mais fortes;
Minhas lagrimas correm menos vezes
A' força de quebrar em peito de aço;
Meos suspiros se exhalam, já sem magua
Só aos doces affectos de amizade.
Eis o contraste que entre nós existe:
E's melhor do que eu, és adoravel,
Tocas a perfeição, mas nem por isso
Eu deixo de ser boa e de ti digna.

Não ficou silencioza a critica ante as confissões de seo peito, como si fosse ella a unica mulher, que seguisse o exemplo de Sapho, rompendo pelos preconceitos de uma educação tacanha e sobrepujando as melindrozas etiquetas impostas pela pragmatica de seo sexo. Petrarca, Felinto Elizio e outros tantos nem por se haverem votado ao celibato podiam trazer á luz da publicidade todas as impressões da phiziologia do coração, e só a mulher, o ente por excellencia predestinado ao amor, ser-lhe coarctada essa liberdade? Não é o amor o subjectivo de todos os poetas? E com que delicadeza não trata ella d'esse objecto! Não é por certo uma paixão platonica mas são quadros da Arcadia, que ella pinta com brandas e não exageradas côres. Não canta o que sente, mas o que presente, e n'um amor que ella adivinha em seos sonhos virginaes reproduzem-se os queixumes pastoris dos arcades. Si Gonzaga lhe tivesse dirigido as suas liras, melhor não as responderia ninguem. O seo estilo é brando e suave como o murmurio dos pinheiros, que suspiram melancolicamente pelos oiteiros de sua Villa-Rica, tão sombria e tão cheia de reminiscencias e saudades para a sua alma; a sua linguagem correcta resente-se comtudo de alguma pobreza; mas seos versos ternos e saudozos são como os gemidos plangentes da araponga quebrando a mudez do ermo do alto das arvores da floresta, e ecoando pelas frias e escuras lapas das serranias. Digna discipula do cantor do *Ribeirão do Carmo*, ella pertence á escola italiana, cujos mestres consultava incessantemente, traduzindo e imitando o mais ameno e suave d'entre elles, esse adocicado Metastazio.

Pulsava no seo peito um coração patriotico, como em todos os peitos dos Mineiros, e por isso a chamma do

amor da patria resplandece em seos versos com toda a sua pompa. Ardia no dezejo de partilhar dos perigos da guerra e suas fadigas, servindo assim ao paiz e á liberdade, e nos seos versos resôa um grito alarmante, é o brado contra a tirannia. Assistira ao prologo do drama da independencia, em que a cabeça de um martir rumorejava ás brizas, que vinham das plagas de Washington, Franklin e Jefferson, tomou depois parte no desenvolvimento do grande drama nacional como sua poetiza. Saudando o dia em que realizou-se o juramento á Constituição, dirigio-se cheia de enthuziasmo aos Brazileiros aconselhando a união, e voltando-se depois ás nossas compatriotas, animada do mais puro patriotismo, lhes dice:

E vós digna porção de um povo livre,
Illustres Brazileiros, que as virtudes
Possuis de brandura e humanidade
Vós a quem tanto pranto tem custado
Os desastres da patria, e que com tudo
Offereceis-lhe as reliquias mais prezadas
De vossos corações, filhos, espozas!
Meos votos aceitai, eu vos dedico
Os mais ternos affectos de minha alma.
Comvosco choro as victimas queridas...
Chorar... Oh não patricias! Longe, longe
De nós essa fraqueza. A patria exige
Impulsos de valor, não de ternura;
Exige nosso esforço, o nosso sangue.
Sangue, sim, por que não! Não temos braços?
Não nos fez de igual molde o Autor Supremo?
Sim, o campo da honra é tambem nosso,
Caras filhas da patria, a patria chama,
Seos brados ouço. A's armas, sim, ás armas!
Nossos peitos á dor são costumados.
Que é o ferro aos tormentos comparado
Da infame escravidão! . . . . . .

. . . . . .

Illustres campeões da liberdade,
Vossas dignas irmans vos pedem armas,
Comvosco hão de marchar, não tenhais medo.
Si vibrar não poderem rijos golpes,
De escudos servirão aos vossos peitos.
Inscrevei-as na lista glorioza
Co'o sangue brazileiro rubricado:
Filhas da patria são, serão soldados.
Si a morte de um espozo arranca lagrimas
A' espoza gemebunda, a furia acerba
Ha de guiar-lhe a mão ao peito infando
Do feró matador; nobre vingança

Supprirá o valor, que a differença
Da branda educação lhe tem obstado.
No recinto da lei não pretendemos
Deliberar, nosso dever é outro;
Mas nos riscos da patria somos todos
Companheiros, irmãos e defensores.

Passado o enthuziasmo e recolhida á reflexão fria e sensata, que lhe mostrava a impossibilidade de realizar os seos dezejos bellicozos, sentia-se como que possuida de pezar. Na congratulação aos defensores da patria, offerecida á Sociedade Promotora da Instrucção Publica da cidade de Ouro-Preto, que a admittira em seo gremio, prorompe n'estes versos tão meigos como patrioticos:

Oh! que não nos permitta cego abuzo
Ao campo acompanhar-vos! Menos agro
Ser-nos-ia o morrer ao vosso lado
Que em ocio aviltador ouvir gemendo
O exito da acção! Porque nos priva
Uma absurda illuzão d'aquelles dotes
Que pródiga nos deo a natureza?
Somos da patria filhas, temos brio,
Esforço e coração, assaz provados
Por duros golpes mais crueis que a morte...
Mais crueis, sim, mil vezes! Quando os écos
Da trompa marcial vem arrancar-vos
Dos nossos ternos braços, as angustias
Se antecipam aos males, que esperamos,
E os nossos corações tremem mil vezes
De um susto imaginario. Dentro n'elles
O conflicto se trava, e o golpe rude
Que ha de ferir o irmão, o filho, o espozo,
D'ante mão dilacera as palpitantes
Entranhas de uma irman, mãe ou consorte.

Muitas sociedades literarias e patrioticas se honraram admittindo-a no seo gremio, e si o Instituto Historico não a contemplou entre os seos socios honorarios não foi que não reconhecesse o seo grande merito. Negou-lhe um diploma, mas honrou-a com o parecer de uma commissão especial, tendo por assignatarios Joaquim Manoel de Macedo e Gonçalves Dias. (*)

(*) Eu, meo irmão J. J. de Souza Silva Rio e o meo amigo Luiz Antonio de Castro aprezentamos ao Instituto Historico na sessão de 25 de Outubro de 1850 a seguinte proposta:

«Propomos, que o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, como illustre reprezentante do movimento e progresso das letras no Novo Mundo, honre o talento e o merito das senhoras brazileiras na

Reproduzirei aqui a carta que esta distincta Brazileira me dirigiu em 12 de Outubro de 1850:

Senhor. Com agradavel surpreza recebo vossa missiva, para mim mui precioza; n'ella encontro uma carta cheia de obsequiozas expressões, uma poezia affectuoza que muito lizongeia meo pequeno amor proprio, e a collecção apreciavel das suas doces e delicadas modulações,

---

pessoa da Illma. Sra. D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, distincta poetiza, já reconhecida e estimada nos circulos literarios pelas suas compozições, admittindo-a na classe de seos membros honorarios para incentivo e estimulo ás nossas patricias receiozas de se darem á cultura das letras e afrontar os preconceitos da nossa velha educação, publicando as producções de seo espirito.»

Entendeo o Instituto Historico ouvir a uma commissão especial composta dos doutores Joaquim Manoel de Macedo e Gonçalves Dias.

Não se fez esperar o parecer e na sessão de 5 de Dezembro foi lido o seguinte:

«A commissão encarregada de dar um parecer sobre a proposta, que aprezenta, para ser admittida na classe dos membros honorarios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro a Illma. Sra. D. Beatriz Francisca de Assis Brandão, comprehendendo tambem que muito se faz crear incentivos ás nossas patricias, receiozas de se dar ao cultivo das letras, muito applaudio o generozo pensamento dos illustres assignatarios da proposta, e examinando maduramente os estatutos e n'elles não encontrando dispozição alguma relativa á materia da proposta, tendo em devida attenção o principio de que a lei tolera pelo menos aquillo que não prohibe, com a mais viva satisfação declara, que não se póde legalmente disputar ás senhoras o direito de fazer parte d'esta importante associação. Consequentemente a commissão seria de parecer, que a proposta fosse pelo Instituto approvada, si outras considerações não a movessem a julgar mais conveniente, que por ora se não delibere a respeito de sua materia.

«Os illustes proponentes recommendam o nome da Illma. Sra. D. Beatriz Francisca de Assis Brandão como distincta poetiza brazileira: embora as compozições de nossa respeitavel patricia não tenha visto a luz da imprensa e aos assignatarios d'este parecer não tenham cabido a honra de apreciar mais de uma duas de suas compozições poeticas, sufficiente é o testimunho dos illustres proponentes, tanto mais que são elles juizes na materia: no entretanto entende a commissão que o Instituto deve basear seos juizos em provas publicas, quando outras não lhe forem especialmente offerecidas: admittindo-se porém que essas provas tenham já sido aprezentadas, parecia á commissão mais concludente, que a distincta poetiza fosse recebida como ornamento de uma sociedade literaria, cujos fins não estejam limitados á historia e a geographia.

«Respeitando muito, tendo em subido apreço os merecimentos da nossa distincta patricia, a commissão hezitaria ainda, e apezar das considerações expostas em offerecer este parecer, si por ventura não houvesse no Instituto a idéa da creação de uma Academia Brazileira para a ella remetter a proposta offerecida.»

Foi approvado.

que eu já tinha lido de emprestimo, e que só agora possuo pela vossa bondade. Minha gratidão é extrema, tanto mais que, depois do sempre chorado conego Januario, sois vós o primeiro patricio, que se lembra de honrar a pobre lira esquecida e quazi desprezada de uma Brazileira, que alguma couza tem feito pela patria.

Não se calou essa lira; ella tem seguido o seo destino; mas tem passado desapercebida e nem um estimulo ou encorajamento tem recebido d'aquelles que deviam animal-a e chamar por ella. Sois vós, caro patricio, que desafiaes meo estro; ella responderá a vosso reclamo logo que a noite traga algum socego a uma caza cheia de crianças, que é o mesmo que dizer de eterna turbulencia. Em tanto aceitae votos de amizade e gratidão, que vos dedica vossa patricia affectuoza e agradecida

Beatriz Francisca de Assis Brandão.

Afim de figurar e actuar em mais larga esfera deixou D. Beatriz a sua cidade natal, e veio estabelecer a sua rezidencia n'esta côrte do Rio de Janeiro depois de ter estado por algum tempo na fronteira e rizonha cidade de Nicteroy, e tanto na capital do imperio como na capital da provincia entregou-se constantemente aos desvelos da educação literaria e domestica, vivendo querida e festejada no seio das familias, que a agazalhavam com satisfação, e a buscavam com empenho. Cultivou relações com os homens de letras e os poetas A. J. de Araujo, João Alvim, e Teixeira e Souza, correspondendo com benevolencia ás suas saudações * e frequentou as melhores sociedades tornando-se o realce das reuniões. Buscou sempre a amizade das senhoras brazileiras, que se distinguiam pelos seos talentos, levada pela simpathia das vocações; assim contou no numero de suas mais intimas amigas a poetiza cega D. Delfina da Cunha e a illustre literata D. Violante de Bivar, sem nomear outras.

---

* E uma prova é a poezia, que me dirigio em resposta a outra minha e vão ambas em seguida a esta ligeira biographia.

Infatigavel em suas lucubrações não poucas vezes patentearam os prelos á luz publica os mimozos fructos de sua intelligencia e trabalho, tanto originaes como traduzidos do francez e do italiano, e que attestam o seo incontestavel merito. *

Longa foi a sua carreira sobre esta terra, que ella tanto amou; mais onze annos de vida e centenaria seria a sua existencia.

A morte, nem sempre benigna, encontrou-a no seo pôsto prompta para morrer, e arrancou-a do meio de suas lidas, ainda lucida a mente, forte o corpo. Faleceo n'esta côrte em 5 de Fevereiro de 1868 nos braços da amizade. Vendo approximar-se a hora fatal com aquella serenidade evangelica, que só a dá a philosophia christan, exigio os seos manuscriptos. Trouxeram-lhe um saquinho de setim branco, atado por uma fita de seda, contendo alguns caderninhos de papel escriptos. Depozitou-o nas mãos de uma de suas amigas, e com vóz já quazi sumida pela rouquidão da morte supplicou-lhe, que o depozitasse nas mãos de S. M. a Imperatriz, que tão fagueiramente a recebia, quando ia saudal-a no paço de São-Christovão. **.

(*) Ha algumas poezias suas impressas em folhas politicas, literarias e no *Parnaso Brazileiro* do conego JANUARIO DA CUNHA BARBOZA.

Em avulso publicaram-se as seguintes obras impressas n'esta côrte, devidas a benevolencia dos edictores Paula Brito e B. X. Pinto de Sousa:

Cantos da mocidade, 1 vol. in 8. gr. 1856.

Cartas de Leandro e Hero, traduzidas do francez. 2ª edição. 1 vol. in 16., 1859.

Romances, imitados de Gesner. 1 vol. in 64, sem data.

Catão, drama tragico por Metastasio, traduzido do italiano, 1 vol. in. 8 gr., 1860.

INNOCENCIO DA SILVA, que menciona estas obras no seo *Dic. Bibl. Portuguez*, *t. VIII*, *pg. 367*, acrescenta: « A illustre autora conserva ineditas em seo poder muitas odes, canções, himnos e outros versos patrioticos e grande numero de poezias eroticas, que dariam materia para quatro tomos iguaes ao já publicado, e que é para sentir não viessem á luz. »

(**) S. M. o Imperador, que ouvio a leitura d'esta biographia, dignou-se me confiar o sagrado legado, para imprimir « o que julga-se digno d'isso ». Tendo-se interrompido a publicação (permitta-se-me a falta da modestia) da monumental *Brazilia, bibliotheca nacional dos melhores autores antigos e modernos*, cujo material me custou o melhor de trinta annos de trabalho e despendios de dinheiros e não me foi possivel dar ao prelo as suas poezias.

E expirou com angelica resignação estampada em seo semblante.

Não era D. Beatriz bonita, alta e repleta, como sua prima a *Marilia de Dirceo*, foi na sua mocidade uma mulher formoza. Pensava como um philosopho e viveo sempre celibataria, sem que jamais se tivesse de falar de seo credito. Dezenhava com perfeição; cantára na mocidade com gosto ao piano e fez sempre falar sob os seos dedos aos corações apaixonados; escrevia com elegancia e conhecia todas as prendas necessarias ás pessoas de seo sexo. Jovial na palestra, exprimia-se com graça e muitas vezes com maliciozo espirito, patenteando as luzes que adquirira nas longas leituras a que se habituára desde a infancia, tendo a seo favor o uzo de varias linguas.

Só a fortuna lhe foi adversa; morreo pobre.

O editor, o Sr. B. L. Garnier, não annuio ao meo pedido para a sua impressão fazendo ver que os *Cantos da Mocidade* nem uma extracção tem tido, e a extracção é o bibliometro do livreiro.

São quatro tomos, como diz Innocencio da Silva.

O primeiro consta de traducções de italiano, com um dedicatoria em verso a S. M. a Imperatriz. Contem as operas *Alexandre na India* e *Semiramis reconhecida*, faltando *Jozé no Egipto* de que trata Innocencio da Silva. Contem tambem as cantatas *Angelica e Medoro* e *Diana e Endemion* tudo de Metastazio. Este tomo existe em duplicata.

Os outros trez são dedicados a S. M. o Imperador, a quem a autora dirigio por vezes algumas poezias.

Ha ainda entre elles uma traducção feita do italiano do *Catão* de Metastazio, poezias, politicas, epistolas ás suas amigas, sem falar em numerozas compozições ligeiras, escriptas em differentes metros, afóra o que anda pelos jornaes de seo tempo, e até sem o seo nome.

A POETIZA

A' D. BEATRIZ BRANDÃO

Une femme au verbe divin !
LAMARTINE.

Porque a tua lira
Sonora e mavioza,
Outr'ora tão formoza,
Agora se calou?
Illustre poetiza,
Foi p'ra ser escutado
Que o céo com dom sagrado
Benigno te prendou.

Que ha feito emudecer-te?
Acazo a desventura
Ferrenha, má, escura,
Que em sorte o genio tem?
Custa o martirio a palma,
Um louro o sangue custa;
Té a corôa augusta
Espinhos mil contém.

Mas nunca, nunca a lira
Fatal ao vate ha sido,
Que d'ella enriquecido
De tudo a zombar vem.
Vença o guerreiro embora,
E ganhe o verde louro,
Ou mesmo um throno d'ouro,
Que inveja inda lhe tem.

O vate é sobre a terra
Raio de luz eterna,
Que brilha alma e superna
Na fronte do Senhor:
Propheta annunciou-o.
E nos cantos de gloria
Alçou sua victoria,
Chorou a sua dôr.

Si elle aos céos se eleva,
De luz lá se corôa,
E ao divo throno vôa,
Que é sua emanação;
Sua patria é o infinito,
Sua vida a eternidade,
Amor, Deos, liberdade,
A sua inspiração.

Rei pelo pensamento,
Em inspirações immerso
Domina o universo,
Sua lira é seo poder;
Porém si a gloria abate,
Si infame vende o canto,
Então cheio de espanto
Seo estro vê morrer!

Assim a flor mimoza,
Tão cheia de frescura,
Si ouzada mão impura
Lhe as petalas tocou,
O vivo esmalte perde,
E perde o seo perfume,
E toda se rezume
Na terra que a gerou!

Ah! quando a luz sublime,
Egregia e refulgente
Borbulha resplendente
Na fronte da mulher,
Então se curva o vate,
E a lira não pulsada,
E a voz enclauzurada,
Ouvir um anjo quer.

Assim Judith prostrada
Vê a seos pés a terra,
Quando depois da guerra
A voz ergue ao Senhor;
Celebra o heroico esforço,
Proclama a gran victoria,
E canta a propria gloria,
Seo himno é seo louvor.

Ah! que eu emudecesse
Sómente p'ra escutar-te,
E assâs admirar-te
Sim... qu'era meo dever;
Mas tu!... Oh essa lira
Tão bella quão sonora
Ah! pulsa-nos agora
Ah! faze-a reviver!

Feliz, por escutar-te,
O vate transportado
De gozo tão sagrado
Oh mais feliz será;
Que após o triste canto
De peito enronquecido,
Não nobre, não erguido,
O teo canto ouvirá.

Na fronte a luz brilhando...
De gloria o trilho aberto...
O teo triumpho certo...
A lira é teo troféo!
E então?. . Em teos delirios
Ah! vôa à immensidade,
E canta a eternidade,
Que a terra escuta o céo!

J. NORBERTO.

Outubro 11 de 1850.

O VATE

A J. NORBERTO

O santo amor da patria e liberdade,
E outro amor infeliz, violento e cégo
Foram da minha lira unico emprego.

DA AUTORA

Não se calou a lira,
Antes com fiel memoria,
Cantou da patria a gloria,
Os males seos chorou;
No cimo da montanha,
Na densa selva escura
Gemidos de amargura
Mizerrima soltou.

Fraterno sangue esparso
Nos campos do terror,
Horrisono fragor
De truculenta guerra:
Imagens furibundas
De estragos, sangue, morte,
Em rabido transporte
Estremecendo a terra...

Oh! como ao son funesto
De tubas e canhões
Trinar doce canções
A lira poderia?
As cordas estalaram;
No peito a voz morreo,
E pavida perdeo
A mão tremula e fria!

Meo coração ferido,
Convulso, soluçante,
Na dôr agonizante,
Gemeo, carpio, tremeo!
Da patria desolada
Os males me aterraram,
E as fibras estiraram
Do afflicto peito meo.

E apenas o sulfurio
Vapor dissipa o vento,
E o campo inda sangrento
Se veste de verdura,
Surge fatal contagio,
E bafos pestilentes
Milhares de viventes
Arrojam á sepultura.

Em meio de gemidos,
De preces, de clamores
Redobram-se os horrores,
Perece a humanidade!
Espozas desoladas,
Parentes consternados,
Orfãos desamparados...
Deos! que calamidade!

E tu, pae sempiterno,
As tuas creaturas
Verias em torturas
Com a morte em vão lutar,
Sem que piedade summa
Teo attributo immenso...
Meo Deos, como é pequeno
O estulto a blasfemar!

Quem póde comprehender
Altos misterios teos?
São só claros aos céos
Os juizos do Senhor!
Ouzei interrogar-te!
O' erro! ó illuzão!
Não pode a creação
Julgar o Creador!

Contempla, ó vate eximio,
O quadro aterrador,
Que em meio a tanto horror
Minha alma contristou
A' tão funesta imagem
Inda suspiro e gemo,
Inda convulsa tremo,
Inda ferida estou.

Mas teus acentos meigos
Meo coração tocaram,
E a lira despertaram
Do somno em que jazia.
Um astro novo doira
Minha existencia escura;
Já penso na ventura
Em sonhos de alegria.

Já nova inspiração
Na mente me acendeste;
De anjos vizão celeste
Me encanta, me arrebata.
Por ti subo vaidoza
Ao alcaçar da memoria.
E em gozos de alta gloria
Minha alma se dilata

Aceita, pois ó vate,
Fiel dedicação
De um puro coração,
De um coração sem véo.
E si da lira os ecos
Protegem anjos benignos
Nas azas de meos himnos
Heide levar-te ao céo.

Outubro 22 de 1850.

BEATRIZ BRANDÃO.

Notas sobre o finado Barão de Macahubas

(Extrahidas da « Gazeta de Noticias »)

Teve lugar hontem (16 de Janeiro de 1891), ás 5 horas da tarde, o enterro do benemerito educador brazileiro, o Sr. Barão de Macahubas, sahindo o feretro do Alto da Boa-Vista (ponto dos bonds), com grande acompanhamento.

O Barão de Macahubas era filho legitimo de Miguel Borges de Carvalho e D. Mafalda Maria da Paixão Borges.

Nasceo na villa do Rio de Contas, na provincia, hoje estado da Bahia, a 9 de Setembro de 1824. Completando os seos estudos primarios na villa do seo nascimento, foi depois para a capital da Bahia em 1838, fazendo em dois annos com bellos rezultados, os seos estudos secundarios no collegio Conceição.

Por motivos de saude retirou-se elle n'essa época para caza de seo pae, voltando em 1841 a matricular-se no curso medico da capital da Bahia. Ahi estudou elle até o 5.° anno, vindo depois para o Rio de Janeiro, onde graduou-se doutor aos 20 de Dezembro de 1847.

Os seos estudos medicos foram brilhantissimos; obteve distincção no 4°. anno, e *laude* no 3°., 5°. e 6°. annos. A nota alcançada no 3°. anno honra-o sobremodo, pois de todos os estudantes da Faculdade só elle e mais um de seos collegas obtiveram tal honra, conferida não pelos examinadores sómente, mas por voto unanime da congregação dos lentes.

Apenas matriculado na Faculdade de Medicina em 1841, foi pelo director do collegio Conceição convidado

para fazer parte do respectivo corpo docente, tão distincto se havia mostrado em seos estudos preparatorios.

Quatro annos exerceo o magisterio, revelando a sua extraordinaria vocação pedagogica.

Em 1845, aos 21 annos de idade, fundou com alguns companheiros o Instituto Literario da Bahia, do qual foi prezidente : tal a consideração em que o tinham seos collegas.

Tambem foi redactor-chefe do interessante periodico *Crepusculo*, redigido pelos membros d'essa associação e por alguns literatos notaveis da Bahia.

Emquanto cursava o 6°. anno no Rio de Janeiro, concorreo para a fundação da Academia Philomatica, mantida pelos principaes homens de letras do tempo.

Foi nomeado 1°. secretario, sendo prezidente o Visconde de Caravellas, e 1°. vice-prezidente o illustrado director da Academia de Bellas-Artes Manoel de Araujo Porto Alegre, Barão de Santo Angelo.

N'esse mesmo anno (1847) escreveo para os jornaes *Archivo Medico Brazileiro*, *Auxiliador da Industria* e *Jornal do Commercio*.

Entre alguns dos seos trabalhos foi muito apreciada uma memoria sobre a mineração da provincia da Bahia, que começou a publicar no *Crepusculo*, terminando no *Auxiliador da Industria*; essa memoria foi transcripta na *Gazeta Official* e *Jornal do Commercio*.

Tão considerado pelo seo talento e trabalhos era o Dr. Abilio Cezar Borges, quando estudante, que varias sociedades notaveis o admittiram como socio, e entre outras o *Instituto Historico* e *Geographico Brazileiro*.

Logo que se formou começou a exercer a medicina, especialmente como cirurgião, com tão notavel pericia, a ponto de ter sido indicado para director da Faculdade de Medicina da Bahia.

A irrezistivel vocação para o magisterio, a que se consagrára desde moço, fel-o porém adoptar a profissão de educador.

Depois de manter por alguns annos um collegio no interior da Bahia, fundado em 1850, foi nomeado director geral da instrucção primaria e secundaria da

provincia da Bahia, cargo que exerceo de 1856 a 1858, conquistando a maior consideração pela sua actividade febril, e pelas reformas que intelligentemente pôz em pratica.

Por esse tempo iniciou dura guerra ao emprego da ferula e outros castigos aviltantes no ensino da mocidade, mostrando em uma circular, que lhe faz honra, o meio de substituir o terror pelo amor, os castigos pelos conselhos.

Nos dois relatorios que aprezentou, discutio com proficiencia admiravel as questões relativas ao ensino.

Desde este tempo o Barão de Macahubas começou a ser a figura mais saliente da pedagogia brazileira.

O Visconde de Castilho, chamando-lhe mestre, dice, que esses relatorios muito haviam de contribuir para o desenvolvimento literario e scientifico de todo o Brazil.

Desgostozo por ver, que suas idéas não eram postas em execução como elle dezejava, deixou o Dr. Abilio Cezar Borges a directoria dos estudos e resolveo abrir um grande estabelecimento de ensino, onde podesse executar o seo programma pedagogico com inteira liberdade.

E' assim, que, em Fevereiro de 1858, gozando de invejavel reputação, fundou o Gimnazio Bahiano, em cuja direcção esteve 14 annos.

Ainda perdura a fama d'aquelle collegio, o mais notavel de seo tempo, e que aprezentou discipulos da ordem de Ruy Barboza, Castro Alves, Rodolfo Dantas, Satiro Dias, Benicio de Abreo, Lino de Andrade, Dr. João Florencio Gomes e innumeros outros.

O Gimnazio Bahiano foi recebido tão anciozamente pelos paes de familia de todo o Brazil, que em poucos mezes contava 300 alumnos.

O Gimnazio Bahiano era o collegio predilecto do Marquez de Santa-Cruz, que prezidio á sua fundação e todos os annos comparecia ás solemnidades collegiaes. Tambem foi o unico estabelecimento particular vizitado por D. Pedro de Alcantara, quando em 1860 vizitou a provincia da Bahia.

Depois de varias viagens á Europa, onde estudou com afinco as questões pedagogicas e relacionou-se com

mens mais eminentes, resolveo procurar um campo mais vasto para applicação dos methodos que adoptou, e assim estabeleceo-se em 1871 n'esta capital, fundando um collegio modelo, sem rival na Europa, com a denominação do *Collegio Abilio*.

Os rezultados do novo ensino intuitivo aprezentados foram sorprehendentes. Todos os jornaes unanimemente manifestaram o seo apreço.

Os estrangeiros celebres, que vizitavam a capital federal, como Hartt e outros, não podiam conter o seo enthuziasmo ao verem no Brazil uma caza de educação comparavel com as melhores da Europa.

Tendo feito nova viagem á Europa em 1877, deixou a direcção do collegio, que funccionava nas Larangeiras, e em sua volta, com enthusiasmo incrivel, fundou mais dois grandes collegios, um em Botafogo, dirigido pelo seo filho Dr. Joaquim Abilio Borges, e outro em Barbacena.

A justa reputação d'esses dois collegios foi extraordinaria, e n'elles todos os aperfeiçoamentos pedagogicos eram adoptados.

O Barão de Macahubas foi em 1882 nomeado pelo governo seo delegado no congresso pedagogico internacional, que se reunio em Buenos-Aires. Ahi fez figura brilhantissima, tomando parte nas importantes questões debatidas.

O governo imperial, que já o havia nomeado Barão de Macahubas, concedeo-lhe por essa occazião as honras de *grandeza*.

Para mostrar os ingentes esforços empregados pelo Barão de Macahubas pelo aperfeiçoamento do ensino bastavam as expozições, em que aprezentou os rezultados de seo ensino.

Em 1883 expoz o material technico do collegio, que fundára com seos filhos os Drs. Abilio Cezar Borges e Joaquim Abilio Borges, material inexcedivel em qualidade e em quantidade.

Por essa occazião deo mais uma prova pratica, publicando o seo methodo de ensino, coroado de surprehendentes rezultados.

Na ultima expozição universal de Pariz obteve a grande medalha de ouro pelos apparelhos que inventou, entre os quaes sobresaem o apparelho escolar multiplo, o fracciometro e o apparelho cosmographico.

O Barão de Macahubas educou centenas de meninos gratuitos, dando-lhes até roupa, livros e o quanto necessitavam.

Alguns d'esses meninos pobres hoje occupam notaveis pozições.

Muito mais de um milhão de compendiõs offereceo o Barão de Macahubas ás escolas do Brazil. Este facto, que a todos cauzava admiração, foi incontestavelmente de extraordinario alcance para a instrucção popular.

Tendo imaginado um methodo de leitura, que denominou *Leitura Universal*, e convencido de que prestaria inestimavel serviço á sua patria, abrio varios cursos publicos gratuitos de leitura, provando á saciedade que o seo methodo tinha sobre os outros incontestavel vantagem.

No minimo tempo possivel conseguio, que adultos analfabetos aprendessem a ler.

Por occazião da guerra do Paraguay animou o espirito publico, escrevendo nos jornaes, e armou á sua custa o batalhão dos *Zuavos Bahianos*, que tão heroicamente bateo-se pela patria.

Foi dos mais ardentes abolicionistas da Bahia. Fundou com outros a sociedade libertadora *Sete de Setembro*, da qual foi prezidente emquanto esteve na Bahia, e depois nomeado prezidente honorario, quando a sociedade era dirigida pelo conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas.

Esta sociedade foi a primeira, que no Brazil fundou um jornal o *Abolicionista*, para defender a cauza da emancipação.

A pedido de muitos prezidentes de provincias, formulou planos de reforma, entre os quaes sobresaem: primeiro o que, por pedido do Visconde de São-Lourenço, formulou e foi approvado pela assembléa provincial; segundo o que escreveo quando encarregado pela commissão nomeada pelo Barão de Mamoré para reformar o ensino da cidade do Rio de Janeiro.

Foi condecorado com as commendas de Christo e Roza e de S. Gregorio Magno, e por decreto de 30 de Junho de 1881 agraciado com o titulo de Barão de Macahubas, sendo-lhe conferidas as honras de grandeza a 3 de Junho de 1882.

O seo nome está ligado a todas as tentativas para o melhoramento do ensino; era membro benemerito de quazi todas as associações propagadoras de instrucção.

Do estrangeiro recebeo innumeras provas de apreço; assim é que a Republica Argentina creou uma escola publica com o seo nome, e na Belgica, França, Inglaterra, Allemanha, etc., seo nome era considerado a ponto de serem-lhe enviados jornaes pedagogicos e revistas como que si os tivesse assignado.

A Associação Protectora da Infancia Desamparada tambem deve-lhe muito, pois concorreo com donativos no valor de muitos contos de réis para a creação do Azilo Agricola Santa Isabel, fundado no Desengano.

Entre seos trabalhos figuram os seguintes mais notaveis:

1. Propozições sobre sciencias medicas. Thése inaugural, Rio de Janeiro, 1847.

2. Memoria sobre a mineração da provincia da Bahia.

3. Relatorio sobre a instrucção da provincia da Bahia, 1857, 1858.

4. Discursos sobre a educação.

5. Gramatica portugueza.

6. Gramatica franceza.

7. Epitome de geographia.

8. Primeiro livro de leitura.

9. Segundo livro de leitura.

10. Terceiro livro de leitura.

11. Methodo para o ensino do francez.

12. Vinte annos de propaganda contra o emprego da palmatoria e outros castigos aviltantes no ensino da mocidade.

13. Vinte e dois annos em prol da elevação dos estudos no Brazil.

14. Pequeno tratado de leitura em voz alta.

15. Dezenho linear ou geometria pratica popular.
16. Luziadas de Camões (edição escolar).
17. Conferencia sobre o apparelho escolar multiplo e o fracciometro.
18. Conferencia sobre o ensino moderno no *Collegio Abilio.*
19. A lei nova do ensino infantil.
20. Leitura universal.

Tem no prélo trez trabalhos pedagogicos, escriptos de collaboração com o dr. Joaquim Abilio Borges, seo filho e actual director do *Collegio Abilio.*

VOCABULARIOS INDIGENAS

ORGANIZADOS POR

Eduardo Arthur Socrates

TENENTE DE ARTILHERIA

§ 1

Vocabulario da tribu Carajá, habitante do rio Araguaia na provincia de Goiaz.

A

Avô	Ulá-biê
Avó	Ulá-rê
Arco	Uaxinaté
Anta	Conri
Arroz	Mainximúm
Abobora	Tocaerá
Annel	Uômatêdebó
Alavanca	Mururé
Amanhan	Guênáu
Agua	Bêô
Assentar	Bônãn
Aqui	Caqui
Aperto de mão	Bauritini
Arára	Bêêcá
Aguardente	Inêrôdiúbreré
Amigo	Uá-ré-bone
Anus	Eti
Arraial	Auá-irioré

B

Braço	Axió
Burro	Tonhontêcãn
Banana	Diatá
Batata doce	Catêrutê
Bijú	Ibólocé
Boca	Ré-hê
Barro	Sôô
Bigode	Sôcôceré
Barba	Diutêterê
Brinco	Son-ontê
Boi	Bôrôrêne
Bezerro	Bôrôrêne-irioré
Biscouto	Querô-tio
Bengala	Dôredêtê
Bater	Iê-taine
Bonito	Auêtê
Bom	Dê
Bebês	Reiôn
Barriga	Uáe-hê
Buraco nazal	Dêêrê-nhô
Bahú	Conó-rôdêdêcãn

C

Copo	Bunomôna
Capitão	Ioló
Christão	Tauri
Cobra	Emanlalá
Cascavel	Emanlalá-inêrôdê
Cotia	Acuri
Cavallo	Cavarú

Cesto para conduzir criança. Uêrui
Cesto para conduzir utensilios..... Berrirá
Cordão que cingem ao pescoço..... Bêrubê
Carne..... Irodiabê
Cabello..... Raibê
Chapeo..... Raá
Circumferencia facial..... Otomãnrinobê
Cama..... Erinã
Céo..... Bim
Cabeça..... Ras
Chapeo de sol... Dêrebête-dêu
Caçar..... Andooê
Copular..... Arãn-ône
Cortar..... Mãê
Cortar cabello.. Béra-crô
Coité..... Uabô
Compadre..... Uacãn
Chorar..... Ruinãn-rã
Cavar..... Aracêranãn
Cozinhar..... Man-êrã
Calôr..... Bdê-totiqué
Chuvas..... Bim (céo)
Cheirar..... Tanan-rêlê
Canôa..... An-nhô
Cotovello..... Dãe-ohú
Côxa..... Irôti
Costas..... Brotê
Calcanhar..... Uarãureoô
Cinco..... Iruquêrê
Como chama-se?..... Moiné?
Cazar..... Sôuira
Comida..... Birôci
Copim..... Daê
Cidade..... Anã-ancãn
Café..... Iuêrô
Caza..... Bênanãn

D

Dinheiro..... Infadiná
Defunto..... Bôbô
Dormir..... Rôn-rôn
Dia..... Tinaráreari
Diabo..... Iêêrêrê
Deos..... Quinanxiûe
Dente..... Diú-hú
Dois..... Nadi
Doente..... Bêná
Dança..... Ixé

E

Espingarda..... Mancauã
Estrella..... Daquinãn
Espelho..... Essidequé
Esta..... Cucêênê
Enxada..... Búrúré
Enxergar..... Berebedicãn
Espera ahi..... Siocré
Evacuar..... Anricuquê
Eu quero..... Edeau-anraurecré
Escrever..... Bê-rôtenãn
Espoleta..... Mancauã-nonhonte

F

Flexa..... Uêrrê
Flexa pequena.. Uerrê-iriôrê
Feijão..... Comântá
Fogo..... Eotê
Fumo..... Cootê
Faca..... Maoê
Formiga..... Colobûre
Feio..... Ebênâne
Foice..... Maêrubú
Fumar..... Catinôeuribó
Febre..... Adiurãn
Frio..... Guêêu
Farinha..... Guinandé
Fedêr..... Irori
Furtar..... Ranãcênãn
Fome..... Remãn

G

Genipapo..... Bedná
Gallinha..... Aniqué
Gallo..... Aniqué-abú
Guerreiro..... Andiúronãn
Gravata..... Bêtolôbê
Gente-branca... Itatquêurá

H

Homem..... Aabú
Hoje..... Uidé

I

Irmão..... Naderioré
Inhame..... Tocaerá-tó
Indio..... Dê-anrãn
Igreja..... Aêbô

J

Jacaré ..... Cabroró
Jatobá..... Quênâ
Jaboti..... Cotôbenãn

L

Lua..... Uá
Laranja..... Bderatê
Levantar..... Bêxixá
Longe ..... Iriêtêê
Lagôa ..... Anrô
La..... Quênáu

M

Mulher cazada... Uládôcé
Mulher solteira.. Idiadôma
Moça ..... Auqui
Mãe..... Nadê
Menino..... Uladô
Macaco..... Crêobê
Mão ..... Daebó
Mandioca brava. Andiúra
Mandioca mansa Irê
Milho ..... Ma-hi
Mangaba ..... Eruri
Morrêo..... Rôrôra
Machado..... Uómá
Mingáu..... Iuêró
Matar ..... Rêrêbúna
Membro genital do homem.... Uanôn
Membro genital da mulher.... Daê-hê
Manga..... Autóbureni
Manhan..... Ruetêa
Morro ..... Auáló
Missanga..... Siúra
Muito ..... Sonêtê

N

Nariz..... Dêêrê
Noite ..... Ru-hú
Negro ..... Adeodô
Nadegas..... E'ti
Nove..... Rêrêra
Não..... Daari

O

Olho..... Ruê
Orelha ..... Nanhontê
Oito ..... Inaton-rêuró (?)
Ourinar ..... Anrizô

P

Periquito..... Biri
Paca ..... Adiu
Pedra ..... Mânà
Páo..... Cootê
Panella ..... Uatiioré (?)
Papagaio..... Doré
Peixe..... Quêtôrá
Pario ..... Reô
Pote ..... Beru-êna
Perna..... Rôtê
Pé..... Dêê
Pescoço ..... Lotê
Pestana ..... Ruxé
Patrona ..... Cotrana
Perdiz ..... Moerdó
Porco..... Ixãn-nê
Porco do mato... Ixãn
Perto ..... Iôtê.

P

Pequeno..... Iriquitieté-irioré
Peito ..... Uê-ia
Pulso..... Dueco-rutaê
Pegar..... Beiman
Pintar ..... Rêdê-que
Polvora..... Maucauá-dé
Pato ..... Ahê-cancoré
Penna..... Têê

Q

Quatro ..... Imãn-biáua

R

Rêde ..... Riê
Roupa..... Taquê
Rir..... Dutiu-enân
Rio..... Beêró
Rio Araguaia.... Beêró-riori
Roça ..... Couori

S

Sol..... Tiu-hú
Supercilio..... Ruxê
Siucuri..... Lê-hê (?)
Sapato..... Ua-ha

T

Tatu..... O-hân
Tacape ..... Cootê
Tezouro..... Ocrécinâ

Trabalhar.....	Aumancândecân
Terra.....	Sònô
Tanga.....	Labêce
Trazer.....	Bêdenê
Trovão.....	Biú-mantchi
Testa.....	O-rãn
Trez.....	Na-tâu

U

Unha.....	Dêxiê
Urubú.....	Ra-rá
Um.....	So-òdi

V

Vamos.....	Joira
Veado.....	Budoé
Vaca.....	Bòrôrene-auquê
Vela.....	Andiuròna
Venho.....	Quê-rê
Vá comer.....	Roxime-ma-ha
Viajar.....	Diòira

Z

Zangado.....	Raeburé-uantirêrê

§ 2

Vocabulario da tribu dos Xerentes habitantes do valle do rio Tocantins na provincia de Goiaz.

A

Avô	Incredá
Arco	Cumicàn
Anta	Quidè
Arroz	Caró
Abobora	Cuzapó
Annel	Daniperáinácizé
Alavanca	Brutuné
Amanhan	Auá-incuci
Agua	Cû
Assentar	In-nhemandrá
Aqui	Nomàe, Crêui
Aperto de mão	Ucipáteté
Assoar	Daniribó
Arára	Sointé
Aguardente	Cuicuzé

B

Braço	Da-painôn
Burro	Sumzanipocripori
Banana	Spócrân
Batata doce	Cumèdi
Bijú	Cupá-remèn
Boca	Dasdauá
Barro	Zé
Bigode, barba	Dasdabú
Brinco	Daniperáinácizé
Boi	Quitècú
Bezerro	Quitècnumzapú
Biscoito	Scacriremèn
Bengala	Uacró
Bater	Quapcissi
Bonito	Psèdi
Bom	Psèdi
Bebèr	Uazazecrèn
Barriga	Dadi
Buraco nazal	Daperènzânizé
Branco (gente)	Uècadi
Banhar	Aêtupori
Bozina	Cupáu-ênrê
Baptizado (christma)	Dá-sincanti

C

Corpo de barro	Iècizé
Copo de vidro	Quitècri
Capitão	Captó
Christão	Quitèuanôn
Cobra, (em geral)	Anquê
Cascavel	Uá-hi
Cotia	Zèuri
Cavallo	Súm-zari
Cesto para conduzir crianças	Amóduri
Cesto para conduzir utensilios	Xicunúm
Cahio	Moaptaurân
Cordão que cingem ao pescoço	Dânócroaci
Cará	Muconi-pré
Carne	Tèquemôni
Cabello	Dázá-hi
Chapeo	Cren-hinâmptoró
Céo	Bdèl
Comer	Uèuriaçá
Cabeça	Da-crân
Chapéo de sol	Arbópahi
Caçar	Sassari
Copular	Datroquá
Cortar	Suèuri
Cortar cabello	Crèmpori
Coité	Zéptèdi
Compadre	Incamôn
Chorar	Uàssiûacôn
Cavar	Tmassacrú
Cozinhar	Naptôdèbri
Capital de Goiaz	Crizauré
Calor	Rôuàcró
Chuva	Tân
Cheirar	Sdazièndi
Canôa	Cubà
Cigarro	Sicarin
Cotovello	Dainemizáquinan
Côxa	Dazaèn
Costas, espadnas	Daminân-uà
Calcanhar	Dapracrèdá

Cinco	Mèrôntôndi
Corpo pintado (tatuagem)	Cumânhari
Como chama se?	Naquá!
Cazar	Zalômôrôn
Catêto (caititú)	Bôêrê
Caxorro	Uápsân
Cangalha	Incázadêzé
Caza	Cri
Carro	Udêu-zaquà

D

Dinheiro	Quitêprêzú
Defunto	Dadêu, Iêpânrin
Dormir	Uanitonquabô
Dia	Amzumorê
Diabo	Paptôconprân
Deos	Uaptoquà
Dente	Daquà
Dois	Ponquanê
Doente	Inquizêqui
Dança	Uapsdá
Dôr de cabeça	Inerânzequi
Dôr de barriga	Indquizêqui
Dôr de dente	Daquazè
Doudo	Sicrân

E

Espingarda	Cumicân-uanôn
Estrella	Uaci
Espelho	Daspibuzè
Ema	Mân
Está bonito	Tupi ônenqui
Enxada	Quitêpô
Enxergar	Comandêquê
Espera ahi	Adú
Evacuar	Iascudà
Eu quero	Naprêzà
Escrever	Cuincré
Eu quero comer	Uaciúmeci
Eu quero dormir	Uazainhuntôn
Eu quero beber	Uazâzecrên
Eu	Uá-hân
Elle	Con-hon
Está lá	Con-nomên
Está aqui	Nomên

F

Flexa	Ti
Flexa pequena	Ti-quiri
Feijão	Uâzunzé
Fogo	Cuizé
Fumo	Uânri
Faca	Smiquizé
Formiga	Crenti
Formiga tocandira	Massá
Feio	Uastêdê
Foice	Cupanônê
Fumar	Ualcapré
Flexas	Tumanmaên-nân
Febre	Siê
Frio	Iicuitabdê
Farinha	Cupà-zu
Fedêr	Croiti
Furtar	Tamaradusedi
Fôme	Dapômanrân
Filho	Craré

G

Genipapo	Udêcrân
Gallinha	Siçà
Gallo	Ambu
Guerreiro	Danitecrú
Guerreiro novel	Uapté
Gravata	Soncroacicrân
Gavião	Sicú

H

Homem	Ambûe
Hoje	Toctozimorin

I

Irmão	Inorê
Inhame	Muconi
Indio	Acoên
Igreja	Dacinquaquiburc[illegible]

J

Jacaré	Cuiè
Jatobá	Cucôn
Jatobá	Cucân
Jacú	Acapré

L

Lua	Uâ
Laranja	Rarân
Levantar	Aicutû
Longe	Romèucutab[illegible]
Lá	Conô-mâirê

M

· em geral Picon
· cazada.. Mrônrê
· solteira.. Mrôntôn
... . Bacredá
..... Datequi
)..... Aiquidi
..... Crucori
..... Dampucrâ
ca brava. Cupà
ca mansa Cupò-zi
..... Nozê
a..... Critó
..... Matòdêuri
lo..... Smizapù
..... Camêxarên
..... Catominquabà
o guital do
em..... Dasdû
o genital
ulher.... Dacri
..... Degrêucuzè
..... Romizacraurè
(elevação) Sânrân
ente..... Caráuzáurêdi
..... Zaurèdi
) ..... Macù

N

..... Danicri
..... Manzá
..... Urazuarà
s..... Dacû
..... Auê-hui-tacubûrè
..... Tonicân

O

..... Datò
..... Danipocri
..... Ucû
..... Dazê

P

to.. .... Crèn-ri
.... Crauà
..... Quinè
..... Udi
..... Imômân
..... Pizá
io..... Uà
..... Cupi
..... Catobrò
Pote..... Zè-ri (caza de barro)
Perna ..... Dazá
Pé..... Daprá
Pescoço..... .. Dabdu
Pestana..... Datomonsû
Pomba... ..... Caquinon
Patrona..... Patró
Perdiz..... Uinqui
Porco..... Cobêu
Porco do mato... Cuèbè
Porto Imp^al (cidade)..... Criurân
Perto. ..... Ronturicri
Pequeno..... Xururiqui
Peito..... .. Daètòpicran
Pulso..... Danêmizú
Pezar..... Quèri
Pintar..... Prèdi
Polvora..... Insú
Pato.... ..... Mancú
Penna..... Mansù
Papel... ..... Iècucá
Pedir..... Urenicamon
Porta..... .. . Cri-zidauá
Preguiça..... In-uacadi
Padre..... Danarên
Primo..... Nòcurèquá

Q

Quatro..... Squâimpci
Quer cazar?..... Intai-morôndrà?
Quartel..... Siurdà-nhorôna
Quero..... Imoêm-cutabdi

R

Rêde..... Sacozé
Roupa.. .. .... Sicuzà
Rir..... Dacuimpi
Rio..... Quêu
Rio Tocantins... Quêu-nân-nen
Reino ..... Cubà-zatzè
Roça ..... Brú

S

Sol..... .. Sdacró
Sim..... Inhè
Soprar ..... Sacuri
Secar..... Crèpsèdi
Sair..... Uè-uatobrô
Sovado..... Dazacri
Seis..... Simoronptêdi
Sete .... Caèqui
Supercilio..... Dacuiè
Sapato..... Paracuzá

T

Tatù-peba..... Uarãn-pocredà
Tacape ..... Cuiró
Tezoura... .... Sizeiré
Trabalhar..... Uanipiuquabà
Terra..... Têcà
Tanga ..... Dacucizè
Trazer..... Iaduri
Trovão..... Têcrênãn-rãncan
Testa..... Daquanocù
Trez..... Mrêpranên
Tiro..... Mauà-nôn-ròn
Tio..... Imomãn-nhonci

U

Unha..... ... Daniquibò
Urubù..... Spadù
Um .... Siumicè
Umbigo..... Daninauquá

V

Vamos ..... Uênari
Vamos embora.. Mêrèquibà
Veado ..... Pò
Vaca ..... Quitêiuacù
Vela..... Tomorò̀rò̀
Viajar ..... Zatuê-crenuani
Vermelho ..... Prêdi
Verde..... Cuzèraudi

Z

Zangado..... Sticruiti

§ 3

Vocabulario da tribu Caiapó, disseminada pelas margens do rio Araguaia na provincia de Goiaz.

A

Avô..... Tui
Avô..... Nhêta
Anta..... Cucrète
Agua..... Un-hô
Arara..... Moni
Agua clara... .. Meide-meide
Agua suja..... Un-hô-axuê

B

Boca ..... Iâe-quà

C

Copo..... Coidicarôra
Cobra..... Canhôn
Cavallo..... Cavarû
Cabello..... Quimo
Chapeo..... Crandiè
Cabeça..... .. Crân
Caxôrro..... Lôbre
Caza..... Qui-cré
Calça..... Clas-có
Camiza..... Cò
Cunhado..... Imóere
Cunhada..... Popânhe
Cabra..... Môre
Capivara..... Cunûme
Campo..... Copôto
Colher..... Còt

D

Dia..... Aringrô
Dente..... Iduá

E

Estrella..... Caneti
Ema..... ... Maoti

F

Faca.. ..... Ingrá
Febre..... Canè

G

Gallinha..... Ocrèn-ain
Gallo..... Ocrèn-ain
Gazes intestinaes Baipè

I

Irmão..... . Amira
Irman ..... Itôn
Igreja..... Icrè

J

Jacaré..... Mim
Jacú..... .... . Mutênque
Jaó..... Atoró

L

Lua..... Mut-rúre
Lobo.. ..... Bù
Ligeiro..... Amibete

M

Mãe..... Nire
Mão..... Nicro
Mutum.. ..... . Tucti
Marreco ...:.... Quen-icóque
Mato..... Bâe
Maribondo..... Amir

N

Nariz..... Nhacré
Noite ..... Acamote
Não..... Quanrique

O

Olho..... Nó
Olho azul..... No-carora
Olho negro..... No-tucre
Onde..... Oha-hône?
Orelha..... Iamác
Onça..... Ilóp
Ôvo..... Naré

P

Periquito..... Cruê
Pae..... Diûne
Papagaio..... Cruesdi
Pote..... Odêndiâ
Pescoço..... Nhocrêndi
Pombo..... Tuti
Perdiz..... Metil
Porco..... Angro-amure
Peito..... Nhô-miê
Pato..... Ocainti
Primo..... Mêprimre
Paletôt..... Cò
Pica-pão..... Inhóe
Pôrto..... Prê
Praia..... Pucatingrá
Perú..... Octi

Q

Quer?..... Tuãn?

R

Rêde..... Beptú
Rêmo..... Cò-pône

S

Sol..... Mut
Sogro..... Nire
Socó..... Cam-meiti
Saracura..... Quen-tòi
Seriema..... Mrec

T

Tucano..... Soncré
Tartaruga..... Caprãn
Telha..... Inhûa

U

Unha..... Nicóp
Urubú..... Inhoêne

V

Vamos..... Oai-tône
Vapôr..... Cò
Vêsgo..... Nhonicáte
Veado..... Ninandú
Vaca..... Mure

UM ATOMO
DA
HISTORIA PATRIA

HISTORICO
DA
SOCIEDADE AMANTE DA INSTRUCÇÃO

PELO

Dr. Alfredo do Nascimento Silva

INTRODUCÇÃO

Para uns, abre o céo manhã de flores;
Meio dia de fructos e doçuras;
Tarde de encantos mil; noite de amores;
Sonho de gloria, affectos e venturas.
Para outros, as noites não têm lua;
O sol é sem calor, o ar sem perfume;
O leito... sem enxerga! A meza... nua!
Os armarios... sem pão! O lar... sem lume!

(THOMAZ RIBEIRO)

Quando o historiador lança os olhos sobre a sociedade que vai estudar, nesse grande reboliço do immenso palco em que se passam as scenas da humanidade, é o aureo fastigio da ostentosa riqueza o que no primeiro plano e mais salientado depara a sua vista. Com todas as galas de um pomposo conforto ostentam-se os apaniguados da sorte, sobre os quaes se derramam á flux as opulentas cornucopias da caprichosa fortuna. Em sumptuosas vivendas architectadas com arte, saturadas de luxo e conforto, paramentadas de ricos adornos com que a industria lisongeia a vaidade, elles desfructam as delicias de um grato viver, libando em finas taças os filtros de volupia,

saboreando nos exquisitos manjares de seus fartos banquetes, os inebriantes prazeres de despreoccupado existir. Ebrios das pompas da riqueza, voam em seus trens custosos, aos bailes e aos passeios, ás festas e aos theatros, em busca sempre de novos aperitivos a reviver-lhes os sentidos embotados por excesso de gozar!

Atraz desses vultos mais salientados, destaca-se em se[illegible]o plano a enorme legião dos que se movem n'uma [illegible]a mais restricta, embora ainda bastante ampla, [illegible]do nas especulações dos seus negocios, nas labu-[illegible] dos seus encargos, os bastos recursos de desaffron-[illegible]iver.

[illegible]se kaleidoscopio gigante. em que os mesmos ele-[illegible]se grupam de mil ma[illegible]ersas, n'um continuo [illegible]ar, sente-se um turb[illegible]ifuso do povo acoto-[illegible]do-se nas praças, o re[illegible] dessa massa enorme, [illegible]to reciproco desses [illegible]s heterogeneos, pere-[illegible] rolando como que [illegible]sca de um equilibrio [illegible], eternamente irrealisavel. No vozear confuso [illegible]malgama social, fundem-se em desharmonico con-[illegible]as risadas e as palmas, [illegible]rantos e os lamentos, [illegible]recações e as supplic[illegible]luzindos mais diversos [illegible]mentos, as mais varia[illegible]s, as mais sacrosantas [illegible]rtudes ou os vicios mais [illegible]!

Nesse palco, em que [illegible] actores e espectadores, os personagens se misturam n[illegible]a confusão desordenada, e não mostram a quem por al[illegible]s observa, a feição propria no seu caracter. Ao entrar em scena afivellam a mascara que nos illude e lá os homens de merito e valor, os caracteres rectos e nobres, as angelicas virtudes das virgens pudibundas e das damas respeitaveis, confundem-se com o tripudio vil dos caracteres negativos, com os peçonhentos tartufos, disfarçando a hypocrisia de um riso a mentira de um sentimento, occultando n'um galanteio estudado a calumnia e a ironia mordaz, encobrindo com vistosos ouropeis as podridões da realidade e ataviando de galas as miserias e os vicios. Ahi o orgulho apparente encobre não poucas vezes um coração generoso, o luxo faustoso serve de capa á ruina ou de mortalha á fortuna, ao passo que sobre os andrajos do mendigo ha muitas bolsas

prenhes de ouro; ahi, na honradez de muitos envolve-se um galé, e o coração da messalina que a sociedade repudia, enthesoura por vezes mais nobreza que o daquella a quem ufano se estende a mão; e por isso, se pretendessemos estudar esses personagens, teriamos de ir encaral-os nos seus camarins, quando, ao cahir da mascara, enfrenta-se com a nudez da face onde se pinta a verdade.

No fundo deste quadro jaz uma multidão muito maior e muito diversa dessa que acabamos de ver. Forma-a a onda dos necessitados, dos verdadeiros desgraçados, dos desherdados da fortuna, dos filhos bastardos da sorte, dos quaes a maior parte foge do palco em que se representa a comedia humana, occulta-se luctando a sós com a miseria, não ousando estender a mão á caridade publica, porque de pejo lhe enrubeceriam as faces aos escarneos da populaça ou á indifferença dos afanosos que passam.

São os honrados operarios, onerados de numerosa prole, ganhando com os pesados trabalhos braçaes o parco sustento de cada dia; são as viuvas carregadas de filhos, a quem a morte impiedosa roubou de subito o sustentaculo e o arrimo, lançando-as a braços com a fome e a miseria com que terão de luctar; são as legiões desses filhos sem pais, desgraçadas crianças, que, no horror da orphandade, entram a esmo na vida, sem os carinhos de mãi e sem os conselhos paternos que lhes apontem o caminho do bem; são os tristes engeitados que a miseria ou o vicio, a necessidade ou o crime, roubou aos seios das mãis atirando-os no mundo ao seu primeiro vagido; são as filhas da pobreza, soffrendo por ser honradas, ou chorando de vergonha quando a luxuria as explora; são todos esses desgraçados que a molestia invalidou e, roubando-lhes o braço ao trabalho, enfrentou-os com a miseria e atirou deshumanamente ás portas de um hospital; são, finalmente, os naufragos do mundo que não puderam luctar contra os temporaes, e tombam, homens, mulheres e crianças, no fundo lodaçal dos vicios, atufando na podridão crapulosa, todos os sentimentos de honra, de nobreza e de pudor, vendendo corpo e alma nos mais infames mercados, annuviando a razão nos delirios da embriaguez, suffocando o coração no meio asphyxiante

dos tetricos lupanares, primeiro degrão dos crimes onde vão inaugurar uma vida em cujo termo se encontra a bala do suicida, a cella do louco, a cadeia do galé ou os degráos do patibulo!

—

E' indispensavel estudar tudo isso, apreciar o papel de todos estes elementos no funccionar do organismo social; conhecer de perto os males da humanidade para os previnir e curar. No immenso turbilhão da vida, a onda impetuosa do gigante que se chama povo, passa, corre, vôa pressurosa ao seu destino, em busca de conquistar os seus direitos, de crescer, subir e impor-se á historia que até hoje o esqueceu. Elle é surdo aos gemidos dos que caem e indifferente aos lamentos dos que imploram compaixão; e no emtanto é preciso soccorrel-os porque esses que tombam serão pisados e esmagados pelos que passam e rolam de abysmo em abysmo até o fundo lodaçal da vasa crapulosa, onde se putrefazem as victimas da morte moral, e com suas putridas emanações infeccionam a sociedade.

Quando impetuoso vendaval agita com furia desmedida os frondosos vegetaes, que a primavera esmaltou de flores promettedoras de sazonados fructos á entrada do outono, ellas violentamente arrancadas, rolam nos turbilhões de poeira, levando comsigo as mais gratas esperanças do seu cultor, e vão longe apodrecer sobre o solo, polutas e esphacelladas, sendo germens de infectos miasmas quando no emtanto poderiam ser os mais uteis elementos da producção vegetal, adornando com matizados e succulentos fructos a folhagem verde-negra que os occulta aos cobiçosos. Assim no mundo social, muita escórea que fermenta foi talvez mimosas flores que lindos fructos dariam, mas que, arrancadas e esparsas pelo vento da desgraça, poluiram-se no lodo. Talentos que seriam adorados, fizeram-se réos de negros crimes; corações que seriam sacrarios de virtudes, transformaram-se em ninhos de vicios e torpezas; caracteres que seriam nobres, degeneraram-se em vis pariás; os homens se degradaram, as mulheres se prostituiram e, de envolta com a miseria,

amortalhados no vicio, de mais a mais se chafurdam no infecto lodaçal!

Como sanar esses males? Como amparar essas victimas? Como suster em sua quéda tantos infelizes desgarrados, tantos repudiados da sorte, tantos bastardos da fortuna?

A hygiene sanêa os pantanos sustando-lhes a podridão; prepara por todos os meios ao seu alcance os debilitados para a lucta, fortalecendo-lhes o corpo; impede o contagio do mal, isolando os sãos dos infectados, levantando barreira entre elles, emquanto suffoca nestes os males que os atacam.

A hygiene social tem de proceder do mesmo modo, vigiando de perto a podridão, queimando impiedosa as pustulas sociaes, sacrificando os membros para salvar o corpo e, sobretudo, amparando na quéda os que tombam, sendo mãi da orphandade e regaço dos abandonados, fortificando os espiritos, diffundindo-ihes a instrucção, e pregando-lhes a moral!

—

Desde a mais remota antiguidade um sentimento nobre, caracteristico do coração humano, impelle o homem a dar a mão ao desgraçado que cahe, a lançar as migalhas da sua mesa no regaço dos que tem fome, a atirar o obulo aos que imploram ou a lenir os que soffrem. A religião de Christo, prégando com o exemplo a Caridade, veio fortalecer no animo dos seus adeptos esse instincto altruista revestindo-o de um caracter mystico, enaltecendo o seu merito. Congregando-se em pias associações a legião dos bemfeitores reune os seus esforços em prol dos necessitados e, contituidos em ordens religiosas ou philantrophicas sociedades, levantam templos á Caridade, que, aqui recolhem os enfermos, amparam os invalidos e obrigam os indigentes; alli abrem suas portas aos desvalidos da fortuna, áquelles a quem a natureza impiedosa roubou a luz dos olhos ou apagou o facho da razão, e acolá transformam-se em asylos da viuvez, em recolhimentos da orphandade, em redis abrigadores das tempestades do mundo. Por todos os cantos do orbe

civilisado erguem-se os grandiosos monumentos da benemerencia popular. A ella vem juntar-se a intervenção dos governos não poucas vezes prestando-lhe amplos subsidios, coadjuvando-a em sua obra portentosa, e concorrendo com ella sem no emtanto embacear-lhe o brilho, sem tirar-lhe o merito, nem arrefecer o enthusiasmo crescente da iniciativa particular.

Ao lado desse amparo que dá o tecto e o pão, diffunde-se o pabulo do espirito dando com a prodigalidade a instrucção. Estes dois grandes elementos são basicos da civilisação, porque é instruindo o povo e amparando os que cahem, que se saneará a podridão social; a cada escola que se abre corresponde uma masmorra que se fecha, a cada desgarrado que se ampara uma victima que se arreda das penitenciarias; e no dia em que o povo todo fôr instruido e os recolhimentos de caridade numerosos bastante para amparar a todos os necessitados, então a civilisação resplandecerá n'uma apotheose de gloria, celebrando á humanidade o seu mais grandioso triumpho!

—

Vamos historiar resumidamente nestas paginas uma dessas pias e benemeritas associações, e assim procedendo trazemos um contingente á historia da nossa patria.

Longe vai o tempo em que a historia, deixando-se illudir pelas apparencias e fascinar pelas pompas da grandeza e pelo fausto dos potentados, limitou-se a ser a chronica dos reis, dos nobres e dos vultos mais salientados pelos seus titulos de gloria. Nesse tempo visava-se o throno aureolado de grandeza ou cercado de miseria; consideravam-se os satellites do solio monarchico, mas não se olhava para o gigante que o sustenta em seus hombros, para esse colosso que vale tudo e a que nenhuma importancia se ligava, isto é o povo, cuja soberania no emtanto agora se impõe. Por isso o ponto de vista desses estudos é hoje inteiramente outro, mais justo e verdadeiro. O papel dos grandes, dissecados pela critica historica, mostra as infinitas componentes de que elle é a resultante ultimo. A' proporção que delles nos afastamos, ganhando em quantidade o que se perde em

qualidade, vemos os actores se tornarem de mais a mais modestos, porém de mais a mais numerosos, e nos extremos das cadeias que innumeras se fundem n'um só anel, vemos o povo e no fundo deste o proletariado, de envolta muitas vezes com a miseria. Crescendo pouco a pouco e de mais a mais accentuando o seu poder, essa massa popular sacudio um dia as espaduas herculeas e os thronos tremeram em seus aliceres! Os despotas calcaram o jugo, sofreiaram o fogoso corsel, e elle soffreu algum tempo, mas sempre lembrando, n'um vosear confuso, que nelle é que palpita o coração da patria.

Com o correr dos seculos esse gigante fez tudo. Matriz fecunda, gerou em seu seio todas as grandezas possiveis; talento desmedido, concebeu os planos mais sublimes; trabalhador incansavel, architectou um mundo de maravilhas; investigador insaciavel prescrutou a natureza inteira, revolvendo-a por todos os modos, das profundezas da terra aos espaços sem fim; genio creador, tirou d'ahi as artes e creou as sciencias; philosopho profundo, synthetisou por fim tudo isso, conheceu o seu valor, medio as suas forças e, sonhador divino, phantasiou em seu cerebro de fogo uma apotheose gigante, em que surgisse a liberdade do povo, sobre os destroços dos despotas, seccando as lagrimas da miseria com o ouro dos potentados!

Quem auscultasse esse peito de aço, sentiria e lá dentro o resfolegar de um gigante; dir-se-hia que em seus flancos se gerava um vulcão, accusando no bramir das lavas a hypertenção dos vapores, e que em breve iria explodir engulindo em sua hiante cratera todos os falsos ouropeis de uma estulta magestade. Sentia-se um movimento confuso precursorde uma grande crise e viam-se formar as avançadas de um grande partido promettendo revolver a sociedade desde os seus alicerces.

Quando na penumbra do passado, descambava o seculo XVIII, pouco a pouco recuando perante o deslumbramento com que surgia no levante da Historia o seu successor, esse partido, que era o povo, já preparado para o grande certamen, aproveitou ou mesmo inventou um pretexto, e em 1789 ruia por terra a Bastilha, o mais

negro attestado do despotismo senhoril, e, explodindo com a mais sanguinaria sanha, impellido pelo mais sacrosanto sentimento, emancipava-se do jugo, fazia tremer as magestades sobre todos os solios da terra, mostrando o seu poder e a sua real soberania. Não era a causa de um povo, mas a causa da humanidade que se pleiteava alli; o espirito popular irromperia forçosamente e com igual tinanico valor em qualquer outro ponto do mundo, se em outro ponto que não na França a opportunidade se apresentasse; e tanta assim foi, que essa reacção fez sentir seus beneficos effeitos sobre todo o orbe, de nada valendo a opposição das realezas, nem mesmo o herculeo poder de Bonaparte sob cujo gladio curvou-se um dia, para no outro erguer-se mais forte, suffocando esse louco sublime nos campos de Waterloo. Decidida se levantára a reacção contra o absolutismo e o triumpho seria certo, porque quando a humanidade se levanta consciente dos seus direitos sacrifica-se até á ultima gotta de sangue do ultimo dos seus filhos, e a esta força desmedida só outra humanidade pudera resistir.

O seculo XIX foi saudado em sua alvorada com os primeiros cantos da liberdade; elle é o seculo das luzes por ter sido o seculo do povo, que sempre fez muito, mas que só agora faz tudo porque só agora é senhor. A marcha vertiginosa das sciencias, com as suas mais que pasmosas applicações, traduz em grandiosa synthese esse labor incessante que de tudo triumphou, e no hymno que se entôa á Liberdade, ellas dão a nota mais aguda no silvo da locomotiva levando através dos povos o impulso do progredir, a que respondem no mais grave da escala, o troar da artilheria que salva á aurora da redempção, o ribombar do trovão que não mais apavora e o estrugir do raio, que, qual novo Prometheu, o homem roubou aos céos para illuminar-lhe a estrada do progresso e levar a todo o orbe os écos do seu cantar, recolhendo da humanidade inteira os sons esparsos que assim se fundem accórdes nessa epopéa sem par!

Com esse trabalho titanico em que tantas gerações se tem sacrificado, chegámos finalmente ás portas do seculo XIX, Se o caminho percorrido já é grande, se as

conquistas até hoje feitas dos seus sagrados direitos podem encher de gloria as gerações modernas, sobretudo pensando no quanto lhe custaram, infelizmente ainda ha muito a fazer e hoje é directamente o proletariado que surge por sua vez na arena da Historia. Enorme é a legião que se prepara para a lucta e já se ouve o rumor da sua marcha e as notas mais agudas do seu canto. Nessas fileiras não ha pompa nem galas, porque elles vêm pobres exigir o seu salario de longos seculos de labor; vestem a blusa do operario, trazem como armas as ferramentas dos officios, e o tenir das picaretas e alavancas e o malhar das forjas são as notas do seu hymno, dessa nova marselheza que deve talvez ecôar por sobre os destroços de um grande cataclysmo no seculo vindouro!

—

Estas considerações um tanto longas, parecem nos afastar do nosso objectivo, porém são necessarias para firmal-o, mostrando a importancia do estudo que vamos fazer e patenteiando o papel importante que representa na sociedade a instituição que vamos historiar.

Do rapido exposto se deduz que a verdadeira historia é o estudo da civilisação do povo, isto é, da evolução da humanidade e da physiologia social. Organismo complexo, ella fórma um todo que deve ser individualmente estudado; as raças, os povos, as tribus e as familias são os apparelhos e os orgãos desse gigantesco conjuncto, cujo ultimo termo analytico é o individuo homem, a cellula viva da sociedade. Assim como a vida do individuo é a resultante final da somma das vidas dos seus componentes cellulares, assim tambem a vida da humanidade representa a somma das vidas de seus componentes, isto é dos individuos que se congregam em familias, tribus e povos, outros tantos orgãos e apparelhos elaboradores da civilisação. A cellula é o atomo do individuo, este é a cellula da humanidade, e ella uma diminuta parcella do mundo que, por sua vez é apenas um atomo do universo!

Se a biologia, sciencia abstracta que estuda os problemas geraes da vida, só se póde constituir quando a

physiologia em seus estudos concretos arguio todos os orgãos, todos os apparelhos e, uma por uma, todas as cellulas do organismo; assim tambem a sociologia, a nova sciencia abstracta, que estuda a ordem humana collectiva, a existencia social, as leis naturaes dos phenomenos politicos, só se poderá constituir quando a historia, como physiologia social, tiver estudado a vida dos povos, fornecendo assim material para as suas conclusões. Se sobre os conhecimentos biologicos architectamos a hygiene e a therapeutica, applicações praticas desses estudos, tendentes a regularisar a vida dando-lhe confort e evitando-lhe os males; tambem á sociologia seguir-se-ha o estabelecimento de governos e promulgações de leis tendentes áquelle fim, a organização de uma dynamica social devendo collocar cada um livremente em sua esphera de acção, firmando-se na moral positiva e na educação do povo, a therapeutica e a hygiene das collectividades humanas.

Para chegar á formação desta synthese é indispensavel o conhecimento analytico das partes constituintes do todo; portanto, se o objectivo da historia é a apreciação da marcha da civilisação e do progresso, precisa descer á observação minuciosa do que se passa em todos os graos da escala social, em todos os tempos e em todos os recantos da humanidade, e mesmo por ter tão altas aspirações não póde deixar de ir colher no infinitamente pequeno os dados das premissas para a sua conclusão.

Não é por certo biologia a historia da vida de uma cellula ou de um orgão isolado, mas é com esses estudos esparsos que se constitue aquella sciencia. A chimica não é certamente o estudo das propriedades de um corpo, da constituição de uma mollecula ou das affinidades de um atomo, mas é com estes materiaes que se formam as doutrinas philosophicas daquella sciencia importante. Os naturalistas que gastaram sua vida em estudar com toda a minucia um animal ou uma planta, uma só familia ou uma especie, não fizeram a zoologia e a botanica, mas prestaram-lhes relevantes serviços, juntando mais umas parcellas ás muitas que se tem de sommar para obter aquellas sciencias. Assim tambem a biographia de um

vulto, a chronica de uma época, a narrativa de um episodio, os commentarios de um facto ou o estudo de uma instituição, não formam certamente a historia, mas são os seus elementos componentes, os materiaes que ella coordenará para apreciar, julgar e formar a synthese, incorporando em doutrinas as deducções que tirar; e quando escrevemos a historia ou qualquer sciencia, vamos beber nestas fontes, vamos haurir nesses mananciaes a materia prima para taes trabalhos.

O estudo da historia particular de cada povo, que é apenas um capitulo da historia universal ou uma pequena parcella desse colosso de factos, agora mais do que nunca, precisa ser levado a essa minuciosidade, porque é d'ahi que tem de sahir os dados para a organisação do grande todo. Como o biologista, o historiador precisa agora applicar o microscopio para analysar a cellula social, assistir ao trabalho dos orgãos, apreciar a civilisação em seus focos, como aquelle aprecia a vida em seu berço.

Estudar um atomo da historia é levar portanto um contingente ao seu todo, fornecer um substracto á sua apreciação e collocar uma pedra nos seus alicerces.

Assim demonstradas a necessidade e as vantagens do estudo que vamos fazer, fecundo em beneficos resultados, passamos a historiar a Sociedade Amante da Instrucção, a mais antiga das nossas associações beneficentes.

HISTORICO

Quem dirigir seus passos para a rua do Ypiranga, no aprazivel bairro das Laranjeiras, ahi deparará com um sumptuoso palacete, altivo, majestoso e sobranceiro, elevando-se em meio de espaçoso parque. Quarenta e tres braças de vistoso gradil de ferro, limitam pela frente esse jardim para onde dá ingresso largo portão, abrindo-se de par em par entre batentes de cantaria; ruas tortuosas; macadamisadas e espaçosas, contornando poetico lago central, conduzem ás portas principaes do edificio, situado a umas 20 braças da entrada.

Florido e copado arvoredo artisticamente disposto e bem cuidado, eleva-se em grupos graciosos e em moitas pittorescas, ácima do verde tapete de gramma e projectam suas sombras no espelho movediço das aguas cuja superficie se enruga ao perpassar da viração. O zumbir dos insectos, esvoaçando em torno das flôres e os suaves perfumes que ellas distillam de suas corollas, enchem de encanto esse ameno horto, fallando aos sentidos, e por meio delles á fantasia e ao coração. O fundo da paisagem é occupado por altaneiros e frondosos vegetaes, com suas ramagens emmoldurando a fachada do edificio, que revestem assim de um tom poetico e encantador, e o qual do meio delles se destaca com seus dois elevados pavimentos, cuja frontaria se rasga em 22 janellas de saccada e grades de ferro, e para onde dão ingresso duas largas e amplas portadas accessiveis por sumptuosas e magestaticas escadarias de pedra.

Aos lados deste palacete correm longas e espaçosas alamedas que se estendem a 48 braças de fundo, e toda essa grandeza faz crer ao visitante que elle penetra em principesca morada, ou em luxuosa vivenda de opulento

senhor. Puro engano,no emtanto ; é a pobreza que habita alli ! Esse palacio não e o domicilio de um potentado ; é o templo da Caridade ! Alli recolhem-se as orphãs amparaeas pela benemerita Sociedade Amante da Instrucção.

Penetrando respeitoso no asylo sagrado, o visitante se extasia ; não é o luxo da ornamentação, mas a magnitude do beneficio que o enleva ! Cem meninas orphãs e desamparadas desfilam ante seus olhos, alegres e sorridentes, esquecendo quasi a sua desgraça porque nada ahi lhes falta ; a instrucção, a educação, a vestimenta, o amparo na enfermidade, o tecto e o pão, tudo a Caridade poz a seu serviço. Percorrendo os vastos e commodos dormitorios, o espaçoso refeitorio, as grandes salas de estudo e de trabalho, a elegante e bem paramentada capella, todo o edificio, emfim, do grande salão de honra aos mais modestos e intimos aposentos, verá em tudo o util e o confortavel, sem que uma só cousa falte ás protegidas que ahi se acolhem no desamparo da orphandade. A admiração crescerá quando souber que tudo isso foi dadiva da caridade ; os moveis, as roupas, os alimentos, tudo é generosa e desinteressadamente dado pela benemerencia de numerosos cavalheiros e damas que, na medida de suas forças, concorrem com o seu obulo valioso para a manutenção e o crescimento dessa associação, que não poupando sacrificios, estende cada vez mais sua sombra protectora,recebe em externato annexo numerosa legião de meninas a quem distribue o ensino, e agora augmenta as dimensões já tão amplas do seu palacio porque nelle não cabem todas as desgraçadas que lhe vão bater á porta.

Levado de admiração em admiração o visitante perguntará emfim : Quaes foram os fundadores deste gigante ? Que homens tiveram prestigio, posição e fortuna para levantar tal monumento ? A esta pergunta a Sociedade lhe apontará em seu salão de honra um pequeno quadro representando em pauperrimo aposento um grupo de dez moços, e lhe dirá : Os fundadores deste magestoso templo, *alli* estão; não tinham prestigio,nem posição nem fortuna, mas animava-os o sentimento do bem, dava-lhes força a união pela amizade, e impellia-os o poder da vontade !

Quem vê os grandes monumentos, as associações grandiosas, as civilisações deslumbrantes, nem sempre se recorda, e, o que é peior, nem sempre conhece os operarios modestos, os obreiros incansaveis que accumularam pedra sobre pedra para essas grandes edificações; e no emtanto, como neste caso, são precisamente os mais pequenos, os mais modestos e os mais ignorados, os que tudo ou quasi tudo fazem, supprindo pela união a força e pela constancia o poder.

Os factos da natureza e as paginas da historia nos dão quotidianos exemplos da gigantesca influencia dos infinitamente pequenos, na constituição dos infinitamente grandes.

No fundo abysmo das quasi insondaveis bacias oceanicas; do seio da immensidade d'agua que separa os continentes; nas profundezas do Pacifico, infinitas myriadas de microscopicos seres fragilissimos em sua individualidade, mas herculeos em sua associação, despresiveis nullidades considerados em si, porém titanicos obreiros em sua constancia e pertinacia de labutar em commum, ahi preparam o mais gigantesco edificio do futuro, ahi lançam os alicerces de novos continentes que mais tarde, n'um porvir muito remoto, serão a patria de nova humanidade o theatro de nova civilisação e o emporio de nova vida

Esses invisiveis e ignorados zoophytos madreporicos secretam os atomos calcareos, que se soldam e crescem, cream os gigantescos polypeiros, que se fundem, que se justapõem e levam ácima d'agua os seus pincaros altaneiros formando as ilhas e os archipelagos da Oceania, montanhas e collinas desse continente submarino que um dia explenderá á flôr das aguas, fecundando-se aos vivificantes raios do astro solar. O impulso de cada um desses obreiros é apenas o impulso de um atomo; mas o trabalho em commum, a pertinacia e a constancia dão esses resultados que pasmam o homem e lhe servem de ensinamento.

A religião christã que quasi avassallou o mundo, sahiu dos labios humildes e do coração puro do martyr do Golgotha, amesquinhado como réo miseravel, execrado como vil embusteiro e por fim torpemente pregado á cruz aviltante lá nos confins da Judéa, bem longe da soberba

Roma, que seculos depois desabava, erguendo-se sobre os seus destroços a capital do mundo christão sobre que reina a memoria desse que ella julgára aniquilar. E quem fez tudo isso? Quem levou ao mundo essa moral revolucionaria que devia colligar os homens pelo amor, unindo-os pela fraternisação dos direitos? Não foram os grandes, mas os vigorados da fé, humildes e pobres pescadores, firmes e resolutos a affrontar todas as tempestades, vencer todos os obstaculos e enfrentar com todos os perigos.

No caso especial que nos occupa, o mesmo perfeitamente se dá. Esta grande associação que resplandece aureolada das glorias que conquistou, que se levanta sobranceira sobre bases que firmou, encara risonha o futuro porque anima-a a *Esperança*; estremece de prazer no presente, porque synthetisa a *Caridade*; orgulha-se do passado de 60 annos de labor, e mostra á sociedade o que póde, porque teve sempre a *Fé*. Vamos analysar a largos traços essa evolução que patenteará o que póde a força de vontade quando parte de corações nobres, animados pela mais sublime das virtudes — a *Caridade*.

—

Dez moços que a amizade ligava, dez corações generosos pulsando á incitação do bem, rhythmando-se pelo mesmo diapasão e inspirados pelos mesmos nobres sentimentos, lançaram um dia a semente fecunda desta gigantesca associação.

Longe estavam elles de antever tão imponente triumpho ao medir as suas forças e encarar os obstaculos que teriam de affrontar; firmes, porém, no seu proposito, conscios do enorme poder da vontade, luctaram com valor e ahi admiramos hoje o triumpho completo do seu batalhar.

Reunidos em mais que modesta habitação, pequena, pobre e desornada, perdida e ignorada do mundo, no sotão de uma casa do becco do Proposito n. 1, esses moços, sem fortuna, sem nome e sem posição, animados apenas pela séde de saber, resolveram fundar entre si uma associação litteraria, tendo como primeiro alvo dar instrucção reciproca aos seus socios e em seguida propalal-a aos pobres

e desvalidos. Sentimentos tão nobres e tão bem associados; o amor á instrucção para o proveito proprio e a caridade para o proveito alheio, não podiam deixar de aureolar das mais risonhas esperanças a nascente instituição. Apenas concebida a idéa, unanimes a abraçaram e nesse mesmo dia, que era o 5 de Setembro de 1829, installava-se com o nome de — *Jovial e Instructiva* — a modesta sociedade tão pobre de galas e de nomes e tão rica de aspirações. Fez-se logo a escolha de um presidente que recahiu sobre Luiz Antonio Goulart, apresentaram-se as bases para os estatutos, discutiu-se, commentou-se, sonharam-se planos, idealisaram-se grandes commettimentos e a modesta e pobre morada de Joaquim Bernardo Leal transformou-se em famosa sala de sessões onde para sempre se vincularam esses amigos leaes. Eram então, além dos citados, Victorio José Barbosa da Lomba, Luiz José Murinelly, José Lopes Xavier, Damaso da Fonseca Lima, Ludgero Braulio Ferreira, Elias Affonso Lima, Francisco Antonio Sobral de Carvalho e João Carneiro dos Santos.

A esse nucleo vieram em breve associar-se mais 11 companheiros, igualmente obscuros e pobres mas cheios de aptidões para a lucta, e logo abriram-se as aulas de latim, francez, philosophia, musica e tachygraphia, funccionando alternadamente na unica sala que tinha a pobre casa e na qual aos domingos e dias santificados se reunia para as suas sessões o Conselho composto de 11 membros, constituido pelo Presidente e socios eleitos de seis em seis mezes.

Até 1831 tudo marchou assim muito bem; mas realisara-se apenas a metade dos seus planos e faltava completal-o com a instrucção da pobreza. Mas como pensar em tal cousa? Em vista das condições precarias isso não podia passar de um sonho chimerico e de uma fantastica utopia. Como arranjar uma casa para esse fim apropriada ou ao menos adaptavel? Como pagar professores, montar a escola e emfim mantel-a? Sua imaginação voava em busca deste ideal, mas o balanço da bolsa sustava-lhes o vôo! O que eram os generosos associados? Uns eram simples estudantes e outros empregados publicos cujos

parcos vencimentos mal bastavam para se manter. Tolhidos pela pobreza não foram no emtanto vencidos por ella e, depois de muito pensar em busca de um meio, tomaram por fim a deliberação de jogar uma cartada decisiva que importaria no aniquilamento total, honroso para todos, ou no triumpho completo da causa que advogavam.

Não bastavam seus recursos? Pois bem, iriam invocar a caridade publica; a Sociedade até então particular e privada iria apparecer, patentear os seus intentos e solicitar do povo a esmola que reverteria em proveito delle mesmo.

Na memoravel sessão de 12 de Maio de 1831, tomada de uma vez esta ousada resolução, determinaram-se os socios a se sacrificarem até á ultima e prometteram concorrer com o que pudessem para alugar-se uma casa e crear uma aula primaria para meninos. Feitas as contas cada um poderia concorrer apenas com 1$000 por mez, mas não importava; buscar-se-hia um predio que com isso se pudesse pagar, ahi se recolheriam os pobres e em seu nome estenderiam a mão supplicando a esmola da caridade. Por essa occasião modificaram-se os estatutos, e dahi por diante passou a Sociedade a denominar-se — *Amante da Instrucção*.

Já estes apostolos do bem architectavam em suas mentes exaltadas o templo da instrucção que tinham sonhado, quando novo obstaculo surgiu a acabrunhal-os! Onde estava o capital para a primeira installação? A casa que encontraram compativel com os seus miseros vintens, era inhabitavel pardieiro no becco da Lapa n. 11. Era preciso modifical-o, forral-o, pintal-o e ahi collocar a mobilia e os mais indispensaveis utensilios; e como fazer tudo isso? Faltava-lhes dinheiro mas não lhes faltava força de vontade; tinham-se resolvido a tudo sacrificar em prol da sua idéa, e portanto não recuaram; venderam os livros em que haviam bebido o saber, que queriam divulgar, foram bater ás portas dos parentes e amigos pedindo auxilio monetario e transformados em operarios, elles mesmos forravam as paredes, pintavam as portas e janellas, apromptavam as toscas mezas e bancos, trabalhando com afinco na realisação do seu sonho, ao mesmo

tempo que divulgavam a sua obra convidando grande numero de pessoas da mais elevada sociedade para o acto solenne da publica inauguração, marcado para o dia 15 de Agosto do anno de 1831.

Nesse dia, mais de 100 pessoas enchiam o recinto desse pardieiro que a actividade dos moços transformara em aceiada e modestissima escola, onde já nada faltava, embora pobre, em cujas toscas bancadas já se assentavam dez meninos pobres da vizinhança!

Não se commenta um facto como este; inauguração tão modesta tem mais pompa e mais brilho que as mais faustosas solemnidades. A nascente Sociedade Amante da Instrucção, sustentada em tão herculeos baluartes, tinha nesse pobre tugurio o germen synthetisador de todas suas grandezas futuras; o mais difficil estava feito, e os tinham-se seus fundadores, quando mesmo mais nada fizessem, tornado credores do eterno reconhecimento dos seus concidãos.

Passando assim para o dominio publico a existencia dessa associação, não faltou quem em breve se viesse alistar nas fileiras dos seus benemeritos socios, augmentando deste modo os batalhões combatentes em prol da instrucção e da caridade. A aula de primeiras lettras cujo primeiro germen ahi ficava plantado, vicejou crescente ao lado do curso secundario que a generosidade de alguns socios continuava a manter, medindo as suas forças, sentindo-as multiplicarem-se pelo trabalho que os impellia avante, logo os membros do conselho de então, fixaram-lhe a lotação para 150 alumnos e, com a invocação de S. Pedro de Alcantara, pensaram em mudal-a para mais amplo edificio capaz de comportar o florescente atheneu. Nesses moços tão cheios de enthusiasmo, a concepção da idéa era começo de realisação, e em 7 de Janeiro de 1832 inaugurava-se essa aula no predio do largo da Ajuda esquina da rua Santa Luzia, destacando-se já desse ensino primario, mais a nova aula de grammatica nacional.

Não podia passar desapercebida esta nobre propaganda aos homens eminentes do estado para quem a causa da instrucção era sympathica e, como admirador particular, duvidando talvez do que chegava aos seus ouvidos

o eminente estadista e sabio Visconde de Cayrú foi pessoalmente visitar as aulas de S. Pedro de Alcantara, dizendo entre palavras animadoras e sinceras congratulações a esses benemeritos que, tendo sido informado de que alguns jovens tinham tido a lembrança sublime de darem á mocidade a instrucção de que tanto carece o nosso paiz, quizera pessoalmente vêr para acreditar, e que summamente satisfeito se achava pela confirmação dessa idéa, a qual tambem quiz concorrer mandando em breve diversos compendios para serem distribuidos pelos alumnos. Foi esta a primeira visita honrosa que expontaneamente recebeu a florescente Sociedade, cujo numero de socios crescia de dia a dia chamando sobre si a attenção e os applausos geraes pela somma crescente de beneficios que desinteressadamente derramava pela pobreza desamparada.

—

E' natural admittir que esse nucleo de bemfeitores pensasse em estender seus beneficios ás meninas pobres e desamparadas, creando tambem aulas para ellas, mas as difficuldades materiaes, que não podem em absoluto e em sua totalidade ser suppridas pela bôa vontade e benevolas intenções, mantinham ainda em mero projecto essa idéa generosa. Acontece, porém, que nem só o mal é contagioso e se propaga; tambem ha o contagio do bem e as acções nobres e grandiosas sempre fazem écho em outros corações bem constituidos onde vão despertar sentimentos homólogos fazendo-os vibrar unisonos, rhythmados com elles e impellindo-os aos mesmos actos. Nos primeiros dias do mez de Janeiro de 1833, a Amante da Instrucção recebia espontanea offerta da realisação pratica e immediata dessa idéa complementar da sua obra, com o offerecimento que lhe fez a benemerita brazileira D. Candida Benigna de Almeida Gralha para leccionar gratuitamente em sua casa ás meninas pobres da freguezia de S. José que o Conselho designasse.

Comprehende-se o enthusiasmo com que foi acolhido esse acto de philantropia que foi logo posto em pratica; mas comprehende-se tambem que tal sacrificio da prestimosa senhora não poderia ser por muito tempo consentido

pela Sociedade que em breve vem em seu auxilio reconhecendo como sua essa aula, em 27 de Maio desse mesmo anno, e concorrendo com 30$ mensaes para alugar o predio da rua das Marrecas, onde foi ella estabelecida com lotação de 50 meninas, sob a regencia da sua fundadora e com a denominação de Santa Thereza.

Dos beneficios assim semeados brotavam de continuo sazonados fructos representados pelo auxilio trazido pelos novos socios, cujo numero crescia sempre, e pelos donativos que recebiam da caridade publica, a qual se manifestava ou espontanea ou solicitada pela commissão que a Sociedade creara entre os seus membros com o fim de annualmente obter esmolas destinadas á compra de vestes e calçado que distribuiam aos pobresinhos que por falta delles não podiam concorrer ás escolas. Esta commissão, denominada —*de Caridade*— teve em breve ao seu lado os Drs. De-Simoni, Geraldo Gondrim, e Angelo Pedroso que puzeram á sua disposição os seus serviços medicos gratuitos para os alumnos enfermos, e os pharmaceuticos Ezequiel Corrêa dos Santos, Vieira do Nascimento e João Caetano de Oliveira Guimarães que completaram o acto, fornecendo gratis os medicamentos para o seu receituario.

O que mais faltava aos ditosos protegidos da Amante da Instrucção? A Providencia se encarregava de augmentar-lhe os recursos para que ella multiplicasse os beneficios e, sentindo-se forte para isso, sem demora levantava na freguezia de Sant'Anna outra aula primaria para 100 meninos e logo em Novembro de 1834 abria uma outra em Santa Rita para 50 meninas. Esplendido resultado! Animador exemplo! Do nada surgia esse gigante, e em cinco annos de existencia a modesta e pobre Sociedade do sotão do becco do Proposito transformava-se na grande, rica e poderosa protectora da infancia pobre, dessiminando por toda parte, em oito escolas, o ensino, a educação, o vestuario, os cuidados medicos e os medicamentos a 436 alumnos dos dois sexos!

Chegadas as cousas a este ponto e achando-se a Sociedade na marcha florescente que acabamos de esboçar, o Conselho administrativo, que tanto já fazia, quiz associar

tambem á nascente instituição o nome do menino que pouco mais idoso era do que ella e a quem estava destinado reinar durante mais de meio seculo sobre o vasto imperio sul-americano. D. Pedro II, o Imperador de 8 annos, devia figurar em nome no meio dessas crianças, que deste modo se acostumariam a ter-lhe amor e respeito; e para isso, resolvido invocar-se para ellas a sua protecção, foi uma commissão solicitar-lhe essa graça em 24 de Abril de 1834. D. Pedro, em presença de seu tutor e do mordomo, declarou acceitar o titulo de Protector, o que foi com immenso jubilo festejado pela Sociedade, a que elle de facto depois muito protegeu, como sempre o soube fazer á causa da instrucção. Em 1841, mandou elle á Sociedade, como lembrança do seu infantil protectorado, uma collecção de escriptas suas desse tempo em que estudava primeiras lettras, e essa davida de tamanho valor estimativo foi religiosamente guardada e ricamente encadernada, era mostrada aos alumnos para estimulal-os e os tornar gratos ao companheiro de estudos.

Continuando a Amante da Instrucção cada vez mais chamar sobre si a geral sympathia, continuava tambem a ser o alvo da benemerencia popular que de continuo lhe levava o obulo da caridade par a sua obra meritoria, lançando na bolça do pobre superfluo dos seus haveres, como lhe perceituam os mandamentos da religião do Crucificado. Dentre tantos bemfeitores dessa época destacaremos a ordem religiosa dos monges Benedictinos que a 21 de Maio de 1845 doou á associação o usofruto por nove annos de um sobrado de dois andares na rua da Assembléa para que ahi funccionasse a escola de meninos; e sendo, como acima dissemos, igualmente contagioso o bem, ajuntaremos a esta ordem dos religiosos Carmelitas que tres mezes depois a 13 de Agosto, doava nas mesmas condições e pelo mesmo prazo. o sobrado da becco da Lapa n. 3 para a escola de meninas. Quando, passados alguns annos a Sociedade dispensou os predios, como veremos em breve continuaram essas ordens a soccorrel-a com a menalidade pecuniaria até hoje continuada.

De prosperidade em prosperidade marchou crescente a caridosa associação, enaltecendo-se de dia a dia com os

nomes que vinham figurar nas fileiras dos seus batalhadores, e juntava mais um ramo florente á sua corôa de louros ao ver estender sobre ella as suas mãos protectoras a veneranda princeza que abordava ás plagas brazileiras para desposar o seu Imperador, e depois successivamente as duas princezas, nascidas dessa união e mais tarde os seus principes consortes. No mesmo anno de 1845 em que a Imperatriz acceitou o titulo de Protectora, a 12 de Julho, o Imperador mandava completar a graça annexando o titulo de imperial ao nome da Sociedade Amante da Instrucção.

—

Eis-nos chegados a um periodo já bem avançado da nossa historia. A sociedade brazileira constitue-se cada vez mais em nação que disputa logar honroso nas fileiras da civilisação e por toda parte, sob o influxo de vivificante seiva que lhe infiltra as fibras, cresce, desabrocha, viceja e floresce em todos os ramos da sua espontanea e soffrega actividade. Ao lado dos progressos materiaes, lá se prepara tambem a evolução intellectual; ao lado das officinas e das fabricas levantam-se as escolas que a iniciativa do governo e dos particulares mantêm em proveitoso funccionar, ao mesmo tempo que continuam a surgir pias instituições, como hospitaes, recolhimentos e asylos, destinados a proteger os infelizes, a amparar os desvalidos da fortuna que sem esses auxilios tombariam na miseria e nos vicios, chafurdando-se no lodo que fermenta na vasa crapulosa das miserias sociaes. Os feridos e derrotados nas batalhas da vida, ao tombar no chão da lucta, são amparados no braço da caridade representada por essas tantas associações beneficentes que já então existiam e que continuam a crear-se diariamente, as quaes, começando pobres como a que historiamos, attingiram hoje, como ella, opulenta magestade. O salutar exemplo da Sociedade Amante da Instrucção, a mais antiga no seu genero, achou felizmente innumeros imitadores e hoje eil-a que campeia ufana no meio de tantas irmãs concorrendo todas para o mais nobre dos fins: instruir e amparar.

Impellidos por uma força irresistivel, como iconologicas personificações da Providencia, os associados da

Amante da Instrucção não repousavam um instante sobre os louros colhidos e cada dia sonhavam um novo beneficio, architectavam um novo arrimo aos necessitados. Tantas filhas sem pais, tantas crianças abandonadas, tantas victimas innocentes de sorte impiedosa, não podiam deixar de chamar a sua attenção, e em 21 de Janeiro de 1846 o socio fundador Joaquim Bernardo Leal, apezar de já presentir as luctas que se iam travar entre os dictames do coração e os balanços do cofre, propoz a creação de um asylo para recolhimento das meninas pobres e desamparadas que ahi fossem encontrar o redil abrigador.

Correndo um véo sobre os obstaculos que se levantataram á realização desse projecto ousado, diremos sómente que por fim triumphou o coração, mais uma vez prompto a tudo sacrificar para apagar os horrores que synthetisa a palavra *orphandade*, o mas negro e tetrico vocabulo da linguagem humana.

O grande Conselho social approvou o projecto em 16 de Março, e em acto continuo, destinando-se para esse asylo o predio doado pelos Benedictinos, nomeou-se uma commissão para obter donativos, organisar o novo estabelecimento e tratar da admissão das orphãs. Tudo isso foi executado com o maximo desvelo e o thesoureiro de então, o Commendador Patricio Ricardo Freire deixou o seu nome nos annaes da Sociedade pelos sacrificios que fez em prol de tão santa causa. Dentro de pouco tempo transformara-se o edificio no modesto, mas confortavel recolhimento onde nada faltava, e, como verdadeiros apostolos da caridade, sabendo que a pobreza mais necessitada é a que se esconde aos olhos do mundo, tendo vergonha de si mesma, os membros da commissão, desprezando os pedidos e informações, foram pessoalmente procurar cada uma das pretendentes, catar no fundo das choças as orphãs que deviam abrigar no palacio que ergueram. Que quadros viram então! Como comprehenderam que cem vezes maior que fosse o seu asylo não poderia acolher quem delle mais carecia! Comtudo era preciso proporcionar o beneficio aos recursos existentes e a custo fez-se a escolha de dez meninas das mais necessitadas, dez predestinadas victimas futuras das podridões sociaes, que se

fizeram, no emtanto, desse modo amparadas, virtuosas donzellas em cujos corações derramou-se o balsamo consolador da religião e da moral em vez da peçonha do vicio que lhe derramaria o mundo.

Dessas meninas, precisamente a que veio mostrar mais aproveitamento, patenteando raro talento e grande applicação, chegando a ser regente do collegio, de onde sahiu para unir-se pelo matrimonio a importante negociante, a cujo lado fez-se esposa exemplar, foi a que a commissão descobriu na maior miseria, habitando seminúa, pauperrima e infecta mansarda, humida, sem ar e sem luz, soffrendo em companhia de uma avó septuagenaria, as privações e as tristezas de prematura orphandade! Que teria sido desta criança se a Providencia não a tivesse feito deparar? Quantas e quantas outras vivem nas mesmas condições? Por mais que se faça a caridade é sempre pouca porque a miseria é sempre muita!

Imponente e commovedor foi o acto solemne da inauguração desse asylo a 4 de Outubro de 1846; e trinta annos depois ainda a sua lembrança fazia estremecer de jubilo e derramar apaixonadas lagrimas o benemerito Joaquim Bernardo Leal, a quem coube a ventura de narrar essa commovedora historia, evocando um passado de glorias ao assistir a commemoração do 50° anniversario da Sociedade que fundara.

Saindo incorporadas da casa do largo da Ajuda, onde tinham sido provisoriamente recolhidas, as dez orphãs, cada uma acompanhada por seu padrinho, precedidas de todos os alumnos e professores das aulas existentes e seguidas de grande numero de socios e membros da administração, encaminharam-se para o mosteiro de S. Bento às 9 horas da manhã desse dia tão faustoso. Ao som dos hymnos sagrados, do repicar dos sinos e do rebentar das girandolas, foi o prestito recebido á porta do convento por toda a communidade dos religiosos, penetrando em seguida no templo ornado em festa, e cuja atmosphera, agitadas pelas harmonias do orgão, embalsamava-se com o perfume das flores que das tribunas choviam sobre as dez amparadas da caridade christã. Junto ao altar aguardava-as paramentado com as vestes episcopaes o

Revm. D. Manoel do Monte Rodrigues, Bispo Diocesano, que, após a celebração da missa solemne, ministrou-lhes, bem como a todas as alumnas, o sacramento do chrisma, ao entoar dos hymnos festivos do sacro *Te-Deum!* Após a festa pomposa seguio o prestito para o recem-creado asylo, nova e, relativamente, sumptuosa morada das protegidas orphãs onde pronunciou-lhes o discurso de installação o presidente, Desembargador Luiz Fortunato de Brito, e onde desde logo começou a cahir a protecção espontanea dos assistentes de tão magnanimo acto, offerecendo o socio Commendador Patricio Ricardo Freire uma apolice de 1:000$ para dote da primeira orphã que se casasse.

Ainda ecoavam no caridoso asylo os applausos desta festa e já os seus fundadores pensavam em novos beneficios e cuidavam de solidificar a sua obra gigantesca, garantindo-lhe por todos os meios a perpetuidade e o crescimento.

Trabalharam, como sempre, e em breve obtinham da Assembléa Geral Legislativa a concessão de quatro loterias em seu favor, o que foi tambem conquistado no anno seguinte á Camara Provincial do Rio de Janeiro que igualmente concedeu-lhe uma. Os contingentes particulares vinham tambem de continuo reforçar esses peculios: João Caetano dos Santos e a seu exemplo muitos emprezarios, offereceram um beneficio annual em seus theatros; o Ministro do Imperio, Visconde de Macahé, mandou muitos compendios para as aulas, o Visconde da Praia Grande, Presidente do Rio de Janeiro, imitou-o, e assim de toda o parte cahiam beneficios sobre a Sociedade, que centuplicados os revertia em prol da orphandade a que dava asylo, educação e ensino.

—

Se tudo na vida fossem flôres, se as nuvens da tormenta não viessem por vezes encobrir os claros horisontes, se os ventos rijos não turbassem de quando em quando a calma oscillação das aguas oceanicas, se a guerra sangrenta e homicida não viesse tantas vezes enlutar um povo inteiro, talvez não se soubesse tão bem apreciar os

encantos da paz, o aprazivel das bonanças e o deslumbramento do ambiente limpido e sereno. Sem essas perturbações da paz não se fariam os heróes; sem as contingencias da lucta não se distinguiriam os volorosos dos timoratos, nem se sentiria a rija tempera desses caracteres firmes, dessas vontades inquebrantaveis e desses peitos de aço que abrigam corações generosos, sacrarios de virtudes e sanctuarios de nobres sentimentos. Sem o contraste não apreciam-se as côres; sem as trevas não comprehenderiamos a luz; sem a lagrima não avaliariamos os risos que traduzem as galas do coração.

A' Sociedade Amante da Instrucção chegou tambem a vez de enfrentar com perigos, e a opportunidade se apresentou propicia para pôr á prova mais uma vez, e agora em campo aberto, a valorosa dedicação dos seus defensores. A honra chamou-os á arena da lucta; pelejaram como bravos e tanto mais encarniçados quanto mais lhes fugia a victoria; venceram, emfim, e, ao depôr as armas, de valentes soldados tinham-se feito grandes heróes, e os louros que lhes cingiam as frontes eram immarcecíveis porque os regavam as lagrimas das orphãs por seus braços amparadas na quéda que as iria precipitar no abysmo da desgraça.

Caminhava prospera a Sociedade como vimos até aqui, quando pensou-se em ter um predio proprio para a sua installação, e a escolha cahio sobre o terreno da rua de Santa Luzia, onde estava o antigo matadouro, para ahi edificar-se o asylo. Pelos esforços do presidente Commendador João Rabello Vasconcellos de Souza alcançou-se do proprietario do terreno a sua doação, e da Camara Municipal a cessão dos direitos foreiros. Num esperançoso requerimento pedio-se ao Corpo Legislativo que approvasse este acto; porém á approvação unanime da Camara seguio-se infelizmente o silencio do Senado, que adiou o pronunciamento para mais tarde, e nesse interim o governo destinou essas terras para o Asylo de Mendicidade, aniquilando assim o projecto que aliás despertara tantas sympathias. No Senado defendeu-o o Visconde de Abaeté; e o Visconde da Guaratiba offereceu

entregar a Sociedade 10:000$ no dia em que lançasse a pedra fundamental do seu predio.

O mau successo desta tentativa foi o ponto de partida das calamidades que então atormentaram essa associação, e inaugurou o malfadado decenio de luctas que quasi a fizeram sossobrar. Era então o anno de 1849; o plano da edificação de um proprio estava de pé, e em breve a Sociedade adquiria por 5:900$ um terreno no morro das Neves, em Paula Mattos, e ahi começava a construcção do seu templo denominado—Seminario da Caridade Christã;—mas um dia, ao encarar attenta a sua situação, achou-se perdida e quasi esmagada sob o peso da responsabilidade com que incauta se onerára! Cerca de 50:000$ se tinham consumido, figurando nesta somma grande parte dos fundos sociaes, perto de 7:000$ offerecidos pelo Coronel Miguel de Frias, 4:000$ doados pelo Imperador, 2:000$ pela Imperatriz e muitos recebidos da caridade publica. Pararam as obras; o balanço dava um *deficit* de 17:000$; supprimiram-se por isso algumas aulas e a luz deslumbrante desse pharol empallidecia assim, ameaçando extinguir-se. Mas não; lá estavam os seus valentes defensores que se ergueram afoitos á lucta apenas conheceram o perigo. Era realmente preciso luctar e sem demora; dez annos de decadencia eram um seculo de atrazo, e em Maio de 1859 assumia a presidencia o General José Maria da Silva Bittencourt animado desses sentimentos.

A 5 de Setembro desse anno achava-se reunida a Assembléa Geral para commemorar o 30° anniversario de sua fundação, quando inesperadamente compareceu no meio della o Imperador D. Pedro II. Era a primeira vez que o monarcha visitava a associação, de que desde menino era Protector, e a opportunidade era sem duvida das mais bem escolhidas para assim reerguer os animos enfraquecidos, reanimar os bemfeitores a injectar sangue novo nesse gigante que agonisava mas que não devia morrer. A cruzada reparadora não arrefeceu um instante, mas os prejuizos soffridos não se poderiam reparar em um dia, e, luctando com tantas difficuldades, o Conselho supprimio em 1862 a unica aula de meninos que ainda existia.

Era preciso um braço potente para suster em sua quéda a Amante da Instrucção; mas quem viria em seu auxilio? Quem lhe traria o soccorro?

Ao grito implorador de piedade respondeu o coração generoso do então conhecido e abastado banqueiro o Visconde de Souto, que já por vezes lhe mandara o seu obulo e que agora offerecia gratuitamente para asylo das orphãs o seu palacete da rua da Imperatriz, por sua conta reformado e preparado para esse fim. Não satisfeito com esse valioso soccorro, responsabilisou-se ainda por todas as despezas do recolhimento durante um anno, e quando atroz enfermidade acommetteu essas meninas, abrio-lhes as portas da sua chacara na ponta do Cajú. A fatalidade não deixou perdurar tão salutares beneficios e em 1864 a desastrada quebra do importante banqueiro estancou á Sociedade Amante da Instrucção esse manancial em que bebia vida e vigor a rejuvenecer-lhe o gasto organismo. Felizmente esses e outros auxilios tinham-lhe melhorado e muito a situação precaria, e julgando-se então com a força para isso, quiz concluir a edificação em Paula Mattos. O presidente nessa occasião, Barão de Mauá, envidou todos os seus esforços para realizar tal intento, que no emtanto verificou-se ser impossivel á vista do que se havia gasto, do que faltava gastar, da divida que subsistia, da perseguição dos credores e da escassez dos meios para affrontar tudo isso. Era forçoso desistir da idéa ou pelo menos guardar para mais tarde a sua realisação, e em 1874 vendia-se na praça publica a parte do edificio que estava feita, e o insignificante producto dessa venda nem deu para o pagamento total da divida, perdendo desse modo a Sociedade um enorme capital, sem aproveitamento algum, e que tantos sacrificios lhe custara a ponto de comprometter-lhe a existencia.

Estava emfim terminada a historia lutuosa dessa edificação e era preciso aproveitar o que restava, isto é conservar e desenvolver o recolhimento das orphãs.

—

Deixando de seguir passo a passo o evoluir dessa convalescença, vamos nos transportar para a sala das sessões da Sociedade, na noite de 5 de Setembro de 1879.

Era uma noite de galas, de alegria e de triumphos. Celebrava a associação o seu meio seculo de existencia, e no meio dos applausos dos assistentes e das acclamações das protegidas, subia á tribuna para narrar-lhe a historia um alquebrado ancião que ahi vinha evocar um saudoso passado, descrever as batalhas em que pelejara e receber nesse Pantheon os louros das suas victorias. Era Joaquim Bernardo Leal a quem a morte respeitara até então para o deixar assistir ao florescer do frondoso gigante, cuja semente elle plantara cincoenta annos atrás. A seu lado, outro velho,o almirante Barboza da Lomba, prestava-lhe o apoio do seu testemunho. Dos dez moços fundadores da Jovial e Instructiva, eram elles os unicos subsistentes ; os outros tinhem descambado nos tumulos, deixando no seu trajecto pela vida um rastilho de beneficios.

Em linguagem simples, mas vigorada pela autoridade do testemunho, Bernardo Leal leu o relatorio succinto dos acontecimentos que acabamos de narrar, e na successão dos factos nós o seguimos tão fielmente quanto possivel neste historico, pois que ninguem melhor do que elle nos podia fornecer material para sua redacção. Nesse dia a Amante da Instrucção, de todo restabelecida dos abalos que soffrera, ostentava-se de novo garbosa pugnando pela santa causa que esposara. Presidia-a nessa occasião o Commendador João Wilkens de Mattos, continuador dos seus laboriosos predecessores. O *deficit* da Sociedade tinha desapparecido de todo e pouco a pouco refazia-se o patrimonio social, elevado nesse anno á grandiosa somma de mais de 142:000$; o numero de socios crescia sempre, os beneficios choviam continuadamente, e cada dia marcava um passo para diante.

Lançando um olhar para trás, via-se que até esse dia a benemerita associação tinha recebido e educado em seu seio 2.889 meninos e recolhido 265 orphãs, das quaes 36 haviam deixado o asylo para irem, como esposas e mãis de familia, gozar dos beneficios que ahi tinham colhido. Doze aulas haviam sido creadas desde 1829, porém dessas, por conveniencia ou necessidade, oito estavam extinctas, duas suspensas e duas funccionando : a de S. Bento, no asylo ou internato das orphãs, e a de Santa Thereza ou

externato para meninas pobres. Estas aulas eram regidas por distinctas e caridosas senhoras, auxiliadas pelas mais adiantadas e aproveitaveis orphãs, e dirigidas então por D. Francisco de Assis Mascarenhas, socio benemerito, pela quarta vez reeleito Director geral. Os hymnos que as pobres meninas entoavam, saudando jubilosas e reconhecidas os seus bemfeitores, eram a prova do seu aproveitamento nas aulas de musica, piano e canto, regidas pelo mestre Bento Fernandes das Mercês, e a exposição dos trabalhos de agulha, de bordados e similares, attestavam sua aprendizagem tambem nessa como em outras aulas que regularmente frequentavam.

Estas poucas palavras bastam para mostrar quanto se recommenda a Amante da Instrucção depois dos tempos de calamitosa crise por que a vimos passar, e a celebração solemne do seu 10º anniversario marcou uma época de renascença, patenteando o poder da vontade e a abnegação ao sacrificio quando se inspiram sublime caridade, cujo culto magestoso, espiritualisa e imponente se ergue sempre nos corações humanos, quando os vêm despertar os écos dos que foram implorando o soccorro aos infelizes, o amparo aos desvalidos da fortuna, o consolo á viuvez e o carinho á orphandade.

Nesse mesmo anno de [illegible] dos factos occorreram [illegible] beneficio [illegible] á rua [illegible] Alvares [illegible] foi o [illegible] de Agosto teve logar, para o mesmo fim [illegible] organizado por D. Maria Antonietta Salamia [illegible] que ergueu a voz implorando o auxilio das almas caridosas, dos corações generosos que vivem no luxo e na opulencia, e recolheu em favor da pobreza desamparada, as sobras que transbordam da bolsa do rico.

Basta citar estes factos, porque enumerar todos os beneficios nunca mais acabariamos: a Amante da Instrucção é uma associação de caridade que vive e cresce á custa mesmo da caridade.

—

Continuando em sua crescente prosperidade e dirigida por quem sempre ardentemente se empenhava em fazel-a avançar, já por seus esforços proprios, com o trabalho, a dedicação e a bolsa ; já provocando e solicitando a alheia protecção, não satisfeitos com a que espontanea se lhes deparava ; a associação caridosa crescia de dia a dia recebendo soccorros medicos e pharmaceuticos, generos alimenticios, materiaes de ensino, vestes e calçado, tudo, em summa, de quanto podiam carecer as suas amparadas, e gratuitamente ahi levado pelos benemeritos da pobreza, além do ensino que lhes ministravam tambem desinteressadamente.

Todos os domingos, Revms. sacerdotes, quasi sempre os padres José Herculano da Costa Brito e João Manuel de Carvalho, capellão do Asylo, iam á capella celebrar a ceremonia da missa, autorisada pelo Bispo desde 21 de Outubro de 1879. No dia 1 de Novembro desse anno celebrou-se pela primeira vez a missa nessa capella, e a solemnidade de que se revestiu o acto assistido pelo Conselheiro Carlos Leoncio de Carvalho, então ministro do Imperio e por todas as orphãs, que aos sons do orgão entoavam os hymnos sagrados, fez desse dia uma data memoravel nos fastos desta casa.

Os monges Benedictinos e Carmelitas, que desde 1845 prestavam relevantes serviços pecuniarios, como já vimos, passaram dahi em diante a dar á Sociedade a pensão trimensal de 200$, em vez da de 180$ que lhe davam estes e de 150$ aquelles, e mais 800$ por anno cada uma dessas ordens para pagamento dos professores das aulas Santa Thereza e S. Bento. Doações continuas, beneficios diversos, legados testamentarios dentre os quaes não podemos deixar de mencionar o do caridoso medico Dr. Peregrino José Freire, que deixou á Sociedade todos os seus bens no valor de 70:000$ ultimamente recolhidos, tudo, emfim, affluia e continúa a affluir para o patrimonio social ; e a sua administração pesava continuamente seus haveres a espreitar o momento em que elles fossem sufficientes para a realisação do seu sonho dourado, que continuava a ser a acquisição ou edificação de um predio proprio para o asylo. Emquanto se esperava esse dia tão

almejado, ia-se cuidando de desenvolver o que existia, tudo aperfeiçoando na medida de suas forças.

—

Havia muito tempo que a Sociedade, cuidando no futuro das suas educandas, pensara em garantir-lhes com um pequeno dote o seu porvir familiar, quando o casamento as viesse retirar do seu abrigo, e em 1870, creou se a Caixa-Pia, destinada a ser o repositorio dos productos da venda dos objectos manipulados pelas orphãs e dos donativos especiaes para tal fim, que era a formação dos seus peculios.

Em breve a esses videntes, que viviam a procurar o que mais fazer em seu beneficio, pareceu que não bastava garantir o futuro com um dote e um bom casamento, mas que era preciso dar ás meninas instrucção mais bem orientada para que pudessem mais tarde, se preciso fosse, della tirar os meios de subsistencia. Em 1882 o director das aulas, Dr. Sebastião José Saldanha da Gama, successor, nesse, de D. Francisco de Assis Mascarenhas, estabelecia com approvação do Conselho, a creação de um curso professora do dividido em dois, um de sciencias e lettras e outro de artes, abrangendo tudo um periodo lectivo de quatro annos. Para a realisação dessa reforma era necessaria a acquisição de novos professores, e o operoso director não tardou a encontrar quem desinteressadamente o quizesse coadjuvar, de modo que em breve funccionavam todas as aulas sob as regencias do padre-mestre Semeão José de Nazareth e dos cavalheiros Manoel Olympio Rodrigues da Costa, João Alves Mendes da Silva, João Selling, Miguel Miranda e Mathias Teixeira, o qual já de ha muito substituia na aula de musica o maestro Mercês.

O externato tambem passou nessa época por importante reforma, e no fim do anno o resultado dos novos cursos animava os mestres, emquanto que a distribuição dos premios estimulava as alumnas em sua applicação.

Esses premios, consistindo em medalhas, de prata dourada, de prata, e de cobre, tinham sido instituidos no anno anterior e offerecidos á Sociedade pelo socio procurador Herculano Pessoa; e ao seu lado figuravam

muitos e muitos outros doados por diversos amigos e protectores da associação, dentre os quaes destacaremos o nome de Octaviano Hudson, um dos mais devotados promotores dos premios á infancia estudiosa.

Citar este benemerito e caridoso cidadão é o sufficiente para expressar o que lhe devem as orphãs desse estabelecimento, porque todo o mundo sabe a que ponto elle levava a sua dedicação pelos necessitados em geral, transformando-se em verdadeiro mendigo na insistencia com que pedia aos ricos para dar aos pobres.

Em 1884 o presidente Wilkens de Mattos, apreciando a benefica influencia da distribuição desses premios na applicação das alumnas, instituio para tambem estimulal-as ao bom comportamento, um *premio de conducta*, consistindo n'uma medalha de ouro para ser dado annualmente á que tivesse tido melhor proceder durante o anno.

Esta idéa feliz teve posteriormente imitadores, creando-se as *medalhas de louvor* offerecidas pela Associação Promotora da Instrucção, e, finalmente, os *diplomas de bom comportamento*. O valor moral destes diplomas é na realidade consideravel, porque se nem todas as alumnas podem ter bem esclarecida intelligencia para disputar os premios de applicação, bem podem no emtanto, primar pelo seu proceder exemplar, e o merito de taes diplomas é lembrar-lhes sempre a maxima tão feliz e profundamente verdadeira, uma vez formulada pelo Senador Manoel Francisco Correia, que «se nem todos podem ter talento, todos são obrigados a ter caracter.»

A organização escolar assim reformada e constituida, tem dado até hoje os mais salutares resultados, embora tenha soffrido modificações diversas e parciaes tendentes a reparar os inconvenientes que a pratica e o tempo mostraram, e adaptar-se ás circumstancias de occasião, conforme julgaram conveniente os subsequentes directores Dr. Francisco Carlos da Silva Cabrita, José Ventura Boscoli e Dr. Alfredo Alvares de Azevedo Macedo, de accordo com os professores e professoras de então. Assim dirigida, esplendidos têm sido os resultados da instrucção scientifica, litteraria, artistica, moral, civica e physica das educandas, nas aulas de sciencias,

lettras, religião, musica, gymnastica, costura e trabalhos de agulha; e com taes elementos a Sociedade Amante da Instrucção não é um mero recolhimento de orphãs a quem dá tecto e pão, vestindo a nudez e amparando na miseria, mas sim uma casa de educação completa e de instrucção, cujo presente honra os que a esse ponto a conduziram e cujo futuro se mostra repleto das mais fagueiras esperanças, que por certo se realizarão.

—

A' Directoria, solicita em sempre impulsionar a Sociedade, pareceu em 1884 que, abrindo no asylo uma serie de conferencias tornal-o-hia mais conhecido, trazendo ao mesmo tempo para as orphãs algum aproveitamento. Nessa data era presidente o Commendador Wilkens de Mattos um dos seus mais prestimosos membros, reeleito presidente 13 annos consecutivos, e como tal servindo com o maior zelo desde 1876 até 1889, quando falleceu a 3 de Maio, levando para a lapida do seu tumulo o titulo de Barão de Marauiá com que fôra agraciado em 1888.

Por iniciativa sua o 1° secretario convidou para inaugurar as conferencias o presidente da Associação Promotora da Instrucção, Senador Manoel Francisco Correia, que assim era attrahido para esse grupo de benemeritos, onde depois tanto se salientou. A 19 de Outubro teve elle a palavra para historiar a associação ao numeroso e selecto auditorio convidado para essa inauguração. Seguio-se-lhe na tribuna, a 2 de Novembro, o Dr. Affonso Celso Junior, e a este o Conselheiro Antonio Ferreira Vianna a 16 do mesmo mez; depois as conferencias não mais se reproduziram por motivos alheios á Directoria, mas tinham causado o seu beneficio traduzido, logo apòs a segunda, pela offerta de 1:000$, enviada pelo Barão de Araujo Ferraz.

E' preciso dizer que essas conferencias se realisaram no novo edificio da rua do Barão de S. Felix n. 112, para onde acabava de mudar-se o asylo por se achar quasi inhabitavel aquelle em que residia á mesma rua n. 130. Nesta mudança, como em muitos outros actos da associação, representou saliente papel o 1° secretario Commendador João Carlos de Oliveira Rozario, cujo nome pela

primeira vez aqui nos apparece e que não nos póde sem grave injustiça passar despercebido, pois que a qualquer facto importante da associação está vinculado o seu nome; mas a seu lado não podemos esquecer tantos outros collaboradores nesta obra, principalmente o procurador Ricardo Alfredo de Souza Castello, e o thesoureiro João Alves Affonso, benemeritos doadores e esforçados batalhadores dessas fileiras de bravos. Os seus trabalhos foram de natureza a chamar sobre elles a attenção do Governo Imperial que os agraciou, a estes dois ultimos com o gráu de cavalleiro da Ordem da Rosa em 1881, de que foi elevado a official o thesoureiro João Alves Affonso em 1886,no mesmo dia em que Oliveira Rozario era agraciado com a commenda da Rosa e o Commendador Wilkens de Mattos com o titulo de conselho, sendo ultimamente elevado a commendador o thesoureiro Alves Affonso ao mesmo tempo que eram devida e justamente agraciados muitos outros que dessa distincção se tornaram merecedores e cujos nomes a extensão desta memoria não permitte individualmente especificar.

Eis-nos chegados finalmente ao anno de 1886. Vai realisar-se emfim o sonho dourado de tantos annos ; a Sociedade vai adquirir um sumptuoso predio para o seu asylo.

Na sessão anniversaria de 5 de Setembro de 1882, iniciou-se sob a protecção imperial, uma subscripção para obtenção de meios pecuniarios destinados a esse fim, e a commissão encarregada de promover a acquisição dos donativos houve-se com todo o esmero; mas não se encontrava edificio em condições de ser comprado, pelo que ficou resolvida a edificação sob um plano, de cujo traçado foi logo encarregado o Commendador Bethencourt da Silva. Estavam as cousas neste pé quando emfim appareceu a opportunidade da compra do sumptuoso edificio em que ora funcciona, sito á rua do Ypiranga n. 4, transformado em grandioso palacio onde por fim firmou residencia a Caridade.

A 13 de Dezembro de 1886 a Directoria entregava ao proprietario desse predio, o Sr. Barão de Irapuá, 85 apolices da divida publica, do valor de 1:000$000 cada uma,

e, passadas as escripturas de venda, apressava-se em fazer as necessarias obras sendo, como sempre, auxiliada nesse encargo pela valiosa coadjuvação operosa e pecuniaria, dos associados ; e em breve ostentava-se magestoso o sumptuoso palacete que já descrevemos no começo desta memoria, transparecendo na magestade das suas galas a grandeza do seu destino. As obras importantes que ahi se fizeram, afim de adaptal-o á confortavel accommodação das asyladas, não custaram um real aos cofres da Sociedade, e os donativos particulares dos seus sinceros amigos fizeram frente a todas as despezas, de fórma que a 3 de Abril abriram-se as suas portas para receber o bando de avesinhas que encontraram nesse ninho o refugio aos mundanos vendavaes.

Nesse dia, acompanhadas da Directoria, membros do Conselho, regente e corpo docente, as orphãs incorporadas partiram da rua do Barão de S. Felix n. 112 para a nova residencia, transladando-se em carros especiaes cedidos pelas Companhias de Carris Urbanos e Botafogo ; precedidas de banda de musica encaminharam-se a ouvir na Matriz da Gloria a missa mandada rezar pela Directoria, e do mesmo modo d'ahi seguiram depois a pé pela rua das Laranjeiras até o seu palacete, onde foram recebidas entre flôres e vivas demonstrações de alegria por todos ahi reunidos, senhoras, cavalheiros e socios, que assim saudavam essa entrada triumphal. O que ahi se via nesse momento não era apenas uma festa de caridade, mas tambem uma apotheose invejavel ás luctas de longos annos ; não eram só as orphãs que entravam para o seu asylo, mas era tambem a Amante da Instrucção que chegava ao Capitolio e que entrava no Pantheon de sua gloria, no magestoso apogêo do seu triumpho.

Essa festa tão solemne foi seguida pouco tempo depois da inauguração official do asylo, que se realisou a 24 de Julho perante o então Ministro do Imperio, Barão de Mamoré, e numeroso auditorio, que para esse fim, a convite do presidente, se congregára na sala das sessões após visitar todo o odificio, assistir á benção da capella e á missa cantada, officiada pelo Revm. Conego Honorato.

Entre os sons festivos dos hymnos alegres que echoavam nas abobadas desse templo, cuja atmosphera se embalsamava com os perfumes das flores com prodigalidade esparsas no ambiente, inebriando os espectadores electrisados pelo enthusiasmo e emocionados pela magnitude do acto, ergueu-se a voz de uma dessas desprotegidas da sorte que ahi achara o seu redil, a qual em nome de suas companheiras e de suas irmãs de infortunio, vinha derramar do seu coração torrentes de agradecimentos aos desinteressados apostolos, que lhe abriam seus braços; empenhar alma e vida aos caridosos bemfeitores; lançar a seus pés os corações infantis em que tinham derramado o balsamo consolador da orphandade; beijar reverentes as mãos generosas dos que vivem e genuflexas, enviarem aos céos as suas preces regadas com as lagrimas da gratidão, que iriam refrescar no fundo dos tumulos as cinzas dos que já haviam descambado no chão da morte e fazel-os sorrir de jubilo aos pés do throno de Deus, onde tem assento os que, como elles, se devotaram á causa da Caridade. Nos corações emudecidos dos ouvintes, echoavam essas preces; pendentes das paredes do salão os retratos mudos desses apostolos pareciam ouvir; e na capella contigua crepitava a lampada, suspensa aos pés da cruz,

« *Como pharol que denuncia um porto*
Aos naufragos do mundo! »

—

Pezava á Sociedade ter pago ao thesouro o imposto de transmissão de propriedade sobre o preço do edificio que comprára, importando em 5:335$000, e requereu ao Corpo Legislativo a restituição dessa importancia. Na Camara dos Deputados advogou a causa da associação o Dr. Bulhões Carvalho e o pedido foi attendido; porém, no Senado levantou-se a isso a opposição por parte da commissão de orçamento e indeferido teria sido esse pedido tão justo se lá não houvesse a palavra convincente do prestimoso cidadão que ergueu-se a defendel-a. Foi elle o Senador Manoel Francisco Correia, com justiça considerado o grande apostolo da instrucção popular no Brazil, e cujo nome já se prende de ha muito ás associações

promotoras do ensino do povo. Na sessão de 1 Outubro de 1887 o Senador Correia historiou ao Senado a vida desta associação e á força dos seus argumentos deveu ella ver em breve o imposto, que pagara, reverter para os seus cofres, contrahindo assim mais uma divida de gratidão para com o illustre tribuno.

Em 3 de Maio de 1889 soffreu a Amante da Instrucção uma das suas maiores perdas, vendo sumir-se para sempre no tumulo o seu presidente Conselheiro Wilkens de Mattos, Barão de Marauiá. Este campeão valente das suas luctas, prestimoso servidor da patria, benemerito e laborioso operario desse asylo, que durante treze annos de presidencia, sem vacillar um momento, soubera trabalhar nessa obra do bem, deixou em torno de si um vacuo que por um momento julgou-se impossivel de preencher. As recolhidas do asylo ficaram orphãs segunda vez, porque nelle perdiam um pai carinhoso, meigo e desvelado, a quem souberam, no emtanto, espontaneamente pagar o tributo de saudades, depositando sobre o seu feretro a mais bella corôa que possa exornar um tumulo: a grinalda de lagrimas innocentes e puras emanadas dos seus ternos e feridos corações!

Quem substituiria Wilkens de Mattos? A Assembléa Geral reunida em 22 do mesmo mez só vio um homem capaz de preencher este cargo, e, como ponderou mais tarde em seus relatorios, «inspirada nos sentimentos mais elevados, procurando com o maior escrupulo collocar na successão do illustre Barão de Marauiá, um varão prestante, no caso de ser o guarda fiel e vigilante desse thesouro accumulado ha mais de meio seculo; zelando com o maior desvelo os alevantados creditos sociaes e ao mesmo tempo querendo dar ás pobres orphãs um pai como soubera ser tão generosamente aquelle que ellas acabavam de perder, fez acertadamente recahir a sua escolha no benemerito Conselheiro Manoel Francisco Correia, cujos serviços prestados á causa da instrucção e bem estar da infancia são tão conhecidos, que, pronunciar o seu nome, é lembral-os á opinião publica que tão bem sabe acatal-o.»

Data deste dia a administração do seu actual presidente, cada vez mais credor de quantas gratidões lhe

possa tributar a Amante da Instrucção. Auxiliado pela phalange de poderosos auxiliares, elle continuou a obra gigantesca de seus predecessores, fazendo desabrochar todas as grandes idéas que em germen ahi enco ntrou.

Tendo o Poder Legislativo creado por lei de 24 de Novembro do anno anterior (1888) impostos destinados aos institutos de assistencia publica no municipio neutro e á manutenção dos já existentes, em cujo numero foi contado o asylo das orphãs da Amante da Instrucção, o Conselho resolveu na sessão de 18 de Janeiro seguinte, e sob proposta do presidente, que era então o Conselheiro Wilkens de Mattos, que,comquanto não se pudesse ainda calcular qual a importancia desse auxilio, desde logo se désse uma prova de reconhecimento aos poderes publicos creando-se no asylo um externato para diffusão gratuita da instrucção ás meninas da visinhança. Immediatamente tratou-se de construir ao lado do asylo um novo edificio destinado a esse fim e a 5 de Setembro, ao festejar o seu 60.° anniversario, inaugurava a associação mais esse grande manancial de beneficencias, mantendo aulas hoje frequentadas por mais de 100 meninas.

Esta subvenção verificou-se em breve elevar-se a 20:000$ annuaes té ultimamente recebidos, mas infelizmente hoje reduzios á metade na proposta de orçamento do governo para 1892. Contra essa reducção, que tanto damnificará a Socieade, representou ao Congresso a sua administração, e oxalá que seja attendida em sua tão justa reclamação.

Na mesma sessão de 18 de Janeiro propoz o thesoureiro Commendador João Alves Affonso que se elevasse o numero das asyladas por ser isso então compativel com as forças da associação,que necessitava alargar a esphera dos seus beneficios para acolher a tantas infelizes que lhe iam bater á porta. A datar desse dia o numero de asyladas foi elevado de 60 a 70 e immediatamente preenchidas essas 10 collocações ; mas a affluencia das pretendentes continuou crescente e no anno seguinte resolvia-se elevar ainda mais esse numero, para o que era preciso augmentar o predio o que foi immediatamente determinado, e executado, graças ao valioso auxilio de 20:000$000 que

'erno provisorio lhe concedeu, e ao producto muito avultado da subscripção promovida pelo presidente orporador do Banco Paris e Rio, o Sr. Conde Sebas-le Pinho, a quem a Sociedade agradecida conferio quanto os seus estatutos lhe permittiam conceder. :rescimo do edificio que, graças a estes poderosos ios, acaba de ser promptificado, vem ainda mais entar o crescente monumento de philantropia e de ao ensino, dia a dia colhendo novas palmas e con-ando novos trophéos.

CONCLUSÃO

Acompanhando a evolução gradual da benemerita associação, eis-nos chegados á época actual, decorridos 62 annos após o seu primeiro dia de existencia. No esboço historico que fizemos deixámos em silencio numerosa cohorte de bemfeitores que seria impossivel citar n'uma tão rapida revista do passado, e apenas mencionámos os nomes que directa e immediatamente se prendiam aos factos que narravamos; assim devia ser porque fizemos a historia da associação e não a dos seus bemfeitores, e assim não podia deixar de ser porque ao contrario viria encher as nossas paginas um exercito de nomes, dos mais modestos aos mais nobres, porque innumera é a cohorte dos que vieram trazer a este asylo o ouro da sua bolsa, o trabalho dos seus braços, a actividade do seu cerebro, um auxilio da sua profissão, um producto da sua industria, uma parcella do seu saber, ou uma dadiva do seu coração. Este gigantesco edificio foi construido de um montão de pequenas pedras e cada um trouxe a sua, de grandeza variavel segundo as forças de que dispunha; nos relatorios annuaes da associação lá figuram individualmente considerados, e esse logar de honra nas paginas dos seus annaes compensa a sua ausencia aqui, absolvendo desta falta forçada o historiador, que não póde, no emtanto, deixar de ahi firmar a respeitosa homenagem a que têm direito e inscrevel-os nas paginas da sua historia collectivamente abrangidos no grupo dos benemeritos da Pobreza e da Orphandade.

Oxalá que o vento do infortunio não venha mais abalar este velho baluarte da nossa civilisação, quasi contemporaneo da emancipação politica da nossa patria, e que quasi por si unicamente, isto é, apenas com a iniciativa e os esforços particulares, conseguio campear altaneiro depois de 60 annos de luctas, destacando-se coberto de glorias e coroado dos louros da victoria, no meio da legião de congeneres instituições, posteriores todas ao seu começo de existir.

A Sociedade Amante da Instrucção é a mais antiga das nossas instituições de caridade e de ensino ; pequena em sua origem, eil-a grandiosa e imponente ; nascida n'um pobre sotão, habita sumptuoso palacio ; pauperrima nesse tempo, é hoje rica e vigorosa ; o capital miserrimo que nem dava para alugar um pardieiro, eleva-se agora a perto de 600:000$; porém, pequena ou grande, rica ou pobre, fraca ou forte, foi sempre a mesma no seu caridoso proceder. Se tem hoje muito, dá muito, como dava o pouco, quando pouco tinha ; e se é grande, abraça em seu seio as 100 orphãs e as cento e tantas educandas, com o mesmo carinho com que abraçava as 10 pobresinhas que foi colher nas suas mansardas, e hoje forte distribui-lhes o superfluo, o agradavel e o confortavel, com o mesmo amor com que, quando fraca e sem recursos, dava-lhes apenas o indispensavel.

Sob a regencia do seu incansavel presidente, auxiliado pela prestimosa Directoria e esclarecido Conselho, eil-a que caminha na estrada juncada de flores immarceciveis que lhe atira o mundo, no meio do estrugir das palmas com que a saudam suas beneficiadas. Dedicado professorado derrama suas luzes sobre as desherdadas da sorte ; generosos facultativos ahi vão levar o auxilio da sciencia quando é necessario a alguem ; distinctas senhoras disputam-se a tarefa de administrar o asylo e o externato, como superintendentes das orphãs, substituindo-se mensalmente, e ainda não contentes com esse sacrificio, derramam nos cofres da associação valiosos subsidios tornando-se por tudo isso eternas credoras do reconhecimento da Sociedade que como signal singelo, porém sincero do seu profundo agradecimento, inaugurou a 5 de Abril de 1891, em seu salão de honra um quadro com as suas photographias, no mesmo dia em que ahi collocava o retrato a oleo da Exma. Sra. D. Marianna Ribeiro Correia, a primeira que exerceu esse importante cargo, cuja acertada creação quotidianamente se verifica pela torrente de beneficios que d'ahi emana.

As pobres meninas rodeadas de tantos beneficios, quasi esquecem as dôres da orphandade, despem dos corações o luto, e só têm nos labios palavras de reconhecimento

eterno e de sincera gratidão. Os seus canticos de louvor vão despertar outros corações que gemem; elles vêm tambem bater ás portas do asylo, e a associação abre-lhes essas portas, recolhe-as em seu seio, alarga os seus aposentos para acolher ainda maior numero, e, apezar de rica, mas porque precisa ainda muito, estende a mão á caridade publica, clamando pela vóz do seu presidente:

« *Protecção ás orphãs*, Senhores, é o brado que me cabe levantar neste solemne momento, como em occasiões semelhantes o tenho erguido para cicatrisação de outras doridas chagas sociaes.

« *Protecção ás orphãs*, Senhores! Lembrai-vos dos riscos a que estão expostas as meninas necessitadas para quem a existencia se abre sem o amparo dos pais. A pureza do seu coração, a delicadeza de seus sentimentos, a virtude que é a á flôr de sua alma, como escaparão aos rigores da fome, aos assaltos da enfermidade, ás seducções da torpeza?

« *Protecção ás orphãs*, Senhores! E não cuideis que faço appello sómente a vossa generosidade. A roda da fortuna é varia: sopram muitas vezes ponteiros os ventos. Quem vos assegura que vossas descendentes não terão de luctar no oceano da vida com ondas raivosas que despedacem a náu possante que para ellas construistes? De que peso acabrunhador não se alliviará o vosso peito afflicto, se, nos areaes resequidos a que o mar bravio atirar os destroços do que vosso indefesso labor accumulou, levantar-se um asylo, devido ás vossas mãos bemfazejas, em que as herdeiras do vosso sangue escapem ao contagio da miseria e da deshonra?

« Deus, o misericordioso distribuidor da justiça, não permitte só que os filhos recolham as bagas do suor paterno, consente tambem, pelo influxo embora impalpavel das leis moraes, que elles se acolham, nos momentos criticos, sob os fructos das boas obras que os progenitores semearam na vida ».

Estas palavras do Senador Correia, pronunciadas na sessão de 5 de Setembro de 1889, era uma prophecia que a triste realidade dos factos veio inteiramente confirmar; e dois annos depois, elle em sua nobre missão de pedir

para o pobre, solicitava da caridade publica um peculio para garantir o futuro de uma pobre orphã, que o asylo acabava de acolher, desgraçada menina legitima neta de Joaquim Bernardo Leal, um dos fundadores dessa associação, a que dedicara 60 annos de serviços prestimosos!

Elle não assistio a essa desgraça pois que já então tinha ido juntar-se aos seus companheiros de glorias, deixando como sobrevivente do grupo dos fundadores da Amante da Instrucção, o seu primeiro presidente, o Conselheiro Dr. Domingos de Azeredo Coutinho de Duque Estrada, élo vivo que une hoje aquelle modesto passado a este grandioso presente, apotheose soberba dos seus sonhos juvenis!

Não queremos depôr a penna que o acaso poz em nossas mãos para traçar esta historia, digna por certo de melhor narrador, sem aqui deixar tambem por nossa parte o appello ás almas generosas, em pról de orphandade ahi amparada. Este opusculo que synthetisa tanto amor e caridade, só póde acabar por uma supplica, e vós todos que o lêdes abri vossos peitos aos affectos altruistas; lembrai-vos de que a vida retirada no fundo de cada coração, na phrase eloquente de Lamenais, ahi se consumiria solitaria como uma lampada n'um tumulo, porque um homem destituido de compaixão, de sympathia e de amor não é mais que um cadaver que se move; dai o vosso obulo aos asylos da pobreza e ás casas de instrucção, lembrando-vos de que dizia Victor Hugo, que se ha alguma cousa mais pungente que um corpo agonisante por falta de pão é uma alma morrendo a fome de luz!

Soccorrei finalmente a orphandade e sereis recompensados de todos os sacrificios quando dos labios daquellas que protegeis, virdes desprender-se um sorriso de agradecido jubilo, ou quando as sentirdes, beijando reconhecidas as vossas mãos bemfeitoras, depositarem nellas uma lagrima que trahe os seus mais secretos sentimentos, pois que a lagrima, como bem a comprehendeu Dumas, é o unico penhor da natureza humana tributado pelo coração!

Janeiro de 1892.

INSTRUCÇÃO PUBLICA

NOS TEMPOS COLONIAES DO BRAZIL

PELO DR.

M. D. MOREIRA D'AZEVEDO

§ 1. Reconhecia Portugal a vastidão do Brazil, apreciava a sua riqueza de vegetação, admirava os thezouros de diamantes e ouro descobertos nos leitos dos rios, as minas de metaes preciozos occultos nas profundezas do solo, saciava-se com as preciozidades que mandava buscar na sua colonia, mas deixava-a involvida nas trevas da ignorancia. Só queria, que o Brazil produzisse ouro, prata e brilhantes e productos naturaes. Embaraçava o commercio, não attendia á industria, mandava destruir os teares da capitania de Minas-Geraes e prohibia os officios de ourives, de lapiladarios, cravadores e fundidores nas capitanias de Minas, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Si matava a industria não procurava tambem despertar a actividade intellectual. Não attendia á cultura literaria da sua colonia. Não consentia, que circulassem livros, nem quaesquer impressos, não tolerava que se estabelecesse typographia alguma, e nem uma escola mandava crear onde se ensinassem os elementos rudimentaes da instrucção. E assim correram duzentos annos sem que pensasse o governo no cultivo literario de seos povos da America.

Sepultado na ignorancia, era governado o povo pelo despotismo, pelo terror, era pobre e o estado rico, vivia abismado no embrutecimento e na mizeria.

§ 2. A educação era feita pelos jezuitas, que foram os primeiros que abriram aulas no mundo descoberto por Cabral. Em seos collegios instituiram aulas, onde

ensinavam os elementos da instrucção, e entregavam-se com todo o zelo á educação da mocidade, de sorte que entre os serviços importantes que prestaram esses padres á terra de Santa-Cruz é precizo não esquecer o ensino que distribuiam á juventude.

Eram as aulas d'esses regulares as unicas no abandono completo em que Portugal deixava viver em sua colonia. Nas capitanias em que tinham collegios ensinavam gratuitamente grammatica latina, philosophia, theologia dogmatica e moral, primeiras letras e mathematicas elementares. E essas disciplinas eram exercidas por professores de verdadeiro merecimento. Davam gráos scientificos, literarios e theologicos, entre outros o de mestre em artes, que era então mais estimado do que é hoje o de doutor por por qualquer academia. No collegio da Bahia, além d'aquellas aulas, crearam logo a de rhetorica.

No collegio de Piratininga, depois chamado de São-Paulo, ostentou todo o seo zelo e manifestou sua dedicação evangelica o padre Jozé d'Anchieta. Encarregado do ensino dos neophitos, escrevia, na falta de livros, as lições nos cadernos que distribuia por cada alumno. Aprendiam assim os jovens catecumenos e os filhos dos colonos os principios das linguas portugueza, hespanhola, latina e brazilica ou tupi indispensavel para o trato com os indigenas. E para ensinarem esta ultima disciplina abriam os jezuitas escolas, que frequentavam chamando graciozamente, lá entre si, a lingua indigena de grega, como escreve Varnhagen.

Para derramar na alma dos discipulos as sãs virtudes da fé e da caridade compunham elles romances ou antes balladas todas bazeádas na moral christã. Entoavam de hymnos sagrados, que eram repetidos pelos meninos indios de ambos os sexos, desenvolvendo n'elles o amor pela religião e a inclinação para a muzica. E assim conseguiram muito. Bem conheciam elles a utilidade do meio que empregavam. Dizia o padre Manoel da Nobrega: « Com a muzica e harmonia atrevo-me a attrahir a mim todos os indios da America.»

Introduziram tambem as reprezentações theatraes, como fizeram em Coimbra e em Evora.

INSTRUCÇÃO PUBLICA

NOS TEMPOS COLONIAES DO BRAZIL

PELO DR.

M. D. MOREIRA D'AZEVEDO

§ 1. Reconhecia Portugal a vastidão do Brazil, apreciava a sua riqueza de vegetação, admirava os thezouros de diamantes e ouro descobertos nos leitos dos rios, as minas de metaes preciozos occultos nas profundezas do solo, saciava-se com as preciozidades que mandava buscar na sua colonia, mas deixava-a involvida nas trevas da ignorancia. Só queria, que o Brazil produzisse ouro, prata e brilhantes e productos naturaes. Embaraçava o commercio, não attendia á industria, mandava destruir os teares da capitania de Minas-Geraes e prohibia os officios de ourives, de lapiladarios, cravadores e fundidores nas capitanias de Minas, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Si matava a industria não procurava tambem despertar a actividade intellectual. Não attendia á cultura literaria da sua colonia. Não consentia, que circulassem livros, nem quaesquer impressos, não tolerava que se estabelecesse typographia alguma, e nem uma escola mandava crear onde se ensinassem os elementos rudimentaes da instrucção. E assim correram duzentos annos sem que pensasse o governo no cultivo literario de seos povos da America.

Sepultado na ignorancia, era governado o povo pelo despotismo, pelo terror, era pobre e o estado rico, vivia abismado no embrutecimento e na mizeria.

§ 2. A educação era feita pelos jezuitas, que foram os primeiros que abriram aulas no mundo descoberto por Cabral. Em seos collegios instituiram aulas, onde

e doação. Chegados ao Rio de Janeiro seguiram para as capitanias do interior, determinando o alvará de 18 de Novembro de 1729 que lhes dessem uma ajuda de custo e o mais para as suas subsistencias e de dois criados pelo tempo que durasse a commissão.

No governo de Gomes Freire de Andrade houve no Rio de Janeiro uma associação denominada Academia dos Felizes, que de sua existencia deixou algumas memorias no gosto e estilo d'aquelles tempos, e mais outra com o nome de Academia dos Selectos. Ambas tiveram curta duração.

Em 1738 foi instituida uma aula de artilheria no Rio de Janeiro.

Fundou o bispo D. Fr. Antonio de Guadalupe os seminarios das orphãs de S. Pedro e o de S. Jozé, na mesma cidade, o primeiro pela provizão de 8 de Junho de 1739, e o segundo pela provizão de 5 de Setembro do mesmo anno. O seminario das orphãs de S. Pedro teve estatutos organizados pelo bispo em 29 de Outubro d'aquelle anno, e comprehendia as aulas de primeiras letras, doutrina christã, lingua latina e muzica. Em Dezembro de 1766 foi transferido do predio junto da igreja de S. Pedro para outro construido junto á igreja de S. Joaquim. Mudando de caza mudou o seminario de padroeiro, e começaram os alumnos a ser denominados seminaristas de S. Joaquim. Em 3 de Maio de 1740 o seminario de S. Jozé recebeo estatutos, que no andar dos annos soffreram diversas reformas de outros prelados. Tinha aulas de latim, philosophia, theologia moral e dogmatica, liturgia e cantochão.

§ 4 Estabeleceo-se em 1747 uma typographia no Rio de Janeiro, que chegou a publicar alguns opusculos, mas ordenou o governo de Portugal, que se destruisse a officina e não se permittissem mais iguaes estabelecimentos no Brazil. A carta regia de 6 de Julho de 1747 mandou sequestrar e remetter para Portugal por conta e risco de seos donos as letras da imprensa, prohibindo que se imprimissem livros, obras ou papeis avulsos, comminando a pena de prizão para o reino.

Era Portugal menos liberal que a Inglaterra e a

Hespanha, que toleravam que houvessem em suas colonias typographias e universidades.

Em 1751 deo-se principio no Rio de Janeiro a construcção do edificio para um novo seminario denominado da Lapa, onde apenas eram regidas as aulas de latim e cantochão.

Em virtude do alvará de 20 de Maio de 1751 fundou o bispo D. Fr. Miguel de Bulhões o seminario episcopal do Pará, com sujeição ao ordinario, em parte do edificio dos jezuitas, aos quaes encarregou a sua administração.

O decreto de 3 de Setembro de 1759 expellio de Portugal os padres jezuitas, que muito trabalharam pela educação da mocidade no Brasil. Privados d'esses preceptores experimentou a instrucção sensivel atrazo, e si para substituil-os vieram as escolas monasticas dos Beneditinos, Carmelitas e Franciscanos, não chegaram estas ao gráo de methodo, ensino e regularidade das dos padres de Jezus, porém ainda assim, quando aquellas desappareceram, eram as melhores que possuia a colonia do Brazil.

Na capitania do Rio de Janeiro si a suppressão do instituto dos jezuitas não cauzou tanto abalo como em outras, foi isso devido ao bispo D. Jozè Joaquim Justiniano. «Aos cuidados d'esse energico prelado, diz Fernandes Pinheiro, deveo a nossa terra a formação de uma pleiade de pregadores, que perante o principe regente e a sua consorte mantiveram com lustre a gloria do nome brazileiro.»

Inaugurou-se em 6 de Junho de 1759, na cidade da Bahia, a Academia Brazilica dos Academicos Renascidos.

§ 5. Elevado ao ministerio o Marquez de Pombal, empregou a maior dedicação, consagrou todos os seos esforços para derramar em todas as povoações do reino a instrucção primaria e secundaria. Instituio, pela lei de 10 de Novembro de 1772, uma renda regular chamada subsidio literario cobrada sobre os vinhos e bebidas espirituozas, com a qual eram pagos os mestres nomeados pelo governo.

A carta de lei de 6 de Novembro de 1772 organizou a

instrucção primaria no reino de Portugal e dominios coloniaes. A ordem regia de 12 de Novembro do mesmo anno mandou estabelecer differentes aulas no Rio de Janeiro e em outras capitanias para instrucção da mocidade.

A carta regia de 17 de Outubro de 1773, dirigida ao vice-rei Marquez de Lavradio, determinou a arrecadação de subsidio literario.

Abriram-se no Rio de Janeiro e em outras capitanias de igual importancia aulas de primeiras letras, de grammatica latina, de philosophia e de grego.

Em 28 de Junho de 1774 inaugurou o professor regio de philosophia no Rio de Janeiro Francisco Rodrigues Xavier Prates a sua aula com um eloquente discurso, achando-se prezentes o vice-rei e o bispo diocezano.

N'esse anno instituio-se em São João de El-Rei, na capitania de Minas-Geraes, uma aula regia de latim, na qual beberam instrucções illustres Brazileiros, que se distinguiram na carreira publica.

Delineou o vice-rei Marquez do Lavradio crear um horto botanico no Rio de Janeiro, e com esse intuito favoreceo a instituição de uma sociedade philosophica, que cooperou para o conhecimento dos vegetaes do Brazil na Europa. Referindo-se a esta associação diz Monsenhor Pizarro:

E' certo, que só depois da sua instituição foi que a Academia de Stockolmo teve conhecimento das plantas do Brazil por um selecto herbario braziliense, que lhe enviaram os irmãos Jozé Henrique de Paiva e Manoel Joaquim de Paiva.

O alvará de 11 de Junho de 1776 approvou os estatutos para os estudos creados pelos frades franciscanos do Rio de Janeiro. Haviam sido modelados pelos novos estatutos dados pelo Marquez de Pombal á universidade de Coimbra. Estabeleceram oito cadeiras para os estudos de rhetorica, grego e hebraico, e cinco para os de philosophia, historia eccleziastica, theologia dogmatica, theologia moral e theologia exegetica.

A lição de rhetorica durava duas horas e a de grego uma. Nos conventos em que houvesse a cadeira de rhetorica haveriam tambem as de grego e hebraico.

Approvados doze estudantes nos estudos menores, isto é, de rhetorica, grego e hebraico, era inaugurada a aula de philosophia. Estudavam os religiozos trez annos philosophia e trez theologia.

Quanto ao latim nenhum provincial podia aceitar noviço algum antes de ser examinado por dois lentes na prezença de toda a meza e do regente dos estudos. Abriam-se as aulas em 3 de Fevereiro e funccionavam até domingo de Ramos; reabriam-se depois do domingo *in albis*, e duravam até o fim do mez de Outubro. Os exames eram no mez de Novembro. Eram feriadas todas as quintas feiras do anno lectivo, excepto n'aquellas semanas em que houvesse dia santo de guarda nas terças, quintas e sextas, porém sendo o dia de guarda na segunda ou no sabbado não tirava o suéto da quinta feira.

Faziam os frades exercicios literarios, que eram publicos, sustentando cada um concluzões sobre as sciencias philosophicas ou theologicas, aos exercicios diarios e semanaes dos discipulos só assistiam os religiozos.

§ 6. Creou o vice-rei Luiz de Vasconcellos uma cadeira de rhetorica e poetica no Rio de Janeiro para a qual nomeou sem concurso a Manoel Ignacio da Silva Alvarenga. Na abertura da aula, feita com toda solemnidade em prezença do vice-rei e do bispo da dioceze, recitou o poeta Silva Alvarenga um longo discurso demonstrando a importancia da disciplina que lhe havia sido confiada. Nessa época de magistratura literaria, diz Fernandes Pinheiro, prestou Silva Alvarenga relevantes serviços, já acoroçoando os engenhos timidos, já preparando uma geração de pregadores que deveriam honrar o nosso pulpito.

As lições d'esse abalizado mestre contribuiram muito para dispertar os talentos dos Brazileiros, que então mais se distinguiram nas letras, nas sciencias e na palavra. Appareceram então no pulpito sagrado do Rio de Janeiro os Frias, os Rodovalhos, os S. Carlos, os Sampaios, os Oliveiras, os Alvernes e outros pregadores de nomeada.

Nós podemos affirmar, diz frei Francisco de Mont' Alverne, com todo o orgulho da verdade, que nenhum pregador transatlantico excedeo aos oradores brazileiros.

Não existindo no paiz academia alguma onde os moços talentozos se preparassem para as praticas de qualquer sciencia, e não sabendo os paes que destino dar aos que manifestavam inclinação e gosto para os estudos, recorriam á igreja, e ao silencio dos mosteiros entregavam os filhos, quando não lhe sobravam os meios para mandal-os estudar em Coimbra. Nas escolas monasticas não se tinha em vista outro fim sinão educar moços para a igreja. Assim appareceram na carreira da eloquencia sagrada esses grandes vultos da oratoria, que tantos louvores grangearam.

Fundou Luiz de Vasconcellos um gabinete de historia natural chamado caza dos Passaros. Em 1784 vieram as ordens regias mandando avaliar e tomar por compra para a fazenda real, no largo da Lampadoza e campo de São Domingos, diversos predios para ali se estabelecer o gabinete de estudos de historia natural. Foi essa a origem do Museo Nacional do Rio de Janeiro.

Havia n'essa época, na cidade do Rio de Janeiro, nove escolas de primeiras letras, uma da lingua latina, outra da lingua grega, uma de philosophia, uma de rhetorica e duas de mathematicas elementares.

Em 6 de Junho de 1786 se instituira no Rio de Janeiro a «Sociedade Literaria», que no vice-reinado seguinte foi dissolvida.

§ 7. Succedeo a Luiz de Vasconcellos no governo o Conde de Rezende. que recebeo o avizo de 27 de Outubro de 1798 para convocar as camaras municipaes afim de destinarem pessoas habeis, que enviadas á metropole se podessem habilitar para servir os lugares de typographos, hydraulicos, contadores, medicos e cirurgião em cada comarca. Autorizado ficou o vice-rei a ordenar as camaras, que lançassem as fintas, que julgassem mais convenientes para satisfazer este objecto.

Era então deploravel o estado das escolas primarias em todas as capitanias do Brazil, poucas existiam, e estas exercidas por homens ignorantes. Não havia systema nem norma para escolha de professores, e o subsidio literario não bastava para pagar ao professorado.

Attendendo ao estado lastimozo da instrucção

publica ordenou a carta régia de 9 de Setembro de1799, que o vice-rei, os governadores e capitães generaes informassem qual o augmento que poderia ter o subsidio literario, que a essas autoridades ficasse commettida a inspecção das escolas, que de acôrdo com o bispo nomeassem os professores, e no cazo de duvida enviassem a proposta ao governo da metropole para decidir.

A carta régia de 19 de Agosto de 1799 já havia concedido ao vice-rei a privativa e necessaria inspecção de todas as escolas régias. Determinara a mesma carta régia, que se creassem de novo as cadeiras de grego, latim, rhetorica, philosophia, mathematicas elementares, geometria e trigonometria.

Recommendou o avizo de 5 de Abril d'aquelle anno, que encarregasse o vice-rei aos naturalistas existentes no Rio de Janeiro o cuidado de fazerem as precizas indagações afim de se conhecer si se encontravam algumas plantas cujos ramos podessem, depois de perfeita maceração em agua, dar fio proprio para se fabricar papel.

Ordenou o alvará de 3 de Setembro ainda d'aquelle anno, que nomeasse o vice-rei annualmente um professor para visitar as escolas, e remettesse semestralmente um relatorio exacto do estado da instrucção na capitania.

Attendendo o Conde de Rezende á riqueza da flora fluminense, e sabendo que em uma horta contigua ao hospital militar, no morro do Castello, cultivavam-se para uzo da botica do mesmo hospital muitos herbaceos uteis, pensou, aconselhado pelo Dr. Manoel Joaquim de Souza Ferraz, em crear um jardim medico botanico no Rio de Janeiro.

Aprezentou Souza Ferraz o plano, indicou arvores e plantas medicinaes, que deviam ser transplantadas, a creação de uma aula de botanica para ser frequentada por aquelles que quizessem ser pharmaceuticos e cirurgiões, obrigando-se, depois de prestado o exame d'aquella materia, a estudar outras sciencias da sua profissão. Os boticarios em suas pharmacias seriam obrigados a substituir as plantas européas por vegetaes indigenas. Em 9 de Novembro de 1795 enviou Souza Ferraz o seo plano scientifico ao vice-rei, que trez dias depois o remetteo ao

erno do rei; mas não realizou-se tão util proposta, por que pensavam os ministros da rainha Maria Primeira, como de politicos da côrte de D. Manoel, que lhe aconselhavam que, para conservar a conquista do Oriente, mandasse arrancar todas as plantas indiaticas, que houvesse no Brazil, com pena capital para os que por ventura as cultivassem.

Estabeleceo o Conde de Rezende em Novembro de 1793 uma aula para instrucção dos soldados dos regimentos de linha e milicias do Rio de Janeiro. Além da aula de fortificação mandada crear em 1699 havia n'esta cidade, para instrucção dos militares, as de geometria pratica, de arithmetica, francez, dezenho e instrucção elementar.

§ 8. No vice-reinado do Conde de Rezende possuia a cidade do Rio de Janeiro uma cadeira de philosophia, uma de rhetorica, uma de grego, trez de grammatica latina e duas de instrucção primaria.

O avizo de 2 de Setembro de 1797 permittio aos professores de grammatica latina do Rio de Janeiro ensinar indistinctamente pela grammatica, que julgassem mais util e facil ao progresso dos seos alumnos.

Em 1798 creou o bispo D. Jozé Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho o seminario episcopal de Olinda, tendo obtido, em 22 de Março de 1796, do principe regente a igreja e collegio, que haviam pertencido aos jezuitas para estabelecer o seminario, que ficou sob a direcção, inspecção e administração d'aquelle prelado, que lhe deo estatutos.

Ordenou a carta régia de 19 de Agosto de 1799, que se creassem na capitania de Pernambuco as cadeiras de arithmetica, geometria e trigonometria.

Havendo sido encarregados da inspecção do ensino o vice-rei, governadores e bispos das diocezes, fôra-lhes facultado o direito de censurar, castigar e vigiar sobre a conducta, exacção de serviço e procedimento dos professores, podendo suspendel-os do exercicio do magisterio; deviam velar sobre o exacto pagamento d'elles e sua jubibilação, e tambem instituir medalhas para premiar os alumnos, que annualmente fizessem alguma compozição de distincto merecimento ou publicassem alguma obra devalor.

A carta régia de 17 de Novembro de 1800 nomeou Theodoro Ferreira de Aguiar, cirurgião-mór do real hospital de Lisboa, professor régio de cirurgia com cadeira publica na cidade do Rio de Janeiro, percebendo o mesmo ordenado, que recebiam os professores regios de philosophia ; mas não sabemos si chegou a vir ao Brazil, porque continuou este cirurgião em Lisboa, onde por dois annos leccionou no hospital de marinha.

Abrio-se com solemnidade, em 10 de Junho de 1800, o seminario de Pernambuco com as aulas necessarias para a instrucção da mocidade, especialmente daquelles que aspiravam ao estado eccleziastico.

Ordenou a carta régia de 1 de Maio de 1800 ao governador do Maranhão que designassem quatro alumnos para receberem instrucção em Portugal, dois dos quaes fariam na universidade de Coimbra um curso completo de mathematicas para depois serem empregados em hydraulicos, medidores de terras e contadores ; o terceiro seguiria a faculdade de medicina e o quarto a de cirurgia. Emquanto á pensão com que haviam de ser soccorridos, determinou el-rei, que, do rendimento do imposto sobre o algodão exportado da capitania para o reino, se tirasse annualmente um conto de réis, vindo portanto a tocar a cada um dos sobreditos alumnos a quantia de duzentos e cincoenta mil réis.

Si alem dos quatro alumnos houvesse mais algum, que pela sua capacidade e talento merecesse ser attendido proporcionando-lhe os meios de instrucção, e por esse motivo deveriam ser mandados ao reino, foram autorizadas as camaras da capitania para que, julgando conveniente, podessem lançar algumas fintas donde se podesse tirar a subsistencia d'aquelles estudandes.

§ 9. A carta régia de 20 de Novembro de 1800 mandou estabelecer e nomear professor de aula régia de dezenho e figura no Rio de Janeiro ao artista Manoel Dias de Oliveira, vencendo o mesmo ordenado que os professores de philosophia.

Este artista, natural do Brazil, inaugurou, em sua caza, em frente a igreja do Hospicio, a aula do nú, que era concorrida pelos poucos artistas que então havia.

Com louvavel zelo e caridade deo principio Joaquim Francisco do Livramento em 1803, na cidade da Bahia a uma caza de educação para meninas orphãs.

Foi nomeado professor de philosophia, por carta régia de 20 de Janeiro de 1803, na cidade de São-Luiz do Maranhão, Dionizio Rodrigues Franco, que já era substituto desde 1798.

Foi instituido na mesma cidade, pela carta régia de 10 de Maio de 1805, um seminario, havendo existido outro creado pelos jezuitas, que com o volver dos annos se extinguira.

Era deploravel n'essa época a instrucção publica no Brazil. A politica dispotica de Portugal nã tolerava, que houvesse typographia alguma em sua colonia da America, de sorte que o povo achava-se no mesmo estado como si nunca se houvera inventado a imprensa. Raros eram os livros que circulavam, e não havia o menor gosto pela leitura. As escolas eram muito poucas e mal dirigidas; havia diminuta frequencia de alumnos e geralmente as mulheres não aprendiam a ler.

Falando da ignorancia em que vivia o povo diz Roberto Southey:

«Havia muitos negociantes abastados, que não sabiam ler, e difficil era achar jovens habilitados para caixeiros e guarda-livros. Nem era raro um opulento sertanejo incommendar a algum dos seos vizinhos, que de qualquer porto de mar lhe trouxesse um Portuguez de bons costumes, que soubesse ler e escrever para cazar-se com a filha.»

§ 10. Emigrando a familia real de Bragança para o Brazil entrou em melhor phaze a instrucção publica. A prezença da côrte produzio um movimento de vida e animação no paiz; iniciaram-se então certos melhoramentos, tomaram-se diversas providencias necessarias ao governo e á marcha administrativa, e houve algum progresso e melhoramento devido á nova ordem das couzas.

Em 18 de Fevereiro de 1808 baixou uma ordem régia autorizando o Dr. Jozé Correia Picanço, cirurgião-mór do reino, para escolher quem ensinasse no hospital real militar da cidade da Bahia a cirurgia e especialmente a anatomia e obstetricia, sendo para esse fim por elle

escolhidos o cirurgião Jozé Soares de Castro e Manoel Jozé Estrella, que já estavam servindo n'aquelle hospital. Mas atacaram estes dois instituidores do ensino medico no Brazil com grandes embaraços, e taes difficuldades surgiram que só em Maio de 1816 começou a funccionar o collegio de cirurgia.

N'aquelle mesmo anno o collegio dos jezuitas da cidade da Bahia converteo-se em seminario, que a outro nenhum do Brazil cedeo o passo. Tinha professores de latim, grego, francez, geographia, rhetorica, historia universal, philosophia, historia eccleziastica, theologia dogmatica e pratica e dezenho. Pagavam os pensionistas cento e vinte mil réis por anno.

N'esses tempos de atrazo e obscurantismo poucos eram os que se dedicavam ao estudo do francez. Logo que um joven manifestava dezejo de traduzir esse idioma, para penetrar nos arcanos d'essa brilhante literatura, era desviado por seos parentes por ser considerado como lingua de libertinos, impios e athêos.

Si com a vinda do rei para o Brazil crearam-se algumas escolas em uma ou outra cidade ou villa das mais importantes da colonia, não se tratou de regularizar o ensino, da boa escolha dos professores e de quem lhes fiscalizasse o procedimento. Ensinava cada um do modo que lhe parecia mais commodo, e não havia methodo nem sistema, ou plano organizado pelo governo. Os mestres eram nomeados sem concurso, e sem que fosse avaliada a moralidade de suas idéas e costumes.

§ 11. Creou o governo uma typographia no Rio de Janeiro, a unica em todo o paiz. porém levado pela rotina das leis portuguezas, temendo-se da imprensa, sujeitava a uma censura prévia as obras literarias que eram publicadas ; ordenava aos juizes das alfandegas, que não admittissem a despacho livros ou papeis alguns impressos sem que lhes fosse aprezentada a licença do dezembargo do paço, ao qual deveriam enviar uma relação de quantos entrassem e sahissem das alfandegas.

Mandou o avizo de 5 de Maio de 1808 estabelecer no Rio de Janeiro a academia de guardas-marinha nas hospedarias do mosteiro dos Beneditinos.

Em 10 de Setembro de 1808 começou o governo a publicar a *Gazeta do Rio de Janeiro*, o primeiro periodico impresso no Brazil ; mas para se avaliar como fechada trazia o governo a opinião publica, como estreito era o circulo de ferro em que apertava a imprensa, basta lembrar o edital de 30 de Maio de 1809 do intendente da policia, prohibindo que se publicassem os avizos, annuncios e noticias de obras que existiam á venda, quer nacionaes quer estrangeiros, sem que fossem vistos, examinados e previamente approvados, sob pena de prizão e multa pecuniaria.

Estabeleceo o decreto de 5 de Novembro de 1808, no hospital militar do Rio de Janeiro, uma escola anatomica cirurgica e medica, sendo provido na cadeira de anatomia o cirurgião Joaquim Jozé Marques.

A cidade do Recife de Pernambuco contava em 1808 uma cadeira de rhetorica e poetica, uma de latim, uma de philosophia e trez de primeiras letras.

Na cidade de Belém, no Pará, havia professores regios de latim, de philosophia e de rhetorica.

Em Villa-Rica, na capitania de Minas-Geraes, havia professores regios de primeiras letras, um de latim e outro de philosophia.

Na cidade de São-Paulo existiam aulas régias de primeiras letras, uma de grammatica latina, uma de philosophia, uma de rhetorica e uma de theologia moral e dogmatica.

Havia na cidade da Bahia as mesmas aulas. Notavam-se ahi alguns livreiros, porém nenhum no Recife nem em outra capitania do norte.

O decreto de 25 de Janeiro de 1809 nomeou para lente de medicina operatoria e arte obstetricia da escola medico-cirurgica do Rio de Janeiro a Joaquim da Rocha Mazarem, e o decreto de 12 de Abril do mesmo anno ao Dr. Jozé Maria Bomtempo, lente de medicina, chimica e elementos de materia medica e pharmacia.

§ 12. A carta régia de 4 de Dezembro de 1810 mandou crear no Rio de Janeiro a academia militar. Em 23 de Abril de 1811 abrio-se a aula do primeiro anno em umas ala da caza do Trem, hoje Arsenal de Guerra, por não

star preparado o edificio do largo de S. Fancisco de Paula, destinado para a academia, mas em 1 de Abril de 1812 installaram-se as aulas n'essa caza, que ainda hoje tem o mesmo destino. Constava de doze cadeiras e a divizão do ensino era em sete annos, nos quaes se ensinavam as sciencias mathematicas, a physica, astronomia, chimica, mecanica, hydraulica, hydrostatica, metallurgia, historia natural e sciencias militares, a fortificação, artilheria e tactica.

Ordenou a carta régia de 12 de Abril de 1811 a fundação do seminario grande da cidade da Bahia, porém foi em 1815 que o instituio o arcebispo D. frei Francisco de S. Damazo, na caza sita á rua do Bispo, doada para esse fim pelo conego Jozé Telles de Menezes. Passou depois com o nome de seminario de S. Damazo para o hospicio da Palma, offerecido para esse fim pelo imperador Pedro I, por carta imperial de 31 de Março de 1824.

Extinguio-se em 1811 o seminario da Lapa do Rio de Janeiro, e n'esse mesmo anno fundou n'essa cidade o padre Felisberto Antonio de Figueiredo Moura um collegio, onde se ensinavam a grammatica portugueza, latim, francez, inglez, rhetorica, arithmetica, pintura e dezenho. Os alumnos ficaram izentos de prizões e recrutamento por avizo de 8 de Julho de 1811.

A resolução de 20 de Agosto do referido anno izentou do recrutamento os estudantes matriculados nas aulas publicas, que se achassem nas circunstancias declaradas de frequencia, applicação e aproveitamento attestando-o assim os professores.

Determinou o decreto de 25 de Janeiro de 1812, que se estabelecesse um laboratorio chimico no Rio de Janeiro, incumbindo da sua administração ao lente de materia medica da escola medico-cirurgica.

§ 13. Em 1 de Abril de 1813 receberam novo plano os estudos medicos e cirurgicos do Rio de Janeiro; creou-se um curso de cinco annos com as cadeiras de anatomia, chimica, elementos de materia medica, physiologia, etiologia, hygiene, pathologia, therapeutica e operações. O decreto de 20 de Abril de 1813 instituio a cadeira de hygiene pathologica.

Fundou o decreto de 9 de Dezembro de 1814 escolas de agricultura e botanica no Rio de Janeiro para aperfeiçoamento pratico da mocidade, e ordenou, que se estabelecessem aulas de commercio nas cidades da Bahia e do Recife, vindo de Lisbôa pessoas habilitadas para o magisterio.

Organizou a carta régia de 29 de Dezembro de 1815 o ensino medico na cidade da Bahia, instituindo um curso de cinco annos de duração e cinco cadeiras ou aulas. Ensinava-se no primeiro anno anatomia em geral, no segundo anatomia e physiologia, no terceiro hygiene pathalogica e therapeutica, no quarto instituições cirurgicas e operações e no quinto clinica medica e obstetricia.

Mandou o avizo de 5 de Março de 1816 agradecer aos negociantes do Rio de Janeiro a offerta de formarem um capital, cujo rendimento fosse perpetuamente applicado para estabelecimentos, que promovam a instrucção nacional. Tratou-se então de unir as cadeiras das sciencias existentes n'esta côrte áquellas, que demais se houvessem de crear em ordem a completar um Instituto Academico, que comprehendesse não só o ensino das sciencias, mas ao mesmo tempo o das bellas artes. Não realizou-se similhante projecto.

Creou-se em 1817 a cadeira de chimica no collegio medico cirurgico da cidade da Bahia.

Havia n'esse anno no Rio de Janeiro, além das escolas publicas das primeiras letras, trez de grammatica latina, uma de rhetorica, uma de philosophia, uma de grego e uma de dezenho e pintura.

Na mesma época contava a cidade da Victoria, na capitania do Espirito Santo, um professor regio de grammatica latina, alguns de primeiras letras e trez escolas particulares.

O decreto de 5 de Janeiro de 1818 ordenou a extincção do seminario de S. Joaquim, que passou a servir de quartel de um regimento vindo de Portugal. Alguns seminaristas foram transferidos para o seminario de S. Jozé, e outros incorporados a um corpo de artifices, tambem chegado de Portugal, como aprendizes de officios mecanicos. As propriedades do seminario foram reunidas

á corôa, violando-se assim as dispozições e legados dos instituidores e bemfeitores do estabelecimento.

Em 16 de Dezembro de 1820 creou D. João VI doze pensões de nove mil e seiscentos reis cada uma para doze moços pobres, que mostrassem aptidão para os estudos medicos e tivessem bom procedimento, ficando obrigados, depois de concluidos os estudos, a servirem como cirurgião dos corpos e regimentos de tropas de linha.

§ 14. Determinou o principe regente D. Pedro, por decreto de 19 de Maio de 1821, que fosse restabelecido o seminario de S. Joaquim, com uma cadeira de latim, uma de francez, outro de logica e outra de cantochão. As propriedades legadas ao estabelecimento foram-lhe restituidas, reparando o governo a injustiça praticada contra uma instituição creada para amparo e educação de meninos desvalidos.

Ordenou a portaria de 10 de Dezembro de 1821, que os empregados do thezouro publico, que andassem frequentando os estudos da aula do commercio, durante as horas das lições, não fossem comprehendidos no ponto, que se mandara estabelecer.

N'aquelle mesmo anno mandou o governo do principe D. Pedro, que se désse despacho gratuito na alfandega aos livros, se acabasse com a censura previa dos escriptos impressos, havendo a unica obrigação de assignarem os editores os originaes para a responsabilidade legal no cazo de abuzo de liberdade de imprensa.

§ 15. Esta ligeira nomenclatura de cartas régias, avizos, portarias e decretos, que concatenamos n'estas paginas, mostra, que escassa e limitada era a esphera da instrucção publica nos tempos coloniaes do Brazil. Só havia escolas nas cidades e villas mais importantes, em quanto os outros pontos do paiz viviam na mais completa ignorancia. Exceptuando os seminarios e as aulas monasticas, só podia beber-se alguma instrucção frequentando-se as poucas aulas régias de latim, de rhetorica e philosophia, e o mui limitado numero de escolas de instrucção elementar. Os professores mal retribuidos e pouco considerados não tinham uniformidade no ensino nem aptidão, e aos alumnos infligiam castigos corporaes excessivos e infamantes. Os

os superiores que existiam tinham regulamentos defi-
ites, e limitada era a esphera das disciplinas, que abrangiam. A instrucção estava fechada em estreito circulo e pessimas eram as escolas, porque não eram bons os professores. Não havia gosto pela leitura, raros eram os livreiros, apenas existiam alguns nas cidades do Rio de Janeiro, Bahia e Recife; poucas eram as typographias; só depois da vinda da familia real é que se cogitou em crear uma typographia no Brazil. Em 1811 instituio-se uma na Bahia, e em 1821 começou a funccionar a primeira estabelecida na cidade do Maranhão. O governo não tolerava, que se imprimissem periodicos; só havia a *Gazeta do Rio* e a *Idade de Ouro* da cidade da Bahia. Depois da partida do rei D. João para Portugal foi, que a imprensa começou a tomar algum incremento.

Mas declarado livre o Brazil em 1822 foi-se dilatando a esphera da instrucção publica, cresceo o numero das escolas, multiplicaram-se todos os ramos da instrucção, e receberam programmas mais amplos e uniformes os estudos secundarios e superiores. O desenvolvimento da vida civica fez alargar a esphera do ensino; tratou-se de educar os homens para se tornarem pessoas livres. Tendo a nação vida propria, não vivendo mais apertada nos estreitos laços coloniaes, e nem supportando mais os rigores do absolutismo, alargou o plano da educação da mocidade, deo ordem, regularidade e norma á instrucção popular, uniformizou o ensino. Appareceram novas idéas, novas aspirações, que imprimiram nos espiritos o dezejo da instrucção, o gosto da leitura, o amor do estudo, e a educação nacional progredio, regularizou-se e entrou em um periodo de ordem e prosperidade.

—(FIM)—

ALGUNS DIAS NA PAULICÉA

POR

HENRIQUE RAFFARD

Socio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

As presentes notas, verdadeiros apontamentos de viagem, foram tomadas a principio na primeira quinzena de Março de 1890 e, em consequencia do bom acolhimemto que tiveram por parte das redacções do *Diario do Commercio* (*)

(*) Com a epigraphe supra (*Alguns dias na Paulicéa*) encetaremos amanhã a publicação de um curioso trabalho sobre cousas da cidade e do Estado de S. Paulo, occorridas nos ultimos quatro annos.

O illustrado autor, que acaba de chegar d'esta cidade, fez nos entrega dos seus apontamentos para que vissemos quanto se tem transformado a Paulicéa.

Foi, porém, com a promessa de não divulgar o seu nome que consentio em permittir a inserção nas nossas columnas das suas ligeiras observações, as quaes transcrevemos *ipsis verbis*, para dar-lhes maior cunho de originalidade.

Vão, pois, assignadas com um pseudonymo conhecido dos collaboradores do extincto *Entr'acto* que viveu em S. Paulo no anno de 1881.

Alguns leitores não procurarão muito tempo o verdadeiro nome de quem se trahio abordando um dos assumptos de sua predilecção, para o qual aliás tem reconhecida competencia, sendo o caso de dizer *Chassez le naturel il revient au galop.*

Com effeito, *Ascher* não póde deixar de estender-se quando fallou em immigrantes, colonisação, etc... porém tratou ainda de outras questões de actualidade, offerecendo ensejo para maior exame e tornando, portanto, interessante o conhecimento das notas consignadas na sua carteira de viagem.

Ha topicos que serão pouco apreciados por quem jámais esteve em S. Paulo, mas nem por isso desmerece o *ensemble* do escripto cuja completa leitura recommendamos.

(*Diario do Commercio* de 18 de Março de 1890).

le Janeiro e *Jornal da Tarde* (*) de São Paulo, continuadas em Abril e Maio do mesmo anno por ccasião de novas digressões a essa capital.

Estive pela ultima vez na capital do Estado de S. Paulo em Dezembro de 1886, porém demorando-me ahi uma noite, posso dizer que não venho a Paulicéa desde o fim de 1885.

Parece incrivel que n'estes ultimos quatro annos, periodo de tempo relativamente curto, uma cidade brazileira tenha tido desenvolvimento igual ao que n'ella notei.

Durante quinze dias empregados a percorrel-a de orte a Sul, de Leste a Oeste, observando o grande mero de construcções novas e presenciando o movimento ruas, reconheci o acerto das palavras do Dr. Ruy osa proferidas no «Edison's Last Phonograph» repetirá *urbi et orbe* :

« S. Paulo é a expressão do espirito *yankee* ameni- e perfumado pela graça do gosto italiano.

« Triplicado em população e opulencia, no espaço de ucos annos, esta cidade está destinada a ser a mais magnifica de toda a America Meridional.

« Este desenvolvimento maravilhoso e incomparavel será bastante rapido, eu o espero, para que aquelles que como eu conheceram a antiga cidade academica, escondida atraz das suas rotulas e dos seus mosteiros, possam

---

(*) Sob esta epigraphe, *Alguns dias na Paulicéa* tem publicado o *Diario do Commercio*, do Rio de Janeiro, uma interessante série de artigos sobre assumptos paulistas.

O autor d'esse urioso trabalho, posto encubra sob um pseudonymo a sua verdadeira individualidade, deixa transparecer, entretanto, o culto espirito do cidadão que alinhou e reunio todas as justas e bem cabidas considerações que lhe suggerio a observação intelligente e criteriosa da vida paulista em suas mais minuciosas e ligeiras relações.

Para nós, os habitantes de S. Paulo, esses artigos encerram duplo valor, porque n'elles encontramos, com uma nitidez admiravel, éco das nossas proprias impressões em face dos assumptos que *Ascher* observa e sobre os quaes discorre.

Amanhã principiaremos a transcripção d'esse trabalho.

(*Jornal da Tarde* de 17 de Abril de 1890).

ainda vêr e admirar, estendendo-se indefinidamente pela varzea, a magestade da sua civilisação exhuberante e fertil como a fecundidade do seu sólo, a grandeza das suas montanhas, ou a belleza das suas flôres. »

S. Paulo é forçosamente o ponto de *great attraction* do Estado Paulista.

Séde do governo, que por multiplas razões jámais tratará de remover a capital para outro sitio; séde, portanto, de todas as principaes autoridades civis, militares e ecclesiasticas, esta cidade é tambem grande centro industrial e commercial para o qual convergem estradas de ferro, communicando-o com todos os districtos paulistas, directa ou indirectamente, pelos seus prolongamentos ou differentes ramaes.

E', pois, natural que as familias abastadas do interior tenham fixado residencia na feliz Paulicéa, cujo clima agradavel, embora muito variavel, attrahe até gente de Campinas e de Santos.

O recenseamento de 1873 dava a São Paulo uma população de uns 23,000 habitantes que hoje deve attingir quasi o algarismo de 70,000 de modo que terá triplicado em menos de 20 annos.

Uma das folhas locaes, segundo fui informado, noticiou ter sido verificado a existencia de 14,000 casas que representariam a existencia de 98,000 almas calculando-se 7 habitantes por casa, como é de praxe na Europa, porém penso ser mais razoavel uma média de 5 que perfaz os 70,000 enunciados.

Diz-se que muita gente se retira da capital paulista por falta de habitações apezar de se promptificarem 50 a 60 casas mensalmente.

***

Comprehende-se facilmente que S. Paulo sendo constantemente visitado por numerosos *business-men*, *touristes*, etc., os seus hoteis prosperem e se tenham multiplicado.

Os freguezes do antigo «Hotel de França» obrigaram o seu bom amigo Guilherme Lebeis á augmentar os

commodos de que dispunha, annexando-lhes diversos sobrados seguidos.

O bello edificio do « Grande Hotel » tem hoje um rival no « Grande Hotel Paulista » perfeitamente collocado na esquina das ruas Bôa Vista e S. Bento, dominando o jardim do largo de S. Bento, onde se acha outro grande edificio, propriedade da companhia Paulista de Vias ferreas e fluviaes e a casa occupada com uma succursal da estrada de ferro do Norte (da companhia S. Paulo e Rio de Janeiro).

Na Paulicéa já não se precisa correr ás estações que se acham distantes do centro, pois que ahi se compra bilhetes, registra bagagens e passa telegrammas.

Na rua de S. Bento destacam-se ainda os predios da Caixa Filial do Banco do Brazil e outros de particulares que seguiram o exemplo dado pelos Srs. Dr. Antonio da Silva Prado e Dr. Elias Chaves com a construcção de suas sumptuosas casas, porém, sem revestil-as de marmore na frente; na mesma rua está sendo principiado o predio para onde tem de transportar-se o English Bank of Rio.

Digamos de passagem que são sempre afamados os bifes do Fischer na « Sereia Paulistana » á rua de S. Bento, que tambem possue a confeitaria denominada a «Paulicéa» que vem à ser a casa Paschoal dos Paulistanos; na dita rua deparei de um lado com uma fabrica de luvas e do outro com casa de vender café em pó, moido á vista do comprador, como o do Papagaio, o da Arara e de outros na Côrte—... denominação que continuam a dar á Capital Federal—alguem já disse que *l'habitude est une seconde nature*.

Não posso enumerar todas as confeitarias, os cafés, restaurantes e hoteis; direi só que o Nagel continúa na rua 15 de Novembro (ex-rua da Imperatriz) onde recentemente estabeleceu-se a « Gentil Pastora »; que no largo do Rosario subsiste ainda o «Café de Java», mas como novidade notei no largo de S. Bento o « Café do Terraço Paulista » servido por caixeiras amaveis, sendo uma d'ellas *hermosa hija de Castilha*—outra novidade é o «Café do Chá» inaugurado nas vesperas do Carnaval. Este estabelecimento deu sorte só com a escolha do seu titulo ; situado

em um excellente ponto, ao lado de um dos quatro cantos, na rua Direita ; creio que será muito frequentado quando estiver terminado o viaducto destinado a ligar a referida rua Direita com a do Barão de Itapetininga sobre o antigo Morro do Chá.

Estão sendo activados os movimentos de terra e trabalhos de alvenaria para receber a respectiva ponte de ferro, que pesa 500 toneladas metricas, a qual, chegando no correr de Maio, como se espera, permittirá a conclusão do viaducto até Outubro proximo vindouro.

O «New London and Brasilian Bank» tem seu edificio na rua Quinze de Novembro, no canto fronteiro ao predio da succursal da «San Paulo Railway Comp.» vulgo Estrada Ingleza, tomou o logar da casa onde outr'ora se recebiam encommendas de ramalhetes de cravos e *bouquets* de camelias da chacara do Sr. Joly ; afastando-se do alinhamento, o banco iniciou o alargamento do becco.

Indicado o Banco de S. Paulo e o grande predio em obras para o Club Internacional, é desnecessario apontar os mais edificios notaveis da rua Quinze de Novembro, sendo justo reconhecer que ahi sobresahe ainda o predio da casa Garraux, o mais antigo de todos.

A rua Direita ganhou igualmente algumas construcções bôas como o edificio do Banco de Credito Real, o qual acaba de fundir-se com o Banco do Commercio, que desapparece ; a bella propriedade do barão de Piracicaba, no logar da igreja da Misericordia demolida com o consentimento da curia episcopal, para beneficiar, segundo consta, o hospital da Santa Casa, cuja conclusão é morosa. O terreno foi arrematado á razão de 3:200$ o metro de frente com 10 de fundo.

A rua Direita, a de S. Bento e mais especialmente a de 15 de Novembro, serão sempre procuradas para os estabelecimentos financeiros e outros de primeira classe que não podem deixar de funccionar nas melhores ruas do centro da cidade, o que explica a offerta de uns 65:000$ para o terreno da casa n. 47 da rua 15 de Novembro, apenas com 13 metros de frente, cuja casa foi recentemente incendiada e se achava segura por 20:000$ que o proprietario vai receber mesmo no caso de effectuar a dita venda.

Não ficou isento de melhoramentos o largo da Sé. Na cathedral, ultimamente restaurada, admirei as bellas pinturas do Almeida Junior nos forros internos : a da capella mór representa Nossa Senhora, e a do corpo a conversão do padroeiro S. Paulo.

No largo do Collegio está prestes á concluir-se o palacio do governo sem as projectadas columnas de marmore do Pantojo, substituidas por outras de tijolos.

O largo foi ajardinado ; porém, talvez fôsse erro fazel-o além da frente do palacio : melhor teria sido deixar um espaço desempedido para tornar mais imponente o edificio da thesouraria geral que está quasi terminado, bem como para destacar a antiga igreja do collegio dos jesuitas, junto ao palacio e que destoa um pouco pela sua extrema singeleza, no meio de tantas construcções modernas e relativamente grandiosas.

Esta igreja tem sido conservada intacta em razão de sua importancia historica, remontando essa a 1681. N'uma esquina do mesmo largo o Sr. Eduardo Prates construio propositalmente para o Correio Geral uma grande casa que arrendou ao Estado e *vis à vis*, no canto da ladeira João Alfredo, foi felizmente collocada uma fonte elegante, tendo assim desapparecido o que alli se fez anteriormente com real quebra do bom gosto.

Edificou-se, no largo da Assembléa, um predio especial, onde foram recolhidas as preciosidades do Museu Sertorio, actualmente franqueado ao publico, mediante a entrada de 1$ por pessoa, para a indemnização das despezas de construcção.

***

Entendo ser de justiça trazer aqui o nome de um dos capitalistas que mais contribuio para o desenvolvimento material da Paulicéa—o Sr. Jozé Estanislau do Amaral Campos, importante fazendeiro, que applica parte de seus grandes haveres em edificações modernas, muitas das quaes no districto de Santa Iphigenia são destinadas a logistas, no intuito de chamar o commercio para esta parte da cidade.

Em quasi todas as ruas do centro e dos arrabaldes são encontradas magnificas casas; porém, sorprenderam-me sobretudo as ruas Aurora, Visconde do Rio Branco (ex-rua dos Bambús), Florencio de Abreu, Alegre, diversas dos Campos Elysios e do Bom Retiro, todas ellas em Santa Iphigenia.

O Bom Retiro é, por assim dizer, exclusivamente habitado por familias de operarios que comprehendem uns 4,000 individuos.

Bem andou o Manfredo Meyer abrindo ruas e vendendo lotes nos seus vastos terrenos do Bom Retiro; olvidou, entretanto, de perpetuar ahi o nome de seu gracioso conselheiro, conforme promettêra espontaneamente.

E' de lastimar que não se tenha melhor preparado os terrenos do Bom Retiro para evitar que aguas pluviaes fiquem retidas em alguns logares e tambem podia ter havido melhor direcção no alinhamento de algumas construcções. (1)

Acha-se resolvida a abertura de uma rua marginando o leito da ferro-via ingleza, com sacrificio de um pequeno pedaço do Passeio Publico, afim de prolongar a rua principal do Bom Retiro até o largo da Luz; as ruas da Estação, Episcopal e outras vão ser igualmente prolongadas, atravessando a Varzea para facilitar as communicações com o districto do Braz.

Alli vão ser construidos os novos armazens da « San Paulo Railway Co. », cuja installação tratam de effectuar rapidamente e provavelmente a companhia S.Paulo e Rio de Janeiro se resolverá a identica mudança, que é dispendiosa, para melhor attender as conveniencias do

---

(1) **O bairro do Bom Retiro.**—Escrevem-nos:

«Rogo a V. o obsequio de chamar a attenção do Dr. inspector de hygiene publica para o bairro do Bom Retiro.

Diariamente ha n'este bairro casos de doenças causadas pela agua imprestavel dos poços existentes.

Não será possivel collocar desde logo alguns chafarizes publicos ligados á rêde da Companhia Cantareira, dando aos habitantes a faculdade de tirar agua potavel?

E mais uma pergunta: quando ficará prompta a nova linha de bonds n'esse bairro? Excavações feitas no meio da rua impedem o transito ha semanas. Quando recomeçarão os trabalhos interrompidos?

(*Diario Popular* de 30 de Novembro de 1890).

publico, achando-se já organisada uma empreza de transporte para todas as cargas recebidas ou remettidas pelas mencionadas vias-ferreas.

O projectó de saneamento para aproveitar os terrenos da Varzea tem dado que falar a muita gente. Sem querer immiscuir-me na discussão, observarei que o projecto mais pratico é talvez um dos de menor custo, como o dizia em 1880 a varios amigos, cabendo aqui lembrar que *quien mucho abarca nada aprieta*.

Já estão bastante adiantadas as obras do grande quartel do lado opposto ás casas da detenção, na rua do Commercio da Luz.

*
* *

O Passeio Publico, constantemente embellezado, torna-se cada dia mais attrahente; o jardim do largo da Assembléa melhorou extraordinariamente depois de confiado ao seu actual encarregado; porém a ilha dos Amores deixou murchar as suas flôres.

Perto d'esta ilhota existe ainda o antigo mercado, cujo pateo está em parte occupado pelas barraquinhas dos vendedores de legumes; outro mercado, todo de ferro, levantado na rua de S. João, estará prompto brevemente.

Os caipiras continuam a vir de manhã com seus burrinhos carregados, e pelas 11 horas alguns são ainda encontrados no velho mercado, outros preferem offerecer seus generos de porta em porta.

Do mesmo modo chegam ás casas dos freguezes os carros da *Coachman's Creamery*, offerecendo manteiga fresca e leite, sem duvida, muito especial, pois que custa 500 réis a garrafa, em vez dos 200 e 160 que geralmente se paga; o carro da lavanderia a vapor, que trabalha bem e barato.

Pelas ruas encontram-se vendedores de frutas; regalei-me com deliciosas uvas de Sant'Anna, do Ypiranga e de outros arrabaldes, as quaes paguei 400 réis o kilo.

Acha-se já bem desenvolvida a cultura da vinha no Estado de S. Paulo, muitos districtos se applicam á respectiva industria que em um breve futuro representará

importante capital e por isto o Ministerio da Agricultura resolveu crear uma estação œnologica para a qual mandou vir um profissional que não póde encontrar na Paulicéa. Cheguei a saber que o Sr. Watzel estabeleceu-se nas immediações de Agua Branca, onde não o procurei por falta de tempo para visitas exigindo uma carruagem.

E já que fallo de carros, cumpre-me registrar aqui que essa industria é ahi sempre muito explorada, concorrendo grandemente para isso a sahida e a chegada diaria de dez trens, vindo de varios pontos do Estado.

Igualmente adiantado se acha o serviço dos vehiculos de transporte de todo e qualquer genero.

Nas horas de pegar e largar o serviço nas numerosas officinas em actividade na Paulicéa, grande é o vai-vem nas ruas e particularmente interessante o aspecto de innumeras caras risonhas.

A concurrencia de povo nas ruas é principalmente extraordinaria aos sabbados desde a tardinha, ou quando a musica dos Permanentes toca das 7 ás 9 horas da noite no jardim do Palacio, isto regularmente todas as quintas-feiras e domingos e de vez em quando em outros dias.

Os bons musicos do Corpo Policial de Permanentes se podem ainda apreciar no Passeio Publico, para onde corre muita gente nas quintas e domingos das 3 ás 6 horas da tarde como antigamente.

Além de outras bandas civis e militares, ha uma formada de artistas italianos, na maior parte alfaiates, que nos dias festivos passeiam com a farda dos *Bersaglieri*.

A proposito de uniformisados vi tambem os alumnos do collegio italiano, encorporados com o seu estandarte e precedidos de alguns musicos do 10° regimento, iam cumprimentar o seu consul, o governador do Estado, e as diversas redacções e alguns estabelecimentos de compatriotas em homenagem ao anniversario natalicio de Umberto I, isto a 14 do corrente, dia em que foi inaugurada uma aula para meninas, que ficou confiada á esposa de M. Marzo, o professor dos rapazes.

A população da Paulicéa é geralmente de origem estrangeira e falla quasi tanto o italiano como o portuguez, sendo o allemão assaz vulgarisado, assim não é de

admirar que os vestuarios, as loja se mesmo varios predios tenham aspecto muito differente do que predominava em outra época — o aspecto geral de S. Paulo é mais europeu que o de qualquer outra cidade do Brazil.

Não se pode considerar as lojas paulistanas iguaes *aux grands magasins do Rio*, se bem que algumas fariam boa figura nas ruas principaes da capital federal, é comtudo de acreditar que breve se achará mais completa a transformação da rua 15 de Novembro, a qual então será tanto ou mais bonita que a rua do Ouvidor, tão encantadora para os Fluminenses.

*
* *

Em S. Paulo, perto de trinta casas fazem uzo da luz electrica conjunctamente com a de gaz carbonico.

O prestimoso cidadão Abilio Marques, que ha nove annos conseguira illuminar com a electricidade a sua casa de residencia na rua do Barão de Itapetininga, não se cançou em continuar os estudos que o levaram a formar a companhia, funccionando praticamente fazem uns 15 mezes. Tive ingresso na Usina Central sita á rua da Boa Vista.

Ahi encontrei 2 locomoveis trabalhando e 1 machina vertical em repouso; 4 dynamos de corrente continua, sendo 1 Wetson, que não estava em serviço, 2 da casa Ganz & C., de Buda-Pesth (que a empreza paulista representa no Brazil), a saber: um capaz de produzir luz para 20 fócos de 20 velas e outro que é uma modificação do precedente, porém não devendo offerecer as mesmas vantagens para uma boa illuminação; finalmente um dynamo Bréguet podendo alimentar 16 fócos de 20 velas, ou 40 lampadas com luz de 8 velas, o qual me pareceu o mais pratico dos dynamos ahi reunidos.

São esperadas 1.000 lampadas para fócos de 10 velas como typo a generalisar e outras de forças diversas até 50 velas, bem como todo o material correspondente para uma outra installação geral. Os dynamos novos serão de correntes alternativas e funccionarão com 1.800 revoluções quando os acima indicados trabalham com 1.050, sendo o Wetson, 750 e 650 os de Ganz & C. e 450 o Bréguet.

A principio a empreza cobrava mensalmente 4$ por lampada Edison, dando luz de 16 velas, que substituio por outras de 8 velas, cobrando agora 2$ mensaes por cada uma d'ellas; consta, porém, que apenas exigirá 1$ para o aluguel mensal de cada lampada de 10 velas, em consequencia do grande numero de installações que vae fazer dentro e fóra da cidade, tornando-se então a luz electrica mais em conta que a da Companhia do Gaz.

Falla-se ainda de abandonar a conducção aerea, adoptando a subterranea.

Achei a luz bastante fixa, podendo ser considerada sem oscillação, graças, sem duvida, aos cuidados do Sr. Leonardo, o encarregado da direcção technica.

O amigo Abilio Marques, apezar dos sacrificios que se impoz para chegar ao ponto em que se tem collocado, deve achar-se satisfeito vendo a boa acceitação da sua empreza, que foi encarregada da illuminação de varias cidades do interior.

A Companhia do Gaz não poderá ainda ser prejudicada com a concurrencia da Empreza de Luz Electrica e talvez pouco o venha a ser com o desenvolvimento da mesma, não só em razão da sua especie, pois o gaz carbonico subsiste em toda parte, como tambem porque a cidade de S. Paulo, em constante augmento, comporta as duas illuminações cuja rivalidade só póde favorecer o publico.

Ha queixosos da luz da Companhia do Gaz de S. Paulo, que consideram fraca e não de accordo com o estipulado no respectivo contracto; quanto ao seu custo elle é invariavelmente de 240 réis cada metro cubico de gaz indicado no medidor, o que não será muito oneroso logo que o consumidor vier a pagar tão sómente o gaz que realmente gastou, regulando a pressão por meio de um apparelho, a fim de evitar que o seu registro supporte a pressão maxima e geral que necessariamente emprega a Companhia do Gaz para garantir sufficiente pressão aos consumidores afastados.

No Rio, bom numero de casas adoptaram o regulador privilegiado do engenheiro mechanico C. de Struve que promette uma economia média de 30 °/₀ a qual chegou á

na casa do muito conhecido commendador Bernardo ›eiro da Cunha, havendo sido verificado em outros logares 49, 43, e 41 °/₀ de diminuição nos gastos do gaz. Este apparelho está sendo explorado na Capital Federal pela sociedade anonyma denominada « Empreza Economisadora do Gaz. »

O gaz carbonico, na verdade, poderia ser melhor aproveitado se fosse menos dispendioso ; assim é que se poderia cozinhar em fogões apropriados a este fim para o que são muito commodos, além de se tornarem então mais communs os motores á gaz de Otto de Chemnitz.

***

O major Diogo A. de Barros, de muito saudosa memoria, um dos heróes da guerra do Paraguay, o benemerito cidadão fundador da importante fabrica de tecidos, hoje pertencente á Viuva Barros & Rivadavia, e da fabrica de chitas impressas dos Srs. Kowarick & C., ambas na Paulicéa, applicava-se tambem á resolução do problema da illuminação electrica n'esta cidade. Iniciou-a na sua casa de residencia, onde funccionou perfeitamente mais de um anno e tem sido abandonada, achando-se gastos os accumuladores que não convinha substituir porque a producção assim indirecta da luz electrica exige pessoa technica constantemente attenta, cujos honorarios, supportados só por uma casa particular tornam-se onerosos.

O finado lançára mão dos accumuladores para dispensar a compra de um motor especial, visto que durante o dia todo dispunha de 300 cavallos vapor na sua fabrica de tecidos, ao lado da sua casa de residencia, podendo sem inconveniente distrahir 3 ou 4, afim de fazer provisão de electricidade para a luz da noite.

A 26 kilometros de S. Paulo, póde-se igualmente ver uma installação de luz electrica com lampadas Edison da força de 20 velas nas propriedades do coronel Antonio Proost Rodovalho, visinhas da estação das Caieiras na linha ingleza, onde este capitalista fez montar uma fabrica de cal, depois outra de ceramica e ultimamente uma de papel.

Tenho feito referencia a diversas fabricas, agora vou indicar outras que deixei apenas iniciadas ou que me eram totalmente desconhecidas, porém observarei primeiro que na Paulicéa já não ha mais quem se preoccupe com as distancias.

Varias linhas de bonds (*tramways*) facilitam as communicações dentro da cidade, do centro para as extremidades e d'ahi para os pontos mais longinquos sem fallar de outras linhas, ainda em via de realização, como a de locomoção aerea.

A linha que faz o serviço do Matadouro, da Villa Marianna e de Santo Amaro trabalha com tracção a vapor.

Espera-se que muito breve será inaugurada a linha do Ypiranga, isto é, ligando a cidade ao local historico onde foi proclamada a nossa Independencia em 1822, que será commemorado pelo esplendido edificio em construcção, feito com o producto da grande loteria do Ypiranga, mas cuja applicação parece ainda ser duvidosa.

Porém voltemos a fallar das fabricas:

No Bom Retiro a de fiação e tecidos «Anhaia fabril» caminha vencendo as difficuldades proprias de todo principiante *aller anfang ist schwer*. A fabrica de tecidos Sant'Anna, no Braz, produz saccos de aniagem para os productos agricolas.

Sei da existencia de uma fabrica de bordados do Sr. Fernando de Albuquerque, que se esforça para desenvolvel-a.

Na villa Marianna progride a fabrica de phosphoros imitando os Jönköpings da Suecia, com real vantagem para os seus afortunados proprietarios, os Srs. Eisenbach & C., que ainda não têm concurrentes no paiz.

Em Agua Branca, a Antartica disposta para fazer banha, presuntos e outros generos, aguarda para isso que os suinos voltem a preços razoaveis e depois de por algum tempo ter se limitado a fabricar gelo, para supprir a capital e outras cidades, passou tambem a produzir uma boa cerveja, recommendada pelas autoridades medicas e a qual tem grande procura.

Existem diversas fabricas de cerveja na Paulicéa e uma em via de organisar-se, tendo á sua frente o

engenheiro mecanico Sr. Fernando Dumoulin, superintendente da Companhia Telephonica.

Não me occuparei das fabricas de carruagens, das serrarias e mais estabelecimentos que já se achavam florescentes em outros tempos. (2)

Merecem comtudo menção os melhoramentos verificados nas fabrica Santa Maria e outras que fazem bons moveis, capazes de serem confrontados com os melhores congeneres do Rio de Janeiro; achei interessante n'estas fabricas de moveis o emprego de madeiras estrangeiras, como o freno da Hungria e diversas da Asia.

Tudo concorre para tornar S. Paulo um centro industrial cada dia mais importante.

Até 1880 o elemento germanico, que representava bem a 30ª parte da população paulistana, foi o principal fomentador das pequenas industrias; porém depois os italianos, que se deixaram ficar na Capital, eram geralmente industriaes. (3)

---

(2) **Serraria Paulista.**—Uma das industrias mais exploradas em S. Paulo e sobretudo aqui na capital é a de serrar e apparelhar madeiras.

Em todos os bairros da cidade se encontram serrarias mecanicas movidas a vapor e em geral bem montadas e munidas das mais apeifeiçoadas machinas.

O que produz este bello resultado é a concurrencia.

Sendo muitas e todas á porfia querendo-se exceder na perfeição do trabalho, vêm-se forçadas a ter sempre os melhores e mais aperfeiçoados apparelhos, de modo a satisfazer a freguezia e a manter os seus bons creditos.

Dentre os muitos estabelecimentos d'este genero que pollulam na capital, sobresahem, entretanto, a Serraria da Bella Vista do cidadão Elias Chaves, a de Sydow & C., a de Santo Antonio de Domingos J. Coelho da Silva, e a Serraria Paulista.

Diario Popular, de 5 de Junho de 1880.

(3) **Immigração indirecta**—E' do *Pensiero*:

« Telegrammas do Rio, insertos na imprensa vespertina local, dizem que são esperados na capital federal cerca de 2.000 immigrantes procedentes de Buenos-Ayres.

« Si essa immigração parece com a que a precedeu, na verdade não são esses os trabalhadores de que mais precisa o Brazil. »

Effectivamente tem razão o collega ainda isso é motivo de jubilo, pois está bem visto que os recemvindos encontrarão trabalho na vida activa e industrial de S. Paulo.

O collega ainda ha dias disse, referindo-se a immigrantes chegados da Republica Argentina, que em geral notava-se na Hospedaria o typo do operario intelligente, gente da cidade e de nenhum modo habituada ao serviço da lavoura.

Ainda assim muito bem e é caso de felicitações a S. Paulo.

(*Diario Popular*, de 20 de Agosto de 1881).

Trataram primeiro de substituir os portuguezes como aguadeiros, jardineiros, cocheiros, criados, etc.; ao depois vieram os pedreiros, os carpinteiros, os marceneiros, os pintores, etc.; e finalmente os sapateiros, os alfaiates e mesmo alguns relojoeiros, que cobram pataca e meia pelos concertos que os concurrentes fazem por 4$000 e mais.

*
* *

E' certo que na Paulicéa cresceu muito o numero dos consumidores de generos alimenticios, sem o correspondente augmento na respectiva producção local e tornando-se ahi a procura maior que a offerta n'uns annos de escassez geral no Estado de S. Paulo, como em outros da Federação Brazileira, os preços elevaram-se forçosamente muito acima dos habituaes, como se deprehende da tabella seguinte :

GENEROS	QUANTIDADE	ANTIGAMENTE	POSTERIORMENTE	ULTIMAMENTE	ACTUALMENTE
Feijão	50 litros	4$000	6$000	7$500	6$000
Milho	50 »	2$400	3$000	5$500	4$500
Farinha de milho	50 »	3$200	5$000	9$000	8$000
Farinha de mandioca	50 »	1$600	5$000	7$000	6$000
Arroz	50 »	—	8$000	10$000	9$000
Toucinho	1 kilo	$433	$600	1$100	1$000
Banha nacional	1 »	—	1$000	1$500	1$300
Carne secca	15 »	—	9$000	11$000	9$000
Gallinha	uma	$300	$400	1$200	1$000
Ovos	a duzia	$300	$400	1$500	1$200

A carne secca, producto de outro Estado brasileiro, foi tambem menos abundante no periodo da carestia.

No interior do Estado de S. Paulo o feijão que costuma valer 5$000 os 50 litros, chegou ao preço de 25$000 e mesmo mais em certas localidades; o preço do milho sextuplou e por isso diminuio a creação dos suinos, elevando-se o valor do toucinho de 6$000 a 28$000 os 15 kilogrammas.

A referida carestia não póde ser attribuida exclusivamente a agitação abolicionista seguida da lei 13 de

Maio, nem ao augmento dos consumidores, applicados nas industrias ou mesmo nos estabelecimentos ruraes onde se concentram para o trato do café quasi todas as forças disponiveis; a principal causa me parece proveniente da irregularidade das estações durante todo o anno de 1888 — chuvas continuadas que impediram a muitos de plantar, chuvas de pedras que estragaram as plantações feitas e, finalmente, um sol demasiadamente abrazador que veio completar a destruição geral.

Na Paulicéa até os legumes são ás vezes carissimos, o que custa a ser acreditado, pois que as hortaliças poderiam ser cultivadas em grande escala com vantagem para todos.

Venham, pois, de Portugal, Hespanha, Italia, ou outros paizes, os que sabem lavrar a terra e fazel-a fructificar, fiquem em redor de S. Paulo para darem-se á pequena cultura.

Tem-se propalado erradamente que o municipio de S. Paulo jámais se poderá transformar em zona agricola, não sendo favoravel as culturas das terras quentes e desprezando assim aquellas das terras frias que tem suas vantagens.

Quanto á carne verde, na cidade de S. Paulo, seu preço varía de 300 a 500 réis o kilogramma.

O novo matadouro, que se diz perfeitamente disposto acha-se nas immediações da Villa Marianna e faz uma matança diaria de 70 rezes, 14 porcos e 7 carneiros, recebendo *per capita* um tanto do marchante.

Calculando uns 200 kilos ou pouco mais de 13 arrobas para o peso da carne enxuta de cada rez, as vezes maior ou menor, as 70 repartidas entre os suppostos 70.000 habitantes da Paulicéa representam para cada um perto de 200 grammas de carne de vacca diariamente

$$\left(\frac{70 \times 200}{70.000} = 0,200\right)$$

quando no Rio de Janeiro com uma matança diaria de 300 rezes o consumo individual quotidiano regulará 150, ou 133 ou mesmo 120 grammas, segundo o algarismo da

população que alguns avaliam em 400.000, outros em 450 e mesmo diversos elevam á 500.000 almas.

Em Pariz o *quantum* diario para o individuo, que era apenas de 50 grammas em 1840, chegou a 230 grammas em 1865, isto é, approximadamente a média actual de S. Paulo, cujas 200 grammas não comprehendem as carnes de porco e de carneiro.

*
* *

O desenvolvimento commercial da capital paulista é intuitivo á vista do que temos exposto.

Não é, portanto, de admirar que as principaes casas estrangeiras e nacionaes de Santos, e mesmo do Rio de Janeiro, tenham estabelecido succursaes em S. Paulo.

Não tardou muito a creação de novos bancos, alguns já nomeados e o alargamento das operações de outros estabelecimentos identicos como o de Nielsen & C., não nos occorrendo os titulos dos demais existentes.

E' visivelmente patente a prosperidade de quasi todos os commerciantes da Paulicéa, alguns dos quaes edificaram verdadeiros monumentos para a venda de suas mercadorias e vivem como pessoas bem arranjadas, porém só se ouve de todos amargas queixas contra a falta de negocio para recuperar os muitos prejuizos anteriormente soffridos... e a necessidade de se acabar com a concurrencia do Rio de Janeiro.

Diz-se estar assentado um direito de 20 % sobre a entrada de quanto proceder da Capital Federal, afim de se importar tudo directamente do estrangeiro.

A bem dizer os preços do varejo em S. Paulo são muito mais altos que os do Rio de Janeiro, principalmente para os objectos de fantasia.

Vi pagar 15$ um leque para o qual o Formosinho não teria levado mais de uns 9$000.

Quem está habituado a comprar no Godinho, estranha com razão que os preços alcançados na Paulicéa pelo proprietario do *Bon Marché* na queima do seu sortimento por cessação de negocio (tornando-se elle fazendeiro) sejam iguaes e ás vezes superiores aos que pede o Benjamin.

Referi-me propositalmente a duas casas da rua que tem fama de careira — a rua do Ouvidor, onde os preços, entretanto, só deixam lucros correspondendo á metade do ganho dos collegas paulistanos que dizem não poderem ser barateiros á vista dos excessivos alugueis que pagam.

Póde-se calcular estes alugueis pelo numero de portas ou *vitrines*, representando cada uma d'estas aberturas a mensalidade de 50$, 100$ 150$ e mesmo 200$, segundo o logar.

Nem por isso se deve accusar sempre aos proprietarios, pois que os capitaes de alguns são relativamente mal retribuidos v. g. o predio do barão de Piracicaba, na rua Direita, o qual apenas dá 5 1/2 por cento.

Tudo é caro na Paulicéa e os predios novos o são necessariamente, os terrenos tendo sido adquiridos por preços exhorbitantes, a mão de obra sendo onerosa e conseguintemente todos os materiaes devendo ser bem pagos como tambem são— as necessarias ferragens, os vidros, as tintas, etc.

Ahi vão alguns dados :

Tijollos o milheiro	30$000
Cal virgem os 100 kilos	3$800
Dita extincta os 60 litros	1$800
Dita de ostras os 60 litros	1$600
Madeira grossa o metro cubico	50$000
Dita fina o metro cubico	27$000
Pintor, jornal diario 4 á	5$000
Carpinteiro, dito 3 á	5$000
Pedreiro, dito 3 á	5$000
Servente, dito 1$800 á	2$000

Não é tão cedo que a mão de obra baixará na Paulicéa, fadada para se desenvolver muito e rapidamente, creio até que a sua população attingirá o algarismo de 150 a 200 mil almas no fim d'este seculo XIX.

Os terrenos conservar-se-hão em alta pela mesma razão acima apontada, não penso, entretanto, que seja em alta excessiva como o é no presente, porém—razoavel.

S. Paulo é, pois, uma cidade para a qual pódem dirigir-se os bons operarios desoccupados de outros pontos.

Estes, sendo na mór parte solteiros ou casados que emigraram sem a sua familia, depois de juntar peculio, talvez regressem á patria com grande pezar de muita gente, esquecida de que o dinheiro levado de S. Paulo acreditará esta localidade, contribuindo assim na propaganda da emigração para tão bôa região.

Quanto á aquelles que compram terrenos ou edificam casas, não posso bastante aconselhar-lhes de não o fazerem além de suas posses, isto é, recorrendo á terceiros, sem plena certeza de poderem reembolçal-os pontualmente, bem como de não serem obrigados a pagal-os antes do tempo assentado no caso de fallencia do credor, como aconteceu por diversas vezes em Buenos-Ayres, occasionando crises medonhas.

Ambas estas hypotheses seriam fataes para o devedor e precisa não é mais ampla explicação.

***

Cousa singular em S. Paulo é a profissão de agente commercial que já conta 23 adeptos, alguns dos quaes assás recompensados dos seus labores; são verdadeiros corretores sem patente e por isso com a vantagem de não fazerem deposito garantindo suas transacções, de não terem responsabilidade legal nas mesmas, de cobrarem de 1 a 3 °/₀ em vez do 1/4 °/₀ da tabella official; assim não precisam de grandes sommas, basta saber onde achar capitaes para os negocios de que tem conhecimento, os quaes em geral consistem em hypothecas de terrenos ou de casas.

Obtem-se dinheiro sobre hypothecas a 10 °/₀ ao mez para as pequenas quantias e para as grandes a razão de 10 e ás vezes de 9 °/₀ ao anno, quando ha pouco se pagava ainda até 18 °/₀.

Os immigrantes industriaes, pouco depois de terem chegado em S. Paulo, effectuam a compra de um pequeno terreno, que hypothecam immediatamente, afim de principiar a sua casinha e tendo-a concluida com suas economias, reformam a hypotheca para terem o capital que reclama o desenvolvimento de sua industria.

São estes immigrantes, freguezes excellentes dos agentes commerciaes, que sabem facilitar-lhes o que desejam certos de vêl-os voltar á elles para novas transacções pois que mais tarde tratarão de possuir casas melhores e assim por diante.

Presume-se que na Paulicéa ha bem perto de 24.000 italianos, ou a duodecima parte da immigração italiana do ultimo decennio e entre elles muitos são proprietarios de uma casa ao lado, ou ao centro de um jardinete, do qual pouco se importam, preferindo trabalhar com a sua machina de costura, ou fóra de casa segundo o seu officio e a occasião.

Seria engano pensar que os immigrantes só procurárão estabelecer-se nos arrabaldes, muitos conseguiram fazer essas acquisições em ruas menos bem apreciadas do centro da cidade, sem duvida por preços razoaveis.

O valor medio do terreno nas ruas mais procuradas é hoje de 2:000$ o metro de frente com vinte de fundo e de 1:000$ nas extremidades da cidade, valor este que triplicou em menos de tres annos.

Cita-se entre outras vendas a de uma chacara que alcançou do Sr. Bruhns 80:000$, não tendo achado comprador ha tres annos por 30:000$000...

Os enthusiastas fazem tambem correr que formaram-se syndicatos na capital federal, para compra de terras nas áreas urbanas e suburbanas da Paulicéa.

Os alugueis que eram excessivos tornam-se sempre mais elevados, o que não precisa explicação conhecendo-se a exorbitancia dos preços de compra dos terrenos e do custo das edificações, assim não pódem deixar de offerecer interesse os seguintes topicos de *Le Courrier de La Plata* de 16 de Janeiro ultimo:

« Il n'y a pas, en Europe, de capitale dans laquelle les loyers soient aussi chers qu'à Buenos Ayres.

« Cet état de choses provient certainement, dans une certaine mesure, de la spéculation désordonnée sur les terrains.

« Cette spéculation a eu pour conséquence de donner au sol et par suite aux édifices une plus-value constante.

« L'augmentation du prix des loyers a été une conséquence forcée de cet agio.

« La crise est venue et, avec elle, les embarras d'argent de ceux qui avaient eu recours au crédit pour mettre en valeur les terrains achetés.»

Os capitaes paulistas conservaram-se timidos por muitos annos e só appareciam quando garantidos por boas hypothecas á juros elevadissimos, ao depois arriscaram-se nas emprezas de estradas de ferro emquanto foi possivel fazel-o com vantagem.

Com effeito, diminuindo a construcção de vias ferreas de 1ª e 2ª ordem, ao mesmo tempo que algumas das emprezas congeneres reduziam os seus dividendos (excepção feita da *San Paulo Railway* e da *Paulista*)ou mostravam ter de reduzil-os no futuro, diminuio necessariamente o emprego de dinheiro em acções de estradas de ferro. Mas prevendo a extincção da escravidão e, consequentemente, a depreciação das propriedades agricolas e temendo a baixa de todo titulo particular ou publico, em consequencia de acontecimentos politicos que podiam surgir a todo momento, os capitaes paulistas atiraram-se então sobre os predios e os terrenos da Paulicéa.

Felizmente o 13 de Maio e o 15 de Novembro não produziram as funestas consequencias que se faziam receiar, e depois de alguns momentos de hesitação, a confiança geral tornou á incitar os capitalistas á continuarem suas compras na Paulicéa e iniciar outras no interior afim de dar emprego a seus dinheiros desoccupados.

Para fazendas de café no oueste do Estado de S. Paulo apparecem tantos pretendentes que estes estabelecimentos estão sendo vendidos a preços despropositados.

***

Não consegui obter explicação satisfactoria da alta extraordinaria do valor dos terrenos na Paulicéa, a palavra *especulação* não me pareceu sufficiente porque poucas cidades têm á mão, como S. Paulo, espaço livre para se desenvolver 5 ou mesmo 10 vezes — leguas e leguas de terras devolutas circumdando a area municipal.

Acredito que haverá breve um limite extremo além do qual não se aventurarão os capitaes, pois que poderiam não achar depois a conveniente remuneração.

Ha um grande perigo em manter os preços dos terrenos em alta excessiva, porque ficariam inaccessiveis ás bolsas pequenas e, portanto, aos immigrantes que assim seriam afugentados da Paulicéa que tanto lucrou com os ahi estabelecidos e muito mais lucrará com os vindouros.

Não se deve perder de vista que a maior aspiração do immigrante consiste em ser proprietario e os paulistas sabem de *visu* quanto é real esta verdade—conviria, pois, providenciar de modo a impedir que os preços dos terrenos fossem superiores ás posses dos pretendentes recemchegados do estrangeiro.

Entendo que se deveria reservar terras para os immigrantes, afim de livral-os da necessidade de recorrerem aos monopolisadores, boa parte das terras devolutas em redor da cidade de S. Paulo já tendo sido concedida a diversos e para o mais consta existir perto de 1.000 requerimentos aguardando a desejada solução.

Penso que as terras devolutas circumdando a Paulicéa deveriam ser subdivididas em lotes perfeitamente medidos, demarcados e numerados; que os lotes ns. 1, 5, 9, 13, 17, etc., fossem immediatamente vendidos em hasta publica a quem mais désse, ficando o arrematante com direito de preferencia sobre o lote contiguo, quando o Estado fizesse vendel-o, igualmente em hasta publica, e alguns annos mais tarde, a saber: os de ns. 2, 6, 10, 14, 18, etc.; que os lotes ns. 3, 7, 11, 15, 19, etc., fossem exclusivamente vendidos a dinheiro ou mesmo a prazo e por preços razoaveis, préviamente estabelecidos, aos estrangeiros com menos de dois annos de residencia no paiz, (favor extensivo á todo estrangeiro, ou tão sómente ao que se considera immigrante, por ter vindo como passageiro de 3ª classe; podendo tambem ser feita uma differença entre os immigrantes espontaneos e aquelles cuja viagem tivesse sido onerosa para os cofres publicos —minucias que se resolveriam opportunamente) á ultima categoria de adquiridores de terras se daria preferencia para a negociação dos lotes contiguos aos seus, isto é, os

de ns. 4, 8, 12, 16, 20, etc., quando o governo ordenasse a venda d'elles em hasta publica, uns quatro a cinco annos depois da primeira venda feita aos immigrantes.

Acabo de indicar uma providencia aliás susceptivel de algumas modificações e já por vezes lembrada por pessoa muito minha conhecida.

E' medida que me parece urgente no actual periodo da febre especuladora, que obrigará os monopolisadores das terras paulistanas a manterem, mesmo artificialmente, a alta dos preços para não soffrerem prejuizos.

Ha quem diga que os immigrantes localisados na Paulicéa ganham muito dinheiro e não precisam de protecção para obterem terrenos; que poderão pagar os preços que lhes forem pedidos — assim mostram ignorar que para formar peculio os immigrantes sujeitam-se nos primeiros annos a demasiada economia, chegando quasi á passar fome durante algum tempo.

Divulgando-se na Europa que nos arredores da capital do Estado de S. Paulo, onde em avultado numero os estrangeiros se estabeleceram e se vão enriquecendo, foram reservados lotes de terras para serem vendidos sob condições razoaveis aos immigrantes, estou certo que muitas familias resolverão immediatamente partir para a Paulicéa, algumas mesmo emigrarão espontaneamente sem recorrer ao auxilio dos nossos cofres publicos; facto que se produzirá assaz facilmente, porquanto, actualmente, diversas circumstancias afugentam a emigração para os Estados-Unidos Norte Americanos e a Republica Argentina, os dous unicos concurrentes serios com os quaes lucta o Brazil para a solução do problema da colonisação.

*
* *

Visitei no Braz a hospedaria dos immigrantes.

E' um vasto estabelecimento situado entre as vias ferreas do norte (S. Paulo e Rio de Janeiro), e ingleza (San Paulo Railway), para maior facilidade do serviço e n'um terreno bem fechado, como convém para manutenção da ordem.

Os edificios, feitos de tijolos e calhados no interior, têm dous pavimentos com numerosas janellas e são bem acondicionados para grande numero de individuos.

Ouvi dizer que em caso de necessidade ahi podem ser accomodados 7,000 immigrantes, já o tendo sido uns 8,000; consta que a lotação official é de 6,000; Lavasseur, porém, falla de 4,000.

Encontram-se pessoas, entendendo que os immigrantes não precisam de tantos commodos quanto os tem a hospedaria, que muito breve terá melhor applicação, servindo de quartel militar; que inutilmente despendeu-se muitos contos de réis com as referidas construcções.

Discordo completamente e peço permissão para dizel-o sem rodeios—já que fizeram alguma cousa de bem, tenham a constancia de não desvial-o do seu primitivo e verdadeiro objectivo. Triste é confesal-o, mas entre nós costuma-se desfazer o que se fez de bom.

Não desconheço que nenhum paiz possue hospedaria para tão avultado numero de immigrantes — o *Castle Garden*, de New-York, foi preparado para receber 4,000 pessoas a um só tempo, porém este estabelecimento, como igualmente o congenere de Buenos Ayres, occupa grande parte dos seus respectivos commodos com varias repartições annexas de grande utilidade e completamente ausentes na Hospedaria Paulistana, e que, sendo ahi estabelecidas —como é para desejar, farão reduzir os dormitorios, que então só poderão admittir 4,000 ou mesmo apenas 3,000 immigrantes—conjunctamente.

Entendo que para tal numero seria preciso que a superficie dos dormitorios representasse quasi uma área de 1 hectaro, sejam 10,000 metros quadrados porque não se deve contar com menos de 3 a 3 1/4 por pessoa.

—Terão os dormitorios da Hospedaria Paulistana tamanhas proporções? presumo que não e sendo então difficil, para não dizer impossivel, accommodar bem 4,000 immigrantes, muito menos o será ainda 5,000 ou mais... salvo arrumando-os em toda parte—nos refeitorios, cozinhas, corredores, escadas e mesmo no pateo.

Na ilha das Flores, do Rio de Janeiro, disposta para mil e tantos individuos, já se juntou perto de 4,000, dos

quaes alguns passaram a noite ao relento, o que não podia ser evitado com similhante agglomeração.

Tendo fallado nas hospedarias de New-York e de Buenos Ayres lembrarei que a ellas se referem um artigo sob a epigraphe *Emigração e Colonisação* no *Jornal do Agricultor* n. 538, de 19 de Outubro de 1889, e outro intitulado *Republica Argentina,* publicado no *Diario do Commercio,* do Rio, nos dias 10, 13, 14 e 16 de Janeiro ultimo.

Na hospedaria do Braz foram supprimidas as camas, para facilitar a limpeza — parece-me erronea a falta de camas (embora *sui generis)* para hospedes que devemos receber de braços abertos, os quaes, fatigados de uns 20 dias de viagem, muito apreciariam a cama de campanha que se lhes concederia e penso que no espirito do immigrante, cuja primeira impressão é de grande alcance, produz triste effeito, ao pisar a supposta terra da promissão, ter de dormir no chão, quando na sua terra dormia em uma cama verdadeira.

Na ilha das Flores, do Rio de Janeiro, como nas hospedarias de Nova York, Buenos Ayres e Montevidéo, os immigrantes têm camas mais ou menos soffriveis.

Falla-se que o major Dente, contador da thesouraria do Estado, lembrou ha tempo o que vira n'um quartel, talvez o do corpo provincial de permanentes, isto é, prenderem as camas nas paredes por meio de dobradiças, porém na cabeceira, em vez de fazel-o de um dos lados, collocando por baixo e na extremidade opposta um cavallete de ferro tambem seguro por dobradiças.

Em hora determinada o proprio immigrante levantaria a sua cama que se conservaria suspensa, presa por um gancho e naturalmente o cavallete se dobraria por si, então com grande facilidade se procederia á limpeza do dormitorio.

Comprehendo que se tenha renunciado aos colchões, que são inconvenientes por muitos motivos.

Achei o refeitorio pequeno, as cozinhas insufficientes, mormente quanto ao numero de bocas de fogo, de caldeirões, etc., bastando ponderar que, para preparar a alimentação de umas 600 pessoas, a cozinha da Penitenciaria dispõe de melhor e mais completa installação.

A varanda em redor dos edificios é felicissima para agazalhar os immigrantes nos dias chuvosos.

O pateo era necessario como logar recreativo dentro do estabelecimento. As demais dependencias me pareceram bem entendidas, excepto a enfermaria, em uma casa isolada no fundo do pateo, mas que não me agradou muito, não se notando n'ella certo ar de perfeita hygiene.

Pouco mais de 100 immigrantes se achavam na hospedaria, e assim não pude formar juizo sobre a limpeza e o serviço administrativo a cujo respeito me chegaram aos ouvidos noticias pouco favoraveis. (4—5—6—7—8).

---

(4) **Com o governo.** — Veio hoje ao nosso escriptorio um fazendeiro reclamar em seu nome e no de outros fazemdeiros contra a difficuldade que encontram em contractar immigrantes na respectiva hospedaria.

Contou-nos elle que ha alli uma porção de atravessadores que impõem ao fazendeiro uma gratificação de 20$ por familia que contractam e 5$ por pessoa solteira, de fórma que si o fazendeiro não quer sujeitar-se a esta imposição vê-se obrigado a retirar-se da hospedaria sem levar colonos, pois que os atravessadores fazem com que elles peçam ordenados exorbitantes.

Chamamos pois a attenção do governo para este facto que deve ser reprimido afim de que haja o franco accesso na hospedaria áquelles que desejam braços para o trabalho e d'esta fórma alliviam o estabelecimento de familias que alli permanecem por largo espaço de tempo.

(*Diario Popular*, de 30 de Agosto do 1890).

(5) **Negocios da immigração.** — Sabbado recebemos uma reclamação de mais de um fazendeiro sobre graves inconvenientes que encontram os que procuram a Immigração no assumpto referente a intermediarios entre colonos e fazendeiros.

Diversos corretores que agenciam locações de immigrantes vieram hoje contestar que por nenhuma fórma *atravessam* o negocio nem oppõem embaraços á aquisição de colonos, exigindo altas commissões e desviando-os de empregarem-se.

São os seus nomes Gazzatti Evaristo, Gervani Antonio, Ricardo Colli, Henrique Verdi, representantes de outros, todos oppondo formal contestação ás informações recebidas.

Se os embaraços oppostos e os graves prejuizos de que dá conta o informante não vem d'estes senhores, representantes por sua vez de varios fazendeiros, cumpre indigar de onde parte a inconveniencia.

Isto é um assumpto que interessa sobremodo toda a provincia e nem por sombras deve ser posto á margem.

Os pequenos pormenores que a elle se referem e que apparecem sob uma luz duvidosa, afinal de contas vão se ameudando e para elles chamamos a solicitude e o criterio do governo da provincia, si é que o mesmo governo já não chamou a si o importante assumpto.

(*Diario Popular*, de 1 de Setembro de 1890).

(6) **Pro immigração** — Na hospedaria de immigrantes, d'esta capital, estão fechadas á chave as bagagens de colonos que aqui se acham ha alguns annos, estando essa chave em poder da casa Fiorita,

*
* *

Ha quem recrimine o sacrificio de uns 8.000 contos para a obtenção de 200.000 immigrantes em 10 annos— acceito estes algarismos, que representam apenas 40$ por

---

que julgando-se com direito a um insignificante reembolso por parte dos colonos, nega-se a entregal-as ou remettel-as aos seus destinos que lhe são conhecidos.

Não é justo que assim proceda quem n'este negocio tem auferido tantos lucros.

Reclama-se para este assumpto a esclarecida attenção do illustre Dr. governador d'este Estado

(*Diario Popular*, de 4 de Setembro de 1890).

(7) **Bagagens de immigrantes.**— Respondendo ao artigo de hontem — *Pro Immigração*—vou explicar o seguinte:

As bagagens de que falla o articulista são aquellas deixadas em Genova por seus donos e depois mandadas vir por A. Fiorita, que fez com ellas despezas, as quaes têm sido pagas por elles na occasião da recepção, sem impugnação, por serem, como diz o articulista, insignificantes. Quanto a estarem debaixo de chave em seu poder e negar-se a entregar a quatquer que não seja seu proprio dono ou legalmente encarregado, é uma garantia a seus donos, que deve ser apreciada em vez de censurada.

A. Fiorita tem mandado fazer a publicação d'essas bagagens, pelo que já têm sido qnasi todas reclamadas e entregues, restando poucas.

O director da Immigração,

A. P. D'ALMEIDA.

(*Diario Popular*, de 6 de Setembro de 1890).

(8) **Serviço da Immigração.**— Está se avolumando a corrente emigratoria para S. Paulo e n'estes tempos a hospedaria tem regorgitado de immigrantes.

Entramos, pois, no periodo em que reapparecem as queixas referentes ao serviço de hospedagem fornecido pelo governo, umas consequencias naturaes do accumulo que as grandes lévas de colonos produzem, outras facilmente remediaveis e que convém ser quanto antes ouvidas.

Estão n'esta ultima categoria as que dizem respeito á apertada contingencia em que se vêem muitos immigrantes diante do curto praso de oito dias que o estabelecimento lhes concede de hospedagem, e as que se referem ao transtorno e ao embaraço que aos mesmos immigrantes causa um desembarque errado.

Não é absolutamente humano que se ponha na rua o hospede que por circumstancias especiaes não tem onde cahir, morto, e isto pelo simples gosto de ser cumprido á risca o regulamento.

A citada clausula é um pouco cruel e não haveria mal nenhum, antes constitue uma necessidade, que ao estabelecimento sejo facultativo prorogar rasoavelmente o praso em circumstancias que assim o exigirem.

Isto evitaria os sobresaltos, a dôr, muitas vezes o desespero de quem tem a perspectiva de um repentino abandono em paiz estranho, só e desprovido dos minimos recursos.

individuo ou mais exactamente 50$, porque os immigrantes espontaneos não foram menos de 40.000, o seu numero verificado em 1888 tendo chegado a 16.852.

A somma de 50$ é, porém, muito diminuta com relação ao capital pessoal do immigrante, comprehendendo a instrucção do trabalhador, o officio que aprendeu, as aptidões proprias e espirito inventivo que póde possuir, como lembra F. J. de Sant'Anna Nery, em um de seus livros, accrescentando que J. B. Say não hesitou em dizer que um homem adulto é um capital accumulado; que MacCulloch considera todo o individuo chegado á maturidade como uma machina que custou 20 annos de attenção constante e um avultado capital em despezas de construcção.

Edward Young, chefe da repartição de estatistica em Washington, pensa que a somma de 1.000 dollars (sejam uns 2 contos de réis), póde ser admittida como media do valor correspondente de cada pessoa, addicionada a população dos Estados Unidos Norte Americanos.

Admittindo que o immigrante em S. Paulo não represente o alludido capital de 2 contos de réis, os 50$ despendidos deixam enorme differença em favor da riqueza publica, e não se deve recriminar o seu gasto.

Uma scena d'essas penalisa profundamente e levanta protestos, muito embora pareça que não se dê com muita frequencia.

O que admira entretanto é como a temivel clausula se esquece de prevêr casos em que se trata apenas de um dever de humanidade.

—Outra causa de contrariedades, esta constante para o immigrante, está no erro do desembarque, em grande parte motivado por falsas indicações do passaporte.

Muitas vezes o immigrante desembarca em Santos, julgando desembarcar no Rio Grande do Sul e n'essa occurrencia é forçado a vir a esta capital para depois seguir para o seu destino, ou não seguir, como já tem acontecido.

Outras vezes as indicações do passaporte são tão vagas ou estão em tal desaccordo com o *visto*, que por exemplo o immigrante que pretenda ir a Espirito Santo, vem para São Paulo e aqui é obrigado a ficar.

Para illustrar o facto basta citar que ha passaportes que trazem estas indicações genericas —*al Brasile, a Rio Grande*, indicações que nada ou pouco querem dizer.

Todas essas causas de queixas devem ser consideradas, especialmente si se ponderar que é justamente agora que estamos sahindo do regimen da suspeição perante os paizes que nos haviam trancado as portas em materia de immigração.

(*Diario Popular*, de 20 de Novembro de 1890).

Ha tempos o *Correio Paulistano* publicou uns algarismos, dando como importancia das despezas provinciaes feitas com o serviço da immigração de 1881 a 30 de Junho de 1887, a somma de 1.438:501$875, que, repartidos entre os immigrantes do mesmo periodo, representa 25$ *per capita*, approximadamente; parecendo-nos que o numero dos alludidos immigrantes deve regular mais ou menos 57.000, tomando para o 2° semestre de 1881 a metade do contingente de todo o anno.

Ora, se realmente foram gastos 8.000 contos no decenio, uns 6.561 tocam a 139.000 immigrantes ou perto de 50$ a cada um e tomando em consideração a porcentagem dos immigrantes expontaneos pode-se concluir que os cofres provinciaes despenderam 30$ *per capita* de 1882 a meiado de 1887 e de então para cá o dobro ou 60$000.

Sabe-se que o governo de S. Paulo contrahio um emprestimo de 7.000 contos de réis para fazer face aos compromissos tomados em pról do desenvolvimento da immigração e que lhe foi dada autorisação para novo emprestimo de 3.000 contos de réis.

Devido principalmente á immigração estrangeira, como o reconheceram diversos escriptores competentes, a Republica Argentina em uns onze annos triplicou o valor da sua exportação, o da sua importação e o total das rendas do Estado, sendo relativamente pequeno o augmento da divida publica, á vista do grande desenvolvimento de suas vias ferreas.

Comparemos o movimento immigratorio durante alguns annos na Republica Argentina, na Federação Brazileira e no Estado de S. Paulo.

ANNOS	REPUBLICA ARGENTINA	FEDERAÇÃO BRAZILEIRA	ESTADO PAULISTA
1880	41.651	29.729	613
1881	47.484	11.054	3.584
1882	51.503	27.197	9.714
1883	63.243	28.670	5.426
1884	77.805	20.087	5.561
1885	108.722	30.135	8.868
	390.408	146.872	33.766

ANNOS	REPUBLICA ARGENTINA	FEDERAÇÃO BRAZILEIRA	ESTADO PAULISTA
Transporte....	390.408	146 872	33.766
1886.....	93.116	25.741	9.698
1887.....	120.842	54.990	33.310
1888.....	155.632	131.745	92 029
1889.....	248.365	65.161	27.894
	(9) 1.008.363	424.509	196.697

De 1870 a 1879 registrára-se a entrada de 11.852, que juntos aos indicados 196.697 recebido de 1880 a 1889 perfazem 208.549, numero que pode ser elevado a 220.000, muitos immigrantes escapando á matricula, aliás pouco cuidadosa, das entradas e sahidas nos nossos portos.

E' de lastimar que o algarismo das entradas em 1889 não tenha correspondido ao de 1888 e que o benefico impulso, dado em 1887, sómente fosse aproveitado durante um anno.

Um ministro dos negocios d'agricultura, seriamente affectado pela molestia que pouco tempo depois o levou á sepultura, animado sem duvida das melhores intenções, deu algumas ordens precipitadas, pois que não levou avante plano algum que as justificasse e tão sómente induzio o governo italiano a embaraçar e mesmo quasi a prohibir a emigração para o Brazil sob o pretexto de ahi reinar a febre amarella, interdicto que não levantou na estação durante a qual estavamos livre d'esse flagello, aliás de visita incerta.

Já em Agosto do anno findo asseveravam pessoas altamente collocadas que tudo corria perfeitamente e cada dia repetiam que não tardaria a noticia telegraphica da abrogação das medidas em vigor.

---

(9)

AN OS	ENTRADAS	SAHIDAS	FICARAM
1888.....	168.267	12.635	155.632
1889.....	289.014	40.649	248.365

Mas tanto fizeram e tão bem que não só a Italia manteve, como tambem o governo da Allemanha acaba de tomar identica resolução afim de evitar a emigração para o Brazil.

*
* *

Tem-se censurado o systema de immigração iniciado na provincia de São Paulo e que o conselheiro Antonio da Silva Prado procurou generalisar em todo o Brazil.

Nunca fui apologista da immigração subvencionada, comprehendo, porém, que promulgada a lei de 13 de Maio se procurasse forçar a vinda de trabalhadores agricolas, cuja falta ia se tornar muito sensivel e por isso comquanto avesso a theoria dos grandes contractos celebrados em 1888, reconheço que era esse um dos poucos meios de que se pudesse lançar mão immediatamente, dadas as condições especiaes em que o paiz se achava então.

Ninguem poderá contestar a vantagem da immigração de uns 700 a 800,000 estrangeiros na maior parte laboriosos e espalhando-se em diversos districtos do territorio brazileiro dentro de cinco annos e mantendo em S. Paulo como média annual o algarismo das suas entradas em 1888 —quasi 100,000.

Além dos grandes beneficios inherentes á todo movimento immigratorio, a entrada annual de 100,000 estrangeiros, durante alguns annos successivos, teria estabelecido uma corrente natural de immigração espontanea, permittindo diminuir ou reduzir os gastos que ainda requer o importante serviço da immigração mesmo no Estado de S. Paulo.

Supponha-se a existencia de 500,000 estrangeiros ahi estabelecidos, ou 100,000 familias escrevendo apenas uma carta, teremos annualmente 100,000 cartas, que provocarão a vinda espontanea de umas 20,000 familias ou 100,000 pessoas—sem despezas de propaganda, sem gastos para reducção maior dos preços de transporte que as companhias de navegação podem fixar a 4 libras sterlinas, ou, quando muito, 4 1/2 com remuneração sufficiente para seus capitaes, isto é, de 100 francos a 112,65, em vez dos 150 ou mais que geralmente fazem pagar.

Relativamente ao effeito das cartas dos immigrantes vou deixar fallar o Sr. Charles Achilles Dufrayer, emprestando algumas linhas do folheto que publicou em 1876, « quando na França se recebe uma carta proveniente do Brazil, ou America, é um acontecimento na povoação, onde é successivamente lida e relida por quasi todos.

« Devemos ter sempre em vista que uma carta queixosa escripta a um parente, ou amigo, impede sempre de partir ao menos 50 pessoas, que teriam intenção de emigrar, e se o fazem é para um outro paiz ».

Evidentemente produz o effeito contrario toda carta em que é manifestado o contentamento do autor.

***

Com o desenvolvimento da immigração no Estado de S. Paulo o movimento do correio augmentou tambem, chegando a receita annual a um algarismo importante e apezar de uma despeza maior de 64 contos o lucro de 1888 foi de 44 contos acima do de 1877. Surgindo, porém, embaraços na emigração italiana para o Brazil, parece que influiram sobre a troca de cartas em 1889, a receita do correio paulista tendo apenas um excedente de 51 contos sobre a do anno anterior que fôra de 107 contos maior que a de 1887, conservando-se as despezas nas mesmas proporções.

Divirjo, pois, algum tanto da explicação dada pela administração respectiva que attribue a diminuição do saldo de 1889 ás avultadas despezas do anno quando esse parece explicar-se naturalmente pela diminuição proporcional da receita como mostra a tabella abaixo:

EXERCICIOS	RECEITAS	DESPEZAS	SALDOS
1887	438:758.503	331:811.807	106:946.196
1888	546:414.008	395:834.292	150:579.796
1889	597:684.110	464:669.172	133:014.938

Deixemos em paz o correio para novamente fallar dos contractos de 1888.

Certo é que uma immigração artificial, como é toda immigração subvencionada, não tem a desejada estabilibidade, porém, admittindo que só um terço ou mesmo metade dos immigrantes permaneça no paiz, ainda assim preciso é reconhecer que não é de todo improficua, principalmente quando os que voltam á patria levam para lá bastante dinheiro.

Não posso agora prescindir de referir-me tambem aos contractos de 1889.

O ministro que succedeu ao conselheiro Antonio da Silva Prado assignou contractos lembrando o systema Wakfield, iniciado em 1836 no sul da Australia.

Tendo a mão os artigos inseridos no *Jornal do Agricultor* sob a epigraphe « Emigração e Colonisação », vou transportar para aqui alguns topicos do n. 536 de 5 de Outubro de 1889 :

«O chefe da Escola da Colonisação Systematica— Wakfield consubstanciou o seu pensamento nos seis artigos seguintes:

«1.° A propriedade das colonias novas depende principalmente da mão de obra á disposição dos capitalistas em proporção do terreno occupado.

«2.° Deve-se importar na colonia operarios da metropole e providenciar para obrigal-os a viver dos seus salarios, pelo menos, durante dous ou tres annos.

«3.° No intuito de impedir que os assalariados se tornem proprietarios demasiadamente cedo, é mister vender-lhes terras a preço proporcionalmente elevado—*a sufficient price*.

«4.° Todo o producto da venda das terras reverterá ao fundo da immigração para pagamento do transporte de operarios e trabalhadores, pois, a applicação absoluta do producto da venda produzirá o equilibrio exacto entre a terra cultivada, a mão de obra disponivel e a somma de capitaes.

«5.° O preço das terras deve ser uniforme e fixo, sem distincção de qualidades, variando tão sómente segundo as bemfeitorias que n'ellas houverem e sendo vedada a venda em hasta publica.

«6.° A idéa consiste na concentração da população e em evitar sua dispersão que se dá sempre nas colonias novas.

«O economista Mac-Cullock combateu a doutrina Wakfield que Stuart Mill sustentou com energia e não ha duvida que ella contribuio de 1840 a 1851 para o grande desenvolvimento da colonisação australiana, tendo sido igualmente praticada no Canadá e outras diversas colonias, porém um tanto modificada.

Na Australia, mesmo ao iniciar a execução do systema, appareceu o seu ponto fraco como se deprehende das linhas abaixo :

«O *Self suporting principle* sob o qual foi baseada a formação da colonia Wakfield, não tardou porém a ser reconhecido como illusorio, sendo chimerico pretender contrahir emprestimo importante dando em garantia lucros incertos de uma colonia, cujo sólo era ainda virgem.

Recorreu-se a mais de um emprestimo, os especuladores metteram-se no meio, jogando sobre o preço das terras e com outras complicações, tendo apenas quatro annos de existencia, fallio a colonia, o que deu logar á intervenção do governo metropolitano e uma completa reforma organica.»

O nosso ministerio d'agricultura fez venda de terras devolutas, algumas de 500,000 hectaros, ao preço de 1$033 cada hectaro, obrigando-se os concessionarios a promover a immigração, instalar os colonos, sustental-os durante uns cinco annos com serviços remunerados e tornal-os finalmente proprietarios dos lotes ou sitios por elles formados, não passando de quatro contos de réis o custo de cada um com 25 hectaros, casa, etc.

As emprezas d'esta natureza dependem de avultados capitaes principalmente para suas *preparatory expenses*: demarcação de lotes, abertura de estradas, construcções de casas, iniciação de culturas rendosas, montagem de usinas, agenciamento e transporte de immigrantes, conservação dos mesmos prendendo-os pelos interesses, etc; esses capitaes têm, porém de ser fornecidos por sociedades anonymas pois que os particulares dispondo de

meios sufficientes se sujeitariam a embarcal-os todos em similhantes emprezas.

A proposito lembro-me que William Penn, o fundador da Pensylvania, sacrificou-se fazendo enormes gastos para tornar suas terras colonisaveis, chegando a ser preso por divida pela autoridade civil de seus proprios dominios.

Quanto aos tomadores de acções para qualquer empreza não são elles geralmente dispostos á esperar resultados mais ou menos incertos cuja demora póde dar logar ao apparecimento de causas de insucesso—o conceituado economista Leroy-Beaulieu disse alguma cousa n'este sentido, porém não o tenho bem presente na memoria.

Além das difficuldades a que acabo de me referir e inherentes, do systema, existem outras: merecendo menção a boa ou má escolha do ponto à colonisar, que por si só basta para fazer sossobrar qualquer empreza por melhor administrada que seja.

Varias concessões foram feitas no valle do Paranapanema (10) e outra de terras sitas no extremo sul do Estado de S. Paulo; estas, salvo equivoco, já foram em parte medidas, demarcadas e distribuidas a americanos, que não quizeram permanecer n'ellas; as outras são muito distantes dos grandes centros e não permittirão que se desenvolva muito a pequena cultura.

Existem mais concessões em outros Estados, algumas das quaes passam por comprehender terrenos palustres, visitados por bugres e tambem longe dos grandes povoados.

---

(10) **Devastações de indios.**—Por uma carta que temos presente, assignada por um fazendeiro residente em Laranja-Doce, termo de S. José dos Campos-Novos, vemos que os moradores d'aquelles logares têm sido horrivelmente atormentados pelos indios *coroados*.

Ultimamente em quinze dias assaltaram varios sitios, matando seis pessoas.

D'esse logar primeiramente assaltado já emigraram 68 pessoas que temem a brutalidade dos selvagens.

Cerca de 200 moradores d'aquelles arredores têm abandonado as suas propriedades, pois que os indios as atacam, saqueiam, matam, incendiam e fazem outras barbaridades.

O signatario da carta pede que chamemos para o facto a attenção do governo, afim de que não deixe em abandono aquella fertil região do Paranapanema

(*Diario Popular*, de 28 de Agosto de 1890).

Com relação ás regiões novas de terras virgens muito se poderia accrescentar; mas já disse bastante para concluir que, a respeito de contractos, o governo imperial não foi mais feliz em 1889 do que em 1888, como geralmente, quer com os liberaes ou os conservadores.

*
* *

A lavoura de S. Paulo ainda soffre pela deficiencia de braços pois que a necessidade ainda não obriga os libertos a terem estabilidade e portanto precisa de avultada entrada de immigrantes estrangeiros tanto mais porque todos não se dedicam aos trabalhos ruraes. O *Diario Popular* na sua folha de 3 de Março publica uma correspondencia de Capivary occupando-se da Intendencia Municipal e da qual emprestamos os topicos seguintes:

« Outra commissão foi encarregada de formular posturas, regulando o serviço domestico e agricola.

« Tambem é de intuitiva vantagem; depois de 13 de Maio os pretos enchem as senzalas, sem nada fazerem, e os pretos, não raro, individam-se com um patrão e o abandonam por outro, onde fazem nova divida, sem pagar o primeiro, logo depois fazendo o mesmo ao segundo. Comquanto não seja geral é mister que se cohibam taes abusos; varios meios indirectos tem sido lembrados: entre outros, a multa ao patrão que receber um camarada individado e não se responsabilisar pela divida. Além disso, penas aos camaradas, que, sem motivo justificado, abandonarem o patrão, sem avisal-o com antecedencia nunca menor de um mez.

« Igualmente, são necessarias disposições que punam o patrão, que não fôr pontual com os camaradas ou d'elles abusar.

« Para esses fins lembram a conveniencia de uma matricula geral de trabalhadores domesticos e ruraes, a exemplo do que estatue o ultimo regulamento analogo, publicado na Capital Federal.

« Sei que a commissão estuda a materia. »

Lê-se mais na alludida correspondencia e vou consignal-o para lembrança que «na cidade de Capivary

tambem foi convocada uma reunião de lavradores para combinarem sobre os meios de se fazerem as estradas. Só quem as percorre seguidamente póde avaliar como vão se tornando intransitaveis, com geral prejuizo e real perigo.

« A Intendencia ainda não resolveu. Ha varias opiniões. Parece-me, porém, mais geralmente acceita a de estipular-se um tanto para ser pago pelo lavrador e camaradas (12$ por legua para o fazendeiro, 2$ para o camarada, seja qual fôr a distancia); a Intendencia incumbe-se de mandar fazer as estradas, por administração ou concurso. Segundo os calculos por ora feitos, aquella contribuição é sufficiente. Sendo assim, o lavrador lucra, não perde dias de serviço e tem o caminho conservado, pois será esta uma das obrigações.

« Nos annos em que o dinheiro exceder ao necessario, será applicado nas pontes: quando porém, mesmo assim sobrar, os saldos serão accumulados, de modo que, no anno em que prefizerem a quantia necessaria, o lavrador será dispensado de pagar.

« Acredito que d'este modo todos lucrarão. »

Quanto ao regulamento para os empregados domesticos, cuja conveniencia lembrei ao chefe Dr. Baeta Neves, foi instituido na Paulicéa pelo Dr. Arnaldo de Oliveira, porém apenas tem sido observado durante um anno com grave prejuizo dos patrões a quem cabe a culpa do seu abandono, por não terem auxiliado a autoridade, que desgostosa o deixou cahir em desuso.

A proposito de regulamento policial é de lastimar que se tenha tambem abandonado o dos carros de praça, deixando o publico a mercê da ganancia dos cocheiros, que pedem 6$ a 8$000 para fazer a viagem da estação do Norte ao centro da cidade.

Voltando a questão da immigração direi que para conseguir-se uma boa corrente de immigrantes espontaneos, é mister não esquecer que se devem proporcionar terras aos recem-chegados, em geral preoccupados com a idéa de se tornarem proprietarios, o mais depressa possivel.

A' Inspectoria Especial de Terras e Colonisação compete providenciar e nos paizes novos, de população pouco densa como o nosso, é importantissimo o papel de semelhante repartição, quando convenientemente compenetrada de sua missão que não é nenhuma *sinecura*, como pensam pessoas aliás de certa notabilidade.

Colligindo apontamentos sobre a Paulicéa não posso dissertar á respeito das nossas terras publicas, de colonisação no Brasil, ou mesmo com relação ao Estado de S. Paulo, comparando as respectivas repartições nossas com as das Republicas Norte Americana e Argentina, mas querendo o acaso que me cahisse nas mãos, em S. Paulo, um folheto publicado em 1853, na typographia J. J. Nobiling de Hamburgo, d'elle extrahirei alguns dados que o total das terras publicas sobre as quaes se estendia o systema de colonisação nos Estados Unidos, excluindo-se as terras do Oregon, da California e do Novo Mexico, era de 424,103,750 acres nos Estados seguintes: Ohio, Indiana, Illinois, Michigan, Wisconsin, Jowa, Missouri, Arkansas, Louisiana, Mississipi, Alabama, Florida, Minnesota e Tennessee, achando-se demarcado em 1 de Janeiro de 1850 umas 307,488,627 acres, restando para demarcar ainda 116,615,123 acres; que dos 307,488,627 tinham sido vendidos ou dispostos para varios fins 140,387,837, ficando então para vender ou dispôr 167,100,790 e mais os não demarcados 116,615,123, prefazendo bem o total dos 424,103,750 acres acima indicados, que ao preço de $1,25 (uns 2$500 moeda brasileira) e deduzidas as despezas de demarcação, venda, etc., representavam um valor de $439,570,819,74 ou no nosso dinheiro mais ou menos a somma enorme de 879,141:639$480 quasi na metade realizados pelo Estado na dita época.

O Governo Federal dos norte-americanos não ficou estacionario, pois que recebeu annualmente na média 375,000 immigrantes, algarismo ao qual chegára gradualmente e que ultrapassou para attingir 730,349 em 1882, chegando depois ao de 334,203 que parece ter de ser no futuro o numero approximado das entradas annuaes.

Não sendo opportuno occupar-me aqui amplamente

dos Estados Unidos, observarei que a respeito de terras e colonisação não fizemos ainda a decima parte do que tinham feito alli ha uns 40 annos, de onde julgo poder deduzir que temos muito a fazer e que esta parte da nossa administração publica sendo de reconhecida utilidade, é urgente o seu desenvolvimento.

Concordamos com o autor do alludido folheto que acha indispensavel demarcarem-se e dividirem-se terras para serem expostas á venda, sendo incontestavel que isso é a base a mais segura e o melhor systema de colonisação e que emquanto isso se não fizer rarissimos serão os immigrantes que virão ao Brasil *espontaneamente*.

Concordamos tambem na insufficiencia do offerecimento de terras por preços modicos para attrahir colonos, pois que geralmente a gente que emigra dispondo de pouco dinheiro, de preferencia emigra para onde lhe custará menos dinheiro não só o transporte como ainda o sustento até o momento da primeira colheita.

E o mesmo escriptor accrescenta:

« O que se deve concluir á vista d'isto? Que não será possivel obter colonos para o Brasil?—Não; não só não será impossivel obter colonos para o Brasil, como será mesmo facil encontral-os, mas será necessario fazer sacrificios pecuniarios durante alguns annos, e até que se ache no Brasil um tal numero de allemães e de suissos, que contentes de sua sorte (o que será infallivel attenta a riqueza e fertilidade do sólo brasileiro) excitem e animem os seus compatriotas á ir n'elle estabelecer-se ».

Cada vez que o nosso governo subvencionou as companhias de navegação, ou os introductores de immigrantes, verificou-se a verdade do que ficou enunciado; a entrada de immigrantes em S. Paulo, nos ultimos annos, é prova irrefutavel e dos 99,029 do anno de 1888 vieram 16,852 espontaneamente, quasi todos da Italia, attrahidos pelos 100,000 compatriotas localisados em terras paulistas; quanto aos restantes 75,177, muitos pagaram parte da passagem apesar das fortes subvenções que concede o governo.

Póde-se dividir os immigrantes em tres categorias, á saber: 1ª, a dos que vieram á custa dos cofres publicos

exclusivamente; 2ª, a d'aquelles que contribuiram com algum dinheiro, pagando parte da passagem; 3ª, a dos espontaneos que absolutamente nada, ou muito pouco receberam da munificencia do governo.

Os primeiros geralmente nada têm que perder e são pouco estaveis; os segundos quasi sempre trazem algum dinheiro, principalmente os d'entre elles que, como os espontaneos, emigraram *sans esprit de retour*, depois de terem vendido suas cazinhas e os objectos julgados inuteis para a America.

Os primeiros são, por assim dizer, nomades; seduzidos, porém, pelos bons salarios das fazendas de café, bom numero se deixou ficar no Estado de S. Paulo, ahi formou peculio e, depois de chamar a familia aquelles que tinham vindo só, pouco a pouco compraram terra, construiram casa, localisando-se assim definitivamente n'esta parte do vastissimo territorio brasileiro.

***

Verificou-se praticamente nos Estados Unidos que os immigrantes difficilmente colonisam as terras longiquas por mais ferteis que sejam, mesmo como as do Valle de Paranapanema, das quaes me tenho occupado em 1880 e que foram exploradas em 1886 pelo engenheiro Theodoro F. Sampaio, 1° ajudante da commissão Geographica e Geologica de S. Paulo, que tem por chefe o professor Orville A. Derby.

São muito interessantes os tres boletins publicados pela referida commissão, bem como o relatorio da exploração dos rios Itapeteninga e Paranapanema.

Recorrendo de novo ao folheto já indicado, n'elle leio que, « o reconhecimento das terras devolutas é um acto excessivamente grave, longo e difficil de estabelecer; depois é preciso demarcar as terras. Feito isto será necessario abrir caminhos, edificar casas e derrubar mattas, porque mattas virgens, inaccessiveis por falta de caminhos e de communicações, não podem convir a colonos europeos recem-desembarcados e carecendo do producto immediato das suas propriedades ».

Accrescentarei que além d'estas *preparatory expenses*, cuja imprescindibilidade bem comprehenderam os anglo-americanos, torna-se indispensavel nas zonas de terras devolutas—a fundação de villas, com egrejas, escolas etc, sendo notorio que o estabelecimento dos immigrantes se opera de preferencia ao redor das povoações, das quaes se distanciam para penetrar no interior com o desenvolvimento progressivo da colonisação.

No seu relatorio o fallecido Dr. Joaquim Rodrigues Antunes Junior, então engenheiro ajudante da Inspectoria Especial de S. Paulo e chefe da hoje extincta commissão de terras e colonisação, apresentou, em conclusão de seus estudos, um plano de colonisação á começar nos arredores da capital, nos termos seguintes:

a) Reorganisação dos nucleos existentes.

b) Fundação de novos, em seguimento aos antigos.

Eis a serie de trabalhos exigidos pelas indicações acima:

a) 1°—Medição definitiva dos lotes dos nucleos de Sant'Anna, S. Caetano e S. Bernardo.

2.° Distribuição de titulos definitivos aos colonos que, tendo pago os seus lotes, tiverem n'elles cultura effectiva e morada habitual.

3.° Distribuição de lotes vagos e abandonados a novos immigrantes e agricultores nacionaes que se quizerem estabelecer como colonos.

4.° Completar a viação externa e interna dos nucleos existentes, ligando o de S. Bernardo á estação do mesmo nome e a do Rio Grande, e fazendo a conveniente ligação dos mesmos nucleos aos devolutos do municipio de Santo Amaro.

b) 1° Discriminação do dominio publico e do particular nos municipios da Capital e de Santo Amaro.

2.° Exploração e medição de terras devolutas, em seguimento aos nucleos de S. Caetano e S. Bernardo e sua posterior divisão em lotes, tendo-se em vista o aproveitamento da viação existente.

3.° Exploração do Rio Branco e principaes affluentes, até o rio Conceição.

*
* *

No mesmo relatorio o Dr. Joaquim Rodrigues Antunes apresentou igualmente um plano de colonisação nos valles dos rios S. Lourenço e Juquiá até a Ribeira de Iguape, propondo diversas providencias divididas em duas partes, a primeira sob a lettra c é relativa aos trabalhos preparatorios, quanto á segunda, eil-a :

d) 1.° Existencia de um nucleo de população nacional que já conta alguma producção.

2.° Prolongamento da ferro carril de Santo Amaro pelo menos até ao povoado de S. Lourenço.

São interessantes as seguintes observações do illustrado profissional que a morte roubou-nos...

« A necessidade do desbravamento e recursos indispensaveis ao colono europeu e a approximação d'este aos principaes mercados de consumo e de exportação, explicam perfeitamente os dous paragraphos da proposta *(d)*.

« Julgando desnecessario transcrever, ou dar maior desenvolvimento as idéas consignadas n'aquelle relatorio, não posso, entretanto, occultar a confiança que nutro pelos resultados de um nucleo constituido do elemento nacional.

« Bastaria contemplar o bello povoado de S. Lourenço para não duvidar das tendencias civilisadoras dos nacionaes quando mesmo pudesse ser ignorada, ou se puzesse em desconfiança a conducta e caracter do Paulista.

« Acha-se essa promessa de florescente cidade assentada sobre as nascentes do rio que lhe deu o nome e ás bordas de um sertão devoluto de mais de 50 leguas quadradas !

« Entre esse povoado e o ultimo morador, medeia a extensão approximada de 2 leguas e existem n'esse pequeno espaço centenas de familias errantes, ora como aggregadas, ora como invasoras de terras devolutas !

« Creio ser chegado o momento de facilitar-se a milhares de familias a acquisição de uma porção razoavel do sólo, onde possam assentar o livre exercicio da industria agricola.

« Se frouxos, ou indecisos são os esforços que, fóra da lei, applica o homem a terra que invade, quanto não ganhariam de vigor esses mesmos animados na exploração consciente da propriedade ?

« Em summa, numerosas razões poderiam ainda ser invocadas em abono dos esforços por ventura gastos com o povoamento da zona devoluta de que trato, o que só dependerá do exito do primeiro nucleo alli formado. »

*
* *

O historico da colonia de Santo Amaro, o primeiro nucleo de estrangeiros proximo á cidade paulistana, resume-se em poucas palavras:

Achando-se na Allemanha como ministro plenipotenciario do Brazil, o major Jorge Antonio von Schaefer fez-se autorizar a promover a emigração de allemães para sua propriedade e outra de Wilhelm Freyreis, ambas situadas na colonia Leopoldina da então provincia da Bahia.

Com effeito vieram duas turmas; uma partio em 19 de Julho de 1823 e chegou ao Rio de Janeiro a 14 de Janeiro de 1824; a outra sahida no dia 18 de Dezembro de 1823, aportou na Guanabara a 15 de Abril de 1824.

Eram ao todo 342, que o inspector geral monsenhor Miranda, não sei porque, enviou a colonia de Nova Friburgo (Rio de Janeiro) á 3 de Maio de 1824.

Chegando na capital brazileira nova turma com 126 allemães, o inspector geral os fez partir para Porto Alegre de onde seguiram para a fazenda da Feitoria Velha, afim de formarem a colonia de S. Leopoldo (Rio Grande do Sul) cuja creação havia ordenado S. M. D. Pedro I ao seu ministro do Imperio, depois Visconde de S. Leopoldo.

Não tenho dados seguros para indicar as posteriores expedições de immigrantes feitas para S. Leopoldo e Leopoldina, sei, porém, que o referido ministro Visconde de S. Leopoldo, querendo tambem favorecer a provincia de S. Paulo, mandou a 4 de Julho de 1827 reconhecer as terras devolutas de beira-mar, ou margeando estradas. O presidente de S. Paulo encarregou d'esse trabalho ao tenente coronel José Teixeira Cabral que examinou o littoral desde S. Vicente até Guaratuba (o Paraná então pertencia a S. Paulo) e preferiu o valle da Ribeira de Iguape.

O major Jorge Antonio von Schaefer, recebendo instrucções especiaes, lavrou em Bremen a 20 de Agosto 1827 os seus primeiros contractos nos termos seguintes:

« Os colonos gozarão de todas as regalias que gozam os colonos da Grã-Bretanha nas suas possessões.

1° Serão sustentados por espaço de anno e meio á custa da Nação.

2° Receberão gado vaccum, cavallar e lanigero que tornarão a entregar na mesma especie ou no seu valor, no decurso de quatro annos. Além d'isto receberão as ferramentas proprias do paiz e sementes.

3° Os terrenos que cultivarem serão sua propriedade absoluta a que terão todo direito.

4° Os colonistas que forem transportados para o Imperio do Brazil, por conta do mesmo, serão isentos de todos e quaesquer direitos e tributos por espaço de oito annos. Os que, porém, vierem a sua custa, gozarão d'este privilegio por espaço de dez annos, poderão escolher terreno e terão direito a maior porção. (Este artigo comprehende outras disposições de privilegios e subsidios para os grandes fabricantes, as quaes não copiei, do que me arrependo).

5° Os colonistas serão obrigados a pegar em armas, porque juram fidelidade a Sua Magestade o Imperador do Brazil, mas só quando a nação estiver em perigo ; seus filhos nascidos no Brazil, serão sujeitos ao recrutamento.

6° Cada colonia terá um medico, um parocho ou pastor, conforme a religião de que forem os colonos e pagos pelo tempo que durar os subsidios da nação »

***

No relatorio apresentado em 1889 pela Inspectoria Especial de Terras e Colonisação de S. Paulo encontrei um interessante quadro dos immigrantes vindos á provincia desde 1827, quadro que me disseram ter sido organisado pelo auxiliar d'esta repartição—o Sr. Argemiro da Silveira e pelo qual verifiquei a exactidão das minhas notas tomadas, fazem annos, no archivo da secretaria do

governo, graças aos bons officios de um de seus chefes de secção, o Dr. Godoy, a quem dou agora este testemunho da minha gratidão.

Eis aqui o quadro dos primeiros immigrantes de S. Paulo, todos allemães :

Chegados em Santos	*Embarcações em que vieram do R de Janeiro*	*Nº*	*Annualmente e nos 3 annos 1827—1829*	
1827—Dezembro 13	Galera *Maria*.....	226	226	 955
1828—Janeiro 21..	Berg. *Paquete do Rio*	39		
Maio 22.....	Sumaca *Santa Delfina*	87		
Junho 27....	Sumaca *Rocha*.....	175		
Novembro 13	Galera *Nova Piedade*..	307	700	
1829—Março 16....	Berg. *Prudente Joé*...	29	29	

Em uma carta, o fornecedor dos colonos, Sr. José Ribeiro de Almeida, informou que dos colonos, vindos no *Paquete* do *Rio* dois desertaram e cinco foram excluidos.

Da leitura de outras cartas deprehende se que o director dos colonos, Dr. Justiniano de Mello Franco, se offereceu para ser medico dos mesmos ; que para o transporte d'essa gente requisitára carros e cavalgaduras; que já em Abril de 1828 teve de pedir armas para melhor conter os allemães despedidos do batalhão estrangeiro por incorrigiveis e que lhe haviam sido enviados como colonos; que na sumaca *Rocha* chegou o interprete João Henrique Kagel ; que varios colonos vieram por conta propria da Allemanha ao Rio de Janeiro ; que em Março, ou princicio de Abril de 1829, chegaram os colonos que tinham arribado em Falmouth.

Estes immigrantes tiveram que soffrer com as hesitações, quer do governo geral, quer do provincial.

Pretendeu-se primeiro estabelecel-os no Juquiá; depois no Quilombo; em seguida na cidade de São Vicente, ou em Itanhaem; preferio-se, porém, as visinhanças de Itapecerica, M Boy e Caraguahyba; mas foi revogada esta ordem para novamente pensar nos sertões do Quilombo, cujo terreno foi achado pouco favoravel;

então ficou assentado que se concederia lotes de terras aos immigrantes que as requeressem depois de tel-as examinadas nos sertões de Santo Amaro, perto do ribeirão Itaquaquecetuba a 4 leguas da villa de Santo Amaro, nas immediações de Itapecerica, M. Boy e Caraguahyba. Era logar de alguma sorte central, entre a capital e as cidades de Santos, S. Vicente, Itanhaem e a Ribeira de Juquiá. Ficou fundada a colonia de Santo Amaro com a entrega feita, em 29 de Julho de 1829, á 9 familias de 400 braças em quadro, ou 77 hectaros e 44 aros de terras a cada uma.

As familias que posteriormente ahi se localisaram pediram que seus lotes apenas tivessem 400 braças por 100 braças (uns 19,36 hectaros) para não ficarem muito distantes umas das outras.

Apezar das promessas feitas na Europa, tem-se procurado não cumprir a obrigação de concessão de terras e mesmo com certa difficuldade foi feito o pagamento da subvenção diaria de 160 réis aos maiores de 10 annos e 80 aos menores.

Estas circumstancias explicam a revolta e a dispersão de alguns colonos que haviam dado muito que fazer ao respectivo director Dr. Justiniano de Mello Franco durante o aquartelamento de 455 immigrantes em Itapecerica, desde Abril de 1828 até o fim do mesmo anno.

Deprehende-se de varios documentos que o colono catholico João Menier injuriára aos protestantes no mez de Setembro de 1828, occasionando questões desagradaveis para os seus administradores que ficaram ainda mais desgostosos em seguida a visita de certo medico allemão.

A 21 de Dezembro de 1828 o tenente João Mariano de Azevedo Marques escrevia acharem-se em Santos 257 colonos, sendo 55 familias e 26 avulsos.

Theophilo Schmidt, o encarregado da demarcação dos lotes, tendo induzido os immigrantes a protestarem contra seu estabelecimento em Santo Amaro, foi preciso a intervenção da força armada para reprimir as desordens que occorreram e convencer os allemães da inutilidade de qualquer opposição.

E', porém, justo reconhecer que pouco futuro promettia o local escolhido, por não permittir lavouras rendosas pelo relativo afastamento dos mercados consumidores.

Deve-se tambem considerar que em geral os referidos allemães não eram agricultores, mas operarios que assustavam os rudes serviços da lavoura no sertão.

Chegando a galera *Nova Piedade*, em 13 de Novembro de 1828, com 391 immigrantes, o governo de S. Paulo tratou logo de não juntal-os com os precedentes e com 17 familias fundou a colonia de S. Lourenço em territorio hoje paranaense que depois recebeu mais 26 familias.

Em 1830, diz o Sr. Argemiro da Silveira, os 955 allemães achavam-se assim distribuidos:

336 em Santo Amaro.
232 em Rio Negro (43 familias).
163 em Itapecerica.
39 em Itanhaem.
37 em Cubatão.
18 em Tatuhy (4 familias).
6 em Paranaguá (1 familia).
124 espalhados pela capital, Santos, etc.

Algumas familias que tinham economisado parte dos subsidios, descontentes com seu lote, puderam comprar terras já cultivadas, aquellas, porém, que tinham sido imprevidentes e esbanjadeiras — formando a minoria — entregaram-se á ociosidade logo que deixou de lhes ser pago o auxilio pecuniario que, aliás, receberam por espaço de um anno, mais ou menos.

No fim de 1846, nos termos da communicação official do major L. J. Monteiro, restavam apenas 60 pessoas na colonia de Santo Amaro, constituindo 10 familias n'um estado vizinho da miseria e no dizer do Sr. Argemiro da Silveira subsistiam só cinco familias em 1855 as quaes ficaram reduzidas a duas ou tres conforme escreveu em 1859 o Dr. Avé Lallemant.

Hoje encontram-se alguns descendentes dos colonos de Santo Amaro nas immediações, do lado de Itapecerica, e tambem na capital.

*
* *

Após o historico da fundação da colonia de Santo Amaro, parece-nos conveniente transcrever alguns topicos do prospecto publicado em 1883 pela Companhia de Carris de Ferro S. Paulo a Santo Amaro:

« A empreza tem por objecto principal facilitar as communicações entre a capital da provincia de S. Paulo e a villa de Santo Amaro.

« A villa de Santo Amaro è a chave de um districto que, com razão, é chamado o celleiro da capital, pois que seguramente metade dos viveres que são aqui consumidos são d'aquella procedencia.

« A população do districto, cujos productos passam em Santo Amaro em procura do mercado da capital e que se compõe da propria villa, da de Itapacerica e das povoações de S. Lourenço, M. Boy e alguns nucleos de habitantes como Casa Grande e outros, eleva-se a mais de 12.000 almas. Pelo ultimo recenseamento (vide apontamentos da provincia de S. Paulo de M. E. de Azevedo Marques, 1879) tinha Santo Amaro 5.490 e Itapacerica 4.896 habitantes.

« Em grande parte descendente, principalmente em Itapecerica, de familias allemães, que ahi formaram uma colonia, em virtude de um aviso do ministerio do imperio de 8 de Novembro de 1827 e dos quaes ainda alguns ahi existem em excellentes condições de prosperidade, é essa população essencialmente laboriosa.

« A' essa qualidade dos habitantes, á fertilidade do solo e á pequena distancia de um importante centro consumidor não corresponde ainda a producção e exportação que muito augmentará, mesmo sem accrescimento da população, se houver um meio facil de transporte.

« A exportação consiste em madeiras de construcção, lenha, pedra de cantaria e bruta, viveres, aguardente de milho, gallinhas, ovos, algum toucinho e poucos carneiros.

« Na feira semanal de madeiras de construcção em S. Paulo, no largo do Riachuelo, antigo do Piques, nos dias de sexta-feira e sabbado, acodem cerca de 300 carros de eixo movel por semana, e si bem que não ha dados officiaes sobre o consumo de madeiras, é facil á qualquer pessoa verifical-o *de visu*.

« A madeira transportada em cada carro pésa em termo médio 600 kilogrammas, o que dá 180 toneladas metricas por semana ou 9.360 toneladas por anno.

« Pelo documento junto sob n. 1 (no prospecto) vê-se que o numero de carros de eixo movel dos districtos de Santo Amaro e Itapacerica aferidos pela Camara Municipal da Capital foi de 437 no exercicio de 1882 á 1883. Sendo de presumir que cada carro venha ao menos, termo médio, uma vez por semana á Capital e tirando os 300 carros que trazem madeiras de construcção, temos ainda 137 carros, que distribuiremos 100 para lenha e 37 para pedra de cantaria.

« Calculando em 400 kilogrammas o peso da lenha conduzida em um carro, temos por semana 40 toneladas ou 2.080 toneladas por anno.

« Os 37 carros de pedra de cantaria cujo peso regula 600 kilogrammas em cada um, dão-nos 22 toneladas e 200 kilogrammas por semana ou, arredondando, 1.150 toneladas metricas por anno, o que corresponde mais ou menos ao documento junto sob n. 2 (no prospecto).

« A pedra bruta (fragmentos para alvenaria ordinaria) não supporta o preço do transporte de hoje, mas com certeza será exportada em grande quantidade desde que o frete seja barato. O frete pago hoje por um carro de eixo movel é de 6$ e as vezes mais, segundo o documento n. 2 (no prospecto).

« A exportação de generos alimenticios é orçada geralmente em 4 ou 5 milhões de litros por anno, que ao peso médio de 800 grammas por litro, correspondem á 3.200 até 4.000 toneladas annualmente.

« Os unicos dados officiaes que se podem obter são dos generos vendidos no mercado municipal que, como se vê pelo documento n. 3 do prospecto, em tres mezes foram 499.950 litros, ou em um anno de cerca de dois milhões de litros.

« Todos sabem que dos generos alimenticios que entram do districto de Santo Amaro, nem a quarta parte dá entrada no mercado municipal, onde são sujeitos ao imposto de 2 réis por litro. Os que são comprados antes de sua chegada, a entregar, nada pagam, e é natural por

isso que sómente uma pequena parte procure o mercado municipal. Dirigindo algumas cartas a diversos negociantes que costumam contractar generos no logar da producção, obtivemos as respostas que juntámos sob os ns. 4 a 9 (no prospecto). Destes documentos vê-se que no primeiro semestre de 1883 receberam aquelles negociantes 338.145 litros, o que faz 700.000 litros, approximadamente, por anno.

« Cumpre notar, porém, que de 12 negociantes a quem nos dirigimos, seis negaram-se a dar as informações pedidas e alguns dos que responderam, por um justo escrupulo, visto não terem assentos especiaes das diversas procedencias, deram um numero de litros certamente muito inferior ao que realmente receberam.

« Além d'isso muitas familias tem sua freguezia directamente com os productores e esses generos que devem prefazer uma somma respeitavel de litros, escapam a toda a apreciação, o que igualmente acontece com os comprados pelos—atravessadores—cujo commercio, apezar dos esforços da Camara Municipal para supprimil-o, é ainda avultado.

« Julgamos acertar admittindo um total de 3.500 toneladas annualmente.»

***

Decorreram 50 annos entre o primeiro e o segundo ensaio de colonisação official nas immediações da capital paulista, isto é, de 1827 a 1877.

O presidente de S. Paulo, Dr. João Theodoro Xavier, mandou examinar em 1874 as fazendas do municipio paulistano que se prestassem a colonisação e no anno de 1876 o ajudante da Inspectoria Geral de Terras e Colonisação, Dr. José Cupertino Coelho Cintra, seguiu do Rio para a Paulicéa tendo tambem por missão visitar as fazendas indicadas pelo delegado providencial.

O presidente Dr. Sebastião José Pereira acompanhou o Dr. Coelho Cintra no reconhecimento das fazendas de Sant'Anna, S. Caetano, S. Bernardo e Cangussú.

Do exposto no relatorio apresentado, deduz-se que a fazenda Cangussú era a que se achava em melhores condições tendo 4000 hectares de terras bôas.

Mas o governo resolveu comprar S. Caetano e S. Bernardo, pagando 7:000$ de réis a Ordem Carmelitana de S. Bento, e as mandou colonisar conjunctamente com os proprios nacionaes Sant'Anna e Gloria que o Ministerio da Fazenda cedêra para esse fim.

Em Fevereiro de 1877 o ministro d'agricultura instituio uma commissão para tratar da fundação das colonias que foram estabelecidas no mesmo anno, sendo localisadas 33 familias ou 168 pessoas em Sant'Anna nos mezes de Junho e Julho ; 20 familias e 3 solteiros prefazendo 88 individuos em Agosto na Gloria ; 26 familias ou 118 pessoas em S. Caetano desde Agosto até Dezembro, e de Setembro a Dezembro 104 familias ou 459 pessoas em S. Bernardo. Sant'Anna e Gloria foram emancipados a 30 de Novembro de 1878, sendo os colonos libertados da tutella official para que diminuissem e afinal cessasem as despezas do Estado, isto talvez, um pouco precipitadamente pois que os immigrantes recem-chegados necessitam conselhos por algum tempo.

Em Julho de 1878, nada se parecia menos a uma colonia que o campo da Gloria para o qual se penetrava passando por um largo portão que difficilmente se chegava a descobrir, os transeuntes interrogados ignorando o que se procurava.

Ahi voltando, no dia de S. João de 1879, encontrei quatro lotes cercados com casas assás regulares, que substituiram os primitivos ranchos, alguma batata e outras poucas plantas em cultivo ; vi mais um lote aberto e sem trato, cujo possuidor, sentado na porta da sua habitação e tendo na bocca um grande cachimbo, informou não querer trabalhar em vão, como no anno anterior em que durante uma noite tudo quanto tinha fôra destruido pelas vaccas dos visinhos—consequencias da prematura emancipação do nucleo.

Identica conclusão tive ensejo de tirar em Sant'Anna, onde fui junto com o Dr. João L. V. C. de Sinimbú

Junior em 1878 ou 1879, os lotes estavam de alguma sorte abandonados porém, muito frequentada era a casa de um colono que tinha sortimento de bebidas ou uma especie de venda.

Na Gloria, a cento e tantos metros dos lotes coloniaes, havia um deposito de polvora, pouco adiante a morada dos guardas e restos de muros de taipa soccada que o povo affirmava serem os vestigios de uma igreja do tempo dos jesuitas.

Este nucleo, apenas a 3 kilometros de S. Paulo, entre o Lava-pés e o morro do Ypiranga, cortado por uma das estradas para Santos, foi dividido em lotes, sendo 122 ruraes e 106 urbanos, alguns dos quaes deram logar a reclamações por parte de terceiros que tiveram de submettêl-as ao juiz commissario do governo, bacharel Augusto José de Castro e Silva, e posteriormente os demais foram vendidos em hasta publica.

O nucleo de Sant'Anna, a 4 1/2 kilometros da estação da ferro-via ingleza e cerca de dois da ponte grande sobre o rio Tiété, onde agora chegam os tramways, comprehendia 155 lotes urbanos com 27 casas provisorias e uma hospedaria para os immigrantes; foi inaugurado por italianos, austriacos, alguns francezes e brazileiros, cujos debitos após um anno chegaram a 28:000$ e os creditos a 6 contos de réis.

A grande proximidade da Paulicéa permittindo aos homens de ahi procurarem trabalho a salarios e as mulheres de venderem hortaliças, carvão e lenha, ou tomarem roupa para lavar, era por isto natural que durante o dia os lotes de Sant'Anna e da Gloria se achassem quasi desertos, porém, antes este systema de colonisação de que o da localisação dos immigrantes longe das cidades como se costuma fazer no Brazil, com grandes sacrificios pecuniarios, sendo preciso sustentar os colonos que, não podendo entregar-se a occupações rendosas, quando não são agricultores, nada conseguem por si só durante bastante tempo.

***

A colonia de S. Caetano, que tambem visitei em 1879, então já era bem interessante — a capellinha rodeada de umas 17 casas com boas hortas, tres fôrnos para tijolos, telhas e louça, tudo tinha risonho aspecto n'este nucleo á 10 kilometros da capital, com uma população quasi toda italiana, sendo a decima parte brazileira; no lapso de um anno os colonos conseguiram dar 10:000$ para amortisar um debito de 21:000$000.

Em 1887, conforme se lê no relatorio do Ministerio da Agricultura, apresentado em 1888, S. Caetano com 48 lotes urbanos e 22 ruraes tinha 326 habitantes, cujas culturas produziram no dito anno 25:756$, sendo 4:950$ producto de 33 pipas de vinho e possuia duas escolas frequentadas por 53 alumnos; S. Bernardo 1.295 habitantes, producção 59:298$ e tambem duas escolas.

Em 1879 fui pela primeira vez visitar S. Bernardo, tendo por companheiros o meu hospede Conde de Beust, o major Diogo A. Paes de Barros e o engenheiro Leopoldo José da Silva, a quem se achavam então confiados os nucleos coloniaes.

Percorreu-se de carro os 23 1/2 kilometros da estrada Vergueiro separando o centro de S. Bernardo da capital paulista.

Para melhor organisação d'este nucleo o governo havia adquirido tambem as terras do finado alferes Francisco Martins Bonilha, cavalleiro da Ordem de Christo, que deixára boa plantação de chá e respectiva fabrica, bem como alguns carneiros a cuja creação se dedicára. Antes da existencia da linha ferrea ligando Santos a Paulicéa, as viagens se faziam forçosamente passando por S. Bernardo e innumeros viajantes relacionaram-se com o abastado senhor da unica casa de sobrado da freguezia, o qual os obsequiava e retinha ás vezes para depois recommendal-os a seu genro na capital.

A séde da freguezia de S. Bernardo possuia bonita igreja, 16 casas regulares e 15 casinhas; era pouso habitual dos que transitavam pelas estradas antigas de Santos, a do Vergueiro, as de Santo Amaro e do Sacramento que ahi se cruzavam.

Passeando por diversos lados da colonia admirei as

bonitas roças de milho, grandes mandiocaes e mais culturas dos colonos que se conservavam nos seus lotes ruraes durante a semana, afim de não perderem tempo com a ida e volta do lote urbano para o outro, que fica um tanto longe. A colonia estava dividida em 48 lotes urbanos e 177 ruraes.

N'estes lotes, servidos por caminhos regulares, vimos modestas cabanas e paioes, bem como instrumentos aratorios, diversos moinhos com turbinas, etc.

S. Bernardo tinha tantos brazileiros quantos italianos, alguns austriacos e poucos prussianos. Apezar da distancia os pedreiros, marceneiros e mais artistas trabalhavam na Paulicéa, regressando ao sabbado para passarem o domingo com a familia.

A maior parte dos colonos compunha-se entretanto de agricultores, que se mostravam alegres e satisfeitos, alguns solicitavam os meios para mandarem vir os parentes.

Os lotes urbanos dos quatro nucleos tinham 4,840 m. q. e os ruraes 151,250 m q.; os de Sant'Anna e Gloria não tinham terras boas para cultura e as de S. Caetano e S. Bernardo eram regulares.

O governo fez suspender nos dous nucleos não emancipados todo o fornecimento de viveres, concedendo aos colonos, em compensação, no periodo de Dezembro 1878 a Junho 1879 a diaria de 400 reis para os colonos maiores de 10 annos e 240 para os menores de 10 annos.

Não me foi dado o algarismo dos debitos dos colonos de S. Bernardo, porém soube que alguns eram credores pelos salarios do seu trabalho nas estradas, e sublevaram-se por duas vezes, visto não os ter conseguido receber, exigindo em compensação da mora do pagamento outros subsidios que a diaria acima mencionada.

Tambem fui informado das numerosas questões suscitadas com a morosa entrega dos titulos de propriedade dos lotes sob pretexto de não pagamento, embora tivessem os reclamantes recibos das quantias entregues ao commissario do governo.

Eis quanto basta para fazer mallograr todos os esforços empregados para colonisar o paiz...

A séde da colonia de S. Bernardo dista 7 kilometros

da estação d'este nome na *San Paulo Railway Coy.* Fallou-se em uma linha de *tramways*, fazendo alguns córtes para diminuir ainda a distancia, porém ignoro se a idéa foi levada avante.

Não tive occasião de viajar de novo na linha ingleza para ver, em ambos os lados da linha, kilometros de terras cultivadas como não se costuma encontrar no Brazil mas sim na Europa e que aqui devem ser admiradas.

Como quer que seja, e comquanto não tivessem faltado obstaculos ou embaraços a vencer, seja ao governo, seja migrantes, certo é que os alludidos quatro nucleos foram aos imrelativamente bem succedidos.

***

Encontramos no *Diario Popular* de 25 e 26 de Abril de 1890, os importantes artigos do illustrado Dr. L. P. Barreto que damos em seguida:

I

« Em sua *Introducção a Sciencia Social*, H. Spencer collocou o estudo da psychologia no fim do livro, consagrando-lhe o ultimo capitulo. O eminente pensador assim procedeu propositalmente, querendo que as concepções de ordem psychologica levassem sobre as outras a vantagem de ultimas impressões e fossem as que mais profundamente se gravassem no espirito do leitor.

« O conhecimento exacto das leis, que regulam a associação das idéas e o movimento da vida affectiva no individuo e na especie, nos differentes povos, nos diversos climas, constituem, de facto, a fonte a mais fecunda de suggestões praticas de toda a sorte para a solução dos variados problemas da existencia social.

« Não podemos dar um passo sem que surjam immediatamente á nossa frente difficuldades, envolvendo factores psychicos. Nas obras as mais materiaes domina sempre no fundo uma questão de ordem moral. Na construcção de uma via ferrea se o engenheiro não puder contar com os elevados sentimentos de probidade do trabalhador que

crava os pregos nos dormentes, de maneira a garantir a perfeita segurança do trafego, a empreza se torna impossivel. Uma tal obra ainda será impossivel, se entre os habitantes da região não predominar um profundo respeito pela vida humana, de modo a conter os malfeitores em seu selvagem instincto de damnificar a linha e assim armar uma cilada aos viajantes.

« O legislador verá fatalmente frustradas todas as suas tentativas de melhoramento social por meio de *leis no papel*, se a expansão dos sentimentos moraes dos cidadãos não fôr sufficientemente intensa para acceital-as como um patrimonio e salvaguardal-as com o maximo zelo. E, se os legisladores fossem em geral um pouco mais theoricos, mais conhecedores d'esse intimo e delicado mecanismo, que tece a trama das idéas e as associa de mil fórmas com os sentimentos que constituem a vida real, por certo que recuariam d'essa ardente soffreguidão com que procuram prender a sociedade sob uma rede de leis, sem perceberem que a maior parte das vezes não conseguem por esse meio senão crear um embaraço ao progresso.

« Se um membro qualquer do parlamento, diz Spencer, invocasse um principio psychologico para justificar sua opposição a uma medida em discussão, os *reporters* deixariam provavelmente cahir seu lapis de estupefacção. Allegar de sangue frio alguma lei da associação das idéas ou algum toque do desenvolvimento affectivo, como uma razão sufficiente de votar pró ou contra uma segunda leitura, seria pôr em rude provança a seriedade dos nossos legisladores. Alguns gritos de «*Entre na questão! na questão!*» se misturariam com a hilaridade; tanto o argumento invocado pareceria visivelmente estranho ao objecto da discussão ».

« Infelizmente para nós, o problema da immigração é uma dessas questões, em que a psychologia é a arbitra suprema, e não encontraremos para ella solução satisfactoria, emquanto não estivermos todos de pleno accordo para fazer intervir n'ella os factores da ordem moral.

« Qual é a nossa situação?

« A monarchia gastou muitas dezenas de mil contos para conseguir o povoamento do Imperio, e o Imperio

ficou vazio. A antiga provincia de S. Paulo, graças aos seus privilegiados terrenos dioriticos, á sua larga facha cafeeira, fez algum tanto excepção á regra e conseguiu attrahir algumas avultadas ondas de immigrantes. Não o conseguio, porém, senão á custa de pesado sacrificio, emmagrecendo a sua bolsa, pagando de contado 70$000 por cabeça de colono. E, do momento que suspendeu o seu papel de Nayade argentaria, a immigração desappareceu. Não conseguiu firmar uma corrente espontanea; não conseguiu tornar-se um centro de attracção para as massas erraticas que se deslocam da Europa para as planicies do Prata. Não obstante todos os dotes do seu solo e do seu clima, o idéal do expatriante se inclina irresistivelmente para a banda dos argentinos.

« Porque?

« Os professores de economia politica, em Paris, Berlim, Bruxellas, Turim, passam todos os annos, perante numeroso e esclarecido auditorio, uma revista na situação financeira dos diversos paizes. O Brazil ahi apparece invariavelmente como importando cerca de 30 a 33 mil contos de generos alimenticios, cada anno...

« O facto é commentado em todos os tons; e uma attenta reportagem se encarrega de leval-o aos ouvidos das infimas camadas populares, a todos os recantos, ao ultimo tugurio do proletario.

« Em Antuerpia, no Havre, em Marselha, em Genova, onde os grandes grupos de immigrantes se concentram e em excitação nervosa deliberam sobre a destinação definitiva a preferir — em face d'esse oceano immenso e d'esse desconhecido sem margens, aos quaes vão confiar suas mulheres e seus filhos; n'essa extrema hora escura, em que estalam as mais rijas fibras do coração, diante dos penates, que ficam, das tradições do berço, dos laços patrios, que se rompem, dos lenços humidos que se agitam... inspirado arauto os apostropha: « que ides fazer no Brazil? o Brazil não tem que comer! o Brazil não tem batatas! Aqui tendes os documentos officiaes das alfandegas brazileiras; vêde bem: só a do Rio recebe annualmente do Rio da Prata, 600 a 800 contos de réis de batatas e de Lisboa, Bordeaux e Havre, outro tanto. Só de Montevidéu a

alfandega do Rio recebe cerca de 95, 100, 110 contos de... tomates. Todo o trigo que ahi se consome vem do estrangeiro. As cebolas e o alho vem de Portugal; o arroz vem da India e do Japão... E, notai bem, a alfandega do Rio é a que, relativamente, recebe menos; as do Norte, Bahia e Pernambuco com especialidade, só podem viver com os comestiveis de fóra...»

«Para o Rio da Prata! para o Rio da Prata!» são as palavras que retumbam nas agencias de passagens como resumo dos debates.

« E' a logica do sentimento que assim falla!

« Não terá ella razão?

« Reflictamos.

« De todos os presentes feitos pela America á Europa, a batata foi inquestionavelmente o mais importante, o mais augusto, o de maior alcance social. Diante d'ella se offuscam todas as minas de prata e ouro do Novo Mundo. A prata e o ouro só serviram para macular os mais puros caracteres, entregando a Europa inteira a essa ganancia aventureira e a esses actos de vandalismo, que sombreiam a historia do XVI e XVII seculos. Desde que se installou a cultura normal da batata, cessou para sempre o angustiante pesadelo que opprimia o pensamento das populações pobres do velho continente constantemente perseguido pela visão do espectro da fome.

« Não esqueçamos que, antes d'essa data, a Europa estava normalmente sujeita ás fomes periodicas. E, com as fomes, campeavam implacaveis as febres da miseria physiologica, o terrivel *hungertyphus*, cujo nome fazia desmaiar de desalento as mais laboriosas populações.

« Os annaes medicos legaram-nos a narração das pavorosas hecatombes, que assignalaram aquelles calamitosos tempos. E, até hoje, perduram vivas na memoria das populações as tradições transmittidas de paes a filhos sobre as lutuosas scenas de então.

« A introducção da batata foi a era da emancipação, que raiou para as infortunadas classes proletarias. A Europa está hoje livre das mortiferas epidemias da inanição; está garantida em sua existencia material: já não morre precisamente de fome.

« Mas, ainda não é tudo. A batata tornou-se a base da fortuna publica de alguns paizes, da Allemanha notoriamente. Desde que a chimica revelou os meios de se converter a fecula em saccharose e esta em alcool, estavam lançadas as bases da possante industria, que constitue, hoje, a riqueza capital do erario allemão.

« Por outro lado a cultura da batata preenche o duplo papel de arado e de adubo. A terra, que acaba de servir á sua plantação está apta para receber o trigo e outras plantas alimenticias. E é de tal modo importante este officio secundario da batata, que, quando mesmo todo o seu outro valor desapparecesse, os allemães continuariam com o mesmo afan a cultival-a, como prefacio imprescindivel para a rotação do trigo.

« Para o rustico camponeo, que conhece o passado de tradição, e que se vê no presente cercado de uma abundancia relativa, a batata é um verdadeiro e legitimo idolo. Faz, d'ella uma religião, e diante de sua imagem, dobra reconhecido os seus joelhos. Todas as suas aspirações, todo o seu ideal, se resumem em possuir um torrão proprio, para n'elle cultivar batatas e sobre elle fundar um solido patrimonio para os filhos.

« Ao passo que estas scenas se passam na Allemanha, do outro lado do Rheno não são menos tocantes, nem menos intensas as pias expansões pelo tuberculo salvador. A França, ao mesmo tempo que celebrava a sua grande festa nacional do centenario da Revolução, levantava duas estatuas a Parmentier, o pharmaceutico illuminado, que abandonou o gral e o pilulario pelo apostolado da batata.

« Tempo virá por certo, em que a França, esquecendo os erros politicos e só levando em conta o bem realisado, se lembrará que Luiz XVI foi o primeiro contagiado do santo ardor de Parmentier, e que, collocando-o a seu lado, em sua meza, para ensinar a mais fina aristocracia franceza a comer batatas, ao mesmo tempo que liberalmente cedia-lhe parte dos seus terrenos para a « Escola do pomo da terra », merece não ser separado do seu companheiro de luctas.

« A verdade é que, se a Revolução tivesse tido lugar em nossos dias, o mundo scientifico se levantaria em peso

para pedir a salvação do salvador da batata que salvou a Europa da fome.

« Tal é o terreno moral, tal a base psychologica, em que se acham as populações da Europa, que podem emigrar para cá.

« Que se imagine agora o effeito de um brado vehemente, no momento do embarque, ferindo os ouvidos da turma vacillante : « *Que ides fazer ao Brazil? O Brazil não tem batatas!...*»

« Uma bomba de dynamite não produz mais tremendo effeito.

« Emquanto continuar a figurar na estatistica official das nossas alfandegas o mesmo algarismo revelando a colossal massa de batatas que importamos do estrangeiro, será inutil uma propaganda a nosso favor, seremos vencidos e humilhados sob os argumentos patheticos dos nossos concurrentes.

« Reflictamos.

« A base da fortuna publica em Mogy das Cruzes e outras localidades do nosso Estado é, hoje a cultura da batata. Entretanto, essa cultura não é susceptivel de mais ampla extensão, porque não conta com o mercado certo. O frete das nossas estradas de ferro não lhe permitte ainda entrar abertamente em lucta com a batata do Rio da Prata no nosso principal mercado, o da Capital Federal. E o que acontece com a batata, acontece com muitos outros productos da pequena lavoura.

« Continuarão os economistas, portanto, na Europa, e, atraz d'elles, os agentes de colonisação de diversas procedencias, a affirmar que o Brazil não tem os generos alimenticios de primeira necessidade!

« Fomos, assim, lesados, uma primeira vez, porque nos privamos de uma fonte directa de renda; e, uma segunda vez, mas em escala gigantesca, porque perdemos uma enorme massa de braços, que vão em outra parte contribuir para a producção cada vez maior dos generos precisamente, que, hoje, fazem a concurrencia á nossa pequena lavoura e fazem desviar de nós os braços de que carecemos.

« Achámo-nos em um apertado circulo vicioso, e, não trepido em dizer que será um homem de genio aquelle que

entre nós, souber rompel-o e conseguir passar uma patriotica esponja por sobre o quadro de lançamentos de nossas humilhantes importações.

Comprehenderão os illustres directores de nossas estradas de ferro a parte de responsabilidade que lhes cabe n'esta esphera? E não tomarão como audacia dizer-lhes que lucrarão, não cento por cento, nem mil por cento, mas um milhão por cento, em conceder transporte gratuito a certos generos, a esses especialmente que mais de perto affectam a psychologia colonisatriz?

Confesso que me arreceio um tanto da resposta; temos por cumulo de infortunio, na nossa lingua uma expressão graphica, ferina, lethifera, para acabrunhar importunadores, em cujo numero estou n'este momento. Temo que as companhias fortes de seu direito e de sua lingua vernacula, lancem-me em rosto um tremendo: — «Ora! vá plantar batatas...»

II

« Os nossos concurrentes, mais sagazes do que nós, têm bem o cuidado de manter ignorado o quanto produzimos de café. Está no seu interesse, sobretudo, não deixar perceber que a mais alta valorisação da cultura cafeeira compensa amplamente o abandono de outros generos, inclusive mesmo a dos cereaes. Não lhes convém por fórma alguma que se divulgue a explicação do facto, e, como não temos na Europa uma defesa organisada, todas as armas lhes servem, sempre certos de ferir no ponto melindroso da questão, em nosso detrimento.

« A questão da batata é a que mais nos compromette, a que mais nos enterra no conceito geral, porque a Europa não perdoa a um paiz o não ter esse genero alimenticio para o seu consumo.

« E' com verdadeiro desdem que olham para a nossa situação agricola, é com repugnancia que a immigração nos vira as costas.

« Mal andariamos, si respondessemos com desprezo a esse desprezo. Justas ou injustas, devemos tomar em séria consideração essas prevenções. A nossa lavoura de café, a nossa exclusiva riqueza por emquanto, não póde

manter-se sem o braço do immigrante. Seria insensatez consentir que perdurem indefinidamente as causas de transtorno, que solapam pela base a primeira columna das nossas finanças.

« Devemos reflectir detidamente sobre certas circumstancias desfavoraveis da nossa grande lavoura, actuando como outras tantas influencias psychologicas contra a immigração para nós.

« Que o café não colonisa, uma já longa experiencia em diversos pontos do globo o demonstra com toda a evidencia. E não colonisa, simplesmente porque não é planta européa, e, por tanto não tem litteratura, não tem tradicções, não entra na vida affectiva, não falla, em uma palavra, ao coração do colono.

« Si queremos prender seguramente o immigrante, precisamos recorrer aos artificios psychicos, deveremos esconder o cafeeiro sobre a sombra fagueira de outra planta, que symbolise os penates e mergulhe em doce olvido as saudades da patria.

« Si a falta de batata nos tem minado todo o edificio da nossa producção agricola, a cultura da vinha no Rio da Prata e no Chile tem constituido inquestionavelmente o principal segredo de sua enorme expansão financeira.

« A vinha é o *clinquant* de todos os prospectos offerecidos á imaginação das massas disponiveis na Europa, e as massas se movem pelo sentimento, não pelos frios dictames do raciocinio.

« A imaginação é a força a mais activa da substancia humana, e a imaginação está com a vinha, não com o cafeeiro.

« Por consequencia, ou adoptaremos por base de nossos programmas de futuro a ordem psychologica dos factos, ou seremos irremediavelmente esmagados na luta pelos nossos concurrentes.

« A extensão dos vinhedos na Republica Argentina e no Chile, é, no momento actual, o objecto de graves preoccupações em diversos paizes da Europa. Por nossa vez devemos buscar n'elles a explicação do facto de terem os nossos visinhos recebido no anno passado 292.000 immigrantes, quando nós não conseguimos, senão menos de 30.000.

« Uma das mais conceituadas revistas agricolas da França escrevia em Setembro do anno passado, sob a epigraphe *Republica Argentina e Chile* o seguinte:

« N'estes dous paizes as superficies cultivadas em vinha se estendem consideravelmente. A sua producção total já attinge a cerca dos dous terços da da California. As provincias de S. João e de Mendoza, cultivadas principalmente por italianos são aquellas em que a viticultura tem tido o maximo desenvolvimento e em que os maiores progressos têm sido realisados: já ahi colheu-se em 1888, cerca de 31.800.000 litros.

« Do mesmo modo que na California, os terrenos da Republica Argentina proprios para a cultura da vinha, occupam uma área immensa, e, do mesmo modo que na California, a producção do vinho ahi tem tido desenvolvimento maravilhoso (attinge hoje a 80.000,000 de litros), do mesmo modo que se espera, na Republica Argentina, chegar aos mesmos resultados. Se assim fôr, esse paiz não terá mais necessidade, d'aqui a um certo numero de annos, de recorrer aos visinhos da Europa para o seu consumo.

« Pelo que precede, como por tudo quanto sabemos do que se passa nas nações de além mar, que, até o presente, se abasteciam dos vinhos da Europa, podemos prever o dia em que os escoadouros da viticultura do velho continente vão nos escapar, causando-nos um terrivel prejuizo.

« Cada vez mais, cada nação visa attingir o ideal dos nossos antigos paizanos; viver commodamente dos productos de seu solo, dispensando completamente o auxilio dos do visinho. Ha n'essa tendencia, hoje geral, grandes catastrophes em perspectiva, e, provavelmente, para os nossos descendentes, bem amargos dias a atravessar. Assim tem de ser, ao menos até que um certo equilibrio entre as diversas nações do globo se estabeleça, equilibrio inevitavel no futuro, que será talvez uma felicidade para os homens d'esse tempo, mas que, em todo o caso, tem de ser assentado sobre um montão de desgraças e de ruinas ». (J. Battouchon).

« Na imaginação das populações disponiveis da Europa, a Republica Argentina é o Eden da batata, do trigo,

e, mais que tudo, d'essa planta consoladora e amiga, cuja magia espalha o bem estar por toda a parte, pelo dom que tem o seu succo de adormecer todos os pezares da vida. (11)

« E' muito desigual a lucta, que sustentamos com os nossos visinhos !

« Só o archote da psychologia, occulto como Minerva sob a figura de Mentor, póde nos acclarar o caminho para a completa solução do nosso problema da immigração.»

*
* *

O *solanum tuberosum* das regiões andinas da America do Sul, entre nós conhecido como batata ingleza, sempre me pareceu fadado a grande porvir no Brazil.

Comquanto haja quem diga que cresce espontaneamente em varias localidades, como Rio Negro e Guarapauva no Estado do Paraná, certo é que a sua propagação no Brazil provém de especimens importados.

Já no fim do seculo passado cultivava-se a batata ingleza nos arredores da cidade de Pernambuco, mas desde o primeiro anno diminuira o volume dos productos que nos annos seguintes tornavam-se cada vez mais adocicados.

Em Nova Friburgo iniciou-se esta cultura em 1821 com as batatas distribuidas em obediencia ao decreto de 18 de Maio de 1818 do governo de El-Rei D. João VI, que mandou dar 50 litros a cada familia de colonos.

---

(11) Em abono da opinião do Sr. Dr. L. P. Barreto vou reproduzir aqui nos termos originaes alguns trechos de uma carta datada de Genebra em 30 de Janeiro de 1890.

« Nun wäre unser Wunsch nach Brasilien anszuwandern in der Hoffnung uns dort mit wenigern Mitteln ein Heim zu gründen.....

. . . . . .

« Unsere Absicht wäre nämlich, zuerst bei einem gros Grundbesitzer einzutreten um die Art unt Weise der Arbeit zu erlernen. Wohl würden wir vorziehen in eine gegend zu gehen wo etwas auch europaische producte wie *Kartoffeln, Bohnen* oder *Wein* gepflantz wird...

. . . . . .

« Auch ist uns schon gesagt worden, das der Lebensunterhalt viet schlechter sei als hier; das die Landarbeiter oder sogenante *Fermier* weder Brod noch Fleisch hätten sondern blos von Reis, Mais und Wasser leben thäten.

. . . . . .

Fazem mais de 50 annos que em Santa Catharina se cultiva a batata ingleza ao lado do trigo, do centeio e da aveia, segundo escreveu Charles Van Leyde; Charles Perret-Gentil, na sua descripção em 1851 das colonias do Senador Vergueiro, diz que em certos districtos paulistas as formigas difficultavam o cultivo da batata, das cenouras, etc. .

Lembro-me de ter visto em Campinas magnificas batatas do Rio Claro em 1870 e mais tarde identicos productos locaes; no anno de 1887 comi na fazenda de S. João de Paquequer, em Theresopolis do Rio de Janeiro, batatas inglezas por mim arrancadas do sólo.

Sei que no Paraná, e principalmente no Rio Grande do Sul, a producção da batata tem certa importancia, assim como não tardará a ter em diversas localidades de S. Paulo.

Acham-se em um relatorio official os dados seguintes relativos a tres dos nucleos coloniaes na visinhança da Paulicéa:

Nucleos	*Annos*	*Litros*	*Valor*
S. Bernardo.....	1885.....	26,400	——
	1888.....	387,600	46:512$000
S. Caetano.....	1885.....	30,750	——
	1888.....	57,550	6:906$000
Sant'Anna.....	1885.....	10,250	——
	1888.....	162,050	19:446$000

Em Sant'Anna a producção regulou ser de 50 por 1, mas nas terras mais frescas e ligeiramente inclinadas de S. Caetano, as quaes eram tambem melhor estrumadas, tem-se obtido 100 por 1.

Procurando amplas informações solicitei de varias pessoas respostas aos 22 quesitos que havia formulado algum tempo antes.

— O Dr. Luiz Pereira Barreto, então Vice Governador do Estado de São Paulo, achou conveniente fazer dirigir a certas intendencias municipaes o alludido questionario e aguardo com impaciencia o resultado das providencias então dadas pelo Sr. Governador Dr. Prudente de Moraes.

Do Sr. Frederico de Albuquerque (12) proprietario do Beliche na Estação de S. Bernardo obtive aos 23 de Maio resposta n'estes termos : « Recebi sua carta de 19 com um questionario sobre cultura da batata ; infelizmente não estou habilitado para responder-lhe, pois teria com isso grande prazer, mas só agora é que estou fazendo algumas experiencias n'esse sentido parecendo-me que a dita cultura será mais que nenhuma outra remuneradora, mesmo sem os preços excessivamente elevados porque se vendem em São Paulo, ao que me consta é pelas immediações de Mogy-das-Cruzes que cuidam mais especialmente d'essa cultura. — Sempre com muita estima amigo obrigado. »

Na bibliotheca de um medico encontro pormenores interessantes a proposito do *tuberosum solanum* que como é notorio passou do Perú para a Hespanha no XVI seculo e só no fim do XVIII foi introduzido na França por Parmentier, estendendo-se depois nos demais paizes do velho continente, onde não tardou a constituir a base da alimentação do homem.

Ao tratar da hygiene publica e privada eis o que diz A. Bouchardat com relação ao tuberculo em questão :

« Tinha-se fundado grandes esperanças sobre o cultivo da batata para prevenir o regresso da miseria. A grande quantidade de alimento que póde fornecer em limitada area, quando bem succedido, havia seduzido mais de um espirito.

---

(12) Recebi do Sr. Gaspar Paille, em data de 26 de Julho de 1890, uma carta procedente de Pernambuco onde se acham estas linhas:

« De retour d'un voyage dans l'intérieur je trouve vos amicales me demandant des renseignements sur la culture de la pomme de terre au Brésil.

Je l'ai vu croître assez bien dans les terrains argilo-sabloneux de toutes les provinces du Sud où l'on avait employé des semences d'Europe. En se servant pour la plantation de tubercules du Brésil on n'obtient qu'un faible rendement et des produits qui deviennent de plus en plus microscopiques. Cependant je suis persuadé qu'on tirerait une bon résultat en coupant les feuilles presque à ras de terre dès qu'elles atteignent 0.m30 à 0.m40 d'hauteur, ce qui est très rapide. De cette façon on ferait rétrograder la sève pour le développement du tubercule, on aurait toutes ses feuilles pour les bestiaux et le rendement à mon avis serait alors de 20 à 25;000 kilogrammes à l'hectare. Au Nord du Brésil la végétation est trop hâtive, on obtient beaucoup de tiges et peu ou pas de tubercules. »

« Tinha-se por demais esquecido que n'um limitado districto rural, a população cresce em razão directa da producção dos viveres.

« Porém a batata não sendo um alimento completo para o homem, a população para a qual constitue parte quasi exclusiva da sua alimentação não póde ter o vigor de uma população alimentada com pão e carne.

« E quando falhar a colheita a carestia tornar-se-ha eminente.

« Foi justamente o que aconteceu na Irlanda e no norte da Europa, em 1847, no momento da grande invasão da molestia da batata. »

Flagello este que foi um dos mais poderosos incentivos do movimento emigratorio da Europa para o Novo Mundo.

No Diccionario Dupinoy de Vorepierre (Paris 1884) deparamos tambem com algumas linhas relativas a batata n'estes termos :

« A batata accommoda-se em quasi todos os terrenos, comtudo os argillosos-compactos lhe são mais favoraveis.

« Com relação ao clima pode ser cultivada em toda a parte onde se dão bem os cereaes, passa mesmo além d'esse limite tendo-se feito escolha das variedades de rapido desenvolvimento, isto é das que chegam a maturação com um verão muito curto.

« Eis como se conseguio acclimatar esta planta na Irlandia e nos lugares montanhosos da Europa a uma altitude onde os cereaes não podem mais vingar.

« Mas em geral as colheitas são tanto mais abundantes quanto mais temperado é o clima.

« Nas circumstancias mais propicias um hectaro de terreno produz na média 270 hectolitros de tuberculos ou 21,600 kilogrammas de batatas — o hectolitro pesando 80 kilos. »

Recorda-me de ter lido algures que o rendimento do hectaro era na França de 120 hectolitros antes de 1845, época do inicio da molestia que, apezar do que se diz, affectou a todas as variedades cuja producção cahio a 80 e 75 hectolitros por hectaro. Accrescentava o autor que em França as melhores batatas eram obtidas nos terrenos

pouco ferteis, seccos, *en pentes rapides* e expostos ao calor, sendo porém as colheitas pouco abundantes.

Em outro livro li que a experiencia demonstrou serem as batatas de desenvolvimento rapido menos sujeitas as molestias que as batatas de maturação morosa ; que a escolha das especies a plantar deve ser feita de accordo com a natureza do sólo, devendo se preferir para os terrenos arenosos as batatas cujas raizes penetrando a certa profundidade não se acharão expostas a soffrer da secca; que não convém estrumar todas as terras, pois que as vezes seria prejudicial fazel-o ; que todos os adubos não são igualmente favoraveis e que a escolha d'elles depende da composição do sólo ; que 200 hectolitros ou cerca de 25,000 kilogrammas de batatas constituem a média da producção de um hectaro de terras boas sem estrume, devendo-se desistir da cultura da batata nos terrenos em que se não póde obter mais de 120 hectolitros no hectaro ; que a batata succede geralmente a algum cereal, porém que é uma das poucas plantas que sem inconveniente succede a si mesmo, constando haver exemplo de 32 colheitas successivas feitas no mesmo terreno.

*
* *

Existe em São Paulo, na alameda Barão da Limeira prolongamento da alameda Nothmann, uma lavanderia á vapor—talvez ainda a unica n'esse genero em toda a America do Sul.

A idéa da lavagem da roupa em grande escala proveio da necessidade de um processo especial para o serviço dos hospitaes, dos hoteis e restaurantes; remonta a pouco mais de meio seculo e o primeiro systema em uso comprehendia nove operações, sendo principal a quarta que os Francezes denominavam *coulage*.

Realisava-se n'uma caldeira collocada sobre um forno tendo ao lado uma tina; estando o fogo acceso, deitava-se na caldeira a roupa já lavada com agua e a qual se juntava geralmente um pouco de soda e por cima uma dissolução de carbonato de potassa obtida com agua quente despejada na tina que continha cinzas de madeira.

Este processo tinha grandes inconvenientes – era anti-economico pelo muito combustivel que gastava em consequencia da perda de vapor ao descarregar a caldeira; era perigoso para os operarios que nem sempre trabalhavam n'uma temperatura igual; era moroso requerendo 10 a 12 horas de serviço pesado.

Não posso aqui tratar de todos os successivos melhoramentos feitos nas lavanderias francezas e apenas direi que n'um relatorio apresentado ao chefe da assistencia publica de Paris vê-se que no anno de 1854 a usina montada com os apparelhos Bouillon Muller e Cª. lavára diariamente 8782 peças, pesando 5462 kilos, e que a totalidade annual quando tratada por lavadeiras avulsas teria custado 321,541 francos em vez do gasto de 130,625, redundando em uma economia verificada de 190,916 francos, ou quasi 59 °/₀.

O referido systema com seus novos apparelhos *aide-laveuse*, *essoreuse centrifuge*, *calandres* e suas *affusions successives de vapeur á températures graduées* conservára, entretanto, parte das operações do systema anterior; porém tinha a vantagem de pouco estragar a roupa, de ser menos perigoso e não tão penoso, sendo mais rapido, demandando só 3 a 4 horas e foi mais ou menos o que se tem conservado em pratica durante muitos annos em França, pois que o *Dictionaire des Arts et Manufactures de Ch. Laboulaye*, 5ª edicção, publicada em 1881, não falla de outro, nem mesmo se refere a installação feita em 1880 em Sarcelles (Seine et Oise) de propriedade da *Compagnie Générale de Blanchissage*; no seu prospecto esta empreza, cujo capital era de 180,000 francos, promettia um dividendo de 16 °/₀ além dos juros de 5 °/₀ e, entre outras observações dizia que: então em Paris se mandava lavar diariamente perto de 1.000.000 de kilos de roupa; que as grandes usinas éram as unicas susceptiveis de trabalhar bem e barato empregando os melhores processos, isto com referencia as pequenas que eram assás communs.

No Rio de Janeiro em 1874, cedo de mais, já se achava organisada a Companhia Economica com escriptorio á rua da Quitanda n. 96 e lavanderia a vapor na rua

das Larangeiras n. 143, tendo por Directores os Srs. Caetano Pinheiro da Fonseca, Antonio José Gomes Brandão e Joaquim Ventura da Silva Pinto.

Lembro-me de ter visto esta fabrica e devo possuir a sua descripção, foi sua installação um desastre, cujas razões ignoro, e passaram bem uns 15 annos até que os Srs. Paes Leme se animassem a montar em Catumby outro estabelecimento limitado a lavagem dos pannos grossos e pelo mesmo tempo alguem iniciou a mesma industria na rua do Lavradio, mas de um modo incompleto e pouco adiantado.

Em S. Paulo os engenheiros Paulo Hamelin, Luiz Pinto e outros, creio que em 1878, projectaram a construcção de uma usina pelo systema francez, intento que não levaram avante como succedeu posteriormente ao professor Bentley e todos provavelmente teriam sido infelizes quando tivessem conseguido montar suas lavanderias, pois que não ha muito o Dr. José Tybiriçá, apoz estudos especiaes nos Estados-Unidos, renunciou a utilisar as machinas e apparelhos que trouxêra comsigo.

Desde 1866 approximadamente os norte-americanos esforçavam-se para alcançar um resultado plenamente satisfactorio e foi pouco antes da Exposição Universal de 1889 que poderão exclamar *Eureka*.

As usinas surgiam por toda a parte na Republica de Washington com rapidez vertiginosa e segundo informações seguras, fornecidas ao competente jury do grande certamen parisiense ou melhor francez, sabe-se que ja funccionavam alli 6243 *Steam Lowdries* empregando um capital de $14,730,000 sendo de 65,027,000 a renda bruta annual e a despeza de 49,217,240 { 29,217,240 salarios / 20,000,000 gastos diversos } deixando $15,809,760 ou 107 °/₀ de renda liquida.

As vantagens das lavanderias americanas resumem-se na perfeição e promptidão do trabalho com gastos menores, sem estragar a roupa, seccando-a com qualquer tempo, operações podendo ser concluidas em 2 horas sem intervenção de droga alguma, salvo um pouco de amoniaco para as roupas de flanella.

Justamente convicto, o engenheiro Nabor Jordão lembrou-se em boa hora de dotar a Paulicéa com uma boa lavanderia á vapor e coadjuvado pelo capitalista Dr. Elias Antonio Pacheco Chaves mandou vir o material com o qual trabalha, fazem quatro mezes, chegando ao desejado exito por não se ter deixado desanimar com as difficuldades proprias de todo tentamen novo.

Claro é que no seu primeiro anno de existencia qualquer estabelecimento industrial só póde attingir um minimo de renda, a lavanderia paulista assim mesmo não produzirá menos de 30 °/₀ embora onerada pelo excessivo valor do terreno onde foi collocado erradamente — quer por ser districto procurado pelos abastados (o dos Campos Elyseos) quer porque as condições locaes tornarão precisos uns alicerces especiaes, tendo-se de empregar n'elles 80 contos de réis que no futuro serão, comtudo, largamente remunerados.

O trabalho da lavanderia paulista não tem rival no Brazil e se não se póde considerar esta usina como a expressão da ultima palavra na materia, ella é sem duvida um dos melhores typos actuaes aliás susceptivel de adoptar os melhoramentos que por ventura apparecerem.

Tendo de ser inaugurada officialmente em prazo breve e sendo certo que n'esta occasião se publicará detalhada descripção da lavanderia paulista, deixo de fazel-o aqui e só me resta salientar quão dignos de encomios são os estabelecimentos que, como as lavanderias modernas, formam o seu pessoal principalmente com mulheres — proporcionar trabalho as mulheres, mórmente bem remunerado, é um meio efficaz para prevenir a miseria e ás vezes desgraças maiores.

***

Na Paulicéa, como no Rio de Janeiro, encontram-se turcos, na maior parte mascates.

No mercado municipal contei 16 turcas, cada uma ao lado da sua exposição das innumeras bugigangas que offerece á venda ;—nenhuma d'ellas, nem sequer alguns

dos filhos que ahi se achavam brincando, tinham signaes externos de molestia, antes pelo contrario todos respiravam certo ar de bem e-tar physico e de prosperidade, o que não me sorprendeu tendo tido occasião de fazer identica observação com os turcos e turcas do Rio de Janeiro.

Os saltimbancos que iniciaram a immigração turca trazendo comsigo: ursos, macacos e outros animaes ou bichos mais ou menos amestrados—eram legitimos ciganos cujos feitos não autorisam ninguem a estigmatisar os representantes de outra qualquer raça da população ottomana.

Sempre me tenho condoido das prevenções de que tem sido victimas os turcos, vivendo entre nós e aliás recommendaveis pela sua visivel prosperidade.

Injustamente tem-se procurado indispôr o publico e as repartições policiaes contra os Maronitas que jamais fizeram disturbios quer em São Paulo, quer no Rio de Janeiro, não havendo pois razão plausivel de gana contra elles.

O estado de penuria em que se conservaram por algum tempo os primeiros aportados no Rio, alguns dos quaes na verdade cobertos de feridas (provenientes de uma longa viagem em pessimas condições e falta de recursos para observarem a conveniente hygiene) não justifica as invectivas de que foram alvo.

Os Maronitas que tem vindo posteriormente, encontrando fraternal acolhimento por parte dos seus compatriotas, não soffreram as mesmas miserias e não se mostraram tão desgraçados.

Póde-se quasi dizer que pelo seu todo externo se reconhecem os recem-chegados, embora já não usem mais as calças largas e nem tão sómente o fez vermelho. Em pouco tempo os turcos recem-chegados conseguem ter sua pequena loja que fica confiada a um d'elles, emquanto os co-associados vão mascatear pelas ruas da cidade ou no interior, havendo alguns arranjado certo bom peculio que eleva-se a 10, 20 e mesmo 30:000$, isto em meia duzia de annos.

E' sempre motivo de jubilo para quem ama o Brazil, ver que os estrangeiros ahi prosperam, porquanto dispondo de immenso territorio com uma população de

densidade diminuta, não se póde assáz desejar o desenvolvimento da colonisação e fomentar a immigração estrangeira, principalmente espontanea, de trabalhadores em qualquer genero da actividade humana.

Os turcos que vieram para o Brazil são Christãos-Maronitas, e comquanto mascates não se deconhece que alguns são agricultores como a maioria dos seus irmãos.

Os Maronitas são ao todo approximadamente 500.000 individuos susceptiveis em grande parte de emigrarem em busca de regiões mais livres que a que habitam e onde vivem de alguma sorte sobresaltados com a visinhança de outras seitas religiosas.

E' desnecessario lembrar que o Imperio Ottomano reunio debaixo do seu dominio varios povos de raças differentes, alguns dos quaes attingem algarismo superior ao dos verdadeiros turcos — os osmanlis; nada diremos, pois, dos filhos d'esta raça, nem dos tartaros, nem dos slavos, albanezes, gregos, latinos, armenianos, tcherkeses etc... para fallar só dos ciganos e Maronitas.

Os ciganos (ciganis nas linguas da Rumania que emprestaram mais vocabulos ao latim que ao slavo) são indiaticos oriundos das regiões banhadas pelo Indus e o Sindi onde são ainda encontrados os baziguros, os poutchipiris e os corevas, todos com o mesmo typo e fallando o mesmo idioma.

Appareceram na Europa em principio do seculo XV e ahi se espalharam, sendo repellidos pelos turcos á medida que se apresentavam no seu territorio e hoje são vistos em todos os paizes do velho e novo continente.

Ha um livro de Mello Moraes Filho e outros trabalhos congeneres que contém abundantes informações relativas aos ciganos residentes no Brazil, alguns dos quaes, nos primeiros annos do seculo presente, possuiam avultados cabedaes adquiridos no trafico dos africanos e gozavam de certo prestigio.

No nosso interior, como na Hungria, os ciganos mostram-se habilissimos criadores, emeritos tratadores e negociantes de animaes, geralmente roubados, motivo pelo qual não se demoram muito tempo na visinhança de suas victimas.

Quasi todos os ciganos são ainda musicos, dansarinos, saltimbancos, chiromancistas, contadores de historias e necessariamente pregadores de mentiras.

Para dizer o que são os Maronitas precisamos fazer um pequeno estudo historico. Todos os christãos da Syria eram denominados syrios, cuja lingua era o syriaco.

No seculo VII parte dos syrios acompanhou o imperador Justiniano II, vulgo *Rinotinete* (nariz cortado), chefe dos catholicos gregos que se tinham separado da igreja romana e foram chamados *Melchetes* (partidarios do imperador).

Os syrios que se tinham conservado fieis catholicos romanos foram então alvo das maiores perseguições, até que o frade João Maron, habitante do monte Libano, collocando-se á frente d'elles, conseguio algumas victorias que os fizeram respeitar e deixar em paz.

D'ahi o nome de Maronitas que tomaram os syrios *Mouradas* (recalcitrantes), como os appellidavam seus adversarios.

Desde essa época os Maronitas residem na parte do monte Libano que se estende do rio Nohr-El-Kelb, o antigo Lycus, até Tripoli para onde passaram ainda outros adherentes ; e comquanto por diversas vezes os arabes e os turcos conquistassem a Syria, a região occupada pelos Maronitas ficou sempre iudependente.

Os Maronitas foram poderosos auxiliares dos cruzados e debaixo dos muros de Jerusalem pereceram mais de 20,000, dando assim lugar a relações estreitas com os reis de França que chegaram mesmo a exercer certo protectorado sobre os christãos da Syria.

Os sultões de Constantinopolis enviavam annualmente ao chefe dos Maronitas para reprimir as invasões dos Arabes 5,000 kis ou mais de 200 contos de réis, cem cavallos e cem escravos. Porém, no XV seculo, vexados de ver os Maronitas constituidos em uma especie de Estado no Estado, os sultões semearam discordias que foram seguidas de guerras civis, durantes as quaes atrahiram com seductoras promessas uns 20,000 Maronitas que se arrependeram de sua vinda a Constantinopolis, onde muitos foram mortos, passando os sobreviventes para varios

estados turcos, ficando a mór parte no dos albanezes. Quanto aos Mouradas conservaram-se até hoje na região do monte Libano, mais ou menos tranquillos, sob a direcção de um governador christão nomeado pelo sultão que lhes impoz o pagamento de um tributo annual.

Até 1445 a igreja maronita teve suas leis perfeitamente autonomas, embora já reconciliada com o papa, cuja autoridade reconhecêra então, e que lhe concedeu permissão para conservar a sua fórma lithurgica e rito particular, officiando em lingua syriaca e tendo por chefe um patriarcha eleito por um conselho de bispos e approvado pelo papa.

Desde 1875 os homens casados não podem mais ser ordenados padres.

Os Maronitas geralmente são laboriosos, dedicam-se ao cultivo das oliveiras, das amoreiras, da videira e do fumo; hospitaleiros, respeitam muito aos estrangeiros a quem agradam pela sua simplicidade e franqueza.

São tambem aventurosos, energicos e, como os Corsogos, gostam da *vendeta*, mórmente tratando-se dos seus vizinhos Drusos ou Musulmanos inimigos do seu fanatismo religioso. Entre os Maronitas encontram-se alguns senhores de dous, tres e mais idiomas.

Pelo que acima ficou dito, vê-se que os Maronitas nada têm de commum com os ciganos, nem mesmo com as demais raças da nação turca.

E' provavel que na Turquia, como em outro qualquer paiz, se encontre gente má, porém tambem alguma de bôa indole; e assim commette-se, além de um erro ethnographico, uma falta de civilidade, servindo-se do nome de um povo para significação menos airosa.

* * *

Não posso deixar de recommendar que se visite no largo Municipal n. 27 o Museu Sertorio, onde já se acham reunidos bom numero de objectos diversos, sendo alguns de incontestavel valor.

Infelizmente ainda não ha catalogo, nem rotulo em todos os objectos para que se possa avalial-os

devidamente, quando não se tem a fortuna de encontrar na casa o proprietario e benemerito colleccionador coronel Sertorio.

Guiado pelo cidadão Laurindo, descendente de africano, percorri o grande salão do pavimento inferior e o pequeno do segundo andar.

N'aquelle admirei muitas armas dos nossos indigenas, vestimentas e enfeites das tribus amazonianas, urnas funerarias (caçabas) craneos de Carijós e outros, sambaquis, conchas e mais cousas do mar, pedaços de chistos com fosseis, madeiras petrificadas, collecção de madeiras do paiz, materias textis; innumeras amostras mineralogicas, borboletas, insectos, reptis, bichos e aves empalhadas, algumas mandadas vir da Europa, outras obtidas do Jardim Publico de S. Paulo, além das que pouco a pouco preparou o Laurindo.

Certas peças acham-se completamente estragadas, não tendo sido convenientemente preparadas; outras melhor conservadas não têm as formas naturaes v. g. a girafa, o cavallo, a leõa etc.

O vasto local tem, comtudo, excellente aspecto sendo bem claro e arejado, com novas *vitrines* fechadas onde se nota assaz boa ordem.

Chegando ao salão do segundo andar, depara-se logo com uma grande têla pintada á oleo representando o Sr. D. Pedro II de tamanho natural nos trajos em que se apresentava na abertura das camaras, n'um canto lê-se o nome do autor F. R. Moreau e data do trabalho 1849. Sobre o quadro foi collocada uma etiqueta com a seguinte inscripção:

Museu Sertorio	Retrato do ex-imperador D. Pedro II, esteve no palacio do Governo de São Paulo até o dia 15 de Novembro de 1889, data da proclamação da Republica dos Estados Unidos do Brazil.

Atravessando a imagem do corpo do grande Principe, acha-se escripto a lapis vermelho: *Viva a Republica* e ao

lado, com uma faca ou canivete, foram feitas verticalmente a uns 15 centimetros de distancia dous rasgos parallelos de mais ou menos 1 metro e 40 centimetros.

Continuando meu exame prendeu minha attenção um pequeno quadro no qual está appenso uma bala de revólver ao documento que passo a transcrever aqui:

Na cabeça do papel—de um lado: Consultorio 74 A, rua da Quitanda, esquina da rua do Rozario, 1 ás 3 horas da tarde. Residencia rua de Rezende, 114, — do outro lado: Clinica do Dr. José Pereira Guimarães, operador, lente cathedratico de anatomia descriptiva da Faculdade de Medicina de Rio de Janeiro, operações, tratamentos da urethra, molestias venereas, etc.; Typ. Laemmert, Invalidos, e em seguida: O Dr. José Pereira Guimarães, lente cathedratico da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, etc. Attesto que entreguei ao Dr. Angelo Pires Ramos uma das balas por mim extrahidas do ex-ministro da Marinha, vice-almirante Barão do Ladario.

Esse corpo estranho foi retirado da parte interna da articulação do joelho esquerdo e penetrou ao nivel da porção inferior e externa da coixa do mesmo lado. A operação teve logar no dia 16 de Novembro de 1889, tendo sido os ferimentos recebidos na vespera (15 de Novembro) data da proclamação da Republica Brazileira.

Capital Federal, 30 de Janeiro de 1890. — *Dr. José Pereira Guimarães.* — Reconheço verdadeira a firma supra — Rio, 30 de Janeiro de 1890. Em testemunho da verdade. — *Francisco Pereira Ramos.*

Mais adiante encontrei outro retrato do ex-Imperador, busto á oleo n'um quadro dourado e que foi retirado da sala da Camara Municipal, de S. Paulo; varios grupos photographicos da familia Imperial; photographias e litographias com os retratos dos membros do 1° Governo Provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brazil; um bello retrato colorido do ultimo conselheiro Martim Francisco.

Entre os livros, achei o Primeiro e o Segundo livro da Infantaria Auxiliar da cidade do Pará, anno 1777 — Uruguay, poema do José Braulio da Gama na Arcadia de Roma Termindo Sipilio, dedicado ao Illm. Sr. Francisco

Xavier Furtado de Mendonça, Secretario de Estado de S. M. F., etc., etc. Lisboa, na Régia Officina Typographica, anno MDCCLXIX (é copia manuscripta).

Não pude consultar os demais manuscriptos, nem ver as moedas cunhadas e as notas de papel-moeda que estão guardadas n'uma *vitrine*, onde se acham recolhidas diversas joias, relogios, condecorações, caixa do sello da carta do Dr. José Rodrigues Gabriel dos Santos, dada pela Academia de S. Paulo em 1836, um lenço que S. M. o Imperador deixou na estação D. Pedro II, no dia 5 deNovembro de 1886, (este lenço é de linho branco, tem n'um canto um grande P gothico por baixo da corôa Imperial).

São tambem dignos de menção: a penultima camisa que vestio D. Francisco Solano Lopez o dictador do Paraguay; as vestes sacerdotaes que na sua fazenda das Dores (municipio de Campinas), uzava o Regente padre Feijó; a cadeirinha da Sra. marqueza de Santos: duas espadas do brigadeiro Raphael Tobias; uma vara medida que foi do barão de Itapetininga com aferições antiquissimas, sendo a primeira de 1666; a armadura que usava Martim Affonso de Souza e a folha da espada do mesmo capitão, trazendo as inscripções seguintes: de um lado *Por Meu Rey MDXXX* e do outro lado *Por Meu Rey M. A. de S.*; uma planta em relevo do terreno de Bragança e Atibaia, trabalho de Carlos Rath; diversas camas, cadeiras, mesas, oratorios e muitos outros objectos mais ou menos antigos.

Dando noticia do que mais apreciei, espero ter sufficientemente mostrado quanto é curioso o Museo Sertorio, pelo qual já foi enjeitado 200:000$, segundo me disseram e que deveria ser auxiliado pelos cofres publicos, afim de ter o desenvolvimento de que é merecedor. (13 e 14)

* * *

Fui ao monumento do Ypiranga. Tomando no largo da Sé o bond *(tramvay)* recentemente inaugurado que, sahindo da cidade pela rua da Gloria, desce até o pequeno

(13) **Museu Sertorio.** — Dadiva fidalga, verdadeiramente foi a que fez o eminente financeiro F. de Paula Mayrink ao Estado de S. Paulo.

corrego do Lava-pés para dirigir-se a Cambucy, d'ahi tive de seguir a pé, não estando ainda assentados os trilhos da linha, cuja secção prompta aproveitou-se de parte da futura Avenida do Ypiranga.

Ouçamos a este respeito o barão de Ramalho, presidente da commissão respectiva (Relatorio de 1889). — « Está, pois definitivamente resolvido que a linha directa da Avenida parte perpendicularmente do eixo do edificio do Ypiranga e segue com a mesma direcção até o cruzamento das ruas da Moóca e Piratininga, formando com esta um angulo de 24° 32' e d'este ponto continúa em recta a terminar na rua do Braz, em frente a egreja matriz, percorrendo em toda a sua extensão o espaço de 3,501 metros e 25.

Foi inevitavel este angulo, porque a recta cruzaria a linha ferrea e terminaria muito além da egreja do Braz. »

A lei de 9 de Abril de 1889 autorisou o governo provincial a fornecer 70 contos de réis á commissão do monumento para abertura e preparo da rua da Gloria, com obrigação, porém, de restituil-os para o fundo de patrimonio da instituição que se creará para aproveitar o edificio do Ypiranga.

O illustre cidadão, representante hoje do nosso mundo de finanças, e representante acatado por todos, não só pelos seus serviços perduraveis á nação como pelo alto patriotismo que o guia em todos os seus actos, adquiriu a propriedade do Museu Sertorio, e transferiu-a para o nosso Estado.

Presente principesco, que é feito por um principe da grande realeza da generosidade, presente utilissimo, que é feito por um homem que só tem o programma de ser util ao paiz, a doação que fez o Sr. Mayrink ao Estado de S. Paulo do bello Museu Sertorio constitúe motivo para a nossa gratidão e nosso respeito ao nome justamente festejado do eminente e benemerito banqueiro.

Resta agora, como bem lembrou Leopoldo de Freitas, que o governo, tomando a direcção d'aquelle estabelecimento, que representa muito esforço e muita intelligencia, faça do museu um estabelecimento completo, digno da sociedade e digno do nosso progresso.

(*Diario Popular* de 28 de Outubro de 1890).

---

(14) **Museu Sertorio.** — No 2° cartorio do Dr. Bourroul foram lavradas hontem as escripturas de compra do Museu Sertorio e do edificio respectivo, pelo preço de 250:000$000.

Foi comprador o Sr. conselheiro Francisco de Paula Mayrink, representado pelo seu procurador commendador Manoel Teixeira da Silva Cotta.

(*Diario Popular* de 13 de Outubro de 1890).

« N'este tempo (diz ainda o barão de Ramalho) a Companhia Ferro Carril do Ypiranga tratava de levar a effeito uma linha de bonds, com direcção a collina do Ypiranga e querendo a commissão executar a lei e fazer o melhor emprego possivel da quantia votada pela assembléa provincial, encarregou o engenheiro Pucci de levantar a planta, partindo a estrada do eixo do edificio do Ypiranga, seguindo perpendicularmente a linha directriz até o ponto em que fosse necessario desviar-se da mesma direcção para entroncar na rua da Gloria, tendo a linha todo o declive conveniente ao serviço dos bonds. N'estas condições foi levantada a planta com a dupla vantagem de prestar-se ao serviço de bonds e de já ser uma parte da futura Avenida no espaço comprehendido ente o Corrego do Ypiranga e o entroncamento da estrada da Gloria contendo 1189 metros. »

Esta Avenida que consiste em varios aterros e alguns córtes, a 2 ou 3 metros acima do nivel da varzea que atravessa, ou abaixa do morro que transpõe, e na sua parte concluida, por mais embellezada que venha a ser, requer edificações em ambos os lados para que desappareça a vista insipida dos *talus* e mesmo a dos terrenos baixos.

As referidas construcções terão ainda a vantagem de permittir a localisação de muitas familias que sustentarão a empreza ferro-carril necessitando o povoamento da zona que serve, pois que os numerosos passageiros que transitaram nos seus bonds não constituem freguezia certa sendo na mór parte pessoas que se aproveitaram da novidade para darem um passeio.

Os terrenos lateraes da Avenida e outros adjacentes já foram concedidos a particulares que conseguiram chamal-os a si mediante insignificante pagamento, baseado na lei de terras de 1850. (15)

---

(15) **Terrenos do Ypiranga.**—O *Diario da Manhã* de Santos, apresentou em seu numero de hontem uma revelação, que transcrevemos, para que possa ser devidamente apreciada:

« Suppoz-se por muito tempo que os terrenos do Ypiranga eram de dominio publico, como terras devolutas. O governo dispoz assim d'ellas em grande parte nos ultimos annos, pouco antes de se elevarem ao grande valor que hoje tem.

O governo nada reservou e terá de comprar por bom dinheiro o que precisar em redor do monumento. Sei de fonte limpa que um dos felizes concessionarios recusou, ha poucos dias, a bagatella de uma somma *cincoenta* vezes maior que a do custo de suas terras ! ! !

A Companhia está assim na dependencia dos proprietarios, cujas pretenções augmentaram com a construcção da linha de bonds, difficultado o povoamento do novo bairro.

São, porém, reciprocos os interesses dos proprietarios e dos accionistas e até me parece que só deviam ser accionistas os proprietarios ou senão ter sido feito prévio accordo.

O monumento, ou antes o edificio, foi construido no alto da collina do Ypiranga; depois de ter deixado o bond, avistei-o sem poder distinguir logo os seus detalhes que melhor se foram mostrando á medida que eu me approximava.

Chegado a grande praça que deve receber no centro um obelisco allusivo ao facto historico que se tem em vista commemorar e onde se apresenta imponente o edificio—monumento (?) a poucos passos do logar da memoravel scena do dia 7 de Setembro de 1822 — tratei de obter permissão para fazer minha visita.

Dirigi-me então a um empregado que se achava perto de uns telheiros, ao lado direito do edificio o qual me puz a olhar emquanto não chegava a resposta almejada de pessoa autorisada.

Pois existe em mão de pessoa d'esta cidade uma escriptura, passada ha algumas dezenas de annos, da venda que fez Fuão da Graça a Fuão Ramalho de um sitio com casas de páo a pique, cobertas de telha com 509 braças de terras de testada, pouco mais ou menos, e meia legua de campo de uma banda, partindo com terras de Paulo Filgueira de Carvalho e de outras com terras de José Camargo de Siqueira, e estrada do defunto conego Salvador Pires Santiago, na cidade de São Paulo, e paragem chamada Ypiranga, etc., etc.

Serão esses os famosos terrenos do Ypiranga?

Existirão herdeiros de Fuão Ramalho, o comprador?

Deu-se prescripção acquisitiva por parte do governo, com o tempo da lei?

Eis ahi questões que podem talvez dar origem á maior demanda, que tenha apparecido em fôro paulista».

(*Diario Popular* de 3 de Novembro de 1890).

Confesso ter ficado pasmo verificando não corresponder a obra realizada ao seu primitivo projecto de um edificio quadrangular que me mostrára o autor—engenheiro Bezzi... levantou-se apenas a fachada da frente, olhando para a cidade de S. Paulo e despendendo cerca de 1.500 contos de réis.

Foi, portanto, mutilado o plano original e se bem que não haja comparação possivel vou contar a reminiscencia que provocou o meu desapontamento.

Biard, o caricaturista francez, aliás exagerado na apreciação humoristica dos nossos costumes, apanhou perfeitamente em dous desenhos uma igreja da ex-provincia do Espirito Santo: um representa a fachada do templo feita com bons materiaes no estylo dos Jesuitas portuguezes—o outro a vista lateral, isto é, um rancho de sapé adiante do qual figura a magistral fachada na sua simples espessura... a tal igreja não é unica no seu genero, lembro-me de ter visto identicas em terras fluminenses e paulistas.

O edificio do Ypiranga apparenta bastante grandeza para quem se contenta de admiral-o de frente, porém, é obra falha que não póde ser assim acceita afim de tornar-se brevemente util, como é para desejar que o seja.

Uma vez que se renuncia a execução do primitivo plano, creio orçado em 4.000 contos de réis, julgo indispensavel nas extremidades das construcções actuaes que se accrescentem umas alas lateraes avançando além do alinhamento do corpo central e prolongando-se um tanto pelos fundos do edificio que terá então a configuração da letra E mais interessante que a do I.

Tal como se acha o monumento ou edificio, que tem de ser entregue á commissão no mez vindouro, eu o acho apropriado ao estabelecimento de um Museu Historico, instituição que o Brazil não possue. (16)

---

(16) **Monumento do Ypiranga**. — Escrevem-nos o seguinte:

«Snr. redactor.— Na vossa folha de hontem, na noticia sobre o monumento do Ypiranga, lemos que ha opiniões que indicam como mais conveniente destino do edificio fazer d'elle a residencia do governador d'este Estado.

Não faço analyse minuciosa do edificio porque seria tomar espaço inutilmente, não tendo competencia para semelhante trabalho; não posso, entretanto, occultar que estranhei encontrar ahi varios pequenos quartos escuros (as nossas tradicionaes alcovas) para passar das salas da frente ás do fundo; quer á direita, ou á esquerda, existem apenas duas portinhas ($1^m,80 \times 0^m,60$ approximadamente) que fechadas desapparecem completamente, é por estas portas que se penetra nas alcovas, dando accesso aos salões.

No segundo andar achei demasiado numero de quartinhos baixos, de terraços, etc.

A idéa não nos parece feliz. Destôa do seu caracter monumental que seja occupado o primoroso palacio em uma residencia particular e não convém que a primeira autoridade do Estado alli vá residir habitualmente, afastado das repartições, que para lá não podem ser removidas sem grandes dispendios.

Não convém abandonar-se, de todo, o intuito que se teve na construcção do palacio, e que ficou firmado em lei.

Sempre cogitou-se em consagrar aquelle edificio á sciencia; e isto, julgamos, é o mais condigno destino, a que deve ser elle dedicado.

Si entender-se que não se presta a um estabelecimento de ensino, é, em todo o caso, para respeitar-se a idéa inicial que determinou aquella construcção.

Não póde hoje a administração publica descurar certos serviços scientificos, indispensaveis ao desenvolvimento social e politico do paiz. Além dos institutos de ensino, occorre ao governo a indeclinavel necessidade de crear estabelecimentos consagrados á alta especulação scientifica; os museus, laboratorios, observatorios e bibliothecas, são encargos do poder publico, emquanto director da actividade social, e de que o mesmo não se póde eximir, ao menos emquanto não avigorar-se a iniciativa individual.

Pois bem. Applique-se aquelle edificio a um museu, onde se reunam as collecções precisas ao estudo scientifico, archive-se em sua bibliotheca todos os livros e documentos relativos á historia do paiz, e especialmente á d'este Estado.

Mais tarde faça-se o possivel para a creação de observatorios, monte-se os laboratorios necessarios, etc.

Por ora accommode-se alli a commissão geologica... e ir-se-á gradativamente, sem prejudicar a commemoração historica, consagrando o monumento como um templo da sciencia.

Para tal fim a organisação da commissão permanente, que, como quer a lei, deve zelar e administrar o monumento, deve ser determinada quanto antes e esta encontrará em seu patrimonio recursos bastantes para attingir ao almejado resultado.

Acreditamos que o distincto paulista, a quem está confiado o governo d'este Estado, será o primeiro a cooperar pela realisação d'esta idéa, que, segundo nos informam, é apoiada pela commissão respectiva.»

(*Diario Popular* de 30 de Abril de 1890).

Vê-se que as escadas foram acabadas apressadamente, pois que sendo de madeira envernizada a parte inferior foi pintada a oleo.

Manda a verdade que eu faça justiça a perfeição dos estuques do interior e exterior do edificio— a ornamentação da caixa da esplendida escada de marmore do corpo central.

Na parte superior d'este corpo central está o grande salão de honra que tem de ser illustrado com o quadro historico da Independencia do Brazil executado pelo nosso distincto pintor Dr. Pedro Americo de Figueiredo, em Florença, onde foi visto por numerosos personagens e artistas de nota que se dignaram elogial-o.

Esta importante tela, que aguarda n'uma sala da Faculdade de Direito a sua remoção para o monumento, se tornou muito conhecida, tendo sido reproduzida em photographias, já bem espalhadas e presta-se a certas duvidas historicas, de muito somenos importancia e que não prejudicam o pincel do talentoso autor.

Além de haver quem diga que o Sr. Dom Pedro não se achava montado em cavallo, mas sim em bucephalo de orelhas mais desenvolvidas e geralmente utilisado para a travessia da serra de Cubatão, (17) custa a crêr que se encontrassem então, na terra, cavallos magnificos como os que passam a ter figurado no alto do Ypiranga a 7 de Setembro de 1822, assim como me fazem especie os uniformes de grande gala que, isentos de toda idéa de solemnidade qualquer, trajavam os companheiros de viagem do Principe Regente, o qual tambem dizem não estava montado quando proferio o grito de *Independencia ou Morte*.

Estudioso e habilitado como é, o Dr. Pedro Americo de Figueiredo terá, sem duvida, colligido dados justificativos que deve divulgar para esclarecer este ponto da nossa historia patria.

*
* *

(17) **Napoleon-Bonaparte.** — Les arts [illegible] franchissant les neiges des Alpes sur un cheval [illegible] la sangle verdâtre. Il gravit le Saint-Bernard sur un mulet, [illegible] enveloppé gris qui [illegible] de toutes parts. [illegible] l'Europe.

A bibliotheca da Faculdade de Direito (talvez a unica bibliotheca franqueada ao publico na Paulicéa) continúa, como o pondera o seu director conselheiro A. A. de Padua Fleury, na prefacção do respectivo catalogo impresso em 1887, a permanecer no mesmo estado de pobreza em que se achava em 1881, segundo a declaração do então director, conselheiro Vicente Pires da Motta, ha tempos fallecido.

Esta instituição possue 4,616 livros, revistas e jornaes, sendo 1,237 sobre historia e geographia, 1,600 sobre sciencias e artes, 1,018 sobre jurisprudencia, 751 sobre theologia e 510 sobre bellas-artes.

Reparei que algumas revistas de facil acquisição (podendo ser obtidas graciosamente) se acham incompletas, prova do pouco cuidado dos encarregados do desenvolvimento da bibliotheca.

Esta secção já não funccionava no local que d'antes occupava, e hoje está na extremidade do edificio, em um salão do primeiro andar com duas janellas para o largo de S. Francisco, seis sobre a rua e mais quatro dando no pateo onde se conservou o mausuléo de Julius Franck.

Ainda não consegui saber se este professor foi mesmo quem ideou a sociedade secreta na qual se têm filiado muitos estudantes.

Com relação a esta associação dos *Invisiveis* constou-me que só dez se podiam conhecer, tornando-se cada um parte de outro grupo de dez e assim indefinidamente!

Tenho presente na memoria que certo pandego (actualmente em viagem na Europa) disse mysteriosamente ao conde de Beust, que n'este tempo se achava interinamente encarregado das legações da Allemanha e da Austria, ter Julius Franck occultado o seu verdadeiro nome porque fugira depois de matar em duello um fidalgo altamente collocado.

E', porém, notorio que o primeiro conselheiro Paula Souza encontrou o joven allemão perto de Itú e, reconhecendo que era homem de muito saber, o protegeu até fazel-o nomear lente na Faculdade de S. Paulo, onde tamanho prestigio adquirio, que sendo-lhe negada sepultura no cemiterio por ser protestante (acatholico), os

estudantes se fizeram autorisar a conservarem os restos mortaes do querido mestre dentro da academia. (18)

Seria Julius Franck inimigo dos nobres e dos clerigos, propagandista das idéas democraticas, para cuja diffusão creou a Sociedade dos Invisiveis, com os seus iniciados e seus apostolos?

. . . . . .

Encontrei o Almeidinha no seu *atelier* na rua do Marechal Deodoro, anteriormente rua do Imperador.

Ahi tornei a ver os interessantes estudos que o amigo trouxe de Paris, ha uns sete annos, e outros novos como o esboceto do *plafond* que pintou no *petit château* da Exma. Sra. D. Veridiana, o esboço dos trabalhos que executou na Sé, estando quasi terminada uma copia reduzida da sua allegorica pintura da capella-mór—a elevação de Nossa Senhora.

Apreciei muito uma boa téla de um dos discipulos do Almeidinha (Ferraz de Almeida Junior, de Itú) que a retocou para que sahisse boa esta cópia da sua importante composição *Caipiras negaceando* que actualmente está abrilhantando a Exposição da Academia das Bellas Artes do Rio de Janeiro.

São tres caçadores caipiras na espreita, dentro do matto: um d'elles em segundo plano, atraz de uma arvore, apenas deixa ver a cabeça; os outros dois estão no primeiro

---

(18) **A proposito da Academia.**—« Ha muito tempo que a Academia está a adherir, pelo avêsso, a tudo que nas altas regiões do poder se chama o *regimen provisorio*.

Entrou no pleno periodo da interinidade, a proposito de estudos, de lentes e de exames, fazendo surgir a cada instante uma novidade, ora quanto a materias por eliminar em diversos cursos, ora quanto á retirada e licenças de lentes, ora quanto á suspensão das bancas examinadoras por um ou mais dias.

Approxima-se tudo isso da mais pittoresca balburdia em assumpto que não póde estar a admittir anormalidades.

Tem parte directa e muito responsavel n'essa occurrencia a retirada de lentes, justamente quando os alumnos são chamados á prestação de exames, facto curioso e para o qual é difficil achar explicação plausivel. A consequencia é esta: a Academia actualmente só tem lentes de emprestimo de umas para as outras bancas, produzindo o minimo incidente sérias perturbações.

Urge regularisar tudo isso, acabando definitivamente com o temeroso regimen posto em pratica.»

(*Diario Popular* de 20 de Novembro de 1890).

plano magnificos de verdade, cheios de vida e com o semblante astucioso de quem negaceia — o mais moço, de chapéo na cabeça e meio ajoelhado está prestes a fazer fogo sobre a primeira victima que lhe apparecer, o velho com sua camisa aberta deixando ver o inseparavel bentinho, é a figura que me agradou mais.

Notei, entretanto,que a espingarda d'este ultimo tem uma coronha um tanto fóra das proporções convenientes e sabendo que foi fielmente copiada do natural, devo concluir que o veterano caçador já fizera reformar a sua arma, tendo sido encarregado do respectivo trabalho algum curioso.

Encontrando o esboço do retrato do illustre finado Dr. Tibiriçá, submetti ao autor algumas observações sobre o seu quadro exposto na entrada do *atelier* photographico dos Srs. I. Vollsack & C. e representando o desembargador Aureliano de Souza e Oliveira Coutinho.

Tendo o artista de ir examinar o adiantamento da casa que mandou construir na rua da Gloria, com salas especialmente dispostas para as exigencias da arte, despedi-me d'elle.

. . . . . .

No dia 19 de Abril assisti a um concerto organizado pelo maestro João Gomes de Araujo.

Outr'ora o Club Haydn dava concertos onde se deleitava um selecto auditorio com primorosa execução de musicas classicas. Esta sociedade não pôde manter-se em consequencia da morte de alguns socios, da mudança de residencia de outros para fóra da Paulicéa e tambem do retrahimento dos demais por motivos diversos.

João Gomes de Araujo, autor da *Carmosina* e da *Edméa*, que foram representadas em Milão, cidade onde o distincto paulista fôra concluir seus estudos, regressou a patria e ahi se dedicou ao ensino da musica com grande proveito para os seus discipulos d'entre os quaes fez escolha para o seu concerto.

A sala esteve repleta e os convidados não pouparam ao professor os justos elogios de que era merecedor.

Tive occasião de ouvir um delicioso *tenorino* moço sympathico e bacharel em direito, que foi muito

applaudido, como tambem a joven Sra. D. Maria C. B. que virá a ter voz esplendida (com o tempo — este soberano remedio para todos os males). Não menos apreciadas foram as Sras. D. Julia de F.—D. Bemvinda C.—e mais especialmente D. Antonieta M. R. todas se mostraram excelsas pianistas.

Sinto não me poder resolver a dar palmas á D. Leonor R. — que sacrificou sua bella voz de contralto trinando desde a primeira até a ultima nota do que cantou, lembrando assim o adagio: *L'excès en tout est un défaut.*

***

O dia 21 de Abril de 1890 foi festejado na Paulicéa em homenagem a memoria de Joaquim José da Silva Xavier — o Tiradentes — enforcado ha 98 annos.

Tocaram alvorada no largo do palacio e percorreram as ruas da cidade, executando brilhantes marchas, as bandas do Corpo Policial de Permanentes e do 10° Regimento, cujos clarins precediam um numeroso cortejo.

Salientou-se n'esse dia o *Jornal da Tarde* enfeitando a fachada do predio em que funcciona para maior realce do busto do referido martyr da liberdade brazileira e ornando com o retrato d'elle a primeira pagina da sua folha dizendo:

« Este retrato é a reproducção fidelissima de uma photographia tirada do retrato a oleo de Tiradentes; pintura grosseira feita não sobre tela, o que naquella época era desconhecido n'esta parte da America, mas sobre taboas de pinho unidas e pregadas em sentido horizontal.

« Desejando os parentes de José Joaquim da Silva Xavier possuir um retrato do matyr e não tendo ainda por esse tempo sido descoberta a photographia, o que aliás seria inutil porque Tiradentes, não deixou retrato que pudesse ser reproduzido, recorreram a um pintor.

« Como este não conhecesse o grande patriota reuniu a familia do mesmo e encetou o arduo trabalho, de mediante informações circumstanciadas sobre a physionomia de Tiradentes, reconstruil-a por partes com o pincel, sendo sómente depois de affanosos esforços que os

parentes do glorioso morto accordaram em acceitar um dos retratos feitos por julgal-o parecido.

« Foi d'este grosseiro mais authentico trabalho que os parentes de Tiradentes mandaram mais tarde tirar photographias e foi de uma d'ellas que o conhecido artista Jules Martin copiou o retrato com que brindamos os nossos favorecedores.

« Temos, pois, razões para acreditar que de todos os retratos de Tiradentes, dados pela imprensa brasileira é o do *Jornal* aquelle que mais fielmente reproduz a sympathica physionomia do martyr. »

. . . . . .

Ainda n'este dia 21 de Abril a redacção do *Jornal da Tarde* organisou á noite um prestito em honra do aereonauta Stanley, saudando-o n'esta manifestação como um intrepido viajante aereo e filho dos Estados Unidos da America do Norte, a terra prodigiosa da liberdade e do progresso a cujo movimento emancipador se deve a idéa da independencia brasileira, pela qual Tiradentes perdeu a vida na forca.

Vou agora extrahir do numero do dia 22 as seguintes noticias do mesmo *Jornal da Tarde* :

SUCCESSO DE HONTEM

« Ao empardecer do grande dia de hontem, avultou no firmamento de S. Paulo, infelizmente já um tanto tarde (o que foi absolutamente inevitavel) o phenomenal aeronauta Stanley Spencer.

« O rei do ar foi tão feliz hontem como o fôra antehontem e a sua viagem aerea apresentou todas as phases da tarde antecedente, accrescendo, porèm, que hontem o glorioso joven norte-americano, após pontuar a concavidade da abobada celeste, toda ennevoada, como se Stanley se metamorphoseasse em uma pequena botija preta, desappareceu através das brumas plumbeas, sumiu na fumarada do vapor aquoso, afogou-se no oceano revolto de nuvens, ficou submergido n'um segundo ceu, em uma segunda abobada celeste (invisivel para os que são sómente terrestres) e esta toda azulada e aquarelada aqui e

acolá por nuvens tintas de carmim procedente do astro do dia que agonisava no poente.

« Lá nas summidades da atmosphera irrespiravel pelos homens que não um Stanley Spencer, como que n'uma região já fóra deste mundo, em uma região em que o aeronauta vê as garras da morte quasi apagal-o, porque lá o ar é muito outro, Stanley, a personificação da coragem inaudita, foi avistado empunhando a corda do páraquedas e precipitar-se no abysmo do espaço infinito, insondavel, arremessar-se no seio da morte!... Esse inqualificavel arrojo era attestado por um corpo semelhante a uma mão de luva escura que cahia do céo com a velocidade com que se despenharia uma pedra, uma barra de aço, um aerolitho.

« Decorridos quatro segundos, abrio-se o pára-quedas que continha Stanley na immensidade do espaço. Dir-se-ia um chapéo de sól de senhora, preso a algum boneco.

« Antes que se reconhecesse Stanley e seu páraquedas, uma nuve eclipsou aquelle feérico espectaculo e não se vio mais Stanley.

« Entretanto, o balão ainda vogava pelo espaço, onde se mantinha ha seis minutos já como uma aguia monstruosa, perdida além das nuvens.

« Canôas, batelões, botes, tripolados por pessoas que empunhavam archotes, globos venezianos, fogos candentes, desciam o rio Tieté, através das trevas da noite, em busca de Stanley, que afinal foi achado.

« O brilhantismo do regresso de Stanley á Chacara da Floresta, pelo rio, e a sua chegada ahi, onde já era esperado pelas pessoas que se achavam a sua espera, para a *marche aux flambeaux*, é indefinivel.»

A NOSSA FESTA

« Hontem, á noite, não é falta de modestia, a frente do nosso predio e todo o espaço da rua circumvizinha, apresentava realmente um aspecto deslumbrante.

« A profusão da luz dos arcos de gaz e gambiarras, as bandeiras multicolores hasteadas nas nossas janellas

e nas do sobrado onde funcciona o Club dos Girondinos, davam um bellissimo tom de festa por esta banda toda.

« A's 8 e meia horas da noite chegou acompanhado de grande multidão o ousado aeronauta Stanley Spencer. Uma *marche aux flambeaux* magnifica, tendo á frente a bandeira brazileira ligada á norte-americana, flammulas fluctuantes, bandas de musica; uma grande alegria, muito enthusiasmo.

« No salão das nossas officinas, que se achava adornado de galhardetes, bandeiras brazileiras e norte-americanas cruzadas, folhagens e venezianas, foi servida uma modesta mesa de doces.

« Ao abrir-se o champagne, o nosso companheiro de trabalho, Dr. Pacheco Netto, em nome da redacção do *Jornal da Tarde*, saudou o valente navegante do espaço, o Sr. Stanley, dever este que competia a Alfredo Prates, que não o poude cumprir em virtude de se achar muito fatigado.

« Seguiram-se outros animados e muitos brindes.

« A's 11 horas da noite, dissolveu-se a bella companhia, indo a banda de musica e a enorme multidão que abrilhantava a nossa festa, acompanhar o Sr. Stanley e seus companheiros até á sua residencia.

« Estiveram presentes a nossa reunião os dignos representantes do *Estado*, *Diario Popular*, *Correio Paulistano*, *Platéa e Diario do Commercio*.

« Agradecemos a gentileza do brinde pelos amaveis collegas dirigidos a esta redacção. »

*
* *

As condições hygienicas da Paulicéa, não estão sempre boas e o *Jornal da Tarde* (25 de Abril) tem clamado a favor da limpeza da cidade na via publica e no interior dos domicilios, censurando o desleixo e a incuria dos fiscaes.

A mesma folha já mostràra (19 de Abril) o grave inconveniente de se achar sem esgoto a maior parte das habitações da Paulicéa, se bem que a quasi todas fornece agua a Companhia Cantareira e Esgotos.

Fallando do Hospicio dos Alienados, ainda o *Jornal da Tarde* (23 de Abril) diz que ahi não se trata a loucura, mas sómente as doenças que sobrevem aos pobres loucos e reclamou profundas reformas em ordem a que desappareça do frontéspicio do estabelecimento a desanimadora sentença de Dante: *Lasciate ogni speranza ó voi chi entrate*!

Quasi diariamente o Alfredo Prates chama assim a attenção dos poderes competentes sobre os melhoramentos que exigem os fóros de civilisada n'uma cidade, como a Paulicéa.

Em S. Paulo, comquanto não haja perigo real para os transeuntes, é insuficiente o policiamento da cidade, mórmente à noite nas ruas onde ha poucos bicos de gaz, as quaes ficam as vezes sem guarda alguma.

Não ha, sem duvida, razão para grande censura, porque são relativamente raros os casos de furtos ou de outros crimes que se dão na Paulicéa, porém como disse certo fabulista: *L'occasion fait le larron*.

Eu posso contar um caso bem recente merecedor da attenção das autoridades, o qual me autorisa a observar que á noite, mesmo nas principaes ruas do districto de Santa Ephygenia, as senhoras não devem passar adornadas com joias de valor, deixando presumir que tem a carteira bem guarnecida e menos ainda devem então entrar nas lojas para quaesquer pagamentos, visto como podem ser acompanhadas e até atacadas. (19)

---

(19) **A Calabria de S. Paulo.** — Em uma chacara sita no bairro do Paraizo, entre as ruas Dutra Rodrigues e Coronel Rodovalho, deu-se no dia 2 do corrente, um roubo em que seus autores mostraram grande impavidez e audacia.

A's duas da tarde dous individuos entraram pelo portão na chacara referida, e penetrando n'uma estribaria ahi encontraram uma cabra presa a uma corda; mataram-n'a a facadas e, accommodando os despojos n'um sacco, sahiram com a carga ás costas, deixando no logar uma poça de sangue. Dirigiram-se muito pacificamente para os lados da cidade, passando pelo aterrado Pedrozo.

— Hontem, 5, ás 2 horas da tarde, na casa de residencia do carapina Otto Julio, foi a mulher d'este victima de um attentado não menos audacioso e barbaro.

Dentro de sua propria casa foi ella accommettida por um d'estes bandidos, que tentou arrancar-lhe os brincos de ouro com que estava, rasgando-lhe barbaramente as orelhas, e só desistiu do intento e

Devo confessar que semelhantes factos poderiam occorrer igualmente no Rio de Janeiro e mesmo nas cidades da Europa, não se precisando fallar das americanas como Nova-York e outras.

---

fugiu, deixando a pobre mulher ensanguentada e muito maltratada, quando o marido, attrahido pelos gritos, correu em seu auxilio.

Os importantes bairros da Liberdade e Paraiso estão inteiramente fóra de toda a inspecção policial. Alli commettem-se assassinatos horriveis e roubos audaciosos, á luz do dia, com toda a segurança na impunidade.

A nossa policia nunca devia esquecer que d'aquelle lado da cidade está o matadouro, e por isso o bairro é naturalmente frequentado por gente de toda a ordem.

Rigorosamente fallando, os seus habitantes estão entregues aos proprios recursos : o poder publico decididamente não os protege.

Paguem impostos ... e aguentem-se !...

(*Diario Popular* de 6 de Novembro de 1890).

Os gatunos argentinos, que ultimamente se transportaram com trouxas e gazuas para o nosso paiz, continuam na serie das suas memoraveis façanhas.

N'esta cidade repete-se cada dia o já conhecido passe do encontrão. Um individuo sente-se brutalmente esbarrado por mero descuido de um transeunte grosseiro. Empertiga-se offendido. O tal grosseiro transeunte, personagem invariavelmente do maior aprumo de meneios e de toilette, compensa logo por mil desculpas a inadivertencia do encontrão. Meio minuto depois, exactamente o tempo indispensavel para o amavel grosseirão ter dobrado uma esquina salvadora, a pobre victima do choque e o consolado das desculpas sente que na colisão perdeu a carteira. E a esta feliz manobra estão sujeitos indistinctamente cavalheiros e senhoras, quem quer que leve sobre si cousa roubavel.

Em S. Paulo, os celeberrimos cavalheiros platinos acabam de se metter em uma bolada de cem contos, desenvolvendo, para conseguil-o, uma pericia de deixar de boca aberta toda a hugoana *cour des miràcles*.

E não ha meios de nos libertarmos de semelhante invasão ! Todos os dias bandos e bandos dos activissimos violantes são despachados pela policia barra fóra. O Governo toma as medidas preventivas que póde, tentando moderar, quasi prohibir, a cauda de ruim gente que da penuria do Rio da Prata aqui chega corrida. E nada.

Entretanto, valia a pena o governo e a policia tentarem ainda qualquer possivel mutiplicação de esforços sobre os esforços que fazem. Providencias especialissimas até. Aqui, em S. Paulo, em toda parte ; a ultima guerra aos gatunos ! Guerra ! Seria a policia e seria a politica.

Na rêde que colhesse a chusma dos prodigiosos ratoneiros seriam indubitavelmente apanhados os correspondentes de patranhas por cartas e por telegrammas, que a respeito de cousas politicas e de hygiene se entretêm a desacreditar-nos d'aqui mesmo, perante a credulidade estrangeira.

(*Jornal do Commercio* Folhetim de 28 de Dezembro de 1891).

Na Paulicéa encontram-se muitos dos costumes da capital federal : leilões permanentes em varias ruas, kiosques-botequins nas praças e outros pontos,(porém no geral maiores) cadeiras abrigadas por chapéos de sol enormes nas quaes se póde lêr commodamente os jornaes emquanto o *engraxate* faz o seu officio, telegrammas e noticiarios affixados ás portas das redacções de periodicos.

Antes de clarear o dia e pelas 8 horas da tarde são offerecidos ao publico os jornaes da terra e depois da chegada do expresso do Rio, lá pela noite as folhas de fóra.

E' realmente divertido vêr sahir das typographias os numerosos *bambini* que chamaram a si o monopolio da venda dos diversos orgãos da imprensa cujos titulos gritam com pronuncia fortemente italianisada.

Na Paulicéa não faltam tambem os vendedores de frutas e doces, ou ainda de infinitos artefactos mais ou menos engenhosos mas quasi sempre futeis.

Toda essa gente tem seu modo peculiar de annunciar o que procura inculcar como acontece em toda cidade, havendo até um livro curioso denominado « Les cris de Paris ».

Notei que deve ter diminuido extraordinariamente o numero de senhoras que sahem a rua completamente escondidas debaixo de uma grande capa preta ou mantilha, pois não encontrei sequer uma das taes baratas, ou pelo menos quando tenha encontrado alguma não dei por ella, prova da sua raridade.

Assim é que os primitivos habitos vão desapparecendo.

Ao lado das innovações, oriundas do Rio, surgem usos estrangeiros, principalmente italianos, em consequencia do grande contingente aborigene da população paulistana.

Certo é que o elemento estrangeiro, e particularmente o italiano, exerceu favoravel influencia sobre a classe baixa da população paulistana, cujo nivel intellectual elevou-se, e certo é, que algum effeito produzio tambem sobre a classe média e mesmo a alta.

A alienação das terras, as construcções de melhor gosto, a compatibilidade da mulher para outros serviços

que os caseiros, a economia, a previsão do futuro e muitas medidas de não menor utilidade, inplantaram-se, ou se desenvolveram na Paulicéa com o incremento da immigração estrangeira.

São interessantes as italianas, que conduzem pelas ruas da cidade seu carro com carvão ou outro qualquer genero, que offerecem nas casas particulares.

A industria de carvão vegetal desenvolveu-se muito com a localisação dos italianos nas immediações de varias cidades brazileiras.

Lembro-me agora que o distincto commendador Henrique Irenêo de Souza me contou ter visto colonos italianos derrubarem perfeitamente uns talhos de matta virgem, serviço geralmente considerado acima das forças moraes do europeu. E' sabido que o immigrante prefere as terras desbravadas as que o não são e por isso não se lhes deve aconselhar de derrubar mattas, tanto mais porque os nossos caboclos têm especial aptidão para este tão rude labor.

Cabe aqui dizer que a lenha, que outr'ora vinha de Santo Amaro e outros logares circumvizinhos da Paulicéa, onde se vendia pelo preço de 4$ cada carrada, hoje é trazida em grande parte pelas vias ferreas, regulando o seu preço 2$500 ou 5$ quando rachada e cortada em pequenos pedaços uniformes, existindo emprezas montadas para esse fim as quaes trabalham com serras movidas a vapor.

*
* *

Em S. Paulo a creação de uma alfandega é bastante desejada.

Esta idéa recommendada pelos ultimos presidentes provinciaes, desde o Sr. Conde de Parnahyba, não é certamente nova, pois que, além de outros a quem possa ter occorrida, foi por mim lembrada em 1880 ao então Secretario da Assembléa Legislativa Paulista o Dr. Camillo Gavião Peixoto, que approvando-a me dirigio ao deputado C... de A... afim de apresentar o respectivo projecto.

Respondeu-me S. Ex., que acharia semelhante assumpto digno de apoio se acreditasse na possibilidade de

impedir o contrabando em larga escala durante o trajecto de Santos a capital paulista, visto ser de notoriedade publica, como mais tarde o disseram no Parlamento Brasileiro, terem existido na Paulicéa casas vendendo os seus artigos muito mais barato que os demais estabelecimentos congeneres, facto proveniente sem duvida das mesmas causas, as quaes se devia attribuir os gastos excessivos de alguns empregados da construcção da estrada de ferro ingleza.

Respeitabilissimo commissario de Santos com quem tambem conversei á respeito de alfandega em S. Paulo—o Sr. V. de V...—ponderou que já tivera identico pensamento ao qual não deu seguimento por não ter encontrado companheiro para um bom exito. N'aquelle tempo, e provavelmente ainda hoje, era preciso recorrer a terceiro—que não tinha o empenho do dono em trabalhar de modo a obter a menor taxação e evitar multas; que não cuidava de bem encaixotar o que fôra sugeito a exame e vinha a soffrer por isto maiores damnos de Santos a S. Paulo de que do estrangeiro ao dito porto ; que cobrava uma porcentagem assás forte etc. Mas com o alfandegamento dos armazens da Ingleza ou estabelecimento de uma repartição especial, mesmo pagando algum extraordinario para expediente afim de compensar ou minorar os novos encargos do Estado, muito lucrariam os importadores.

Haveria mais uma vantagem no alludido melhoramento, qual o de dispensar o augmento de pessoal na alfandega de Santos pela parte do serviço que passaria a ser feito em São Paulo e mais tarde tambem em Campinas para onde seguiriam as cargas em transito como se pratica nas capitaes centraes da Europa, Paris, Berlim e outras. Ouvi fallar bastante em tornar a S. Paulo porto do mar e apezar de conhecer o interessante folheto ha muito annos publicado pelo engenheiro Porfirio de Lima que imaginou uma série de comportas, entre os dous pontos á ligar, tenho minhas duvidas sobre a vantagem de semelhante plano, não só considerando a altitude da Paulicéa e o custo das obras a fazer, como principalmente o preço pelo qual ficaria o transporte dos artigos transmittidos e a real difficuldade de se poder attender

satisfactoriamente ao sempre crescente movimento de exportação e importação.

Muito diversas são as condições do projectado Paris — port de mer, cuja execução talvez breve será uma realidade.

*
* *

A imprensa local comprehende oito folhas diarias, differentes publicações periodicas sendo algumas academicas. O *Correio Paulistano*, com 34 annos; o *Estado de São Paulo*, outr'ora *Provincia de São Paulo*, com 15; *O Jornal da Tarde*, ex-*Gazeta do Povo*, com 12; o *Diario Popular* e o *Diario Mercantil*, ambos com 6; o *Diario de Noticias*, 3; o *Federalista*, 2 e o *Radical* 1.

A Germania (bi-semanal) já conta 12 annos; a *Lega Italiana* (tri-semanal) 5; *Il Fulmine*, (bi-semanal) e a *Freie Presse* (tri-semanal) estão no seu primeiro anno.

A Platéa é illustrada; dos demais não tenho conhecimento.

Em S. Paulo contei mais de vinte estabelecimentos de instrucção: a Faculdade de Direito, a Escola Normal, o Seminario Episcopal para rapazes e o Seminario da Gloria para meninas, o Lyceu de Artes e Officios, o Instituto D. Anna Rosa que, em virtude de avultado legado e fiscalisação do venerando Senador Barão de Souza Queiroz, desde 1875 procura educar creanças desvalidas, dando-lhes instrucção primaria e um officio; a Deutsche Schule, mantida pela colonia allemã e alguns suissos; a Escola Americana das missões protestantes, com dois internatos e um externato mixto; as escolas Sempre Avanti Savoia e Regina Marghereta; o Collegio Italiano, a Escola franceza mixto — instituições todas mantidas pelos estrangeiros bem como a Sociedade Portugueza de Beneficencia fundada em 1859 e tendo hoje um fundo social de 291 contos de reis que garante o sustento do seu hospital ora restaurado, o qual só acceita os filhos da Luzitania embora parte dos seus haveres tenha sido fornecido por brazileiros e estrangeiros, sendo agraciados por

ugal com titulos de nobreza os agenciadores da respectiva subscripção.

Mais humanitaria é a Santa Casa da Misericordia em cujo hospital se dispensa os maiores cuidados a qualquer necessitado sem distincção de nacionalidade ou crença religiosa; todos os irmãos da Santa Casa são benemeritos cidadãos, sobresahindo entre elles os Marquezes de Tres Rios e de Itú, a Baroneza de Piracicaba, a Exma. Sra. D. Veridiana Prado, cujos principescos donativos muito auxiliaram a communidade.

O Hospicio dos Alienados é estipendiado pelo Estado, parece ser pequeno e nem sempre bem dirigido.

Deixei de mencionar as sociedades allemã, suissa e italiana de beneficencia; a Societa dei Militi Italiani; as sociedades Philantropica Internacional, Artistica Beneficente de Soccorros Mutuos, Humanitaria dos Empregados do Commercio e Typographica Paulistana de Soccorros Mutuos.

O Instituto Cirurgico e Hydrotherapico do Dr. Carlos Botelho e o Sanatorium do Dr. Jones, ultimamente installado, são excellentes estabelecimentos.

Na Paulicéa, nos domingos e dias sanctificados dizem-se missas em 25 igrejas ou capellas; os protestantes inglezes e os americanos têm os seus respectivos templos e pastores.

Conta-se ahi um mosteiro, dois conventos e duas casas de recolhimento, onze irmandades, duas ordens terceiras e duas confrarias.

Na Consolação, ao lado do cemiterio catholico se acha o dos acatholicos.

Temos de registrar ainda a Grande Loja Maçonica com suas quatro officinas (sendo uma italiana), um centro da familia spirita e diversas associações recreativas, a saber:

Real Club Gymnastico Portuguez, Club Germania, Deutscher Turnverein, Gesang Verein Mendelsohn, Circulo Recreativo Italiano, Comitato Italiano Badaró, o Club Internacional (novamente á procura de casa tendo sido alugada ao Banco União de S. Paulo por 21 contos annuaes

a que se construira para elle), o Club Nova Concordia, que reune a melhor gente nos seus bailes côr de rosa; o Gremio Commercial de S. Paulo e o Club dos Tenentes de Plutão, que dizem ter despendido mais de 50 contos nas folias do ultimo carnaval; o Club de Corridas, que já não parece animado como no seu principio; o Schutzen Verein e um Cricket-Club.

Finalmente a Sociedade Promotora de Immigração já tem feito muito para o desenvolvimento da vinda de estrangeiros e um de seus mais activos directores, o Dr. Martinho Prado Junior, actualmente pela segunda vez na Europa para tratar d'esta importante questão, está por tal fórma identificado com os colonos italianos que nas suas fazendas veste-se como elles, usando roupa do mesmo panno e côrte, chapéo a tyroleza com as pennas de rigor.

O Portugal, a Italia, a Allemanha, a Belgica, e o Paraguay tem agentes consulares na Paulicéa e os filhos de outros paizes recorrem aos seus Representantes de Santos e Campinas o que se dá poucas vezes e tornar-se-ha ainda menos preciso no futuro estando promulgados varios decretos que serão forçosamente sanccionados, os quaes modificam a situação dos estrangeiros no Brazil.

Refirimo-nos as leis de naturalisação, de separação da Igreja e do Estado e de abrogação da lei de 1837, aliás mystificamente neutralisada por um decreto de 1878, salvo erro, pois que satisfez os delegados dos governos europeus sem descontentar (por falta do indispensavel regulamento pondo-o em vigor) os emperrados apologistas da prisão dos filhos por dividas dos pais.

A policia é relativamente insignificante: o corpo de urbanos com 8 estações compõe-se de 1 capitão, 1 alferes, 5 primeiros sargentos e 230 praças; o corpo de permanentes tem 5 estações na capital e para o serviço de todo o Estado 7 companhias; o 10° regimento de cavallaria ligeira com 27 officiaes esteve por algum tempo sem cavallos e com poucas armas.

A secção dos bombeiros conta 1 tenente commandante, 2 inferiores e 30 praças.

E com estas ultimas linhas esgotei os apontamentos que recolhi em rapidas passagens por São Paulo.

Terminando, pois, aqui, lembro como de conveniencia para quem quizer ter ainda melhor idéa do progresso da Paulicéa, além da leitura dos varios livros que tratam d'esta cidade, o album comparativo das principaes vistas ahi tiradas pelo photographo Militão Junior nos annos de 1862 e 1887.

ASCHER

CIRCULAR

DO

Governo imperial sobre a lei de libertação do ventre escravo

Como esclarecimento para a historia da humanitaria Lei de 28 de Setembro de 1871, n. 2040, offereço ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro cópia da circular com que, na qualidade de ministro dos negocios estrangeiros, a remetti aos representantes do Imperio nos paizes estrangeiros.

M. F. Correia.

« Rio de Janeiro. Ministerio dos Negocios Estrangeiros, 30 de Setembro de 1871.

Illm. Exm. Sr.— Passo ás mãos de V. Ex. o *Diario Official* em que foi publicada a Lei n. 2040 de 28 do corrente mez.

Esta lei estabelece que ninguem nasce escravo em nosso paiz ; promove a emancipação progressiva da escravatura actual, e liberta desde já os escravos do dominio do Estado, os de usofructo da corôa, os das heranças vagas e os abandonados por seus senhores.

Não careço engrandecer a importancia destas medidas, inspiradas pelo desejo de extinguir gradual, porém inevitavelmente, a escravidão no Brazil ; desejo partilhado por toda a nação.

A opposição que taes medidas encontraram no parlamento não teve por origem principios radicalmente contrarios á proposta apresentada pelo governo em 12 de Maio deste anno ; ninguem pretendia manter a instituição da escravidão, condemnada em todas as consciencias.

Houve divergencia quanto ao acerto dos meios propostos; receavam-se as consequencias immediatas de medidas directas que entendem com o trabalho agricola, base da riqueza publica; temia-se que fosse muito profundo o abalo nas condições economicas do paiz.

Prevaleceu, porém, a firme crença da maioria das camaras legislativas de que convertida a proposta em Lei do Estado, como imperiosamente exigiam ponderosas considerações da mais elevada politica, todos os Brazileiros cooperariam para sua melhor execução, tornando assim mais suave a transição do estado presente para um futuro que se antolha como o mais proprio para o desenvolvimento da propriedade nacional.

O favor da opinião animava os esforços dos representantes da nação e do poder executivo para que ficasse resolvida na sessão legislativa, que hoje termina, uma questão que se prende a tão variados interesses.

Conseguio-se felizmente este resultado sem que, em ponto algum do Imperio, fosse nem de leve perturbada a tranquilidade publica. Este facto, honroso para o Brazil, annuncia que a difficil empreza em que estamos empenhados ha de ser levada ao cabo com o mesmo esclarecido patriotismo de que já existem tão significativas provas, e que tanto assignalou-se na efficaz repressão do trafico de escravos.

Fortalecido por esta lisongeira esperança, o governo proseguirá no desempenho de sua delicada missão buscando solicita e prudentemente attender a tudo que possa contribuir para que a reforma votada se opere com o menor sacrificio dos interessados.

Com estes esclarecimentos fica V. Ex. habilitado para desvanecer qualquer inexacta apreciação que por ventura se faça nesse paiz ácerca da importante lei que os poderes publicos do Imperio acabam de decretar.

Aproveito esta occasião para renovar a V. Ex. os protestos da minha alta consideração.—*Manoel Francisco Correia.* »

ACTAS DAS SESSÕES DE 1892

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 4 DE MARÇO DE 1892

A acta desta sessão, celebrada em commemoração do fallecimento de S. M. o Sr. D. Pedro II, vai publicada em volume especial.

1.ª SESSÃO ORDINARIA EM 11 DE MARÇO DE 1892

Presidencia do Sr. conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 7 horas da noite o Sr. presidente declara aberta a sessão, achando-se presentes os Srs. conselheiro O. H. de Aquino e Castro, H. Raffard, conselheiro M. F. Correia, Barão de Capanema, Dr. Cezar A. Marques, commendador J. Luiz Alves e Dr. Alfredo Nascimento, tendo chegado mais tarde o Sr. commendador Gomes Brandão.

Lida e approvada, depois de emendada a acta da sessão extraordinaria commemorativa do fallecimento do Sr. D. Pedro II, o Sr. Henrique Raffard, 1.° secretario, dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: do principe Roland Bonaparte e do Sr. Clovis Lamarre, agradecendo este o titulo de socio correspondente e aquelle o de honorario do Instituto; do secretario da Real Academia de Sciencias Moraes e Politicas de Madrid; do director da Bibliotheca Nacional de Lisboa; do director do Escriptorio de Estatistica da Cidade de Budapesth; do secretario da *Boston Society of Natural History;* do secretario da Real Academia de Historia de

Madrid, agradecendo a remessa do tomo LIV da *Revista* do Instituto; do secretario da Sociedade União Academica em Porto Alegre, felicitando o Instituto e pedindo o jornal do mesmo; do Sr. Antonio José Nunes Garcia, offerecendo 5 exemplares da homenagem que fez distribuir nas exequias do Sr. D. Pedro II, ex-imperador do Brazil; do secretario da Sociedade de Engenheiros de Jalisco, agradecendo o volume 54 da *Revista* do Instituto; da Smithsonian Institution, agradecendo a remessa do tomo 54 da *Revista* do Instituto; da Sociedade Imperial Russa de Geographia, communicando o fallecimento do seu presidente o principe Constantino Nicolaywitch; da Sociedade de Geographia de Paris, participando o fallecimento do seu presidente Mr. de Quatrefages de Bréan; do Club Alpan de Crimée, communicando a sua fundação e pedindo permuta de seus trabalhos.

Carta do secretario do Annuario Geographico de Gotha, pedindo algumas informações sobre o Instituto; carta da Sociedade Geographica da Finlandia, communicando fazer regular remessa de suas publicações e pedindo igual favor da nossa *Revista*; carta do Bibliothecario da Fundacion, P. Taylor Van der Hulst, accusando o recebimento de varios tomos da *Revista* e pedindo outros que lhe faltam; carta do secretario des Natur foorcherden Guillechaft der tortes Lander yo Attenberg, accusando o recebimento da *Revista*.

Do Sr. Innocencio Marques de Lemos Bastos, participando ter sido nomeado e tomado posse do cargo de director geral dos telegraphos em 22 de Dezembro proximo findo; do secretario da Geological Survey, agradecendo alguns numeros da *Revista* e pedindo a parte 2.ª do tomo 43 que lhe falta; do secretario da Irmandade do Patriarcha S. José de Ouro Preto, enviando a copia da acta da sessão extraordinaria que teve logar em 10 de Dezembro do anno passado; do Sr. 2.° vice-presidente, general Dr. João Severiano da Fonseca, participando que por achar-se incommodado bastante não pôde comparecer á sessão commemorativa do fallecimento do sempre lembrado augusto e generoso protector do Instituto o Sr. D. Pedro II, sabendo os que o conhecem que só por impedimento

deixaria de unir-se aos seus collegas em acto tão justo, digno e santo.

OFFERTAS

Pelo Sr. 1° secretario Henrique Raffard, *D. Pedro II*, publicação do *Jornal do Brazil*. Pelo Sr. Vivien de Saint Martin, *Nouveau Dictionnaire de Geographie Universelle*. Pelo autor Sr. Dr. Paulo Ehrinrcich « *Beiträge zur Volkerkunde Brasiliens*. Pelo autor Sr. German Burmeister *Anales del Museo Nacional de Buenos Ayres*, tomo 3° 1891. Pela Academia Real de Ciencias de Madrid, *Memorias*, tomo XV.—1890—91. Pela Sociedade de Soccorros Mutuos Luiz de Camões, *Relatorio* apresentado pelo presidente Domingos Maria Lopes Braga. Pelo Observatorio Astronomico de Tucubaya no Mexico, *Annuario*, 1892. Pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, *Annuario Medico Brasileiro*, fundado e dirigido pelo Dr. Carlos Costa. Pelo Dr. Liberato de Castro Carreira, *Historia Financeira* e *Orçamentaria do Imperio do Brazil* desde a sua fundação. Pela Imprensa Nacional, *Relatorio do Serviço dos Correios*, relativo ao anno de 1890, apresentado pelo director Dr. Luiz Betim Paes Leme. Pelo Sr. Juan M. Thomé, *Resultados del Observatorio Nacional Argentino*, vol. XIII, 1891, 3 vols. Pelo socio Major José Domingues Codeceira, *Revista do Instituto Archeologico Pernambucano*, ns. 32 a 40. Pela direcção *Revista Maritima Brasileira*. Pelas Sociedades de Geographia do Rio de Janeiro, de Tours e de Lisboa, *Revistas*; de Bordeaux, de Berlim, de Paris, de New-York, de Anvers, de Finlande, de Yena, de Hamburgo, de Roma e de Halle, *Boletins*. Pelo Observatorio Astronomico do Rio de Janeiro, *Revistas*, ns. 11 e 12, de 1891.

Pelas redacções: da *Sociedade Cientifica Antonio Alzate*, da *Educação e Ensino*, do *El Monitor de la Educacion Comum*; da *Associação Rural del Uruguay*; da *Academia de Medicina do Rio de Janeiro*; do *Il Brasile*, «*Revistas*». Pela Reale Academia dei Lincei e Academia Pontificia de Nuovi Lincei « *Atti* ». Pela Bibliotheca Nacional,

Annaes », vol. XIV, fasciculo ns. 1 e 2, 1890. Pelo Departamento Nacional da Hygiene de Buenos Ayres, *Anales* e Resumo Estatistico. Pelo Instituto de Engenheiros do Chile, *Anales*. Pela Universidade Central del Ecuador, «*Anales*». Pelo Archivo dos Açores, *Historia Açoriana*. Pela directoria geral dos correios, *Boletim Postal*. Pela Sociedade Africana d'Italia, Archeologica Dreizfrea, Real Academia de Historia de Madrid, *Boletins*. Pelo Ministerio da Agricultura, Tabella da classificação das agencias do correio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, para o anno de 1892. Pelo Instituto de Canadá, em Toronto, *Transactions*, 1891.

Por intermedio da Smithsonian Institution *Radiconto dell' Academia delle Scienze Fisiche e Matematiche di Napoli*, fasciculos 1 a 12, de 1890. *Proceedings of the American Association for the Advancement of Science*. *Mitheilungen des Vereins fur Erdkunde zu Leipzig*, 1890. *Jahresberich des Naturforschenden Gesellschaft in Emdem pro* 1889—90; *The Pennsylvania Magazine History and Biography*; Société Royale Belge de Géographie, *Boletim*, XIV anno n. 6, XV anno ns. 1 a 3; *Memoires de l'Academie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux-Arts de Belgique*, tomo 47; *Memoires Couronnées et Autres memoires*, vol. 43 a 45; *Memoires Couronnées et des Savants etrangers*, tomo 50 e 51; *Bulletin*, 3ª série, tomo 17 a 21; *Annuaires*, 1890, 1891; *Catalogue des livres de la Bibliotheque de l'Academie Royal de Belgique*, 2ª parte 1890. Pela Sociedade Scientifica Argentina, *Anales*, Dezembro de 1891 e Janeiro de 1892; *El Paranillo de Uspallata*, por Gernan Lor Lallemant. Pelo socio Alencar Araripe, *Retrato de Silvestre Pinheiro Ferreira*. Pela Sociedade Geographica de Lima, *Boletim* de Setembro a Novembro de 1891; *Petroleum in Perú*, por Frederico Moreno. Pela Academia de Sciencias Physicas e Mathematicas de Napolis, *Atlas*, serie 2ª, vol. 5°, fasciculo 1 a 12, 1891. Pela Academia Litteraria del Uruguay, *Revista*, Novembro de 1891. Pelo Ministerio da Agricultura tres volumes relativos a Exposição de assucares e vinhos, realizada em 12 de Janeiro de 1889, sendo o relatorio da secção estrangeira, o relatorio do jury dos assucares feito pelo

Sr. Henrique Raffard e o do jury dos vinhos, trabalho do Sr. J. M. Draenert. Pela directoria de secção do Brazil na exposição official em Paris, 1889, « *Catalogo* ». Pelas redacções: *Diario da Bahia*, *Diario Popular*, *Gazeta de Mogy-mirim*, *Jornal do Recife*, *Combate*, *Seculo*, *Paraguassú*, *Actualidade*, *Cachoeirano*, *Thema*, *Club Curitibano*, *Le Bresil*, *La Geographie*, *Etoile du Sud*, *Nouveau Monde*.

Terminada a apresentação desses officios e offertas o Sr. conselheiro Correia offerece os «Estatutos del Ateneo de Lima» em nome do mesmo Atheneu, e no do Sr. Francisco Ramos Paes a obra intitulada « A missão especial do Visconde de Abrantes», trabalho este offerecido pelo mesmo visconde ao Instituto, como consta da dedicatoria manuscripta em seu frontispicio, e que no emtanto, tendo-se talvez extraviado antes de chegar ao seu destino, foi agora comprado em um leilão pelo Sr. Paes que, como documento desse facto, annexou á sua offerta o catalogo do leilão em que figura essa obra. Agradecendo, o Instituto resolve offerecer ao referido Sr. Paes a obra de Joaquim Caetano da Silva, intitulada « L'Oyapoc et l'Amazonas».

Tomando a palavra o Sr. presidente lê a seguinte communicação:

Senhores: O pesado tributo que de continuo pagamos á inexoravel morte, tem feito com que muito desfalcadas vão ficando ultimamente as nossas fileiras, sendo de lamentar-se a eterna ausencia de prestantes socios e dedicados amigos das lettras, sempre por nós apreciados.

Ainda em começo, e já este anno arrebata-nos não só os illustres consocios estrangeiros, Carlos de Ibanes, Marquez de Munhacen, presidente do Instituto de Madrid, D. Diogo de Barros Arana, D. Antonio da Costa, Marquez de Penafiel, ha pouco fallecidos, segundo as noticias publicadas na imprensa, mas ainda o nosso saudoso companheiro de trabalhos Sr. Barão de S. Felix.

Antonio Felix Martins, notavel talento e bellissimo caracter, fez parte de uma pleiade brilhante de litteratos, que muito distinguio-se em annos já distantes, e que hoje,

infelizmente, se acha quasi extincta pela devastadora acção do tempo.

Doutor em medicina pela Faculdade do Rio do Janeiro, exerceu por largos annos a sua nobre profissão com o maior zelo, desinteresse e dedicação, e honrou a cadeira de lente da mesma Faculdade, com a superior illustração de que era dotado.

Assiduo cultor das sciencias e das lettras, e apaixonado amigo das Musas, escreveu diversas obras, por vós bem conhecidas e que assaz demonstram a sua grande capacidade e amor ao trabalho.

Pelos serviços que prestou ao paiz, e pelo seu reconhecido merecimento, foi distinguido com o titulo honorifico que lhe ornava o nome.

Fazia parte do nosso Instituto desde o anno de 1846, na qualidade de socio correspondente, e mais tarde effectivo.

Com a morte do Barão de S. Felix, a 18 de Janeiro passado, nesta Capital, perdeu o Brazil um dos seus mais dignos filhos e o Instituto um dos seus mais estimaveis consocios.

De conformidade com os nossos Estatutos, se registrará na acta da presente sessão um voto de profundo pezar pelo fallecimento deste e dos demais consocios, cujos nomes acabam de ser mencionados.

Terminada esta leitura e registrado na acta um voto de profundo pezar por esses fallecimentos, o Dr. Cezar Marques pondera que o fallecido Marquez de Penafiel, que nesta communicação figura como estrangeiro, não o é, pois nasceu no Maranhão, e comquanto portuguez por ter vindo ao mundo quando o Brazil pertencia a Portugal, deve ser tido como brazileiro de nascimento, embora se houvesse naturalisado portuguez apoz a nossa independencia.

Retomando a palavra o Sr. presidente, communica haver recebido durante as férias os seguintes officios:

Do Sr. Conde de Aljezur, datado de Paris a 3 de Dezembro do anno passado, agradecendo, de ordem de S. M. o Sr. D. Pedro II, as saudações dirigidas pelo Instituto ao mesmo Augusto Senhor no dia 2 daquelle mez.

Do mesmo Senhor, datado de Lisboa a 14 daquelle mez, agradecendo ao Instituto, de ordem da Sr.ª D. Izabel e seu esposo, o Sr. Conde d'Eu e mais Principes da Familia Imperial,as condolencias que lhes foram dirigidas pelo doloroso motivo do fallecimento do Sr. D. Pedro II.

Da commissão encarregada de fazer celebrar solemnes exequias na igreja matriz de S. João Baptista de Nitheroy, por alma de S. M. o Sr. D. Pedro II, convidando o Instituto para assistir a esse acto no dia 16 de Dezembro passado.

Este officio só foi recebido na tarde do dia 16.

Do Ministro representante do Brazil na França, datado de 21 do mesmo mez, communicando haver sido entregue o diploma de Presidente Honorario deste Instituto ao Presidente da Republica Franceza, e que pelo Ministerio dos Negocios Estrangeiros dessa nação foi expedida uma nota rogando ao nosso representante que transmittisse aos membros desta illustrada corporação a expressão do vivo reconhecimento do Sr. Sadi-Carnot por essa delicada attenção, a que foi S. Ex. muito sensivel.

Do presidente da camara dos Deputados do Estado de S. Paulo, Dr. Miranda Azevedo, datado de 30 de Novembro do anno passado, accusando o recebimento e agradecendo a remessa da collecção das *Revistas* deste Instituto, que não servirão apenas de ornato da Bibliotheca da mesma camara, mas serão aproveitadas em bem da litteratura patria.

Carta do consocio Sr. Capistrano de Abreu, declarando não poder desempenhar a commissão de que foi incumbido pelo Instituto, de escrever a Biographia de Christovão Colombo, para a proxima celebração do 4.° centenario do descobrimento da America, por ter de se retirar por algum tempo do Rio de Janeiro.

Discurso do nosso consocio Dr. Brazilio Machado, na sessão da installação do Instituto dos Advogados de S. Paulo, e offerecido a este Instituto.

Consultando em seguida o Instituto sobre o que ha a fazer para realizar-se a festa commemorativa do 4.° centenario do descobrimento da America, o Sr. presidente

declara não haver o Sr. João Capistrano de Abreu aceitado a incumbencia de escrever a biographia de Colombo, para que fôra convidado, e apos discussão sobre quem o havia de substituir chegou-se á conclusão de que ninguem se poderia encarregar de fazer neste sentido trabalho completo e valioso por falta material de tempo e de documentos imprescindiveis. Ponderando o Sr. commendador José Luiz Alves que é indispensavel fazer-se ao menos uma synopsis da vida desse vulto para ser lida na sessão e publicada na *Revista*, cousa então exequivel, o Sr. conselheiro M. F. Correia propõe para incumbir-se disso o Dr. Alfredo Nascimento que coagido aceita.

Em seguida o Sr. presidente encarrega o Dr. Cezar Marques de dar parecer sobre o livro do Dr. Liberato de Castro Carreira, proposto para socio correspondente do Intituto, visto não o ter feito até o presente o relator nomeado.

ORDEM DO DIA

Corre o escrutinio e é unanimemente acceito socio correspondente o Sr. Julius Meili.

O Sr. 1.° Secretario passa a ler o parecer da commissão de geographia a respeito do trabalho do Sr. Octacilio Camará, proposto socio do Instituto, parecer que é archivado por declarar-se haver fallecido o candidato.

Pedindo novamente a palavra o Sr. commendador José Luiz Alves propõe que se mande publicar collecionado em um volume tudo quanto se passou na sessão commemorativa do fallecimento do ex-imperador; e depois de discutida esta proposta fica resolvido que a acta dessa sessão seja publicada desde já em volume avulso, a que se annexará o trabalho do Sr. Henrique Raffard, que se acha quasi prompto e consta da compilação de todas as publicações dos nossos jornaes a respeito da morte do ex-monarcha, e isto sem prejuizo da publicação da mesma acta no logar competente da *Revista*.

O Dr. Alfredo Nascimento inscreve-se para ler nas sessões seguintes o seu trabalho intitulado « Um atomo da historia patria ou historico da Sociedade Amante da Instrucção », e nada mais havendo a tratar o Sr. presidente levanta a sessão ás 8 horas e meia.

Dr. Alfredo Nascimento,
2.º secretario.

2ª SESSÃO ORDINARIA EM 2 DE ABRIL DE 1892

Presidencia do Sr. conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 7 horas da noite, achando-se presentes os socios Srs. conselheiros O. H. de Aquino e Castro, Alencar Araripe e M. F. Correia, commendadores J. Luiz Alves e Gomes Brandão, Dr. Cezar A. Marques, Henrique Raffard e Dr. Alfredo Nascimento, o Sr. presidente abre a sessão, chegando pouco depois o Sr. general Dr. J. Severiano da Fonseca.

Lida e approvada a acta da sessão anterior o Sr. 1º secretario Henrique Raffard dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Da legação brazileira em Madrid, enviando um exemplar do 1° volume do Recenseamento da população hespanhola levantado em 31 de Dezembro de 1887; da Academia de Sciencias, Artes e Lettras, accusando o recebimento da parte 1ª do tomo LIV da *Revista do Instituto*; cartão postal do Sr. Geo. Schoener, de Vienna d'Austria, pedindo o volume da *Revista* de 1891 do Instituto.

OFFERTAS

Pela secção de permutas da Bibliotheca Nacional, remettido pela Smithsonian Institution, *United States Geological Survey*, J. W. Powell, director, *Tenth Annual.*

port 1888-89, parte 1.ª *Geology*, parte 2ª *Irrigation*; — *tzungsberichte der Philosophisch-Historischen*. Classe CXXII, CXXIII Band Jahrgang, 1890. 2.° e 3.°

Abtheilung, I. 1890 — 4 a 10.
» II *a*. 1890 — 4 a 10.
» II *b*. 1890 — 4 a 10.
» III 1890 — 4 a 10.

Denkschriften der Kaiserlichen Academie der Wis-chaften Band 57. Archiv fur Kunde ästerr Geschichts n, Bund: 76 Halfte 1 e 2.
» 72 » 1.
ıles Rerum Austriarcarum, Abtheilung, Band: 45 2.
Almanach 1890.
Denkschriften der Kaiserlichen Academie der Wis-nschaften philos-hist 38 e 39.
ual Report of the American Historical Associa-the year 1890; B ägezur Geographie Festen ers; Proceedings of California Academy of ces, vol. 3.° part 1.ª

Pelas sociedades de geographia de Bordeaux, Berlim e Madrid, os boletins. Pela Sociedade Imperial dos Naturalistas de Moscou, Real Academia de Historia de Madrid, e da Bibliotheca Nacional Central Victorio Emanoel di Roma, os boletins. Pela directoria do Correio Geral, *Boletim Postal*. Pela Sociedade de Geographia de Paris, *Comptes Rendus des Sciences*, 1892. Pela directoria de Instrucção Publica do Pará, *Revista de Educação e Ensino*, volume 1° n. 1, anno 1.° e volume 2° n. 1, anno 2.°. Pela Bibliotheca de Marinha, *Revista Maritima Brazileira*. Pela Sociedade de Geographia de Tours, *Revista*. Pela Sociedade Nacional de Washington, *Revista*.

Pelas redacções: *Diario da Bahia*, *Diario Popular*, *Gazeta de Mogymirim*, *Jornal do Recife*, *Club Curitibano*, *Cachoeirano*, *Brésil*, *Nouveau Monde*.

Pela directoria da Associação Rural do Uruguay, *Revista*. Pela Universidade Central do Equador *Anales*, n. 41, serie 5ª Quito 1891. Pelo Sr. 1.° secretario Henrique Raffard um exemplar da sessão solemne do Instituto

Historico e Geographico Brazileiro em homenagem á nação chilena e consagrada á officialidade do encouraçado *Almirante Cochrane* (com estampas.)

O mesmo Sr. 1° secretario declara em seguida haver recebido, por intermedio da Bibliotheca Nacional, um pedido da sociedade Academy of Natural Sciences of Philadelphia, dos numeros que lhe faltam da revista Trimensal do Instituto, pedido que se manda satisfazer.

Usando da palavra o Sr. presidente apresenta ao Instituto um volume da obra do Dr. Francisco Luiz da Veiga, intitulada *O primeiro reinado* e offerecido pelo Sr. Dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida, que declara havel-o comprado á um livreiro da rua de S. José, o qual o adquirira no espolio do finado commendador Joaquim Norberto. Como este livro pertencera á bibliotheca do Instituto a que fôra offerecido pelo autor, segundo consta da dedicatoria firmada em seu frontispicio, o Sr. presidente faz ver o inconveniente de continuar em mãos dos socios os livros do Instituto, o que dá logar a factos como este, por mais de uma vez succedidos, e muito prejudiciaes aos interesses desta associação, determinando que com a possivel urgencia sejão arrecadadas todas as obras que se achão fóra. Ao offertante, o Sr. Piza e Almeida mandou-se agradecer, offerecendo-se-lhe os dous volumes da obra sobre o *Oyapoc*, mandada publicar pelo Instituto.

Sendo approvado, fica sobre a mesa para ser votado opportunamente o seguinte parecer da commissão de admissão de socios, lido pelo Sr. 1° secretario.

A commissão de admissão de socios, concordando com o parecer da respectiva commissão que examinou miudamente o trabalho do conselheiro Trigo de Loureiro opina tambem para que o mesmo conselheiro seja admittide no seio do Instituto entre os socios effectivos, cujo numero não está completo.

Sala das sessões, 28 de Março de 1892. — *Manoel Francisco Correia*. — *José Luiz Alves*.

Como relator da commissão subsidiaria de historia, o Sr. 2° secretario lê o seguinte parecer, que, depois de approvado, vai á commissão de admissão de socios:

Parecer. — Tendo sido apresentado á commissão subsidiaria de historia o trabalho intitulado: *Luiz da Motta Feo e Torres e seu governo no Ceará*, de que é autor o Dr. Guilherme Studart, proposto socio correspondente deste Instituto, a commissão é de parecer que o referido trabalho deve ser acceito como titulo sufficiente para a sua admissão ao nosso gremio, pela cópia de factos que apresenta, devidamente commentados e referentes a uma época da historia do Ceará.

Sala das sessões, 2 de Abril de 1892.—*Dr. Alfredo Nascimento*, Relator.—*Dr. Cezar A. Marques.*

Vai tambem a mesma commissão de admissão de socios, depois de approvado, o parecer seguinte da commissão de Historia:

A commissão de historia, cumprindo as determinações do Instituto Historico e Geographico, que lhe foram transmittidas pelo seu erudito e talentoso presidente, leu com todo o cuidado a *Historia financeira e orçamentaria do Imperio do Brazil desde a sua fundação*, pelo senador Liberato de Castro Carreira, e vem dar-vos conta de suas lucubrações.

Escrevendo elle até á proclamação da Republica, parece-nos, que já não tinha o titulo de senador, para que foi merecidamente eleito pela sua provincia, e escolhido pelo Sr. D. Pedro II; ligeiro descuido.

Sendo esta *Historia*, precedida de alguns apontamentos ácerca da independencia do Imperio, nós os lemos na longa e minuciosa introducção.

Não eram factos novos, e sim já mui sabidos, porém como hoje em dia nada é novo senão pela forma, como disse Charles Nodier em seu *Tratado de linguistica*, póde dizer-se, e com verdade, que a disposição dos assumptos, sempre apoiados em documentos inseridos no meio do texto e á medida que erão necessarios, e tratados com paciencia, e em linguagem natural e clara, chã e sem atavios, porém muito propria em trabalhos deste jaez, é digna de ser imitada.

Da pag. 63 em diante entrou elle em trabalho herculeo, escrevendo a *Historia Financeira e Orçamentaria* antecedendo-a com uma breve noticia do modo, porque

entre nós, se organisa o orçamento, e da marcha que tem na discussão do parlamento, fazendo algumas referencias ao que se pratica em outras nações.

Lidou muito, arcou com immensas difficuldades, colligio, e reunio muitos materiaes uteis e proveitosos, e embora se emaranhasse em um dedalo arido, quaes as cifras, elle achou um fio de Ariadne, que o levasse por entre cardos e espinhos até o fim da sua tarefa, comprehendendo todo o espaço da independencia do Brazil até a inesperada queda das instituições monarchicas, demonstrando de maneira incontestavel «os elementos com que se organisou o Imperio, e influiram para sua prosperidade e grandeza, e aquelles com que principia a Republica na gestão da nova fórma de governo.»

Por esta simples descripção vê-se que ao candidato não faltam qualidades dignas do logar, que aspira.

A commissão o julga mui no caso de pertencer ao nosso Instituto, e faz votos para que venha em boa hora auxiliar-nos em nossas fadigas, a bem da nossa patria.

Sala das sessões na noite de 2 de Abril de 1892.—O Relator, *Dr. Cezar A. Marques.* — *Dr. Alfredo Nascimento.*

Aproveitando achar-se com a palavra o Dr. Cezar Marques, apresenta novos documentos comprobativos do merito do Dr. Bandeira Junior, proposto ha tempos socio do Instituto e cujo trabalho fôra então julgado insufficiente, e o Sr. presidente encarrega o mesmo Dr. Cezar Marques, como relator da commissão de historia, de dar parecer sobre esses documentos apresentados.

Pedindo a palavra o Sr. commendador José Luiz Alves, lê o seguinte parecer da commissão de fundos e orçamento.

A Commissão de Fundos e Orçamento vem, em virtude do que determinam os estatutos que regem esta associação, mostrar o resultado do exame a que procedeu nas contas apresentadas pelo muito digno thesoureiro o Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe, relativas ao anno social, que expirou a 31 de Dezembro de 1891, e pelos documentos que acompanham as referidas contas, achámos o seguinte:

A receita, inclusive o saldo que passou do anno, foi de 64:163$400, constante das seguintes verbas, a saber :

Saldo de 1890	.....	**46:583$400**
Subsidio do Governo Geral	**9:000$000**	
Juro de apolices (2° semestre de 1890)	**505$000**	
Dito idem (1° dito de 1891)	**1:355$000**	
Venda da *Revista*	**8$000**	
Joia de socios	**140$000**	
Prestações semestraes	**172$000**	
Donativos	**15:000$000**	
Diplomas dos benemeritos	**900$000**	**27:580$000**
		64:163$400

A despeza foi de 46:226$580 plenamente justificada pelas seguintes verbas :

Impressão da *Revista*	**4:649$000**	
Remessa da mesma	**262$250**	
Encadernações	**245$300**	
Expediente	**1:230$660**	
Ordenado dos empregados	**2:400$000**	
Commissão do cobrador	252$900	
Eventuaes	445$150	
Despezas extraordinarias	3:544$510	13:027$770
34 apolices de 1:000$ para augmento do patrimonio	.....	33:198$800
		46:226$570

Recapitulando vemos que :

Receita arrecadada		27:580$000
Desp. ordinaria	9:483$260	
Dita extraordin.	3:544$510	13:027$770
Saldo. 1891		14:552$230
Saldo. 1890		36:583$400
		51:135$630
34 apolices geraes para augmento do patrimonio		33:198$800
Saldo a favor		17:936$830

Este saldo de 17:936$830 está representado nas se guintes especies:

Em c/c no Banco de Credito Movel.....	10:936$830	
Em letra do Banco do Brazil.	4:000$000	
Em caderneta da Caixa Economica.....	3:000$000	17:936$830

Além desse saldo de 17:936$830, tem o Instituto de fundo patrimonial 53 apolices geraes do valor nominal de 1:000$ e juro de 5 % e duas ditas idem de 600$ cada uma, que representam todas um valor de 54:200$000.

A commissão é de parecer que as contas apresentadas sejam approvadas e que ainda mais uma vez seja louvado o digno Sr. thesoureiro pela dedicação, zelo e criterio com que tem desempenhado tão penoso encargo.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 31 de Março de 1892. — *José Luiz Alves*, relator. — *Luiz Rodrigues de Oliveira*. — *Henri Raffard*.

A Commissão de Fundos e Orçamento tem a honra de submetter á apreciação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o seguinte orçamento para o anno social de 1892:

A recelta é orçada em a saber:		7:960$000
Subsidio do Governo Geral..	4:500$000	
Juros de apolices.....	2:710$000	
Joias de entradas.....	100$000	
Prestações semestraes.....	600$000	
Venda e assignaturas da *Revista*.....	50$000	
Donativos.....	$	
S. O. E.....	796$000	

A despeza é fixada em a saber:			7:870$000
Impressão da *Revista*.....		4:200$000	
Remessa para o exterior...		250$000	
Encadernação de livros.....		200$000	
Compra de livros.....		200$000	
Despezas do expediente....		250$000	
Vencimentos de empregados:			
Escripturario ..	1:200$000		
Porteiro	1:200$000	2:400$000	
Porcentágem ao cobrador...		250$000	
Eventuaes.....		120$000	
		7:870$000	
Resumo:			
Receita orçada.	7:960$000		
Despeza fixada.	7:870$000		
Saldo.....	90$000		
»	17:936$830	.....	18:026$830

Este saldo terá de desapparecer em sua maxima parte, em vista das grandes despezas que o Instituto tem a fazer não só com a festa magna do quarto centenario da descoberta da America por Christovão Colombo a 12 de Outubro vindouro, como com o transporte da bibliotheca doada pelo finado Imperador o Sr. D. Pedro II e sua collocação na sala do Instituto, com o que forçosamente se terá de despender grossas sommas.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, em 31 de Março de 1892. — *José Luiz Alves*, relator.—*Luiz Rodrigues de Oliveira.*—*Henri Raffard.*

Depois de discutido é approvado, prestando-se mais uma vez um voto de louvor ao Sr. thesoureiro, conselheiro Alencar Araripe pelo modo porque tem gerido as finanças do Instituto, e resolve-se, nos termos dos estatutos e para os fins convenientes, officiar aos socios que

tem deixado de satisfazer as suas contribuições pecuniarias, e cuja lista é bem consideravel, como o faz sentir o Sr. presidente.

O Sr. thesoureiro declara mais que realisou a compra de 6 apolices da divida publica do valor de 1:000$ a juros de 5 °/₀ importando a despeza, inclusive o sello de transferencia, na quantia de 5:994$600 rs.

ORDEM DO DIA

O Sr. conselheiro Correia lembra ao Instituto a conveniencia de pôr em execução desde já a sua resolução tomada a 7 de Dezembro do anno passado, referente á concessão de um premio, que consistirá em uma medalha de ouro, a quem apresentar o melhor trabalho sobre a vida do ex-imperador D. Pedro II. Resolve o Instituto mandar fazer os respectivos annuncios, indicativos do logar em que hão de ser entregues os trabalhos, as condições que devem satisfazer para serem acceitos, e o prazo, que será o de oito mezes a contar da data do annuncio, e não o que fôra determinado n'aquella sessão, o qual começava a 5 de Janeiro proximo passado.

Usando da palavra o Sr. presidente faz as seguintes considerações sobre o modo porque foi impressa a *Revista* em seus ultimos numeros:

O Sr. presidente, diz que julga dever chamar a attenção da mesa para um facto que já foi objecto de larga discussão e votação do Instituto, e que ora vê reproduzido na publicação da *Poranduba Maranhense*, no ultimo numero da nossa *Revista*.

E' ahi empregada em excesso e com muito sensiveis incoherencias a orthographia phonica, ou como melhor nome tenha, havendo sido já deliberado pelo Instituto que nas publicações da *Revista* só fosse usada a orthographia commum ou etymologica, salvo o caso de se achar de outro modo escripto o original.

E' para este ponto que reclama a attenção especialmente da commissão de redacção, encarregada de acompanhar a impressão da *Revista*.

Se no original daquella obra não foi usada a orthographia pelo Instituto já por mais de uma vez condemnada, ella não devia apparecer na *Revista* ; mesmo porque, como disse, é incoherente ou contradictoria em muitos pontos.

Assim, ao passo que escreve o autor ou emenda o revisor: xamada, oje, xão, xegando, imno, axarão, Olanda, Espanha, eroica, xixorro, ospicio, penas brancas,— o que é erro no commum de nossos escriptores, e no sentido das palavras, accrescenta : Henrique, Christovão, Innocencio, Ignacio, afflicto, companhia, reprehenderão, nobiliarchia, apprehender, Annaes e Annos—com letras dobradas, ou conjunctas, quando, a seguir o systema adoptado, deveria dispensal-as, o que daria, em verdade, lugar, em certos casos, a verdadeiros desastres de linguagem escripta. Mas não é tudo: em uma só pagina vê-se impressa a palavra, homem, com e sem h. Para que não continue esta pratica, que até nos póde comprometter perante os leitores entendidos, e que decididamente é repellida pelo Instituto, é renovado este reparo, que será tomado na devida consideração.

O Sr. Conselheiro Alencar Araripe, como membro da commissão de redacção, pondera que o sermão do padre José d'Anchieta está com a sua orthographia, que é phonetica, porque o autor, o escrevera por esse modo em grande parte, como se póde verificar na photographia do original existente no nosso archivo.

O Sr. General Dr. João Severiano da Fonseca entrega ao Instituto copia de dois valiosos documentos historicos: o termo da fundação do novo estabelecimento « Povoação Regular de Casalvasco na margem Oriental do Rio Barbados, oito leguas com pouca differença para o Sul da Villa Bella, capital da capitania de Matto-Grosso» e o auto da fundação do «Real Forte do Principe da Beira» datados este de 1776 e aquelle de 1783. Estes documentos são enviados á commissão de redacção, e o Sr. General promette trazer em breve outros, em cuja restauração se acha occupado.

— Consultando o Sr. 1° secretario, se deverá ser concedida ao Sr. capitão de mar e guerra Guillobel a permissão que pedio de levar para a casa, afim de melhor os

copiar, certos documentos de que carece, o Instituto resolve, em cumprimento dos estatutos, não permittir a sahida de nenhum documento e de nenhuma obra do seu archivo, facilitando, porém a quem quizer examinal-os todos os meios de utilisar-se delles no logar em que se acham.

A convite do Sr. presidente o 2° secretario Dr. Alfredo Nascimento, lê o seu manuscripto, intitulado «Um atomo da historia patria». Historico da Sociedade Amante da Instrucção.

Finda esta leitura o Sr. commendador J. Luiz Alves se inscreve para na sessão seguinte lêr mais duas biographias dos senadores fallecidos; e nada mais havendo a tratar o Sr. presidente levanta a sessão ás 8 e $^3/_4$, havendo se retirado pouco antes o Dr. Cezar Marques e o commendador Gomes Brandão. .

Dr. Alfredo Nascimento,
2° secretario.

3.ª SESSÃO ORDINARIA EM 8 DE ABRIL DE 1892

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

O Sr. presidente ás 7 horas da noite, abre a sessão, especialmente convocada para abertura da arca de sigillo, achando-se presentes mais os Srs. conselheiros M. F. Correia e Tristão de Alencar Araripe, Visconde de Beaurepaire Rohan, Henrique Raffard, commendador José Luiz Alves, Dr. Cesar Augusto Marques e Dr. Alfredo Nascimento.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, os Srs. presidente e thezoureiro, como respectivos clavicularios, procedem a abertura da arca de sigillo, que encerrava dois manuscriptos do Sr. conselheiro M. F. Correia;

[illegible] a indicação de ser feito após seu fallecimento, [illegible] e declarando o envolvo [illegible] que a sua leitura deve proceder-se depois [illegible] Pedro II.

[illegible] o conselheiro Correia ahi lê [illegible] de algumas das muitas [illegible] pelo ex-imperador ás margens das [illegible] intitulado *Las Origines*, [illegible] em 6 de [illegible] Memoria tem [illegible] entregava aos [illegible] a sua orientação philosophica [illegible] de catholico convertido. [illegible] o autor offerece ao Instituto o [illegible] e que será conservado como valioso documento para a biographia do seu [illegible].

Nos [illegible] vai esse manuscripto a commissão de redacção, especialmente encarregada de pronunciar-se sobre o seu merecimento, sendo nomeado o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan para substituir o Sr. Conselheiro Correia, autor da Memoria, que serviu de relator.

Por achar-se incommodado retira-se o Sr. conselheiro Alencar Araripe, entregando nesta occasião as chaves do [illegible] ao Sr. 1.º Secretario Sr. Henrique Raffard.

[illegible] Commissão Nacional, como representante da Sociedade [illegible] encarregar-se da [illegible] das [illegible] de informar-se sobre [illegible] mesmo Sr. 1.º secretario declara em seguida que a Commissão Typographica, encarregada da publicação do poema *Colombo* ainda não deu começo ao trabalho por esperar da Europa typos novos.

A pedido do Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan, o Sr. presidente relê as considerações que fizera na sessão anterior sobre a impressão da *Revista*, ao que accrescenta o Sr. Visconde novas considerações no mesmo sentido, declarando achar-se quasi todo errado o dicionario da lingua tupy, que acompanha a *Poranduba Maranhense*, de modo a julgar conveniente a sua reimpressão.

Consultado pelo Sr. commendador J. Luiz Alves, sobre o motivo porque não figurão na lista dos socios o conselheiro José Luciano de Castro e o Sr. Levasseur, propostos já ha tempos, o Sr. presidente declara que o primeiro informão-lhe ser já fallecido e que a proposta do segundo, assim como a de outros muitos feita na mesma occasião, pelo Visconde de Taunay, não foi votada pelo Instituto por não haver ainda parecer da commissão respectiva, na forma dos estatutos.

ORDEM DO DIA

Correndo o escrutinio foi unanimemente acceito e acclamado socio effectivo do Instituto, o Sr. conselheiro Trigo de Loureiro; e em seguida sendo apresentado é lido o parecer da commissão de admissão de socios, sobre o Dr. Castro Carreira, o qual é do teor seguinte:

A commissão de admissão de socios, conhecedora do trabalho apresentado ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, e dos meritos que ornam a pessoa do Sr. Dr. Castro Carreira, é de parecer que o mesmo senhor é digno de pertencer ao Instituto como socio effectivo, louvando-se no parecer da commissão de Historia. Sala das sessões de 8 de Abril de 1892.—*José Luiz Alves.*—*Manoel Francisco Correia.*

Fica sobre a mesa para ser votado posteriormente, e levanta-se a sessão ás 8 horas.

Dr. Alfredo Nascimento,
2.° secretario.

4ª. SESSÃO ORDINARIA EM 22 DE ABRIL DE 1892

Presidencia do Sr. conselheiro O. H. de Aquino e Castro

Presentes, ás 7 horas da noite, os Srs. conselheiros O. H. de Aquino e Castro, Alencar Araripe, M.F.Correia, Visconde de Beaurepaire Rohan, Henrique Raffard, commendador José Luiz Alves, e Dr. Alfredo Nascimento, e

tendo faltado por doente o Dr. Cezar Marques, o Sr. presidente abre a sessão e, procedendo-se á leitura da acta da sessão anterior, é ella dada por approvada.

A respeito das considerações apresentadas na sessão ultima pelo Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan, sobre os erros typographicos com que sahio, na *Revista*, o diccionario da lingua tupy, o Sr. conselheiro Alencar Araripe pondera que elles devem correr por conta do copista desse trabalho, cujo original não foi o que servio para a composição da imprensa. O Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan offerece-se para corrigir o diccionario, o que é acceito pelo Instituto.

Em seguida o Sr. 1.° secretario Henrique Raffard dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios : Do Sr. Richter, bibliothecario da Verein fur Erdkunde zu Dresden pedindo alguns numeros da *Revista* que faltam na collecção que possue a dita Bibliotheca ; do presidente da sociedade Academica de Toulouse enviando o seu *Raport Annual* ; e *Annuaire des Facultés* 1891—1892 e pedindo a *Revista* do Instituto ; Do Sr. J. Studdy Leigo, secretario da Geographical Society of California enviando a lista da sua directoria e pedindo as publicações do Instituto ; do socio Dr. Luiz Cruls enviando doze exemplares do trabalho intitulado *O Clima do Rio de Janeiro* para serem distribuidos pelos socios presentes.

OFFERTAS

Pelo Sr. Vivien de Saint Martin, *Nouveau Dictionaire de Geographie Universelle*, 62 fasciculo—1892. Pela Sociedade de Geographia, de Pariz, *Comptes Rendus des Sciences ns.* 4 e 5—1892. Pela Academiade Lincei em Roma, *Atti*, série 4ª—1891. Pela Sociedad Cientifica Argentina, *Anales*, Fevereiro de 1892. Pelo Archivo dos Açores, *Historia Açoriana*. Pelo autor o Sr. Cincinato Braga, *Discurso pronunciado na Camara dos Deputados*

na sessão de 21 de Novembro de 1891 – S. Paulo 1892. Pelas Sociedades de Geographia de Genova, Bordeaux e Berlim, *Boletins*. Pela Bibliotheca Nacional Central Vittorio Emanuel, de Roma, *Boletins* ns. 6 e 7. Pelo Departamento Nacional de Hygiene de Buenos-Ayres, *Anales*, 1892. Pela Directoria do *El Monitor de la Educacion Comun*, *Revista*, anno XI, n. 207 e 208. Pela Sociedade Scientifica Antonio Azate, no Mexico, *Revista*, tomo 5°, cadernos 3 e 4—1892. Pelas redacções: *Diario da Bahia*, *Diario Popular*, *Gazeta de Mogy-mirim*, *Jornal do Recife*, *Cachoeirano*, *Club Curitibano*, *El Comercio del Plata*, *Le Nouveau Monde*, *Le Brésil*, *Commercio doEspirito Santo e Atenêo Italiano*.

O Sr. presidente apresenta os 39 volumes seguintes, pertencentes a S. M. o Sr. D. Pedro II, e que farão parte agora da bibliotheca do Instituto:

Historia da Persia 1 vol.; Massarani—Libro de Giada, 1 vol.; Manzoni—Obras, 2 vols.; H. Brugsch—Historia do Egypto, 1 vol.; Chabas—viagem ao Egypto, 1 vol.; Champollion—diccionario Egypcio, 1 vol.; Champollion—Grammatica Egypcia, 1 vol.; Guerin—descripção da Palestina, 7 vols.; Renan—historia das linguas Semiticas 1 vol.(brochura); Mislin—os Santos Lugares, 3 vols.; Davis—a China, 2 vols.; Dora d'Istria—os Albanezes, 1 vol. (brochura); Poesias chinezas, 1 vol. (brochura); Jornal Asiatico, 1 vol. (brochura); Diccionario da lingua Chineza, 1 vol. (brochura); Ethnographia dos povos estrangeiros, 3 vols. (brochura); Monumentos Egypcios, 1 vol. (brochura); Exame critico do livro de Chabas, 1 vol. (brochura); Visconde Rougé—obras sobre o Egypto, 5 vols. (brochura); Thereza Filangieri—obras, 4 vols. (brochura). Total 39.

O conselheiro Alencar Araripe apresenta em seguida uma carta do director do Archivo Publico da Bahia, requisitando uma collecção das Revistas, e manda-se satisfazer o pedido.

O Sr. Henrique Raffard informa ter-se entendido definitivamente com a Bibliotheca Nacional sobre a distribuição das Revistas; e o Sr. Visconde de Beaurepaire Rohan apresenta o manuscripto de Lafayette de Toledo,

intitulado *Monographia de Casa Branca*, como titulo de admissão do seu autor na qualidade de socio correspondente, para que foi proposto ha tempos. Tomando-se conhecimento do trabalho, vai elle á commissão de historia para interpôr seu parecer, sendo relator o general João Severiano.

O Sr. 1° secretario procede depois á leitura do parecer sobre a *Memoria* do conselheiro Correia, e sendo approvado, vai o manuscripto á commissão de redacção, para dar-lhe o devido destino. O parecer é do theor seguinte :

A' commissão de estatutos e redacção da *Revista Trimensal* foi presente a *Memoria*, a cuja leitura procedeu o illustre socio honorario, o Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia, na sessão especial do nosso Instituto Historico e Geographico de 8 do corrente mez. O que constitue o singular merecimento d'esta *Memoria* são as notas feitas pelo fallecido Imperador o Sr. D. Pedro II a diversos trechos do livro de E. de Pressensé *Les Origines*. Este documento é mais uma prova do elevado criterio e sabedoria do nosso Augusto Protector, de saudosa recordação, e como tal deve honrar as paginas da nossa *Revista*. Rio de Janeiro, em 20 de Abril de 1892. *Visconde de Beaurepaire Rohan*, Relator.—*T. de Alencar Araripe*.—*Dr. Cezar Augusto Marques*.

Pedindo a palavra o Sr. Henrique Raffard communica, que pagou a importancia de 100$, correspondente ao ultimo mez de ordenado do penultimo empregado da Bibliotheca, que se retirou ; e accrescenta não querer receber dos cofres do Instituto, essa quantia de que desiste em seu favor.

Agradecendo em nome do Instituto, o Sr. presidente faz sentir o valor da dadiva, que vem figurar no meio de tantos outros bons serviços que a associação deve ao seu secretario.

Correndo o escrutinio é acclamado unanimemente socio effectivo do Instituto, o Sr. Dr. Castro Carreira, conforme o parecer da commissão de admissão de socios lido na ultima sessão.

ORDEM DO DIA

Nada mais havendo a tratar-se o commendador José Luiz Alves procede á leitura da biographia do conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo, Visconde do Bom Conselho e, finda ella, levanta-se a sessão ás 8 1[2 horas.

Dr. Alfredo Nascimento,
2º secretario.

5.ª SESSÃO ORDINARIA EM 6 DE MAIO DE 1892

Presidencia do Sr. conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 7 horas da noite, presentes os Srs. conselheiros O. H. de Aquino e Castro, T. de Alencar Araripe e M. F. Correia, Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. Cezar Marques, José Verissimo, commendador J. Luiz Alves, commendador Gomes Brandão, 1.° secretario Henrique Raffard e Dr. Alfredo Nascimento, o Sr. presidente abre a sessão, e sendo lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1.° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Do Sr. J. Souza Correia, da Legação de Londres, communicando ter em data de 4 de Abril enviado ao Instituto, ao cuidado do Sr. Alfredo de Barros, quatro volumes sobre materia que interessa ao mesmo Instituto, os quaes são offerecidos pelo ministerio da India; da Academie Royal e des Sciences, des Lettres et Beaux Arts da Belgica, accusando o recebimento do tomo 54, 1.ª parte, da *Revista*, e pedindo o tomo 51.

OFFERTAS

Pelo autor: *Preito e homenagem á memoria do illustre cidadão* Dr. Francisco de Paula Toledo. Pelo Sr. Constante Affonso Coelho, *Cartas ao Sr. Ministro da Agricultura* acerca dos feitos da Compagnie Générale de Chemins de Fer Bresiliens e de seus representantes no Brazil. Pelas Sociedades de Geographia de Tours, Associação Baral del Uruguay, Bibliotheca da Marinha, Observatorio Astronomico, El Monitor de la Educacion Comun, e Publicação Periodica do Pedagogium, *Revistas*. Pelo Instituto Geographico Argentino, Sociedade de Geographia Italiana, Gesellschaft für Erdkunde zu Berlin, Sociedade de Geographia Commercial de Bordeaux, Sociedade Africana de Italia e Correio Geral da Capital Federal, *Boletins*; Pela Sociedad Cientifica Argentina, Higiene Publica de Buenos-Aires, Instituto de Ingenieros de Santiago de Chile, *Anales*. Pelas respectivas redacções: *Diario Popular*, *Club Curitibano*, *Jornal do Recife*, *Le Brésil*, *Le Nouveau Monde*.

O Dr. Cezar Marques lê uma carta do Visconde de S. Valentim offerecendo ao Instituto, por seu intermedio, uma publicação sua, intitulada *7 de Setembro*; mandou-se agradecer.

O conselheiro M. F. Correia offerece, como esclarecimento para a historia da lei de 28 de Setembro de 1871, a copia da circular com que, na qualidade de ministro dos estrangeiros, a remetteu aos representantes do Brazil, fóra do imperio. (*)

O Sr. José Verissimo offerece um exemplar do seu trabalho ultimamente publicado e denominado *A Amazonia*.

O Sr. Henrique Raffard, apresenta as cartas que recebeu do Sr. Sebane, ministro do Perú, communicando achar-se em Buenos-Aires, e do Sr. Teixeira de Mello, participando partir para a Europa, e lê em seguida a proposta do Dr. José Francisco da Silva Lima para socio

(*) Vide pagina 259.

do Instituto, e o parecer da respectiva commissão sobre a admissão do Dr. Guilherme Studart, abaixo transcriptos, ficando este para ser votado na seguinte sessão e indo aquella á commissão de historia:

Propomos para membro correspondente do Instituto Historico o Sr. Dr. José Francisco da Silva Lima, residente na Bahia, servindo de titulo de admissão o seu precioso escripto historico *Documentos e notas ácerca da pestilencia da Bicha* (febre amarella) *que reinou em Pernambuco e Bahia nos annos de 1686 a 1694*, e o seu discurso inaugural como presidente do terceiro *Congresso medico*, celebrado na Bahia em Outubro de 1890.

Cumprindo o disposto no § 1.° do art. 7.° capit. 3.° dos nossos Estatutos declarámos, que o proposto nasceu em Portugal em 15 de Janeiro de 1826, hoje naturalisado cidadão brazileiro por carta imperial.

Doutorou-se em medicina no dia 13 de Dezembro de 1851, na Bahia, e ahi foi medico effectivo do Hospital da Misericordia desde 1864 a 1890; medico interino do Asylo dos Alienados, consultante do Hospital Portuguez; fundador e presidente da Sociedade Medico-pharmaceutica de Beneficencia Mutua; vice-presidente do 2.° Congresso Brazileiro de Medicina e Cirurgia.

Pertence á Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, á Academia de Medicina do Rio e á Sociedade Medica Argentina.

Entregamos os folhetos impressos supra citados. — *José Verissimo.—Henrique Raffard.—T. Alencar Araripe.*

Concordando, pelos fundamentos n'elle expostos, com o parecer dado em 2 do mez findo pela illustrada commissão subsidiaria de historia, a commissão de admissão de socios opina tambem para que seja aceito como socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. Dr. Guilherme Studart, residente no Estado do Ceará. — Sala do Instituto Historico, 6 de Maio de 1892.—*Manoel Francisco Correia.—José Luiz Alves.*

Consultando o commendador José Luiz Alves sobre a publicação da acta e dos discursos com que se commemorou

o fallecimento do ex-imperador, resolve-se após alguma discussão, proceder-se como se fez por occasião da festa de Claudio Manoel da Costa, offerecendo-se o Sr. Henrique Raffard a concorrer, se fôr preciso, com a metade da despeza, e fazendo iguaes offerecimentos os Srs. presidente e commendador José Luiz Alves.

Continuando com a palavra o Sr. Henrique Raffard, apresenta a lista dos socios que se acham em atrazo nos seus pagamentos, e a quem foram enviados officios convidando a saldar suas contas com o Instituto, e bem assim a relação das propostas para socios, ainda não resolvidas.

O Sr. Dr. Cezar Marques, como relator, lê o parecer da commissão de historia sobre os trabalhos do Sr. Dr. Bandeira Junior, cuja proposta e parecer se delibera que sejam addiados.

O mesmo Dr. Cezar Marques protesta contra a retirada que fez o Sr. Capistrano de Abreu de manuscriptos importantes, offerecidos ao Instituto pelo ex-imperador, e requer que lhe sejam quanto antes reclamados.

Em seguida o Sr. conselheiro M. F. Correia, passa a ler o despacho do governo imperial ao enviado extraordinario do Brazil em Berlim, com referencia á communicação do ministro da Allemanha sobre o serviço da colonisação no Brazil, despacho acompanhado de um longo memorandum por elle traçado, quando ministro de estrangeiros, em 11 de Dezembro de 1872, refutando as falsas noticias que a esse respeito se propagaram na Allemanha.

Pedindo de novo a palavra o Dr. Cezar Marques procede á leitura da biographia do Dr. Antonio Correia de Lacerda, e finda esta, nada mais havendo a tratar, levanta-se a sessão ás 8 horas e meia da noite.

Dr. Alfredo Nascimento,
2.º secretario.

6.ª SESSÃO ORDINARIA EM 20 DE MAIO DE 1892

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

Presentes, ás 7 horas da noite, os Srs. conselheiros O. H. de Aquino e Castro, M. F. Corrêa e T. de Alencar Araripe, Henrique Raffard, Dr. Cezar Marques, major J. J. Gomes Netto, commendador Luiz Alves, Barão de Capanema, commendador Rodrigues de Oliveira, e Dr. Alfredo Nascimento, o Sr. presidente abre a sessão, a que deixam de comparecer, por se acharem doentes, conforme communicam, os Srs. Marquez de Paranaguá e Visconde de Beaurepaire Rohan.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1.° secretario Henrique Raffard, dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio: Do Sr. Henrique da Cunha Porto, convidando o Instituto a examinar o busto do Sr. D. Pedro II, que mandou executar conforme as ultimas photographias, e que se acha exposto em sua officina á rua do Lavradio n.° 55 e offerecendo-o, caso o Instituto queira adquiril-o; o que custará 200$000 réis.

OFFERTAS

Pela secretaria do governo do Estado da Bahia, *Estudo sobre a origem historica dos limites entre Sergipe e Bahia*. Pela Associação Rural do Uruguay, a sua revista. Pela Bibliotheca de Marinha e Instituto do Ceará as suas revistas. Pelas sociedades de geographia de Madrid, Lisboa, Anvers e Bordeaux, os seus boletins. Pelo Instituto de Ingenieros, *Anales*, anno III, tomo III, Santiago do Chile 1892. Pela legação do Brazil em Londres *Account of the Great Trigonometrical Survey of India*, vol. XI a XIV. Pelo National Geographic Magazin em Washington os seus boletins. Pelas redacções respectivas: *Jornal do Povo*, *Jornal do Recife*, *Diario*

Popular, Club Curitibano, Le Brésil, Le Nouveau Monde. Pelo consocio Sr. Dr. João Mendes de Almeida, uma photographia em grande formato representando o interior da cathedral de S. Paulo, por occasião de serem celebradas as exequias por alma do ex-Imperador D. Pedro II.

Do Rio Grande e de S. Paulo foram enviadas photographias do catafalco armado nas exequias do ex-Imperador.

O Sr. presidente, em nome do consocio Sr. Conde da Motta Maia, offerece um exemplar do trabalho historico intitulado *D. Pedro II, o Magnanimo*, contendo extractos, telegrammas, etc., impresso em inglez, com o retrato de Sua Magestade.

Achando-se presentes na sala contigua os socios ultimamente eleitos Srs. Dr. Castro Carreira e Julio Meili, o Sr. presidente designa os dois secretarios para receberem os recemchegados que são introduzidos na sala das sessões, onde os sauda o Sr. presidente com uma breve allocução.

Tomando a palavra, respondem os novos socios:

Sr. presidente. O Instituto Historico e Geographico Brazileiro, tomando a resolução, por unanimidade de seus votos, de admittir-me ao seu gremio, como socio effectivo, na sessão de 22 de Abril passado, em virtude do trabalho por mim publicado sob o titulo de—*Historia financeira e orçamentaria do Imperio do Brazil desde sua fundação* — pois me parece foi esta a base do parecer de minha admissão, deu-me a prova da mais subida consideração, julgando-me habilitado a fazer parte desta douta e illustre corporação litteraria, onde figuram e têm figurado os homens mais notaveis deste paiz pelo seu saber, illustração e patriotismo.

Esta distincção já por si bastante lisongeira para satisfazer o meu amor proprio, e tornar sincero o meu reconhecimento e gratidão, toma proporções de mais valor quando se attende, que é ella devida ao apreço e reconhecimento da importancia e utilidade do trabalho por mim feito e publicado, e que perpetuará no paiz

o conhecimento de uma parte da sua historia, cujos documentos dispersados tendem a desapparecer, e para acquisição de alguns já me foi preciso recorrer a procedencia estranha.

Senhores. A *Historia financeira e orçamentaria do Imperio do Brazil* é um trabalho modesto e feito sem pretenções, pouco existe de minha propria lavra, é um collecionado, senão de tudo ao menos do que existe de mais util e necessario para o conhecimento da historia financeira do Brazil, desde que passando do estado colonial se constituiu Imperio.

Poucas serão as nações, Senhores, que possam como o Brazil, apresentar uma historia circumstanciada desde a sua fundação. A parte politica já está escripta, entre outros, pelo nosso illustre consocio o conselheiro João Manoel Pereira da Silva e Dr. Mello Moraes; a parte financeira, senão completa ao menos com os dados necessarios para se ter d'ella perfeito conhecimento, está no trabalho que acaba de merecer a vossa approvação e pelo qual tenho hoje a honra de vos dirigir a palavra desta cadeira, fazendo parte desta illustre instituição.

Folheando-se este trabalho encontra-se na sua introducção documentos do mais subido valor, relativos á nossa independencia, e que foram colhidos na Historia das Côrtes Portuguezas; entrando-se na parte financeira se conhece o estado precario e as serias difficuldades que teve de vencer ao principiar a sua vida de nação independente.

Pelos documentos cuidadosamente colleccion ados se vê a força de vontade e o immenso patriotismo, que presidio aos esforços daquelles, que cegos pelo amor da patria, tudo por ella sacrificavam, visando somente o seu progresso e engrandecimento.

O paiz foi sempre progredindo embora lenta e cautelosamente, mas nunca retrogradou; assim foi que principiando com a receita annual de 3,802:434$000 em 1823, fechou a sua carreira de Nação Monarchica em 1889 com a receita de 150,000:000$000.

Já escrevi no meu trabalho e hoje tenho opportunidade para repetir, a publicação da *Historia financeira e orçamentaria do Imperio do Brazil* na presente situação tem uma dupla vantagem : 1.º demonstra os elementos com que se organisou o Imperio e influiram para sua prosperidade e grandeza, constituindo-se Nação respeitavel quer na sua administração politica, quer financeira ; 2.º apresenta o estado e indica os elementos com que principia a republica na gestão da nova forma de governo imposta a Nação.

Que a prosperidade do paiz seja sempre crescente é esta a aspiração de todo o brasileiro,e que assim aconteça no remanso da paz e da tranquilidade.

A organisação da Republica feita por aquelles que a proclamaram teve um incentivo inteiramente diverso daquelle que influio na construcção do Imperio; o deste foi calmo, moderado e reflectido, tendo sempre em attenção o estado do paiz ; o daquelle foi enthusiasta, arrojado e até prodigo, confiando demais nos elementos que lhe foram prodigalisados; o futuro dirá quem trilhou melhor caminho para chegar a prosperidade da Nação.

Terminando, Senhores, eu ainda uma vez vos agradeço a prova de consideração, que me déstes confiando-me uma cadeira n'esta illustre corporação; lamento que as minhas habilitações não correspondam a vossa espectativa; já me sinto cansado pelos annos e a saude não é boa, no entanto o que estiver nas minhas forças e na orbita das minhas habilitações será dedicado ao serviço do Instituto Historico e Geographico Brasileiro. — *Dr. Liberato de Castro Carreira.*

Exm. Sr. Presidente, Illms. Senhores :— Tive o prazer de receber o officio communicando-me a minha admissão como socio correspondente deste prestigioso Instituto e é com muita satisfação que venho agradecer a estes illustres senhores a honra que me fizeram admittindo-me no seu gremio. Apreciando altamente esta distincção considerarei-a tambem como estimulo para completar os meus modestos trabalhos numismaticos sobre o Brazil, acompanhando-os então de uma parte descriptiva e historica.

Tendo de retirar-me proximamente para a Europa (Zurich-Suissa) aproveito a occasião opportuna de hoje para offerecer ao Instituto os objectos seguintes:

Uma carta geographica do littoral do Brazil desenhada em Amsterdam. Este mappa veio-me ás mãos com a indicação de ter sido feito no anno de 1650. Não tenho motivo nenhum para duvidar da exactidão desta data, comtudo não posso garanti-la; se fôr exacta quererá isto dizer que data do fim do periodo dos Hollandezes no Brazil.

As 25 medalhas de diversos metaes, constantes da lista junta, todas referentes ao Brazil e que, a julgar pelo catalogo publicado no volume n. 49 da *Revista*, não são ainda representadas no medalheiro do Instituto.

Copias, impressas em folha, de duas medalhas a respeito das quaes peço licença para adduzir algumas palavras, visto n'ellas figurarem os Brazões de duas provincias, assumpto interessante que já por vezes foi tratado na *Revista*.

Uma destas copias é a de uma medalha que vi na collecção de S. M. El Rey de Portugal. Um exemplar igual figurou sob o n. 16,507 na Exposição de Historia do Brazil que teve lugar na Bibliotheca Nacional em 1881, como vem citado á pag. 293 tomo n. 54 da *Revista*.

Esta medalha apresenta as armas da cidade de Cuyabá, differenciando-se porém principalmente do desenho das mesmas armas que occorre na pag. 112 do suplemento do tomo n. 51 da *Revista* pelo accrescimo da arvore coberta de folhas e fructos.

A medalha commemora os acontecimentos de 20 de Agosto de 1821, dando vivas a Junta governativa Provisoria de Cuyabá. Nas obras historicas que estavam ao meu alcance nada encontrei que me esclarecesse a respeito dos taes acontecimentos, sou porém informado que a narração dos factos alludidos acha-se nos documentos que estão guardados no Archivo Publico, e que a medalha se refere á deposição pelo Clero, Nobreza, Povo e Tropas do Governador e Capitão General Francisco de Paula Magessi Tavares de Carvalho e á nomeação de uma Junta

Governativa composta do Bispo de Ptolomaida como presidente e mais oito membros.

A outra cópia é a de uma medalha que se acha na minha collecção e é premio da exposição provincial da Bahia no anno de 1872. Parece que quem desenhou e gravou as armas que figuram no centro da medalha, isto é, uma pomba com um ramo de oliveira no bico (veja-se pag. 289 tomo n. 54 da *Revista*), não foi grande artista, entretanto, como este trabalho foi provavelmente feito na Bahia mesmo, elle póde servir de comparação. A posição da pomba differe inteiramente da que se vê na medalha commemorativa da Restauração da Irmandade de São Francisco Xavier, na Bahia em 1855, por occasião da epidemia de cholera-morbus. Esta ultima medalha com a effigie do Padroeiro da Bahia está incluida no numero das que offereço ao Instituto; não traz o nome do gravador e não sei dizer onde foi mandada cunhar, entretanto vê-se que o respectivo trabalho está bem feito. Exemplar igual figurou na Exposição de Historia do Brazil sob o n. 16,563.

Meus Senhores, retirando-me para a Europa me será especialmente agradavel em poder lá ser util ao Instituto, entretanto tenho muito prazer em assistir á sessão de hoje e faço votos para o constante engrandecimento da importancia desta sociedade, cujos trabalhos scientificos são altamente considerados tanto no novo, como no velho mundo.—Rio de Janeiro, 20 de Maio de 1892.—*Julio Meili*.

Lista dos objectos offerecidos ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro por Julio Meili

Um mappa do littoral do Brazil, desenhado em Amsterdam, anno cerca 1650.

25 Medalhas:

Cobre,	René du Guay, Trouin (Galerie metallique des grands hommes français. 1819).....	ns.
»	José Bonifacio de Andrada e Silva. Independencia do Brazil, 7 de Setembro de 1822	— 4

Cobre, O Principe de Joinville desembarcando no Rio de Janeiro, 5 Janeiro, 1838..... 14
» D. Affonso Principe Imperial, nasceo a 23 de Fevereiro de 1845, falleceu a 11 de Junho de 1847..... 26
» Visita de S. M. o Imperador D. Pedro II, S. A. Imperial e seu augusto Esposo á casa da Moeda, 17 Dezembro de 1864.... 31
» Chegada de S. M. D. Pedro II á côrte 1865 32
Prata, Visita de S. M. I. D. Pedro II á Cidade do Porto, 1° de Março de 1872..... 44
Cobre, Redempção do Ceará, 25 de Março de 1884. 51
» Prova cunhada na Exposição Internacional de Philadelphia 1876..... 59
» Inauguração da Exposição Nacional no Rio de Janeiro 2 de Dezembro 1861..... 60
» Premio na segunda Exposição Nacional 1866..... 62
Prata, Começo do asylo para as orphãs dos honrados servidores do Estado, 7 de Setembro de 1842..... 96
Chumbo, Rendição de Uruguayana, 18 de Setembro de 1865..... 113
Cobre, Combate naval do Riachuelo, 11 de Junho de 1865..... 125
» Aos da Passagem do Humaitá, 19 de Fevereiro de 1868..... 127
Bronze, Condecoração da Guerra do Paraguay, 6 de Agosto de 1870..... 129
Metal dourado, ao Exm. Sr. Senador Paulino José Soares de Souza, 12 de Agosto de 1857.. 154
Cobre, Fundação da Sociedade Estatistica no Rio de Janeiro em 22 de Março de 1855..... 155
Chumbo, Inauguração da Sociedade Propagadora das Bellas Artes em 20 de Janeiro de 1857..... 170
Cobre, Monumento João Caetano, fallecido a 24 de Agosto de 1863. Gratidão do Vasques.... 191
» (2) Exposição Nacional de 1875. Progresso (Modelo pequeno) e outra ao merito..... —

Cobre, Colonia Orphanologica «Isabel» em Pernambuco fundada em 1883.— Premio Lucena. —
» Redempção do Imperio do Brazil, 13 de Maio de 1888, da Sociedade Abolicionista Cearense no Rio de Janeiro..... —
Metal prateado, Restauração da Irmandade de S. Francisco Xavier na Bahia em 1855, Catalogo da Exposição..... 16563

Duas cópias impressas em folhas

Aos acontecimentos de 20 de Agosto de 1821.—Deposição do então governador do Cuyabá. Premio da Exposição na Bahia de 1872.

Rio de Janeiro, em Maio de 1892.

Dada a palavra ao orador do Instituto, Sr. Commendador Luiz Alves, este, por sua vez, se congratula com o mesmo Instituto pela admissão de tão distinctos e prestantes consocios, a um dos quaes deve o Instituto a acquisição dos importantes objectos acima mencionados.

Pedindo a palavra o Sr. conselheiro M. F. Correia, sauda tambem em breve discurso o Sr. Castro Carreira.

Terminada assim a recepção dos novos socios, o Dr. Cezar Marques mais uma vez requer que se exija do Sr. Capistrano de Abreu a restituição dos manuscriptos do Instituto que tem em seu poder, e depois passa a ler os seguintes pareceres da commissão de historia sobre as propostas do Dr. Silva Lima, e dos Srs. Lafayette e Octaviano de Toledo:

A commissão de historia, recebendo a proposta, que do Sr. Dr. José Francisco da Silva Lima foi feita na ultima sessão para socio correspondente, visto elle residir na capital do Estado da Bahia, vem submetter á vossa approvação o seguinte parecer:

A unica noticia que havia de uma cruel epidemia, que com o nome de *Bicha* surgio no Recife em 1686, estendeu-se pelos sertões, e assolou cruelmente a Bahia, foi a que nos deu Sebastião da Rocha Pita na sua importante *Historia da America Portugueza*, impressa em 1730.

Suspeita-se, e com bons fundamentos, que elle a colheu de uma *Memoria* que a tal respeito em Lisboa o Dr. João Ferreira da Rosa escreveu e publicou in 4.°, no anno de 1694, sob o titulo *Tratado unico da constituição pestilencial de Pernambuco.*

Este livro é rarissimo, e julga-se que no mundo ha apenas dois exemplares.

Se este já é rarissimo, o que não seria outro documento, anterior tres annos em data, mui curioso e interessante?

Foi desconhecido e inedito até este anno, quando o Sr. Dr. Silva Lima deu á luz na sua *Pathologia historica Brazileira* os 11 documentos e notas ácerca da pestilencia da *Bicha* (febre amarella) que reinou em Pernambuco e na Bahia nos annos de 1696 e 1694.

São estes documentos um *Summario* presidido pelo corregedor do civel, em que juraram Manoel Pimenta, capitão e mestre da charrúa *Sacramentos e Almas*, o cirurgião Antonio Brebon, o padre Manoel de Vasconcellos, Felippe de Rosa Pinto, Piloto, Alexandre Manoel, escrivão, e Manoel da Silva, mancebo ou moço da camara, todos do mesmo navio.

Chegou a charrúa á Lisboa, e narrando os negros feitos de tão cruel epidemia, foi geral o susto.

O *Summario* foi ordenado por El-Rei D. Pedro II, e presidido, como já dissemos, pelo corregedor do civel o Dr. João Pereira do Valle, em 26 de Outubro de 1691.

Existe no Archivo Publico da Bahia sob a guarda e intelligente direcção do Sr. Dr. Francisco Vicente Vianna.

Foi este *Summario*, que o Sr. Dr. Silva Lima publicou, e com tão preciosos documentos elle nos bate á porta pedindo um logar entre nós.

Seja bem vindo, pois nos parece ser digno de o recebermos com os braços abertos, visto lhe sobrarem talento, illustração, amor ao trabalho e coragem para affrontar a inveja daquelles que, nada trabalhando, não pódem levar a bem que outros, como nós, só por amor da patria, se entreguem a estas lides, ás vezes bem penosas.

Sala das sessões do Instituto Historico na noite de 20 de Maio de 1892.—*Dr. Cezar Augusto Marques,*

relator.—*Dr. Alfredo Nascimento.*—*Joaquim José Gomes da Silva Netto.*

A' commissão de historia foram presentes duas memorias originaes que, como titulos de admissão apresenta ao Instituto o Sr. Lafayette de Toledo, operoso litterato, residente na cidade da Casa Branca, em São Paulo, intituladas: —*Monographia da Casa Branca* e *Os Poetas Mineiros*. São dous bons e conscienciosos trabalhos que permittem avaliar das aptidões do seu autor e são promessas de que será um prestimoso auxiliar nos labores do Instituto.

A *Monographia da Casa Branca*, é em tres pequenos volumes in folio, dos quaes os dous primeiros encerram sómente documentos extrahidos dos archivos da respectiva camara municipal e das audiencias do juizo de paz, alguns bem interessantes e dignos de ser conhecidos: o terceiro é um pequeno diccionario historico-geographico daquelle municipio, e que póde muito bem occupar logar na *Revista trimensal*.

Os Poetas Mineiros, noticia historica, litteraria, critica e biographica dos poetas de Minas Geraes, são em dois volumes, o primeiro tratando d' *Os mortos*, e o outro d' *Os vivos*, em pequenos estudos, alguns inteiramente novos e os primeiros que apparecem sobre a vida, talento e cultura intellectual dos biographados, e que bem revelam a penna educada que biographou *Os Santistas* illustres.

A' Monographia da Casa Branca ainda pertence um pequeno apanhado biographico de um prestimoso capuchinho, Frei Eugenio de Genova, que reaes e bons serviços prestou á cidade de Uberaba. Todos esses trabalhos são dignos de figurar na *Revista Trimensal*; e por tanto a Commissão julga-os titulos bastantes para darem ingresso no Instituto, como socio correspondente, ao Sr Lafayette de Toledo. Sala das Sessões em 20 de Maio de 1892. *Severiano da Fonseca*, relator.—*Dr. Cezar A. Marques.*

E' um pequeno trabalho, mas criterioso e que revela ter sido tratado com cuidado e interesse, a *Memoria* do Sr. Octaviano de Toledo, por elle intitulada *Municipio do Araxá*; o que bem se accentúa quando elle trata da

Instrucção Publica e da população da cidade e do municipio. Quem assim se apresenta, ainda que modestamente, indica disposição e gosto para commettimentos maiores e melhores, em assumptos desse genero; e é nossa convicção que muito fazemos pelo Brazil, animando e acoroçoando tão patrioticos estudos. Ainda a esse trabalho vêm annexas, e de certo modo enriquecendo-o, notas colhidas das obras dos Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan, Couto de Magalhães, Moreira Pinto e de Milliet de Saint Adolphe, pelo Sr. Lafayete de Toledo, que parece tambem prezar o mesmo genero de estudos do Sr. Octaviano.

E' pois de parecer a commissão que o Instituto admitta o Sr. Octaviano de Toledo, como seu socio correspondente tomando para titulo d'essa admissão a memoria *Municipio do Araxá*, por esse senhor apresentada.

Sala das sessões do Instituto Historico, em 20 de Maio de 1892. - *João Severiano da Fonseca*, Relator.— *Dr. Cezar Augusto Marques.*

Approvados os pareceres, vão á commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. commendador Luiz Alves para os dois ultimos e o Sr. conselheiro Correia para o primeiro.

O Sr. conselheiro Alencar Araripe pede para que lhe seja reservado na sessão seguinte o tempo necessario para ler ao Instituto um trabalho do major Codeceira, o que lhe é concedido.

O Sr. presidente communica que de Petropolis lhe escrevera o Dr. Maximiano Marques de Carvalho, declarando que deixara de pagar ao Instituto as suas annuidades por julgar-se d'isto isento, visto ter sido nomeado socio honorario; e replicando a isso o Sr. thezoureiro conselheiro Alencar Araripe, que o seu debito é referente á epoca anterior, em que ainda era socio effectivo, o Sr. presidente se encarrega de n'esse sentido responder ao mesmo Dr. Marques de Carvalho.

Consultado pelo Sr. conselheiro Correia, sobre as medalhas destinadas aos socios benemeritos, o Sr. thezoureiro declara que estão sendo cunhadas na casa da Moeda.

Correndo o escrutinio é unanimemente aceito como socio correspondente do Instituto, o Dr. Guilherme Studart, e em seguida obtendo a palavra o Sr. commendador Luiz Alves, procede á leitura da biographia do 3° Visconde de Caravellas, senador Carlos Carneiro de Campos, finda a qual levanta-se a sessão ás 9 horas da noite.

Dr. Alfredo Nascimento,
2° secretario.

7ª SESSÃO ORDINARIA EM 3 DE JUNHO DE 1892

Presidencia do Sr. conselheiro O. H. de Aquino e Castro

Presentes, ás 7 horas da noite, os Srs. conselheiros **O. H. de Aquino e** Castro, M. F. Correia, Alencar Araripe e **Epiphanio Pitanga**, Barão de Alencar, Henrique Raffard, **Dr. Cesar Marques**, major Gomes Netto, commendador **J. Luiz Alves e** Dr. Alfredo Nascimento, o Sr. presidente abre a sessão, recebendo-se communicação de faltarem por doentes os Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan e commendador Gomes Brandão.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o 1° secretario Sr. Henrique Raffard dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Do 1° secretario do Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros, communicando a eleição da sua directoria, enviando a collecção de sua *Revista* e pedindo a do Instituto; do Sr. Barão de Alencar accusando o recebimento do officio sobre sua nomeação para representar o Instituto em Madrid, por occasião das festas da commemoração do 4° centenario de Christovão Colombo e communicando sentir não poder satisfazer a commissão por ter sido retirado do cargo que alli estava exercendo.

OFFERTAS

Por intermedio da Bibliotheca Nacional: *Memoires de la Société Nationale des Sciences Naturelles et Mathematiques de Cherbourg*, tomo XXVI; *Repertoire des Travaux de la Société de Statistique de Marséille*, tome quarentieme e douziéme; *Memoires de l'Academie des Sciences de Lettres et des Arts d'Anvers*, tome XXXIII a XXXVI; *Memoires de L'Academie de Stanisláo*, tomeVI, VII e VIII; *Bulletin de la Société Linnéerme du Nord de La France*, tome X, 1890—1891, ns. 211 a 222 Amiens; *Société Normande Rouen de Geographie Bulletin* de Novembre—Decembre de 1888 e os annos de 1889, 1890 e 1° semestre de 1891; *Memoires de La Société Academie Indo-Chinoise de France*, tome 1° annos de 1877—1878, Paris 1879. Pelas Sociedades de Geographia de New-York, de Australazia, e de Italia, *Boletins*. Pela Real Academia dei Lincei em Roma, *Rendiconti*. Pela Sociedade de Ethnographia de Paris, The National Geographie Magazin do Washington, Real Academia de Historia de Medicina e Correio Geral da Capital Federal, *Boletins*. Pela Associação Rural del Uruguay de Montevidéo, *Revista*. Pela Imprensa Nacional, *Collecção das Leis do Brazil*, de 1808 a 1815. Pela Sociedade de Geographia de Paris, *Comptes rendus*. Pela Universidad Central del Educador em Quito, *Anales*. Pelas redacções: *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Jornal do Povo*, *O Combate*, *Club Curitibano*, *Le Nouveau Monde*. Por intermedio do 1° secretario offerece o seu filho Sr. Fernando Raffard uma medalha commemorativa do regresso do imperador D. Pedro II em 1886, e o Sr. José Agostinho de Araujo Braga, outra medalha commemorativa da visita das princezas á Casa da Moeda em 1856.

Ao officio do secretario do Instituto da Ordem dos Advogados, pedindo a collecção de revistas, manda-se responder que sejam indicados os numeros que faltam, visto já se lhe ter mandado muitos.

Para substituir o Sr. Barão de Alencar que declara não poder representar o Instituto em Madrid, são

designados o Sr. conselheiro Pereira da Silva, Visconde de Ourem e Barão do Rio Branco.

Continuando com a palavra o Sr. 1° secretario informa haver officiado ao Sr. Capistrano de Abreu requisitando a entrega dos manuscriptos que retirára da bibliotheca e que a restituição já começou a ser feita.

Em seguida o mesmo Sr. secretario procede á leitura dos seguintes pareceres da commissão de admissão de socios referentes ás propostas do Dr. Silva Lima e dos Srs. Lafayette e Octaviano de Toledo, e da commissão subsidiaria de historia, relativa ao trabalho do Sr. Luiz R. Cavalcanti de Albuquerque; este vai á commissão de geographia e aquelles ficam sobre a meza para serem votados na seguinte sessão.

A commissão de admissão de socios, em vista dos meritos do candidato Dr. José Francisco da Silva Lima, e do parecer da commissão de historia, julga o candidato nas condições de ser admittido ao gremio do Instituto na fórma proposta, como socio correspondente. Sala das Sessões, 20 de Maio de 1892. *Manoel Francisco Correia*, relator.—*José Luiz Alves.*

A commissão de admissão de socios em vista dos bem elaborados pareceres da commissão de historia, que poem em relevo os meritos dos candidatos, Srs. Lafayette e Octaviano de Toledo, julga que os illustrados autores da *Monographia da Caza Branca* e do manuscripto do *Araxá* estão nas condições de pertencerem a esta illustre Associação na qualidade de socios correspondentes.

Rio, 20 de Maio de 1892.—*José Luiz Alves.*—*Manoel Francisco Correia.*

Foi proposto para membro correspondente deste Instituto o Sr. Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque, cidadão brazileiro, residente no Estado do Pará, inspector da alfandega de Manáos, e autor de uma *Memoria* sobre o commercio e navegação da Amazonia e paizes limitrophes, producção e rendas do mesmo Estado, comprehendendo a reforma dos tratados internacionaes e a reducção das tarifas.

Esta obra de 46 paginas, publicada no Pará no anno de 1891, na typographia de Francisco da Costa Junior, patenteia os estudos economico—financeiros do seu autor, que occupou-se vantajosamente da navegação e do commercio de transito; mas em vista dos Estatutos desta Sociedade, ella não dá direito a um diploma de socio de qualquer categoria do Instituto.

Todavia, como á supradita *Memoria* está junto um mappa bem exacto da região superior do Amazonas, se os abaixo assignados membros da commissão subsidiaria de Historia o fossem da de Geographia, não hesitariam em pronunciar-se a favor da proposta, visto que esta carta topographica é interessante e o trabalho do autor da *Memoria* revela o exercicio das faculdades analyticas, do gosto e da dedicação ao estudo dos meios de progresso do nosso paiz.

Capital Federal, em 29 de Dezembro de 1891. *Joaquim José Gomes da Silva Netto.—Henrique Raffard.—Dr. Alfredo Nascimento.*

O Sr. conselheiro Araripe declara, conforme lhe fôra perguntado na sessão anterior, que as medalhas para os socios benemeritos deverão estar promptas até ao fim deste mez, segundo declaração do director da Casa da Moeda, e consultando qual o numero de exemplares que deve mandar cunhar, bem como o metal de que devem ser feitas, ficou resolvido que serão executadas em prata e em numero de 100.

Consultando o Sr. presidente se o poema de Porto Alegre que está sendo impresso deve formar um ou dois volumes, o Instituto resolve que seja tirado em um só, no qual deverá ir o retrato do autor, ficando destinado o retrato de Colombo para ser annexado ao trabalho do Dr. Alfredo Nascimento e do commendador J. Luiz Alves, publicado em volume separado por occasião do centenario.

O Sr. presidente apresenta o seguinte programma para a sessão commemorativa que tem de ser celebrada em honra de Colombo, e propõe que fique sobre a mesa para ser examinado.

PROGRAMMA

A sessão extraordinaria do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, especialmente consagrada á commemoração do 4° centenario do descobrimento da America, será celebrada no dia 12 de Outubro do corrente anno, na sala das sessões ordinarias á hora do costume, com assistencia dos socios benemeritos, honorarios, effectivos e correspondentes, e das pessoas que forem convidadas pela mesa ou pelos mesmos socios.

Aberta a sessão com uma breve allocução do presidente, seguir-se-ha a leitura:

De um estudo sobre Christovão Colombo, pelo socio Dr. Alfredo Nascimento.

Dos trabalhos em prosa ou em verso apresentados pelos socios, que para esse fim se houverem inscripto.

Do elogio historico de Colombo, pelo orador do Instituto.

Os trabalhos apresentados, lidos ou não, serão, bem como o estudo e o elogio historico, impressos e publicados em acta especial na *Revista* deste anno e no lugar competente.

A sessão será publica; sem pompa e antes com a maior simplicidade.

Pelos socios presentes serão distribuidos exemplares das obras que o Instituto mandou publicar, em commemoração do facto celebrado, a saber:

Conferencias sobre Christovão Colombo, pelo consocio conselheiro João Manoel Pereira da Silva.

Poema *Colombo*, do finado consocio, Manoel de Araujo Porto Alegre, Barão de Santo Angelo.

Rio, 3 de Junho de 1892.—*O. H. d'Aquino e Castro.*

Pedindo a palavra o Sr. Dr. Cezar Marques, propõe que sendo esta a primeira vez que o Instituto se reune depois da catastrophe que submergio o encouraçado *Solimões*, faça-se consignar na acta um voto do mais profundo pezar por tão lamentavel perda.—Assim é resolvido.

ORDEM DO DIA

Conforme pedira na sessão anterior, o Sr. conselheiro Araripe obtem a palavra para ler n'um jornal do Recife

os artigos do major Codeceira, tendentes a demonstrar a prioridade de Pernambuco no movimento das idéas republicanas e da emancipação politica do Brazil.

Em seguida o Sr. conselheiro Correia lê os documentos relativos á uma questão diplomatica entre o Brazil e a Noruega, resolvida por arbitramento do governo portuguez, durante a sua gestão como ministro de estrangeiros em 1872.

Finda essa leitura levanta-se a sessão ás 8 e meia horas da noite.

Dr. Alfredo Nascimento,
2.° secretario.

8ª SESSÃO ORDINARIA EM 17 DE JUNHO DE 1892

Prezidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

O Sr. prezidente abre a sessão ás 7 horas da noite, achando-se prezentes os Srs. conselheiro Manoel Francisco Correia, Henrique Raffard, conselheiro Alencar Araripe, major Silva Neto, commendador Jozé Luiz Alves, commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, Dr. Cesar Marques, Barão de Alencar e Dr. Alfredo Nascimento, tendo faltado por doentes, conforme communicaram, os Srs. Visconde de Beaurepaire Rohan, Marquez de Paranaguá, commendador Gomes Brandão e Dr. Castro Carreira.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1° secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios : Do socio Luiz da França Almeida e Sá communicando ter enviado ao thesoureiro d'este Instituto pelo correio a quantia correspondente ás suas mensalidades. Do Sr. Arthur Candal participando ter assumido o cargo de director da estatistica do Rio-Grande do Sul em 12 do mez proximo passado. Do Sr. March Giacomo Doria, prezidente do Congresso Geographico Italiano em Genova, convidando o Instituto para se fazer representar

por occazião da commemoração da festa do IV centenario do descobrimento da America por Christovão Colombo. Do socio Dr. Castro Carreira participando que por incommodos de saude não póde comparecer á sessão. Do socio Julius Meili participando a sua retirada para a Europa, onde offerece seus prestimos. Do consul geral do Brazil em Genova em nome da Sociedade Geographica de Roma para que se nomeie representante no Congresso Geographico a realizar-se em commemoração do IV centenario da descoberta da America.

OFFERTAS

Pelo Sr. Henrique Raffard, *Christovão Colombo*; o Instituto Geographico Argentino e Instituto Historico e Geographico Brazileiro, *Opinião da Imprensa Fluminense*. Publicação da memoria offerecida pelo Sr. conselheiro Correia, sobre S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II. Noticias sobre Tiradentes. *El departamento fluvial de Loreto*. Pelo Sr. Vivien de Saint-Martin, *Nouveau Dictionnaire de Geographie Universelle*. Pelo autor o Sr. José Maria do Carmo Nazareth, *Numismatica da India Portugueza*. Pela Secretaria dos Negocios da Justiça do Estado de São Paulo, *Relatorio*, apresentado ao Dr. vice-presidente do referido Estado. Pelo Ministerio de Relaciones Exteriores de la Republica Argentina, *Reciprocidad Comercial, Negociaciones entre los Estados Unidos y la Republica Argentina*. Pelo autor o Sr. Gabriel Prestes, *Reforma do Ensino Publico*. Pelas Sociedades de Geographia de Lima, Commercial de Bordeaux, de Berlim, e Directoria Geral dos Correios, os seus *Boletins*. Pela Bibliotheca de Marinha e Redacção de *El Monitor de la Educacion Comun*, as suas *Revistas*. Pela Real Academia dei Lincei, *Atti*. Pela Redacção da Hygiene Publica e Medicina Legal de Buenos-Aires, os seus *Anales*. Pelo socio Sr. Lafayette de Toledo, *Gazeta de Uberaba* dos dias 20 de Novembro de 1891 e 26 de Abril do mesmo anno, de Araxá; Homenagem ao tribuno Lopes Trovão; *Marcha*; *Diario da Manhan*, Santos, 15 de Novembro de 1891; Resposta do Dr. Lopes Trovão

á Mensagem do Centro Republicano Lopes Trovão; Manifesto do Prezidente da Republica aos Brazileiros; *O Golpe d'Estado*; *A manhan*; Acta da adhesão ao movimento que proclamou na cidade do Rio de Janeiro o Governo Provizorio Republicano, constituido a 15 de Novembro de 1889. Pelas respectivas redacções: *Diario da Bahia*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Club Curitibano*, *Bem Publico*, *Nouveau Monde e Brésil*. Pelo socio Dr. Guilherme Studart, *O Ceará no tempo de Miranda Henriques*. Pelo Sr. 3° vice-prezidente conselheiro Correia, Actas das sessões da Assembléa Geral e Directoria e Conselho da Associação Promotora da Instrucção; *Memoire* du conseiller M. F. Correia sobre o trabalho de Ed. Pressensé *Les Origines*, com annotações de S. M. o Imperador.

O Sr. 1° secretario aprezenta os recibos da quantia de 25$000, por elle paga aos empregados extraordinarios do Instituto, por terem iniciado os respectivos trabalhos nos ultimos dias do mez de Abril, e cuja importancia cede em beneficio dos cofres sociaes. O Sr. prezidente apresenta um officio do inspector geral da Alfandega do Rio de Janeiro, communicando ter sido ahi encontrada uma caixa com livros, vinda de Liverpool em Agosto de 1890, com destino ao Instituto, declarando então o Sr. 1° secretario já haver providenciado para que ella lhe seja entregue. O Sr.Dr. Cezar Marques, mais uma vez requer, que se exija do Sr. Capistrano de Abreu a entrega dos manuscriptos do Instituto, que tem em seu poder, sendo esse requerimento approvado com o additamento proposto pelo Sr. conselheiro Correia, de n'este sentido officiar-se não só a elle, mas tambem a todos que se acharem nas mesmas condições. O mesmo consocio Dr. Cezar Marques requer tambem, que o Instituto passe a celebrar as suas sessões nos domingos depois do meio-dia; e como qualquer resolução a tal respeito não é da competencia da meza, vai o seu requerimento a commissão de estatutos.

Pedindo a palavra em seguida o Sr. conselheiro Alencar Araripe, propoz que se mande imprimir o catalogo da bibliotheca do Instituto, organizado pelo

Dr. Castro Lopes, e depois de alguma discussão sobre a conveniencia d'essa impressão, visto não se achar terminado o trabalho, resolveu-se no sentido da proposta, ficando ao cuidado do proponente a referida impressão.

Correu depois o escrutinio, e foram unanimemente acclamados socios correspondentes do Instituto Historico os Drs. Jozé Francisco da Silva Lima, Lafayette de Toledo e Octaviano de Toledo, a respeito de cujas propostas foram lidos os respectivos pareceres.

Por proposta do Sr. prezidente, o Instituto resolve pedir novamente ao Congresso Nacional o restabelecimentoda verba, que anteriormente lhe foi votada e na lei do orçamento ultimo diminuida, sendo a reprezentação subscripta por todos os membros da meza do Instituto.

Findo o expediente, o Sr. commendador Jozé Luiz Alves procedeu á leitura das biographias dos conselheiros Jozé Martins da Cruz Jobim e Antonio Rodrigues Fernandes Braga, e levantou-se a sessão ás 8 horas da noite.

Dr. Alfredo Nascimento,
2º secretario.

9ª SESSÃO ORDINARIA EM 1 DE JULHO DE 1892

Prezidencia do Sr. Conselheiro Manoel Francisco Correia

A's 7 horas da noite, recebida a communicação de não poder comparecer ao Instituto o Sr. conselheiro O. H. de Aquino e Castro por incommodo de saude, o Sr. vice-prezidente conselheiro Manoel F. Correia assume a prezidencia, e abre a sessão, achando-se prezentes os Srs. Henrique Raffard, commendador Jozé Luiz Alves, commendador Luiz Rodrigues d'Oliveira, commendador Antonio Jozé Gomes Brandão, Dr. Cezar Marques e Dr. Alfredo do Nascimento Silva. Lida e approvada a acta da sessão antecedente, o Sr. 1º secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Do socio Guilherme A. Seoane offerecendo á bibliotheca do Instituto as seguintes obras: *Diccionario de la Legislacion Peruana*, por Garcia Calderon,

3 tomos; *El Derecho* (diario Judicial), 2 ditos; *Leyes y resoluciones sobre instruccion*, 1 dito; *Derecho civil*, por Pacheco, 3 ditos; *Petrolin en Perú*, 1 tomo; *Obras literarias de Rossel*, 2 ditos; *Coleccion de los tratados del Perú*, 2 ditos; Da viscondessa de Porto Seguro, declarando ter tido noticia de que o Instituto dezejava ficar com a bibliotheca que pertenceu a seu finado espozo e que n'este cazo lhe dará a preferencia, estando a dita bibliotheca avaliada pelo minimo em cincoenta mil pesos ouro. Do socio Dr. Guilherme Studart accuzando o recebimento da communicação de ter sido proclamado socio correspondente do Instituto e offerecendo os seus prestimos no Estado do Ceará. Do Sr. Visconde de Cabo Frio, enviando de ordem do Sr. Ministro do Exterior um officio do prezidente da Sociedade de Geographia em Roma remettido ao Instituto por intermedio da Legação Italiana.

OFFERTAS

Pela Secretaria do Governo do Estado da Bahia. Mensagem e relatorio aprezentados a Assembléa Geral Legislativa pelo chefe de divizão Joaquim Leal Ferreira. Pela Directoria do Centro Commercial do Porto Relatorio do anno 1891. Pela Officina Central de Estatistica de Santiago de Chile *Sinopsis*. Pela Faculdade de Direito do Recife *Revista Academica*. Pela Redacção *El Monitor de la Educacion Comun*. Pela Sociedade Cientifica Antonio Alzate *Revista*. Pela Sociedade de Geographia de Tours *Revistas* ns. 4 e 5 do 9° anno. Pela Sociedade dos Naturalistas de Moscou e Real Academia de Historia de Madrid *Boletins*. Pela Real Academia dei Lincei, em Roma, *Rendiconto*. Pelas redacções: *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Club Curitibano*, *Bem Publico*, *Cristobal Colon*, *Prensa* e *Brézil*.

O Sr. Henrique Raffard aprezenta depois do expediente uma proposta para que a sala das sessões do Instituto seja denominada D. Pedro II; o que foi unanimemente approvado.

Aprezentada e lida a proposta para socios honorarios dos Srs. D. Francisco Garcia Calderon, D. Ricardo

Rossel e D. Miguel Antonio de La Lama, vai ella remettida á respectiva commissão de admissão de socios para interpor parecer, sendo a proposta do teor seguinte: Propomos para socios honorarios do Instituto Historico e Geographico Brazileiro os cidadãos peruanos Srs. Dr. D. Francisco Garcia Calderon, senador e ex-prezidente da Republica do Perú, D. Ricardo Rossel, deputado e prezidente do Atheneu de Lima e Dr. D. Miguel A. de La Lama, notavel jurisconsulto, attendendo-se não só a alta posição social dos candidatos como aos seus reconhecidos meritos literarios. Sala das sessões, 1 de Julho de 1892. *Manoel Francisco Correia.—Henrique Raffard. — Dr. Alfredo Nascimento. — Jozé Luiz Alves.*

Em seguida o Dr. Cezar Marques lê umã arrazoada proposta para que o Instituto Historico resolva fazer-se o centro impulsor da idéia de inaugurar-se entre nós uma expozição universal em 1900, commemorativa do quarto centenario da descoberta do Brazil. Objectando o Dr. Alfredo Nascimento, que essa idéia fôra primitivamente por elle suggerida á redacção do *Paiz*, que lhe dera publicidade em artigos especiaes a 17 e a 27 de Junho proximo passado, o Dr. Cezar Marques pondera, que por isso escrevera em sua proposta que o Instituto fosse o primeiro a levantar ou *afagar* esta ideia, e a *dar vigor* a este pensamento. A' vista da discussão o Sr. prezidente nomeou uma commissão para dar parecer sobre a proposta, sendo relator o mesmo Dr. Alfredo Nascimento e constituindo-a mais os Srs. Dr. Cezar Marques, commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, commendador Gomes Brandão e commendador Jozé Luiz Alves.

Obtendo depois a palavra o commendador Jozé Luiz Alves continúa na leitura das biographias dos senadores do Imperio, e lê as do padre Francisco de Brito Guerra, e Dr. Firmino Rodrigues Silva. Nada mais havendo a tratar, levanta-se a sessão ás 8 1/4 da noite.

Dr. Alfredo Nascimento,
2º secretario

10ª SESSÃO ORDINARIA EM 15 DE JULHO DE 1892

Prezidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

O Sr. prezidente abre a sessão ás 7 horas da noite, achando-se prezentes os Srs. conselheiro Manoel Francisco Correia, Marquez de Paranaguá, Barão de Alencar, conselheiro Alencar Araripe, Henrique Raffard, commendador Jozé Luiz Alves, commendador Rodrigues de Oliveira e Dr. Alfredo Nascimento, deixando de comparecer por doente o Dr. Cezar Marques.

Lida e emendada a acta da sessão anterior, o Sr. 1° secretario Henrique Raffard, dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Do Sr. Fernando Lobo, ministro de instrucção publica, correios e telegraphos transmittindo o officio que lhe foi dirigido pelo director da Escola da Pharmacia de Ouro Preto, em que pede a remessa para a escola de uma collecção completa das publicações do Instituto. Do Sr. Visconde de Cabo Frio, director geral da secretaria do ministerio das relações exteriores communicando ter enviado aos seus destinatarios as cartas dirigidas pelo Instituto aos Srs. Marques Giacomo Doria, Barão de Teffé e João Antonio Rodrigues Martins relativas ao Congresso Geographico, que se effectuará em Genova. Do socio Dr. Rezendo Muniz Barreto, communicando que tendo-se recolhido á vida particular e sem a minima aspiração a gloria posthuma, é o primeiro a reconhecer, que, por sua falta de comparecimento (quazi um decennio) indicio de tacita renuncia ou de insanavel desidia deve ser eliminado do Instituto; do Sr. Dr. Manoel Alvaro de Souza Sá Vianna, 1° secretario do Instituto da Ordem dos Advogados Brazileiros, declarando não possuir em sua bibliotheca a *Revista do Instituto* e pedindo para que seja enviada á rua da Quitanda n. 34, sobrado, o que resolveo-se satisfazer. Do socio Dr. Maximiano Marques de Carvalho, uma carta mostrando a inexequibilidade da proposta Expozição para 1900.

OFFERTAS

Pelo socio Jozé Verissimo, *A Instrucção Publica do Pará em* 1890. Pela commissão de Estatistica da villa capital de Praga *Boletins*. Pelo Departamento Nacional de Higiene de Buenos-Aires *Anales*. Pelo Instituto de Ingenieros de Santiago do Chile *Anales*. Pela Academia de Sciencias Phisicas e Mathematicas de Napoles *Rendiconti*, vol. VI, 1892. Pela Associação Rural del Uruguay e Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro *Revistas*. Pela Directoria Geral dos Correios *Boletim Postal*. Pelas Sociedades de Geographia de Pariz, de Berlim e Italiana de Roma *Boletins*. Pelo Congresso Geographico Italiano em Genova *Regulamento* para primeira mostra geographica. Pelas redacções: *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Club Curibitano* e *Nouveau Monde*. Pelo Observatorio Astronomico Nacional de Tacubaya *Boletins*.

Pedindo a palavra o Sr. conselheiro Alencar Araripe, consulta o Instituto sobre o modo de proceder perante o Sr. ministro da instrucção, que em avizo de 1 do corrente mez péde contas sobre o modo porque foi despendido o subsidio do governo durante o semestre findo, e por indicação dos socios prezentes, fica o mesmo conselheiro encarregado de entender-se com o ministro sobre essa questão. Continuando com a palavra o Sr. conselheiro Alencar Araripe, aprezenta o balancete do 1° semestre d'este anno, o qual é enviado á commissão de contas, sendo relator o commendador Rodrigues d'Oliveira, podendo, no parecer que elaborar, aventar a idéia que já ha tempos aprezentou de obter-se um edificio proprio para o Instituto.

Em seguida o 1° secretario Sr. Henrique Raffard, aprezenta o despacho dos livros com destino ao Instituto, que se acham na Alfandega, e pelos quaes essa repartição exige o pagamento dos respectivos direitos. Consultado o Instituto sobre o modo de proceder, visto haver entre os ditos livros alguns com destino á Bibliotheca Nacional, resolve-se pagar toda a despeza, reclamando-se posteriormente da Bibliotheca a parte que lhe competir.

Findo o expediente é dada a palavra ao Sr. conselheiro Alencar Araripe, que aprezenta e lê em nome do socio Dr. Moreira d'Azevedo a memoria intitulada o *Imposto do Vintem*, e finda a leitura nada mais havendo a tratar, o Sr. prezidente levanta a sessão ás 8 ½ horas da noite.

Dr. Alfredo Nascimento,
2º Secretario

11.ª SESSÃO ORDINARIA EM 29 DE JULHO DE 1892

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. de Aquino e Castro

Abre-se a sessão ás 7 horas da noite, achando-se prezentes os Srs. conselheiro O.H. de Aquino e Castro, conselheiro M. F. Correia, conselheiro Alencar Araripe, Henrique Raffard, commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, commendador Gomes Brandão, commendador Jozé Luiz Alves, major Gomes Neto, Dr. Cezar Marques, Dr. Alfredo Nascimento, tendo comparecido mais tarde o Dr. Sacramento Blake, deixando de comparecer os Srs. Barão de Alencar e Marquez de Paranaguá os quaes por carta justificam a sua auzencia.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1.º secretario Henrique Raffard dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios : Do Director Geral da Secretaria da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos, respondendo ao officio de 22 do corrente, pede para que seja remettido á respectiva Secretaria a collecção da *Revista*, que lhe foi concedida. Do Sr. Charles Berg, communicando ter sido nomeado director do Museu Nacional de Buenos-Aires e pedindo a continuação da remessa das publicações do Instituto, sendo enviadas directamente para a caixa do Correio (470). Do Congrès International des Orientalistes, enviando o seu *Bolletin de Adhésion*. Do Secretario da Academia Real de Sciencias, Letras e Bellas-Artes da

Belgica, pedindo o tomo 51 da *Revista*, que lhe falta na collecção que possúe. Do Secretario Geral da Expozição Universal de Paris de 1889, enviando duas medalhas commemorativas da referida Expozição, sendo uma dourada e outra de bronze. Do Dr. Jozé Francisco da Silva Lima, declarando ter recebido o diploma de socio correspondente do Instituto.

OFFERTAS

Pelo socio 1° secretario Sr. Henrique Raffard, *Relatorio* do Jury da secção dos Assucares da 1ª Expozição Especial Brazileira de assucares e vinhos em 1889. Pelo Sr. João Xavier da Motta, o seu trabalho *Moedas do Brazil*. Pelo Instituto de Canadian, em Toronto: Rectification of Parliament; Report of the Minister of Education; Transaction of The Canadian Institute. Pela Universidade do Chile, *Anales*, 1891 e 1892. Pela Real Academia dei Lincei, *Rendiconti*. Pelas Sociedades Adriatica de Sciencias Naturaes em Trieste, Africana de Italia, Imperial dos Naturalistas de Moscou e Directoria Geral dos Correios, os seus *Boletins*. Pela Bibliotheca da Marinha, Associação Rural de Uruguay e El Monitor de la Educacion Comun, as suas *Revistas*. Pelo National Geographie Magazine An Expedition Through the Yukon District Charles Willard Hayes, Washington. Pela Sociedade de Geographia de Bordeaux, os seus *Boletins*. Pelo Departamento de Geologia, dos Estados Unidos, *Carta Geologica*. Pelas redacções: *Diario da Bahia*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Nouveau Monde*. Pela Smithsonian Institution *Neue Annualen* des H. Steuwart in Bogenhausen Bei Munchen; The Pensylvania Magazine of History and Biography.

O Sr. Henrique Raffard communica haver retirado da Alfandega os livros, que ahi se achavam com destino ao Instituto Historico e á Bibliotheca Nacional, resolvendo-se não reclamar d'esta a parte respectiva das despezas, visto importar em diminuta quantia (20$000).

Mais uma vez pedindo informações sobre a restituição dos manuscriptos em poder do nosso consocio Capistrano

d'Abreu, o Dr. Cezar Marques insiste sobre a sua requizição, ao que responde o Sr. 1° secretario justificando a demora da entrega d'esses manuscriptos, que já foi iniciada, e promette ir pessoalmente entender-se com o sobredito consocio.

Achando-se prezente na sala immediata o socio correspondente Sr. Damasceno Vieira, que pela primeira vez se aprezenta ao Instituto, o Sr. prezidente convida os dois secretarios para o conduzirem á sala das sessões, onde é recebido com as formalidades do estilo e saudado pelo Sr. prezidente e pelo orador do Instituto, após haver o recipiendario proferido o seguinte discurso :

« Os dezejos que a longos annos eu nutria de conhecer de perto a capital de meu paiz, pelo que ella offerece de magestoso e de notavel, já sob o aspecto physico—excepcional em todo o mundo—já sob o ponto de vista progressivo em todos os ramos da actividade humana: esses dezejos duplicaram, quando um dia fui sorprendido em minha banca de trabalho pela honra, que me quizestes conferir, fazendo-me vosso collega n'esta associação, que conta mais de meio seculo de esplendidas conquistas literarias e scientificas.

Desde então actuou em meu espirito não já a simples curiozidade de vizitar a primeira capital sul-americana, mas o dever de vir trazer a este illustrado gremio, de envolta com a minha gratidão, os vehementes votos que faço, como Brazileiro e como homem de letras, para que elle prosiga, cada vez mais esclarecido e mais forte o seu gloriozo itinerario.

Tabernaculo santo erguido aos hombros de dedicados levitas, o Instituto tem atravessado sobranceiro a geração contemporanea, atravez de todas as tempestades politicas que convulsionam o nosso bello paiz, e ao passo que lá fóra bramem, latentes ou explozivas, paixões nem sempre justas, revoltas nem sempre patrioticas, elle guarda no sacrario de seu seio, como arca hebraica, as suas tradições eternas como graniticos monumentos, os thezouros das suas constantes investigações no mundo da intelligencia, e bem assim os testimunhos eloquentes de veneração pelas mentalidades superiores que illustraram a nossa patria.

A galeria de mortos assignalados, que vejo em torno de mim, desde Januario da Cunha Barboza, o sacerdote conspicuo, um dos benemeritos iniciadores d'esta instituição, até Gonçalves Dias, a lyra de ouro tristemente despedaçada pelo Atlantico; desde o vulto ascetico de Mont'Alverne, a aguia da eloquencia sacra, que cegou por muito haver fitado o sol da gloria em todo o seu esplendor, até o conego Fernandes Pinheiro, o escriptor polygrapho, o abnegado apostolo das letras e da instrucção da sociedade; desde o visconde de São-Leopoldo, o erudito autor dos *Annaes* de meu Estado natal, até aquelle busto singelo e magestozo de D. Pedro de Alcantara, cuja fronte o Instituto teve a nobreza de cingir de louros: todas estas venerandas imagens, como si as animasse a chamma vital, falam-me dos certames literarios, das victorias brilhantissimas d'esta distincta agremiação da mesma sorte que falavam de victorias as estatuas, guerreiras alçadas no Capitolio romano!

Grande e preciozo é o cabedal de conhecimentos, que o Instituto tem accumulado em sua tarefa semi-secular, mas o Brazil é um gigantesco veeiro de ouro, que deve ser explorado em todos os sentidos. A natureza e a sociedade são dois documentos sempre lidos e sempre inesgotaveis de assumptos.

A geographia e a historia de cada Estado, com todas as magnificencias da flóra e da fauna, com todos os movimentos de ordem politica, e o estudo ethnographico das numerozas raças americanas, a que se prendem como élos as observações correlativas de anthropologia e de linguistica—são preoccupações scientificas altamente interessantes, que formam objecto de cogitação de muitos talentos de primeira ordem, que pouco e pouco vão emergindo da sombra, a que os retrae mal entendida modestia.

E' mister, que todas as capacidades brazileiras, algumas laureadas pela Europa, tragam para este Instituto os rezultados de suas pesquizas, de suas analyses, de suas generalizações em toda ordem de trabalhos, afim de que se constitua aqui o mais vasto e o mais selecto repozitorio da riqueza intellectual do paiz.

E é para esta arena tão grandioza nos seus fins, tão

juncada de louros que a morte não tem conseguido emmurchecer, que vós, illustres membros do Instituto, esquecendo a fragilidade de minhas forças, chamais o meu concurso literario, a palpitação oscillante de minhas luzes...

Não sei recuzar-me a cumprimento de dever. Venho do extremo sul corresponder ao vosso appello com todo o ardor de meu patriotismo.

Assim como os filhos da heroica Esparta, educados no codigo de Lycurgo, procuravam desde a infancia accender no peito o valor marcial, que é um sol, e exercitavam-se valentemente com as armas de seus maiores—eu tambem procurarei, com a tenacidade que me liga ao trabalho, inspirar-me nos grandes exemplos legados por vossos emeritos predecessores e nos vossos proprios exemplos, e só assim poderei honrar, como me cumpre, a cadeira de que me julgastes digno ».

O Sr. commendador Jozé Luiz Alves offerece em folhetos impressos as pastoraes do actual bispo do Rio de Janeiro.

Continuando com a palavra o Sr. 1° secretario lê o parecer da commissão de admissão de socios, favoravel á entrada dos candidatos D. Francisco Calderon, D. Ricardo Rossel e D. Miguel de La Lama, e que fica sobre a meza para ser votado em tempo. Sendo em seguida aprezentada a proposta do Sr. João Xavier da Motta para socio effectivo, é enviada á commissão de historia, servindo como relator o Dr. Cezar Marques.

O parecer e a proposta são do teor seguinte: A commissão de admissão de socios em attenção aos meritos dos candidatos não póde deixar de dar a sua approvação, pois os nomes aprezentados bem merecem a honra de pertencer a este Instituto. Sala das sessões do Instituto Historicoe Geographico Brazileiro em 29 de Julho de 1892. *Jozé Luiz Alves*, relator.—*Manoel Francisco Correia.*

Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Sr. commendador João Xavier da Motta, natural da cidade do Porto, com 40 annos de idade, rezidente no Rio de Janeiro, onde se acha encarregado da redacção commercial da folha *O Paiz*, servindo de titulo para sua admissão o seu livro *Moedas do*

Brazil, edição de 1889, publicado no Porto em 1890, e ora offerecido ao Instituto. Sala das sessões em 29 de Julho de 1892.—*Henri Raffard.*—*Dr. Cezar A. Marques.*—*José Luiz Alves.*—*Luiz Rodrigues de Oliveira.*

Continuando a sessão, o Sr. thezoureiro conselheiro Alencar Araripe communica, que acha-se esgotada a verba que fôra votada para expediente e eventuaes, em razão de despezas extraordinarias não previstas e inadiaveis, taes como remoção de livros e estantes do paço da Boa Vista para este Instituto, e assim pede autorização para continuar a fazer as despezas de expediente pela referida verba; o que foi concedido.

Comparecendo a esta occasião o Dr. Sacramento Blake, 2º secretario effectivo, o Sr. prezidente o convida a tomar conta de seu cargo, ao que responde o mesmo Sr. não permittirem [illegible] as suas occupações, razão porque o [illegible] então a exercel-o o 2º [illegible] que até hoje o tem substituido.

[illegible] que os trabalhos da [illegible] a conclusão das [illegible] que ultimamente lhe foram con- [illegible] no prazo necessario, fica [illegible] que a mesma, sendo pre- [illegible] offerta o volume que se des- [illegible] Pedro II. [illegible] interessantes [illegible] autographos [illegible], mapas [illegible] que apresenta [illegible] que se acham em seu poder [illegible] conhecido professor Alexi [illegible] e que são offerecidos ao Insti- [illegible] pecuniaria de accordo com a [illegible] feita pelo Instituto. Por indicação [illegible] nomeou-se uma commissão para examinar [illegible] e manifestar se sobre o merecimento d'elles [illegible] a commissão composta dos Srs. commendador

Rodrigues de Oliveira, Henrique Raffard e Dr. Cezar Marques.

Em seguida como relator da commissão o Dr. Alfredo Nascimento aprezenta parecer sobre a proposta do Dr. Cezar Marques com relação á expozição de 1900, não sendo tomada ainda em consideração por não se achar assignada por todos os membros da dita commissão ; e nada mais havendo a tratar levanta-se a sessão ás 8 horas e 3/4 da noite.

Dr. Alfredo Nascimento,
2º secretario.

12ª SESSÃO ORDINARIA EM 12 DE AGOSTO DE 1892

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. de Aquino e Castro

O Sr. prezidente abre a sessão ás 7 horas da noite achando-se prezentes os Srs. conselheiros M. F. Correia, Alencar Araripe, commendador Jozé Luiz Alves, Henrique Raffard, commendador Rodrigues de Oliveira, Barão de Capanema, Dr. Castro Carreira, commendador Gomes Brandão, Damasceno Vieira, e Dr. Alfredo Nascimento, tendo faltado por doente, conforme communicou, o Sr. Barão de Alencar.

Lida e approvada a acta da sessão anterior o Sr. 1º secretario Henrique Raffard dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios : Do Director Geral da Secretaria de Estado dos Negocios da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos accuzando o recebimento da *Revista Trimensal* posta a dispozição do respectivo ministerio, em vista da requisição feita pela Escola de Minas. Do socio Lafayette de Toledo, accuzando o recebimento do officio e diploma concedendo-lhe o titulo de socio correspondente do Instituto; o que muito agradece, assegurando que fará o que couber em suas forças para corresponder á confiança n'elle depositada e remettendo cópia de dois documentos historicos para o respectivo archivo. Da Academia Real de Sciencias de Lisboa offerecendo diversos livros por ella

publicados e remettidos em Dezembro de 1889. Do Bureau de Statistiques de la Ville de Prague, accuzando recebida a *Revista* do Instituto, vol. LII. Do Sr. Antonio Joaquim Rodrigues Junior rogando para ser entregue ao portador, empregado do 1° Externato do Gymnasio Nacional, os numeros da *Revista* que faltam para completar-se a collecção, de accordo com o pedido feito pelo Reitor. Do Director da Bibliotheca Nacional accuzando recebida a communicação de 6 do corrente, á qual acompanhavam varias obras remettidas á dita repartição em Dezembro de 1889, pela Academia Real de Sciencias de Lisboa, por intermedio do Instituto, declarando-se scientificado dos motivos que determinaram a demora da entrega.

OFFERTAS

Pelo Sr. Vivien de Saint Martin *Nouveau Dictionnaire de Geographie Universelle.* Pela Universidade de Cornell *Exercicio de abertura do edificio da Livraria.* Pelo Governo do Estado da Bahia *Constituição e Leis*, promulgadas em 1891 — 1892 sob ns. 1 a 10. Pelo Departamento Nacional de Hygiene Publica de Buenos-Aires *Anales.* Pela Real Academia de Historia de Madrid *Boletin*. Pela Associação Rural del Uruguay *Revista.* Pelas redacções *Nouvelles Geographiques*, n. 1, 2° anno, Janeiro de 1892 ; *Diario da Bahia*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Club Curitibano*, *Nouveau Monde.*

O Sr. commendador Jozé Luiz Alves offerece um manuscripto contendo interessantes episodios da vida do conego Luiz Jozé Dias Custodio, vigario de São João d'El-Rei, acompanhado de um seu retrato e de uma cópia do autographo do seu testamento feito em 1851 ; e em nome do Conde de Aljezur offerece um folheto impresso contendo considerações sobre a guarda do domingo. O Sr. Barão de Capanema offerece tambem um importante manuscripto sobre a fabrica de ferro de Ipanema.

Em seguida a este expediente o Sr. prezidente communica nos termos seguintes o fallecimento dos socios Visconde de Ourem e Luiz Antonio Barboza de Almeida.

Senhores. O Instituto Historico acaba de perder dois dos seus mais illustres consocios, tão recommendaveis

pela nobreza do caracter e elevação dos sentimentos quanto pela intelligencia e superior illustração de que eram dotados. Refiro-me aos conselheiros Jozé Carlos de Almeida Arêas, Visconde de Ourem, e Luiz Antonio Barboza de Almeida.

O primeiro, fallecido em França, a 1 do corrente, era um distincto servidor da patria e esmerado cultor das lettras. Deixou trabalhos que bem demonstram o infatigavel ardor com que se dedicava aos estudos, especialmente de direito publico e administração.

São conhecidos e devidamente apreciados, entre muitos outros, os seus escriptos publicados na Europa sobre as sessões parlamentares do Brazil, extrahidos do *Annuario de Legislação* estrangeira, sobre instituições de previdencia, estatistica, constituição dos Estados-Unidos do Brazil, além da importante collaboração da grande Encyclopedia, na parte relativa ao Brazil. Antes de retirar-se daqui, como enviado extraordinario e ministro plenipotenciario do Brazil na Inglaterra, havia publicado em 1866, uma interessante compillação de officios e instrucções da directoria geral do contencioso, expedidas ao tempo em que exerceu o cargo de procurador fiscal do Thezouro Nacional.

No serviço da patria, ainda que longe d'ella, nos ultimos annos de sua laboriosa existencia, consumio seus dias, honrando em terra estranha o nome brazileiro, e desempenhando com saber, actividade e zelo inexcediveis as melindrosas funcções dos elevados cargos que lhe foram confiados.

Em 1886 foi nomeado socio correspondente d'este Instituto, que com razão o considerava como um dos seus ornamentos.

O conselheiro Barboza de Almeida, fallecido na capital da Bahia a 8 do corrente, era um dos nossos mais antigos consocios, tendo sido recebido em nosso gremio em 1845.

Desde a mocidade envolvido nas lutas politicas do paiz, mas sempre com a moderação e integridade proprias dos espiritos superiores, e mais tarde magistrado, até haver attingido o ultimo gráo da carreira, que tanto

[illegible] em todas as posições que occupou, um verdadeiro typo de honra e de dignidade, [illegible] respeitado; patriota sincero e destemido; [illegible] illustrado; administrador honesto e previdente; parlamentar eximio; [illegible] o digno brazileiro, o proveitoso exemplo de quanto podem alliar-se os gracios [illegible] das posições sociaes mais elevadas e difficeis, quando augura a razão esclarecida pela constancia e pela illustração.

O Instituto Historico [illegible] cumpre hoje um rigoroso e [illegible] na acta da presente sessão, com a [illegible] profundo pesar, a noticia do infausto passamento de tão caros e distinctos consocios.

Continuando com a palavra, o Sr. presidente assim se exprime com relação á collecção Boulanger e á valiosa dádiva do commendador Rodrigues de Oliveira para a sua [illegible]:

Tendo a commissão do Instituto que o nosso digno consocio, o Sr. commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, [illegible] a [illegible] de ser adquirida pelo mesmo Instituto a copiosa e interessante collecção de retratos, [illegible], mappas, livros, papeis e documentos originaes, [illegible] por Ernesto [illegible] Boulanger [illegible] do Brazil, [illegible] o nosso [illegible] para a [illegible] desses objectos.

[illegible] pelo seu [illegible] do Instituto, faz-se [illegible] e grande, e [illegible] este sentido [illegible] do Instituto.

[illegible] sessão para proceder [illegible] especiaes, já cumpri essa [illegible] a [illegible] parecer á respeito.

[illegible] que logo da remessa das [illegible] aqui lidas na mesma sessão, e que [illegible] os objectos já mencionados, muitos outros foram igualmente remettidos.

De todos se fará individuado arrolamento na secretaria, para ser apresentado á meza e poderem ser com facilidade consultados por quem os quizer vêr.

Com a quantia offerecida pelo Sr. commendador Rodrigues Oliveira fica o nosso thezoureiro encarregado de effectuar a acquizição dos referidos objectos, sem gravame para os limitados recursos de que ora dispõe o Instituto.

Como membro da commissão encarregada de examinar os objectos em questão, o Dr. Cezar Marques lê o respectivo parecer e em seguida procede á leitura da proposta assignada por todos os socios prezentes, para ser o commendador Rodrigues de Oliveira elevado á categoria de socio honorario. O parecer é approvado, e a proposta vai á commissão de admissão de socios, sendo relator o commendador José Luiz Alves.

Sendo necessario preencher os claros deixados pela auzencia de dois membros da commissão de geographia, o Sr. prezidente designa para interinamente os substituir os Srs. Barão de Capanema e Dr. Castro Carreira.

Como relator da commissão de geographia o Sr. Marquez de Paranaguá lê o parecer favoravel a respeito dos trabalhos do Sr. Luiz Rodolfo Cavalcante de Albuquerque, proposto socio correspondente do Instituto; depois de approvado vae o parecer á commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. conselheiro M. F. Correia.

O Sr. Henrique Raffard communica, que a Companhia Typographica Brazileira, antiga Casa Laemmert, se encarrega da publicação do volume referente á sessão commemorativa do fallecimento do Imperador, não sendo precizo portanto recorrer-se a outra typographia; conforme se resolvera na sessão proxima passada.

Obtendo a palavra o commendador Rodrigues de Oliveira lê como relator da commissão de fundos e orçamento o parecer sobre o balancete do semestre ultimo aprezentado pelo Sr. thezoureiro, no qual expõe diversos meios que lembra para acquizição de um predio para o Instituto. A vista da importancia do assumpto e considerando o Sr. Henrique Raffard que para esse fim ha uma commissão constituida por todos os socios benemeritos, resolve-se adiar a discussão d'este parecer.

O Dr. Castro Carreira propõe, que a primeira parte do parecer referente á prestação de contas do Sr. thesoureiro seja logo submettida á approvação, ao que pondera o Sr. thesoureiro, que não ha, com a apresentação do balancete, prestação de contas, que só será feita no fim do anno, não devendo portanto haver approvação de contas ainda não prestadas, nem documentalmente justificadas. Discutido o assumpto, resolve-se, que seja votado o parecer sobre o balancete, que é unanimemente approvado.

O Dr. Cesar Marques lê o seu parecer em separado sobre a proposta referente á Exposição de 1900, sobre que se pronunciara a commissão de que era relator o Dr. Alfredo Nascimento. Este propõe que, perante a inexequibilidade da proposta e para não continuar em inuteis discussões, sejam retirados não só a referida proposta como os seus pareceres; o que é approvado, fazendo-se constar apenas na acta que o Instituto tratou de fazer realizar no Rio de Janeiro uma grande Exposição Universal em 1900, commemorativa do quarto centenario da descoberta do Brazil, abandonando porém essa ideia, por não ser viavel na época actual.

Em seguida corre o escrutinio e são acclamados socios honorarios os Srs. Francisco Garcia Calderon, Miguel de La Lama e Dr. Ernesto Lissel, depois da approvação dos pareceres da commissão de admissão a tal respeito.

O commendador José Luiz Alves lê a biographia do Marquez de Barbacena.

Nada mais havendo a tratar levanta-se a sessão ás 9 horas da noite.

Dr. Alfredo Nascimento,
2º secretario.

PARECERES E PROPOSTAS A QUE A ACTA SE REFERE

A *commissão* nomeada para examinar a collecção *Boulanger*, vem informar ao Instituto, que consta esta de *mappas*, documentos mais ou menos importantes,

armas e brazões de nobreza da fidalguia brazileira desde o Sr. D. João VI, e um importante livro de *croquis* mostrando os retratos de homens e senhoras, que se tem distinguido ou feito figura saliente no Brazil. A vista d'esta ligeira apreciação é de parecer, que seja adquirida pelos meios a seu alcance. Sala das Sessões do Instituto Historico e Geographico em 12 de Agosto de 1892.—*Dr. Cezar Augusto Marques.—Luiz Rodrigues de Oliveira. —Henrique Raffard.*

Attendendo aos importantes serviços, que ao Instituto Historico e Geographico tem prestado o nosso honrado consocio Sr. commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, ainda hontem avivados com o importante donativo, que espontaneamente fez da quantia de um conto de réis para acquizição da interessante collecção Boulanger, nós julgamos, que esta benemerita acção deve ser por nós reconhecida, e por isso o propomos para socio honorario, como justa demonstração do nosso apreço. Rio 12 de Agosto de 1892.—*O. H. d'Aquino e Castro.—Henri Raffard.—Dr. Cezar Augusto Marques.—T. de Alencar Araripe.—Jozé Luiz Alves.—Dr. Alfredo Nascimento.—Barão de Capanema.—Dr. Castro Carreira.—Manoel Francisco Correia.—Damasceno Vieira.—Marquez de Paranaguá.*

A commissão de geographia examinou, como lhe cumpria, com toda attenção os dois trabalhos, que lhe foram prezentes com a proposta junta, para admissão do Sr. Luiz Rodolfo Cavalcante de Albuquerque na qualidade de socio correspondente d'este Instituto, tendo em vista o parecer emittido pela illustrada commissão subsidiaria da historia sobre o mesmo assumpto.

A primeira memoria é datada de 14 de Maio de 1888 sobre as finanças da provincia do Amazonas, desde a sua fundação sob a presidencia de João Baptista de Figueiredo Tenreiro Aranha, em 1852, até o anno de 1887.

A segunda, que se póde considerar um desenvolvimento da primeira, é datada de 10 de Fevereiro de 1891, sobre a navegação e commercio do Estado de Amazonas e dos paizes limitrophes; traz varios quadros estatisticos

da producção, e um mappa topographico da região superior do Amazonas, onde realisa-se o grande commercio e a producção dos generos de exportação e o transito das Republicas vizinhas registrado nos entrepostos das alfandegas do Pará e do Amazonas.

A commissão de geographia, apreciando devidamente estes trabalhos, folga reconhecer, que foram elles desempenhados com o criterio e proficiencia que caracterisam o seu autor, o qual dest'arte levou a maior evidencia o desenvolvimento progressivo da riqueza publica, da industria extractiva, da navegação fluvial e do commercio do Amazonas.

Mostra, pelo confronto dos algarismos, que no decennio de 1876—1877 á 1886—1887 o valor official da producção da provincia, hoje Estado do Amazonas, elevou-se de 2,600:000$000 a 14,634:898$000, ou quazi 500 %.

O augmento do numero dos navios empregados na navegação, subvencionada ou não subvencionada, foi de 212 vapores brazileiros e 14 estrangeiros, apresentando o excesso de 164,150 toneladas.

O commercio de cabotagem e o de longo curso tiveram um augmento correspondente, com tendencia muito pronunciada para accelerar a sua marcha ascendente, o que acaba de verificar-se, ainda mesmo levando-se em conta a alta dos preços, n'uma proporção espantosa, em vista das ultimas noticias publicadas no *Jornal do Commercio* de 10 do corrente, pois o valor official dos generos de producção nacional daquella zona exportados durante o semestre de Janeiro a Junho deste anno, subiu a importancia de 15.994:000$000 ou mais de 1.300:000$000 do que o valor official da producção de generos exportados durante todo o anno financeiro ultimo do decennio alludido: e se computar-se o commercio de transito aquelle algarismo eleva-se a 20 e 22:000$000 no semestre.

Na mesma memoria o auctor descreve, sugeitando-o a rigorosa analyse, o commercio de transito em face dos regulamentos e dos tratados feitos com as Republicas vizinhas, quando ainda não eram frequentados com regularidade, nem conhecidos sufficientemente os nossos rios d'aquella região, não se podendo prever o desenvolvimento

extraordinario da industria extractiva da navegação e do commercio nas fronteiras dos rios Javary, Madeira, Negro, Branco, etc.

Mostra como o contrabando teve consequentemente a cooperação inevitavel dos agentes do Fisco, sacrificados os legitimos interesses dos proprios paizes que celebraram taes convenções.

A acção fiscal ficou sem garantia no commercio de transito, visto como nada valem as guias de procedencia, os manifestos e os termos de responsabilidade, por quanto, diz o autor das referidas *Memorias*, nada mais facil do que obtel-os com todas as formalidades legaes, no Perù, na Bolivia e em Venezuela, desde que, é de notoriedade publica, na fronteira da Bolivia (em Santo Antonio do rio Madeira), é um anspeçada ou cabo do destacamento militar quem authentica a procedencia dos productos ou o destino das mercadorias, por isso que as estações fiscaes ou a Agencia Consular boliviana (estabelecida em 1887 na hoje villa de Itumaita) dista centenas de milhas do porto fiscal de Santo Antonio, que serve de entreposto ao commercio de transito, de imporportação e exportação.

Não menos deficiente é a fiscalização consular de Iquitos (no Perú) á 110 milhas de Tabatinga, 1,423, de Manáos, e 2419 de Belem, sendo certo que a industria extractiva é exercida, principalmente, na região brazileira do Jutahy, do Javary e nas margens do Itecuahy e seus affluentes, no Quichito, Ituhy, Rio-Branco, Curuçá, Juçarana e Jurapary, que vão engrossar as agoas do Javary, ficando do lado opposto ao archipelago de Santa Fé, terreno peruano onde os exportadores de borracha e importadores das mercadorias de transito estão estabelecidos com os seus grandes armazens.

Para melhor avaliar-se a justeza das considerações expostas e as facilidades do contrabando no commercio de transito o autor annexou ao seu trabalho, como dissemos, um mappa topographico, que mereceu o apreço da illustrada commissão subsidiaria de historia, declarando a mesma que á vista de semelhante documento não hesitaria, se fosse da sua competencia, em pronunciar-se a favor da proposta.

E na verdade a carta annexa a 2ª *Memoria* publicada em 1891 dá uma ideia d'aquella vasta região, onde realiza-se a grande producção e commercio do Amazonas, e o transito das Republicas vizinhas, de que se occupam os referidos trabalhos. Si bem que lhe falte a escala graduada o autor procurou supril-a, accrescentando á margem as distancias em milhas geographicas entre os pontos principaes da região amazonica, á partir de Belem, capital do Pará.

E como estes escriptos, além das judiciozas considerações e alvitres propostos sob o ponto de vista fiscal e economico, reforma das convenções internacionaes, regulamentos aduaneiros, etc. contém dados preciozos, que o recommendam para a historia economico-financeira ou geographia commercial do Amazonas, a commissão de geographia, concordando com a 2ª parte do parecer da [illegible]ada commissão subsidiaria de historia, julga que os [illegible]os trabalhos, com o mappa topographico da região [illegible]or do Amazonas, fundamentam sufficientemente a [illegible]osta para admissão do Sr. Luiz Rodolfo Cavalte de Albuquerque, na qualidade de socio correspon[illegible]e d'este Instituto. Rio 12 de Agosto de 1892. [illegible]*quez de Paranaguá.—Barão de Capanema.—Dr. Liberato de Castro Carreira.*

Como relator da commissão encarregada de interpôr seu parecer sobre a proposta aprezentada pelo Dr. Cezar Marques, para que o Instituto Historico e Geographico se faça centro impulsor da idéia de inaugurar-se no Rio de Janeiro uma grande expozição universal, commemorativa do quarto centenario da descoberta do Brazil, que se celebrará em 1900 proximo futuro, tenho de fazer uma referencia particular, antes de pronunciar-me sobre essa proposta.

Si multiplas occupações de outra natureza me não houvessem retardado a manifestação do pensamento, teria eu aprezentado ao Instituto essa proposta, antes de o fazer o Sr. Dr. Cezar Marques, pois que por uma coincidencia facil de comprehender entre pessoas que se entregam aos mesmos estudos, e de que a historia nos dá

tão patentes quão numerozos exemplos, essa idéia tambem se havia gerado em minha mente, aguardando uma opportunidade para ser officialmente aprezentada a esta associação.

Comquanto não conste de documento officialmente firmado, pelas razões aprezentadas, e sem absolutamente pretender com isso tomar o passo a quem avançou na arena, comtudo não posso deixar de reivindicar a prioridade da manifestação d'essa idéia, embora apenas o tenha feito indirectamente pela penna de habil redactor do *Paiz*, a quem a suggeri e que d'ella largamente se occupou no numero d'esse jornal de 17 de Junho, isto é, 14 dias antes da aprezentação da proposta do Dr. Cezar Marques, datada de 1 de Julho seguinte.

Como esse artigo do *Paiz* é o éco do meu modo de pensar com relação ao assumpto, passo a transcrevel-o, como parecer que interponho á proposta do Dr. Cezar Marques, que não posso portanto deixar de subscrever.

UMA IDEIA

E' uma ideia que deve ser bem acceita por todo o bom patriota, uma ideia que bem póde ser desde já abraçada pelo governo, que deve ser o primeiro a dar os mais brilhantes exemplos de patriotismo.

Approxima-se o anno de 1900. Passados mais oito janeiros sobre os mil oitocentos e noventa e dois que ora contámos depois de Christo, teremos diante de nós a data astronomica e officialmente estabelecida para commemorar o anniversario do descobrimento do Brazil.

Quatro seculos terão nesse dia rolado sobre o acontecimento glorioso para a historia da marinha portugueza; quatro seculos emmoldurarão nesse dia a historia da nacionalidade brasileira.

De 1500 a 1900 este paiz sul-americano tem esculpido nas paginas da eternidade trez phases de sua vida politica, em que não existe uma só linha tortuoza e capaz de cauzar constrangimento ao orgulho natural de seus filhos.

Emquanto foi colonia adquiriu vicios como as adquire a criança sadia, posta longe da vista de seus pais.

Como nação independente grangeou á custa de muito esforço os conhecimentos do verdadeiro civismo; e livre dentro do imperio alçou o peito anhelante por maior liberdade fóra d'elle. Hoje, Republica, ella ha de caminhar na larga senda do progresso, porque não póde retroceder, porque tem a guiar-lhe os passos essa luz candida e vivissima, dimanada do Cruzeiro do Sul.

Pois bem, si o Brazil tem a fortuna de poder exhibir-se ante o mundo com essa resplendente aureola de valor e de prosperidade moral, o Brazil tem o direito de celebrar com a maior pompa, de commemorar com o mais extraordinario brilho essa data preciozissima do seu descobrimento.

A França, com seus titulos de gloria, tem chamado a attenção do Orbe com as suas festas monumentaes, com as suas expozições inegualaveis; a Allemanha projecta agora uma expozição, que attraia para Berlim a importancia, que resulta da concurrencia de estrangeiros para um local onde se offerece pasto abundante á insaciavel curiozidade humana; Chicago ahi está sendo alvo de respeito universal, e o commercio, e as artes, sciencias e as industrias para lá correm levando os attestados da sua existencia, cada qual mais deslumbrante, cada qual mais sorprehendente.

E não podemos nós tambem ser theatro de um acontecimento d'esses que levantam alto pregão do estado civilizador de um povo e da civilização universal?

Quanta couza ignoramos!? Quanta couza nossa é ignorada!! Appareçámos. Chamemos do mundo a attenção para nós. Venha o mundo mostrar-nos o que possue.

Nenhuma época mais propria do que essa em que tiver de se celebrar o quarto centenario da descoberta do Brazil, e nenhuma celebração mais condigna do que a da inauguração n'esse dia de uma grande exposição universal, onde a Europa inteira venha apresentar as suas riquezas industriaes, a Asia patenteie as suas opulencias, a Africa, a Oceania levantem suas tendas commerciaes, e a America inteira venha construir seus pavilhões maravilhosos aljofarados pelas fulgurancias da propria natureza. E' tempo. Abramos uma exposição digna do Brazil, e digna

dessa data, que temos de celebrar. O governo e o povo congracem-se n'esse esforço. Inicie-se desde já a obra. Preparemo-nos para dar prova da nossa virilidade. Eis ahi a ideia. Que ella germine no espirito do publico, bafejada pelos poderes competentes. Como meio de evidenciar a nossa importancia não ha melhor, como processo para chamar a esta capital a massa das riquezas estrangeiras não ha superior. O Brazil preciza sahir da penumbra em que tem estado envolvido por culpa de seus proprios administradores. E' tempo de surgir. Demos o primeiro passo.

A commissão de que agora sou a voz, subscreve este parecer, e comquanto lhe pareça por demais arrojado o intento de uma expozição universal, não só pelas condições difficeis do paiz, como porque já se afaga em Pariz a ideia de repetir precizamente n'esse anno o grande certamen de 1889, comtudo julga que, em bem arrazoado memorial, deve esse projecto ser aprezentado ao Congresso Nacional para assim começar-se a dar vida a esse germen de um grande beneficio para a patria; e pensa mais, que, si tal ideia não fôr viavel, por demais agigantada, devemos verifical-a em sua extensão, mas não em sua essencia, tentando-se para commemoração d'essa primeira data de nossa historia uma grande expozição continental ou em ultimo cazo, ao menos nacional.

Em qualquer hypothese urge actuar, porque o seculo XIX chega ao seu termo, e no levante da historia já bruxolea a data glorioza, que assim pretendemos saudar. Rio de Janeiro, sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 29 de Julho de 1892. *Dr. Alfredo Nascimento*, relator. — *Jozé Luiz Alves.* — *Luiz Rodrigues de Oliveira*, com restricções. — *Antonio Jozé Gomes Brandão.*

VOTO EM SEPARADO

Não assignei o parecer do Sr. Dr. Alfredo Nascimento, aprezentado na sessão de 29 do proximo passado pelos seguintes motivos:

O Instituto se recordará, que, quando aprezentei na sessão de 1 de Julho (*) a proposta para organizar-se uma

(*) Vide a proposta a pag. 310 e 336.

[illegible] commemorativa do quarto [illegible] Brazil, que se celebrará [illegible] o Sr. Dr. Alfredo [illegible] a si a prioridade da idéia [illegible] inspirado a um seu amigo [illegible]

[illegible] minha a lembrança d'essa [illegible] evidenciava d'estas pala- [illegible] seja o nosso Instituto o [illegible] ou ampare em nosso terra [illegible] primeiro a levantar ou *afugar* [illegible] pensamento. »

[illegible] como todos podiam verificar. [illegible] pelo Sr. Dr. Alfredo Nas- [illegible] julgava com direito a fazer [illegible] ser ao *Paiz*, e não a mim, que [illegible] ampo ia imprensa, a luz da publi- [illegible] lavrar, semeiar e colher o que [illegible] um nome a indicar a quem per- [illegible] terra. Nomeou-se uma commissão, de [illegible] vez distinctos collegas, além do eru- [illegible] relator. N'essa occazião julguei [illegible] mesmo porque era bem pequenino [illegible] minha surpreza, [illegible] noite de [illegible] a reclama [illegible] Dr. Alfredo [illegible] era, que [illegible] de folhas, [illegible] perfumes, deix [illegible] n'esta questão [illegible] *Lutrin*, [illegible] *Hyssope* do dezembro [illegible] recordações [illegible]

[illegible] porém goza de muito [illegible] Dr. Alfredo Nascimento [illegible]

[illegible] por outrem, eu [illegible] um defensor distincto e [illegible]

quem me prestasse em tal emergencia mais vigorozo auxilio do que o nosso distincto collega Dr. Alfredo Nascimento. E' a pura verdade como vou patentear. Confessa elle em seu luminozo parecêr, « que multiplas obrigações retardaram a manifestação de seu pensamento, pelo que teria aprezentado essa proposta antes de mim. » De quem a culpa ? minha ? não por certo, e por tanto queixe-se de si, e dos seus merecimentos que o trazem tão atarefado.

Note ainda o Instituto. O Sr.Dr. Alfredo Nascimento não disse ter-me communicado a sua idéia ; antes confessa com louvavel franqueza, « que gerou-a em seu pensamento, que não foi sabida em documento official, e que apenas aguardava opportunidade para ser officialmente aprezentada. » Ainda continuando com sua franqueza, que não me cansarei de louvar, disse, « que apenas indirectamente a manifestou a um dos habeis redactores do *Paiz*, que d'ella largamente se occupou, e como prova collou o proprio artigo no seu parecer. »

A vista d'esta sua asserção, parece muito logico á mim e a todos nós, que S. S. reclamasse do Sr. Redactor do *Paiz*, a quem só, unicamente e em particular suggerio sua idéia, pensamento ou lembrança, essa prioridade, pois elle inspirado por S. S. escreveu esse artigo, e nem uma só vez citou seu nome, sem ao menos recordar-se de que com isso dava mais força e vigor ás suas palavras ou ao seu escripto ! Infelizmente S. S. deixou seu amigo bem quieto, bem tranquillo e bem socegado, e veio procurar-me na obscuridade a que me tenho condemnado, sem lembrar-se de que estou velho, de que me faltam talento e meritos, e vigor para lutar com S. S. moço, na flor da idade, vigorozo pelo seu saber e forte pelos seus conhecimentos !

Ainda mais. Veio S. S. lançar em meu espirito terrivel suspeita, qual a de salientar a sua... má vontade ? não direi; pois só lhe tenho tributado estima, consideração e apreço, e sim a sua falta de caridade para com quem está quazi a vêr a aurora da eternidade, salientando ou avivando vigorozamente « que esse artigo foi escripto 14 dias antes da minha proposta. »

E o que significa isso ? Fosse d'um só dia, d'uma semana, d'um mez, d'um anno, d'um lustro, d'uma

década, ou d'um centenario, o artigo de qualquer jornal, apenas publicado, sem nome do seu autor, não é mais deste e nem d'aquelle, é do publico que o lê, que o estuda, que d'elle se apodera, que o repete, que o commenta, que o annota, que o restringe e que o explana.

Onde o dezar para mim? onde a minha criminalidade? Onde o direito, que tem o illustrado Sr. Dr. Alfredo Nascimento de disputar commigo essa tão pretendida prioridade, mórmente quando S. S., erudito como é, sabe que hoje em dia nada é novo sinão pela fórma, como bem disse Charles Nodier no seu *Tratado de linguistica*, e finalmente si se der ao trabalho de comparar o artigo do *Paiz* com a minha proposta, notará logo que são diversas as fórmas de um e de outra.

Para mostrar mais uma vez ao Instituto o modo correcto do meu constante procedimento, conto-lhe que apenas acabada a sessão de 1° de Julho levei a cópia da minha proposta ao estimavel Sr. Francisco Ferreira da Roza, o habil redactor do *Paiz*, a quem o Sr. Dr. Alfredo Nascimento alludio, seu amigo e meu simples conhecido « de doces falas e chapéo cortez », na phrase de um poeta bem conhecido. Não o fiz por vaidade, e sim para dizer-lhe que havia satisfeito o seu pedido, qual o de trazer ao seio do Instituto o assumpto de seu artigo. No dia seguinte precedida de algumas linhas sahio a minha tão malfadada proposta no *Paiz*.

Estão dadas as explicações que julguei necessarias para que ninguem pense, nem por um instante, que eu apoderei-me das riquezas intellectuaes do nosso illustre consocio, a quem respondo com bem pezar, porque eu o estimo e aprecio a tal ponto, que o quero consolar do passo « que avancei na arena » affirmando-lhe que cabe agora a S. S. a prioridade de semelhante reivindicação no Instituto, onde nunca surgio facto semelhante desde 21 de Outubro de 1839, época de sua installação até hoje.

Lamento sim, e de todo o coração, que fosse escolhido para protogonista eu, já no ultimo quartel da existencia, e que para aqui entrei no dia 4 de Agosto de 1865, sendo sempre bem acolhido, estimado e respeitado pelos meus antigos companheiros, que já repouzam no leito da

morte e no seio do Senhor Deus de todas as misericordias, taes como, digo com muitas saudades e profunda veneração, S. M. o Imperador, os Viscondes de Sapucahy, do Bom-Retiro, de Porto-Seguro e de Vieira da Silva, Joaquim Norberto, Joaquim Manoel de Macedo, Araujo Porto-Alegre, Perdigão Malheiro, Candido Mendes, Carlos Honorio, Fernandes Pinheiro, Fausto de Souza, Ferdinand Diniz, Pinheiro de Campos, Pereira Coruja, Barão de Marauiá, Monsenhor Manoel Honorato, Joaquim Caetano da Silva, e tantos, tantos outros! Creio, confesso, que o nosso distincto collega não me quiz magoar, mas quem o lêr desprevenido conhece, que S. S. foi trahido por tal pensamento.

Eu não o creio, porque além de estimal-o e respeital-o, tenho a gloria que não cedo a pessoa alguma, de ser o primeiro que assignei a proposta de seu prestigioso nome para membro d'este Instituto na noite de 14 de Novembro de 1890, que como membro da commissão de trabalhos historicos no dia 5 do mez seguinte, o julguei apto para ser admittido em nosso gremio; e que ainda no dia 12 de Dezembro concorri com meu voto para brindar o Instituto com mais um socio activo, trabalhador, intelligente e estudiozo. Estas demonstrações d'estima nunca são esquecidas. Este incidente foi uma nuvem de prevenção, que pairou no espirito de nosso distincto collega, e á tal ponto o cegou, que elle como relator da commissão nem uma só vez convocou os seus collegas para ouvir-lhes a sua opinião, e entretanto em seu luminozo parecer diz « que todos o subscreveram unanimemente, quando está só assignado pelos commendadores Jozé Luiz Alves e Gomes Brandão, sem restricções, faltando a esclarecida opinião do nosso collega commendador Luiz Rodrigues d'Oliveira, e a minha. E unanimidade, menos dois, já é differença, digna de nota, n'uma commissão de cinco membros.

Aqui termino estas palavras, escriptas com o fim de esclarecer um facto, com que a maledicencia podia explorar para magoar-me. Não conservo, digo com franqueza, o menor resentimento contra o nosso talentozo e erudito collega Sr. Dr. Alfredo Nascimento. Queixo-me porém e com razão de elle ser a cauza de eu fatigar com

minhas pobres expressões este Instituto que tanto prezo. Não me culpem os meus distinctos collegas, e nem mesmo a elle : desculpem-me.

E' moço, e a gloria, como uma dama cruel o seduzio com seus encantos, como bem disse o distincto literato portuguez o conselheiro Jozé Joaquim Rodrigues de Bastos, e nos braços d'ella e afagado pelos seus carinhos esqueceu-se de tudo, e até da justiça que deve fazer a todos. A seducção durará pouco, e elle voltará para nós todos com outro modo de pensar, tal qual o dezejo, ou melhor, tal qual nós todos desejamos.

Na noite de 12 de Agosto de 1892. *Dr. Cezar A. Marques.*

PROPOSTA

Sr. Prezidente do Instituto Historico e Geographico do Brazil. No anno de 1900 completa-se o 4° centenario do descobrimento do Brazil. Si fossemos apenas habitantes desta abençoada Região, cujo nome por si só, como disse o distincto escriptor Lery, revela uma das obras maravilhozas do Creador, este acontecimento não devia passar-nos desapercebido.

Somos porém uns naturaes d'este vasto paiz, outros extrangeiros e todos Membros do Instituto Historico e Geographico do Brazil, e por tanto por mais de um motivo justo esperamos com muito prazer esse dia de tão nobres e tão sanctas recordações. Devemos desde já preparar-nos para saudal-o quando a aurora brilhante o fizer surgir, em nosso horizonte. Devemos recebel-o da melhor fórma, que nos fôr possivel, marcando assim mais uma era, das muitas felizes, no seio da patria.

Parece-nos porém, Sr. Prezidente, que estas festas não devem ser só para nós, e por isso lembro que devemos convidar todos os habitantes do Mundo para que venha vizitar-nos n'esse dia, o primeiro para nós, e compartilhar das nossas justas alegrias.

Confundam-se assim todas as Nações, todas as crenças politicas e religiosas. Venham todos, e nós com os

braços abertos iremos ao seu encontro dando-lhes as bôas vindas.

Vamos satisfeitos recebel-os, e em quanto estiverem entre nós, para lhes suavisar as saudades dos seus berços nataes é de nosso dever, e o cumpriremos, mostrar-lhes as nossas producções litterarias e scientificas, os fabricos mais ou menos importantes das nossas artes e industrias, os resultados do nosso commercio sempre honrado, da nossa navegação mais ou menos facil e aperfeiçoada, e da nossa agricultura sempre activa e soffredora, de tudo quanto se acha em nossas capitaes, em nossos montes e valles, em nossos bosques, e matas, em nossas grutas e minas, em nossos rios, e emfim tudo que é nosso.

Venham todas essas nações, como nossas amigas, e depois de dar-nos o abraço fraternal e o osculo de paz, mostrar tambem o que possuem, o que ha por lá onde nasceram ou habitam, e para tão grande recepção eu indico, que se realise uma festa monumental, a que darei o nome de *Expozição Universal*, onde por toda a parte dentro e fóra dos seus palacios tremulem os pavilhões de todas as nacionalidades, onde se fallem todas as linguas, onde se cruzem todos os pensamentos, onde se propaguem todas as idéas, onde todos como que á porfia rendão assim cultos fervorosos de profunda veneração ao grande, ao immortal Descobridor da America.

Somos pobres, é certo, dos bens da fortuna nós os membros do Instituto Historico. Somos, salvas as nobillissimas excepções, obscuros, muita gente ignora a nossa existencia, e outros sómente capricham em redicularisar-nos, infelizes loucos ou ingratos! sem se lembrarem das immensas lutas, dos grandes sacrificios por que passamos, dos trabalhos aturados, sem cançar e nem descançar, de sol a sol, para descobrir, esquadrinhar e escavar, guardar com zelo e conservar com todo o cuidado tantas preciozidades historicas e geographicas, que por ahi, por esse vasto paiz, andavam perdidas ou escondidas, e que hoje, muitas já impressas em 53 volumes da nossa *Revista* Trimensal, attestarão agora e sempre o nosso acrizolado patriotismo. Seja o nosso Instituto modesto lavrador, que lance ou ampare em nossa terra esta

semente. Seja elle o primeiro a levantar ou a afagar esta idéia e a dar vigor a este pensamento.

Si meus illustres consocios approvarem este requerimento, lembro, sempre respeitosamente, que a Mesa administrativa, como nossa muito digna Reprezentante, mande publicar tal lembrança nos jornaes da capital federal, solicitando que em todas as localidades do Brazil onde haja um periodico, producto sempre civilizador da imprensa, quando esta não é facho incendiario, e sim luz benefica, seja reproduzida, solicitando nós, por meio de franca discussão, novos alvitres, concorrendo cada cidadão com o fructo de sua intelligencia, grande ou pequena, pedindo sempre a Divina Providencia, que não cessa de proteger a nossa Patria, que abençoe este projecto, que tenho hoje a honra de aprezentar ao Instituto, que tanto prézo. — *Dr. Cezar Augusto Marques.*

PARECER DA COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Por officio de 30 de Julho foram presentes a commissão de fundos e orçamento cópias do balancete da thezouraria do nosso Instituto e de uma communicação do Sr. conselheiro Alencar Araripe, dignissimo thezoureiro.

A commissão vem respeitozamente dar o seu parecer.

O balancete, datado de 15 de Julho, refere-se ao semestre findo a 30 de Junho do corrente anno.

O total da receita do semestre elevou-se a Rs. 22:477$600 inclusive o assaz importante saldo que nos ficou do anno de 1891 na importancia de 17:936$820, sendo por isso de Rs. 4:540$780 a receita produzida propriamente pelo semestre findo e que consiste nas seguintes verbas: a) subsidio do Governo Nacional, Rs. 2:250$000 ; b) Rs. 1:355$000 juros de Rs. 54:200$000 empregados em apolices de juros de 5%; c) juros de dinheiros nos Bancos Rs. 486$780; d) venda da *Revista Trimensal* Rs. 119$000 ; e) joias de entrada de socios Rs. 60$000 ; f) prestações semestraes dos socios Rs. 70$000; g) diplomas de socios honorarios Rs. 200$000.

A despeza elevou-se a Rs. 16:858$710 reis, mas n'ella está incluida o quantia de Rs. 11:941$200 empregada na acquizição de doze apolices, que augmentam o peculio do nosso Instituto; a despeza propriamente dita foi de Rs.4:917$510, que comprehende as seguintes verbas a saber: a) impressão da *Revista Trimensal* Rs. 1:848$000; b) remessa da *Revista* para o estrangeiro Rs. 44$150; c) expediente Rs. 465$700; d) vencimentos dos empregados Rs. 1:200$000; e) gratificação aos auxiliares dos empregados Rs. 500$000; f) remoção dos livros do paço da Boa Vista e placas para a sala Rs. 859$660.

Esta ultima verba foi despeza extraordinaria, mas altamente compensada pela acquizição dos preciozos livros e moveis doados ao Instituto por seu Augusto protector.

A despeza de expediente foi além das nossas previsões, mas já o honrado Instituto reconheceu que é indispensavel augmentar essa verba à vista das explicações verbaes fornecidas em sessão pelo digno Sr. thezoureiro.

Resulta da comparação da receita real do semestre de Rs. 4:540$780 com a despeza propriamente dita de Rs. 4:917$510, que esta excedeu áquella na importancia de Rs. 376$730.

Pelas explicações fornecidas pelo Sr. thezoureiro verifica a commissão que das doze apolices compradas pela quantia de Rs. 11:941$200, seis foram adquiridas a 1° de Abril pela quantia de Rs. 5:994$600, e seis só a 4 de Julho, portanto já não pertencendo a despeza ao semestre findo em Junho. Póde porém o Sr. thesoureiro ter despendido a quantia em Junho comprando as apolices ex-dividendo. Considerada assim a operação:

O saldo do semestre disponivel ficou sendo de Rs. 5:618$890. A este saldo teremos que accrescentar a receita dos recursos ordinarios. Entre estes salientam-se a metade do subsidio do Governo Nacional, de Rs. 2:250$000 e os juros das apolices adquiridas anteriormente a 30 de Junho, isto é, Rs. 1:505$000.

Não podemos avaliar com segurança a importancia que será arrecadada pelas prestações semestraes dos

socios, sendo a arrecadação effectuada no semestre corrente, mas dos dados fornecidos pelo Sr. thezoureiro computâmos em Rs. 1:000$000, o producto d'essa verba.

Orçamos pois a receita do semestre corrente como segue:

Saldo do semestre passado	Rs.	5:618$890
Metade do subsidio do Governo	»	2:250$000
Juros de apolices (sobre 60:200$000 a 5%)	»	1:505$000
Prestações dos socios e joias	»	1:000$000
Total		10:373$890

e orçamos a despeza como segue:

Impressão da *Revista* e remessa para o estrangeiro	Rs.	2:000$000
Expediente	»	800$000
Honorarios dos empregados e auxiliares	»	1:700$000
Total		4:500$000

Da comparação da despeza resulta, que teremos um saldo provavel de Rs. 5:873$890, que convém manter em conta corrente ou em caixa.

Parece á commissão que as contas e a communicação do Sr. conselheiro Alencar Araripe, nosso prestimozo thezoureiro, merecem a approvação do honrado Instituto.

Pede venia a commissão para submetter mais a esclarecida consideração do Instituto as reflexões, que lhe inspira já o facto de possuir o Instituto Rs. 66:200$000 em apolices e mais ainda 5:800$000 em dinheiro, já o dezejo frequentemente manifestado em nosso gremio quanto a acquizição de um predio em que possam ser guardados com segurança e bem conservados os livros, mappas, medalhas, bustos, retratos, quadros e mais objectos pertencentes ao Instituto, e que constituem verdadeiro thezouro accumulado pelos esforços de trez gerações em proveito do conhecimento da historia e da geographia do Brazil.

O peculio que possue o Instituto não é ainda sufficiente para a compra ou construcção do edificio necessario,

mas constitue base ou garantia de uma operação de credito para obtermos o capital necessario que talvez, possamos conseguir de um ou mais Bancos de Credito Real. Os Bancos de Credito Real, como é sabido, exigem uma margem entre o valor do predio sobre o qual concedem emprestimo e a importancia deste.

Regula essa margem 50 %. Si pudesse o Instituto adquirir um predio, por compra ou construcção, pelo dobro do peculio que possue, teria no seu peculio os meios materiaes para effectuar a operação e alcançar o seu desideratum de possuir casa sua.

Parece porém á commissão, que o Instituto não está em condições legaes de utilizar-se de credito e que aos abalizados jurisconsultos que ornam a lista dos membros do Instituto compete o exame d'essa questão. Si o Instituto tal qual está constituido não póde legalmente utilizar o credito, quaes são os recursos offerecidos pela legislação do paiz para habilitar o Instituto a fazel-o?

Uma vez o Instituto habilitado a adquirir uma propriedade valendo-se do credito poderia elle contractar, já recorrendo a emprestimos dos Bancos de credito real, já comprando mediante pagamento á vista da importancia do peculio que possuir e pagamento do resto por annuidades directamente ao vendedor ou constructor do predio.

Ainda suggerimos a idéia da emissão de titulos de divida para obtenção do capital necessario á acquizição do predio. Não tendo o Instituto renda para fazer face aos juros e á amortização de taes titulos, poderia emittil-os sem juros e com a amortização semestral por sorteio, applicando-se á amortização os juros das apolices que possuir o Instituto e mais a renda eventual que obtiver, deduzidas as despezas necessarias á conservação da bibliotheca do Instituto.

Os cidadãos que subscreverem taes titulos na proporção que fixar o Instituto, prestarão relevantissimo serviço ao Instituto e á Patria e terão direito ao titulo de benemeritos do Instituto. Igual titulo parece-nos, que deverá ser conferido aos architectos que nos prestarem seu concurso para fazer o plano do edificio a construir ou

para adaptar ás conveniencias do Instituto o edificio que se adquirir.

Parece-nos, que o Instituto tem bem merecido da Patria colleccionando e conservando os preciozos documentos, que constituem verdadeira riqueza nacional, e abrilhantando a nossa nacionalidade perante o mundo literario e scientifico pelos trabalhos apresentados. O Governo Nacional assim o reconhece, como prova o auxilio pecuniario que confere ao Instituto. Este auxilio que já foi maior, deveria ser augmentado, porquanto reduzido hoje a 4:500$000 por anno equivale apenas aos dispendios que directamente fazemos para executar as ordens do governo relativamente ao fornecimento da nossa *Revista Trimensal*. Si esse auxilio fôr augmentado e garantido por prazo longo, o excesso sobre despezas forçadas poderia ser applicado ao serviço do emprestimo, que fizessemos para acquizição do predio.

Concluindo, propomos, que o Instituto nomeie uma commissão que estude a questão juridica, que parece-nos existir relativamente ao direito do Instituto de utilizar-se de credito, e outra commissão da qual farão parte architectos, a qual estudará os requizitos que deve ter o predio a adquirir, o local mais conveniente e o custo provavel. Sobre os pareceres d'essas duas commissões pensa a commissão, que se poderá elaborar um plano que permitta a realização do desideratum do Instituto.

Confiamos, que o venerando Instituto acolherá com a sua costumada indulgencia as idéias, que respeitozamente submettemos á sua alta consideração e sobre as quaes resolverá como entender em sua sabedoria. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico do Brazil aos 12 de Agosto de 1892.—*Luiz Rodrigues de Oliveira*, relator. —*Jozé Luiz Alves*.—*Henri Raffard*.

13ª SESSÃO ORDINARIA EM 26 DE AGOSTO DE 1892

Prezidencia do Sr. conselheiro Manoel Francisco Correia

A's 7 horas da noite, recebida a communicação de não poder comparecer o Sr. prezidente conselheiro Olegario

H. de Aquino e Castro, assume a prezidencia o Sr. vice-prezidente conselheiro M. F. Correia e abre a sessão, achando-se prezentes mais os Srs. Henrique Raffard, conselheiro Alencar Araripe, commendadores Jozé Luiz Alves e Gomes Brandão, Dr. Cezar Marques, Dr. Castro Carreira, tendo faltado por motivo justificado o commendador Rodrigues de Oliveira e major Gomes Neto.

Não tendo ainda comparecido o 2° secretario, não se póde proceder á leitura da acta, e o Sr. prezidente convida o Dr. Cezar Marques para o substituir.

O Sr. 1° secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Do Sr. Ministro da Instrucção Publica, Correios e Telegraphos accuzando o recebimento do officio de 29 de Julho ultimo acompanhado dos documentos comprobatorios da applicação dada á subvenção concedida ao Instituto nos annos de 1890 a 1891 e approvando as referidas contas. Da Directoria Geral da Secretaria do Ministerio de Instrucção Publica, Correios e Telegraphos communicando de ordem do respectivo Sr. ministro, que em data de 19 do corrente se providenciou, afim de que ao thezoureiro d'este Instituto conselheiro Tristão de Alencar Araripe seja entregue a quantia de 2:250$, segunda prestação semestral do corrente anno, com que foi contemplado no orçamento em vigor. Do Sr. vice-prezidente da Sociedade Geographica de Italia accuzando recebido o officio de 30 de Junho e communicando ter enviado ao Sr. Ministro Almirante Barão de Teffé todos os documentos concernentes ao Congresso de Genova. Da bibliotheca da faculdade de direito de São-Paulo agradecendo a offerta do tomo LV Parte I da *Revista do Instituto*.

OFFERTAS

Pelo Sr. Antonio Ferreira da Rocha, um folheto impresso em 1826, contendo a Elegia improvisada por Jorge J. P. Vedras, por occazião da morte de S. M. I. D. Maria Leopoldina Carolina. Pelas Sociedades de

Geographia de Paris, de Lisboa, de Roma, de New-York, de Bordeaux, e de Genova *Boletins*. Pelo observatorio Astronomico Nacional, Correio Geral da Capital e Sociedade Archeologica Druztva, *Boletins*; pelas directorias do *Monitor de la Educacion Comun*; da Revista Boliviana de Buenos Aires e da Associacion Rural del Uruguay de Montevidéo, *Revistas*. Pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro e Instituto de engenheiros do Chile, *Annaes*. Pela Real Academia dei Lincei em Roma e Academia de Scienze Fisiche e Matematiche de Napoli, *Rendiconto*. Pelo Governo do Estado da Bahia *Organisação Judiciaria*, Lei n. 15 de 15 de Julho de 1892. Pelas redacções: *Jornal da Bahia*, *Jornal do Recife*, *Diario Popular*, *Club Curitibano*, *El Avisador Tipografico*, *Brésil*, *Nouveau Monde*. Pela Sociedade Amante da Instrucção, Inauguração da parte nova do Asylo dos Orphãos em 24 de Junho de 1892.

Continuando com a palavra o mesmo Sr. 1° secretario lê uma carta do Dr. Guilherme Studart dirigida ao Dr. Sacramento Blake, propondo ao Instituto a compra de quatro volumes manuscriptos da correspondencia dos vice-reis Cezar de Menezes e Conde de Sabugoza, por elle encontrados em um livreiro de Lisboa. Em seguida é lido um officio do Sr. Visconde de Taunay pedindo para serem guardadas na arca de sigillo do Instituto quatro volumes, que junto remette, preenchidas as diversas prescripções dos estatutos, contendo as *Memorias*, que já tem escripto e que continuará a escrever, e que devem ser abertos e publicados depois do anno de 1943. Tomado na devida consideração fica o officio sobre a mesa para ser lavrado o respectivo termo na sessão immediata.

Terminado o expediente, comparece o 2° secretario, e reassumindo o seu posto, lê a acta que é approvada. Por parte do Sr. prezidente são enviadas provas dos retratos de Colombo e Porto Alegre, que devem illustrar o poema, *Colombo* qual, segundo communica o mesmo Sr. prezidente, se acha prompto, não tendo no entanto até agora enviado o Sr. Jozé Virissimo a biographia de Araujo Porto Alegre que se compromettera a escrever. Por deliberaçãodos socios prezentes fica o Sr. 1°secretario encarregado

de dirigir-se ao mesmo senhor afim de obter com urgencia esse trabalho. Em nome do Sr. Mello Mattos, o Sr. conselheiro Correia offerece ao Instituto um exemplar da biographia do conselheiro Francisco Jozé Furtado, por Tito Franco, annotada pelo Sr. D. Pedro II.

Findo o expediente o Sr. prezidente conselheiro Correia noticia nos seguintes termos o falecimento do Marechal Manoel Deodoro da Fonseca:

«No impedimento do illustre prezidente, de que acabámos de ser informados, cabe-me o dever de trazer ao conhecimento do Instituto a triste noticia do falecimento do nosso consocio presidente honorario, o valente cabo de guerra Manoel Deodoro da Fonseca.

Acontecimentos recentes o collocaram na eminente pozição de chefe do Estado; e proclamado Prezidente da Republica, de accôrdo com a Constituição votada, abriram-se-lhe as portas do Instituto, na fórma do art. 4 § 5 dos Estatutos.

Não é quando estão ainda palpitantes os memoraveis feitos de momentozo alcance politico, em que tomou proeminente parte o nosso finado consocio, que se póde proferir o juizo da historia sobre o seu procedimento. Ha necessidade da intervenção do tempo, que amortece as paixões.

Em todo cazo ha de sempre fulgurar o seu nome entre os d'aquelles cuja fama a historia registra em paginas gloriozas pelo patriotico denodo, com que nos campos de batalha, em frente ao inimigo, derramam o sangue em desaffronta da honra e da dignidade da Patria.»

Com unanime approvação o mesmo Sr. prezidente propõe, que se lance na acta um voto de profundo pezar por tão infausto passamento, e pedindo a palavra, assim se exprime o Sr. conselheiro Tristão de Alencar Araripe:

«Illustres collegas. O nosso mui digno consocio, que agora occupa a cadeira prezidencial, acaba de noticiar-nos o triste acontecimento, que actualmente enluta o coração da Patria. Elle acaba de dizer-nos, que finou-se o eminente cidadão Manoel Deodoro da Fonseca, a quem distinguiamos com o honrozo titulo de nosso prezidente honorario.

Os patrioticos serviços d'este illustre Brazileiro são notorios, e esta associação os reconhece o inscrevendo o seu gloriozo nome no catalogo dos seus prezidentes honorarios. Com effeito o vulto, que agora penetra na amplidão da eternidade está na prezença de todos os Brazileiros, e refulgirá nos fastos da nossa Patria com brilho sempre maior á proporção que decorrer o tempo, e que o seu nome fôr prezado pela posteridade, que tem de recordar a memoria do soldado, que nos dias do imperio sustentou no exterior as glorias brazileiras, e no interior soube defender a cauza da liberdade social, concorrendo eficazmente para a redempção dos escravos e para a afirmação das instituições republicanas. Si as paixões hodiernas, si a competencia dos emulos, e si os interesses politicos e civis contrariados suscitam desafeições, o decurso do tempo trará a serenidade dos animos, e o julgamento imparcial e sincero do cidadão, que no mais critico momento porque póde um povo passar, o guiou sem convulsões sanguinozas, nem gravame dos direitos dos seos compatriotas, conseguinda aliás firmar a republica federativa, que constituirá a grandeza sem par do Brazil, para a qual o predestinou a Providencia ante a America e o mundo inteiro.

Não quero lavrar aqui o elogio do egregio cidadão; venho, sim, trazer o tributo do meu afectuozo apreço pelo varão emerito, a quem a geração prezente exalta como patriota, e a quem as gerações vindouras sagrarão heróe. O marechal illustre, cuja perda deplorámos, foi a mais conspicua figura da proclamação das instituições republicanas, sob cujo regimen já vive e desenvolve-se a nossa terra natal. Creado dictador, instituio o governo democratico, reunio o Congresso Nacional, vio formar-se a constituição republicana federativa, e depois eleito prezidente constitucional, promoveo a organização politica dos Estados da União Brazileira, e antes de completar-se um anno, já todos os Estados, a excepção de um que ia terminar a sua organização interna, possuiam as suas constituições particulares e tinham os seus governadores locaes escolhidos pelos respectivos reprezentantes populares.

A desagregação central politica operava-se sem abalo, as rendas publicas nos cofres nacionaes satisfaziam regularmente os encargos internos e externos com sobras, que passaram ao governo successor.

Na diplomacia pronunciava-se a sua tendencia americana, como ao Brazil convém, para conseguir a ultima liberdade que lhe falta, qual é a independencia financeira, que o colloque em pé de igualdade, izento da sugeição monetaria européa, em que permaneceo por 60 annos de imperio, á despeito da sua emancipação politica, e dos seos recursos naturacs.

O eximio cidadão governou nas condições de uma transformação politica radical pela supressão da monarchia e fundação da Republica; e quando mil calamidades anteviam e prognosticavam animos fracos e prevenidos, a orientação do seu grande espirito e a magnanimidade de seu coração tudo conteve nas raias da moderação sem que transbordasse a agitação; e para gloria do seu nome e bem dos Brazileiros uma só gota de sangue não tingio o sólo nacional, nem sob o dominio do arbitrio se desrespeitou o lar das familias, ou desprezeram-se os serviços prestados nos cargos publicos, ou violou-se a propriedade do cidadão.

Eis a obra do civismo, que dasafia as bençãos da Patria!

Divergente do Congresso Nacional, rezigna o alto cargo, de que fôra investido, e deixa o poder publico sem constrangimento, pois considerava a rezignação como alivio para seu estado morbido fatalmente agravado, e como providencia a elle grata, porque para manter o posto precizo fôra a rezistencia, e esta produziria a luta e a triste contingencia de fazer orfãos e viuvas, cujas lagrimas, dizia elle na bondade de seu coração, jamais provocaria.

Sei, que n'este recinto só temos a arena literaria, sendo regra nossa o afastamento de manifestações politicas; todavia cumpre não recuzar o aplauzo á nobreza das ações e á generozidade dos sentimentos de cidadãos benemeritos, a cuja memoria as letras se consagram.

A magnanimidade d'alma do preclarissimo general

brazileiro será devidamente reconhecida e burilada na historia; por ora cabe apenas exprimir aqui a magoa, que nos punge, e de que deo testimunho irrecuzavel a população d'esta cidade ao vêr passar o sequito funerario, que conduzia ao tumulo o cadaver do primeiro prezidente da republica brazileira, no dia 24 do corrente mez, tendo a imprensa fluminense manifestado em geral concerto, justos pezames pelo infausto sucesso, que commoveo a nação.

Ao consocio finado significámos as nossas condolencias, dirigindo adeozes e saudades áquelle de quem se poderá no futuro escrever o que dos seos grandes patriotas mortos na benemerencia da Patria escreviam os historiadores de Roma republicana para exprimir o luto publico: *Cives et matronæ lugerunt per annum.*»

Por proposta do Dr. Cezar Marques, o Sr. prezidente nomeia uma commissão composta do mesmo Sr. Dr. Cezar Marques e mais os Srs. conselheiro Alencar Araripe e commendador Jozé Luiz Alves para assistir a missa do marechal Deodoro da Fonseca.

No impedimento de dois dos membros da commissão de historia, o Sr. prezidente nomeia para interinamente os substituir os Srs. Henrique Raffard e Dr. Alfredo Nascimento.

Como relator d'essa commissão o Dr. Cezar Marques lê o seguinte parecer, que depois de approvado é em seguida enviado á commissão de admissão de socios, sendo relator o commendador Jozé Luiz Alves:

A commissão de historia, cumprindo vossa determinação, vem hoje informar-vos, que leu com attenção o livro *Moeda do Brazil*, 1645—1888, *Apontamentos e Catalogo*, composto pelo cidadão portuense João Xavier da Motta. Comquanto existam já publicados muitos trabalhos d'este genero, merecendo porém especial menção a *Descripção geral e historica das moedas cunhadas em nome dos reis regentes e governadores de Portugal* por A. C. Teixeira de Aragão, publicada em Lisboa, no anno de 1877, a commissão julga ter este livro bastante merecimento pela ordem e methodo com que está escripto, e pelas minuciosas investigações a que se entregou seu autor.

Ainda ha pouco tempo o Instituto Historico abrio suas portas para acolher outro trabalhador em identicos labores. E' justo, portanto, que acceite o novo candidato visto ter merito bastante, e Deos permitta, que quando fôr nosso companheiro, o admiremos na faina de novos emprehendimentos. Sala das sessões do Instituto Historico na noite de 26 de Agosto de 1892.—O relator *Dr. Cezar Augusto Marques.—Dr. Alfredo Nascimento.*

O mesmo Dr. Cezar Marques em seguida assim se exprime:

Sr. prezidente e illustres consocios. E' com o mais profundo pezar, que venho hoje trazer ao vosso conhecimento um facto bem triste, e que me tem envergonhado muito desde que o li no *Jornal do Commercio* de 21 do corrente mez. Sinto vir affligir-vos, porém é dever de lealdade, cumpra-se, embora experimente com isto muito pezar. Eis o facto, que se lê na primeira pagina do referido *Jornal*, isto é, em logar de honra para mais saliental-o, e sem o querer para mais nos angustiar. Eil-o:

O craneo fossil da Lagoa-Santa

Escreve-nos o Sr. Dr. J. Baptista de Lacerda:

« No discurso do illustre deputado Sr. Vinhaes, publicado no *Diario do Congresso Nacional*, li o seguinte:

«... O craneo fossil, encontrado na Lagôa Santa, pelo sabio dinamarquez Dr. Lund, o qual prova ter existido no Brasil o homem terciario, esteve durante muito tempo atirado a um canto (do Musêo), de que sómente sahio depois de grande procura, quando um sabio estrangeiro por elle procurou guiado por uma noticia lida em Quatrefages. »

Como nas linhas acima transcriptas accumulam-se muitas inexactidões, de facto e de sciencia; como essas phrases foram pronunciadas no recinto do Congresso Nacional, e transcriptas no *Diario do Congresso*, sem a minima impugnação ou rectificação, nem dentro, nem fóra d'elle, e como por outro lado tenho o meu nome um tanto

ligado á historia do craneo da Lagôa Santa, ora pertencente ás collecções do Musêo Nacional, não posso furtar-me ao dever de rectificar o que está errado.

«...O craneo, hoje celebre, a que se refere o orador, foi uma offerta, que em 1843 fez o Dr. Lund ao Instituto Historico, escrevendo n'essa occazião uma carta ao secretario do mesmo Instituto, na qual se occupa com descrever o seu achado e accentuando o valor d'elle.

Ali, vai por mais de 10 annos, eu e o meu amigo e collega Dr. Rodrigues Peixoto fomos buscal-o; e conseguindo encontral-o, graças ao obsequiozo auxilio do Sr. Martins, empregado da bibliotheca d'aquelle Instituto, foi-nos consentido leval-o para o Musêo Nacional, onde exercia eu então as funcções de sub-director de uma das secções. O trabalho craneologico e craneometrico, que a respeito d'esse craneo publiquei com a collaboração do Dr. Rodrigues Peixoto, nos *Archivos do Musêo Nacional*, foi o primeiro que no mundo scientifico appareceu sobre os craneos humanos encontrados nas cavernas da Lagôa Santa.

N'esse trabalho firmou-se depois o Sr. Quatrefages para escrever a sua, a muitos respeitos importante memoria sobre a *Raça fossil da Lagôa-Santa*, aprezentada ao Congresso de Anthropologia de Moscow.

Posso assegurar, que tão valiozo especimen craneologico teve sempre durante o tempo que exerci funcções de director de uma das secções do Musêo, e creio que ainda tem hoje logar selecto e reservado nas collecções de craneos d'aquelle estabelecimento.

A historia portanto, da qual o illustre Sr. Vinhaes foi apenas um éco, é falsa, inveridica, de méra phantasia.

Era esta a rectificação, quanto aos factos, que me cumpria fazer. Quanto ao dizer-se que esse achado prova a existencia do homem terciario no Brazil, é um erro crasso, assás desculpavel em quem não tem pretenções a anthropologista.»

Notae bem: Os Srs. Drs. Lacerda e Rodrigues Peixoto conseguiram encontral-o. Logo não estava em logar proprio, e sim por ahi, em qualquer canto, a granel. Disse o Dr. Lacerda—*foi-nos consentido leval-o para o Musêo*. Quem

consentio? E porque escripto o trabalho craneologico e craneometrico, a que se entregaram os dois referidos doutores, não voltou essa raridade encontrada nas cavernas da Lagôa-Santa para o nosso Musêo, e ainda hoje elle *tem logar selecto e reservado nas collecções de craneos d'aquelle estabelecimento*?

Estes factos provam muito contra o zelo do nosso Instituto. Doe-me dizel-o, porém receba o castigo quem d'elle fôr digno, e infelizmente não é só esta preciozidade que perdemos. Recorram-se ás actas da nossa *Revista*, e ahi se acharão dadivas de subido valor, até d'alto preço, para o Museo do nosso Instituto e onde nunca estiveram embora entrassem para esta caza.

Felizmente ainda podemos revindicar este craneo. Temos dois homens como testimunhas do cazo, e por isso requeiro, que sejam nomeados em commisão dois ou mais membros, como o Sr. presidente julgar mais proveitozo, para se entenderem com os Srs. Drs. Lacerda e Peixoto, e d'elles colherem minuciozas informações para saber-se quem os autorizou a levar daqui esse craneo, e depois depozital-o no Musêo Nacional.

Ao facto de tudo busquemos amigavel ou judicialmente haver o que nos pertence, e seja então entregue aos cuidados do incansavel director do nosso Musêo, hoje muito modesto quando podia ser opulento, tantas tem sido as dadivas de subido apreço a elle offerecidas á longos annos. Sala das sessões do Instituto Historico na noite de 26 de Agosto de 1892. *Dr. Cezar Augusto Marques.*

Para entender-se com o Dr. J. Baptista de Lacerda e Dr. Rodrigues Peixoto sobre esse craneo fossil da Lagôa Santa, o Sr. presidente nomea uma commissão especial, de que fazem parte o conselheiro Alencar Araripe, commendador Jozé Luiz Alves e Dr. Castro Carreira.

Continuando com a palavra o Dr. Cezar Marques faz vêr ao Instituto, que o commendador Rodrigues de Oliveira continúa a insistir para que não lhe seja concedido o titulo de socio honorario como fôra proposto na sessão ultima. O Sr. prezidente faz vêr, que nada se póde resolver n'esse sentido visto não se acharem prezentes todos

os socios que assignaram essa proposta, cuja solução ficou então addiada.

Offerecendo os dois opusculos intitulados «Itinerario das vizitas pastoraes do Revm. D. Carlos Luiz d'Amour ás parochias do sul e norte da sua diocese», escriptas pelo então conego e hoje monsenhor Bento Severiano da Luz, o Dr. Cezar Marques solicita para elle o titulo de socio correspondente, indo por isso esses opusculos ao Dr. Sacramento Blake como relator da commissão de historia, e em seguida lê o mesmo Dr. Cezar Marques a seguinte proposta, que vai igualmente ao Dr. Sacramento Blake para dar parecer:

Proposta. Diz o § 1 do art. 10 dos nossos Estatutos, «que o titulo de socio honorario será conferido as pessoas, que por sua idade provecta, consummado saber e distincta reprezentação estejam em circumstancias de justificar a escolha». N'estes cazos acha-se o Exm. Revm. Sr. D. Carlos Luiz d'Amour, Bispo de Cuyabá, natural do Maranhão, onde estudou o curso de theologia, com muita distincção no seminario episcopal de Santo Antonio.

Foi educado, com amor de pae, sob o tecto e cuidado do Exm. Revm. Sr. D. Manoel Joaquim da Silveira, que então abrilhantava o solio episcopal maranhense. Elevado o Sr. D. Manoel ao archiepiscopado da Bahia, acompanhou-o como simples presbytero o Sr. D. Carlos, e d'ahi a pouco foi occupar uma cadeira de conego na respectiva sé.

Quando o seu amigo e protector foi chamado ao céo para receber do Justo Juiz o premio de suas virtudes, o Sr. D. Carlos foi elevado por honroza votação a vigario capitular, e de tal fórma desempenhou esse cargo, então muito espinhozo, que Sua Magestade o Sr. D. Pedro II verdadeiramente inspirado o collocou na cadeira do bispado de Cuyabá. Ahi tem sido um bispo verdadeiramente apostolico.

Com muitos sacrificios, trabalhos e perigos tem vizitado a parochia de sua diocese, como se póde vêr nos dois itinerarios, escriptos pela habil penna de Monsenhor Bento Severiano da Luz, e derramou a mãos cheias, sem

cançar e nem descançar, muito ensino religiozo e muita caridade. Onde ha uma dor a consolar, D. Carlos lá está. Onde ha uma angustia, e uma lagrima derramada, lá está o venerando bispo. Quando póde está sempre em relações com seus filhos espirituaes. Quando a distancia os separa, lá vão algumas de suas quarenta pastoraes levar-lhes a palavra de conforto e o balsamo da consolação.

Julgo por tanto, que elle entrando para o nosso gremio, além da honra que colheremos, virá d'alguma maneira consolar-nos das grandes perdas, que soffremos com os passamentos sempre sentidos dos nossos venerandos consocios Marquez de Santa-Cruz e Conde de São-Salvador. Sala das sessões na noite de 26 de Agosto de 1892. *Dr. Cezar Augusto Marques.*

Aproveitando achar-se com a palavra o Dr. Cezar Marques, offerece uma moeda portugueza velha, e o seu retrato em photographia para a collecção do Instituto.

Nada mais havendo a tratar, levanta-se a sessão ás 8 3/4 horas da noite.

Dr. Alfredo Nascimento,
2.° secretario.

14ª SESSÃO ORDINARIA EM 9 DE SETEMBRO DE 1892.

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. de Aquino e Castro.

O Sr. prezidente abre a sessão ás 7 horas da noite, achando-se prezentes os Srs. conselheiro M. F. Correia, Dr. João Severiano da Fonseca, conselheiro Alencar Araripe, Henrique Raffard, major Gomes Neto, commendador Jozé Luiz Alves, Dr. Sacramento Blake e Dr. Alfredo Nascimento.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1° secretario Henrique Raffard, dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Do socio Dr. Ireneo Joffily, offerecendo o seu livro *Notas sobre a Parahiba*, e communicando não poder

actualmente tomar posse do logar de socio correspondente por ter de retirar-se para a cidade da Campina-Grande, onde rezide.

OFFERTAS

Pelo Sr. 1° secretario Henrique Raffard, cópia da acta da collocação da pedra fundamental do Engenho Central de Villa Raffard, extrahida pelo Sr. Joaquim Vaz do Amaral Carvalho, secretario da Camara Municipal de Capivary. Pelo Sr. Jozé Julio Rodrigues, simples noticias de alguns trabalhos e serviços do mesmo durante vinte annos de vida publica em Portugal. Pela Faculdade Livre de Direito da Bahia, *Gazeta Academica*, anno 1°, n. 3. Pelo socio Aristides Marre, o seu trabalho *Malais et Chinois*. Pela Directoria do Correio Geral, Relatorio dos serviços dos Correios da Republica dos Estados Unidos do Brazil em 1891. Pela Schriften des Physikalisch – Ekonomischen Gesellschaft zu Kœnigsberg in Pr. Zweiundreissigter Jahrgang 1891. Pelas sociedades de Geographia de Tours, de Paris, de Lima e de Madrid, os seus *Boletins*. Pelas redacções : *Diario da Bahia*, *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Club Curitibano*, *Nouveau Monde* e *Brésil*.

O mesmo Sr. 1° secretario lê o seguinte parecer da commissão de admissão de socios, que fica sobre a meza para ser votado na sessão proxima.

Concordando com a opinião das illustradas commissões de geographia e subsidiaria de historia pelos fundamentos com que a justificam, a commissão de admissão de socios é tambem de parecer, que seja recebido como socio correspondente o Sr. Luiz Rodolfo Cavalcante de Albuquerque. Sala das sessões do Instituto Historico, 9 de Setembro de 1892.—*M. Francisco Correia.—Jozé Luiz Alves.*

Pedindo a palavra o Dr. Sacramento Blake, diz que o Sr. Damasceno Vieira, partindo para o Rio Grande do Sul no dia 1° do corrente mez, lhe pedira para ser portador das suas despedidas ao Instituto, e offerecer-lhe um exemplar impresso de uma poezia de sua lavra, recitada no Atheneo Fluminense no saráo literario que em sua honra foi effectuado a 31 do mez passado. O Sr. 1° secretario

accrescenta, que o mesmo Sr. Damasceno Vieira lhe promettera encetar em breve o trabalho de organizar um summario de toda a collecção de *Revistas do Instituto*. O conselheiro Alencar Araripe, declara ter com os demais membros da respectiva commissão assistido á missa de setimo dia do passamento do marechal Deodoro da Fonseca. O Sr. major Gomes Neto, offerece a continuação manuscripta do seu trabalho sobre as minas de ouro do Espirito Santo, trabalho que é enviado á commissão de redacção. O Sr. prezidente declara haver recebido, com proposta de venda, mais um livro de retratos da collecção Boulanger, de que é possuidor o engenheiro Moll, como porém taes retratos não trazem os nomes dos retratados, muitos dos quaes não são conhecidos, resolve-se procurar primeiramente obter-se o seu reconhecimento para em seguida julgar-se da conveniencia ou não da compra.

Em seguida o Dr. Alfredo Nascimento leu um officio do commendador M. J. do Nascimento e Silva, offerecendo ao Instituto uma publica forma de uma carta do Sr. D. Pedro I a D. Pedro II, documento datado de 16 de Abril de 1832.

Tratando-se da festa do quarto centenario de Colombo, após discussão, fica resolvido, que seja ella realizada á noite e na propria sala das sessões, ficando a meza encarregada de tomar as providencias para esse fim necessarias.

Nada mais havendo a tratar, levanta-se a sessão ás 8 1/2 da noite.

Dr. Alfredo Nascimento,
2º secretario.

OFFICIO E DOCUMENTO A QUE A ACTA SE REFERE

Ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro. Quando em 1831 o Sr. D. Pedro I resolveu abdicar a corôa do Imperio Brazileiro para ir além do Atlantico escrever uma nova epopéa de glorias e triumphos, firmando sua filha D. Maria da Gloria no throno de Portugal, usurpado por D. Miguel, houve um momento em

que a injustiça dos homens chegou a pôr em duvida a sua nunca desmentida ternura para com Seu Augusto Filho o Sr. D. Pedro II.

Para restabelecer a verdade tão cruelmente offendida, foi, pelo conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva, tutor de Sua Magestade, depositada na typographia do *Diario do Rio*, uma carta que acabava de receber d'aquelle Magnanimo Principe, datada de Angra do Heroismo, de 16 de Abril de 1832, e na qual manifestava elle o interesse que tomava pelo paiz, que adoptara como sua segunda Patria, e que tanto estremecia.

Este importantissimo documento, confiado ao pai do abaixo assignado, Leonidio Felix da Silva, que administrava aquella typographia, e que o conservou em seu poder, até que fosse exigida a sua restituição, foi examinado por muitas pessoas interessadas no reconhecimento da verdade, sendo no dia 25 de Abril de 1868 entregue a Sua Magestade, que não procurou dissimular o contentamento de que ficou possuido vendo aquellas letras, que lhe haviam sido dirigidas por seu Augusto Pai, quando não podia elle ainda comprehendel-as devidamente.

Hoje que infelizmente desappareceram esses dois Grandes Homens, aos quaes o Brazil tanto deve, vem o abaixo assignado offerecer ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro uma publica-fórma da supracitada carta, para que seja conservada em seus archivos, pois que não é ella uma simples missiva, mas um documento de alta importancia politica. Rio de Janeiro 9 de Setembro de 1892. *Manoel Joaquim do Nascimento e Silva.*

Publica Fórma.—Angra dezeseis de Abril de mil oitocentos e trinta e dois. Meu querido filho. Recebi as tuas amaveis cartas de vinte e seis de Novembro do anno proximo passado e de dez de Janeiro do corrente: ellas me encheram de satisfação não só por me dares noticias tuas que muito ambiciono, como por vêr que tens liberdade de me escreveres; sinto ao mesmo tempo não saber se tens recebido todas as cartas que te tenho escripto depois que cheguei a Europa, e que são immensas; não

sei se terão levado o mesmo caminho por lá que por cá tem levado as que Jozé Bonifacio me terá *infallivelmente* escripto; e que eu julgo que me são tiradas na legação de Londres; eu soube, que elle está muito escandalisado comigo, segundo alguem me mandou dizer, porque eu lhe não respondi as suas cartas: eu até agora não recebi uma só carta d'elle, e quando tivesse recebido, eu nunca faltaria *aux règles de convenance:* a prova mais convincente que se eu tivesse recebido alguma carta d'elle, immediatamente lhe teria agradecido, respondendo-lhe, é que a vinte dois de Novembro proximo passado lhe escrevi pedindo-lhe que mandasse noticias tuas, d'elle e do Brazil. Eu estou bom, prestes a partir por estes trinta dias á frente da expedição contra o usurpador do throno de Tua Irmã, afim de restabelecer a ordem em Portugal, salvar a humanidade que geme opprimida e conjunctamente restaurar a Carta Constitucional, que Dei á Nação Portugueza quando seu Rei. Esta minha firme deliberação é filha *sómente* do amor, que eu consagro e que sempre consagrarei ás instituições livres: fui pelos meus concidadãos taxado de lhes ser desaffecto e ao Brazil; mas o que eu sei é quanto á primeira que vou, pela cauza da liberdade (que é uma só cauza), bater-me e expôr a minha vida, e quanto á segunda que eu sempre fui verdadeimente Brazileiro, e de coração, o que não são aquelles que posto que nascidos no Brazil não concorrem sinão para a sua ruina e que blasonando de amigos do Povo e da Patria o vão levando ao abismo exercendo despotismo, nunca no meu tempo praticado. Ah minha desgraçada Patria! Brazil, até que ponto te reduzirá a anarchia filha d'aquelles de teus filhos que te tem levado ao miseravel estado a que estás chegado!!! Ah meu querido filho, cuida de te instruir para que quando maior possas tomar as redeas do governo e identificando-te com a Nação a que pertencemos, felicites o Brazil, que já se não levanta do estado a que chegou, sem que o braço forte de um Monarcha instruido o ajude. A Deus, meu adorado filho, Deus te Dê immensas felicidades e ao Brazil e recebe a benção de Teu saudozo pai e *amigo. D. Pedro, D. de Bragança.* Post-scriptum. Recados á Jozé Bonifacio e as tuas

criadas.—E nada mais se continha em a dita carta, que me foi apresentada, que bem e fielmente fiz extrahir a presente publica fórma do original ao qual me reporto em poder da parte apresentante, a quem entreguei com esta que conferi e por estar confórme subscrevo e assigno em publico e raso n'esta côrte do Rio de Janeiro aos trinta e um de Março de mil e oito centos e sessenta e quatro. E eu Francisco de Paula Fernandes São Thiago, Tabellião interino subscrevo e assigno em publico e razo. Em testimunho de verdade. *Francisco de Paula Fernandes S. Thiago.*

15.ª SESSÃO ORDINARIA EM 23 DE SETEMBRO DE 1892

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 7 horas da noite, achando-se prezentes os Srs. conselheiro O. H. de Aquino e Castro, Dr. Cezar Marques, Dr. Sacramento Blake, commendador Jozé Luiz Alves, Henrique Raffard, conselheiro M. F. Correia, Barão de Capanema, commendador Gomes Brandão, faltando com cauza participada os Srs. conselheiro Alencar Araripe e Dr. Alfredo Nascimento, para substituir a este consocio como 2° secretario foi pelo Sr. prezidente designado o Dr. Cezar Marques. O Sr. prezidente declara aberta a sessão; lê-se a acta da sessão anterior, que é approvada.

O Sr. Henrique Raffard, 1° secretario, dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Do socio Barão de Teffé, accuzando o recebimento do officio que em data de 30 de Junho ultimo se lhe enviou communicando que em sessão de 17 do referido mez fôra nomeado delegado junto ao Congresso Italiano de Geographia em Genova. Do Sr. Vicente S. Mestre, enviando um exemplar do *Plano Topographico*

da cidade de Caracas, do qual é autor. Da commissão organizadora do Club 12 de Agosto da cidade do Desterro pedindo a coadjuvação do Instituto afim de gradualmente augmentar a respectiva bibliotheca. Da Directoria da Sociedade de Geographia de Finlandia, enviando um exemplar do 5° boletim da referida sociedade.

OFFERTAS

Pelo socio conselheiro Alencar Araripe, Relatorio e declarações geraes do Tribunal de Contas sobre as contas do Estado, dos Ministerios e da Junta do Credito Publico da gerencia de 1887—1888, exercicio de 1886 a 1887. Pelo socio Henrique Raffard, Immigração e Colonisação no Rio de Janeiro, apontamentos sobre a sua commissão no dito estado. Pelo socio Constantino Bannen, Memorandum de la Revolucion de 1891. Pelo Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo, por intermedio do Sr. Henrique Raffard, o seu trabalho Viagem ao Jequitinhonha e parte do seu novo livro *Vultos e Factos*. Pelo Sr. bispo de Cuyabá, por intermedio do Sr. Dr. Cezar Marques, algumas pastoraes e sermões. Pelo Dr. Carlos Costa, o seu trabalho Catalogo Systematico da Bibliotheca da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Pelo Dr. Domingos Jozé Freire, o seu trabalho Relatorio apresentado ao Cidadão Ministro dos Negocios do Interior, 1892. Pela Municipalidade da Parahiba do Sul, Regimento Interno das Escolas Municipaes. Pelo socio Francisco Calheiros da Graça, Planta Hydrographica da costa das Salinas. Pelo Archivo dos Açores, Historia Açoriana. Pela Directoria da Associação Rural do Uruguay *Revista*. Pela Faculdade de Direito do Recife *Revista*. Pela Directoria do El-Monitor de la Educacion Comun *Revista mensal*. Pela Sociedade Cientifica Antonio Alzate no Mexico *Revista*, tomo V (1891 — 1892) cadernos n°s 7 a 10. Pela Real Academia de Lincei, *Rendinconto* vol. 1° fasc. 6. Pela Academia de Medicina do Rio de Janeiro, Hygiene Publica de Buenos-Aires. Pelo Instituto de Engenheiros de Santiago do Chile *Annaes*. Pela Sociedade Africana d' Italia em Napoles

Annaes. Pela Sociedade de Geographia de Bordeaux *Boletins*. Pelas respectivas redacções: *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *El Commercio del Plata*, *O Fluminense*, *Nouveau Monde*, *Brésil*.

ORDEM DO DIA

A commissão de historia apresentou o parecer favoravel á proposta do conego, hoje monsenhor Bento Severiano da Luz, para ser admittido ao gremio do Instituto Historico, e entregou os dois opusculos que serviram de titulo. Posto em discussão, e sendo approvado foi remettido a commissão de admissão de socios, sendo relator o Sr. conselheiro Correia. A commissão de admissão de socios deu parecer favoravel aos Srs. commendador Luiz Rodrigues de Oliveira e João Xavier da Motta, ficando sobre a meza para ser votado na sessão seguinte. Estando sobre a meza o parecer da commissão de admissão de socios relativo ao Sr. Luiz Rodolfo Cavalcante de Albuquerque, correu a votação por escrutinio secreto, e foi o candidato approvado e proclamado socio correspondente.

PROPOSTAS

Os socios Henrique Raffard, Sacramento Blake, Cezar Marques, conselheiro Manoel Francisco Correia e commendador Jozé Luiz Alves propuzerão para socio effectivo o Sr. Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo, depois de garantido o dezejo do candidato pelo socio Henrique Raffard, servindo-lhe de titulo de admissão a sua *Viagem ao Jequitinhonha*, ha muito tempo publicada, e a sua obra *Vultos e Factos*, prestes a ser publicada. O Sr. prezidente mandou á commissão de historia servindo de relator o Sr. Dr. Sacramento Blake.

Os socios Henrique Raffard, Dr. Sacramento Blake, e commendador Jozé Luiz Alves propuzerão para socio effectivo do Instituto, depois de garantida a vontade do proposto pelo consocio Dr. Cezar Marques, o coronel

Francisco Manoel da Cunha Junior, servindo-lhe para titulo de admissão o seu trabalho historico já impresso *Tuyuty*, ataque de 3 de Novembro de 1867. Foi remettida a commissão de historia, sendo relator o Dr. Cezar Marques.

O commendador Jozé Luiz Alves requereu que se sollicitasse por intermedio da Legação Brazileira junto a Santa Sé, do Geral da Ordem dos Jezuitas, copia da data em que foi lançada a pedra da igreja do Collegio da Companhia de Jezus n'esta cidade, para elucidação de um ponto historico.

Em seguida o Sr. prezidente lembrou, que se achava proximo o dia 12 de Outubro, em que se havia de commemorar o gloriozo centenario do descobrimento da America, e que convinha assentar nos meios praticos de levar-se a effeito a deliberação do Instituto.

Depois de larga discussão, em que tomaram parte todos os membros do Instituto resolveu-se, que a festa fosse feita com toda a modestia, acceitando-se o offerecimento do nosso consocio o Sr. Henrique Raffard para encarregar-se dos preparos e arranjos do salão principal. O Sr. prezidente nomeiou uma commissão composta dos Srs. Barão de Capanema, commendador Gomes Brandão e Dr. Cezar Marques para ir da parte do Instituto convidar o Sr. Prezidente da Republica.

O Sr. prezidente lamentou que só muito tarde fosse communicada a escusa, que deu o socio incumbido de escrever a biographia do Barão de Santo Angelo, que devia ser annexa ao poema *Colombo*, impresso para ser distribuido nesse dia. Depois de varios alvitres lembrados propoz o Sr. conselheiro Correia, que, para substituir esta falta, fosse impresso e annexado em logar competente o elogio biographico que o Sr. conselheiro Olegario, outr'ora como orador do Instituto, na sessão magna de 1880, fez d'esse distincto artista, poeta e literato notavel; o que foi approvado unanimemente.

O consocio Dr. Cezar Marques aprezentou o seguinte requerimento em relação aos manuscriptos existentes em poder do socio Capistrano de Abreu:

Requeiro ainda uma vez que se solicite do nosso consocio o Sr. Capistrano de Abreu os manuscriptos

do Instituto existentes em seu poder, e já solicitados muitas vezes, em virtude de determinação dos nossos Estatutos.

Se por ventura ainda uma vez este nosso consocio mostrar-se surdo as vozes do dever, requeiro que seja chamado perante tribunal competente e coagido a entregar esses manuscriptos, tantas vezes solicitados.

Rio, 23 de Setembro de 1892.—*Dr. Cezar A. Marques*.

O Sr. conselheiro Correia propoz que por ora fosse só approvada a primeira parte do requerimento, ficando a segunda para ser resolvida cazo continuasse essa falta. no que concordou o autor do requerimento, declarando que não o animava sentimento algum inconfessavel, e sim o dezejo de vêr cumprido o regulamento e respeitado o Instituto.

Veio á meza uma proposta para que seja nomeado socio correspondente o Sr. D. Carlos Luiz d'Amour, bispo de Cuyabá, servindo-lhe de titulo de admissão as suas muitas pastoraes pelo interior da sua Diocese.

Foi remettida á commissão de historia, sendo relator o Dr. Sacramento Blake.

Nada mais havendo a tratar levantou-se a sessão.

Dr. Cezar A. Marques,
Servindo de 2º secretario.

PROPOSTAS E PARECERES A QUE A ACTA SE REFERE

Propomos para socio effectivo do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo, com 32 annos de idade, advogado e lente da Faculdade Livre do Rio de Janeiro, official da Legião de Honra, ex-deputado geral por Minas-Geraes, servindo de titulo para a sua admissão no nosso gremio os diversos trabalhos que tem publicado, entre os quaes *uma viagem ao Jequitinhonha* e principalmente a obra intitulada *Vultos e Factos*, em que o autor reproduz conversações

tidas em Pariz com S. M. o Imperador D. Pedro II, onde são encontrados importantes dados para a historia patria. Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1892.—*Henri Raffard.* —*Augusto Victorino A. Sacramento Blake.*—*Dr. Cezar Augusto Marques.* — *Manoel Francisco Correia.* — *Jozé Luiz Alves.*

Propomos para socio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o coronel Francisco Manoel da Cunha Junior, natural do Maranhão, com 40 annos de idade e senador por aquelle Estado, servindo de titulo para sua admissão no nosso gremio o seu trabalho intitulado *Tuyuty, ataque de 3 de Novembro de* 1867. Rio de Janeiro, 23 de Setembro de 1892.—*Henri Raffard.*—*Jozé Luiz Alves.*—*Augusto Victorino A. Sacramento Blake.*

Propomos para socio correspondente do Instituto Historico o Sr. D. Carlos Luiz d'Amour, bispo de Cuyabá, servindo-lhe de titulo para sua admissão as suas muitas pastoraes em vizita pelo interior da sua dioceze. Sala das sessões na noite de 23 de Setembro de 1892.—*Dr. Cezar A. Marques.*—*Henri Raffard.*—*Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto.*

Proponho, que por intermedio da Legação Brazileira junto á Santa Sé se solicite do Geral da Ordem dos Jesuitas cópia da data, em que foi lançada a pedra da igreja de Santo Ignacio, Collegio da Companhia n'esta cidade, para se poder averiguar si a éra da fundação está ou não em harmonia com a que se vê no frontespicio da igreja. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 23 de Setembro de 1892.—*Jozé Luiz Alves.*

A commissão de historia vem dar seu parecer acerca dos dois trabalhos do conego Bento Severiano da Luz aprezentados como titulo á admissão n'este Instituto como socio correspondente. Ambos estes livros se referem á visitas pastoraes do bispo de Cuyabá, o Exm. e Revdm. Sr. D. Carlos Luiz d'Amour; contém a descripção do itinerario feito pelo mesmo bispo, e ás vezes noticia de alguns logares do actual Estado de Mato-Grosso, sendo o primeiro de taes livros escripto de collaboração com outros collegas do conego Bento da Luz. Os trabalhos

examinados interessam á historia religiosa do Brazil, e portanto se prestam ao fim para que foram apresentados. Rio 23 de Setembro de 1892.—*Augusto Victorino A. Sacramento Blake.—Dr. Cezar Augusto Marques.*

A commissão de admissão de socios julga, que o Sr. commendador Luiz Rodrigues de Oliveira está muito no cazo de ser elevado á categoria de socio honorario, como foi proposto na sessão de 12 do mez findo por todos os socios prezentes. Sala das sessões 23 de Setembro de 1892.—*José Luiz Alves.—Barão de Capanema.—Manoel Francisco Correia.*

A commissão de admissão de socios conformando-se com o parecer elaborado pela commissão de historia sobre os trabalhos do Sr. João Xavier da Motta, autor do livro *Moedas do Brazil*, 1645 a 1888, proposto para socio effectivo deste Instituto, julga o candidato digno de ser admittido como tal ao gremio deste Instituto. Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, em 23 de Setembro de 1892.—*José Luiz Alves. —Manoel Francisco Correia.—Barão de Capanema.*

16ª SESSÃO ORDINARIA EM 30 DE SETEMBRO DE 1892

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

O Sr. presidente abre a sessão ás 7 horas da noite, achando-se presentes os Srs. general Dr. João Severiano da Fonseca, conselheiro M. F. Correia, Henrique Raffard, Dr. Cezar Marques, commendador José Luiz Alves, Barão de Capanema, major Gomes Netto e Dr. Alfredo Nascimento, tendo faltado por doente o Sr. conselheiro Alencar Araripe.

Lida e approvada a acta da sessão anterior o Sr. 1º secretario Henrique Raffard dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officio: do Sr. Visconde de Carvalhaes, em nome da directoria do Gabinete Portuguez de Leitura, accusando e agradecendo o tomo LV, parte 1ª da *Revista* deste Instituto.

OFFERTAS

Pelo Sr. Henrique Raffard, carta e resposta do presidente da Camara Municipal de S. Fidelis, Barão de Villa-Flor, á circular que lhe dirigio em 17 de Abril de 1889 ; pela redacção, *La Nature*, Revue des Sciences et leurs applications aux Arts et a l'Industrie, journal hebdomadaire illustré—Paris. 1891; pela Bibliotheca dá Marinha, *Revista*—Agosto e Setembro de 1892 ; pela Sociedade Cientifica Antonio Alzate, *Revista*, tomo V—1891-92; pela Associação Rural del Uruguay, *Revista*; pela Directoria Geral dos Correios, *Boletim Postal*; pelas Sociedades de Geographia de Bordeaux e Italiana de Roma, *Boletins* ; pelas redacções : *Jornal do Recife*, *Diario Popular*, *Club Curitibano*, *Brésil*, *Nouveau Monde*, *The World*, Mexican, pags. 37 to 44.

Pedindo a palavra o Dr. Cezar Marques apresenta um requerimento para que se lhe mande dar cópia dos documentos referentes á proposta do commendador Rodrigues de Oliveira para socio honorario ; mandou-se satisfazer.

Lidos os pareceres da commissão de admissão de socios, relativos aos Srs. commendadores Luiz Rodrigues de Oliveira e João Xavier da Motta, e submettidos á votação, são os mesmos approvados unanimemente, sendo proclamado socio honorario o Sr. commendador Rodrigues Oliveira e effectivo o Sr. commendador Xavier da Motta.

Em seguida é aprezentada uma proposta para ser admittido como socio correspondente o Sr. Frank Vincent, cidadão norte-americano, servindo-lhe de titulo de admissão o seu livro *Around and about South-America*, que vae á commissão de historia, sendo relator o Dr. João Severiano da Fonseca. A proposta é do teor seguinte :

Propomos para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro o cidadão norte-americano Frank Vincent, cavalleiro de varias ordens honorificas, autor de diversos trabalhos entre os quaes o offertado por elle mesmo ao Instituto sob o titulo *Around and about South-America*, que serve de titulo

para admissão do referido senhor ao nosso gremio. Sala das sessões, 30 de Setembro de 1892. — *Henri Raffard.* — *Dr. Alfredo Nascimento.* — *Jozé Luiz Alves.* — *Dr. Cezar Augusto Marques.*

O Sr. prezidente aprezenta á meza o programma da festa de Colombo, que vae mandar publicar, e o Sr. commendador Jozé Luiz Alves declara, que para a musica desta festa o nosso consocio Sr. Dias de Castro offerece a necessaria contribuição pecuniaria, ao que responde o Sr. prezidente que o Instituto agradece, não podendo, porém, acceitar o obsequio, por não haver espaço para esse complemento festivo.

Comparecendo n'esta occazião os novos socios benemeritos Srs. Luiz Ribeiro Gomes e Jozé Joaquim de França Junior, o Sr. prezidente convida os dois secretarios a dar-lhes ingresso, dirige-lhes palavras de felicitações, a que elles respondem, sendo em seguida saudados pelo orador o Sr. Jozé Luiz Alves e pelo conselheiro M. F. Correia; e nada mais havendo a tratar, levanta-se a sessão ás 8 1/2 horas da noite.

Dr. Alfredo Nascimento,
2° secretario.

SESSÃO EXTRAORDINARIA EM 12 DE OUTUBRO DE 1892

A acta desta sessão, celebrada em commemoração do 4° centenario do descobrimento da America, vai publicada em volume especial.

17ª SESSÃO ORDINARIA EM 14 DE OUTUBRO DE 1892

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

As 7 horas da noite presentes a sessão os Srs. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro, Henrique Raffard, Dr. Alfredo Nascimento, Commendador J. Luiz Alves,

Dr. Cezar Marques, Conselheiro Souza Pitanga, Dr. Sacramento Blake, Commendador Gomes Brandão e Major Silva Netto, servindo de 2° Secretario, por se ter retirado o Dr. Alfredo Nascimento por afazeres profissionaes, o Sr. Presidente declara aberta a sessão.

São lidas e approvadas sem discussão as actas das das sessões ordinaria de 30 de Setembro e extraordinaria de 12 de Outubro.

Achando-se na sala immediata o commendador João Xavier da Motta, socio proposto e approvado, o Sr. Presidente nomeou os Srs. 1° e 2° Secretarios para o accompanharem á sala das sessões, e tomando o respectivo assento, o Sr. Presidente dirigiu-lhe a allocução do estylo, a que respondeu o novo socio nos termos seguintes:

« Senhores. — No cumprimento de um dever eu agradeço-lhes a subida honra que me deram, conferindo-me o titulo de socio effectivo d'esta sabia instituição laureada pelo saber de todos aquelles que se lhe dedicaram fazendo d'ella o templo da historia patria, que o presente reverencia e o futuro glorificará.

Ser socio do Instituto Historico e Geographico Brazileiro é honra que deslumbra; é ter direito a um logar junto dos benemeritos das lettras, junto d'aquelles que no largo espaço de cincoenta e quatro annos encheram de vida este corpo luminoso. Esses benemeritos são todos aquelles que dia a dia colhem novos louros para a grande corôa do Instituto; é a memoria dos mortos-vivos consagrados no Quinquagenario; é a memoria radiante e inolvidavel d'Aquelle que durante quasi meio seculo dirigio com acendrado patriotismo os passos ainda vacillantes do « gigante americano » que, attonito, vio o tempo derribar esse vulto que foi o exemplo bom de todos aquelles que aquilataram as suas virtudes, — o «Venerando e Incansavel Protector do Instituto» respeitado e admirado pelos sabios dos dois mundos, — o que exhalou o ultimo suspiro em terra estrangeira, mas amiga, abraçado á imagem da patria querida, da patria que amava como pai carinhoso!

D'aqui, d'este centro dos melhores patriotas, melhores patriotas — porque têm arrancado das garras do

ecimento e da ficção trechos brilhantes para o grande perpetuador do passado e do presente do Brazil, d'aqui, onde pousa a divisa *Laus virtuti ubique quandocumque*, tem sido communicado aos dois mundos que este paiz foi e ainda é vasto campo de investigações scientificas e historicas, e que sabios e estudiosos dos mais afamados têm archivado as suas lucubrações e pesquizas felizes nos cincoenta e cinco tomos da *Revista do Instituto* que as bibliothecas d'aquem e d'alem mar guardam como optimos productos dos illustres obreiros do saber, que eu reverencio como o menor dos admiradores de tudo que é grande e ensina o caminho do bem.

A honra que me foi conferida de socio effectivo d'esta sabia e respeitada instituição, devo-a á benevolencia dos honrados censores da minha obra *Moeda do Brazil*, que fiz no intuito de ser u á historia do Brazil, que é a historia da minha patria, e de agradecer ao Atheneu Commercial do Porto, pela dedicatoria que lhe fiz, os relevantes serviços que tem stado á instrucção na terra que se gloria de ter sido berço do inclyto fundador da Escola de Sagres — d'onde sahiram os valentes marinheiros que em rudes caravellas sulcaram os *mares nunca dantes navegados* no dizer do immortal auctor da lusa epopéa — o sublime padrão que transmitte aos seculos a grandeza da patria, *as memorias gloriosas daquelles reis que foram dilatando a fé* e *o imperio* e os nomes de todos *aquelles que por obras valorosas se foram da lei da morte libertando*.

Se esse meu trabalho fôr ampliado, por quem quer que seja, eu terei o indefinivel prazer de vêr levantada a Historia da moeda do Brazil desde os primeiros tempos até o fim do regimen monarchico, periodo longo e prospero d'este grande paiz, o maior e mais bello da America latina, d'este grande paiz que foi a pedra mais brilhante engastada no diadema do *Rei Venturoso* e que participa das glorias d'aquelle pequeno paiz que se ornou com os mais virentes louros e que encheu o mundo de espanto e inveja desfraldando o pavilhão das quinas que nas quatro partes do mundo engrandeceu o nome patrio, abateu a idolatria e implantou a doce religião do crucificado!

Não devendo alongar-me em divagações que nada interessam ao Instituto, por não ser lição nova, concluo affirmando que procurarei corresponder á subida honra que me foi conferida de socio effectivo d'este Instituto e que o meu mais ardente desejo é que outros venham cheios de saber dar-lhe novos fulgores, para elle avançar na senda gloriosa que tem trilhado e lhe foi traçada pelos seos inolvidaves fundadores ».

Em seguida, teve a palavra o commendador José Luiz Alves, orador official, que correspondeu em termos obsequiosos.

O Sr. Presidente leu a seguinte carta do socio Dr. Maximiano Marques de Carvalho protestando contra algumas proposições philosophicas do discurso do illustrado Sr. Dr. Nascimento Silva proferidas, como 2° Secretario, na sessão extraordinaria de 12 do corrente mez, commemorativa do 4.° centenario do descobrimento da America:

« Illm. Sr. Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, presidente do Instituto Historico do Brazil.— O discurso monumental do Sr. segundo secretario do Instituto Historico recitado em sessão de hontem em homenagem ao grande navegante Christovão Colombo contém proposições tão erroneas e anti-philosophicas que eu julgo do meu dever protestar já contra ellas.

Todos os povos civilisados tem uma philosophia que preside ao seu desenvolvimento moral e industrial : o Brazil tem se desenvolvido e civilisado, guiando-se pela luz philosophica das escolas da Allemanha, da França e da Inglaterra. Leibnitz, Manoel Kant, Malebranche, Victor Cousin, João Locke, Dugald Stewart pasmariam ao ouvir o muito illustrado Sr. Dr. Nascimento dizer que o homem não fôra creado a *imagem* e *semelhança* do Creador ; que o homem é apenas *um atomo* que se move como todo o Universo !..

Porém se o homem não foi, e é creado todos os dias a imagem e semelhança de Deus por que razão o tem em seu pensamento ?

Bento Spinosa, o fundador do Pantheismo na Hollanda, ficaria hoje confuso ouvindo seu systema philosophico

proclamado no Instituto Historico pelo nosso illustrado collega o Sr. Dr. Nascimento, a proposito de homenagem a Colombo que elle saiba ser muito religioso e temente a Deus, Creador do Universo, e do homem a sua imagem.

Colombo que obteve as tres galleras da Rainha Isabel de Castella por pedido de seu padre confessor, amigo de Colombo, não se satisfaria com a confissão do Sr. Dr. Nascimento.

O Pantheismo de Spinosa, que é o positivismo de hoje, não era a philosophia de Colombo.

O *ente* que pensa, que compara, que julga, que attende, que reflecte, que raciocina, que associa as idéas, que conserva na memoria, que imagina, que tem reminiscencia e que escreve não é *um atomo* da materia que rola no Universo até se despenhar no infinito.

O grande navegador Christovão Colombo pensava, julgava, comparava, reflectia, raciocinava, imaginava, conservava na memoria suas idéas, creava idéas, era pois um genio creado a semelhança do seu Creador.

Seja o Sr. Dr. Nascimento um atomo da materia, visto que assim o quer, pois, Deus o creou *intelligente* e *livre*, póde querer ser um atomo da materia, mas não deve fazer proselitos no Instituto Historico.

Como o seu discurso será publicado na nossa *Revista* eu peço que tambem seja publicada esta minha carta protestando contra suas idéas positivistas.

Sou com alta consideração de V. Ex. collega e amigo *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*

Capital Federal, 13 de Outubro de 1892 ».

O Sr. Dr. 2° Secretario em aparte declarou não ter proferido as proposições apontadas, e appellou para a publicação do seu discurso, que provará a improcedencia da censura. Do mesmo modo alguns socios declararam não ter ouvido as palavras, que serviram de fundamento ao referido protesto.

O Sr. 1° Secretario deu conta do seguinte :

EXPEDIENTE

Officios : Da Commissão Hamburgueza encarregada da commemoração da descoberta d'America, communicando

o addiamento das festas projectadas em consequencia da epidemia. Da Commissão do 6° Congresso internacional de Geographia em Londres participando achar-se organizada a respectiva meza. Da Commissão Auxiliar do Congresso Universal junto a Exposição Colombiana dando relação de seus membros e seus endereços.

OFFERTAS

Pelo socio D. Blas Vidal, *Antecedentes relativos ao projecto do Porto de Montevideo* ; *Censo Municipal do departamento da Cidade de Montevidéo* ; pelo Sr. Oscar Leal, *Viagem as terras Goyanas* ; pela Universidade do Chile, *Anales tomo* LXXXI, entrega 2ª, 3ª e 4ª—1892; pela Real Academia dei Lincei, *Rendiconti;* pela Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, *Boletim tomo* VIII —1892 ; pelo Instituto d'Engenheiros do Chile, *Anales* ; pela Real Sociedade de Geographia da Australasia, *Boletim vol. VII parte 2ª* ; pela Real Sociedade de Geographia d'Anvers, *Boletim tomo* XVI 4 fasc.; pela Associação Rural de Uruguay, *Revista* ; pela Directoria d'El Monitor de la Educacion Commun, *Revista tomo* XI ; pela Sociedade de Geographia de Iena, *Boletim* ; pelo socio 1° Secretario Sr. Henrique Raffard o jornal, *A Illustração* ; pelo socio Dr. José Francisco da Silva Lima, *Pedras da India* (14 machados); pela Directoria da Sociedade de Hygiene Brazileira, *Estatutos da mesma Sociedade* ; pelo Sr. Vivien de Saint Martin, *Nouveau Dictionaire Universel de Geographie* ; pelas redacções, *Jornal do Recife, Diario Popular, Club Curitibano, El Comercio del Plata, Brésil, Nouveau Monde.*

O Sr. commendador José Luiz Alves communicou ao Instituto que o conselheiro Correia deixara de comparecer n'esta sessão em consequencia de ter hoje fallecido o seu cunhado Manuel Ribeiro d'Almeida. O Sr. Dr. Cezar Marques requereu que fosse inserido na acta um voto de louvor ao 1° Sr. Secretario pela dedicação, zêlo e bons serviços que prestou por occasião da ultima sessão extraordinaria; o que foi approvado por todos os socios presentes. Pedindo a palavra o Sr. Dr. Cezar Marques, lêo o parecer da commissão de Historia, opinando pela

admissão do Coronel honorario Francisco Manuel da Cunha Junior, como socio effectivo d'este Instituto, fundamentando a sua opinião com as apreciações de varios trechos da Memoria (Tuyuty) escripta e publicada pelo auctor — o candidato. O Sr. Dr. Blake, relator da Commissão de Historia, apresentou o parecer favoravel ao livro *Vultos e Factos*, offerecido a este Instituto pelo seu esclarecido auctor, o Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo, cuja obra serve-lhe de titulo para a admissão como socio effectivo. Ambos os pareceres, depois de approvados, vão á commissão de admissão de socios, servindo de relator do 1° o Sr. Barão de Capanema e do 2° o Sr. conselheiro Correia e são do teor seguinte :

PARECERES

A Commissão de Historia vem hoje expôr seu parecer sobre a *Memoria* impressa (*Tuyuty, ataque de 3 de Novembro de 1867*), visto seu auctor o Coronel honorario Francisco Manuel da Cunha Junior ter sido proposto para socio effectivo do Instituto Historico na sessão de 23 do mez que hoje finda.

Começa descrevendo o estado n'esse dia do *Campo de Tuyuty*, traça os limites d'essa enorme massa de terreno, indica as posições dos exercitos belligerantes, frisa bem as difficuldades das manobras, que deviam ser operadas entre o mingoado exercito de tres mil homens e a enorme massa de inimigos, que se precipitava sobre os valentes do Brazil, cita uma por uma as designações das brigadas heroicas, declina um por um os nomes dos valentes commandantes, dos officiaes e dos soldados, que mais se destinguiram, e recorda com expressões de saudades o nome glorioso dos que morrerão heróes no campo da batalha; de tudo se lembrou para fazer justiça e de cousa alguma se esqueceu para mais realçar os meritos d'esses bravos.

Desenvolvendo a sua narração prende os cuidados do leitor, a ponto de parecer que está presenciando essas luctas, onde pelejou-se com todas as armas desde o canhão 32 Withwort até a arma branca... a baioneta, a faca e o punhal.

Ahi o legendario Osorio perdeu um cavallo, e o auctor dois, como Major e á frente do brioso batalhão, composto em sua maioria de valentes soldados maranhenses.

Felizmente depois de muitas luctas, de muito sangue derramado, de muitos soffrimentos e ferimentos, depois de muitos actos de heroismo sem nome e de bravura nunca vista, o hymno brazileiro annunciou a victoria d'esse combate « um dos mais importantes, que se feriram na sempre memoravel campanha do Paraguay »

« Foi o unico talvez em que o Brazil combateu com notavel inferioridade numerica.

« Entretanto essa gloriosa epopéa, por motivos, que a politica ou odio pessoal dictou, não mereceu nem simples referencia do general em chefe dos exercitos do Brazil, e passa quasi esquecida, e apenas recordada pelos que tiveram a rara fortuna de n'ella figur. r e escapar ».

Assim o disse o auctor, e « como testemunha occular, parte activa nos combates, com perfeito conhecimento tanto da tropa como do campo, tendo percorrido todo o vasto theatro d'acção, colhendo informações fidedignas de amigos e de adversarios do Brazil, sem prevenção ou paixão », escreveu elle essa pagina historica, notavel pela linguagem franca de soldado, pelas saudades, que ainda conserva em seu coração, como sacrario, pelos nossos mortos, pelas particularidades que nos conta, pelo seu genio apreciador e justiceiro, e sobretudo por que arrancou do esquecimento injusto e barbaro do passado essas palmas do triumpho já emmurchecidas pelo tempo para fazel-as florir por meio do juizo imparcial da geração presente, que ha de dizer constantemente « Gloria, para sempre gloria aos defensores da Patria contra o governo do Paraguay ».

Pelo que a commissão acaba de ex; ender está claro, que deve ser recebido e com justo applauso o Sr. Coronel Cunha Junior, mórmente já tendo dado provas de que ama o estudo da historia patria, pois não ha muito tempo elle nos doou uma cópia, que comprou por 300$000, da *Paranduba-Maranhense*, que do nosso Archivo com outras preciosidades, nos foi roubada.

Venha, venha elle unir-se a nós, trabalhar comnosco á bem d'esta Patria que muito amamos, e devemos amar, embora ingrata para muitos de seus filhos.

E' esta a nossa humilde opinião.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico, 29 de Setembro de 1892. *Dr. Cezar Augusto Marques*, relator.— *Dr. Severiano da Fonseca.*

A Commissão de Historia vem dar seu parecer acerca do livro offerecido á este Instituto como titulo para admissão do Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo ao seu gremio.

Vultos e Factos—eis o livro apresentado, que é dividido em duas partes e constitue o primeiro volume de folhas—como diz o autor com a modestia que lhe é habitual—« rabiscadas a esmo nos lazeres da politica, da advocacia e de constantes viagens, e agora publicadas á guisa de ensaio despretencioso e timido »; mas são folhas de ouro da litteratura brazileira.

Na primeira parte—*Vultos*—apresenta elle, rapidamente ás vezes, os chefes e ex-chefes de estados que visitou; dá-nos algumas noticias, bem que ligeiras e faz tambem descripções de curiosidades, como no capitulo que se refere a Berlim. Isto até ao capitulo XII.

D'ahi em diante occupa-se de D. Pedro de Alcantara que o autor encontrara em S. Vicente, depois em Lisboa e successivamente em outros logares; descreve scenas luctuosas, pungentes do passamento da ex-imperatriz D. Thereza, desde a sala mortuaria, onde encontrou D. Izabel, a Redemptora, a soluçar abraçada aos joelhos da mãe querida, até a conclusão dos funeraes; expõe factos que evidenciam a admiração, o respeito, a adoração tributados na Europa á esse homem que por meio seculo dirigio os destinos do Brazil; refere conversações intimas, cousas até agora ignoradas, que mostram á toda luz o caracter nobre, elevadissimo desse vulto admiravel.

Admiravel, sim, revela-se D. Pedro de Alcantara, quando lhe repugna acreditar que houvesse trahição nos movimentos de 15 de Novembro da parte de certos personagens, com honrosos precedentes e serviços ao paiz. « Trahição consciente e premeditada, não—diz elle—

Trahir affigura-se-me cousa difficil ; deve exigir extraordinario esforço ». E igualmente admiravel mostra-se em muitas occasiões, como quando, por exemplo, dilacerado o coração por ver-se expatriado, banido, declara que voltaria ao Brazil, contentissimo e no mesmo instante em que o chamassem para prestar-lhe serviços ; por uma conspiração, porém— nunca. « Conspirar—diz elle então—jamais. Não se coaduna com a minha indole, o meu caracter, os meus precedentes; seria a negação da minha vida inteira. Nem autoriso alguem a conspirar em meu nome ou no dos meus... »

Uma feita, o Dr. Affonso Celso ouvio D. Pedro, com toda simplicidade e sangue frio, relatar alguns episodios do dia 15 de Novembro de 1889 com relação a sua individualidade, e a esse proposito disse elle: « Nós o escutavamos enlevados. Nunca Sua Magestade se revelara com tão levantada magestade, nunca o Imperador fôra mais Imperador! »

E, quando se trata de um homem que tanto desvelou-se por este Instituto, de um homem a quem este Instituto deve o gráo de adiantamento em que se acha, á Commissão de Historia seja permittido reproduzir aqui o seguinte trecho desse livro, cujo autor jamais privara com o Imperador, D. Pedro II, mas ao contrario desde seu tirocinio academico e até depois de representante da nação, chegou a atacal-o na imprensa e na tribuna, attribuindo-lhe a responsabilidade exclusiva de todos os nossos males. E' um trecho escripto depois de haver elle ouvido muitas vezes o nosso sempre lembrado protector, quer sobre assumptos do paiz, quer sobre assumptos de lettras e sciencias, sua preoccupação constante, fervorosa.

Escreve o autor á pagina 144 de seu livro :

« Procurei-o desde então frequentemente, já com meu pae e a familia, já só. E sentia-me tomado de intenso affecto e illimitada veneração por elle, a proporção que o ia conhecendo melhor.

« Na intimidade desvendava-se-me um D. Pedro chão, carinhoso, franco, infinitamente mais admiravel que o D. Pedro official.

« Ignoro se com os annos e molestias haviam-lhe declinado as faculdades, como tão insistentemente se

affirmar, pois já o disse, não privei com elle n'outras eras. Dou porém testemunho de que a sua intelligencia, qual a pude apreciar, era aguda e profunda, prodigiosa a sua memoria, variadissima a sua erudição, instructiva sempre a sua palestra, impregnados todos os seus dizeres de bom senso, criterio e discernimento infinitos.

« Mas a irradiação superior de seu caracter consiste na bondade, na tolerancia inalteravel com que encara as miserias do mundo—piedade suprema de philosopho que vive a meditar e a soffrer.

« Confiança cega na verdade e na justiça, amor infindo á sciencia, idolatria pelo cumprimento do dever, certa ironia complacente com relação a contingencia das cousas e, acima de tudo, serenidade olympica no sentir e no pensar, oriunda sem duvida do equilibrio de faculdades poderosas, alma limpida e alta, trato amenissimo, larga experiencia sem amargura—eis alguns d'entre innumeros traços insignes que apprehendi no seu organismo psychologico.

« Entre os antigos chamar-lhe-iam um estoico; nas épocas de fé viva, um santo, talvez; para mim a denominação—um justo—o define e resume nesta quadra de interesse e de egoismo ».

Na segunda parte do livro examinado—*Fardos*—trata-se dos Mormons e da historia desta seita, fundada por José Smith, contra a qual ha singular intolerancia das classes divergentes nos Estados-Unidos da America.—descreve-se uma das mais concorridas recepções do Barão Carlos de Struve, ministro plenipotenciario do Czar da Russia em Washington, o que é feito em forma de romance sob o titulo—O lenço da Condessa—dão-se noticias de Oberammergau, modesta aldêa das montanhas da Baviera;—noticias sobre o Jaguaribinha, em que o autor em rude canôa navegou—e sobre Salto Grande, triste e pequena povoação, onde se extremam Bahia e Minas Geraes.

O Dr. Affonso Celso desde o começo de seu curso juridico revelou o vulto que viria a ser nas letras pátrias, mimoso, inspirado; prosador amado, [illegible]. O livro, que acaba de publicar, é uma perola preciosa da litteratura

patria; dá-lhe incontestavel direito á uma cadeira neste Instituto. Capital Federal 8 de Outubro de 1892.

Augusto Victorino A. Sacramento Blake, relator. — *Dr. Cezar A. Marques.*

Obtendo a palavra o Sr. Dr. Cezar Marques, faz sciente ao Instituto, que o socio Silva Lima enviara um caixãozinho contendo 14 machados de pedra de indios do Brazil.

Não havendo mais assumpto de que tratar-se o Sr. Presidente levanta a sessão.

Joaquim José Gomes da Silva Neto,
Servindo de 2° Secretario.

18ª SESSÃO ORDINARIA EM 28 OUTUBRO DE 1892

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 7 horas da noite presentes os socios, conselheiro O. H. de Aquino e Castro. Henrique Raffard, commendador J. Luiz Alves, Dr. M. Marques de Carvalho, commendador L. Rodrigues de Oliveira, J. Xavier da Motta e J. J. G. da Silva Neto, servindo de 2° secretario, o Sr. presidente declara aberta a sessão.

O Sr. 1.° Secretario dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Carta do 2° secretario effectivo Dr. Nascimento Silva pedindo desculpa de não poder comparecer. Officio do socio Dr. Sacramento Blake acompanhando as pastoraes e mais papeis apresentados ao Instituto como titulos para a admissão do Bispo do Cuyabá, o Revm. D. Carlos Luiz d'Amour, e devolvidos por não poder o mesmo doutor analysal-os e dar parecer como relator da Commissão de Historia, visto achar-se onerado de outros trabalhos do seu emprego, e além disto soffrer incommodos de saude. O Sr. presidente nomea o general Dr. João Severiano para substituir o socio impedido. Officio do socio Dr. Ladisláo Netto, presidente da commissão brazileira da Exposição em Chicago, agradecendo o convite que lhe fôra dirigido para assistir á sessão solemne de 12 do corrente, em commemoração do

4° centenario da descoberta da America por Christovão Colombo, e solicitando a remessa de exemplares dos trabalhos litterarios que tiverem sido lidos na mesma sessão, em relação a este facto assim como de outros quaesquer referentes á nossa historia, os quaes contribuirão para mais realçar a representação do Brazil, por occasião da Exposição Universal Colombiana, em Chicago. Officio do ministro do Uruguay no Brazil, agradecendo o convite para assistir á sessão solemne d'aquelle dia 12 e desculpando-se de não ter podido comparecer. No mesmo sentido officio do ministro de Portugal no Brazil. Officio do 1° secretario do Congresso Litterario *Gonçalves Dias*, pedindo a este Instituto, que se faça representar na sessão solemne do mesmo congresso, a qual se ha de realizar ás 7 horas da noite de 3 de Novembro no salão do Lyceu de Artes e Officios, em commemoração do 28° anniversario do fallecimento do poeta Gonçalves Dias. Do Sr. Eugenio Emilio Raffard, consul da Suissa, enviando um exemplar da noticia sobre a precisão dos chronometros de marinha fabricados no cantão de Neufchâtel, acompanhado do boletim mensal do observatorio meteorologico-magnetico central, no Mexico.

OFFERTAS

Do *Regulamento e Pogramma* pela commissão da Exposição Colombiana em Chicago; Actas dos annos de 1891 e 1892, pela Associação Promotora da Instrucção; *Anales* pela Sociedade Scientifica Argentina; *Revista da Educação e Exercicio* pela redacção; *Anales* de Hygiene Publica pelo Departamento Nacional de Hygiene de Buenos-Ayres; *Boletins* pelas sociedades de Geographia de Paris, Bordeaux, Berlim e Anvers; *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Nouveau Monde*, e *Brésil* pelas redações; *Boletim* pela Real Academia Historia de Madrid; *El Monitor de la education commune*, de 1892, pela Administração; *Revista Maritima-Brasileira* pela Bibliotheca de Marinha; *Boletim* pela directoria geral dos Correios; *La Capital* jornal da Republica Argentina, anno 24° n. 7394, de 11 do corrente, publicado no Rosario.

Pelo socio Dr. Maximiano Marques de Carvalho,

foi apresentada uma indicação tratando do mesmo assumpto do seu protesto enviado na sessão anterior, afim de que a redacção da *Revista* deste Instituto na publicação do discurso do Sr. 2° secretario, em referencia á descoberta da America, em certas proposições ponha a nota seguinte : « Estas doutrinas não são da convicção do Instituto Historico. » A requerimento do autor ficou sobre a mesa para ser tomada em consideração quando achar-se presente o dito Sr. 2° secretario. A indicação é do teor seguinte :

INDICAÇÃO

Tendo o nosso 2° secretario na sessão extraordinaria do dia 12 do corrente mez, em seu monumental discurso em homenagem a memoria de Christovão Colombo firmado com a sua muito respeitavel opinião as doutrinas *pantheistas* de B. Spinosa, de A. Comte, de Littré, e de Renan, julgo que taes doutrinas não devem passar como as idéas e convicções do Instituto Historico ; por isso indico que no caso de ser aquelle discurso publicado em nossa *Revista*, no logar onde o illustrado orador affirma « que o homem é um *atomo* que rola, como materia, em harmonia com o Universo « e que é falso que o homem tenha sido creado a Imagem e Semelhança de seu Creador » nessas proposições a muito digna commissão de Redacção da *Revista* ponha a nota seguinte : « Estas doutrinas não são da convicção do Instituto Historico. »

Isto indico porque Christovão Colombo é um exemplo sublime de que o homem foi e é creado a Imagem e Semelhança de Deus.

Sala das sessões do Instituto Historico Geographico do Brazil 28 de Outubro de 1892.— *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.*

Fica sobre a meza para ser votado na sessão immediata o seguinte

PARECER

A commissão de admissão de socios, concordando com a illustrada commissão de historia, é tambem de parecer, pelos fundamentos que a mesma commissão

expõe, que seja recebido como socio correspondente o reverendo Conego Bento Severiano da Luz.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro 28 de Outubro de 1892.—*Manoel Francisco Correia—José Luiz Alves.*

Nada mais havendo a tratar-se o Sr. Presidente levanta a sessão.

Joaquim José Gomes da Silva Neto,
Servindo de 2° Secretario

A' 11 de Novembro de 1892 não houve sessão por falta de numero, tendo somente comparecido os Srs.: O. H. de Aquino e Castro, Henrique Raffard, Dr. Alfredo Nascimento, Commendador J. Luiz Alves e Major Silva Netto.

19ª SESSÃO ORDINARIA EM 25 DE NOVEMBRO DE 1892

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

A's 7 horas da noite, achando-se presentes os Srs. conselheiro O. H. de Aquino e Castro, Visconde de Beaurepaire Rohan, general Dr. J. Severiano da Fonseca, conselheiro M. F. Correia, commendador J. Luiz Alves, conselheiro T. de Alencar Araripe, Dr. Cesar Marques, Barão de Alencar, Dr. Sacramento Blake, commendador Gomes Brandão, Dr. Castro Carreira, commendador J. Xavier da Motta e o 1° secretario Henrique Raffard, o Sr. presidente abre a sessão, incumbindo ao Sr. Henrique Raffard de tambem servir de 2° secretario na falta do effectivo e dos supplentes.

Não tendo chegado a mesa a acta da sessão anterior o Sr. Henrique Raffard dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Do Sr. Gustavo Korrigswald enviando o mappa da America do Sul. Do Sr. Rodolpho Bernardelli convidando para a ceremonia da inauguração do busto de Benjamin Constant, no dia 8 do corrente, ao meio-dia na

Escola Nacional de Bellas-Artes. Do Sr. Ricardo Graça, secretario da Bibliotheca Fluminense, pedindo os tomos da *Revista* deste Instituto correspondentes aos annos de 1890, 1891 e 1892 para completar a collecção que possue a referida bibliotheca. Do socio thesoureiro conselheiro Tristão de Alencar Araripe, participando não poder comparecer a sessão de 11 do corrente. Do Sr. director da Casa de Correção accusando e agradecendo a satisfação do pedido que fez ao Instituto. Do socio Dr. Guilherme A. Seoane accusando o recebimento do officio datado de 30 de Julho e pondo seus prestimos a disposição do Instituto em Buenos-Ayres, onde se acha. Do Secretario da Bibliotheca Nacional accuzando e agradecendo os tomos da *Revista* que pediu para completar a collecção que possue a dita Bibliotheca. Do Dr. Pereira Rego communicando o fallecimento, de seu pai o Barão de Lavradio, socio do Instituto — este officio só foi recebido no dia 24 e será respondido pelo secretario. Do Sr. commendador Luiz R. de Oliveira, remettido por intermedio do Sr. Presidente, fazendo suas despedidas e pondo ao dispôr do Instituto seus serviços na Europa e aproveitando a occasião para offerecer para o Museu do mesmo Instituto um pequeno machado de pedra encontrado na localidade Povo Novo do Rio Grande do Sul, pelo 2° tenente (hoje capitão de artilharia), Dr. Erico Augusto de Oliveira, nas excavações que alli fez ha dez annos mais ou menos.

OFFERTAS

Pelo 1° secretario Sr. Henrique Raffard *El Comercio*, Lima, 12 de Outubro de 1892, contendo interessantes detalhes relativos as festas Colombianas na capital Peruana; pelo socio Laffayette de Toledo os seguintes jornaes: *A Prosa*, *A. Alvorada*, *O Raio*, *O Protesto*, *O Autonomista*, *Diario do Commercio*, *O Evangelista*, e a acta da apuração geral dos votos das eleições do municipio de Casa Branca procedidas no dia 30 de Agosto de 1892, para juizes de paz que tem de servir no quatrienio de 1892 e 1896 ; pela Directoria Geral dos Telegraphos *Relatorio* apresentado pelo Director Geral J. M. Lemos Bastos.— 1892 ; pelo Instituto de Engenheiros do Chile, *Anales*,

anno III tomo 4°; pela redacção *Revista do Ensino primario*, Bahia, 1892; pela Sociedade Nacional de Agricultura de Monjitas, Société de Geographie Commerciale de Bordeaux e Observatorio Astronomico Nacional de Tacubaya *Boletins*; pelas redações: *Diario Popular*, *Jornal do Recife*, *Club Curitybano*, *Le Brésil*, *Le Nouveau Monde*; pela Imprensa Nacional *Collecção* das Leis da Republica dos Estados Unidos do Brasil — 1891 vol. I e II; pelo auctor Dr. P. Ehrenisch *Beitrage zur Geographie Central-Brasilien*; pelo auctor *Pratical Suggestives to travellers*; pelas Sociedades de Geographia da California, Americana de New-York, e de Berlim *Boletins*; pela Real Academia de Lincei *Rendiconti*; pela Sociedad Cientifica Antonio Alzate no Mexico *Revista*; pelo Departamento Nacional de Hygiene Publica de Buenos-Ayres, *Anales*; pelo Obesrvatorio Astronomico Nacional de Tacubaya *Boletim*.

Catalogo de papeis avulsos da Bibliotheca do Instituto organisado pelo socio conselheiro Araripe. Depois de agradecer-se, resolve-se que o alludido trabalho seja publicado como complemento do catalogo que se está imprimindo.

O Sr. Presidente tomando a palavra profere a seguinte allocução:

Senhores.—O Instituto Historico acaba de perder um dos seus mais estimaveis consocios, o Sr. conselheiro José Pereira Rego, Barão de Lavradio, admittido em nosso gremio em 1840, e fallecido nesta capital, em avançada idade, no dia 22 do corrente.

Era o venerando ancião um caracter respeitavel pelas suas eminentes qualidades pessoaes, reconhecida illustração e summo patriotismo revelados no exercicio dos cargos difficeis e importantes que lhe foram confiados e que desempenhou sempre com dignidade, proficiencia e abnegação.

Formado em 1838 na antiga Academia Medico-Cirurgica do Rio de Janeiro, dedicou-se por longos annos ao serviço de sua nobre profissão com inexcedivel zelo, desvelado empenho e louvavel desinteresse, dando assim

prova de quão bem comprehendia a elevação e santidade do sacerdocio que tão dignamente professava.

No exercicio das funcções officiaes que lhe couberam por nomeação do governo ou eleição popular, tantos e tão relevantes serviços prestou a causa publica, que assaz justificados foram os titulos e distincções que lhe foram conferidos, e que soube honrar em todas as phases de sua longa e proveitosa existencia.

Deixou numerosos trabalhos litterarios e scientificos referentes a sua profissão, testemunhos certos de seus laboriosos estudos e experiencia, e mais do que isso, a grata memoria de um homem bom, virtuoso, singelo, e generoso, sinceramente prezado por todos quantos tiveram a fortuna de conhecel-o de perto.

A's geraes manifestações de condolencia em honra do illustre finado, junta o Instituto as do seu profundo pezar por tão lamentavel acontecimento, que ficará registrado na acta da presente sessão.

Em tempo será feito o elogio biographico deste distincto consocio, na fórma dos nossos estatutos.

ORDEM DO DIA

O Sr. 1° secretario lê os dous seguintes pareceres da commissão de admissão de socios :

Conformando-se, por seus fundamentos, com a opinião manifestada pela illustre Commissão de Historia no trabalho junto com data de 8 do mez findo, a commissão de admissão de socios é tambem de parecer que seja recebido como socio effectivo deste Instituto o distincto Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo.

Sala das Sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 11 de Novembro de 1892.—*Manoel Francisco Correia*.—*José Luiz Alves*.

Em vista da analyse sobre a memoria offerecida ao Instituto pelo Sr. Coronel Francisco Manoel da Cunha Junior, reconhecendo nella exposição de factos importantes pouco conhecidos, affirma a illustrada commissão da Historia que o autor é homem dedicado ao trabalho, podendo-se esperar d'elle maior e valioso contingente

para a historia de uma guerra que ao Brazil trouxe gloria, á custa de pesados sacrificios, sangue e dinheiro, e por isso opina a commissão de admissão de socios que o Instituto deve admittir no seu gremio confórme a proposta o Sr. Coronel Cunha Junior.

Rio de Janeiro, 18 de Novembro de 1892.—*Barão de Capanema.—José Luiz Alves.—Manoel Francisco Correia.*

Ficam sobre a mesa para serem votados na primeira sessão vindoura.

Em seguida foi dada a palavra ao general Dr. João Severiano da Fonseca que apresenta como relator os seguintes:

PARECERES

A' Commissão de Historia foram presentes varias cartas pastoraes do Exm. e Rvm. Bispo de Cuyabá, D. Carlos Luiz de Amour, umas publicadas em folhetos, outras em Diarios de Cuyabá.

São aquellas:

Uma pastoral de 3 de Dezembro de 1875, quando Sua Rvma. Vigario Capitular do Arcebispado da Bahia, annunciando o Jubileu do anno santo e implorando donativos para o asylo da Mendicidade. Outra de 12 de Março de 1877, annunciando a preconisação de novo metropolita, e convidando os fieis para sua recepção: e ao mesmo tempo agradecendo-lhes o quanto auxiliaram o seu proprio governo. Terceira, de 28 de Junho de 1878, no mesmo Arcebispado, saudando os diocesanos e exhortando-os aos deveres da caridade. Quarta, já Bispo de Cuyabá, publicando o Jubileu de S. S. o Papa Leão XIII, por occasião da sua elevação ao solio pontificio, e tem data de 15 de Fevereiro de 1879. Quinta, de 15 de Agosto de 1881, transcrevendo a encyclica do Papa que annuncia novo Jubileu extraordinario. Sexta, de 18 de Outubro do mesmo anno premunindo os fieis contra a propagação de bullas falsas. Setima de 8 de Setembro de 1882 despedindo-se delles para vir a Côrte do Imperio. E oitava, de 25 de Julho do anno seguinte, instruindo-os sobre o celibato clerical e religioso, e comprovando-o com a

retractação do padre Diogo Antonio Feijó, feita em 10 de Julho de 1838.

As publicadas nos jornaes de Matto-Grosso são em numero de doze, e vêm annotadas com os numeros que aqui transcrevemos. 5ª de 11 de Outubro de 1879, sobre o ensino da doutrina christã; 7ª de 25 de Janeiro de 1880, sobre o jejum da quaresma; 19ª de 30 de Nomembro de 1883, sobre o culto da Cruz, por occasião de erigir o cruzeiro da Cathedral ; 24ª de 25 de Março de 1887, rendendo graças pela extincção da epidemia que assolou a provincia; 25ª de 28 de Julho do mesmo anno, regosijando-se pelo restauramento da Cathedral ; 27.ª de 20 de Maio do anno seguinte felicitando os fieis pela chegada dos padres lazaristas, que mandara buscar para dirigirem o Seminario; 29ª de 13 de Julho seguinte, chamando a attenção para a circular do Ministerio da Justiça de 26 de Maio ultimo, na qual se lhe recommenda que mande aos parochos que a leiam na missa conventual e expliquem aos fieis os beneficios da aurea lei de 13 de Maio etc.; 33ª de 22 de Fevereiro de 1889, protestando com toda a indignaçao contra o golpe sacrilego que se pretende dar no poder temporal do Papa, interpretando-se a visita á Roma, do Imperador da Allemanha, como uma approvação da occupação italiana da cidade papal; 37ª de 8 de Dezembro de 1891, annunciando a consagração da Diocese ao Sagrado Coração de Jesus; 39ª de 5 de Abril de 1892, exhortando ao amor e caridade os seus diocesanos, divididos em lucta fratricida; e 40ª de 26 de Maio ultimo, concitando-os á promoverem a restauração do templo do Senhor dos Passos.

—

São todos trabalhos escriptos com a uncção evangelica e elevadas doutrinas, proprias de um pastor da Igreja Catholica; e, mais ainda, notaveis pela sua sobriedade e modesta concisão. Dentre todos, porém, se destaca a pastoral sobre o celibato ecclesiastico, lançada por occasião de apparecer transcripto em um dos jornaes da provincia, o parecer que o antigo regente do Imperio, padre Diogo Antonio Feijó, então deputado geral por S.Paulo, apresentára ao parlamento, revogando o celibato

ecclesiastico, e—declarando de privativa dependencia do poder temporal o estabelecer os impedimentos de matrimonio, dispensal-os ou revogal-os.

—

Principe da Igreja, o Sr. D. Carlos Luiz d'Amour apresenta-se candidato ao logar de membro correspondente do Instituto; e dentre as provas de idoneidade scientifica que offerece, este trabalho que se refere á episodio notavel na nossa Patria e não menos notavel da historia ecclesiastica,—por della ser protogonista um sacerdote e distincto homem do estado do Brazil; este trabalho, dizemos, é o que de mais valor se apresenta á commissão que tem de examinal-o.

Pelo que, colloca-se ella acima de preconceitos e o estuda no campo da philosophia e da razão. Catholicos e Apostolicos Romanos os membros da commissão, e pouco versados nas lettras da Igreja relativamente ao muito que ellas illuminam o venerando prelado Cuyabano, sentem que, sem duvida lhes cahirá a pecha de maniacos que a Pastoral lança á aquelles á quem parecem menos justas as doutrinas de que tal celibato deva ser acceito e definido como instituição apostolica; o que, conforme S. Ex. Rvma., a Igreja sempre ensinou e os Concilios definiram.

E curvam-se resignados. Entretanto, forçoso é á commissão tratar de tão escabroso assumpto; e nem nelle tocaria, maximé ao ver qualificados, nessa Pastoral de impios e blasphemos os que não concordam em taes doutrinas,—si lhe não fosse de obrigação este Parecer.

—

E' dogma incontroverso e indiscutivel que Deus ama a verdade e abomina a mentira: e, em que pese á intransigencia ecclesiastica, a consciencia, o unico tribunal inteiramente justo e severo no apreço das acções do homem, nunca dará beneplacito ao *sic pro ratione voluntas*: e Deus, que quer a verdade, abençoará Galileu no seu *e pur si muove*, grito da consciencia que apostata da retractação extorquida; e Deus que aborrece a mentira, anathema fará—por blasphemos e impios aos que

presumpçosamente pregam a mentira, dizendo-se, falsamente, oráculos e oráculos infalliveis da Divindade.

Isto posto; e porque não se trata de dogma indubitavel e indiscutivel, mas de questão debatida e controversa na propria Igreja, entra a commissão em materia no presupposto de que, quando mesmo erre com os anticelibateistas, tem esse erro por venial, por fundamentado em doutrinas e definições da mesma Igreja, nos annaes dos seculos e na philosophia da historia, que o *sic volo sic jubeo* de leis novas não póde esconder, nem destruir.

—

Que os apostolos fossem solteiros, ou que abandonassem suas esposas para seguir o Divino Mestre, facilmente se concebe; porque tinham de andar de cidade em cidade, de nação em nação, levando ás gentes a palavra da Redempção: *Ide e ensinae á todas as* nações. Nem ha duvidar que o estado célibe seja o mais apropriado ao apostolo, missionario que leva a *boa nova* correndo o mundo, atravessando desertos e regiões inhospitas, sem mais recursos que os que da Providencia vierem.

Donde, não foi esse celibato dos apostolos uma instituição para imitarem o Christo, mas uma necessidade trazida pela profissão; donde, o quererem os apostolos que os fieis, que não eram missionarios, os imitassem, — *estôte imitatores mei sicut et ego Christi* é proposição inacceitavel por contraria á razão e á humanidade.

Dessa pretensa instituição, verdadeira lei de constrangimento ao *conselho de perfeição* attribuido ao Redemptor, a distancia é o infinito. Dahi os protestos contra o celibato, desde o 3° seculo, quando si o pretendeu *á fortiori*.

Bem diz a Pastoral que, com effeito, nos seus primeiros seculos a Igreja elevava ao episcopado, presbyteriado ou diaconato homens casados: mas, já não é tão certo, em que esses sacerdotes se separavam do thalamo conjugal, não mais voltando a elle, e tratando suas esposas como irmãs. Quantos Concilios que dão luz sobre este assumpto! Pela mesma razão, não aproveita a carta de Clemente 1°, *ad Jacobum patrem domini*, sobre a privação do ministerio sagrado ao padre que conservar-se casado,

primeiro porque era muito cêdo para tratar-se dessa doutrina, e sendo ainda o sacerdocio vocação e não imposição; e segundo porque a propria Igreja tem duvidas sobre esse Papa, que o Sr. bispo, seguindo Santo Agostinho, reputa o terceiro successor de S. Pedro, sendo o segundo S. Lino; que S. Jeronymo e o doutissimo Tertuliano fazem o segundo, emquanto outros, como os bispos S. Irineo, S. Epiphanio de Salamina e o grande Eusebio de Cesaréa fazem-o o quarto Papa, depois de S. Cleto ou Anacleto. Além disso os escriptos attribuidos a S. Clemente 1° passam por apocryphos.

Esse mesmo Tertuliano, um dos mais sabios e operosos padres da primitiva Igreja, e que vivia em começos do 3° seculo—dedicou um dos seus mais orthodoxos livros *A'sua mulher*. No proprio primeiro Concilio de *Ancyras*, capital da Gallacia (anno de 314), si no seu canon 19°, que o Sr. bispo Amour cita, — considera « bigamos os que se casam tendo promettido virgindade », n'outro adiante decide que « — si algum diácono vier tomar ordens de presbytero e declarar não poder viver em celibato, que case-se sem por tal ficar privado das funcções sacerdotaes » (Labbe, collecção dos Concilios).

Nesse mesmo seculo outros Concilios conheceram da mesma disciplina.

No de *Gangra*, na Paphlagonia, fulminou-se anathema contra os que recusassem receber a communhão das mãos de padre casado; e o de *Nicea*, em 325, o 1° ecumenico, e talvez tambem o primeiro em que se tratou de prohibir tal casamento, ficou elle permittido aos casados, quando leigos. Foi S. Paphnucio, bispo da Thebaida quem victoriosamente advogou essa causa. O de *Carthago*, em 398, pune o que viver com mulher *estranha*, e manda que os neophytos se abstenham, durante certas occasiões, de festins, espectaculos e de mulheres.

Si o Concilio de *Orange*, de 441, ordena como novidade na Igreja Gallicana o casamento dos padres e o de *Carthago*, de 401, e o de *Clermont-Ferrand*, de 539, prohibem, aquelle o casamento dos bispos, sob pena de deposição, e todos o terem mulheres elles e os mais padres; os da *Persia*, de 499 e 544, pronunciam-se a favor da

casamento dos bispos, padres e frades; dos proprios frades, apezar da communidade nos mosteiros, onde o elemento mulher seria em mal da disciplina e moralidade. No Concilio de *Tours*, de 567 foi isso ainda materia de discussão, e em um de seus canones a mulher do bispo é chamada *episcopa*.

Ainda no celebre Concilio de Constantinopla, de 692, cognominado *in Trullo*, tratou-se dessa disciplina, resolvendo-se prohibir o casamento aos sacerdotes; consignando-se, porém, que « os já casados, si fossem bispos deveriam guardar continencia perfeita, e si presbyteros, diáconos continuariam como casados, guardando sómente continencia nas occasiões em que devessem exercer ministerios sagrados. »

Quantos Concilios, quantas decisões da Igreja, uns contra e outros a favor dessa doutrina, proximos muitas vezes uns dos outros, no mesmo seculo, no mesmo paiz, e até com os mesmos prelados?

Em 1047, sob a inspiração do grande Hildebrando, ou Gregorio VII, estatuiu o concilio de Moguncia lei definitiva, para cuja execução houve o Papa de empregar as maiores violencias espirituaes e temporaes, sublevando contra os padres os proprios monges e as turbas fanatisadas, que no seu furor iam arrancal-os até dos altares para os martyrisar. Entretanto esse casamento era tão commum na Normandia e tão grande o numero de padres casados que foi isso motivo para convocação do Concilio de *Rudo*, de 1055.

Houve em 1108 o 7° de *Londres*, que manda os padres deixarem suas mulheres, si quizerem celebrar; o 11° de *Rudo*, em 1128, prohibe-lhes o ter mulher; e em caso contrario, que fiel algum lhes deve ouvir as missas; donde, não os suspendia de ordens. O de 1199, na *Dalmacia*, renova a prohibição; o que em 1229, no de *Londres* quizeram tambem fazer os prelados inglezes, e não se cumpriu por se lhes oppôr o rei Henrique III. No seculo seguinte bispos, conegos e padres casavam-se *publicamente*, como se o lê na *Gallia Christiana*, tomo 1° pag. 19; e no Concilio de *Pariz*, de 1212, prohibiu-se aos bispos receberem dinheiro dos padres, para poderem estes continuar secre-

tamente com suas mulheres. Grande numero das contendas de religião, as heresias, como as chama a Igreja, teve por base a guerra feita, no proprio pulpito á incontinencia do clero e a luxuria, simonia e avareza dos papas. Valdo Viclef, João Hus, Luthero e Calvino,— os *reformistas*, não queriam a reforma da Igreja, e só a dos costumes. Entre todos, Hus, queimado em 1415 era tão puro e tão santo como os mais puros discipulos de Christo.

Na historia profana, em 1564, Carlos IX expatria da França os padres casados que não queiram voltar ao celibato, e em 1576 Henrique IV do mesmo modo que seu antecessor Henrique III,— prohibe que se os persiga. Si a Igreja, em 1600, dez annos depois da morte do cardeal de Chatillon, apostata e excommungado por Pio IV, invalida seu casamento em 1564, com Isabel de Hauteville, si invalida o do padre Baudouin em 1623 ;— em meiados deste seculo Gregorio XVI não póde annullar o de um padre brazileiro casado á força,— tanto elle como o celebrante sob o terror da morte, si o não fizessem; decidindo apenas que estava casado, mas não devia viver com a mulher. Em 1135, Innocencio II, desligava de seus votos de monge o bispo D. Ramiro, rei de Aragão, para casar-se com a filha do duque de Aquitania ; em 1802, Pio VII concedia ao bispo Talleyrand o casar-se com Mme Grant, e desligava dos votos cerca de dez mil padres casados durante a revolução franceza ! Si o velho cardeal, que aos sessenta e sete annos subiu ao throno de Portugal, não obteve de Gregorio XIII favor egual, foi porque o seu throno era cobiçado não só pelo *demonio do meio dia*, Felippe II, como pelo proprio Papa (Perestrello, Dicc. Geog. de Portugal).

Como, doutrina santa, indiscutivel, incontroversa, essa lei que se dobra ás conveniencias da vontade, do capricho, do interesse e da simonia ?

Estes factos são posteriores á ultima decisão da materia, o celibato obrigatorio, definido no ultimo Concilio de Trento, 1545-1563, *deseseis seculos depois dos apostolos*, e que até agora continúa sob o nome de *sagrada congregação do concilio*, sem retoques, nem contestações, salvo as do *Interim* de Carlos V, deixadas passar por Julio II.

Foi nesse Concilio, o mais celebrado da Igreja que se lançou anathema a «quem disser que o padre póde casar-se, e que o seu casamento não está nullo.»

Dahi a imprecação, que ainda perdura, de impios e blasphemos aos que se pronunciam contra o celibato. Mas, é tambem da historia que ahi mesmo bispos houve que se pronunciaram *pro conjugii libertate*, declarando peremptoriamente que « mais com a doutrina de Jesus ia o casamento dos padres, do que a decisão do Concilio » (André Dudith, bispo de Tina).

O dizer-se, em pró do celibato, que a escola do Redemptor não é a escola de Epicuro, não parece acertado. O casamento não é simplesmente um gôso material: é uma funcção vital, como é o comer, o beber e o dormir. Ora, para castigar a carne ha o diminuir-lhe os gosos: supprimil-os não é de razão. São elles meios de existir: supprimidos, supprime-se a vida.

Por outro lado, como diz um escriptor, o concubinato é muitas vezes um prazer: o casamento é um dever: donde a sua superioridade.

—

Não é por concupiscentes e escravos da carne que os anti-celibateistas batem-se pelo casamento dos padres, pois si essa fosse a razão, facilmente seria resolvida. E', justamente, por causa dessa facilidade.

E nem é tanto para favorecer o sacerdote como pelo povo; que é quem vem pagar as differenças, que delle é que saem as companheiras dos taes celibatarios. E' para livrar tantas mulheres da vergonha de uma posição infame; é para dar a innumeros entes, seus filhos, —os fóros, direitos e posição honrosa de filhos-familias.

—

E' certo que a Igreja não impõe a lei do celibato sinão aos que livremente a ella se vão sujeitar. E' tambem, quasi certo, que ella a ninguem obriga á alistar-se sob suas bandeiras: cahiu em desuso a lei dos mosteiros que prohibia a sahida dos menores nelles educados, e que chegavam á idade de 16 annos, e os obrigava a professar (Concilio de Worms, 868). Mas, si é certo que não desliga dos votos aquelles que uma vez os fazem, e que, no

entretanto, em milhares, nem um, talvez, os cumpra religiosamente, para que essa inflexibilidade, que afinal não é só prejudicial ao sacerdote e á sociedade, mas tambem, á moralidade, dignidade, santidade da propria Igreja? Para que essa inflexibilidade, si os actos de Pio IV, Innocencio II, Pio VII e outros, por mais extraordinarios que sejam, demonstram que *il est avec le ciel des accommodements*?

A Igreja exige o celibato quando só devia querer a castidade. A castidade implica a idéa de continencia; o celibato, não.

Isso sabe-o de sobejo a Igreja, que tantas vezes e em tantos Concilios, tem tido necessidade de reprimir ou profligar o desregramento desses célibes forçados. Vejam-se, entre outros, os concilios de Winchester; o de Valence, na França em 374; os de Carthago, de 398 e 419; o 4° de Lião, em 461, do qual só resta um canon, e esse a tal respeito; em 650, os de Chalons e 1° de Ruão; outro de Chalons, em 813; o 10° de Pariz, em 829; os de Reims, em 874 e 1049; o de Cantuaria em 969; o de Milão, em 1287; o 7° de Colonia, em 1310; o de Noyon, 1334; o de Pont-Audemer e o 9° da Colonia, em 1423; o de 1570 em Basiléa e o de Malines, em 1565; todos tratando da relaxação de costumes e depravação do clero. Ha, ainda, o de Carthago em 348, o 9° de Lião, em 583, e o de Nantes, em 660, prohibindo os padres habitarem com mulheres; ha o de Laodicea, de 366, prohibindo no seu canon 30°, banharem-se junto com ellas; ha, ainda, o segundo de Colonia, de 887 e o 16° de Pariz, de 1129, que condemnam as virgens, que, depois de consagrarem-se a Deus, cáem na libertinagem; e o 4° de Colonia, em 1260, cujo 1° canon é obrigando os padres a deixarem suas concubinas, e prohibindo-lhes de assistir ao casamento dos seus filhos; n'outro, o 4°, relativo aos monges benedictinos, pune severamente os incontinentes, e no 19° o que introduzir mulheres nos conventos; ha o de Latrão, de 1139, que supprime pela sua immoralidade as *virgens agapetas*, que cuidavão dos bens temporaes dos padres, emquanto estes só se occupavão dos espirituaes; virgens agapetas ou *mulheres sub-introduzidas*, que São

Jeronymo cognominou de esposas sem casamento, meretrizes de um homem só, concubinas de nova especie; e S. Christovão verberou de alcoviteiros os bispos que as consentião.

Isso em concilios: e fóra de concilios quantos padres e doutores da igreja profligaram essas torpezas? Clemente de Alexandria que foi santo, e não o é mais, o maior moralista do seu tempo, na opinião de S. Jeronymo, e que, na de outro moralista, fez mais pela Igreja, elle só, que vinte mil frades, nos seus escriptos combate estremamente essa desordem de costumes. (*Stromata* 3.º). Abaillard diz que nos altares do Crucificado celebravam-se as vigilias de Venus; e S. Thomaz de Aquino, o *boi mudo* da Sicilia, tornou-se orador e o maior philosopho da media idade, profligando a devassidão e libertinagem do clero.

—

Quando o Salvador entre os seus conselhos de perfeição incluia o da continencia, visava a castidade, isto é, a pureza e santidade do homem no exercicio do primeiro dos deveres humanos, a propagação do genero;— e não a annullação desse dever. Nem ha allegar o exemplo do proprio Christo, eximido desse dever da humanidade, célibe aos 33 annos, no tempo e no meio do seu proprio povo onde o celibato era condemnado depois dos vinte annos, pelas leis de Moysés, salvo poucas excepções, e o casamento obrigatorio aos sacerdotes, pois o sacerdocio era hereditario. E' que Deus podia encarnar-se no seio de uma mulher e fazer-se homem; mas, é intuitivo, não podia procrear deuses, nem podia procrear homens.

O que não se dava com os apostolos, nem com os outros homens.

—

Que S. Jeronymo faça a palavra *cœlebs*, celibatario, derivada de *cœlum* e isso apregoe como uma dignificação para o reino da Gloria, dizendo: *cœlibes, quod cœli digni sunt, inditum nomen*, e é isso, apenas, um jogo gracioso de palavras; mas, pretender Bossuet que o celibato foi adoptado para imitar os anjos, é que irreflectidamente passou-lhe que os anjos não têm sexo.

E, porque imitar os anjos?

Não seria uma vaidade, presumpção estolida, qual a da rã da fabula? Não será desmedido orgulho, impiedade desmedida querer o filho do peccado assemelhar-se aos puros espiritos, filhos de Deus? E, finalmente não seria uma.....inconsequencia? Para que creou Deus os homens? Para que creou Deus os anjos? Pois póde haver impiedade e peccado no comprimento santo, do dever genesico, principal fim da creação, imposto por uma Benção do Creador, para continuação de sua obra?

Com certeza, não será o acto do congresso sexual, uma vez consoante ás leis naturaes, com castidade e continencia, que mereça condemnação. Os homens não são como as flores que proliferam á distancia. Condemnavel, sim, é a incontinencia: e ella é o abuso do acto genesico fóra dos limites que a natureza assignalou á todos os animaes; abuso sem proveito e sem resultados; desregramento ás leis naturaes.

E é isso o que produz o celibato. Os homens não são anjos, são homens; e os anjos não têm funcções nem desejos sexuaes.

A perfeição no homem é muito differente dessa que a Igreja lhe attribue: a perfeição no homem deve ser a faculdade de bem executar todas as suas funcções animaes e racionaes, ou moraes.

O eunucho não é um anjo, é um animal imperfeito.

—

Deu-se na nau da Igreja o que se dá nas marinhas do globo inteiro: a prohibição da mulher á bordo. Fins louvaveis, intuitos sãos, sem duvida: os de manter melhor a disciplina e obter mais bem feito o serviço; no perigo, tendo o marinheiro mais coragem por não ter presente a esposa, nem acobardar-se com os seus terrores e lamurias; na bonança, evitando-se a concupiscencia, amores, ciumes e rixas tão prejudiciaes á bôa ordem e ao bem geral.

O resultado, porém, é miserando: a abominação que, á todas, mais ou menos, infama.

Póde, pois, tal doutrina ou tal pratica ser acceita e louvavel?

Eis o que os anti-celibateistas condemnam, e para

evital-o reprovam o celibato e os conventos. Nem se diga que os vicios e torpezas sejam excepção á regra : infelizmente fazem a regra geral.

—

Si o ajuntamento sexual é a lei primordial da creação, condição *sine qua non*, si foi elle a Benção primeira do Omnipotente, porque prohibil-a, por que condemnal-a? O casamento é esse ajuntamento santificado, legitimado, para constituir a familia,—mais pelo amor da prole do que pela affeição mutua dos esposos: e uma das suas mais preciosas consequencias é ser um obice ao desregramento, á libidinagem, á incontinencia, á polygamia. Nesse intuito elevou-o a Igreja, constituindo-o em Sacramento.

Si a Igreja exaltou a virgindade corporea como o estado de mais puresa, de mais perfeição, por assim dizer, para o homem entrar em relação com a divindade porque não exaltou a innocencia ? Si exaltou a virgindade, fel-o como uma excepção, que o contrario seria nullificar o grande objectivo do Creador : não exigiu a innocencia, porque ella só existe no homem em quanto não lhe são dadas a consciencia e a razão.

Quiz o celibato como o meio melhor de ter os missionarios desprendidos dos interesses mundanos ; quil-o como o meio melhor de ter a ordem e disciplina nos mosteiros e cenobios; quil-o pelo interesse proprio, e não no intento da salvação e santificação dos seus ministros; do mesmo modo que ha nações que o impõe aos seus militares, para tel-os sempre promptos para qualquer serviço, desembaraçados dos estorvos da familia. Como esses militares, são os sacerdotes obrigados ao cumprimento dos deveres, sem desculpas legaes relativas á tropeços que lhes possam trazer a familia. Mas, jugulado a esse proveito politico vem o prejuizo moral das ligações illicitas, e muitas vezes, o crime social do abandono da concubina e dos filhos, — entes desherdados da lei e della victimas, porque nenhuma outra os ampára. Quiz o celibato, emfim, para tel-os sómente ao serviço seu : prohibiu-lhes o casamento como prohibiu-lhes toda outra occupação, a de medico, advogado etc., (Conc. de Colonia, de 1130) e até a de tutor (Conc. de Carthago, em 249) probibindo, mesmo, orações

por um christão que, ao morrer, nomeára um padre, seu parente, tutor de seus filhos.

Jámais, não tememos dizel-o, foi o celibato doutrina *in absoluto*, nos primeiros tempos da Christandade. S. Paulo queria que os sacerdotes fossem *cauti*, sinão podiam ser *casti*. Castos, não continentes. « Cazem-se, dizia, si não podem guardar continencia ; que isso é preferivel á arder n'um fogo impuro. » Santo Agostinho preferia um *castum conjugium* á *superba virginitas*.

E tanto era a continencia, a casta sobriedade, e não o celibato o conselho de perfeição dado pela sacrosanta bocca do Redemptor, que os apostolos, como o illustre prelado Cuyabano relata, queriam que todos os fieis os imitassem. O contrario seria nada menos do que querer-se o despovoamento do mundo n'um periodo não mui longo, de um, dous, mesmo tres seculos, si as missões aproveitassem.

Ora o correr dos tempos tem mostrado que a doutrina ecclesiastica definitivamente estatuida sob Innocencio X, em nada modificou os costumes, e só tem como consequencia um celibato official com prejuiso enorme para a moralidade, dignidade e santidade da Igreja. Entretanto, o menor dos males que elle comsigo traz, o concubinato, já tinha sido materia de melindroso estudo em varios concilios anteriores, entre outros, os de Roma, 1076 ; Westminster, 1125 ; Limoux, 1182 ; Montpellier, 1215; Pariz 1248; o 9° da Colonia, 1423, e posteriormente o de Milão, 1565 e o de Malines, 1570.

Ora, não é o celibato official, dispensado apenas o sacramento na união ; não é o celibato official com a concupiscencia e a desordem, o que a Igreja quer para os seus ministros.

Tambem não póde ser a abstinencia completa e impossivel. Seja célibe ou virgem quem o possa ser ; mas castos e continentes, devem ser todos.

E, porventura, a virgindade do corpo inclue a virgindade da alma? Não será uma impiedade attribuir-se á Igreja a dissimulação da verdade sob apparencias mendaces? Não será impiedade ensinar que Jesus prometteu mais premio aos que se castrassem, por amor do reino dos céos? ainda mesmo que figuradamente se refira aos que pudessem

como os eunuchos dispensar ou fugir das seducções da carne? Pois, não foi o proprio Jesus que instituiu, como o ensina a Igreja, em sacramento o matrimonio? Não foi São Paulo que chamou o casamento o *grande mysterio*, e o disse symbolo da união de Christo com a Igreja?

Por ventura os que se mutilam por ascetismo ficarão livres e indemnes das idéas peccaminosas que forçaram-os, taes seriam ellas, á mutilação? E, si são dignos do louvor de Christo, si são benemeritos da Igreja os que destroem a sua posteridade, castrando-se a si mesmos, porque assim, segundo affirma o Sr. bispo, melhor alcançarão o reino dos céos, porque não o será o que suicidar-se, para mais depressa alcançal-o? Um destróe, apenas as tentações de um só bem corporeo; outro livra-se, por uma vez, de todas.

Entretanto, Origenes que se mutilou por ascetismo, foi por isso excommungado, deposto e degradado, no primeiro concilio Alexandrino, em 231;—entretanto, no primeiro de Achaia, em 250, foram excommungados os *Valesios* que pretendiam que sómente eunuchos podiam ser salvos!

—

E, o que resultou dessas doutrinas, dessa aberração de doutrinas, foi a aberração de costumes. E os annaes da Igreja registram sem impiedade nem blasphemia o facto estupendo de sacerdotes se perpetuarem sem auxilio de mulheres: e creia-se porque ella o diz. Foram elles os *Kteistas*, religiosos da Thracia, assim denominados da vóz *kteis*, o orgão reproductor feminino: milagre esse que Flavio Joseph, nas suas *Antiguidades Judaicas* consigna como tambem succedido entre os Essenios e os proprios Nazarenos; milagre que em todas as éras e em todas as nações onde ha conventos, quer de frades quer de freiras, se tem reproduzido; pelo que bem podiam estas á guisa daquelles tomar a denominação de *phallistas*: —mais felizes, entretanto, que o resto dos seus collegas á quem, faltando o milagre,—contrariada a natureza é forçada á contra-fazer-se na andrerastia, no lebismo, ou á sós como Onan.

—

Porque attribuir-se ao meigo Jesus o preceito de «renegar, *odere*, a mulher, aquelle que quizer seguir os

seus dictames,» embora sua escola, como diz o Revd. candidato,não seja a escola de Epicuro, e sim a da abnegação, penitencia, oração e santidade;—si ella é, tambem, a escola do amor de Deus e do proximo, da bondade, da doçura, da misericordia? Não será erro de interpretação, por carencia de termos na traducção, que tantos houve, como se póde vêr na «*Explicação dos idiotismos ou propriedades das linguas grega e hebraica encontrados frequentemente nas Sagradas Escripturas*, do Dr. Antonio José de Souza? Em Ozéas, synagoga não é traduzida por *mulher* e por *vinhedo*? As cidades, como si fossem mulheres, não são nessas Santas Escripturas, appellidadas de *filiæ*,—*Virgo filia Sion*—, e até de *meretrices*, si são idolatras, só se percebendo pelo sentido as referencias que fazem? E' S. Jeronymo quem diz (*Comment. in epist. ad Ephesos*) que os interpretes gregos e latinos á cada passo commetteram solecismos, hebraisando a traducção, mudando o caso dos nomes, os tempos dos verbos, os graus de comparação nos adjectivos, supprimindo particulas e transtornando o sentido das cousas, já porque a voz hebraica, verbo, nome ou particula, tem muitas vezes diversas significações, já por tambem serem empregadas, figuradamente; o que foi causa das diversas interpretações do texto.

A palavra que a *Vulgata*, de Isidoro Clario, bispo de Foligno (a unica que pelo Concilio tridentino faz autoridade) traduz por *baleia*, S. Jeronymo e os setenta traduzem, ora por *dragão*, ora por *sereia*, ora por *avestruz*, *sthruthio-camelum* ou *passerum-camelum*, ora por *faunum* (Dr. Sousa). Uma arvore é traduzida por castanheiro, carvalho, terebintho e azinheira. Os mesmos nomes proprios foram muitas vezes alterados: *Jehoscua virou Jesus* e *Hiesus*, *Aschasueros*, em latim foi *Assuerus* e em grego *Oxyares*.

Será verdadeira aquella locução? Será engano de traducção? Não é o hebraico, como todas as linguas orientaes, e como todas as linguas primitivas,a linguagem dos tropos? Quantas vezes não toma o todo pela parte, a parte pelo todo, a especie pelo genero etc.? *Cabeça* ou *carne* ou *alma* ou *sangue* pelo homem? Não traduziram de

Daniel (7° V. 25) *trez annos e meio* por *tempus et tempora et demidius temporis*? *alma* por cadaver, *immundi super anima hominis*, (Numeros 9, V. 6). *Peccatum*, não é traducção de culpa, de pena, de lepra e até do parto e dos cathamenios ? Não traduziram em Matheus (9,V.31) o *celebraram* por gratidão, dos cegos curados, por « *diffamaverunt Jesum in totâ terrâ illâ* ? Não diz Zacharias que Christo *se missum esse ad gentes*, quando não foi elle, foram os apostolos ?

Quanto mais sã e rasoavel a doutrina do discipulo pregando que « *bem faz o que se casa, e melhor o que não se casa* », corollario verdadeiro da doutrina de amor e caridade do seo Divino Mestre!—« Não é uma ordem que vos dou, ajunta o apostolo, mas um conselho ; quizera que fosseis como eu, mas cada um recebe de Deus o dom que mais lhe convém. A' todos os que são solteiros e viuvos digo eu que sigam o meu exemplo :— mas, casem-se os que não podem guardar continencia, que isso é melhor do que arder n'um fogo impuro. »

Inspiração do Espirito Santo!... dizem, tambem, o celibato inspiração do Espirito Santo ! Pois não será impiedade e blasphemia attribuir ao Santo Espirito de Deus inspirações de tão mau resultado, como essa e como as que elevam á cadeira do Pescador papas simoniacos, libidinosos, sanguinarios, incestuosos,— e os faz infalliveis ?

Dous exemplos, apenas, e um sobre a infallibilidade: João XI, papa, filho de outro papa Sergio III,—e da celebre prostituta Maruccia assentou-se na cadeira de S.Pedro, aos *21 annos* de idade ; e seu irmão *e sobrinho*, João XII, filho incestuoso dessa mulher com seu proprio filho Alberico Camerino, principe de Spoleto, foi papa aos *18 annos* e morreu aos 30, assassinado por um marido que o encontrou em adulterio. E sobre a infallibilidade, outro João, o XXII, obrigado por Felippe de Valois á retractar-se de proposições que pregára do alto do pulpito, *sob pena de ser queimado vivo*, abjurou-as, após tres annos de lucta, na presença de vinte cardeaes.

« Si boas razões houve para vedar o matrimonio aos sacerdotes, outras melhores existem para se lh'o

permittir », disse um papa, Julio II, (Plantin, *De vitis pontificium*). Desgraçadamente, já então, o paiz da Europa onde os costumes eram mais relaxados e depravados, era aquelle onde mais abundavam os celibatarios forçados.

Para comprovar-se essa asserção, basta dizer-se que Paulo IV, o mais zeloso dos papas em reprimir taes abusos, teve em recompensa de sua severidade e zelo, quebrarem-lhe as estatuas e arremeçarem-as ao Tibre.

—

Escusado repetir-se que só tocámos neste assumpto por ser-nos obrigatorio o parecer ao trabalho apresentado. Acceitámos que a Igreja tivesse razão para que o seu clero não recebesse mais um Sacramento, o do matrimonio : a questão, porém, para os que profligam o celibato forçado, para nós, para Feijó, para os anti-celibateistas de todo o mundo, é, á puridade, *ad majorem Dei gloriam*. Sim, que melhor deve servir ao Omnipotente o sacerdote casado, puro e honesto, do que o célibe deshonesto e immoral: sim, que maior será a honorabilidade, a dignidade, a santidade da Igreja si os seus ministros forem casados legal e sacramentalmente ; sim, que maior bem advirá á sociedade, evitando ver depreciados e repellidos de seu seio innumeros entes innocentes, por assim dizer, pois seriam esposas e não concubinas, filhos legitimos e não espurios, sem essa *lei da injustiça e do despotismo*.

E clama a Pastoral que não sabe quando cessará a mania dos anti-celibateistas, de quererem contradizer e dar quinaus a tantos e tantos summos pontifices, a tantos e tantos padres e doutores da Igreja e theologos eximios, e o que é mais, á propria Igreja docente, congregada em tantos concilios : —Sem attender que essa contradicção é baseada, tambem, na opinião de muitos pontifices, de muitos santos e doutores da Igreja, de muitos theologos, e o que mais é, na opinião escripta e definida pela propria Igreja docente, congregada em muitos concilios — contra a mania do celibato.

Para que a pergunta « á quem devemos obedecer ? » « Á Igreja nossa Mãi e nossa Mestra, *infallivel* nas suas decisões dogmaticaes, *pura* na sua doutrina moral, *perfeita*-

na sua disciplina ?— ou á hereges, quantos têm escripto, ha mil annos, *contra a continencia e contra os que a professam* ? ».

Si a primeira parte da questão tem resposta da propria Igreja, nas suas decisões controversas e disparatadas, a segunda é um paralogismo de tal ordem que a dispensa. Ser contra os incontinentes é ser contra a continencia ?

E sempre quizeramos saber: — ainda a Igreja crê e decide sobre a immobilidade da terra e as façanhas de Josué, *cœlo, marique*, no Jordão, em Jerichó, em Gabaon ?

—

Em que pese á intransigencia ecclesiastica, nem é contumacia heretica, nem rebellião formal aos olhos de Deus e da Igreja recalcitrar-se contra essa lei ; nem se injuria a Igreja tratando essa lei de injustiça decidida e despotismo horroroso. Ella mesma a tem assim qualificado.

Será, porém, orthodoxo, doutrinar que « o celibato veiu dos conselhos evangelicos do Christo, que mandou fosse observado *geralmente* por todos os ministros seus, sob as mais rigorosas penas canonicas, a excommunhão, a deposição, e outras » ? Será orthodoxo attribuir ao Crucificado tão aleivoso anachronismo ?

Não é injuriar a Deus e a Igreja dizer, ainda, que foi elle estabelecido por inspiração do Espirito Santo ? Não será contrariedade heretica, rebellião formal contra Deus recalcitrar contra a sua divina vontade, a sua primeira Benção, ao crear o homem ?

Onde a negativa á doutrina revelada nas Santas Escripturas ?

Onde o celibato ahi revelado ? Pois tantos concilios, tantos theologos, tantos doutores e santos da Igreja que o contrariam, e que são filhos da Igreja e seus esteios e luminares,— por ventura, durante deseseis seculos desconheceram essa revelação ?

E isso quando na sua Pastoral, o Sr. D. Carlos d'Amour, após affirmar que a Igreja « sempre quiz e determinou que seus ministros sejam celibatarios » — vem descobrir que os proprios bispos não se contentavam com

uma só esposa e, sim, muitas ; e explica que « só por *indulgencia*, disse S. Paulo á Timotheo de Listres (cartas que são tidas por apocryphas) *convir que o bispo fosse marido de uma só mulher*? E accrescenta a Pastoral com beata simplicidade que « *nessa concessão não vae incluido o preceito de fazer filhos* ».

Mas, como se haveriam para não fazer filhos?

Quão especioso o ensinamento da Pastoral de que «a Sabedoria faz calar a natureza», quanto ao entender-se o *Crescite et multiplicámini*;—pois que o homem não foi destinado pelo Creador para *procrear*, mas para *viver feliz*; sendo o seu destino, não *vacare generationi, sed contemplationi*.

Como si o objectivo do homem possa separar-se do seu subjectivo; como si para os seus fins moraes não necessite viver, e para viver receber a vida de alguem. Tambem não foi creado para comer, e no emtanto sem isso não pode *felix vivere*, nem *vacare contemplationi*.

Não menos apreciavel é o soccorro, que o illustre prelado busca de Gerson, o doutor das consolações, o mais excellente doutor da Igreja, segundo o cardeal Zabarella, o impio, sem duvida, e heretico, perseguidor do Papa Benedicto XIII, de quem disse que « o eclipse total dessa *lua fatal* á Europa, toda em guerras, por sua causa, seria um beneficio universal »; Gerson, o immortal autor da *De Imitatione Christi*; Gerson, que no concilio de Constança de 1413, propôz e fez decretar que as decisões dos Concilios são superiores as do Papa, e podem ser tomadas sem o Papa. Raciocina o chanceller da universidade e da Igreja de França, que o celibato é uma salutar providencia em favor do sacerdote, que vive apenas do seu beneficio »; « e tendo, apenas, o necessario para viver, o que será se tiver mulher e filhos? Si morrer, quem sustentará sua viuva e filhos? »

Questões estas tão naturalmente resolvidas pelos pensadores de todas as classes, e resolvidas em favor do matrimonio. E' elle, ainda e sempre, o meio moralisador: transforma os incautos e imprevidentes em acautelados e cuidadosos; os dissipados em economicos, os perdularios em moralisados e dignos: porque, lembrando-se de que têm

mulher e filhos, e podem faltar-lhes, fazem economias e montepios, evitando intemperanças e superfluidades; emquanto que aos celibatarios, pouco se lhes dá, depois da morte.

Aprés eux le déluge.

Mas, temos fé em que tempos virão em que se renegará a sciencia que não acerta e a crença que não raciocina. Que essa lei não é daquellas que se acabam deixando-se a pouco e pouco cahir no esquecimento, modificando-se, moldando-se á novos meios, até acabar na sepultura dos annos, como os horrores e torpezas da inquisição e os erros da sciencia que levaram aos ferros e a fogueira Arnaldo de Brescia, o puro e egregio Hus, Paleario Pompinio Lœto, Platino Giordano Bruno, Gallileu, e outros: ella necessita de revogação clara e altisonante, definida *urbi et orbe*, dogmaticamente.

Entre o celibato *ad instar angelorum*, de S. Jeronymo e de Bossuet, do homem só, sem mulher, e o celibato religioso, como quer o catholicismo, do homem sem esposa sacramental, a differença é immensa: é a da continencia absoluta, vá mesmo da virgindade, para a desordem e a immoralidade; porque esse celibato, salvo difficeis excepções (e quem sabe si alguma pode haver onde refulja a pureza do corpo e alma?), encobrirá, sómente, já a união illegal, mas effectiva, illicita e indecorosa, — já o desregramento immoral e indecente. E—*qui est sine peccato primum lapidem mittat.*

—

Conclue a commissão que, para Membro correspondente do Instituto Historico e Geographico do Brazil, tem o candidato alta competencia litteraria. Si da riqueza da sua illustração não colheu elle um specimen sobre o Brazil ou outra parte da nossa America, para mais pertinente tornar a sua candidatura, bem se póde avaliar pelos seus escriptos, presentes a nós, o quanto póde o Instituto esperar do digno prelado Cuyabano.

E são nossos votos que, entrado para o seio da nossa Associação o Sr. Bispo D. Carlos Luiz d'Amour, a historia, a geographia ou a ethnographia patrias devam lhe

preciosos subsidios que, honrando o seu autor, alto contribuam para o renome do Instituto.

Sala das Sessões do Instituto Historico e Geographico do Brazil, em 25 de Novembro de 1892.—*Dr. João Severiano da Fonseca*, relator.—*Augusto Victorino Alves Sacramento Blake*— Com toda restricção quanto ao celibato dos Padres.—*Dr. Cesar Augusto Marques.*

Around and about South America, vinte mezes de estudo e investigações, é o bom livro que o Sr. Frank Vincent, viajante Norte-Americano, remette ao Instituto como prova de idoneidade, para ser recebido seu Membro correspondente.

E' uma das narrativas de viagem que se podem ler com verdadeira satisfação e interesse. Pelo que a Commissão de Historia do Instituto póde avaliar dos paizes Sul-Americanos que conhece, as descripções do Sr. Vincent, apresentam-o como um escriptor sério, escrupuloso e verdadeiro, ao mesmo tempo que simples e ameno, sóbrio e despretencioso, bem apanhando os habitos, costumes e a historia dos povos que visita; e, as cousas minimas que lhe fazem especie, por desconhecidas no seu meio, elle as apresenta sem côres carregadas, sem sarcasmo nem galhofas, simples e fielmente tratadas: Seja o *hard and soft* dollares do Equador, que nos faz lembrar a *pataca aberta* de 300 réis e a *pataca fechada*, de 320, da *Conta do Ouro* de Matto-Grosso e Goyaz; seja a descripção das nossas fazendas, dos fazendeiros, das hospedarias ou estalagens das estradas; da Amazonia, o paiz por excellencia das rêdes; do Paraguay, *a country of women*.

Encanta a maneira porque conta, sem armar á effeitos, as peripecias da vida do viajante nos sertões desertos, ante a natureza esplendida e arrebatadora, nos *ice bergs e fiords* da gelida Terra do Fogo, nas cidades ou nos povoados pobres, ainda, nas commodidades e luxos da grande civilisação; e que o autor aprecia e narra com a isenção de espirito do naturalista que observa e estuda a natureza nas suas menores evoluções, e comprehende a razão das cousas.

Parcimonioso em anecdotas, suas descripções carecem dos episodios aterradores dos mil perigosos transes que recheiam as narrativas da maioria dos viajantes. Si uma vez falla em carrapatos e mosquitos, estes, que n'uma noite deixaram-lhe meio cento de picadas n'um só dêdo, o minimo,—é para, despretenciosamente, dar uma idéa do que são esses seres pequeninos da creação e o quanto fazem soffrer ao seu rei, quando os encontra, e o que infelizmente é verdade, sempre que viaja nos nossos sertões, nos nossos campos, nos nossos rios, nas nossas lagôas, e nos de todos os paizes quentes. Si falla no jaguar, cuja formosa pelle cubiça, mas que este *also might have a passion for collecting skins*, é como na fabula do *caçador e os ursos* para mais uma vez pôr em evidencia a fraqueza dos calculos do homem e a sua impotente soberba, fugindo elle da féra rapido porém *as dignified as the circonstances permitted*.

Agrada tanto a descripção que faz da magestosa cachoeira de Paulo Affonso, *the King of rapids*, como lhe chama, pois nenhuma sabe, maior na terra; *beautiful, frightful* do mesmo modo que a Niagara,—na mesma queda, nos mesmos turbilhões, na mesma escumosa poeira, mas aquella tão sorprendente que no mesmo pensamento lhe embrulha o *Inferno* de Dante e a Arcadia *Thomsoniana*; como agrada a pintura á breves traços do cicerone da cachoeira, o velho vaqueiro que ahi mora a 26 annos, patriarcha quasi adamista de numerosa familia, cujos netos borboleteavam aos olhos do autor em trages do Paraizo; cujo lar nem mesmo, é sempre uma trempe, mas apenas duas pedras, o que ha de mais simples e primitivo, e cuja maior riqueza elle tral-a toda comsigo n'uma bolsa, o cachimbo, o tabaco, a isca, o fuzil, e a pedra; o *matiry* dos indios e dos homens do sertão.

Para o Sr. Vincent, si o Paulo Affonso é o rei das cachoeiras, o Salto Grande do Iguassú é o Niagara da America Meridional. Sua primeira vista o extasia, tanto é arrebatadora de grandezas e magnificencia. E nós nos lembramos pesarosos, dessa indifferença dos viajantes nossos para tudo. Deus louvado!, para tudo o que encontram ou lhes chega a vista, sem merecer-lhes a attenção, talvez por já muito affeitos á espectaculos semelhantes, sejam elles

sorprehendentes, mesmo, e maravilhosos como este. Antes de 1759, era este salto só conhecido de nome; e foi o Coronel Alpoim, chefe da 2ª partida demarcadora dos limites luso-hespanhóes, na America do Sul, que com elle enfrentando, em 24 de Agosto—« ficou absorto ante o mais agradavel, risonho e prodigioso aspecto, que a natureza offerecer possa, em todo o mundo», e descreveu-o, talvez pela vez primeira, dizendo-o superior ao Salto Grande das Sete Quedas no Paraná, seu proximo visinho, e que só lhe é superior no volume das aguas.

Mas, chegou-nos a vez de censurarmos ao Sr. Vincent: não lhe podemos perdoar o querer metter-se a baptisador, com bullas falsas, ao que já nem de chrisma precisa. Porque razão dar novo nome ao Salto Grande de Iguassú, e com que direito o faz? Sómente pelo desejo de mostrar-se grato ao presidente da Sociedade Americana de Geographia? Diga, á puridade, o respeitavel baptisador, permittirá que lhe chrismem o Niagara?

—

Excellente, excellente livro, no geral. E ainda mais predispõe a seu favor a pequena dedicatoria a D. Pedro II, feita quando elle Imperador, — e publicada quando o immortal Brasileiro não era mais o monarcha americano dispensador de graças e favores, mas simplesmente o desterrado philosopho *scholar and scientist*, como diz o Sr. Vincent, que melhor o retrata nestas simples e verdadeiras palavras: « Protector das artes e lettras, estadista consummado, modelo dos monarchas, cujo reinado de meio seculo foi com o maior zelo e successo consagrado á Instrucção Publica, ao desenvolvimento das Industrias e a abolição da escravidão,—em todo o vasto e opulento Imperio do Cruzeiro do Sul. »

O Sr. Frank Vincent é digno de pertencer ao Instituto.

Sala das Sessões do Instituto, em 25 de Novembro de 1892.

Severiano da Fonseca, relator.—*Augusto Victorino Alves Sacramento Blake.—Dr. Cesar Augusto Marques.*

—

Estes pareceres depois de approvados em suas conclusões vão a commissão de admissão de socios, sendo relator para o que se refere ao Sr. Bispo de Cuyabá—o commendador José Luiz Alves e para o que trata da candidatura do Snr. Frank Vincent o conselheiro Manoel Francisco Correia.

Pede a palavra o Sr. conselheiro Correia para apresentar uma carta do conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas á respeito das notas de S. M. o Imperador na Biographia do conselheiro Furtado e um artigo do Snr. Visconde de Taunay intitulado: *Notas do Snr. D. Pedro II a um opuscolo*—acompanhado do mesmo opuscolo: —*Curiosidades Naturaes do Paraná*, escripto pelo Snr. Visconde, e annotado pelo Imperador.

A carta é do theor seguinte:

Rio, 11 de Novembro de 1892.—Illmo. e Exmo. Snr. Conselheiro Manoel Francisco Correia.—No livro do conselheiro Tito Franco de Almeida:—*Biographia do conselheiro Francisco José Furtado*—offerecido pelo filho do finado Dr. Luiz José de Mello Mattos ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro, por intermedio de V. Ex., ha muitas notas á lapis, que forão escriptas por mim.

Devo, entretanto, por lealdade declarar á V. Ex., para o fazer constar ao Instituto, á bem da verdade historica, que não fiz sinão transcrever alí as que me forão confiadas pelo proprio Imperador o Snr. D. Pedro II.

A' Elle, portanto, devem ser attribuidas, como seo autor que é.

Aproveito o ensejo para renovar a V. Ex. a segurança da minha particular estima e alta consideração.—*M. P. de Souza Dantas*.

O Instituto agradece as offertas, que são remettidas a commissão de redacção.

Obtendo a palavra o Dr. Cezar A. Marques manda a mesa uma declaração sua sobre os repetidos pedidos que fez para serem arrecadados os manuscriptos do Instituto que estão em poder do socio Capistrano de Abreu e dá por finda a questão, tendo o 1° secretario informado sobre o occorrido com relação ao mesmo assumpto.

A requerimento do Dr. Cezar A. Marques resolve-se officiar ao socio Dr. Feliciano Pinheiro Bittencourt, lembrando-lhe que ficou de apresentar indicações para o distinctivo dos socios do Instituto e mandando-se-lhe cópia do mesmo requerimento.

Continuando com a palavra o Dr. Cezar Marques torna salientes os serviços prestados ao Brazil pelos cidadãos francezes Mouchez e Victor Renault e requer que se lance na acta da presente sessão um voto de pezar pelo fallecimento desses illustrados cidadãos.

Assim se resolve.

A declaracão e requerimentos são do theor seguintes:

« São passados mais de quatro mezes, que eu requeiro, que se solicite do nosso consocio o Sr. Capistrano de Abreu os *Manuscriptos*, que elle tem em seu poder e que pertencem ao nosso Instituto.

Tenho feito vêr ser contra a nossa lei organica acharem-se estes *Manuscriptos* em seu poder, dando-se o facto por demais censuravel de não se saber quaes são, e nem quantos são, pois no livro da carga não ha menção alguma.

Deposito confiança na honradez do collega, porém, diga-se a verdade, a porta está escancarada para mil supposições, conjecturas e arguições contra elle, e contra quem com essas indebitas concessões concorreu para isto.

Este caso ainda mais se aggrava, porque um dos nossos consocios, que me ouve, disse-me, que nem entrou em nosso Instituto um grande cesto com documentos ou cópias, extrahidas na Hollanda pelo nosso consocio o Sr. Dr. José Hygino.

Não declino o nome porque não estou autorisado, porém creio que elle terá bastante dignidade para confirmar agora aqui o que me disse no largo da Carioca.

O Instituto, por intermedio do seu illustre Presidente, tem ordenado ao Sr. 1° secretario, que por escripto determine ao Sr. Capistrano de Abreu, a entrada desses *Manuscriptos*.

As fadigas do nosso digno 1° secretario, conseguiram apenas a entrada de dous livros.

Não tenho cançado de continuar n'esta empreza; o Sr. 1° secretario sempre nos informa, que até pessoalmente já se dirigiu ao Sr. Abreu, e infelizmente a nossa propriedade ainda está em mãos delle contra a nossa vontade.

Doendo-me da pouca consideração, que elle tributa ao nosso Instituto, em nome do qual tenho o direito de fallar, de requerer, e de zelar os seus bens, já tão desfalcados por identicos abusos, descuidos ou incuria, n'um momento de profunda e justa indignação eu requeri que o Sr. Capistrano de Abreu fosse chamado a juizo, e compellido a restituir o que pertence ao nosso Instituto.

Requeri que o Sr. 1° secretario lhe fizesse saber o que eu requeri, e foi decidido.

Estou certo que este senhor, zeloso como é, terá satisfeito esta resolução.

Até hoje o Sr. Capistrano de Abreu está surdo aos nossos reclamos.

Veio, porém, em meu auxilio a lembrança de que é triste para nós compellir á comparecer em juizo um dos nossos consocios por um facto mui censuravel.

Lembrei-me de que apparecia em publico a noticia de terem desapparecido d'aqui livros impressos depois vendidos em leilões, manuscriptos mais ou menos importantes, depois arrolados em inventario, e muitos objectos de mais ou menos valor, que pertenceram ao nosso *Museu*, ainda hoje tão pobre, quando podia já ser bem opulento.

E tudo isso, sinto dizel-o, nos causaria muito vexame, e por isso requeiro, que neste assumpto aqui fiquemos, que o Sr. Presidente empregue os seus esforços para se conseguir o que é nosso, e que fique registrada na nossa *Revista* esta menção, como castigo da teima, da pouca consideração, e do insulto, que com tal procedimento nos faz este nosso consocio.

Julgo ter cumprido o meu dever.

Sala das Sessões do Instituto Historico na noite de 25 de Novembro de 1892.—*Dr. Cezar Augusto Marques*».

«O nosso illustrado consocio Dr. Pinheiro Bittencourt, na sessão de 22 de Maio de 1891 lembrou a conveniencia

de adoptar-se um distinctivo para os membros do Instituto, como acontece com a maior parte das associações congeneres.

O nosso erudito presidente convidou-o a apresentar por escripto uma indicação no sentido proposto.

Anda de nós arredio, não sei porque motivos, este nosso consocio.

A ausencia de suas luzes e de sua presença nos é sensivel.

Comtudo parece-me que, embora longe de nós, póde ser-nos muito util, e assim proponho, que o nosso 1° secretario, em nome do Exm. Sr. Presidente, lhe officie enviando-lhe por cópia este requerimento, e convidando-o a satisfazer esta requisição, prestando assim mais um bom serviço ao Instituto, que com muito prazer o acolheu em seu seio.

Em 25 de Novembro de 1892. — *Dr. Cezar A. Marques* ».

« A poucos mezes exhalou o ultimo alento da vida o illustre almirante Mouchez, que percorreu grande parte da costa do Brazil, sondando-a, marcando logares, indicando baixios, e fazendo tudo quanto é necessario para que a navegação se faça com segurança.

Seus trabalhos são conhecidos e muitos seguidos por nossos mais distinctos officiaes de marinha.

Não pertencia ao nosso Instituto, porém muito trabalhou em prol do Brazil e por isso requeiro que na acta da presente sessão se lance um voto de pezar pelo seu fallecimento.

Rio, 25 de Novembro de 1892. — *Dr. Cezar Augusto Marques* ».

« No periodico *Tempo* de 22 do corrente lê-se o seguinte:

« Foi muito sentida em Barbacena a morte que alli se deu ultimamente do Sr. Victor Renault, illustrado cavalheiro de nacionalidade franceza, que contava 82 annos de idade. Fôra o primeiro explorador dos rios Doce, Paracatú, Mucury e seus affluentes. Era medico

homœopata, antigo engenheiro e director de minas, tendo viajado e escripto sobre o Brazil. Estava á frente do vice-consulado da França em Barbacena »

Não pertenceu este notavel explorador ao nosso gremio, porém prestou a nossa patria serviços relevantes, aconselhados pelos nossos Estatutos.

Requeiro, portanto, que o Instituto Historico, prestando respeitosas homenagens á memoria de tão venerando ancião, consinta que na acta da presente sessão se lance um voto de pezar.

Rio, 25 de Novembro de 1892.—*Dr. Cezar Augusto Marques* ».

O Sr. commendador José Luiz Alves reclama sobre as irregularidades encontradas na lista nominal dos socios, como, por exemplo, em relação ao Principe Real de Dinamarca, que já é Rei ha muito tempo.

O Sr. Presidente disse que a commissão de Redacção tomará as observações feitas na devida consideração.

O Sr. commendador João Xavier da Motta communica ter conhecimento de se acharem a venda dous quadros historicos, que poderão interessar ao Instituto, representando um o Sr. D. Pedro I e outro Thomaz Gonzaga.

Os socios Dr. Cezar Marques e Dr. Castro Carreira entendem que o Instituto tendo feito ultimamente despezas muito pesadas, não deve autorizar quaesquer outras que não sejam de urgente necessidade; opinando mesmo para que d'ora avante o Instituto se abstenha de fazer festas. Resolve-se adiar a questão para occasião mais opportuna.

O Sr. Presidente chama a attenção da commissão nomeada para entender-se com o director do Museu sobre o extravio do craneo fossil pertencente ao Instituto por donativo do finado consocio Dr. Lund. Informa o Snr. conselheiro Alencar Araripe que por doente ainda não pôde desempenhar a commissão, o que fará brevemente.

O mesmo Sr. conselheiro pede a nomeação de um substituto para o logar de membro da Commissão de Fundos e Orçamento, no impedimento do Commendador

Luiz Rodrigues de Oliveira. O Sr. Presidente nomeia o Sr. Dr. Castro Carreira.

Procede-se a votação do parecer sobre a admissão de monsenhor Bento Severiano da Luz ; sendo approvado, é o mesmo Sr. acclamado socio correspondente.

Tem a palavra o Sr. Dr. Cezar Marques que pede a convocação de uma sessão extraordinaria para sexta-feira, 2 de Dezembro do corrente anno, afim de se acabar o anno sem deixar pendentes propostas para admissões de socios. O Sr. Presidente declara que fará a convocação pedida.

Não havendo mais nada a tratar e achando-se a hora adiantada o Sr. Presidente levanta a sessão.

Henri Raffard,
1º Secretario, servindo de 2º

ACTA DA SESSÃO EXTRAORDINARIA A 2 DE DEZEMBRO DE 1892

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

O Sr. presidente abre a sessão ás 7 horas da noite, achando-se presentes mais os Srs. socios Visconde de Beaurepaire Rohan, Dr. J. Severiano da Fonseca, conselheiro M. F. Correia, Henrique Raffard, commendador J. Luiz Alves, conselheiro Alencar Araripe, Dr. Castro Carreira, commendador Xavier da Motta, Dr. Cezar Marques, Dr. Sacramento Blake, Barão de Capanema, Dr. Macedo Soares e Dr. Alfredo Nascimento.

Lidas e approvadas as actas das duas sessões anteriores, o Sr. 1º secretario procede á leitura do officio da commissão para a exposição de Chicago, pedindo ao Instituto para fazer-se representar pelas suas publicações etc.; resolve-se attender á esse convite, ficando o Sr. presidente autorisado á fazer as necessarias despezas, e remettendo, entre outros trabalhos, a collecção completa das *Revistas*.

O mesmo Sr. 1° secretario faz em seguida a leitura dos pareceres da commissão de admissão de socios a respeito dos Srs. Frank Vincent e D. Carlos Luiz d'Amour, pareceres que ficam para ser votados na sessão immediata e são do theor seguinte :

PARECERES

Sendo mui procedentes, as razões em que a illustrada Commissão de Historia funda a sua opinião em sentido favoravel á admissão no Instituto Historico, como socio correspondente, do cidadão norte-americano Frank Vincent, é tambem de parecer a commissão de admissão de socios que seja elle recebido n'aquella qualidade.

Sala das Sessões do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, 2 de Dezembro de 1892. — *Manoel Francisco Correia— José Luiz Alves— Barão de Capanema.*

—

A commissão de admissão de socios leu com a devida attenção o douto parecer da Commissão de Historia favoravel a admissão ao gremio do Instituto do Exm. Revm. Sr. D. Carlos Luiz d'Amour, Bispo de Cuyabá, que pelo esplendor de suas virtudes e saber é mais que digno de pertencer a esta associação ; a commissão está de accôrdo com essa opinião, pois acredita que o candidato saberá honrar a cadeira de socio correspondente.

Sala das Sessões, 2 de Dezembro de 1892.— *José Luiz Alves—Manoel Francisco Correia—Barão de Capanema.*

Correndo o escrutinio, são unanimemente acclamados socios effectivos do Instituto os Srs. Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo e Coronel Francisco Manoel da Cunha Junior.

Incidentemente voltando á discussão o modo por que foi feita, pela respectiva commissão, a separação e entrega dos livros doados pelo ex-Imperador, o Sr. Presidente relembra todos os detalhes dessa questão, de novo explicando o seo procedimento e o do Instituto, justificados pelas occurrencias que se acham em detalhe mencionadas

nas actas das sessões de 31 de Julho, 14 de Agosto, 9 e 23 de Outubro e 6 de Novembro de 1891.

O Dr. Macedo Soares, fazendo algumas considerações sobre as notas lançadas pelo Sr. D. Pedro II ás margens do livro apresentado ao Instituto pelo Sr. Visconde de Taunay, julga que não devem ser publicadas, na parte que se refere á lingua tupy, porque, no seu entender, em alguns pontos não são muito acertadas; ao que replicam os Srs. conselheiro Correia, conselheiro Alencar Araripe e Henrique Raffard, mostrando ter sido já tomada na sessão anterior a deliberação de as fazer figurar na *Revista*.

O mesmo consocio Dr. Macedo Soares pede que lhe seja concedido fazer umas annotações ao manuscripto intitulado *Roteiro dos 7 capitães*, que vai ser publicado; a commissão de redacção fica encarregada de, para esse fim, remetter-lhe as provas desse trabalho.

Nada mais havendo a tratar levanta-se a sessão ás 9 1/2.

Dr. Alfredo Nascimento,
2º Secretario.

ACTA DA 20ª SESSÃO ORDINARIA A 9 DE DEZEMBRO DE 1892

Presidencia do Sr. Conselheiro O. H. de Aquino e Castro

O Sr. Presidente abre a sessão ás 7 horas da noite, achando-se presentes mais os Srs. General Dr. J. Severiano da Fonseca, Conselheiro M. F. Correia, Henrique Raffard, Commendador J. Luiz Alves, Dr. Cesar Marques, Dr. Sacramento Blake, Dr. Castro Carreira, Commendadores Gomes Brandão, Xavier da Motta e Dr. Alfredo Nascimento.

Lida e approvada a acta da sessão anterior, o Sr. 1º Secretario Henrique Raffard dá conta do seguinte

EXPEDIENTE

Officios: Do Sr. 2º Vice-presidente General Dr. João Severiano da Fonseca offerecendo o retrato a oleo de S. M. o Sr. D. Pedro II e pedindo para ser collocado

na sala das sessões. O Instituto muito agradece. Do Secretario da Camara Municipal de Barbacena pedindo diversos numeros da *Revista* que faltam na collecção que possue a referida Camara. Mandou-se satisfazer. Do Director Geral dos Correios e Telegraphos da Republica Argentina enviando um exemplar da estampilha com que o Correio Argentino celebrou o 4° centenario do descobrimento da America. Do Dr. Graciano de Azambuja offerecendo diversos trabalhos relativos ao Brazil (vai transcripto no fim da acta). A' commissão de geographia.

OFFERTAS

Pelo socio Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, *Lembrança do 25° anniversario do Collegio de S. Luiz em Ytú*; *Gran comicio popular del vecindario de Tarija, el 20 de Marzo de 1892*; pela Intendencia Municipal de Casa Branca, Regulamento do Imposto de Capitação para o fundo escolar, S. Paulo—1892; pela Real Academia Pontificia de Nuovi Lincei, *Atti*; pelas Sociedades de Geographia de Lisboa e de Osterlandes, *Boletins*; pela Directoria Geral dos Correios da Capital Federal, *Boletim Postal*; pela Real Academia de Historia de Madrid, *Boletim*; pela Sociedade Imperial dos Naturalistas de Moscow, *Boletim*; pela Sociedade de Geographia de Tours; Associação Rural de Uruguay; Faculdade de Direito de S. Paulo, *Revistas*; pelo auctor Dr. Carlos Costa, *Annuario Medico Brazileiro*, 6° anno, 1892—Rio de Janeiro.

Pela Directoria del Consejo Nacional de educacion de Buenos-Ayres, *El Monitor de la Educacion comun*;

Pelas redacções: *Diario Popular*, *Jornal do Recife*;

Pelo socio Sr. Xavier da Motta 106 diversas moedas de prata, nickel, bronze e cobre e uma medalha do monumento de D. José I em Lisbôa.

Pelo Sr. presidente, 10 volumes (50 á 59) que faltam para se completar a colleção da Revista Juridica—*O Direito*—existente na bibliotheca do Instituto.

Pelo 2° secretario Dr. Alfredo Nascimento 147 moedas de diversos paizes, algumas muito raras, e 4 medalhas commemorativas.

As medalhas e moedas offerecidas constão das relações que vão transcriptas no fim da acta.

Usando da palavra o Sr. presidente apresenta ao Instituto os officios originaes que recebeu e que já foram transcriptos na acta de uma das sessões do anno passado relativos aos livros e mais objectos doados ao Instituto pelo Sr. D. Pedro II, afim de serem archivados depois de conferidos em mesa.

Pedindo a palavra o Sr. General Dr. João Severiano occupa-se com essa questão, cuja solução ficara suspensa na sessão anterior, e pede que se insiram na acta as seguintes palavras que tudo explicam:

« Somente na sessão passada tive sciencia da queixa, por demais justa do Instituto, quanto ao que lhe devia caber da bibliotheca e musêo, tão generosamente doados pelo fallecido Imperador. Buscando as cartas que me dirigiu o Sr. Conselheiro Silva Costa, vi que são identicas ás que recebeu o nosso digno presidente; e dou as mãos á palmatoria, reconhecendo-me ter sido, de facto, omisso no cumprimento de um dever.

Entretanto, ha o quer que seja de desculpa, que serei feliz se o Instituto acceitar.

Aprouve a Sua Magestade nomear quatro membros do Instituto para escolher nos seus livros: claro está que entregou-lhes a bibliotheca toda, confiante no seu criterio e imparcialidade. Nesse tempo o Sr. Taunay ainda era do Instituto. Ainda foi por parte deste e da bibliotheca Nacional encarregado de separar os livros etc. um nosso consocio, o Sr. 2° Secretario.

Ora, diante da alta competencia dos outros membros da commissão, eu, o menor de todos, sumi-me completamente, mas, na certeza, não digo esperanças, de que o Instituto ficaria satisfeito. Ora, n'essa occasião eu, por má interpretação, acreditava que para elle devia vir sómente o que dissesse respeito á ethnographia e historia; e não rectifiquei esse erro por depositar plena confiança nos escolhedores. Si, naquella época tivesse recebido o officio que a mesa do Instituto mandou em 9 de Outubro do anno passado e de que só tive conhecimento, na sessão ultima, porque nem mesmo a 2ª parte do livro 54 da

Revista me foi entregue, estaria avisado e todo o meu esforço seria empregado para que o Instituto não ficasse lesado. Foi um erro da mesa dirigir-se a um só dos membros da commissão. Comquanto não haja associação ou commissão que, reunida, não tenha um de seus membros como centro que a represente, a synthetise ou a presida, a nossa não teve. O Sr. Visconde de Taunay por mais conhecedor da bibliotheca imperial, como que assumia essa centralisação, no que todos tacitamente mais ou menos concordámos. Pelo que julgou sem duvida, que todos nós teriamos recebido identico officio, e obravamos de commum accordo. Donde, não pouca culpa cabe ao Instituto, que contentou-se em lavar as mãos, como Pilatos, quando devia envidar todos os seus esforços, emquanto era tempo. »

O Sr. Presidente disse que o Instituto cumprio como entendeu o seu dever, reclamando em tempo, e, como consta das actas respectivas, contra a errada intelligencia dada ás cartas pela maioria da commissão, com grave prejuizo do Instituto.

Continuando com a palavra, o general Dr. João Severiano, faz ver que figuram na lista a que o Instituto remette suas *Revistas*, associações que já deixaram de existir ; no mesmo sentido falla o Dr. Sacramento Blake e o Sr. 1° Secretario H. Raffard explica que comquanto figurem na lista muitas associações extinctas, já as *Revistas* lhes não são enviadas, mas promette minuciosamente syndicar do facto.

O Dr. Blake apresenta a seguinte proposta, que vai á commissão de historia sendo relator o General Dr. João Severiano.

PROPOSTA

« Propomos para socio do Instituto o Dr. Carlos Antonio de Paula Costa, filho do Dr. Francisco de Paula Costa e nascido na cidade do Rio de Janeiro a 2 de Setembro de 1844, bibliothecario da faculdade de Medicina e membro de varias associações de sciencias e lettras, servindo-lhe

de titulo os seis volumes do Anno Biographico Brazileiro.

Rio de Janeiro, 9 de Dezembro de 1892.—*Augusto Victorino A. Sacramento Blake.—José Luiz Alves.—Dr. Castro Carreira.—João Xavier da Motta.* »

O mesmo Dr. Blake propõe que se transcreva na *Revista* o artigo do Sr. E. Deiró a respeito do Imperador publicado no *Jornal do Commercio* ha poucos dias, e travando-se discussão a respeito resolve-se ouvir a commissão de redacção.

Em seguida o Dr. Cezar Marques apresenta o seguinte requerimento:

« Está acabado o anno de lucto pela morte de S. M. o Imperador, e por isso requeiro, que se tire o crepe, que envolve a columna, onde na sala principal está o seu busto, e que o mesmo se faça á cadeira, onde se sentava elle, sendo esta e o estrado em que se acha, removidos para o salão D. Thereza Christina.

« Requeiro, que nas costas da cadeira se colle um rotulo, assignado pelo nosso presidente, declarando o fim, que estes objectos tiveram em quanto residio entre nós o Sr. D. Pedro II.

« Requeiro tambem, que da seguinte sessão em diante o Presidente do Instituto occupe a cabeceira da mesa, como é de costume em todas as sociedades congeneres.

« Sala das sessões do Instituto Historico em 9 de Dezembro de 1892.—O socio honorario, *Dr. Cezar Augusto Marques.* »

Suscitando-se longa discussão sobre este requerimento, resolve-se deixar por emquanto tudo como está, e só posteriormente deliberar sobre o que convém fazer.

O Commendador José Luiz Alves, como relator da commissão de fundos e orçamento apresenta, segundo a proposta do Sr. Thesoureiro, o seguinte parecer com orçamento para o proximo anno de 1893, o qual após a leitura e discussão é approvado sem alteração.

Parecer.— Os abaixo assignados, membros da commissão de fundos e orçamento, vem apresentar o orçamento de receita e despeza para futuro anno de

1893, segundo a minuta do Exm. Sr. Conselheiro Thesoureiro.

A receita é orçada em.....	7:960$000
A despeza em.....	7:870$000
O saldo a favor será de.....	90$000

A receita compõe-se:

Do subsidio do Thesouro Nacional.....	4:500$000
Dos juros das apolices.....	2:710$000
Das joias dos novos socios.....	100$000
Das prestações semestraes.....	600$000
Das assignaturas e venda da *Revista*.....	50$000
Somma.....	7:960$000

A despeza a fazer-se é a seguinte:

Impressão da Revista Trimensal.....		4:200$000
Remessa da mesma para o exterior.....		250$000
Encadernação de livros.....		200$000
Compra de livros.....		200$000
Expediente, asseio da casa, illuminação, etc.		250$000
Vencimentos dos empregados:		
Escripturario.....	1:200$000	
Porteiro.....	1:200$000	2:400$000
Percentagem ao cobrador.....		250$000
Eventuaes.....		120$000
Somma.....		7:870$000

A commissão de fundos e orçamento chama a attenção do Instituto para o vencimento dos empregados que é por demais insufficiente para acudir aos misteres da vida, onde tudo tem subido de preço a ponto de poder sem medo de errar asseverar-se que não ha ninguem por mais economico e financeiro que seja que tenha ordenado fixo grande ou pequeno, que no fim do mez devido á carestia de tudo não veja ser a despeza superior aos ganhos e por consequencia deficit em vez de saldo ; por isso julgamos ser de equidade, quando não seja elevado o ordenado, se lhes dê uma gratificação annual ou semestral até

que esse estado melhore, isto no caso de haver sobras no orçamento e sempre ao arbitrio da meza.

Sala do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, em 9 de Dezembro de 1892.—*José Luiz Alves*, relator.—*Henrique Raffard.—Dr. Castro Carreira.*

Finalmente correndo o escrutinio são unanimemente acclamados socios do Instituto os Srs. Frank Vincent e D. Carlos Luiz d'Amour, Bispo de Cuyabá, e nada mais havendo a tratar levanta-se a sessão ás 9 e meia.

Dr. Alfredo Nascimento,
2.º secretario.

OFFICIO E RELAÇÕES DAS MOEDAS E MEDALHAS A QUE A ACTA SE REFERE.

Officio do Dr. Graciano A. de Azambuja:

Rio de Janeiro, 3 de Dezembro de 1892.—Cidadão.—Venho offerecer ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro o seguinte:

I. *Planta do municipio de Santo Antonio da Palmeira com o districto de Nonohay* (provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul) organisada e desenhada por Maximiliano Beschoren—1886. Escala de 1 : 240,000.

II. *Planta dos terrenos legitimados no Campo Novo, Guaryta e Herval Secco*, municipio de Santo Antonio da Palmeira (provincia do Rio Grande do Sul), organisada e desenhada pelo agrimensor Maximiliano Beschoren — 1886. Escala de 1 : 120,000.

III. *Relação das posses e concessões legitimadas e revalidadas* no municipio de Santo Antonio da Palmeira e no districto de Nonohay, municipio de Passo Fundo (provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul). E' documento que acompanha a planta sob n. 2.

IV. *Nota explicativa sobre a planta do municipio de Santo Antonio da Palmeira com o districto de Nonohay* (provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul). E' documento que acompanha a planta sob n. 1.

Maximiliano Beschoren, distincto profissional e homem muito consciencioso em seus estudos e trabalhos,

allemão de origem, estabeleceu-se na então provincia do Rio Grande do Sul e lá trabalhou muitos annos na sua profissão de agrimensor. Estava empregado na commissão de limites de que era chefe o Sr. Barão de Capanema quando, em 1888, suicidou-se por motivos que até agora não são bem sabidos.

Deixou Beschoren por publicar um trabalho que elle intitulara—*Contribuição para o conhecimento da parte noroeste do Rio Grande do Sul*, e um outro que denominara—*Impressões de viagem na provincia do Rio Grande do Sul*. Graças aos esforços de um estrangeiro, muito amigo do Brazil, o Dr. Henry Lange (de Berlim), foram esses dous trabalhos publicados em Dezembro de 1889, como supplemento n. 96 ás *Geographischen Mitteilungen* de Justus Perthes, de Gotha, sob o titulo *Beiträge zur nähern Kentniss der brasilianischer Provinz São Pedro do Rio Grande do Sul. Reizer und Beobachtungen während der Iahre 1875-1887*. Acompanha este supplemento um mappa topographico da parte noroeste da provincia do Rio Grande do Sul, feito pelo dito Maximiliano Beschoren e por elle apresentado á Exposição Sul-Americana que se realizou em Berlim (1886), onde obteve uma medalha de ouro.

Beschoren me havia enviado os trabalhos, que ora offereço ao Instituto, afim de que eu os offerecesse ao Governo ou ao Ministerio da Agricultura, como prova de sua capacidade profissional, no intuito de conseguir emprego ou collocação n'alguma das commissões discriminadoras de terras publicas e particulares, mas, havendo sido empregado na commissão de limites, me declarou que escusado era a offerta das plantas ao Governo, porque esperava que terminados os trabalhos da commissão de limites, por meio da influencia do chefe daquella commissão lhe seria facil achar e obter collocação. Logo depois morreu. Fiquei com as plantas e auctorisado a publical-as no meu *Annuario*. Como, porém, o *Annuario* não tem tido recursos para fazer a impressão das cartas e é provavel que não os tenha tão cedo,—para o fim de tornar conhecidos e utilisados os trabalhos de Beschoren, lembrei-me de offerecel-os ao *Instituto Historico* que bem

os póde fazer publicar na sua *Revista*. Creio que assim terei prestado um pequeno serviço ao *Instituto*, como acredito que grande será o serviço que ao publico brazileiro prestará o *Instituto* si tomar a si a publicação a que alludo.

E' humilhante para o Brazil que as revistas estrangeiras publiquem trabalhos que, relativos exclusivamente ao Brazil, deviam antes muito naturalmente apparecer nas revistas brazileiras.

Esperando ver cumprido o meu desejo, saudo-vos cordialmente.

Ao cidadão Conselheiro Olegario H. de Aquino e Castro, D. Presidente do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.—*Graciano A. de Azambuja.*

RELAÇÃO DAS MOEDAS OFFERECIDAS PELO SOCIO COMMENDADOR JOÃO X. DA MOTTA

Moedas de	prata	de	Portugal	3
» »	bronze	»	»	3
» »	cobre	»	»	7
» »	»	»	Angola	2
» »	bronze	»	Ilha Terceira	1
» »	prata	dos	Açores	1
« »	cobre	»	»	1
» »	»	do	Brazil, até 1822	18
» »	prata	»	» (imperio)	1
» »	nickel	»	» »	5
» »	bronze	»	» »	5
» »	cobre	»	» »	18
» »	nickel	»	» (republica)	2
» »	bronze	»	» »	2
» »	prata	da	Europa	3
» »	nickel	»	»	3
» »	bronze	»	»	15
» »	cobre	»	»	9
» »	prata	»	America	1
» »	bronze	»	»	1
» »	cobre	»	»	5
				106

Moedas de prata	9
» » nickel	10
» » bronze	27
» » cobre	60
	106

Uma medalha de cobre commemorativa do monumento de D. José I, em Lisbôa.—*João Xavier da Motta.*

—

RELAÇÃO DAS MOEDAS OFFERECIDAS PELO SOCIO DR. ALFREDO NASCIMENTO

Offereço ao Instituto Historico e Geographico Brazileiro as 147 moedas e quatro medalhas que acompanham esta nota, sendo:

Moedas de Portugal	44
» » França	12
» » Russia	12
» » Republica Argentina	11
» » Inglaterra	10
» » America do Norte	9
» » Africa portugueza	8
» » Brazil	8
» » Uruguay	6
» » Hespanha	6
» » Prussia	4
» » Paraguay	3
» » Suecia	3
» » China	2
» » Belgica	2
» » Italia	2
» » Canadá	1
» » Estados da Igreja	1
» » Diversas	3
Medalhas	4
	151

Rio, 9 de Dezembro de 1892.—*Dr. Alfredo Nascimento.*

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA

DO

Instituto Historico e Geographico Brazileiro

NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1892

Prezidencia do Sr. conselheiro O. H. d'Aquino e Castro

Em 15 de Dezembro de 1892, 54.° anno da fundação do Instituto Historico e Geographico Brazileiro, na sala das sessões do mesmo Instituto, de conformidade com os Estatutos foi celebrada a sessão magna anniversaria.

A's 8 horas da noite, achando-se presentes os socios: Srs. Conselheiro Olegario, General Dr. João Severiano, Henrique Raffard, Dr. Nascimento Silva, Major Gomes Netto, Dr. Sacramento Blake, Conselheiro Ovidio de Loureiro, Commendadores Brandão, José Luiz Alves, Xavier da Motta, Dr. Castro Carreira, Marquez de Paranaguá, Barão Homem de Mello, Commendador Pires Portella, Barão de Alencar e Dr. Macedo Soares, com assistencia de diversas senhoras e espectadores, o Sr. Presidente abrio a sessão, proferindo um discurso analogo a esta solemnidade litteraria, findo o qual deu a palavra ao 1.° Secretario, Sr. Henrique Raffard, que leu o relatorio dos trabalhos dos annos sociaes de 1891 e 1892, e depois ao orador do Instituto o Sr. Commendador José Luiz Alves, que igualmente leu o elogio biographico dos socios fallecidos durante os dois ultimos annos.

Foram ouvidos com grande attenção e interesse todos esses trabalhos, que vão em seguida transcriptos, dando o Sr. Presidente a sessão por encerrada ás 10 horas da noite.

DISCURSO

DO PREZIDENTE DO INSTITUTO

Conselheiro Olegario Herculano d'Aquino e Castro

Senhores.—Ha 54 annos, em um dia, como o de hoje para nós festivo, e sempre de gratas recordações para todos quantos se interessam pelos trabalhos da intelligencia e da instrucção, reuniram-se nesta capital, em conselho administrativo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, alguns amigos das lettras, dedicados apostolos da sciencia e da verdade, ainda a nós presentes nos vultos venerandos que illuminam este recinto com o reflexo de suas luzes e honrosa tradição de suas virtudes, e sob os auspicios daquella benemerita sociedade, por feliz inspiração, fundaram o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, modesto e laborioso gremio litterario, que não poucos serviços ha prestado á historia patria, na justa proporção dos recursos de que tem podido dispôr.

Propondo-se a colligir, methodisar, publicar ou archivar os documentos referentes á historia e geographia do Brazil e á archeologia, ethnographia e lingua dos seus indigenas, não tem o Instituto até hoje poupado solicitos esforços, no louvavel empenho de bem corresponder á importante e trabalhosa missão que lhe foi dada.

Arrostrando difficuldades de toda a ordem, lutando com a indifferença de uns e a má vontade de outros, incessante prosegue em seu intento, e fiel e cuidadosamente vai accumulando abundantes e preciosos materiaes para o excelso monumento da historia do Brazil, magestoso padrão que, em gloria nossa, ha de ser levantado para attestar em todo o tempo a grandeza da patria e a heroicidade e patriotismo de seus dignos e extremosos filhos.

Ardua tem sido para nós a empreza ; não é pouco, em verdade, o que está feito, mas é muito ainda o que nos resta a fazer.

Bem comprehenderam os illustrados fundadores do Instituto a relevancia da idéa que esposaram e o alcance do plano que desde logo foi traçado, quando em termos singelos e verdadeiros salientaram a poderosa influencia que directamente exerce o desenvolvimento das lettras sobre os destinos da sociedade, quer pelas luzes que sobre ella derramam a illustração e a experiencia, quer pelo adoçamento dos costumes publicos, consequencia necessaria do aperfeiçoamento da educação moral do povo, em cujo seio cavam-se os largos e profundos alicerces em que firma-se a grandeza das instituições nacionaes.

E' o estudo da historia justamente um dos meios mais proprios e efficazes de diffundir-se a solida instrucção, que com o facho da verdade espanca as trevas da ignorancia e do erro, abrindo claro espaço ao vivificante influxo da civilisação e do progresso.

Genero de litteratura tão elevado, tão util e proveitoso, quão praticamente conforme ao espirito e á vocação dos nossos tempos, primeiro canto ao alvorecer da vida nacional, na phrase elegante de um escriptor, e ultimo trabalho litterario de um povo, a historia, essa grande mestra da vida, na expressão de Cicero, testemunho irrecusavel dos tempos, fonte de luz inextinguivel na senda tortuosa da existencia, compendio de inestimaveis ensinamentos, sciencia social, como a define Alexandre Herculano, destinada a enriquecer o futuro com as experiencias do passado, a historia tem por escopo a verdade, e como meio de attingil-a, o supremo encargo de acompanhar a marcha progressiva da humanidade, registrando em seus annaes, com imparcialidade conscienciosa, inalteravel calma, rigorosa exactidão e indefectivel justiça, os factos e acontecimentos mais notaveis que se tem dado na vida das nações ; delineando com fidelidade o caracter pessoal e politico dos homens que mais se tem distinguido e descrevendo com discernimento a influencia que vieram a exercer, homens e factos, sobre a época e o meio social em que representaram.

Não é a historia uma simples sciencia de datas, ou deducção chronologica de factos mais ou menos importantes que se tem desdobrado no percorrer dos annos já passados e que facilmente se arrolam sob numeros dispostos segundo a ordem dos tempos.

Não é a núa exposição da escola descriptiva de Barante e de Lingard, que se limita á narração dos acontecimentos, sem pretender moralisal-os ou julgal-os.

Não é a falsa concepção da escola fatalista, que se preoccupa com a idéa de que os individuos pouca ou secundaria influencia exercem sobre a direcção geral dos factos e das opiniões; mas é o estudo serio, profundo e reflectido, a analyse discreta e esclarecida, a critica severa e judiciosa desses mesmos factos, com exacta e fundamentada apreciação de suas causas, seus effeitos, sua intima relação com o passado, directa ligação com o presente e immediata influencia sobre o futuro.

E' a noção correcta de Robertson, seguindo os progressos e o desenvolvimento da constituição de uma nacionalidade, e assignalando as modificações effectuadas, quer na legislação, quer nos usos e costumes, quer na politica, que mais concorreram para o aperfeiçoamento das instituições ou para a repressão dos abusos introduzidos. E' a sã doutrina de Guizot, ensinando a expôr as idéas, a julgar os factos e suas circumstancias; estudando os phenomenos sociaes que directamente tem actuado sobre a vida de um povo, para dahi tirar corollarios, que bem definam o estado e as relações physicas e moraes em que se acha elle constituido.

E' precisamente nessa intima união affirmada pelo eximio escriptor, nesse desenvolvimento harmonico das idéas e dos factos, da ordem intellectual e da ordem real, para o qual concorrem com suas luzes a philosophia, o direito, a politica, a administração, as sciencias e as artes, a actividade humana, emfim, em todas as suas manifestações, que consiste a grande obra de consciencia e verdade, de reparação e justiça, a que se têm dedicado, desde as mais remotas éras, Herodoto, o fundador, o Homero da historia, Thucidides, Xenofonte, Tito Livio, Herder, Hume, Macaulay, Thierry, Michelet,

Thiers, Alexandre Herculano, Cantu, e tantos outros que tem feito a gloria da humanidade e das lettras, pelo refulgente brilho de seus monumentaes e importantissimos trabalhos.

Já vêdes que a missão do historiador, difficil e grandiosa por si mesma, vasta como o objecto de que se occupa, elevada como o fim a que se propõe, grave como a responsabilidade que lhe é inherente, requer attributos moraes pouco communs e condições de tempo e logar a que convém sempre attender.

A historia de uma época não póde ser escripta pelos coévos. A' estes, como pensa Gibbon, cabe apenas reunir com cuidado e dispôr com habilidade os precisos materiaes, por modo á ficar a historia ao abrigo das incertezas dos sophistas e diversões dos declamadores. Não pertence aos contemporaneos pronunciar o julgamento definitivo da historia, diz Duvergier de Hauranne; mas, sim, o encargo de preparar os elementos necessarios para que possa ser elle seguro e esclarecido.

Por mais que se esforce o escriptor por ser imparcial na narração dos factos de que foi testemunha; por mais que se empenhe no respeito á maxima da justiça da historia — sem odio e sem favor — ha de sempre predominar em seu espirito a influencia das ideas, dos preconceitos, das opiniões que são suas, e daquelles que o acompanhárão defendendo-as.

Entretanto, ao historiador cumpre, na phrase de Macaulay, resuscitar o espectaculo das cousas passadas, apreciar os homens, reproduzir os factos e julgar os acontecimentos, sómente guiado pela luz da verdade e da justiça.

Ao passado a gloria ou demerito de seu actos; á posteridade o dever de perpetual-os.

Nós, os herdeiros dos sacrificios e do esforço da geração que nos precedeu, ainda nos achamos muito proximos dos homens e dos factos para os apreciarmos imparcialmente. Cegam-nos os prodigios com o seu fulgor, e a voz imperiosa das paixões não consente que escutemos por emquanto a grande voz da historia. Quando se alargar

a distancia, quando bater a hora do porvir e da verdade, terá chegado o momento de contemplarmos o monumento á sua luz, e de julgarmos os obreiros sem illusões.

São palavras de Rebello da Silva, que bellamente exprimem a verdade do principio que enunciámos. E com effeito: se a historia exige, como bem pondera Oliveira Martins, a observação directa dos factos primordiaes, pintura fiel dos sentimentos, descripção exacta dos acontecimentos, e ao mesmo tempo a impassivel frieza do criterio, para coordenar, comparar, de um modo impessoal ou objectivo o systema dos sentimentos geradores e dos actos positivos, não acreditareis, por certo, que possa tão ardua e delicada tarefa ser bem desempenhada pelos contemporaneos, compartes ou testemunhas mais ou menos interessadas nos successos que relatam, impressionados todos pelas scenas que presenciaram, irresistivelmente dominados pelo sentimento, pelo affecto, pelas paixões, e guiados pela opinião popular, que nem por ser espontanea, forte e unisona, deixa de ser por vezes enganosa, precipitada e iniqua.

Louva-se uma época, diz um notavel publicista dos nossos tempos, porque assim louvamos a nós mesmos; censura-se, porque ahi vai a corroboração do nosso juizo, já formado sob a impressão de factos que condemnámos. Commoções terriveis, abalos profundos que se deram junto de nós, e cujo impulso tão de perto ferio a nossa imaginação, cuja influencia viva subsiste no pensamento mesmo daquelles que não tomaram parte, mas foram testemunhas dos mais violentos espectaculos, transviam forçosamente o espirito do observador, turbando a isenção d'animo que deve presidir aos julgamentos da historia.

Sómente os vindouros, accrescenta um dos historiadores que ha pouco vos citei, poderão bem julgar os factos, penetrar em sua intima conjunctura, desenvolver-lhes o espirito, conhecer as suas causas, seus effeitos e reciprocas relações.

A historia é a sua obra, posto que a sua substancia, os seus materiaes sejam transmittidos pela escripta ou pela tradição, por aquelles que assistiram aos acontecimentos relatados.

Tacito, o maior pintor da antiguidade, no dizer de Racine, e com justa razão tido por Villemain, como o maior dos historiadores, porque sendo o mais apaixonado, é tambem o mais integro; porque sabe discernir como juiz e depôr como testemunha do que vio e presenciou cheio de indignação e de colera, ostenta em seus escriptos o genio do historiador em toda a sua energia, tornando-se notavel tanto na narração como nos retratos, e exprimindo-se com inimitavel e persuasiva concisão nesses afamados *Annaes* e *Historias*, ainda hoje verdadeiros modelos de estylo e máscula eloquencia; mas, nem por tão subidos meritos deixou de incorrer na censura que Voltaire, Mably, Boissier e outros lhe tem feito, estranhando que a linguagem da verdade seja proferida pela voz irritada das paixões.

Sem duvida, revela o severo escriptor em suas palavras muitas vezes em excesso vehementes e acrimoniosas a profunda indignação de que se achava possuido, ao desenhar as sombrias scenas da época nefasta em que vivêo, época de horrores e miserias, de depravação e baixezas, ensanguentada pelas guerras, despedaçada pelas dissenções e cruel até na paz; narrando, Tacito condemna; os sentimentos ardentes e impetuosos que transpiram de suas phrases, cortantes como a lamina de um escalpéllo, ferinas como a imprecação de uma vingança, podem não ter obumbrado o espirito recto, o criterio, e a integridade do historiador, ao mesmo tempo testemunha e juiz de tão revoltantes attentados; mas a prevenção, diz o sabio, é o escolho da justiça, e esta cumpre que seja exercida de modo a não poder jamais ser suspeitada, inspirando, ao contrario, pela sabedoria e reflectida ponderação de seus conceitos, plena e segura confiança em seus decretos.

Assim que deve ser a linguagem da historia sempre calma; fria e impassivel como a justiça; certa e immutavel como a verdade; integra e pura como a consciencia. Não traduz os impetos da paixão ou o fervido ardor dos sentimentos; sómente exprime os correctos dictames da razão.

Ainda os affectos mais nobres e elevados, o patriotismo, o amor do bem, da honra, da gloria nacional,

deslumbram, como reflecte um profundo pensador, arrebatam o entendimento, que mal discerne os factos quando os mira atravez do iriado prisma das preoccupações populares.

A verdade só assenta nas solidas bases da sabedoria, da prudencia e da reflexão.

Nunca será sobre o sólo ainda abalado pelas terriveis commoções do tempo, ao sopro callido das paixões violentas, sob a impressão das scenas agitadas que nos depara a luta de interesses desconformes, que se poderá levantar firme e alteroso o tribunal em que são proferidas as sentenças da suprema justiça da historia.

Julgar — tal é, em summa, a missão sublime, a synthese da historia ; o melindroso e difficil encargo que a si tomam os que em nome da verdade fallam, e com rectidão se pronunciam sobre os grandes acontecimentos que constituem a vida das nações.

Quanto a nós, simples obreiros em tão grande empreza, não somos nem pretendemos a immensa gloria de ser tidos por historiadores; mais modesta é a nossa tarefa; ao architecto, diz Alexandre Herculano, cabe dar a traça do edificio; aos obreiros carrear para elle a pedra e o cimento; nos limites de nossas forças, concorremos apenas para que seja elevado o monumento que ha de representar o esforço conjuncto de nós todos. Cingindo-nos a norma que é prescripta pela lei que nos rege, temos cumprido e havemos de continuar a cumprir o nosso dever com o zelo e dedicação que são proprios de quem sinceramente ama as lettras e a patria que com ellas se engrandece.

Com os importantes e valiosos subsidios que ahi vamos deixando colligidos, poderão as gerações novas bem conhecer o passado, julgar o presente e escrever com segurança e verdade a historia que terá de doutrinar o futuro.

Do espirito que nos anima, da força da nossa vontade, e dos fructos já colhidos de nossas cansadas lucubrações dão testemunho as nossas *Revistas*, devidamente apreciadas aqui e no estrangeiro, já publicadas em 55 volumes, repositorio abundante de preciosos dados para a historia deste grande paiz, fadado pela natureza, pelo

esforço e patriotismo de seus filhos, á occupar a mais culminante posição no convivio das nações civilisadas.

Para o desenvolvimento e progresso do Instituto, como bem o sabeis, directa e proveitosamente concorreu mais do que ninguem o augusto chefe de Estado que as vicissitudes da sorte acabam de para sempre roubar-nos, privando-nos da sua constante, benigna e paternal protecção.

Já não abrilhanta as festas anniversarias do Instituto a augusta presença do desvelado amigo das lettras brazileiras, daquelle que tanto honrou a elevada cadeira que alli vemos, não coberta com o denso véo do esquecimento, mas engrandecida pelas recordações que desperta, como se entre nós ainda agora se elevasse o vulto venerando de quem tanto mereceu-nos pelos beneficios que prodigalisou-nos e estima com que sempre distinguio-nos.

Já não refulgem as galas ostentosas com que nos Paços Imperiaes eram celebradas as reuniões litterarias do Instituto, mas no despido recinto e estreito espaço em que nos congregamos, ainda nos é grato commemorar o anniversario da fundação do Instituto e cuidadosos procuraremos satisfazer sempre este dever.

Na fraternal união de nossa vida academica, na serena mansão dos nossos estudos habituaes, somos hoje o que fomos, o que só e sempre aqui seremos:—desvelados cultores das lettras brazileiras.

Novos socios de reconhecido merecimento vieram nestes ultimos tempos reforçar nossas fileiras; seus nomes asseguram a confiança com o que o Instituto os acolheu, contando com a esclarecida cooperação de tão prestantes auxiliares; mas, em compensação fatale dolorosa, grandes e irreparaveis perdas havemos soffrido sobrelevando entre todas a do Augusto e sempre generoso Protector desta Associação, que ainda uma vez hoje deplora o lamentavel acontecimento que tão profundamente a veio ferir.

Aos varões que para nós conquistaram uma nova patria espiritual á custa da sua vida e felicidade, dizia em um dos seos magistraes discursos o nosso inspirado orador Porto-Alegre, áquelles que com a sua lição e exemplo edificaram a intelligencia e a alma de seus companheiros, devemos amor e reconhecimento; devemos-lhes o

culto do homem civilisado; porque elles nos deixaram na estrada o facho divino que receberam.

Ninguem mais do que o Sr. D. Pedro II tinha direito ao tributo de honra que de coração aqui prestamos-lhe.

Cumprio o Instituto imperioso e sagrado dever de gratidão e de amor, de veneração e saudade, celebrando uma sessão commemorativa, em homenagem á memoria d'aquelle que vivo será sempre em nossa lembrança.

Do que mais fizemos no correr dos annos que separam-nos da data da ultima sessão anniversaria, da solemnidade com que foi ha pouco celebrado pelo Instituto o 4.° centenario do descobrimento da America, admiravel successo, que tanto excitou as geraes manifestações de enthusiasmo levantadas em honra de Colombo, o grande navegador de immorredoura fama, não farei aqui individuada menção, porque cabe esse encargo ao nosso digno 1.° Secretario, que o desempenhará com o zêlo que o distingue no cumprimento de seus deveres; tambem não declinarei os nomes dos consocios que infelizmente para sempre deixaram-nos, por que os tendes gravados na memoria e sobre os tumulos ainda mal cerrados de tantos e tão saudosos companheiros espargirá com mãos prodigas o nosso illustre orador as mais mimosas flores de sua reconhecida eloquencia.

Assim, depois de acompanhardes o largo estadio da agradavel e animada collaboração dos vivos, tereis de assistir a melancolica commemoração dos nossos consocios já finados, — cruel e doloroso contraste que separa os extremos da existencia — ; apoz a luz, sombras ; — depois de sorrisos, lagrimas.

As gloriosas tradições dos que se foram servirão de nobre estimulo para que os imitem aquelles que de novo á nós se achegam.

Das lições e exemplos de uns, da sabedoria e operosa coadjuvação de outros, colherá o Instituto as forças necessarias para que bem possa proseguir em sua carreira, e, como hoje, relembrar seus feitos nas sessões anniversarias, que á Deus praza sejam ainda muitas vezes celebradas em prol dos elevados e grandiosos fins a que se destina esta utilissima instituição.

Possam os nossos votos ser ouvidos, e serão satisfeitos os intimos desejos que para aquelle que vos falla, ainda perduram, quando, ao declinar da vida, já bem sente que não mais lhe animam, na phrase do poeta :

Nem as forças que o tempo vai quebrando,
Nem a flor da esperança resequida
Que murcha e morre em tristes desenganos.

Abre-se a sessão.

RELATORIO

DOS

Trabalhos annuaes de 1891 e 1892

Lido no Instituto Historico e Geographico Brazileiro na sessão magna anniversaria de 15 de Dezembro de 1892

PELO

1.º Secretario

HENRIQUE RAFFARD

Senhores.— Na presente sessão, anniversaria da primeira que foi honrada com a presença de S. M. o Imperador, o Snr. D. Pedro II—isto em 1849—mandam os Estatutos que o 1.º Secretario proceda a leitura de uma exposição dos principaes factos occorridos no exercicio que finda.

Hoje, porém, cumpre-me fazer summario retrospecto de 1891 e 1892, havendo sido adiada e depois dispensada a sessão anniversaria d'aquelle anno, em consequencia de não ter sido possivel realisar antes de 4 de Março utimo a extraordinaria consagrada a commemoração do infausto passamento do Immediato Protector do Instituto.

Em livro especial, já distribuido, encontra-se, precedida do retrato d'este Augusto Senhor, a acta da referida sessão, em que proferio brilhante allocução o Presidente Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, minuciosa biographia o Commendador José Luiz Alves, eloquente discurso o Conselheiro M. F. Correia e o Barão de Capanema, por intermedio do Dr. Cesar Augusto Marques, offereceu uma noticia sobre a questão de limites com a Republica Argentina.

Cabendo ao nosso prestimoso consocio Commendador José Luiz Alves fallar dos mortos, apenas mencionarei que no ultimo biennio o Instituto perdeu 23 cooperadores, a saber 15 em 1891 e 8 em 1892, numero que se eleva a 25 com os fallecimentos de 1890, posteriores á respectiva sessão anniversaria.

O numero das perdas soffridas attinge entretanto a 28 com a retirada dos Srs. Visconde de Taunay, Major João Brigido dos Santos e Dr. Rozendo Muniz Barreto.

A presidencia ficou privada do seu titular em 1891 com o fallecimento do nosso prezado consocio Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva, succedido em 14 de Maio, vespera do dia marcado para nossa 6ª sessão ordinaria, que foi adiada e se realizou em 22 do mesmo mez sob a direcção do 1° Vice-Presidente Conselheiro Olegario. N'esta occasião, cedendo a repetidas instancias, S. Ex. annuio em conservar-se á frente do Instituto até as eleições geraes, como preceituam os Estatutos.

Para o cargo de orador, que ficára vago, o Presidente nomeou o Commendador José Luiz Alves e tendo o Dr. José Teixeira de Mello pedido e obtido exoneração das funcções de 1° secretario—não só por accumulação de serviços, mas tambem por incommodo de saude— tive eu de preenchel-as na qualidade de 2° secretario, logar que passou a occupar o capitão de fragata José Egydio Garcez Palha.

Dos eleitos para formarem a mesa de 1892 o Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake foi o unico que deixou de assumir o cargo de 2.° secretario, passando a exercêl-o o 1.° supplente — Dr. Alfredo do Nascimento Silva.

Durante o anno de 1891 realizaram-se 20 sessões ordinarias e 1 extraordinaria para deliberar sobre as manifestações de pezar pelo fallecimento de S. M. o Sr. D Pedro II.

Cumprio-se tudo quanto fôra resolvido na referida reunião de 7 de Dezembro, como consta da acta impressa na parte II do tomo LIV da nossa *Revista*, porém o livro, que deve conter as publicações da imprensa

local com relação á pessoa do illustre finado, ainda se acha no prélo, havendo grande accumulação de trabalhos na typographia.

Direi de passagem que a meza entendeu dever conservar fechado o Instituto no dia anniversario da morte de seu Protector Immediato e faz votos para que no futuro se guarde o dia 5 de Dezembro.

No anno de 1892 elevaram-se a 20 as sessões ordinarias e a 3 as extraordinarias, sendo a commemorativa do fallecimento do referido seu Augusto Protector em 4 de Março, a da glorificação de Colombo em 12 de Outubro e a que se effectuou em 2 de Dezembro para ultimar n'esse dia o expediente dos papeis em andamento.

O Instituto adquirio 49 auxiliares novos, a saber 32 em 1891 e 17 em 1892, mas teve de assignar 50 diplomas sendo 1 de honorario para antigo socio effectivo.

2 *de Presidentes Honorarios* : aos chefes de Estado Marechal Manoel Deodoro da Fonseca e Monsieur Sadi Carnot—mezes antes das funebres ceremonias para cuja grandeza tanto contribuio este digno Presidente do Governo da nobre Nação franceza.

6 *de socios honorarios*: ao Principe Roland Bonaparte, autor de varios trabalhos, alguns dos quaes sobre assumptos americanos ; a Don Guilherme A. Seoane, litterato hispano-americano, representante do Perú no Brazil; a Don Francisco Garcia Calderon, da Real Academia das Sciencias de Madrid, ex-presidente do Perú, actualmente senador ; a Don Ricardo Rossel, premiado com medalhas de ouro nos concursos litterarios do Chile e do Perú, presidente do Ateneo de Lima que distinguio 9 dos nossos consocios com o titulo de membro honorario ; a Don Miguel de La Lama, eminente jurisconsulto peruano ; ao nosso consocio Commendador Luiz Rodrigues de Oliveira pelos seos serviços e importante donativo.

7 *de socios effectivos* : ao Major Joaquim José Gomes da Silva Neto, que escreveu sobre a provincia do Espirito Santo ; ao engenheiro architecto Arthur Sauer, auctor do almanak geographico das provincias ha tempos editado pela casa Laemmert ; ao Conselheiro Ovidio Fernandes

Trigo de Loureiro, do Supremo Tribunal Federal ; ao Dr. Liberato de Castro Carreira, senador do Imperio, auctor de escriptos diversos ; ao Commendador João Xavier da Motta, que publicou curioso livro sobre a numismatica brazileira ; ao Coronel Francisco Manoel da Cunha Junior, que descreveu o ataque de Tuyuty ; ao Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo, poeta e talentoso escriptor, que teve a fortuna dever no Brazil um livro seu em 2ª edição.

20 *de socios correspondentes*: ao Major José Domingues Codeceira, do Instituto Archeologo e Geographico de Pernambuco; ao professor Clovis Delamarre, de Paris ; a João Baptista Perdigão de Oliveira, 2° secretario do Instituto do Ceará ; ao Dr. Arthur de Leon, pelos seus estudos sobre as nossas industrias ; ao Dr. Arthur Vianna de Lima, cultor das sciencias ligadas a geographia moderna ; a Don Julio Bañadas Espinosa, historiador chileno ; a Evaristo Affonso de Castro, pela sua noticia descriptiva de parte do Rio Grande do Sul ; a Aristides Marre, distincto orientalista; a Dom João Esberard, Bispo de Olinda; ao bacharel Argemiro Antonio da Silveira, escriptor paulista ; ao Dr. Irineo Ceciliano Pereira Joffely, auctor de estudos historicos e geographicos sobre a Parahyba do Norte; a Julius Meili pelos seus valiosos trabalhos tratando das moedas e medalhas de Portugal e Brazil; ao Dr. Guilherme Studart, activo defensor das cousas cearenses ; ao Dr. José Francisco da Silva Lima, auctor da noticia historica da febre amarella nos annos 1686 e 1694 em Pernambuco e na Bahia ; aos irmãos Lafayette e Octaviano de Toledo, pesquizadores paulistas ; a Luiz Rodolpho Cavalcanti de Albuquerque, auctor de estudos relativos ao commercio e navegação do Amazonas; a Dom Carlos Luiz d'Amour, Bispo de Cuyabá ; a Monsenhor Bento Severiano da Luz ; e a Frank Vincent, cidadão norte-americano, auctor de livros interessantes sobre a America.

15 de socios benemeritos : aos Srs. Barão de Quartin; Coronel Albino da Costa Lima Braga ; Commendador Luiz Augusto da Silva Canedo ; Conselheiro Francisco de Paula Mayrink ; Conde de Figueiredo ; Barão de Mendes Tota ; Visconde de Assis Martins ; Commendador Manoel Vicente Lisboa; Visconde de Moraes ; Barão de Ibiapaba;

Dr. Domingos José Nogueira Jaguaribe; Commendador Urbano de Faria; Commendador José Joaquim da França; Commendador Luiz Gomes Ribeiro; Commendador Manoel de Mattos Gonçalves.

Tomaram posse das suas respectivas cadeiras, em 1891: o Dr. José Hygino Duarte Pereira, Dr. Alfredo do Nascimento Silva, Major José Domingues Codeceira, Major Joaquim José Gomes de Silva Neto, Conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira, Commendador Antonio José Gomes Brandão, Arthur Sauer, D. Guilherme A. Seoane, bacharel Argemiro Antonio da Silveira, bispo de Olinda, barão de Sant'Anna Nery; em 1892: Julius Meili, Dr. Liberato de Castro Carreira, Damasceno Vieira, Commendadores José Joaquim da França, Luiz Gomes Ribeiro e João Xavier da Motta.

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro conta hoje 249 socios, salvo algum fallecimento desconhecido entre os 102 estrangeiros, e tem 7 Presidentes honorarios, 24 socios benemeritos, 47 socios honorarios, 118 socios correspondentes, 53 socios effectivos. A situação financeira do Instituto senão lisongeira é ao menos bastante satisfactoria, embora tenha sido diminuida a subvenção, que ha muitos annos recebe do Estado e que ficou reduzida da metade.

Para prevenir qualquer eventualidade torna-se necessario augmentar o nosso patrimonio, que consiste hoje em 66 apolices de 1:000$000 e 2 de 600$000, prefazendo a somma de Rs. 67:200$000. Ha um pequeno saldo em caixa, mas insufficiente para satisfazer as despezas extraordinarias que resultarão das publicações mandadas fazer para commemorar o fallecimento de S. M. o Sr. D. Pedro II e o grande feito de Christovão Colombo.

A receita ordinaria sendo apenas bastante para attender as despezas forçadas do Instituto muito conviria que se promovesse os meios de conseguir no exercicio vindouro uma receita extraordinaria capaz de minorar o mais possivel as referidas despezas extraordinarias que são assás avultadas.

Todos os nossos socios correspondentes e effectivos favoreceram a nossa bibliotheca com os trabalhos, que

serviram de titulo para sua admissão no Instituto, mas outras offertas interessantes tem sido feitas, sobresahindo entre muitas em 1891: pelo socio Conde de Motta Maia, da parte de S. M. o Sr. D. Pedro II, um exemplar das traducções que por occasião das festas do centenario da annexação do condado Venaissino á França fez o mesmo Augusto Senhor de um texto hebraico nas linguas franceza e felibrina; pelo Sr. João Barboza Rodrigues seu livro Muyrakitã; pelo Barão do Rio Branco reproducções photographicas de um sermão em portuguez do padre José de Anchieta e de uma carta d'este ao padre Gaspar Schetz; pelo General Dr. João Severiano da Fonseca, copia da correspondencia official do capitão general de Matto-Grosso João Carlos Augusto Oeyenhausen e alguns documentos originaes a respeito de limites com a Republica Oriental; pelo Dr. Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake 10 volumes de importantes notas para a historia; pelo Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo, Dr. Baptista Carvalho Daemon, Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, varios trabalhos e documentos; pelo capitão de fragata José Egydio Garcez Palha o retrato do Almirante Frederico Mariath, restaurador da Laguna em 1839; pelo conselheiro Tristão de Alencar Araripe (então Ministro do Interior) o programma da batalha do passo do Rosario acompanhado de 48 copias, 1 carta, 1 mappa e mais documentos encontrados entre os papeis do Sr. D. Pedro II e no anno de 1892: pelo Sr. Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro 39 volumes que pertenciam a Sua Magestade o Imperador; pelo Conselheiro M. F. Correia, o livro de E. de Pressensé *Les Origines* annotado pelo Sr. D. Pedro II, copias de notas diplomaticas do tempo em que foi ministro dos estrangeiros, referindo-se uma á lei de 28 de Setembro de 1871, outra ao arbitramento do governo de S. M. El-Rei de Portugal, n'uma pendencia que tinha o Brazil com a Noruega, e a terceira refutando falsas noticias propagadas na Allemanha em detrimento do Brazil; pelo General Dr. João Severiano, copias de valiosos documentos —auto da fundação do Real Forte do Principe da Beira e termo da fundação da povoação Regular de Casalvasco,

na margem oriental do rio Barbados, oito leguas ao sul de Villa Bella, a nossa bandeira imperial e o retrato a oleo do Imperador D. Pedro II; pelo Conde de Motta Maia, um exemplar do trabalho historico intitulado *D. Pedro II o Magnanimo*, contendo extractos de artigos, telegrammas, etc., em inglez e o retrato d'este monarcha; pelo Barão de Capanema, um manuscripto de Carlos Rath sobre a fabrica de S. João de Ypanema e cinco bandeiras imitando as de Genova, do Cruzeiro de Portugal, das Indias hespanholas, de Castella e de Leão no tempo de Colombo; pelo Sr. Julius Meili, um mappa do litoral do Brazil desenhado em Amsterdam no anno de 1650 e mais 25 medalhas ou moedas; pelo Commendador João Xavier da Motta 106 moedas ou medalhas; pelo Dr. Alfredo do Nascimento Silva 150 moedas diversas e o retrato do nosso finado consocio Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva, em 1841, época de sua entrada para o Instituto; pelo Dr. Francisco José da Silva Lima, 11 machados dos indios do Brazil.

Distinctos cavalheiros obsequiaram tambem o Instituto com livros, documentos e objectos: o professor Christiano Frederico Seybold, sua *Brevis linguæ Guarani Grammatica*; o Sr. F. Vieira Monteiro, uma pequena reproducção do retrato de Luiz do Rego Barreto, ultimo governador de Pernambuco; o Sr. Luiz Antonio Navarro de Andrade, 4 medalhas de ouro, mandadas cunhar com o producto de uma subscripção popular para serem remettidas aos Drs. Jean Marie Charcot, Mariano Semmola, Achilles de Giovanni e Conde de Motta Maia, os medicos que com tanto desvelo trataram S. M. o Imperador, medalhas que o Instituto de accordo com o Sr. Navarro de Andrade fez chegar ás mãos dos distinctos facultativos, nada impedindo que se acatasse os nomes dos personagens, tendo outr'ora feito jus á gratidão dos brazileiros; pelo Visconde de Taunay, um livro seu annotado pelo Sr. D. Pedro II; pelo Conselheiro Manoel Pinto de Souza Dantas, uma carta declarando que as notas á margem do exemplar que possue o Instituto, da biographia de Francisco José Furtado, pelo Conselheiro Tito Franco, embora escriptas por S. Ex., são de S. M. o Imperador que

as dictou ; pelo Commendador Manoel Joaquim do Nascimento Silva, uma publica fórma de uma carta do Sr. D. Pedro I ao Sr. D. Pedro II com data de 16 de Abril de 1832 ; pelo Sr. Dr. Joaquim de Toledo Piza e Almeida, um livro *O Primeiro Reinado*, trabalho do nosso consocio Dr. Luiz Francisco da Veiga, que o offerecêra ao Instituto de onde tinha desapparecido ; pelo Sr. Francisco Ramon Paes, o livro *A Missão Especial do Visconde de Abrantes*, com dedicatoria do autor Visconde de Abrantes ao Instituto de onde se extraviou ; pelo secretario geral da commissão brazileira na Exposição Universal de Paris, duas medalhas commemorativas do seu concurso no grande certamen de 1889 ; pelo Dr. Graciano A. de Azambuja, plantas e documentos referindo-se á parte do territorio do Rio Grande do Sul.

Merece especial menção a bôa acquisição que poude fazer o Instituto, sem recorrer aos seus cofres, graças a liberalidade do socio Commendador Luiz Rodrigues de Oliveira, refiro-me as collecções de retratos, armas e brazões, mappas, livros, papeis e documentos que pertenciam a Ernesto Aleixo Boulanger, ex-escrivão da nobreza do Brazil.

A proposito de donativo pecuniario devo dizer que o nosso consocio Arthur Sauer tambem offertou ao Instituto a quantia de um conto de réis.

N'estes dous annos augmentou-se o numero das associações que permutam suas publicações com a nossa *Revista*, temos mais — Sociedad Geographica de Lima — Observatorio Meteorologico del Collegio Pio Villa Colon — Bibliotheca Nazionale Vittorio Emmanuele de Roma— Gremio Litterario Portuguez do Pará — Sociedade de Geographia Economica de Minas Geraes — Departamento de Hygiene de Buenos Ayres — Instituto da Ordem dos Advogados Brazileiros.

No periodo de que trato, concedeu o Instituto collecções de sua *Revista* a instituições nacionaes e estrangeiras que provaram serem dignas d'esta attenção, assim como alguns numeros d'ella ao novo socio Damasceno Vieira que se comprometteu a escrever um trabalho summario de tudo quanto publicou o Instituto.

Leituras interessantes foram feitas em algumas sessões — em 1891: o Dr. Sacramento Blake leu o seu esboço biographico do finado consocio Monsenhor Dr. Manoel da Costa Honorato — o Dr. Cezar Augusto Marques a sua historia do pelourinho de Maranhão — e o Commendador José Luiz Alves algumas de suas biographias de Senadores do Imperio; em 1892: o Dr. Cezar Augusto Marques a sua biographia do Dr. Antonio Correia de Lacerda — o Major J. J. Gomes da Silva Neto seu trabalho sobre as minas de ouro do Espirito Santo — o Dr. Alfredo do Nascimento Silva seu escripto intitulado « Um atomo da historia patria ou historico da Sociedade Amante da Instrucção » — e o Commendador José Luiz Alves outras biographias de Senadores do Imperio.

Para representar o Instituto nas festas que tinham de ser realizadas na Hespanha em homenagem a Christovão Colombo, foi nomeado o nosso consocio Barão de Alencar, que infelizmente não poude dar cumprimento á este encargo, tendo-se retirado da Europa em seguida a sua exoneração de Representante do Brazil perante S. M. a Rainha Regente. Então nomeou-se para o mesmo fim uma commissão, porém o Sr. Visconde de Ourém falleceu, o Conselheiro João Manoel Pereira da Silva e o Barão do Rio Branco por motivos diversos não puderam satisfazer esta incumbencia.

O Instituto tomou parte no Primeiro Congresso geographico Italiano ultimamente realizado em Genova para commemmorar o quarto centenario da descoberta da America, alli comparecendo como nosso delegado o socio Almirante Barão de Teffé.

Deixo de relatar como se effectuou a sessão magna de 12 de Outubro ultimo pois que a respectiva acta vai ser distribuida em um livro especial.

Foi esta uma das melhores festas organisadas pelo Instituto.

Perante numeroso auditorio o nosso Presidente proferio um bello discurso de abertura, o Dr. Alfredo do Nascimento Silva leu seu interessante estudo sobre a utilidade da descoberta de Colombo e o Commendador

José Luiz Alves o elogio historico do grande navegador genovez.

Em meiado de 1891, verificado o pouco proveito do trabalho encetado para a catalogação dos nossos livros, não só pelo pequeno numero de volumes de que se occupou o respectivo encarregado, como principalmente por não ser conveniente o methodo seguido, foi resolvido contractar pessoa habilitada para reorganisar a bibliotheca que é merecedora de especiaes cuidados.

N'este intuito, a meza entendeu-se com o illustrado Dr. Castro Lopes, que classificou parte dos livros pertencentes ao Instituto, tendo sido auxiliado pelos empregados da casa. Este trabalho está sendo impresso sob a fiscalisação do Sr. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

N'uma das sessões de 1890, o commendador Joaquim Norberto mostrou-se contrariado pela venda, feita em Pariz, da livraria de Ferdinand Denis, a qual comprehendia excellentes e raros livros sobre o Brazil, accrescentando não ter sido prevenido a tempo de providenciar para que viessem opulentar as nossas collecções as preciosidades litterarias, que quasi pelo espaço de cem annos ajuntára o erudito francez, tambem membro do Instituto Historico e Geographico Brazileiro.

E' verdade, muito para lastimar, que no Instituto faltam muitas obras de historia e geographia patria; com razão se pronunciou n'este sentido em varias sessões o Dr. Sacramento Blake, que poude certificar-se d'isto nas buscas que fez para a continuação do seu Diccionario Bibliographico Brazileiro.

Não ha negar que as maiores dadivas difficilmente completaram a collecção que de alguma sorte o Instituto tem a obrigação de possuir. D'ahi se deduz que não devemos descuidar de procurar obter, mesmo por compra, tudo que tratando do Brazil não se encontra na nossa bibliotheca.

Sabe-se que o finado historiador F. A. de Varnhagen, visconde de Porto Seguro, era senhor de boa bibliotheca e valiosos papeis; pois a viuva d'este nosso consocio

remetteu-nos do Chile, onde reside, uma relação de 3000 volumes, d'entre os quaes 300 referem-se por assim dizer exclusivamente ao Brazil e parecem não existir nem na nossa bibliotheca, nem mesmo na que foi do Sr. D. Pedro II—livros de 200, 300 e 400 annos; mappas francezes e portuguezes desde 1500; trabalhos sobre Ramusio, Americo Vespucio, Christovão Colombo, Padre Antonio Vieira, José de Anchieta, João de Laet; livros tratando das guerras entre Portuguezes e Hollandezes; obras latinas de 1520—1523 — 1540, etc., cartas de Alexandre de Humboldt, revistas, jornaes, emfim preciosissimos materiaes para estudos.

Penso ter-me desobrigado de um dever, fazendo as precedentes ponderações para que possam ser tomadas providencias segundo as circumstancias.

Notavel incremento tomou, entretanto, a nossa bibliotheca com a opulenta doação feita pelo Sr. D. Pedro II.

Foi na sessão de 31 de Julho de 1891 que o nosso presidente deu parte das communicações escriptas do procurador de Sua Magestade, o Sr. Conselheiro José da Silva Costa, com datas de 6 e 8 do mesmo mez e anno.

Ordenára o Augusto Senhor que o Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro, Visconde de Taunay, Visconde de Beaurepaire Rohan e General Dr. João Severiano da Fonseca se servissem separar dentre os seus livros aquelles que pudessem interessar ao Instituto, afim de fazerem parte da respectiva bibliotheca, collocados em sala especial com a denominação de D. Thereza Christina Maria, assim como o que no Imperial Musêo fosse encontrado relativo á ethnographia e historia do Brazil para ser collocado em logar tambem especial sob a denominação de Imperatriz Leopoldina.

Inserio-se na acta, com um voto de mais profundo reconhecimento por essa dadiva tão grande como excepcional e sem exemplo, a resolução de se agradecer ao sempre generoso Protector, mais esta prova de interesse, favor e consideração com que se dignava enriquecer uma associação que se présa de ser grata e reconhecida á quem por tantos titulos é credor de toda a sua estima e veneração.

Dias depois expedia-se o respectivo officio com as seguintes assignaturas: *Olegario Herculano de Aquino e Castro.* — *Visconde de Beaurepaire Rohan.* — Dr. *João Severiano da Fonseca.* — *Tristão de Alencar Araripe.* — Dr. *José Alexandre Teixeira de Mello.* — *Henri Raffard.* — *José Egydio Garcez Palha.* — *Luiz Rodrigues de Oliveira.* — *José Domingos Codeceira.* — *Barão de Capanema.* — *Joaquim José Gomes da Silva Netto.* — *Manoel Francisco Correia.* — *José Luiz Alves.* — *Arthur Sauer.* — *Guilherme A. Seoane.* — *João Manoel Pereira da Silva.* — *José Verissimo.* — Dr. *Augusto Victorino Alves Sacramento Blake.* — *Francisco Calheiros da Graça.* — *Barão de Miranda Reis.* — Dr. *Alfredo do Nascimento Silva.* — *Marquez de Paranaguá.* — *Joaquim Pires Machado Portella.* — *Antonio Joaquim de Macedo Soares.* — *Barão de Ladario.* — *João Alfredo Corrêa de Oliveira.*

As constantes attenções e preferencias dispensadas pelo monarcha, a livre selecção dos livros e mais objectos, a nomeação de quatro membros do Instituto para constituirem a commissão executora da vontade do illustre doador (que na occasião de manifestal-a não podia saber que um d'elles acabava de se desligar do nosso gremio) tudo parecia garantir o Instituto que, entretanto, se viu obrigado a representar perante a maioria da referida commissão, julgando-se prejudicado pela falsa interpretação dada as cartas do procurador do Sr. D. Pedro II, apezar dos reiterados protestos do nosso Presidente, membro tambem d'essa commissão.

Nenhuma resposta obteve o officio de 9 de Outubro de 1891 que, por duas vezes, foi enviado pela mesa, porém o protesto do Instituto é facto incontestavel que perdurará para comprovar o apreço em que tinha o exacto cumprimento da vontade do seu excelso Protector Immediato.

A bibliotheca do Instituto não é exclusivamente americana e como para o estudo da Historia, Geographia e Ethnographia da America, são imprescindiveis os livros, que tratam da historia politica de muitas nações estrangeiras e que se acham portanto comprehendidos

nas condições de interesse a que allude a carta do procurador do generoso doador, não pareceu justa a decisão da maioria dos membros da commissão para ser concedido ao Instituto, tão sómente, o que se refere á America, decisão aliás tomada depois da remessa para a Bibliotheca Nacional de bem avultado numero de livros sobre assumptos essencialmente brazileiros que, na mór parte, se achavam na sala dos despachos e devem vir para nossa bibliotheca em qualquer hypothese.

De herdeiro, o Instituto passou a simples legatario, por capricho de mãos invisiveis, que tambem quizeram constituir legatarios o Jardim Botanico, a Academia de Bellas Artes, e outros que não forão contemplados pelo unico que o podia fazer; porém o direito subsiste e justiça ainda poderá ser feita, embora com vagar.

A verdade já vai transparecendo, permittindo o acaso que, n'uma das ultimas sessões d'este anno, se recorresse ás actas do precedente para confrontar o que foi praticado com o que determinára o Sr. D. Pedro II.

O Visconde de Beaurepaire Rohan e o General Dr. João Severiano da Fonseca, membros presentes da alludida commissão, mostraram-se sorprehendidos, pois estavam certos de que a divisão se fizera de pleno accordo e de conformidade com os officios recebidos do legal representante do Imperial doador.

Na seguinte sessão o General Dr. João Severiano da Fonseca, com toda a lealdade, declarou que dava razão ao Instituto pela reclamação que fizera dos seus direitos, visto como os officios, que lhe foram dirigidos, inteiramente se conformavam com os que recebêra o Presidente e sobre os quaes foi firmado o seu protesto, tendo havido portanto da parte da commissão interpretação má, importando em grande prejuizo do Instituto.

Não ha mais razão para se duvidar de que tivessem sido do mesmo theor os officios enviados aos outros membros da commissão, sendo por conseguinte perfeitamente claro o direito do Instituto, que não desanimará da justiça que se lhe ha de fazer.

O Sr. Conselheiro Olegario e o General Dr. João Severiano fizerão entrega dos respectivos officios para serem archivados.

Deprehende-se de uma noticia inserida no *Jornal do Commercio* de 1 de Março de 1892, ministrada, sem duvida, por pessoa muito bem informada, que a bibliotheca particular do Imperador, além de enorme quantidade de brochuras, opusculos, mappas etc. então ainda por classificar, comprehendia 31,670 volumes que tiverão o seguinte destino.

A Bibliotheca Nacional recebeu:

Da 1ª sala de cima.....	2.691		
» 2ª.....	4.798		
» 3ª.....	4.705		
Da sala do despacho.....	2.313	24,270	
Do gabinete particular.....	1.558		
Da bibliotheca da Imperatriz.	8.185		
Obras de Camões.....	20		31,670
O Instituto Historico:			
Das tres salas e do gabinete..	3.571		
Da sala do despacho.....	1.811	7,048	
Da bibliotheca da Imperatriz.	1.666		
O Musêo Nacional.....	352	352	

Posteriormente o *Jornal do Commercio* voltou a occupar-se com o *quinhão* que tocou ao Instituto e sob a epigrapde Collecções do Imperador deu mais detalhes n'estes termos:

« D'essas collecções recebeu o Instituto Historico e Geographico Brazileiro, o seguinte:

Livros encadernados.— Da bibliotheca do Imperador, 7,048 volumes, da bibliotheca da Imperatriz, 936; total 7,984.

Estampas.— Gravuras e photographias 147, lithographias 9: total 156.

Estampas historicas e retratos em grandes volumes encadernados, seis volumes.

Panoramas da cidade do Rio de Janeiro, dos quaes dous iguaes e um diverso oleo-gravura, tres estampas.

Vista da cidade de Sorocaba (colorida) uma estampa.

Vues pittoresques de la République (in-folio imperial), 14 estampas.

Mappas historicos.— Exemplares (grandes volumes encadernados) com 14 mappas, 4 cada um, alem de alguns avulsos, planos e campos de batalha, planta de baterias, fortalezas, etc.

Mappas geographicos.— 54 volumes (grandes e pequenos encadernados) contendo 390 mappas.

Avulsos.— Classificados 105 mappas, por classificar 328, apparelhados para parede 32, em moldura 3, emmassados (grandes e pequenos) 114, collection chass, Preiss (cartas do Brazil) 66, mappas celestes 7, mappas da America do Sul, em pontos para cegos 2, total 1.047.

Brochuras.— Grande numero ainda não contadas.

Os empregados da Bibliotheca Nacional, sob a direcção do Dr. Teixeira Mello, trabalharam 86 dias, começando o serviço de discriminação e entrega a 4 de Agosto de 1891 e ficando terminado a 12 de Março corrente.»

Justo é lembrar que o Instituto manteve constantemente como auxiliar para os trabalhos d'esta commissão um dos seus empregados effectivos.

Acha-se reconstituida no nosso Instituto, tanto quanto possivel a sala dos despachos tal qual existia no Paço de S. Christovão, de onde foram removidas as respectivas estantes, mesa e cadeiras—tão singelas quão preciosas para nossa historia — faltando apenas os livros de consulta — relatorios ministeriaes, provinciaes e outros que têm sido indevidamente levados para a Bibliotheca Nacional.

N'uma destas cadeiras foi collocada uma placa prateada com a inscripção seguinte:

CADEIRA

EM QUE SE ASSENTAVA S. M. O SR. D. PEDRO II

QUANDO PRESIDIA O CONSELHO DE MINISTROS E O DO ESTADO

1889

Tambem foi outra collocada na cadeira que se acha na sala das sessões do Instituto relembrando a constante presença do Imperador entre nós com os seguintes dizeres:

CADEIRA

EM QUE SE ASSENTAVA S. M. O SR. D. PEDRO II

quando presidia as sessões do Instituto Historico e Geographico do Brazil

Esta sala, segundo foi deliberado em sessão, ficou denominada *Sala D. Pedro II.*

Quanto aos livros, mappas e mais objectos da Quinta da Boa Vista arrecadados pelo Instituto, cujo numero não posso precisar, não estando ainda concluido o *Catalogo* respectivo, elles se acham reunidos, com as devidas denominações, em boas salas que devemos a intervenção do Sr. Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

Este nosso benemerito consocio, thesoureiro sempre zeloso, mesmo apezar dos afazeres de uma e as vezes de duas pastas, quando Ministro do Interior providenciou para que o Instituto ficasse independente da Repartição de Estatistica Geral, e quando Ministro da Fazenda tornou effectiva a ordem anteriormente dada pelo Sr. Visconde de Ouro Preto de se re-imprimir graciosamente na Imprensa Nacional os numeros esgotados da nossa *Revista*.

O Dr. Alfredo do Nascimento Silva e o Commendador José Luiz Alves, este como orador incansavel e aquelle como 2° secretario; o Conselheiro Manoel Francisco Correia, tão solicito em angariar donativos; o Dr. Cesar Marques, animando as nossas sessões com as interessantes questões que suscitou; finalmente o Commendador João Xavier da Motta, fazendo o catalogo do nosso musêo — todos estes nossos consocios prestaram relevantes serviços que não posso deixar de salientar.

O Musêo foi removido para uma das nossas salas novas, mais clara e menos acanhada, que aquella onde se achava, a qual ficou servindo de Secretaria do Instituto, que até então não tinha local proprio.

Ao terminar peço permissão para manifestar ao nosso Presidente a minha sincera gratidão pela confiança e apoio que não cessou de me dispensar; para pedir a todos os meus consocios hajão de relevar qualquer falta, na certeza de que sempre procedi pensando fazêl-o de accordo com o interesse do Instituto, em cujo beneficio não consegui sinão parte do quanto desejava, e relevando tambem ter abusado da sua paciencia com a leitura de meu insignificante trabalho.

Henri Raffard, 1° secretario.

ELOGIO

DOS

Socios fallecidos desde 15 de Dezembro de 1890 até hoje

PRONUNCIADO NA

Sessão Magna do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

A 15 DE DEZEMBRO DE 1892

Pelo orador e socio effectivo

COMMENDADOR JOSÉ LUIZ ALVES

A morte é o termo fatal das tremendas lutas da vida e das glorias illusorias deste mundo.

Honras, fortunas, prazeres e mesmo a sciencia não são mais do que os sonhos de um dia.

O proprio homem é um fantasma que desapparece, um vôo da rainha do ar que rasga o espaço, um navio que fere as ondas sem deixar o menor vestigio, uma flor que desabrocha com o orvalho matutino e que murcha e cahe ao cambar da tarde.

São os tumulos na phrase mimosa de Bernardin de Saint-Pierre os limites dos dois mundos, representam o passado e formam por assim dizer um mundo onde perennemente impera a rainha das trevas.

As estrellas que com seu luminoso brilho rasgam as tenebrosas escuridões da noite dos tumulos são os nomes caros e sympathicos dos benemeritos da patria e da

humanidade que jazem sepultados debaixo das lousas que cobrem as cryptas do vasto dormitorio da morte.

Os fulgores dessas estrellas illuminam o caminho do futuro, com os feitos esplendorosos praticados por esses finados illustres.

As lapides que cobrem esses sepulchros alvas como os lyrios e a flor da noite são ferteis como a terra de Chanaan e a todos quantos alli forem depor sobre ellas a grinalda da saudade e da gratidão, jamais deixarão de colher o fructo da experiencia legada por aquelles que alli dormem o eterno somno á sombra do lábaro sagrado da cruz da Redempção.

Os tumulos, disse nos arroubos da mais fascinadora eloquencia um dos mais fluentes oradores sagrados da terra de Catharina Paraguassú, é sempre um objecto das mais sérias e profundas meditações, quer elles encerrem em seus arcanos o despojo mortal do soberano ou do plebêo; elles na sua mudez nos estão dizendo o que somos, e que uma força irresistivel destruindo todos os argumentos, despedaçando todas as resistencias nos vai atirando nos insondaveis abysmos da eternidade e no perpetuo silencio das gerações que passam, a voz severa da consciencia nos adverte o pouco ou nada que valem as illusões e vaidades do mundo, e ninguem póde contestar esta sublime verdade.

Felizes porém daquelles que no peregrinar da vida puderam pelo esmaltado brilho de immaculadas virtudes e fulgores de saber, praticar feitos dignos de serem relembrados, como legaram tantos illustres consocios que de nós se aparta ram para irem abrigar-se á sombra da justiça de Deus.

Pelos estatutos que regem esta illustre Associação sou obrigado pelo dever do cargo que por immerecida honra me foi confiado de ser hoje o fiel interprete dos sentimentos de saudade e de dor do Instituto Historico e Geographico Brazileiro nesta solemnidade para em descolorida linguagem fazer o elogio dos nossos prezados consocios, que depois de terem honrado estas cadeiras com os fulgores de seu talento, saber e illustração, dellas desertaram para irem eternamente habitar as tenebrosas regiões da morte.

Esse dever consagrado pela tradição tem sido religiosamente observado por todos os meus illustres antecessores, que do alto desta cadeira desfolharam goivos, saudades e perpetuas sobre os tumulos que encerram os despojos mortaes das aguias do saber humano, não só deste como de todos os paizes cujos nomes a esponja da morte apagou da lista dos socios deste Instituto, desde o dia de sua installação até hoje.

Para glorificar a memoria de seus feitos e de seus serviços não precisámos confiar á tela nem aos marmores as suas imagens, e nem lançar mão das mais exquisitas resinas, para preservar seus corpos da corrupção, bastará sómente para que seus feitos corram mundo graval-os nas paginas da nossa revista.

No periodo de 24 mezes contados do dia 15 de Dezembro do anno de 1890 ao dia de hoje, 28 dos nossos prezados consocios foram arrebatados da mansão da vida, e dentre estes destaca-se o vulto venerando e proeminente de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II, excelso protector deste Instituto á quem já tributámos a respeitosa homenagem da dor, saudade e reconhecimento na sessão funebre consagrada á sua memoria, realizada a 4 de Março do corrente anno.

Agora cumpre tambem pagar a poesia da lagrima e da saudade aos 27 companheiros que o seguiram nessa mysteriosa viagem.

Se penosa é a missão de avivar dôres e reviver saudades que já estão adormecidas nos corações daquelles que a elles se prendiam pelos laços de parentesco, amisade, sympathia e gratidão, fazendo brotar de seus olhos novas e crystallinas lagrimas que já estavam a muito estancadas pelo balsamo doce e suave da egide da religião, tambem é por demais doce e consoladora a missão de patentear ao mundo suas virtudes, meritos e serviços, gravando-os na memoria do tempo para estimulo da geração que se levanta no berço da patria, que tomarão por timbre seus nobres exemplos e os offertarão como modelo ás gerações por vir.

I

Dr. José Victorino Lastarria

Na cidade de S. Thiago, capital da Republica do Chile, onde era altamente considerado por seus profundos conhecimentos juridicos e litterarios, rendeu o espirito nas mãos do Creador o Dr. José Victorino Lastarria, socio correspondente deste Instituto desde o anno de 1871. Nasceu em Bancagua aos 22 de Março de 1817.

Foram seus progenitores Francisco Lastarria e sua consorte D. Carmen Santander Lastarria.

Os estudos primarios, secundarios e superiores começou e concluio na cidade de S. Thiago, recebendo em premio das lutas academicas na Universidade Chilena o grão de bacharel em leis e o de doutor em humanidades.

Em 1838 foi nomeado professor de direito publico e litteratura do Instituto Nacional, cadeira que regêra com talento e proveito para seus numerosos discipulos.

Eleito deputado ao Congresso e reeleito em diversas legislaturas, revelou-se um dos mais eloquentes e profundos oradores do Chile.

Em 1863 foi nomeado enviado extraordinario e ministro plenipotenciario na Republica do Perú, e no anno seguinte passou em igual categoria ás republicas do Prata e no Imperio do Brazil, e pela gentileza com que desempenhou essas missões, deixou honrado renome na carreira da diplomacia. Antes de partir para essas missões no estrangeiro, exerceu em seu paiz o cargo de ministro e secretario de Estado dos Negocios da Fazenda, onde revelou tino administrativo e conhecimentos financeiros.

Gosou de fóros de habil jurisconsulto e escriptor notavel como revelou na sua importante obra *Lições de politica positiva*. Era membro da Universidade e decano da Faculdade de Humanidades e socio correspondente da Academia Hespanhola. Contava 71 annos de idade, quando o sopro gelado da morte extinguio-lhe a vida, no dia 14 de Junho de 1888, sendo seu cadaver sepultado na cidade de S. Thiago. Seu nome passou á posteridade e se sua

patria perdeu nelle um distincto filho, este Instituto associa se á sua dôr, porque nelle perdeu um digno e prezado consocio.

II

Dr. George Bancroft

Aos 18 dias de Dezembro do anno de 1889 exhalou o ultimo suspiro na cidade de S. Petersburgo, capital do Imperio da Russia, onde dignamente representava na qualidade de Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario os Estados Unidos da America do Norte o distincto George Bancroft laureado autor da Historia dos Estados Unidos e socio honorario d'este Instituto desde o anno de 1864.

Cobria-se ainda de rigoroso luto a colossal Republica Norte americana pela morte do immortal Washington, autor de sua Independencia e seu 1° Presidente, quando aos 3 de Outubro do anno de 1800 ultimo do seculo XVIII abria os olhos a luz do mundo em Massachusetts, George Bancroft. Seu pae foi o Reverendo Arão Bancroft, natural de Worcester. No collegio Howard, onde fez o curso de preparatorios no anno de 1813, muito se distinguio nos estudos de metaphysica e moral, e mereciam-lhe alta predilecção os escriptos de Platão.

Em 1817 seguio para a Allemanha onde foi altamente considerado entre os estudantes da Universidade de Goething que lhe conferio o grão de Doutor em Siencias philosophicas.

Continuou em Berlim a cultivar as sciencias e a litteratura, viajando toda a Europa até 1822.

Regressou a patria, e foi logo nomeado para reger a cadeira de grego na Universidade de Howard, isso por espaço de dous annos.

Em 1823 começou a colligir documentos para a historia dos Estados Unidos. Em 1830 foi eleito sem o saber deputado por Manchester, em 1831 senador pelo mesmo Estado, recusando ambas as distincções.

Em 1834 foi nomeado Collector da cidade de Boston, cargo que exerceu com dedicação, zelo e probidade, até o dia em que resignou-o, deixando avultado saldo em cofre, devido a sua activa administração.

Em 1845 foi eleito Presidente dos Estados Unidos Mrs. Polk.

George Bancroft fez parte do 1° Gabinete na qualidade de Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha, e no exercicio desse cargo fundou a Escola Naval de Anapolis. O aperfeiçoamento da educação da Armada lembrado por muitos de seus antecessores foi por elle realizado.

Deu ao Observatorio Astronomico de Washington nova organisação.

Em 1846 entrou para a carreira da Diplomacia, na qualidade de Ministro Plenipotenciario junto do gabinete de S. James. Em premios de seus talentos a Universidade de Oxford conferio-lhe o gráo de Doutor em Direito Civil, e a Academia Real das Sciencias de Berlim e o Instituto de França nomearam socio correspondente ; recolheu-se a patria, para continuar a escrever a Historia dos Estados Uuidos, regeitando todos os cargos que lhe foram offerecidos, mais em 1867 acceitou o de Ministro Plenipotenciario no Reino da Prussia, e um anno depois passou na mesma categoria a Confederação da Allemanha do Norte, e 1871 ao Imperio Germanico tendo a gloria de firmar importantes tratados. Em 1868 a Universidade de Bonna conferio-lhe o gráo de Doutor em Jurisprudencia. Achava-se em Goething em 1879, quando solemnisou o 50° anniversario de sua formatura, recebendo por tão plausivel motivo, as mais imponentes congratulações de numerosas Sociedades Scientificas e de muitos sabios e distinctos litteratos.

A *Historia dos Estados Unidos* que é o mais alto brazão de sua infatigavel investigação, teve começo no anno de 1834, época em que deu à luz o seu 1° volume e conclusão em 1873 no 10 e ultimo volume.

Esse colossal trabalho mereceu de um de seus illustrados biographos este elogio.

A *Historia dos Estados Unidos* de Mrs. Bancrofot, tem um grande merito não só na litteratura historica de seu paiz como na de todo o mundo, por isso que é uma autoridade reconhecida quanto ao periodo que encerra.

Não é puramente uma narração, mas um tratado philosophico entretecido de causas principaes e factos traçados com notavel pericia os progressos das idéas liberaes. Esse monumental trabalho que por si só foi mais que sufficiente para recommendar seu nome a posteridade tem sido traduzido em varios idiomas, e lido com avidez principalmente na Allemanha, foi, pois, esse trabalho a chave d'ouro que abrio-lhe os porticos do Instituto de França e d'este Instituto Historico Geographico Brazileiro, da Academia Real de Sciencias de Berlim, e de muitas Sociedades Scientificas da Europa e de ambas as Americas. Apezar do peso de 90 annos o illustre George Bancroft, prestava com o concurso de seu alto prestigio e vasto saber, relevantes serviços a seu paiz como chefe da Missão Diplomatica no Imperio da Russia onde foi presa da morte, deixando um nome altamente considerado no mundo scientifico, que, com pezar e saudade lamenta a sua perda.

III

Coronel Augusto Fausto de Souza

Ainda não era por nós conhecida a triste nova do fallecimento do illustrado autor da Historia dos Estados Unidos da America do Norte, quando a 20 de Dezembro de 1889, desapparecia nas tenebrosas regiões do tumulo o nosso presadissimo consocio o coronel Augusto Fausto de Souza, victima de lesão cardiaca.

Filho legitimo do negociante desta praça Francisco Fausto Souza e da Sra. D. Francisca de Souza Fausto, nasceu n'esta cidade do Rio de Janeiro aos 12 dias de Janeiro de 1835, recebendo a graça christã na Matriz de N. S. da Candelaria. Tendo feito os estudos primarios, e desejando seguir a carreira das armas foi plenamente approvado no curso de preparatorios que fez

na Academia Militar, depois Escola Central, e hoje Polytechnica, matriculando-se a 8 de Março, no 1º anno. A 21 de Julho, sentou praça de voluntario na 6ª companhia do 1.º batalhão de artilheria a pé, e 2 annos depois por Decreto de 14 de Abril de 1855, foi nomeado alferes alumno de artilharia.

No 1º de Março de 1856 matriculou-se na Escola de Applicação na fortaleza de S. João, ficando addido ao batalhão de engenheiros.

A 7 de Maio passou a alferes-alumno do exercito e em 2 de Dezembro, confirmado no posto de 2º tenente de engenheiros. Em Janeiro de 1858 foi approvado no exame pratico de engenharia até capitão. No 1º de Maio desligou-se da Escola de Applicação para continuar os estudos na Central. Por aviso de 19 de Junho é nomeado inspector de topographia da Escola de Applicação. A 19 de Dezembro de 1859 recebe o gráo de bacharel em mathematicas e sciencias physicas, merecendo sempre louvores e distinctas notas. Aos 2 de Dezembro de 1860 é promovido a tenente de engenheiros e a 21 de Março de 1861 é nomeado lente da 1ª cadeira do 2º anno da Escola Militar de Porto-Alegre, que regeu com proficiencia, dedicação e assiduidade, bem merecendo por isso os louvores que lhe foram dirigidos, em ordem do dia do commando daquella Escola Militar.

A 18 de Janeiro de 1862 é nomeado lente da Escola Militar desta Capital. Em Agosto de 1864 a nação brazileira, ferida em seus brios, acceita o cartel de desafio que lhe atirava o tyranno Francisco Solano Lopez, presidente da Republica do Paraguay. Declarou-se a guerra áquella republica.

A 27 de Maio de 1865 baixa o decreto, pelo qual o 1º tenente de engenheiros Fausto de Souza é nomeado para servir no exercito em operações. A 28 parte a commissão de que fazia parte.

A 30 de Agosto é incumbido de fazer um reconhecimento na villa de Uruguayana, occupada pelas tropas do tyranno, ao mando do coronel Estigarriba, e apezar de ser vivamente perseguido por um esquadrão de cavallaria, fez o reconhecimento, pelo que foi louvado em ordem do dia

do general Conde de Porto Alegre, Manoel Marques de Souza.

A 18 de Setembro passa a dirigir a construcção dos espaldões para cobrir a nossa artilharia, na distancia de duzentas braças do inimigo.

Assiste a capitulação do exercito paraguayo e ao morrer desse dia escapou da morte por uma quéda que deu do cavallo que montava, ficando gravemente ferido. Na ordem do dia do general Conde de Porto Alegre, que dá conta da capitulação do exercito invasor é louvado o 1° tenente Fausto de Souza.

Por imperial decreto de 22 de Janeiro de 1866 foi promovido a capitão do estado maior de artilharia. Assiste ao reconhecimento e ao combate de 16 de Junho, sendo nomeado pelo general Visconde de Santa Thereza, para conjunctamente com os tenentes Jeronymo Jardim e Alvaro de Oliveira construirem trincheiras para cobrir a posição conquistada ao inimigo.

Assistio com toda a coragem e denodo ao combate do dia 18 de Junho.

A 29 de Janeiro de 1867 foi nomeado ajudante do Laboratorio Pyrotechnico do Campinho e por portaria de 9 de Junho passa a exercer o cargo de director. Nomeado membro da commissão do primeiro recenseamento do Imperio, foi louvado pelo respectivo ministro pelo zelo e dedicação que empregou nesse trabalhoso ramo de serviço publico, e pelo ministro da guerra foi tambem louvado, pela obra que apresentou sobre os foguetes de guerra, no que revelou zelo e dedicação pelos melhoramentos do Laboratorio do Campinho, e logo depois foi de novo louvado pelo mesmo ministro, quando fôram adoptadas as novas espoletas de artilharia de sua invenção. Promovido por decreto de 18 de Abril de 1874 a major por merecimento.

A 25 de Março de 1878 recebeu o diploma de honra e medalha conferida pelo Jury Internacional dos Estados Unidos pelos apparelhos e artefactos de guerra que o Laboratorio Pyrothechnico do Campinho enviou a Exposição de Philadelphia. A proposta que fez para que fosse adoptado um só typo de espoletas para as quatro especies de bocas de fogo do nosso exercito, mereceu approvação e

louvor, assim como a proposta que fez sobre a modificação no cartuxame metallico, que deu em resultado sensivel economia para os cofres publicos e de novo louvado pelo aceio, boa ordem e direcção observados no Laboratorio pelo general inspector.

Promovido em 10 de Março de 1883 a coronel. A 18 de Maio nomeado por carta imperial presidente da Provincia de Santa Catharina, onde revelou tino administrativo, justiça e rectidão em seus actos.

Ao regressar a côrte foi nomeado director do arsenal de guerra desta Capital por imperial decreto de 23 de Janeiro de 1889. Occupava esse posto no dia em que surgio o advento da republica a 15 de Novembro de 1889. A 28 de Fevereiro deixou a direcção do arsenal de guerra para exercer o cargo de Inspector da fabrica da polvora na Estrella. No exercicio desse cargo succumbio repentinamente a 20 de Dezembro e na tarde desse mesmo dia foi sepultado com as honras a que tinha direito no cemiterio de S. Francisco Xavier.

Em premio de seus serviços recebeu o grão de cavalheiro da Ordem de Christo e o de S. Bento de Aviz, as medalhas, da Rendição de Uruguayana, Campanha do Paraguay, da Argentina e do governo provisorio da republica federal dos Estados Unidos do Brazil o officialato da ordem militar de Aviz.

Dedicando-se nas horas de lazer aos estudos litterarios e á historia, publicou de 1860 a 1865 artigos na *Revista Popular* e *Jornal das Familias* que o Sr. B. L. Garnier reunio em cinco pequenos volumes sob o pseudonymo de *Fausto* com os seguintes titulos: *Scenas da vida republicana*, *A' caça de um baronato*, *Um provinciano ladino*, *Um casamento de tirar o chapéo* e *Dois dias de felicidade no campo*.

Uma série de artigos sobre a organisação do exercito brazileiro publicados no *Jornal do Commercio* de 1º de Fevereiro de 1865 e seguintes sob a assignatura *Tybiriçá*.

Uma memoria completa sobre foguetes de guerra, autographado no Archivo Militar por ordem do governo de 1872 e por isso elogiado.

Memoria sobre as explorações das Nictrerias naturaes de Minas Geraes annexas ao Relatorio do Ministro da Guerra, 1872.

O *Manual de munições e artificios de guerra.*

Uma série de artigos — a *Escola Militar na Guerra do Paraguay*, publicados no *Jornal*; *O soldado e o Marinheiro.*

As biographias do Tenente-General José Fernandes dos Santos Pereira e do Marechal de Exercito Francisco das Chagas Santos.

Estudo sobre a divisão territorial do Brazil.

A monographia: A bahia do Rio de Janeiro.

As fortificações do Brazil, escripta por ordem da commissão deste Instituto por occasião da Exposição de Historia na Bibliotheca Nacional.

A memoria historica da Rendição de Uruguayana.

A série de artigos intitulados *Os infelizes de Roma.*

A série de artigos sobre *Espoletas de Artilharia.*

E foram esses os titulos pelos quaes o illustre finado conquistou uma cadeira neste Instituto que hoje lamenta com saudade vel-a deserta.

IV

Barão de Macahubas

DR. ABILIO CESAR BORGES

A 17 de Janeiro de 1891 o anjo da morte adejou sobre o leito em que a longo tempo jazia prostrado por pertinaz enfermidade do coração o nosso illustrado consocio Dr. Abilio Cesar Borges, Barão de Macahubas, e com seu gladio cortou-lhe o fio da vida cobrindo de crepe não só a todos os seus descendentes como a quantos prezavam as bellissimas qualidades que ornamentavam a pessoa do mais esforçado paladino do ensino publico.

Na villa hoje cidade do Rio das Contas, da provincia hoje Estado da Bahia, nasceu esse distincto educacionista no dia 9 do mez de Setembro de 1824, tendo por progenitores a Miguel Borges de Carvalho e sua consorte.

Na villa que fôra berço de seu nascimento aprendeu primeiras lettras e alguns preparatorios. Em 1858, na idade de 14 annos, seguio para a capital da Bahia, e no collegio da Conceição que naquella época era um dos mais considerados fez em dous annos o curso de preparatorios, e nos exames que prestou para poder matricular-se na Academia de Medicina obteve as mais distinctas approvações. Acommettido por gravissima enfermidade não pôde por isso realizar a sua matricula no anno de 1840, sendo obrigado por conselho de seu medico a ir procurar allivio a seus padecimentos junto ao ninho paterno, e graças ao repouso e a amenidade do clima recuperou a saude, e em 1841 retornou á capital e matriculou-se no curso medico.

Do 1° ao 5° anno provou o quanto era applicado e talentoso com as brilhantes approvações que lhe foram conferidas. Por sua deliberação quiz terminar o curso academico no Rio de Janeiro onde estudou o 6° anno, foi approvado aos 24 de Dezembro de 1847, recebeu o grão de doutor em medicina.

Em 1845 quando apenas contava 21 annos de idade reunido a alguns collegas fundou o Instituto Litterario da Bahia e tal era a consideração e prestigio que gosava, que seus collegas por unanimidade o elevaram á cadeira da presidencia, e do interessante periodico creado por esse Instituto sob a denominação de *Crepusculo* foi o redactor em chefe.

Quando cursava o 6° anno da Faculdade de Medicina desta Capital reunindo-se aos principaes litteratos, cooperou para a fundação da Sociedade Litteraria.

« Academia Philomatica, presidida pelo estadista Conselheiro de Estado Manoel Alves Branco, primeiro Visconde de Caravellas e tendo como 1° Vice-Presidente Manoel de Araujo Porto Alegre, Barão de Santo Angelo então director da Academia de Bellas Artes, coube-lhe a gloria de ser o 1° Secretario dessa Associação.

Nesta cidade e quando ainda estudava o 6° anno de Medicina publicou primorosos artigos no *Archivo Medico Brazileiro*, *Auxiliador da Industria* e no *Jornal do Commercio*. No *Auxiliador da Industria* terminou a publicação

de uma memoria que teve começo no *Crepusculo*, sobre a Mineração na Provincia da Bahia, que foi lida e apreciada e mereceu ser transcripta na *Gazeta Official* e no *Jornal do Commercio*, que teceram a seu auctor os maiores elogios, e esse trabalho deu-lhe ingresso neste Instituto na sessão do dia 9 de Dezembro de 1847, e nesse mesmo anno seu nome foi inscripto na Imperial Sociedade Amante da Instrucção e como Membro do Conservatorio Dramatico Brazileiro.

Logo que recebeu o grão de Doutor em medicina partio para a sua provincia natal, onde por algum tempo com toda a dedicação, zelo e caridade exerceu a sua nobre profissão.

Não era porém no exercicio da clinica que seu nome devia popularisar-se, a missão que a Providencia lhe confiára era outra; devia cumprir-se.

Guiado por irresistivel inclinação dedicou-se de alma e coração ao ensino da mocidade, promovendo por todos os meios e modos os melhoramentos da Pedagogia Moderna.

O governo da Provincia da Bahia confiou-lhe o cargo de Director Geral dos Estudos no anno de 1856, e no exercicio desse cargo não só confirmou seus vastos conhecimentos pedagogicos como promoveu effectuar a reforma do ensino da mocidade.

Já em 1850 tinha estabelecido no interior da Bahia um modesto collegio que foi mais que sufficiente para animal-o a encetar a carreira pedagogica.

Em 1858 fundou na capital da Bahia o Gymnasio Bahiano e 13 annos esteve a frente de sua direcção. Desse notavel estabelecimento sahiram numerosos discipulos, que occupam importantes posições e tal foi a importancia que adquirio que seis mezes depois de sua fundação contava mais de 300 alumnos. O Gymnasio Bahiano, foi o mais importante estabelecimento de educação da cidade de S. Salvador. O venerando D. Romualdo Antonio de Seixas, Arcebispo Primaz e Marquez de Santa Cruz, que presidio a sua fundação muito o considerava; e jamais deixou de comparecer ás suas solemnidades e de externar por palavras eloquentes e animadoras a sua satisfação, e S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, na visita que

fez em 1860 ás Provincias do Norte dignou-se visital-o e foi esse o unico estabelecimento que recebeu tão alta distincção.

Sempre inspirado pelo nobre desejo de procurar os melhoramentos do ensino pedagogico o Dr. Abilio Cesar Borges partio para a Europa, e tendo visto todos os melhoramentos nesse ramo de serviço publico regressou ao seu paiz e na cidade do Rio de Janeiro fundou um Collegio modelo e em vasta escala denominado «Collegio Abilio».

Nesse notavel estabelecimento de instrucção primaria e secundaria seguio o systema por elle inaugurado no Gymnasio Bahiano, e dentro em curto tempo os resultados foram sempre sorprehendentes. A imprensa dirigio ao illustre educador da mocidade os mais lisongeiros artigos.

Tendo de fazer nova viagem a Europa deixou a direcção de seu importante Collegio que posteriormente cessou de existir, mas apenas retornou aos patrios lares, fundou não um, mas dois importantes Collegios.

O Collegio Abilio, na cidade de Barbacena na Provincia hoje Estado de Minas Geraes, a 3 de Fevereiro de 1881 e «Novo Collegio Abilio» n'esta Capital em 15 de Março de 1883, do primeiro tomou elle a direcção e no segundo confiou-a a seus illustrados filhos o Srs. Drs. Abilio Cesar Borges, e Joaquim Abilio Borges, que herdaram de seu illustrado progenitor as tendencias para o magisterio.

Em 1882 o Dr. Abilio Cesar Borges foi nomeado pelo Governo Imperial, seu delegado no Congresso Pedagogico na Cidade de Buenos-Ayres, e o papel proeminente que alli representou mereceu os mais estrondosos elogios da imprensa de Buenos-Ayres.

A 7 de Outubro de 1882 o Dr. Abilio Cesar Borges, já então elevado ao titulo de Barão de Macahubas, fez na augusta presença de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, uma nova conferencia no salão da Exposição Pedagogica sobre o ensino moderno, seguido no Collegio Abilio, e por esse seu bem elaborado discurso provou evidentemente bem merecer o titulo de primeiro reformador do ensino publico no Brazil.

De 1872 a 1877 occupou o logar gratuito de membro do Conselho Director da Instrucção primaria e secundaria

do Municipio Neutro, cargo que por longos annos exerceu na Provincia da Bahia.

Os serviços prestados a instrucção popular não podiam deixar de serem altamente remunerados como foram por S. M. o Imperador, que como premio conferio-lhe o habito da Ordem de Christo, a Commenda da Imperial Ordem da Rosa, o titulo de Barão de Macahubas por Decreto de 30 de Junho de 1881, e as honras de grandeza pelo de 3 de Junho de 1882, e por SS. o Santissimo Padre Pio IX com o gráu de Commendador da Ordem S. Gregorio Magno de Roma.

Muitas sociedades scientificas da Europa e nacionaes inseriram seu nome no numero de seus associados.

Foi um dos fundadores da Sociedade Bahiana 7 de Setembro, da qual foi Presidente effectivo e mais tarde honorario.

Esta Sociedade foi a primeira que no jornal que fundou sob o titulo *O Abolicionista* defendeu a causa da emancipação da escravatura.

Desejando propagar a instrucção do povo doou ao Estado mais de 400 mil exemplares de seus compendios escolares, com que ainda mais uma vez provou a sua dedicação ao ensino publico.

Por occasião da guerra do Brazil com o Paraguay armou a sua custa a companhia dos Zuavos Bahianos.

Numerosas foram as obras que escreveu e publicou, e são esses os mais altos brazões para elevar seu nome a posteridade.

A patria perdeu no Dr. Barão de Macahubas um servidor dedicado a geração que se levanta em seo berço, um dos mais esforçados paladinos do ensino publico, e o Instituto Historico e Geographico Brazileiro um de seus illustrados consocios.

V

Dr. Luiz Francisco Bongean

A 9 de Fevereiro, baixou a sepultura no Cemiterio publico de S. João Baptista da Lagôa o despojo mortal de nosso presadissimo consocio o Dr. Luiz Francisco Bongean.

Descerrou os olhos aos esplendores do mundo em

Chambery no dia 27 de Maio do anno de 1808. Apenas terminou o curso de preparatorios que fez com notavel aproveitamento inscreveu-se na Faculdade de Medicina da Universidade de Turim, e nella recebeu o gráu de Doutor no anno de 1829. Deixando os bancos da faculdade onde conquistou nota de estudante applicado e talentoso, passou a exercer os misteres de sua nobre profissão em Chambery, e dois annos depois, munido de cartas de recomendação, de um dos mais illustres membros do Instituto de França, para o Dr. Domingos Ribeiro dos Guimarães Peixoto, depois Barão de Iguarassú, Lente e Director da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, partio em demanda d'esta capital, onde foi acolhido com toda a gentileza, pelo Barão de Iguarassú, não só em attenção ao illustre signatario da carta, que o apresentava como a seu merito scientifico. Pouco tempo depois, unia-se pelos laços matrimoniaes a uma das filhas do illustrado Barão de Iguarassú. No exercicio de sua nova profissão, dedicou-se exclusivamente, ao tratamento das enfermidades da vista e foi elle quem teve a gloria de ser o 1° occulista d'esta capital, e por sua dedicação e pericia grangeou vasta nomeada n'esse difficil ramo da Medicina Operatoria. Tendo aportado as plagas d'esta capital a fragata sarda *Regina*, commandada por S. A. Real o Principe Eugenio de Savoye e Carignan, na viagem que fazia ao redor do mundo, o Dr. Bongean, que entre as virtudes que o adornavam salientava-se a do amor de sua patria, sabendo que, a bordo daquelle vaso de guerra da Armada Real, de Sardenha, existia grande numero de enfermos, correu a offerecer seus serviços, a S. A. R. o Principe de Carignan.

Esse rasgo de abnegação e de patriotismo, foi levado ao conhecimento de S. M. o Rei de Sardenha, que em premio, d'esse serviço conferio-lhe a grande medalha de ouro, o titulo de medico honorario da marinha real de Sardenha, e a cruz de cavalheiro da distinctissima ordem de S. Mauricio e S. Lazaro. Sempre dedicado aos estudos de sua nobre profissão, escreveu algumas obras de merito que lhe valeram o ingresso, na Imperial Academia de Medicina, e o titulo de socio correspondente deste Instituto,

no anno de 1850. Como justo e bem merecido premio, da sua rara dedicação, zelo, caridade e abnegação, com que soube exercer por longos annos os arduos misteres de sua nobre profissão, recebeu de S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro II, o grau de cavalheiro da Ordem Imperial da Rosa, e de Victor Emmanuel, Rei de Italia, igual distincção na Ordem da Corôa de Italia.

A alta consideração e estima que soube angariar no periodo de mais de meio seculo que viveu neste paiz que amava e estremecia como se fôsse sua patria mereceram a alta distincção feita por S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara quando recebeu em Cannes a triste nova de sua morte. A seu illustrado irmão o chimico José Bonjean, dirigio Sua Magestade uma carta de pezames que foi lida na sessão da Academia Real das Sciencias e Bellas Lettras de Saboya a 9 de Abril de 1891, por seu illustrado presidente Mrs. de Arcolleceres quando em phrases repassadas de saudade e dôr annunciava o passamento do Dr. Luiz Francisco Bongean, membro dessa Academia. A carta de S. M. o Sr. D. Pedro de Alcantara, foi concebida nos seguintes termos:

« Sr. José Bongean.

S. M. o Imperador o Sr. D. Pedro de Alcantara, me encarregou de vos exprimir seu profundo sentimento e toda a sua sympathia na perda dolorosa que vos acabastes de experimentar na morte do Sr. Dr. Luiz Bongean, fallecido no Rio de Janeiro.

Sua Magestade vos pede de ser o interprete de seus muito dolorosos sentimentos junto da Sra. Viuva Bongean por occasião de tão grande perda, na qual Sua Magestade toma grande parte, e vos pede para apresentar seus profundos pezames a toda a vossa familia.

Eu vos peço para aceitar os meus sentimentos pessoaes por ter a honra de ser vosso obrigado servo Conde de Aljezur Camarista de S. M. Imperador o Sr. D. Pedro de Alcantara ».

O Dr. Luiz Francisco Bongean, tendo enviuvado contrahiu segundas nupcias com uma das filhas do antigo Advogado do fôro desta capital Dr. Joaquim Gàspar de Almeida.

De seu primeiro consorcio houve dous filhos, sendo um do sexo forte e outro do fragil que são o Sr. Dr. Eduardo dos Guimarães Bongean, engenheiro pela Escola das Bellas-Artes de França e Director de um grande Estabelecimento Industrial no Estado do Rio de Janeiro, e a Exma. consorte do Sr. coronel Silva.

VI

O Commendador Antonio José Victorino de Barros

Apenas seis dias tinham decorrido após o fallecimento do nosso presado consocio o Dr. Bongean eis que triste nova nos é transmittida pelos jornaes do dia 17 de Fevereiro, de ter o glaudio da Morte riscado do mundo dos vivos o nosso digno e illustrado consocio o Commendador Antonio José Victorino de Barros, que a longos mezes estava prostrado no leito da dôr por effeitos de gravissima enfermidade.

Teve por berço de seu nascimento esta cidade do Rio de Janeiro, descerrando os olhos á luz do mundo no dia 6 de Setembro do anno de 1824. Foram seus paes José Victorino de Barros e sua consorte D. Maria Izabel de Barros, oriundos de Portugal e que para domiciliar-se n'esta cidade tomaram passagem na fragata portugueza *Carlota* procedente de Lisbôa.

No Seminario de S. Joaquim adquirio os primeiros desenvolvimentos da instrucção, e no Episcopal de S. José levou a termo os estudos secundarios.

Matriculou-se na Academia de Marinha e pouco depois passou a Escola Militar onde fez com vantagem o 1° curso, sendo logo promovido a alferes-alumno.

Não se sentindo com vocação para a carreira militar abandonou os estudos que com talento e applicação se dedicára para entrar no funccionalismo publico.

Na secretaria de Estado dos Negocios da Justiça, subiu a escala até Director de secção, e depois de ter servido com a maior distincção, zelo e applicação com

applauso e louvor de todos os Ministros, foi aposentado depois de 30 annos de serviço publico.

Nos cargos de eleição popular e nos de nomeação do governo soube conduzir-se de modo a merecer louvores e a grangear estima.

Casou-se em primeiras nupcias com D. Maria Joaquina de Mello Palhares e em segundas com D. Maria Emilia Duque-Estrada, filha do distincto e humanitario clinico desta Capital e fundador da Caixa Municipal de Beneficencia o Conselheiro Dr. Domingos de Azeredo Coutinho Duque Estrada, que tão bons e valiosos auxilios tem prestado á pobresa envergonhada.

Entre os cargos que occupou o nosso presado consocio destaca-se o de 1° Vice Presidente da Sociedade Propagadora das Bellas-Artes, do qual foi um dos fundadores, e além dos serviços que a essa illustre Associação fez junta-se os que prestou a estatistica da população d'esta cidade e a instrucção publica, e por occasião das invasões das epidemias de febres de Sião e do viajante de Ganges, presidindo como subdelegado da freguezia de Santa Rita a commissão sanitaria estabelecida n'essa Parochia.

Dotado de vigorosa e fertil intelligencia dedicou-se ao cultivo das lettras nas horas do lazer collaborando em differentes *Jornaes e Revistas* nos quaes publicou artigos litterarios de subido merito e isto por espaço de longos annos.

Na *Semana Illustrada*, além dos artigos humoristicos, o poemeto *Molequeda e a Satyra*, *A historia de um Gato Celebre*, *Revista dos theatros*, e longa serie de artigos sobre os feitos guerreiros da esquadra brazileira em operações na guerra do Paraguay, quando Commandante em chefe seu irmão o bravo Almirante conselheiro Joaquim José Ignacio, Visconde de Inhauma.

Nos antigos jornaes *Religião* e *Amor Perfeito* deu á publicidade algumas das suas poesias que se lhe não dão renome como poeta de primeira plana, justificam a sua predilecção pela sciencia das musas.

Dentre suas poesias destaca-se a *Cruz* e a *Esmola*, que primam pela elegancia da simplicidade e natural belleza.

As obras que publicou, foram A *Guerra do Paraguay e o Almirante Visconde de Inhaúma*, *Catastrophe da Corveta Isabel*, commandada por seu inditoso irmão o capitão de mar e guerra Bento José de Carvalho.

A obra, porém, de maior vulto e alto valor litterario que com sua adestrada penna traçou foi a biographia de seu irmão o bravo Almirante Visconde de Inhaúma, escripta em estylo facil e ameno e com enthusiasmo verdadeiramente patriotico, pondo em relevo os feitos praticados por aquelle valente cabo de guerra e destemido lobo do mar, durante o periodo em que a insignia de seu commando tremulou aos beijos das brisas no topo do mastro da capitania da esquadra em operação na guerra do Paraguay.

Por esse valiosissimo titulo foi seu nome inscripto entre o dos socios correspondentes deste Instituto na sessão de 7 de Dezembro de 1883.

Como remuneração dos bons serviços que prestou ao seu paiz, foi agraciado por Sua Magestade Imperial o Sr. D. Pedro II com o habito da Ordem de Christo e o officialato da Imperial Ordem da Rosa, distincções estas que bem mereceu pelos esforços que empregou nos trabalhos estatisticos e o muito que fez em prol da instrucção popular.

VII

O Conselheiro José Silvestre Ribeiro

A *Agencia Havas* annunciou a 10 de Março que no dia anterior, na cidade de Lisboa, exhalara os derradeiros alentos na avançada idade de 83 annos o nosso presado consocio e distincto litterato o Conselheiro José Silvestre Ribeiro.

Foi a villa de Indanha a Nova, o berço de seu nascimento, que teve logar a 31 de Dezembro do anno de 1807.

No curso primario e secundario revelou notave talento, e matriculando-se na Faculdade Theologica da Universidade de Coimbra recebeu o gráo de bacharel em direito canonico.

Um incidente notavel deu-se quando frequentava as aulas da Universidade, nos dias 22 e 23 de Outubro do anno de 1826, entre elle que tinha o n. 37 na matricula da Faculdade de Canones e o estudante n. 48 da matricula da Faculdade de Leis, João Baptista Teixeira de Souza, Conego de S. João Evangelista, e o Lente Cathedratico Dr. Faustino Simões Ferreira. No dia 22 o Conego João Baptista defendeu com calor e enthusiasmo, louvando-o pelo que podia derramar em beneficio dos povos.

No dia 23 o estudante José Silvestre Ribeiro, invocando o estatuto da Universidade, que lhe dava a regalia de fallar antes da lição a que o Lente pretendia oppor-se, o que não fez com receio da aula que trasbordava de academicos, começou estranhando as palavras que sem protesto ouvira na vespera, defendeu com inexcedivel enthusiasmo o governo representativo pela sua fórma democratica, a unica que servia de penhor á prosperidade publica.

O Dr. Simões Ferreira, deu conta do incidente ás autoridades superiores e dahi resultou ser reprehendido o estudante n. 48 e o n. 37, áquelle por fazer propaganda contra as instituições politicas do reino, e este por faltar o respeito ao Lente e ao mesmo tempo louvado por sustentar com elevação os bons principios, e suspenso do exercicio de Lente, por ter promettido sem combater e protestar a enunciação de doutrinas offensivas das leis do Reino, e não saber manter a disciplina na regencia de sua aula, do que resultou não voltar elle mais a exercer suas funcções cathedraticas. Em 1828 o Dr. Silvestre Ribeiro emigrou para a Hespanha regressando no anno de 1832, desembarcando na praia do Mindello, sendo então um dos poucos que restavam dos que desembarcaram no cáes do Sudré com o Duque da Terceira e por essa circumstancia foi nomeado Presidente da commissão dos festejos commemorativos desse facto que tornou memoravel o dia 24 de Julho.

No Cerco do Porto esteve de guarnição na Serra do Pillar, onde se notabilisou por feitos de coragem e valor.

Serenada a luta a 7 de Junho de 1834 foi nomeado Secretario da Prefeitura da Beira Baixa e depois successivamente do Governo Civil de Castello Branco. Governador interino do Districto de Porta Alegre, Administrador Geral de Angra do Heroismo e Governador Civil de Beja e Funchal. Deputado ás côrtes pelos Districtos de Angra e do Funchal em differentes legislaturas. A 2 de Outubro de 1856 foi nomeado Conselheiro de Estado extraordinario. A 7 de Dezembro de 1857 foi chamado aos conselhos da Corôa, dirigindo a pasta dos Negocios da Justiça e nessa elevada posição se conservou até 31 de Março de 1858 em que pedio e obteve a sua exoneração, conservando as honras de Ministro de Estado honorario. Foram de tal magnitude os serviços que aos povos da Ilha Terceira prestou o Conselheiro José Silvestre Ribeiro, quando foi Governador Civil daquelle Districto, que em honra delle, aquelles povos levantaram um monumento, perpetuando-lhe a memoria na Villa da Praia da Victoria, o qual foi solemnemente inaugurado no dia 31 de Dezembro de 1888.

Este monumento é todo de marmore branco de Carrara, mede a altura de 10 metros e consta de uma columna assente em um pedestal triangular ornado por tres grandes açores, allusão das tres ilhas que formam o Districto de Angra do Heroismo.

Sobre a columna está a estatua do Conselheiro José Silvestre Ribeiro, trajando a farda de Governador Civil.

Em premio dos serviços, que com a mais rara dedicação e zelo, prestou a seu paiz, com o luminoso concurso de sua bella inteligencia, bem mereceu a honra de ser elevado ao Pariato do Reino, condecorado com a Commenda da Ordem militar de Christo, os habitos das Ordens da Torre Espada, de valor, lealdade e merito, e a N. S. da Conceição de Villa-Viçosa, a Grã Cruz da distincta Ordem de Sto. Estanislau, do Imperio da Russia, e a Commenda da Ordem da corôa de Carvalho, dos Paizes Baixos.

Foi altamente considerado, como insigne litterato e jornalista de nomeada. *O Jornal do Commercio*, *A Revolução de Setembro*, *O Panorama*, *A Encyclopedia Popular*, *O Archivo Pittoresco*, *O Diario de Noticias*, O *Zophilo*

e outros periodicos, publicaram numerosos artigos traçados por sua adestrada penna.

As numerosas obras, que deu á publicidade attestam o valor scientifico, e o merito litterario, de tão eminente escriptor, e para glorificar a sua memoria, bastará citarmos:

A historia dos estabelecimentos scientificos e litterarios de Portugal, em 16 volumes.

O estudo sobre os Luziadas.

O Esboço historico, de D. Duarte de Bragança.

O Dante e a Divina Comedia.

Foram por tão valiosos titulos, que seu nome foi inscripto entre os socios effectivos da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e como socio correspondente deste Instituto Historico e Geographico Brazileiro em 1882, com a mais viva saudade e dôr, lamenta sua eterna separação, pelo muito que o considerava.

VIII

D. Antonio de Macedo Costa

ARCEBISPO DA BAHIA E PRIMAZ DO BRAZIL

O telegrapho do Estado que liga esta capital a cidade de Barbacena, no Estado de Minas Geraes, com a sua habitual serenidade, durante muitos dias annunciava que o muito illustre D. Antonio de Macedo Costa, Arcebispo Metropolitano da Bahia e Primaz do Brazil, que alli fôra em busca de allivio a seus crueis padecimentos na amenidade daquelle bello clima, longe de conseguir as melhoras que almejava, pelo contrario, tinha peiorado consideravelmente, a ponto de fazer desanimar, as aguias da sciencia, que empregavam todos os esforços para arrebatar das garras tyrannas da morte, tão cara e preciosa existencia.

Depois de dilatada agonia, e quando os primeiros raios da aurora reflectiam sobre o cume dos montes os bronzes dos campanarios atroando os ares com seus tristes e melancolicos sons annunciavam o passamento da Aguia Episcopal,

estremeceram os fios telegraphicos para transmittir a esta capital, e a todos os Estados da Republica Brazileira, a infausta nova da morte do Arcebispo Primaz, que teve logar no dia 21 de Março, nova esta, que encheu de consternação, dôr e saudade, a este Instituto que se desvanecia de contar no numero de seus socios correspondentes, desde o dia 13 de Julho do anno de 1888, ao illustrado Principe da Igreja de S. Salvador, na Archidiocese da Bahia.

Debaixo do céo esplendido da terra classica dos Caethés e dos Tupinambás, nesse abençoado e fertil torrão onde Pedro Alvares Cabral ergueu o lábaro sagrado da cruz, junto a qual Frei Henrique de Coimbra, distincto ornamento da religião fundada pelo Patriarcha de Assis e que por seus feitos, virtudes e serviços, mais tarde subio ao solio episcopal da diocese de Ceuta, celebrou a primeira missa no Brazil no Ilhéo de Porto Seguro, espargindo os perfumes do incenso, myrrha e aloes, que em grossas columnas de fumo infiltravam se pelos cerrados bosques que pela primeira vez eram illuminados pelos clarões do Evangelho nas terras donatarias de Pedro de Campos Tourinho, Jorge de Figueiredo Correia e de Francisco Pereira Coutinho.

Nesse abençoado torrão e debaixo dos esplendores desse formoso céo, onde tem despontado a aurora brilhante do natalicio de tantos varões insignes em virtudes, sciencias, lettras e artes, de que tanto se ufana de ser patria, a primogenita de Cabral, teve tambem a gloria de ser berço de um dos mais insignes ornamentos do Episcopado Brazileiro.

Na cidade de Maragogipe da Provincia hoje Estado da Bahia, nasceu, D. Antonio de Macedo Costa a 7 do mez de Agosto de 1830, fructo de legitimo matrimonio de José Joaquim de Macedo Costa e D. Joaquina de Macedo Costa.

Cedo madrugou-lhe o talento que com seus fulgores fascinou a lentes e condiscipulos, quando frequentou as aulas do Siminario Archipiscopal, revelando logo por sua applicação aos estudos e exemplar comportamento, que um dia seria astro radiante na Igreja de Deus. Avido de-

seguir os estudos superiores deixou a terra fundada por Thomé de Souza, para ir á patria do insigne cantor dos martyres e do genio do Christianismo, matricular-se no famoso Siminario de S. Sulpicio.

Tão applicado e talentoso se mostrou nos estudos que rapidamente aprendeu as disciplinas ecclesiasticas, pelo que mereceu unanimes applausos de todo o corpo docente daquella notavel casa de educação que em homenagem ao laureado talento do joven brazileiro declararam solemnemente que sentiam nada mais saberem para ensinar-lhe.

Munido das demissorias de seu venerando prelado o sabio e virtuoso Arcebispo D. Romualdo Antonio de Seixas, Marquez de Santa Cruz, recebeu prima tonsura a 2 de Junho de 1855, e a 17 de Maio de 1856 as ordens menores e aos 24 de Dezembro do mesmo anno, as de subdiacono, que na Igreja Metropolitana da Capital da França foram-lhe conferidas, pelo inditoso Arcebispo daquella vasta Archidiocese D. Leon Francisco Sebur, e em solemnissimo Pontifical, do qual foi officiante o Emminentissimo Cardeal D. Francisco Nicolau Magdalena Marlot, Arcebispo de Paris, recebeu aos 6 de Junho de 1857 as ordens de Diacono, e finalmente a 19 de Dezembro do dito anno recebeu aos pés do mesmo Cardeal-Arcebispo as ordens de Presbytero.

Tendo assim attingido ao alvo de seus mais ardentes desejos, despindo o gabinardo para vestir a samarra do Principe dos Apostolos, inscrevendo seu nome entre os dos remeiros da barca do pescador dos mares das Tyberiadas, avido de devassar os arcanos da sciencia, deixou a patria de Boussuet, Fenelon e do Conde de Montlembert para ir em demanda da cidade Eterna. Apenas chegou ao famoso imporio da christandade matriculou-se no Lyceu Pontificio de Santo Apolinario, onde com louvor, applauso e distincção fez o curso academico, recebendo em premio o grão de bacharel em direito e canones e logo depois o de doutor na sciencia em que fôra insigne luminar o grande Astro de Aquino.

Vio e admirou os bellissimos e sumptuosos monumentos que pompêam na poetica Italia, que immortalisam

os genios das artes, orou com religioso fervor junto dos altares e dos tumulos dos grandes heróes e martyres do Christianismo e ouvio com a mais profunda attenção sahir dos labios do immortal Pontifice o Santo Padre Pio IX, palavras amaveis e animadoras, deixou a terra impapada da immortalidade para retornar ao seio da patria trazendo a amphora do coração repleta das mais vehementes saudades de seus illustres progenitores que anciosos aguardavam sua vinda e para estreitarem em seus braços ao filho estremecido com os olhos razos de lagrimas e os corações palpitantes do mais intenso jubilo.

Já ha muito alli o havia precedido a fama de seu raro saber e o esplendor de suas virtudes que, apezar do recato com que procurava occultal-as na mais demasiada modestia, que é na phrase eloquente do eximio moralista Marquez de Maricá a moldura do merecimento que a guarnece e realça, ellas se denunciaram com a mesma facilidade com que o delicado perfume da violeta indica a existencia da mimosa flôr, por mais que ella se occulte na espessura de suas folhas.

Apenas chegou á capital da Bahia dedicou-se ao exercicio de suas ordens e ao magisterio no Lyceu de S. Salvador.

Tanto merito, virtudes e saber em tão verdes annos, não podiam deixar de receber, como receberam, as mais subidas recompensas.

Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II, que jámais deixou nos dias de seu longo e faustoso reinado de premiar a virtude e o merito, sabendo que esses raros e apreciaveis dotes ornamentavam a pessoa do joven presbytero da terra de Christovão Jacques, firmou o imperial decreto de 23 de Março de 1860, pelo qual o nomeou para occupar o Solio Episcopal da Sé de Belém, vago pela renuncia do Bispo D. José Affonso de Moraes Torres.

Sua Santidade o Santissimo Padre Pio IX, que pessoalmente conhecia as bellas qualidades que ornavam a pessoa do illustre apresentado, confirmou a nomeação no Consistorio Secreto do dia 20 de Dezembro de 1860.

A 21 de Abril de 1861 revestio-se de gallas e flôres a Capella Imperial e na augusta presença de SS. MM.

Imperiaes, Ministros de Estado e grandes do Imperio, Monsenhor Mariano Falchinelle, Arcebispo de Athenas e Internuncio Apostolico, em vista das bullas da Santa Sé impoz a sagração ao novo Bispo do Pará.

Investido da alta dignidade de principe da Igreja de Belém, D. Antonio de Macedo Costa tomou por seu procurador posse do seu bispado. Em carta pastoral escripta com alevantado estylo saudou os seus diocesanos, ao deixar as plagas da Guanabara e com prospera e feliz viagem aportou ás do Guajará, no dia 14 de Julho e no primeiro dia de Agosto fez sua entrada pontifical com regosijo geral do povo paraense, assumio as redeas do governo. Vinte annos dirigio os destinos daquella vasta e rica diocese, conquistando a amisade e a sympathia das ovelhas do rebanho que Deus quiz confiar á sua paternal solicitude, tanto pela amenidade e delicadeza de seu trato e por sua docilidade e brandura, como pela severidade e moralidade de seus costumes, a nobreza de sua alma, a energia inquebrantavel de seu caracter, a moderação e rectidão de sua justiça, fulgores de sua vasta sabedoria e pelo brilho das raras e apreciaveis virtudes que ornamentavam sua sagrada pessoa.

Nas repetidas visitas pastoraes que fez, barateando sua saude e vida percorreu todo o seu extenso bispado, até ao Alto Amazonas, attendendo com paternal caridade e rara solicitude, e dentro dos limites de seus parcos haveres as mais palpitantes necessidades de suas ovelhas, tanto no espiritual, como no temporal.

Sabendo melhor do que ninguem que o clero, moralisado e instruido de uma nação, é na phrase de um escriptor contemporaneo, o mais habil e adestrado piloto para dirigir o leme da nau do Estado, em revoltosos mares, fez tudo quanto era humanamente possivel, em prol da instrucção e moralidade de seu clero.

Reformou o seminario episcopal, creando novas disciplinas, escolhendo para reger as cadeiras a sacerdotes sabios e moralisados e por essa fórma conseguio legar a seu digno successor um clero respeitavel por suas virtudes e saber, como em tempos idos legaram a seus successores D. Sebastião Monteiro da Vide e D. Romualdo Marquez

da Silva Cruz, no arcebispado da Bahia, D. José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho, no bispado de Olinda, D. Marcos Antonio de Souza, no do Maranhão, D. Antonio Ferreira Viçoso, Conde da Conceição, no de Marianna, D. Fr. Antonio do Guadelupe, D. Fr. Antonio Desterro Malheiros, D. José Joaquim Justiniano Mascarenhas Castello Branco, e D. José Caetano da Silva Coutinho, no do Rio de Janeiro, D. Antonio Joaquim de Mello, no de S. Paulo e D. Luiz Antonio dos Santos, Marquez de Monte Paschoal, no do Ceará.

A viuva, o orphão, o pobre, o desvalido, que são, na phrase mimosa do bispo Conde de Irajá, a guarda de honra do palacio dos bispos, proclamaram cheios do mais vivo reconhecimento os actos sublimes de sua caridade e piedade, pois jámais recorreram a implorar protecção e auxilio, que não encontrassem promptos soccorros.

A cathechese e a civilisação dos indigenas, onde colheram os mais frondosos e virentes louros, Nobrega, Anchieta e Vieira, mereceu sempre a maior attenção do illustre prelado e muito fez em prol desse importante ramo do serviço publico, já por amor do proximo e gloria de Deus, como em honra da civilisação e da patria e muito mais teria conseguido se pudesse levar avante a alevantada idéa de fazer sulcar as aguas do formoso rei dos rios o Christofero navio igreja, destinado a levar o pharol do Evangelho no seio das nações nomadas e errantes que habitam os vastos sertões do Pará e Alto Amazonas, idéa esta que será realizada um dia por seu illustrado e digno successor.

Em 1869, SS. Santissimo Padre Pio IX convocou o Concilio Ecumenico facto este extraordinario para a geração contemporanea, porque o ultimo Concilio foi o de Trento no seculo XVI.

Ao brado supremo do Pastor das Almas partiram para a Cidade Rainha do Evangelho todos os Bispos do Orbe Catholico, e pela primeira vez alli compareceram a tomar parte em tão magna assembléa os Bispos das duas Americas. Nessa imponente reunião das Summidades da Igreja presidida pelo Augusto Successor de S. Pedro, foi proclamado *urbe et d'orbe* o Dogma da Infallibilidade do Papa.

No debate que se travou nessa magna questão tomaram a palavra a favor e contra os mais insignes luzeiros do Episcopado e entre a pleiade de Oradores que se inscreveram na defesa da Dogma a Infallibilidade do Papa foi um d'elles o muito illustre D. Antonio de Macedo Costa, Bispo do Pará.

Quando coube-lhe a vez de fallar ergueu-se no meio do mais profundo silencio, pronunciou eloquentissimo discurso. Sua palavra facil e fluente foi ouvida com a maior attenção. Dir-se-hia que era elle o novo Paulo fallando na Assembléa dos Cardeaes e dos Bispos, e se o erudito Arcebispo de Braga, D. Frei Bartholomeu dos Martyres com os altos recursos de seu luminoso talento e com a rara verbosidade dos filhos de Sua Ordem tanto se salientou no Concilio de Trento, pugnando com vehemencia pelas mais palpitantes reformas da Igreja, o douto prelado Paraense á exemplo daquelle insigne luzeiro do Episcopado Portuguez muito se notabilisou pela gentileza com que defendeu o poder do Soberano Pontifice, provando com o vigor de sua palavra sonora e arrebatadora que irrompia-lhe dos labios quaes relampagos do seios das nuvens o quanto era familiar na lingua immortal de Boussuet e Fenelon.

Tendo fallecido aos 14 de Maio de 1870 o Bispo de Pernambuco D. Francisco Cardoso Ayres, teve por seu digno successor ao illustrado capuchinho frei Vital de Pernambuco, que assim se appelidava na Religião de S. Francisco o joven que no seculo se chamou Antonio Gonçalves d'Oliveira Junior, e que de bom grado trocou os commodos de sua cella no Seminario Episcopal de S. Paulo, para ir ao som de salvas e repiques encarregar-se da ardua missão de dirigir os destinos da Sé de Olinda, que Deus quiz confiar a seu cuidado e zelo. D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira que assim se chamou no Solio Episcopal de Olinda o egregio Capuchino, zeloso no desempenho de seus deveres pastoraes, lançou mão das leis ecclesiasticas para fulminar severas penas ás irmandades do SS. Sacramento e Santo Antonio da Cidade do Recife.

Agita-se por esse facto a questão religiosa, e o cartel de desafio que no Episcopado Brazileiro atirou o

joven Bispo de Olinda foi de prompto imitado pelo illustre D. Antonio, Bispo do Pará.

As Irmandades do Recife e Belém recorreram da sentença dos Bispos para o Conselho de Estado, e delle obtiveram provimento. Os Bispos de Olinda e do Pará negaram-se a levantar os interdictos, dirigindo ao Governo Imperial um Memorandum fundamentando a causa da recusa. Instaurou-se o processo a ambos os prelados e são denunciados ambos perante o Supremo Tribunal de Justiça.

Ambos responderam a cópia da denuncia allegando não conhecer competencia no Tribunal Civil em materia religiosa.

São ambos pronunciados como incursos nas disposições do Art. 96 do Codigo Criminal. E' expedido o mandado de prisão por ser o crime inafiançavel.

Presos e recolhidos ao Arsenal de Marinha ahi aguardaram o dia do julgamento. Compareceram ao Supremo Tribunal de Justiça acompanhados de seus defensores. Aguias do fôro desta capital e abalisados jurisconsultos. O vasto recinto do Tribunal Supremo estava litteralmente cheio de espectadores. O Procurador da Corôa desenvolveu a accusação. Os defensores com os altos recursos de seus talentos esforçaram-se em provar a innocencia dos Bispos. O Tribunal Supremo lavrou a sentença condemnando-os a 4 annos de prisão com trabalho e nas custas do processo.

O poder moderador commutou a pena em prisão simples.

D. Frei Vital, Bispo de Olinda, foi recolhido á Fortaleza de S. João e D. Antonio de Macedo Costa, Bispo do Pará á da Ilha das Cobras.

Dezoito mezes depois foram ambos amnistiados pelo Imperial Decreto de 17 de Setembro de 1875 e restituidos ao governo de suas dioceses.

D. Antonio de Macedo Costa partio para Roma, e em seu regresso dirigio-se ás provincias de Minas Geraes, S. Paulo e Rio de Janeiro afim de solicitar o obolo da Caridade para fundar um Asylo em sua diocese. Ninguem lhe recusou o obolo para obra tão meritoria e sem exemplo ; levantou a importante somma de 110 contos de réis para tão piedoso e humanitario fim.

Tanta dedicação e esforço unidos ás contrariedades que supportou com angelica resignação arruinaram-lhe a saude a ponto de o impossibilitar de exercer os piedosos deveres do seu santo ministerio.

Deixou a sua Igreja para em climas mais amenos procurar allivio a seus padecimentos.

A renuncia do Arcebispado da Bahia que foi concedida ao venerando Marquez de Monte Paschoal, deu logar a ser elevado áquella alta dignidade o Bispo Capellão-Mór D. Pedro Maria de Lacerda, Conde de Santa Fé, que tambem por justos motivos pedio e obteve excusa.

A 15 de Novembro de 1889 cahiram as Instituições juradas e surgio o advento da Republica Federal dos Estados-Unidos do Brazil e poucos dias depois o Governo Provisorio firmou o Decreto separando a Igreja do Estado.

S. S. o Santissimo Papa Leão XIII elevou á alta dignidade de Arcebispo Metropolitano da Bahia e Primaz do Brazil ao Bispo do Pará D. Antonio de Macedo Costa. Na Igreja Cathedral de S. Paulo recebeu o pallio das mãos do Exm. Bispo daquella diocese D. Lino Deodato de Carvalho e dias depois partio para Roma.

Ao regressar a patria aggravaram-se os seus padecimentos; seguio para Barbacena em busca de allivio, baldado esforço, seus dias estavam contados. Recebeu com a serenidade do justo todos os soccorros da Igreja de que era principe e contricto esperou que soasse o derradeiro instante de sua existencia. Rompia a aurora do dia 21 de Março quando o sopro da morte extinguio-lhe a vida.

D. Antonio de Macedo Costa foi 10° no catalogo dos Bispos do Pará, Arcebispo Metropolitano e Primaz do Brazil, posto que não lograsse sentar-se n'aquelle solio que 1° occupara o inditoso Bispo D. Pedro Fernandes Sardenha, e que tanto abrilhantou com sua rara illustração, moralidade e saber o venerando D. Romualdo, Marquez de Santa Cruz, teve comtudo a gloria de ser contado como 21° no catalogo dos Arcebispos da Bahia e de dormir o somno eterno ao lado de seus dignos antecessores na capella-mór da Santa Sé Cathedral, tendo antes de ser seu cadaver trasladado para esse jazigo, transportado de Barbacena

para a Capital Federal em trem especial, depositado na capella do Claustro do Mosteiro de S Bento, onde foi solemnemente encommendado e suffragada sua alma.

Era o illustre finado do Conselho de S. M. o Imperador, Prelado Domestico de Sua Santidade e socio correspondente deste Instituto.

Nos vastos dominios da historia assim como na arena da litteratura seu nome será sempre altamente considerado pela elevação de suas idéas e primores de seus escriptos.

Suas cartas Pastoraes, o livro que denominou *Pio IX o Pontifice e Rei*, no qual sustentou com a pujança de seu talento o poder temporal de Chefe Supremo da Christandade.

A *Memoria* que dirigio á 28 de Julho de 1863 a S. M. o Imperador, a replica ao Ministro do Imperio em 10 de Janeiro de 1864 acerca da doutrina do Decreto de 22 de Abril de 1863, invadindo attribuições episcopaes no ensino dos Seminarios. *O Direito contra Direito e o Opusculo* refutando a Missão do Exm. Sr. Barão de Penedo á Côrte de Roma são mais que sufficientes para collocarem seu nome entre os escriptores de primeira plana.

A representação que dirigio aos poderes legislativos do Imperio sobre a liberdade dos Cultos, o discurso que pronunciou na Capella Imperial na festa solemnissima da entrega da Rosa de Ouro, sublime reliquia que SS. o Papa Leão XIII enviou a S. A. Imperial a Sra. D. Isabel, Condessa d'Eu, por ter como Regente do Imperio firmado a aurea lei de 13 de Maio de 1888 que abolio a escravidão no Brazil.

A Pastoral collectiva do Episcopado em que teve activa parte são mais que sufficientes titulos á recommendar seu nome á gratidão da posteridade.

IX

O commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva

O dia 14 de Maio foi para este Instituto de consternação, dôr, saudade e luto, porque ao despontar da aurora, na cidade de Nitherohy, capital do Estado do Rio de Janeiro, adormecia nos braços da morte o nosso presadissimo

presidente o Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva, distincto fluminense e um dos mais notaveis escriptores da geração contemporanea, e que apezar de vergado ao peso de 70 annos, e ralado dos mais profundos desgostos que abatiam-lhe o animo, parecia poder ainda arcar por mais alguns annos com a penosa luta da vida.

Esse illustre cidadão que por seu notavel talento abrangeu todos os ramos da litteratura, poeta, romancista, dramaturgo, historiador e critico, e que por sua rara actividade intellectual produzio numerosos trabalhos que foram lidos e apreciados pelos mais illustres mestres da litteratura em ambos os hemispherios.

Nesta cidade do Rio de Janeiro sorrio aos encantos do mundo no dia 6 de Junho do anno de 1820. Filho legitimo do negociante desta praça Manoel José de Souza e Silva e D. Emerenciana de Souza e Silva.

No Seminario de S. Joaquim encetou os estudos primarios com applicação e aproveitamento, revelando em tão verdes annos inclinação para os estudos litterarios, e seduzido pelos encantos da poesia publicou aos 21 annos as *Balatas e Modulações poeticas* tendo no anno anterior publicado nas columnas do *Despertador* o bosquejo da *Historia da Litteratura Brazileira* que mais tarde tirou em avulso.

Ao concluir seus estudos entrou por obediencia á vontade paterna, para a carreira commercial, mas vendo que não era no mundo das cifras que devia encontrar o alto pedestal de sua gloria, tomou a resolução de abandonar essa carreira e entrar para o funccionalismo publico.

Foi admittido na Secretaria de Estado dos Negocios do Imperio, e em pouco tempo elevado a 1° official, passando pouco depois a chefe de secção.

Com o concurso de sua bella intelligencia prestou no exercicio desse cargo relevantes serviços no periodo de muitos annos, e apezar da reforma que em sua secreraria fez o Ministro do Imperio em 1872 ficou considecado addido e em premio de distincção e apreço foi condecorado com o gráo de Official da Ordem Imperial da Rosa.

O interesse e zelo com que se dedicou ao serviço

publico não o privaram de nas horas de lazer cultivar a poesia e a litteratura.

O *Despertador*, a *Gazeta Universal Braziliense*, o *Muzeu Pittoresco*, o *Guanabara*, a *Semana*, e a *Revista Popular* deram á publicidade numerosos artigos de subido merito litterario, sahidos de sua adestrada penna.

Nas cordas mimosas de sua lyra tangeu bellissimas poesias, se não tiveram o magico poder de arrebatar não deixavam comtudo de prender pelos encantos da suavidade o espirito do leitor.

Na poesia lyrica procurou imitar o immortal cantor da Marilia Dirceu, e seu estro tambem primou na erotica, na tragica e sobre tudo nos canticos epicos.

Correm mundo suas numerosas publicações poeticas taes como *Balatas*, *Cantos de Um Trovador*, *Modulações Poeticas*, *Dirceu de Marilia e Novas Modulações*, o *Livro dos meus Amores*, *Melodias Romanticas*, *Contos Poeticos*, *As Americanas*, *Cantos Epicos*, *Flores e Espinhos*, *Cancioneiro*.

O *Brazil*, poema em 10 cantos glorificando o descobrimento feito por Pedro Alvares Cabral e finalmente o *Cantico* que denominou *A Noite de agonia* que a seu pedido li na festa que este Instituto celebrou em commemoração do Centenario de Claudio Manoel da Costa, o inditoso Cantor de Villa-Rica, são mais que sufficientes para que seu nome rebrilhe no Parnaso Brazileiro.

Se, como poeta o Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva conseguio conquistar a mais bem merecida reputação como prosador critico, litterato e historiador, tambem colheu os mais frondosos e virentes louros como attestam os trabalhos que deu á publicidade.

No *Moisaico Poetico* collaborou com o escriptor Emilio Adet, *As Duas Orphãs*, romances e novellas, *Mans Staden*, *Prisioneiros dos Tamoyos*, *Episodios da Historia Ethenographica do Brazil*, *a Historia da Litteratura Brazileira e o Diccionario das Consoantes portuguezas*. No genero de dramas, tragedias e comedias, tambem se revelou eminente e profundo e n'esse genero de litteratura deu-nos a tragedia *Clyminestra Rainha de Mecenas*, *O Chapim do Rei*, opera comica em 1 acto.

Colombo ou o descobrimento d'America, opera lyrica em 3 actos, mais que só foi publicado o ultimo.

A Grinalda de Flores Poeticas, *Beatriz e os Francezes no Rio de Janeiro*, opera comica em 2 actos, *Amador Bueno ou Fidelidade Paulistana*, drama em 5 actos, que no genero dramatico fez successo e foi considerada a sua obra prima, que em 1843 obteve preferencia no concurso do Conservatorio Dramatico, subindo á scena no theatro de S. Pedro de Alcantara na noite de 19 de Setembro de 1846, na reabertura d'aquelle theatro, merecendo estrepitosos applausos.

A essas producções originaes temos a juntar a traducção da tragedia de A. Dumas, *Yacub o Carlos VII entre os seus grandes vassalos*.

O *Tartufo*, comedia de Mollière e o *vaudeville* francez *Kellely ou a volta á Suissa*.

Se na poesia e na litteratura o vemos tão altamente considerado, é justo que tambem salientemos a sua memoria pelo muito que fez em prol da historia patria da qual foi um dos mais eruditos e incansaveis investigadores.

Além dos numerosos escriptos que a cada passo se encontram nas paginas da *Revista Trimensal* deste Instituto, tambem em volumes avulsos publicou monographias e obras dignas de nota.

Longa série de biographias de brazileiros illustres, segundo o plano traçado pelo nosso saudoso e pranteado consocio o illustrado Conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro destinado a formar o Pantheon do Brazil.

O estudo sobre o descobrimento do Brazil, segundo o programma que ao autor fôra distribuido por S. M. o Imperador.

A memoria historica e documentada das Aldeias dos Indios da Provincia do Rio de Janeiro.

As Brazileiras Celebres.

A Historia da Conjuração Mineira.

A Corographia Fluminense.

O Brazil Historico Ethnographico Brazileiro.

São titulos mais que valiosos para demonstrar quanto seu illustrado autor se dedicava á ardua tarefa de investigar as gloriosas tradições do passado.

Ninguem com mais razão teve ingresso neste Atheneu das lettras, que em honra do talento litterario e poetico, critico e historiador do Commendador Joaquim Norberto de Souza e Silva, inscreveu seu nome entre os dos socios honorarios na sessão de 12 de Agosto de 1841.

No periodo de meio seculo soube honrar por seus talentos e assiduidade o titulo que lhe foi conferido.

Serviu em differentes commissões e por muitos annos occupou a cadeira de 1.° Vice-presidente e tendo vagado a 12 de Agosto de 1886 a cadeira da presidencia pelo obito do Conselheiro de Estado Visconde do Bom Retiro, foi eleito para esse honroso cargo, que com toda a dedicação exerceu até ao ultimo dia da sua vida. Seu corpo inanimado foi entregue aos vermes da terra no Cemiterio de S. Pedro de Maruhy, na cidade de Nitherohy. A acção destruidora do tempo reduzirá a cinza o seu despojo mortal, mas seu nome não se apagará jamais da memoria do tempo, porque, quando por tantos titulos não fôra lembrado com saudade, a *Revista* deste Instituto seria a pregoeira de seu merito letterario e poetico. E' esta a grinalda de saudades singelas que em nome do Instituto deponho sobre sua campa.

X

O Conego João Pedro Gay

Aos 15 de Maio transpoz os porticos da Eternidade, deixando de si honrada memoria como eximio historiador o nosso illustrado consocio o Rev. Conego João Pedro Gay, vigario collado da matriz de Uruguayana, no Estado de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Corria o anno de 1815, ás nações da Europa reuniam seus exercitos para arrojarem do solio de S. Luiz o filho da Revolução. O heroe da Ilha de Elba encarnado no genio das batalhas vôa a seu encontro, derrota Bluecher em Ligny e dous dias depois travava-se a memoravel batalha de Waterloo.

A velha guarda Imperial bate-se como terriveis leões preferindo a morte á rendição. A aguia Imperial foge espavorida para Rochefort na intenção de embarcar para a America Septentrional, não conseguio o seu intento, e confiando na generosidade da nação britannica que era dirigida pelo estadista Pitt buscou auxilio a bordo da náo *Bellerophon* donde seguio para o exilio na ilha de Santa Helena. No solio da França de novo imperava a magestade de Luiz XVIII. No meio desses graves acontecimentos que abalavam toda a Europa em Chateauroux, no departamento de Hautes Alpes, no reino de França, nascia a 20 de Novembro o Conego João Pedro Gay.

Seus pais foram honrados agricultores, chamavam-se João Pedro Gay e D. Maria Magdalena Gay.

Habil e talentoso fez com a maior distincção o curso de sciencias ecclesiasticas muito antes de ter a idade legal para ser investido das ordens sacras e por isso esperou que corressem os annos.

Na diocese de Gap recebeu as ordens menores e as de sub-diacono e diacono, a 18 de Abril de 1840 e pouco depois as de presbytero.

Em 1844 munido das demissorias do seu illustre prelado deixou terras de França em direcção á America com destino a Missões.

Aportou as plagas de Montevidéo sendo obrigado poucos dias depois a deixal-as por causa do estado de sitio, partindo em demanda do Rio de Janeiro.

Nesta capital ao mesmo tempo se desempenhava as funcções sacerdotaes, dedicava-se ao magisterio leccionando mathematicas e francez em diversos collegios.

Em 1848 foi despachado Vigario encommendado para a então Villa hoje cidade do Alegrete da Provincia hoje Estado de S. Pedro do Rio Grande do Sul.

Em 1849 grato a hospitalidade que recebera, tomou a resolução de naturalisar-se cidadão brazileiro.

No exame synodal que fez no Paço Episcopal, foi approvado e despachado vigario collado da Igreja Parochial de S. Francisco de Borja de Missões.

E no exame synodal a que foram chamados os sacerdotes inscriptos para preencher a vaga de Cura da Matriz

do SS. da Antiga Sé, foi o Padre Gay, vigario de Missões um dos 25 concurrentes.

Fez brilhante exame provando sua vasta illustração e saber, obteve o primeiro logar, e como immediatos segundo a classificação feita pelo venerando Bispo Conde de Irajá, os conegos vigarios geraes do Rio de Janeiro e da Bahia.

Não foi escolhido, mas pelas altas provas de saber que deu n'esse concurso, foi distinguido com a Mursa de conego honorario da Capella Imperial.

Durante a sua residencia no Rio de Janeiro dedicou-se ao estudo da Medicina homeopathica e laureado com o diploma de professor do Instituto Homeopathico do Brazil, e com elle foi-lhe conferida a faculdade de exercer livremente a Medicina de Hahnemann.

Collado na Vigaria de S. Borja em Missões o Conego João Pedro Gay com a autorisação do Governo Provincial, abrio um laboratorio homeopathico destinado a supprir medicamentos á população desvalida que era tambem por elle gratuitamente medicada.

As curiosidades artisticas e as riquezas naturaes dos povos jesuiticos das Missões chamaram sua attenção e o seu estudo constituio-lhe uma occupação util sem comtudo afastal-o dos encargos do sacerdocio.

Prevalecendo-se dos conhecimentos que d'aquellas regiões adquirira o Conego Gay, o Governo Geral e o Provincial, a elle se dirigiam já quando queriam tratar de resolver interesses propriamente locaes, já quando queriam solver quaesquer questões com os povos vizinhos e não raros foram os documentos e informações fornecidos pelo Conego Gay, sobre o assumpto com toda a dedicação e empenho de um verdadeiro servidor da patria.

Tendo vindo ao Rio de Janeiro no anno de 1862, trouxe um tratado de Theologia Moral, de cuja publicação se encarregou o venerando Bispo d'esta Diocese D. Manoel de Monte Rodrigues de Araujo, Conde de Irajá e Capellão Mór, e devido a morte desse Principe da Igreja Fluminense, que teve logar aos 11 de Junho do anno de 1863, não vio esse importante trabalho á luz da publicidade, devendo esse manuscripto existir no archivo do Bispado.

Mais feliz foi a sua *Historia da Republica Jesuitica do Paraguay* que n'essa mesma occasião trouxe e que foi publicada por deliberação e a custa dos cofres d'este Instituto que assim salvou esse monumento que tanto exalta a memoria de seu illustrado auctor, e por tão valioso titulo foi seu nome aceito e inscripto entre o dos socios correspondentes na sessão de 22 de Agosto do mesmo anno, homenagem esta que já anteriormente lhe fôra feita pelo Instituto Historico e Geographico e Ethenographico do Rio Grande do Sul.

Nesse mesmo anno foi agraciado por Sua Magestade o Imperador com o habito da Ordem de Christo.

De volta a S. Borja, acompanhou com interesse o movimento das forças paraguayas antes da invasão da provincia, fornecendo as mais seguras informações ao Governo Imperial.

Acompanhou tambem com a maior dedicação nossas forças emquanto durou a invasão do territorio brazileiro até á rendição da villa de Uruguayana a que assistio e pelo que bem mereceu ser distinguido com a medalha commemorativa desse memoravel feito das nossas armas.

Testemunha occular da invasão paraguaya, escreveu a sua historia que foi publicada nesta cidade no anno de 1866.

Durante sua permanencia em S. Borja, a par de diversos cargos publicos que exerceu, desempenhou varias commissões dos governos geral e provincial e do Bispado, de mais ou menos importancia, e algumas mesmo de caracter reservado.

Dedicou-se com afan ao estudo das linguas guarany e hespanhola e escreveu uma grammatica guarany e uma historia resumida da guerra contra o Paraguay, obras estas de cuja publicação foi encarregado Sir George Spencer, de Edimburg, Escossia, depois de ter em vão o Conego Gay esperado a publicação das mesmas obras de que se encarregou a Bibliotheca Nacional do Brazil, em cujo archivo deve existir o manuscripto.

Sir George Spencer está tambem encarregado da publicação da traducção franceza da *Historia da Republica Jesuitica do Paraguay*.

Em 1874 foi agraciado com o officialato da Imperial Ordem da Rosa.

Nesse mesmo anno obteve, após brilhante concurso, a Igreja vaga de Uruguayana, nesse beneficio foi collado.

Tinha o Conego João Pedro Gay, em mãos, diversas obras que ficaram por concluir e entre ellas um grande Diccionario em quatro linguas:

Portuguez, Francez, Hespanhol e Guarany. Um compendio de Historia Universal e uma collecção de cerca de 200 sermões.

O Conego Gay é tambem autor da biographia do sabio naturalista Amando Bompland que orna a bibliotheca deste Instituto.

Em Uruguayana tomou activa parte nos trabalhos abolicionistas e muito cooperou para o triumpho da liberdade completa naquelle municipio antes da passagem Lei de 13 de Maio de 1888.

Aqui ficam relatados os feitos, meritos e serviços do nosso illustrado consocio, que a mão negra do Cherubim da morte para sempre riscou da lista de nossos associados, occazionada pelo fatal desastre de que foi victima na noite de 10 de Maio, no choque que recebeu de um carro o que muito concorreu para aggravarem-se os soffrimentos de uma dilatação da aorta que ha annos soffria e de que resultou o fatal desenlace que cobrio de crepe a sua Igreja parochial, a este Instituto e ao do Rio Grande do Sul.

XI

Barão de Souza Queiroz

FRANCISCO ANTONIO DE SOUZA QUEIROZ

Mais uma triste nova nos foi transmittida pela electricidade.

Na cidade de S. Paulo, capital do Estado do mesmo nome, falleceu a 4 de Julho o nosso presado consocio Francisco Antonio de Souza Queiroz, Barão de seu appellido. Esse venerando ancião que naquelle dia cerrou para sempre os olhos á luz do Mundo na mesma cidade onde os descerrara a 8 de Dezembro de 1806, teve por seus

legitimos progenitores o Coronel Luiz Antonio de Souza e D. Genebra de Barros Leite, que já por seus haveres e amabilidade de seu trato, gosavam da mais subida estima, respeito e consideração de todos quantos a elles se ligavam pelos laços da amisade e sympathia.

Seu pai era oriundo de Portugal e sua mãi descendia de honrados e laboriosos paulistas.

Ao concluir os primeiros estudos e na idade de 13 annos, em obediencia a vontade paterna que almejava vel-o seguir a carreira das lettras, partio para Portugal, e tendo alli completado o curso de humanidades, matriculou-se na Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra.

Já estava no terceiro anno de direito, quando recebeu a triste nova do fallecimento de seu pai, e por esse motivo deu por findo os estudos, voltando a sua patria para tomar a direcção dos importantes estabelecimentos agricolas, fundados por seu progenitor.

Na idade de 18 annos não trepidou de tomar sobre seus hombros a responsabilidade da familia composta de sua mãi e dous irmãos e uma irmã, e graças á sua solicitude e zelo, procurou dar-lhes a mais esmerada e fina educação, e assim teve a satisfação de vel-os todos collocados em posição brilhante, pois sua irmã D. Ilidia Mafalda de Souza Rezende, consorciando-se com o Conselheiro de Estado Dr. Estevão Ribeiro de Rezende, Marquez de Valença, falleceu Marqueza do mesmo titulo, e seus irmãos Vicente de Souza Queiroz e Luiz Antonio de Souza Barros, por seus serviços á religião e á patria bem mereceram ser distinguidos, o primeiro, com o titulo de Barão da Limeira e o segundo com a patente de Coronel de Milicias, a commenda de Christo e a grande dignitaria da Imperial Ordem da Rosa.

Sua mãi D. Genebra, unio-se em segundas nupcias ao Dr. José da Costa Carvalho, conselheiro de Estado e Marquez de Mont'Alegre.

Os grandes estabelecimentos ruraes fundados por seu pai, prosperavam de uma maneira assombrosa, graças a sua actividade, zelo e economia, e dentro em poucos annos sua casa foi uma das mais opulentas da

provincia, hoje Estado de S. Paulo. No anno de 1833, unio-se pelos laços indissoluveis do matrimonio, á Exma. Sra. D. Antonia Eufrasina Vergueiro de Queiroz, filha legitima do conselheiro senador Nicoláo Pereira de Campos Vergueiro e D. Maria Angelica de Vasconcellos Vergueiro. Bem cedo entrou na arena politica. A independencia de sua posição, a severidade de seus costumes, a sizudez de seu caracter, tino e perspicacia, despertaram a attenção dos partidos politicos que começavam a organisarem-se na provincia de seu berço.

O partido liberal mereceu-lhe especial predilecção, pois nelle militavam os tres Andradas, o padre Diogo Antonio Feijó, Paula e Souza, Nicoláo Vergueiro, Campos Mello e Alvares Machado e o insigne orador parlamentar Dr. Gabriel José Rodrigues dos Santos e tantos outros que deixaram de seus serviços alto renome nos fastos da historia. Foi eleito vereador da Camara Municipal da Capital da Provincia, deputado provincial e geral no anno de 1855 e pela primeira assembléa da provincia, nomeado vice-presidente e de 7 de Maio a Dezembro do mesmo anno, assumio as redeas do Governo Provincial, e a contar daquella data até o dia 15 de Novembro de 1889 em que surgio o Advento da Republica, seu nome sempre figurou na lista dos vice-presidentes da provincia, quer no dominio do partido liberal, quer no do conservador. A' antiga Guarda Nacional prestou relevantes serviços ao paiz como tenente-coronel e chefe de Legião.

Em 1841 já eram de tal ordem seus serviços que na festa solemnissima da sagração e corôação de Sua Magestade o Imperador o Sr. D. Pedro II foi agraciado com a commenda da Ordem de Christo.

A vaga aberta no Senado à 6 de Julho de 1847, pelo obito do nosso saudoso fundador e 1° presidente o conselheiro de Estado Visconde de S. Leopoldo, foi preenchida pelo Commendador Francisco Antonio de Souza Queiroz contemplado na lista triplice e escolhido por carta imperial de 16 de Janeiro de 1848. Na sessão de 4 de Maio do mesmo anno tomou assento e posse, e dessa alta posição gozou 47 annos, sendo o segundo que dobrou na cadeira senatorial os annos que a Constituição Politica do Imperio

exigia para poder ser eleito a tão conspicuo cargo, e foi o primeiro que teve mais longa vida senatorial, era o decano daquella illustre corporação no dia em que foi ella abolida pelo Governo Provisorio.

Em 1867 foi agraciado por serviços que prestou á guerra do Brazil com o Paraguay com a dignitaria da Imperial Ordem da Rosa e a 14 de Outubro de 1874 nomeado Barão de Souza Queiroz com as honras de grandeza. A piedosa D. Anna Rosa, que a sublime virtude de caridade e amor do proximo prestou sempre nos dias de sua vida o mais reverente culto, quiz em seu testamento legar aos pobres e desvalidos 135:000$ para serem applicados á obras de caridade, segundo a vontade e criterio de seu 1° testamenteiro o Barão de Souza Queiroz.

Para dar fiel cumprimento a derradeira vontade da testadora e a mais util applicação a tão avultado legado, fundou a humanitaria Associação Protectora da Infancia Desvalida na Cidade de S. Paulo, e como ainda lhe parecesse ser insufficiente a cifra do piedoso legado, doou de seu bolso 12:000$ e agenciou entre seus numerosos parentes e amigos donativos valiosos. A 25 de Janeiro de 1875 foi installada a piedosa instituição e o Barão de Souza Queiroz eleito seu 1° presidente.

O instituto fundado por essa associação recebeu o nome de D. Anna Rosa, como justa homenagem de saudade e gratidão a tão benemerita bemfeitora.

Debaixo de seus tectos o orphão e o desvalido recebem gratuitamente a educação moral e religiosa e aprendem as artes mecanicas e liberaes. Mais de 100 alumnos alli recebem a instrucção litteraria.

O seu patrimonio monta hoje a mais de 300:000$ representados em titulos das mais acreditadas emprezas do Estado de S. Paulo.

A dedicação e interesse verdadeiramente paternal que em prol dessa pia instituição mostrou o Barão de Souza Queiroz, são mais que dignos de subidos encomios.

Apezar do peso dos annos, todos os dias e noutes dedicava longas horas a vêr o progresso e adiantamento dos alumnos, que por elle eram tratados com os carinhos do mais extremoso pai.

Desde 1887, graças á valiosa intervenção de Sua Magestade Imperador Sr. D. Pedro II, obteve o Instituto de D. Anna Rosa o antigo convento dos religiosos Carmelitas.

Muito antes que se cogitasse em substituir o braço escravo pelo braço livre, esse problema social que tão seriamente occupou a attenção dos nossos estadistas, já o Barão de Souza Queiroz, secundando os esforços de seu illustre sogro o senador Vergueiro, tomava sobre seus hombros a propaganda do trabalho livre.

De 1853 a 1888 foram por elle internados no paiz 2111 immigrantes de varias nacionalidades, e, com tão valioso concurso, viu prosperar e florescer suas colonias agricolas. Ainda foi devido ao influxo benefico de sua alta influencia que em 1871 fundou-se em S. Paulo a Associação Auxiliadora de Immigração da Provincia, da qual foi elle eleito presidente e membro da directoria.

Tal foi o cidadão que desappareceu nos umbraes do tumulo, deixando de seus serviços a mais honrada memoria. A patria perdeu um filho extremecido e o Instituto Historico e Geographico Brazileiro um de seus distinctos socios correspondentes, distincção que lhe foi conferida na sessão de 23 de Janeiro de 1845, e que elle muito apreciava.

XII

Dr. Francisco Ignacio Ferreira

Na tarde do dia 15 de Julho, soava no Cemiterio de S. Francisco Xavier, o toque lugubre da fatal sineta annunciando a chegada de mais um cadaver que vinha dormir o eterno somno n'aquella vasta mansão da Morte.

O cadaver que ia desapparecer em uma das cryptas d'aquella necropolis para ser entregue aos vermes da terra, era o do nosso presado consocio, o Dr. Francisco Ignacio Ferreira, que na primeira hora desse dia, tinha transposto as barreiras da morte.

Nasceu na capital do Estado da Bahia, então provincia do Imperio, a 31 de Julho de 1821.

Era filho legitimo de João Gonçalves Ferreira e sua Consorte.

Na cidade de S. Salvador, começou e concluio o curso de humanidades, em que deu altas e boas provas de applicação e talento, que mais tarde foram confirmadas no curso juridico de Olinda, hoje Faculdade de Direito do Recife, que em 1854, lhe conferio o gráo de Bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes.

Desejando seguir a carreira da Magistratura, foi nomeado pelo Exmo. Sr. Barão de Araujo Goes, então Juiz de Direito da Capital da Bahia, Promotor Publico, interino, e quando terminou o anno de pratica, foi nomeado Juiz Municipal e de Orphãos, do termo de Santos, na Provincia hoje Estado de S. Paulo, logar que exerceu com zelo, intelligencia e honestidade. Por interesses de familia, abandonou a carreira da magistratura, quando já habilitado ao cargo de Juiz de Direito.

Entrou em 1861, para a nova secretaria de Estado dos Negocios da Agricultura, Ministerio que acabava então de ser creado.

Em 1873, passou a chefe de secção, logar que exerceu até ser aposentado em 1888.

Durante o tempo que exerceu o funccionalismo publico, foi honrado com o mandato de Deputado á Assembléa Provincial do Rio de Janeiro, representando os municipios do Sul da Provincia. Adepto as doutrinas do partido conservador, o Dr. Francisco Ignacio Ferreira, defendeu na tribuna da Assembléa Provincial, e nas columnas do *Constitucional* os bons principios da escola a que pertencia, pronunciando notavel discurso, quando alli se discutio a lei sobre a liberdade do censo, discurso que mereceu applausos do Dezembargador Firmino Rodrigues Silva, um dos mais notaveis chefes do partido conservador.

Revelou dotes de escriptor elegante, nos trabalhos que publicou, que por seu estylo desperta a curiosidade e prende a attenção do leitor, pela linguagem fluente e persuasiva com que procura iniciar-se.

Foi notavel, como poeta critico e ninguem o excedeu no genero de perfis biographicos que captiva pela facilidade e perfeição com que retractava physica e

moralmente qualquer individualidade, tornando o por isso muito mais conhecido do que se fosse retractado na tela pelo pincel do mais celebre artista.

Correm mundo numerosos trabalhos sahidos de sua delicada penna, que provam o quanto foi notavel como publicista.

O Repertorio Juridico.

O *Diccionario Geographico das Minas no Brazil.*

Projecto de regulamento de Minas.

Dito para a constituição politica para a Republica dos Estados Unidos do Brazil.

Manual do Mineiro.

Memoria sobre a necessidade de uma exposição maritima das riquezas mineraes.

Projecto para o fundação de um Banco Agricola.

Outro para as necessidades da classe dos funccionarios publicos.

Além desses trabalhos, publicou nos jornaes diversos artigos salientando-se os que deu a estampa no *Jornal do Commercio*, combatendo a eleição directa e o imposto do vintem.

Illustrado, intelligente e trabalhador, não sabendo guardar para amanhã o que na occasião podia ser feito, o Dr. Francisco Ignacio Ferreira tinha entre mãos além de outros trabalhos, o seu *Diccionario de Direito Administrativo*, obra enriquecida de notas que a illustram e demonstram o vasto cabedal de conhecimentos que possuia.

Logo que obteve a sua aposentadoria abrio banca de advogado nos auditorios desta Capital.

Pelo merito de seus escriptos foi proposto e acceito em 21 de Agosto de 1885, socio correspondente e mais tarde passou a effectivo deste Instituto Historico e Geographico Brazileiro, e por alguns annos fez parte da Commissão de Fundos e Orçamentos. Pertencia tambem ao Instituto da Ordem dos Advogados Brazileiros e era socio benemerito da Associação Protectora da Infancia Desamparada.

De seu consorcio com a Exma. Sra. D. Maria Romana Pedreira Ferreira, irmã do nosso finado Presidente

o conselheiro de Estado Visconde do Bom Retiro, deixou um filho que é o Illm. Sr. Dr. Francisco Maria Pedreira Ferreira, 1° official da secretaria de Estado dos Negocios da Agricultura.

XIII

Monsenhor Dr. Manoel da Costa Honorato

No dia 9 de Agosto foi sepultado no cemiterio da V. Irmandade do Principe dos Apostolos, Monsenhor Dr. Manoel da Costa Honorato, socio honorario deste Instituto, vigario encommendado da Matriz de N. S. da Gloria, que nesse mesmo dia transpoz os porticos da eternidade, victima da lesão cardiaca e da tisica laryngéa que a longo tempo padecia e que o impossibilitavam de comparecer como em tempos idos ás nossas sessões e tomar activa parte em nossos trabalhos.

Nasceu esse illustrado consocio no 1° de Janeiro de 1838 na cidade do Recife da então provincia e hoje Estado de Pernambuco, tendo por seus progenitores o artista Antonio Francisco Honorato e sua consorte D. Rosa Eugenia Benedicta Franco, neto pelo lado paterno de Domingos da Costa Honorato, commandante do Forte de Monte Negro, na cidade de Olinda, e materno D. Ignacia Francisca Flores, todos naturaes da provincia hoje Estado de Pernambuco.

Não dispondo seu pai dos bens da fortuna, e vivendo com a mais modesta economia dos parcos rendimentos de sua arte e ainda mais onerado de numerosa familia, não podia como desejava dar ao seu filho esmerada educação.

O joven Honorato, cheio de ardente fé, conseguio por inauditos esforços levar a termo o curso de humanidades, e para poder angariar os meios precisos para seguir os estudos superiores tomou a resolução de dedicar-se ao magisterio quer em sua residencia, quer em casas particulares e em collegios, para assim por meio desse trabalho obter os meios precisos não só para auxiliar a seus pais e irmãos como para seguir os estudos superiores como tanto desejava.

Matriculou-se no Seminario Episcopal de Olinda, estudou a fundo as sciencias ecclesiasticas e na Faculdade de Direito do Recife recebeu a 20 de Novembro de 1863 o grão de Bacharel em sciencias juridicas e sociaes. Ardendo em desejos de seguir o estado ecclesiastico munio-se das demissorias do vigario Capitular da diocese de Olinda, partio para a provincia da Bahia e aos pés do Arcebispo Primaz D. Manoel Joaquim da Silveira, Conde de S. Salvador, recebeu as ordens menores, subdiacono, diacono e as de presbytero no dia 24 de Agosto de 1864.

Se para conseguir o alvo de seus desejos não poupou fadigas e sacrificios muitas vezes superiores ás suas forças, com grave prejuizo de sua saude e risco de sua vida, tendo finalmente alcançado o que tanto desejava, continuou com o mesmo afan a dedicar-se ao ensino da mocidade, abrigando em sua habitação aos jovens desprotegidos da fortuna, dando-lhes a instrucção gratuitamente e por esses rasgos de dedicação e amor ao proximo, forçou a estima, respeito e consideração de todos aquelles a quem amparou e educou.

Em 1864 o Brazil declarou a guerra ao Paraguay.

O padre Dr. Manoel da Costa Honorato ouvindo soar o grito de guerra, cheio de enthusiasmo, correu pressuroso a alistar-se nas fileiras dos voluntarios da Patria, e na qualidade de capellão do Exercito partio para o theatro da luta.

Nas ambulancias dos hospitaes de sangue servio com a maior caridade, zelo e dedicação, confortando com o balsamo doce e suave da consolação e da esperança a todos aquelles que gemiam no leito da dôr mutilados pelas balas e estilhaços das metralhas, ou pelos horrores da peste.

Assistio aos combates da Ilha do Cabrita, a passagem do Paraná no Estero Bellaco, em 6 de Abril e 8 de Maio de 1866, e apezar de gravemente enfermo recusou a licença de 6 mezes que lhe fôra concedida pelo Marechal Marquez depois Duque de Caxias, para tratar de sua saude. Conservou-se no seu honroso posto velando dia e noite junto ao leito dos enfermos do terrivel viajante do Ganges, que juncava de victimas o altar da morte.

Tanta dedicação e esforço não podia deixar de aggravar seus soffrimentos e por isso foi obrigado a retirar-se em 1867 para esta capital.

Recuperando a saude, graças ao repouso, foi nomeado como premio dos seus serviços capellão do Asylo de Invalidos da Patria por Portaria do Ministerio da Guerra de 8 de Outubro. No piedoso exercicio de seu santo ministerio foi incansavel e para proval-o basta dizer que organisou e poz-se á testa do ensino religioso e litterario aos asylados, o que produzio os mais beneficos resultados.

O excesso de trabalho a que não pôde resistir sua constituição delicada e debil, aggravaram seus padecimentos, e sendo acommettido de febres paludosas foi porisso obrigado a deixar o logar de capellão do Asylo para vir exercer os piedosos deveres de seu sagrado menisterio nesta Capital. De 1869 a 1875 exerceu com toda a dedicação o logar de capellão do 1°, 5°, 7° batalhões de infantaria e do corpo provisorio de 1ª linha da Escola Militar, na Praia Vermelha, pelo que foi elogiado pelo Governo Imperial.

Tendo apparecido n'esta cidade a fatal epidemia de febre de Sião e tomado proporções assustadoras que obrigaram ao Governo a estabelecer enfermarias para acudir a todos quantos fossem acommettidos pelo terrivel mal, no convento dos Religiosos de S. Francisco creou-se um hospital. O Padre Dr. Manoel da Costa Honorato cheio de abnegação e caridade offereceu-se para gratuitamente exercer alli o logar de Capellão, o que de bom grado foi acceito. No exercicio de tão piedosa missão foi incansavel, velando dia e noite com extrema dedicação e rara solicitude junto do catre dos enfermos, acudindo com os soccorros espirituaes áquelles que prestes estavam a desapparecer do mundo dos vivos, e a todos consolando com palavras delicadas e animadoras.

Já sendo vantajosamente conhecido e assaz considerado pelos serviços que prestou a religião e a patria, e por sua illustração e amor as lettras comprovada não só nas obras que escreveu e deu á publicidade desde o seu 1° anno na Faculdade do Recife como pelos dotes oratorios que exhibio na Tribuna Sagrada, foi pelo illustrado Bispo

capellão-mór D. Pedro Maria de Lacerda, pela provisão de 20 de Fevereiro de 1874 nomeado Vigario encommendado da matriz de N. S. da Candelaria, e pelo de 14 de Outubro de 1876 passou a parochiar a de N. S. da Gloria, onde permaneceu até ao derradeiro dia de sua existencia.

Em 1875 fez offerta de sua congrua ao Governo Imperial para auxilio da Instrucção Publica e no de 1877 a 1878 exerceu gratuitamente o cargo de examinador de preparatorios na Inspectoria Geral da Instrucção Publica.

Prestou á parochia de N. S. da Gloria valiosos serviços e generosas dadivas e por elles bem mereceu ver seu retrato em corpo inteiro ornando a galeria dos bemfeitores d'aquella Matriz.

Foi mais que solicito no cumprimento de seus deveres parochiaes no confissionario, no pulpito e no altar, assim como em affrontar as intemperies dos tempos para levar o Pão dos Anjos e a extrema-uncção á aquelles que prestes estão a ir abrigar-se na presença de Deus.

Não foi surdo aos brados dos pobres e dos desvalidos destribuindo-lhe o obolo da caridade e enviando donativos para minorar os soffrimentos das victimas da epidemia que assolava as provincias do Norte.

Ao Governo Imperial offertou em 1872 uma memoria com o titulo de *Breves considerações sobre a Repartição ecclesiastica do exercito*, trabalho este que servio de base em 1874 para a reforma daquella repartição e a creação do corpo Ecclesiastico.

As lettras patrias citam seu nome com saudade e veneração pelas obras que deu á publicidade.

A Corôa Seraphica Pernambucana, em 1856.

Folinhas catholicas, historicas e chronologicas para os annos de 1859 a 1865, 7 volumes.

Synopse da Eloquencia e Poetica Nacional, 1859, que teve 2ª edição em 1861 e 3ª com o titulo de *Synopse de Eloquencia* Poetica Nacional.

Maria Santissima, a heroina por excellencia, ou o novo Mez Mariano, Pernambuco, 1861, e que teve tres edições no Rio de Janeiro.

Diccionario topographico, estatistico e historico da provincia de Pernambuco, Recife, 1863.

O clero brazileiro, considerações historicas, 1863.

Memoria historica de N. S. do Bom Conselho, 1864.

Memoria historica de N. S. do Bom Conselho, 1864.

Defeza dos religiosos Capuchinhos em 1865.

de N. S. da Conceição dos Militares do Recife a 22 de Junho por occasião da entrega das bandeiras ao 2° corpo de Voluntarios da Patria, 1865.

Os capellães do Exercito, Rio de Janeiro, 1867.

O Sr. Bispo de Pernambuco e o General Abreu Lima.

Questão de sepulturas ecclesiasticas, Rio de Janeiro, 1869.

Esboço historico e topographico da cidade de Corrientes, 1869.

A Camara Municipal do Recife e a questão de toques de sinos, 1871.

Ligeiras considerações sobre a repartição ecclesiastica do exercito, 1872.

Defeza do Sr. Bispo do Rio de Janeiro na questão da suspensão de um padre da sua diocese, 1872.

O Sr. Bispo do Rio Grande do Sul e a Assembléa Provincial da mesma provincia, 1873.

O partido catholico no Rio de Janeiro, 1875.

Synopsis da Grammatica Ingleza, extrahida de differentes autores, 1875.

Memoria historica da Matriz de N. S. da Candelaria lida em sessão deste Instituto em 1875 e publicada no tomo 39 da *Revista Trimensal*.

Tratado de hygiene das escolas.

Discurso recitado no collegio de Pedro II, Junho de 1879, na presença de S. M. o Imperador na distribuição dos premios e collação de grão de Bacharel em bellas lettras.

These para o concurso á cadeira de rhetorica, poetica e litteratura nacional em 1879.

O Decreto de 7 de Janeiro de 1890 sobre a separação da Igreja e do Estado, 1890.

A religião no Exercito, 1890

Numerosos sermões e panegyricos que não deu á publicidade.

Em premio de tantos serviços e da sua proverbial caridade recebeu as seguintes distincções: a Mursa honoraria de conego da Santa Igreja Cathedral e Capella Imperial do Rio de Janeiro, as honras de capellão honorario do exercito e a medalha da campanha do Paraguay. Por S. S. o Papa Leão XIII foi conferido as honras de Monsenhor Protonotario da Curia Romana e a commenda da Ordem do Santo Sepulchro de Jerusalém.

Por S. M. o Rei D. Luiz I de Portugal, agraciado com o grão de Commendador da Ordem de Christo.

Era socio honorario deste Instituto Historico e dos Institutos de Pernambuco, Alagôas e Goyana.

XIV

O Conselheiro José Maria Latino Coelho

O astro de primeira grandeza que com seu luminoso brilho fulgurava no céo da litteratura de Portugal tombou em seu occaso desapparecendo para sempre na tenebrosa região do tumulo. O eximio litterato Conselheiro José Maria Latino Coelho que tão vasta reputação e renome conquistou na republica das lettras deixou de pertencer á communhão dos vivos no dia 30 de Agosto na cidade de Lisboa.

Nessa mesma cidade vio elle a luz do mundo no dia 29 de Novembro do anno de 1825.

Seu pai João Alberto Coelho era capitão de artilharia e professor de mathematicas, e sua mãi D. Maria Henriqueta Latino Martins de Faria Coelho.

Cedo madrugou-lhe o talento e a seu impulso facilmente se lhe abriram as portas do saber.

Com um anno apenas de estudo fez sua a lingua immortal do Cysne de Mantua, com o que encheu de assombro e admiração a seus proprios mestres. A lingua latina é o cabo tormentoso que separa o ensino primario da instrucção secundaria, não poucos dos que emprehendem essa viagem desanimam diante do vulto horrendo do ferro Adamastor, mas o joven Latino Coelho, no dizer

de um de seus biographos não careceu de esforço para lhe arrostar as iras e para ouvir sem medo

« Os amarellos dentes a rangerem-lhe.

« Por entre os furacões d'atra procella »

verdadeira procella de regras de arte, de significados, de themas e mil outros trabalhos consecutivos e fastidiosos. Com a lingua de Hesodo e Homero familiarisou-se com igual denodo.

Matriculou-se na Escola Polytechnica e no periodo de quatro annos deu conta de onze disciplinas obtendo com as mais distinctas approvações o primeiro premio em nove aulas.

Deixando a Escola Polytechnica matriculou-se na Escola Militar com praça no 15 de infantaria. O notavel talento que ostentou nos bancos escolares indicaram-no para o professorado. Com a patente de alferes effectivo recebeu a nomeação para reger na Escola Polytechnica as cadeiras de mineralogia e geologia, exercendo ao mesmo tempo o logar de vogal no conselho geral de instrucção publica creado em 1859. Em 1855 seu nome sahio triumphante na victoria das urnas e com explendida votação foi eleito deputado ás cortes pela capital do Reino nas eleições supplementares e nas geraes de 1856 a 1860 voltou ao parlamento pelo suffragio dos povos das ilhas dos Açores.

Desde a primeira vez que estreou na tribuna parlamentar revelou-se orador de primeira plana, angariou logo as sympathias da Camara e os applausos do publico. Os jornaes do tempo compararam o joven orador a Cicero e a Mirabeau e apenas lhe notaram uma certa propensão epigramatica que todavia sendo dirigida com sobriedade discreta póde ser na tribuna um dote precioso.

Em 1852 fez parte da commissão central de pesos e medidas e em 1854 exerceu o logar de membro do conselho dramatico, e em 1859 nomeado membro do conselho superior da instrucção publica, já então a Academia Real das Sciencias de Lisboa, lhe tendo aberto de par em par suas portas conferindo-lhe o diploma de seu socio effectivo, e dentro em pouco por seu alto merecimento passou a occupar a cadeira de secretario, cargos estes que em todos

os corpos scientificos e litterarios da Europa foi sempre confiado aos homens mais qualificados entre as summidades scientificas. No desempenho desse honroso cargo soube bellamente corresponder a confiança e acerto da escolha. Os elogios historicos do estadista Rodrigo de Fonseca Magalhães, o do Cardeal Patriarcha de Lisboa D. Frei Francisco de São Luiz, e o do Patriarcha da Independencia do Brazil o Conselheiro José Bonifacio de Andrada e Silva são os mais altos brazões da sua corôa litteraria.

Na arena do jornalismo seu nome é altamente considerado pelos fulgores de seus escriptos que desde o anno de 1849 começaram a apparecer nas columnas dos jornaes *Revolução de Setembro*, *Epoca*, *Pharol*, *Emancipação*, *Civilisação Popular*, *Politica Liberal*, *Jornal do Commercio*, *Seculo* e outros, que foram os mais valiosos titulos pelos quaes foi nomeado Director do *Diario de Lisboa* em 1859. Pela attitude que tomou nos debates parlamentares foi chamado aos Conselhos da Corôa, no gabinete organisado e presidido pelo illustre Bispo de Vizeu, D. Antonio Alves Martins, cabendo-lhe a pasta de Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Marinha e Ultramar, que habilmente dirigio desde Julho de 1868 a Agosto de 1869.

Como Secretario Geral da muito nobre e illustre Academia Real das Sciencias de Lisboa prestou a esse Sanctuario das lettras os mais assignalados serviços e entretanto é justo salientar a activa parte que tomou na direcção do Diccionario da Lingua Portugueza, conforme os subsidios do illustre Solitario de Val de Lobos e vendidos aquella illustre corporação pelo laureado auctor da Harpa do Crente e do Monge de Cister.

Para darmos a mais alta e valente prova do colossal talento desse eximio escriptor e laureado litterato, faremos rapida resenha das numerosas obras que publicou nas variadas especies que abrangem a maxima parte dos conhecimentos humanos. A sciencia, a critica, a litteratura, a politica, a historia e a poesia estão representadas pelos fulgores de sua adestrada penna e por essa fórma seu nome será eternamente venerado na memoria dos posteros.

Difficil é por demais a tarefa de indicar no meio de tantas obras escriptas no mais alevantado e primoroso estylo e sobre variados assumptos cada qual mais importante, porque todos os trabalhos sahidos de sua adestrada penna são grandes e imponentes.

Curso da introdução da historia natural nos 3 ramos, 1850.

A Opposição systematica, proverbio em um acto, 1849.

Os relatorios dos trabalhos da Academia Real das Sciencias, lidas nas sessões publicas, 1856, 1859, 1861 e 1863.

Os elogios historicos de Frei Francisco de S. Luiz, Rodrigo Fonseca Magalhães e Conselheiro José Bonifacio.

Juiz critico sobre o arco de Sant'Anna, do Visconde de Almeida Garrett.

Estudos sobre differentes methodos de ensino, ler e escrever, 1854.

O Visconde de Almeida Garrett, 1855.

Considerações sobre a União Iberica, no panorama, tomo 1°.

Casal Ribeiro, perfil critico, na *Revista Contemporanea.*

Antonio Feliciano de Castilho, na mesma Revista.

Viagem ao Thibé e á alta Azia, pelo Sr. Adolpho Hermano e Roberto Von Schlagintwert, *no Diario de Lisbôa.*

Encyclopedia das Escolas de Instrucção Primaria, 1857.

Propozição do Poema, nota da traducção dos *Fastos*, de Castilho, tomo 1°.

Fernando de Magalhães, no *Archivo Pittoresco*, tomo, 4°.

Elogio do Barão de Humbolt, 1861.

Estudo Biographico e Critico, sobre Julio Maximo d'Oliveira Pimentel, na *Revista Contemporanea*, tomo 2°.

Episodios da vida de Alexandre de Humbolt, na mesma *Revista*.

O infante D. João, idem.

Manifesto aos Eleitores do Circulo 65, transcripto no *Jornal do Commercio*, n. 29 de 30 de Maio de 1870.

Relatorio da Commissão encarregada de propor á Academia Real de Sciencias de Lisboa, o modo de levar a effeito a publicação do Diccionario da Lingua Portugueza, em 1870.

De la independencia de Portugal, carta a Emilio Castelar. V. *Jornal do Commercio*, 8 e 11 de Março de 1870.

O *Gladiador de Ravenna*, drama traduzido do allemão e representado no theatro D. Maria II, impresso alguns exemplares ás expensas da actriz D. Maria das Neves Souza, 1871.

Escriptos litterarios e poeticos, tomo 1°. *Elogios academicos*, 1873; *Historia politica e militar de Portugal, desde os fins do seculo XVIII até 1814*.

O Conselheiro José Maria Latino Coelho, Ministro de Estado honorario, general de brigada, Commendador da Ordem de Christo, Grã Cruz da Ordem de Leopoldo I da Belgica e da Roza do Brazil, na carreira das armas sentou praça no regimento de infanteria n. 16, a 14 de Novembro de 1843, com a idade de 17 annos. Em 12 de Dezembro de 1848 foi promovido a 2° tenente do corpo de engenheiros, e a 1° tenente em 14 de Junho de 1851, a capitão em 10 de Agosto de 1864, a major em 30 de Janeiro de 1872, a tenente-coronel em 6 de Maio de 1874, a coronel em 29 de Maio de 1878 e finalmente a general de brigada a 19 de Setembro de 1888.

Em 1877 foi o illustre finado admittido ao gremio deste Instituto na categoria de socio correspondente estrangeiro, distincção esta que muito o lisongeou.

Lamenta este Instituto a eterna separação de tão illustre consocio que foi ornamento de sua patria, que condensou em si todos os esplendores intellectuaes e como bem disse um de seus biographos, é necessario que a patria se incline diante desse homem de prodigioso cerebro, que foi alto brazão de seu paiz, que em si condensou todos os esplendores intellectuaes e que resplandeceu na sombra de nossa decadencia como resplandece a Via Lactea nas sombras da noite.

No céo da intellectualidade portugueza Latino Coelho não foi uma estrella foi uma constellação.

O cadaver do illustre finado foi sepultado no cemiterio Occidental da cidade de Lisboa.

O laureado poeta Bulhão Pato escreveu uma mimosa poesia, em honra á sua memoria e della citarei os dois versos finaes.

Sobre a serra de Cintra, e os valles nemorosos
Batia a prumo o Sol! Ao ires a enterrar,
Foram dignas de ti os Kires magestosos
Dos echos da montanha, e das costas do mar!

Eu não te choro a ti, mas choro os que deixastes!
Que noite no teu lar, onde tu refulgias!...
Assim Deus te poupasse, a hora em que acabastes,
A sinistra visão de tantas agonias!

O illustre finado foi o maior propagandista da idéa Republicana nos ultimos annos de sua vida.

XV

O Tenente-Coronel Francisco José Borges

Na ilha de Paquetá, uma das mais bellas, graciosas e pittorescas da bahia da Guanabara exhalou os derradeiros alentos, no dia 16 de Setembro, o nosso presado consocio o tenente-coronel Francisco José Borges.

Nasceu a 18 de Setembro de 1819 nesta cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro, tendo por seus legitimos progenitores a Luiz José Borges e D. Bernarda Josephina da Conceição Borges. Ao concluir os estudos primarios, passou a frequentar o curso da Escola Militar e teria alli levado a termo os estudos e seguido com distincção a carreira das armas, se não fôsse obrigado a solicitar a baixa de alferes alumno por grave enfermidade de olhos. Dedicou-se ao funccionalismo publico, sendo por decreto de 7 de Fevereiro de 1852 nomeado 4° escripturario do Thesouro Publico Nacional, logar que deixou quatro annos depois para ir residir na villa de Santo Antonio do Rio Bonito, na provincia, hoje Estado do Rio de Janeiro.

Por Decreto de 14 de Março de 1859 foi nomeado tenente-coronel commandante do 7° batalhão de infantaria da guarda nacional do Rio de Janeiro e pelo de 13 de Janeiro de 1860 passou a ter exercicio no logar de chefe de estado maior do commaudo superior da guarda nacional dos municipios do Rio Bonito e Capivary e aos 19 do dito mez e anno foi por decreto desse dia, aggregado ao estado maior da antiga capital da provincia.

Neste mesmo anno teve assento em uma das cadeiras da representação provincial do Rio de Janeiro.

A 20 de Março de 1861 foi nomeado Inspector Geral das escolas publicas da provincia do Rio e a 4 de Janeiro de 1862, Inspector da Instrucção Publica, e particular da comarca de Nitherohy, sendo posteriormente nomeado para o logar de Chefe de Secção da Directoria de Fazenda do Rio de Janeiro e pouco depois elevado a contador da mesma Directoria.

No concurso que teve logar para preenchimento da cadeira publica da lingua franceza a que concorreram muitos candidatos, conseguiu a classificação de 2.° logar pelas brilhantes provas que exhibio. Desde então dedicou-se ao ensino da mocidade estabelecendo um grande collegio de instrucção primaria e secundaria na freguezia de S. Christovão, que foi frequentado por numerosos alumnos.

Em 1865 foi nomeado escrivão da casa imperial, tendo antes solicitado a exoneração de contador que lhe foi concedida nos termos mais honrosos pelo presidente da provincia que então era o Conselheiro de Estado Bernardo de Souza Franco, que mais tarde foi Visconde de seu appellido.

Cinco annos depois de ter servido com zelo e dedicação o logar de escrivão da casa imperial, obteve a sua aposentadoria com o ordenado por inteiro. Passou a domiciliar-se na villa de Mangaratiba onde abriu banca de advogado nos auditorios daquelle logar em virtude de provisão que para tal fim obteve do presidente do Egregio Tribunal da Relação.

A 11 de Junho de 1872 foi pelo presidente da provincia nomeado adjunto do promotor publico.

A 5 de Junho de 1873, inspector municipal das escolas do logar, tendo exercido por algum tempo o officio de tabellião publico.

Passando a residir nesta capital foi nomeado pelo Inspector Geral de Instrucção Publica para presidir a uma das mesas examinadoras de mathematica nos exames geraes de preparatorios.

A 9 de Dezembro de 1847 teve ingresso neste Instituto como socio correspondente, passando mais tarde a effectivo e servindo por vezes em differentes annos na commissão de fundos e orçamento.

Por occasião da guerra do Brazil com o Paraguay prestou bons serviços na organisação dos batalhões de voluntarios que marcharam para os campos do combate, pelo prestigio que gosava como commandante de um dos batalhões da guarda nacional.

XVI

D. André Lamas

O telegrapho submarino que liga esta Capital Federal a gentil rainha do Prata, transmittio á imprensa desta cidade a 24 de Setembro a triste nova do fallecimento do nosso presado consocio o muito illustre Dr. D. André Lamas, vulto politico, habil diplomata, laureado escriptor e um dos mais eminentes homens de Estado da Republica Oriental do Uruguay.

A cidade de Montevidéo foi berço de seu nascimento, que teve logar a 3 de Março do anno de 1817.

Seu pai, D. Luiz Lamas, foi membro da Assembléa Constituinte do Estado Oriental, e sua mãi D. Telesphora Sondera era descendente de nobre ascendencia.

Encetou seus estudos com talento e applicação na Escola da Sociedade Lancasteriana, fundada em Montevidèo, da qual era director D. José Catalá y Codina.

No anno de 1825 passou a frequentar as aulas da Escola Mercantil do Consulado dirigida pelo illustrado D. Miguel Fortuna. Fez altos progressos nos estudos da

lingua latina, philosophia e jurisprudencia, tendo por companheiros a João Carlos Gomes, Matheus Magarinos e Henrique Munhoz, que foram os mais distinctos naquella quadra feliz da Republica Oriental.

Na Universidade Montevidéense recebeu em 1850 o grão de doutor em leis. Entrou para a carreira da magistratura como alcaide seccionario do departamento de Montevidéo em 1842, passando a juiz civil e no exercicio desses cargos muito honrou a toga da magistratura. Estava no exercicio da autoridade quando teve logar a invasão do exercito da vanguarda da Confederação Argentina ao mando do general D. Manoel Oribe, após o desastre do Arroyo Grande. Estava Montevidéo preparado para a defesa maior que registram os annaes da America do Sul.

Organisado o ministerio de acção, foi confiado ao Dr. D. André Lamas o cargo de chefe politico e de policia e nesse honroso posto deu provas de actividade, intelligencia e energia na altura dos acontecimentos extraordinarios, achando-se a capital sitiada por um numeroso exercito.

No meio das fadigas e desgostos que teve de supportar como chefe politico, deu nova nomenclatura ás ruas e praças desta cidade, que ainda hoje conserva, e fundou o Instituto Historico e Geographico de Montevidéo, para assim acompanhar o progresso e a civilisação e tambem fundou a Casa da Moeda da Republica.

Em 1845 substituio a D. Fructuoso Rivera na redacção do *El Nacional*. Deu á publicidade famosos apontamentos historicos sobre as aggressões do famoso dictador D. João Manoel de Rosas, tyranno de Palermo, contra a independencia da Republica Oriental de Uruguay, e mais tarde enriqueceu a bibliotheca do Commercio Del Plata, dando informações ao illustrado Florencio Varella seguidas de longa série de trabalhos e documentos historicos de mais subido interesse e valor.

Como redactor em chefe do periodico *El Nacional* fez violenta opposição aos mandatarios da época, e logo que rebentou a revolução, tendo por chefe o general Fructuoso Rivera, foram os jornalistas desterrados para o Brazil.

Vencida a revolução pelo triumpho explendido das armas, Fructuoso Rivera emigrou para a provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, restabelecendo-se a paz.

Em 1837, o Dr. D. André Lamas voltou do desterro e entrou no pleno gozo da liberdade, com a clausula porém de abster-se de escrever sobre politica.

Pouco depois appareceu novo periodico com o titulo *O outro Diario*, e como coincidisse essa publicação com a invasão do General Rivera, e suspeitando que D. André Lamas, fosse o redactor por não ser affeiçoado a situação, deliberaram prendel-o, occultou-se por alguns dias em casa de D. Pedro Sargeda, donde com as devidas cautelas passou-se para o consulado de Portugal, onde permaneceu alguns mezes. Desse esconderijo, sahio em uma noite na firme e inabalavel resolução de marchar ao Campo de Rivera, zombando dos perigos da tyrannia.

Guiado por D. João Ballar, partiram e chegaram sem novidade ao Campo de Rivera, reuniu-se ao exercito participando dos trabalhos e azares.

Foi nomeado Assensor e Auditor de guerra, e n'esse honroso posto assistio a renhida acção de Palmar.

Em Outubro desse anno, foi pelo General D. Fructuozo Rivera, nomeado membro *ad hoc* para tratar da paz com os enviados para esse fim pelo presidente Oribe.

Firmou a convenção de paz, celebrada nas margens do Miguellete, a 21 de Outubro de 1838.

A 27 d'esse mesmo mez e anno, foi nomeado Official Maior do Ministerio do Governo e relações Exteriores, permanecendo no cargo de Auditor de Guerra.

Surge de novo nas lides da imprensa com o apparecimento do *El Nacional*, em sua segunda época.

Em 1839, o General Echangue por ordem do dictador Rozas, invadio com suas tropas ao territorio nacional. O Dr. D. André Lamas, é nomeado Coronel do corpo de milicias da cavallaria organisada com a denominação de *lanceiros orientaes*, e nesse posto prestou relevantes serviços no triumpho das armas da Republica sobre o exercito invasor.

Em Outubro de 1840, o Rei dos Francezes, Luiz Felippe, nomeou seu plenipotenciario ao vice-almirante

Barão de Machau, chefe das forças navaes francezas, afim de tratar das reclamações com o Governo de Buenos-Ayres.

O vice-almirante Machau, celebra com o Tyrano de Palermo, a vergonhosa convenção de 29 de Outubro, cujas bases produziram a mais pronunciada indignação publica.

O Governo Oriental, vendo que pelo art. 4º dessa convenção [illegible] a independencia da Republica, resolveu pedir explicações ao vice-almirante Barão de Machau e para tal fim nomeou o illustre Dr. D. André Lamas, para obter esses esclarecimentos.

O commandante da corveta franceza *L'Assaz* poz a disposição do enviado do Governo Oriental, e seus secretarios o navio de seu commando, afim de seguirem para Buenos-Ayres, em desempenho da Commissão Diplomatica.

A 10 de Novembro, foram recebidos pelo Barão de Machau, a bordo da fragata franceza, *L'Eclair*.

D. André Lamas, depoz nas mãos do vice-almirante francez, a Carta Credencial, que o investia do caracter de negociador, e o objecto de sua missão.

Com capacidade e franca, leu o comprimento as instrucções recebidas de seu governo e um memorandum que sobre os fins de sua missão, dirigio ao Barão de Machau [illegible] diplomatico.

[illegible] o governo da defesa de Montevideo [illegible] Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Republica Oriental do Uruguay junto do governo de Sua Magestade o Imperador do Brazil o Sr. D. Pedro II, no anno de 1851, nesse anno em que apoz a memoravel batalha de Monte Caseros, immortalizou para as armas imperiaes, acabou para sempre com a tyrannia do famigerado tyranno D. João Manoel de Rosas.

O Dr. D. André Lamas, na qualidade de Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Republica Oriental do Uruguay no Imperio do Brazil, angariou numerosas amisades e profundas sympathias, por sua vasta illustração e tino e pela delicada amenidade do seu trato, e por isso bem merecer a distincção que lhe foi conferida por Sua Magestade o Imperador, agraciando-o com a Grã Cruz da Ordem de Christo.

Depois de ter com a maior distincção cumprido a sua alta missão, regressou á sua patria, entregando-se a trabalhos litterarios que deixou ineditos.

Em 1847, foi encarregado por seu governo de escrever a historia da Republica Oriental, em 1848 nomeado membro do Instituto da Instrucção Publica e nesse mesmo anno foi seo nome inscripto como socio correspondente deste Instituto.

Foram esses os serviços que o illustre D. André Lamas prestou no correr dos dias de sua preciosa existencia. Aos 74 annos de idade paralysou o orgão da vida e por eterna morada teve uma crypta no cemiterio do Norte da cidade de Montevidéo.

A diplomacia, a litteratura e o jornalismo lamentam com saudade e dôr o seu desapparecimento e nesse justo pezar são acompanhadas pelo Instituto Historico de Montevidéo e o Geographico e Etnographico Brazileiro.

XVII

Major José Joaquim da Gama e Silva

No dia 14 de Outubro transpoz ás barreiras da morte o nosso presado consocio, o major José Joaquim da Gama e Silva, na cidade de Belém, capital do Estado do Pará, contando pouco mais de 65 annos de idade, pois tinha nascido na então provincia do Pará, no logar denominado Redondo, á estrada de S. José, no dia 24 de Abril do anno de 1826. Seu pai foi o capitão de mar e guerra reformado José Joaquim da Silva.

Partio para Lisbôa, quando apenas contava 7 annos de idade, para alli fazer seus estudos, seguindo o curso de commercio, com louvor e applauso, que terminou dez annos depois. Retornou á patria e passados doze mezes foi nomeado 3° escripturario do Thesouro Provincial.

No anno de 1847 exerceu o logar de escrivão da collectoria das rendas internas da provincia, quando foi nomeado socio correspondente deste Instituto.

Em 1849 assumio o cargo de secretario da Camara Municipal, e aos 18 de Fevereiro unio-se pelos laços do matrimonio a Exma. Sra. D. Laura Joaquina Ribeiro de Figueiredo, que hoje com dôr e saudade chora a perda de seu adorado e estremecido esposo.

Em 1850, foi nomeado 2º juiz substituto de orphãos e eleito pela primeira vez deputado á Assembléa Provincial e por tal forma honrou o mandato que o eleitorado successivamente o elegeu em seguidas legislaturas até 1882, e apezar de militar nas fileiras do partido liberal foi o unico nome que sahiu victorioso das urnas em 1870 quando dominava o partido conservador.

Em 1852 foi nomeado inspector do Thesouro Provincial e em 1853 guarda-mór da Alfandega, exercendo esses cargos da maior confiança com todo zelo, dedicação e immaculada probidade. Em 1860 pediu remoção para a Alfandega do Rio de Janeiro.

Em 1856 as influencias liberaes da Provincia e o eleitorado o acclamaram membro da Commissão Central de seu partido conjunctamente com os Drs. Moraes, Malcher, Guimarães e Danim.

Em 1862 foi nomeado 1º escripturario da Alfandega desta capital.

Fez parte da commissão composta do Senador Souza Franco e o Dr. Gonçalves Campos, para representar a Camara Municipal de Belém na festa solemnissima da inauguração da Estatua Equestre de D. Pedro I em 30 de Março daquelle anno.

Em Junho de 1863 assumiu a inspectoria da Alfandega do Pará e quatro annos depois no de 1867 deixou esse logar por ter acintosamente sido removido para o Maranhão, nomeação que recusou preferindo abandonar o funccionalismo publico que com toda a dedicação e zelo exerceu por tantos annos, a vergar-se ao capricho do Ministro da Fazenda.

Em 1870 foi nomeado official maior da secretaria do Governo.

Em 1873 acceitou o logar de caixa da Companhia Amazonas e do Banco Mauá e nesse honroso cargo ainda

uma vez deu provas de sua proverbial probidade e de extremecido zelo.

Em 1881 foi aposentado no logar de inspector da Thesouraria Provincial.

Desse anno até desapparecer da face da terra o major José Joaquim da Gama e Silva devotou-se ao amor da familia e a politica, onde era altamente considerado.

O illustre finado era irmão das finadas Exmas. Sras. Viscondessa de Souza Franco e Baroneza de Mamoré.

Na vida publica ninguem o excedeu no cumprimento do dever. Na arena politica defendeu com abnegação e patriotismo as idéas de seu partido.

Memoraveis são as palavras que a beira do tumulo que hia encerrar para sempre o despojo mortal de tão illustre cidadão proferio o Sr. Dr. Americo Santa Rosa.

« Quando em Junho deste anno vio-se ameaçado em sua liberdade e foi obrigado a separar-se de sua familia para ir curtir na Europa as agruras da vida de expatriado, sentiu pela primeira vez cahirem-lhe as forças abatidas pelo rude golpe do poder arbitrario. A ausencia da patria fez aggravarem-se os seus padecimentos, de modo que na sua volta do exilio todos os amigos leram na alteração das feições, na fraqueza do corpo e do espirito que bem curtos dias restavam á victoria da injustiça e da prepotencia. »

E assim foi. Nem o socego do lar, nem os carinhos da familia estremecida, nem a convivencia dos amigos tiveram forças para levantar o patriota ferido de morte.

Hoje pela manhã era cadaver o pai da familia exemplar, o dedicado democrata, que com tanto tino e prudencia dirigiu os destinos de seu partido ».

O Instituto Historico e Geographico Brazileiro associando-se a dôr de sua familia deposita essa grinalda de singelas flôres sobre o tumulo de tão prestimoso consocio.

XVIII

Francisco Gomes de Amorim

A 6 de Novembro do anno de 1891 a imprensa desta capital noticiava que por telegramma da *Agencia Havas* lhe fôra transmittida a triste nova do fallecimento em Lisboa, a 4 do dito mez, do laureado poeta Francisco Gomes de Amorim e de ter nesse dia seu cadaver desapparecido da face da terra em uma das cryptas do cemiterio dos Prazeres, victima da tremenda innundação que teve logar na noite desse dia na Cidade Capital do Reino.

Essa triste e desoladora nova veio encher de consternação a este Instituto que se desvanecia de o contar no numero de seus socios correspondentes estrangeiros desde o anno de 1880.

A dous kilometros ao norte de Povoa de Varzim e no regaço de uma praia formosa e pittoresca da provincia do Minho está assentada a aldêa denominada Avelomar.

Nessa linda aldêa, aos 13 de Agosto do anno de 1827, nasceu Francisco Gomes de Amorim, fructo do consorcio de José Gomes de Amorim com D. Marianna Joaquina Bento. Desde a mais tenra infancia começou a lutar, pela deficiencia de meios, com a mais terrivel adversidade.

Pelos acontecimentos politicos do anno de 1824, seu pai, apenas rebentou a guerra, vio-se obrigado a tentar fortuna transpondo os mares e dobrando o Cabo da Bôa Esperança, e como fossem poucos os lucros colhidos nessa aventura, a meninice de Francisco Gomes de Amorim correu penosa e amargurada. «A infancia, como bem disse o muito illustre Rabello da Silva, é naturalmente desavisada. Nella, as lagrimas e as alegrias, choram ou riem como os chuveiros e o sol se cruzam e se interrompem nos dias viçosos da primavera.»

Sua mãi, senhora dotada de animo varonil, não desanimou ante o triste quadro de privações e miserias.

Amparada pelo nobre sentimento da virtude e confiando na misericordia infinita de Deus, não desanimou,

pedio forças á ternura para dar a seus dous filhos modesta educação.

Foram ambos admittidos na escola de Manoel Corval para aprenderem as primeiras lettras e ao passo que seu irmão se mostrava talentoso e applicado, Gomes de Amorim não fazia progressos a ponto de desanimar ao professor que vaticinou que a sua intelligencia jámais desabrocharia e que morreria analphabeto.

As noticias das fabulosas riquezas do Brazil, convidavam os mancebos a expatriarem-se. Manoel Amorim, que muito tinha aproveitado as lições primarias resolveu-se a seguir para o Brazil e Francisco Gomes de Amorim tomou igual deliberação apezar da tenaz opposição de sua mãi.

Partiram. A viagem foi das mais penosas, supportaram a fome e a sede, as calmarias e as tempestades, até que aportaram a Belém, capital do Pará.

Francisco Gomes de Amorim entrou para a vida commercial como caixeiro da casa commercial de José Maria Fernandes. Por seu genio altaneiro e barulhento, foi despedido. Não foi mais feliz em outros estabelecimentos. Já contava 12 annos de idade e não sabia lêr. Envergonhado de sua ignorancia, encheu-se de brio e em poucos mezes, por sua applicação, conseguio saber lêr e escrever.

Desabrochava a passos accelerados a sua intelligencia, lia e decorava com a maior facilidade as oitavas dos *Luziadas*. Resolvido a deixar a vida do commercio, em um bello dia toma passagem em uma canôa e segue para Xingú.

Embrenhou-se pelas selvas, que era o imperio de sua phantasia, esquece-se dos livros e das oitavas de Camões. A onça, o tigre e o tamanduá, não o intimidavam; as serpentes, os jacarés e gentios, não o amedrontavam, familiarisou-se com elles. Os festins e costumes barbaros transformaram-no em quasi um dos heróes de Cooper. Substituio a espingarda pela flecha, o idioma patrio pela lingua tupy. Affrontou a intemperies dos tempos e no exercicio da caça a anta e o veado cahiam inanimados aos golpes certeiros da flecha que partia de seu arco.

Doze mezes vagou errante pelas mattas e cachoeiras do Xingú, subio o Amazonas e chegando á villa de

Alemquer em casa de uma familia indigena aos 15 annos de idade, leu o poema de Garret, edição do Rio de Janeiro.

A sublime elegia do grande cantor fez do menino errante um homem e do homem um insigne poeta. Os versos maviosos do rouxinol cantor de D. Branca, acordou a vocação do menino errante. Os esplendores da natureza, o canto sonoro das aves, o murmurio das aguas, o sussurro das brisas, as bellezas das selvas, enchia o seu espirito de luz. O genio da poesia adejou suas azas de ouro sobre a fronte do menino que tendo trilhado a via dolorosa recebeu em premio o dom de poeta.

Resolveu-se a voltar para Portugal deixando o Brazil, onde residio de 1837 a 1846.

Apenas chegou á capital do reino obteve o logar de escrivão da Pagadoria de Marinha, sendo-lhe mais tarde conferida a patente de Tenente graduado da Armada Real e tambem exerceu o logar de Secretario da Junta Geral da Bulla da Crusada.

Dedicando-se ao jornalismo collaborou por muitos annos no *Patriota*, *Regeneração* e *Reforma* e nas columnas desses jornaes publicou artigos litterarios e poesias de subido merecimento.

Deu á publicidade o drama original em 5 actos denominado *Chigy*.

Uma viagem em 2 volumes in-8°, e como poeta basta para recommendar seu merito dizer-se que é elle o autor dos *Cantos Matutinos*.

Por seus trabalhos litterarios mereceu ter ingresso na Academia Real das Sciencias de Lisbôa e o diploma de Socio correspondente deste Instituto Historico e Geographico Brazileiro, que lamenta com maguada saudade e profunda dôr a sua inditoza morte.

XIX

D. Carlos de Ibanes

MARQUEZ DE MUNHACEN

Ao expirar do anno de 1891 triste nova nos foi transmittida pela *Agencia Havas*, de haver desapparecido da communhão dos vivos na cidade de Madrid, capital da

Hespanha onde era altamente considerado o laureado litterato e distinctissimo membro e Presidente do Instituto de Madrid. D. Carlos de Ibañes, Marquez de Munhacen, que por seus reconhecidos meritos revelados nos primores de seus escriptos foi proposto e proclamado Socio Correspondente desse Instituto Historico no anno de 1889.

XX

D. Antonio da Costa de Souza de Macedo

No dia 17 de Janeiro do anno prestes a terminar, na cidade de Lisboa exhalou os derradeiros alentos um dos mais illustres escriptores e litterato de 1ª classe, cujo nome illustrara com inexcedivel brilho as paginas da litteratura portugueza.

Esse emerito escriptor que tão assignalados serviços prestou as patrias lettras, foi o nosso presado consocio D. Antonio da Costa de Souza de Macedo.

Nasceu na cidade de Lisboa no dia 24 de Novembro do anno de 1824.

Foram seus pais D. Luiz da Costa de Souza Macedo de Albuquerque, que foi 1° Conde e 3° Visconde e Senhor de Mesquitela, 5° Barão de Mulingar no condado de Ouerte Meatt, na Irlanda, e Par de Inglaterra, 11°, Armeiró e Armador Mór da Corte, e de sua consorte a Condessa de Mesquitela.

Educado nos sãns principios do dever, da moralidade e da religião, no ninho paterno aprendeu a instrucção primaria, e no collegio do Dr. Cicuro a secundaria, que com notavel aproveitamento concluio no Lyceu de Coimbra. Em 1842 matriculou-se na Faculdade de Leis da Universidade do Mondego, até o anno de 1846 cursou as aulas de Direito, que teve de interromper por ter o Governo mandado fechar a Universidade por causa da guerra que rebentara.

No Batalhão Academico, organisado em defesa da causa do povo foi um dos primeiros a alistar-se o estudante D. Antonio da Costa de Souza de Macedo.

O Visconde de Sá da Bandeira gloria militar da Nação Portugueza, que tinha abraçado a causa popular, collocando-se á frente da expedição, sahiu da cidade do Porto, desembarcou no Algarve e ao passar por Setubal foi acompanhado pelo celebre Batalhão Academico, á instancia desses bravos o Visconde de Sá da Bandeira deu a batalha no Alto de Vizo. Nesse tremendo e sanguinolento combate o joven D. Antonio da Costa fez prodigios de valor, bravura e coragem, batendo-se com denodo no meio daquelle oceano de balas e metralhas que semeava estragos e mortes nas fileiras de seus queridos companheiros de armas e de estudos, sendo elle preservado da morte por graça especial da Divina Providencia, porque ella tinha gravado em seus arcanos que D. Antonio da Costa seria por seus talentos util ás lettras patrias.

Em 1847 mandou o Governo reabrir a Universidade, e D. Antonio da Costa, despindo a farda que tanto nobilitara, correu a terminar o curso academico e em 1848 em premio de seus estudos recebeu o grão de Bacharel em Direito, laureado em todos os annos com as mais distinctas approvações.

Em 1851 teve ingresso na carreira administrativa, encetando-a no logar de Secretario Geral do Governo Civil de Leiria em 11 de Junho.

Nessa cidade fundou D. Antonio da Costa, o Centro Promotor de Instrucção Primaria, para derramar o pão do saber aos desprotegidos da sorte, e desse Centro foi elle eleito Presidente, passando longas horas da noite a instruir as crianças e adultos. Durante sua estadia em Leiria escreveu e dedicou ao Rey D. Pedro V, o Livro intitulado *Estatistica do Districto Administrativo de Leiria*.

Em 19 de Novembro de 1857 foi eleito Deputado ás Cortes pelo Districto de Leiria.

Em 1852 o Marechal Duque de Saldanha, presidente do conselho, chamou para seu Secretario administrativo a D. Antonio da Costa, e a 12 de Janeiro de 1860 após brilhante concurso foi despachado 1° official-chefe da Repartição de Instrucção Publica e nesse mesmo anno e no de 1861 exerceu o cargo de Commissario Regio do Theatro de D. Maria II.

Em 1862 seguio para Roma encarregado da gerencia da Real Igreja e Casa de Santo Antonio dos Portuguezes, e pelo relatorio que apresentou ao Governo, vio-se o quanto foi dedicado no cumprimento dessa missão.

Em 1870 foi chamado aos conselhos da Corôa no gabinete presidido pelo Marechal Duque de Saldanha, conhecido na historia pelo ministerio dos 190 dias, tomando a direcção da pasta da Marinha e Ultramar e depois a da Instrucção Publica, deixando de sua passagem no poder luminoso traço pelas reformas importantes que iniciou.

Em 1881 foi encarregado por S. M. o Rei D. Luiz I, para estudar e colligir documentos para reformar a imprensa da Universidade.

Se tão brilhante papel representou na arena politica tambem teve a gloria de ser laureado no mundo das Lettras pelas obras que escreveu e publicou.

Molière, drama historico, original portuguez, em cinco actos que subio á scena no theatro D. Maria II.

A *Estatistica do Districto de Leiria*.

O *Casamento Civil*, resposta ao historiador Alexandre Herculano.

O Casamento Civil perante a carta Constitucional, 2ª resposta ao mesmo.

O Casamento Civil perante os principios, 3ª resposta ao mesmo.

Necessidade de um Ministerio de Instrucção Publica.

O Christianismo e o Progresso.

A Instrucção Nacional.

Historia da Instrucção Popular em Portugal.

José de Castilho.

Os Tres Mundos.

No Minho.

Instituição de Ouro.

Historia do Marechal Saldanha. Tomo II.º.

Ao meu Paiz.

Auroras de Instrucção pela iniciativa particular, 1ª edição. 1884.

Todas as obras são notaveis pelos primores do estylo.

D. Antonio da Costa de Souza de Macedo, Socio Correspondente deste Instituto Historico, era do Conselho de

S. M. Fidelissima, Ministro e Secretario de Estado honorario, Grã-Cruz da Ordem de Carlos III, de Hespanha, Commendador da Ordem Real de N. S. da Conceição de Villa Viçosa, Socio Correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e de muitas outras sociedades scientificas e litterarias que como este Instituto se desvaneciam de o contar em seu gremio, no dever de um de seus biographos, a este cenobita da Arte que sempre viveu absorto na calma serenidade de seu mundo inteiro, todo povoado de miragens consoladoras e de idéas immaculadas! A litteratura portugueza perdeu em D. Antonio da Costa um dos raros que nunca desprestigiou o templo onde se presta o mais reverente culto á nossa radiosa Divindade — a Arte! O illustre finado era irmão do finado Duque de Albuquerque.

XXI

O Barão de S. Felix

CONSELHEIRO DR. ANTONIO FELIX MARTINS

No dia 18 de Fevereiro do corrente anno a esponja da morte apagou da relação dos socios effectivos deste Instituto onde fôra inscripto a 10 de Dezembro de 1846 o nome de um dos mais distinctos consocios que por seu caracter reconhecidamente probo, honesto e desinteressado e por sua demasiada modestia, seu elevado patriotismo e dedicação ás lettras e á sciencia que professava conseguiu alcançar a mais vasta e bem merecida nomeada. Esse cidadão que com todo amor e dedicação consagrou a maior parte de seus dias ás investigações scientificas foi o Dr. Antonio Felix Martins, Barão de S. Felix.

Era o illustre finado natural desta cidade do Rio de Janeiro, tendo nascido a 20 de Novembro de 1812, na freguezia de S. Thiago de Inhaúma, no Municipio Neutro. Seus pais foram o cirurgião-mór Dr. José Antonio Martins, e D. Rita Angelica de Jesus. Seu pai era oriundo

de Portugal, e veio para o Brazil com o regimento de Bragança, onde servia. Sua mãi era natural desta cidade.

Na vida escholastica revelou a transcendencia do seu talento com o que angariou a estima de seus mestres e companheiros, e graças á sua pouco vulgar intelligencia e a uma memoria feliz, rapidamente venceu os estudos com louvor e applausos. Aos 24 annos de idade, nessa primorosa quadra da vida fugia dos deleites para entregar-se ao cultivo das lettras.

Apenas formado em Medicina pela Escola Medica Cirurgica desta Capital, uniu-se pelos laços do matrimonio em 1834, com D. Anna Carolina Pinto. Atirou-se as lutas do professorado obtendo a cadeira de lente substituto da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, tendo exhibido as mais brilhantes provas de seu saber no concurso que fez para tal fim. Durante o periodo de 30 annos, já como substituto já como lente cathedratico de pathologia geral leccionou 11 materias diversas, e na regencia de sua cadeira revelou o quanto era profundo nos estudos que fizera como eloquente em suas prelecções. Seis mezes depois de ter completado 30 annos de magisterio foi jubilado.

No exercicio de sua nobre profissão o Dr. Antonio Felix Martins, prestou a humanidade relevantes serviços. Vinte annos exerceu o logar de cirurgião no 4° batalhão da Guarda Nacional e 19 annos o de Provedor da Saude do Porto do Rio de Janeiro, e tudo isto sem onus para o Estado, como Inspector do Hospital Maritimo de Santa Isabel em Jurujuba deu a esse estabelecimento as mais vastas proporções e mandou construir um cemiterio com economia para os cofres da Provincia e do Estado.

Presidio a Junta Central de Hygiene Publica nesta Capital.

Pelo voto popular foi sempre eleito. Eleitor de sua Parochia e Vereador a Illma. Camara Municipal e por vezes presidente dessa respeitavel corporação. Nesse honroso posto assistio aos actos da sagração e coroação de S. M. o Imperador Sr. D. Pedro II, ao Casamento de SS. MM. Imperiaes e ao baptisado dos Principes e Princezas.

Membro do antigo Conselho da Instrucção Publica do Municipio Neutro presidio por vezes, as mesas examinadoras de preparatorios e servio interinamente o cargo de Inspector Geral de Instrucção Publica (primaria e secundaria) no qual muito se interessou pelo desenvolvimento desse ramo de serviço publico.

Presidente do antigo Conservatorio Dramatico prestou efficaz coadjuvação a todos quantos se dedicaram a esse importante ramo de litteratura e muito se esforçou para que o theatro nacional se constituisse uma alta escola de moral.

Membro titular da Academia Imperial de Medicina, desde 1855 e seu Presidente de 18 de Maio de 1861 a 1864, e como orador official fez em seguidos annos o Necrologio dos socios fallecidos e entre estes destacam-se o do eminente operador Dr. Antonio da Costa. Todos os elogios Academicos são primorosamente adornados com as galas pomposas da erudição e da phraseologia fluente e aprimorada.

Presidente da Caixa Municipal dos Soccorros publicos e do Monte Pio Geral dos Servidores do Estado e de uma das commissões da Exposição Nacional que se realisou na Casa da Moeda.

Litterato distincto, poeta elegante, collaborou em varios jornaes, occupando-se sobre assumptos de interesse, que são preciosos pela correcção da linguagem e bellezas de estylo.

Como poeta deu á publicidade o poema heróe comico denominado *Decorophobia* no qual com a linguagem mais energica fulmina os excessos e tropelias praticados nas eleições parochiaes.

Muitos trabalhos de sua delicada penna ficaram ineditos por ser muito dispendiosa a sua publicação, e estes são: O tratado de pathologia, obra volumosa e de alto valor e de interesse scientifico; e um poema satyrico de merecimento neste genero de litteratura a que consagrava todo o seu talento e espirito.

O Barão de S. Felix era medico da imperial camara, do conselho de S. M. o Imperador, condecorado com o grão de commendador da Ordem de Christo e da imperial

Ordem da Rosa e agraciado com o titulo de Barão de S. Felix a 11 de Dezembro de 1875.

Na clinica medica, na cadeira do professorado, no dominio da litteratura, da oratoria e da poesia, o Barão de S. Felix occupára sempre logar proeminente, pelo que seu nome passará radiante da geração contemporanea á geração futura que o respeitará em todos os tempos e neste Instituto tambem nas paginas de sua *Revista* ficará gravado nesta consagração que faço os seus muitos serviços, virtudes e lettras.

XXII

Conselheiro Luiz Antonio Barbosa de Almeida

Na cidade de S. Salvador, capital do Estado da Bahia, quando ainda era Capitania, descerrou os olhos á luz do Mundo em 15 de Julho de 1812, o Conselheiro Luiz Antonio Barbosa de Almeida. Ahi fez os estudos primarios e secundarios, partindo para Pernambuco, matriculou-se na Academia de Olinda, onde recebeu em 1833 o gráo de Bacharel em Sciencias Juridicas e sociaes. Entrou para a carreira da Magistratura, como Juiz Municipal, passando de Juiz de Direito a Desembargador e Presidente da Relação de S. Salvador e logo que lhe coube a vez na ordem de antiguidade, foi nomeado Ministro do Supremo Tribunal de Justiça.

Aos 75 annos de idade foi aposentado com as respectivas honras, e em premio dos serviços que por longos annos prestou como Magistrado recto e justiceiro foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem de Christo, da qual a longos annos era Commendador.

Militou sempre nas fileiras do partido liberal e foi a maior influencia de seu partido na provincia da Bahia, onde era muito considerado, e por isso mereceu ser eleito Deputado á Assembléa Geral, e provincial, e de ambas as casas legislativas foi presidente, e proclamada a Republica Federal dos Estados Unidos da Brazil em 15 de Novembro de 1889, o Dr. Luiz Antonio Barbosa de Almeida foi eleito membro do Congresso de seu Estado, e

occupava essa posição quando foi arrebatado pela morte no dia 8 de Agosto do corrente anno.

Era o illustre finado irmão do finado Conselheiro Caetano Vicente de Almeida, Ministro aposentado do Supremo Tribunal de Justiça, e Barão de Mucury.

Socio Correspondente deste Instituto Historico desde 23 de Janeiro de 1845, sendo dessa categoria o quinto na ordem de antiguidade.

XXIII

Marquez de Penafiel

Tambem perdemos outro prestimoso Socio Correspondente estrangeiro em dias do corrente anno, que foi o Marquez de Penafiel, natural da provincia do Maranhão, Bacharel em Direito pela Universidade de Coimbra, que unindo-se pelos laços do matrimonio a uma senhora possuidora de avultada fortuna, naturalisou-se cidadão portuguez; seguio a carreira da Diplomacia, e occupava o elevado cargo de Enviado Extraordinario e Ministro Plenipotenciario da Corte de Portugal na Corte de Berlim, quando o sopro da morte extinguio-lhe a vida.

Era altamente considerado por sua illustração e pertencia a este Instituto desde o anno de 1845 na qualidade de Socio Correspondente Estrangeiro.

Ornavam-lhe o peito varias distincções honorificas, não só de seu paiz como estrangeiras.

XXIV

D. Diogo de Barros Arana

Em Maio d'este anno tambem a mesma Agencia Havas foi portadora da infausta noticia da perda de outro prezado consocio que foi D. Diogo de Barros Arana, laureado escriptor e habilissimo jurisconsulto da Republica do

Chile, onde era altamente considerado. Foi proposto e acceito Socio Correspondente desse Instituto em 1871.

Este eminente historiador e publicista nasceu na cidade de São Thiago capital da Republica Chilena no dia 16 de Agosto de 1830.

Revelou nos estudos primarios e secundarios que um dia seria gloria immorredoura de sua nacionalidade.

Aos 20 annos deu ao prelo *Os estudos historicos sobre Vicente Benevides* e *las Campanas del Sur* (1818 e 1821, e nesse seu primeiro trabalho revelou logo sua predilecção pela historia e litteratura. Na arena do jornalismo conquistou D. Diogo de Barros Arana a mais vasta nomeada por numerosos artigos que publicou em seguidos annos. Foi o mais notavel dos historiadores da Nação Chilena, e para comproval-o bastará dizer, que elle é o autor da *Historia de la Independencia do Chile*, em quatro grossos volumes. No anno de 1855 foi eleito membro da Faculdade de Humanidades e Philosophia e no de 1857 era elle o décano dessa faculdade.

Nas lutas politicas da época tomou no jornalismo a mais activa parte, e pela energia com que fulminou a seus adversarios foi obrigado a deixar as terras da patria, refugiando-se por alguns mezes na Republica Argentina. Visitou a Republica Oriental do Uruguay e o Imperio do Brazil, e d'onde partio para a Europa, e nessas digressões foi incansavel em colligir documentos historicos nas Bibliothecas de Londres, Pariz e Hespanha.

Leu e releu com avidez os documentos sobre historia e geographia da America nos ricos Archivos de Salamanca, Sevilha e da Real Academia de Historia de Madrid, e nessa sua afanosa investigação teve a fortuna de descobrir o manuscripto do poema de Fernando Alvares de Toledo. *Puren Indomito*, chronica em verso dos successos da guerra Araucana nos ultimos annos do seculo XVI, que ainda se conservava inedito.

Com invejavel paciencia D. Diogo de Barros Arana tirou delle cópia e fel-o imprimir em Leipzig em 1860.

De volta as terras patrias deu a publicidade a mór parte das chronicas que desentranhara dos Archivos e Bibliothecas de Hespanha.

Em [illegible] publicou em um volume *Vida y viajes de Hernando de Magallanes*.

Em [illegible] foi nomeado Reitor do Instituto Nacional de S. Thiago promovendo importantes reformas e melhoramentos nesse notavel caso de educação collocando-a na altura das idéas do seculo. Foi por longos annos lente da cadeira de Historia Litteraria. Numerosas são as obras saidas de sua fecunda penna; são ellas o mais faustoso monumento erguido em honra de sua memoria.

O Compendio elementar de Historia da America em 1873.

A Geographia physica e descriptiva, 1871.

A Historia litteraria, 1870.

Manual de composição litteraria em 1872.

Biographia de Miguel Luiz Amunategui.

Requesta de los antiguos Jesuitas de Chile, 1872.

Historia moderna e contemporanea, 1870.

Historia da America.

Historia de la guerra del Pacifico em 2 volumes.

E' porém o mais alto brasão de sua gloria por ser o primeiro monumento litterario da Nação Chilena.

A historia general de Chile, obra em 12 volumes e que em 1884 já tinha dado a publicidade o VII volume.

O eminente e fecundo historiador e laureado litterato cuja perda lamentamos, era tambem socio correspondente da Real Academia Hespanhola por proposta da Academia Chilena da qual era um dos mais considerados socios effectivos.

XXV

O Visconde de Ourem

DR. JOSE CARLOS DE ALMEIDA ARÊAS

No dia 1 de Outubro de anno de 1886, foi proclamado *Socio Correspondente* deste Instituto o Visconde de Ourem, Dr. *José* Carlos de Almeida Arêas, natural desta cidade, onde nasceu aos 6 de Setembro do anno de 1825, sendo filho legitimo de José Carlos de Almeida.

Nos estudos primario e secundario distinguio-se por sua applicação e talento, e matriculando-se no Imperial collegio de Pedro II obteve em todos os annos distinctas approvações e no setimo recebeu e gráo de Bacharel em Bellas Lettras. Partio para S. Paulo, matriculou-se na Academia de Direito, onde 5 annos depois lhe foi conferido o gráo de Bacharel em Sciencias Juridicas e Sociaes. Regressando a esta capital, abrio nos auditorios d'esta côrte banca de advogado, deixando pouco depois essa honrosa profissão para ir exercer o cargo de director do Contencioso no Tribunal do Thesouro Publico Nacional, onde por longos annos muito se salientou, pelos profundos estudos que tinha feito sobre finanças, e taes eram os creditos que gozava como abalisado financeiro, que por mais de uma vez foi convidado a entrar para os conselhos da Coroa na pasta da Fazenda, posição que sempre recusou.

Nomeado Ministro Plenipotenciario do Brazil, na Inglaterra por alguns annos occupou essa elevada posição.

Jámais voltou ao Brazil, e em Pau, onde a longos annos residia, exhalou os ultimos alentos no dia 1° de Julho.

Era Dignitario da Ordem da Rosa e do conselho de S. M. o Imperador, Commendador da Ordem de Christo e Official de Instrucção Publica de França.

Revelou por seus escriptos o muito que era dedicado ao cultivo das lettras e das sciencias. A noticia historica das sessões parlamentares do Imperio em 1883 e a Memoria sobre estatistica do Brazil, que apresentou na sessão commemorativa do 25° anniversario da fundação da Sociedade de Estatistica de Paris muito honram a sua memoria e realçam seu talento.

XXVI

Marechal Manoel Deodoro da Fonseca

Aos 23 dias do mez de Agosto do anno prestes a expirar a fatal tesoura da parca cortou os liames da vida de um cidadão altamente considerado não só nas fileiras do exercito, onde soube por actos de distincção bravura e de coragem conquistar elevada patente, e as mais distinctas

condecorações como na sociedade brazileira por suas distinctas qualidades e dotes d'alma angariou as mais sinceras amizades e as mais profundas sympathias. Este cidadão que desappareceu da mansão dos vivos para habitar as tenebrosas regiões da morte, foi o nosso presadissimo Presidente honorario, o General Manoel Deodoro da Fonseca, 1° Presidente da Republica Federal dos Estados Unidos do Brazil.

Cabe a Provincia hoje Estado das Alagoas a gloria de cita-lo na pleiade de seus illustres filhos.

Raiou a aurora brilhante de seu natalicio na cidade de Alagoas, antiga capital da Provincia, a 5 do mez de Agosto do anno de 1827. Era filho legitimo do Tenente Coronel Manoel Mendes da Fonseca e de D. Rosa Maria Paulina da Fonseca. Manifestando no verdor dos annos pendor para a carreira das Armas, logo que fez o curso primario e secundario, matriculou-se em Março de 1843 no 1° anno da Escola Militar, e quando cursou o 3.° anno sentou praça no 4° Batalhão de Artilharia a pé, e logo foi reconhecido cadete de 1ª classe. Concluio o 5° anno do curso de Artilharia em 1847.

No anno de 1848 contando apenas 21 annos de idade marchou para a Provincia de Pernambuco, onde a rebellião tinha alçado o collo. Tomou parte no combate de 2 de Fevereiro de 1849 na cidade do Recife, e pelo valor com que se houve na acção foi louvado e promovido a 2° tenente por Decreto de 14 de Março, e pela coragem que ostentou no combate que teve logar a 30 de Dezembro na Barra de Natuba foi de novo louvado, e promovido a 1° tenente por Decreto de 30 de Abril de 1852. Creado o Batalhão de Engenheiros foi designado como ajudante, commissão que desempenhou conjunctamente com o exercicio de Secretario.

Por Decreto de 2 de Dezembro de 1856 foi promovido a capitão.

Em commissão do Ministerio da Guerra partio para a Provincia de S. Paulo em Dezembro de 1857, regressando em Junho de 1858. Foi logo nomeado commandante dos alumnos da Escola Militar.

Em Julho de 1859 partio em serviço para a Provincia de Matto Grosso, e tres annos depois recolheu-se a Côrte.

Na patente de capitão do 1° Batalhão de Artilharia a pé marchou para a campanha do Estado Oriental do Uruguay, e terminada a luta no anno de 1865, passou a fazer parte do exercito em operação contra o despota do Paraguay, recebendo em premio a Medalha de prata da campanha do Estado Oriental do Uruguay de 1864-1865.

Por ordem do dia do commando em chefe do exercito de 2 de Agosto do dito anno, foi nomeado major em commissão e commandante do 2° corpo de Voluntarios da Patria, depois 24 batalhão. Tomou parte no combate de 16 de Abril de 1866 (a) na occasião em que o exercito transpondo o Rio Paraná effectuava o seu desembarque no solo Paraguayo, e no dia seguinte ao combate do Forte de Itapirú, pelo denodo, sangue frio, valor e actividade, que mostrou no calor do combate avançando intrepidamente, obrigando o inimigo a retirar-se, e protegendo assim o desembarque de nova força.

Nessa occasião sua benemerencia subio de ponto, pois salvou a vida do General em chefe, o valente Osorio, que desembarcando adiante de todos com parte de seu piquete, vio-se envolvido pelo inimigo que se achava emboscado. Deodoro desembarcando em seguida com parte do seu corpo, o 2° de voluntarios e de outros corpos, uma companhia do 2° batalhão de infanteria commandada pelo capitão Aurelio da Silva Pinto, e outra dos voluntarios de Pernambuco (11) pelo capitão João Vicente de Brito

(a) Nesse dia, 16 de Abril de 1866, Osorio correu serio perigo. Abicando á terra, saltou incontinente com o seu piquete de lanceiros e soffrego adiantou-se á galope á reconhecer o terreno. Em breve estava cercado pelo inimigo que descobrira a operação do desembarque e marchava rapidamente sobre o ponto. Uma ala do 2° corpo de voluntarios, *mui bem commandada*, como exprimiu-se o general na sua participação ao Governo, desembarcou logo após elle, seguio-o a marche-marche e chegou á tempo de protegel-o contra as forças paraguayas que já o cercavam e atacavam com furia. Calando o nome desse commandante, o heroico general pareceu fazel-o propositalmente, como que armando á curiosidade, que buscaria saber quem fôra esse chefe á quem elle, nas suas conversações, se aprazia de chamar o seu salvador.

(*Viagem ao redor do Brazil, 1881, T. 1° p. 237.*)

Galvão e de outros corpos, livrou da morte e a Patria da calamidade consequente. Osorio apressou-se em chamal-o *o seu salvador*.

Tomou parte no combate de 2 de Maio no Estero Bellaco e na memoravel batalha de Tuyuty em 24 de Maio, sendo seu nome repetido com louvor e applauso na ordem do dia do General em Chefe.

Por esses combates de Maio, o general Argolo na sua parte official diz as seguintes notaveis palavras.

« O commandante do 2° corpo de voluntarios, major Manoel Deodoro da Fonseca, já tão conhecido, que basta dizer delle e de seu corpo que foram o que tem sido, pois importa dizer que fizeram brilhante, distincta e nobremente o seu dever. »

Tomou parte nos combates de 16 e 18 de Julho em Tuyuty, e por tão relevantes feitos bem mereceu ser por Decreto de 17 de Agosto, condecorado com o gráo de Cavalleiro da Ordem Imperial do Cruzeiro e pelo de 13 de Abril de 1867 condecorado com o gráo de official da Ordem Imperial da Rosa, já tendo sido por Decreto de 22 de Setembro de 1866 promovido a Major por actos de bravura.

Tomou parte nos combates de Potrero Ovelha a 29 de Outubro de 1867, pelo que tanto elle como seu digno Irmão o Tenente-Coronel Hermes Ernesto da Fonseca foram elogiados em ordem do dia do General em Chefe, Marquez depois Duque de Caxias, pelo arrojo e bravura que ostentaram no calor do combate.

Por Decreto de 18 de Janeiro de 1868 foi promovido a Tenente-Coronel por actos de bravura. Tomou parte no assalto e combate do Estabelecimento a 19 de Fevereiro do dito anno. Por Decreto de 11 de Abril foi agraciado com o officialato da Imperial Ordem do Cruzeiro.

No reconhecimento a viva força e combate sobre o entrincheiramento d'Angustura tomou activa parte pelo que mereceu pomposo elogio em ordem do dia do General Barão do Triumpho. Esteve presente ao combate de Itororó a 6 de Dezembro e no calor da peleja recebeu tres ferimentos por bala de fuzil, sendo um no ventre considerado grave.

Pelo baptismo de sangue que recebeu no Campo da Batalha foi pelo Commandante em Chefe do Exercito

promovido a Coronel por actos de destreza e bravuras, que foi approvado pelo Decreto de 20 de Fevereiro de 1869, e por outro d'essa mesma data foi-lhe conferida a Medalha do Merito Militar pelos repetidos actos de bravura.

Commandando a 8.ª brigada de Infantaria tomou parte no combate e assalto da Praça de Peribebuy a 12 de Agosto.

A ordem do dia do General em Chefe S. A. Real o Sr. Conde d'Eu e outra do Tenente-General Marquez do Herval louva e exalta os meritos e valor do Coronel Manoel Deodoro da Fonseca. Terminando a guerra com a morte do Tyrano de Assumpção; o Coronel Manoel Deodoro da Fonseca coberto de virentes louros embarcou para a Corte em Agosto, commandando o 1° Batalhão de Artilheria a pé.

Por Decreto de 6 de Setembro foi nomeado Dignitario da Imperial Ordem do Cruzeiro pelos serviços prestados nos combates de Dezembro de 1868, e nos das Cordilheiras, recebeu a Medalha geral de campanha do Paraguay, passador de ouro n. 5.

Por Decreto a 14 de Outubro 1874, promovido a Brigadeiro e pelo de 2 de Outubro de 1880, agraciado com a Commenda da Ordem Militar de S. Bento de Aviz e pelo de 30 de Agosto de 1884 promovido a Marechal de campo.

Foi inspector geral das tropas de guarnição da Côrte Bahia, Pernambuco, S. Paulo, Santa Catharina, Paraná e Rio Grande do Sul.

Commandante das Armas da Bahia, Pernambuco, Rio Grande do Sul e Matto Grosso.

Quartel Mestre General, a 23 de Março de 1885.

Commandante das Armas e vice-presidente da Provincia do Rio Grande do Sul de 1884-1885, dispensando-se da Presidencia a 23 de Outubro de 1887.

Demittido de Quartel-Mestre General a 4 de Fevereiro de 1888, foi nomeado commandante em chefe das forças de terra e mar em observação na Provincia de Matto Grosso a pretexto de hostilidades com as Republicas vizinhas. Dispensado do commando em chefe, ficou no exercicio de commandante das Armas de Matto Grosso,

não aceitando a incumbencia, retirou-se para a Côrte em 13 de Setembro de 1889, gravemente enfermo.

A 15 de Novembro, d'esse anno, cahiram as instituições juradas e surgio o advento á Republica Federal dos Estados Unidos do Brazil.

Foi acclamado chefe do Governo Provisorio.

Em 15 de Junho de 1890, proclamado Generalissimo de terra e mar.

Em 25 de Junho de 1891, eleito presidente constitucional da Republica Brazileira.

A 23 de Outubro d'esse anno, resignou o cargo para evitar a guerra civil. Recolheu-se a seu lar e ao lado de sua illustre familia viveu o resto de seus dias.

Antes que o seu espirito se apartasse de seu corpo para subir á mansão serena de Deus, quiz dar a mais viva prova do pouco apreço que dava as honras vans do Mundo, pedio que dispensassem as demonstrações officiaes a que tinha direito por sua alta patente.

Além das distincções honorificas, acima mencionadas, era Grã-Cruz da Ordem de Aviz e de Colombo, creadas pelo Governo Provisorio, e abolidas pela Constituição da Republica, em virtude da qual não poude acceitar a Grã-Cruz da Ordem de Simão Bolivar com que o agraciou o presidente da Republica de Venezuela.

Como chefe do Estado, foi proposto e acceito presidente honorario d'este Instituto, que hoje lamenta com saudade e dor, seu desapparecimento da mansão dos vivos. A classe militar perdeu um dos seus ornamentos e o claro aberto por sua morte difficil será de preencher-se, assim como os deixados por seus dignos irmãos, os finados Marechal Hermes Ernesto da Fonseca, e o Marechal Barão de Alagôas, pelo muito que se distinguiram na Carreira das Armas, e n'essa carreira tão bem teriam conquistado as mais elevadas patentes, os finados capitão Hyppolyto Mendes da Fonseca, o major Eduardo Emiliano da Fonseca e o alferes Affonso Aurelio da Fonseca, que exhalaram os derradeiros alentos no Campo da Batalha victimas da dedicação e do dever pelo estremecido amor da patria.

XXVII

O Barão de Lavradio

CONSELHEIRO DR. JOSÉ PEREIRA REGO

As 11 horas da manhã do dia 22 de Novembro do corrente anno nesta Cidade que fôra berço do seu nascimento cerrou para sempre os olhos á luz do Mundo depois de havel-o habitado por espaço de 76 annos, dous mezes e seis dias contados do dia 24 de Agosto do anno de 1816, em que teve logar seu natalicio o Dr. José Pereira Rego, Barão do Lavradio.

Foram seus progenitores o capitão Manoel José Pereira do Rego e D. Anna Fausta de Almeida Rego. Aos 16 annos de idade já tendo feito o curso de preparatorios, matriculou-se na Academia Medico Cirurgica do Rio de Janeiro e quatro annos depois no de 1836 recebeu o titulo de cirurgião e no anno de 1837 o diploma de cirurgião formado; distincção esta que só era conferida a aquelles estudantes que tivessem obtido distincção em todos os annos do curso academico.

Tendo defendido these e bem merecido a nota de distincção foi investido do gráo de doutor em medicina.

Por indicação de seu illustrado professor de clinica medica o conselheiro Dr. Manoel de Valladão Pimentel posteriormente Barão de Petropolis, o talentoso Dr. José Pereira Rego escrevera a sua these sobre — Os differentes methodos de exploração das molestias do coração e applicação do estudo desses phenomenos de diagnostico de algumas molestias do mesmo orgão, mais frequentes. Neste trabalho de alto valor scientifico provou o Dr. José Pereira Rego a dedicação com que se entregára aos estudos da carreira que abraçara por vocação sincera e pura, e servio a sua these inaugural por muitos annos de Compendio aos alumnos de clinica da Academia, cadeira que com inexcedivel brilho era regida pelo muito illustre Barão de Petropolis. Sempre dedicado aos estudos das Sciencias de observação, o Dr. José Pereira Rego bem provou á sua competencia na elaboração do regulamento

que reorganisou a Faculdade de medicina desta capital em 1853. A cadeira de pathologia geral novamente creada por sua iniciativa deveria ser por elle preenchida. Mas o Governo Imperial nomeou para regel-a ao illustrado Dr. Antonio Felix Martins, Barão de S. Felix, e para substituto da Secção de Sciencias Medicas foi o Dr. José Pereira Rego o nomeado, distincção que não quiz acceitar por não se julgar habilitado a reger proficientemente todas as cadeiras da mesma secção, mas tão somente as de pathologia geral, pathologia interna, hygiene e clinica medica. Por esta circumstancia a Faculdade de Medicina ficou privada de contar mais um luzeiro da Sciencia entre a vasta pleiade de distinctissimos Lentes que com saber e proficiencia regiam as demais cadeiras em todos os ramos do ensino medico.

Muito embora não tivesse elle a honra de sentar-se nas cadeiras da Faculdade, a sciencia nada perdeu porque por mais de meio seculo ensinou com o exemplo e com a pratica de abalisado clinico. Seu douto parecer foi sempre acatado e respeitado por seus illustres collegas, e graças a sua experiencia, tino e pericia gosou da maior consideração e estima e grangeou a mais vasta clinica.

Em 1875 foi nomeado pelo Governo Imperial um dos juizes nos concursos a que se procedeu para preenchimento das cadeiras de therapeutica e materia medica e da de pathologia interna, e depois a sua opinião foi ouvida pela commissão examinadora no concurso á cadeira de molestias de crianças sobre duvidas que se suscitaram entre os respectivos membros em relação ao merecimento das provas exhibidas pelos candidatos. Seu juizo foi favoravel ao candidato nomeado.

Sua dedicação pela sciencia ficou exuberantemente provada no seio da Imperial Academia de Medicina, da qual foi insigne ornamento e bem mereceu a distincção que lhe foi conferida do titulo de Presidente Perpetuo pela rara dedicação com que a presidio em 1856, e depois de 1864 a 1882. Em 1864 foi nomeado Presidente da Junta Central de Hygiene Publica, em 1865 Inspector de Saude do Porto, e em 1873 Inspector do Instituto Vaccinico, cargos estes que resignou a 16 de Fevereiro de 1881.

Nos seus interessantes e bem elaborados relatorios e monographias, e outros muitos documentos officiaes estão mais que provados a dedicação, zelo, interesse e assiduidade com que sabia servir a patria que tanto estremecia, e sobre tudo nas calamitosas quadras em que esta vasta capital foi assolada por horrorosas epidemias.

Pelo voto popular foi tres vezes eleito vereador da Illma. Camara Municipal, e sempre contemplado no eleitorado de sua parochia.

Na arena politica militou nas fileiras do partido conservador.

Recusou o convite que lhe foi dirigido para presidir as Provincias hoje Estados de S. Paulo, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Cansado das lutas politicas recolheu-se á vida privada dedicando-se á sua clinica, attendendo com rara dedicação e solicitude a todos os chamados, quer d'aquelles que generosamente o podiam retribuir, quer d'aquelles que só para isso tinham a moeda da gratidão.

Foi nomeado medico effectivo da Imperial Camara.

Era membro effectivo d'esse Instituto Historico e Geographico Brazileiro, desde o dia 25 de Janeiro de 1840, correspondente da Real Academia Medica de Turin; da Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa; da Sociedade Franceza de Hygiene; da Academia Real de Sciencias de Lisboa; socio effectivo da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional; e da Sociedade Amante da Instrucção.

Em premio de sua rara dedicação e serviços, foi agraciado com o titulo de Conselho de S. M. o Imperador, com a Commenda da Ordem de Christo, e a da Imperial Ordem da Rosa, e pelo Rei de Portugal com a Commenda de N. S. da Conceição de Villa Viçosa, e a da Corôa de ferro da Italia, agraciado por S. M. o Imperador o titulo de Barão de Lavradio com as honras de grandezas.

Foi por muitos annos medico no Hospital da Santa Casa de Misericordia.

Em homenagem á seus serviços seu busto em marmore foi collocado na sala do Instituto Vaccinico inaugurado a 18 de Outubro de 1875.

SESSÃO DE ELEIÇÃO DA MESA E COMMISSÕES PARA O ANNO DE 1893

Presidencia do Sr. Barão Homem de Mello

Aos vinte e seis de Dezembro de mil oito centos e noventa e dous, ás 7 1/2 horas da noite, presentes os Srs. Barão Homem de Mello, Henrique Raffard, Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Commendador José Luiz Alves, Dr. Cezar Augusto Marques, Barão de Alencar, Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake, Commendador João Xavier da Motta, Dr. Liberato de Castro Carreira, Commendador Antonio José Gomes Brandão e Dr. Alfredo do Nascimento Silva, assumio a presidencia da sessão, na falta dos Srs. Presidente e Vice-Presidentes e de conformidade com o disposto no art. 27 § 1° dos Estatutos, o Sr. Barão Homem de Mello. Aberta a sessão em Assembléa Geral, para a eleição dos membros da Meza e das commissões, que deverão servir no anno de 1893, sendo esta a 2ª convocação, por não ter comparecido o numero legal de 21 socios, na 1ª marcada para o dia 21 do corrente, na fórma dos Estatutos, e procedendo-se a dita eleição foram eleitos :

PRESIDENTE

Conselheiro Olegario Herculano de Aquino e Castro.

1° VICE-PRESIDENTE

Visconde de Beaurepaire Rohan.

2° VICE-PRESIDENTE

General Dr. João Severiano da Fonseca.

3° VICE-PRESIDENTE

Conselheiro Manoel Francisco Correia.

1° SECRETARIO

Henrique Raffard.

2° SECRETARIO

Dr. Alfredo do Nascimento Silva.

1° SECRETARIO SUPPLENTE

Major Joaquim José Gomes da Silva Netto.

2° SECRETARIO SUPPLENTE

Commendador João Xavier da Motta.

ORADOR

Commendador José Luiz Alves

THESOUREIRO

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Commendador José Luiz Alves.
Dr. Liberato de Castro Carreira.
Dr. Cezar Augusto Marques.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
Barão de Alencar.
Henrique Raffard.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Conselheiro Manoel Francisco Correia.
Conselheiro José Mauricio Fernandes Pereira de Barros.
Capitão-tenente Arthur Indio do Brazil.

COMMISSÃO DE HISTORIA

General Dr. João Severiano da Fonseca.
Dr. Cezar Augusto Marques.
Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE HISTORIA

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Alfredo do Nascimento Silva.
Major Joaquim José Gomes da Silva Netto.

COMMISSÃO DE GEOGRAPHIA

Marquez de Paranaguá.
Barão Homem de Mello.
Capitão de fragata José Egydio Garcez Palha.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE GEOGRAPHIA

Capitão de mar e guerra José Candido Guilhobel.
Capitão de fragata Francisco Calheiros da Graça.
Conselheiro Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro.

COMMISSÃO DE ETHNOGRAPHIA

Dr. Feliciano Pinheiro de Bittencourt.
Commendador João Xavier da Motta.
Dr. Antonio Joaquim de Macedo Soares.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA

Conselheiro Ladisláo de Souza Mello Netto.
Conselheiro Epiphanio Candido de Souza Pitanga.
Dr. Luiz Cruls.

COMMISSÃO DE PESQUISA DE MANUSCRIPTOS

Dr. Joaquim Pires Machado Portella.
Coronel Alfredo Ernesto Jacques Ourique.
João Capistrano de Abreu.

COMMISSÃO DE BIOGRAPHIAS

Dr. Augusto Victorino Alves Sacramento Blake.
Commendador José Luiz Alves.
Visconde de Beaurepaire Rohan.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Conselheiro Manoel Francisco Correia.
Barão de Capanema.
Dr. Affonso Celso de Assis Figueiredo.

LISTA DOS SOCIOS

DO

Instituto Historico e Geographico Brazileiro

Prezidentes honorarios

		ADMISSÃO NO INSTITUTO		
1	Principe de Joinville	20	Abril	1843
2	Conde d'Aquila	14	Set.	1843
3	Christiano, rei da Dinamarca, outr'ora Principe Real	14	Set.	1843
4	Conde d'Eu	16	Set.	1864
5	Duque de Saxe	16	Set.	1864
6	Miguel Juarez Celman	13	Set.	1889
7	Sadi Carnot	17	Abr.	1891

Socios nacionaes honorarios*

		ADMISSÃO NO INSTITUTO		
1	Barão Homem de Mello	3	Jun.	1859
2	João Manoel Pereira da Silva	1	Dez.	1838
3	Visconde de Beaurepaire Rohan	10	Jun.	1847
4	Manoel Duarte Moreira de Azevedo	5	Dez.	1862
5	Olegario Herculano de Aquino e Castro	14	Jul.	1871
6	Tristão de Alencar Araripe	21	Out.	1870
7	Maximiniano Marques de Carvalho	23	Jan.	1845
8	Cezar Augusto Marques	4	Ag.	1865
9	João Alfredo Correia de Oliveira	19	Out.	1887
10	Barão de Capanema	19	Out.	1848
11	Visconde de Souza Fontes	26	Março.	1848
12	D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo	2	Ag.	1889
13	Barão de Alencar	13	Set.	1889
14	Jozé Francisco Diana	13	Set.	1889
15	Visconde de Mota Maia	25	Out.	1889
16	João Severiano da Fonseca	1	Out.	1880
17	Manoel Francisco Correia	1	Out.	1886
18	Luiz Rodrigues de Oliveira	13	Ag.	1888

* OBSERVAÇÃO. Vão os nomes na ordem chronologica da sua elevação ao grão de socio honorario.

	ADMISSÃO NO INSTITUTO
45 João Carlos de Souza Ferreira	1 Ag. 1890
46 Antonio Joaquim de Macedo Soares	3 Out. 1890
47 Alfredo Ernesto Jacques Ourique	5 Dez. 1890
48 Alfredo do Nascimento Silva	12 Dez. 1890
49 Joaquim Jozé Gomes da Silva Neto	17 Abr. 1891
50 Artur Sauer	19 Jun. 1891
51 Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro	2 Abr. 1892
52 Liberato de Castro Carreira	22 Abr. 1892
53 João Xavier da Mota	23 Set. 1892
54 Francisco Manoel da Cunha Junior	2 Dez. 1892
55 Affonso Celso d'Assis Figueredo	2 Dez. 1892

Socios effectivos por ordem de sua antiguidade em 31 de Dezembro de 1892.

		ADMISSÃO NO INSTITUTO
1	Visconde de Sinimbú	1 Out. 1840
2	Jozé Tavares Bastos	23 Jan. 1841
3	Visconde de Nogueira da Gama	4 Nov. 1841
4	Jozé Jansen do Paço	12 Out. 1843
5	Visconde de Valdetaro	23 Jan. 1845
6	Visconde de Barbacena	2 Ag. 1845
7	Angelo Thomaz do Amaral	10 Out. 1851
8	Jozé Mauricio Fernandes Pereira de Barros	19 Set. 1856
9	Eduardo Jozé de Moraes	7 Jul. 1862
10	Barão do Ladario	7 Nov. 1862
11	Jozé Vieira Couto de Magalhães	5 Dez. 1862
12	Jozé de Saldanha da Gama	18 Ag. 1865
13	Barão de Ribeiro de Almeida	11 Out. 1866
14	Barão do Rio Branco	7 Nov. 1867
15	Epifanio Candido de Souza Pitanga	7 Nov. 1867
16	Luiz Francisco da Veiga	22 Mai. 1868
17	Joaquim Pires Machado Portella	17 Jun. 1870
18	Ladislão de Souza Mello Neto	14 Julh. 1871
19	Barão de Ramiz	16 Ag. 1872
20	Nicoláo Joaquim Moreira	17 Jul. 1874
21	Rozendo Moniz Barreto	6 Ag. 1875
22	João Barboza Rodrigues	29 Set. 1876
23	Carlos Artur Moncorvo de Figueredo	28 Mai. 1880
24	Alfredo Piragibe	26 Nov. 1880
25	Barão de Tefé	29 Set. 1882
26	Francisco Calheiros da Graça	29 Set. 1882
27	Jozé Alexandre Teixeira de Mello	24 Nov. 1882
28	Jozé Candido Guillobel	24 Nov. 1882
29	Augusto Victorino Alves do Sacramento Blake	4 Out. 1883
30	Jozé Egidio Garcez Palha	7 Dez. 1883
31	Manoel Pinto Bravo	7 Dez. 1883
32	Pedro Paulino da Fonseca	7 Dez. 1883
33	Henrique Raffard	16 Out. 1885
34	Jozé Luiz Alves	13 Ag. 1886
35	João Capistrano de Abreo	19 Out. 1887
36	Barão de Miranda Reis	15 Jul. 1887
37	Visconde de Ibituruna	13 Jul. 1888
38	Artur Indio do Brazil	13 Ag. 1888
39	Marquez de Paranaguá	13 Ag. 1888
40	Luiz Cruls	13 Ag. 1888
41	Torquato Xavier Monteiro Tapajoz	5 Jul. 1888
42	Feliciano Pinheiro de Bitencourt	25 Out. 1889
43	João Vicente Leite de Castro	25 Out. 1889
44	Jozé Ricardo Pires de Almeida	25 Out. 1889

Socios benemeritos em 31 de Dezembro de 1892.

		ADMISSÃO		
1	Candido Gaffrée	16	Set.	1890
2	Antonio Jozé Gomes Brandão	10	Out.	1890
3	Visconde de Carvalhaes	14	Nov.	1890
4	Antonio Jozé Dias de Castro	28	Nov.	1890
5	Luiz Augusto Ferreira de Almeida	5	Dez.	1890
6	Luiz Jozé Lecoq de Oliveira	5	Dez.	1890
7	Visconde de Leopoldina	5	Dez.	1890
8	Barão de Oliveira Castro	12	Dez.	1890
9	Tobias Lauriano Figueira de Mello	12	Dez.	1890
10	Conde de Figueredo*	1	Ag.	1890
11	Barão de Quartin	6	Mar.	1891
12	Luiz Augusto da Silva Canedo	6	Mar.	1891
13	Albino da Costa Lima Braga	6	Mar.	1891
14	Francisco de Paula Mayrink	20	Mar.	1891
15	Visconde de Moraes	3	Abr.	1891
16	Visconde de Assis Martins	3	Abr.	1891
17	Barão de Mendes Tota	3	Abr.	1891
18	Manoel Vicente Lisboa	3	Abr.	1891
19	Barão de Ibiapaba	22	Mai.	1891
20	Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe	19	Jun.	1891
21	Urbano de Faria	31	Jul.	1891
22	Manoel Jozé da Fonseca	28	Ag.	1891
23	Jozé Joaquim da França Junior	9	Out.	1891
24	Manoel de Matos Gonçalves	1	Dez.	1891
25	Luiz Ribeiro Gomes	1	Dez.	1891

---

* Admittido como socio effectivo na data aqui indicada, passou depois a socio benemerito.

Socios nacionaes correspondentes por ordem de sua antiguidade em 31 de Dezembro de 1892

		ADMISSÃO NO INSTITUTO		
1	Barão de Lopes Neto	14	Out.	1840
2	Barão de Penedo	12	Ag.	1841
3	Barão do Desterro	23	Jan.	1845
4	Jozé de Barros Pimentel	23	Jan.	1845
5	Ricardo Gumbleton Daunt	19	Dez.	1847
6	Joaquim Maria Nascentes d'Azambuja	23	Set.	1853
7	Tito Franco de Almeida	21	Ag.	1857
8	Barão de Guajará	8	Nov.	1866
9	Antonio Manoel Gonçalves Tocantins	17	Jul.	1871
10	Jozé de Vasconcellos	10	Dez.	1875
11	Joaquim Floriano de Godoi	4	Ag.	1876
12	Luiz da França Almeida Sá	29	Set.	1876
13	Americo Braziliense de Almeida Mello	1	Jun.	1877
14	Thomaz Garcez Paranhos Montenegro	10	Mai.	1878
15	Bernardo Saturnino da Veiga	13	Ag.	1880
16	Jozé Antonio de Azevedo Castro	24	Jul.	1885
17	Frederico Jozé de Sant'Anna Neri	13	Nov.	1885
18	Jozé Higino Duarte Pereira	1	Out.	1886
19	Francisco Augusto Pereira da Costa	9	Dez.	1886
20	Antonio Borges de Sampaio	9	Dez.	1886
21	Antonio Ribeiro de Macedo	19	Out.	1887
22	Paulino Nogueira Borges da Fonceca	19	Out.	1887
23	Jozé Verissimo de Matos	16	Nov.	1887
24	Virgilio Martins de Mello Franco	13	Ag.	1888
25	Rodolfo Marcos Teofilo	11	Jul.	1890
26	Bazilio de Carvalho Daemon	12	Set.	1890
27	Brazilio Augusto Machado de Oliveira	12	Set.	1890
28	Felisbello Firmo de Oliveira Freire	26	Set.	1890
29	João Mendes de Almeida	3	Out.	1890
30	João Damasceno Vieira Fernandes	31	Out.	1890
31	João Jozé Pinto Junior	19	Dez.	1890
32	Jozé Domingues Codeceira	20	Mar.	1891
33	João Baptista Perdigão de Oliveira	19	Jun.	1891
34	Evaristo Affonso de Castro	14	Ag.	1891
35	Artur Viana de Lima	25	Set.	1891
36	D. João Esberard, bispo de Olinda	25	Set.	1891
37	Argemiro Antonio da Silveira	25	Set.	1891
38	Ireneo Ceciliano Pereira Joffily	4	Dez.	1891
39	Guilherme Studart	20	Mai.	1892
40	Lafayette de Toledo	17	Jun.	1892
41	Octaviano de Toledo	17	Jun.	1892
42	Jozé Francisco da Silva Lima	17	Jun.	1892
43	Luiz Rodolfo Cavalcante d'Albuquerque	23	Set.	1892
44	Bento Severiano da Luz	25	Nov.	1892
45	D. Carlos Luiz d'Amour, bispo de Cuiabá	9	Dez.	1892

Socios benemeritos em 31 de Dezembro de 1892.

		ADMISSÃO		
1	Candido Gaffrée	16	Set.	1890
2	Antonio Jozé Gomes Brandão	10	Out.	1890
3	Visconde de Carvalhaes	14	Nov.	1890
4	Antonio Jozé Dias de Castro	28	Nov.	1890
5	Luiz Augusto Ferreira de Almeida	5	Dez.	1890
6	Luiz Jozé Lecoq de Oliveira	5	Dez.	1890
7	Visconde de Leopoldina	5	Dez.	1890
8	Barão de Oliveira Castro	12	Dez.	1890
9	Tobias Lauriano Figueira de Mello	12	Dez.	1890
10	Conde de Figueredo*	1	Ag.	1890
11	Barão de Quartin	6	Mar.	1891
12	Luiz Augusto da Silva Canedo	6	Mar.	1891
13	Albino da Costa Lima Braga	6	Mar.	1891
14	Francisco de Paula Mayrink	20	Mar.	1891
15	Visconde de Moraes	3	Abr.	1891
16	Visconde de Assis Martins	3	Abr.	1891
17	Barão de Mendes Tota	3	Abr.	1891
18	Manoel Vicente Lisboa	3	Abr.	1891
19	Barão de Ibiapaba	22	Mai.	1891
20	Domingos Jozé Nogueira Jaguaribe	19	Jun.	1891
21	Urbano de Faria	31	Jul.	1891
22	Manoel Jozé da Fonseca	28	Ag.	1891
23	Jozé Joaquim da França Junior	9	Out.	1891
24	Manoel de Matos Gonçalves	1	Dez.	1891
25	Luiz Ribeiro Gomes	1	Dez.	1891

---

* Admittido como socio effectivo na data aqui indicada, passou, depois a socio benemerito.

Socios honorarios estrangeiros *

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
1 Principe de Cariati	1839	Italia
2 Principe de Scilla	»	»
3 Artur Brooke	»	Inglaterra
4 Barão de Maltitz	»	Allemanha
5 Manoel de Sarratéa	»	Confed. Argentina
6 Agatino Longo	1842	Italia
7 Filipe Rizzi	»	»
8 Fernando de Luca	1843	»
9 Giuseppe Ceva Grimaldi (Marquez)	»	»
10 Nicolão de Santo Angelo	»	»
11 Tomaz C. de Mosquera	1844	Equador
12 Jozé Vargas	1845	Venezuela
13 Alberto Gallatin	1846	Estados-Unidos
14 Bartolomeo Mitre	1871	Confed. Argentina
15 Alexandre de Serpa Pinto	1881	Portugal
16 Estanislão E. Zeballos	1883	Confed. Argentina
17 Enrique Moreno	1889	»
18 Norberto Quirno Costa	1889	»
19 Gustavo Duarte Nogueira Soares	1889	Portugal
20 Jean Martin Charcot	1889	França
21 Mariano Semmola	1889	Italia
22 Achiles de Giovanni	1889	»
23 Manoel Villamil Blanco	1889	Chile
24 Blasco Vidal	1889	Uruguay
25 Guilherme A. Seoane	1891	Perú
26 Roland Bonaparte (Principe)	1891	França
27 Francisco Garcia Calderon	1892	Perú
28 Miguel Antonio de la Lama	1892	»
29 Ricardo Rossel	1892	»

Socios correspondentes estrangeiros

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
1 Carlos Zucchi	1839	Italia
2 João Water House	1839	Inglaterra
3 Manoel Salas Corvaland	1839	Chile
4 Sabino Bertholet	1839	França
5 Guilherme Hunter	1840	Estados-Unidos
6 Jozé Barandier	1840	França

* *Advertencia.* Por falta de esclarecimentos, contemplam-se n'esta relação e na seguinte individuos talvez já falecidos. Obtidas informações no futuro, serão eliminados os nomes dos mortos.

		ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
7	Julio Victor Armand Hain	1840	França
8	William Smith	1840	Inglaterra
9	Mariano Eduardo de Rivera	1841	Perú
10	Marion de Procé	1841	França
11	Pedro Jozé Mesnard	1841	»
12	William Burchell	1841	Inglaterra
13	Woodbine Parish	1841	»
14	Duque de Serra de Falco	1842	Italia
15	Felix de Santo Angelo	1841	»
16	Francisco Cervellieri	1841	»
17	Samuel Dutot	1841	França
18	Giacomo Castrucci	1841	Italia
19	Girolano Perozzi	1841	»
20	Giovani Semmola	1841	»
21	Luigi Semitini	1841	»
22	Luigi Rizzi	1841	»
23	Paulo Anania de Luca	1841	»
24	Carlos van Lede	1843	Belgica
25	João Pie Namur	1843	»
26	Fernando de Luca	1843	Italia
27	Rafael Zarienga	1843	»
28	Vicenzo Stellati	1843	»
29	Jozé Antonio Pardo	1844	Equador
30	Vicente Rocafuerte	1844	»
31	Francisco Markoe Junior	1845	Inglaterra
32	Imbert des Mottelletts (Conde)	1845	França
33	Duque de Paix	1845	»
34	Alexandre W. Bradford	1846	Estados Unidos
35	B. M Norman	1846	»
36	Carlos Wiet	1846	Belgica
37	Julio Parigot	1846	»
38	João Russel Bartlett	1846	Inglaterra
39	Hermann E. Ludowig	1846	Allemanha
40	Roberto Greenham	1846	»
41	Samuel Jorge Morton	1846	Estados-Unidos
42	William B. Hodgson	1846	Inglaterra
43	Vicente Martillaro (Marquez de Villarena)	1846	Italia
44	Antonio Ramon Vargas	1847	Espanha
45	Ulrico Valia	1847	Italia
46	James C. Fletcher	1862	Estados-Unidos
47	Frederico Francisco (Visconde de Figanière)	1863	Portugal
48	Jorge Martinho Thomaz	1864	Inglaterra
49	Emmanuel Liais	1866	França
50	Henrique Schutel Ambauer	1868	Italia
51	Vivien de Saint-Martin	1868	França
52	Jozé Rozendo Gutierres	1869	Bolivia
53	Cezar Cantu	1870	Italia
54	Augusto Carlos Teixeira de Aragão	1871	Portugal
55	Visconde de Wildick	1880	Portugal
56	Alexandre Baguet	1882	Belgica
57	Paulo Gafarel	1882	França

	ADMISSÃO NO INSTITUTO	REZIDENCIA
58 Vicente G. Quezada	1883	Confed. Argentina
59 Manoel Pinheiro Chagas	1885	Portugal
60 Pedro Venceslão de Brito Aranha	1885	»
61 Angelo Justiniano Carranza	1887	Confed. Argentina
62 Anibal Echeverria i Reis	1889	Chile
63 Anibal Ferrero	1889	Italia
64 Bouquet de la Grye	1889	França
65 Alexandre Sorondo	1889	Confed. Argentina
66 Constantino Bannen	1889	Chile
67 Martin Rivadavia	1889	Confed. Argentina
68 Clovis Lamarre	1891	França
69 Aristides Marre	1891	»
70 Arturo de Leon *	1891	Uruguay
71 Julio Bânados Espinoza *	1891	Chile
72 Julio Meili	1892	Suissa

* Por equivoco na relação do anno de 1891 foram estes dois socios contemplados como honorarios, sendo aliás correspondentes.

Socios admittidos em 1892.

	ADMISSÃO	QUALIDADE
1. Julio Meili	11 Março. 1892	Correspondente
2. Ovidio Fernandes Trigo de Loureiro	8 Abr. 1892	Effectivo
3. Liberato de Castro Carreira	22 Abr. 1892	»
4. Guilherme Studart	20 Mai. 1892	Correspondente
5. Lafayette de Toledo	17 Jun. 1892	»
6. Octaviano de Toledo	17 Jun. 1892	»
7. Jozé Francisco da Silva Lima	17 Jun. 1892	»
8. Francisco Garcia Calderon	12 Ag. 1892	Honorario
9. Miguel Antonio de la Lama	12 Ag. 1892	»
10. Ricardo Rossel	12 Ag. 1892	»
11. João Xavier da Mota	23 Set. 1892	Effectivo
12. Luiz Rodolfo Cavalcanti d'Albuquerque	23 Set. 1892	Correspondente
13. Bento Severiano da Luz	25 Nov. 1892	»
14. Affonso Celso d'Assis Figueredo	2 Dez. 1892	Effectivo
15. Francisco Manoel da Cunha Junior	2 Dez. 1892	»
16. D. Carlos Luiz d'Amour, bispo de Cuiabá	9 Dez. 1892	Correspondente
17. Frank Vincent	9 Dez. 1892	»

Sócios falecidos em 1892

NACIONAIS

	OBITO		
1. Barão de São Félix (José António Martins)	18	Fev.	1892
2. Visconde de Outeiro (José Carlos d'Almeida, avô)	29	Jul.	1892
3. Luiz António Barbosa d'Almeida	8	Ag.	1892
4. Manoel Teodoro da Fonseca	25	Ag.	1892
5. Barão do Lavradio (José Pereira Rego)	22	Nov.	1892

ESTRANGEIROS

	OBITO		
1. Marquez de Pesaller (António José da Serra Gomes)	9	Jan.	1892
2. D. António da Costa	27	Jan.	1892
3. Diogo de Barros Arana	.....		1892

RELAÇÃO

DAS

SOCIEDADES NACIONAES E ESTABELECIMENTOS PUBLICOS

PARA OS QUAES SE ENVIA A

Revista Trimensal do Instituto Historico e Geographico Brazileiro

Ns.	NOMES	SÉDES
1	Academia de Medicina	Capital Federal
2	Archivo Publico	»
3	Archivo Militar	»
4	Associação Promotora da Instrucção	»
5	Archivo do Correio Geral	»
6	Bibliotheca da Escola Politechnica	»
7	» do Exercito	»
8	» de Marinha	»
9	» da Faculdade de Medicina	»
10	» Municipal	»
11	» Nacional	»
12	» Publica da	Fortaleza
13	» » do	Recife
14	» » de	Itaguahi
15	» » da	Victoria
16	» » de	Ouro Preto
17	» » do	Desterro
18	» » de	Curitiba
19	» » da	Laguna
20	» » de	S. João d'El-rei
21	» » de	Muritiba
22	» » de	Manáos
23	» » de	Belem (Pará)
24	» » do	Maranhão
25	» » de	Porto Alegre
26	» » da	Bahia
27	» » de	Aracajú
28	» » do	Natal
29	» » da	Therezina
30	» da Cidade de Brumado de Suassuhi	Entre-Rios
31	» da Escola Normal	Nicteroy
32	» Municipal de	Barbacena
33	» Publica Pelotense	Pelotas
34	» Municipal de	BarraMansa
35	» do Gremio Bibliotecario Caxoeirano	Itapemirim
36	» da Faculdade de Direito de	São-Paulo

Ns.	NOMES	SÉDES
37	Bibliotheca da Faculdade de Direito do.....	Recife
38	» da Faculdade livre de Direito da	Capital Federal
39	» dos Aprendizes artilheiros.....	Fortaleza de S. João
40	Boletim da Alfandega do Rio de Janeiro.....	Capital Federal
41	Club Literario de.....	Paranaguá
42	» Curitibano.....	Curitiba
43	» Recreativo Literario.....	Palmira (Minas)
44	» Literario Taubatense.....	Taubaté
45	» Alfa de Morretes.....	Paraná
46	» Literario Nazareno.....	Nazareth (Bahia)
47	Escola Dominical.....	Capital Federal
48	Gabinete Literario Goiano.....	Goiaz
49	» Portuguez de Leitura	Capital Federal
50	» de Leitura do Atheneo Ubatense....	Ubatuba
51	Grande Oriente do Brazil.....	Capital Federal
52	Gabinete de Leitura da villa do Pereiro.....	Ceará
53	Instituto Politechnico Brazileiro	Capital Federal
54	» Archeologico e Geogr. Pernambucano	Recife
55	» dos Advogados Brazileiros.....	Capital Federal
56	» Fluminense de Agricultura.....	»
57	» do Ceará.....	Fortaleza
58	» Archeologico e Geographico Alagoano	Maceió
59	Imprensa Nacional.....	Capital Federal
60	Licêo Mineiro.....	Ouro-Preto
61	Muzeo Nacional.....	Capital Federal
62	Observatorio Astronomico.....	»
63	Revista Maritima	»
64	» do Exercito Brazileiro.....	»
65	» da Escola da Marinha.....	»
66	» do Retiro Literario Portuguez.....	»
67	» da Pharmacia.....	Recife
68	Secretaria do Governo do Est. das Alagoas...	Maceió
69	» » » do Amazonas.	Manáos
70	» » » da Bahia.....	São-Salvador
71	» » » do Ceará.....	Fortaleza
72	» » » do Esp. Santo	Victoria
73	» » » de Goiaz.....,	Goiaz
74	» » » do Maranhão..	São-Luiz
75	» » » de Mato-Grosso	Cuiabá
76	» » » de Minas Ger.	Ouro-Preto
77	» » » do Pará.....	Belém
78	» » » da Parahiba..	Parahiba
79	» » » do Paraná....	Curitiba
80	» » » de Pernanbuco	Recife
81	» » » de Piauhi.....	Therezina
82	» » » do Rio G. do N.	Natal
83	» » » do Rio de Jan.	Nicteroy
84	» » » de Sta. Cat...	Desterro
85	» » » de São-Paulo.,	Cidade de São-Paulo
86	» » » do Rio G. do S.	Porto Alegre
87	» » » de Sergipe....	Aracajú
88	» da Ind., Viação e Obras Publica.	Capital Federal

Ns.	NOMES	SÉDES
89	Secretaria da Marinha.....	Capital Federal
90	» da Guerra.....	»
91	» do Exterior.....	»
92	» da Justiça e negocios do Interior.	»
93	» da Fazenda.....	»
94	» da Camara dos Deputados.....	»
95	» do Senado.....	»
96	Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional.	»
97	» Central de Immigração.....	»
98	» de Geographia do Rio de Janeiro..	»
99	» » de Lisboa Secção do Rio de Janeiro.....	»

SOCIEDADES

E

ESTABELECIMENTOS LITERARIOS NO EXTERIOR

A QUEM O

Instituto Historico e Geografico Brazileiro

remette a REVISTA TRIMENSAL

Ns.	DENOMINAÇÕES	SÉDES
1	Academia dei Lincei	Roma.
2	Academia Nacional de Sciencias	Córdoba.
3	Academie Royale des Sciences, des Lettres et des Beaux-Arts de Belgique	Bruxelles.
4	Académie Royal de Sciences	Munich.
5	Academia Real de Sciencias	Lisboa.
6	Academy of Sciences of S. Louis	Missouri.
7	Académie des Sciences de St. Petersbourg	Pétersbourg.
8	Académie des Sciences. Agriculture, Commerce, Belles-Lettres et Arts du Département de la Somme	Amiens.
9	Academia delle Scienze Fisiche e Matematiche	Napoli.
10	Academia delle Scienze	Torino.
11	Academie de Stanislas	Nancy.
12	Adirondak Survey Office	Albany.
13	Africanische Gesellschaft	Dresden.
14	American Association for the Advancement of Science	Washington.
15	American Geographical Society	New-York.
16	Antropological Society of Washington	Washington.
17	Associacion Rural del Uruguay	Montevidéo.
18	Ateneo de Lima	Lima.
19	Academia Real de Sciencias Morales y Politicas de Madrid	Madrid.
20	Badisch-Geographische Gesellschaft	Carlsruhe.
21	Badische Gesellschaft fur Erdkunde	Laar in Baden.
22	Bibliotheca Nacional	Lisboa.
23	Bibliotheca Nacional	Montevidéo.
24	Bibliotheca Publica Eborense	Evora.
25	Bibliotheca Publica do Porto	Porto.
26	Bibliotheca do Vaticano	Roma.
27	Boletim Mensual (Ministerio de Relaciones Exteriores)	Buenos Aires.
28	Boston Society of Nacional History	Boston.
29	Bureau Scientifique Central Néerlandais	Harlem.

Ns.	DENOMINAÇÕES	SÉDES
30	Bureau de Statistique	Budapest.
31	Bulletin of United States Geographical and Geological Survey of the Territories	Washington.
32	Canadian Institute	Toronto.
33	Comision Central de Agricultura del Uruguay	Montevidèo.
34	Commissão Central Permanente de Geographia	Lisboa.
35	Commission de Statistique de la Ville de Prague	Prague.
36	Commissioners of State's Parks of the State New-York	Albany.
37	Connecticut Academy of Arts and Sciences	New-Haven.
38	Cronica Scientifica de Barcelona	Barcelona.
39	Deutsche Rundschau fur Geographie und Statistik	Munchen.
40	Departiment of Agriculture of the United States	Washington.
41	Direction de la Statistique Générale	Rome.
42	Entomological Commission	Washington.
43	Geographische Gesellschaft	Hannover.
44	Geographische Gesellschaft	Hamburg.
45	Geographische Gesellschaft	Iena.
46	Geographische Gesellschaft	Greifswald.
47	Geographische Gesellschaft	Bremen.
48	Geographische Gesellschaft	Munchen.
49	Historical Society of Pensylvania	Philadelphia.
50	Instituto Geografico Argentino	Buenos Aires.
51	Institut Géographique International	Berne.
52	Institut Géologique de Hongrie	Budapest.
53	Indisch Vardrikskundige Genootschap	Samaranga.
54	Kaiserliche Academie der Wissenschaften	Berlim.
55	Konigl Bairische Akademie der Wissenschaften	Munchen.
56	K. K. geographische Gesellschaft	Wien.
57	Literary and Philosophical Society	Manchester.
58	Literary and Historical Society	Quebec
59	Minnesota Academy of Natural Sciences	Minneapolis.
60	Museo Nacional	Mexico.
61	Museo Publico	Buenos Aires.
62	Musée Teyler	Harlem.
63	Numismatic and Antiquarian Society	Montreal.
64	Oberhessische Gesellschaft für Natur und Heilkunde	Giessen.
65	Observatorio do Infante D. Luiz	Lisboa.
66	Observatorio Nacional Argentino	Córdoba.
67	Observatoire Royal	Munich.
68	Oesterreichischer Ingenieur- und Architekten-Verein	Wien.
69	Orleans County Society of Natural Sciences.	New-port.
70	Ostschweizerische Geo. Commer. Gesellschaft	St. Gallen.
71	Physikalisch-oekonominische Gesellschaft	Koenigsberg.
72	Real Academia de la Historia	Madrid.
73	Archivo dos Acores	Ponta Delgada.
74	Rédaction du Bulletin du Canal Interocéanique	Paris (9 r. Charras)

Ns.	DENOMINAÇÕES	SÉDES
75	Royal Geographical Society	London.
76	Royal Institut Géologique de Hongrie	Budapest.
77	Redaction des Botanisches Centralblatt	Gottingen.
78	Smithsonian Institution	Washington.
79	Sociedad Cientifica Argentina	Buenos-Aires.
80	Sociedad Cientifica «Antonio Alzate»	Mexico.
81	Sociedad Economica de amigos del paiz (Revista Filippina)	Manilha.
82	Sociedad Española de Geographia Commercial	Madrid.
83	Sociedad de Geografia de Madrid	Madrid.
84	Sociedad de Geografia y Estatistica de la Republica Mexicana	Mexico.
85	Sociedad de Geografia de Lima	Lima.
86	Sociedad de Ingenieros de Jalisco	Guadalajara.
87	Sociedad Nacional de Agricultura de Chile	Santiago.
88	Sociedad de Geographia de Lisboa	Lisboa.
89	Sociedade de Instrucção do Porto	Porto.
90	Società Adriatica de Scienze Naturali	Trieste
91	Società Africana d'Italia	Napoli.
92	Società Geografica Italiana	Roma.
93	Société d'Antropologie de Lyon	Lyon.
94	Société Archéologique Croats	Agran.
95	Société des Arts et des Sciences	Batavia.
96	Société Belge de Géographie	Bruxelles.
97	Société Bibliographique Polybiblion	Paris.
98	Société d'Ethnographie de Paris	Paris.
99	Société des Etudes Historiques (Ancien Institut Historique)	Paris.
100	Société des Études Indo-chinoises	Saigon.
101	Société de Géographie de Marseille	Marseille.
102	Société de Géographie et d'Archéologie	Oran.
103	Société de Géographie	Anvers.
104	Société de Géographie de Genève	Genève.
105	Société de Géographie de Lyon	Lyon.
106	Société de Géographie de l'Est	Bar Leduc.
107	Société de Géographie	St. Valery en Caux.
108	Société de Géographie de Paris	Paris.
109	Société de Géographie de Tours	Tours.
110	Société Géographique Roumaine	Bucharest.
111	Société de Géographie commerciale de Bordeaux	Bordeaux.
112	Société de Géographie commerciale du Havre	Havre.
113	Société de Hispano Portugaise	Toulouse.
114	Société Hongroise de Géographie	Budapest.
115	Société Hongroise des Sciences Naturelles	Budapest.
116	Société Impériale des Naturalistes de Moscou	Moscou.
117	Société Impériale Russe de Géographie	St. Pétersbourg.
118	Société Khédiviale de Géographie	Caire.
119	Société Linnéenne du Nord de la France	Amiens.
120	Société Nationale des Sciences Naturelles et Mathématiques	Cherbourg.

Ns.	DENOMINAÇÕES	SÉDES
121	Société Normande de Géographie	Rouen.
122	Société des Sciences Historiques et Naturelles de l'Yonne	Auxerre.
123	Société des Sciences Naturelles	Neuchâtel.
124	Société de Statistique de Marseille	Marseille.
125	Statische Handbuch der Königlichen Hauptstadt	Prag.
126	Universidad de Chile	Santiago.
127	Université Royale de Norvége	Christiania.
128	Union Géographique du Nord de la France	Lille.
129	United States Geographical Survey	Washington.
130	United States Naval Observatory	Washington.
131	United States Nacional Museum	Washington.
132	Verein für Erdkund	Metz.
133	Verein von Freunden der Erdkunde	Leipzig.
134	Verein für Erdkunde	Dresden.
135	Verein für Erdkunde	Halle.
136	War Department-Office of the Chief Signal Officer	Washington.
137	Wisconsin Academy of Sciences, Arts and Letters	Madison.

BALANÇO

da tezouraria do Instituto Istorico e Geografico Brazileiro no anno de 1892

RECEITA

1892

Saldo de 1891, conforme o balanço anterior	17:936$820
Subsidio do Governo Nacional	4:500$000
Juros de apolices no 2º semestre de 1891	1:355$000
Idem no 1º semestre de 1892	1:505$000
Idem de uma letra do Banco do Brazil	84$880
Idem de dinheiro em conta corrente no Banco de Credito Movel	401$900
Idem da caderneta da Caixa economica liquidada em 28 de Dezembro de 1892	282$720
Venda da *Revista Trimensal*	281$000
Joia de entrada de socios, relação n. 1	200$000
Prestações semestraes dos socios, relação n. 2	622$000
Expedição de diploma a socios benemeritos, relação n. 3.	300$000
Donativo do socio Luiz Rodrigues d'Oliveira	1:000$000
	28:469$320

DESPEZA

1892

Impressão da Revista Trimensal:

Impressão do tomo 54. parte 2ª, da *Revista Trimensal*, capa e broxura (1891), doc. n. 1.	1:818$000	
Idem do tomo 55. parte 1ª, da *Revista Trimensal*, capa e broxura (1892), doc. n. 2.	2:442$500	4:290$500

Remessa da Revista Trimensal:

Porte no correio de 8 pacotes da *Revista Trimensal*, remetidos para o exterior, doc. n. 3	... .	41$150
		4:331$650

Transporte.....		4.334$650
Encadernações:		
Encadernação de 56 volumes de diversas obras para a bibliotheca do Instituto Istorico, doc. n. 4.....	.....	132$000
Compra de livros:		
Pagamento feito a Ernesto Aleixo Boulanger, pela compra de varios documentos istoricos, doc. n. 5 a 9...	.....	500$000
Expediente:		
Despeza com a illuminação da caza das sessões, papel, tinta, impressão de diplomas, cartões, publicações na imprensa, e varias outras despezas, conforme os doc. n. 10 a 30.....	.....	1:951$300
Vencimento dos empregados:		
Ordenado do Escriturario e Porteiro nos mezes de Janeiro a Dezembro de 1892, doc. n. 31 a 42.....	2:400$000	
Gratificação a diversos auxiliares para o trabalho de catalogação, e arranjo da bibliotheca, doc. n. 43 a 57.....	1:225$000	3:625$000
Porcentagem ao Cobrador:		
Porcentagem da importancia de 1:122$000 de joia e prestações semestraes e diplomas dos socios arrecadada por cobrança no anno de 1892 na razão de 15 %, nota n. 58.....	.....	168$300
Eventuaes:		
Remoção de livros e estantes da quinta da Boa-Vista para o Instituto Istorico, doc. n. 59.....	569$660	
Quatro xapas metalicas com letreiros para a sala da bibliotheca especial, doc. n. 60.....	200$000	
Forro de um estrado e trofeos de bandeira, um reposteiro e docel, doc. n. 61.....	290$000	
Uma taboleta para a porta de entrada do Instituto com o respectivo distico, doc. n. 62..	170$000	
Diversas obras de carpintaria, doc. n. 63.....	110$000	1:129$660
Compra de apolices:		
Por 13 apolices compradas em 1 de Abril, 4 de Julho e 18 de Agosto de 1892, doc. n. 63, 64 e 65.....	.....	12:931$100
		25:102$310

REZUMO

Receita	28:469$320
Despeza	25:102$310
Saldo	3:367$010

OBSERVAÇÃO

Este saldo está sugeito ao pagamento de despezas feitas com o centenario de Cristovão Colombo, as quaes montam a quantia superior ao mesmo saldo.

O Instituto Istorico possue actualmente 68 apolices da divida publica de juro de 5 por cento, as quaes constam da relação n. 6.

Não pagaram as respectivas prestações semestraes no corrente anno os socios constantes da relação manuscrita annexa a este balanço.

Rio, 3.. de Dezembro de 1892.

Tristão de Alencar Araripe,

Tezoureiro.

N.º 1

[illegible]

1	[illegible]	[illegible]
2	[illegible]	[illegible]
3	[illegible]	[illegible]
4	[illegible]	[illegible]
5	[illegible]	[illegible]
6	[illegible]	[illegible]
7	[illegible]	[illegible]
8	[illegible]	[illegible]
9	[illegible]	[illegible]
10	[illegible]	[illegible]
		[illegible]

N.º 2

Prestações pecuniárias dos sócios

1	Alberto de [illegible] Silva, [illegible]	[illegible]
2	Antonio [illegible] de [illegible], [illegible]	[illegible]
3	Antonio [illegible] de [illegible], [illegible]	[illegible]
4	Antonio [illegible] de [illegible], [illegible] e [illegible]	[illegible]
5	Antonio Antunes da Silveira, [illegible]	[illegible]
6	Arlar [illegible], [illegible]	[illegible]
7	Bento de [illegible], [illegible]	[illegible]
8	Brasílio [illegible] [illegible], [illegible] e [illegible]	[illegible]
9	Carlos Arthur [illegible] de Figueiredo, [illegible] e [illegible]	[illegible]
10	Eduardo José de [illegible], [illegible]	[illegible]
11	Enrique [illegible], [illegible]	[illegible]
12	Epifânio [illegible] de [illegible] Pitanga, [illegible]	[illegible]
13	Feliciano [illegible] de Bittencourt, [illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]	[illegible]	[illegible]
[illegible]

	Transporte	478$000
31	Luiz da França Almeida Sá, 1889 a 1892	48$000
32	Manoel Pinto Bravo, 1892	12$000
33	Marquez de Paranaguá, 1892	12$000
34	Nicoláo Joaquim Moreira, 1892	12$000
35	Torquato Xavier Monteiro Tapajós, 1892	12$000
36	Visconde de Ibituruna, 1892	12$000
37	Visconde de Nogueira da Gama, 1892	12$000
38	Visconde de Sinimbú, 1892	12$000
39	Visconde de Valdetaro, 1892	12$000
		622$000

N.° 3

Expedição de diploma de socios benemeritos

1	Barão de Ibiapaba	50$000
2	Domingos Jozé Noguei a Jaguaribe	50$000
3	Joaquim Jozé de França Junior	50$000
4	Luiz Ribeiro Gomes	50$000
5	Manoel de Matos Gonçalves	50$000
6	Urbano de Faria	50$000
		300$000

N.° 4

Socios izentos do pagamento de prestações em 31 de Dezembro de 1892

1	Angelo Tomaz de Amaral	Remido
2	Barão de Alencar	Onorario
3	Barão de Capanema	»
4	Barão do Desterro	Remido
5	Barão de Guajará	»
6	Barão do Ladario	»
7	Barão de Lopes Neto	»
8	Barão Homem de Mello	»
9	Cezar Augusto Marques	Onorario
10	João Alfredo Correia de Oliveira	»
11	João Manoel Pereirá de Silva	»
12	João Mendes de Almeida	Remido
13	João Severiano da Fonseca	Onorario
14	Joaquim Maria Nascentes de Azambuja	Remido
15	Jozé de Barros Pimentel	»
16	Jozé Francisco Diana	Onorario
17	Jozé Tavares Bastos	Remido
18	Jozé Vieira Couto de Magalhães	»
19	Luiz Rodrigues de Oliveira	»
20	Manoel Duarte Moreira de Azevedo	»
21	Manoel Francisco Correia	Onorario
22	Maximiano Marques de Carvalho	»
23	Olegario Erculano d'Aquino Castro	»
24	D. Pedro Augusto de Saxe Coburgo	»
25	Tito Franco de Almeida	Remido
26	Tristão de Alencar Araripe	Onorario
27	Visconde de Barbacena	Remido
28	Visconde de Beaurepaire Rohan	Onorario
29	Visconde de Mota Maia	»
30	Visconde de Souza Fontes	»

N.º 5

Socios actualmente (31 de Dezembro de 1892) na Europa, e que por isso não satisfizeram as suas prestações semestraes no corrente anno

1 Artur Viana de Lima.
2 Barão de Penedo.
3 Barão do Rio-Branco.
4 Barão de Tefé.
5 Frederico Jozé de Sant'Anna Neri.
6 Jozé Antonio de Azevedo Castro.

N.º 6

Apolices pertencentes ao Instituto Istorico e Geografico Brazileiro

VALOR	N. DE ORDEM	NUMERO DAS APOLICES	QUANDO ADQUIRIDAS
1:000$	1	2.873	Em 1885.
»	2	2.874	» » (*)
»	3	6.750	Antes de 1881.
»	4	10.034	Em 9 de Maio de 1891.
»	5	10.035	» » » »
»	6	11.448	Em 14 de Fevereiro de 1885.
»	7	28.053	Em 12 de Abril de 1891.
»	8	30.825	» » » »
»	9	31.175	» » » »
»	10	33.208	» » » »
»	11	37.131	Antes de 1881.
»	12	40.252	» »
»	13	41.952	Em 12 de Abril de 1891.
»	14	44.424	» » » »
»	15	44.425	» » » »
»	16	50.890	» » » »
»	17	50.961	Antes de 1881.
»	18	51.190	Em 1 de Abril de 1892.
»	19	67.904	Em 12 de Abril de 1891.
»	20	71.984	» » » »
»	21	72.687	» » » »
»	22	73.484	» » » »
»	23	73.485	» » » »
»	24	73.486	» » » »
»	25	73.487	» » » »
»	26	73.488	» » » »

(*) Estas 2 apolices fôram adquiridas por legado deixado pelo socio Dr. Ricardo Jozé Gomes Jardim. Todas as demais fôram adquiridas por compra.

VALOR	N. DE ORDEM	N MERO DAS APOLICES	QUANDO ADQUIRIDAS
1:000$	27	75.319	Antes de 1881.
»	28	75.320	» » » »
»	29	78.328	Em 29 de Maio de 1891.
»	30	81.517	Em 12 de Abril de 1891.
»	31	81.518	» » » »
»	32	90.113	» » » »
»	33	90.114	» » » »
»	34	97.787	Antes de 1881.
»	35	97.998	Em 12 de Abril de 1891.
»	36	111.225	» » » »
»	37	111.846	Antes de 1881.
»	38	118.123	Em 12 de Abril de 1891.
»	39	118.124	» » » »
»	40	118.125	» » » »
»	41	120.111	Antes de 1881.
»	42	129.311	Em 12 de Abril de 1891.
»	43	129.312	» » » »
»	44	131.945	Antes de 1881.
»	45	133.249	Em 18 de Agosto de 1892.
»	46	143.360	Em 12 de Abril de 1891.
»	47	144.534	Em 1 de Abril de 1892.
»	48	144.535	» » » »
»	49	144.536	» » » »
»	50	144.537	» » » »
»	51	146.731	Em 12 de Abril de 1891.
»	52	146.732	» » » »
»	53	159.125	Antes de 1881.
»	54	165.661	Em 4 de Julho de 1892.
»	55	165.662	» » » »
»	56	172.837	Em 8 de Outubro de 1887.
»	57	172.838	» » » »
»	58	180.107	Em 4 de Julho de 1892.
»	59	180.108	» » » »
»	60	182.940	Antes de 1881.
»	61	230.612	Em 29 de Maio de 1891.
»	62	231.988	Em Agosto de 1883.
»	63	234.989	» » » »
»	64	253.680	Em 4 de Julho de 1892.
»	65	269.556	» » » »
»	66	284.456	Em 1 de Abril »
600$	67	490	Em 1887.
»	68	1.336	» »

D'estas apolices 12 fôram adquiridas antes de 1881; 2 em 1882; 2 em 1883; 3 em 1885; 2 em 1887; 34 em 1891; 13 em 1892. Total 68.

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

TOMO LV

PARTE I

(1º. E 2º. TRIMESTRES)

Hoc facit, si longos durent bene geste per annos
Et possint sera posteritate frui.

RIO DE JANEIRO
Companhia Typographica do Brazil
ANTIGA TYPOGRAPHIA LAEMMERT
93 RUA DOS INVALIDOS 93

1892

Fins do Instituto.—Revista Trimensal.—Admissão de socios.—Sessões.—Correspondencias.

O Instituto tem por fim colligir, methodizar, publicar ou archivar os documentos concernentes á historia e geographia do Brazil; e á archeologia e ethnographia e linguas de seos indigenas.

Publica uma *Revista Trimensal*, a qual no fim do anno fórma dois tomos de mais de 200 paginas cada um, contendo, além dos trabalhos do Instituto, antigos codices ineditos relativos a objectos patrios, e tambem excerptos interessantes das obras sobre o mesmo assumpto, dadas á luz por outras sociedades ou literatos nacionaes ou estrangeiros.

Os socios são effectivos, correspondentes, honorarios e benemeritos havendo uma classe de socios com o titulo de prezidentes honorarios que só póde ser conferido ao chefe do estado, ou aos chefes de outras nações.

Admittem-se como socios tanto os nacionaes como estrangeiros.

As sessões ordinarias do Instituto a que podem assistir todos os socios, tanto effectivos como honorarios, correspondentes e benemeritos, têm logar ás sextas-feiras, de 15 em 15 dias, ás 6 horas da tarde, não sendo feriado.

A correspondencia e todas as remessas devem ser dirigidas ao 1º secretario e encaminhadas para o Instituto, aberto todos os dias das 10 horas da manhan ás 3 da tarde.

Commissão de redacção da Revista Trimensal

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.
Conselheiro Manoel Francisco Correia.
Dr. Cezar Augusto Marques.

Thezoureiro do Instituto

Conselheiro Tristão de Alencar Araripe.

Aviso aos autores, editores e livreiros

De qualquer obra sobre historia, geographia e ethnographia, assumptos com que especialmente se occupa o Instituto, será publicada na capa da *Revista Trimensal* uma noticia, pela qual se possa avaliar o merito da obra.

Quando o escriptor, editor ou livreiro, além do exemplar destinado para a bibliotheca do Instituto, offerecer outro que possa livremente ser objecto de estudo particular em poder de qualquer membro da commissão de redacção ou de qualquer socio de provada competencia technica, em vez da rapida menção na capa da *Revista* publicar-se-á nas paginas um juizo critico.

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

E GEOGRAPHICO BRAZILEIRO

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

TOMO LV

PARTE II

(3º. E 4º. TRIMESTRES)

Hoc fuit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui

RIO DE JANEIRO
Companhia Typographica do Brazil
ANTIGA TYPOGRAPHIA LAEMMERT
93 RUA DOS INVALIDOS 93

1893

Stanford University Libraries
3 6105 013 855 213

STANFORD UNIVERSITY LIBRARIES
CECIL H. GREEN LIBRARY
STANFORD, CALIFORNIA 94305-6004
(415) 723-1493

All books may be recalled after 7 days

DATE DUE

AUG 2000
AUG 24 2000